A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1792 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 1 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Crimes

A proposito dos lamentaveis acontecimentos que se deram no quartel de engenharia, cahindo mortalmente feridos tres sargentos pelas balas que contra elles disparou um cabo que se diz tinha entendimentos com varios agitadores profissionaes, fala-se na adopção de medidas especiaes que habilitem o governo a applicar uma repressão severa, destinada a garantir a disciplina e a ordem.

Fômos sempre adversos ás leis de excepção. Não modificaremos agora a nossa opinião, embora os crimes commettidos sejam verdadeiramente execraveis. E não o fazemos, porque entendemos que dentro das leis geraes ha punição para toda a especie de delictos. O que é preciso, apenas, é que ellas sejam ponderada, firme e zelosamente executadas.

As leis de excepção não remedeiam nada. Só podem servir para desenvolver irritações, e por isso correm o risco d'um effeito contraproducente.

Não se illuda ninguem quanto ao significado que estes casos horriveis podem ter. As questões politicas, em Portugal, são sempre aggravadas pela questão economica. E as circumstancias presentes só podem facultar ainda mais essa funesta complicação.

Attender á questão economica, procurando minorar o mal estar de certas camadas da sociedade portugueza, é remedio mais efficaz do que procurar apenas attingir os que n'uma agitação permanente se prestam ás especulações de pescadores de aguas turvas ou dão largas aos seus maus instinctos. Quando cessa uma causa, cessa o seu effeito, e nos manejos a que alludimos descortina-se facilmente o effeito que assinalamos.

Medidas repressivas, com um caracter de excepção, não attingirão porventura todos aquelles a que se destinam, e podem ainda augmentar a irritação, que esse mal estar provoca, actuando nas camadas a que taes elementos se relacionam. Não seria muito melhor diminuir o mal estar d'essas camadas, attendendo á triste situação economica em que se encontram? Os agitadores profissionaes que se procura castigar, ou ficariam isolados, ou elles mesmos, sentindo a impossibilidade de continuar os seus manejos, pela falta d'uma atmosphera propicia, teriam de desistir dos seus criminosos propositos.

Tem-se dito que, em politica, é mais fatal um erro do que um crime. A adopção de leis de excepção é sempre um erro para os regimens constituidos. Nunca dão um resultado efficaz. Póde ser que, no primeiro momento, pareça darem esse effeito. Deixe-se passar o tempo e reconhece-se que essas leis não debellaram o mal, e porventura o aggravaram. Isto quando o arbitrio as não aproveita, porque então a situação ainda é mais grave, visto que desprestigiarão o regimen que deviam defender.

O assassinio dos tres sargentos foi um crime execravel, como o foi o assassinio do tenente Barh Ferreira. Os crimes execraveis magoam-nos, indignam-nos, mas não nos devem surprehender. Estão previstos. São incidentes, infelizmente vulgares, da vida das sociedades. Para elles se fizeram leis, se estabeleceram penas nos codigos. Os seus auctores, os seus cumplices, os seus instigadores estão sob a alçada d'essas leis. Appliquem-se-lhes as leis, com todo o rigor consentaneo com a justiça. E se ao mesmo tempo que castigamos os crimes conseguirmos prevenil-os de futuro, tanto quanto em nossas forças caiba, procurando remover as origens proximas ou remotas do mal que os originou, teremos cumprido inteiramente o dever social.

Poeira da Arcada

A troco de empregos, cavalheiros cautos e desilludidos teem variado as suas crenças politicas, de maneira a acompanharem regularmente a marcha da democracia nacional. Andam tão promptos em medir pelos seus appetites os seus enthusiasmos que ninguem os apanha em atrazo. Apresentam boas cores e falam como homens que se sacrificam ao bem commum. Até se riem dos que ingenuamente tomam os principios como norma da sua vida. E não lhes falta razão para isso. A sua esperteza liberta-os de tantos cuidados que não ha sobresalto que lhes prejudique a digestão.

* * *

N'um jornal de provincia, um cidadão deita os bofes pela bocca a pedir que o livrem da tyrannia de um administrador de concelho. Appella para o ministro do interior, refugio e protecção da sua liberdade ameaçada. Se a sua enorme furia fosse domesticavel, dir-lhe-hia-mos: — «Socegue, não grite com tal arreganho! Domine os seus nervos, porque a exaltação compromette as boas causas. Morda os pulsos, se tanto fôr necessario, mas cale-se». Em Portugal, ha actualmente outros cidadãos na mesmissima situação. E nada conseguem. Porquê? Quando alguem tem o direito pelo seu lado, usa uma linguagem sobria que lhe facilita ordenar os seus pensamentos. Ora não é este o seu caso, cidadão.

* * *

A liberdade, quando é muito gritada, perde as suas virtudes preciosas. A serenidade, a tolerancia, o respeito mutuo imprimem-lhe o seu maior brilho. A agitação das turbas compromette-lhe, portanto, o seu espirito. As tempestades das ruas são signaes ou prenuncios de que os animos verdadeiramente livres fitam os astros, para se convencerem de que o espaço é illimitado, para a salvaguarda das opiniões e crenças.

Migalhas

Um anniversario

Dentro de breves dias passará o primeiro anniversario da declaração da grande guerra. Não sei se, firmada a paz, as chancellarias europeias me convidarão a escrever as minhas memorias d'este anno terrivel. O que posso asseverar a v. ex.ª é que, se me pudesse libertar de certos naturaes compromissos de discreção, é muito possivel que eu dissesse coisas de algum interesse para a historia d'este periodo tão estranhamente confuso, que vimos atravessando ha cerca de doze mezes.

Em fins de julho de 1914 e começos de agosto, achava-me em Traz os Montes, acompanhando o ministro da guerra de então, que andava inspeccionando os corpos d'aquella provincia. Um telegramma do presidente do conselho, annunciando a imminencia da conflagração, fez regressar o ministro d'um só jacto de Bragança á sua secretaria. Começaram então os angustiosos dias d'esse primeiro mez da guerra, a galopada germanica atravez da Belgica, a retirada franceza depois de Charleroi e da incursão da Alsacia, a chegada das avançadas da cavallari de von Gluk ás portas de Paris.

A seguir foi a assombrosa victoria do Marne, a desillusão de varios estrategicos bigodudos e depois a historia da nossa participação na guerra, que estava latente desde o telegramma para Bragança. Todo esse esforço primeiro, honra e gloria do general Pereira d'Eça, talvez o podesse contar, retido como foi pela minha observação silenciosa. Talvez soubesse relatar tambem a origem de factos e opiniões que começaram minando o trabalho feito e referir certas conversações curiosas de que fui testemunha, e participante, que a minha memoria retem e que alimentam o meu rancor contra os que conseguiram transformar manhosamente uma questão nacional n'uma questão politica, apoiada na crise de caracter de certas classes portuguezas.

Não sei se um dia poderei contar o que ouvi sem escutar ás portas e o que vi sem espreitar pelas fechaduras. D'aqui até lá, guardal-o-hei commigo e conjunctamente uma magua profunda e desoladora para o meu coração de portuguez e de soldado.

André Brun.

O CASO POLITICO

A eleição presidencial

Os votos de que dispõe cada partido — Uma singela previsão — Palavras do sr. dr. Affonso Costa em 1911

Sabe-se já qual a attitude assumida pelos tres partidos perante a eleição presidencial que vae realisar-se na proxima sexta-feira. Os evolucionistas escolheram o nome do sr. dr. Guerra Junqueiro, mas, desejando mostrar a sua orientação patriotica e absolutamente isenta de espirito partidario, votarão no segundo escrutinio no candidato que mais garantias possa dar de imparcialidade. Assim, está posto de parte o nome do sr. dr. Duarte Leite, que elles não consideram susceptivel de dar essas garantias por causa das suas conhecidas affinidades com a União Republicana. Pelo mesmo motivo acharão inopportuna, e ainda com maior somma de razões, a eleição de qualquer candidato, seja quem fôr, que tenha filiação partidaria. Por muito grandes que fôssem os seus meritos, haveria sempre motivo para dizer-se que elle seria mais o presidente d'um partido que o presidente da Republica.

Os unionistas votarão em todos os escrutinios no sr. dr. Duarte Leite. E' o seu candidato á presidencia, como já foi, nas ultimas eleições, seu candidato á cadeira de senador.

Os democraticos resolveram encaminhar as suas «démarches» no sentido de escolher o candidato que mais suffragios obtenha dentro do seu grupo e que, ao mesmo tempo, possa ser votado pelo maior numero de parlamentares filiados em outros partidos, para tirar á eleição todo o caracter partidario e evitar assim, de futuro, possiveis complicações politicas. Dada a resolução, tomada pelos unionistas, de votarem exclusivamente no sr. dr. Duarte Leite, comprehende-se quanto a attitude dos evolucionistas poderá influir no resultado final, não tanto pelo numero de votos que representam, como pela importancia que uma sua antecipada indicação possa ter para a resolução definitiva do grupo parlamentar democratico.

* * *

E' opportuno dizer-se, em face da constituição actual da Camara e do Senado, quantos são os votos de que cada partido dispõe na eleição presidencial, descontando-se, n'esse calculo, os deputados e senadores que estão fóra do paiz. Os democraticos terão 104 deputados e 41 senadores; os evolucionistas 24 e 9; os unionistas 13 e 6, admittindo que tambem o sr. dr. Brito Camacho appareça a votar. Assim, temos esta distribuição de forças:

Democraticos, 145; evolucionistas, 33; unionistas, 19. Numero total de votos: 197.

Para que o presidente ficasse eleito no primeiro escrutinio, dado que comparecessem todos esses deputados e senadores, seria necessario que o candidato mais votado alcançasse 132 votos. Isso podia dar-se, mesmo só com os votos democraticos, se todos elles se inclinassem logo para o mesmo nome; mas é quasi certo que uns 30 ou 40 deputados e senadores d'esse partido não votarão no primeiro escrutinio no candidato que reune as condições para alcançar a maioria dos suffragios. Assim, é natural que este candidato obtenha perto de cem votos no primeiro escrutinio, cabendo cêrca de quarenta a um outro, talvez ao sr. Correia Barreto, cêrca de trinta ao sr. Guerra Junqueiro e 18 ou 19 ao sr. Duarte Leite. No segundo escrutinio devem desapparecer as votações dos srs. Correia Barreto e Guerra Junqueiro, ficando o presidente eleito com perto de 180 votos e continuando a recahir no sr. Duarte Leite os mesmos 18 ou 19 do primeiro escrutinio.

* * *

Já quando se tratou da eleição do primeiro presidente da Republica, em 1911, o sr. dr. Affonso Costa, n'uma entrevista publicada na «Capital», defendeu a alta vantagem politica da sua eleição se realisar por unanimidade. São d'essa entrevista as palavras que vamos transcrever:

...O meu mais ardente desejo era vêr eleger o presidente da Republica, fôsse elle quem fôsse, por unanimidade! E não seria difficil isto. Os homens de maior graduação do partido republicano reunir-se-hiam antes do dia da eleição para escolherem um candidato que reunisse as qualidades indispensaveis para o exercicio das suas altas funcções, como é imprescindivel que sejam exercidas, isto é, com absoluta imparcialidade e independencia, são criterio republicano e intuitos patrioticos. Esse candidato, tendo assumido o compromisso de não concorrer de modo algum para a creação de partidos que se não podem formar sem uma perigosa e temporã invasão de monarchicos na direcção dos negocios publicos, seria então recommendado a todos os deputados, que, certamente, os secundariam sem relutancia, não como chefes que não existiriam, mas como correligionarios nos quaes depositam uma maior confiança ou aos quaes tributam uma mais accentuada sympathia. Esse presidente, assim eleito por unanimidade, apresentar-se-hia perante os governos estrangeiros com um excepcional prestigio, com uma rara auctoridade moral. E o paiz seria grande aos olhos dos estranhos por mais esta prova de desinteresse, de abnegação e de civismo dos seus mais legitimos representantes.

Aviação militar

Para frequentarem a futura escola de pilotos-aviadores offereceram-se: Pedro Lopes da Fonseca, serralheiro mechanico, morador na rua das Madres, 49, 2.º, e Francisco Ignacio, ajudante de construcção civil, Paços d'Arcos, rua Costa Pinto, 69.

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Pelo telegrapho

Progressos da offensiva italiana

ROMA, 31. — Official. Repellimos os ataques do inimigo no valle de Camonica e bem assim na Carnia, no monte Freikofel. Em Palpiccolo conquistamos uma forte linha de trincheiras e repellimos um contra-ataque. No Isonzo e no Carso realisamos sensiveis progressos.—(*Havas*).

A situação no Mexico

WASHINGTON, 31.—O governo recebeu confirmação dos maus tratos, que foram infligidos no Mexico ao cidadão americano Malleray.

As tropas do general Carranza retomaram a capital do Mexico.—(*Havas*).

O torpedeamento do «Iberian»

LONDRES, 31.—Entre os passageiros mortos em resultado do torpedeamento do paquete *Iberian* acha-se uma mulher americana.—(*Havas*).

Os russos evacuaram Lublin

PETROGRADO, 1.—Communicação official. — Os russos evacuaram Lublin e o sector do caminho de ferro entre as estações de Now-Alexandria e Reiozietz.—(*Havas*).

A Ferrajana

Ha muitos, muitos annos, vivendo eu n'uma villa de provincia, conheci um homem consideravel que se chamava Ferrajana e exercia o mister de varrer as ruas.

Era pobre, como facilmente se deprehende da sua humilde situação social, e tinha o preceito ajuizadissimo de não considerar coisa alguma desprezivel sobre a face da terra.

Todas as tardes, ao sol posto, largava o serviço e punha-se a caminho de casa carregado de immundicies. Levava ossos que já tinham sido roidos pelos cães, cabeças de peixe deterioradas, cascas de fructas, detrictos de hortaliças, cacos de tachos partidos, papeis que tinham embrulhado manteiga... emfim, um manancial de riquezas.

O Ferrajana morava no meio de um pinhal, a um kilometro da villa e por mais de uma vez passei á sua porta e conversei com a sua mulher, a senhora Angela.

A casa não era das peores; tinha duas paredes que ainda estavam sólidas e trez cantos onde não chovia no inverno.

O Ferrajana não bebia, não batia na mulher, não era gastador e tinha um genio placido e egual.

A senhora Angela seria feliz, se não fosse uma densa nuvem que pairava constantemente sobre a harmonia conjugal: era a mania do Ferrajana trazer para o lar domestico todas as immundicies da villa.

Não havia maneira de o corrigir; a senhora Angela experimentára a ternura, a persuasão, as lagrimas; por fim recorrera aos meios violentos e empregára as vias de facto.

Naturalmente irrascivel, havia tardes em que ella esperava o marido á porta, lhe arrancava dos hombros o sacco cheio de preciosidades e, despejando-o com arrebatamento, espalhava ao vento o seu conteúdo.

Assim se explicava a area immensa occupada em torno da casa do Ferrajana pelos farrapos, papeis, cacos, sapatos velhos, ossos e outros thesouros obscuros que o varredor, inflexivel na sua resistencia passiva e persistente até ao heroismo, continuava a trazer diariamente para o lar domestico.

O Ferrajana, dotado de um appetite voraz e insaciavel, tinha principios inabalaveis e profundos sobre os problemas da alimentação.

Entendia que de tudo, com boa vontade se podia fazer um caldo ou tirar, raspar, extrahir algumas parcellas de reconfortante alimento.

A's vezes, ou porque a senhora Angela se deixasse vencer pela sua tenacidade, ou porque aproveitasse alguma ausencia d'aquelle dragão caseiro, conseguia levar a bom fim os seus cosinhados.

O Ferrajana fabricava n'esses momentos privilegiados caldos substanciaes de cacos e papeis besuntados, onde ferviam codeas de pão bolorento e cascas de melancia.

No fim devorava estas misturas com delicia, e estendendo-se sobre os elementos de futuros banquetes, dormia o somno reparador e incomparavel do justo.

O Ferrajana era um philosopho. Se abstrairmos da fórma grosseira do seu ideal e meditarmos o fundo da sua doutrina, veremos que a sua philosophia é consoladora e proveitosa.

Em verdade de tudo se póde e se deve tirar vantagem para o nosso aperfeiçoamento; e, com boa vontade, as dôres, os soffrimentos, as amarguras, as simples contrariedades, todos os sentimentos acordados na nossa alma pela maldade, pela inveja, pela ingratidão, pela crueldade, pela baixeza alheias, bem aproveitados e cuidados, transformar-se-hão em poderosas contribuições para a nossa gradual elevação.

Temos o dever de nos tornarmos uteis aos nossos semelhantes ou, pelo menos de não lhes sermos pesados ou nocivos.

Ora a melancholia, na qual facilmente a vida nos precipita, é pesada e nociva á gente que nos rodeia. Por isso convém procurarmos sem repouso e ir armazenando para as occasiões de crise atomos de bom humor.

Cada um os encontrará em logares differentes e de especies varias. O Ferrajana procurava os seus no lixo das ruas e encontrava-os.

O essencial é encontral-os; porque o bom humor não se evola dos objectos e dos acontecimentos nos quaes o destino nos ligou, não é flôr que possamos colher sem esforço no nosso caminho.

D'ahi a necessidade eterna de forjarmos religiões, moraes, philosophias, capazes de nos fornecerem qualquer coisa que nos sirva de felicidade.

Mas não foi o Ferrajana que inventou este processo.

Desde que o homem appareceu sobre a terra não tem tido outra preoccupação. Encurtaram-se-lhe os braços, cresceram-lhe as pernas, estreitaram-se-lhe os hombros e desenvolveu-se-lhe o cerebro, á procura d'essa coisa *rarissima* e preciosa que se chama felicidade, que tem aspectos variaveis e imprevistos e que é apenas um pequeno agglomerado de illusões, mais ou menos estaveis, mais ou menos resistentes, mais ou menos duradouras.

Virginia de Castro e Almeida

EM TORNO DO ORÇAMENTO

A corporação da armada

Para a melhorar em pessoal e material, aconselham-se varias medidas no relatorio do orçamento da marinha

O que será o relatorio do orçamento da marinha, em que por mais de uma vez se tem falado, sem que se haja, comtudo, dado d'elle uma ideia clara, perfeita e completa? Oiçamos, sobre esse importantissimo documento, que a Camara vae ter, dentro em pouco, ensejo de apreciar, o seu auctor, sr. capitão tenente Leotte do Rego, e ver-se-ha, a final, que ainda ha no Parlamento quem procure desempenhar-se das missões que lhe incumbam com zelo, competencia e aquelle patriotismo indispensavel para que, em politica, alguma coisa se crie de salutar, do patriotico e do util.

—O relatorio a que se refere—diz-nos o illustre commandante da divisão naval e representante em côrtes da cidade de Lisboa—contem, em primeiro logar, uma longa exposição do estado deploravel a que chegou a armada. Os seus navios não sommam mais de 23.000 toneladas. Quer dizer: cabiam todos, muito á vontade, dentro de um dos grandes navios de guerra e sem termos de recorrer aos maiores. São 32 os navios que constituem a nossa marinha. Pois só seis teem mais de 1.000 toneladas, havendo 26 com menos de 600. Quanto ao pessoal, a situação não é menos desconsoladora. Absolutamente desanimados, permanecendo nos postos subalternos 12 e 14 annos, são muitos os officiaes que se teem refugiado na licença illimitada ou nas Companhias privilegiadas, o que representa uma difficuldade a vencer quando se cuida de completar a guarnição dos navios. Para o serviço de embarque faltam mais de 40 officiaes subalternos. O serviço de instrucção é por sua vez defficientissimo, encontrando-se as escolas n'uma verdadeira penuria. Ora a guerra impoz a necessidade de se augmentarem os contigentes com 500 recrutas. D'ahi um augmento de despeza apreciavel.

—E quanto a material novo?

—Não foi posto de lado, como era de esperar. N'um orçamento extraordinario e sob a rubrica «Despeza resultante da guerra europeia e colonial», propuz que se inscrevam as verbas precisas para acquisição d'um submarino de grande raio d'acção e d'um cruzador rapido do programma naval, que muito preciso é, por os cruzadores existentes estarem muito velhos e ainda por a dispersão dos nossos dominios por todos os mares exigir sempre navios d'esta classe. N'esse orçamento extraordinario inclue-se tambem o armamento dos novos *destroyers* e canhoneiras em construcção, munições e artilharia, torpedos de reserva, material para a Escola do Valle do Zebro, etc.

—E que outras medidas aconselha?

—Em primeiro logar, á frente das propostas orçamentaes do orçamento ordinario figura a nova tabella de vencimentos para as praças de graduação inferior a 2.º sargento. E' a satisfação d'uma promessa nunca cumprida, velha de mais de 20 annos. Só o pessoal de fogo é que já ha annos vem ganhando mais, quando embarcado, mesmo que esteja no Tejo. Esse mesmo pessoal, por causa da carestia crescente da vida, tambem tem agora um augmento. A seguir vem a caixa de protecção a pescadores invalidos, a qual começará este anno a funccionar pela primeira vez, podendo desde já ser distribuidas 200 pensões de 72 escudos annuaes a outros tantos trabalhadores do mar incapazes de trabalho, devendo preferir-se os que maior numero de pessoas de familia tiverem. Os serviços radio-telegraphicos são tambem reorganisados n'outra proposta. Compôr-se-ha o quadro respectivo de dois sargentos telegraphistas, 6 primeiros sargentos, 10 segundos, 6 cabos e 20 telegraphistas.

Este serviço é installado e montado sem augmento de despeza. Para que o pessoal se industrie na lingua ingleza, absolutamente indispensavel, proponho a creação d'um curso d'esse idioma no quartel de marinheiros, a cargo d'um subdito britannico, escolhido por concurso. Os mestres existentes já não chegam para o serviço. Por isso se faz subir o seu numero a 20. O pessoal do troço do mar fica tambem com um novo quadro de vencimentos; melhora-se a situação da mestrança do arsenal, sem augmento de despeza, acabando-se com anomalias deprimentes e injustificadas que ainda hoje se conservam n'essa prestimosa classe. O pessoal do Arsenal de Marinha fica com a sua caixa de pensões organisada e concede-se o direito á reforma a um operario inglez que ha 27 annos ali trabalha com o maior zelo e competencia e exemplar comportamento.

—E que mais?

—Ha ainda uma proposta relativa á vantagem da antiguidade aos guarda-marinhas auxiliares, inscrevendo-se ainda no orçamento verbas para carvão, pensões ás familias dos marinheiros mortos em campanha, acquisição immediata de 4 barcos destinados á fiscalisação da pesca e para pessoal que venha a ser necessario para a rapida conclusão dos «destroyers» novos e das trez canhoneiras para a pesca, e reparações da *Tejo*. E' isto, pouco mais ou menos, o relatorio que elaborei sobre o orçamento do ministerio da marinha. Se me perguntarem se consignei n'elle tudo quanto desejava e entendia preciso, direi que não. Mas, entretanto, creio que fiz quanto, nas circumstancias actuaes, me era dado fazer, sendo intenção minha dotar em futuros projectos de lei a marinha de guerra portugueza com outras urgentes medidas que reputo indispensaveis.

Festa republicana

O almoço no campo de Seteaes

Realisou-se hoje a reunião a fim de levar a effeito um almoço no campo de Seteaes, em Cintra, em homenagem aos relatores da lei do horario no commercio e de congratulação pelas melhoras dos estadistas srs. dr. Affonso Costa e João Chagas.

Deram a sua adhesão as seguintes collectividades: Junta de Parochia civil do Beato, commissão parochial de S. Thiago, Centro Republicano Thomaz Cabreira, Centro Republicano do Seixal, Grupo Republicano França Borges, Centro Republicano Rodrigues de Freitas, Centro Republicano Dr. Affonso Costa e commissão parochial Republicana do Sacramento, além d'outras.

Foi aggregado á commissão organisadora o sr. José Pacheco e approvada uma proposta para serem convidados a assistir a esta festa os srs. Leotte do Rego, capitão Aragão e tenente Oscar Torres. A proxima reunião realisa-se na quinta-feira pelas 21 horas, no Centro Democratico, rua Ivens.

FOLHETIM D'A CAPITAL — 1-8-915

Um anno de guerra

Começa amanhã o segundo anno de guerra, e ainda ninguem póde prever qual a data em que ella findará, succedendo-lhe a longa era de paz que é a unica compensação possivel de tantas ruinas accumuladas e de tanto sangue perdido.

Não se póde, porem, dizer que tenha sido uma surpreza, ou continue a sel-o a duração da guerra. Se algum paiz se illudiu sobre esse ponto, esse paiz é a Allemanha. Não podemos recusar-nos a confessar que a sua illusão era admissivel. A Allemanha é a mais poderosa machina militar que tem apparecido no mundo. Ella reputava, como a melhor garantia do exito da sua campanha, o imprevisto do seu ataque com a avalanche dos seus soldados. Coube a um pequeno povo salvar a civilisação latina. A Belgica foi o grão de areia que prejudicou o funccionamento da engrenagem colossal. Mercê do seu sublime sacrificio, a offensiva allemã teve de estacar antes de alcançar Paris.

Mas que não era fatuidade a consciencia do seu poderio, que fazia o povo allemão confiar cegamente na victoria, prova-o o facto da sua resistencia não menos assombrosa do que a sua offensiva. Para que avaliemos em todo o seu significado o valor de francezes e inglezes luctando juntos no campo occidental, é sobretudo necessario não desconhecer o valor do seu inimigo. Se os allemães ficaram pasmados de não terem podido chegar a Paris, os francezes tambem não suppunham, depois da sua victoria no Marne, que decorreria um anno sem que pudessem expulsar os allemães para além das suas fronteiras.

* * *

A lucta é colossal. Nunca a humanidade presenceou um esforço mais tenaz. Ha um anno que a balança se mantem em equilibrio. O que se passa no theatro occidental da guerra, é apenas, com a mudança de aspectos, o que se passa no seu theatro oriental.

Ahi as operações teem tido maior extensão. No primeiro arranco, a Russia invadiu a Austria, infligindo-lhe tremendas derrotas. Chegou a tomar Przemysl, recolhendo mais de cem mil prisioneiros. Mas esta guerra é como o oceano. Tem o seu fluxo e o seu refluxo. Agora é a Russia que recua deante dos seus inimigos, tendo em perigo Varsovia, e com ella toda a Polonia, como os austriacos tiveram toda a Galicia. Mas já plausivelmente se conjectura que logo que os russos estejam providos de munições sufficientes, o que não deverá tardar, a sua avalanche humana fará recuar os austro-allemães.

Nada está perdido. Pelo contrario, o triumpho dos alliados é cada vez mais seguro. Mas isso não impede que assignalemos ter sido este anno decorrido, com as suas enormes perdas de vidas, como que o tentear de forças de dois hercules para o seu embate definitivo.

E não está nada perdido, porque na realidade a Allemanha perdeu desde o primeiro dia a partida. Só uma acção fulminante podia realisar o seu pensamento de conquista. Essa acção falhou, e falhou, como já disse, pelo esforço d'um pequeno povo. Não conseguindo realisar essa acção, eternisando a lucta, a Allemanha tem de ser vencida, porque deu tempo a que se definisse claramente o caracter da lucta. E definido elle que póde esperar a Allemanha senão que todo o mundo se levante contra ella?

* * *

E' o que tem succedido, é o que está succedendo. Não só não teve o concurso da sua alliada, a Italia, como essa sua alliada se converteu em sua inimiga. D'um momento para o outro, a Romania pegará em armas para secundar a acção da Italia. Tudo leva a crêr que a Grecia lhe seguirá o exemplo. E, alémmar, uma das maiores nações do mundo, os Estados Unidos da America, fala já a linguagem ameaçadora das hostilidades iminentes. Do lado da Allemanha, quem se pronunciou? A *Turquia*, mas o esforço d'esse decadente imperio em breve se poderá considerar quebrado.

Ninguem se illuda. A Allemanha tem de ser vencida porque tem de ser vencida. N'um dado momento, todo o mundo estará em armas contra ella. Serão os mais fortes, como serão os mais fracos; todas as armas entrarão na peleja; homens, mulheres, creanças farão parte da cruzada mundial. E tem de ser vencida porque a consciencia universal repelle a sua theoria da força. Essa theoria foi possivel n'outros tempos, e a esses factos se devem os triumphos que crearam o imperio romano. Então o direito era a força. Hoje a força é o direito.

O mundo não vive sem ideal. Esse ideal, nas nossas eras, baseia-se na rasão e no sentimento. Não ha só o dia que passa: ha o futuro. Não ha só os interesses materiaes; ha as aspirações da espiritualidade. Não ha só egoismos; ha abnegação, ha sacrificio, ha heroismo. Aquillo que chamamos chimeras constitue porventura as maiores realidades da vida.

Ha precisamente cem annos, Napoleão, vencido, dizia, e o conde de Las Cases registava-o no seu «Memorial de Santa Helena»: «Dentro d'um seculo, toda a Europa será republicana ou cossaca». Enganou-se o orgulhoso dominador, que esperava, ao pôr pé no rochedo que lhe havia de servir de tumulo, ser em breve chamado, por uma imposição social, a fim de esmagar, como sendo o unico que o podia fazer, com o seu genio e o seu prestigio, a ancia universal da liberdade. Passaram cem annos, e a Europa ainda não é toda republicana nem cossaca. Que quer isto dizer? Que o progresso caminha lentamente e que nunca podemos prognosticar com segurança as «étapes» da sua evolução. Mas, pondo de parte o prazo que o celebre conquistador lhe fixou, o que podemos desde já assegurar é que a Europa nunca será cossaca, isto é, que nunca será dominada pelo despotismo, que hoje se não póde denominar cossaco mas sim germanico. Quem o provou foi esse pequeno povo: a Belgica.

* * *

Jamais se assistiu a um sacrificio mais bello e mais fecundo pela causa da liberdade. Materialmente, a Belgica ganharia com a sua acquiescencia ás vontades da Allemanha. Preferiu a ruina, preferiu a morte. Quer dizer: preferiu o progresso, preferiu o futuro. Porque o progresso não se obtem senão com estes grandes actos de sacrificio, e o futuro só se conquista com estas iniciativas sublimes.

As nações não são só aggregados ethnicos, são entidades moraes. A Belgica fez relampejar no mundo a sua alta chamma moral. Ella foi como o pastor biblico que derrubou com a sua funda o Gigante deante do qual os mais valorosos tremiam.

As grandes renovações teem vindo, em geral, de pequenos povos. Era um pequeno povo o judaico, e d'elle brotou uma doutrina em cujos principios se incluiam as maiores conquistas do espirito humano, a caminho da sua dignificação e do seu resgate. Um pequeno povo é a Servia, e não tem sido possivel subjugal-o, como não tem sido possivel subjugar esse heroico punhado de montanhezes que formam a pequena patria do Montenegro.

A guerra faz-se para que os pequenos povos não desappareçam, para que as pequenas patrias não sejam absorvidas pelos imperios colossaes. E' justo que esses povos combatam. Combatem pela sua propria causa. Mas a grande idéa que a tudo sobreleva é a do direito, que, como eu já disse, se baseia na rasão e no sentimento,—e não se chocam impunemente o sentimento e a rasão.

MAYER GARÇÃO.

dos. Os proprios destroyers não hesitaram em atacar os cruzadores inimigos, quer com a artilharia, quer com torpedos, e dois d'elles, o «Laurel» e o «Liberty», foram bem succedidos nos seus ataques.

Os signaes allemães interceptados e outras informações de fonte allemã confirmam o relatorio do vice-almirante Beatty quanto ao afundamento do terceiro cruzador allemão, que, ao que parece, era o «Ariadne». Os cinco navios allemães que se sabe terem sido afundados continham cerca de 1.200 homens, entre officiaes e tripulação, os quaes, com excepção de 330 prisioneiros feridos e não feridos, pereceram.

Além d'isto, ha a perda, que deve ter sido grande, a bordo dos torpedeiros—os allemães nunca empregam o termo destroyers—e dos outros cruzadores que não se afundaram.

As perdas totaes inglezas foram de 69 mortos e feridos, entre os quaes devemos incluir dois officiaes de excepcional merecimento—o tenente-commandante Nigel K. Barttelot e o tenente Eric W. P. Westmacott. Todos os navios inglezes estavam aptos a prestar serviço d'ahi a uma semana ou dez dias.

O exito da operação foi devido, em primeiro logar, á informação trazida ao almirante pelos officiaes dos submarinos, que durante as trez semanas anteriores haviam mostrado extraordinaria audacia, penetrando em aguas inimigas.»

Disse-se, quando se fez a narrativa do combate, que os officiaes allemães haviam feito fogo sobre os seus homens quando elles estavam na agua. Parece, porém, não ter sido bem assim. O que succedeu foi que dos homens do «Mainz», ao verem approximar-se os cruzadores de batalha, se apoderou o panico e abandonaram as peças. Foi então que os officiaes fizeram fogo sobre os seus homens, quando elles fugiram.

E' talvez difficil fazer uma idéa perfeita do [illegible] levado a cabo pelos [illegible] contudo, póde ser consid[illegible] quatro pontos de vista: reconhecimentos, estrategia, tactica e disciplina e exercitamento como exemplo na actual lucta.

Em todas as operações militares um reconhecimento bem feito deve preceder a acção. De 5 d'agosto a 28, data da acção de Heligoland, o inimigo foi constantemente vigiado pelos submarinos.

O que o inimigo fazia era fielmente e com o maior cuidado referido ao alto commando. Nas suas mãos estava, pois, a decisão quando chegou a occasião do ataque, assim como o de decidir que força era necessaria. Nada havia, pois, que deixar ao acaso e o principio fundamental de ter força superior no devido logar e em tempo devido foi empregado com o maior exito.

Se a principal armada allemã sahisse em soccorro dos seus navios, occorre perguntar: que teria succedido? A resposta dá-a o facto de se saber que o vice-almirante Beatty e o seu esquadrão de cruzadores de batalha estavam apoiando os navios que entraram no combate e que chegaram ao logar da lucta no momento preciso. E, além d'esses navios, outros havia ainda de reserva. Se a armada inimiga tivesse sahido, encontraria força com que se defrontar.

Tacticamente, a batalha nada deixou a desejar. Com o apoio dos cruzadores para interceptarem o caminho ao inimigo e com o apoio dos que deviam entrar immediatamente em acção, os cruzadores ligeiros e as flotilhas fizeram serviço perfeito. Houve momentos de perigo para alguns, como por exemplo para o «Arethusa», assim como para o «Laurel», que era o navio-chefe da terceira flotilha, o qual foi ao encontro dos cruzadores allemães sem ser apoiado por outro navio da sua classe.

Combatendo ao mesmo tempo com dois destroyers e um cruzador, esteve em serio risco e deveu o salvar-se ao opportuno apparecimento dos cruzadores inglezes, quando já quasi não tinha munições. Mas os momentos criticos em qualquer combate,

por mar ou por terra, são muitos.

Valorosa como foi a acção na enseada de Heligoland, foi ainda, como operação de guerra, de menos importancia comparativamente sob o ponto de vista do numero de navios inimigos destruidos e de officiaes e homens postos fóra d'acção. A importancia real está no caso da capacidade do commandante em chefe se ter imposto aos marinheiros. A nação podia, d'essa pequena mas brilhante acção, tirar as mais altas esperanças para o futuro. Homens e officiaes revelaram-se magnificos marinheiros, como sempre o tinham sido.

Continuando a narrativa chronologica, chegámos á perda do «Speedy», um torpedeiro, que bateu em uma mina e se afundou, sendo esse desastre devido ao grande numero que o inimigo havia espalhado no mar do Norte. Era um velho navio, de pouco valor combativo, e as perdas de vidas foram em pequeno numero. Na occasião em que se deu o sinistro, disse-se que os logares onde as minas tinham sido espalhadas ficavam a trinta milhas da costa e em direcção opposta á que seguiam os navios mercantes para a costa oriental.

A perda do «Speedy» deu-se no dia 3 de setembro e no dia 5 a nação ingleza teve o pezar de saber que se havia tambem perdido o «Pathfinder», um cruzador ligeiro de 2.940 toneladas, com 268 officiaes e homens de tripulação. Infelizmente, a perda de vidas aqui foi grande.

O navio foi afundado em May Island por um submarino allemão. A principio suppunha-se que elle houvesse batido n'uma mina, mas as narrativas dos sobreviventes dizem sem sombra de duvida possivel que havia sido visto um periscopio. Esses sobreviventes foram salvos pelo destroyer «Stag», depois de terem estado na agua uma hora e dezesete minutos.

A 15 de setembro, o «Hela», cruzador ligeiro allemão, foi mettido a pique pelo submarino E 9 a seis milhas ao sul de Heligoland. Era um navio de 2.040 toneladas, tendo uma tripulação de 278 homens, sendo pequeno o seu valor como unidade de combate.

Durante o mez de setembro o almirantado publicou uma ordem em que se dizia que, continuando o lançamento de minas e não havendo sequer sombra de bandeira allemã no mar do Norte, esse lançamento só podia ser feito á sombra d'uma bandeira neutral. Por consequencia, era dever de todos os navios, embora observando todas as regras da cortezia para com os paizes neutraes, fazer parar e passar revista a todo o navio que avistassem.

Semelhante ordem é mais facil de dar do que de executar e no mar do Norte ainda mais difficil era fazer-se obedecer. No banco de Dogger e nos recessos das praias entre Maas Light e Terschelling apenas navios de pesca pódem penetrar; e agentes activos do inimigo recebiam frequentemente valiosas informações ácerca do movimento dos navios de guerra inglezes dos tripulantes d'esses barcos de pesca. E' opinião de muitos que foi isso que originou directamente o desastre succedido a 22 de setembro.

Semanas depois de principiar a guerra as aguas do mar do Norte estavam tranquillas. No dia 11 de setembro o tempo mudou por completo e nos dez dias seguintes, até á manhã de 22, as ondas eram alterosas, como de costume n'esse mar, e o vento vinha acompanhado de furiosas trombas d'agua. A linha de patrulhas seguia um pouco para o norte e era, na maioria, desacompanhada de destroyers, pois o tempo estava pessimo para esses pequenos navios fazerem o serviço de vigilancia.

A tempestade attingiu o auge no dia 18, em que a força do vento foi excepcional mesmo para aquellas latitudes, mais parecendo um cyclone ou um tufão. Tendo no dia 21 abrandado o vento um tanto ou quanto, determinou-se que os destroyers seguissem no dia 22 de manhã e se juntassem ao «Aboukir», ao «Hogue» e ao «Cressy» pelas 10 horas.

O ASSUCAR

O seu açambarcamento

por um «trust» apenas pode ser impedido começando-se pela liquidação immediata da questão Hinton

Barateamento possivel do assucar

Quasi diriamos feliz o renascimento da questão Hinton para finalmente serem levados os poderes publicos para grandes actos exigidos pelos interesses nacionaes. O que apparece agora deante de todos é a necessidade urgente de se resolver todo o problema assucareiro em Portugal, affastando com mão firme a possibilidade de complicações cada vez maiores.

A exploração do assucar e do alcool sempre existiu na Madeira. Um dia veiu a estar nas mãos da firma Hinton pelo trabalho de livre concorrencia e por concessão final do Estado.

A monarchia depois de lhe ter dado erradamente os privilegios offereceu-lhe pretexto para uma reclamação com o novo regulamento de vinhos da Madeira, que punha certos limites ao emprego e portanto á venda do alcool. A Republica liquidou-a por decreto de 1911, que assegurava o monopolio da firma Hinton até 1918. *De então por deante* vigoraria na Madeira o regimen da liberdade de industria, podendo todos os productores de assucar da ilha exportal-o para o continente.

Mas n'este mesmo periodo que atravessamos eram feitas as maiores diligencias pelas empresas coloniaes para obterem do Estado prolongamentos e alargamentos do bonus ao seu assucar, o que logicamente as levaria á absorpção de todo o mercado nacional. E conseguiram isso finalmente pela lei de 15 de agosto de 1914, que lhes garantiu por 20 annos um bonus calculado em 80:000 contos pela firma Hinton.

Ora esta firma *reclamou ao governo* que lhe tome conta da fabrica *mediante* uma indemnisação, allegando que as empresas coloniaes, e principalmente as da firma Hornung, armadas com o bonus dado pelo Estado, impedir-lhe-hão pelo futuro adeante a venda do assucar da Madeira no continente e a propria producção na ilha. Sustenta que o assucar da firma *Hornung*, posto no Tejo, custa apenas 4 centavos por kilogramma e deixaria assim um bom lucro mesmo sem o bonus, servindo este para o açambarcamento do mercado e destruição da fabrica da Madeira.

A nosso ver a questão está muito complicada. Pesam sobre ella todos os acontecimentos do tempo da monrachia, muitos factos da Republica e a necessidade de tirar do horisonte quaesquer difficuldades e de resolver em toda a parte pela melhor fórma o problema assucareiro em todos os aspectos que possam interessar ao governo e ao paiz.

Parece que já todos estão de accordo sobre a urgencia de se acabar de uma vez para sempre com a questão Hinton. E, com effeito, parece *tambem* que *sem* isso não se póde seguir pela maneira necessaria em varios assumptos importantes em todas as grandes divisões do territorio da Republica.

Certamente ha de haver algum meio de fazer uma liquidação completa *com* a firma Hinton, ainda que seja a praso, uma vez que os lucros da sua empresa sejam approximadamente os que são indicados pelos seus proprios adversarios. Dizem estes que elles são de centos de contos. Sendo assim não faltam evidentemente processos para se ir áquillo que talvez seja hoje uma das primeiras necessidades publicas. Se o Estado pode fazer o resgate sem perdas, e, mais ainda, se o póde fazer com beneficios financeiros para elle proprio, como muitos dizem, deve acaso haver hesitações?

Esta questão por todas as circumstancias não póde ser addiada. Deve ser decidida agora pelo governo e pelo Congresso. Deixal-a para depois seria aggraval-a, e, o que é ainda peor, seria entregar a complicações todos os outros problemas que se prendem com ella na propria Madeira, no continente e nas colonias.

Qual a maneira pratica e efficaz de se obter em todo o territorio da Republica a baixa progressiva do preço do assucar, tornada possivel pela facilidade e barateza da producção na Africa Portugueza? Que protecções devem existir para a Madeira, para os Açores, para Moçambique e para Angola? Qual o modo de as restringir, onde seja isso necessario, sem lesar direitos nem prejudicar o progresso agricola e industrial? Como se poderá impedir o açambarcamento de todo o negocio do assucar em Portugal por qualquer empresa ou «trust»? Qual a fórma de evitar que Moçambique e o proprio continente fiquem envolvidos nas malhas de uma rêde perigosa de exploração monopolisada?

Estas questões affrontam enormemente a governação e precisam de estudos immediatos e resoluções successivas. Todas ellas exigem por sua vez que se resolva com toda a brevidade a da firma Hinton.

ASSISTENCIA INFANTIL

Commissão Humanitaria do Castello

Na sessão commemorativa do 8.º anniversario fala o sr. dr. Bernardino Machado

A Commissão Humanitaria do Castello commemorou hoje o seu oitavo anniversario, inaugurando uma bandeira e abrindo uma kermesse, cujo producto se destina a avolumar a subscripção, entre os socios, para o bodo que essa benemerita collectividade distribue annualmente.

Presidiu á sessão o sr. dr. Bernardino Machado, a quem a commissão administrativa da escola, com a população infantil, munida do respectivo estandarte, aguardou á entrada do portal do Castello. D'ali, formando cortejo, seguiram todos para o edificio escolar, pelos arruamentos apinhados de creanças, aos bandos, victoriando o venerando democrata.

A' entrada da sala das sessões, a Tuna Tondellense executou o himno redobrando n'essa occasião o enthusiasmo dos manifestantes. Dando começo aos trabalhos da sessão, o sr. dr. Bernardino Machado convidou para secretarios os srs. capitão Luiz de Mello Athayde e Antonio Victorino da Conceição. Falou em primeiro logar o sr. Cassiano Ferreira, socio fundador da instituição, que alludo á obra realisada por esse nucleo de devotados e em prol d'uma das populações mais desgraçadas da capital, fazendo votos para que todos se congreguem para continuar essa missão humanitaria, pois só por essa fórma, educando-se e instruindo-se a geração infantil poderá vir a ser digna de manter o prestigio da nação portugueza á altura a que a elevaram os nossos gloriosos avoengos.

O sr. Antonio Victorino da Conceição põe em relevo a circumstancia de a verdadeira festa a que ali se assiste não ser precisamente a da commissão administrativa e do anniversario da instituição, mas dos pequeninos e d'essa encantadora, dedicada e generosa dama que tão desinteressadamente educa os 50 alumnos, na maioria pertencentes ao sexo feminino, que frequentam a escola. A essa senhora e a todos aquelles que contribuem por que seja possivel a existencia d'essa collectividade apresenta as suas homenagens.

Fala, por ultimo, o sr. dr. Bernardino Machado. Não vae ali simplesmente apresentar os seus protestos de admiração e louvor por todos aquelles que contribuem para a obra social cujo anniversario se festeja. Mais do que isso: vae ali significar toda a sua solidariedade pessoal por essa obra de resurgimento. Entende que os homens publicos não devem frequentar apenas as grandes arterias da cidade fartas de commodidade. Devem ir tambem até áquelles bairros excentricos, onde tudo falta, até o ar e a luz. A Republica fez-se para o povo e todos temos necessidade de trabalhar por que ella consiga levar um pouco de conforto a toda a gente. Todos nos devemos encarniçar na obra do bem com o mesmo ardor com que os outros se encarniçam na obra do mal. Cumpre-nos lidar pela felicidade e engrandecimento da patria, mas sobretudo por attendermos aos que mais necessitados se encontram da nossa protecção. Não se fez a Republica para combater qualquer classe, mas são os humildes, as mulheres e as creanças que devem merecer as nossas mais detidas attenções. A Republica, que se libertou da tutela do preconceito religioso, estabelecendo a liberdade do culto, torna sagrado o culto da patria e, depois d'esse, o culto pelos desprotegidos da sorte. São benemeritos os cidadãos que, por intermedio d'aquella escola, levam ao misero bairro um pouco de alegria e conforto aos pequeninos, e, apresentando a todos as suas homenagens, entre esses destaca a sr.ª D. Ermelinda Ferreira, pelo carinho, desinteresse e abnegação com que educa e cuida dos filhos do povo.

Ha uma pobreza, diz o orador, de que somos sobretudo responsaveis. Bem sabe que não é d'um dia para o outro que a Republica pode levar essa indigencia a uma mediania. Essa extrema pobreza está representada pela excessiva percentagem do analphabetismo. No emtanto, sob esse doloroso espectaculo existe uma extraordinaria riqueza que não se deve deixar ao abandono. A creança portugueza, os filhos do nosso povo possuem dons naturaes como nenhuma outra creança. São, ao mesmo tempo, as creanças mais sentimentaes e emotivas do mundo. Cumprenos cultival-as pela escola, para que não cheguem até a perder, em adultos, as qualidades de coração, n'ellas tão caracteristicas. Se não reduzirmos o analphabetismo ás proporções minimas a culpa será só nossa e essa imperdoavel. E', pois, necessario ensinar a lêr e principalmente educar a creança. Não basta cultivar a razão, é preciso estimular o sentimento. A Republica, sendo o governo da nação, é tambem o governo da opinião, e esta firma-se especialmente na fôrça emotiva das almas.

O sr. dr. Bernardino Machado conclue levantando um viva á Republica, calorosamente repetido pela assembleia.

As creanças da escola entoam a *Portugueza* acompanhadas pela tuna e procedeu-se á inauguração de uma bandeira da collectividade. A multidão que se reunia em frente do edificio e na sala das sessões frisou esse acto com vibrantes palmas e acclamações ao illustre democrata.

Festas associativas

Academia Recreio Artistico

N'esta Academia começaram hoje as festas commemorativas do 60.º anniversario da sua fundação.

A's 15 horas realisou-se a *matinée* concerto pelo sextetto Mozart, seguindo-se a abertura da kermesse-tombola. A's 21 horas realisa-se uma recita com as peças *Missa Nova*, *A Roca de Hercules* e a operetta *O sol d'ouro*, seguindo-se baile.

No dia 8 continúa a kermesse e sextetto; no dia 15, ás 13 horas, sessão solemne, inaugurando-se a bandeira da collectividade, sendo n'essa occasião offerecido vestuario e jantar a 20 creanças. A's 21 horas, recita com audição de musica pelo sextetto Castro e a representação da peça *Codigo Penal, artigo ...*, um acto de *Folies Bergère* e baile. No dia 22 ha passeio fluvial a Villa Franca de Xira e ás 21 horas baile, e nos dias 28 e 29 é o encerramento das festas com sarau dramatico, baile e *cotillon*.

Lyceu de Pedro Nunes

Cursos praticos

Os cursos praticos das linguas franceza e ingleza, durante as férias, começam a funccionar ámanhã o de francez e depois d'ámanhã o de inglez.

As aulas de inglez serão ás segundas e sextas-feiras, das 15 ás 16 e meia horas e o de francez ás terças e quintas-feiras, das 14 e meia ás 16 horas.

Os professores são os srs. Kersivet e Torrie.

Ainda se acceitam inscripções para o curso de photographia.

A nova questão Hinton

NÃO HA DUVIDA DE QUE O PRIMEIRO passo, para a civilisação do indigena, não é só compelil-o ao trabalho, mas *principalmente attrahil-o*.

Assim se tem feito em Moçambique, e com tal exito, que succedendo ha dez annos ser impossivel de obter um voluntario, elles hoje se apresentam em tal *quantidade relativa* que os numeros abaixo darão uma ideia do que acontece na *Companhia Colonial do Buzi* á qual esses numeros se referem:

Empregaram-se no mez de setembro de 1914:

Indigenas voluntarios, 29.575 jornaes.

Indigenas contractados ou compellidos pelos *regulamentos*, 13.320 jornaes.

O que se passa ali reproduz-se em muitos outros pontos.

Não quer isto dizer que haja superabundancia de trabalhadores, mas apenas indicar a *forma* como são, naturalmente, levados ao trabalho pela sensata orientação seguida.

Esta importantissima conquista deve-se á industria assucareira, que, se não tem tido a *intelligente direcção* que devia, pelo que respeita ao exercicio da industria, tem pelo menos prestado um relevante serviço ao fomento colonial e á civilisação d'aquelles *nomadas!*

Na Companhia Colonial do Buzi ha já escolas, como em qualquer terra com *organismo municipal*, onde os pequenos indigenas aprendem a lêr, a escrever, a contar, os elementos de desenho, etc., frequentando depois com um bello preparo, ao chegarem aos 12 annos, as diversas artes e officios exercidos na região, escolhendo livremente a sua profissão, segundo as suas aptidões. Assim, serão operarios com tanta illustração como alguns de *cá* e com muito mais do que a maiora dos filhos da metropole e até da Madeira.

Vejamos agora o que se passa, a este respeito, nas Assucareiras da Zambezia.

Escusado será dizer que as trez fabricas de Caia, de Marromeu e de Mopêa, montadas todas para uma producção média de 10.000 toneladas de assucar, em cada campanha, teem as suas installações em edificios de ferro e tijollo.

Teem, além d'isso, construidas do mesmo modo, casas para os europeus e para todas as installações accessorias e depositos.

No arroteamento do terreno e na lavoura dos campos de cana sacharina, empregam nove charruas a vapor e respectivos motores Fowler, trabalhando todos estes apparelhos com indigenas, sob a direcção d'um chefe europeu.

As tres fabricas teem ao seu serviço 400 indigenas, desempenhando os logares de capatazes, carpinteiros, serralheiros, etc., cujos salarios variam de 30 centavos a 80 centavos diarios. A maior parte d'estes indigenas veem da British Central Africa, contractados por seis mezes.

A irrigação dos campos de cana, de cada uma das fabricas, é feita pelos trabalhadores indigenas, debaixo da superintendencia d'um europeu; é certo, mas é o indigena que, pelo seu criterio, conduz a agua a todos os pontos da propriedade que necessitam de ser irrigados. Para isto precisa de ter intelligencia e conhecimentos que não possue, seguramente, um *preto boçal*.

Os 12 vapores que navegam no rio Zambeze, e que pertencem a uma Companhia de que fazem parte as *Assucareiras*, são tripulados por indigenas, havendo a bordo apenas um europeu para tomar conta do navio e para as relações com as auctoridades, mas sendo indigenas até os pilotos e os machinistas. São estes vapores que fazem o transporte, para o Chinde, do assucar das fabricas e levam para estas todos os productos de que necessitam.

Existem em todas as propriedades bastantes kilometros de caminho de ferro, sendo o de Caia da largura de 1m,0 e os das outras de 0m,60, destinados ao transporte da cana sacharina e da lenha, sendo todo o serviço, incluindo o das locomotivas, executado por indigenas, dirigidos por um chefe europeu.

O tijolo preciso para os edificios é feito em fabricas existentes em todas as propriedades, sendo o pessoal indigena.

Do mesmo modo as tres fabricas mechanicas de serração teem um chefe europeu, mas os restantes trabalhadores são indigenas.

Nas officinas das fabricas trabalham serralheiros e carpinteiros indigenas, que ahi fizeram a sua aprendizagem.

Além das industrias accessorias, a que acabamos de nos referir, ainda as Fabricas da Zambezia exploram salinas no prazo do Luabo, na bocca do Rio Zambeze, que produzem mais de 3.000 toneladas de sal, e, principalmente no mesmo prazo, teem grandes plantações de coqueiros.

Montaram tambem as fabricas uma *linha telephonica*, com cerca de 400 kilometros de extensão, que liga o Chinde á villa de Sena e as tres propriedades umas com as outras por um cabo subfluvial no Rio Zambeze.

O numero total de indigenas que usualmente trabalha nas Assucareiras da Zambezia é de cêrca de 8.000, sendo 3.000 da Angonia e British Central Africa, e *os restantes dos prazos de Moçambique, de que são sub-arrendatarias, e do territorio da Companhia de Moçambique*.

As fabricas empregam, pelo menos, 600 indigenas na conducção dos diversos machinismos, debaixo da vigilancia de europeus, mas trabalhando com pleno conhecimento do que fazem.

Em todas as propriedades existem escolas para indigenas, sendo-lhes ministrada a instrucção sufficiente para poderem melhorar a sua situação.

Todas as fabricas teem um medico, formado em escolas europeias, havendo em cada uma d'estas um hospital para europeus, outro para indigenas e ainda uma enfermaria para doenças contagiosas dos indigenas. Ha poucos annos mandaram um medico, o dr. Panoras, praticar durante um anno nos hospitaes de Paris, para estudar especialmente o tratamento das doenças que mais atacam os indigenas, como a siphilis e a diphteria.

Tal é a obra das fabricas de assucar de Moçambique para a civilisação dos indigenas e tal é o modo porque teem procurado desenvolver, cuidadosamente, o nosso fomento colonial.

Gostariamos de saber, de algum madeirense illustrado, qual tem sido a obra benefica da firma Hinton a favor dos cultivadores de cana, cujo trabalho, graças aos privilegios de que goza, tem servido para a enriquecer.

Póde a notavel fabrica do Torreão não ser, como suppomos, uma fabrica modelo, *mas tem comtudo uma especialidade que lhe não disputamos:*

«Produz assucar com uma situação juridica adquirida atravez da historia».

E' o que se diz no folheto a paginas 30.

Com effeito as companhias coloniaes portuguezas não são capazes de produzir assucar com tão distinctas qualidades.

Pelas empresas assucareiras da Africa portugueza

A. de Sousa Lara.
Guilherme Oliveira d'Arriaga.
Thomaz de Paiva Raposo.

Instrução Militar Preparatoria

São brilhantes as provas prestadas pela Sociedade n.º 9

Na parada do regimento de infantaria 5 realisaram-se esta tarde as provas finaes dos voluntarios da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 9. Perante numerosa concorrencia, pouco depois das 15 horas formou a columna n'um total de 470 alistados, um pelotão de ciclistas, terno de corneteiros e ambulancia.

Ao centro ficou a bandeira da Sociedade, toda branca com as cores verde e encarnada a cortal-a em diagonal.

O tenente sr. Antonio Augusto Batalha que dirigia as forças mandou executar alguns movimentos.

A's 16 horas e um quarto, o corneteiro postado no portão de entrada dá o signal de sentido, a banda de infantaria 16 toca a «Maria da Fonte», a força faz a continencia. São os representantes do governo que chegam, os srs. major Mimoso Guerra, chefe do gabinete do sr. ministro da guerra, e 1.º tenente Lopes Villarinho, secretario do sr. ministro da marinha. Com elles veem os srs. major Desiderio Beça, chefe da 4.ª repartição da 1.ª direcção do ministerio da guerra; major Patacho, commandante interino do regimento, major Ferraz, chefe da secção da Instrucção Militar Preparatoria do ministerio da guerra, capitão Geraldes, ajudante do inspector de infantaria, e Antonio Germano da Fonseca Dias, representante da commissão executiva da camara municipal de Lisboa.

A força passa em continencia em frente dos representantes do governo. A primeira parte do programma que constou de: Manejo de armas e de fogo, pela 1.ª escola; esgrima de baioneta, pela 2.ª; gimnastica com arma, pela 3.ª; escolas de pelotão, pelas 4.ª e 6.ª; escola de grupo (ordem extensa), pela 5.ª; transmissão de telegrammas, pelos sinaleiros; gimnastica sueca por todas as escolas, corridas de velocidade, 100 metros; lucta de tracção; saltos em altura; saltos em largura; saltos á vara e corridas de saccos.

Todos os exercicios despertaram grande interesse da parte da assistencia, que saudava os alistados com salvas de palmas.

De manhã realisou-se a corrida de bicicletas Cintra Lisboa pela secção de ciclistas ficando vencedor o alistado Arthur da Silva Amaral, que fez o percurso em uma hora e cinco minutos.

A's 21 horas realisa-se a sessão solemne na séde da Sociedade, para distribuição dos premios offerecidos pelo ministerio da guerra, camara municipal de Lisboa, Fraternidade Militar, Inspecção de Infantaria, direcção da sociedade e particulares, aos alumnos que melhor classificação obtiveram nas provas, seguindo-se sarau e baile. Os premios constam de estojos com escovas de prata, tinteiro, medalhas, despertador, relogios d'aço, talher de prata, anel de ouro com brilhantes, figuras de bissuit, etc.

ULTIMAS NOTICIAS

A QUESTÃO DURIENSE

REUNEM OS VITICULTORES DO SUL

que protestam contra as exigencias do Douro, o qual quer todos os privilegios, diz o sr. José Relvas

Na reunião dos viticultores do sul que hoje teve logar na Camara Municipal, abriu a sessão, ás 15,30, o sr. João de Sousa, presidente da Associação d'Agricultura que agradeceu á commissão executiva da *Camara a cedencia da sala* e o apoio que presta a esta questão que *não interessa as regiões do norte ou as do sul, mas a economia de todo o paiz*. Em seguida propoz para presidente o dr. Levy Marques da Costa que, como portuguez, disse, entender que a attitude da camara de Lisboa e de todas as outras do paiz deve ser exclusivamente patriotica. Por isso a camara de Lisboa não podia deixar de se interessar por esta importante questão. Perante os interesses geraes do paiz é impossivel crear um privilegio em favor de qualquer região do paiz. Não pode haver monopolios. A agricultura do sul não precisa apropriar-se das marcas da região do norte, mas o que não quer é abandonar os seus interesses. No Porto faz-se vinho de Collares que com essa marca sae para toda a parte.

Foram lidos depois telegrammas de varias camaras, syndicatos e associações agricolas e proprietarios adherindo ás deliberações que forem tomadas, ou fazendo-se representar de Pombal, Bombarral, Alcobaça, Torres Vedras, Villa Real de Santo Antonio, Torres Novas, Reguengos Serpa, Lourinhã, Batalha, Campo Maior, Evora, Obidos, Barreiro, Arruda, Setubal, da Associação Commercial de Lisboa, e da Camara Municipal de Lisboa.

O major sr. Ferreira Lopes diz que o Douro procura todos os pretextos para se apropriar do monopolio dos vinhos licorosos de Portugal por isso a revolta agora contra o tratado de commercio com a Inglaterra, documento que minuciosamente analysa na parte relativa aos vinhos. *Se em alguma parte se falsifica o vinho do Porto é no Douro; no sul, não. Não precisa o sul fazel-o porque tem os seus vinhos regionaes, e não necessita de usar a marca «Porto».*

O sr. José Relvas diz que estão todos reunidos para defender as liberdades publicas, abstrahindo de quaesquer considerações politicas. O primeiro projecto era uma perfeita monstruosidade; felizmente a commissão de agricultura conseguiu apresentar outro. O usufructo de privilegios para uma região do paiz em detrimento das outras é um attentado aos direitos das restantes. E' preciso que se mantenha a liberdade da exportação dos vinhos licorosos de todas as regiões do paiz. A falsificação de vinhos, que o Douro diz querer evitar, não é no centro nem no sul que se faz, é no proprio Douro. O que é preciso para evitar abusos é fazer uma demarcação honesta da região productiva dos vinhos a que seja licito usar a marca «Porto». Deve crear-se o tipo do vinho Lisboa Wine com os vinhos da região do centro e do sul, tal qual se fez em França com os vinhos de Bordeus, que não são exclusivos da cidade, mas de varias regiões, admittindo mesmo vinhos estrangeiros.

O que o Douro pretende é estabelecer o privilegio dos vinhos licorosos de Portugal. Os bons vinhos do Douro não vão além de 15 a 20.000 pipas, e esses são caros, como os vinhos inferiores ninguem os paga caro, não podem soffrer affronta; *são previligiados por elles proprios, pelas suas qualidades*. Os privilegios artificiaes correspondem sempre á expropriação de direitos. O centro e o sul nada precisam do Douro; que o Douro nos deixe viver em paz, desfructar as nossas liberdades, sem restricções, e nada mais desejamos. A propria restricção de plantio é um ataque ás liberdades. Os movimentos de caracter economico não admittem politica; e por isso devemos industriaes, commerciantes e agricultores, reclamar legitimamente os direitos que a todos nos pertencem, sem ideias de facciosismo e sem as menores ideias partidarias. Os srs. Manuel Pestana e o conde de Samodães, importantes viticultores do norte, reconhecem que as exigencias do Douro são exaggeradas, e a sua moral não lhes permitte apoial-as. Na sua opinião, d'elle orador, se alguma região teria direito ao privilegio do fabrico de vinhos licorosos é o Algarve e não o Douro, pelas propriedades especiaes dos seus vinhedos. Mas não quer privilegios.

Entende que no projecto deve ser introduzido entre o 3.º e 4.º artigo um outro que determine a demarcação rigorosa da região considerada ao abrigo da marca do «Porto», e n'esse sentido se deve fazer uma reclamação ao parlamento. Só assim o projecto ficará completo.

O visconde de Coruche protesta contra a affirmação que o Douro faz de que o sul pretende apoderar-se da marca «Port Wine» que é exclusivamente sua, discutindo depois o artigo 1.º do tratado, por cuja eliminação opina; quanto ao 2.º considera-o pleonastico.

O sr. Luiz Gama diz que o projecto é a coisa mais monstruosa que se tem feito; e a culpa é do governo que o assignou. Os unicos responsaveis são os ministros que mostraram a sua incompetencia para estarem á testa dos negocios do paiz. E analisa o projecto que no conjuncto acha inutil; não se faça contra-projecto nenhum, e deixemo-nos ficar como estamos, por causa do perigo que tem para a questão vinicola.

O sr. José Relvas respondeu ter manifestado já ao governo que não achava conveniente o projecto.

O sr. João de Sousa apresenta a seguinte moção que a viticultura do sul e centro mantendo a sua attitude resolve: que emquanto se não proceda á revisão da legislação vinicola não ha necessidade de novas medidas legislativas para garantir os interesses da viticultura nacional, esperando a assembleia que o parlamento regeite a proposta apresentada pelo ministro do fomento; apoiar o projecto dos vogaes dissidentes da commissão parlamentar d'agricultura, sob a reserva de se proceder immediatamente á revisão da actual area demarcada no Douro de forma que esta corresponda á verdade, e suspender as suas pretensões sobre o exclusivo da barra do Porto.

O sr. visconde de Coruche e Luiz Gama declaram approvar sómente a primeira parte.

Falou em seguida o sr. Pedro Monteiro, presidente da commissão executiva da camara de Santarem. Extranha que o governo tivesse elaborado um tal projecto tão mau elle é.

O sr. Pedro Furtado da Associação d'Agricultura, propõe que se desse a discussão por terminada, e se procedesse á votação da moção do sr. João de Sousa; depois de algumas observações por parte de varios oradores e aclarações feitas pelo presidente a moção foi alterada, ficando do theor seguinte:

A assembleia entende que emquanto se não proceder a uma completa revisão da legislação vinicola não ha necessidade de novas medidas legislativas para garantir os legitimos interesses da viticultura nacional, esperando que o parlamento regeite a proposta apresentada pelo ministro do fomento, ou, se os membros dessidentes da commissão parlamentar d'agricultura entenderem dever manter o seu contra-projecto, darlhe o seu apoio, e suspender as suas reclamações sobre o exclusivo da barra do Porto; sob a reserva expressa de se proceder immediatamente á revisão da actual area demarcada do Porto, restricta á verdadeira.

A moção foi então approvada salva a redacção.

Entre a assistencia viam-se representantes de quasi todas as camaras municipaes, sindicatos e associações agricolas, do centro e sul do paiz.

A eleição presidencial

O Gremio Luzitano fez distribuir hoje um manifesto defendendo a candidatura do sr. dr. Magalhães Lima á presidencia da Republica. Sem duvida, o eminente republicano tinha todo o direito a apresentar a sua candidatura se a tal não se oppuzesse a Constituição, que determina, no seu artigo 50.º:

Os ministros não podem accumular o exercicio de outro emprego ou funcções publicas, *nem ser eleitos para a presidencia da Republica, se não tiverem deixado de exercer o seu cargo seis mezes antes da eleição.*

Ora ainda ha dois mezes o sr. dr. Magalhães Lima era ministro da instrucção publica.

A commissão eleita na reunião do grupo parlamentar democratico conferenciou esta tarde demoradamente com o sr. dr. Affonso Costa. A'manhã reune n'uma das salas da Camara dos Deputados, devendo realisar-se á noite nova reunião do grupo parlamentar democratico.

Uma regata da Associação Naval

Realisou-se hoje no Tejo uma interessante prova nautica: uma regata entre um barco genuinamente portuguez, de construcção nacional e dois barcos construidos em Inglaterra. As opiniões dividiam-se: uns defendiam as bellas qualidades nauticas da armação portugueza do latino, outros, pelo contrario, consideravam invencivel a aperfeiçoada e elegante construcção ingleza em fórma de *fin-keel*. Afinal venceu a canôa portugueza, que era timonada pelo sr. João Bissau.

O nosso collega de redacção Hermano Neves, que foi expressamente assistir a esta regata, publicará no proximo numero da *Capital* as suas impressões sobre tão interessante prova.

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 1.—Communicação official das 15 horas.

Em Artois, houve em volta de Souchez algumas tentativas de ataques allemães á granada, os quaes foram repellidos facilmente. Na Alsacia, no meio da noite, o inimigo atacou sem successo as nossas posições em Schratzmaennele e Reichseckerkoff. Soffreu perdas bastante sensiveis.

No resto da linha não houve durante a noite incidente que mereça registo.

Hontem os nossos aviões lançaram 30 granadas no campo de aviação em Dalkein, perto de Morhange, e 6 sobre um comboio militar perto de Château-Saline.—(*Havas*).

Um funeral imponente

Foi o que hoje se realisou de duas das victimas do drama de engenharia

Milhares de pessoas nas ruas do percurso

Estavam os funeraes marcados para sahirem do hospital ás 17 horas, mas, muito antes já no largo fronteiro ao edificio e no jardim se viam centenares de pessoas aguardando a sahida do prestito. Officiaes, sargentos e praças do exercito de terra e mar vão chegando, dirigindo-se para a casa mortuaria onde se veem os caixões de velludo com os cadaveres dos sargentos. O funeral do cabo quartelleiro realisára-se ás 12,30 horas indo o caixão n'um armão coberto com a bandeira nacional. Acompanhavam o funeral umas 10 pessoas e o capitão da companhia a que elle pertencia e que offereceu uma coroa de violetas e lilazes.

A's 17 horas e 50 minutos o sargento-ajudante de engenharia sr. Malaquias, que dirigia o funeral, deu ordem para se organisar o cortejo, assim constituido: A' frente 4 soldados de cavallaria da guarda republicana; deputação de soldados de cavallaria e de infantaria da mesma guarda abrindo alas; carreta forrada de negro conduzindo corôas; armão puxado a 3 parelhas conduzindo o caixão com o cadaver do sargento Affonso, coberto com a bandeira nacional e seguido de varias pessoas de familia, levando a almofada com o bonet e a espada o sargento Rosa Bastos; outro armão a duas parelhas com o caixão do sargento Joaquim Franco, sendo a espada e o bonet do finado levado pelo 1.º sargento João; outro armão a 3 parelhas transportando mais corôas e ramos e por ultimo os convidados, fechando o prestito deputações de sargentos de todas as armas de terra e mar.

Contingente da administração militar, infantaria 1, 2 e 16 sob o commando de sargentos e officiaes fechavam o cortejo. Nos funeraes tomaram parte mais de 500 sargentos, estando o governo representado pelo alferes Paula Pacheco, em nome do sr. presidente do ministerio e ministro da marinha; capitão Fernandes Thomaz, pelo sr. ministro da guerra, e capitão Tavares de Carvalho, pelo ministro do interior. Tambem se incorporaram no prestito o capitão de fragata e commandante da divisão naval sr. Leotte do Rego e grande numero de officiaes da armada, generaes Judice da Costa, commandante da 1.ª divisão, e Carvalhal, commandante da guarda republicana, tenentes-coroneis Alves Roçadas e Sacramento Pinto, major Pereira Bastos, capitão Carrazeda, visconde da Ribeira Brava, alferes Fabião, capitão Pestana, deputado Thomaz de Sousa Rosa, tenente-coronel Teixeira de Vasconcellos, senador Francisco Antonio Baptista, major Curado, capitão-tenente Constantino de Lima, engenheiro Monteiro de Carvalho, etc.

Fizeram-se representar no funeral a Commissão Parochial Republicana de S. Mamede, Gremio Luz e Verdade, Commissão de Vigilancia dos Revolucionarios Civis, União Luzitana, Banda da Republica, bandas de musica do corpo de marinheiros e da guarda republicana, Instituto Profissional do Exercito, Centro Democratico da Lapa, Centro Thomaz Cabreira, Centro Eleitoral dos Defensores da Republica, Centro e Commissão Parochial de Belem, etc. No hospital foram recebidos telegrammas de Lisboa, Palmella, Barquinha, Cascaes, Penafiel, Braga, Porto, Covilhã e Coimbra. Uma numerosa deputação de conductores e guardas-freio dos electricos tambem se incorporou no prestito, que chegou ao cemiterio ás 18 horas e 25 minutos.

Na carreta e no armão viam-se corôas offerecidas pelos sargentos de infanteria 5, dos officiaes inferiores de terra e mar dos soldados da companhia a que pertencia o sargento Franco, dos officiaes, sargentos, equiparados, cabos, soldados e corneteiros de infantaria 1, dos cabos e soldados de sapadores mineiros.

Tambem offereceram corôas os soldados e cabos de infantaria 16, os officiaes, sargentos e equiparados do mesmo regimento, as praças da armada, os sargentos da companhia dos caminhos de ferro, da corporação os sargentos pontoneiros, dos officiaes de sapadores mineiros e dos soldados de engenharia.

O caixão do sargento Almeida, a outra victima, deve seguir ámanhã para a estação de Benespera, Guarda, visto a familia ter requisitado o cadaver, ao que não se oppôz o sr. Norton de Mattos, ministro da guerra.

Assim que o prestito chegou ao cemiterio, uma onda enorme de multidão dirigiu-se para as covas. Os armões com os cadaveres pararam em frente á antiga capella do cemiterio, sendo proferidos ahi os discursos.

O commandante da 1.ª divisão general sr. Judice da Costa falou em nome do exercito; Leotte do Rego, pela marinha; capitão Tavares de Carvalho, pelo povo de Lisboa; 2.º sargento licenceado Raphael Ribeiro, pelos alumnos do curso de sargentos da Casa Pia; deputado Domingos Cruz, pelos sargentos da armada; sargento-ajudante de engenharia Malaquias, pelo regimento de engenharia; 1.º sargento Carvalho, pelos sargentos de infantaria, e sargento Salgueiro.

Todos os oradores tiveram palavras de saudade pela morte dos seus camaradas, affirmando a sua fé inalteravel pela Republica, que nenhum attentado será capaz de abalar. Accrescentaram que todos estão dispostos a fazer o sacrificio da sua vida em holocausto á Republica, atravez das horas mais difficeis e perigosas, pois que a Republica é o ideal a que elles juraram votar o sacrificio da vida.

Touradas

Campo Pequeno—A festa de Manuel dos Santos attrahiu a esta praça enorme concorrencia. As honras da tarde couberam aos amadores irmãos Mascarenhas, que tiveram magnificos pares. Os espadas nada fizeram digno de menção especial e os cavalleiros houveram-se regularmente. Manuel dos Santos foi muito saudado.

PEQUENAS NOTICIAS

Manuel Rato, morador na rua das Trinas, pateo, tentou suicidar-se disparando dois tiros de revólver no peito. Foi conduzido ao hospital de S. José.

Um urso morto a tiro

Dois homens feridos

No Paço do Lumiar andavam esta tarde dois individuos exhibindo um urso. Convidados a sahirem d'ali pela policia e pela guarda fiscal, recusaram-se a obedecer e açularam o animal contra os agentes da auctoridade, pelo que um soldado da guarda fiscal, mettendo a arma á cara, disparou alguns tiros, matando-o.

Na precipitação, porém, com que os tiros foram dados, duas balas foram ferir Henrique Jorge e Carlos Bastos, que estavam assistindo ao que se passava e que foram immediatamente conduzidos ao hospital de S. José.

A CARESTIA DA VIDA

O comicio de hoje no parque Eduardo VII

Ao comicio de hoje no Parque Eduardo VII, realisado sob um sol ardente e muito mais concorrido de que o que se effectuou ha precisamente um mez, presidiu o sr. Evaristo Esteves, secretariado pelos srs. Augusto Melo da Silva e Marcellino da Silva.

Deu-se inicio aos trabalhos depois das 16 horas, depois do presidente declarar aberto o comicio em nome da União Operaria Nacional.

Usa, em primeiro logar, da palavra o sr. Sousa Neves. Refere-se largamente á assembleia popular de S. Carlos. N'ella se chegou a conclusões sobre as quaes todos estiveram de accordo. E' preciso, pois, que outro congresso, o de S. Bento, sanccione as resoluções tomadas em S. Carlos, onde ficou apurado que na cidade de Lisboa se falsifica o pão, roubando-se o povo á custa de quem outros enriquecem. O orador allude a varios assumptos versados em S. Carlos, como o da cultura da beterraba que barateara enormemente o assucar. A'cerca da efficacia da acção parlamentar, diz que o operario se mostra descrente d'ella.

Ha quem accuse os operarios de desordeiros. A desordem está no parlamento, clama o orador. Ainda hontem isso ficou demonstrado com os murros nas carteiras sem proveito algum para o povo e para o paiz. Que o parlamento arripie caminho são os seus votos e que sem delongas se occupe dos assumptos versados em S. Carlos e se mostre solidario com as resoluções ali tomadas. (Muitos appoiados).

Em nome da União dos Syndicatos de Lisboa, fala o sr. Joaquim Nogueira. Ataca com vehemencia o que chama a organisação burgueza. Ella pesa, ha seculo e meio, sobre o operariado, escravisando-o e explorando-o.

O orador tem duvidas do que dos trabalhos de S. Carlos alguma coisa resulte de util para o paiz. Só o povo pode e ha de resolver a questão.

O sr. Joaquim Marques tambem não crê nas consequencias beneficas da assembleia de S. Carlos, que no emtanto teve uma vantagem: demonstrar que o operariado não merece o epitheto de desordeiro e que sabe fazer projectos de lei bem mais uteis e praticos do que os dos legisladores de S. Bento.

O sr. Sebastião Eugenio fala na mesma ordem de ideias. Ataca a obra do parlamento. Lamenta a indifferença do povo que, de ha muito, devia tratar directamente dos seus interesses.

Explorando ignobilmente o povo, teem-se juntado em Lisboa verdadeiras riquezas. E' preciso que o povo deixe de andar a correr atraz de politicos. Nada lhe dão e tudo lhe tiram.

Os srs. Joaquim Cardoso, Miguel Luiz Vieira e Carlos de Melo secundam os oradores precedentes e mencionam factos para demonstrarem a gravidade da carestia da vida.

Como seja tarde, o presidente do comicio quer submetter á approvação da assembleia a moção, levantando-se protestos de varios circumstantes que desejam usar da palavra.

Lê-se, por fim, a moção, concebida nos termos seguintes:

Considerando que os generos de primeira necessidade, pelo extraordinario augmento do seu preço e tambem pelo estacionamento dos salarios, cada vez vão sendo mais inaccessiveis ás classes trabalhadoras;

Considerando que essa carestia, nos generos de importação, sendo proveniente, em parte do augmento do preço dos fretes, do agio do ouro e dos seguros de guerra, n'outra parte é devida simplesmente á especulação desenfreada e á ganancia desmedida dos importadores;

Considerando que se a carestia dos generos de importação estrangeira é, assim, em parte justificada, não tem justificação séria nos de producção nacional;

Considerando que no Congresso de S. Carlos, de iniciativa do governo, se encontrou solução satisfatoria para o barateamento do pão e das carnes, estando em vias de solução a diminuição do custo do peixe fresco e do bacalhau, do assucar, do arroz, dos legumes, etc.;

Considerando que o projecto de lei do pão, approvado pelo Congresso Popular e entregue ao parlamento por intermedio do governo, é o mais rasoavel e o mais equitativo, e tanto que os representantes mais idoneos da moagem, da panificação e da agricultura ainda não reclamaram contra elle, antes teem pedido a sua approvação;

O povo de Lisboa, reunido em comicio publico, resolve:

1.º Reclamar do parlamento, por meio de comicios e sessões, a approvação do projecto de lei sobre o pão, votado na assembleia de S. Carlos, sem lhe introduzir modificações que alterando as suas bases essenciaes, dêem á moagem e á panificação um pretexto para fugir aos compromissos solemnes tomados perante o povo no Congresso Popular;

2.º Reclamar que sejam convertidas em lei as conclusões votadas no Congresso Popular sobre carnes;

3.º Que se o projecto sobre o pão, emanado da assembleia popular e entregue ao parlamento por intermedio do governo, não fôr ali approvado, que os delegados das associações de classe que fazem parte das diversas commissões dêem immediatamente as sua demissão, não voltando mais a collaborar em semelhantes trabalhos;

e n'este caso:

4.º Que se torne o parlamento responsavel pelos abusos que se continuarem commetendo na elevação injustificada dos preços de muitos generos essenciaes á vida e se distribua por todo o paiz um vibrante manifesto proclamando a impotencia do Congresso da Republica para moderar a ganancia dos esfaimadores do povo.

E em conclusão:

5.º Proseguir depois e intensificar, por meio de comicios e de manifestações, o movimento contra a carestia dos generos e das rendas de casas, passando-se a reclamar não a diminuição do seu preço, como até aqui, mas um augmento de salarios correspondente ao aggravamento do custo d'aquelles, devendo as organisações operarias encarar esta segunda solução do problema e prepararem-se desde já para ela.—*A União Operaria Nacional.*

Approvada a moção, recomeça o incidente. Varios oradores se improvisam, agitam-se moções escriptas, discute-se acaloradamente, mas o maior numero protesta com energia e todos debandam sem que nenhuma occorrencia grave se produza.

SPORT

Os homens de "sport", na guerra

Entre os bravos que teem sido condecorados no campo de batalha contra os allemães contam-se muitos ciclistas. Entre os que ultimamente receberam a medalha militar apparece Adrien Alpini, que é um campeão e um athleta extremamente popular entre Marselha e Nice e um dos heroes da volta da França que na ultima d'essas provas gigantescas se classificou em 6.º logar nos «isolados» e em 39.º logar da classificação geral.

Quando soou a hora da mobilisação, o excellente estradista foi incorporado no 163.º de infantaria franceza e promovido a sargento. Tempos depois era citado na ordem do dia, porque á frente dos seus homens effectuou um perigoso reconhecimento nas trincheiras inimigas!

Essa gloria não foi sufficiente para o valente velocipedista e é assim que teve direito a nova citação, honrosa, a de um heroe:

«Alpini, promovido a ajudante e decorado com a medalha militar, pela sua coragem extraordinaria, matando pela sua mão dez inimigos na sua trincheira.

Os jornaes francezes, commentando este acto de temeraria audacia, dizem: «Campeão já o era Alpini; heroe tornou-se agora».

Notas do dia

Como o Club Naval trabalha

O calendario d'este anno, do Club Naval de Lisboa, affirma a extraordinaria actividade dos seus corpos dirigentes. Fazer a designação das provas d'esse calendario equivale a valorisar essa obra de propaganda e de patriotismo do Club.

O calendario é o seguinte:

13 de junho, remo, Taça Lisboa, na Junqueira; 25 de julho, remo, Taça Azambuja, na vala de Azambuja; 8 de setembro, remo, Taça Mondego, na Figueira da Foz; 19 de setembro, natação, escudo G. C. P., da Trafaria a Pedrouços; 10 de outubro, remo, taça 5 de Outubro, na Junqueira.

As festas officiaes do Club Naval de Lisboa são: 27 de junho, 1.ª festa official com regatas e batalha de flores em Algés; 1 de agosto, 2.ª festa official, com natação no caes da Viscondessa; 15 de agosto, 3.ª festa official, com natação no caes da Viscondessa.

Os passeios officiaes do Club Naval de Lisboa são: 27 de junho, 1.º passeio official em Algés; 25 de julho, 2.º passeio official na Azambuja.

As provas organisadas pelo Club Naval de Lisboa são: 17 de julho, de Water-polo para a taça C.N.L., entre o S. A. D., G. C. P., C. N. L. e A. N. L.; 18 de julho, de motor para a taça Heredia; 18 de julho, de vela para a taça Patria; 31 de julho, Water-polo para a taça C. N. L., entre os A. N. L., S. A. D., G. C. P. e C. I. F. B.; 1 de agosto, de natação para a taça Henrique de Seixas; 1 de agosto, de vela para a taça Patria; 14 de agosto, de Water-polo para a taça C. N. L., entre S. A. D., C. N. L., A. N. L. e C. I. F. B.; 15 de agosto, de natação para a taça Luiz de Camões; 15 de agosto, de vela para a taça Patria; 22 de agosto, de Water-polo para a taça C. N. L., entre os S. A. D., C. I. F. B., G. C. P. e C. N. L.; 29 de agosto, de Water-polo para a taça C. N. L., entre os G. C. P., A. N. L., C. N. L. e C. I. F. B.; 5 de setembro, de natação para a taça Silva Carvalho.

As taças instituidas pelo Club Naval de Lisboa são: Taça Club Naval de Lisboa do campeonato de Water-polo, no caes da Viscondessa; taça Heredia, motor, em Algés; taça Patria, de Centerboards, na Junqueira; taça Henrique de Seixas, do campeonato de 100 metros (equipes), caes da Viscondessa; taça Luiz de Camões, do campeonato de 500 metros, equipes, no caes da Viscondessa; taça Silva Carvalho, da travessia do Tejo a nado, da Trafaria a Pedrouços.

Augmentam as inscripções do campeonato de espada na Amadora

Os organisadores da «Festa de Armas», que se realisa no sabbado, 7, na Amadora, devem estar orgulhosos, porque nunca se conseguiu uma inscripção tão valiosa para um campeonato de espada.

No «rink» dos Recreios Desportivos vão reunir-se entre outros, os seguintes esgrimistas portuguezes: dr. José de Pitta e Castro, atirador classico e elegante; Carlos Farinha, campeão de Portugal de 1915; Antonio Montez, atirador seguro e energico; Domingos Genúil, atirador de excepcionaes recursos; Marciano Beirão, um dos melhores esgrimistas de agora e 3.º classificado no ultimo campeonato da Federação; Franco de Castro, atirador cauteloso e intelligente; dr. Manoel de Pitta e Castro, campeão escolar de 1915, campeão dos juniors de 1915; Fernando Farinha, um «outsider» de excepcional merecimento; Jorge Paiva, campeão da Federação de Sports de 1915, 2.º classificado no campeonato de Portugal de 1915; Augusto Farinha, excepcional esgrimista de grande futuro; Raul Gaya, um dos juniors que equivale a um senior.

A inscripção fecha na proxima quinta-feira, ás 6 horas da tarde, e está aberta a todos os esgrimistas. Como temos noticiado, as bases principaes d'este campeonato são: assaltos a «exclure», isto é, a primeira derrota equivale a eliminação; assaltos entre seniors a 3 toques; assaltos entre juniors a 3 toques; assaltos entre juniors e seniors com handicap de 2 por 4 toques; maximo de tempo dos assaltos 10 minutos; «coups-doubles» marcados; ordem dos assaltos tirada á sorte; torneio á noite, sobre cimento á luz de lampadas electricas e ao ar livre.

O «Viscaya» vem para Lisboa

A' nossa redacção chegou hontem uma boa noticia. E' a de que a direcção do Stadium estava negociando a compra do balão espherico «Vizcaya», o mesmo Stadium estava negociando a compra que, pilotado pelo habil piloto hespanhol D. Eduardo Magdaleno, levou n'uma viagem até Alcochete o nosso companheiro de redacção dr. Hermano Neves.

Com que proposito faz essa compra o Stadium? Com o proposito louvavel de fazer a propaganda da aeronavegação, utilisando um globo magnificamente acondicionado, de tela cautchoutada e ainda porque se desejam formar pilotos portuguezes de esphericos, segundo o que se combinou com os aeronautas hespanhoes que concorreram ao concurso do Stadium e cujo insuccesso, na parte relativa aos outros balões, se deve á qualidade e deficiencia do gaz.

Algumas anecdotas

Dialogo entre um avião allemão e um avião francez...

Os francezes para manterem a fé e o culto pela patria entre os seus escolares, dão-lhes themas especiaes para desenvolverem. Ha pouco tempo n'um pensionato, foi dado a uma pequenita de 12 annos o seguinte exercicio: «Dialogo entre um avião allemão e um francez».

A pequenita atrapalhou-se. Não sabia o que escrever. Recorreu a uma mestra amiga, que nada lhe disse. Recorreu a outras companheiras, que pouco sabiam. Recorreu, por fim, a um seu irmão, um pequenito de 8 annos apenas.

—Estás atrapalhada? *Tem graça!...* commentou a creança.

—Pois não sei o que hei de dizer de aviões... Que sei eu d'essas coisas?...

—E' simpls. O avião *boche* é gordo, muito grande. Faz —Pum, pum, pan, pan, pum. O avião francez é mais delicado e responde: Pif, paf, ratapanpan, pan, pan, clac, clac., e por fim o *boche* desequilibra-se e cae todo em chammas...

—Mas é muito simples...

—Pois é. Escreve assim, que está bem.

Noticias

Entre nós

Nucleo Pró Montes Herminios

Constituiu-se na Guarda um grupo de admiradores dos Montes Herminios que no intuito de fazer conhecer aos habitantes da cidade egiptaniense as bellezas da famosa Serra da Estrella se propõe levar a effeito uma excursão de recreio aos elevados pincaros d'aquella serra.

Reina grande enthusiasmo entre os membros d'este nucleo, estando já inscriptos os srs. dr. Antonio Luiz Rebello, Francisco Dias, professor Antonio Dias, D. Manoel da Cunha e Menezes, Antonio Pissarra Pimentel, Annibal de Sousa, Raul Marques, Luiz Pissara, Ernesto Salvado, Fausto Abreu, Julio de Andrade, Luiz Homem e José Augusto Cambraia.

Ainda não está designado o dia em que a excursão se realisará, sendo, porem, por todo o mez de agosto.

A caravana que está sendo organisada pelo nucleo herminista será dirigida da Guarda á Covilhã pelo sr. Seraphino Luiz d'Aguiar, e d'esta cidade ao Sanatorio pelo sr. Silvestre Rodrigues, e d'aqui aos Cantaros e mais pontos interessantes da serra pelo devotado propagandista sr. Sergio Sucena.

O fornecimento de viveres será offerecido gentilmente pela afamada «patisserie» Ayres, da Guarda.

União Sport Graça

A convite do Sport Club Progresso, realisa-se no dia 8 de agosto um passeio seguido de almoço no restaurante Fautino, de Cabo Ruivo, esperando-se que seja muito animado e para o qual se encontra aberta a inscripção na séde do Club até hoje á noite.

Bens das congregações

O rendimento de hoje, da venda de paramentos no antigo convento do Sacramento, em Alcantara, foi na importancia de 400 escudos, approximadamente. O leilão continua ámanhã e depois ás 12 horas. Na proxima quarta-feira, ás mesmas horas, serão vendidos, em hasta publica, no antigo convento das Salesias, em Belem, o retabulo da egreja, um piano e outros objectos.

PEQUENAS NOTICIAS

João Saavedra, morador na rua Nova do Loureiro, 139, loja, foi preso por entrar na confeitaria sita na rua do Mundo, 143, e ali ameaçar com uma pistola automatica carregada com 7 cargas Francisco da Silva Chagas. Tambem foi preso José Maria, morador na quinta de Santo Antonio, por ser encontrado dentro da taberna sita na rua Silva e Albuquerque e ameaçar com um revólver carregado com 5 balas as pessoas que alli se encontravam.

—No dia 22 do mez passado desappareceu da travessa do Terreirinho, 10, 2.º, onde estava aos cuidados de Maria José Domingas, a menor de 16 annos Matilde Pereira. A policia procura-a.

—Foram demittidos da policia a seu pedido os guardas n.ºs 453, José Maria Avellar, e 505, Adelino Duarte Victorino.

—O sr. João de Freitas Lucio, morador na rua Marques da Silva, letra A, 1.º, apresentou queixa á policia contra o sargento ajudante de cavallaria 4, sr. Mario Augusto de Menezes Machado, accusando-o de ter illudido sua filha Zulmira Olinda de Freitas, de 19 annos. Chamado hoje o accusado ao governo civil a fim de prestar declarações ao agente Leite, quando terminava o interrogatorio o queixoso aggrediu-o á bengalada, sendo mandado em paz por a enganada ser maior, recolhendo o aggressor a um dos calabouços.

—Nos calabouços do governo civil continuam detidos os individuos hontem presos accusados de tomarem parte na desordem que se travou na abegoaria municipal. O chefe Murtinheira com os seus agentes começou hoje as investigações a fim de se apurarem as responsabilidades de cada um dos presos.

—No hospital de S. José recolheram á enfermaria de S. Sebastião: José Gameiro, colhido e ferido no braço esquerdo pela engrenagem de uma machina, na exploração do porto de Lisboa, onde é machinista; á de Santo Alberto, José Garrido, marceneiro, que se feriu na sua residencia com um vidro, e á de Sousa Martins o trabalhador José Joaquim, caseiro da quinta do Costa, em Linda-a-Pastora, aggredido á cacetada por José Lila, ficando com fractura dos ossos do nariz.

IMPOSTOS EM CABO VERDE

A contribuição predial

póde e deve render mais, sem que o contribuinte seja onerado

Se nas avaliações da propriedade rustica em Cabo Verde ha manifestas inexactidões, no que diz respeito ás avaliações da propriedade urbana para o effeito da applicação da decima predial, ha que entrar em linha de conta com a opposição desbragada dos proprietarios e a sua influencia politica. Muitas vezes nós fomos testemunhas de se pretender conseguir uma transferencia de um funccionario de fazenda, por querer cumprir a lei, fazendo-se vêr que o funccionario exhorbitava. De fórma que a dependencia influe nas avaliações.

Vamos a comparações: residiamos em Cabo Verde, n'uma casa cujo rendimento conhecido para o proprietario era de 120$ escudos annuaes. No emtanto tinha pago, de contribuição predial, 7$00 no anno anterior. Só n'este predio o Estado perde annualmente 5$00, fóra os addicionaes, porque o proprietario indicou o valor do predio e não o seu rendimento. Seja como fôr, o Estado perde, e não perde pouco todos os annos.

Ha então o recurso da copia de um melhor sistema de contribuição, que é o usado pelo governo belga, no Estado Livre do Congo. Por cada metro quadrado de superficie das casas de habitação, incluindo as dependencias e quintal murados, o Estado recebe um imposto de 20 centavos nas terras de primeira ordem, 15 centavos nas de segunda, 10 centavos nas de terceira e 5 centavos em todas as outras povoações, sendo imposto por cada pavimento do predio. Comparemos á casa de habitação já referida este sistema da colonia belga. O predio tem 54 metros quadrados de superficie; á taxa referida de 20 centavos, o rendimento liquido seria de 10$80. Portanto entre o sistema por avaliação e o da taxa fixa por area occupada, não ha que recear em escolher este segundo modo de applicação do imposto. A influencia politica desapparece, por não ser possivel conseguir a modificação do methodo conhecido de multiplicar, emquanto que o receio de uma transferencia pode muito bem fazer variar para menos o «quantum» da avaliação, uma vez que se desconhece o rendimento, o ter que se fazer o serviço operando pela consciencia, que é uma coisa que varia muito de individuo para individuo, e não se pode obrigar a que seja uma.

Dizem as estatisticas de Cabo Verde que em 1913 existiam em todo o archipelago 33:144 casas. Supponhamos que cada casa occupava apenas uma area de 20 metros quadrados, a que applicariamos uma taxa de 5 centavos por metro quadrado, ou seja uma totalidade de 33:144 escudos por anno para o Estado.

Estamos calculando que alguns dos nossos leitores, quando vejam estas series de quantias, se lembrem de dizer que somos de Minas Geraes. Nada d'isso. Nós entendemos que a auctoridade de uma pessoa, em materia de discussão de impostos, só se adquire quando concorre tanto quanto póde para o augmento das receitas do Estado, e, logo que o faz, tem o plenissimo direito de não concordar com a applicação que o governo faça d'esse dinheiro. E' o caso inverso de Cabo Verde. O contribuinte que póde e deve pagar bem ao Estado aquillo que é muito d'elle esquiva-se por todos os meios a fazel-o; mas é o primeiro a censurar o governo pela applicação que faz dos dinheiros publicos. Tal não deve ser. Impõe-se, tão depressa quanto possivel, que o governo consiga novas leis sobre os impostos em Cabo Verde, onde, tapados todos os alçapões, alcance as verbas necessarias para desenvolver os serviços publicos e fomentar a riqueza. Claro que, se se conseguissem leis assim, haveria a mesma opposição que aqui houve á lei da contribuição predial da iniciativa do dr. Affonso Costa, mas tal opposição era garantia bastante da efficacia de tal lei.

Antes de entrarmos na discussão da lei das terras, queremos referir-nos ainda á contribuição de registo em Cabo Verde, cujo rendimento em 1913 foi de 3:688$ por titulo gratuito e de 8:910$ por titulo oneroso. Ora o imposto de registo devia ser levissimo. Devo o Estado receber uma remuneração pelos actos a que garante a publicidade e á execução do qual obriga; mas esta remuneração devia ser, não precisamente proporcional ao serviço prestado, o qual é inapreciavel, mas proporcional ás despesas e ao trabalho que dá a fazer. Tudo quanto dê á propriedade garantias solidas é indispensavel nas colonias: se a propriedade não estivor perfeitamente segura e ao abrigo de qualquer contestação injusta, a cultura pouco progresso fará e a população ficará estacionaria. E' convenientissimo que o serviço do registo e das hipothecas esteja muito bem organisado. Mas para que o registo se faça é preciso que não seja muito caro: ora em Cabo Verde a contribuição de registo é carissima. Ali a propriedade, em 10 annos, chega a passar cinco vezes de dono. A contribuição do registo em Cabo Verde restringe extraordinariamente as transacções immobiliarias, o que é um verdadeiro obstaculo ao progresso da cultura. E quanto ganha o Estado com isso? Em fomentar, nem mais nem menos, o cultivo do descaminho do pagamento do imposto do registo, ou então as declarações infimas do preço da venda.

Como evitar isto? No proximo artigo o diremos, citando o exemplo do que se fez no Congo belga.

Armando Xavier da Fonseca

Gremio Republicano d'Alcantara

Continuam hoje as festas e «kermesse» a favor do fundo escolar promovidas pela direcção e com o obsequioso concurso do actor Pinto Junior e sua companhia, subindo á scena a revista em 1 acto e 4 quadros «No reino da mentira» e a operetta em 1 acto «Ordinario! marche...» originaes de Pinto Junior, um acto de variedades e 2.ª apresentação de Carlos Moreira e seu volante nos seus brilhantes trabalhos em forças combinadas que tantos applausos obtiveram na ultima festa.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A reforma da policia portuense

E' preciso que a policia seja intelligente, educada e... republicana

Porto, 26 de julho

—Não é possivel—diz-nos um alto magistrado—, não pode admittir-se que a corporação policial, que custa, alliás, rios de dinheiro, em logar de ser uma corporação creada e mantida para guarda dos cidadãos, para a defesa de latrocinios, de assaltos e de «escroquerics» se mantenha e enkiste, velha, rabujenta, nos ideaes do passado, julgando que o seu dever—o Dever—é dar para baixo, desde as partes carregadas até á chanfalhada—quando não vae a tiro de pistola, nervosamente, doidamente disparado.

«A policia, como está, é uma especie de Intendencia á Pina Manique. Um dos inspectores, dos derradeiros dias da monarchia mandou affixar nas paredes dos varios gabinetes, salas e ante-salas da policia judiciaria quadros grandes, em parangona impressa, entre os quaes um critico alegre se distrahiu com este:—«A policia é um corpo de paz». O critico alegre, que, aliás, não tinha a graça franca e vivaz, natural e communicativa do nosso distinctissimo camarada Guedes d'Oliveira, commentou:

«—Sim: E' um corpo de paz:—záz, traz. Quando lhe dá para bater é que a «paz» se manifesta mais... Porque, no antigo conceito de que quem dá o pão dá o castigo, a policia entende que é o pão da ordem e que esta ordem só se consegue com a «paz» do torçado e com as partes carregadas das autoações.

«Vá um pobre ingenuo repontar com qualquer ordem policial... Apanha, que nem feijão miudo batido em eira, ao sol mais picante de agosto. Razões, desculpas, provas de que não entrou na «fita»? A policia não quer saber d'isso... A nossa policia não tem o sentimento da sua alta funcção social...

—Isso é, talvez, injusto—diz-nos alguem que conhece bem a policia do Porto.

—Mas dirá da sua justiça, se lhe apraz...

E o nosso interlocutor, que é um funccionario policial muito distincto e muito honesto, respondeu:

—A policia do Porto é uma das corporações melhor organisadas de entre todas as corporações identicas do Paiz. E' necessario que isto se diga, que isto se affirme, porque só se diz e só se affirma a verdade. Nem em Lisboa, que é a capital do Paiz, a corporação policial tem um tão alto sentimento da comprehensão dos seus deveres civicos e da funcção a desempenhar perante e atravez dos casos que occorrem, ora nervosos, ora de revoltas das ruas. A policia do Porto é exemplar, depois da intelligente direcção do sr. Caldeira Scevola. Mas é preciso que se affirme tambem: a policia do Porto tem de ser saneada. Porque? Parece um paradoxo.

—E' que na policia do Porto ha muitos elementos que é forçoso dispensar. Quem não é por nós é contra nós... E' da religião catholica. E' doutrina da *Liberdade*, e de todos os caciques jesuitas. Dispensal-os não é demittil-os. E' simplesmente affastal-os do serviço policial, o que lhes será agradavel, visto que não commungam no regimen. Ha-de ter a Republica funccionarios contrafeitos a servil-a simplesmente de «ordenados» e sem amor e sem carinhos de afeição? Não. Não é possivel. A policia tem de sanear-se. Tem de transformar-se. E' necessario que seja uma corporação que sirva a cidade, que defenda os seus habitantes, uma corporação intelligente que não vexe os cidadãos, sem deixar de respeitar e amar o regimen. E é por isso que a reforma que se diz vae fazer-se não deve deixar de basear-se n'estes dois principios:

A policia tem de ser intelligente e educada, e de integrar-se na defeza da Republica.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — O sr. juiz.
POLITHEAMA — A's 21 — A amante de meu genro.
EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Agenda da semana

SEGUNDA-FEIRA—Politeama—*Reprise* da comedia *O sr. juiz.*
QUINTA-FEIRA—Avenida—Primeira representação da peça de Feydeau, *Fernando vae casar*, traducção de Jorge de Abreu.

Ao correr da penna

Não resisto a transcrever mais um trecho da carta que Antoine escreveu a Le Bargy e da qual dei hontem um excerpto interessante:

—«*Para voltar ao seu caso, meu caro Le Bargy, o senhor fez mal em examinar e criticar uma peça livremente concebida, por motivos que o sr. ignora, por um escriptor de talento. E, como não se podem fazer bem duas coisas a um tempo, estas preoccupações estranhas perturbaram-n'o e podiam collocal-o na impossibilidade de dar ao auctor tudo quanto lhe era licito esperar do seu interprete: a sinceridade e a fé que elle depoz nas suas mãos para as traduzir em publico. O sr. parece-me, n'este momento, um soldado que, conhecendo o seu general sem conhecer o conjuncto da batalha, se batesse sem enthusiasmo, ganhasse a batalha tendo a impressão de a perder ou, em caso de derrota, a acceitasse sem enfado*».

Esta incapacidade dos comediantes avaliarem o verdadeiro merito de uma peça tem-se assignalado entre nós de tal fórma, que para muitos auctores é condição de successo de uma obra os artistas predizerem um fracasso.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A *tournée* Mendonça de Carvalho termina no fim d'este mez. O mez de setembro será consagrado pela empreza Mattos e Mendonça a preparar a futura epocha do Gymnasio.

Não tem tido infelizmente sensiveis melhoras no seu estado o actor Telmo Larcher.

A companhia do Politeama parte para o Brazil no mez de abril do anno proximo. Da mesma companhia passaram a fazer parte para a epocha de verão as actrizes Jesuina Motilli e Elvira Costa.

No estrangeiro

A Associação dos Directores do Theatro de Provincia, de França, reuniu ha dias para estudar a fórma de remediar a crise dos seus artistas.

Em Paris succedem-se as *reprises* de peças antigas. Coube agora a vez ao *Durand e Durand* e a *L'enfant du miracle*.

Circos & Music-halls

Noticias

ENTRE NÓS

O magnifico Salão Olympia continua annunciando as suas sessões sempre com «films» interessantes, bellos de aspecto panoramico e educativo. E todas essas sessões são concorridas pelo elemento elegante de Lisboa. Agora, o programma annuncia o «film» «A Explosão».

—Inaugurou-se hontem o theatro José Ricardo, da Figueira da Foz, com animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 23—Companhia infantil—Cura da aldeia.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Movimento associativo

Albergue das Creanças Abandonadas

Para resolver sobre a acquisição de terreno e construcção d'um sanatorio em Calhariz de Bemfica, reuniu hoje a assembléa geral sob a presidencia do sr. Sebastião José Machado Correia. O sr. Alexandre Morgado apresentou e fundamentou uma proposta approvada por acclamação para que seja adquirido por compra um terreno e casas annexas situado na estrada do Calhariz de Bemfica n.º 49, ao Alto da Boa Vista, pela quantia de 3.50 $.

Foram approvados socios de merito os srs. Alfredo Augusto Freire de Andrade, J. A. Beal Pena, Tristão da Camara Pestana, Agostinho Marques Patrocinio d'Almeida, José Joaquim da Costa Fernandes, dr. João Eloy, José Francisco de Moura e Sá, Agostinho Rodolpho Sedrim, José Thomaz de Figueira Quadros, as firmas J. H. Jansen & C.ª, Meco & Irmão, Lopes & C.ª, Joaquim Cesar Paiva, as aggremiações musicaes, Sociedades Concentração Musical e Alumnos do Apollo, e as Tunas Commercial e do Club Recreativo Musical 6 de Setembro.

Albergue dos Invalidos do Trabalho

Sob a presidencia do sr. general Luiz Augusto Ferreira de Castro, secretariado pelo srs. Alberto Fonseca dos Santos e Francisco Christo, reuniu hoje a assembléa geral d'este estabelecimento de beneficencia. Lido e approvado o relatorio da gerencia finda, procedeu-se á eleição da meza e da commissão revisora de contas, que deu o seguinte resultado:

Meza—Presidente, general Luiz Augusto Ferreira de Castro; vice-presidente, Gustavo Ernesto Bensour Maneitty; secretarios, Alberto Fonseca dos Santos e Francisco Christo; vice-secretarios, João Antonio da Matta e Eduardo Taborda.

Commissão revisora de contas—José Vicente de Oliveira Junior, Manuel Henrique de Carvalho e Alfredo Dias de Sousa Carvalhal.

Faculdade de medicina

Para se tratar de conseguir exames em outubro para os alumnos do curso definitivo d'esta faculdade, reprovados na epocha actual, ha amanhã, ás 14 horas, uma reunião dos interessados no Club Moderno, avenida Almirante Reis, 103, 1.º

neta e, commandados por dois officiaes e aos gritos de «Viva a França», o pequeno corpo de heroes, deslisando pela neve, correu a direito ao centro do inimigo. Ao cabo de poucos minutos d'uma lucta corpo a corpo, nem um unico francez estava vivo. O resto da companhia no cume pelejou bravamente até perder dois terços dos seus homens e se lhe esgotarem as munições, sendo finalmente vencida.

Perderam os francezes essa posição, mas conservavam ainda a quasi inexpugnavel montanha de Molkenrein, o principal pico da região, da altura de 3.375 pés, perto d'aquella e que dominava o accesso para o meio e a parte superior do valle.

Desde os fins de janeiro, d'ambos os lados houve diversos ataques em varias partes da Alsacia, sem conseguir qualquer vantagem material. Cernay, Mülhausen e o canal do Rheno-Rhodano eram os principaes objectivos dos francezes; a lucta mais violenta era em roda de Altkirch, entre Aspach e Heidweiler, ao norte da cidade e na floresta de Hirzbach, ao sul. A lucta em Aspach principalmente assumiu grande violencia e os francezes, em resultado d'uma brilhante carga de baioneta, conseguiram afinal voltar a occupar as suas primitivas posições.

No resto da Alsacia, até ao fim de fevereiro, a lucta consistiu principalmente n'uma violenta serie de duellos d'artilharia, embora por vezes com grande difficuldade devido á inundação dos terrenos. Ambos os lados esperavam a primavera e pouca mudança, relativamente, houve nos posições dos dois exercitos. Mas o resultado era favoravel aos francezes. Não só conservavam as cumiadas dos Vosges, mas os valles que corriam por entre ellas para a planicie do Rheno, e nas extremidades baixas dos valles continuavam a resistir com exito aos esforços dos allemães para os fazerem recuar para França.

Ao sul haviam estabelecido uma forte linha á entrada da Abertura de Belfort e pelo seu avanço para Mülhausen e Altkirch haviam cortado aos allemães toda a esperança de fazerem um ataque directo á famosa fortaleza.

Antes, pois, de chegar a primavera, parecia que Belfort—que fôra protegida por novos entrincheiramentos construidos n'uma area de alguns kilometros—não seria, como succedeu em 1870, tomada, nem sequer atacada.

que elles reoccuparam no dia 14—e para Souain.

Esta aldeia, que fica acima do Campo de Châlons, a cêrca de meio caminho entre Reims e a posição allemã em Vienne na floresta da Argonne, tornou-se desde então o centro da maior lucta na região de Champagne. Entre ella e a floresta de Argonne o caminho de ferro de Vouzières a S.te Ménéhould corre pelo valle do Aisne, seguindo a orla occidental da floresta.

Na extremidade norte, na estreita passagem que a separa da floresta de Boule, um ramal d'essa linha segue o canal do Aisne para o sul ao longo do lado leste da Argonne até á outra posição allemã em Montblainville. A posse d'essa passagem, chamada a Brecha de Grand-Pré, era por isso de grande importancia estrategica e tornou-se o principal objectivo francez n'essa direcção, para repellir o inimigo da floresta da Argonne.

A 19 de setembro repelliram um violento contra-ataque allemão contra o seu centro e conseguiram tomar Souain, mas depois que essa posição ficou estacionaria durante os mezes de outubro e novembro, a linha franceza, estendendo-se d'ahi e da proxima aldeia de Perthe-les-Hurlus, passou por Ville-sur-Tourb para se ir juntar, do outro lado da floresta, á fronte do exercito do general Sarrail, chegando a Charny e Eix, a poucos kilometros ao norte e a nordeste de Verdun.

De dezembro em diante a lucta era quasi diaria em roda de Souain, Perthe-les-Hurlus, Tahure, Beauséjour e Le Mesnil, povoações a poucos kilometros umas das outras. Grande carnificina e poucos progressos—e os que havia eram sempre em favor dos francezes e para o norte—tal foi o balanço da lucta ahi em dezembro janeiro e fevereiro, perdendo os allemães n'esses mezes 10.000 homens.

A violencia da lucta era uma prova clara da importancia que á posição ligavam os dois adversarios. Os allemães provavelmente presentiram que um avanço francez ahi, se alcançasse a Brecha de Grand-Pré, ameaçaria sériamente as suas linhas de communicação e poderia ser o começo da ruptura da sua linha, o que, desde a batalha do Aisne e do começo da guerra de trincheiras, se tornára o principal objectivo dos alliados e o principal receio do inimigo.

As condições da guerra tinham n'esse momento mudado por completo. Não só ao norte de Champagne e na Argonne, mas a leste de Verdun, entre o Mosa e o Mosella, no valle do Mosella na direcção de Metz e a todo o longo da fronteira dos Vosges, a primitiva força da invasão allemã exhaurira-se. Em toda a parte os allemães estavam cercados e os seus esforços para avançarem pareciam-se mais com as sortidas d'uma guarnição desesperada do que com o impetuoso avanço de um exercito para atacar.

Mesmo no Woevre e no recanto de St. Mihiel, apesar da sua apparentemente posição ameaçadora, as suas linhas estavam mais em estado de sitio de que as de Verdun. Na realidade, esta praça, a despeito dos

Sir Samuel Evans, presidente do conselho do almirantado

numerosos communicados allemães em contrario, não tinha sido sitiada por completo.

O general Sarrail, acreditando no proverbio «cidade cercada, cidade tomada», havia-se preparado, estendendo as fortificações a muitos kilometros além da area primitiva. Mas embora os baluartes não tivessem já valor, o poder da artilharia havia augmentado e os canhões de ambos os lados tiveram parte proeminente nas operações do outomno e do inverno.

Em resultado das suas operações combinadas, os allemães foram em toda a parte obrigados a recuar vagarosamente, ou pelo menos impedidos de avançarem, nos cinco mezes que vão de outubro a fevereiro. Entre Verdun e os Vosges o esforço sobre as linhas inimigas foi maior em certos pontos de particular valor estrategico. Assim no Woevre, embora não affrouxasse em ambos os lados de St. Mihiel, era mais vigoroso nas proximidades de E'tain, na linha entre Fresnes e St. Mihiel e no lado sul do recanto da floresta de Apremont e do bosque de Mont-Mare, um pouco ao sul de Thiaucourt.

As razões eram obvias. Os francezes queriam obrigar os allemães a evacuar St. Mihiel e o campo dos Romanos, fazendo pressão nos extremos dos dois lados. Ao mesmo tempo procuravam apoderar-se do caminho de ferro estrategico pelo qual o inimigo trazia os seus mantimentos para St. Mihiel atravez a Brecha de Spada. A lucta era por isso mais violenta nos pontos que melhor se prestavam á prosecução d'esses dois objectivos.

Ao norte de Nancy houve tambem uma série de combates de infantaria e de artilharia durante todo o inverno, proximo de Pont-à-Mousson, no bosque Le Prêtre. Muito vagarosamente, pollegada a pollegada, trincheira a trincheira, os francezes abriram caminho atravez do bosque e por isso ao longo do valle do Mosella, em direcção a Metz. Medida em kilometros, a vantagem ganha com grande custo, era de somenos importancia. Mas preparava o caminha para um possivel avanço sobre a fortaleza n'essa direcção e ao mesmo tempo repellia o inimigo para além da fronteira, para o que concorriam as operações na floresta de Pasroy e na fronte de Badonviller.

Como os allemães eram a principio os atacantes e depois deixaram de o ser, não podiam considerar o resultado da campanha do inverno n'essa parte da linha como satisfactorio. Tinham matado ou levado como refens grande numero de innocentes não combatentes, haviam saqueado e incendiado as aldeias e cidades que tinham occupado e tinham repellido o exercito francez que tentara invadir a Lorena. Mas no fim de fevereiro estavam quasi tão longe do seu objectivo como antes da guerra começar e muito mais longe do que no fim de agosto.

Na Alsacia e nos Vosges os francezes mantinham-se ainda, embora as suas posições não fossem tão avançadas como no começo da guerra, quando haviam penetrado dezeseis kilometros pelo Rheno dentro. Para essa retirada parcial houvera duas razões. Fôra devida, na primeira parte da campanha, a erros de commando, que se haviam seguido a um brilhante começo. Depois da primeira occupação de Mülhausen, os francezes retiraram, por a isso terem sido obrigados por uma derrota soffrida n'uma cilada. Retiraram de Mülhausen a segunda vez por causa dos revezes soffridos mais no norte, como em Morhange e n'outras partes, em resultado do que o general Joffre deliberou reduzir o exercito na Alsacia a forças concentradas nos pontos onde d'ellas havia maior necessidade. Nas operações que se seguiram durante o inverno, de todas as vezes que os francezes recuavam para proximo da sua fronteira, faziam-no de modo a evitar a perda de vidas.

Sob o ponto de vista militar a campanha na Alsacia no fim de fevereiro pouca importancia tinha, mas o effeito moral dos francezes continuarem occupando uma parte da provincia annexada era consideravel em ambos os paizes.

Depois da primeira retirada dos francezes de Mülhausen, quando as tropas allemãs ahi entraram, prenderam todos os que eram suspeitos de nutrir sympathias pela França, desterraram, commetteram violencias de toda a especie. Em todas as cidades, como Metz e Strasburgo, por exemplo, as noticias da batalha do Marne e de outras victorias alcançadas pelos francezes eram cuidadosamente occultas, ao passo que se exaggerava qualquer triumpho allemão.

Apoz a segunda retirada d'aquella cidade, o exercito da Alsacia, deveras enfraquecido pela transferencia de muitas das suas unidades para differentes partes da fronteira, entrincheirou-se em frente de Belfort n'uma linha de cêrca de quarenta kilometros, estendendo-se de Thann ao sopé dos Vosges, passando entre Dannemarie e Altkirch até Moos, proximo do ponto onde se juntavam as fronteiras franceza, allemã e suissa. Apoiado pela guarnição de Belfotr defendeu essa linha durante todo o outomno, apezar de todos os esforços empregados para d'ahi o desalojar, ao mesmo tempo que d'ella fazia uma base para constantes reconhecimentos em força que algumas vezes penetravam a trinta e mais kilometros no paiz inimigo.

Quando chegou o inverno e que a chuva e as neves tornaram essas incursões impossiveis, recuou para um pouco mais proximo de Belfort, sobre o caminho de ferro entre Dannemarie e Pfetterhausen, no valle de Largue. O inimigo, que estava senhor do caminho de ferro ao norte de Pfirt por Altkirch a Mülhausen e d'ahi a Cernay, não tinha as mesmas difficuldades de transporte e podia occupar as diversas posições evacuadas pelos francezes, mas apenas depois d'estes haverem recuado por sua livre resolução. Nenhuma d'ellas foi tomada d'assalto e durante a maior parte do mez de dezembro poucos foram os combates na alta Alsacia, a não ser pequenas escaramuças entre os postos avançados.

Mas cêrca do Natal a neve começou a cahir e logo que a marcha se tornou um pouco possivel os francezes retomaram a offensiva. Haviam recebido reforços, parte dos quaes eram tropas alpinas habituadas a manobrarem na neve, e em breve conseguiram occupar muitas e importantes posições estrategicas proximo de Steinbach e de Altkirch, de onde podiam ameaçar Mülhausen por dois lados ao mesmo tempo. A isso responderam os allemães trazendo tropas frescas do norte de França e reforçando a sua artilharia, que até ahi havia sido um tanto fraca. A lucta passou a ser de trincheiras, mas houve algumas excepções.

Entre 27 de dezembro e 8 de janeiro houve violenta lucta para a posse da cota 425 proximo de Cernay e os allemães conseguiram finalmente, dando um ataque em columna cerrada, occupar o declive da eminencia. Uma outra posição na mesma região, a pouca distancia mais ao norte, poucos kilometros acima de Thann, era o outeiro de Hartmannsweilerkopf, da altura de 2.868 pés. No fim de dezembro os allemães occuparam o declive oriental, os francezes o occidental. Nos principios do novo anno os francezes occuparam o cume e estabeleceram ahi um posto, guarnecendo-o com quasi uma companhia. Ordem foi dada a um destacamento allemão de dois batalhões para os desalojar. Approximando-se do outeiro por leste, atacaram dois corpos de tropas francezas, primeiro em Hirzenstein, ao sul do seu objectivo, em seguida na depressão entre Hartmannsweilerkopf e Molkenrein, uma outra montanha abrupta a oeste d'aquella.

O pequeno destacamento de tropas alpinas no cume de Hartmannsweilerkopf viu-se assim separado completamente da sua base, mas durante muitos dias luctou valentemente contra uma força muito maior do inimigo. Por fim, cêrca de quarenta caçadores, em trenós, resolveram fazer uma sortida e tentarem juntar-se ao corpo principal. Ordem foi dada para calarem baio-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1793 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 2 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

ATTITUDES POPULARES

No comicio hontem realisado, no parque Eduardo VII, para tratar da importante questão da carestia dos generos alimenticios, appareceram varios individuos que pretenderam perturbar a ordem dos trabalhos. Esses individuos eram operarios, e o comicio fôra promovido por importantes organisações operarias, cujos delegados fizeram uso da palavra, expondo as suas reivindicações. O presidente da assembleia declarou que encerraria o comicio depois de votada a moção apresentada pela mesa, que de facto o foi, e como os promotores do incidente quizessem depois fazer proseguir o comicio, de uma maneira anormal, o publico protestou contra a invasão da tribuna e fez fracassar os seus propositos abandonando o recinto da reunião.

E' interessante fixar este facto, porque elle prova que a grande massa trabalhadora quer discutir regularmente as momentosas questões que a affectam, estudando-as conscienciosamente e procurando pelas vias normaes chegar a uma solução que se impõe para interesse de todos, governantes e governados.

Esta orientação já se accentuára no congresso das subsistencias. Quando porventura se julgava que essa assembleia viesse a resolver-se n'uma situação cahotica, a boa vontade, o desejo de acertar, que se notou na classe trabalhadora, ali numerosamente representada, transformaram-n'a n'uma reunião que porventura marcou o inicio de efficazes, ponderadas, legitimas e ordeiras intervenções nos assumptos mais importantes da administração publica.

Seria, porém, um erro presumir que esta serenidade, obtida á força de sentimento patriotico e bebida na justiça d'uma causa, não encobre afflictivas situações e incomportaveis soffrimentos. O povo, que se debate n'uma crise da sua propria vida, procura, fazendo o maximo sacrificio que se esperar pelas providencias que reclame, obter uma melhoria da sua situação, sem agitações dolorosas e para todos perigosissimas. Mas essa serenidade, a ordem com que expõe as suas reivindicações, os esforços que faz para facilitar a solução dos problemas que o aggravam, ainda mais impõem ao parlamento e ao governo que attentem na gravidade da questão e procurem resolvel-a com rapidez e equidade.

De contrario seria presumir muito das forças humanas pensar que é possivel dilatar o remedio a tantos males. A fome não tem lei, e quando se chega ao limite das privações maximas a ninguem é possivel evitar as suas tragicas explosões.

Sempre o povo, quando animado pelo desejo de vêr triumphar um ideal, manifestou, dentro da possivel elasticidade do soffrimento, as mais generosas isenções. Uma das paginas mais suggestivas da revolução de 1848, em França, é aquella em que o governo provisorio foi procurado por uma multidão proletaria faminta e dedicada, que lhe pediu trabalho. N'essa occasião, um operario, dos mais andrajosos, adeantou-se e disse aos homens do governo estas memoraveis palavras: «Estudem a maneira de nos dar trabalho, de nos dar pão, que nós pômos ao serviço da Republica tres mezes de miserias». Os homens que não tinham pão para aquelle dia suppunham possivel supportar essa miseria terrivel ainda durante tres mezes. E supportaram-n'a.

O exemplo que nos dá o proletariado portuguez, apesar de tão vivamente impulsionado por certos elementos a manifestar-se adverso á Republica, tem que ser comprehendido e meditado. A sua correcção é digna de se accentuar. Ella não exclue a firmeza, póde mesmo n'um ou n'outro ponto propender a alguns exaggeros, mas é sincera, mas é leal. E' preciso não o esquecer, como é preciso attentar em certas phrases, em certos gestos, que teem o valor de altissimas lições.

Uma d'ellas não queremos deixar passar sem convenientemente a fixar. Foi no congresso das subsistencias. Discutia-se a magna questão do pão, e sobre ella tinham fallado, accusando-se mutuamente, moageiros, agricultores, padeiros e intermediarios. O que elles disseram foi tão suggestivo, que um membro da assembleia se levantou e propoz que a assembleia se conservasse cinco minutos em silencio, para apreciar recolhidamente as extraordinarias revelações que tinham sido feitas. A assembleia approvou, e durante cinco minutos um silencio absoluto, solemne, esmagador, marcou o mais candente commentario ás revelações escutadas.

Affigura-se-nos que nunca houve um silencio mais eloquente, como nunca houve uma maneira mais impressiva de fixar sobre um assumpto de vital interesse um juizo mais definitivo. Foi uma grande lição moral, das que não esquecem, — nem devem ser esquecidas.

A questão da alimentação publica é gravissima. Ella comporta os maiores perigos. Façamos todos votos para que se resolva sem que se quebre a linha de serenidade com que tem sido exposta e debatida.

Os Estados Unidos e a guerra

Edison, o homem do dia

O governo pede a sua cooperação

O grande inventor porá o seu engenho ao serviço do exercito e da armada

Hugues Le Roux, o eminente jornalista francez, encontra-se, como se sabe, na America do Norte, procedendo a um largo inquerito por conta do *Matin* e fornecendo diariamente ao grande jornal parisiense as mais interessantes informações relacionadas com a guerra. Eis a sua ultima curiosissima chronica em que se relata uma entrevista com Edison, o celebre inventor:

Na terrivel crise que o mundo atravessa n'este momento, cada paiz volta-se com impeto para o homem que parece encarnar melhor o seu ideal da hora presente e representar com mais exactidão as suas esperanças.

Nós outros, francezes, não só admiramos o nosso Joffre, amamol-o com piedade filial, como o instrumento que se tornava preciso para o esforço que nos é imposto.

Na America é Edison que inspira aos yankees esses sentimentos de orgulho e de total confiança. Passae em revista os cem milhões de habitantes que povoam os Estados Unidos; não topareis entre elles um que seja mais caracteristicamente americano que Edison. O ministro Daniels, chamando-o, como acaba de fazel-o, para cooperar com o ministerio da marinha, deu uma prova de elevado criterio que todos são unanimes em reconhecer.

Desde que se produziu o naufragio do *Lusitania*, todas as conversações giram, por assim dizer, em torno d'estas perguntas: «Teremos guerra com a Allemanha? E, a declarar-se, quando, onde e como será?» Ora, entre as mentiras que a propaganda allemã procura semear nos espiritos, corre esta lenda:

«Os alliados não desejam ver os Estados Unidos entrar na lucta; n'esse caso, com effeito, os americanos seriam obrigados a guardar para si os cartuchos que fabricam. Conservariam a sua armada para defeza das proprias costas. Aos alliados apenas convem que nos mantenhamos neutros».

Sempre que um pro-allemão desenvolve these semelhante, encontra-se na assembleia um verdadeiro americano que lhe responde:

—Não sejamos tão pessimistas! Além das ajudas de dinheiro e da assistencia material e moral que daremos aos alliados, podemos ainda offerecer-lhes os maravilhosos recursos do engenho yankee.

E é precisamente essa a tarefa que Edison vae emprehender: uma campanha de engenho.

Acabo de visitar o grande homem no seu laboratorio de Llewelyn-Park, perto de Nova York. Sahi de sua casa com o coração trasbordando de jubilo. Vim convencido de que os partidarios da humanidade ligados n'esta guerra contra a barbarie acabavam de recrutar um verdadeiro e poderoso alliado.

E—digamol-o desde já—como não gostar de Edison? Como não o estimar? Possue a attracção misteriosa d'uma das suas proprias invenções. O seu cerebro trabalha sempre e não lhe deixa folga para pensar em si proprio. Passou a sua vida procurando descobrir as leis que governam o universo e durante esse tempo esquivou-se pessoalmente a todas as convenções que constrangem o individuo.

No instante em que penetrei na bibliotheca de Edison, o sabio dormia. Após dezesete horas consecutivas de investigações, deitara-se vestido sobre uma pequena cama de ferro, armada a um canto da sala. Ao primeiro chamamento do seu secretario encarregado de o acordar, estava de pé, cordeal, sorridente, e, durante mais de uma hora, conversámos.

Edison professa pela *toilette* e pela alimentação desdens que testemunham a absorção total em que o trazem os problemas que o apaixonam. Não se veste, não se despe, não come senão quando a mão affectuosa de alguem logra distrahil-o um momento das suas preoccupações. E, no emtanto, não é a ausencia de *coquetterie* que primeiro impressiona quando se olha para esse celta; é a intelligencia do seu porte, a penetração dos seus olhos cheios de benevolencia, a rapidez do seu passo, a finura das suas mãos em que ha espirito, se assim se pode dizer. Toda a apparencia do seu ser dá a impressão d'uma vontade que triumphou de todas as fadigas, d'uma alma que domina definitivamente o corpo.

Edison é um democrata convicto. No decorrer da nossa palestra, alludiu a certos abusos introduzidos na venda que os americanos fazem dos seus productos ás nações belligerantes e cuja definição parece uma consequencia inevitavel dos costumes democraticos.

Disse Edison:

—Acontece, por vezes, que um objecto que custou um franco vem a ser pago por doze, porque passou por muitas mãos em vez de passar apenas por uma, como succede nos paizes de tradição real ou imperial.

Tendo reflectido um segundo, proseguiu:

—Não obstante, nós americanos preferimos pagar os doze francos e continuar democratas.

Edison desenvolveu uma these que lhe é cara e de que lhe parece ser a Allemanha o exemplo vivo. A' sombra dos regimens aristocraticos chegasse a uma perfeição maravilhosa de todas as minucias de organisação material, mas opprimem-se as almas, que deixam de reflectir. Por essas razões, o kaiserismo produziu um exercito admiravelmente equipado, uma deploravel diplomacia e uma moralidade de politica lamentavel.

E, como se por sobre o oceano olhasse o visse estas fealdades, concluiu sorrindo:

—Os allemães teem-se comportado tão delicadamente desde o inicio da guerra!

As sympathias de Edison pelos alliados são visiveis. No emtanto, declara:

O meu dever de americano consiste em ser neutro.

A verdade é que, até o momento em que o sr. Daniels, secretario da marinha, appellou para o patriotismo de Edison, o grande inventor recusou applicar o seu espirito á busca dos meios que podiam ajudar a destruir a vida.

Disse-me:

—Trabalhei sempre para tornar a existencia mais agradavel ao homem. Só para obedecer ao meu paiz me esforçarei por crear novas armas.

Perguntámos-lhe que novas armas imaginára. Não respondeu directamente, dizendo:

—Até agora n'esta pavorosa guerra apenas se recorreu á chimica; a electricidade ainda não desempenhou um papel importante.

—Poder-se-hia empregar a electridade sem fio, por exemplo, para provocar a explosão a uma grande distancia d'uma base de munições?

—Pode.

—Poderá a electricidade fazer explodir um torpedo antes d'este attingir o seu alvo?

Perante esta pergunta Edison hesita um momento, mas em seguida declara:

—O nosso inventor Hamond provou que um torpedo pode ser guiado por uma corrente electrica procedente do navio que o lançou. Ainda não está demonstrado que o navio visado pelo torpedo póde dispôr do mesmo poder. Mas não ficaria surprehendido se apparecesse uma invenção capaz de proteger o navio contra o torpedo que lhe mandassem. De resto, vamos ver grandes transformações na architectura dos navios.

Edison está auctorisado pelo sr. Daniels a escolher assistentes entre os que constituem a elite das intelligencias creadoras dos Estados Unidos. Será assim o governo americano quem recolhe as primicias do engenho yankee. Semelhante medida enche o povo de grande satisfação.

Augmentar a armada segundo os meios conhecidos affigura-se á imaginação americana menos urgente que inventar meios ineditos de defeza e de ataque. O temperamento tão pratico do americano tem um reflexo de idealismo, e tal o motivo do jubilo que causa ver Edison collaborar com o ministerio da marinha.

Se os Estados Unidos entram na guerra—o que parece provavel—o seu heroe favorito será Edison.

Tambem elle com os seus sonhos vae produzir realidades.

Pelo telegrapho

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 2.—Communicação official.—O inimigo conseguiu consolidar-se na margem direita. Em Courlande destroçámos algumas columnas inimigas. Em Ponieveje fizemos centenas de prisioneiros. As trincheiras tomadas estavam cheias de cadaveres. O inimigo penetrou na embocadura do Sehkwa, mas foi em seguida repellido e avançou um pouco na linha Kanienja-Tadine. Foi, porém, repellido do rio Oje; tentou em vão alguns ataques entre o Vistula e o Bug; recuámos um pouco entre Khohn e Bug.—(*Havas*)

As disposições do governo russo

PETROGRADO, 2. — Sessão da Duma. O sr. Sasonoff, usando da palavra depois do sr. Rodzianko, affirmou a intenção do governo russo de não pensar na paz antes da destruição definitiva do inimigo, e a sua fé no triumpho final da justa causa. O ministro da guerra expoz a situação militar, accrescentando que empregará para aquelle fim todas as faculdades da defeza nacional. O presidente do conselho prégou a união como penhor da victoria.—(*Havas*).

Um desastre—O novo embaixador turco em Vienna

PARIS, 2.—Telegrapham de Rouen ao *Journal* que um pesado camion inglez n'uma *derrapage* cortou um destacamento inglez que ia para o exercicio, matando 3 soldados e ferindo 10.

O mesmo jornal insere um telegramma de Roma dizendo que Hakhi-pachá foi nomeado embaixador da Turquia em Vienna.—(*Havas*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 1.—Official. No valle de San Pellegrino e no alto de Cordevoe repellimos fortes ataques. Na Carnia tomámos de assalto as trincheiras de Forcella e fizemos 114 prisioneiros. No Carso e em Monteseibusi foi repellido um ataque inimigo com grandes perdas. Uma columna inimiga foi efficazmente canhoneada e dispersa por nós. Continuámos a offensiva, tomámos trincheiras e fizemos 348 prisioneiros.—(*Havas*).

A acção ingleza no theatro ocidental

LONDRES, 2.—Um communicado de sir John French diz o seguinte:

«Retomámos proximo de Hooghe a parte das trincheiras perdidas e repellimos dois ataques de infantaria.—(*Havas*).

Os submarinos dos alliados

A *Havas* communica-nos o seguinte:

«Durante a guerra muito se tem falado na acção dos submarinos allemaes, ao passo que dos dos alliados, muito menos se tem dito. E' que estes não teem tido ensejo de mostrar a sua efficacia, uma vez que os navios mercantes das potencias centraes desappareceram dos mares e as suas esquadras de guerra não ousam sahir dos portos. Não é por forma alguma a questão de superioridade dos allemães. Os submarinos dos alliados não teem tido onde exercer a sua actividade de ataque».

Combate-se o analphabetismo?

A crise das professoras

Um verdadeiro proletariado intellectual

Porque se offerecem tantas diplomadas para leccionar por pouco dinheiro

Sr. director d'*A Capital*.—Uma entrevista, com pessoa que se não nomeou, publicada em *A Capital* de 28 de julho, sob a epigraphe: *Combate-se o analphabetismo?*, foi lida nas ultimas sessões pelas direcções das ligas Nacional de Instrucção e Popular contra o analphabetismo, e encontraram n'ella insinuações que julgam dever esclarecer, para que essas duas instituições não fiquem malsinadas perante leitores que por acaso não conheçam as suas obras; e por isso me encarregaram, como consta das respectivas actas, de escrever a v., rogando-lhe a fineza de fazer publicar no seu interessante jornal as seguintes considerações:

1.º—A Liga Popular contra o Analphabetismo tem por fim especial atacar o analphabetismo principalmente nas classes operarias indo levar a primeira instrucção ás proprias associações de classe; a Liga Nacional de Instrucção tem um ambito mais vasto; porém, ambas se auxiliam mutuamente no campo da instrucção popular. Por isso aquella estabeleceu cursos nocturnos de analphabetos, segundo certas disposições determinadas pelo ministro que a subsidiou, e esta, para auxiliar e ampliar os trabalhos d'aquella, retirou do seu cofre uma pequena verba com que creou alguns cursos de aperfeiçoamento ao lado d'aquelles de analphabetos.

Porque ganham pouco as professoras

2.ª—Essas duas ligas gratificaram este anno algumas das suas professoras, que davam duas horas de lição em cinco noites por semana, apenas com seis escudos mensaes. Mas isto fez-se porque ambas as ligas luctam com a falta de dinheiro e eram muitos os requerimentos de associações que pediam cursos e que não puderam ser attendidos como tambem eram muitas, apesar da pequenez da gratificação, as professoras diplomadas, que pediam para leccionar n'esses cursos, e ainda por menor preço, para as quaes entretanto não foi possivel encontrar logar.

3.ª—O facto de haver tantas professoras diplomadas em Lisboa a offerecer-se para leccionar, por pouco dinheiro, resulta de todos os annos sahir da Escola Normal uma grande quantidade de diplomadas que, por serem muito novas e não lhes convir separar-se das familias para ir ensinar nas aldeias, ficam por Lisboa e seus arredores dedicando-se ao ensino particular de collegios e associações que as não pódem gratificar generosamente.

4.ª—As professoras diplomadas que as duas ligas empregaram nos cursos nocturnos eram geralmente professoras que acabavam de sahir da Escola Normal e que portanto, não sendo conhecidas, desejavam notabilisar-se no ensino para depois obterem maiores proventos. E de facto assim aconteceu com quasi todas, porque tendo agradado o seu serviço, conseguiram ser chamadas para o ensino diurno d'algumas escolas, ou lhes foi augmentada a gratificação, de modo que todas ellas se mostram agradecidas e pedem para ser reconduzidas.

5.ª—Ambas essas ligas teem como principio augmentar a gratificação ás professoras que forem provando melhores resultados no seu ensino, como tambem retiral-a totalmente áquellas que provarem o contrario. Assim uma professora que no anno transacto começou recebendo cinco escudos mensaes, passou depois a receber sete, e este anno já recebeu dez. E a razão d'isto foi que essa professora ensina as primeiras letras com tal aptidão e dedicação que este anno foi mandada para uma escola onde se julgava muito difficil estabelecer o curso nocturno, por ter ficado muito desacreditado o que lá funccionára o anno passado, regido por um professor que ganhava 25 escudos mensaes ao Estado e ensinava de tal maneira que quasi chegou a não ter frequencia nenhuma, ao passo que a tal professora, tendo começado apenas com oito alumnas, ao fim d'um mez já tinha mais de trinta, tendo durante mezes ainda maior frequencia e com muito bons resultados, o que tudo é certificado pela direcção do centro onde esses cursos funccionaram.

Ora este systema de variar a gratificação conforme os melhores ou peiores resultados do ensino, só associações particulares o pódem seguir e não o Estado, que geralmente estabelece os ordenados segundo as cathegorias dos professores e vae pagando egualmente tanto aos bons professores como aos que o são menos.

Demais estas ligas não admittem interrupções no ensino dos cursos, porque, como teem nas direcções dos proprios centros os fiscaes da frequencia e teem muitas professoras á espera de logar, fazem substituir immediatamente as que faltam por doença ou qualquer outro motivo, mas sempre de accordo umas com outras. E isto tambem o não tem conseguido o Estado e ser-lhe-hia quasi impossivel ou muito difficil pôl-o em pratica.

Cursos nocturnos e methodos

7.ª—Alguns cursos nocturnos d'estas duas ligas foram mixtos, isto é, foram frequentados juntamente por homens e mulheres. Mas este facto não causou nenhum desgosto sério, porque só se pratica em associações, onde os proprios directores são os fiscaes da frequencia escolar e se responsabilisam pela respeitabilidade do curso, reprimindo os primeiros symptomas contrarios a ella. E a prova de que se procedeu bem está no applauso com que D. Alice Pestana (Caiel) distinguiu um d'estes cursos mixtos a que assistiu e que funccionava na Associação de Ensino Liberal, junto á praça do Brazil, como póde testemunhar a benemerita e respeitavel direcção d'essa escola. De resto a coeducação é já hoje um principio estabelecido, e se pratica não só no estrangeiro mas tambem em alguns estabelecimentos officiaes e particulares do nosso paiz, onde não falta a fiscalisação accommodada.

7.ª—Com respeito a methodos ambas as ligas deixam liberdade de escolha ao professorado e ás Associações onde funccionam as escolas. A este proposito a Liga Nacional de Instrucção fez inserir no relatorio da sua gerencia de 1909-1910, na pagina 44, o seguinte: «Com relação aos methodos empregados nas escolas dos nossos nucleos sabemos que são diversos, e, tendo sido a direcção da Liga consultada por vezes sobre este ponto, ella, entendendo que a maior liberdade do professor combinada com a maior responsabilidade é a que dá maiores garantias de exito, resolveu na sessão de 25 de fevereiro de 1910 que se fizesse publico que a Liga Nacional de Instrucção não se interessa pela adopção de quesquer methodos nas escolas a cargo de varios nucleos da Liga». E a Liga Popular contra o Analphabetismo inscreveu nos seus estatutos impressos, o artigo 5.º, que diz: «O professorado das nossas escolas tem liberdade de adoptar os methodos de leitura que lhe pareçam mais convenientes, devendo, para que a sua opinião seja consciente, conhecer os principaes methodos usados em Portugal pelo menos, exigindo-se-lhe este conhecimento para a sua nomeação.»

8.ª—O que está escripto nos dois textos acima citados pôz-se em execução. Assim nos cursos que funccionaram este anno sob a intervenção da Liga Popular contra o Analphabetismo foram seguidos geralmente dois methodos escolhidos pelas associações ou pelo professorado. E o gasto d'esta Liga com esses dois methodos reduziu-se este anno apenas á verba de 4$825 para a compra d'um album do methodo João de Deus, que foi para a Escola Movel do Castello, porque os outros albuns d'este methodo ou já estavam nas escolas onde foram adoptados ou obtiveram-se por emprestimo, e os albuns do outro methodo adoptado nada custaram á Liga, porque ou já estavam nas escolas onde se usavam ou foram emprestados, para as que os não tinham, que foram requisitados, o que tudo consta dos documentos da thesouraria d'essa Liga. Ainda com respeito á liberdade de methodo, dá-se ás vezes o caso que algumas associações preferem um a outros, ou porque já possuem o respectivo material ou pelos desejos manifestados pelos socios; então a Liga procura, entre as professoras que se lhe offerecem, aquella que prefere ensinar por esse methodo e manda-a para a escola d'essa associação.

Os desejos das duas Ligas

9.ª—Ambas estas Ligas, com o desejo de proseguir nos fins dos seus estatutos, pediram ao actual ministro de instrucção publica, como já tinham pedido ao sr. dr. Magalhães Lima, que se dignasse introduzir no orçamento do seu ministerio algumas verbas a seu favor, como se faz com outras instituições congeneres. Ambos os ministros prometteram patrocinar esses pedidos. A Liga Nacional de Instrucção deseja edificar uma escola conforme os seus estatutos, a qual, se a Liga desapparecer, ficará pertencendo ao Estado. A Liga Popular contra o Analphabetismo deseja levar a primeira instrucção a muitas mais associações de gente pobre e descalça, como foi a maior parte da que frequentou os nossos cursos diurnos e nocturnos d'este anno, tendo havido muito trabalho da parte dos directores d'essas associações e dos da Liga para se manter a frequencia que se manteve, com o fructo muito auspicioso que se conseguiu. Porque por estes cursos passaram cerca de mil alumnos, entre creanças e adultos, muitos dos quaes ficaram lendo escrevendo e contando, como se póde averiguar pelos mappas e documentos enviados á Inspecção das Escolas Moveis e pelo testemunho dos socios d'essas collectividades. E muito maior proveito se tiraria se a verba fosse maior, pois não se póde attender a muitos pedidos de diversas associações.

Agradecendo a v., sr. director de *A Capital*, em nome das direcções das duas ligas, a publicação d'estas considerações, subscrevo-me com a maior consideração, de v. etc.—*M. Borges Grainha*.

Migalhas

Carta a uma senhora

Ex.ma sr.ª D. Anna de Castro Osorio: Acabo de receber o recorte, que me enviou, da «Guerre Sociale» com o appello ás mulheres de França, da presidente da União franceza para o suffragio feminino. Vão ser concedidas em larga escala, licenças aos soldados que desde o começo da guerra batalham na linha de frente e a signataria do appello recommenda ás mães, ás mulheres, ás irmãs, ás noivas, que não esmoreçam, antes afervorem, o ardor patriotico e combativo d'aquelles, que na tranquillidade do lar, reconquistada por algumas horas, poderiam esquecer o grande Dever, que os espera ainda.

Devo dizer-lhe, minha ex.ma senhora, que cuido desnecessario o appello, cuja transcripção teve a gentileza de me enviar. Pelas informações que tenho, estou convencido que—sem trocadilho—quem fez os homens da França actual foram as mulheres. Desde a primeira hora da guerra, ellas comprehenderam a sua missão e teem velado o moral dos seus combatentes com o mesmo carinho com que tratam o corpo enfermo das victimas que regressam. Depois da paz ha-de se fazer justiça no papel que a mulher franceza tem sabido desempenhar e que tem sido admiravel.

E, já que falamos em mulheres, deixe-me dizer-lhe, minha senhora, que, por muito que pude observar, estou convencido que ás mulheres portuguezas—não a todas, mas a muitas infelizmente — são devidos certos factos e certas attitudes, que tão penosamente teem chocado o espirito e o coração dos que desejariam vêr Portugal no seu logar.

Assim que se falou d'uma possivel intervenção de tropas portuguezas no conflicto europeu, ergueu-se um côro horrivel de lamentações nos arraiaes femininos. Vi mães, mulheres, filhas e irmãs, alvoroçadas, prégando aos homens a indecisão, para não dizer peor e, atravez das conversas masculinas, adivinhava-se a influencia dos chôros e das inquietações que presenciavam nas suas casas. Dizia Derouléde, depois de 1870, n'um dos seus poemas: «Quantos heroes nos foram roubados pelas mães e pelas esposas!»

Em quantos espiritos portuguezes, que deviam ser masculos, fez a sua obra perniciosa a influencia feminina! Quantos não souberam, pondo o seu dever acima de tudo, deixar de repetir em publico as pusilanimes jeremiadas a que prestavam no lar um ouvido benevolo! Se todas as mulheres portuguezas tivessem sido o que deviam, talvez muitos homens se tivessem envergonhado de ser como foram.

Seu dedicado admirador

André Brun.

Diplomatas portuguezes

Chega a Lisboa o nosso ministro em França

No rapido de Madrid chegou hoje a Lisboa, chamado pelo governo, o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, nosso ministro em França, que na gare era aguardado, entre outras pessoas, pelos srs. dr. Santo Anna Leite, Costa Motta, sobrinho; Antonio Ferreira, por si e representando o sr. dr. Brito Camacho; dr. Santiago Ponce e Sanches, Octavio de Carvalho, dr. Francisco Cruz, Garibaldi Borges de Carvalho, Julio Augusto da Silveira, José Antonio Baptista do Almeida, capitão de mar e guerra Amaro de Azevedo Gomes, José Barbosa, João Baptista Soares de Almeida, dr. Joaquim Madureira, dr. Bernardino Roque, coronel Alberto da Silveira, João Augusto da Costa Junior, Lopes Tavares, João José Diniz, dr. João de Menezes, dr. Mattos Cid, Ramiro Leão, Antonio Ribeiro e Feliciano da Costa Marques.

O sr. dr. Bettencourt Rodrigues, que se hospedou no hotel Borges, esteve de tarde no ministerio dos estrangeiros.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, profusamente illustrado. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Poeira da Arcada

Já lá vae um anno sobre o rompimento das hostilidades entre os grandes povos da Europa. O pesadello das primeiras horas foi-se esbatendo e agora a guerra parece já uma coisa normal. Quando se approximar o seu termo as inquietações subirão certamente ao maximo. A paz surgirá da maior hecatombe humana, como uma aurora dos horrores de uma noite de tormentas. As juventudes terão perecido e lentamente as papoulas surgirão da terra, trazendo nas suas folhas as illusões de tanto coração desfeito. O planeta irá rodando no espaço insensivel ás nossas epopeias que, perante a formidavel machina do universo, não provocam um só estremecimento. Se das estrellas se pudesse estudar a nossa historia ella appareceria tão minuscula como um combate de rãs.

***

E' a banalidade que mata o mundo. Os logares communs tornam as sociedades um verdadeiro ninho de morcegos. O melhor presente para um coração moço não está em dar-lhe um grande amor que o leve á felicidade tão suavemente como as pombas vôam para o seu pombal, mas sim em pôr-lhe n'uns labios puros, calidos na mocidade e na loucura, algumas d'aquellas promessas enganosas que levam os credulos á desventura, por caminhos jámais trilhados.

***

Um poeta ha poucos dias, molhando os labios n'um espumoso vinho perturbador, fez o elogio das brancas mãos sedosas, finas, rutilas, feitas pela tentação para espalhar venenos nas almas ambiciosas. O seu verbo claro, ardente, alçou um enthusiasmo que os corações presentes ergueram á vida que passa rapida, devorante, sepultando em ruinas os sonhos informes de centenas de vates errantes. Durante alguns minutos, elle conseguiu esta coisa maravilhosa—enlaçar n'uma só chimera os desejos quebrantados de todos os visionarios que buscam a Belleza, ainda rasgando as proprias carnes.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$800 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Noticias parlamentares

Pão nosso, de cada dia, dae-nol-o, senhor, na devida abundancia, tão barato quanto possa ser e com o menor trabalho possivel. E' o que falta na Camara, para haver de tudo n'aquella discussão que lá se travou sobre a complicada questão cerealifera. Os discursos que os padeiros, os moageiros e os lavradores teem provocado, emquanto, fóra de S. Bento, o povo clama que não tem com que pagar nem o pão, nem o peixe, nem nada! Até parece que se levou ao Parlamento uma these tentadora para cada um, executando os mais extraordinarios jogos malabares de palavras, mostrar até onde vão as suas habilitações para ministro do fomento. Simplesmente a rhetorica não alimenta ninguem, antes impacienta aquelles que a consideram obstaculo impertinente á satisfação plena dos seus interesses. Já pensaram n'isso os illustres super-homens que por tanto saberem de trigos e farinhas estão apostados, decerto, em nos fornecer bom pão, e de graça?

***

A questão vinicola não vae por deante. Lamente-se o facto, e se houver quem queira censural-o, que tome cuidado, porque póde afogar-se em vinho. A commissão de commercio, reunida hoje, occupou-se dos projectos pendentes—do que quer a gente do norte, do que a gente do sul appoia. Para relator, foi escolhido o sr. Nunes Loureiro, que é deputado por Lisboa. Depois da commissão de commercio, vae ser ouvida ainda a de finanças, não faltando quem affirme que os projectos serão tambem mandados á commissão de negocios ecclesiasticos, por ser com vinho que os reverendos d'este paiz consagram ainda, quando dizem missa. Quer dizer: só d'aqui a largo tempo a Camara poderá occupar-se d'esta trapalhada dos vinhos. Entretanto, os impacientes que esperem, para se curarem do mal de não saberem resignar-se..

A REGATA DA TRAFARIA

A victoria da "Guida,,

O tipo da canôa portugueza tende a cathegorisar-se no meio sportivo

A classe internacional dos «6 metros» acha-se representada em Lisboa por dois elegantissimos barcos de recreio, recentemente vindos de Inglaterra: o «Hinemoa», pertencente ao sr. Armando Soares Franco, e «The Whims», de que é proprietario o sr. José Leal Wintermentel. Cruzam frequentemente nas aguas do nosso Tejo, e o seu perfil delicado, quasi fidalgo, não tem certamente escapado ao observador menos attento. Basta a mais leve aragem para os fazer mover. Quando o vento refresca, com o veleiro quasi deitado sobre a agua, dir-se-hia que são azas de gaivota roçando rapidas pelas ondas. Feitos expressamente para correr, minuciosamente estudadas as linhas elegantes e fugidias do casco, calculada a mastreação e a superficie das velas com exageradas precisões, esses barcos realisam uma das supremas aspirações de todos os apaixonados pelo «sport» nautico. Teem auctor, como os quadros famosos e grandes obras d'engenharia. O «fin-keel» é a aristocracia dos barcos de recreio.

Mas a apparição, no Tejo, d'estes dois «cruisers» provocou entre os amadores da vela uma divisão completa de opiniões. Uns affirmavam que, para correr, nada ha que chegue a essa apuradissima construcção ingleza dos «6», dos «8», e dos «14 metros». Asseguravam outros que a classica armação portugueza de «canôa», estudada atravez da experiencia de muitas gerações, era preferivel ás qualidades dos «fin-keels». Restava realisar-se uma demonstração pratica para averiguar quem tinham razão.

A prova effectuou-se hontem, n'uma interessante regata a que se

foi dado assistir devido á penhorante amabilidade dos srs. José Wintermantel e João Bissau, o proprietario da canôa «Guida» que ia correr ao desafio com o «Hinemoa» e «The Whim». Combinou-se que o percurso se fizesse em triangulo, o qual devia ser coberto duas vezes, e cujos vertices se encontravam na Trafaria (ponto de partida), em Belem e em Caxias. A's 11 horas já os concorrentes se encontravam a postos, e proximo da boia, no «Queenie», que é egualmente propriedade do sr. Wintermantel, o jury procedia aos ultimos preparativos da regata. A's 11 e um quarto, um minusculo canhão deu o signal para os preparativos, que deviam durar cinco minutos, e com effeito, ás 11,20 os trez barcos sahiram em direcção a Belem, impellidos por uma fresca brisa que encrespava levemente a superficie do Tejo.

Um minuto depois a situação era a seguinte: á frente, «The Whim», que levava ao leme o sr. Wintermantel, ia cortando velozmente as ondas com a prôa esguia do seu casco negro e brilhante; seguia-o de perto o «Hinemoa», timonado pelo sr. Alvaro Gaia, que rizára um pouco a vela grande, diminuindo o panno por achar mais que sufficiente o vento; e atraz de todos a «Guida», onde tomei logar, dirigida pelo seu proprietario, singrava, muito branca e muito leve, com o grande latino e a mezena enfunados, evocando das suas linhas geraes qualquer vestigio do longinquo parentesco que liga a «canôa» portugueza ás antigas caravellas do infante D. Henrique.

Logo á primeira volta, a canôa, navegando ao longo da margem direita, conseguiu passar á frente do «Hinemoa». O sr. João Bissau, manobrando habilmente o leme por fórma a não perder caminho, folgando ou caçando a escota conforme a força e direcção do vento, que durante a corrida soprou sensivelmente do quadrante norte, levou o seu barco quasi a par do «fine-keel» do sr. Wintermantel. Ao voltar a segunda balisa, em frente de Caxias, a «Guida» levava já alguns metros de vantagem, e assim terminou a primeira volta. A' segunda adeantou-se muito: o vento soprava regularmente, o que permittiu que, além da «mezena» e da «vela grande» se augmentasse a superficie do panno com a «varredoura» e o «pelarcão», correndo assim durante alguns minutos. Mas o tempo, para a tarde, começava a refrescar, e o habil timoneiro da «Guida» julgou inutil conservar mais que as duas primeiras velas. A' 1,38 minutos terminava a canôa as duas voltas regulamentares, chegando á meta, o «Whim» á 1,42, seguido pelo «Hinemoa» á 1,48.

Triumphara, portanto, a tradicional canôa portugueza. Eu não sei até que ponto esta victoria sportiva poderá influenciar os futuros acquisidores de barcos de recreio. Ouço dizer aos entendidos que os barcos de construcção ingleza produzem o seu maximo rendimento nas condições para as quaes foram estudados: navegando com pouco vento e nos tranquillos rios e lagos da Grã-Bretanha. A canôa «Guida», que se construiu em Alcantara e é obra do mestre João Spinola, foi pelo contrario feita para aguentar todo o tempo e para navegar em todas as condições. Sob o ponto de vista sportivo seria esta adopção de um typo nacional de barco de pesca, aperfeiçoado e aristocratisado pelos amadores de vela, não é menos interessante que a tentativa de adaptação ás nossas aguas dos elegantissimos «fine-keels» inglezes. E mais interessante ainda seria vermos um dia consagrado o nosso typo de canôa n'uma das muitas regatas internacionaes que certamente, depois de terminada a guerra, hão de organisar-se do novo no estrangeiro.

Para terminar, e como remate da filme (?) este curioso episodio:

Quando o jury desembarcou em Belem e se dispunha a tomar o carro electrico para regressar a Lisboa, approximou-se do grupo um guarda fiscal e inquiriu com diabolico sorriso qual o contheudo de uma pequena caixa que transportavam. A caixa foi aberta, e aos olhos esgazeados do soldado deparou-se... um canhão! Franziu o sobr'olho e commentou:

—Isto cheira-me a conspirata!

E lá foi para o posto a pessoa que tentára «introduzir clandestinamente artilharia em Lisboa».

Só depois de interminaveis explicações os homens se convenceram de que aquella pequena peça era indispensavel n'uma regata para dar o tiro da partida e o da chegada, que nunca produzira nem podia produzir outra coisa mais que esses innocentes estampidos, e que ainda de manhã ali passára para exercer tão inoffensiva missão. A guarda fiscal rendeu-se á evidencia.

Hermano Neves.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 15/16	35 13/16
Londres, 90 d/v.. . .	36 1/2	—
Paris, cheque. . . .	$73,6	$74,2
Allemanha, cheque .	$28,4	$29
Hollanda, cheque . .	$56	$57
Madrid, cheque . . .	1$33	1$34
New York	1$39	—
Rio s/Londres. . . .	12 3/4	—
Libras.	6$78	6$90
Agio do ouro. . . .	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,80	39,80
» » 500$	39,60	39,85
» » 100$	—	39,85

Obrigações d'Estado: 3 % 1905, 9$30; 4 1/2 88-89, assent. 50$60.

Externas: 1.ª serie 72$, 2.ª 71$, e 3.ª 74$.

Acções: Banco de Portugal 178$50; Lisboa & Açores 114$90; Assucar 99$80; Ilha do Principe 198$; Gaz, assent. 48$60 e coup. 49$.

Obrigações: Carris de Ferro de Lisboa, 9$95.

A GRANDE QUESTÃO DO ASSUCAR

Sahindo do nada a firma Hornung

envolve Portugal e colonias n'uma teia e colhe milhares de contos do Estado e do consumidor, lançando o paiz em complicações

Urgencia de soluções governativas

O governo, o parlamento e o paiz teem diante de si um espectaculo grave com exigencias irreductiveis.

O sr. Hornung falliu em Lisboa e depois metteu-se em especulações assucareiras, sendo os capitaes alheios. Tomava de arrendamento fabricas e refinarias de uns, fazia conluios e consorcios com outros, comprava a credito ou vendia por commissão o assucar de estranhos, e preparava o açambarcamento do todo o mercado nacional d'aquelle genero. Ainda hoje a situação da firma Hornung é principalmente de arrendataria, intermediaria e açambarcadora do negocio, embora tenha já capitalisado rendimentos em Moçambique e esteja a caminho de os ter enormes.

A firma Hornung acima de tudo precisava do bonus e favores do Estado. Para os obter foi espalhando que ia não só fazer o progresso da colonisação em Moçambique, mas tambem baratear em Portugal o assucar, pelo augmento das suas importações privilegiadas. O Estado acreditou e cedeu.

Mas a firma Hornung não queria nem podia fazer colonisação nem civilisar pretos, aos quaes foi pagando salarios de meia duzia de centavos por dia para lhe produzirem assucar a 3 centavos o kilo. E não baixou, antes augmentou o preço aqui, porque não lhe foi imposta a obrigação de o diminuir e tudo ficou entregue á sua vontade.

Se não houvesse a guerra, mesmo sem o bonus, o grupo Hornung, mettendo em Portugal em 1915, como em 1914, 9.000.000 kilos de assucar, chegaria com elles ao mercado interno, depois de todos os encargos sem excepção, inclusivé os de areamento e commissões finaes, a 20 centavos o kilo, ou por 1.800 contos, e vendel-os-hia a 23 centavos em média, ou por 2.070 contos, tendo o ganho rasoavel de 270 contos, ou de 15 por cento do custo.

Se não houvesse a guerra, mas se applicasse o bonus, o grupo Hornung traria até o mercado interno a 14 centavos, ou por 1008 contos, os seus 7.200.000 kilos de assucar privilegiado, e vendel-os-hia por 1.656 contos, a 23 centavos, tendo o lucro desnatural de 64 por cento do custo, ou de 648 contos.

Com as circumstancias excepcionaes da actual guerra, o grupo Hornung, unido com os assucares da Madeira, dos Açores e de Angola, poderia trazer ao mercado interno 20.000.000 kilos do seu producto por 3.770 contos quando muito, e vendel-os-hia por 5.600 contos, a 28 centavos em média, ganhando 1.830 contos ou 9 centavos por kilo.

Mas a firma Hornung, em abril, pedia e obteve que fossem augmentados em 2 centavos por kilo os preços do assucar entregue ao consumo, o que elevará aquella cifra de lucros a perto de 2.000 contos. E ainda a estes se devem acrescentar não menos de 600 contos, que o mesmo grupo ganharia em mais de 10.000.000 kilos exportados de Moçambique para o estrangeiro.

Se o grupo, em vez de metter aqui 20.000.000 kilos, mettesse apenas 10.000.000 e exportasse 20.000.000 [illegible] para o Transvaal e Londres, a fim de satisfazer o governo inglez, o seu lucro total andaria sempre em volta de 2.500 contos, mais para a direita ou mais para a esquerda.

No meio de tudo isto, foi dado a esse grupo e aos seus alliados 20.000 contos do Estado desde 1914 a 1933 por meio dos quaes absorverão todo o mercado com a sua superioridade invencivel, destruindo na sua passagem a fabrica Hinton e a agricultura da Madeira, levando o dinheiro do povo, aggravando as situações do operariado, e prendendo perigosamente a vida economica, politica e administrativa do paiz aos interesses estrangeiros de Moçambique, em breve colossaes.

A nova questão Hinton, que embora tenha uma solução equitativa para ambas as partes, offerece [illegible], é uma das primeiras obras funestas das ambições desmedidas da firma Hornung, sem cujas manobras [illegible] não existiria. Salta aos olhos a urgencia extrema de liquidal-a por uma vez, e de resolver em seguida a questão geral do assucar, segundo as exigencias da liberdade e administrativa economica de Portugal, e da alimentação publica, e sem prejuizo do que for justo para as culturas e industrias da Madeira, dos Açores, de Angola e de Moçambique.

A viação militar

Continuam a affluir os offerecimentos de voluntarios que desejam dedicar-se á profissão de pilotos-aviadores. Hoje teve a registar os dos srs. Francisco Rodrigues Pereira e Arthur Ferreira Coutinho de Mattos, ambos cutileiros e residentes, respectivamente, na calçada da Bica Pequena, 18, 2.º E, e calçada do Conde Pombeiro, 22.

Madame Oliveira Moniz

No Rio de Janeiro falleceu madame Oliveira Moniz, irmã do sr. dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brazil em Portugal.

Ao illustre diplomata os nossos sentidos pezames.

A CAPITAL

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Approva-se o tratado de arbitragem com a Inglaterra

A' segunda chamada respondem 73 deputados, que approvam a acta. Preside o sr. Azevedo Coutinho e representam o governo os srs. ministros da guerra e da instrucção. No expediente abundam telegrammas de camaras do norte, centro e sul, pedindo resoluções immediatas sobre a questão vinicola. O sr. Costa Junior refere-se ainda aos processos levantados por falsificações de generos e explica o que com elles se passa na policia. Allude, principalmente, aos autos levantados por adulteração e que a policia archiva sempre, por ouvir dizer aos arguidos que não andaram de má fé. Conta o caso de só a Companhia de Panificação Lisbonense ter em aberto 120 processos por adulteração, figurando no activo da Nova Companhia de Moagens nada menos de sessenta e tantos. Mas mesmo sobre processos de falsificação a lei não se cumpre, archivando-se processos que deviam chegar aos tribunaes. Espera por novos documentos para então provar como a policia administrativa, que tanto se apressou em vir para publico defender-se, cumpre os seus deveres. Termina requerendo esses documentos pelas vias competentes e diz que os processos a que se refere são de fraude perigosa e ascendem a mais de mil. Apresenta um projecto de lei declarando arte perigosa a arte tipographica, que ficará por isso incluida na tabella respectiva e terá por consequencia reduzir a oito horas o trabalho diario dos tipographos nas officinas particulares. Pede a urgencia e dispensa do regimento, que são regeitadas.

O sr. Augusto José Vieira conta o caso de um estudante do liceu de Braga ter visto rasurada a pauta respectiva em que se dava conta da sua passagem por media substituindo-se essa classificação pela de reprovado, o que o levou a tentar um desforço do professor que foi o causador d'esta irregularidade escandalosa, tentativa que não foi por deante, não impedindo isso que o professor puxasse de um revólver para o alumno, o qual acabou por ser expulso por dois annos. Crê estes facto gravissimos e pede ao sr. ministro da instrucção que dê explicações a respeito d'elles. O sr. ministro da instrucção responde que ignora por completo os factos apontados e promette proceder como a justiça e a lei aconselharem. Manda para a mesa um projecto de lei declarando que haverá annualmente duas epochas de exames para os alumnos que se dedicarem á Escola de Guerra, á Escola Naval e a outros estabelecimentos de ensino especial. E' approvada sem discussão, com urgencia e dispensa de regimento. O sr. Joaquim Ribeiro refere-se ás relações financeiras do Estado com as camaras municipaes, traçadas pelo ultimo regulamento da contribuição predial, e diz que muitas camaras, em face de medidas que estão sendo tomadas, ficarão na penuria e terão de pôr escriptos. Encontra-se n'esse caso a camara da Gollegã. Pede tambem que se regule a questão das pensões concedidas aos padres pela lei da separação, no ponto em que os pensionistas podem legar parte dos seus subsidios. O sr. ministro das finanças promette informar-se e proceder de harmonia com a lei. O sr. ministro da instrucção justifica e manda para a mesa uma proposta de lei isentando do pagamento de propinas nos exames de Estado os alumnos a quem hajam sido concedidos subsidios pelas bolsas de estudo, legalmente instituidos. Pede urgencia e dispensa do regimento. E' concedida. Fala o sr. Francisco Cruz, sendo a proposta approvada.

O mesmo ministro apresenta ainda uma outra proposta creando na universidade do Porto uma faculdade de direito. Pede a urgencia, o que provoca do lado dos evolucionistas grande borborinho, ouvindo-se durante largo tempo exclamações como estas:

—E' uma Universidade Beral!

—E' uma brincadeira!

—Ao menos afinem!

E os protestos, durante largos minutos, continuam. O presidente ameaça interromper a sessão se os animos não se acalmarem. Mas só a custo o socego se restabelece. Serenados os animos, percebe-se então que a urgencia pedida é concedida e averigua-se que a proposta cria, na universidade do Porto, uma faculdade de lettras e outra de sciencias juridicas e estabelece n'aquella cidade uma escola normal superior, adstricta á faculdade de sciencias.

Não ha augmento de despeza, sendo os gastos respectivos custeados pelas disponibilidades respectivas. O sr. Germano Martins manda para a mesa um projecto de lei esclarecendo e revogando algumas disposições da lei das expropriações por zonas, de modo a tornal-a mais exequivel. E' acceite com urgencia.

Na ordem do dia continúa a discutir-se a questão cerealifera. O sr. Lima Bastos prosegue nas suas apreciações, respondendo aos oradores precedentes e expondo ideias varias e complexas sobre o problema das subsistencias. Em seu entender não se barateia o pão reduzindo o preço do trigo. O que é preciso é fazer baixar os lucros da moagem.

Na segunda parte da ordem deve discutir-se o tratado de arbitragem com a Inglaterra. O sr. João Gonçalves requer a contagem. Ha numero. O sr. Alexandre Braga dá com immenso jubilo o seu voto ao tratado e elogia o sr. Augusto Soares por o ter negociado. Em qualquer occasião o tratado seria motivo para regosijo dos patriotas portuguezes. Mas n'este momento só póde causar alegria profunda que seja a Inglaterra, de quem depende a solução do conflicto em que a humanidade anda empenhada, que venha até nós recordar a conveniencia de se renovar o tratado de arbitragem entre ella e este pequeno paiz, sempre glorioso, confirmando assim a nossa secular alliança. Aproveita o ensejo para affirmar uma vez mais a vontade do povo portuguez de cumprir todos os compromissos que essa alliança nos imponha.

O sr. Antonio José d'Almeida crê que a situação mutua entre Portugal e a Inglaterra está definida. Quanto ao resto, diz que ha affirmações que, por tão repetidas terem sido, acha inutil repetir. Não lhe parece opportuno falar da guerra e, por isso, limitar-se-ha a dar o seu voto ao tratado, cujo valor enaltece, sem deixar de de reconhecer que elle é tão util para a Inglaterra como para Portugal. Allude á guerra, na qual a Inglaterra se empenhou por amor á paz. Se Portugal tivesse de pagar em armas, fal-o-hia ainda pelo mesmo motivo.

Está farto de ouvir dizer que a honra nacional está salva. Não o duvida. Mas é preciso alguma coisa mais. E' preciso entrar no caminho dos factos. Faz o elogio do heroismo portuguez e exalta o feito do tenente Aragão e pergunta se em Portugal se tem procedido com aquelle espirito heroico que leva ás conquistas que ficam e ás situações inteiramente definidas.

Falam, por fim, os srs. Aresta Branco e o ministro dos estrangeiros, sendo o tratado approvado.

No Senado

Discute-se o orçamento do ministerio das finanças

A's 14,45 preside o sr. dr. Sousa Fernandes, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches. Respondem á chamada 27 senadores que, sem reparos, approvam a acta. Expediente ao seu destino.

Como ninguem peça a palavra antes da ordem entra-se immediatamente na ordem do dia—orçamento do ministerio da justiça.

O sr. Lima Duque—Não está presente nenhum membro do governo...

O sr. Sousa Junior—Peço a palavra para quando esteja presente o sr. ministro das finanças.

O sr. presidente (Sousa Fernandes)—Não estando presente o sr. ministro da justiça interrompe-se a sessão até que s. ex.ª chegue.

Eram 15 horas e cinco minutos.

Reaberta a sessão pela presença do sr. dr. Catanho de Menezes, o sr. dr. Daniel Rodrigues requer dispensa de leitura do orçamento em discussão, o que é approvado. Em seguida é dada a palavra ao sr. Lima Duque, que começa por mandar para a mesa uma moção lastimando que o orçamento não corresponda, como devia, á situação financeira do paiz. Depois alonga-se em considerações justificativas da mesma.

Falam ainda na generalidade os srs. Nunes Garcia e ministro da justiça que defendem calorosamente a obra orçamental do referido ministerio que nas actuaes circumstancias não podia ter sido mais economicamente elaborado.

Posto á votação na generalidade ficou approvado, requerendo o sr. dr. Sousa Junior que a discussão na especialidade se faça por capitulos, o que o Senado egualmente approva.

O capitulo 1.º foi approvado sem discussão. O 2.º e 3.º egualmente approvados depois de falarem sobre elles os srs. drs. Pedro Martins (contra) e Nunes Garcia (a favor).

Sobre o capitulo 4.º e na parte respeitante aos emolumentos do registo civil o sr. dr. Pedro Martins propõe que ao respectivo ministro se conceda a faculdade de a modificar, faculdade que o sr. dr. Catanho de Menezes não acceita porque quer collaborar em tudo com o parlamento, sobretudo em assumpto de tal magnitude.

Entre os dois oradores ha larga discussão, com replica e treplica, depois do que o capitulo se approva, rejeitando-se a proposta do sr. dr. Pedro Martins. Ficou ainda por approvar parte do capitulo V depois d'um ligeiro incidente de votação, em prova e contraprova.

Antes de encerrar a sessão o sr. dr. Sousa Junior pede que em Portalegre se installe em edificio proprio o respectivo posto agrario, o que o sr. ministro da justiça promette transmittir ao seu collega do fomento.

A'manhã sessão com a mesma ordem do dia.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 2.—*Communicação official das 15 horas:*

Na tarde de 1 de agosto e na noite de 1 para 2 houve varios recontros de infantaria. Em Artois depois de havermos repellido varios ataques allemães á granada, apoderámo-nos de um elemento de trincheira no caminho cavado de Ablain a Angres, ao norte da estrada nacional de Bethune a Arras. Em torno de Souchez a lucta proseguiu com petardos e granadas de mão, não havendo modificação na frente de combate nem d'um nem d'outro lado. Em Champagne na linha de Perthes a Beausejour, houve lucta de minas de que obtivemos vantagens. Em Argonne na região de Marie Thérèse a Saint Hubert depois de vivo combate de bombas e petardos, os allemães tentaram varios ataques que foram repellidos. Nas collinas do Meuse entre Eparges e a trincheira de Calonne o inimigo atacou por tres vezes as nossas posições no bosque Haut mas os nossos fogos de artilharia e infantaria detiveram estes ataques. Pont-a-Mousson e as villas de Maidières e Mancourt-sur-Seille foram bombardeadas com granadas incendiarias.—(Havas).

Bens das congregações

Proseguiu o leilão de paramentos, no antigo convento do Sacramento em Alcantara, sob a presidencia do vogal da commissão jurisdiccional das extinctas congregações, sr. Gonçalves Neves, tendo rendido cerca de 500 escudos. Continuam, amanhã, ás 12 horas. Depois d'amanhã, ás mesmas horas, effectua-se, no antigo convento das Salesias em Belem, o leilão do retabulo da egreja, um piano e outros objectos.

Asylo Elias Garcia

A' sua inauguração official vae assistir o sr. presidente da Republica

Em comboio especial seguiu esta manhã para Torres Vedras, onde foi inaugurar officialmente o Asylo Elias Garcia, o sr. presidente da Republica, que chegou á «gare» da estação do Rocio, pelas 8 horas e 20 minutos, acompanhado pelo seu secretario particular sr. Levy Bensabat, aguardando-o na «gare» os srs. presidente do ministerio, Luiz Filippe da Matta, drs. Antonio Macieira e Estevam de Vasconcellos, alferes Paula Pacheco, capitão Tavares de Carvalho, deputado Constancio de Oliveira, Gregorio Fernandes, Ricardo Covões, Arthur Ferreira, Antonio da Costa Rodrigues, Carlos Simões Torres, etc. O sr. presidente da Republica tomou logar n'um salão atrelado á cauda do comboio, acompanhado pelo sr. presidente do ministerios e seus secretarios. Nas restantes carruagens seguiam as pessoas acima referidas, indo n'um compartimento de 2.ª classe muitas outras que haviam tomado bilhetes.

A partida fez-se ás 8 horas e 55 minutos. No comboio das 8 horas e 15 haviam já seguido para Torres Vedras as bandas do corpo de marinheiros e da guarda republicana, assim como grande numero de pessoas. A direcção do Gremio Luzitano fez-se representar pelo sr. Francisco Luiz Nunes, que tambem seguiu para Torres Vedras no comboio especial.

A' partida do comboio ergueram-se calorosos vivas á Republica e á Patria. Em todas as estações do trajecto o sr. dr. Theophilo Braga foi muito saudado subindo ao ar grande quantidade de foguetes. O sr. presidente da Republica ia acompanhado, além das pessoas a que já nos referimos, pelo sr. ministro do interior, general Correia Barreto, dr. Estevão de Vasconcellos, dr. Levy Marques da Costa e pelos deputados do circulo. A recepção na estação de Torres Vedras foi cheia de enthusiasmo. As ruas estavam ornamentadas, sendo a concorrencia de povo enorme. O chefe do Estado era aguardado pelas bandas de marinheiros e da guarda republicana e pelas philarmonicas da localidade. A' entrada da rua via-se um arco ornamental com a inscripção:—«Torres Vedras saúda-vos». Trocados os cumprimentos do estylo e ao som da «Portugueza» organisou-se o cortejo que foi imponente. Passando por varias ruas o sr. dr. Theophilo Braga entrou na camara municipal onde tomou a presidencia, secretariado pelos srs. dr. José de Castro e ministro do interior. O presidente da camara usando da palavra, deu as boas vindas ao sr. presidente da Republica, falando em seguida os srs. drs. José de Castro, Antonio Macieira e Levy Marques da Costa. No atrio estava uma força de bombeiros que fazia a guarda de honra. Seguidamente, o sr. dr. Theophilo Braga, ministros e convidados dirigiram-se para o quartel dos bombeiros voluntarios onde lhe foi entregue uma mensagem.

Na inauguração do Asylo usaram da palavra os srs. dr. Estevão de Vasconcellos e Raymundo Alves, em nome da loja Elias Garcia. As bandas militares e as philarmonicas acompanhadas de muito povo percorreram as ruas da villa no meio de grande enthusiasmo e vivas á Republica e ao sr. dr. Theophilo Braga.

Afogado ao tomar banho

No ultimo domingo do mez passado, na freguezia do Curral das Freiras, Funchal, João Gonçalves Junior, de 17 annos, tendo ido tomar banho n'um pego que ha na ribeira do Cidrão, morreu afogado, por não saber nadar.

O cadaver foi encontrado á tona de agua pela familia que, tendo dado pela sua falta, andava a procural-o.

Internato Infantil dr. Affonso Costa

A commissão delegada das juntas de parochia reune amanhã, juntamente com todas as pessoas e delegados das corporações por ella convidadas, ás 21 horas, na Provedoria Central da Assistencia, na praça do Brazil, a fim de se resolver a fórma mais viavel de levar á pratica a construcção do Internato Infantil dr. Affonso Costa, commemorativo das melhoras d'esse illustre estadista.

Tambem commemorando essas melhoras, a direcção do Centro Escolar Republicano Rodrigues de Freitas vae realisar um banquete de homenagem.

O drama do quartel d'engenharia

O funeral do sargento Almeida

Sahiu hoje do hospital da Estrella pelas 17,45 horas o prestito funebre do 2.º sargento d'infantaria 12 Accacio Gomes d'Almeida, uma das victimas do drama do quartel d'engenharia.

O cortejo dirigiu-se para a estação do Rocio pela rua de Santa Izabel, praça do Brazil, rua Alexandre Herculano e Avenida, sendo o corpo transportado n'um armão de artilharia 1, indo sobre o coffre varias coroas. Atraz do armão seguia um sargento com o bonet do fallecido envolvido em crepe, e logo depois o chefe do estado maior da 1.ª divisão, tenente-coronel sr. Alves Roçadas, representando o general commandante, e o tenente sr. Domingues, official do gabinete do ministerio da guerra, representando o ministro. Sem precedencias, seguiam-se-lhes sargentos da marinha e de todas as armas do exercito, da guarda republicana e da guarda fiscal.

O feretro vae para Benespera, Beira Baixa, donde o fallecido era natural e onde vive a familia, a qual, como hontem dissemos, requereu ao ministerio da guerra para o cadaver ali ser sepultado.

O ministro não só concedeu a auctorisação requerida, como ainda, d'accordo com os ministros da marinha, finanças e interior, mandou abonar passagens a um sargento de cada regimento, serviço ou guarda para acompanharem o seu desditoso camarada á ultima morada.

A despeza com o transporte do corpo será rateada por todos os sargentos de terra e mar em serviço em Lisboa.

Na estação aguardava a chegada do feretro o tenente Leal, representando o commandante do regimento de engenharia. Organisou-se um turno de armão para o «fourgon» onde deve seguir o cadaver, pegando ás borlas esse official e os representantes do sr. ministro da guerra e do general commandante da 1.ª divisão.

Por lapso, disse-se hontem na noticia do funeral dos dois sargentos tambem victimas do drama que o capitão sr. Tavares de Carvalho falára em nome do povo de Lisboa. Esse official falou apenas em seu nome, exalçando as qualidades que distinguem a corporação dos sargentos e prestando a sua sentida homenagem aos que foram victimas d'um allucinado.

Vicente Arnoso

Uma festa de homenagem

Alguns amigos do dr. Vicente Arnoso, para *commemorar a publicação do* seu recente livro «Cantigas... leva-as o vento», primor litterario a que ha dias largamente nos referimos, tencionam realisar no proximo sabbado em Nova Cintra um almoço de homenagem ao distincto poeta, que brevemente retira para a Beira. Da commissão organisadora fazem parte os drs. Carlos Olavo, Joaquim Ribeiro, Hermano Neves e Ramada Curto e os actores Henrique Alves e Mario Duarte. A inscripção está desde já aberta na rua do Carmo, 69, 1.º Esq., das 3 ás 6 horas da tarde.

Novos estabelecimentos

A firma F. H. d'Oliveira, proprietaria dos *importantes* depositos de materiaes de construcção na rua 24 de Julho, inaugurou hoje, na rua do Commercio, uma succursal para a venda de productos pharmaceuticos, drogas, tintas, secção de ferragem, que, ficou sendo o mais amplo estabelecimento da especialidade que se encontra na cidade Baixa. A nova casa está magnificamente installada no cunhal da rua do Commercio e rua da Magdalena, tendo n'aquella os n.os 1 a 13 e n'esta os n.os 33 a 39. O novo estabelecimento, que é mais um brilhante testemunho da iniciativa dos conceituados industriaes, constitue egualmente um titulo de engrandecimento da cidade, a despeito da epocha não ser das melhores para rasgadas iniciativas como essa.

Beneficencia particular

Na Associação Protectora das Creanças, pelas forças do legado Raphael da Silva, foi hoje distribuido um jantar a 100 creanças que frequentam as aulas d'essa instituição, assistindo a regente, sr.ª D. Adelaide Prazeres, ajudante sr.ª D. Emilia Lopes, professoras sr.as D. Maria Holbeche e D. Clotilde Ferreira e os srs. Jorge Bello, Facco Valentim, Vicente Silva e Victor Robles.

Na Juncção do Bem foram distribuidas aos pobres protegidos por essa collectividade 8 esmolas de um escudo, 80 de $50 e 280 senhas de jantares das Cosinhas Economicas. No dia 1 começam os banhos ás creanças na praia do Lagoal, Caxias.

Eleição presidencial

Os parlamentares da União Republicana deviam ter reunido hoje para trocar impressões ácêrca da eleição presidencial e ainda para deliberar sobre varios trabalhos de organisação partidaria. Não o fizeram por falta de numero, ficando uma nova reunião convocada para a proxima quinta-feira.

Um deputado filiado n'aquelle partido garantiu-nos hoje que a União Republicana não se julga com forças parlamentares que lhe dêem direito á apresentação d'um candidato á presidencia da Republica. Cada um dos seus deputados e senadores votará no sr. dr. Duarte Leite— e eis tudo. Está claro que basta isso para que o nosso embaixador no Brazil seja considerado o candidato da União, visto que essa qualidade não depende do numero de votos que elle possa obter como tal. Seis votos que o partido tivesse, sommadas as suas forças na Camara e no Senado, davam-lhe todo o direito á escolha d'um candidato. Evidentemente, se o partido quizesse abdicar d'esse direito, não concorria á eleição, ou votava no candidato dos outros partidos que mais garantias lhe offerecesse de imparcialidade. Mas não é isso o que succede.

Esta noite, na reunião do grupo parlamentar democratico deve ficar assente a escolha d'esse partido.

NOTAS DIVERSAS

Ha já votados quatro orçamentos, o da justiça, o das colonias, o do interior e o das finanças. Faltam, portanto, ainda cinco. A'manhã, entrará em scena o dos estrangeiros, com o augmento de trezentos escudos á legação de Berlim e tudo o mais que por lá se contem. Depois, caberá a vez ao da marinha, cujo parecer a commissão já approvou. O do fomento, que costuma consumir sempre muitas sessões, ainda não tem parecer, e como não é elle o unico que está n'estas condições, devem andar na lua ou muito perto aquelles que affirmam que o Parlamento fechará no dia 9 do corrente.

—O *Diario do Governo* de hoje publicou o decreto reintegrando no logar de professor effectivo do 4.º grupo do liceu de Maria Pia o sr. Alipio Albano Camello e as leis: reconhecendo como revolucionario militar, para os effeitos legaes, o sr. José Pinho Correia; incluindo no concelho de Gaya as freguezias de Santa Marinha e Mafamude; auctorisando a camara municipal de Albufeira a lançar um imposto sobre as mercadorias exportadas pelo porto de Albufeira; determinando que dois terços do rendimento dos bens da extincta collegiada da Senhora da Oliveira, de Guimarães, sejam destinados ás despezas do liceu d'aquella cidade e suspendendo a execução do decreto n.º 1645 sobre sociedades anonimas. Publica egualmente as portarias: prorogando até ao dia 20 do corrente o praso dos concursos para a admissão de professores provisorios nos liceus do continente e ilhas e determinando que o posto fiscal da Mina de Azoiche, da secção da Nazareth, seja habilitado a cobrar o imposto de pescado.

—Pela pasta da guerra foram á ultima assignatura os decretos passando á situação de addido o coronel de estado maior de infantaria Manuel d'Oliveira Gomes da Costa; de reserva o coronel de estado maior da mesma arma José Joaquim Pando de Menezes e Vasconcellos e á de inactividade o alferes de infantaria José Augusto da Silva Pereira; promovendo na arma de infantaria a tenentes coroneis os majores Antonio Faria Peixoto Braga e Manuel Pereira da Silva, e a capitães os tenentes Augusto Cesar Alves Aguia e Luiz Gomes de Azevedo; a major o capitão Antonio Baptista Justo e a alferes e collocado na situação de reserva o 1.º sargento de artilharia João José Ferreira Diniz. Demitte do serviço do exercito por o haver requerido o tenente medico miliciano Joaquim de Mattos Coutinho; passa á situação de addidos os tenentes de engenharia Ventura Malheiro Reymão e de cavallaria Gonçalo Telles da Silva.

—O sr. ministro do fomento, acompanhado do chefe do seu gabinete e engenheiros, foi hoje assistir á inauguração do troço do caminho de ferro do Valle do Sado.

—A camara de Alpiarça não se fez representar na reunião dos viticultores do sul, effectuada hontem, por só ter conhecimento da mesma reunião pelos jornaes que chegaram aquella villa pelo meio dia.

Questões tauromachicas

Uma carta

Sr. redactor.—Pedimos a v. a publicação do seguinte:

Constando-nos que algumas pessoas cujo fim não podemos attingir se entreteem propalando que nós, amadores, recebemos qualquer remuneração em dinheiro pelo nosso trabalho n'algumas corridas de touros em que temos entrado, vimos publicamente declarar que apenas recebemos os applausos immerecidos da parte do publico, e os abraços e saudações dos nossos amigos e admiradores, reptando desde já seja quem fôr a que por esta, ou outra fórma, tambem publica, nos desminta.

Agradecendo a deferencia da publicação d'estas linhas, somos de v., etc.—*D. Carlos, D. Alexandre, D. Antonio e D. João de Mascarenhas.*

PEQUENAS NOTICIAS

—Ao hospital de S. José recolheram: á enfermaria 1, Manuel Gonçalves, o *Novo*, moço de fretes na estação do Terreiro do Paço, aggredido com uma facada nas costas pelo seu collega José Borges d'Oliveira, e Guilhermina Maria, moradora em Villa Franca de Xira, colhida, ao atravessar a linha, pelo comboio, ficando muito ferida; á enfermaria 4, José d'Oliveira, atropellado por um automovel, ficando com fractura da perna esquerda.

—Jacintha de Figueiredo tentou suicidar-se, precipitando-se ao Tejo. Foi salva e conduzida a sua casa, escadinhas do Duque.

—Uma commissão de pintores fez hoje destribuir um manifesto protestando contra o facto da Camara Municipal pretender lançar um novo imposto sobre taboletas e letreiros.

Simões Bayão

Participa a sua chegada do estrangeiro e reabertura de clinica.

Largo de S. Paulo, 19, 1.º.

A nova questão Hinton

CHEGADOS AO FIM DA ANALISE do folheto da firma W. Hinton & Sons, que é um amontoado de numeros inexactos, de affirmações vagas e de insinuações *sem fundamento*, tudo tendente a servir os interesses d'essa firma, julgamos, em nossa consciencia, ter feito prova completa de que a firma Hinton não tem fundamento algum para reclamar do *governo portuguez* qualquer indemnisação, ou a tão desejada prorogação dos varios monopolios de que goza.

Mas, para que *ninguem*, de boa fé, possa ter a mais pequena duvida de que a firma Hinton não soffrerá prejuizo nenhum com as disposições da base 23.ª da lei de 15 d'agosto de 1914, na parte em que se refere *ao regimen dos* assucares coloniaes, *os representantes* das Emprezas productoras de assucar na Africa Portugueza, reunidos em sessão em 25 do corrente, approvaram a seguinte proposta apresentada pelo sr. Sousa Lara:

«1.º Que, na altura em que a commissão assim o entender, na serie de artigos que se estão publicando, torne publico que as *Emprezas Coloniaes* tomam a responsabilidade, perante o governo, de comprar a este as colheitas de assucar da firma Hinton & Sons até ao anno de 1918, inclusivé, nas condições em que ella livremente vendeu a colheita de 1914, anteriormente, portanto, á lei de 15 de agosto de 1914, que serve de pretexto para a sua reclamação, com o fundamento de que os assucares coloniaes fazem grande concorrencia á sua industria e lhe causam prejuizos que elle Hinton reclama lhe sejam compensados ou pelo resgate da fabrica, recebendo lucros cessantes, ou por uma indemnisação pecuniaria ou ainda pela prorogação do praso do seu monopolio.

«2.º Que as Emprezas Assucareiras assumindo, para com o governo, a responsabilidade do cumprimento das condições atraz expostas, com respeito á compra dos assucares da Madeira até 1918, teem em vista ajudar o governo a defender-se das descabidas pretensões da firma Hinton.

3.º Que, se vierem a effectivar-se as responsabilidades das compras cada uma das Emprezas Assucareiras das duas provincias, abaixo assignadas, contribuirá com um quinhão de responsabilidade correspondente á sua producção no anno cultural em que venha a realisar-se a referida compra.»

As Emprezas Coloniaes portuguezas, por um sentimento de patriotismo, e as Emprezas inglezas, para mostrarem o seu reconhecimento para com um paiz que lhes fez concessões especiaes e lhes permitte exercerem livremente e em boas condições a sua industria, teem o maior prazer em collocar por esta fórma o governo portuguez em condições de poder responder ás reclamações da firma W. Hinton & Sons, dizendo que não só lhe ficam assegurados todos os privilegios do decreto de 11 de março de 1911, mas ainda a situação d'essa firma é melhorada, por isso que venderá o assucar que produzir sem soffrer as contingencias resultantes da concorrencia no mercado nacional.

O preço de venda do seu assucar será apenas dependente do preço mundial d'este genero.

Pelas emprezas assucareiras da Africa portugueza

A. Sousa Lara.
Guilherme Oliveira d'Arriaga.
Thomaz de Paiva Raposo.

A questão do dia

As relações do sr. Hinton e do sr. Hornung

Sou forçado a responder ás lastimaveis insinuações feitas no *Seculo* pelo sr. Paiva Raposo, representante do sr. Hornung e da sua firma.

1.º A firma Hornung armou-se por sua parte com a lei de 15 d'agosto contra a firma Hinton;

2.º O sr. Hinton, com toda a lealdade, declarou ao sr. Hornung, em casa d'este, em dezembro, estando presente o sr. Paiva Raposo, que ia defender com vigor a sua causa, repetindo-lhe isso ainda mais expressivamente em abril, ao despedir-se d'elle no porto do Funchal;

3.º O folheto em defeza da mesma causa, publicado em julho, não offendeu pessoalmente o sr. Hornung;

4.º A firma Hornung, a proposito do folheto, promoveu uma campanha de paixões e indelicadezas deploraveis contra o proprio sr. Hinton, indo-se até á infeliz idéa de insinuar sem fundamento que seu pae tinha fallido.

Peço muito ao sr. Paiva Raposo, de quem sou amigo, que não vá para o terreno pessoal, e que procure apenas fazer sensação com os lucros de mais de 150 contos, normalmente, e de mais de 500 em 1915, attribuidos á firma Hinton, deixando-nos a contas com os 300 que d'aquelles 500 o sr. Hornung queria levar para si nos esforços de janeiro em Londres, mais os 2.100 que elle e os seus amigos colhem em 1915, mais os 1.000 que ainda queria nas instancias para que se estendesse o «bonus» a todo o assucar preciso para o consumo, e, acima de tudo, mais os milhões que trata de obter para a sua firma, com destruição dos direitos alheios.

Lisboa, 1 de agosto de 1915.

Luiz Alberto de Freitas.

Novidades litterarias

Sem cura possivel, de André Breo, 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Guliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, de A. Dumas. (Complemento dos «Trez Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»). 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O piano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do Dr Toulouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco do porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

SPORT

A grande festa do Club Naval

A natação como "sport,, e como exercicio util—Um jogo interessante, o de "water-polo,,—Uma corrida entre marinheiros

Esteve hontem em festa o Club Naval de Lisboa. Promovia um espectaculo de natação em frente da sua séde no Caes da Viscondessa, tão annunciada e tão cheia de bellos elementos sportivos, que reuniu uma multidão consideravel, de milhares de pessoas, pelo caes, pelas muralhas, pelo paredão das docas e por centenas de embarcações alinhadas junto á «pista» das corridas de velocidade e ao rectangulo do jogo do «water-polo».

A festa de hontem foi, seguramente, a mais concorrida e a mais animada de todas que até hoje aquelle club organisou. Este exito é em parte compensador dos bons esforços e criteriosa orientação dos dirigentes actuaes, que, equilibrando as receitas da collectividade, sabem tirar d'ellas o sem aggravo de estabilidade associativa os recursos para organisarem e manterem um programma enorme, como é o esboçado para a epocha de 1915.

Na pequena festa a bordo do «steamyacht» «Ida», realisada hontem durante o espectaculo de natação, o director do club sr. João Loforte e o seu presidente de direcção sr. D. José de Noronha affirmaram que grande parte do triumpho alcançado pelo Club Naval se devia á cooperação desinteressada da imprensa e n'essa occasião tiveram palavras captivantes para «A Capital». Ora a verdade é que a imprensa auxilia o Club Naval, porque elle trabalha, porque tem iniciativas de beneficio patrio, porque presta importantes serviços á causa da educação physica nacional e porque está affirmando que póde progredir em tempos de Republica, sem aquelles auxilios que em tempos lhe prestaram, tão mal apreciados pelos então dirigentes do club, que os recebiam e os julgavam o unico recurso financeiro, «firme» e «estavel» da associação.

* * *

A festa de hontem era de natação. Tinha caracter educativo e caracter nacional. Foi, portanto, honrada e presidida pelos ministros da marinha sr. dr. José de Castro e da instrucção sr. dr. Lopes Martins, affirmando ambos ser benemerita a obra emprehendida pelo club, obra que, elles, ministros d'um Portugal que progredia e rejuvenescia, viam com immenso jubilo. O sr. dr. Lopes Martins accrescentou que a educação physica era indispensavel na formação integral do individuo e o sr. dr. José de Castro, n'um brilhante improviso, exaltando a alma de portuguezes e de marinheiros, felicitou os portuguezes que tanto e tão dedicadamente trabalhavam pela Patria.

A bordo foram distribuidas as medalhas e premios monetarios aos trez bravos marinheiros, um do «Almirante Reis» e dois do «Vasco da Gama», que ganharam as corridas de 100 metros, a nado, com valor e com galhardia, em lucta com mais 9 camaradas, mas... com desgosto para elles por não combaterem com os militares da guarnição de Lisboa, que não compareceram por motivos de prevenção. N'este momento, o sr. Duarte Rolbeche, presidente do Club Naval, saudou a heroica marinha de guerra, saudação que o capitão-tenente Agnelo Portela agradeceu.

E em brindes calorosos, quando da taça de champagne, citavam-se os merecimentos sportivos dos «equipiers» dos clubs que disputaram a taça «Henrique de Seixas». Esta fica sendo propriedade do Club Internacional de Foot-ball, cujo grupo de nadadores constituia uma «equipe» formidavel que levou de vencida o Club Naval, segundo, Gymnasio Club e Sport Algés e Dafundo. E fazendo-se a citação d'esses nadadores, tendo-se salientado alguns como Sobral, F. Soares, Leotte do Rego, Stocker, Ryder, Boaventura Bello, Duarte, impôz-se a natação como um dos melhores, se não o mais hygienico e salutar dos exercicios, que se prestava ás luctas emotivas das corridas de velocidade e ás phases variadas e interessantes do «water-polo». Quem fez estas affirmações tinha razão, como a seguir Alvaro de Lacerda o demonstrou, elle que é um propagandista e tambem excellente nadador, porque:

«... a natação, diz o dr. E. Monin, no seu «Journal de Hygiene» é o exercicio que mais augmenta a força muscular, melhor modifica o systema nervoso, melhor augmenta a tonicidade organica. E' um exercicio que favorece a digestão, aperfeiçoa a nutrição, regularisa as funcções do pulmão e do coração e exalta a prudencia e as qualidades nobres do homem».

Pelo nosso camarada de redacção dr. José Pontes, sobre «espadachins e duellistas ao serviço do Amor».

Para estimular os concorrentes do torneio, estabeleceram-se como premios: a «Taça Amadora», para a sala d'armas a que pertencer o primeiro; uma medalha d'ouro para o vencedor e duas medalhas de «vermeil» para o 2.º e 3.º classificados.

Algumas anecdotas

«... E nunca mais luctaremos um com o outro...»

Em 1878 Bainaise, a «Fera», viajava no oeste da França. Possuia, n'essa epocha, uma barraca bem pintada e muito arranjadinha, que foi montar nos campos da feira de Besançon. Ali encontrou um concorrente terrivel, Achilles Monchon, homem forte e atrevido.

Os homens do paiz não queriam vêr senão Monchon, não conheciam senão Monchon, não juravam senão por Monchon e não entravam senão na barraca de Monchon!

Elle ganhava dinheiro e Bainaize perdia dinheiro! Evidentemente que as coisas não podiam continuar assim...

O que fez Bainaize? Provocou o rival, apoiando o desafio como aposta de 20 francos. Era necessario que uma barraca matasse a outra. Monchon acceitou o repto mas Bainaize tombou-o em 2 minutos! O resultado foi que o vencedor adquiriu popularidade, mas não conservou rancor ao vencido. E á tarde, á porta da sua barraca arengava:

«Alegres como deuses, leaes como bravos, nós fomos, Achilles Monchon e eu, a uma taberna beber o delicioso nectar e nós abraçámo-nos em casa do taberneiro. E agora somos os melhores amigos e nunca mais luctaremos um contra o outro.»

Noticias

Entre nós

Grupo Sportivo da Sociedade J. R. Cordeiro

E' no proximo dia 8 d'agosto que se realisa na esplanada d'esta sociedade um grandioso sarau sportivo, levado a effeito por este grupo para inauguração do mesmo. A commissão sportiva espera que esta festa decorra com brilhantismo, visto que os ensaios dos amadores que tomam parte no mesmo teem sido feitos com o maior enthusiasmo.

Festa sportiva em Oeiras

A Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria de Oeiras realisou hontem com grande brilhantismo as provas finaes, de que fazia parte uma bella festa sportiva. Mais tarde realisou-se no campo da Torre um desafio de «foot-ball» entre esta sociedade e a Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1. O desafio que foi jogado com bastante energia de parte a parte, havendo por vezes phases muito interessantes, terminou pela victoria da Sociedade n.º 1, que obteve 4 bolas a 2.

A' noute todos os jogadores da Sociedade n.º 1 assistiram á sessão solemne de distribuição dos premios aos diversos classificados, tendo o sr. tenente Gomes da Silva feito um breve discurso. Aos jogadores da Sociedade n.º 1 foram offerecidos uns artisticos laços em seda, sendo tambem obsequiados com um magnifico copo d'agua.

Na volta para Lisboa foram os jogadores acompanhados á estação pelos de Oeiras.

Jogos Sportivos Nacionaes

O programma de ámanhã no Stadium é o seguinte: 1.º, Eliminatorias de 100 metros a pé com 14 concorrentes; 2.º, corrida de 1.500 metros com 9 concorrentes; 3.º, saltos em comprimento com corrida para o Pentatlon, 4.º, corrida pedestre de 5.000 metros; 5.º, lançamento do pezo com mão á escolha; 6.º, saltos em altura com corrida; 7.º corrida de estafeta de 1.200 metros entre «equipes» do Club Internacional de Foot ball e do Sport Lisboa e Bemfica.

E' um magnifico programma inicial e as entradas são gratis.

Notas do dia

Começam ámanhã os sports athleticos dos Jogos Sportivos Nacionaes

A Federação Portugueza de Sports começa ámanhã, no campo do Stadium, os sports athleticos dos seus Jogos Sportivos Nacionaes. São numerosos os concorrentes e estes pertencem a muitos clubs lisbonenses.

As «pistas» foram acondicionadas para que as provas se disputem com a maxima regularidade. Esse arranjo foi feito sob a direcção do sr. Pedro del Negro, um velho «sportsman» sempre activo e sempre obsequioso quando se trata de athletismo. Este acondicionamento de pista vem beneficiar extraordinariamente a festa, representando uma consideravel melhoria sobre o anno passado.

O programma inclue todas as provas classicas que se disputarão ámanhã, quinta e sabbado em «eliminatorias» e «meias-finaes» reservando-se para domingo, um desafio de «meio-fundos» entre os ciclistas profissionaes Soares Junior e Joaquim Raposo.

Na «Festa d'Armas» da Amadora disputa-se uma «Taça» e 3 medalhas

Pela regulamentação nova e original, pelo numero e valor das inscripções, o campeonato de espada que se effectua na noite do proximo sabbado na Amadora constitue um grande acontecimento sportivo e representa um espectaculo elegante, proprio d'uma epoca de progresso e de rejuvenescimento.

Já indicámos a inscripção de 11 esgrimistas, que pertencem ao quadro de honra dos melhores atiradores portuguezes. Sabemos, porém, que outras e importantes inscripções se esperam, uma d'ellas, a d'um campeão, que foi o mais classificado atirador no anno passado e é sempre motivo de brilhantismo nas festas em que toma parte.

O campeonato faz parte d'uma «Festa d'Armas», cujo programma é attendido com um concerto musical por uma orchestra d'arco e com uma conferencia

A NOVA TEMPORADA NO Coliseu dos Recreios

Opera comica italiana

Reabre no dia 14 o Coliseu com a inauguração da nova epocha, temporada que não irá além de um mez. A estreia de 14 é com a celebre companhia italiana de opera comica Granieri, que vem apresentar ao publico o seu novo e escolhido repertorio das mais afamadas operettas modernas, effectuando-se o debute com uma operetta, de recente data, do maestro Franz Lehar.

O director artistico da companhia Granieri é o celebre actor comico Adriano Manchetti e na troupe figuram a graciosa e simpathica artistica Fernanda Razzoli, seu pae o insigne actor Razzoli, e a celebre cantora St.ª Pattizzi Granieri.

Do repertorio da companhia fazem parte oito operettas desconhecidas em Portugal.

A 25 de setembro inaugura-se a epocha de circo, estreiando-se a maior attracção que hoje existe. A 24 de dezembro, inauguração da opera lirica.

VIDA ARTISTICA

O museu de mobiliario

O que diz o architecto Rozendo Carvalheira sobre a escola-officina de entalhadores

O architecto sr. Rozendo Carvalheira, que dirige superiormente as obras de reparação do palacio de Queluz, accumulando essa funcção com o exercicio de vogal da commissão dos monumentos nacionaes, fornece-nos hoje algumas informações supplementares á noticia que aqui demos, a proposito da creação de um museu de mobiliario escola-officina de entalhadores n'aquelle palacio.

—A circumstancia mais interessante n'este caso, diz-nos o illustre artista, está, sem duvida, na organisação definitiva do curso de entalhadores. E digo definitiva e official, accrescenta o sr. Rozendo Carvalheira, porque, na realidade, existe já um nucleo de operarios trabalhando no palacio que, em boa verdade, se pode denominar curso de entalhadores. Ao tomar conta da conservação e reparação dos palacios reaes apontei superiormente a necessidade de constituir nucleos de operarios entalhadores. Era não só uma forma de attender, até certo ponto, a crise de trabalho, mas ainda para se attender a uma evidente necessidade material. Nas residencias reaes, em edificios publicos de todo o paiz, havia preciosos exemplares de mobiliario, sendo preciso acudir ao seu estado de ruina. Muitos d'elles dispersos, de norte a sul, mereciam ser arrecadados para em devido tempo figurarem n'um museu, que certamente viria a constituir um repositorio interessante, pelo valor d'essa nossa producção artistica. Consegui organisar, vae para quatro annos, dois nucleos de artifices da especialidade, que procurei entre os mais dedicados e aptos no officio. Reuni uma duzia de bons operarios que dividi pelo mosteiro dos Jeronymos e pelo palacio de Queluz.

«Esses modestos trabalhadores, que se dispuzeram a exercer com verdadeira devoção a tarefa que lhe confiámos, tinham necessidade de alguem que os dirigisse de perto, vigiasse o seu trabalho, pois eram chamados a realisar uma obra que nada tinha de vulgar e banal. Tratava-se de reconstituir, reparar e conservar preciosas e delicadas obras de talha e esse trabalho só poderia ser levado a cabo quando dirigido por um artista esculptor, que lhes apontasse as bellezas que seria preciso conservar com respeito e enlevo. Foi para garantir essa espiritualisação artistica que transpira através da *boiserie* preciosa que procurei o concurso do estatuario, sr. Costa Motta. Os nucleos de entalhadores dos Jeronimos e do palacio de Queluz são dirigidos na sua tarefa pelo distincto artista, a quem presentemente indigitam para director e professor do museu e escola-officina, a installar n'essa residencia regia, que é bem o *Fontainebleau* de Portugal.

«E' importante já o trabalho realisado ali pelos sete operarios entalhadores que lá colloquei. Esse grupo concertou toda a obra de talha da sala dos Serenius e leva adeantados os trabalhos de reparação e reconstituição da celebre sala do throno. A' semelhança do que se fez na sala anterior, o tecto d'esse magnifico aposento, onde se reuniam os embaixadores, em dias solemnes, vae ser suspenso e consolidado, antes de receber os precisos reparos.

«Como vê, conclue o distincto architecto, a escola officina de entalhadores está constituida, de facto. Um decreto seria apenas uma consagração. Recolher n'aquelle palacio o mobiliario já existente e arrecadado em varios pontos seria valorisar o sumptuoso edificio que bem merecia mais as attenções do publico, como verdadeira joia que é. Por isso creio que o museu não tardará em ser organisado, tambem.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — Não ha espectaculo.
POLITHEAMA—A's 21— A amante de meu genro.
EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.
APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Agenda da semana

QUINTA-FEIRA—Avenida—Primeira representação da peça de Foydeau, *Fernando vae casar*, traducção de Jorge de Abreu.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paraiis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado, Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Joaquim Manuel Guerreiro, cujo funeral terá logar ámanhã, pelas 14 horas, da rua Anthero do Quental, 42, 3.º, para o cemiterio oriental.

Tambem falleceu o sr. João Pereira da Rocha, effectuando-se o seu funeral ámanhã, pelas 13 horas, da estação do caminho de ferro de Cintra para o cemiterio do Alto de S. João.

NO PORTO

O ensino normal primario é modelar

Prepara-se uma brilhante geração de professores e professoras

Porto, 31 de julho

Estando n'este momento a proceder-se aos exames finaes da Escola Normal, alguem que muito se dedica aos problemas do ensino primario—porque é da escola primaria que tem de vir a regeneração educativa da nossa raça, dessorada por um ensino esteril e sem bases pedagogicas—chamou a nossa attenção para o progresso, para o desenvolvimento e para os moldes verdadeiramente modernos em que assenta, se cimenta e se desenvolve a educação n'aquelle estabelecimento do Estado, indiscutivelmente o primeiro do Paiz, dirigido com extraordinaria competencia e carinho pelo sr. Henrique Sant'Anna.

—Não imagina—disse-nos—o que são hoje a Escola Normal do Porto e as Escolas annexas.

Impunha-se uma visita. E assim o fizemos hontem, reconhecendo que todos os louvores do nosso informador eram apenas justiça ao esforço, á tenacidade e á intelligente orientação que ali preside, podendo dizer-se que se está creando, n'aquella Escola de professores e professoras, uma brilhante geração de futuros educadores.

O sr. Henrique Sant'Anna, recebendo-nos amavelmente, deu-nos interessantissimos dados positivos sobre a maneira e os processos de ensino ali seguidos.

O edificio é vasto, construido especialmente para aquelle fim. Tem jardins annexos. Pelos corredores passam alumnos e alumnas, subindo ao andar superior. Não se ouve uma palavra mais alta. Ha um respeito, uma educação que nos impressiona.

—Tanto movimento, tamanha população escolar — dizemos — e não se nota uma perturbação...

—O edificio é vasto, na verdade; mas já é pequeno para a frequencia actual — diz-nos o sr. Sant'Anna,—a frequencia tem augmentado immenso. Veja: em julho de 1913 foram submettidos a exame final 58 alumnos de ambos os sexos. No mesmo mez de 1914 já fizeram exame 123. E no actual anno lectivo estão fazendo exame 140. A população escolar no anno lectivo findo foi de 11 turmas mixtas, tendo em média 40 alumnos cada turma. E' necessario notar-se que o numero das meninas é muito superior ao dos rapazes.

Percorremos o edificio. Corredores limpos, aceados, sem uma mancha, sem um «risco» nas paredes.

—O que pode notar-se — diz-nos o sr. Henrique Sant'Anna — é que as paredes estão *puidas*. Quer dizer: a população escolar aperta-se, comprime-se. Mas não ha uma «mancha», porque o nosso primeiro cuidado, a acção persistente do nosso professorado baseia-se na comprehensão da parte educativa...

—Mas antigamente o ensino não era mixto... As alumnas tinham as suas aulas e os alumnos outras...

—Hoje, o regimen é coeducativo. Não só na Escola Normal, como nas escolas annexas, onde temos 160 creanças que frequentam a instrucção primaria divididas por 4 classes, e ainda 20 creanças de 3 a 6 annos, que povoam a Escola Infantil, annexa tambem e em que praticam as alumnas mestras. Mas quanto ao regimen coeducativo, não haja receio de perigo. Os alumnos só nas aulas é que estão com as alumnas. Cada sexo tem a sua porta d'entrada, os seus jardins do recreio. Nos corredores ha toda a vigilancia e a maxima disciplina. E tudo está previsto. O nosso corpo docente, que no anno findo foi de 24 professores, trabalha n'uma verdadeira obra de rejuvenescimento d'ensino e do moral educativo.

—Na parte pedagogica?

—A essa temos ligado a maxima importancia, especialmente á parte pratica do ensino. As nossas escolas annexas podem considerar-se hoje dos primeiros estabelecimentos primarios do paiz e pôr-se em confronto com os similares do estrangeiro. O ensino é verdadeiramente pratico. Para as alumnas temos um curso de «ménagères». Para os alumnos o ensino da agricultura é feito no campo, nos nossos jardins, em canteiros.

«Cada alumno tem a sua quinta em miniatura, o seu campo, a sua vinha. Semeia, planta, colhe, enxerta, poda. Quer dizer: quando sahir professor, para a sua aldeia, para a sua terra, para qualquer aldeia ou terra do paiz, elle vae habilitado a ensinar, praticamente, os processos do cultivo, fugindo á rotina, dando ás almas ingenuas e rotineiras dos lavradores a clara e effectiva demonstração de quanto a terra pode produzir, sabendo-a cultivar segundo os processos da sciencia.

«Ha tambem um outro aspecto do ensino pratico a que ligamos grande importancia: é ao desenho e á modelação, além dos trabalhos manuaes educativos. Agora mesmo, por exemplo, nas escolas annexas podem ser vistos todos os trabalhos dos alumnos. Não é uma exposição que se prepara e para a qual se seleccionam trabalhos especiaes. Não é esse o methodo de ensino. Os trabalhos em exposição são todos os que os alumnos fizeram durante o anno, ou bons, ou maus.

«Assim se vê o progresso, o adeantamento do alumno. E' bom notar que para o ensino dos futuros professores se tornar mais pratico, elles vão, diariamente, por grupos, assistir á execução dos trabalhos nas diversas classes, tendo, em dias determinados, de fazer as suas lições sobre elles.

—Dizem-nos que da escola infantil annexa, que funcciona ha dois annos, já sahiram professoras habilitadas.

«Tem o Porto essa gloria. Da nossa escola infantil annexa sahiram habilitadas 12 professoras, que estão já prestando serviço nas 4 escolas infantis creadas pela camara, uma na Fontinha, outra na rua do Cunha, a terceira na Cantareira e a quarta na rua de Cedofeita. E vão inaugurar-se mais duas, cujos edificios estão quasi concluidos: uma na Praça d'Alegria e outra no Passeio Alegre, á Foz.

Touradas

Algés.—Na festa artistica de Luciano Moreira, que se realisa no proximo domingo, entram os cavalleiros Casimiros e os nossos melhores bandarilheiros profissionaes, assim como os irmãos Mascarenhas, sendo o grupo de forcados capitaneado pelo amador Leopoldo Finzi. A tourada é á antiga portugueza e o curro foi comprado, metade ao lavrador Mendes Nuncio, metade ao lavrador Francisco Victorino. A «casa da guarda» será feita pelo grupo de forcados.

SETUBAL, 1.—No proximo domingo realisa-se na praça de touros Carlos Relvas, a corrida promovida por uma commissão presidida pelo sr. dr. Borba e cujo producto se destina ao hospital da Misericordia, instituição que tantos beneficios presta á pobreza do concelho.

Para esta corrida de caridade, já a commissão conta com um soberbo curro de touros da herdade de Palma, e com o concurso de festejados amadores e artistas. A commissão tem envidado todos os esforços para que o resultado attinja o fim desejado.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Commissão parochial republicana do Sacramento

Esta commissão reune ámanhã, ás 20 horas e meia, no local do costume.

PEQUENAS NOTICIAS

José da Costa, morador na rua da Beneficencia, J. A., 3.º, queixou-se á policia de que havia sido burlado por dois desconhecidos que lhe apanharam um cordão e medalha de ouro e um relogio de aço, tudo no valor de 55 escudos, recebendo em troca um vigesimo que diziam premiado com a sorte grande.

Movimento maritimo

Africa Orient., «Durham Castele» (L.)
Liverpool, etc., «Huayna» (Pará)........
Pernamb., Maceió, «Professor», Liv.)..
Brazil e R. Prata, «Araguaya», (Liv.)..
Vivo e Liverpool «Awon», (Brazil)......
Brazil e Rio da Prata, «Zaaland» (Am.)
Archipelago dos Açores «Funchal»....
R. J. S.ᵒˢ, e R. da P., «A. S. Lamornaix»
Gibraltar e Barcelona «Roma» (N. Y.)
Vigo e Liverpool, «Darro» (Brazil)......

ria, sob um fogo de artilharia violento, effectuou a sua retirada para Zonnebeke, ao sul de Poelcappelle, no caminho de ferro Roulers-Ypres, e a cavallaria franceza occupou Passchendaele entre Zonnebeke e Westroosebeke.

A setima brigada de infantaria ao pôr do sol estava na sua primitiva posição desde Zandwoorde por Kruiseik até Gheluvelt e para o norte d'essa aldeia; a sua esquerda era prolongada pela setima brigada de cavallaria e, para além de Zonnebeke, pelos francezes, que chegavam a Westroosebeke.

Assim, os allemães haviam, no dia 19, reoccupado grande parte da estrada Roulers-Dixmude e toda a estrada e caminho de ferro de Menin-Roulers-Thourout-Ostende, e estavam ameaçando a estrada de Westroosebeke a Wervicq. A extremidade norte d'esta, em roda da primeira d'essas povoações, era occupada pelos francezes, mas mais abaixo, para Wervicq, que estava nas mãos dos allemães, forças do inimigo haviam atravessado o lado occidental da estrada.

Foi n'essas criticas circumstancias que sir John French se encontrou com sir Douglas Haig na noite de 19. Como, depois do generalissimo inglez, sir Douglas era talvez o mais importante dos officiaes inglezes que tomaram parte na batalha de Ypres, não será descabida uma ligeira biographia do soldado cujo nome está sempre associado com o do primeiro corpo britannico.

Tres annos mais novo que sir Horace Smith-Dorrien—o segundo dos principaes logares-tenentes de sir John French nas batalhas de Mons, Le Cateau, Marne, Aisne e Ypres—sir Douglas Haig nasceu a 29 de junho de 1861. Era o filho mais novo de John Haig, de Cameronbridge, Fife. Foi educado em Clifton College e em Brasenose College, Oxford. Em 1885 foi nomeado para o 7.º de hussares e foi ajudante d'esse regimento desde 1888 até 1892, sendo promovido a capitão em 1891. Durante esse tempo mostrou que era não só um official estudioso mas um jogador magnifico de «polo».

Desde 28 d'abril de 1894 até 31 de março de 1895 foi adjunto do inspector geral de cavallaria, passando depois para o collegio do estado maior.

No principio da guerra da Africa do sul o major Haig foi mandado para o Natal e serviu sob as ordens de sir John French nos combates de Elandslaagte, Rietfontein e Lombard's Kop. Esteve no estado maior de sir John French durante as operações em redor de Colesberg no começo de 1900 e acompanhou-o no seu celebre «raid» a cavallo a Kimberley. Mais tarde tomou parte nas batalhas de Paardeberg, Poplar Grove e Dreifontein. Esteve nas acções de Karee Siding, Vet River e Zand River, nas tomadas de Johannesburgo e Pretoria, na batalha de Diamond Hill e no avanço para Middelburg e Komati Poort.

Quando Kritzinger invadiu a Colonia do Cabo em dezembro de 1900, lord Kitchener deu a Haig o commando de quatro columnas mandadas em perseguição do commandante boer. Haig não conseguiu apoderar-se de De Wet, que seguira Kritzinger e Hertzog na invasão da Colonia. Quando De Wet e Hertzog voltaram ao Estado Livre do Orange, Haig conservou-se na região do sul, da qual foi de novo transferido, em abril de 1901, para a Colonia do Cabo.

Durante o mez de maio andára em perseguição de Kritzinger. A 16 de julho de 1901 foi promovido a tenente coronel para o 17.º de lanceiros. Durante o resto da guerra auxiliou sir John French a limpar a Colonia do Cabo.

Quando sahiu da Africa do Sul, tinha conquistado uma grande reputação e, quando coronel, foi nomeado por lord Kitchener inspector geral de cavallaria para a India, 1903 a 1906.

Promovido a major-general em 1904, voltou para Inglaterra em 1906 para occupar o logar de director dos exercicios militares no ministerio da

CAPITULO III

A batalha de Ypres—Primeira phase

Emquanto o duque de Wurtemberg, de 16 a 23 d'outubro, estava dando combate ao exercito belga e aos marinheiros francezes de Ronarc'h para atravessar o Yser, uma batalha mais violenta estava travada de Dixmude a Armentières e de Armentières a La Bassée. Essa batalha foi originada pelos esforços dos alliados para tomarem a offensiva contra os allemães.

O plano de campanha adoptado pelos generaes Joffre e French consistia em dar uma batalha defensiva com a ala esquerda dos seus exercitos no Yser e atacar com o seu centro na fronte de Ypres e com a sua ala direita ao sul do Lys. No dia 17, quando os allemães estavam bombardeando os belgas nas povoações a leste do Yser, a cavallaria de De Mitry varreu os allemães da floresta de Houthulst; a terceira divisão de cavallaria britannica estendeu a sua esquerda para Westroosebeke e a sua direita para Droogenbroodhoek. No dia seguinte, Ronarc'h reoccupou Eessen, as tropas africanas montadas ameaçaram Bovekerke e os bosques de Couckelaere, a cavallaria de De Mitry entrou em Cortemarck e Roulers, a setima divisão de infantaria ingleza avançou sobre Menin e a cavallaria ingleza por sua vez avançou para a margem norte do Lys, para auxiliar a tomada das pontes-cabeças sobre o rio.

O terceiro corpo britannico, ao norte do Lys, no dia 17, occupára Le Gheir na orla oriental do bosque de Ploegsteert em frente de Pont Rouge e o seu centro e a ala direita estenderam-se sobre o Lys para Radinghem na eminencia entre o Lys e o canal La Bassée-Lille.

Apezar do inimigo ter recebido reforços, no dia 18 Pultney tomou Radinghem, Ennetières e Capinghem, em cuja povoação as tropas britannicas ficaram entre os fortes Englos e Carnot, que defendiam Lille d'um ataque pelo oeste. A esquerda do terceiro corpo britannico ficava sobre o Lys, a uns 360 metros ao sul de Frelinghien, estando a direita em contacto com o corpo de cavallaria de Conneau. Atraz d'este, o segundo corpo britannico havia no dia 17 tomado Aubers na montanha e Herlies ao sul, repellindo no dia seguinte muitos e violentos ataques. Se a montanha pudesse ser tomada, os allemães seriam repellidos de Lille e de La Bassée.

A setima divisão de infantaria não

Joaquim Manuel Guerreiro

FALLECEU

Maria Emilia Guerreiro dos Santos e seus filhos, Virginia Guerreiro d'Oliveira Duarte, José Antonio d'Oliveira Duarte e seus filhos participam o fallecimento de seu querido pae, avô e sogro, devendo o seu funeral sair da sua residencia, rua Anthero do Quental, 42, 3.º, amanhã, 3 do corrente, pelas 14 horas, para o cemiterio Oriental.

João Pereira da Rocha

Falleceu

Amelia de Jesus Oliveira e seus filhos e Joaquina Maria da Conceição Pereira da Rocha participam aos seus parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu querido marido, pae e irmão e que o funeral terá logar amanhã, 3, sahindo da estação do caminho de ferro de Cintra, pelas 13 horas, para o cemiterio do Alto de S. João. Não fazem convites especiaes devido ao estado de consternação em que se encontram.

foi tão feliz, pois o seu ataque a Menin foi repellido.

A explanação da offensiva dos alliados ao norte do Lys é muito simples. Para as suas operações contra a linha norte dos alliados no Lys os allemães eram forçados a conservar a estrada Menin-Roulers-Thourout-

Sir John Simon, attorney geral

Ostende, porque d'ahi partiam todas as estradas pelas quaes se podiam approximar da linha alliada entre Ypres e o mar.

Contudo, um pouco a leste corre o caminho de ferro Lille-Menin-Thourout-Ostende, junto em Roulers, Lichtervelde e Thourout pelas linhas convergindo para Liége e de ahi com os caminhos de ferro estrategicos da Allemanha. O objectivo do generalissimo Joffre era cortar a estrada e o caminho de ferro de Menin-Ostende.

Na manhã do dia 19, embora Menin, como dizemos, não livesse sido tomada pela setima divisão de infantaria, Roulers estava em poder dos francezes, a sua cavallaria ameaçava Cortemarck de Lichtervelde e Thourout e os cavalleiros africanos proximo de Couckelaere estavam avançando a nordeste da ultima cidade. Outras tropas estavam chegando; o primeiro corpo inglez, sob o *commando* de sir Douglas *Haig*, estava sahindo d'entre St. Omer e Hazebrouck e avançando para Ypres; a divisão Lahore do exercito indiano estava-se concentrando para detraz do segundo corpo. Os monitores e «destroyers» inglezes, sob o commando do contra-almirante Hood, haviam apparecido inesperadamente na costa e estavam protegendo a ala esquerda dos belgas ao longo do Yser.

Os allemães, por seu lado, haviam recebido *grandes reforços*. Tres corpos de reserva—o 26.º, o 27.º e o 28.º—tinham chegado da Allemanha a Courtrai. Cada companhia d'esses corpos era composta de cem voluntarios, *alguns dos quaes* apenas tinham seis ou sete semanas de instrucção militar, de cem reservistas («landwehr reserva»), tendo entre trinta e um e trinta e seis annos, e de quarenta reservistas da reserva «landwehr-ersatz», entre trinta e seis a trinta e nove annos d'edade. Os officiaes e os equipamentos — muitos soldados tinham armas antiquados—podiam ser de qualidade inferior, mas *os homens* estavam cheios de enthusiasmo.

Um habitante de Courtrai, em casa de quem tres officiaes—respectivamente um padre evangelico, um doutor em philologia e um caixeiro viajante — *foram aboletados* conta que, em resposta á pergunta que lhes fez onde «esperavam elles encontrar os inglezes», um d'elles, que dois dias depois foi ferido, replicou: «Oh, sim, viemos para os vêr correr; todos teem pernas compridas e boas para isso. Estaremos em Calais antes do fim da semana».

No dia 19, quando estavam para marchar para o campo de batalha, os seus officiaes deram-lhes uma noticia extremamente animadora: «Rapazes—disseram elles—fiquem sabendo que Paris cahiu nas nossas mãos a noite passada». Os soldados, alguns dos quaes dançavam de alegria, cantaram o «Wacht am Rhein» e um outro canto especial-

mente composto para a entrada dos allemães em Paris.

Um d'elles, porém, que já tinha estado na linha de fogo, observou: «Infelizmente, é a quarta vez que a queda de Paris nos é annunciada!» Aos soldados foi dada meia hora para beberem á saude do triumpho da mãe patria e sob a influencia de taes estimulantes assim se enthusiasmavam os homens.

Reforçados no seu centro e alas, os allemães tomaram a offensiva no dia 19. Sahindo de Ostende e expondo-se ao fogo da flotilha ingleza, atacaram Lombartzyde, o posto avançado belga na fronte de Nieuport. O ataque foi repellido com grandes perdas. Na margem direita do Yser entre Nieuport e Dixmude cahiram sobre os belgas em Keyem e Beerst. Keyem manteve-se, mas Beerst foi tomada, sendo depois retomada pelos marinheiros francezes e por parte da quinta divisão belga de Dixmude.

Os alliados foram forçados a retirar d'esse ponto e tambem de Keyem, quando os allemães tomaram Roulers, o que lhes permittiu puderem ameaçar o flanco direito do exercito alliado sobre o Yser. Obrigaram a recuar a cavallaria franceza, fazendo uma demonstração na estrada Roulers-Thourout-Ostende, e avançaram ao longo da estrada que entronca a cinco kilometros ao norte de Roulers para Hooglede. Na eminencia de Hooglede tinha sido postada a artilharia allemã e, coberta por elle, a infantaria desceu a atacar Roulers.

Da estrada Bruges-Courtrai outras columnas allemãs avançavam sobre aquella cidade, que foi bombardeada de Ardoye e de Iseghem. Ao cahir da noite, Roulers fôra mais uma vez occupada pelo inimigo e os seus defensores haviam retirado para Oostnieuwkerke. A cavallaria africana na extrema esquerda fôra até obrigada a recuar para além do canal Ypres-Yser.

Emquanto se estava dando a batalha de Roulers, uma outra tentativa fôra feita por sir Henry Rawlinson com o quarto corpo britannico para tomar Menin e se estabelecer na estrada Roulers-Menin. Para cobrir o avanço da setima divisão de infantaria sobre Menin, a divisão de cavallaria de Byng—a terceira— collocada á sua esquerda, avançára para leste da linha Westroosebeke-Moorslede. Pelas 10 horas da manhã, a setima brigada de cavallaria estava em contacto com consideraveis massas do inimigo e era obrigada a recuar. Ao norte de Moorslede, a bateria «K» da real artilharia a cavallo, que fôra addida á brigada, entrou em acção e prestou grande auxilio.

De Moorslede e Droogenbroodhoek, a sexta brigada, *auxiliada pela* bateria «C» e protegida pela setima brigada, avançára para St. Pieter e d'ahi atravessára a estrada Roulers-Menin e apoz uma brilhante acção occupou *Ledeghem* no caminho de ferro de Roulers-Menin e Rolleghemcappelle. No emtanto, a setima brigada de infantaria, na orla dos bosques que ao sul e leste de Ypres correm da extremidade da elevação de Mont-des-Cats a Zonnebeke, travára um violento combate com o inimigo, que em Menin e Wervicq atravessára a margem norte do Lys. A divisão fez alguns pequenos progressos e, com a sexta brigada de cavallaria em Ledeghem e Rolleghemcappelle, havia esperanças de que tanto Menin como Wervicq seriam tomadas.

Mas a victoria allemã em Roulers, combinada com o movimento do inimigo de Courtrai sobre Ledeghem, obrigou sir Henry Rawlinson a suspender o avanço da divisão de Capper. A setima brigada de cavallaria tivera de retirar para a elevação a leste de Moorslede, para cuja aldeia a sexta brigada de cavallaria, perseguida por consideraveis forças de Courtrai, fôra gradualmente retirando de Ledeghem e de Rolleghemcappelle. Coberta pela setima brigada de cavallaria retirou atravez de Moorslede e ao anoitecer estava em redor e dentro de Poelcapelle, ao sul da floresta de Houthulst, na estrada Hooglede-Westroosebeke-Ypres. A setima brigada de cavalla-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1794 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Terça-feira, 3 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O impossivel

A' medida que a eleição presidencial se avisinha, recresce o interesse por esta magna questão da pol... nacional, e propositadamente direm... da politica nacional porque a escolha do supremo magistrado de um... d'aquelle que é o chefe do Estado, não é coisa que possa depender apenas dos interesses partidarios ou de resentimentos e antipathias ...coaes. O presidente da Republica tem de ser o chefe da nação portugueza, identificada com o regimen que elle representa.

Até agora persistem, com probabilidades de successo, segundo consta, as candidaturas dos srs. Bernardino Machado, Duarte Leite e Correia Barreto. Em torno d'estes tres nomes giram os prognosticos do triumpho. Perante elles a attitude de «A Capital» define-se facilmente, e dizemos a attitude de «A Capital», porque embora a eleição dependa apenas dos membros do parlamento esta questão, como acabamos de accentuar, interessa fundamentalmente ao paiz inteiro, e os orgãos da opinião teem não só o direito, mas o dever de sobre ella se pronunciarem. A attitude de «A Capital» é clara. Não faremos questão de que seja o eleito o sr. Bernardino Machado. Do que faremos questão é que não sejam os seus actuaes antagonistas os elevados á missão que se pleiteia.

Não o dizemos por qualquer animosidade pessoal. Não a temos, nem está nos habitos de «A Capital» mover-se por tão mesquinho estimulo. Se não desejamos que os srs. Duarte Leite e Correia Barreto sejam os investidos na suprema magistratura da Republica é porque importantes razões politicas a isso nos forçam.

Entendemos que o sr. Duarte Leite não póde ser o presidente da Republica. Porquê? Porque ninguem ignora as affinidades do s. ex.ª com o partido unionista. Elle seria, no seu alto cargo, o representante da politica d'esse partido, e a politica d'esse partido ainda ha bem pouco foi condemnada pelo mais significativo e fulminante gesto popular. Essa politica foi a que nos collocou em situação tão deprimente perante o mundo, illudindo os nossos compromissos externos, e chegando ao ponto de propiciar o advento d'uma dictadura que foi a maior vergonha da Republica e teve de ser expulsa por uma revolução em que correu o sangue generoso do povo. O sr. Duarte Leite, na presidencia da Republica, seria o representante d'uma attitude partidaria. Nenhum bom republicano, preoccupado com o prestigio do regimen e a pacificação da sociedade portugueza, póde desejar uma tal solução.

Entendemos que o sr. Correia Barreto não deve ser o presidente da Republica. Porquê? Pelas mesmas razões, e ainda mais caracterisadas, que applicamos ao caso do sr. Duarte Leite. O sr. Correia Barreto é um democratico filiado. Se fôsse elevado a esse alto cargo, elle perderia os atributos de imparcialidade, independencia e isenção que o devem distinguir. Além d'isso cumpre notar que o sr. Correia Barreto não entra na cathegoria dos grandes nomes da Republica. Não tem atraz de si uma historia como a dos vultos, que, como o sr. Theophilo Braga, por exemplo, são a encarnação viva da grande obra da propaganda republicana. O proprio sr. Correia Barreto, se reflectir na sua situação perante o problema presidencial, reconhecerá que a sua eleição, quaesquer que sejam os dotes que o distingam, não elevaria n'este momento a Republica, e que bem mesmo elle teria a liberdade necessaria para ser uma garantia de todos os partidos e da nação inteira, dada a sua qualidade de marechal d'um dos agrupamentos politicos.

A eleição de qualquer d'estes cidadãos não é possivel. A politica da Republica dirige-se segundo a orientação que lhe deu em 14 de maio a soberana vontade popular. Esse movimento não foi feito para nenhum partido, e fez-se para fulminar uma determinada politica. Os seus promotores não se teem cançado de affirmar a sua significação republicana e nacional, livre de quaesquer paixões sectarias ou de quaesquer predilecções ou antipathias pessoaes. Tem-se dito que se occultos manejos, produzindo a desordem e a anarchia, estivessem a ponto de assassinar a Republica, os mortos do 14 de maio se ergueriam das suas campas para destruir os seus propositos e castigar as suas audacias. Com egual motivo se ergueriam, estimulando a coragem e o patriotismo dos seus camaradas vivos, se da actual eleição presidencial resultasse o predominio absoluto d'um partido nas funcções da suprema magistratura do paiz, ou se n'ella vissem entronisada a politica nefasta que os fez mover, de armas na mão, para dar vida, dignidade e gloria á Republica e á Patria! Pela nossa parte não affrouxariamos no nosso protesto, conscios de que damos expressão á vontade d'esses bravos, que na sua grande fé republicana souberam orientar o paiz pelas normas do dever nacional e da salvação da Republica.

«O cigarro do soldado»

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Poeira da Arcada

Já ahi appareceu quem se lembrasse de propôr que das nossas escolas se banisse para sempre o ensino da lingua allemã. A idéa não é feliz, sobretudo partindo de um amigo dos alliados. A Allemanha vencida ficará ainda bastante grande para merecer o interesse ao menos dos estudiosos. E' até provavel que, esmagada na sua furia imperialista, ella amacie o seu espirito, christianisando-o, educando-o. Conhecer e falar allemão será de grande conveniencia para os que gostam de saborear os altos pensamentos, colhendo-os na arvore em que se crearam. E á Allemanha deve a humanidade alguns dos mais inspirados...

* *

O capitalista Candido Sotto Maior traz em construcção, na Quinta do Paraizo, um bairro operario. E' uma maneira inteligente e benefica de empregar dinheiro que os homens de fortuna poderiam imitar. A casa tem na boa organização da familia uma larga influencia. No dia em que a rufiagem que infesta d Alfama e a Mouraria vir cahir em ruinas os covis onde se acoita, desapparecerá logo, varrida por um sôpro de higiene e de decencia. A' medida que o operario se sentir attrahido pela paz jubilosa do seu lar, menos elle se comprazerá em noctivaguices pelas tascas e antros dos bairros contaminados pelos vicios ... Applaudamos, portanto, a bella iniciativa do capitalista Sotto Maior.

* *

Ganhar seis, oito ou dez escudos, no ensino primario, é o inglorio destino de multissimas professoras. A sua missão tem de fortalecer-se com o pensamento de que o ensino é essencialmente redemptor. Não se podia descobrir processo mais efficaz para tornar agradavel a subida do seu Calvario.

O NOSSO FUTURO EXERCITO

Classe civil e classe militar

Eis uma distinção que as lições da guerra actual forçosamente hão de apagar

Existe entre nós ainda a preoccupação de que a profissão militar só é accessivel a creaturas que previamente tenham occupado o seu tempo n'uma longa e paciente preparação, e que só podem aproveitar-se n'um exercito officiaes que estejam no «segredo dos deuses». A guerra actual, entre muitas outras lições proveitosas que derrubam toda uma sciencia especulativa e classica que era, por assim dizer, o prato de resistencia das escolas militares, veiu revelar mais esta já hoje indiscutivel verdade: todos os individuos, seja qual fôr a sua edade e a sua profissão, estão aptos a prestar n'uma campanha inestimaveis serviços, desde o momento que essas aptidões sejam sabia e prudentemente seleccionadas.

Por outras palavras: nos paizes onde, como em Portugal, é frequente verem-se officiaes do exercito exercer a actividade nas mais diversas profissões, vamos no futuro ter precisamente o caso inverso. São os medicos, os advogados, os jornalistas, os engenheiros, os artistas, os professores, que, chegada a occasião, envergam o uniforme de officiaes e se applicam aos serviços para que manifestem melhores aptidões.

A guerra moderna é a resultante de um enorme concurso de especialidades apparentadas com todas as sciencias, e só um homem inverosimilmente encyclopedico poderia reunir todos os conhecimentos necessarios n'uma futura campanha. E' preciso que haja officiaes com profundos conhecimentos de chimica, de phisica, de geologia, de electricidade, de linguas, de meteorologia, de todos os ramos do saber humano. Os que não podem ser aproveitados para conduzir os seus homens á lucta corpo a corpo, nas trincheiras ou em campo aberto pódem tornar-se utilissimos na preparação d'essa lucta. O *sportsman*, como em Inglaterra se tem demonstrado, dá sempre um excellente official. Ha individuos com especialissimas aptidões organicas, como por exemplo o ouvido extremamente apurado, cujo concurso nos trabalhos de sapa se torna por vezes precioso. E' por isto que urge desapparecer em Portugal o espirito de casta que ainda de quando em quando se manifesta entre militares e paisanos.

um regimen de segurança armada. Em Hespanha crê-se poder dispôr n'um prazo de dez annos d'um sistema defensivo perfeito e a proposito escreve um publicista:

«E' preciso que nos decidamos entre ser ou não ser. Os licenceamos em absoluto o exercito, vendemos como sucata os nossos barcos e nos despedimos de toda ou de parte da nossa nacionalidade, ou d'um modo persistente e continuo construimos a moral militar do paiz e fazemos exercito. O dilemma é claro; o problema é de vida ou de morte».

Affirma-se em Hespanha a necessidade d'um exercito de tres milhões de soldados para sua defeza. Porquê? Porque os exercitos de 100:000 ou 200:000 homens passaram á cathegoria de destacamentos. E' certo que custará muito dinheiro; mas, segundo o mesmo publicista, toda a despeza se torna inutil se não alcança o indispensavel; quer dizer que todo o dinheiro gasto agora com o exercito é dinheiro atirado ao mar, desde que se não saia da situação actual.

Quem não fôr forte succumbirá. Semelhante ideia deve ser inculcada nas escolas e professada nas universidades. Para poder mobilisar os tres milhões de soldados necessarios—accrescenta o auctor a que nos vimos reportando—«faltam equipamentos, armas, quarteis com capacidade para uma quarta parte d'esse effectivo, manobras annuaes e, o mais importante, officialidade».

E o que se pensa em Hespanha do que deva ser a officialidade? Isto:

«... Esta officialidade não póde ser nem a profissional permanente do activo nem a da nossa reserva retribuida, unica no mundo; essa officialidade ha de ser o medico, o advogado, o engenheiro, o jornalista, o mestre-escola e ha de fazer-se rapidamente para que nos annos de preparação que nos restam exerça os cargos subalternos, o de capitão e alguns de chefe».

O publicista que citamos ainda entende que a industria militar dirigida por corpos technicos militares deve ser ampliada e que a particular, a exemplo do que sucede na Allemanha, deve demonstrar que póde dedicar-se tambem a fabricos do ramo militar, de maneira que ao mobilisar-se a nação se mobilise egualmente a sua industria. O artigo de *El Imparcial*, que resumimos, conclue assim:

«A preparação do terreno quasi está circumscripta á construcção de caminhos de ferro, que sirvam para o rapido transporte de tropas e constante aprovisionamento d'ellas. As praças fortes, os campos entrincheirados e pontos de apoio são uma das muitas coisas que a guerra presente poz em crise. A estrategia, a tactica e os proce sos de combate surgirão modificados d'estas tremendas campanhas; só quando terminem se proferirá a ultima palavra; mas a organisação militar, industrial e do terreno já appareceu com caracteres bem definidos e quem não aproveite taes lições renunciará voluntariamente á sua nacionalidade; os povos previdentes apagal-o-hão do mappa».

Ainda que se não pense em uma unidade em massa, contudo ha necessidade de introduzir modificações no sentido de aproveitar as aptidões de todos os cidadãos... resolução... [sic]

Ha individuos... O *sportsman*...

Numa commissão militar de aviação se recusou admittir a cooperação de duas pessoas da classe civil, um *sportsman* e um jornalista, embora qualquer d'estes tivesse feito já ascenções em aeroplano, ao passo que nenhum membro da mesma commissão conhecia o assumpto mais que sob o ponto de vista theorico.

De resto, a nossa organisação militar, cujas bases havemos de vêr ainda, provavelmente, adoptadas na propria Inglaterra, faz desapparecer por completo a differença que ainda existia entre o exercito e a classe civil. Para possuirmos um exercito numeroso e forte é realmente necessario que todos sejamos soldados, e que no momento opportuno prestemos á patria, cada um na medida das suas forças e aptidões, o concurso do nosso esforço.

E não é só a nós, portuguezes, que interessa ventilar estas coisas.

Faz-se actualmente no paiz visinho uma campanha em favor d'uma forte organisação militar, tendo em vista as lições da presente guerra e que a paz definitiva é um sonho irrealisavel porque a Europa, a America e o mundo inteiro viverão sempre sob

Migalhas

Mendigos

Contava Alfredo de Mesquita que ha annos apparecia na Baixa um mendigo, velhote gordo e acceado, por alcunha o «Pote», o qual interpellava os conselheiros transeuntes nos seguintes termos:—«Estará V. Ex.ª em condições de fortuna sufficientes para me poder obsequiar com dez réisinhos?» E se lhe respondiam com um:—«Tenha paciencia..., elle, tirando o chapéu, accrescentava:—«Estimo deveras a melhoria de situação de V. Ex.ª».

E' lamentavel que o «Pote» não tenha feito escola. Nunca em Lisboa pullularam os mendigos como agora e nunca elles foram tão malcreados e carraças. Alguns exercem mesmo sobre os nossos nervos uma «chantage» ignobil. Entra-se n'um restaurante para comer uma fritada de ovos e, mal lhe vamos a molhar uma ingenua codea de pão, reparamos que no prato nos cahiram duas moscas e um garoto de cautelas, ranhoso e sebento. As moscas sacam-se com a ponta da faca; mas, por menos enjoado que se seja, não ha meio de enxotar o gaiato senão com um centavo. Pára-se na rua a conversar com uma madama sympathica e, quando estamos a puxar o lustro á conversação, comparece um operario sem trabalho que, pedindo a palavra, pretende expôr a desgraçada situação em que se encontram, elle, a mulher e tres filhas, uma das quaes quasi cega. Recommenda-se-lhe paciencia, que é muito boa para a vista, e, quando suppômos que o homem vae tratar de aviar a receita, isso sim... Installa-se, continua o seu discurso, appella para nós em nome da saude da madama com quem se palestra e, para não dar a esta a impressão que nos é indifferente que ella viva uma hora ou cem annos, que remedio senão sacar um centavo, irmão gemeo d'aquelle a que já tive a honra de me referir.

Ha os aleijados que nos mettem as masellas pelos olhos dentro, ha as creanças que choram, ha as mães de tres gemeos alugados, ha os vendedores de metros com metro e meio, os de postaes illustrados e ramilhetes de flôres... Um inferno! E todos elles antipathicos, pegajosos, malcreados, insistentes. Antigamente ainda se ouvia falar d'uma certa pobreza envergonhada. Hoje a pobreza não tem a minima sombra de vergonha e, com a ajuda do proverbio e á indifferença da policia, está convencida de que tudo o mundo é d'ella.

André Brun.

Coisas de marinha

Varias propostas de lei destinadas a reorganisar a Armada

São evidentes os intuitos do parlamento em concorrer para o aperfeiçoamento da corporação naval e de tudo o que á nossa marinha de guerra diz respeito. O parecer sobre o orçamento da armada é, indubitavelmente, um trabalho notavel. Mas o relator, o sr. capitão de fragata Leotte do Rego, tem ainda outras medidas a apresentar, tendentes a dotar a armada com novos elementos que lhe são absolutamente indispensaveis. Por esse motivo, o sr. Leotte do Rego levará á Camara varios projectos de lei, entre os quaes figuram o que reorganisa os quadros dos commissarios navaes, por ser insufficiente o numero dos actuaes, regressando-se ao quadro da lei de 1892, sem augmento de despeza; o que reforma o quadro dos officiaes do quadro auxiliar e dos sargentos; o que reorganisa o quadro auxiliar de saúde naval e o que augmenta o quadro dos contramestres da armada. Todas estas reorganisações serão feitas d'harmonia com a lei organica da armada, que foi ha dois annos apresentada ao parlamento e que o sr. Leotte do Rego já propoz que fôsse revista por uma commissão de technicos, tendo em attenção as lições da guerra actual, a fim de poder a vir ser discutida em dezembro, para entrar o mais cedo possivel em execução. E' que, presentemente, a marinha não tem lei organica.

O sr. Leotte do Rego levará ainda á Camara um projecto estabelecendo a diuturnidade para os subalternos; outro suspendendo temporariamente as licenças illimitadas e passagem de officiaes ao serviço de companhias, e, finalmente, um outro reorganisando o pessoal da 2.ª brigada, que é o do fogo, por fórma a adquirir melhor instrucção n'uma escola profissional, o que lhe permittirá poder subir de posto. São estes os projectos que, para beneficio da armada e das varias classes que a compõem, o sr. Leotte do Rego tenciona apresentar, ainda n'esta sessão legislativa, na Camara dos Deputados.

A' VOLTA D'UM VANDALISMO

O conventinho de cortiça

O que se tem phantasiado a proposito da mutilação d'umas imagens em Cintra

Individuos sem a menor noção do respeito devido á propriedade alheia, por certo incultos e mal educados, talvez mais amigos de Bacho do que adversarios de Jesus, foram presos em Cintra por terem no historico e admiravel conventinho dos Capuchos mutilado trez imagens, segundo cremos, recentemente collocadas. Os iconoclastas, a quem os fumos do vinho, como é de suppor, toldavam a curta intelligencia, foram muito bem presos, mas para o serem necessitou a auctoridade administrativa do auxilio do sr. Guilherme Oram, que é o representante n'aquella villa do sr. visconde de Monserrate, actual proprietario do conventinho. Esse opulento inglez, filho do sr. Francisco Cook, o primeiro de Jeonde, mantendo as tradições e os gostos paternos, tem adquirido na encantadora villa algumas das propriedades que circumdam a sua magnifica vivenda e ainda não ha muito a celebre quinta de Penha Verde, que pertenceu a D. João de Castro e onde o famoso vice-rei desejava dormir o ultimo somno.

O conventinho de Santa Cruz ou dos Capuchos, vulgarmente conhecido pelo convento de cortiça por ser, como escreve Frei Antonio da Piedade, «forrado de cortiça mal polida», está de ha longos annos incluido nos dominios do sr. visconde de Monserrate. A proposito do vandalismo agora n'elle praticado, o «Jornal da Noite» e a «Nação» bordam indignadas considerações que apenas pecam por uma ignorancia total do que sejam hoje os Capuchos e por um esquecimento de responsabilidades que cabem aos homens e ás classes que os seus folhas representam e defendem na imprensa. Ninguem de bom senso deixa de reprovar vehementemente os attentados da natureza d'aquelle que se commetteu no conventinho da serra de Cintra; a justiça deve ser implacavel para com os auctores d'elles e desde que taes delictos se deixem impunes ha o direito de considerar como um incitamento o desleixo ou a nimia, criminosa indulgencia das auctoridades. Mas para condemnar com toda a aspereza semelhantes actos que sempre com mais ou menos intensidade se registaram entre nós e lá fóra, até na propria Hespanha tão catholica, é mister alterar, torcer, ou occultar a verdade? Ora isso fizeram folhas monarchicas e catholicas, como o leitor vae ver.

* *

O sr. visconde de Monserrate, segundo o «Jornal da Noite», possue no seu palacio de Cintra uma capella, «apezar de protestante», e n'este sagrado recinto imagens de grande valor e esplendidos paramentos para os officios catholicos. Suppõe o mesmo jornal que o attentado succedeu n'essa capella que só existe na phantasia exhuberante do articulista. Em Monserrate não ha capella alguma e portanto não ha uma «capella artistica». Não se póde chamar assim ao pequeno muzeu de figuras e objectos sacros, de caracter artistico ou historico, que os visitantes de Monserrate nunca deixam de admirar. Os Capuchos ficam a uma razoavel distancia do palacio que foi de Beckford e tem suas abandonadas capellinhas póde dizer-se que cessou o culto desde que acabaram os frades. Uma festarola annual de romeiros de Collares, pretexto para um arraial, não significa a manutenção do culto no profanado conventinho de cortiça que a monarchia constitucional vendeu ao desbarato e onde não vimos nunca que se procurasse conservar o aspecto de ordem e compostura religiosa que lhe convinha, antes notamos sempre o proposito de manter o singular edificio tal como o largaram os delapidadores dos conventos quando do saque organisado pelos monarchicos liberaes cujos representantes se mostram piedosissimos catholicos...

As imagens agora despedaçadas nos Capuchos tinham sido para lá conduzidas, ao que nos consta, ha pouco tempo, como acima dizemos. Um quarto de seculo, porém, já decorreu—como somos velhos!—depois que lá vimos, no corredor que communica com o terreiro do lago, duas grandes, soberbas imagens de barro, uma de S. Francisco e outra de Santo Antonio, os dois padroeiros, ambas com graves mutilações que os impios e os ignorantes lhes causaram quando ainda em Portugal havia um throno e a Egreja vivia em união com o Estado...

A monarchia constitucional vendeu por dez réis de mel coado o conventinho de cortiça. Comprou-o sir Francisco Cook e é provavel que ninguem mais se topasse com animo de o adquirir. Na camara de Cintra não houve quem se puzesse a conveniencia d'aquella compra, já que a gente do Terreiro do Paço não sabia que tal cenobio era um dos sitios entre todos, como frisou o adoravel chronista da Arrabida, ao descrevel-o «entre mattos densos, penedos altos e silvestres arvores...» Fundado por D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro o vedor da fazenda do rei D. Sebastião, ha mais de 350 annos, o conventinho serafico de Santa Cruz, em cuja fabrica se gastaram cem cruzados, e que teve como habitadores os mais austeros filhos da ordem franciscana, contou entre os seus visitantes e os seus amigos innumeras, notaveis personalidades e Filippe II se refere que ... foi a vel-o, declarára que duas coisas celebres possuia em seus Estados: o Escorial por muito rico e estes Capuchos por muito pobres. Lendas tão religiosas como poeticas esmaltam a historia do convento de cortiça e as suas mais bellas em qualquer agiologio. «Muitos estrangeiros—escreve Frei Antonio da Piedade—que o teem vindo ver o mandaram debuxar para nas suas terras confirmarem e acreditarem com a pintura as admirações que fizeram na sua relação ao que o teem visto.»

Cenobio fundado por um fidalgo portuguez, herdeiro d'um nome glorioso, já zida de D. Maria de Noronha, viuva d'esse fidalgo, ninguem da aristocracia portugueza evitou que o conventinho de Santa Cruz viesse a cahir nas mãos de um estrangeiro que era protestante, embora fôsse muito estimavel, e cuja memoria é grata aos cintrenses que no filho illustre veem augmentadas as benemerencias do pae...

* *

Resumindo: Não foi assaltada nenhuma capella do sr. visconde de Monserrate. Este titular não mantém o culto catholico em nenhuma das suas propriedades. O conventinho de cortiça acha-se desguarnecido e profanado. As imagens lá existentes, e que pessoas de maus instinctos despedaçaram, não estavam expostas ao culto, que de ha muito deixou de existir nos Capuchos. As diligencias da policia deram resultado não pelo facto do sr. visconde ser inglez, mas porque o seu administrador as coadjuvou com empenho. Finalmente o maior attentado commettido contra os Capuchos consisti na sua alienação, quando, por muitos titulos, devia ser considerado monumento nacional.

E temos dito.

Avelino de Almeida

FOLHETIM D'A CAPITAL — 3-8-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXI

Capotes de saragoça

Só havia alguma coisa comparavel á rigorosa pontualidade com que o rei D. José jogava o pharaó todas as noites: era a infallivel exactidão com que elle partia para a caça todas as manhãs.

A's vezes, a noite cahia, tenebrosa; a madrugada apontava, roxa e varejada de chuva; os campos estavam alagados. Mas D. José, que não decidia nada por si, hesitava ainda; via luzir no postigo a claridade da alva; sentia os cguarigos no pateo atrelando os urcos ao côche; levantava-se em camisa; enfiava uns chinellos nos pés; mettia á cabeça um barrete de campino,—e, pelludo, obeso, indeciso, balofo, lá ia pelos corredores, ás apalpadellas, bater com os nós dos dedos á porta do quarto da rainha.

—E' «você»?—gemia lá de dentro, já levantada, a filha de Filippe V, n'um tinido de potes de prata.

Uma cabeça encarapuçada de lã verde espreitava arreliando a guarda-porta de Arrás; um olho papudo luzia; alvejava uma fralda; o rei, na voz fanhosa dos Braganças, arrastando o «você» familiar que era o tratamento da moda entre casados, dizia á mulher que chovia a cantaros e que estava uma manhã de bruxas; mas a quarentona Marianna Victoria, caçadora como um perdigueiro, matinal como um tentilhão, decidida a marchar com todo o tempo, sacudindo já pelo quarto as «roupinhas á hungara», respondia invariavelmente, no seu sotaque de hespanhola:

—E se estiar?

Estiasse ou não, o rei ia porque era vontade da rainha; a côrte ia porque era vontade do rei,—e quantas vezes, em manhãs tempestuosas de outomno, os pesados côches e as enormes estufas de viagem da Casa Real ficavam a meio do caminho, ao vento e á chuva, pingando lama do tejadilho e encravados até aos tapadouros no leito barrento das estradas! Marianna Victoria já tremia febres; o rei andava gosmento, a tossir pelos cantos; a côrte, exhausta, queixava-se; os medicos não tinham mãos a medir; obrigada a acompanhar a rainha nas jornadas, a condessa de Tarouca cahia com accidentes hystericos; o conde de Val de Reis, mal via mudado o tempo, mettia-se na cama e pedia um cirurgião para o sangrar; o embaixador de Hespanha, marquez de Almodovar, a quem as caçadas de Salvaterra perturbavam a sua vida de duqueza italiana, chamava a D. José «Sua Magestade Pleurizo»; o proprio monteiro-mór, cigano, arripiado e vesgo, teria cumprido a promessa de aferrolhar as pratas na casa do Combro e de sahir de Lisboa,—se o ministro Sebastião José de Carvalho, considerando quanto era vantajoso para os negocios do Estado que el-rei D. José continuasse a caçar, a desbastar potros e a jogar o pharaó, não tivesse encontrado o decisivo elemento de conciliação entre as madrugadas montesinhas do rei e o arthritismo friorento da côrte: os capotes de saragoça. A côrte tinha frio? O remedio era simples: a côrte que se abafasse. O espirito proteccionista de Pombal agarrou pelos cabellos a occasião. Não havia no reino boas saragoças, quentes como tardes de estio, bons briches de lã da costa da ovelha, bons jardos nacionaes, boas estamenhas que por ahi andavam a descorar ao sol em chiotes de frade capucho? Pois bem: os casquilhos e as casquilhas fidalgas do Paço que mandassem cortar n'elles os seus capotões amantados de outono e os do inverno,—e, se queriam dar nobreza á estamenha, que a forrassem por dentro de sêda branca!

D'ahi a dias, o primeiro capote de saragoça appareceu: vestia-o o rei. Era uma especie de reguingote, enorme como uma capa de aspérges, encapellado d'um capuz gigantesco que se entestava sobre um chapéu hollandez pequeno, cortado em rabo de pêga. Logo no outro dia, o segundo: vestia-o a rainha. D'ahi por deante, conta o irmão de Manoel de Figueiredo, «viu-se logo em Lisboa toda a mocidade vestida de saragoça, com os torpes reguingotes, os monstruosos capuzes forrados de baeta côr de flôr de alecrim, e os desengraçados chapéus, que mais pareciam almotolias». Não havia duvida. A moda estava lançada.

Mas tudo tem os seus inconvenientes,—e, como tudo, os capotes do marquez tiveram-nos tambem. O primeiro a experimental-os foi o proprio D. José. Um dia, em Villa-Viçosa, junto á Porta dos Nós, um carrejão vê um homem, amantado n'um capote grosseiro de saragoça, travando portuguezissimamente dos peitos d'uma rapariga; não reconhece o rei; cresce para elle; com um páu de zambujo ferrado vira-lhe uma cacetada á cabeça; e se o conde do Prado não corre a aparar-lha no braço, tão puxada e tão rija que lhe quebrou um annel de diamantes,—o rei tinha ficado ali. D'outra vez—conta Starhemberg para Vienna d'Austria—a rainha, andando ás perdizes em Salvaterra, distinguiu um vulto encapuzado na volta d'um carrascal; mal afeita ainda á moda dos capotes, também não reconheceu o rei; d'encontro ao sol, cuidou-o um espantalho feito d'algum balandráu velho da Misericordia; sem saber como, metteu a clavina aos peitos e despejou uma chumbada na cara do marido. Mas, depois que o marquez de Pombal inventou os capotes de saragoça, houve alguma coisa que sahiu das coutadas de Mafra e de Almeirim, de Salvaterra e de Villa-Viçosa, em peor estado ainda do que a face austriaca do rei ou do que o annel de diamantes do conde do Prado: foi a honra dos maridos. Desde que o frio e a moda deram ás casquilhas da côrte o direito de se esconder, com fórmas de sêda, dentro d'um capote de saragoça ou de estamenha, e de atravessar, occultas n'um capuz formidavel, as barreiras profundas das tapadas e as alamedas de buxo dos jardins,—as caçadas reaes de Salvaterra e os jogos de bola de Queluz, n'uma pueril dança de mysterio, transformaram-se pouco a pouco, insensivelmente, em elegias amorosas de Tibullo e em festas galantes de Boucher. A certa altura, só dois caçadores espreitavam, com convicção, os coelhos que saltavam das moitas e as perdizes que revoavam no ar: o rei e a rainha. O resto amava pelas sombras. Era vêl-os. Assentados n'um claro de relva viçosa, mordida de sol, as mãos entrelaçadas, fulgindo joias; além, na frescura d'um souto de carvalhos, outros dois capuzes de saragoça confundidos n'um beijo como um capuz só; mais adeante, os cães de mostra que surprehendem, ganindo, um capuz adormecido sobre outro capuz,—e fôsse lá alguem reconhecel-os, advinhal-os, identifical-os, se na névoa indecisa das tapadas, dentro d'aquelles sacos de saragoça amantados de murças e forrados de sêda branca, todos os homens pareciam o mesmo homem e todas as mulheres a mesma mulher! E onde se mettiam os moços de monte?—perguntar-se-ha. Foram elles, precisamente, os mais interessados em não incommodar os pares de capuzes amorosos que não vavam sobre a relva. Porquê? Porque no dia seguinte eram certos, infindo no chão, aqui e além, os brincos e as trémulas de diamantes,—e ainda havia de nascer a primeira mulher que fôsse capaz de reclamar uma joia perdida nas coutadas de Salvaterra...

JULIO DANTAS

SABBADO, 7:

XXXII. — Minuetes bréjeiros

ULTIMAS NOTICIAS

Echos da festa

A confraternisação militar a bordo do "Vasco da Gama,,

O director do Collegio Militar officiou ao commandante da divisão naval renovando os seus agradecimentos pelo convite que foi dirigido á officialidade de aquella escola militar para tomar parte á festa e significando quanto lhes foi agradavel assistir á confraternisação da marinha com as outras armas do exercito, tão necessaria para o engrandecimento da nossa patria. Recebeu tambem o mesmo commando as seguintes communicações:

Do commandante do regimento de sapadores mineiros, lamentando que exigencias do serviço não tivessem permittido aos officiaes d'esse regimento assistir á festa; do tenente coronel director da Manutenção Militar louvando a bella iniciativa e explicando a não comparencia por motivo de ter que acompanhar os ministros das finanças e do fomento em visita aos estabelecimentos militares; do commandante do serviço de torpedos fixos renovando os seus agradecimentos explicando que só por ter chegado tarde o convite não puderam comparecer mais officiaes alem dos que foram; do governador e officiaes do campo entrincheirado agradecendo o convite; do general commandante e officiaes da Escola de Guerra; do commandante e officiaes do regimento de infantaria de reserva n.º 6 agradecendo o convite e sentindo não terem comparecido por motivos de serviço; do general commandante da 1.ª divisão, que assistiu á festa acompanhado do seu estado maior, renovando os seus agradecimentos calorosos; do coronel commandante de artilharia n.º 1, saudando os seus camaradas da marinha sentindo não ter podido comparecer acompanhando os seus officiaes que o puderam fazer; do commandante do regimento de infantaria de reserva n.º 16 e do capitão de engenharia Francisco Augusto Garcez Teixeira.

DR. AFFONSO COSTA

Sessão de congratulação — Banquete de homenagem

Realisa-se no domingo a sessão de congratulação promovida pelo Centro Leotte do Rego pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa. A festa será abrilhantada por duas bandas de musica e usarão da palavra os srs. Leotte do Rego, dr. Bernardino Machado, Alexandre Braga, Antonio Macieira, Ramada Curto, visconde da Ribeira Brava, Faustino da Fonseca e Urbano Rodrigues.

Espera-se que o sr. dr. Affonso Costa assista á festa.

Uma commissão de republicanos de diversos agrupamentos politicos da parochia de S. José realisa no domingo um banquete no restaurante Guerra, em Cabo Ruivo, solemnisando as melhoras do illustre estadista.

A inscripção já está em perto de sessenta convivas, podendo ainda inscrever-se todos os reconhecidos republicanos, na rua de S. José, 82.

A *sala onde se realisa o* banquete estará elegantemente ornamentada, um jornalista dirá versos escriptos expressamente para esta festa pelo sr. dr. João de Barros e tocará obsequiosamente um sexteto.

O caso da Abegoaria

O director da policia de investigação mandou hoje em liberdade os 22 individuos que foram presos por occasião da desordem que se travou na Abegoaria Municipal.

A proposito d'esse caso escrevem-nos alguns operarios das officinas que ali ha dizendo que os homens da limpeza foram os provocados e que o pessoal das officinas impediu o assalto a essas officinas, não por politica, mas em defeza do que era do Estado. Accrescentam que ali nunca houve discussões politicas, sendo todo o pessoal trabalhador composto de republicanos e socialistas.

Embora o caso esteja liquidado, como acima noticiamos, registamos as declarações dos operarios.

Movimento associativo

Syndicato ferro-viario

Reune depois d'ámanhã, ás 20 e meia horas, a assembleia geral, para apreciar um officio do ministerio do fomento sobre a regulamentação de horas de trabalho.

Bens das congregações

Terminou hoje o leilão de paramentos no antigo convento do Sacramento, em Alcantara, tendo a praça rendido approximadamente, 620 escudos. O rendimento total d'este leilão attingiu a verba de cerca de 9 mil escudos. As entregas teem de ser feitas impreterivelmente, na quinta e sexta feiras, das 11 ás 16 horas.

A'manhã, ás 12 horas, vender-se-hão em hasta publica, no antigo convento das Salesias, em Belem, o retabulo da egreja, um piano e outros objectos, devendo os arrematantes retirar os seus lotes assim que termine o leilão, isto é, amanhã mesmo.

PEQUENAS NOTICIAS

Em opusculo foi publicada a brilhante allocução feita pelo major d'infantaria 32, sr. Manuel Pereira da Silva, em Penafiel, por occasião da cerimonia da ratificação do juramento de bandeiras.

—Foi publicado o numero unico d'um jornal intitulado «Dolivaes», homenagem ao sr. Joaquim Dolivaes Nunes, o auctor do «Methodo Dolivaes», cujo anniversario natalicio passou ante-hontem. Traz o retrato do homenageado e artigos de saudação ao fervoroso combatente contra o jogo.

—O «Boletim Commercial», referente a junho findo traz, entre outros assumptos, informações dos nossos consules em Kobe e Rio de Janeiro e o relatorio annual do consul em Nova-York.

—Barnabé Adolpho Borges, morador na rua do Arco, 65, 1.º, suicidou-se na sua residencia por meio de enforcamento. O cadaver seguiu para a Morgue.

—E' esperado depois d'amanhã o vapor «Beira», da Empreza Nacional de Navegação.

—Organisada pelo professor de dança sr. Custodio Jayme Ferreira e dedicada aos seus alumnos e amigos, realisa-se depois d'ámanhã, ás 14 horas, na avenida das Côrtes, 61, 1.º, uma «matinée-blanche».

—No hospital de S. José recolheram: á enfermaria 5, o serralheiro Antonio Raposo Affonso, que ao forjar uma peça nas officinas da Companhia dos Caminhos de Ferro ficou muito ferido no rosto; á numero 4, João Martins, colhido por uma sacca de carvão na exploração do porto de Lisboa, ficando muito ferido na cabeça, e José Antonio Correia Dias, que cahiu a bordo d'uma fragata no Barreiro, fazendo um entorse no pé direito e ficando muito ferido na cabeça; á enfermaria 13, Anna Pereira, que cahiu na sua residencia, ficando muito contusa pelo corpo.

VIDA ARTISTICA

Escola de Bellas Artes

Começam amanhã as provas do concurso para o preenchimento da vaga de professor de estatuaria na Escola de Bellas Artes. São concorrentes os srs. Costa Motta, José Simões d'Almeida Sobrinho e Arthur dos Anjos Teixeira. O juri, que é constituido por todo o corpo docente d'aquella Escola, reune pelas 9 horas e 30 minutos, devendo os candidatos n'essa occasião tirar á sorte o respectivo ponto e o assumpto a tratar no esboceto da estatua ou baixo relevo. Para a execução d'esse esboceto os concorrentes teem oito horas. A execução da obra far-se-ha em 60 dias.

Os novos pintores

Estão concluindo a ultima prova do curso de bellas artes os pintores srs. Dordio Gomes, J. Lacerda, Abel Mantas e Alberto Asseca de Lacerda, os dois primeiros discipulos de Veloso Salgado e os outros dois tendo cursado as aulas regidas pelo sr. Carlos Reis. Estes novos pintores, que deixam a escola de Lisboa, concluiram a prova final da maior responsabilidade—a execução de um quadro, que tem por assumpto o *julgamento de Paris.*

Os alumnos do terceiro anno deram tambem as suas provas executando um quadro, que tem por motivo *Os oleiros.* O juri, que é constituido pelos professores srs. Columbano, Salgado e Carlos Reis, deve reunir, para a classificação de todos os trabalhos, no dia 12 do corrente.

A exposição d'esses trabalhos, que habitualmente se fazia, não pode ser levada a effeito por a escola não ter salas onde a possa installar.

Os exames de 2.º grau

CINTRA, 3.—Lavra grande descontentamento n'este concelho por ter sido nomeado só um juri d'exames do 2.º grau, pois sendo 117 candidatos a examinar, tal serviço se vem a arrastar por todo o mez de agosto.

Admira-nos até que no mesmo assumpto se adoptem criterios differentes. Em Elvas, séde de circulo, onde os exames começam no principio do mez, para 116 candidatos funccionam dois juris; em Cintra, com 117 examinandos, nomeia-se um só juri, e sem ainda se saber quando começa a funccionar! Não poderia ser nomeado outro juri?

Parece-nos que sim e sem difficuldade nem maior despeza.

Moedas da Republica

O «tostão» novo vae ser posto a circular—A moeda de ouro não apparece por culpa do auctor do modelo

A Casa da Moeda vae pôr em circulação a nova moeda de 10 centavos. Ahi, pelo dia 20, se não antes, as rodelas de prata, com a effige de D. Manuel, começam a recolher, acabando definitivamente um reinado supplementar que dura ha cinco annos. A nova moeda é semelhante no desenho das faces ás moedas da Republica já em circulação. Com o apparecimento d'esta moeda fica completo o padrão monetario em prata.

E quando apparecem as novas moedas de cobre? Quando luzirá em mãos de afortunado a primeira «loira» nacional?

O sr. dr. Santos Lucas, a quem procuramos na Casa da Moeda, diz-nos muito amavelmente:

—A cunhagem da chamada moeda de cobre, que por signal é uma liga de bronze, comquanto se não pareça com a dos antigos patacos, já poderia estar feita se não fosse a guerra europeia que encareceu todas as materias primas. Segundo a reforma monetaria, os trocos deixam de ser de cobre ou bronze para serem de nikel. Acontece que nós não temos este metal e a sua acquisição, n'este momento, é difficil e cara. Resulta d'esta circumstancia que só passado o conflicto internacional se poderá pensar na substituição das moedas de 2 e 1 centavo.

Os mesmos motivos poderia apresentar para a cunhagem das moedas de ouro. E' difficil, senão impossivel, encontrar ouro no nosso mercado e a Casa da Moeda não possue reservas d'esse precioso metal. A guerra europeia fornecer-nos-hia motivo para se não pensar n'essa cunhagem, se não tivessem varias entidades estranhas á Casa da Moeda manifestado interesse no apparecimento d'esse dinheiro e esse interesse é tão grande e manifesto, que alguns bancos e ourives que possuem ouro em barra se promptificam a fornecer o metal para a cunhagem.

—Então porque não apparecem as moedas de ouro?

Simplesmente porque o auctor dos modelos approvados em concurso, requisitando-os para, em seu entender, lhe introduzir quaesquer melhoramentos, se retirou com elles para Paris e ha bem 15 mezes que a Casa da Moeda perde o seu tempo em redigir officios e telegrammas, sem que consiga tornar a haver um trabalho que já adquiriu e que poderia, por essa circumstancia que apontei, já estar executado.

Almanach Bertrand

Foi já posto á venda este almanach para o proximo anno de 1916. Do seu valor e acceitação dizem de sobejo os annos que já conta de existencia, entrando agora no seu 17.º Apresentando-se com uma linda capa, que tem uma allegoria á tão desejada paz, secções variadissimas sob a superior direcção do antigo jornalista e illustre homem de lettras que é Fernandes Costa e profusamente illustrado, o Almanach Bertrand deve continuar a manter a mesma acceitação que até agora o tem distinguido, occupando um dos primeiros, se não o primeiro logar entre as publicações similares.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

Acabamentos das construcções

por Santos Segurado

O engenheiro industrial sr. João Emilio dos Santos Segurado escreveu para a Bibliotheca de Instrucção Profissional, da casa Aillaud, Alves & C.ª, do Chiado, o volume *Acabamentos de construcções,* estudo dos trabalhos precisos para a conclusão dos edificios. Com gravuras elucidativas, versando assumptos technicos, é mais para os que á construcção civil se dedicam, embora os profanos tambem tenham que aprender com a sua leitura. A edição é elegante.

Na camara dos deputados

Principia a discutir-se o orçamento dos estrangeiros e fixa-se o subsidio do novo presidente da Republica

A sessão abre com 53 deputados, pouco antes das 15. Preside o sr. Azevedo Coutinho, approva-se a acta, lê-se o expediente e os trabalhos principiam, estando o governo representado pelos ministros das finanças e dos estrangeiros. O sr. Costa Junior reclama energicas providencias contra o facto das emprezas de pesca lançarem no mercado, todos os dias, grande porção de peixe podre e contra o perigo que resulta de ser quasi sempre verde a fructa que se vende em Lisboa, o que causa grandes prejuizos á saude publica. Protesta ainda por haver no Arco do Bandeira uma fabrica de cebo, sem alvará, e diz que no Rocio funcciona um hotel com 5 andares e com uma escada estreitissima, que foi condemnada por uma primeira vistoria e achada por outra em optimo estado.

O sr. Eduardo de Sousa:—Misterios da policia administrativa, aqui, no Porto e em toda a parte! São sempre os mesmos!

O orador termina pedindo que o governo traga ao Parlamento uma proposta de lei impedindo que o peixe esteja nos frigorificos mais de 24 horas, porque só assim se póde impedir que a população de Lisboa seja envenenada pelas emprezas de pesca. O sr. Francisco Cruz protesta, junto do sr. ministro da instrucção, contra perseguições que se pretendem fazer contra o professor primario de Meia Via, concelho de Torres Novas, por elle ir á missa. O sr. ministro da instrucção replica que vae indagar e affirma que pelo facto apontado não consentirá que se persiga ninguem.

O sr. Eduardo de Sousa accusa o sr. dr. Sousa Junior de, sendo director geral da estatistica, pertencer ainda ao corpo docente da Escola Medica do Porto, contra tudo o que a lei dispõe e contra quanto, em casos identicos, se tem feito. Quando é que o sr. ministro da instrucção se resolve a assignar o decreto exonerando o sr. Sousa Junior do logar que não pode exercer na escola medica da capital do norte? O sr. ministro da instrucção responde que sobre o assumpto está decorrendo um processo, para que se saiba qual dos logares que desempenha o sr. Sousa Junior prefere. Logo que o processo attinja o seu termo, será lavrado o competente despacho.

O sr. Ramos da Costa, como presidente da commissão de finanças, manda para a mesa um projecto fixando o ordenado do chefe do Estado. E como a eleição deve realisar-se d'aqui a trez dias, pede para esse projecto urgencia e dispensa do regimento. O ordenado do chefe do Estado é fixado em 18.000 escudos, dando-se-lhe mais 6.000 escudos para despezas de representação. O projecto foi elaborado em obediencia a uma disposição constitucional que assim manda proceder sempre que termine o periodo presidencial. O sr. Carvalho Mourão refere-se a assumptos do seu circulo e apresenta um projecto que diz respeito á Misericordia de Villa Real; o sr. Pires de Campos pede que os attestados de residencia só sejam passados pelas auctoridades parochiaes e lembra a necessidade de se tributarem os agentes de emigração, que presentemente se eximem a toda a especie de imposto. O sr. ministro do interior promette attender.

O sr. João Camoezas chama a attenção do sr. ministro da instrucção para o conflicto que no Instituto Superior Technico se deu entre o professor de electrotechnia e um alumno, d'onde resultou, para este ultimo, a expulsão por dois annos. E' preciso que justiça se faça e a verdade é que no caso não se sabe quem mais culpado é. O sr. ministro da instrucção responde que procederá ás diligencias que o caso requer para que quem tiver faltado ao seu dever tenha o merecido castigo. O sr. Hermano de Medeiros chama a attenção do sr. ministro do interior para factos anormaes que se deram nos Açores, por occasião das ultimas eleições para deputados. Commetteram-se ali, e principalmente na Horta, violencias que não podem ficar impunes. Compraram-se votos e as auctoridades galopinaram desenfreadamente, por todo o archipelago. Pergunta ao governo, em seu nome, porque foram mandados para Ponta Delgada o sr. Pimenta de Castro e os seus companheiros, que ali chegaram sob custodia e n'essa situação se encontram. Aquillo, por lá, ainda não é presidio. O sr. presidente do ministerio declara que fará proceder a averiguações e explica os motivos por que as eleições foram adiadas nos circulos açoreanos.

Na ordem do dia, principia a discutir-se o orçamento dos estrangeiros, falando o sr. Urbano Rodrigues, que applaude o parecer, e o sr. Antonio Macieira, relator, que responde a algumas observações d'aquelle deputado.

O sr. Manuel Granjo combate com grande energia a creação de dois logares de inspectores consulares, que no parecer se aconselha, e revolta-se sobretudo contra a fórma como os mesmos logares serão providos. Se a proposta da commissão passasse, commetter-se-hia um escandalo inqualificavel que faria com que o povo pudesse dizer com razão que tão bons são uns como os outros. Admittindo mesmo que os dois logares sejam creados, elles só podem ser providos com funccionarios de carreira, conhecedores dos serviços que vão inspeccionar, e não com estranhos. Combate tambem a entrada para o quadro, como consules de 3.ª classe, sem concurso, de individuos que teem exercido funcções consulares na Galliza. O sr. Antonio Macieira diz que os inspectores consulares são necessarios, não devendo ser nomeados apenas individuos que offereçam todas as garantias de honorabilidade, convindo até que não pertençam á carreira, para mais prestigio terem entre aquelles que teem de fiscalisar. Depois, trata-se de funccionarios de confiança que o poder executivo deve poder livremente nomear. Pelo que respeita aos consules da Galliza, a compensação que se lhes quer dar é justissima.

O sr. Fernandes Costa ataca tambem o parecer n'estes dois pontos concretos e diz que n'este momento, em que o paiz atravessa uma tão grave crise financeira, não lhe parece de bom conselho augmentar as despezas pela fórma como a commissão o faz. Concorda o sr. ministro das finanças com as propostas da commissão?

E' preciso que elle se manifeste a tal respeito.

O sr. Ramos da Costa requer urgencia e dispensa de regimento para o projecto que fixa o subsidio ao novo presidente da Republica. Approvado. O sr. Alexandre Braga recorda antigas affirmações suas sobre o assumpto. Entendeu e entende que o chefe do Estado não pode viver em casas alugadas. Se muitos funccionarios teem casa do Estado, porque não ha de tel-a o chefe da nação? Recorda, de novo, as suas opiniões, e quando a Constituição fôr revista tratará de as fazer vingar. Leem-se na mesa o projecto que o sr. Mesquita de Carvalho ha dias apresentou sobre eleição presidencial e o respectivo parecer, rejeitando-o e propondo que se reuna o Congresso para interpretar o § 2.º do artigo 38.º da Constituição. O sr. Mesquita de Carvalho defende o seu projecto, continuando em discussão o parecer.

No Senado

O sr. Paes d'Almeida renova o seu projecto sobre cereaes e approva-se o orçamento do ministerio da justiça

A sessão abre ás 14,30, com 22 senadores presentes e o sr. Correia Barreto na presidencia, secretariado pelos srs. Lourenço Serro e Arantes Pedroso. Acta approvada. Expediente ao seu destino. Na bancada ministerial o sr. dr. Catanho de Menezes.

O sr. Arantes Pedroso envia para a mesa um projecto de lei sobre equiparação de serviços e regalias dos guardas do Arsenal. Pede para elle dispensa de 2.ª leitura o que é approvado. O sr. Lourenço Serro envia tambem para a mesa uma nota de interpellação ao sr. ministro da guerra sobre a dissolução do regimento de infantaria 29, que estava aquartelado em Braga.

O sr. Paes Abranches reenvia para a mesa o seu projecto de lei sobre cereaes que foi completamente remodelado e augmentado e ficou assim redigido:

Artigo 1.º—A partir do dia 15 de agosto proximo futuro e até ao fim do anno cerealifero de 1915-1916, todas as fabricas de moagem matriculadas, excepto as que unicamente forneçam farinhas para o fabrico de massas *e os moinhos e azenhas e fabricas de moagem que só fabriquem farinhas em rama,* serão obrigadas a produzir tres tipos de farinha de trigo sendo as percentagens de extracção da 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidade, 15, 40 e 20 por cento aos preços respectivamente de quatorze centavos, dez centavos e oito e meio centavos cada kilogramma, não podendo o preço do pão de mil grammas (pão de familia), fabricado só com as farinhas de trigo, ser em caso algum superior a nove centavos.

Paragrapho unico: — Será permittida fóra de Lisboa e Porto a venda de farinha de trigo em rama no preço de dito centavos cada kilogramma.

Artigo 2.º—O trigo nacional adquirido pelas fabricas de moagem matriculadas ou não, será comprado ao vendedor com o augmento de meio centavo em cada kilogramma de trigo a mais do que o preço da tabella, a que se refere a base primeira da lei de quatorze de julho de 1899.

Artigo 3.º—Todos os terrenos em cultura cerealifera que forem semeados de trigo no anno cultural de 1915-1916 gosarão do beneficio de dois escudos por hectare, beneficio que por meio de um titulo de annulação será encontrado na contribuição do anno de 1915, a pagar em 1916.

Paragrapho unico:—O beneficio de dois escudos a que se refere este artigo reverterá quando as propriedades estejam arrendadas a favor dos respectivos rendeiros.

Artigo 4.º—Todos os agricultores do paiz por intermedio das Associações de Agricultura ou dos respectivos sindicatos, sejam ou não seus associados, poderão importar livres de direitos todos os adubos chimicos que necessitem para a cultura cerealifera de 1915-1916.

Artigo 5.º—Ficam prohibidas as exportações de todos os adubos chimicos ou organicos até 31 de novembro de 1915.

Artigo 6.º—Todos os adubos expedidos para os agricultores e respectivas associações agricolas terão o bonus de sessenta por cento nas tarifas dos caminhos de ferro.

Artigo 7.º—Todas as machinas e alfaias agricolas expedidas para os agricultores serão transportadas gratuitamente nos caminhos de ferro do Estado e terão o bonus de cincoenta por cento, nas respectivas tarifas, dos outros caminhos de ferro.

Artigo 8.º—O governo fará os regulamentos necessarios para a execução de esta lei.

Artigo 9.º—Fica revogada toda a legislação em contrario.

Foi acceite e enviado á commissão respectiva.

E entra-se immediatamente na ordem do dia continuando em discussão o capitulo V do orçamento do ministerio da justiça.

O sr. dr. Pedro Martins é de opinião que os delegados secretarios dos procuradores geraes da Republica e que forem promovidos a juizes recebam os vencimentos correspondentes á ultima cathegoria, o que o relator do parecer sr. Nunes Garcia contradiz por a opinião do orador precedente ir de encontro ao que legalmente se deve fazer e a lei consigna. Além de que a approvar-se o criterio do sr. Pedro Martins, creava-se mais um encargo para o Estado e commettia-se uma flagrante injustiça. Os srs. Catanho de Menezes (ministro da justiça) e Estevam de Vasconcellos (leader da maioria) concordam, o primeiro com a opinião do sr. Pedro Martins e o segundo com a do relator sr. Nunes Garcia. O sr. Arantes Pedroso é tambem da opinião do «leader» evolucionista.

Posta á votação a emenda ao capitulo V e pela qual se havia declarado o sr. Pedro Martins foi rejeitada. O sr. Estevam de Vasconcellos protesta e manda para a mesa uma nova emenda para que os logares de secretarios da Procuradoria da Republica só possam ser desempenhados por delegados. O sr. ministro da justiça concorda plena e absolutamente com a proposta que posta á votação é approvada.

No capitulo 6.º, no que se refere aos assumptos prisionaes, o sr. José Maria Pereira salienta a injusta situação em que fica o director do Limoeiro, Aljube e Monsanto em comparação com o da cadeia Nacional. Para regular essa situação manda para a mesa a respectiva proposta que o sr. ministro da justiça acha justa e que o sr. dr. Nunes Garcia combate.

A proposta do sr. José Maria Pereira é para que os emolumentos não só do director da cadeia do Limoeiro, mas os de todos os funccionarios de justiça revertam para o Estado. Foi approvada, o mesmo acontecendo ao capitulo com algumas emendas e alterações. Os restantes capitulos são approvados sem discussão até ao 9.º

A presidencia declara que foram proclamados senadores os srs. Machado de Serpa e Azevedo Gomes, sendo este ultimo introduzido na sala pelos srs. Silva Gonçalves, Paes Gomes e Ramos Pereira. Tomou assento junto dos seus collegas da União Republicana.

Approvados tambem com discussão e ligeiras alterações os ultimos capitulos: 10.º, 11.º, 12.º e 13.º.

A'manhã ha sessão á hora regimental.

A provincia n'A CAPITAL

ERICEIRA, 2.—Nos dias 28, 29 e 30 do corrente realisam-se aqui as tradicionaes festas á Senhora da Nazareth, as quaes se fazem de 17 em 17 annos. Além das festas religiosas haverá uma corrida de touros em que tomarão parte os nossos melhores artistas. As festas são abrilhantadas pelas philarmonicas da Ericeira, Mafra e Sacavem. De Cintra e Mafra ha carreiras de automoveis e deligencias para esta localidade.

A eleição presidencial

Resultado dos trabalhos da commissão nomeada no grupo democratico

Hontem, na reunião do grupo parlamentar democratico, deu conta dos seus trabalhos a commissão que tinha sido encarregada de se avistar com o sr. dr. Affonso Costa e restantes membros do Directorio ácêrca da eleição presidencial.

Sabe-se que o grupo votara quatro nomes que serviriam de base á escolha definitiva: Bernardino Machado, Duarte Leite, Correia Barreto e Alves da Veiga. Segundo as nossas informações, a opinião do sr. dr. Affonso Costa e dos seus collegas do Directorio sobre esses candidatos foi expressa por este modo:

O sr. Alves da Veiga não possue da politica portugueza um conhecimento que o habilite a bem exercer o cargo de chefe de Estado, não obstante as suas qualidades de velho republicano e a alta intelligencia que o distingue. Vivendo ha muitos annos fóra do nosso meio, encontrar-se-hia em serios embaraços para se orientar por fórma a bem traduzir sempre as aspirações da alma republicana.

A eleição do sr. Correia Barreto não seria conveniente no actual momento, por causa da sua filiação partidaria. Dir-se-hia que o partido republicano portuguez pretendia fazer uma excessiva ostentação de forças, porventura insinuando-se que a revolução de 14 de maio tivera como ultimo objectivo a eleição d'um correligionario para a presidencia da Republica.

O sr. Duarte Leite é conhecido pela grande maioria da opinião como affecto ao partido unionista—e isso bastaria para dar á sua escolha um significado politico que seria difficil contestar. De resto, certas apparencias contribuem para firmar aquella opinião. Ainda ha pouco, precisando s. ex.ª de licença no Senado, foi o respectivo pedido apresentado pelo «leader» do partido unionista n'aquella casa do parlamento, em vez de ser directamente formulado pelo sr. dr. Duarte Leite junto da presidencia, por meio de telegramma ou carta.

N'esses termos, e attentas as altas qualidades que concorrem na pessoa do sr. dr. Bernardino Machado, o Directorio achava preferivel que a escolha recahisse no seu nome, embora cabendo ao grupo o natural direito de se pronunciar em ultima instancia, desde que apparecesse um novo candidato, além dos outros tres já citados, que possuisse ainda qualidades superiores.

Noticias parlamentares

A commissão de commercio já deu o seu parecer sobre os projectos pendentes relativos á questão vinicola. O relator, sr. Loureiro, manifesta-se contrario ao projecto patrocinado pelo governo e elaborado pela commissão de lavradores durienses. Assignaram o parecer com declarações os srs. Martins Portugal e Antonio Mantas. Os projectos agora encontram-se na commissão de finanças, tendo sido encarregado de os relatar o sr. Levy Marques da Costa.

***

Questões eleitoraes, trapalhadas, urnas que deram surprezas, auctoridades que exhorbitaram e galopinaram lá pelos Açores, de tudo isso se occupou hoje o sr. Hermano de Medeiros, que é deputado por Ponta Delgada, por onde, apesar de tudo, a gente da União logrou fazel-o eleger. E' a primeira vez que reclamações d'esta natureza surgem n'esta sessão, no Parlamento, e ainda bem que apparecem para haver de tudo. Quanto ao sr. Hermano de Medeiros é um orador ameno, cuja voz tem por vezes as vibrações de uma corda de piano levemente desafinado. Pelo que respeita ao mais, bem, para arrelia do sr. Aresta que, a respeito de eloquencia, é o que todos nós sabemos.

***

Mais coisas eleitoraes e estas de Cabo Verde. E' que se soube hoje, em S. Bento, por noticias officiaes, que as eleições se haviam realisado n'essa colonia, tendo sido eleitos pela maioria o sr. Henrique de Vasconcellos, e pela minoria o sr. José Barbosa. A União, d'esta feita, metteu mais uma lança em Africa. E bem pode orgulhar-se e rejubilar por isso, tão necessario lhe é, na Camara, um *leader* á altura. Precisa até muito mais d'isso que **de pão para a bocca...**

***

Uma estreia—a do sr. Camoezas. E uma estreia auspiciosa, o que é digno de registo. Orador de comicio? Mas quem diz o contrario? Entretanto, um orador que fala portuguez e que até dá, por vezes, a phrase quente, um certo recorte litterario que a torna simpathica. Romanticismo exagerado? Talvez, sim. Mas o sr. Camoezas, que tem de ter cuidado comsigo, á sobremeza, n'este tempo em que a fructa é má e cara, é novo e arrebatado, pouco dado a praxes e a formulas estabelecidas. Diga-se isso para honra sua. A' sua figura pequenina não fica, porém, nada bem aquella flamula de côr indecisa que lhe pende do bolso, mesmo sobre o coração... Apesar de pouco avantajado em estatura, o sr. Camoezas ha de ir longe. E' que os homens, como dizia o outro, não se medem aos palmos...

***

A Camara não mostra pressa a respeito das coisas do Douro. Está no seu direito. Entretanto, lá por cima as coisas não correm propicias, segundo noticias que a toda a hora d'ahi veem e conforme telegrammas em barda que todos os dias se veem nas mezas das duas camaras. Alem d'isso, os proprietarios do Douro, que ali possuem armazens e outros haveres, estão a segural-os em companhias inglezas, contra todos os riscos, pagando premios que attingem o dobro dos normaes. Ao que constava hoje por S. Bento o governo vae esforçar-se para que a discussão dos projectos referentes á questão vinicola se faça quanto antes.

Victima de crime?

Mulher gravemente ferida

Na Azinhaga de Santa Luzia foi esta tarde encontrada por uns populares que por ali passavam e pelo policia 580, da esquadra do Campo Grande, uma mulher cahida, sem fala e gravemente ferida na cabeça.

Conduzida ao hospital de S. José, deu ali entrada na enfermaria 14, em estado gravissimo. Desconhece-se por emquanto a sua identidade e ao que parece trata-se de um crime, estando á hora a que escrevemos a policia de investigação vendo se consegue aclarar o misterio.

Um desmentido

A nossa attitude perante a guerra

Ao contrario do que se pretende fazer crer sabemos que não existe accordo algum entre os partidos evolucionista e democratico sobre a eleição presidencial, nem entre quaesquer pessoas em tal sentido.

Hoje, em artigo da «Lucta», o sr. Aresta Branco recorda que o novo presidente entrará no exercicio das suas funcções «quando, ainda, o conflicto internacional está no seu apogeu», etc. Não accrescentou s. ex.ª, o que seria bem opportuno, qual foi a attitude assumida pelo seu partido perante esse gravissimo problema que tão directamente affectou a vida nacional—attitude que creou a atmosphera que tornou possivel o movimento militar de janeiro e a constituição do gabinete da dictadura, contra a qual o mesmo partido se manifestou depois. O paiz condemnou esses processos por fórma memoravel nas eleições passadas—apesar d'um deputado da maioria entender que o sr. Bernardino Machado não devia ser eleito porque a sua attitude perante a guerra, favoravel á nação alliada e aos interesses da Republica difficultou, na sua opinião, a eleição d'alguns correligionarios... Queria esse deputado que o governo da presidencia do sr. dr. Bernardino Machado se tivesse pronunciado pela neutralidade! Mas ainda bem que dentro da maioria não ha outro que pense do mesmo modo.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 3.—Communicação official. Em Artois, em volta de Souchez, vivos combates á granada e petardos, durante uma parte da noite. No planalto de Quennevières e no valle do Aisne acções de artilharia bastante violentas. Soissons foi bombardeada. Na Argonne, no sector Saint Hubert, «Maria Tereza», Fontaine-aux-Charmes e cota 215 a lucta proseguiu durante a noite, tendo os allemães feito varios ataques que não puderam desembocar. Em Eparges o bombardeamento foi bastante intenso. Nos Vosges o inimigo pronunciou em a noite de 2 do corrente um ataque contra as nossas posições de Linge e tres ataques contra as de Barrenkopf. Estes ataques, embora violentos, foram todos repellidos.—(Havas).

Os submarinos britannicos começam a intervir

LONDRES, 2—O almirantado britannico annuncia que um submarino britannico communicou ter afundado um destroyer allemão que se crê ser do tipo G 196, no dia 26 de julho ultimo proximo da costa allemã.

O vice-almirantado inglez commandante do Mediterraneo oriental communica que um submarino que andava em operações no Mar de Marmara torpedeou ao largo um paquete de 3000 toneladas em frente do desembarcadouro de Mudania. O paquete tinha varios navios de carreira atracados a elle.

A explosão foi violentissima. Um pequeno vapor que se achava proximo da bahia de Karabogha foi tambem torpedeado. Uma communicação procedente de Constantinopla refere que uma canhoneira fôra torpedeada approximadamente na mesma occasião sendo provavel que esta communicação se refira áquelle navio surto em Karabogha. O submarino lançou torpedos incendiarios ao longo do arsenal de Constantinopla. O effeito não poude ser observado, mas houve uma grande explosão. Os moinhos de polvora de Zeitunlik foram alvejados mas devido á obscuridade não se poude verificar o resultado.

O caminho de ferro que passa a uma milha do Kara Bornu foi bombardeado e a linha bloqueada temporariamente de maneira que um comboio de tropas turcas não poude passar, sendo alvejado quando retrocedia, dando em resultado irem pelos ares trez vapores carregados de munições.—(*Havas*).

A destruição da ponte de Galata

LONDRES, 3.— Telegrapham de Mytilene ao *Times* que, segundo consta, a ponte de Galata foi destruida por um submarino.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental e no Mar Negro

PETROGRADO, 3.—A leste de Peneviege exercemos pressão sobre as avançadas inimigas, fizemos 800 prisioneiros e tomámos seis metralhadoras. Na linha de Narew, proximo da confluencia do Pisza, continua encarniçado o combate. Na linha do Vistula os destacamentos que passaram o Vistula, proximo de Nagnoachef, foram rechaçados em direcção ao rio.

Na região de Ivangorod no dia 1 do corrente, depois de encarniçado combate, retirámos para uma posição mais concentrada. Nas duas margens do Wieprz repellimos todos os ataques inimigos. Na margem esquerda do Bug reoccupámos novamente a linha ao norte de Kholm.

No Mar Negro os nossos torpedeiros incendiaram um deposito de carvão e destruiram mais de 200 veleiros que transportavam carvão e munições.—(*Havas*).

O sr. Poincaré na linha de combate

PARIS, 3.—Durante a sua viagem á linha de combate, o sr. Poincaré encontrou os soberanos belgas e entregou ao rei a cruz de guerra, repetindo que a França considera a causa da Belgica indissoluvelmente ligada á sua. O presidente Poincaré regressa a Paris esta manhã por Calais e Dunquerque.—(*Havas*).

Uma antiga proposta da Allemanha á França

HAVRE, 2.—O livro cinzento belga contém um documento mostrando que quatro mezes antes da guerra a Allemanha propoz á França dividir o Congo belga e supprimir a Belgica.—(*Havas*).

A situação no Mexico

WASHINGTON, 2.—A reoccupação da capital do Mexico pelos carranzistas está officialmente confirmada.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

Uma grande commissão de commerciantes do Porto representou ao sr. ministro do fomento pedindo para ser permittida a exportação de cebola e batata bem como d'outros generos e bem assim para ser fixado o preço maximo porque pódem vender os generos de subsistencias ao povo e aos revendedores.

—O governador de S. Thomé, sr. Pedro Botto Machado, entregou no ministerio das colonias o projecto de expropriação por zonas, que vae ser adoptado n'aquella provincia, com uma pequena alteração.

—No ministerio das colonias installou-se hoje a commissão de separação dos funccionarios composta dos srs. dr. Almeida Ribeiro, tenente coronel Thomaz de Sousa Rosa e capitão de fragata Salazar Moscoso, que iniciou os seus trabalhos, os quaes, nos termos da lei, devem estar concluidos no praso de trez mezes.

—Com o sr. ministro dos negocios estrangeiros conferenciou demoradamente o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, nosso ministro em Paris.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9/16	39 7/16
Londres, 90 d/v.	36 1/8	—
Paris, cheque	$74	$74,7
Allemanha, cheque	$28,3	$29,5
Hollanda, cheque	$56	$57
Madrid, cheque	1$34,5	1$35,5
New York	1$41	1$42
Rio s/Londres	12 3/4	—
Libras	6$70	6$80
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,80	39,80
» » 500$	39,80	39,90
» » 100$	39,75	39,80

Certificados de 40$, 40,75 %.

Obrigações d'Estado: 3 % 1905, 9$25; 4 1/2 1905, coup. 84$.

Externas: 1.ª serie 72$10 e 3.ª 74$.

Acções: Banco Commercial do Porto, 46$40; Aguas 89$40; Tabacos, coup. 75$80.

Obrigações: Aguas, assent. 79 e coupon 81$10; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie 77$50 e 2.ª 74$.

Propaganda dos grandes emprehendimentos e das iniciativas da industria e do commercio

MAGAZINE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do MAGAZINE da «Capital»

UMA EMPREZA MODELAR

OS PHOSPHOROS EM PORTUGAL

E' esta uma das industrias que mais notaveis progressos tem feito no nosso paiz

Uma visita ás fabricas da Companhia Portugueza de Phosphoros

De todas as industrias que actualmente se exercem no nosso paiz, uma das mais notaveis, não só pela sua importancia, como pela inexcedivel perfeição do fabrico, excellencia das installações e regalias dos operarios é sem duvida a dos phosphoros.

Possue a respectiva Companhia duas fabricas: a do Beato, em Lisboa, e a do Lordello do Ouro, no Porto. Ambas ellas visitámos detidamente, em ambas ellas se nos abriram todas portas e se nos deparou a mais captivante amabilidade por parte de todos os funccionarios que as dirigem.

Não cabe na indole d'este Magazine uma descripção pormenorisada dos processos a que nos foi dado assistir, e de que forçosamente a profusão de expressões technicas tornaria monotona a leitura. Nem este supplemento tem outra intenção mais do que vulgarisar, fornecer indicações geraes sobre determinado emprehendimento, o sufficiente, em summa, para satisfazer a legitima curiosidade das pessoas que, sendo bem do seu tempo, pretendem enriquecer a propria cultura com uma noção completa, embora superficial, de tudo quando as rodeia.

Nos seguintes artigos daremos pois, além de uma impressão de reporter ácerca da visita ás duas unicas fabricas de phosphoros que em Portugal existem, a descripção summaria das differentes phases por que passa o fabrico, uma chronica sobre o estabelecimento e desenvolvimento d'esta industria entre nós e, finalmente, algumas notas sobre a mão de obra, existencia dos operarios e organisação do trabalho, capitulo este em que se nos afigura haver um estimulo magnifico para as classes trabalhadoras e um admiravel exemplo a seguir por outras importantes emprezas industriaes.

Em Lisboa

Na fabrica do Beato

E' em Lisboa que a Companhia Portugueza dos Phosphoros possue o seu mais importante estabelecimento fabril. E' ali que recebemos a primeira impressão da ordem, do methodo, da boa organisação que preside a todos os serviços. Duas vezes ali fomos, uma para visitar as installações, acompanhados pelo sr. engenheiro Pinto Bastos, outra para seguirmos, nos seus diversos detalhes, a fabricação dos pavios phosphoricos, sendo-nos então prestados os necessarios esclarecimentos pelo gerente, sr. Almeida, que reside dentro da propria fabrica e para quem naturalmente tudo aquillo é mais que familiar.

Visitando os armazens de material, ao fundo, o illustre engenheiro que nos acompanha explica-nos que, em em virtude do perigo dos incendios e além de todas as precauções tomadas, se adoptou o sisthema de não guardar nunca no mesmo local materias combustiveis em grande quantidade.

—A madeira constitue como sabe uma das substancias mais largamente empregadas no fabrico dos phosphoros. Embora a companhia tenha importado madeiras da Russia em larga escala, diligenciou sempre desenvolver o emprego da madeira nacional, não tanto pelos resultados economicos que d'ahi lhe adviriam como pela possibilidade de empregar materiaes sempre em bom estado de conservação e porque a anima sobretudo o patriotico desejo de gastar de preferencia coisas produzidas em Portugal.

—As nossas florestas, no emtanto, são tão poucas...

—Com effeito, o choupo, que é a madeira preferida, existe entre nós em reduzidissima escala. Não só o não cultivam quasi nada, como se não preoccupam com a escolha das especies e respectivo tratamento, o que é indispensavel para obter uma madeira branca e sem nós.

—Com o emprego do choupo nacional não lucra, pois, a Companhia?

—Não. A producção é pequena. Além d'isso, succede serem as tarifas ferro-viarias tão elevadas que o transporte dos choupos do Mondego, desde Coimbra até Lisboa, é tão caro como o dos choupos da Russia, desde aquelle paiz até o Tejo! Aproveitamos por isso tambem o pinho nacional, que é mais abundante que o choupo e se presta melhor ao fabrico. Para isso temos um serviço especial de exploração de pinhaes, comprámos mattas, cortando as madeiras nos locaes de producção, proximo das estações de caminho de ferro. Ali temos as nossas officinas de serração a vapor e procedemos á escolha dos tóros mais adequados ao fabrico.

—E a madeira menos propria para phosphoros?

—Serve para a confecção de caixotes, industria esta que temos desenvolvido muito, a ponto de fornecermos para fóra consideravel numero de embalagens.

—Falou-me ha pouco nos residuos do choupo. Não se aproveitam?

—Uma empreza economica aproveita tudo. D'esses residuos faz-se um producto novo: a lã de madeira, que no estrangeiro constitue o principal artigo para emballar e acondicionar ..., para filtrar aguas destinadas á alimentação de caldeiras, para estufar moveis, etc. Mas é especialmente no acondicionamento de fructas que a lã de madeira pode prestar inapreciaveis serviços ao exportador portuguez, pois é mais elastica que o papel e mais leve que a serradura. Alem d'isso, não communica cheiro aos fructos e os caixotes não precisam de ser estanques, como no caso da serradura, que cahiria por qualquer fenda do caixote.

Proseguindo a visita aos armazens o nosso amavel cicerone fornece-nos, de passagem, mais esclarecimentos sobre a acquisição de materias primas:

—A compra d'estas materias é sempre feita por concurso publico, exigindo-se sempre as melhores qualidades. Possuimos um laboratorio onde todas as amostras são devidamente analisadas, por chimicos nossos. Muitos d'esses productos são, como lhe disse, nacionaes, e tal propaganda temos feito, já indicando aos fabricantes os defeitos e irregularidades a evitar, já facilitando-lhes todos os esclarecimentos, que muitos d'esses artigos antigamente vindos do estrangeiro são hoje produzidos cá. Ahi tem, por exemplo, o papel azul em *bobines*, que se emprega para forrar as caixas de phosphoros, a estearina de tripla pressão e de grau de fusão muito elevado, a trama de algodão necessaria ao fabrico dos chamados phosphoros de cera, etc. Tudo isto se faz agora muito regularmente em Portugal. Pena é que muitas das substancias que empregamos sejam de natureza chimica, pois sabe que as industrias d'este genero não estão muito desenvolvidas entre nós. Em todo o caso ha artigos como o peroxido de manganez, o sulfureto de antimonio, o *tripoli*, etc., de que possuimos minas em Portugal mas onde o minerio não é ainda convenientemente preparado para se poder empregar nas industrias manufactureiras. Quanto ás materias primas que temos de importar, devo dizer-lhe que, apesar do contracto do exclusivo, pagamos na alfandega todos os direitos aduaneiros sem reducção alguma...

—E a guerra não difficultou essa importação?

—Muito; principalmente nos productos chimicos, cuja sahida os paizes em guerra prohibiram. Por vezes é preciso recorrer a licenças obtidas por intermedio das chancellarias... Tambem, como vimos, a madeira da Russia deixou de vir, e por sua vez o carvão encareceu. E' ao nosso serviço de exploração de pinhaes que temos recorrido para obter a lenha que, quasi exclusivamente, queimamos nas nossas fornalhas.

Não podemos furtar-nos á seguinte reflexão.

—Se todos se esforçassem por afastar tão honestamente as difficuldades, não veriamos invocar a cada passo o augmento do preço do carvão para pretender justificar a carestia do genero...

A vista d'esta officina faz pensar n'uma manufactura de fiação. Na realidade, são as machinas destinadas ao fabrico dos phosphoros de cera

Passamos em seguida ao armazem de sobrecellentes. Ha ali peças de madeiras, utensilios, ferramentas, tudo o que póde ser preciso de um momento para o outro no serviço da fabrica. Em baixo, á porta, vemos um poço, onde trabalha uma bomba tripla, que eleva a agua de 30 metros de profundidade.

—A agua nasce n'este local? inquirimos.

—Temos agua propria e agua do Alviella, encanada para todos os pontos da fabrica. Estamos assim mais que sufficientemente armados para extinguir qualquer começo de incendio.

—O serviço de incendios é pois tambem da Companhia...

—Tambem. Temos a nosso cargo uma estação com dois bombeiros que ficam permanentemente aqui. Não ha precaução que não se tenha tomado. Durante a noite os rondistas percorrem a fabrica, seguindo itinerarios préviamente marcados. Temos relogios-testemunhas que são utilisados n'esse serviço de segurança. As coisas estão dispostas por fórma que cada ponto da fabrica é examinado de 10 em 10 minutos. Além d'isso ha signaes electricos de alarme por todos os lados e telephone privativo para a estação de incendios mais proxima. Nos locaes onde é mais possivel um incendio existem baldes constantemente cheios de agua; as substancias muito inflamaveis são guardadas em casas fortes, o phosphoro está permanentemente conservado em tanques cheios de agua, cujo nivel, se porventura baixar, dá um alarme immediato.

—N'essas condições quasi que não ha perigo...

—Felizmente. A prova é que todos os começos de incendio teem sido extinctos desde logo. E se não fossem estas precauções as companhias de seguros não teriam segurado todos os haveres da nossa Companhia a premios relativamente modicos...

Descrever minuciosamente, em todos os seus interessantissimos pormenores, o que nos foi dado observar nas installações do Beato, não cabe nos estreitos limites de um artigo de vulgarisação e daria de sobra assumpto para um grosso volume. A casa das machinas, os motores electricos, cuja energia é aproveitada nos apparelhos de ventilação e na illuminação da fabrica, a excellente combinação dos transportes que se effectuam por fórma a aproveitar o mais possivel o tempo, a casa do banho do pessoal, o refeitorio, o local de repouso onde aos operarios é permittido fumar, o laboratorio de analises, etc., tudo isso é digno de ser visto e de servir de modelo a qualquer estabelecimento fabril.

As fabricas do Beato e Lordello do Ouro medem approximadamente 10.000 metros quadrados de superficie cada uma.

Diremos ainda que o Estado tem, dentro da propria fabrica, um posto de fiscalisação, e que funccionarios officiaes assistem constantemente ás manipulações diversas, verificando dia a dia como os termos do contracto são cumpridos a rigor.

Na fabrica do Porto attendeu-se á esthetica das construcções. Ao ver a fachada d'esta officina, dir-se-hia que estamos em frente da entrada de um parque

No Porto

Em Lordello do Ouro

Fomos visitar a fabrica que a Companhia possue no Porto, proximo da Foz. Deliciosa situação a d'esses alegres pavilhões, em torno dos quaes se entrelaçam trepadeiras e as rosas pendem, aos cachos, ao longo dos muros! Dir-se-hia que nos encontramos n'um jardim, tal o carinhoso cuidado com que as flores foram dispostas nos canteiros, tal a pureza da atmosphera e o ar balsamico dos pinhaes que rodeiam a fabrica. O refeitorio segue-se em meio de grandes chrisantemos doirados; uma nota profundamente artistica caracterisa todo esse conjuncto de edificações onde o labor fabril nos faz pensar como devem, n'um futuro infelizmente longinquo, realisar as aspirações dos proletarios e as humanitarias theorias dos philosophos.

E' assim certamente que hão de ser construidas as fabricas da sociedade futura de que nos fala Bellamy, o imaginoso auctor americano cujo interessante romance *D'aqui a cem annos* fez as delicias de uma geração.

Foi rapida a nossa visita, porque nos cumpria, não já seguir as differentes operações do fabrico dos phosphoros, mas apenas colher uma impressão de conjuncto que pudessemos transmittir aos nossos leitores. Lordello do Ouro produz, como o Beato, phosphoros amorphos e phosphoros de cera. Apenas os chamados phosphoros de luxo se não fabricam ali, por bastar amplamente para o consumo a producção de Lisboa. De As differentes operações do fabrico dos palitos phosphoricos são em Lordello do Ouro, como dissémos, semelhantes ás do Beato. No Porto nota-se apenas que o trabalho manual é mais intenso do que em Lisboa, onde a *outillage* mechanica é muito maior.

Ha uma secção de emballagem que fornece os caixotes não só para o serviço da fabrica como para industrias estranhas.

Não se produz a lã de meada com os residuos dos tóros, porque o consumo a não exige; esses residuos são aproveitados como combustivel nas fornalhas do motor que consiste n'uma machina a vapor de 60 cavallos, sistema Farcot.

Ha em Lordello dynamos proprios, como no Beato, que fornecem a energia electrica para a illuminação da fabrica, e para as ventoinhas e aspiradores que garantem a ventilação das differentes estufas e officinas. O serviço de vigilancia contra os incendios é tambem modelar, como são modelares as precauções higienicas contra o phosphorismo.

Tambem como na fabrica do Beato ha dentro das installações uma repartição fiscalisadora com empregados do governo. Falamos com um d'esses funcionarios: disse-nos que os interesses do Estado são sempre escrupulosamente respeitados, havendo a melhor harmonia entre o pessoal do governo e o da Companhia, porque de parte a parte não ha outra intenção mais do que cumprir a lei.

Em Lordello do Ouro, as trepadeiras revestem os muros dos pavilhões, em torno dos quaes pendem cachos de rosas

Na machina de encher as caixas de phosphoros amorphos, foi-nos solicitada a attenção para um engenhoso despositivo que um operario, o sr. Manuel Bastos, um dia se lembrou de adaptar ao apparelho, e que consiste em collar mechanicamente as etiquetas nas caixas. Este dispositivo, que denota excellentes faculdades inventivas, funcciona ha 15 annos sem o menor incidente.

Falam os operarios

Seis horas da tarde. A luz vae-se esbatendo agora aos poucos e o ruido da fabrica vae tambem enfraquecendo até se extinguir por completo. Temos visitado já todas as officinas, assistimos a toda a multiplicidade de operações necessarias á manipulação dos phosphoros. O gerente convida-nos amavelmente a descançar no seu gabinete de uma grande simplicidade, mas de um grande conforto. Faltam ainda trez quartos de hora para alcançarmos o rapido que nos ha de reconduzir a Lisboa.

—E se ouvissemos um dos dois operarios?—alvitrámos ao gerente.

(Vêr continuação na pagina seguinte).

A complicada historia de um modesto e simples phosphoro sueco

Em 1669, um burguez de Hamburgo, chamado Brandt, possesso da sublime loucura dos alchimistas, procurava no recondito do seu laboratorio descobrir o misterioso agente que devia transformar em oiro os metaes da mais vil cathegoria. Após longos e pacientes ensaios, encontrou nos residuos da urina evaporada e quente uma substancia amarellada, luminosa na obscuridade, emittindo vapores espessos. Não era oiro, nem tão pouco a pedra philosophal—era simplesmente o phosphoro.

Kunkel, tendo ouvido falar dos trabalhos de Brandt, encarregou o seu amigo Kraft de ir a Hamburgo comprar o segredo. Kraft assim fez, mas negou-se depois a communical-o a Kunkel, que, á custa de infinitas tentativas conseguiu reconstituir a experiencia. Boyle fez o mesmo; no entanto, só em 1707 se tornou conhecido o processo. Eram precisos 5 muids de urina para obter 120 grammas de phosphoro! Schelle e Gahn, mais tarde, descobriram-no nos ossos dos animaes e, desde então, estava industrialisado o seu fabrico.

Foi só, porém, em 1816 que Derosne, em Paris, e Cagniard de la Tour fizeram antever a possibilidade de se fabricar, com essa substancia, uma simples machina de fazer fogo. O palito phosphorico, no entanto, não fôra ainda inventado. Coube essa gloria a Kammerer que, em 1833, durante a sua prisão na fortaleza de Hohenasperg, preparou o primeiro phosphoro de enxofre, precisamente egual áquelle que o vulgo designa com o pittoresco nome de esperagallego.

Pouco mais de dez annos depois, Boettcher, em Francfort sobre o Maine, inventava o phosphoro de segurança, que, por ser desde logo fabricado na Suecia, em larga escala, se chamou phosphoro sueco. E' o nosso conhecido phosphoro amorpho, cuja curiosa historia vae ser revelada ao leitor.

Os phosphoros amorphos

Esse modesto pedacito de madeira que tantos serviços presta á humanidade tem uma historia, certamente mais complicada do que a sua simples apparencia faz prevêr. N'outro tempo, quando nas estradas maritimas da Russia podiam ainda livremente navegar os paquetes, o phosphoro amorpho tinha mais do que uma historia: possuia os seus pergaminhos authenticos, podia orgulhar-se da ascendencia do choupo moscovita, a esbelta e graciosa arvore que os botanicos designam pelo *sobriquet* latino ***populus tremula***, de madeira muito branca, sem um nó, sem uma imperfeição.

Mas a guerra actual paralisou esse commercio, e o palito phosphorico tem agora uma origem mais humilde. Fabrica-se com madeira nacional de pinho ou de choupo, que está longe de possuir as qualidades de alvura do choupo da Russia, não é, infelizmente, limpo de nós (o que provoca grandes desperdicios), mas tem a consoladora vantagem de ser portuguez.

E' esta, de resto, uma das preoccupações da Companhia: aproveitar o mais possivel as nossas materias primas assim como a intelligencia e o trabalho nacionaes. N'esta conformidade, poucos são os productos que manda vir do estrangeiro: apenas os que entre nós se não fabricam, como a parafina, visto não termos petroleo para refinar, o phosphoro branco e vermelho, que vem de França, e pouco mais. A direcção technica dos serviços fabris é tambem portugueza e competentissima: está a cargo do distincto engenheiro sr. Pinto Bastos, que com o seu esclarecido espirito e vasto conhecimento do assumpto tem collocado em Portugal o fabrico dos phosphoros ao nivel das melhores manufacturas estrangeiras.

Voltemos, porém, á nossa historia.

A primeira operação a que se procede é a chamada *traçagem dos tóros*. Os troncos são cortados em cilindros de 40 centimetros de comprimento n'uma serra circular cuja lamina possue um movimento pendular. Obteem-se assim os tóros, que são em seguida mergulhados n'um grande tanque de agua a ferver, onde se dissolvem as resinas e se amaciam as fibras de fórma a poderem supportar melhor o trabalho ulterior.

Consiste no *desenrolamento dos tóros* a operação seguinte. Imagine-se uma especie de torno no qual se dispõe o tronco de madeira e parallelamente ao seu eixo, uma grande lamina afiadissima ataca a peripheria do bloco, avançando ao mesmo tempo, muito lentamente, para o centro do tóro, animado de um movimento circular. Comprehende-se que d'esta fórma o tronco se desenrola como se fosse um rolo de papel. A delgada folha de madeira obtida tem 3 milimetros de espessura, que depois de secca nas estufas fica reduzida a 2 milimetros e meio: a grossura média de um phosphoro amorpho.

D'ahi, as folhas empilhadas são levadas a uma guilhotina onde um forte cutello as vae aparando pelo extremo, produzindo os palitos de comprimento normal. De cada golpe de cutello fabricam-se 450 palitos: em cada minuto ha 140 golpes. Um simples calculo nos elucida: a guilhotina prepara, n'uma hora de trabalho consecutivo, *perto de 4 milhões de palitos phosphoricos!*

Mas os palitos estão humidos ainda porque, como vimos, os tóros foram previamente banhados em agua a ferver. Além d'isso teem pequenas falhas, e ha sempre um ou outro que veio imperfeito da machina. E' preciso seccal-os, polil-os, escolhel-os. A' seccagem procede-se n'uma estufa particular, onde são dispostos a granel em grandes taboleiros que sobem lentamente sujeitos á acção de uma forte corrente de ar produzida por ventiladores. Em seguida entram n'uma machina que os agita, que os sacode, que os convulsiona, e da qual sahem sem falhas e sem pó.

Depois são escolhidos, tambem mechanicamente, dando-se aos desperdicios, após uma segunda escolha, um rapido destino: lançam-se nas fornalhas da casa das caldeiras.

Temos agora os palitos promptos a receber a massa inflamavel. Mas o trabalho que daria o collocarem-se as cabeças dos phosphoros a um e um era positivamente inverosimil. A economia fabril exigiu a invenção de um artificio que simplificasse e barateasse a operação. E' assim que nos achamos em presença de uma nova phase infinitamente curiosa: o *guarnecimento dos quadros*. Para isso, ha um dispositivo que serve para enfileirar os palitos, os quaes desde o seu fabrico na guilhotina teem andado a granel, e com um *tour-de-main* especial, muito rapidamente, alguns operarios dispõem-n'os em pilhas. Estão assim promptos a entrar nos *quadros*. São estes constituidos por uma serie de reguasinhas, entre as quaes os palitos se apertam depois de terem passado por um crivo. O quadro fica assim com o aspecto de uma escova, com cerca de 2250 palitos, o que corresponde ao conteúdo de 44 ou 45 caixas.

Eis pois os quadros guarnecidos. Vão os palitos receber as respectivas cabeças, mas antes d'isso, para que elles se inflamem ao friccionarem-se na lixa, é preciso parafinar as extremidades da madeira. Com um admiravel methodo de trabalho, quasi mechanicamente, operarios especiaes assentam os quadros, pelo lado do phosphoro, primeiro n'um taboleiro de areia quente, onde as pontas dos palitos se dilatam um pouco, em seguida no banho de parafina, que penetra por todos os intersticios da madeira. Tanto a parafina como a areia são aquecidos pelo vapor.

Mas para que é precisa a parafina? perguntarão os leitores. E' que se

A situação do operariado

é a mais vantajosa possivel, pelos salarios e pelas regalias que a Companhia lhe concede

A situação do manipulador de phosphoros em Portugal

A situação de manipulador de phosphoros em Portugal é, sob todos os pontos de vista, excellente—e essa situação déve-a sobretudo, á boa vontade e aos esforços a que se não tem poupado a companhia, para a conseguir. Podemos mesmo accrescentar que é de todas as nossas classes operarias a que mais tem triumphado no campo das reinvindicações. A companhia tem-lhes desde plena satisfação não deixando nunca de cultivar as boas relações que, dado o inicio do exclusivo, vem mantendo com o operariado. E', por isso, que o operario de phosphoros é aquelle homem de alma sã e tranquilla, de phisionomia aberta e alegre, que com quem relacionamos já o leitor no decurso d'esta reportagem, atravez de varias entrevistas.

Começou a companhia, logo que lhe foi concedido o exclusivo, por aproveitar o pessoal das fabricas existentes antes do monopolio. Garantiu-lhes os antigos vencimentos, mas restabeleceu uma tabella nova de salarios e empreitadas que foi approvada pelo governo e que desenhava um futuro de risonha prosperidade para a situação do manipulador. Mas essa tabella não ficou só n'uma seductora promessa; pouco tempo depois era posta a vigorar com todo o escrupulo. Presentemente, os operarios que fazem parte do quadro, teem salarios, em média, de 1$500 réis diarios e os empreiteiros fazem entre 1$000 a 2$200. Quanto aos salarios das mulheres, regulam entre 600 a 1$200, ordinariamente, havendo, porém, algumas que chegam a auferir ganhos superiores, em dias em que capricham em trabalhar mais intensamente.

Ha os operarios chamados adventicios e ainda outros empregados recebendo, todavia, salarios razoaveis e, além d'isso, tendo direito aos grandes beneficios de que gosa todo o manipulador de phosphoros.

E agora já que fallamos em beneficios, vem, como associação logica de ideias, referirmo-nos ás duas bellas instituições creadas pela administração da companhia, em favor dos operarios de Lisboa:—a Caixa de Soccorros e a Cooperativa.

A Caixa de Soccorros tem por fim:

Conceder subsidios de meio salarios aos operarios doentes;

Medicamentos;

Assistencia medica;

Reformas;

Os operarios concorrem com uma pequena quota semanal para a Caixa que conta ainda com um subsidio da Companhia de um conto de reis por anno, além do que faculta o medico e faz a contabilidade.

Mas a Caixa de Soccorros dos manipuladores de phosphoros tem ainda um fim altamente simpathico e que dá áquelles operarios uma condição privilegiada e talvez unica entre o operariado portuguez. O operario é tambem accionista da companhia. Como?

Os fundos da Caixa permittem já a cada socio uma importancia de sessenta e trez mil réis, como quota parte do capital total. Pois bem, essa quota parte é empregada pelos operarios na acquisição de acções da Companhia, tornando-se assim essa instituição um dos quarenta maiores accionistas dos Phosphoros, com representação na assembléa geral, onde annualmente se nota a presença de um operario.

E' esta, a traços rapidos, uma das admiraveis obras da Companhia em favor da situação do operariado que trabalha nas suas officinas. Falta-nos fallar da outra, da Cooperativa de consumo situada no Beato, muito proximo da fabrica.

A' companhia se deve o facto de auxiliar material e moralmente a creação d'essa Cooperativa, destinada a fornecer aos operarios generos alimenticios, artigos domesticos e de fanqueiro. E' ella ainda que concede a casa e administra, conjunctamente com os operarios, o armazem, facultando capital para o seu fornecimento, emquanto a cooperativa o não possuir. Os operarios concorrem com uma quota de dez centavos por cada acção com que subscrevem, recebendo no fim de cada anno o respectivo dividendo.

As compras podem ser feitas a dinheiro, ou sobre o capital subscripto ou a credito, sobre os salarios a receber na semana seguinte.

A sua direcção está confiada a operarios, auxiliados por um delegado da companhia.

Depoimento interessante

Um dos operarios da direcção e o delegado da Companhia, sr. Antonio Leitão, acompanharam-nos amavelmente a uma visita que fizemos ao armazem da Cooperativa. Apesar do pouco tempo da sua fundação, encontram-se ali já todos os generos de primeira necessidade, sendo em vantajosas condições a qualidade e o preço. São dignos de registo o methodo e o escrupulo que presidem a todas as operações da cooperativa, zelando-se no maximo os interesses dos associados.

A operaria Florinda da Conceição Alves que ha vinte annos está ao serviço da fabrica diz-nos, referindo-se aos beneficios de que gosam os manipuladores de phosphoros:

—Os nossos patrões são, por assim dizer, uma familia para nós. Os seus esforços são incalculaveis para nos proporcionarem todo o bem estar que podemos desejár. A sua generosidade espreita-nos, quasi a cada passo da vida. Estamos doentes e facultam-nos o medico, é a Caixa de Soccorros, creada sob o seu alto patrocinio que nos forneceu os medicamentos e nos assegura ainda parte do salario. A cooperativa foi outro grande beneficio que lhe devemos. Graças a essa instituição temos generos alimenticios de magnifica qualidade e por um preço inferior ao que podemos encontrar em qualquer outra parte. Todos os meios para conseguirmos uma boa hygiene e gosarmos de excellente saude, a companhia põe á nossa disposição, não se poupando para isso a despezas. Algumas de nós, temos aqui empregados, tambem, marido e filhos, que gosam de preferencia na admissão. Esquecia-me ainda de frisar um ponto, a que nós principalmente, mulheres, devemos ser gratas, tanto mais que é bem raro ser seguido pelas outras fabricas: as parturientes recebem um subsidio da Caixa de Soccorros.

A hora é já adeantada. Temos de deixar o Beato, onde durante cerca de cinco horas nos demorámos com grande interesse a visitar todas as dependencias da Fabrica.

Mas as notas que colhemos são ainda accrescidas e realçadas com estas palavras do mestre geral, no momento em que partimos:

—Ha muitos operarios licenceados, uns porque são desnecessarios ao serviço, pois que os nossos processos empregados trazem, como consequencia, a diminuição de pessoal e outros ainda porque estão doentes ou velhos, inhabilitados, emfim, de trabalhar. Todos esses operarios vencem, no emtanto, salarios que perfazem annualmente cerca de 40 contos!

Guardamos de memoria esta preciosa informação. Era evidentemente uma chave de oiro para fecharmos a reportagem sobre a situação do operario de phosphoros em Portugal.

A machina de encher caixas é uma das mais curiosas que existem na industria dos phosphoros. Como um perfeito automato, abre as caixas, introduz-lhe o numero exacto de phosphoros e torna a fechal-as e deposita-as em filas

não se procedesse a essa operação, as cabeças dos phosphoros arderiam rapidamente, sem terem tempo de communicar o fogo á madeira.

Vem a proposito dizer que nada mais improprio que chamar phosphoros ás acendalhas que vimos descrevendo. A massa que forma as cabeças não contém, com effeito, uma só particula de phosphoro, mas consiste n'uma mistura inflammavel de chlorato de potassio, de uma substancia combustivel e de um corpo pulverulento. O phosphoro só entra na composição da lixa que se põe nas caixas, e mesmo é o phosphoro vermelho ou amorpho, sem propriedades toxicas portanto, associado a um corpo rugoso e espalhado sob uma substancia dura, destinada a augmentar o attrito e por consequencia a temperatura necessaria á inflamação.

Encabeçados os phosphoros, dispõem-se os quadros em taboleiros e levam-se para as estufas, onde seccam em virtude de uma forte corrente de ar. São interessantes essas estufas. Fecha-se uma porta de ferro, onde ha um orificio para, em caso de incendio, introduzir uma agulheta. Sobre a porta gira um amplo ventilador, e se por acaso, expontaneamente, se incendeia lá dentro algum quadro, n'um abrir e fechar d'olhos correm-se umas cortinas metallicas que isolam por completo a estufa. Não ha pois o menor perigo.

Finalmente estão seccas as cabeças. Os quadros transportam-se então para uma nova officina onde se *desguarnecem*. Como succede uma vez ou outra incendiar-se um quadro durante essa operação, os operarios encarregados d'esta tarefa trabalham quasi sempre de luvas, e é regulamentar terem os braços protegidos por mangas de coiro e o rosto por uma fina rede metallica.

Resta encher as caixas para que o producto possa ser entregue aos revendedores e consumidores. O fabrico das caixas, de que vamos occupar-nos em breves linhas antes de descrever a operação do enchimento é tambem um dos mais interessantes aspectos de uma manufactura de phosphoros.

Quando a madeira se destina á confecção de caixas, quer para os phosphoros amorphos, quer para os de cera de um centavo, os toros são desenrolados em folhas muito delgadas onde umas facas especiaes imprimem sulcos correspondentes ás arestas da futura caixa. Machinas engenhosissimas encarregam-se depois de dobrar convenientemente essas folhas de madeira, collando ao mesmo tempo o papel azul com que são forradas. A *gaveta* e o *canhão* são assim confeccionados sem que a mão do homem seja chamada a intervir.

Depois, collocada a gaveta dentro do canhão, as caixas vazias são empilhadas junto da machina que a vae encher. E' das mais curiosas que temos examinado, e deve-se á industria sueca, onde o fabrico dos phosphoros attingiu um florescente grau de desenvolvimento. E' a propria machina que, por meio de movimentos rigorosamente combinados, abre primeiro as caixas, as enche em seguida, e as torna a fechar por ultimo, podendo n'um só dia encher nada menos de 300 grosas, ou sejam 43.200 caixas de phosphoros amorphos.

Resta applicar a lixa, que como vimos é constituida por uma massa contendo uma percentagem minima de phosphoro vermelho. A operação é simples e engenhosa. As caixas são [illegible] n'uma longa correia sem fim, que as obriga a passar entre duas escovas circulares embebidas na massa, e seccam depois durante um percurso de 8 ou 10 metros pela acção do vapor.

Os phosphoros de cera

E' naturalmente muito diversa a serie de operações que constituem o fabrico dos phosphoros de cera. Como se sabe a haste de madeira é aqui substituida por um feixe de fios de algodão embebido em estearina. Os pavios enrolam-se então em grandes bobines, que se collocam nas machinas destinadas a cortar os phosphoros no respectivo tamanho, e ao mesmo tempo os dispõe em quadros. O *encabeçamento* é feito como o dos phosphoros amorphos, a massa é que differe, porque contem uma minima percentagem—menos de 5 por cento—de phosphoro branco. Faz-se á mão o enchimento das caixas, quer das de 1 centavo, quer dos phosphoros chamados *de luxo*, cujo elegante empacotamento constitue um dos trabalhos mais interessantes da fabrica.

Effectivamente, a confecção das caixas de luxo realisa-se n'uma officina especial chamada de cartonagem, onde trabalham quasi exclusivamente mulheres, e comprehende uma longa serie de operações executadas com absoluta precisão. As folhas de cartolina branca de um lado, côr de rosa do outro são cortadas á machina, e bem assim o cartão destinado a fortalecer a caixa e a supportar os dois pedaços de lixa onde se friccionam os phosphoros. A collagem da etiqueta da Companhia no interior da caixa e da lixa no cartão é egualmente mechanica. Em seguida são as caixas dobradas manualmente, as photogravuras colladas e os dois elasticos collocados por operarias especialisadas n'este trabalho. Vem a proposito dizer-se que os materiaes empregados n'este fabrico são já quasi todos nacionaes, inclusivamente os elasticos que são fornecidos pela Companhia da Borracha.

Não ha precaução que não tenha sido tomada para proteger a saude dos operarios. Assim, a mistura das substancias que constituem a cabeça do phosphoro effectua-se em vaso fechado, de fórma a evitar a emissão de vapores venenosos, a ventilação das officinas é perfeitissima; as operarias encarregadas do enchimento teem blusas fornecidas pela Companhia e defronte da meza de cada uma ha fortes machinismos de aspiração que absorvem todas as emanações phosphoradas. Além d'isso, a therebentina, antidoto do phosphoro, existem em abundancia; no refeitorio, os operarios teem á sua disposição chlorato de potassa para bochechar e são periodicamente examinados por um dentista, visto deverem ser excluidos do trabalho nas officinas do phosphoro de cera todos aquelles que apresentem qualquer manifestação de carie, que é uma porta aberta ao veneno.

E são tão efficazes estas precauções que ha mais de dez annos, segundo nos affirma o sr. engenheiro Pinto Bastos, a Companhia não tem felizmente a registar nenhum caso de phosphorismo.

O avultado *stock* de phosphoros de enxofre que teem nos seus armazens, em virtude da falta de procura d'este tipo, faz com que a Companhia não precise de os fabricar na presente occasião.

O fabrico do phosphoro de enxofre é perigoso, sobretudo porque na massa da cabeça existe o phosphoro branco em elevada porcentagem: cerca de 50 por cento. E' difficilimo por isso evitar por completo, mesmo adoptando as mais rigorosas precauções, os casos de *necrose phosphorica*—doença horrivel que faz cahir todos os dentes, que corroe os maxillares, que transforma o homem são n'uma creatura hedionda.

Assim, em toda a Europa, com excepção de Portugal, o fabrico dos phosphoros de enxofre foi prohibido totalmente.

De um interessante relatorio que em 1911 publicou o dr. Alfredo de Sousa, medico da fabrica do Beato, extrahimos as seguintes elucidativas linhas:

E' indiscutivel que a fabricação do phosphoro ordinario traz grandes desvantagens não só para o operario que o manipula, como para o revendedor e consumidor. A venda d'este producto em estabelecimentos onde ha generos alimenticios só a incuria e insensatez podem permittir: basta recordar que o phosphoro branco é uma substancia extremamente toxica: 8 milligrammas do phosphoro branco matam instantaneamente uma cobaya, bastando 15 centigrammas para dar a morte a um adulto. E a proposito não será demais recordar os suicidios que succederam no tempo do consumo do phosphoro ordinario; muitas e muitas pessoas, para terminarem os seus dias, lançaram mão da massa da cabeça dos phosphoros ordinarios que, deitada n'uma ponca de agua e em seguida ingerida, a morte não se fazia esperar muito tempo.

O publico tem-se pouco a pouco habituado a gastar no consumo domestico quasi exclusivamente o phosphoro amorpho. E' grato registar esta tendencia, que envolve enorme vantagem para o operario e para o consumidor. Com effeito, além de todos os outros motivos de preferencia, os phosphoros amorphos são ainda mais economicos que os de enxofre, apezar do preço inferior d'estes ultimos. Como a *mólha* ou *encabeçamento* se não effectua em quadros, mas sim em maços, é impossivel evitar que as cabeças dos phosphoros de enxofre venham frequentes vezes empastadas. Por ultimo, o perigo dos incendios concorre egualmente para que sejam proscriptos de todas as casas bem governadas.

AINDA A FABRICA DE LORDELO DE OURO

(Continuação da pagina anterior)

Precisamente n'este momento vae passando em frente á janella do escriptorio uma interminavel fila dos trabalhadores que já abandonaram as officinas. Embora o manipulador de phosphoros do Porto não tenha trajes regulamentares, de entre elles raros são os que não usam blusa de ganga azul e o tradiccional *bonnet* de casimira escura.

O sr. Severiano Pereira, apressando-se a satisfazer os nossos desejos, chama dois, ao acaso e pede que entrem no gabinete.

O pedido é satisfeito immediatamente e dois manipuladores de cerca de 45 annos de edade estão agora na nossa presença, respondendo ás nossas perguntas n'uma attitude respeitosa.

São elles Manuel de Paiva e José Torres. Qualquer d'elles tem já uns trinta annos de trabalho na fabrica, servindo-a, portanto, antes mesmo do exclusivo.

—Ganham por empreitada ou por jornal?

Geralmente, por empreitada. Era esse o costume nas fabricas de phosphoros, antes ainda do exclusivo e, como quasi todos somos empregados antigos, conservamos os habitos antigos.

—E o trabalho que fazem é bem remunerado?

—Sim senhor, muito bem remunerado. O minimo que costumamos fazer—e para isso não precisamos de despender um esforço extenuante—é uma diaria de mil réis. Ha, porém, muitos dias em que fazemos muito mais, se entramos na officina dispostos a trabalhar com afinco. Assim, temos chegado a fazer até 2.000 réis diarios...

Um dos operarios que nos fala tem a mulher e duas filhas tambem empregadas na fabrica. As trez fazem salarios não inferiores nunca a seis mil réis semanaes.

—E quando estão doentes? — perguntámos.

—A Companhia concede-nos generosamente dois terços do salario e dizemos generosamente porque não ha regulamento algum que a isso a obrigue.

—E em caso de inhabilidade?

—Temos o licenceamento, com dois terços tambem dos salarios.

—E consta-lhes que haja muitos licenceamentos?

—Sim, nós sabemos que a Companhia—só a manipuladores do Porto que já não podem trabalhar—está pagando uma verba importante. Calculamos em 180 os operarios que, presentemente, pertencem á cathegoria dos *licenceados*.

Consultámos o gerente sobre esta interessante affirmação. Os calculos, effectivamente, dos operarios não falharam. A Companhia dos Phosphoros, n'um rasgado e bello gesto, sustenta cento e oitenta homens no Porto, infelizes trabalhadores que, por doença ou velhice, não podem já dispender energias nas officinas.

—E medico?... E dentista?...

—Temos medico e dentista, pagos pela Companhia. E não são sómente nossos assistentes em caso de qualquer accidente de trabalho, mas em qualquer doença, em qualquer eventualidade que requeira serviços clinicos.

—E em caso de accidente de trabalho?...

—Temos dois terços do salario tambem. E' verdade que a lei assegura a todo o operario esse direito, é preciso, porém, accrescentar que antes dos accidentes de trabalho fazerem parte da nossa legislação, já a Companhia nos fazia expontaneamente essa concessão.

Os operarios do Porto não teem tomado qualquer iniciativa de cooperativismo, a exemplo dos seus collegas de Lisboa?

—Por emquanto não. Fazemos, os nossos fornecimentos, no emtanto da Casa do Povo Portuense de onde gasta quasi todo o operariado do Porto.

Mas o tempo corre, vôa... não nos permittindo demorar mais a visita. Olhamos, novamente, o relogio: os minutos indispensaveis para que um bom auto nos conduza á estação. Lá está elle já, ao portão de ferro, devido a uma requintada amabilidade do gerente.

Atravessamos rapidamente o garrido pateo, entre filas de operarios que nos saudam cortezmente, á passagem. Agora o automovel desapparece celeremente na curva de um estreito atalho e ainda atravez de uma onda de poeira, podemos ver as dezenas de lenços que nos acenam um adeus e um reconhecimento cheio de alegria.

O aspecto economico e financeiro

da concessão do exclusivo que permittiu a fundação da Companhia Portugueza dos Phosphoros

E' um facto averiguado que a opinião publica, no nosso paiz, olha com uma certa animosidade para todas as empresas que exploram a concessão de qualquer exclusivo. A palavra monopolio sôa detestavelmente. E a garra do capital lançada sobre as classes pobres. São os felizes da vida que enriquecem á custa do suor dos opprimidos, do extenuante esforço que na lucta pelo pão de cada dia empregam todos aquelles que a sorte não bafejou com os seus sorrisos.

Mas a verdade é que não póde evitar-se a concessão de certos exclusivos. Os monopolios são até necessarios, muitas vezes, para a perfeição e barateamento dos serviços que exploram. Como admittir, por exemplo, que uma cidade como Lisboa possa abastecer-se de agua sem que uma exclusiva empreza tome o encargo d'esse serviço? E a tracção electrica? E o fornecimento de electricidade e gaz? Todos comprehendem que a perfeição e o barateamento d'esses serviços dependem das vantagens que a concessão d'um exclusivo representa para as empresas que os exploram. Simplesmente, (e é este o aspecto melindroso d'esse ponto de vista economico) é preciso que as entidades encarregadas de velar e de proteger os interesses publicos saibam sempre, em todos os casos e em todas as opportunidades, effectivar essa protecção. Os contractos teem de ser claros, redigidos em clausulas que se não prestem ás rabulices dos chicaneiros da justiça; e teem de impôr ás respectivas emprezas obrigações que resultem em beneficio para o publico e que mais não são, afinal, que a compensação legitima das vantagens que o exclusivo para ellas representa. Quanto maior fôr a possibilidade de lucro do capital empregado na exploração do monopolio, maiores direitos ha, consequentemente, para reclamar beneficios de caracter geral.

Essa tem de ser a orientação do Estado e dos municipios sempre que se trata da negociação de contractos d'essa natureza ou sempre que surja, na tela do debate, a apreciação dos contractos já estabelecidos. Assim, os monopolios não são maus apenas porque são monopolios. Se não representam uma justa proporção entre os lucros do capital e os beneficios do publico é porque os seus negociadores, da parte do Estado ou dos municipios, não souberam defender os direitos que lhes cumpria defender. E como beneficios do publico temos de entender tambem as participações de receita obtidas pelo Estado ou pelos municipios, visto que esses rendimentos se reflectem em proveito da collectividade, constituindo, por assim dizer, uma parte das receitas publicas ou municipaes que deixa de ser exigida ao contribuinte.

E' este o aspecto da questão, considerada sob um ponto de vista geral. No caso particular da industria dos phosphoros do nosso paiz recorremos a alguem que estava em condições de nos indicar a sua historia, apontando-nos curiosos detalhes que ella encerra e deduzindo os commentarios que mais podem interessar ao leitor.

Fica deserto o primeiro concurso para a concessão do exclusivo

O exclusivo da fabricação de phosphoros só foi concedido depois da experiencia ter demonstrado largamente que qualquer outro regimen era incompativel com os interesses do Estado, dos industriaes e dos operarios. Vamos citar factos, apontar numeros, para o leitor verificar como essas trez entidades se sentiam mal no periodo em que vigorou o regimen da industria livre:—o Estado porque via uma crescente diminuição das suas receitas, os industriaes porque não obtinham um lucro remunerador do capital empregado, e os operarios porque lhes faltavam todas as justas garantias do seu trabalho.

As pessoas que se teem dedicado ao estudo de questões economicas no nosso paiz sabem que a auctorisação para se pôr a concurso, em determinadas condições, o exclusivo da fabricação dos phosphoros consta d'uma lei de 30 de junho de 1891. Ahi se estabelecia para base de licitação a renda annual, liquida para o thesouro, de 250 contos. O concurso abriu-se, mas ninguem se apresentou a licitar. Porquê? Evidentemente porque o praso de doze annos, marcado para duração do exclusivo, não indemnisava o concessionario das obrigações a que se sujeitava, nem lhe proporcionava um rendimento regular do capital que tinha de empregar na expropriação das fabricas existentes.

Mais tarde, procurou-se resolver o problema por outra fórma. Fracassada a tentativa da concessão do exclusivo, o Estado procurava augmentar e fixar as suas receitas provenientes da exploração da industria dos phosphoros appelando para a avença collectiva. N'esse sentido, foi concedida pelo parlamento, em abril de 1892, a auctorisação necessaria, fixando-se como base de contracto com as fabricas a importancia minima de 260 contos mais a quota de 10 contos por cada serie de 30.000 grosas de caixas que fossem fabricadas além de 500.000, pois tomava-se este numero como producção bastante para o pagamento do imposto minimo. A avença não se effectuou. Porquê? Por ser demasiadamente restricta a base das 500.000 grosas de caixas sobre que devia assentar a necessaria elevação do imposto.

A lei que auctorisou o governo a contractar a avença estabeleceu tambem, para o caso d'ella não se realisar, os impostos a pagar pelos phosphoros que se produzissem n'um regimen de inteira liberdade de fabrico. Decorreu perto d'um anno sem que esses impostos fossem cobrados, até que um decreto de abril de 1893 mandou que todos os phosphoros existentes em armazem e casas de venda fossem sellados até 30 de junho d'esse anno. Foi desde essa data que o tributo passou a ser cobrado com regularidade.

Qual o resultado d'esse sistema? São os numeros que falam. No anno economico de 1893-1894 o total das receitas, que comprehendiam o imposto de producção e a sellagem, foi de 217 contos; as despezas, com fiscalisação nas fabricas, commissariado e sellos, foram de 27 contos. Deduzida a differença, apura-se a receita liquida de 190 contos. Mas um peor simptoma se desenhava, quer para a industria, quer para o Estado: a producção diminuia e o imposto afrouxava, consequentemente, de semestre para semestre. Confrontado o seu rendimento nos mezes que vão de julho a dezembro de 1893 com os que decorrem de janeiro a junho de 1894 verifica se uma differença, para menos, de 30 contos. Essa differença continuou a accentuar-se no semestre immediato, pois que, tendo sido, como dissemos, de 190 contos o rendimento liquido para o Estado no anno economico de 1893-1894, nos mezes que vão de julho a dezembro de 1894 esse rendimento não foi além de 84 contos, menos da metade da receita apurada nos dois semestres, e isto apesar das despezas de fiscalisação nas fabricas terem diminuido bastante. Quer dizer: a industria estava ameaçada de ruina e o thesouro exposto a um rapido decrescimento de receita. Os direitos quasi prohibitivos lançados sobre os phosphoros estrangeiros no intuito de proteger a industria nacional apenas tinham annullado um rendimento aduaneiro, sem vantagens de especie alguma, nem para os industriaes, porque as fabricas continuavam a diminuir a sua producção, nem para o Estado, porque o desapparecimento d'aquella fonte de receita não foi compensado, como se esperava, por um augmento proporcional do imposto.

Industriaes e operarios são favorecidos nas bases do monopolio

Os industriaes, comprehendendo bem a triste perspectiva que os esperava, appellaram para o governo, em principios do anno de 1895, expondo a impossibilidade de continuarem a laboração das suas fabricas. E nem uma só, pequena ou grande, representou contra a concessão do exclusivo ou por qualquer fórma se pronunciou contra elle, quando a respectiva proposta foi votada no Parlamento.

E os operarios? Estavam tambem sujeitos ás peores contingencias, directamente affectados pela diminuição de producção das fabricas e ainda sem garantias algumas que compensassem o seu trabalho. Como a concessão do exclusivo só podia favorecel-os, aproveitaram então o momento para reclamar essas garantias á sombra do novo regimen.

Mas a concessão do exclusivo implicava o lançamento d'um pesado imposto sobre a fabricação da isca. Os interessados reclamaram, fazendo ver a impossibilidade de exercer a sua industria, o foi-lhes garantido um direito de indemnisação em tudo egual ás fabricas dos phosphoros que cessassem por virtude do exclusivo.

Assim, attenderam-se todos os legitimos interesses que era preciso ter em linha de conta. Os do Estado porque, pela proposta de monopolio, passava a receber uma receita minima annual de 260 contos, que augmentaria á medida que a producção se desenvolvesse; os dos industriaes porque viam desapparecer a ameaça da ruina das suas fabricas, visto que lhes era garantido o direito de indemnisação; os dos operarios porque obtinham o deferimento das reclamações apresentadas e que consistiam em beneficios que até então não possuiam.

A extraordinaria melhoria de rendimento alcançada pelo Estado

As bases para a concessão do exclusivo da fabricação dos phosphoros e o programma do respectivo concurso foram publicados na folha official em março de 1895. Como já dissemos, o minimo da renda annual a pagar ao thesouro fixava-se em 260 contos, o que representava, em confronto com o ultimo semestre anterior, um augmento para o Estado de cerca de 100 contos. Appareceram duas propostas que foram abertas no dia 25 do mez immediato, sendo a adjudicação concedida á que offerecia o praço mais vantajoso para o thesouro e que era de 280 contos e 500 escudos. Assignado o respectivo contracto, constituiu-se então a sociedade Companhia Portugueza de Phosphoros com o capital social de 1.200 contos, dividido em 24.000 acções do valor nominal cada uma de 50 escudos.

As receitas do Estado, que diminuiam progressivamente antes da concessão do exclusivo, passaram a augmentar n'uma proporção que excedeu as melhores espectativas. Podemos citar, para exemplo, o resultado da exploração do anno transacto. A renda por excesso de fabrico foi de 70.562$45; o imposto lançado sobre a isca produziu 909$50. Sommadas essas duas verbas com os 280 contos e 500 escudos de minimo de renda e com as despezas de fiscalisação do Estado, pagas pela Companhia, encontramos o total de 361.171$95. Juntando-lhe o imposto de rendimento lançado sobre o dividendo de 1913, que foi de 8.782$51, e o importe das contribuições, que attingiram 9.321$98, teremos o resultado de 379.276$44.

Mas não se limitaram a essa verba os rendimentos colhidos pelo Estado com a exploração da industria dos phosphoros. Os direitos aduaneiros pagos pela importação de materias primas foram superiores a 20.723$56; o que, sommado com a importancia anterior, produz para o Estado o minimo de 400 contos.

O amplo edificio da Cooperativa, que a Companhia cedeu a essa collectividade, e responde perfeitamente ao seu fim.

SPORT

Os serviços de aviação e os soccorros aos feridos militares

A guerra actual utilisa a ideia do coronel inglez Donegan —Como se evita que os feridos estejam trez e mais dias sem soccorros—Procura-se construir um aeroplano para transporte dos feridos

Chegam-nos noticias interessantes da guerra, ácerca d'uma nova utilisação dos aeroplanos. Trata-se de aviões ao serviço dos serviços de saude.

Os francezes procuram construir um aeroplano que possa transportar quatro feridos, pondo em execução o plano da Associação das Senhoras Francezas, que, em tempos, quizeram organisar um concurso de aeroplanos destinados ao transporte de feridos, sendo conferido premios aos que, além do piloto, podessem conduzir quatro pessoas deitadas.

Até agora ainda se não construiu esse aeroplano mas já se utilisa, segundo as noticias que recebemos, o avião como explorador do local em que caem os feridos, onde elles se accumulam e onde é necessario procural-os.

***

Durante o anno de 1912, em França, o sr. René Quinton, presidente da Liga Nacional Aerea e o sr. Julliot lançaram a ideia da utilisação do aeroplano nos campos de batalha. A questão foi estudada pelo Comité Militar Francez e pela Liga Nacional Aerea.

Durante as manobras do exercito francez em 1912, o senador Reymond,—heroe da guerra que a França chora e ao qual vae erigir um monumento que perpetue o seu patriotismo e a sua heroicidade—n'esse tempo medico militar, recebeu ordem de proceder no campo de batalha a explorações e reconhecimento de grupos de feridos e do logar em que se encontravam. As suas observações foram concludentes e o governo da Republica Franceza chegou a pensar n'uma conferencia internacional tendo por proposito regulamentar a protecção, em tempo de guerra, dos aeroplanos encarregados de recolher feridos. Não foi por deante tal ideia porque os imperios centraes responderam que era uma iniciativa prematura!

Em Inglaterra, tambem o assumpto foi objecto de longos estudos. Em agosto de 1913, no jornal «The Hospital», o tenente coronel J. D. F. Donegan publicou um artigo em que perguntava se os apparelhos de aviação não seriam praticos para transportar medicos militares. O coronel Donegan inventou uma meza de operações em aluminio que se podia transportar por via aerea, com as accessorios e instrumentos necessarios para fazer 15 a 20 operações. O coronel Cody enthusiasmou-se com as ideias do seu camarada e prometteu experiencias methodicas. Infelizmente, um estupido accidente roubou-o á patria e á sciencia.

O coronel Donegan voltou ao assumpto em outubro de 1913, annunciando que a Cruz Vermelha tinha tenção de se servir do aeroplano e no jornal de Medicina Militar o capitão E. O. R. Lidsey confirmou a noticia.

Por fim, a questão foi apresentada á «Royal United Service Institution»; n'uma sessão, a de janeiro de 1914, presidida pelo tenente-general Bethune. N'essa assembleia, o tenente-coronel Donegan fez uma longa conferencia em que estudaram os differentes aspectos da questão. E o conferente affirmou: «A Grã Bretanha é a primeira nação do mundo que procura applicar de uma maneira pratica o novo sistema».

***

A these franceza é differente da ingleza. Vem exposta claramente, no seguinte:

«Devemos nós, gratuitamente, deixar um dia, dois dias, tres dias, quatro e mais, centenas de feridos deitados por terra, tremendo de febre e de frio, sem soccorros, sem abrigo, sem alimento?

«A experiencia de todas as guerras é o bastante para responder.

«O praso de 4 e 5 dias para levantar os feridos é muito frequente. Porquê? Por negligencia dos encarregados d'esses serviços? Não. Tudo se resume á rasão unica:—porque os feridos estão «ignorados» ou porque não foram «descobertos».

«Os serviços medicos, com as suas ambulancias, os seus medicos e os seus carros marcham á retaguarda. Para onde se deve mandar o seu pessoal? Onde estão os homens fóra de combate? Onde se produziram as hecatombes? E' preciso pensar que o unico agente de ligação e de informação para o medico principal, addido a uma divisão (10.000 homens) era até agora um ciclista!

«Em principio, compete ao Estado Maior informar o medico chefe de cada divisão: «Em tal logar tantos feridos, tantos n'outro logar». Mas, na guerra, o Estado Maior tem occupações superiores—arrancar a victoria.

«Depois onde estão os feridos? O Estado Maior póde saber ao certo?»

Com estas considerações pedia-se um aeroplano para um corpo d'exercito. E parece que a terrivel guerra de agora, tornou pratica a ideia.

Notas do dia

Os Jogos Sportivos Nacionaes

Começaram hoje, no campo do Stadium, as provas de «sports» athleticos dos Jogos Sportivos Nacionaes. Compareceram os athletas de muitos clubs lisbonenses, ávidos de ganhar os campeonatos e esperançados de bater os anteriores «records». As luctas que se travaram foram de destreza phisica e de energia. Evidentemente que, os resultados de hoje e os que se hão de obter quinta, sabbado e nas finaes de domingo não egualam os obtidos pelos «recordsmen» mundiaes, mas affirmam um evidente desejo de progredir.

E quando mais não fôsse, a realisação de Jogos Sportivos Nacioneas representa uma tentativa louvavel e sympathica. Pena é que no certamen não comparecessem todos os clubs, mas os que lá foram trabalharam e luctaram.

As provas são organisadas pela Federação Portugueza, que, este anno, teve o terreno aplanado, livre, sem difficuldades, porque a obra de «diplomacia sportiva» foi bem encaminhada por aquelles que constituem a «alma» da Federação, srs. Pedro del Negro, Francisco Cordeiro, Placido Duro, Simões, etc.

O campo do Stadium está magnifico com as suas pistas pedestres, circundando a pista velocipedica, largas, em areia batida e bem marcadas. E' n'ellas que, no domingo, se disputarão as «finaes» e na quinta-feira e sabbado, as «meias-finaes». No domingo, extra-programma, n'uma corrida ciclista de «meio-fundo» batem-se Soares Junior e Joaquim Raposo.

***

A «Festa d'Armas» na Amadora

A inscripção para o campeonato de espada que se realisa no proximo sabbado na Amadora augmenta e esse augmento notabilisa-se pela qualidade e quantidade dos esgrimistas. Póde desde já affirmar-se que a «Taça Amadora» tem mais e melhores concorrentes á sua posse do que todos os campeonatos officiaes dos ultimos annos.

Até hontem estavam inscriptos 12 atiradores, hoje ha a certeza de que elles serão mais de 16. E todos esses esgrimistas vão combater-se pela victoria em todos os assaltos porque a primeira derrota equivale á eliminação immediata!

O campeonato é um numero da Festa, que será iniciada por uma conferencia e alindada por um concerto musical. O «mise-en-scene» tem sido cuidado em extremo e affirma-se que o sr. Santos Mattos e Antonio Corrêa, os benemeritos directores dos Recreios Desportivos, homens de novas e rasgadas iniciativas, vão fazer a surpreza de annunciar os resultados, á medida que forem conhecidos, n'um «écran» cinematographico.

A festa será tambem uma reunião elegante porque os bilhetes de bancadas do «rink» teem sido requisitados pelas familias dos nossos primeiros «sportsmen».

***

Uma festa que merece auxilio

Dois rapazes portuguezes, os srs. Arthur A. da Fonseca e Ernesto José Ferreira, cujos nomes não são estranhos aos leitores da «Capital», animados por um proposito patriotico abalançaram-se á construcção d'um aeroplano para com elle fazerem «vôos».

Emprehendedores e infatigaveis conseguiram muito. Hoje ao aeroplano faltam pequenos detalhes complementares. Para os conseguir é que escasseiam, actualmente, os recursos monetarios. Este é o motivo por que promovem, no proximo domingo, no campo do Sport Lisboa e Bemfica, um festival, com numeros de «sport», segredando-se que, entre elles, figura um assalto de «box», um «match» de foot-ball, assaltos de esgrima, etc.

Algumas anecdotas

Nelson tinha dois golpes favoritos: o da barba e o do cabelo...

Os jogadores de socco teem mais ou menos um golpe predilecto e alguns utilisam «trucs» engenhosos para vencer os adversarios.

Uma vez perguntaram ao campeão do mundo dos pugilistas «leves», Battling Nelson, quaes eram os seus golpes favoritos, isto é, de maior predilecção. Respondeu immediatamente:

—O da barba e o dos cabellos!

—Não conhecemos...

—Nem é preciso. Basta que os execute. O golpe da barba consiste em não me barbear durante os oito dias que precedem os combates. A minha barba parece depois uma escova, que nos «corps-a-corps» esfrego pelo pescoço e espaduas do adversario até o pôr em carne viva.

—E o dos cabellos?

—E' mais simples ainda e do mesmo genero. Como os meus cabellos são rijidos como baquetas de tambores, procuro a occasião de os metter pelos olhos dos antagonistas!...

Noticias

ENTRE NÓS

Ainda a Festa do Club Naval

Na corrida de natação entre marinheiros que se realisou no ultimo domingo, promovida pelo Club Naval, o primeiro premio foi ganho pelo 1.º fogueiro do «Douro», sr. Alberto de Brito Camacho.

Jogos Sportivos Nacionaes

O Stadium de Lisboa, como ainda não tivesse concluido as suas «cabines», que seriam utilisadas pelos concorrentes aos Jogos Sportivos Nacionaes, conseguiu que o sr. Francisco Vieira cedesse a sua casa, junto á entrada dos peões, para esse fim.

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 9.—Os escoteiros d'este grupo comparecem hoje na séde por causa da formação da 5.ª patrulha. Tambem todos os escoteiros que ainda não teem fardamento devem ir á séde d'este grupo na proxima quinta feira, pelas 8 e meia da noite, para começarem com os exercicios de preparação sob o commando do escoteiro-chefe-ajudante sr. Joaquim Barrego. Todos os escoteiros teem de comparecer devidamente fardados e equipados ás 20 e meia da noite de quinta feira, no largo da Abegoaria, para seguirem para Entre-Muros, onde terão exercicios por meio de lanternas e bandeiras, sob o commando do escoteiro-chefe sr. Eugenio Quilhó.

Grupo n.º 5. (Lyceu Pedro Nunes).—Este grupo realisou ultimamente uma visita de estudo á Manutenção Militar. As aulas de «jiu-jitsu», gymnastica e esgrima, dirigidas pelo professor sr. Barjona de Vasconcellos, teem tido bastante frequencia.

As instrucções de maqueiros teem continuado tambem, bem como as aulas de enfermagem dadas pelo sr. dr. Romão Laff.

A's aulas de natação a affluencia tem sido grande, o que de resto tem acontecido tambem com os exercicios de bombeiros. Os escoteiros receberam muito bem a noticia de que vae haver durante 15 dias uma colonia de ferias, nos arredores de Lisboa.

Duas patrulhas do grupo realisaram ha pouco uma excursão. Uma das patrulhas foi para Carnaxide, outra para o Lumiar, mais tarde acamparam na Amadora onde receberam os escoteiros d'essa localidade que constituem o grupo n.º 13, vindo em seguida para Lisboa.

Livre pensamento

As festas do 20.º anniversario da Associação do Registo Civil

E' o seguinte o programma das festas commemorativas do 20.º anniversario da fundação d'esta prestimosa collectividade:

Dia 5, pelas 21 horas, conferencia, abrilhantada pela Tuna da Escola n.º 1, em que o prelector, sr. Julio Berto Ferreira, desenvolverá o thema: «A Associação do Registo Civil e a sua missão de 20 annos»; dia 8, alvorada ás 6 horas, annunciada por uma salva de morteiros e uma girandola de foguetes, e abrilhantada pelo grupo 2 de Agosto de 1908, da Banda da Republica (Concentração Musical 24 de Agosto); ás 9, almoço ás crianças da Escola n.º 1, servido no quintal; ás 11, partida para o largo do Conde Barão, a fim de se organisar o cortejo que d'ahi deve ir para o theatro de S. Carlos; ás 12, organisação do cortejo, formado por um grupo de marinheiros e guardas fiscaes, com o estandarte offerecido pela marinha á Banda da Republica, alumnos das escolas da aggremiação com os estandartes e bandeiras nacionaes e dos paizes alliados, corpos gerentes da Concentração Musical 24 de Agosto e da Associação do Registo Civil e Banda da Republica; ás 13, sessão solemne no theatro de S. Carlos, a que estão convidados a assistir o sr. presidente da Republica, governo, auctoridades, corpos dirigentes do partido socialista e dos trez partidos republicanos, representantes estrangeiros, etc., havendo, ao terminar a sessão, cortejo do theatro de S. Carlos á séde associativa, acompanhado da Banda da Sociedade Philarmonica Progresso de Bemfica, a qual em seguida realisará um concerto que durará até ás 19 horas; ás 21, concerto por um grupo de executantes da Tuna Commercial de Lisboa, e ás 24, encerramento das festas.

Os bilhetes distribuem-se das 11 ás 15 horas e das 20 ás 22, no escriptorio da associação.

Cruz Vermelha

Subscripção patriotica

Foram recebidas as seguintes quantias: Camara Municipal da Ilha de S. Vicente de Cabo Verde, 200$00; Grupo dos Luzitanos Intransigentes, de S. Paulo, Brazil, por intermedio da empreza do jornal «O Seculo», 61$22; Delegação da Cruz Vermelha em Montemor-o-Velho, producto de um bando precatorio realisado em Arazede, 13$40. A transportar, 28:523$84.

A Cruz Vermelha recebeu tambem do Directorio do partido Republicano Portuguez, 13 camisolas, 10 pares de ceroulas, 14 pares de peugas de lã e 6 ligaduras.

"Justiça!,,

Assim se intitula um opusculo que a commissão pró-presos por questões sociaes fez distribuir largamente e em que appella para a boa vontade e auxilio de todos para que sejam restituidos á liberdade os presos João Gonçalves Tormenta, Silverio Marques, Manuel Narciso e Carlos Augusto da Silva. Narra succintamente o caso de cada um d'esses presos e pede que todos, qualquer que seja o seu ideal ou a sua crença, se associem a uma obra que a commissão reputa de justiça e de solidariedade humana.

Victimas da Revolução

A commissão das festas no jardim de Campo de Ourique previne as victimas da revolução de 14 de maio, que estejam em condições para serem classificadas como taes, a fim de apresentarem os seus requerimentos em papel commum, attestados pelas juntas de parochia, até amanhã, na rua 4 d'infantaria, 24, pharmacia Castro da Fonseca, e na rua do Crucifixo, 87, 1.º.

Movimento maritimo

Vivo e Liverpool «Awon», (Brazil)......	4
Brazil e Rio da Prata, «Zaaland» (Am.)	4
Archipelago dos Açores «Funchal»....	5
R. J. S.os, e R. da P., «A. S. Lamornaix»	5
Gibraltar e Barcelona «Roma» (N. Y.)	6
Vigo e Liverpool, «Darro» (Brazil)......	6

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — Não ha espectaculo.

POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.

EDEN—A' 20 1/2 e 22 1/2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Agenda da semana

QUINTA-FEIRA—Avenida—Primeira representação da peça de Feydeau, *Fernando vae casar*, traducção de Jorge de Abreu.

Ao correr da penna

A guerra veiu demonstrar que a revista é o genero dramatico mais sólido d'este mundo. Veja-se Paris. Desde o começo da guerra os dois unicos originaes que appareceram foram «Colette Bandoche» na Comedia Franceza e «La jalousie» de Sacha Guitry. Aquella ainda viveu por ser uma peça patriotica passada na Alsacia. Esta, apesar do seu valor, viveu como as rosas de Montaigne. Emquanto ás revistas é o que se sabe. Ha n'este momento oito em scena e annunciam-se mais outras tantas. Ao passo que os theatros de comedia desenterram cada oito dias uma farça velha e rôiha do vetusto reportorio, os cartazes de revista manteem-se. Ninguem atura trez actos de entrecho por mais divertidos que sejam. Todos correm para o chamado theatro futil e desde que haja duas scenas commovedoras, uma marcha impressionante, trez canções patrioticas e a «Marselheza» na apotheose, «ça va».

A revista tem sete folegos. Quando o melodrama agonisa e a comedia solta o seu ultimo suspiro, a revista lá vae indo e o que demonstra ainda mais a sua resistencia é que, por mais voltas que lhe deem, ella é sempre a mesma.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A comedia «Bichinha Gata» deve subir á scena no Polyteama no proximo dia 12. As principaes figuras do desempenho são Palmyra Torres e Ignacio Peixoto.

—O maestro Fernando Moutinho pedenos a publicação da seguinte carta:

Meu caro Brun.—*Continuam os jornaes a attribuir-me a paternidade da musica da revista* Não desfazendo... *Sabe o meu desgosto de não poder, devido aos afazeres da minha vida, collaborar comsigo. Diga e rediga que a musica é do meu camarada Vasco de Macedo e com isto obsequiará o seu amigo e obrigado—Fernando Moutinho.*

—Publicou-se mais um numero do «Album Theatral» com o retrato e biographia de Henrique Alves.

—A celebre companhia italiana Granieri, que no dia 14 inaugura a sua temporada de operetta no Colyseu dos Recreios, está actualmente em Valencia, onde tem feito um successo colossal. Termina no dia 8 do corrente, devendo partir em 9 para estar em Lisboa na madrugada do dia 12.

A peça com que se estreia é nova e pertence ao celebre compositor Franz Lehar.

No estrangeiro

A companhia Galhardo obteve no Rio um exito enorme com a representação do «Amor de Principes», em que Palmyra Bastos teve as honras do desempenho.

—Estão em scena em Paris as seguintes revistas: Palais Royal: «1915»; Folies Bergere: «Sous les drapeaux»; Marigny: «Çá vá, çá vá»; Concert Mayol: «Çá vá bien»; Pie qui chante: «Revue»; Concert Le Peletier: «Cordon, s'il vous plait»; Moulin de la Chanson: «A' la fraiche, qui veut voir».

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

d'esse corpo do Lys, ao norte, até ao bosque de Ploegsteert; d'ahi a Zandvoorde o corpo de cavallaria; de Zandvoorde a Gheluvelt, na estrada Ypres-Menin, e de Gheluvelt a Zonnebeke, a 7.ª divisão d'infantaria com a 7.ª brigada de cavallaria em roda de Zonnebeke.

Entre Zonnebeke e Westroosebeke e a sudoeste para Poelcappelle, destacamentos do exercito do general d'Urbal, que no momento consistia em duas divisões territoriaes e quatro divisões de cavallaria, com a sexta brigada de cavallaria britannica, apresentava uma fraca linha aos allemães ao norte e nordeste de Ypres.

O principe Lichnowsky, embaixador da Allemanha em Londres ao rebentar a guerra

De Poelcappelle a Bixschoote alguma cavallaria franceza e territoriaes, cuja esquerda se estendia até á juncção do canal Yperlee com o Yser e, ao longo do Yser até Dixmude, tropas africanas montadas e parte da quinta divisão belga tinham de defender uma linha de vinte e quatro kilometros.

Em roda e dentro de Dixmude, que podia ser atacada por tres lados, estavam o resto d'essa divisão e os 6.000 marinheiros de Ronarc'h. Mas só a quarta e a primeira divisões belgas defendiam o canal do Yser até á região de Nieuport. A segunda divisão belga, auxiliada por um destacamento de marinheiros inglezes do monitor «Severn», sob o commando do tenente E. S. Wise, com algumas metralhadoras, estava postada a leste de Nieuport. Era flanqueada pela flotilha britannica que manobrava ao longo da costa desde Nieuport Bains até Ostende.

Com excepção da divisão de Lahore que nunca fizera frente a tropas europeias, e do primeiro corpo, não havia reservas além de oito kilometros ou ao longo da linha de batalha.

As tropas belgas estavam exhaustas por mais de dois mezes de lucta; estavam um tanto ou quanto desanimadas pela perda de Liége, Bruxellas, Namur, Antuerpia, Ghent, Bruges e Ostende. A mancheia de marinheiros francezes eram tropas muito novas e o resto do exercito alliado estava tambem mais ou menos cançado por constantes marchas e luctas ininterruptas contra um inimigo muito superior em numero e em artilharia.

Para empregar as suas proprias palavras, sir John French «conhecia que o inimigo era a esse tempo muito superior em força no Lys e que o segundo, o terceiro, a cavallaria, e o quarto corpo estavam guarnecendo uma fronte muito mais vasta do que comportavam o seu numero e a sua força e poderia parecer judicioso trazer o primeiro corpo para reforçar a linha». Mas resolvera já mandar o corpo de sir Douglas Haig para o norte de Ypres, a fim de oppôr maior resistencia ao ataque dos allemães no Yser. O primeiro corpo devia avançar por Ypres para Thourout e por Thourout para Bruges.

Em Thourout e Bruges cortaria as communicações do exercito do duque de Wurtemberg, que, se Bruges fôsse occupada, teria de evacuar a linha da costa desde Ostende até á fronteira hollandeza. Então, se possivel fôsse, sir Douglas repelliria os allemães para Ghent.

Esse audacioso e, como se viu, irrealisavel projecto baseava-se prin-

guerra. Em 1907 foi nomeado director do estado maior e em 1909 chefe do estado maior na India. Tres annos depois era-lhe dado o commando do districto de Aldershot, que corresponde ao do primeiro corpo de exercito.

Em agosto de 1914, como logar-tenente general, sir Haig foi para França á testa do primeiro corpo. Commandou brilhantemente a ala direita na batalha de Mons e durante a retirada que se seguiu e as batalhas do Marne e do Aisne distinguiu-se muito.

Para que ponto do campo de batalha devia ir o primeiro corpo?

A offensiva tomada por sir John French e pelo general d'Urbal falhára. Os allemães em Keyem e Beerst estavam nas margens do Yser, cujas aguas eram carreadas de Dixmude a Nieuport n'um canal que se erguia a uns vinte e cinco pés acima dos campos a oeste, facil portanto para ser conservado pelos allemães se estivesse em seu poder e difficil dos alliados o retomarem.

A oeste das margens do canal havia apenas o baixo leito do caminho de ferro de Dixmude-Nieuport e um certo numero de diques para impedir o avanço do inimigo para Furnes. Se esse ponto fôsse ganho, Nieuport e Dixmude tornar-se-hiam insustentaveis e a esquerda dos alliados em redor de Ypres poderia ser atacada pelos allemães de flanco.

Entre Dixmude e Ypres a posição era tambem precaria. Parte da estrada de Dixmude-Roulers havia sido perdida e, ao sul d'esta, a floresta de Housthuit estava sendo reoccupada pelo inimigo.

De Dixmude a Bixschoote a linha dos alliados corria ao longo do canal do Yser até ao velho e desmantelado forte de Knocke e d'ahi, ao longo do canal Yperlee, para Ypres. Em Bixschoote obliquava para leste e formava os dois lados de um triangulo, cujo vertice era Westroosebeke, a uns treze kilometros a nordeste de Ypres. A base do triangulo pode dizer-se que era formada pelo canal Yperlee, pela cidade de Ypres e pelo canal Ypres-Comines até Houthem.

Um inimigo desembocando da floresta de Houthulst podia atacar o lado d'esse triangulo Bixschoote-Langemarck-Poelcappelle-Westroosebeke, que tinha cerca de onze kilometros e meio de comprimento. O outro lado do triangulo tinha dezeseis kilometros.

Os alliados, como dissémos, occupavam a principal estrada desde Westroosebeke passando por Passchendaele até ás proximidades de Zonnebeke. D'ahi, a linha corria em roda dos bosques para Gheluvelt na estrada Menin-Ypres; seguia depois pelos campos para Kruiseik, d'esse ponto obliquava a oeste para Zandvoorde, descendo d'ahi para Houthem no canal Comines-Ypres.

Além da linha Zonnebeke-Houthem a região, que é plana, era em parte coberta de bosques. Ao norte de Zonnebeke o espaço do triangulo era inteiramente aberto, embora perto do vertice houvesse massiços de arvores. A oeste da linha Zonnebeke-Westroosebeke, para o lado de Roulers, havia mais bosques.

Se se tomar em linha de conta a distancia a que os modernos canhões podem alcançar é obvio que se os allemães dispuzessem a sua artilharia n'um circulo do norte de Langermack em roda de Westroosebeke até leste de Zonnebeke, a posição dos alliados na area Zonnebeke-Westroosebeke-Langermack poderia tornar-se muito perigosa.

A distancia entre Zonnebeck e Langemarck, povoações que eram ligadas por uma estrada, é apenas de seis kilometros e meio, e na direcção do vertice do triangulo, entre Poelcappelle e Passchendaele, as trincheiras dos defensores fazendo frente a norte e a leste respectivamente seriam separadas por uma distancia de cerca de cinco kilometros.

Assim ao norte e nordeste a posição dos alliados era má, mas a leste a cintura de bosques que se estendia ao sul de Zonnebeke até Gheluvelt e d'ahi até Hollebeke no canal, voltando para leste até á base da eleva

DESFAZENDO ATOARDAS...

Materialisando phantasias persecutivas...

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Campanha cerealifera 1915-1916

Superphosphatos

Agentes de casas estrangeiras percorrem as provincias propagando a ideia que os agricultores devem fechar as suas compras de superphosphato estrangeiro aos preços de 24$00 e 25$00 por 1.000 kilos para o superphosphato 12 0|0 soluvel na agua, porquanto esta Companhia não tem d'este adubo que chegue para as necessidades do paiz.

Inimigos da industria nacional... ou em especial d'esta Companhia propagaram que se devia prohibir ou difficultar a exportação de adubos.

Provine-se o publico que não teem vislumbres de fundamento as affirmações dos primeiros e que só trariam prejuizos á agricultura se fossem realisadas as pretensões dos segundos, e esta Companhia declara muito cathegoricamente:

I—Que tem em stock superphosphatos (sua producção), sulphato de ammonio e nitrato de soda (importação) em quantidade sufficiente para satisfazer todas as necessidades da sua clientella no paiz e no estrangeiro;

II—Que não precisam os srs. agricultores pagar os preços de 24$00 e 25$00 por 1:000 kilos de superphosphato de cal de 12 0|0 se bem que seja esse o valor mundial do artigo, porquanto podem adquirir actualmente este adubo na quantidade que quizerem para consumo no paiz a preço abaixo de 22$00, posto sobre vagon nas estações de Lisboa ou Barreiro (conforme as quantidades e fórma de pagamento) visto esta Companhia procurar dentro do possivel facilitar com preços resumidos nos seus adubos e *abaixo da cotação mundial* a solução do problema cerealifero. O que os clientes não devem é demorar as suas requisições porque dentro de poucos dias a affluencia de entregas não permitte fazer todas simultaneamente por falta de material circulante.

III—Que para os superphosphatos de 8 0|0 e 18 0|0 e outros tipos faz tambem esta Companhia preços sem competencia;

IV—Quanto aos seus preços para adubos azotados—sulphato de amonio e nitrato de soda—artigos de importação—limita esta Companhia o seu beneficio a uma simples correctagem e, portanto, provavel é que os seus preços sejam os mais vantajosos do mercado;

V—Que consumidores e inspectores agronomicos devem prestar toda a sua attenção para a grande falsificação que este anno deve campear no mercado de adubos devido ao seu elevado valor, constando já que se está vendendo superphosphato como tendo 12 0|0 de acido phosphorico soluvel na agua que apenas contém essa percentagem soluvel no citrato, o que deve corresponder a pouco mais de 10 por cento de acido phosphorico soluvel na agua;

VI—Que assegurada a esta Companhia, que exerce a industria de adubos chimicos e sulphato de cobre livres de qualquer protecção pautal, a liberdade de industria e commercio tanto interno como externo, ella continuará atravez de todas as difficuldades da epocha que atravessamos a adquirir materias primas para manter as suas fabricas em laboração, o que lhe permittirá no presente e no futuro, servir, como até agora, com vantagem os seus clientes de Portugal e do estrangeiro.

VII—Finalmente, que fóra d'estas condições ella interromperia a acquisição de materias primas do que resultaria, com todas as consequencias inherentes, a paragem em curto praso das suas officinas.

Estas declarações definem a nossa situação perante os nossos clientes e amigos e mesmo perante os que com prejuizo para os interesses geraes do paiz julgam poder attentar contra o nosso direito á liberdade de industria e commercio interno e externo.

Todos ficam sabendo como pódem ser servidos e com que pódem contar.

Lisboa, 2 de agosto de 1915.

Companhia União Fabril
(a) *Alfredo da Silva*
Administrador-gerente

ção de Mont-des-Cats, oppunha uma barreira importante a um movimento do inimigo sobre Ypres da margem norte do Lys entre Courtrai e Warneton. Muitas arvores, no dia 19 d'outubro, estavam ainda intactas e de pé. Nos seus cimos podiam ser assestadas metralhadoras e os seus ramos aqui e ali protegiam n'uma certa extensão as tropas das granadas. Os troncos detinham ou diminuiam a velocidade das balas das espingardas e a folhagem protegia homens e metralhadoras dos aviadores inimigos.

No lado oriental do canal Comines-Ypres, as estradas mais proximas de Ypres atravez dos bosques que, deve notar-se, não eram continuos, eram, a partir do canal, a de Wervicq sobre o Lys por Zandwoorde-Klein Zillebeke, e a de Zillebeke, que de Menin por Gheluvelt a Hooge e d'ahi a Courtrai, segue por Ledeghem - Dadizeele - Terhand-Becelaere a Gheluvelt e d'ahi a Hooge. Do norte os bosques podiam ser torneados pela estrada de Roulers por Moorslede e Zonnebeke a Ypres.

Assentando nos seus planos, sir John French e sir Douglas Haig tinham de contar com que os allemães, que occupavam todas as passagens do Lys desde Frelinghien, a cerca de cinco kilometros a nordeste de Armentières, até Comines, assim como as que havia desde Comines até Ghent, podiam atacar Ypres pelo sul.

A abertura entre Zandvoorde atravez dos bosques para a elevação de Mont-des-Cats, que desde Godewaersvelde até Wytschaete e Messines atravessa a planicie e separa a estrada Poperinghe-Ypres do Lys, estava occupada pelas duas divisões do corpo de cavallaria britannica. Essas tropas, cujo numero pouco excedia a 4.000 homens, estavam sendo empregadas principalmente como infantaria. Atravessando o Lys em Warneton e em Comines os allemães podiam avançar sobre Ypres ou por Hollebeke ou pela estrada principal que vae de Warneton a St. Eloi. A região ao sul da linha Messines-Hollebeke tinha poucos [illegible]

estrada liga St. Eloi com Vlamertinghe entre Poperinghe e Ypres, e se St. Eloi, a pouco mais de trez kilometros ao sul de Ypres, fôsse tomada, não só essa cidade, que fica n'uma baixa, podia ser atacada, como todas as communicações dos alliados por Ypres ao sul de Ypres-Poperinghe podiam ser cortadas e a elevação de Mont-des-Cats atacada pelo norte.

Essa elevação tinha capital importancia para os alliados. Se fôsse occupada, Ypres, Vlamertinghe e Poperinghe tinham de ser abandonadas e a linha do canal Ypres-Dixmude-Nieuport não poderia ser mantida. De Mont-des-Cats a artilharia allemã podia varrer a planicie d'ambos os lados e, descendo d'essa elevação, a infantaria allemã podia chegar a Godewaersvelde no caminho de ferro Hazebrouck-Poperinghe-Ypres e a Bailleul no caminho de ferro Hazebrouck-Armentières.

Essas duas linhas eram, com a linha ferrea Dunkerke-Furnes-Dixmude, os unicos caminhos de ferro que seguiam para leste desde a linha Dunkerke - Hazebrouck - Merville. A elevação de Mont-des-Cats era assim a chave para a posição dos alliados ao norte do Lys.

Na extremidade leste, já o dissémos, ficava em terreno elevado a aldeia de Wytschaete e, ao sul d'esta, a de Messines. Abaixo d'esta e correndo do oeste ao longo da base de Mont-des-Cats fica o pequeno rio Douve. Além d'este elevava-se a cota 63, um outeiro n'uma baixa eminencia que separa o Douve do Lys. No outro lado d'essa elevação e separado pela calçada Ypres-St. Eloi-Wytschaete-Messines - Ploegsteert-Armentières ficava o bosque Ploegsteert, tendo 2.700 metros de comprimento por 1.350 de largura. A terra debaixo das arvores era um pantano traiçoeiro, nos caminhos quasi se não podia passar devido ao lodo.

O flanco direito do corpo de cavallaria britannica ficou na extremidade nordeste do bosque, occupando um destacamento o logarejo de St. Yves. Ao longo das orlas leste e su

deste do bosque Ploegsteert estavam entrincheiradas unidades da ala esquerda do terceiro corpo. Le Gheir, que fica no recanto sudeste do bosque, estava occupada pelos inglezes. O resto do terceiro corpo ao norte do Lys estava disposto entre Le Gheir e a margem do rio a 360 metros ao sul de Frelinghien.

Dos arredores a oeste de Frelinghien a fronte do terceiro corpo obliquava em redor de Armentières para Radinghem, uma aldeia na comprida e baixa elevação que divide a quasi sempre inundada planicie ao sul do Lys do canal La Bassée-Lille. N'este ficam as povoações de Radinghem, Fromelles, Aubers, Violaines, Givenchy. A elevação é ao sul de Givenchy atravessada pelo canal La-Bassée-Lille em Cuinchy, o qual se estende além de Cuinchy para Vermelles.

O corpo de cavallaria de Conneau e, a oeste d'elle, o segundo corpo estavam dispostos entre Radinghem e Givenchy. O segundo corpo havia tomado essa povoação, Violaines, Aubers e Herlies, e o major Daniell com o Real Regimento Irlandez tinha tomado a aldeia de Le Pilly. Ao sul do canal La Bassée-Lille a ala direita do segundo corpo juntava-se com a ala esquerda do exercito do general de Maud'huy.

As forças allemãs que operavam contra essa longa linha dos alliados da extensão de oitenta kilometros entre o mar e La Bassée eram em numero enormemente superior. Ao segundo corpo inglez e á cavallaria de Conneau haviam-se primeiro opposto parte do 14.º corpo d'exercito allemão, quatro divisões de cavallaria e muitos batalhões de Jaegers e do dia 19 ao dia 31 o inimigo foi reforçado pelo resto do 14.º corpo, por uma divisão do setimo e por uma brigada do terceiro corpo. Este, que estava sobre o Lys, havia sido tambem reforçado com homens e canhões.

No dia 18, sir John French tinha incumbido o seu commandante, o general Putteney, de repellir o inimigo para leste, para os lados de Lille, e auxiliar depois o corpo de cavallaria a atravessar o Lys a leste de Frelinghien.

Tendo na sua frente o 19.º corpo saxão, pelo menos uma divisão do 7.º e trez ou quatro divisões de cavallaria, sendo as tropas allemãs constantemente reforçadas por contingentes vindos de Lille, o corpo de cavallaria e o terceiro corpo não puderam levar a cabo a tarefa que lhes havia sido incumbida. A estrada de Lille a Frelinghien continuou em poder dos allemães, assim como a que de Lille passa pelo forte Carnot e atravessa o Lys em Pont Rouge e por Warneton e Wervicq segue para Menin.

Por detraz d'essa estrada no sector norte do Lys corre o canalisado rio Deule para Deulemont, onde se lança no Lys. Protegido no seu flanco esquerdo pelo Deule e pelos fortes Carnot e Englos, o principe real da Baviera poude fazer atravessar o Lys ás suas tropas para atacar Le Gheir, o bosque de Ploegsteert, Messines, Wytschaete, St. Eloi, Hollebeke, Zandvoorde, Gheluvelt e Zonnebeke.

A ala esquerda dos alliados, n'uma linha recta da extensão de cento e noventa kilometros, era agora perpendicular ao centro desde Compiègne até Verdun, centro que—quasi na mesma extensão—era quasi perpendicular a uma fronte de eguaes dimensões desde Verdun até Belfort. Com os caminhos de ferro e os automoveis que tinham ao seu dispôr os commandantes allemães podiam mover as suas tropas nos duzentos kilometros que separavam Lille de Verdun mais rapidamente do que Joffre podia transferir as suas das proximidades de Lille para o grande campo fortificado que impedia o avanço dos exercitos allemães de Metz sobre Paris.

De momento, pois, sir John French e sir Douglas Haig não podiam contar com qualquer auxilio immediato da parte dos francezes. Só podiam oppôr aos allemães o segundo corpo, a cavallaria de Conneau e uma parte do terceiro corpo, entre La Bassée e o Lys o resto

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1795 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 4 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A questão da presidencia

Cumpre que o novo presidente da Republica reuna attributos e condições que lhe dêem uma caracteristica nacional. Mas encarando a questão sob o ponto de vista partidario, embora elle se não justifique perante as grandes necessidades da Republica, é assumpto de escrupulosa discussão averiguar como é que um partido poderá formular a clara expressão da sua vontade.

Não ha duvida de que um partido possue a maioria parlamentar no Congresso, e por isso não ha duvida de que elle póde eleger o presidente da Republica, collocando acima de tudo o interesse politico do seu partido. Mas se assim se quizer proceder, a quem cabe, n'esse partido, o direito de expressar a sua vontade?

Os partidos teem a sua representação parlamentar; mas essa representação parlamentar não é mais do que uma das rodas da engrenagem partidaria. Quem representa realmente um partido é o seu directorio. E' esse directorio, eleito pelos seus correligionarios nas grandes reuniões plenarias que teem o nome de congressos, que na realidade representa a soberania partidaria.

Nos congressos dos partidos, os seus deputados teem logar. São congressistas, mas congressistas como quaesquer outros. Teem o seu voto, puro e simples, e se entre elles e os outros congressistas surgir qualquer discrepancia de opinião, elles serão vencidos, e legitimamente vencidos, cumprindo-lhes acatar as resoluções dos congressos, porque o seu numero não lhes assegura a maioria em assembleias cujos membros se contam por muitas centenas.

São esses directorios que regulam a vida partidaria; são elles que traçam a orientação a seguir; são elles que decidem as attitudes a tomar nos mais importantes e complicadas questões. Partidariamente, os parlamentares teem de acceitar essas indicações, sob pena de se revelarem contra a auctoridade legitima do partido, expressa nos votos dos congressos que representam a soberania partidaria.

N'uma questão como a da eleição do presidente da Republica, nas circumstancias especiaes que o paiz atravessa, e depois d'uma revolução que marcou rumo na politica republicana, mais do que em quaesquer outros casos esta doutrina se impõe, porquanto se trata d'uma questão nacional, que põe á prova as virtudes republicanas dos partidos. N'ella, mais do que em nenhuma outra, quem deve pronunciar-se é o directorio, ou, no caso do diretcorio não se julgar sufficientemente habilitado a exprimir a vontade do partido, os congressos que em ultima instancia podem decidir questões de essa natureza.

Os membros do parlamento, filiados nos partidos, certamente assim teem de orientar a sua conducta, sob pena de faltarem aos seus deveres partidarios. Elles mesmos devem comprehender, e se não todos, decerto a maioria o comprehenderá, que pelo proprio caracter da sua acção porventura não possuirão a serenidade e a visão perfeita para decidirem, por si só, essa importantissima questão. Elles pertencem,—como diremos?—ao numero dos politicos profissionaes, e ninguem ignora que a politica profissional fatalmente se inquina de vicios, paixões e tendencias que muitas vezes não deixam ter d'essas questões a percepção mais nitida, mais elevada e mais necessaria.

Os delegados aos congressos partidarios são, na sua grande maioria, cidadãos que não se enleiam nos meandros d'essa politica profissional, nem ella é a sua funcção. São homens de principios, acreditando, como n'uma religião, nas linhas geraes e elevadas dos programmas partidarios, homens que, depois de elegerem os seus corpos directivos, recolhem a suas casas, voltam ás suas occupações, com a satisfação do dever cumprido, nada querendo nem nada acceitando da politica.

Se, na questão que se debate, o directorio do partido que possue a maioria parlamentar não fôr attendido por ella, que lhe cumpre fazer? Convocar um congresso do partido, para elle solemnemente deliberar. Não o póde fazer antes da eleição presidencial, porque não ha tempo para isso? N'esse caso terá de o convocar depois,—para lhe apresentar a sua demissão collectiva. Um directorio á frente do qual está um cidadão como o sr. Affonso Costa, que ao seu partido tem dado as provas da maxima lealdade e da maior correcção, não póde proceder d'outra fórma, depois de se vêr desattendido n'uma questão essencial como esta incontestavelmente o é.

Poeira da Arcada

O alcool é um veneno que lentamente consome vidas e methodicamente compromette o futuro das gerações. As suas victimas annuaes montam a muitos milhares. Agora, que a guerra varre a fina flôr das raças européias, os governos de alguns paizes belligerantes resolveram restringir o seu consumo. Abaixo o alcool! As tabernas fecham mas cavam-se trincheiras. Os encanecidos, gastos beberrões, não deixarão de pensar lá comsigo que a temperança, arvorando-se em virtude tão brusca e violenta, mostra a sua impotencia para luctar com o vicio. Em tempo de paz é que se ha de vêr de que lado está a força e a razão.

* * *

O elevador da Gloria andou hoje em experiencias, estando para breve a sua inauguração. Ronceiro, vagaroso, incommodo, oscillante e ferralhento fez serviço, durante muitos annos, calçada acima, calçada abaixo, moendo as impaciencias dos lisboetas que demandavam a Alta, para lhe lograrem os seus encantos. Hoje vimol-o lepido, ligeiro, luzente, mas egualmente desengraçado. Aguardemos a nova historia dos seus feitos. Que o publico, cujas commodidades elle se propõe servir, encontre sempre nas suas bancadas alguns estimulos para fortalecer-se no culto do progresso. E' que na rapidez do percurso se esbocem alguns d'aquelles idilios que ainda fazem de Lisboa um prado de amores floridos.

* * *

Os hespanhoes já pensam n'um exercito de trez milhões de soldados. A' medida que avança a guerra europeia, concentram-se dentro da sua rigida neutralidade. Como esta, porém, parece ser um estado negativo, sem brilho nem proveito directo, alargam os olhos e vêem o mundo em grande. E diante d'esta visão tratam de fazer obra condigna. E nós, olhando um pouco para elles, que vamos fazer?

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$800 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Migalhas

Recordando

E' curioso de vêr o interesse com que quasi toda a gente segue nos jornaes francezes os resumos diarios dos acontecimentos de ha um anno. Um anno é—como diria Calino—apenas doze mezes, a vida de uma creança de mama. No emtanto, o que acaba de passar, sem duvida alguma o maior anno da Eternidade, foi para nós tão cheio de impressões varias, tão fertil de episodios differentes, tão complexo nos seus aspectos, que hoje poucos poderiam explicar com clareza as origens apparentes do conflicto, se, nos seus «memorandus», as gazetas se não encarregassem de fazer reviver, na nossa recordação o attentado de Serajevo, as negociações diplomaticas, as successivas mobilisações, a «proposta infame» segundo a phrase de Edward Grey e finalmente o rompimento de hostilidades.

Ha um anno todos esses acontecimentos eram o assumpto das nossas conversações. Hoje mudou de tal fórma a situação que, pela minha parte, com a minha fraca memoria, difficilmente restabeleceria com precisão o momento inicial.

Vamos voltar a sentir os doze mezes crueis que vivemos n'uma inquietação de cada dia. Será menor a impressão, evidentemente. Não deixa, no emtanto, de ser interessante.

André Brun.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

COISAS D'ARTE

O PALACIO DE QUELUZ

Tem de ser transformado n'um annexo do museu das Janellas Verdes

Ainda não ha muito que, n'este jornal, o sr. dr. José de Figueiredo, illustre director do Museu Nacional d'Arte Antiga, disse que os serviços d'arte eram d'uma importancia capital e que crear museus era concorrer para diffundir o espirito nacional e para evitar que se perca uma das melhores fontes de educação que as classes dirigentes em suas mãos possuem. Essa deve ser a opinião de toda a gente culta d'este paiz; e por o ser, a noticia de que em Queluz vae instituir-se um museu de mobiliario não deixou, certamente, de ser acolhida com jubilo. O que será esse museu? Em que bases será elle organisado? Vae dizel-o o sr. dr. José de Figueiredo, com aquella competencia que todos lhe reconhecem:

—As noticias que teem apparecido ácerca do futuro museu no Paço de Queluz se são, no fundo, verdadeiras, affirma aquelle distincto homem de arte, são, entretanto, um pouco inexactas quanto aos promenores. O palacio de Queluz, como os de Cintra e os da Ajuda e Mafra não estão subordinados ao ministerio do fomento. A interferencia d'esse ministerio em qualquer d'elles é momentanea. Dura apenas emquanto durarem as obras que n'elles andam a realisar-se. Nada, tem, pois, o referido ministerio com o melhor aproveitamento d'esse palacio, tal qual elle está planeado. O palacio de Queluz pertence ao ministerio das finanças, como propriedade que é do Estado, e está por outro lado subordinado ao ministerio da instrucção publica e em especial á commissão dos monumentos e conselho superior de Bellas Artes da primeira circumscripção, pelo que respeita ao seu valor artistico. N'essa orientação, a commissão executiva do conselho d'arte e archeologia de Lisboa tinha já resolvido o aproveitamento de Queluz para exposição de determinadas obras d'arte, ficando esse edificio, juntamente com os outros acima indicados, subordinado ao conselho, por intermedio do vogal director do Museu Nacional d'Arte Antiga. Não tendo, porém, esta resolução, que alcançou o voto do antigo conselho superior d'arte e archeologia, sido ainda effectivada, e tendo sido ultimamente entregues ao conselho superior de Bellas Artes todos os nucleos d'arte d'esta natureza situados fóra de Lisboa, Coimbra e Porto, esse Paço, como os outros, ficou, para o effeito artistico, entregue ao delegado eleito por esse conselho, que foi tambem o director do Museu Nacional d'Arte Antiga.

«E isto não podia deixar de ser assim. Todos os museus nas condições do das Janellas Verdes teem necessidade de museus annexos para os quaes possam fazer-se as transferencias que forem julgadas necessarias. E muitas obras d'arte, relegadas para os respectivos depositos pela direcção d'esses museus, por não estarem nas condições de serem ali apresentadas, exhibir-se-hão com vantagem em edificios como o de Queluz e outros similares. N'esta orientação, o governo francez subordinou o palacio de Maisons-Laffitte ao museu do Louvre, depois de já anteriormente ter entregado á direcção do mesmo museu os palacios do Kerjean e de Azay-le-Rideau, bem como o palacio Biron e o Grand-Trianon. E assim se procede em toda a parte onde os serviços de arte estão bem organisados. Na Italia, como na Inglaterra, e aqui como na Allemanha, tendo o museu de Berlim, como sua dependencia, o de Posen e o de Munich, entre outros, o Schleissheim. Para se vêr quanto isto é indispensavel, basta, por exemplo, pelo que respeita ao museu de Berlim, fazer a comparação dos respectivos inventarios. Em 1830, quando esse museu foi fundado, o numero de quadros era em 150, superior aos que n'elle existem hoje; e a maioria d'elles provêem de acquisições posteriores áquella data. Preciso ainda referir-lhe que apenas, de accordo com o ministerio das finanças, tome, pelo que se refere á parte artistica, conta do palacio de Queluz, vou tratar do seu arranjo, mas que esse arranjo não visará a fazer d'esse velho palacio aquillo a que vulgarmente se chama um museu. O que eu procurarei, com os meus collaboradores, será a reconstituição, o mais approximado possivel, do que esse edificio devia ser antes de 1830, aproveitando, para esse fim, todos os elementos de que eu possa dispôr, e que, felizmente, não são tão escassos como aquelles com que se póde contar para o arranjo do velho Paço de Cintra. Pelo que respeita á escola de entalhadores, só vejo vantagens no seu funccionamento, e indubitavel é que ella, além da sua funcção educativa, póde prestar optimos serviços ao recheio artistico de Queluz e aos os outros nucleos de arte e museus do Paiz.»

Pelo telegrapho

Os inglezes contra os turcos

LONDRES, 3.—Sir Ian Hamilton informa com a data de 2 do corrente que na direita da posição defendida pelos corpos australiano e da Nova Zelandia foi effectuado um ataque feliz contra a rede de trincheiras turcas que estavam começando a ameaçar a segurança do nosso posto avançado chamado Posto de Tasmania. O ataque consistiu no bombardeamento dos entrincheiramentos visinhos e na explosão de trez minas sob as secções de trincheiras.

Estas secções foram immediatamente occupadas e ainda atacámos á baioneta uma outra secção.

Os turcos não contra-atacaram. Foram mortos pelo menos 70 turcos dentro ou em volta das trincheiras.

O resultado foi o ganho da crista, que tem materialmente melhorado a nossa posição n'esta secção da linha.—*(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa).*

Os Estados Unidos e os Estados latinos

WASHINGTON, 4.—Seis nações da America latina, que foram convidadas para uma conferencia na quinta feira, notificaram a sua acceitação diplomaticamente.

A Argentina, Brazil e Chili bem como a Guatemala a Bolivia e o Uruguay serão convidadas pelos Estados Unidos a elaborar um plano que encare a eventualidade da cooperação armada dos Estados Unidos com os Estados latinos.—*(Havas).*

As operações no theatro oriental e no Mar Negro

PETROGRADO, 4.—Official. Proximo de Windau os hidroaviões russos forçaram um aviso allemão a encalhar; obrigaram a retirar um zeppelin e um avião, e abateram um outro avião. Na direcção de Riga os russos recuaram para além do rio Eka.

No Narew houve encarniçados combates, sendo enormes as perdas inimigas. Os allemães que atravessaram o Vistula vão avançando. Entre o Vistula e o Bug, ao norte de Lublin, repellimos o inimigo.

Este avançou um pouco no curso inferior do Svinkha.

No Mar Negro destruimos quatro estaleiros navaes e 450 navios de vella turcos e aprisionámos as tripulações.—*(Havas).*

Pelos exercitos alliados!

Um telegramma dirigido a Viviani

Como demonstração da viva sympathia com que todos nós, portuguezes, acompanhamos a causa dos alliados, vae ser enviado ao illustre chefe do governo francez, o sr. Viviani, o telegramma seguinte:

Viviani—Président Conseil—Paris.

Répresentants Parlement, Municipalité, Sociétés Scientifiques, Littéraires, Artistiques Portugal tiennent à affirmer, en ce jour, à la grande Patrie Française, leur foi absolue dans la victoire des armées alliées.

Subscrevem esse telegramma as seguintes individualidades, deputados, senadores, jornalistas, homens de lettras, artistas e outros:

Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, João de Deus, Gastão Correia Mendes, Helder Ribeiro, Barbosa de Magalhães, Jayme Cortesão, Lopes Cardoso, Manuel Firmino Costa, Urbano Rodrigues, Alfredo Maria Ladeira, Oliveira Carvalho, Mello Barreto, Francisco Pereira, Pires de Carvalho, Adriano Pimenta, Ernesto de Vilhena, Ernesto Navarro, Pires Campos, Luiz Derouet, Almeida Ribeiro, Abilio Marçal, Marianno Martins, Joaquim Oliveira, João Soares, João Dumas, Guilherme Godinho, Angelo Vaz, Nunes Loureiro, Alvaro Poppe, Domingos Pereira, Pedro Chaves, Arthur Costa, Sergio Tarouca, Francisco Gonçalves, Thomaz de Sousa Rosa, Costa Cabral, Eduardo Sousa, Pereira Junior, Vasco Vasconcellos, José Maria Gomes, Manuel Granjo, Simas Machado, Antonio Portugal, Simões Raposo Junior, Francisco Brandão, Carvalho Mourão, Constancio de Oliveira, Fernandes Costa, Mesquita de Carvalho.

Francisco Cruz, Alberto Pinto, Joaquim Ribeiro, Domingos Cruz, Pereira Bastos, Ribeira Brava, Sá Cardoso, Raymundo Meira, Rodrigo Rodrigues, Leotte do Rego, Manuel Monteiro, Lima Basto, Alberto Charula, Queiroz Vaz Guedes, Alberto Xavier, Adelino Furtado, João Barreira, Annibal Lucio de Azevedo, Bessa de Carvalho, Freitas Ribeiro, Bernardo Lucas, João de Barros.

Correia Barreto, Thomaz da Fonseca, Botto Machado, Antonio Macieira, Antonio Lourinho, Elysio de Castro, Agostinho Fortes, Silva Barreto, Carlos Richter, Pina Lopes, Calça Camara, Estevam de Vasconcellos, Ramos Pereira, Simões Soares, João Maria da Costa, Joaquim de Meyrelles, Henrique Barreto, Rodrigo Cabral, Lima Junior, Antonio Rebello.

Guerra Junqueiro, Magalhães Lima, João Chagas, Columbano Bordallo Pinheiro, França Borges, José de Figueiredo, Teixeira Lopes, Teixeira de Queiroz, Fernandes de Sá, Salazar de Sousa, Manuel de Sousa Pinto, Fausto Guedes Teixeira, Lopes Vieira, Julio Dantas, Gustavo Bordallo Pinheiro, Lopes Martins, Costa Saccadura, Almeida Moreira, Heitor Vizeu, Joaquim Manso, Gaspar de Lemos, Lopes de Mendonça, Bartholomeu Severino, Augusto Casimiro, Santos Silva, José Vieira, Luciano Freire, Leonardo Coimbra, Mayer Garção, Teixeira de Pascoaes, Manuel Guimarães, Augusto de Castro, Augusto Pina, Elysio de Campos, Vaz da Victoria, Abel Dias, Antonio Carneiro, Antonio Ferro, Christiano Carvalho, Thomaz Pessoa, Carlos de Lemos, Lopes de Oliveira, Queiroz Velloso, Eugenio Valdez, Mario Salgueiro, Bento Mantua, André Brun, Avelino d'Almeida, Augusto Gil, visconde de Marinha Grande, Henrique de Barros, Carlos de Barros, Lobo de Campos, Francisco de Lacerda, Antonio Francisco Peres, Luiz da Camara Reyz, Lucio Santos, Pinto Lima, Raul Proença, Alvaro Pinto, Carneiro de Moura.

DOIS CASOS

O do sr. Mattos Branco
O do sr. Sousa Junior

Hontem, na Camara dos Deputados, o sr. Francisco Cruz chamou a attenção do sr. ministro da instrucção publica para um caso curioso e simptomatico. Em Meia-Via, concelho de Torres Novas, é professor official o sr. Mattos Branco. Honra da sua benemerita classe, esse professor que tem sido um esforçado campeão da causa do ensino, promoveu a construcção de um edificio escolar que substituisse o pardieiro onde dava aula, para o que andou de porta em porta implorando donativos. Esse edificio, com a respectiva habitação, foi por elle offerecido ao Estado, o que lhe mereceu uma portaria de louvor. Além d'este grande acto de benemerencia, outros o recommendam á estima e ao reconhecimento do povo da localidade, como seja o facto de ter habilitado para exame, desde 1904, cêrca de duzentos alumnos, a maior parte dos quaes ficaram approvados com distincção. Pois bem: pretende-se affastar o sr. Mattos Branco porque elle vae á missa aos domingos! Alguns livres pensadores, que o sr. deputado Francisco Cruz classificou de pechisbeque, andam angariando assignaturas com o fim de obter a expulsão do professor, porque não toleram que elle tenha crenças religiosas. Póde admittir-se tão baixa e revoltante perseguição?

O sr. ministro da instrucção publica prometteu indagar do caso e affirmou que, se a pretensão d'aquelles individuos fôr apenas pelo facto do referido professor ser religioso, elle não será transferido.

Na mesma sessão e logo a seguir, o sr. Eduardo de Sousa voltou a perguntar ao sr. ministro da instrucção quando é que publica o decreto exonerando o sr. Sousa Junior de um dos dois cargos incompativeis que está exercendo: o de professor da faculdade de medicina do Porto e o de director geral da estatistica em Lisboa.

O sr. ministro respondeu que está correndo um processo sobre o assumpto, não podendo tomar agora qualquer resolução. Aguarda os resultados d'esse processo para depois deliberar.

Ambas as respostas do sr. ministro da instrucção publica estão longe de pertencer ao numero das que satisfazem. Quanto ao caso do professor Mattos Branco, para cujos altos serviços o sr. ministro, ao que consta dos extractos, não teve uma palavra de homenagem, já se admitte a hypothese da transferencia por outros motivos. Vê-se o proposito de não querer desagradar aos taes livres-pensadores de pechisbeque que, não podendo correr o professor porque vae á missa, serão capazes de arranjar outros pretextos para o expulsarem da sua escola. Detestamos a verborrhéa parlamentar, mas comprazer-nos-hia que o sr. ministro da instrucção publica tivesse aproveitado o ensejo para dizer que zelará sempre com o maior interesse os direitos d'essa prestantissima classe do professorado primario, ao mesmo tempo que velará por que elle cumpra os seus deveres. Com effeito, uma representação de pessoas adversas não basta para que se transfira um professor. O estado tem inspectores e o governo póde ordenar sindicancias tão imparciaes como rigorosas. A sorte de um professor e sobretudo de um funccionario cuja competencia, cujo zelo e cujo patriotismo já se affirmaram de um modo tão brilhante, não póde estar á mercê de quaesquer reclamações sectarias e odientas.

Quanto ao sr. Sousa Junior, o sr. ministro da instrucção publica não foi mais feliz. A situação em que se encontra aquelle elevado funccionario exige que a resolvam sem delongas e causa espanto que fosse preciso organisar um processo para averiguar e decidir uma coisa que todos sabem e todos vêem: que o sr. Sousa Junior é, e todavia não póde ser, ao mesmo tempo, director geral de estatistica e professor da faculdade de medicina no Porto. Contra semelhantes immoralidades, gritavam os republicanos, com absoluta razão, outr'ora. Permitti-as hoje é desacreditar a Republica e justificar os que costumam dizer que tão bons são uns como os outros.

A resposta do sr. ministro devia ter sido que ia convidar o sr. Sousa Junior a optar por um dos dois logares e que esperava que elle manifestasse sem demora a sua opção. Como se dissesse: «O sr. Sousa Junior não opta e eu demitto-o d'um dos cargos». E' possivel que a elasticidade e a confusão das leis sirvam para protelar a solução do escandaloso caso, mas havemos de concordar que quanto mais demorada ella fôr mais se affronta a Republica e se prejudica a perfeita identificação do paiz com o novo regimen.

Ministro de Portugal em Paris

Por via Madrid, seguiu hoje para Paris a reassumir as funcções de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal em França o sr. dr. Bettencourt Rodrigues.

Na «gare» do Rocio estiveram a apresentar-lhe as despedidas, entre outros os srs. dr. Regis d'Oliveira, embaixador do Brazil Eugenio Santos Tavares, em nome do sr. ministro dos negocios estrangeiros, Roque d'Arriaga, em nome do sr. dr. Manuel d'Arriaga, dr. Brito Camacho, coronel Alberto Silveira, capitão de mar e guerra Amaro d'Azevedo Gomes, dr. Joaquim Madureira, João Cabral e Castro, Aresta Branco, Francisco Cruz, general Encarnação Ribeiro, Thomé de Barros Queiroz, João de Menezes, Joaquim Fernandes Gravito, Moura Pinto, dr. Azevedo Gomes, Affonso de Lemos, José Maria Pereira, José Baptista d'Almeida, Hermano de Medeiros, Ferreira de Mira, Augusto Monjardino, Ramiro Leão, Julio Dias da Costa, Francisco Barreto, dr. Anahory, Ponce e Sanches, João de Menezes Ferreira, Rodrigues Sequeira, Francisco de Sousa Dias, Decio Pereira Coutinho, Antonio Miguel Fernandes, Costa Motta, sobrinho, Bettencourt Ferreira, tenente Ochoa, dr. Custodio José Vieira, Henrique Bual, Sant'Anna Leite, Raul Carmo, João de Castro Junior, José Lourenço de Magalhães, João Baptista d'Almeida, Francisco Arruda, José Barbosa, Octaviano de Carvalho, Soares Franco, João Judice de Vasconcellos, Carlos Pereira, Celestino Stefanina, Augusto Brandão, João Alves de Mattos, Canova de Faria, Eduardo Burnay.

O sr. dr. Bettencourt Rodrigues foi esta manhã ao ministerio dos negocios estrangeiros deixar o seu cartão, seguindo para a legação de França onde almoçou.

A proposito da sua partida dizia-se hoje que o governo vae tomar conhecimento do pedido de exoneração em tempos apresentado pelo sr. João Chagas, não o acceitando, e devendo por tal motivo esse illustre homem publico regressar para a legação de Paris.

EM TORNO D'UM VANDALISMO

OS CAPUCHOS DE CINTRA

Rectificações necessarias—Muito vinho e pouca educação—Os delinquentes processados

O que escrevemos hontem ácerca do convento dos Capuchos em Cintra e das tristes occorrencias n'elle succedidas reclama rectificações, que nos apressamos a fazer, convindo, ao mesmo tempo, juntar-lhe novos pormenores que esclarecem o caso e impõem alguns commentarios.

Não foi o Estado, segundo as informações de Pinho Leal, que vendeu o conventinho ao sr. visconde de Monserrate. Este comprou-o em 1873 ao conde de Penamacor que em 1834, após a extincção das ordens religiosas, passára a ser proprietario do cenobio que tivera como padroeiros os seus ascendentes. Isto não invalida o que dissémos relativamente ao modo como sob a monarchia constitucional se venderam antigas casas religiosas, até na propria villa de Cintra. Citaremos, por exemplo, o conventinho e cêrca da Trindade, pertença da familia Franzini, e o convento e a cêrca da Pena, que D. Fernando de Saxe Coburgo adquiriu por 700$000 réis e transformou depois na vivenda e no parque grandiosos que o Estado comprou á sr.ª condessa d'Edla. Adquiriu o conde de Penamacor ao Estado o conventinho de cortiça ou fez valer direitos para o rehaver como representante da familia do fundador? Ignoramol-o e não iremos agora indagal-o. Basta não esquecer que a monarchia constitucional desbaratou o patrimonio monastico que lhe veiu ás mãos em virtude das leis chamadas de Aguiar; basta saber-se que ella não se interessou por monumentos e tradições de incontestavel valor; basta frisar que alguns dos grandes homens que ajudaram a estabelecer o regimen symbolisado nas côres azul e branca foram os primeiros a insurgir-se contra os muitos e enormes vandalismos perpetrados sob os olhos indifferentes, quando não complacentes, dos poderes publicos.

O conde de Penamacor vendeu em 1873 o conventinho de Santa Cruz que quarenta annos de abandono ameaçavam reduzir a um montão de ruinas. O primeiro visconde de Monserrate comprou-lh'o para o juntar ás trinta e nove propriedades já annexadas á sua quinta magnifica, e o filho do titular inglez, decorridos, segundo cremos, quarenta annos após essa compra, adquiriu ainda aos descendentes de Penamacor a famosa Penha Verde, que fôra de D. João de Castro e que é a mais historica de todas as quintas hoje pertencentes á familia Cook. Em Portugal ninguem houve, na aristocracia do sangue ou do dinheiro, que esboçasse o bello gesto indispensavel para se manter portugueza a propriedade celebre!

Feita a primeira rectificação, passêmos á segunda. As imagens destroçadas, em julho ultimo, nos Capuchos, eram, segundo informações insertas n'uma folha da manhã, e que reputamos da melhor fonte, das antigas que ali se encontravam em duas capellinhas e não, como suppunhamos, lá postas recentemente. Claro está que o estupido attentado, denunciador da profunda ignorancia, dos maus sentimentos e da intemperanca de quem o commetteu, não é mais ou menos grave por as imagens serem mais ou menos antigas ou valiosas. Reprovamol-o com toda a nossa energia, porque nos repugna profundamente, mas é tambem com repugnancia que vemos o lamentavel caso explorado por uma estreita politica de facção que nunca viu as outras imagens dos Capuchos ha muitos annos mutiladas, como nunca reparou nas mutilações sacrilegas de Mafra, anteriores ao estabelecimento do regimen republicano.

Os vandalismos dos Capuchos, cuja importancia não desejamos diminuir, foram praticados no dia 25 de julho, isto é, no dia da festarola annual a que alludimos. Entre os auctores indigitam-se individuos dos logares circumjacentes e que devem ter bebido em demasia. Descobertos os criminosos, chegaram dois d'elles a ser presos pelo regedor—informa o «Diario de Noticias»—mas foram postos em liberdade «por imposição de varios elementos populares que tambem não consentiram a detenção dos restantes quatro.» Ora aqui temos um episodio talvez ainda mais grave do que o barbaro attentado dos Capuchos: é a alarmante inversão de todos os principios da ordem e da auctoridade, mais uma vez verificada e a que urge pôr cobro.

A organisação do respectivo processo, ainda segundo o «Diario de Noticias», «corre no entretanto em juizo, devendo proceder-se a seus termos, conforme á lei, até final julgamento.» Os nossos votos são por que o attentado não fique impune e por que a educação e o ensino, cuja falta elle denuncia, mereçam das classes dirigentes o interesse e o carinho que não se lhes dispensaram n'outros tempos e que ainda agora—é a dolorosa verdade!—são coisas de somenos importancia.

Avelino de Almeida

Na Camara dos Deputados

Prosegue a discussão do regimen cerealifero

O sr. Azevedo Coutinho, depois de approvada a acta e lido o expediente, abre a inscripção para antes da ordem do dia. Do governo estão presentes os srs. ministros da justiça e dos estrangeiros. O sr. Costa Junior requer que se discuta desde já o parecer e o projecto que ha dias trouxe á Camara, declarando perigosa e insalubre a industria das artes graphicas. E' approvado, bem como o parecer e o projecto, sem discussão. D'este projecto resulta ficar sendo de oito horas o dia de trabalho na referida industria. O sr. Bernardo Lucas patrocina uma representação dos juizes de investigação da comarca do Porto, pedindo vencimento egual ao dos de Lisboa. Manda para a mesa um projecto de lei declarando que os escrivães de direito só pagarão o sello dos livros do registo quando se trate de registar processos em que houve custas. O sr. Arthur Costa defende uma representação da misericordia da Guarda, na qual se protesta contra o facto de se pretender impedir que as pharmacias das misericordias vendam remedios para o publico. A representação é lida na meza e vae a publicar no *Diario do Governo*. A requerimento do sr. Luiz Derouet vota-se o projecto que auctorisa o governo a nomear amanuense da secretaria da Imprensa Nacional o sr. Affonso Rodrigues. O sr. Eduardo de Sousa volta a tratar da situação do sr. Sousa Junior como director geral da Estatistica e professor da Escola Medica do Porto. Responde-lhe o sr. ministro da instrucção dizendo que está pendente um processo por causa do recurso interposto pelo director geral adido, sr. Leão Azedo, contra a nomeação do sr. Sousa Junior para dirigir os serviços de Estatistica. Se esse recurso tiver provimento, o sr. Sousa Junior voltará ao seu cargo primitivo. O sr. Castro Meirelles occupa-se outra vez d'aquelle castigo que foi imposto a dois parochos de Ovar, por usarem em publico habitos talares. O ministro applicou ao parocho de Esmoriz dois mezes de interdicção de residencia no concelho de Ovar e limitrophes. Mas a esse parocho tirou-se agora o cartorio parochial sem que a lei o permitta. E' isso justo? E podem os parochos expulsos ir ás suas parochias visitar amigos ou pessoas de familia? E porque não se applicou ainda aos padres castigados a amnistia de julho ultimo? Leu os processos relativos aos dois padres castigados e reconheceu que não havia por lá nada digno de grande censura. O sr. ministro da justiça affirma que o castigo applicado aos dois sacerdotes foi merecido. A auctorisação que um d'elles tinha para usar habitos talares não deve ser considerada valida, por ter sido dada illegalmente pelo administrador do concelho, que não era effectivo. Quanto aos archivos parochiaes, o assumpto é regulado pela lei do registo civil que considera detentores dos archivos os padres e os coadjuctores que substituiram os padres castigados. Só podem ficar com os cartorios se estiverem collados nos seus logares.

Na ordem do dia continúa a discutir-se o regimen cerealifero. O sr. Joaquim Ribeiro defende, principalmente, a agricultura e apresenta duas propostas: uma, augmentando n'um centavo o preço do trigo nacional, e outra, obrigando os moageiros a fornecer farinhas de todas as qualidades, sempre que lh'as requisitem. O sr. Antonio Portugal aprecia largamente o projecto e condemna certas praxes parlamentares, por serem pouco patrioticas e proficuas. Faz da agricultura uma defeza calorosa e demonstra que se os lucros da moagem e da panificação são grandes, os dos proprietarios tambem não são de desprezar. Faz referencias desenvolvidas á questão dos adubos e diz que é preciso verifical-os e impedir que a companhia ganhe para mais de 500 contos, como aconteceu o anno passado.

Fala o sr. Julio Martins, que responde, especialmente, ao sr. Lima Bastos, accusando-o de vir dizer ao Parlamento o contrario do que tinha dito lá fóra, em entrevistas nos jornaes. O projecto ainda hoje não foi votado.

No Senado

Approvam-se varios projectos e marca-se sessão conjuncta para ámanhã ás 16,30

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches. Na sala, á chamada, 25 senadores.

O sr. presidente annuncia que estão nos corredores do Senado o novo senador sr. Mello Simas, e nomeia para o introduzir os srs. Lima Duque, Simões Soares, e Azevedo Gomes. O sr. Mello Simas, democratico, eleito pela Horta, toma logar na esquerda da Camara occupando o antigo «fauteuil» do sr. dr. Bernardino Machado.

Varios senadores mandam para a mesa pareceres; approvam-se licenças, relevam-se faltas, e como não haja ninguem inscripto para antes da ordem e o sr. ministro da justiça não esteja presente interrompe-se a sessão. Minutos depois, porém, o sr. dr. Catanho de Menezes chega, e a sessão é reaberta entrando-se de seguida na ordem do dia.

Approvadas algumas emendas ao capitulo 13.º do orçamento do ministerio da justiça, o sr. Estevam de Vasconcellos requer urgencia e dispensa do regimento para dois projectos de lei, um isentando do pagamento de propinas os alumnos subsidiados pelas Bolsas de Estudo e outro transferindo a epoca de exames na Faculdade de Sciencias. Concedido. Os dois projectos são seguidamente approvados sem discussão.

Com egual concessão é posto á discussão o projecto já approvado na outra camara e que fixa os ordenados presidenciaes. Approvado.

Lê-se na mesa um officio da Camara dos Deputados, convocando para ámanhã reunião conjuncta das duas camaras para preparativos de eleição presidencial. O sr. presidente marca essa reunião para as 16,30.

Finalmente é approvada tambem sem discussão a proposta de lei prorogando até 31 de dezembro do corrente anno o praso para serem decretados os diplomas organicos das colonias.

A proxima sessão é no sabbado á hora regimental. Ordem do dia: o orçamento de despeza do ministerio do interior.

Palacio do Parlamento

Abre-se concurso para execução da estatua simbolica da Republica

Deve ser publicado amanhã na folha official o annuncio abrindo concurso para a execução da estatua simbolica da Republica, destinada á sala das sessões da Camara dos Deputados. As condições foram apresentadas á commissão administrativa do Congresso pelo architecto sr. Ventura Terra, que na sua visita á casa do Parlamento aproveitou tambem o ensejo para solicitar do presidente do Senado a approvação do projecto de lei que manda

plicar a pantheon nacional o edificio de nta Engracia.

A commissão administrativa do Congresso vae tambem mandar proceder ás obras necessarias no Congresso para estabelecer ali um recinto proprio para os representantes da imprensa, governadores civis, antigos deputados e senadores, etc.

As obras estão orçadas em 2.000 escudos, segundo um projecto do sr. Marques da Silva, que vem dirigido as obras do Parlamento. As galerias supplementares e desmontaveis, destinadas ás referidas entidades, serão collocadas nas extremas do hemiciclo, da altura da segunda para a terceira bancada. Em qualquer dos lados haverá sete logares, distribuidos por duas filhas de carteiras, o que prova não se ter alargado quem pensou em receber as visitas obrigadas e accidentaes da segunda casa do Parlamento.

No boudoir

As massagens

Se a agua presta, como está dito e verificado, vigor e saude ao nosso organismo: se os banhos, os diversos banhos, teem sobre o estado geral da nossa saude, e principalmente sobre a pelle, uma acção decisiva; as massagens ajudam consideravelmente esses bons effeitos. Podemos mesmo dizer que ás massagens são o complemento poderoso e necessario da acção therapeutica da agua.

Do Oriente, da India, duas regiões do sonho, de landas, de religiões, de phantasias pujantes como os seus palmeiraes, mas tambem de uma preoccupação quasi geral com a higiene, onde as populações, as mais rudes, teem contrahido habitos de limpeza e noções therapeuticas muito uteis, é que as massagens veem. São lá conhecidas e empregadas ha algumas centenas de annos. E foi a observação feita sobre esse emprego ali frequente que depois as trouxe para a Europa e as elevou á cathegoria de curativos, de um processo de cura a seguir em muitos casos. Ha varios processos de fazer massagens. Pouco a pouco, irei resumidamente falando sobre elles. Tambem ainda não puz de parte o assumpto: banhos. Voltarei a dizer mais alguma coisa sobre tão poderosos auxiliares da Belleza. Ha que ser assim: a pouco e pouco, pois o espaço de que disponho é pequenissimo e tenho que responder ás senhoras que durante a semana me teem escripto pedindo resposta n'este jornal.

* *

Eclia—O tratamento pela mascara dá sempre resultado. Mas não podendo a leitora fazel-o pode curar-se usando certos productos da serie «Pompadour».

* *

Margarida—V. ex.ª póde tomar o banho de carbonato, frio ou morno, indifferentemente. Se está habituada a banhos mornos tome-o morno, se frio, frio o deve tomar.

* *

Luz—Queixa-se a leitora de que durante a estada na praia a cutis se lhe torna bronzeada e aspera. Siga os meus conselhos e verá que este anno a pelle não soffrerá com a influencia dos ares marinhos. Deverá pôr de parte todo o qualquer sabonete, substituindo-o pelo «Lait verd», um producto que merece realmente o seu nome. Tendo por base o suco de côco e Iris indiano, o «Lait verd» evita o queimado, nutre a pelle, cerra os pores e destroe os pontos pretos. Além do uso d'este preparado deverá, duas vezes por semana, untar o rosto com clara d'ovo batida com sumo de limão. Havendo manchas deverá pôr paches d'agua oxigenada misturada com o «Lait verd». Em vez de pó d'arroz use o «Secret Pompadour» que, longe de estragar a pelle, a torna macia e branca.

* *

Marieta—O creme labial Pompadour é perfeito. Para enrijar o seio a Loção Pompre; preço 2$. Felicito-a pela noticia que me dá. Desejo-lhe muitas felicidades.

Maria Conti

Aos operarios da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

Tendo-me vindo aos ouvidos, que a malevolencia de quem pretende expoliar os haveres e direitos dos Senhores Accionistas, procura insinuar que fui eu o auctor e gerador da Lei n.º 340 votada no Congresso da Republica e publicada hontem no «Diario do Governo», suspendendo o Decreto n.º 1645, cumpre-me para esclarecimento do mesmo operariado, declarar o seguinte:

Não nutro, como nunca nutri, a menor animadversão contra o operariado, ao qual sempre busquei garantir trabalho emquanto estive á testa da Fabrica, chegando para isso a empenhar a minha firma pessoal e ultimamente os meus haveres, para obter o ultimo algodão que se trabalhou.

Desde que deixei de estar á testa da Fabrica, nunca mais houve trabalho e d'essa falta não me cabe a menor responsabilidade.

E' só por espirito de perversidade que se busca sugerir odios contra mim, insinuando ao operariado que eu promovi a suspensão do Decreto n.º 1645, a cuja sombra se pretendia liquidar os haveres dos Senhores Accionistas, apoiando-se para isso em falsas promessas do pessoal operario que querem fazer seu instrumento.

Por ultimo, *e muito solemnemente declaro que a Lei de suspensão do Decreto n.º 1645 me apanhou de surpreza, pois que não tomei parte em quaesquer trabalhos para que ella se fizesse.*

Inquirindo do caso, soube que ao *maior accionista da Sociedade dos Herminios do Porto*, o qual com sua familia possue metade do capital d'essa Sociedade, se preparavam identicas expoliações á sombra de tal Decreto, tendo para esse fim reunido a assembleia geral.

Foi esse grande accionista ameaçado egualmente de expoliação, quem chamou a attenção dos Senhores Deputados e Senadores, que inteirados da iniquidade, resolveram na sua soberania de representantes da nação.

Desejo, emfim, para todos os effeitos e por todos os meios solicitos, o rejuvenescimento da Companhia, mas por fórma que, em vez de ser expoliação, possa constituir segura garantia dos accionistas e dos sagrados direitos dos que trabalham.

Lisboa, 4 de agosto de 1915.

Alfredo de Brito

A nova questão Hinton

AO LER AS INSINUAÇÕES vagas e as affirmações inexactas com que a firma W. Hinton & Sons atacou as emprezas assucareiras coloniaes, e, especialmente a firma Hornung & C.ª Limitada, de que sou representante em Lisboa, n'um folheto largamente distribuido, resolvi immediatamente dar-lhe, em nome d'esta firma, a resposta que merecia. mas, como o grupo das emprezas coloniaes entendeu responder-lhe, em artigos publicados nos jornaes diarios, pela respectiva commissão de que faço parte, para depois com estes organisar um outro folheto, esperei que terminasse essa publicação, para que a resposta directa de Hornung & C.ª Limitada, não pudesse de qualquer fórma prejudicar os trabalhos da commissão dos coloniaes.

O artigo publicado no domingo, nos jornaes *O Seculo* e o *Diario de Noticias*, assignado pelo gerente da firma Hinton, n'esta cidade, veiu tornar mais urgente a minha resposta, em que seguirei numero a numero o articulado que o advogado de Hinton formulou com mais extraordinario topete. Todas as affirmações que fez no folheto, e que foi demonstrado pela commissão dos coloniaes, que eram falsas, estão reproduzidas n'esse artigo.

O advogado de Hinton empregou toda a sua sciencia no folheto, nada mais sabe do assumpto, e por isso só póde reeditar as suas affirmações inexactas e as suas insinuações infundadas, e julga assim servir honestamente o estrangeiro que lhe paga os seus serviços.

Além d'isso elle bem sabe que ha certas affirmações de que sempre fica alguma coisa.

Apesar de tudo o que se tem passado, ainda me parece incrivel que o sr. W. Hinton, de quem meu cunhado o sr. J. P. Hornung era amigo, desde tantos annos, consinta que a pessoa que tem ao seu serviço, principalmente para inventar reclamações ao governo portuguez, deturpe de tal maneira a verdade. O sr. Hinton contou-lhe, pelo menos alteradas em parte, as conversas de amigo que teve com o sr. Hornung, e o seu serventuario deformou-as completamente para servir o estrangeiro que lhe paga.

Deixamos á consciencia das pessoas honestas o apreciarem o caracter do sr. W. Hinton que não teve duvida em publicar, em folheto um apontoado de insinuações, com o fim de prejudicar um homem de quem se fingia amigo intimo, que foi seu hospede no Funchal, em abril passado, quando esse folheto estava a fazer-se, e que elle sabia que estava a caminho da Zambezia, quando lhe deu larga publicidade, não podendo portanto o sr. Hornung ter conhecimento do seu conteudo, senão muito tempo depois.

Tudo o que se tem feito, em resposta ao ataque do sr. Hinton, em nome de Hornung & C.ª, L.da, é da minha inteira responsabilidade, por isso que meu cunhado ainda não póde ter conhecimento do folheto que lhe enviei pelo correio. Sigamos agora, numero a numero, o artigo da firma Hinton:

1.º—Affirma-se que Hinton nunca pediu ao governo augmento do preço do assucar em Portugal; é claro que assim deve ser, quanto ao preço do assucar refinado, por isso que Hinton não vende este assucar no paiz.

Pretendeu comtudo vender tão caro o assucar em rama, que tinha para entregar a Hornung & C.ª, L.da, em agosto de 1914, que esta firma só lhe podia pagar esse preço se o governo augmentasse a tabella de preços dos assucares refinados. O representante da firma Hinton e o signatario trataram do assumpto junto do governo, dizendo eu apenas que, se o governo desejava que pagassemos ao sr. Hinton o preço que pedia, era indispensavel que fosse permittido o augmento de preços no assucar refinado. O preço dos melhores numeros de assucar refinado, da tabella do governo, n'esse tempo, era inferior ao que Hinton queria que lhe pagassemos pelas ramas, para refinar. O que se encontra no folheto, acerca do decreto de 10 de agosto de 1914, em que Hinton diz que esse decreto só podia ser publicado dando-lhe compensações pelas perdas que lhe causou, prova que não é verdadeiro o que affirma.

Tambem affirma que não pediu prorogação do seu contracto, mas como temos informações em contrario, e não podemos acreditar no que se diz, em nome da firma Hinton, esperamos que seja publicada a reclamação, para que o publico se convença de que, mais uma vez, Hinton faz uma affirmação inexacta.

2.º—Todos os que conhecem as reclamações de Hinton, em 1909, ou as actuaes sabem que effectivamente elle só pede o cumprimento da lei e só reclama com toda a justiça, *com o respeito devido ao Estado*, como elle diz! A resposta póde encontrar-se nos jornaes de Portugal e da Madeira, quando teem apreciado as reclamações de Hinton.

3.º—N'este numero mais uma vez é inexacto, acobertando-se com a *voz corrente*. Não lhe darei uma resposta completa, porque, não ha ainda muito tempo, ouvi meu cunhado fazer a descripção inteira do que se passou, por causa de inexactidão semelhante, e dizer no fim, á pessoa com quem falava, que não costumava referir-se ao assumpto porque não tinha o habito de falar de coisas que conhecidas só redundavam a seu favor. E' natural que Hinton conheça a historia exacta, por ter sido amigo de meu cunhado, elle que mande calar o seu defensor.

4.º—Insinua aqui, mais uma vez, o serventuario do sr. Hinton que o sr. Hornung pretende o monopolio dos assucares coloniaes e ainda dos assucares refinados em Portugal.

Quanto aos assucares coloniaes só ha de verdade que o sr. Hornung, na fabrica de Mopêa de que é arrendatario, e nas fabricas de Caia e de Marromeu, pertencentes á «The Sena Sugar Factory Ltd.» de que é director, produz cerca de 30.000 toneladas de assucar. As importantes fabricas de Moçambique, pertencentes á Companhia Colonial do Buzi e á «Beira Illovo Estates», produzem e vendem o seu assucar absolutamente independentes de Hornung & C.ª Lda. Esta companhia e a sua antecessora, a Beira Rubber & Sugar Estates, nunca vendeu assucar a Hornung & C.ª, e a Companhia Colonial do Buzi apenas lhe vendeu o assucar da colheita de 1912. As Emprezas da Africa Occidental nada teem com a firma Hornung, a não ser boas relações com os gerentes da Refinaria de Lisboa.

Além d'isto, bastará dizer que os representantes das emprezas de Africa, que são homens honestos e verdadeiros, já affirmaram que o monopolio dos assucares coloniaes foi inventado por Hinton para servir os seus interesses.

Quanto ao monopolio dos assucares refinados, em Portugal, sabe muito bem a firma Hinton que não existe, nem póde existir, mas como era util aos interesses d'essa firma invental-o, o auctor do folheto não é pessoa que se prenda com tão pequenas coisas e por isso não tem duvida em continuar a affirmar que existe. Já no folheto, a paginas 60, se diz que *Hornung & C.ª arrendou todas as refinarias mechanicas de Portugal menos uma*, e Hinton sabe muito bem que sómente arrendou uma refinaria em Lisboa e outra no Porto, e que para a sua affirmação ser verdadeira é preciso que, em Portugal, haja só trez refinarias mechanicas. De facto na cidade do Porto ha uma outra pequena refinaria mechanica, mas o auctor do folheto finge ignoral-o.

O sr. Hornung, de accordo com a The Sena Sugar Factory Ltd., resolveu arrendar uma refinaria em Lisboa pelas difficuldades que esta Companhia encontrava na collocação do assucar com *bonus* que só podia vender em Portugal. Os refinadores Portuguezes de assucar, que trabalhavam com difficuldade os assucares coloniaes, e por isso compravam de preferencia os crystaes austriacos e allemães, procuravam comprar-lhe o assucar pelo menor preço e com taes demoras que a colheita d'um anno chegou a estar por vender já depois de começada a do seguinte. Como o *bonus* só era dado ao assucar despachado para consumo em Portugal, é claro que não o podiam vender nos mercados estrangeiros. Para acabar com este estado de coisas, que lhe causava prejuizo, resolveram arrendar uma refinaria em Lisboa, para refinarem o assucar da sua producção, escolhendo a que estava estabelecida para o tratamento especial de aquelles assucares.

Ao começar o trabalho d'esta refinaria em 1911, Hornung & C.ª viu que o mercado do sul do paiz estava, na sua maior parte, tomado pela clientella da Sociedade Portugueza d'Assucares Lda., cujos socios eram os antigos e principaes refinadores manuaes de assucar, que se tinham associado para a construcção d'uma fabrica mechanica. O seu revendedor geral teve que procurar mercado, para grande parte da producção da Refinaria Colonial, em Coimbra e no Porto, aproveitando assim o mercado do norte.

Existia, n'esta cidade, uma refinaria mechanica que usava os mesmos apparelhos do que a Sociedade de Lisboa, e a Hornung & C.ª convinha, para melhor exploração da sua refinaria, não só afastar este concorrente do Porto, como tambem ter á sua disposição os apparelhos da refinaria d'esta cidade, tendo portanto a certeza de poder fabricar assucar perfeitamente egual ao da outra refinaria de Lisboa. Resolveu por este motivo arrendar a refinaria do Porto.

Mas tanto em Lisboa, como principalmente no Porto, existem muitas refinarias manuaes, e salvo, em pequenos periodos, quando tem tido difficuldades grandes na compra de ramas estrangeiras, estas refinarias teem sempre trabalhado. O capital necessario para montar uma refinaria manual deve oscillar entre 500$00 e 600$00 escudos e em ambas as cidades ha sempre bastantes operarios disponiveis conhecedores d'esta especialidade, e por este motivo ninguem que conheça o assumpto acredita que as refinarias mechanicas pódem matar as manuaes; por isso não pensam em fazel-o, mantendo mesmo com algumas d'estas, em Lisboa, excellentes relações.

A industria da refinação do assucar é das poucas grandes industrias em que as fabricas importantes não pódem vender os seus productos mais baratos do que a pequena industria. Por isto o perigo do monopolio só póde existir na cabeça da firma Hinton e dos seus desinteressados seguidores. Deve tambem dizer-se que é inteiramente livre o estabelecimento de refinarias mechanicas em Portugal, e portanto, se as existentes tiverem alguma vez bons lucros, haverá logo quem monte alguma outra refinaria mechanica, como é sempre costume no nosso paiz. Se ha poucas refinarias mechanicas é porque esta industria não tem dado lucros.

5.º—Refere-se a firma Hinton a uma lei que esteve para ser approvada em 1912, que daria grandes lucros a Hornung & C.ª e que Hinton impediu, fazendo a sua costumada reclamação. A verdade a este respeito é que, em 1912, disseram os jornaes que o sr. Affonso Costa, ministro das finanças, estava estudando uma lei para baratear o assucar em Portugal, e, se não estou em erro, este ministro, n'um discurso no parlamento, annunciou mesmo o proposito em que estava de tratar d'este assumpto, para beneficiar as classes pobres. Hornung & C.ª teve conhecimento do assumpto, mas não tendo chegado a conhecer os termos precisos da lei, não póde affirmar se teria lucro ou prejuizo com essa lei. A queda do ministerio Affonso Costa foi, ao que nos parece, a causa de não ter havido seguimento a este respeito, e não a reclamação que Hinton diz ter apresentado. Tratava-se de baratear o assucar em Portugal, e por isso a firma Hinton protestou logo.

6.º—Já nos artigos das empresas coloniaes foi defendida a lei de 14 de agosto de 1914 e se provaram, além d'isso, as phantasias de Hinton ácerca dos lucros dos coloniaes. Como não responderam aos dados concretos que se apresentaram, considero provado que as suas affirmações são inexactas.

Não me compete a mim discutir o que ha de offensivo para o Congresso na affirmação de Hinton de que aquella lei foi votada para favorecer Hornung & C.ª e os seus alliados.

7.º—Tanto as empresas coloniaes não desejam o prejuizo dos cultivadores de cana da Ilha da Madeira, e pretendem cooperar com o governo portuguez, para que possa dar uma resposta rapida ás reclamações da firma Hinton, que tomaram o compromisso, com o governo, de comprar as colheitas madeirenses, dos annos de 1916, 1917 e 1918, nas condições em que esta firma vendeu a Hornung & C.ª a sua colheita de 1914. Por esta fórma não se póde perceber como Hinton ainda continua a pedir indemnisações por perdas e damnos que não póde ter.

8.º—A firma Hinton, como demonstraram os artigos das empresas coloniaes, nunca teve razão para reclamar, porque a lei de 14 de agosto de 1914 nenhum prejuizo lhe podia trazer, por isso que, em 1918, ultimo anno que está em vigor o decreto de 11 de março de 1911, a quantidade de assucar colonial que póde ser despachado com *bonus* é cerca de 17.000 toneladas, e a quantidade de assucar precisa para consumo do paiz é de 37.000 toneladas. Com o compromisso tomado pelas empresas coloniaes, para com o governo, até desappareceu o protesto inventado por Hinton.

9.º e 10.º—Provado, como está, sem qualquer contestação por parte da firma Hinton, que os calculos que esta apresentou a respeito dos assucares coloniaes são inteiramente inexactos, é perfeitamente desnecessario rectificar as contas dos lucros de Hornung & C.ª e das outras empresas coloniaes, a que se refere o artigo.

O assucar produzido em Moçambique e em Angola é mais do que sufficiente para o abastecimento do paiz, e por isso não admira que algum tenha sido vendido no estrangeiro. A «The Sena Sugar Factory Ltd.» não vendeu o assucar que tinha disponivel em qualquer paiz para obter o maior lucro; mandou-o para Inglaterra, onde o governo comprou todo o assucar necessario para poder regular o preço d'este genero no mercado da Grau-Bretanha.

Quanto á falta de assucar que houve em Portugal, no fim de 1914 e começo de 1915, foi esta exclusivamente devida ás declarações dos diversos governos de que iam resolver a questão do assucar, barateando o preço d'este; n'estas circumstancias tanto Hornung & C.ª como os outros refinadores só mandaram vir o assucar absolutamente necessario para não soffrerem grandes prejuizos com uma baixa de preços imposta pelo governo.

Desde que pela fixidez do preço do assucar, no estrangeiro, todos viram que era impossivel uma baixa de preço, vieram logo para Portugal quantidades importantes de assucar. Para as refinarias manuaes do Porto ha, nos armazens da Alfandega d'aquella cidade, cêrca de 60.000 saccos de assucar brazileiro, e nos armazens da Alfandega de Lisboa, tambem ha bastante d'este assucar, parte d'elle vendido á commissão, que não encontra compradores aos preços que pedem, apesar da firma Hinton affirmar que o assucar refinado está muito caro em Portugal. Hornung & C.ª, que só pretende fornecer o assucar preciso para a sua clientella, tem já o assucar para refinar até ao fim do actual anno.

(*Vêr continuação ámanhã*)

ULTIMA HORA

Noticias parlamentares

A commissão do orçamento reuniu hoje para apreciar o parecer sobre o orçamento do ministerio do fomento, elaborado pelo sr. Lima Bastos. Ao que consta, figuram n'esse trabalho certas disposições interessantes, que a Camara approvará decerto com todo o interesse. Amanhã, deve continuar a discutir-se o orçamento do ministerio dos estrangeiros, sendo de crer que, por causa dos novos logares de inspectores consulares, aos quaes se dará a cathegoria de ministros de segunda classe, não fique ainda votado, dada a opposição dos evolucionistas á instituição d'esses dois novos logares.

* * *

Está distribuido já o parecer do orçamento do ministerio da guerra. E' seu relator o sr. Helder Ribeiro, sendo o parecer assignado com declarações pelos srs. Alvaro de Castro e Mello Barreto. O relator augmenta certas verbas de despeza e faz affirmações varias sobre certos serviços militares, insurgindo-se, principalmente, contra a fórma como se organisaram as expedições á Africa e contra o facto de não se terem realisado o anno passado as escolas de repetição. Uma e outra coisa foram prejudiciaes, sendo para desejar que não se repitam.

* * *

A lei dos cereaes era a lei da fome. Pois já não é. E agora que o pão está carissimo, que tudo está pela hora da morte, que o pobre mal sabe como viver, estão quasi todos d'accordo, portas a dentro de S. Bento, em que é preciso augmentar o preço do trigo nacional em um centavo, pelo menos.

Chama-se a isto concorrer para debelar a crise de maneira absolutamente efficaz. O consumidor é que bem pode ter opinião contraria e lembrar-se de que, se presentemente ganha pouco, não vae longe o tempo em que os seus lucros foram avultados á custa de quantos, n'este paiz, ainda não perderam o habito de comer pão. Mais caro o trigo? Pode ser. Mas antes de se chegar a isso bom será perguntar o que pensam a tal respeito aquelles que o pagam...

NOTAS DIVERSAS

Ao Funchal chegou hontem a corveta hespanhola «Nautilus».

—A canhoneira «Açor» seguiu da Horta para Ponta Delgada.

—O governador civil de Angra vem a Lisboa tratar de assumptos de interesse para o seu districto.

—O «Diario do Governo» publica ámanhã a portaria nomeando a commissão para dar execução ao artigo 4.º da lei de afastamento dos funccionarios, que é composta pelos srs. drs. Adolpho Augusto d'Oliveira Coutinho, director da policia de investigação, e deputados Abrahão de Carvalho e Annibal Lucio d'Azevedo.

Esta delegação é do ministerio do interior.

—Delegados das emprezas maritimas, acompanhados da direcção da Associação de Classe dos Estivadores, procuraram hoje o sr. governador civil a quem foram pedir se interesse pela melhoria de situação da classe dos estivadores. O sr. Marianno Martins prometteu attender o pedido.

—O governador civil de Aveiro e deputado sr. Elysio Sucena estiveram hoje de novo no ministerio do fomento reclamando medidas energicas e immediatas para que cessem os graves prejuizos que as minas das Talhadas estão causando á piscicultura e agricultura n'uma das mais importantes regiões de aquelle districto. Em tempo o naturalista sr. dr. Augusto Nobre apresentou ao governo um relatorio onde se indicavam as medidas a adoptar.

—Por determinação do sr. ministro da marinha a canhoneira *Zaire* foi considerada como navio annexo á divisão naval de defeza e instrucção, prestando os serviços compativeis com o seu estado material.

NO PORTO

Ensino normal primario

Como se ministra a educação phisica—Escolas para retardados e estropiados

Porto, 3 d'agosto

Referimos no artigo anterior o que sobre a Escola Normal nos dissera o seu director, sr. Henrique Sant'Anna. Faltava, porém, versar um aspecto importante, o da educação phisica. A esse respeito diz-nos o nosso entrevistado:

—A' educação phisica temos dedicado uma attenção muito especial. Sem sobrecarregar o orçamento, e apenas pela verba do custeio ordinario, consegui a installação de um gimnasio moderno onde os alumos e alumnas se exercitam na gimnastica sueca, sisthema Ling, que é o que seguimos, e em todos os jogos modernos de educação e desenvolvimento harmonico e progressivo dos órgãos e dos musculos. Os jogos são de uma utilidade extraordinaria para os professores conhecerem, —descobrindo-a—toda a psicologia do alumno. São, póde dizer-se, a pedra de toque das suas tendencias, do seu caracter.

«Emquanto a gimnastica é por vezes um exercicio violento, secco, quasi dogmatico, não despertando interesse no alumno, os jogos, pelo contrario, prendem-lhe com agrado toda a attenção, movimentam-lhe todas as cellulas cerebraes e é no jogo que o *eu* interior se manifesta, em todas as suas modalidades. O professor attenta; vê, sem difficuldade, o que nas creanças impera, se o egoismo, se a sinceridade, se a dissimulação, — todas as suas tendencias. E, d'aqui, a applicação especial da lição educativa no corrigir as tendencias más e em acompanhar, melhorando-as e aperfeiçoando-as, todas as tendencias boas.

«Não lhe parece magnifico este processo educativo?

—Sem duvida.

—D'elle temos colhido excellentes resultados.

«Agora, devo dizer-lhe que, em parte, o devo á felicidade de ter trazido para a Escola o professor dr. João Gomes d'Oliveira, formado em Gand, onde fez um curso brilhantissimo. Os nossos alumnos, que para todos os exercicios de educação phisica teem um fato especial, sahem perfeitamente preparados para, nas suas escolas primarias, não só ministrarem o ensino dos jogos e da gimnastica, mas competentemente habilitados a organisar as suas lições, attendendo á idade, á conformação, ao sistema nervoso, muscular e á propria psichologia das creanças. Os exercicios phisicos e as conferencias praticas, documentadas, já o dizia ha annos o director das Escolas Normaes da França, M. Ernest Lavisse, devem occupar o primeiro logar no ensino. Tanto como na parte educativa, partindo d'esta grande verdade do mesmo grande educador:—«A educação intellectual deve basear-se na educação moral, porque a intelligencia esclarece a vontade, e saber racionar com probidade é, pelo menos, uma tendencia para uma conducta honesta.

—Conferencias, tambem as tem feito?

—Nós chamamos-lhe, antes, palestras. Fazem-nas os alumnos ou alumnas, depois das nossas visitas de estudo, que no ultimo anno foram muitas, a varios estabelecimentos industriaes, scientificos, etc. As nossas visitas são feitas em grupos de não mais de 12 alumnos, acompanhados pelos seus professores. E' depois que um alumno, além do relatorio escripto, faz—perante toda a Escola—a sua palestra ou conferencia, acompanhada sempre de projecções. E já que lhe falo em projecções, tenho o prazer de communicar á *Capital* que, em outubro proximo, tenho tudo preparado para inaugurar um cinematographo, especialmente para o ensino da geographia e das sciencias naturaes.

Por ultimo, o sr. Henrique Sant'Anna, com um Verdadeiro ar de satisfação, diz-nos:

—Em outubro vão tambem inaugurar-se duas escolas novas, verdadeiramente novas em Portugal, mas reclamadas de ha muito pela moderna sciencia pedagogica. Tive a honra de as propôr na ultima sessão da camara, de que faço parte, e foi com a maior satisfação que vi a minha proposta approvada por unanimidade. São duas escolas para «alumnos retardados phisico-mentalmente.» Comprehende-se quanto estas escolas se justificam. Ha entre a população das escolas primarias muitos cerebros retardatarios ou «atardados» como lhes chama o nosso grande psychopatra dr. Julio de Mattos. Estas creanças, que são verdadeiros doentes, precisam de um trabalho, de um methodo ou processo educativo especial. Ellas não teem culpa—coitaditas—de não poderem acompanhar os alumnos sãos, os cerebros normaes. Mas que lhes acontece?

«São motivo de chasco. Olham-nas as outras creanças com despreso, soffrem intimamente uma magua indefinida e são, além d'isto, um elemento de perturbação nas aulas. E' para estas que se vão crear duas escolas especiaes, assim como conto ainda crear o mais breve possivel uma terceira para as creanças estropiadas, aleijadas, paraliticas, que não podem vir á escola, mas que nós iremos buscar a casa, ás suas mansardas, trazendo-as de carro para a escola, para lhes illuminar o espirito, já que do corpo não podem servir-se em livres movimentos. E' uma obra a que tenho consagrado e continuarei a consagrar todo o meu esforço e boa vontade.

—Mas a creação d'essas escolas não precisa de ser sanccionada pelo Senado municipal?

—Não, felizmente, porque fazem parte das 30 escolas que propuz no outro semestre, e cuja creação foi approvada.

Agradecemos ao activo director da Escola Normal, tão intelligente quanto modesto, as suas interessantes informações e despedimo-nos.

Cahia um sol ardente. Pelo vestibulo e nos jardins grupos de alumnas chilreavam, vivas, alegres, como cotovias; de vestidos leves, elegantes, donairosas.

—Veja—concluiu o sr. Sant'Anna—como é cheia de vida esta promettedora geração de futuras educadoras...

A grande guerra

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 3.—Na Carnia, no cumeo Medatte a leste de Monte Ceustalta, repellimos ataques, com pesadas perdas para o inimigo. Reduzimos ao silencio a sua artilharia que estava bombardeando Forcella com granadas asfixiantes. No Carso repellimos os ataques inimigos, progredimos e fizemos 345 prisioneiros.—*(Havas)*.

A revolução no Mexico

MEXICO, 4.—O general Gonzales entrou em Mexico em nome de Carranza. A ordem está restabelecida.—*(Havas)*.

WASHINGTON, 4.—Deu-se uma escaramuça entre mexicanos e americanos na fronteira proximo de Brownsville, ficando feridos dois americanos. Já para ali partiram reforços.—*(Havas)*.

A eleição presidencial

Hontem, na reunião do grupo parlamentar democratico, foi lida uma carta do sr. dr. Affonso Costa, sobre a eleição presidencial. Assistiram apenas cerca de 80 parlamentares. Na reunião d'hoje deve ficar resolvida definitivamente a candidatura do sr. dr. Bernardino Machado.

Escola de Bellas Artes

Começa o concurso para a cadeira de estatuaria

Conforme noticiámos, realisou-se hoje na Escola de Bellas Artes a primeira prova para o concurso destinado ao preenchimento da cadeira de estatuaria, vaga pela reforma do esculptor sr. Simões d'Almeida.

Por parte do corpo docente, constituindo jury, compareceram, pelas 9 horas e 30 os srs. José Luiz Monteiro, Columbano e Ferreira Condeixa, estando presentes os concorrentes srs. Costa Motta, Arthur Teixeira e Simões d'Almeida Sobrinho.

Procedeu-se á tiragem do ponto, á sorte, sendo convidado para esse effeito o mais novo dos concorrentes, sr. Arthur Teixeira. Na urna tinham sido postos cinco pontos, com assumpto exequivel em baixo relevo, e outros tantos de execução em estatua. A sorte reservou aos concorrentes a execução d'uma estatua: o «Infante D. Henrique». Indicado o ponto, os concorrentes recolheram ás salas da escola, que lhes estavam reservadas, com o material necessario, onde deram começo ao esbocêto, para o que, segundo o programma, tinham o praso de oito horas.

A's cinco da tarde os concorrentes haviam concluido os seus trabalhos, tendo sahido dos seus improvisados «ateliers» respectivamente os srs. Arthur Teixeira, Simões d'Almeida e Costa Motta.

Estes artistas começam ámanhã a execução da estatua.

Dr. Amilcar de Sousa

Chega no proximo domingo a Lisboa este distincto clinico que a convite do Nucleo Naturista de Lisboa, com séde na rua Luz Soriano, 27, 1.º, realisa duas conferencias, subordinadas nos themas: *A regeneração da humanidade* e *A saude ao alcance de todos*.

Na séde do Nucleo prestam-se esclarecimentos a qualquer pessoa que queira consultar o distincto medico.

A propaganda contra a guerra

Em varios pontos da cidade, entre elles nas arcadas junto dos ministerios das finanças e da marinha, appareceram hoje nas paredes lettreiros a tinta preta e encarnada com os seguintes dizeres: «Não vão para a guerra». Na muralha do quartel do Carmo lia-se: «Viva a guerra. Abaixo os traidores».

Parte d'esses lettreiros foram mandados apagar, mas á tarde os que estavam junto dos ministerios lá continuavam bem visiveis e chamando a attenção de todos os frequentadores da Arcada.

FALA O GERENTE DA FIRMA HINTON

Um negocio de 160:000 contos de assucar em Portugal

será dirigido superiormente pela firma Hornung, obtendo esta do Estado para si e os seus alliados 30:000 contos

O paiz lançado em complicações, começando pela nova questão Hinton

Outra lastimavel carta do sr. Paiva Raposo obriga-me a importunar de novo o publico. Não me perderei em incidentes secundarios. Vou direito ao centro da questão.

a) A firma Hornung obteve deslealmente a lei colonial de agosto de 1914 contraria á Madeira, á firma Hinton e aos interesses da nação.

b) Em julho ultimo foi publicado um folheto em defeza da causa da Madeira e da firma Hinton, mostrando-se n'elle, por ser uma das bases industriaes da reclamação Hinton, o que era o negocio da firma e grupo Hornung, com toda a correcção, sem o nome do sr. Hornung ser ferido, e com todas as attenções devidas aos poderes do Estado e aos homens publicos.

c) A firma Hornung promoveu logo uma campanha contra o proprio sr. Hinton, em condições absolutamente reprovaveis.

d) A defeza da causa foi forçada a entrar em certos casos da firma Hornung, como era de justiça e necessidade no pleito, mas fel-o sempre com elevação.

e) A firma Hornung corre cada vez mais no terreno pessoal, augmentando mesmo a extensão d'este, com linguagens deploraveis e intensões de muito má natureza, sem olhar para os graves perigos de que a mesma firma está rodeada, mas toda a justa defeza a que esses e outros erros possam obrigar não perderá nunca o respeito que deve a si mesma e ao publico.

f) O projecto de lei n.º 176-A, contra o qual representou a firma Hinton em 3 de maio de 1912, o respectivo parecer n.º 172, e a lei de 15 de agosto de 1914 não garantiam a baixa dos preços do assucar no continente, como o projecto não publicado que se attribue ao sr. Affonso Costa e ao qual nunca me referi.

g) Logo depois de se entrar no periodo da guerra todos os esforços da firma Hornung—apparecendo d'isso repetidos signaes na imprensa embora sem falar-se n'aquella—eram no sentido de ser generalisado o bonus de 8 centavos por kilo a todo o assucar das colonias que fosse preciso para o consumo, o que daria, como disse, mais 1.000 contos de lucro.

h) O grupo Hornung exporta muito do seu assucar para a Inglaterra, onde entra na livre concorrencia com o de todo o mundo. Portanto, o bonus de 6 centavos em Portugal—que lhe rende já 432 contos e lhe renderá 1$500 até 1933—é largado desnecessariamente pelo Estado, para o mesmo grupo açambarcar o mercado com a sua superioridade, e esmagar quem lhe aprouver, e podia servir o mesmo dinheiro para favorecer o povo.

i) A firma Hornung não destruiu a affirmação fundamentada de que o assucar de todo o grupo Hornung chega ao Tejo por 4 centavos o kilo, e de que o lucro do mesmo grupo em 1915 seria de mais de 1.000 contos se não houvesse a guerra em 1914 e será de cerca de 2.500 contos por causa d'aquella calamidade.

j) Até o momento de sahir de uma refinaria em Lisboa, o assucar, fóra d'esta epocha de guerra, terá custado por kilogramma 14 centavos, sendo da firma Hornung com bonus, e 20 sendo da firma Hinton, por ser oito vezes mais cara a canna. O segundo será expulso do mercado pelo primeiro.

k) O grupo Hornung com esse privilegio de 6 centavos por kilogramma, vae ter á sua parte nos 30.000 contos do Estado concedidos pela base 23.ª da lei de agosto, desde 1914 a 1933, 15.600 contos, afóra os seus lucros industriaes ainda maiores na metropole e em Moçambique. Logo o Estado poz-lhe armas na mão para esmagar a fabrica Hinton quando quizer —antes de 1918, ou então, ou depois.

l) A firma Hornung pode assim impedir no continente a venda das 4.000 a 5.000 toneladas de assucar da Madeira, o que representaria a destruição da fabrica. Pode apenas deixal-a ser feita com o prejuizo de 250 a 300 contos, ou maior ainda, tendo isso o mesmo resultado. Pode ir até fazer o destroço na propria ilha em 1919, montando ali uma nova fabrica para aquelle fim—com o dinheiro do Estado!—como já annunciou, conjugando as suas funcções com o goso do bonus.

m) A fabrica Hinton viveu mais de 40 annos no regimen da liberdade industrial e mais de 18 sob o de varios contractos com o Estado, o ultimo dos quaes termina em 1918. Depois de 1918 poderia sempre exercer, outra vez na livre concorrencia, sem monopolio nenhum, todos os direitos adquiridos de existir e de funccionar, sem que o Estado os pudesse destruir, nem mesmo restringir, segundo as garantias constitucionaes. Ella estaria sob tal aspecto, no mesmo caso em que se acharia uma casa construida para dar rendas ao seu dono, se este as houvesse primeiro cobrado de inquilinos particulares, e, em seguida, do Estado por um contracto de arrendamento de 15 annos. Passado este praso, elle recebel-as-hia novamente de terceiros, sem que o Estado, por qualquer modo *directo* ou *indirecto*, pudesse destruir ou restringir tal direito.

n) Se a lei colonial tivesse ordenado que a fabrica Hinton fosse arrazada a fogo, ou lhe tivesse prohibido funccionar ou vender o seu assucar desde 1914, ou desde 1919 por diante, haveria sempre a destruição *directa* dos direitos adquiridos da firma Hinton, quanto á sua propriedade e aos seus rendimentos. Em qualquer dos casos toda a gente veria ahi palpavelmente uma injustiça grave, que teria de ser indemnisada por força da consciencia publica e das garantias constitucionaes.

o) Se os mesmos resultados de destruição da propriedade e dos rendimentos da fabrica Hinton são attingidos antes de 1919, ou então, ou depois, por maneira *indirecta*, de mais a mais por influencia de paixões contra a firma Hinton e pelo impulso desleal das ambições alheias, a consciencia nacional é levada a proferir o mesmo julgamento. Houve injustiça, e talvez com circumstancias aggravantes. Ha responsabilidades de indemnisação por força dos mesmos preceitos, que não fazem distincção entre meios *directos* ou *indirectos* das lesões, tendo de olhar-se apenas para as perdas e damnos.

p) A firma Hinton viu-se realmente forçada a pedir tal indemnisação. Mas todo o homem reflectido, calmo e consciencioso no paiz não deixará de reconhecer que a firma Hinton desejaria immensamente que lhe não tivessem feito a lamentavel campanha de 1910 com tão perduraveis consequencias nem entregue a sua fabrica á descripção de um grupo armado com altos favores e sommas da nação, e que pelo contrario pudesse exercer de 1919 por diante pacificamente a sua missão industrial dentro da equidade e solidariedade economicas do paiz inteiro sem monopolio nenhum.

q) Durante 20 annos haverá um negocio de mais de 800.000 toneladas de assucar na metropole, com o valor de 160.000 contos. A firma Hornung, obtendo deslealmente uma lei de açambarcamento, vae dirigil-o superiormente, colhendo para si e os seus alliados actuaes e futuros 30.000 contos do Estado, mais 15.000 pelas refinações, e mais do que isso tudo nos lucros industriaes conquistados em Moçambique, enfeudando Portugal aos enormes interesses que se formarão n'aquella provincia africana.

Lisboa, 4 de agosto de 1915.

Luiz Alberto de Freitas

PEQUENAS NOTICIAS

A Cooperativa Industrial Social offereceu hoje por intermedio do general Correia Barreto, ao governo, todos os recursos da sua industria em caso de necessidade.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Historia Universal»

Da livraria Aillaud e Bertrand sahiu o tomo n.º 54 da «Historia Universal» de Guilherme Oncken, traduzida por um grupo de professores de historia, sob a direcção do distincto professor Oliveira Ramos. Do que é essa historia ainda não ha muito dissemos e desnecessario será repetirmos as nossas considerações. Quem a tiver completa fica com um esplendido livro de consulta. O preço do fasciculo é de 500 réis.

SPORT

Os Jogos Sportivos Nacionaes

Começaram hontem as provas dos Jogos Sportivos Nacionaes, d'esta vez organisadas no Stadium.

Foram promovidas pela Federação Portugueza de Sports. Tiveram bastantes concorrentes, que hontem luctaram com uma má tarde e com uma ventania furiosa e agreste, que os impossibilitou de melhorar «tempos», de bater «records» e de se affirmarem como bem preparados.

Tão convencidos ficaram alguns dos concorrentes de que fizeram menos do que podiam fazer, que pediram á Federação para estabelecerem, extra-programma, em tarde mais favoravel, os seus maximos de agora e que elles garantem que serão superiores aos do anno passado.

Alguns dos espectadores, mesmo alguns dos concorrentes notavam deficiencias de organisação. Foi pena que as exteriorisassem porque se censuram a si. E' que n'estes Jogos, como em geral em todas as coisas, dois ou trez é que trabalham! Os outros apparecem para ver, para gesticular, para falar e... quantas vezes para criticar obra que elles deviam fazer!...

Mas, atravez de todas as ligeiras deficiencias, as provas de hontem tiveram merito, houve algumas bastante disputadas e como figuravam no programma como eliminatorias, dão motivo a que se futurem brilhantes as «meias-finaes» de ámanhã e de sabbado e muito brilhantes as «finaes» do proximo domingo, estas formando o quadro de um programma d'espectaculo, que pela imponencia e esplendor de «mise-en-scene» levou os organisadores a fazer pagar ao publico a entrada no recinto.

***

A Federação Portugueza de Sports consentiu que, no domingo, avolumando e enriquecendo o seu programma festivo, se dispute uma corrida de «meio-fundo» entre dois profissionaes cyclistas. E' evidente que a corrida é interessante e tem um aspecto emotivo, porque a prova provem d'um repto lançado por Soares Junior ao seu camarada Joaquim Raposo, alegando que não poude competir com elle e disputar o premio n'aquella tarde em que Raposo venceu brilhantemente o campeão hespanhol Lazaro Vilada e o estradista, tambem hespanhol, Guilherme Anton.

Esta prova de «meio-fundo» faz-se com treino mechanico em motocycleta.

***

Os resultados de hontem foram os seguintes:

Corrida de 100 metros (eliminatorias)—1.ª serie: 1., Correia Leal, do C. I. F., que fez o percurso em 12'' 1/5; 2.º, Manuel Correia. 2.ª serie: 1.º, X. L., do C. I. F., em 11'' 4/5; 2.º, Arnaldo Chichorro, do G. S. C. Q. 3.ª serie: 1.º, Francisco Xavier de Araujo, do C. I. F., em 13'; 2.º, Antonio Ferreira da Costa. A 1.ª e 2.ª series foram bem disputadas, ficando estes concorrentes apurados para as meias-finaes que se realisam ámanhã.

Corrida de 1.500 metros (individual)—1.º, Francisco Rocha, do C. I. F., em 4'49'' 4/5; 2.º, Horacio Ferreira, do S. L. B.; 3.º, Raul Pitta Affonso, da S. I. M. P. n.º 1. Sabemos que Francisco Rocha tem feito em treinos melhores tempos.

Saltos em comprimento com corrida (Pentollon)—1.º, Alexandre Correia Leal, do C. I. F., com 5m,85; Antonio Prestes Salgueiro, do C. I. F., com 5m,15; 3.º, Manuel Correia, do C. I. F., com 5m,13.

Corrida de 5.000 metros—1.º, Manuel de Deus, do S. C. A., em 17' 35'' 2/5; 2.º, Raul Pitta Affonso, da S. I. M. P. n.º 1; 3.º, Germano Garcez, do C. I. F.

Lançamento de peso—1.º, Antonio Martins, do C. I. F., 10m,46; 2.º, Flavio de Carvalho, do S. L. B., 9m,94; 3.º, Paschoal Almeida, 9m,21 Foi boa prova. Antonio Martins bateu o «record» de Portugal, que estava em 10m,6 e pertencia a Antonio Cardoso.

Saltos em altura com corrida—1.º, Paschoal de Almeida, do G. S. C. Q., 1m,73; 2.º, Pedro de Almeida, do G. S. C. A.; 3.º, Antonio Martins, 1m,65. Sabemos que Paschoal de Almeida salta mais.

Corrida de estafetas (1.200 metros)—Ficou em primeiro logar a «equipe» do C. I. F., que fez o percurso em 3' 4'' 4/5, composta de Alexandre Correia Leal, Francisco Xavier de Araujo e Francisco Rocha.

Paschoal de Almeida e Francisco Rocha pediram á F. P. S. para lhe arbitrar umas tentativas de «record» em saltos em altura com balanço e corrida de 1.500 metros.

***

A'manhã, as segundas provas dos Jogos começam ás 1 e meia.

Nota do dia

A «Festa de Armas» na Amadora

São já 18 os esgrimistas inscriptos para o campeonato de espada que se realisa no proximo sabbado, á noite, no «rink» de patinagem da Amadora, á luz de lampadas electricas. São representantes de quatro salas d'armas; são alguns d'elles campeões d'este anno e campeões do anno passado.

N'este campeonato não ha prognostico a fazer porque o regulamento, absolutamente novo, não permitte combinações nem «ajudas» de companheiros de salas.

A'manhã fecha a inscripção ás 6 horas da tarde e então analysaremos detalhadamente os processos organisadores de este certamen original e novo, em que se disputam uma Taça e 3 medalhas.

E' tal o interesse dos esgrimistas em concorrer a esta prova da Amadora, a terra progressiva, a terra que conseguiu esse lindo recinto dos Recreios Desportivos, que alguns amadores explicam a sua não comparencia. Está n'estes casos Mario de Noronha, que escreveu a seguinte carta a um dos organisadores:

Lisboa, 3 de agosto de 1915.—Meu caro amigo.—Talvez tenhas estranhado o facto de eu não me ter inscripto no torneio da Amadora. Como sabes treinei este anno para as provas e a primeira que disputei foi o «brassard» com o Augusto Farinha que n'essa altura era o mais forte adversario da minha sala. Como viste estava em plena «forma» e esperava este anno ter uns resultados brilhantes, mas uma negregada angina e uma grippe deitaram-me abaixo e passei dos 79 kilos que pesava, a 73, meu actual peso, tendo ido n'esses 6 kilos perdidos os meus musculos que tanto trabalho me tinham dado a crear e aperfeiçoar.

Concorri comtudo aos campeonatos e assim mesmo fiquei sempre «á cabeça» para me animar.

Depois do torneio da Federação deliberei ir para fóra a retemperar as forças e não entrar este anno mais em provas, mas logo por azar tu promoves a festa da Amadora, n'uma occasião em que não posso tomar parte. Sabes que tenho «espirito sportivo» e só um motivo de peso me affastaria «temporariamente» das provas.

Não quero, porém, deixar de te dar todo o meu apoio e applauso á tua iniciativa que como todas as que promoves deve ser brilhantissima. Era isto principalmente o que eu te queria dizer e podes fazer uso do que te digo como te aprouver.—Abraça-te o—Mario de Noronha.

Algumas anecdotas

Contra um tiro, o senhor acertava e eu morria!...

Quando o celebre «ju-jitsman» Hagynichi, mais conhecido pelo seu nome artistico de Raku veiu á Europa e passou por Lisboa, organisou uma sessão demonstrativa da arte combativa japoneza só para medicos.

Exemplificou todos os golpes e como se defendia d'um «apache», d'um assaltante que usasse bengala, faca, cacete, «box» e d'um homem que tentasse o golpe do «Pere François» Exemplificou tambem como inutilisava as investidas d'um valentão, como quebrava rapidamente um braço, como fazia perder os sentidos a qualquer em menos d'um segundo!

Os medicos ouviam-o com prazer e applaudiam as suas demonstrações. Um d'elles, porém, queria encontrar um «ponto fraco» em Raku e disse-lhe:

—E se eu o atacar a revolver?...

—Contra o tiro, se o senhor não tremer e acertar, eu morro...

Noticias

Entre nós

«Tennis» em Carcavellos

Estão já inscriptos alguns dos nossos melhores «tennistas» para o grande torneio que no dia 15 de agosto se inicia em Carcavellos, promovido e organisado pelos Recreios de Carcavellos, e no qual se disputa uma formosissima taça, que tem estado em exposição na rua Aurea, no Salão Sport. O torneio é á americana e de «men' singles», e sujeito a um bem elaborado regulamento que os Recreios expediram a todos os clubs onde se faz «tennis», acompanhando-o de convites para inscripção.

A inscripção encerra-se no proximo dia 9, no referido salão e em Carcavellos, na séde dos Recreios. Os jogos serão feitos nos dois esplendidos «courts» que os Recreios inauguraram ha pouco.

Ainda a festa da Club Naval

Informam-nos com exactidão dos vencedores do campeonato de 100 metros, de natação, entre marinheiros. Foram: 1.º, 1.º fogueiro n.º 1.695, Alberto de Brito Camacho, de bordo do contra-torpedeiro «Douro»; 2.º, primeiro telegraphista do «Vasco da Gama»; 3.º, 1.º marinheiro do «Republica».

Touradas

Algés.—Luciano Moreira, que faz a sua festa no proximo domingo, reuniu attractivos de valor, entre os quaes os seguintes: a «casa da guarda», pelos «forcados amadores»; toureio a ferros curtos, por Manuel Casimiro; salto de vara, por Custodio Domingues; toureio a duo, por José Casimiro e Luciano; trasteio de muleta, pelo beneficiado; campinos a cavallo para recolher os touros, etc. No final da corrida o festejado dá aos espectadores, a titulo de brinde, uma corrida de duas vaccas, á hespanhola, por «cuadrillas» formadas com amadores conhecidos.

Ha bilhetes á venda nos seguintes locaes: Kiosque Sol, do Rocio, confeitaria Patricio, de Algés; rua da Prata, 88; largo de Santo André, 18; Avenida Almirante Reis, J. S. C., e rua da Assumpção, 80.

Victimas da Revolução

A commissão liquidataria do Grupo 31 de Janeiro convida as viuvas e impossibilitados do 14 de maio, mais necessitados, das freguezias de Alcantara, Belem e Ajuda a enviarem os seus requerimentos, assignados pelas juntas de parochia, á rua Gil Vicente, 70, até ao dia 12, a fim de se distribuir o saldo existente.

Instrucção militar preparatoria

Provas finaes da Sociedade n.º 4

As provas finaes d'esta sociedade realisam-se no dia 15, no campo de jogos do lyceu Pedro Nunes, obsequiosamente cedido pela reitoria, sendo o programma o seguinte:

Marcha em continencia; escola de pelotão em ordem unida; escola de pelotão em ordem extensa; gymnastica collectiva; esgrima de pau e exercicios de telegraphia optica; saltos em altura e comprimento; corridas de estafetas e de resistencia, 1.000 metros, pedestre; esgrima de florete; corrida de velocidade, 2.400 metros, bicicletas, e negativas, 50 metros; corrida de resistencia, bicicletas, 5.000 metros; lucta de tracção; marcha em continencia.

Abrilhanta a festa uma das bandas da guarnição e espera-se a comparencia de varias entidades superiores.

Centro Dr. Miguel Bombarda

Conferencia—Bôdo a pobres

No domingo, pelas 21 horas, o commandante da divisão naval, capitão de fragata sr. Leotte do Rego, realisa na séde d'este centro uma conferencia subordinada ao thema «Portugal e a guerra europeia».

No dia 22 no centro haverá grande festa de congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa, sendo dado um bodo a 100 pobres e inaugurando-se o retrato d'aquelle illustre estadista.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — Não ha espectaculo.
POLITHEAMA — A's 21 — O sr. juiz.
EDEN — A' 20 1/2 e 22 1/2 — O diabo a quatro.
APOLO — A's 20,45 e 22,45 — De capote e lenço.

Agenda da semana

SEXTA-FEIRA—**Avenida** — Primeira representação da peça de Feydeau, *Fernando vae casar*, traducção de Jorge de Abreu.

Ao correr da penna

Augusto de Castro, tendo tido a extrema gentileza de lêr algumas das minhas chronicas d'esta secção, dedica-lhes na edição da noite do Seculo *e na sua rubrica* Palavras leva-as o vento..., *um artigo que li com grato interesse.*

A proposito de eu me ter referido por vezes ao renovamento da inspiração dramatica depois da guerra, diz o auctor do Amor á antiga *que a expressão final e decisiva d'esse renovamento não é para os nossos dias. E accrescenta que a arte que vae succeder aos dias convulsos que atravessamos será uma arte de paixão e, portanto, uma arte inferior. Só talvez d'aqui a cincoenta ou sessenta annos venham a surgir o romancista, o poeta ou o auctor dramatico que fixem definitivamente as resultantes moraes d'esta convulsão tremenda, cujos episodios inspirarão a arte de ámanhã, mas cujo caracter verdadeiro só após o largo periodo apontado poderá ser examinado com verdade, quando a pacificação dos espiritos e dos corações se tiver feito naturalmente.*

Concordo em absoluto com o que diz Augusto de Castro. Simplesmente o que creio é que essa arte de ámanhã, arte de paixão e portanto arte inferior, ha de ser muito superior em nobreza, em sinceridade e em fé áquella arte de hontem, que viamos passar por esses palcos, illuminada de talento é certo, mas desconsoladora pelo seu scepticismo, pelo seu impulso dissolvente, pela sua negação de verdadeiras bases moraes das sociedades contemporaneas. Um dia virá o poema definitivo. Até lá preparal-o-hão obras sãs, dignas e honestas.

Diz mais Augusto de Castro que o renovamento a que alludi não se fará por nós e para nós. Infelizmente assim é. Estamos tão longe das fontes da futura inspiração, tão longe do soffrimento que dignifica e havemos de ficar tão affastados da grande e bella hora da Victoria, perante a qual todos que teem uma penna na mão sentirão a necessidade de acompanhar a grandeza do momento. Talvez, como o nosso theatro é quasi sempre um theatro de pasticho, venhamos por imitação a sentir a influencia do novo theatro francez. Deus queira que, ao menos, tal succeda e digo-o sem desprimor para nenhum dos auctores portuguezes e muito menos para quem escreveu o Amor á antiga, *uma das comedias mais caracterisadamente nacionaes do nosso minusculo reportorio.*

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Os quadros do 2.º acto da revista *Não desfazendo...*, em ensaios no Politeama, teem os titulos seguintes: 1.º, *O sagrado cinhatico;* 2.º, *No andar da rua;* *A hora gloriosa* (apotheose). Os scenarios da peça são de Augusto Pina, Julio Machado e Amoros y Blanco. O guarda-roupa é da casa Cruz.

● Ao que parece, não se realisa a *tournée* Angela Pinto-Duque-Gaby, que estava planeada para o Brazil.

● A *tournée* Chaby encontra-se em Montemór-o-Novo. A de Mendonça de Carvalho deve começar na segunda quinzena d'este mez o seu regresso pelas praias.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

MUSICA

"Canção da Rocha,,

Original, lettra e musica, do sr. Jayme de Padua Franco, que a offereceu á commissão executiva do Congresso regional algarvio. *Canção da Rocha* é um himno á linda Praia da Rocha, destinando-se o producto da sua venda a custear as despezas que porventura haja a fazer.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Maria Germana Ferreira Basbas d'Oliveira, cujo funeral terá logar ámanhã, pelas 16 horas, da sua residencia, rua do Garcia da Horta, 35-A, 2.º, para o cemiterio dos Prazeres.

A população de Portugal

Ha 5.960:056 habitantes, sendo o numero de mulheres superior ao dos homens em 302:674

A direcção geral de estatistica continúa produzindo interessantissimos trabalhos. Ainda ha poucos dias publicava curiosas notas sobre o imposto do real de agua, de onde se podiam deduzir interessantes conclusões que o limitado espaço d'este jornal não nos permittiu formular, e já hoje nos apparece um outro trabalho, não menos curioso, acerca do desenvolvimento comparado da população de Portugal, por decennios, desde 1890 a 1910, e do desenvolvimento de toda a população da Europa atravez do mesmo periodo.

D'esta ultima, o augmento médio durante aquelles vinte annos foi de cerca de 250 por 1.000, ou seja 12,5 por 1.000 e por anno. N'esse periodo a população de Portugal augmentou 8,6 por 1.000, approximando-se do augmento que tiveram as populações da Austria-Hungria, da Islandia, da Escocia e da Noruega. Tiveram inferior augmento as populações da Suecia, da Italia, da Hespanha, de Andorra, do Luxemburgo, da França, de Gibraltar, de S. Marino e da Irlanda; todas as outras soffreram augmentos superiores ao da nossa.

Comparando o periodo do primeiro decennio com o do segundo observa-se que o crescimento médio annual em toda a Europa foi maior n'este do que n'aquelle, differindo em 5,2 por 1.000; dos paizes onde mais augmentou o crescimento da população destacam-se trez: França, Russia e Irlanda.

O primeiro levantou o seu augmento medio annual de 0,3 por 1000, de 1890 a 1900, a uma cifra dez vezes superior, 3 por 1000, no segundo decennio. Embora fique ainda muito affastada da cifra do augmento medio na Europa, representa, no emtanto, um esforço colossal que se póde attribuir á sua politica caracterisadamente republicana, liberal, de 1900 para cá.

A Russia, que viu no primeiro decennio augmentar a sua população 9,5 por 1000, passou no decennio immediato a ver esse augmento elevado a 21,5 por 1000. A mudança do regimen politico não deve ser estranha a este phenomeno.

Finalmente a Irlanda revela-nos uma tendencia da mesma natureza: de 1890 a 1900 a sua população diminuira 5,2 por 1000 e por anno, mas no decennio immediato já a diminuição foi apenas de 1,5 por 1000. Consequencia provavel da nova politica de Londres para com a Irlanda.

Ve-se pois que á medida que a liberdade se affirma n'um povo a população vae augmentando. Este phenomeno é a consequencia de uma regra natural que a observação estabeleceu: os animaes captivos reproduzem-se menos do que em liberdade. Com o homem succede o mesmo.

A França, sob a reacção, a Russia escrava, a Irlanda esmagada viam as suas populações quasi estagnantes, quando não diminuidas. Emancipada a primeira, desoprimidas as segundas, as populações começaram immediatamente a crescer.

Se compararmos ainda as populações dos dois imperios centraes onde predomina o despotismo, mais ou menos disfarçado, com as dos paizes agora alliados na guerra contra elles, vemos que nos ultimos vinte annos o augmento medio da população d'estes ultimos é representado, annualmente, por 16,6 em 1000, ao passo que o augmento medio na população da Allemanha e da Austria foi apenas de 11,9 por 1.000, isto é menos 4,7 do que entre os alliados.

***

Occupando-nos exclusivamente de Portugal, vemos que a zona sul é a mais feliz; de 1900 a 1911 o augmento da sua população foi quasi duplo do da zona noroeste, e excedeu muito o dobro da zona nordeste. Considerando os archipelagos dos Açores e da Madeira, nota-se no primeiro um franco decrescimento da população, e no segundo uma diminuição ligeira.

No Alemtejo (é que vae em decidido progresso a população; tendo augmentado de 1864 a 1874, por anno e por milhar, 4,5, esse augmento subiu em 1878 a 1890 a 8,9, e de 1900 a 1911 galgou a 14,5. E' de todas as provincias aquella em que mais tem augmentado a população, e dos seus districtos é o de Beja o que para isso mais tem concorrido, seguindo-se-lhe o de Evora e por ultimo o de Portalegre.

A população da Extremadura teve um augmento quasi egual ao do Alemtejo; de 1900 a 1911 teve o augmento de 13,5, notando-se principalmente no districto de Lisboa.

A provincia de Traz-os-Montes é a mais desgraçada das provincias do continente portuguez; o augmento da sua população vem decrescendo desde 1890, dando-nos agora apenas 2,2 por 1:000.

Estudando o augmento manifesto da população portugueza vê-se que não é egual para os dois sexos; o feminino vem augmentando de decennio para decennio. Assim, em 1890-91 havia, n'uma população total de 5.049:729, mais 189:051 mulheres do que homens; em 1900-901 na população total de 5.423:132 a differença a favor das mulheres subia a 239:932; e em 1910-11, na população total de 5.960:056, attingia a cifra de 302:674.

Este phenomeno em um paiz onde a educação da mulher é tão deficiente, principalmente sob o ponto de vista pratico, sendo poucas as que pelo seu trabalho podem ganhar o necessario para se manterem, explica em parte a difficuldade da vida nas classes menos abastadas, porque todas estas mulheres veem sobrecarregar os chefes das familias a que pertencem, consumindo apenas, e pouco ou nada produzindo em compensação do que consomem.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Classe dos calceteiros

Esta Associação acaba de pôr em exposição, na papelaria Guedes, da rua do Ouro, 76 a 80, o seu diploma do premio de 500$00, pela experiencia de pavimento de ruas, que fez na rua do Alecrim, proximo á rua do Ferregial.

Associação do Registo Civil

Para os fins indicados na primeira convocação, são convidados a reunir em assembleia geral, na séde social, os associados. A reunião, que se effectuará com qualquer numero, conforme o § 1.º do artigo 16.º, realisar-se-ha no dia 10 ás 21 horas.

✝

D. Maria Germana Ferreira
Barbas d'Oliveira
FALLECEU
R. I. P.

João Braz d'Oliveira, sua mulher e filhos; Alfredo Arthur d'Oliveira, sua mulher e filhos; Beatriz de Oliveira de Mattos Sequeira, seu marido e filhos; Leopoldina Moreira de Oliveira, seus filhos e netos participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento da sua boa mãe, avó, bisavó, cunhada e tia, e que o seu funeral terá logar no dia 5 de agosto, ás 4 horas, sahindo o prestito da R. de Garcia da Orta, 35-H, 2.º, para o cemiterio dos Prazeres.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 3.—Segundo nos informam vão começar por estes dias as obras destinadas a livrar a cidade baixa das impertinentes inundações do Mondego. Louvores a quem se tem empenhado para a realisação d'esta obra, uma das maiores necessidades de Coimbra.

—Já foi assignada a escriptura da cedencia de 300 metros quadrados de terreno da cerca do quartel de infantaria 23 feita á camara municipal para que possa ser ampliada a alameda do Jardim Botanico.

—Foi submettido á approvação superior o projecto e orçamento das obras de reparação a fazer no claustro do convento de Santa Clara, que ameaça ruina imminente, as quaes estão calculadas em 5:120$00.

—Pelo commissario da policia civica sr. capitão Luiz Matta, acaba de ser creado um posto policial em Santa Clara, estando elle no proposito de crear brevemente outro em Santo Antonio dos Olivaes, a fim de evitar as constantes desordens que se dão n'estes bairros.

—Foi eliminada da matricula de fabricante de farinhas a Nova Companhia Nacional de Moagens, proprietaria da fabrica de massas da Estrella, installada no Porto dos Bentos.

FIGUEIRA DA FOZ, 3.—Na noite de 30 para 31 do passado mez, os gatunos roubaram varios objectos de prata e ouro das capellas do Alqueidão e Barra, ambas da freguezia do Paião. O sr. administrador do concelho procede a averiguações, prevenindo já as ourivesarias, casas de penhores, etc. Os roubos são avaliados em 150$00.

—A Figueira continua sem policia e a guarda republicana que o sr. governador civil havia promettido ao sr. administrador do concelho tambem ainda não chegou. Isto como está é que não póde nem deve continuar. Todos os annos, n'esta epocha, vinham para aqui nada menos de vinte guardas commandados por um chefe; pois este anno estamos reduzidos a dois vigias municipaes, um de chanfalho á cinta e outro de vardasca na mão!

Urge que providencias sejam dadas de fórma a que a Figueira seja policiada como se torna indispensavel.

—Continuam chegando muitas familias banhistas, havendo já alguma difficuldade em obter uma casa no Bairro Novo, porque quasi tudo se acha arrendado para este mez e o que vem.

—Actualmente estão aqui a funccionar nada menos de 7 casas de recreio com boa musica, animatographo, variedades, etc.

—Na praia foi já aberto um posto de soccorro da delegação da Cruz Vermelha d'esta cidade.

PEQUENAS NOTICIAS

N'um pequeno opusculo, de fórma a ser utilisado rapida e praticamente, publicou o guarda livros sr. Barbosa Ludovice uma «Tabella de preços do trigo nacional (molle e rijo)», que se recommenda pela correcção com que está feita, o que não é de admirar attenta a proficiencia do auctor.

Movimento maritimo

Archipelago dos Açores «Funchal»...	5
R. J. S.os, e R. da P., «A. S. Lamornaix»	5
Gibraltar e Barcelona «Roma» (N. Y.)	6
Vigo e Liverpool, «Douro» (Brazil).....	6

o seu objectivo. O inimigo estava, na realidade, da floresta de Houthulst, ameaçando a sua esquerda, mas não era o facto de ter sido ordenado a De Mitry, ao que parece por Joffre, que retirasse com a sua cavallaria para além do canal Yperlee-Yser, que obrigaria sir Douglas a suspender o seu avanço. Esse movimento de recuo de De Mitry era segundo todas as apparencias devido á impressão que ao commandante em chefe dos alliados haviam produzido os desesperados esforços dos allemães para penetrarem na reintrancia do Yser e atravessarem o canal em Dixmude e entre Dixmude e o forte de Knocke.

A 42.ª divisão franceza não chegára ainda a Furnes e as unicas reservas de que o generalissimo Joffre se podia servir na batalha do Yser eram o 16.º de caçadores e a cavallaria africana que estava acampada proximo de Loo.

O primeiro corpo, apoiado pelos territoriaes do general Bidon, occupou a linha Bixschoote-Langemarck-St. Julien-Zonnebeke. A' sua esquerda estava o 23.º allemão, no centro o 26.º corpo.

Entretanto, o 27.º corpo tinha recebido ordem de avançar contra a 7.ª divisão de infantaria. A 22.ª brigada de infantaria, commandada pelo general Lawford, era atacada por essas tropas frescas com grande ardor. O seu flanco esquerdo, proximo de Zonnebeke, estava em grande perigo e Byng mandou a 7.ª brigada de cavallaria em seu auxilio.

Assim reforçado, Lawford conseguiu manter-se em roda de Zonnebeke.

Ao sul, entre Zonnebeke e Zandwoorde, a 21.ª e a 20.ª brigada de infantaria estavam resistindo aos esforços dos allemães que das proximidades de Becelaere queriam alcançar a orla dos bosques a leste de Ypres. Tendo receios do formidavel ataque á 7.ª divisão de infantaria, sir Douglas Haig ordenára ás suas reservas que se mantivessem nos outeiros a nordeste de Ypres.

Como dizemos, Byng tivera de reforçar com a sua 7.ª brigada a esquerda da 7.ª divisão de infantaria em roda de Zonnebeke. A' 1 hora e meia da tarde vieram dizer-lhe que a esquerda da divisão de cavallaria do general Gouth—a 2.ª—havia sido rôta ao sul de Zandwoorde. Byng mandou immediatamente a sua 6.ª brigada tapar a abertura; ella avançou e occupou as passagens do canal Comines-Ypres, ao norte de Hollebeke.

Mr. Dumaine, embaixador da França em Vienna

A' tarde, a brigada pôz-se em movimento, para a esquerda entre Zandwoorde e o canal, proximo de Château de Hollebeke; a 7.ª brigada de cavallaria, que tinha sido rendida em Zonnebeke por batalhões do primeiro corpo, avançou para oeste do canal e ficou ao oeste de Hollebeke em St. Eloi e Voormezeele.

O modo como sir John French e os seus subordinados n'esse dia empregaram a cavallaria foi não menos magistral do que já o havia sido durante a retirada de Mons. As lições que sir French havia recebido em Colesberg não haviam sido esquecidas.

Ao pôr do sol, a 2.ª divisão de cavallaria, que ás quatro horas da tarde havia sido atacada violentamente, estava disposta entre Messines e Hollebeke.

cipalmente na consideração de que sir Douglas «provavelmente não teria a oppôr-se-lhe ao norte de Ypres mais que o 3.º corpo de reserva e uma ou duas divisões de reserva». A ideia dirigente era pôr em movimento a esquerda dos exercitos alliados para a margem norte do Lys de Frelinghien a Ghent.

A cavallaria de De Mitry operaria na ala esquerda do 1.º corpo, a cavallaria de Byng na direita de Haig. A 7.ª divisão de infantaria, segundo as circumstancias, ou permaneceria na defensiva em roda dos bosques a leste de Ypres ou apoiaria o avanço para o norte.

O corpo de cavallaria de Zandvoorde ao bosque de Ploegsteert e o terceiro corpo de Le Gheir atravez do Lys para a elevação Radinghem-Giveuchy, o corpo de cavallaria de Conneau e o segundo corpo — este sob o commando de Smith-Dorrien—tinham ordem de permanecer na defensiva.

Sir John French diz:

«Tinha plena consciencia da difficultosa tarefa que tinhamos deante de nós e do papel que o exercito britannico era chamado a desempenhar... Nunca tarefa mais ardua coube a soldados britanicos; e na sua esplendida historia não ha exemplo de terem correspondido tão magnificamente ao desesperado appello que a necessidade lhes fazia dirigir».

Sir John French põe em relevo as qualidades das tropas britannicas; contava com que se sir Douglas Haig pudesse fazer penetrar o seu corpo d'exercito entre os do duque de Wurtemberg e do principe real da Baviera, seria rapidamente reforçado por tropas francezas. Mais tarde, deve mencionar-se, os francezes transportaram em automoveis uns 70.000 homens para a região de Ypres.

Sir Douglas Haig não poude executar as instrucções do generalissimo inglez. A noticia de que a força expedicionaria britannica com o pequeno exercito do general d'Urbal estava tentando desalojal-o da linha da costa que havia pouco o kaiser conquistára produziu sobre este o mesmo effeito que a marcha de sir John Moore sobre Burgos fizera em Napoleão em 1808.

O «pequeno exercito» que elle não podia considerar como quantidade com que se contasse devia ser anniquilado e, contando com os disturbios que causaria nas Ilhas Britannicas e fóra da Europa uma victoria decisiva sobre o exercito britannico, o kaiser e o general Falkenhayn resolveram sem hesitação repellir ao norte do Lys toda a força e canhoneal-os o mais possivel. O resultado foi que se tornou impossivel uma offensiva britannica sobre Thourout, Bruges e Ghent.

No dia seguinte, 20 d'outubro, a ala esquerda do primeiro corpo chegou a Elverdinghe, ao sul da ponte de Zuydschoote-Bixchoote sobre o canal Yperlee e na estrada de Ypres para Furnes; o centro atravessou Ypres e a ala direita estendeu-se para além de Zonnebeke até á estrada Westroosebeke-Wervicq. De Elverdinghe as tropas podiam ser rapidamente transportadas ou para a ponte Noordschote sobre o canal Yperlee ou para apoiar os belgas e os marinheiros francezes em Dixmude.

Um official do primeiro corpo que occultou o nome, descreveu em março, no «Blackwood's Magazine», a marcha do seu regimento para Ypres, do seguinte modo:

«Cêrca das dez horas e meia atravessámos a fronteira belga pela segunda vez. Não se póde descrever como foram recebidos pelos habitantes d'essa região os inglezes que por ahi passaram. Se não fôssem as ruinas e devastações que encontravamos dir-se-hia que estavamos no nosso proprio paiz». A's 12,30' o regimento a que esse official estava addido chegava á cidade, onde permaneceu até ás 4,55' da manhã do dia 21. Ypres estava cheia de tropas francezas. Um artilheiro francez que durante o jantar visitou alguns dos officiaes, disse parecer-lhe que todo o exercito allemão estava em frente dos alliados.

Era, ocioso será dizel-o, um exaggero, mas que os allemães estavam em numero muito superior provaram-no os acontecimentos que se seguiram. Antes do primeiro corpo ter podido alcançar a linha de batalha, o duque do Wurtemberg atacou-o rijamente. Não fazendo caso das granadas da flotilha britannica, no dia 20 fez convergir o ataque principalmente ao longo da costa.

De manhã, a herdade de Bamberg foi tomada pelo inimigo; foi retomada pelos belgas, mas ao anoitecer teve de ser abandonada. Todas as aldeias occupadas pelos belgas a leste do Yser cahiram nas mãos dos allemães, que se estavam preparando para atravessar o canal. Canhões pezados tinham sido trazidos para bombardear Dixmude e os marinheiros do contra-almirante Ronarc'h e a brigada belga do general Meyser com difficuldade resistiram aos repetidos e violentos ataques feitos á cidade.

Ao sul de Dixmude o inimigo estabeleceu-se firmemente na floresta de Houthulst e estava-se preparando para atravessar o canal Yperlee.

No triangulo Bixschoote-Westroosebeke-Houthem a lucta havia sido violentissima. A divisão de cavallaria de Byng tomára uma posição defensiva apoiando os francezes entre Westroosebeke e Passchendaele.

O fogo começou cêrca das 8 horas da manhã e foi seguido por um duelo de artilharia que durou até á tarde. Os allemães depois atacaram os francezes e repelliram-nos ao sul e a oeste da estrada Westroosebeke-Wervicq. Parte recuou para baixo da estrada de Westroosebeke-Ypres a Poelcappelle, aldeia em que terminava a principal estrada de Dixmude pela floresta de Houthulst.

Mais tarde, á noite, essas tropas, que haviam sido bombardeadas com violencia em Poelcappelle, tiveram de recuar ainda mais. A sua retirada arrastou a da divisão de cavallaria de Byng, a esquerda da qual recuou para a estrada de Langemarck-Zonnebeke.

Assim, a extremidade oriental do triangulo Bixschoote-Westroosebeke-Houthem havia sido perdida. No lado do triangulo Westroosebeke-Houthem o inimigo, ao mesmo tempo que repellia os alliados para além da estrada de Westroosebeke-Wervicq para os arredores de Zonnebeke, repellia tambem o avanço da 21.ª brigada, do commando do general Watts, para além de Becelaere.

A's 12,30' o general, acompanhado do capitão Drysdale e de um paizano, o sr. Underwood, atravessou essa povoação. «Quando nos dirigiamos para a linha de fogo as granadas choviam sobre a elevação para a qual os Fuzileiros Escocezes, os Wiltshires e os Bedfords estavam avançando».

Era tão intenso o fogo que a secção de metralhadoras foi chamada pelo general, que foi quasi morto por uma granada, embora estivesse n'uma posição mais ou menos abrigada. «Quando davamos volta á egreja, as granadas choviam dentro da aldeia e uma d'ellas arrebatou a arma d'um Wiltshire que estava onde nós estivéramos apenas dois minutos antes». O combate continuou até ás 7 horas e meia da tarde. «A distancia, podiamos vêr Becelaere em chammas, erguendo-se a egreja no meio d'aquelle mar de fogo».

Emquanto a setima divisão de infantaria no eixo dos bosques, entre Zonnebeke por Gheluvelt a Zandvoorde estava resistindo aos allemães que haviam avançado de Courtrai, Menin e Wervicq, o corpo de cavallaria d'ambos os lados abaixo do canal Comines-Ypres e á direita estava fazendo outro esforço para manter a linha do Lys de Wervicq a Pont Rouge, que fica em frente de Le Gheir.

Mas a tentativa falhou e a primeira divisão de cavallaria teve de retirar para a linha St. Yves-Messines-Garde Dieu-Houthem-Kortewilde. Ao anoitecer um corpo inimigo fazia frente ao sopé sudeste da elevação de Mont-des-Cats e outros corpos estavam avançando pelas estradas de Warneton para St. Eloi e de Comines para Hollebeke.

Os postos avançados da 12.ª brigada da 4.ª divisão do terceiro corpo haviam sido forçados a retirar entre o bosque de Ploegsteert e o Lys, e ao anoitecer era evidente que o inimigo se estava preparando para atacar Le Gheir e o bosque. Estando Le Gheir em poder dos allemães, a direita da primiera divisão de cavallaria em St. Yves podia ser envolvida.

Ao sul do Lys os allemães vindos de Lille estavam batendo no dia 20 a linha da infantaria ingleza e a cavallaria franceza obrigando-a a recuar do oeste de Frelinghien para Givenchy. O objectivo dos allemães era recuperar Armentières e a elevação Radinghem-Givenchy.

Um soldado inglez ferido n'esse dia nas trincheiras perto de Armentières contou a um correspondente do «Times» que, ao romper do dia, um terrivel fogo fôra aberto sobre a trincheira em que estava a sua companhia. O inimigo conseguira approximar-se, favorecido pela escuridão da noite, da direita da linha. Uma bala destruiu a coronha da espingarda d'esse soldado, uma outra feriu-o na cabeça.

Os homens nas trincheiras estavam desabrigados e o inimigo atacou-os á baioneta. Renderam-se, mas amigos e inimigos foram durante quatro horas bombardeados pela artilharia d'ambos os lados. Então a trincheira foi retomada pelos inglezes e os allemães feitos prisioneiros.

Ao sul de Radinghem, e a uns cinco kilometros e meio a leste de Neuve Chapelle, o segundo corpo havia no dia 20 soffrido um revez. O Real Regimento Irlandez tinha tido muitos prisioneiros em Le Pilly.

Devido aos resultados do combate d'esse dia, aos progressos feitos pelos allemães a leste do Yser, ao seu victorioso avanço no triangulo Bixschoote-Westroosebeke-Houthem, aos seus ataques coroados de exito contra o corpo de cavallaria e o terceiro corpo entre Houthem e o bosque de Ploegsteert e a retomada de Le Pilly, o plano formado por sir John French para cortar o exercito do duque de Wurtemberg do do principe real da Baviera não era viavel. Comtudo, o primeiro corpo e a divisão de Lahore puderam recuperar o terreno perdido no dia 20. O general Joffre chegára á Flandres e no dia 21 teve uma entrevista com o generalissimo inglez.

Joffre asegurou a sir John French que o 9.º corpo d'exercito francez estava a caminho para Ypres e que mais tropas francezas viriam em seguida. O generalissimo francez mostrava-se confiante no resultado. Disse ao generalissimo inglez que era sua intenção atacar no dia 24 os allemães e repellil-os para leste.

No dia 21, os allemães mais uma vez atacaram a linha dos alliados.

Atravessaram o canal do Yser e tentaram tomar Schoorebakke, uma das posições vulneraveis do centro dos belgas. Foram repellidos, deixando atraz das suas linhas grande numero de mortos e feridos. Dixmude foi furiosamente bombardeada pelos canhões pezados e nada menos de oito assaltos foram dados pelo duque de Wurtemberg contra a cidade tão valorosamente defendida pelos marinheiros francezes e pelos belgas. Ao cahir da noite, o Yser, ao sul de Dixmude, havia sido atravessado por pouco tempo pelo inimigo, em virtude de se não poder manter na margem occidental.

Mais ao sul, norte e leste de Ypres, eram os alliados quem primeiro haviam atacado. Com a cavallaria de De Mitry e os territoriaes de Bidon á sua esquerda e a cavallaria de Byng á sua direita, sir Douglas Haig tinha levado o primeiro corpo para retomar Poelcappelle e Passchendaele, assim como o terreno entre essas duas povoações.

O ataque foi um tanto demorado, devido a estarem as estradas cortadas, em parte, mas progrediu favoravelmente apezar da grande opposição encontrada, tendo muitas vezes de recorrer ao emprego da baioneta.

O 26.º corpo de reserva em roda de Passchendaele replicou com um violento contra-ataque, que foi repellido com grandes perdas, e pelas 2 horas da manhã pareceu a sir Douglas Haig que poderia conseguir

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1796 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 5 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Boa orientação

Desde a implantação da Republica realizaram-se duas eleições presidenciaes. A terceira efectua-se ámanhã. E' oportuno relembrar a caracteristica politica que estas eleições revestem.

A primeira eleição deu o seguinte resultado: Manuel de Arriaga, 121 votos; Bernardino Machado, 86; Duarte Leite, 4, Magalhães Lima, 1; Alves da Veiga, 1. Como se vê, não entrou nas urnas uma unica lista em que não estivesse inscripto um grande nome da Republica, aureolado por importantes serviços na propaganda. Ainda então se não haviam constituido as agremiações partidarias que depois surgiram. Havia, é certo, as correntes em que esses partidos se originaram, mas o suffragio expresso pelos representantes da nação indicava sobretudo o desejo de que o supremo magistrado do paiz reunisse as qualidades de ser um grande republicano e a de garantir uma alta independencia perante as diversas forças da democracia portugueza.

Com a renuncia do snr. Manuel de Arriaga, apoz o 14 de maio, forçoso se tornou recorrer a uma nova eleição presidencial. Ninguem ignora as circunstancias excepcionaes em que ella se realizou. Não compareceu no Congresso um partido politico n'ella representado; outro absteve-se de tomar parte na eleição. Mas o partido que representava a maioria parlamentar não deixou de pautar a sua conducta pela orientação a que alludimos. Não pensou sequer em eleger um presidente exclusivamente partidario. Compenetrado das superiores necessidades do paiz, da importancia especial da missão a desempenhar, esse partido escolheu para presidir aos destinos da nação um grande e velho republicano dos tempos da propaganda, o snr. Teophilo Braga, por todos reconhecido como incapaz de qualquer acto de parcialidade no exercicio das suas funcções.

A' terceira eleição proceder-se-ha amanhã. E' interessante notar que os nomes que apparecem como candidatos á presidencia pertencem ao numero dos que já foram como taes votados. Um d'elles é o do sr. Bernardino Machado; outro o do sr. Duarte Leite. Apparece tambem o do sr. Guerra Junqueiro. São todos grandes vultos da Republica, que se affirmam como não filiados em partido algum. Appareceu apenas um nome novo, o do sr. Correia Barreto, significando um estricto criterio partidario. Mas as resoluções do seu partido, já conhecidas, provam que esse criterio, mal esboçado, foi posto de parte em virtude de mais elevadas considerações patrioticas.

Assim, pois, a Republica affirma continuar no proposito de ser dirigida por homens cuja larga tradição republicana deve garantir a genuinidade dos seus principios, e ao mesmo tempo que ella é para todos os republicanos e para toda a nação. Assim o entenderam os homens do primeiro Congresso Nacional, assim o entendem os do segundo. Assim o entende e o quer o paiz inteiro.

Ha nomes que são brazões. A Republica tem os seus. Aquelle que os seus representantes escolherem para o consagrarem com o seu suffragio, como viva encarnação da Republica, será ámanhã o chefe da nação inteira. Assim succedeu com a eleição do primeiro presidente da Republica; assim succedeu com a eleição do segundo presidente, o actual. Ninguem poz nem podia pôr em duvida a legitimidade da sua eleição, porque fazel-o seria uma rebeldia contra a Constituição, seria uma affronta á soberania popular exercida pelos seus orgãos legitimos.

Normalmente, serenamente, legalmente, a Republica Portugueza segue o seu caminho.

Poeira da Arcada

Alguns parlamentares, quando falam, empolam-se no phraseado, marcando os periodos com uma rara solemnidade, que seria academica se porventura tivessem um pedacinho de erudição e pompa estilistica. Cultivam assim uma oratoria demasiado banal para ser distincta e bastante confusa para ser clara. A's vezes o suor cobre-lhes a fronte, o que só prova que até no vacuo um homem póde sentir-se mal.

***

Mais um que se deixou vencer do somno, num banco do jardim de Santos, e que, ao despertar, se achou sem relogio, sem corrente e sem carteira com o seu recheio. Apresentou queixa á policia. Não devia fazer tal, mas sim calar-se muito bem calado, porque uma das maiores infecções da cidade são precisamente os sugeitos que adormecem e ressonam ao acaso, como se não tivessem albergue. Tal relaxação esperamos que os larapios se encarreguem de a ir corrigindo. Apenas se torne bem patente que as sonnecas sob as olaias provocam as cubiças da sagacidade e gilante, os bancos dos passeios deixarão de ser o refugio diurno e nocturno dos que ainda supõem que vivemos no Paraizo.

O cidadão de uma democracia deve ser desconfiado, pouco poeta e muito astuto na defesa da sua pessoa e bens. Quem assim não fôr inspira-se certamente numa philosophia própria para alimentar parasitas e bohémios.

***

O general von der Goltz disse que os ingleses nunca seriam bons soldados, porque os exércitos não se improvisam. Os factos deram-lhe o necessário desmentido. Os ingleses formam uma milicia de primeira ordem. Nos campos de batalha, a sua educação sportiva torna-os temiveis. E talvez um dia que não virá longe elles possam dizer dos allemães:—«Seriam invenciveis se não se julgassem os melhores soldados do mundo».

Pelos exercitos alliados!

Foi expedido, como hontem dissemos, o telegramma de saudação aos exercitos alliados, dirigido ao presidente do conselho de ministros francez, sr. Viviani.

Para a sua expedição havia sido entregue na nossa redacção, pelo sr. dr. João de Barros, illustre escriptor e director geral de instrucção primaria, a quantia de 26$70, da qual sobraram 3$75, pois o custo do telegramma foi de 22$95.

Entendeu o sr. dr. João de Barros que essa quantia devia reverter a favor de qualquer obra de beneficencia. Nenhuma melhor, pois, que a de soccorros a feridos da Cruz Vermelha, pelo que hoje mesmo foi entregue a essa Sociedade a referida quantia de 3$75, conforme o recibo que publicamos e que é do theor seguinte:

Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha—Subscripção patriotica—Recebi da ex.ma empreza do jornal *A Capital* a quantia de trez escudos e setenta e cinco centavos que sobrou da importancia de 26$70 que foi entregue na mesma redacção com o fim de ser expedido um telegrama de saudação aos exercitos alliados, sendo aquella quantia entregue a esta Sociedade por deliberação do ex.mo sr. dr. João de Barros.—Lisboa, 5 de agosto de 1915. Pela Sociedade da Cruz Vermelha o tesoureiro, José Romão de Mattos.

Migalhas

Vergonhas

Urge pôr cobro por todos os meios ao que se está passando cada dia nas ruas de Lisboa. Lê-se a miude nos jornaes que, tendo a policia procedido á captura de qualquer meliante, logo o povoléo intervem, interpretando como abuso a conducta da auctoridade e pretendendo, em desrespeito da força publica, soltar os presos. Hontem, a proposito da prisão d'um senhor «Jacques», gatuno e desertor, especialista em evasões movimentadas, esteve o sitio da Graça em estado de idem. Como não bastasse uma escolta de cabo para conduzir o meliante, foi reforçada com uma força de engenheiros commandada por um sargento. Pois não bastou. Para suster a populaça, que queria á viva força libertar o gatuno, em que via um mancebo infeliz violentado pela policia, teve que acudir um poletão de infantaria do commando de official. Se o trajecto fosse maior, teria sido necessario fazer sahir a guarnição em peso, secundada pela divisão naval e pela guarda republicana no seu maior effectivo.

Ha que acudir quanto antes a este estado de espirito, que não vem de agora, e cada dia se vae aggravando mais. Urge remodelar a policia, prestigiando-a e dando-lhe força, castigar rapida, severa e ostensivamente os que a desacatarem e principalmente é indispensavel cuidar dos meios necessarios para se fazer uma limpeza d'essa escumalha que enxameia Lisboa, cada vez mais atrevida e provocadora, que explora como lhe convem a indisciplina latente. Ha milhares de individuos com cadastro que estão pedindo como pão para a bocca a remoção para colonias agricolas penaes que se criem nas nossas colonias. Urge tambem que cesse a benevolencia extrema das estancias judiciaes onde esses melcatrefes encontram toda a protecção. E' urgente, em resumo, que Lisboa se torne habitavel para a gente de bem.

André Brun.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

NA VESPERA DA ELEIÇÃO

Palavras do sr. dr. Bernardino Machado

E' preciso estabelecer na Republica um largo periodo de paz

Como tinhamos previsto, o partido republicano portuguez escolheu o sr. dr. Bernardino Machado para seu candidato á presidencia da Republica, o que tanto equivale a dizer que s. ex.ª será ámanhã eleito pela grande maioria dos representantes da nação para essa suprema magistratura. O seu passado é garantia bastante de qual será a sua acção no desempenho de tão alto e melindroso cargo. Ninguem duvida de que o sr. dr. Bernardino Machado ha-de ser o interprete fiel e justo dos sentimentos da alma portugueza, guiando-se inflexivelmente, inabalavelmente, pelos dictames da Constituição. Será bem «the right man in the right place», continuando na presidencia da Republica a exercer o mesmo apostolado de tantos annos em prol de todas as ideias de liberdade, de bondade, de solidariedade humana.

Falámos-lhe hoje, pelo prazer de o ouvirmos após o reconhecimento parlamentar da sua candidatura, e ainda pelo natural interesse de communicarmos aos leitores d'*A Capital* as suas primeiras palavras sobre a obra patriotica em que vae empenhar-se todo o seu esforço, toda a sua intelligencia poderosissima, toda a sua excepcional tenacidade.

—Eu julgo, disse-nos s. ex.ª, que é preciso estabelecer na nossa querida Patria um largo periodo de paz. O encarniçamento das luctas politicas tem prejudicado a marcha progressiva da Republica, creando embaraços que é preciso affastar com o concurso de todos. E ninguem se recusará, estou certo, a cooperar em tão patrioticos designios. Impõe-se a approximação dos homens, tanto quanto é possivel realisal-a, para que a paz seja productiva e duradoura.

«Na ancia de se trabalhar por um Portugal maior, digno do esplendor das nossas tradições e glorias passadas, ninguem deve esquecer-se de que por esse mundo fóra estão espalhados milhares e milhares de nossos compatriotas, que se lembram carinhosamente da sua terra. Veja, por exemplo, a colonia do Brazil, tão devotada ao engrandecimento de Portugal. Devemos estreitar as relações com todos esses nucleos de portuguezes, n'uma communhão espiritual que não exclua a solidariedade de interesses mutuos. Esse deve ser o grande objectivo a realisar-se.

«Escuso dizer-lhe que a minha acção, quanto á politica interna, nunca se fará sentir pelo arbitrio pessoal; nunca pensarei inclinar-me para um partido contra qualquer outro. Observarei sempre escrupulosamente esses melindres, mórmente quando se tratar de attribuições que me digam exclusivamente respeito. Serenadas as luctas politicas, estabelecida solidamente a paz, os governos da Republica não deixarão de se occupar com mais afinco do desenvolvimento economico do paiz, interessando-se por medidas de fomento que completem a obra de reconstituição financeira já realisada. E deixe-me dizer-lhe, para terminar, que Portugal deve apparecer sempre, aos olhos do mundo, ao lado da Inglaterra, a sua alliada de tantos seculos.

Foram essas as palavras que ouvimos hoje ao sr. dr. Bernardino Machado, pela reproducção que a nossa memoria poude fazer da curta palestra. Ellas resumem todo um vasto programma de realisações patrioticas e republicanas de que s. ex.ª, como chefe do Estado, será o inspirador.

A miseria das estradas

Valerá a pena-se fazer propaganda de turismo em Portugal?

A aria do turismo tem sido glosada em todos os tons, e não ha certamente niguem que hoje não esteja perfeitamente convencido dos altissimos beneficios que o desenvolvimente ninguem que hoje não esteja nosso paiz. E' pois utilissimo que reclamemos o nosso céu, o nosso sol, a nossa paisagem com um carinho egual ao dos suissos quando nos falam das suas montanhas ou dos noruegueses quando nos descrevem os seus «fjords». Mas valerá porventura a pena encarecermos tanto estas coisas, seduzindo e attrahindo o forasteiro, se por outro lado sabemos que a maior parte das estradas em Portugal se encontra positivamente intransitavel, e se para varios pontos nem ao menos ha estradas construidas?

Ninguem ignora que sem automobilismo não ha turismo e sem estradas é impossivel pensar-se em automobilismo. Pois bem: querem um exemplo frisante?

Ha 25 dias que se encontram interrompidas as communicações automobilistas com o norte da Covilhã, em consequencia do novo processo de britagem do «macadam», que consiste em occupar o leito da estrada com uma camada de pedra a toda a largura. Quer dizer: as estradas estão más, e o «chauffeur» tem de fazer prodigios de pericia para conduzir por ellas o seu automovel; reparam-se as estradas, e a circulação interrompe-se por completo.

Na Covilhã ha trinta automoveis parados por causa das reparações das estradas; é portanto uma industria que paga as suas contribuições ao Estado e que se encontra impossibilitada de exercicio.

Mas haveria meio de evitar-se este inconveniente?

Sem duvida. Bastava que se seguisse o processo de todos os paizes civilisados: reparar o leito das estradas por duas vezes, primeiro até meio da largura, e depois a faixa lateral restante. E' assim que se faz quando se quer evitar prejuisos no publico, como é natural e absolutamente justo.

EM THOMAR

A cobrança do imposto de viação

Receio de graves conflictos

Um telegramma que acabamos de receber de Thomar pede-nos para sermos intermediarios junto do sr. ministro das finanças a fim d'elle intervir no que se está passando n'aquella cidade. Trata-se da cobrança do imposto de viação, que, diz esse telegramma, está sendo feita d'uma fórma escandalosa e arbitraria.

Mais de seiscentas pessoas teem essa contribuição relaxada por culpa da repartição de finanças, visto o desmazello havido em se não distribuirem a tempo os competentes avisos de que o cofre se achava aberto para seu recebimento.

A indignação na cidade é grande, receiando-se que haja conflictos graves.

Estamos certos de que o sr. Victorino Guimarães se apressará a dar providencias, mandando inquirir da verdade dos factos.

Noticias parlamentares

Este anno não se repetirá aquele debate costumado sobre os operarios sem trabalho que ha uns poucos de annos era parte obrigatoria ao discutir-se o orçamento do ministerio do fomento. Ao que consta, o relator, sr. Lima Bastos, mantem a verba de 400 contos destinada á reparação de edificios publicos, a qual não será por tal motivo augmentada ou diminuida pela camara, não obstante haver quem a julgue insufficiente.

***

No principio da proxima semana, segundo corria esta tarde pelo Parlamento, devem entrar em discussão, na Camara dos deputados, os projectos referentes á questão vinicola. Os que defendem e os que atacam o projecto do governo aprestam-se para entrar na liça com desusado vigor, sendo de crer que o debate se prolongue por um periodo que não poderá ser nunca inferior a oito dias. Fala-se n'uma grande manifestação de viticultores do centro e do sul, feita junto do Parlamento, no dia em que a discussão principiar.

***

Apesar de marcada para a hora habitual, não se realisou a sessão dos deputados que devia effectuar-se antes da reunião conjuncta das duas camaras. A's trez horas havia presentes, quando muito, vinte deputados. Estando na ordem do dia o regimen cerealifero, esta cabula legislativa é para estranhar. Entretanto, os srs. legisladores dispõem-se a ganhar o tempo perdido realisando sessão á noite.

***

No seu parecer sobre o orçamento do ministerio da guerra o sr. Helder Ribeiro, que é o relator, attribue ao facto de não se terem realisado o anno passado escolas de repetição os maiores maleficios e diz que seria curioso estudar detalhadamente a influencia que esse facto devia ter tido nas tropas que n'esse anno e começo do corrente foi preciso enviar para a Africa. Sobre este thema o sr. Helder Ribeiro faz ainda outras judiciosas considerações, que a seu tempo se tornarão conhecidas.

***

No parecer do orçamento dos estrangeiros propõe-se, além do mais a que se tem feito referencia, que os vencimentos dos funccionarios d'esse ministerio sejam equiparados aos do ministerio das finanças. Essa proposta importa um augmento de despeza na importancia de 4.738 escudos, que sahirá das receitas privativas do ministerio, o qual entregará annualmente essa quantia ao Estado.

***

As referencias que o sr. dr. Costa Junior ha dias fez na Camara sobre a questão do peixe deram em resultado ter sido já nomeada uma commissão cujo encargo consiste em estudar a forma de se conseguir que o peixe possa vender-se mais barato. Fazem parte d'essa commissão os srs. Costa Junior e Levy Marques da Costa, deputado Constancio de Oliveira e o sr. Manoel dos Santos, administrador geral das alfandegas. A primeira reunião effectuar-se-ha no proximo sabbado.

Um donativo

O sr. Raymundo Pereira de Magalhães, socio da conceituada firma Borges do Rego, Limitada, da nossa praça, entregou hoje na administração d'*A Capital* a quantia de 25$00, para terem a seguinte applicação: para os pobres protegidos pelo nosso jornal, 5$00; Cosinhas Economicas, 5$00; Asylo dos Cegos, 5$00; Albergaria de Lisboa, 5$00; Tutoria da Infancia, 5$00.

Em nome dos nossos pobres e ainda das instituições contempladas os nossos agradecimentos.

A crise corticeira

A camara de Evora propõe a montagem d'uma fabrica por conta do Estado

Ao ministerio do fomento foi enviada uma representação da camara municipal de Evora expondo a fórma de resolver a crise corticeira, que ameaça lançar na miseria alguns milhares de operarios. Para isso propõe ao governo a montagem em Evora d'uma fabrica de cortiça por conta do Estado com o fim de fornecer cortiça á pequena fabricação.

A fabrica compraria a cortiça ao productor, preparando-a e entregando-a ao pequeno fabricante com o fim de este a transformar em quadros ou rôlhas que seriam entregues ao Armazem Geral e Industrial para este promover as suas collocações por intermedio dos agentes consulares portuguezes no estrangeiro.

A commissão executiva da camara eborense pede, por fim, que lhe seja marcada audiencia para tratar do assumpto com o governo.

Em torno da separação

Padres transgressores — Varias queixas—Um pensionista excommungado

O administrador de Abrantes levantou um auto disciplinar contra o padre João dos Santos, prior de Alvega, por transgredir a lei da separação, indo a cavallo, de habitos talares, ministrar os sacramentos a uma doente cuja residencia dista quatro kilometros da séde do concelho. Consta que o rev. Santos faz alarde de transgredir as disposições da lei.

—O padre pensionista sr. Affonso Pereira de Figueiredo, ao serviço da direcção geral das contribuições e impostos, requereu para ser desligado de vez da obrigação de residir na freguezia do Arneiro, concelho de Mafra, visto ser considerado como fóra do gremio da egreja pelas auctoridades ecclesiasticas.

—O administrador de Torres Vedras participou ao sr. governador civil que o parocho do Turcifal, padre Francisco Xavier de Mello, faz propaganda contra as instituições.

—A junta de parochia de Setubal tambem se queixou do padre José Jacintho das Chagas.

Pelo telegrapho

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 5. — Official.—A leste de Poneviejo os allemães continuam na sua contra-offensiva. No Narew, depois de havermos repellido o inimigo, retirámos, mudando de linha de combate.

No Vistula retirámos livremente da linha de Blonia-Nadarjine para as posições de Varsovia.

O inimigo tentou em vão estender-se pela margem esquerda do Vistula.

Na margem direita do Wieprz o inimigo tentou baldadamente forçar a nossa linha, mas depois de encarniçado combate destroçámos compactas massas de allemães que retiraram em desordem.—(*Havas*).

A actividade pontificia e as difficuldades de Rodin

O celebre esculptor francez Rodin voltou ha pouco de Roma, onde foi chamado por Benedito XV para executar o busto papal. Sob o ponto de vista artistico, não voltou lá muito satisfeito. Eis as suas impressões, reproduzidas por um redactor do «Gaulois»:

—O papa anda muito occupado e tem o tempo absolutamente preso. Trabalha desde manhã até á noite, e por isso só me poude conceder trez sessões, quando eu precisava de doze, pelo menos. De resto, o tempo que destinou para mim era tirado ao seu indispensavel repouso diario, pois, como todos os romanos, costuma dormir a sésta á hora do calor.

«Tive portanto de trabalhar em condições pouco commodas. Tambem não puderam ser longas as minhas conversações com o papa. Elle não pousava nada bem, de fórma que quasi não pude trazer mais do que impressões da sua aliás interessantissima physionomia, de que conservei de memoria muitas feições. Cheguei a Paris ás 7 horas da manhã, e meia hora depois as minhas reminiscencias estavam fixadas no barro. E' possivel que a «maquette» tenha sido feliz, mas não me satisfaz ainda por completo. O sr. Samper, mestre de cerimonias do papa, deu-me esperanças de obter mais nove sessões. Eu é que não voltarei a Roma sem que ellas me tenham sido concedidas.»

Interrogado pelo jornalista sobre as suas impressões do papa, Rodin respondeu:

—Benedicto XV é pequeno de corpo mas deixa uma profunda impressão em quem o vê. Nota-se n'elle o homem de raça, da bella raça italiana. Apesar de ser genovez, faz lembrar um romano. Os seus traços physionomicos são finos e muito puros. A cabeça lembra a de Cesar Augusto, só o nariz é mais adunco. Usa oculos, mas no seu olhar e na mobilidade da sua face domina uma excepcional intelligencia.

EM TORNO DA GUERRA

A Servia de novo preparada

Um capitão bavaro dirigindo a politica germanophila na Grecia

O povo servio dispõe-se a começar a quinta das suas guerras, no lapso de quatro annos. A primeira foi contra a Turquia, a segunda contra a Bulgaria, a terceira contra a Austria, a quarta contra o tipho e a quinta será tambem contra a Austria-Hungria. Tudo está preparado: só falta a indicação das nações alliadas, especialmente Russia ou Italia.

A terceira guerra, sem contar a da Albania, ou seja a da invasão austriaca, terminou, como é sabido, em dezembro. Em doze dias, como é sabido, o territorio servio ficou varrido de inimigos. Os despojos foram copiosos: a artilharia abundante, milhares de espingardas, trens completos de viveres e munições, aeroplanos, automoveis blindados, tudo o que a Servia necessitava para se refazer. De então para cá o material augmentou. Os comboios de Salonica foram chegando quasi diariamente abarrotados de material de guerra, centos de automoveis, fornos de pão e cosinhas de campanha, canhões de todos os calibres, projecteis, armamento de mão, material sanitario, etc.

A quarta guerra, isto é a do tipho, custou á Servia 30.000 soldados. A população civil tambem lhe pagou enorme tributo. Só uma cidade, Savatz, viu reduzido o seu censo de 32.000 habitantes a uma terça parte. Egualmente a uma terça parte ficou reduzido o corpo medico do reino. Graças á França, á Russia e aos Estados Unidos, a sciencia poude completar a sua tarefa e a estas horas a sua victoria é completa.

O generalissimo em Kragujevatch e o ministro da guerra em Nish não teem descançado um instante na reorganisação do exercito servio, que hoje conta 230.000 homens perfeitamente equipados para emprehender novas operações.

O material de artilharia, além do que existia e do tomado aos austriacos na sua retirada, é novo, aperfeiçoado e abundante. Baterias de grosso calibre que hajam servido nos exercitos alliados só se contam quatro que, com duas servias, completam a nova defeza de Belgrado. Duas d'aquellas são russas e duas francezas.

Que espera a Servia para recomeçar as operações? E' facil presumil-o. Deve operar de combinação com a Russia e com a Italia. Fazer outra coisa seria luctar isoladamente, sem resultados positivos para as suas alliadas. Distrahir forças austriacas para que não reforcem as suas frentes contra a Russia ou contra a Italia, isso já o está fazendo, pois que mantem corpos de exercito ante o Danubio, o Sava e o Drina. A retirada russa dos Carpathos torna improvavel por agora a sua conjuncção com o exercito servio. O contacto e a combinação com as tropas italianas são mais seguros e entram no plano dos respectivos estados maiores. O contacto e a combinação com o exercito romeno entra apenas na ordem das probabilidades. A Servia aguarda apenas um toque de sentido que ha de soar além das suas fronteiras.

No entretanto, muitos dos soldados servios, abandonando momentaneamente a espingarda, trabalham no campo ajudando as mulheres e as creanças no recolher das colheitas.

A misteriosa attitude da Bulgaria e incidentes na fronteira oriental obrigam algumas forças a estar álerta n'aquellas regiões, emquanto aeroplanos francezes vigiam sem cessar as linhas fronteiriças.

Um só pormenor demonstrará o muito que nos ultimos seis mezes se tem feito sob o ponto de vista militar em territorio servio: foram creadas sessenta estações telephonicas e quatro radiographicas. Os caminhos não muito numerosos nem bem cuidados, por onde apenas circulavam antes os carros de bois, são hoje percorridos por mais de quinhentos automoveis.

***

Mal estalou a guerra europeia, appareceu nos circulos aristocraticos de Athenas o barão de Schenk, capitão do exercito bavaro, outr'ora adido á legação allemã. O barão conseguiu fazer-se estimar na alta sociedade atheniense. Sobre ser moço, elegante, distincto, possuidor de grande fortuna, deu-lhe certa popularidade a circumstancia de ter o curso de medicina e de praticar, como especialisação da sua sciencia, o hipnotismo.

Ao evocar esta recordação, o *Mensageiro*, de Athenas, accrescenta que a influencia que o barão de Schenk tinha na côrte do seu paiz se attribuia ao exercicio da sua profissão medica e especialmente do hipnotismo junto de damas da aristrocacia, como a duqueza de Aix, a grã-duqueza de Mecklemburgo, a princeza Henrique da Prussia e outras. Mas o proprio interessado fez uma rectificação no referido periodico assegurando que as relações da sua familia com aquellas elevadas damas lhe tinham proporcionado a honra de ser recebido nos seus salões, mas não como medico e ainda menos como hipnotisador.

O caso é que o barão de Schenk, que por ser militar parecia natural que estivesse na guerra, se instalou luxuosamente e começou de novo a frequentar os circulos politicos e sociaes. As suas visitas ao palacio real eram tambem assiduas, justificando-as com a amisade que lhe dispensa o imperador Guilherme, de quem, como se sabe, é irmã a rainha da Grecia. N'uma palavra, não tardou que o apontassem como o organisador da campanha de propaganda germanophila em Athenas.

Disse-se que a sua influencia contribuiu para o affastamento de Venizelos e que este, ao abandonar o poder, declarára aos seus amigos que, se voltasse a assumir o governo, poria cobro á influencia que o capitão e medico exercia na politica grega.

O famoso barão mantem intima amizade com Gunaris, o novo presidente do conselho. Venizelos cumpriu a sua promessa. Logo que regressou á vida politica activa, os seus orgãos na imprensa emprehenderam uma campanha tenaz contra a personagem bavara e accusaram outros periodicos de se collocarem não desinteressadamente ás ordens do barão de Schenk, chegando a insinuar ser obra da sua poderosa influencia os submarinos allemães que operam contra os alliados nos Dardanellos abastecerem-se nas aguas gregas.

A attitude dos venizelistas, patriotica e energica, obrigou o barão de Schenk a desapparecer de Athenas...

NO POÇO DO BISPO

Um operario alveja outro com seis tiros de pistola

Pertenciam á fabrica de material de guerra e o ferido encontra-se em estado grave

Mais uma scena de sangue temos hoje a registar: no Poço do Bispo, um operario da fabrica do material de guerra alvejou a tiro um collega, deixando-o em estado grave. Relatemos os factos.

Na fabrica do material de guerra, que fica situada para lá um pouco do Poço do Bispo, á direita da estação de Braço de Prata, empregam-se, entre muitos outros, Antonio Meyrelles, de 28 annos de edade, natural de Moncorvo, filho de Belisario Meyrelles e Catharina de Jesus, casado com Anna da Conceição Rosa, de quem tem quatro filhos e com quem reside na travessa do Meio, 9, 1.º; e João Protasio da Cunha, de 27 annos, vivendo maritalmente com uma mulher de nome Laura, e filho de Protasio José Joaquim da Cunha e Guilhermina Adelaide Cunha, naturaes de Lisboa, residentes algum tempo em Camarate, onde o Protasio nasceu, e actualmente moradores na rua Barão de Sabrosa, 140, 1.º.

Ha perto de dois annos o Meyrelles emprestou ao Protasio uma certa quantia a juro, que este levou bastante tempo a pagar pelo que o Meyrelles se encarregara de lhe chamar caloteiro em toda a parte onde soubesse existirem conhecidos ou amigos do Protasio. Faz no proximo sabbado um anno, o Protasio pagou o resto da quantia que lhe fôra emprestada, tendo por essa occasião fortes discussões com o Meyrelles, discussões que de então para cá se foram consideravelmente aggravando, mettendo-se no assumpto o elemento feminino de ambas as partes, o que ainda veiu complicar mais o assumpto.

Os operarios da fabrica do material de guerra, na sua maioria, espalham-se pelas tabernas do sitio, acontecendo que os dois antagonistas, por um d'estes inexplicaveis caprichos do acaso, de ha muito escolheram a taberna de Manuel Ferreira Rodrigues, situada na rua direita de Marvilla 14, em frente do lavadouro publico, para as suas refeições habituaes.

Hontem, sahindo da fabrica pelas 17 horas, dirigiram-se os dois para esta taberna, onde o Meyrelles se entreteve lendo um livro, e o João Protasio, jantando. A's 19 horas o Meyrelles, despedindo-se do dono da casa, ia para se retirar quando de subito o João Protasio, sem trocar uma palavra, cahiu sobre elle á mócada, tosando-o fortemente e perguntando-lhe depois, á laia de desafio: «se ainda queria mais».

O Meyrelles, com a cabeça escorrendo sangue, retirou-se, indo curar-se á pharmacia Freitas, da rua do Valle Formoso de Baixo, hoje rua Zophimo Pedroso, recolhendo depois a casa.

A's 21 horas, o Protasio, que após a aggressão se tinha retirado da taberna, voltou ali, afiançando ao empregado da casa, Augusto Ministro, «que aquillo tinha que ser, e que ou o Meyrelles o *comia* a elle ou elle Protasio falaria». Depois, ás 21,30, sahiu não tornando mais a ser visto.

Hoje de manhã, entre o primeiro e o segundo toque de apito para começar o trabalho na fabrica, o Meyrel-

les foi postar-se na rua Zophimo Pedroso, á esquina d'um becco que ali existe, e no portal da taberna de José Lucio. Subindo a rua Zophimo para a rua Fernando Palha, onde fica o edificio da fabrica, avançava n'essa altura o João Protasio. Vendo-o, o Meyrelles puxou d'uma pistola automatica e cahiu sobre elle aos tiros, attingindo-o com cinco, um no ventre, um em cada uma das pernas, um no braço esquerdo e outro no peito, indo a bala do sexto tiro perder-se ao fundo da rua n'uma parede do recanto ao lado da loja de funileiro de Antonio dos Santos. Uma das balas ainda passou pertissimo d'um carroceiro da casa Teixeira, de nome Joaquim Alves, que não ganhou para o susto.

O Protasio cahiu immediatamente por terra, em frente do «Retiro dos tres amigos», de onde sahiram varios collegas a accudir-lhe, emquanto o Meyrelles, perguntando-lhe se ainda queria mais, se dirigia para a fabrica.

O caso, como é de prever, fez juntar immensa gente, sendo o ferido levado em braços para um carro electrico, que o trouxe para o hospital de S. José, acompanhado pelo guarda 1411, sendo ali operado da laparatomia pelo sr. dr. Alberto Gomes, depois do que recolheu em estado gravissimo á enfermaria de S. Francisco, cama 28, onde ficou.

O Meyrelles, que se havia dirigido, como dissemos, para a fabrica, pediu ali a dois collegas que o acompanhassem á esquadra do Beato, o que estes fizeram.

Foi só na altura do Alto da Mitra que a policia, apparecendo, tomou conta do caso, acompanhando o criminoso á esquadra. D'aqui veiu elle para o governo civil com o guarda 1704, tendo antes d'isso ido ao hospital de S. José curar-se das pancadas da vespera.

Toda a gente do sitio lastimava o abandono a que a policia de ha muito deixou aquellas paragens, onde raro apparece, e, se o faz, é de dia e por pouco tempo. E esta falta faz-se sentir com tanta gravidade que ha dias a Associação Commercial, por proposta d'um dos seus socios, nomeou uma commissão, composta dos srs. Cesar Peixoto, João Pires da Cruz e Augusto Pinto de Araujo, para instar junto do sr. governador civil pelo policiamento da area, que bem preciso é, com o qual se evitariam um pouco scenas de sangue como a de hontem e a de hoje.

De tarde, ao hospital de S. José foi a mãe do Protasio saber noticias do filho, lastimando em alto chôro a sua triste sorte.

A pobre mulher, que teve 11 filhos e tem 7 vivos, dois trabalhando com o pae no largo do Leão, um outro fasquiador n'umas obras dos bairros novos, e uma filha e um filho de dez annos em casa, tem actualmente dois filhos nos hospitaes, o ferido de hoje e outro ha dias entrado no de Santa Martha.

Encontra-se bastante doente a gentil actriz Deolinda Macedo.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Fernando vae casar.
POLITHEAMA — A's 21 — A amante do meu guarda.
EDEN — A's 20 1/2 e 22 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,45 e 22,45 — Do capote o lenço.

Agenda da semana

A'MANHÃ — Avenida — Primeira representação da peça de Feydeau, *Fernando vae casar*, traducção do Jorge de Abreu.

Ao correr da penna

O exito notavel da companhia Galhardo no Rio de Janeiro vem demonstrar que o publico de Além Atlantico ainda é sensivel aos esforços de uma companhia bem organisada, bem apresentada, com um bom conjuncto artistico e um bom repertorio. O que é preciso evitar, sob pena de desprestigiar, a pouco e pouco, as companhias de excursão, é a formação de certos grupos que pretendem ir á descoberta das terras brazileiras como o saudoso Pedro Alvares Cabral. Caem, por vezes no Brazil verdadeiras companhias de saltimbancos, interpretando de uma maneira inverosimil peças que formaram os seus creditos em Portugal e que as plateias cariocas contemplam com uma quasi indifferença a que não é estranho o dó e a consideração. Mal remembram essas quadrilhas, começa o inglorioso peditorio dos beneficios e havia decerto na capital fluminense quem supponha que os nossos theatros são viveiros de mendicidade se, de vez em quando, não surgisse uma companhia de bons elementos, que rehabilita por um tempo os creditos periclitantes do theatro portuguez. E' certo que a culpa principal recae sobre certos emprezarios brazileiros, creaturas de excepção, que conseguem sempre pilhar dinheiro, embora com pobres intuitos, e continuam contractando as caftas a que me refiro.

Cyrano

Boatos e informações

ENTRE NÓS

Por esta semana começa-se a trabalhar de dia e de noite nas obras de reconstrucção do theatro Republica.

O compère da revista *Não desfazendo...* será desempenhado pelo actor Antonio Gomes. A commère foi distribuida á actriz Maria Pia de Almeida.

A actriz Angela Pinto fará parte do elenco da futura epocha no theatro Republica.

No theatro Apollo está marcada para a proxima segunda-feira a primeira representação da revista *Agulha no palheiro*.

Simões Bayão

Participa a sua chegada do estrangeiro e reabertura de clinica.
Largo de S. Paulo, 19, 1.º

A nova questão Hinton

Por absoluta falta de espaço não pudemos dar hontem na integra as razões expendidas pelos srs. P. P. Hornung & C.ª e Thomaz de Paiva Raposo ácerca da debatida questão Hinton, o que fazemos hoje. Para ellas chamamos a attenção do publico.

Dizem os signatarios:

11.º—Esta parte do artigo da firma Hinton é mais uma prova da correcção do procedimento de sr. W. Hinton para com meu cunhado, por isso que se reproduz aqui, completamente transformada, uma informação que a este senhor deve ter sido dada pelo sr. Hornung.

Em fins de fevereiro ou começo de março, fui encarregado pelo sr. Hornung de apresentar, ao ministro das colonias d'esse tempo, uma proposta para o abastecimento do mercado de Portugal com assucar das colonias, durante o prazo d'um anno. Entrariam em Portugal 25.000 toneladas de assucar colonial, sendo 6.000 toneladas de Angola, com o *bonus* de 60 escudos por tonelada, e 19.000 toneladas de Moçambique, com o *bonus* reduzido a 30 escudos. O Estado tinha um pequeno prejuizo querendo manter o *bonus* inteiro para Angola, como seria justo, mas o grande prejuizo seria para a The Sena Sugar Factory Ltd. e Hornung & C.ª, que teriam de importar cerca de 2/3 do assucar de Moçambique com *bonus* reduzido.

O ministro respondeu-me que só quando o parlamento estivesse aberto podia tratar do assumpto, e a proposta não teve seguimento. Foi isto o que a firma Hinton apresentou, dizendo que Hornung & C.ª queriam ganhar mais de 1.000 contos este anno á custa do Estado.

12.º e 13.º—E' muito curiosa a historia da venda do assucar da Madeira, no actual anno, contada pela firma Hinton; apenas é inteiramente inexacta, como tudo mais.

Em fins de janeiro, fui a Inglaterra tratar de assumptos da Refinaria.

Encontrei-me com o sr. W. Hinton, em casa de meu cunhado, que estava bastante doente n'essa occasião, e foi comigo que tratou da venda da sua colheita d'este anno. Quando sahi de Lisboa já sabia que teria de tratar em Londres da compra do assucar da Madeira, visto que o sr. Hinton estava n'esta cidade, e, por isso calculei o preço que podia offerecer por esse assucar, em vista da tabella official dos preços dos assucares refinados. Offereci effectivamente ao sr. Hinton 23 centavos por cada kilogramma e, como meu cunhado estava doente, não se concluiu a negociação, dizendo-me elle que telegraphava á sua casa de Lisboa, informando-a da minha offerta, e que na volta a esta cidade seria resolvido o assumpto. Quando cheguei, no começo de fevereiro, disse-me o representante do sr. Hinton que, em poucos dias, me daria uma resposta, que vi logo seria pedir-me maior preço pelo assucar, por isso que, durante a minha ausencia, e estando parada a Refinaria Colonial, tinha havido uma alta nos preços da tabella official.

Passaram-se dias e o representante de Hinton informou-me de que ficavam suspensas as negociações porque a sua firma estava tratando d'uma reclamação que fizera ao governo. Era ministro do fomento o sr. Nunes da Ponte que, pouco depois, me mandou chamar, e me perguntou se a firma Hornung & C.ª não estaria disposta a offerecer maior preço pelo assucar da Madeira que, de mais a mais, era proprio para entrar em consumo. Disse-lhe que nunca Hinton tinha fornecido assucar n'essas condições, e que todo o que lhe tinhamos comprado das colheitas de 1912, 1913 e 1914, tinha sido refinado. Se o assucar era proprio para entrar em consumo talvez a Companhia Mercantil, nosso revendedor geral o quizesse adquirir. Foi esta Companhia, e não Hornung & C.ª, que lhe fez a proposta de compra a 26 centavos o kilogramma a que se refere o folheto.

Foi o sr. J. P. Hornung que estando em Lisboa, no mez de abril, offereceu ao sr. Hinton 27 centavos por cada kilogramma de assucar, para acabar com este assumpto e não porque lhe désse lucro esta compra. Se a firma Hinton consegue vender, este anno, o seu assucar a mais de 28,5 centavos por kilogramma é porque houve posteriormente uma alta de 2 centavos, com que Hinton lucra, mas que falsamente affirma ter sido conseguida por Hornung & C.ª, para augmentar os seus lucros.

Foi a commissão reguladora dos preços dos generos da cidade de Lisboa que, depois de ter ouvido os refinadores de assucar e os manuaes, fixou os actuaes preços, depois de se convencer de que era o unico meio de conseguir o abastecimento do mercado. As duas refinarias mechanicas tomaram o compromisso de os manter durante tres mezes, pelo menos, quaesquer que fossem as variações dos preços dos assucares e as dos cambios.

14.º a 18.º—São a redicção das inexactas affirmações da firma Hinton sobre a cousa dos assucares coloniaes e das phantasticas consequencias que d'ahi costuma tirar. Emquanto a firma Hinton não responder ás affirmações concretas das emprezas coloniaes não vale a pena perder tempo com o assumpto.

19.º—Já não contesta a firma Hinton que as emprezas coloniaes productoras de assucar, em Africa, não tenham tido lucros, apesar das suas contas imaginarias, mas explica que isso é devido á falta de capital e de experiencia para tratar d'esta industria.

A todos os que conhecem o assumpto e especialmente aos que o tratam, esta affirmação do Hinton só pode causar vontade de rir, pela sua ingenuidade.

20.º—A firma Hinton tem tido lucros pelos motivos que só ella conhece, e tambem pelos privilegios que lhe teem sido concedidos e que todos conhecemos.

21.º—A firma Hinton apresentou a sua reclamação, porque não perde um pretexto para o fazer, usando sem motivo algum, e porque seria muito bom para ella empregar para accommodar um milhão e por quantia que lhe convier ao seu assucar, visto que, não pode ter firma receber do governo, pelo menos, £ 600.000 de indemnisação, entregando-lhe a sua fabrica, ou então conseguir que lhe fossem prorogados os privilegios de que goza actualmente.

O artigo a que respondo é evidentemente inspirado pelo sr. W. Hinton, de Hinton, que inventa reclamações com as quaes pretende sempre *explorar Portugal, abusando da sua qualidade de subdito inglez*.

Duas palavras ainda ácerca do artigo do sr. Freitas, publicado no *Seculo* de segunda feira.

E' facto que o sr. Hinton declarou ao sr. Hornung que lá defender a sua causa, mas é inacreditavel que a pouca excelencia esse cautelar de tudo o que podia empregar para accommodar um tão grande exemplo se desse e dizia amigo.

Se o folheto não offende pessoalmente o sr. Hornung, tem a respeito da sua firma varias insinuações, como a seguinte que se encontra a paginas 60:

«Ha poucos annos a firma Hornung & C.ª sem tradições no paiz, iniciou-se n'esse commercio, a fazer explorações assucareiras. Para isso arrendou fabricas e roças de Moçambique e todas as refinarias mechanicas de Portugal menos uma. N'este momento contracta a ser uma empreza locataria, que não chegou nem aspira a constituir proprietade apreciavel, relacionada com a economia nacional».

Vê-se bem que é uma phrase de amigo, referindo-se a uma firma que é o seu amigo e chefe, tanto mais que a unica cousa inteiramente exacta do que ahi se afirma é, como todos sabem, que a fabrico do assucar, em Moçambique, começou ha poucos annos.

A firma Hornung & C.ª alcançada, inteiramente, pela firma Hinton, defendeu-se e continuará a defender-se, como entende que o deve fazer.

Quanto ás inexactidões dos calculos finaes não merece a pena fazer-lhes referencia.

Lisboa, 3 de agosto de 1915.

P. P. Hornung & C.ª
Thomaz de Paiva Raposo

TENDO SIDO ENCARREGADOS pelos nossos collegas de responder ao folheto que a firma Hinton distribuiu largamente, demos por finda a nossa missão com o que foi publicado no «Diario de Noticias» de 1 do corrente.

Não tendo sido refutada com factos concretos a nossa contestação, tencionavamos ficar silenciosos, deixando ao publico, ao governo e ao parlamento a apreciação da nossa defeza.

Deparámos, porém, hoje, com um communicado do «Seculo» em que o advogado do sr. Hinton diz não reconhecer aos productores coloniaes do assucar a sufficiente capacidade financeira para a compra de 4.000 toneladas de assucar, aconselhando ao Estado que não envered por qualquer solução que possa ter por base o credito das supraditas firmas.

Pelo que respeita ás affirmações feitas pelo advogado do sr. Hinton quanto á situação financeira da firma Hornung & C.ª, nem descemos a dar quaesquer explicações, limitando-nos a dizer, com relação ás outras, que o governo e o parlamento poderão averiguar os interesses do Estado, informando-se do valor financeiro e moral dos signatarios da declaração que tanto parece terincommodado o advogado do sr. Hinton.

Terminaremos frisando o espanto que nos causa o facto de, umas vezes o nosso adversario dizer que accumulamos lucros fabulosos, outras, que estamos tão arruinados que nem podemos com a responsabilidade que resultaria de pequena differença que pudesse haver entre a compra e venda de 4.000 toneladas de assucar.

Sousa Lara
Guilherme Oliveira de Arriaga

Sr. redactor:

Entregámos hoje, no ministerio do fomento a seguinte declaração cuja copia enviamos, pedindo a v. a sua publicação.

Somos com toda a consideração

De v.
At.es Venr.es e Obrg.os

A. de Sousa Lara
Guilherme Oliveira d'Arriaga
Thomaz de Paiva Raposo

Lisboa, 4—8—915.

Ex.mo Sr. Ministro do Fomento

Os abaixo assignados, representantes de companhias e sociedades coloniaes productoras de assucar, nas provincias de Moçambique e de Angola, vem declarar a V. Ex.ª o seguinte:

Tomam o compromisso de receber do governo todo o assucar que a firma W. Hinton & Sons quizer vender em Lisboa, da sua producção madeirense, nos annos de 1916, 1917 e 1918; nos termos e condições, em que esta firma, livremente, ajustou, no começo do anno de 1914, a venda, da sua colheita, d'este anno, com a firma Hornung & C.ª, resalvando apenas, para com o governo, o caso da guerra europeia durar ainda em 1916, pois que, se isto acontecer, os preços dos assucares refinados deverão ser fixados, tendo em attenção a importancia que houverem de pagar os productores, porque pagarem o assucar da firma W. Hinton & Sons.

Como a firma W. Hinton & Sons affirmou n'um folheto, largamente distribuido, que a approvação da base 23.ª da lei de 15 de agosto de 1914, fôra obtida no Congresso para satisfazer interesses de algumas emprezas coloniaes, que desejam a destruição da cultura sacarina na ilha da Madeira, e o impedirão d'ella, por isso, de poder trabalhar com a sua fabrica, nos annos de 1916 a 1918, em que ainda vigora o decreto de 11 de março de 1911, as emprezas coloniaes desejam collocar-se ao lado do governo portuguez, para que possa responder áquella firma, que é inteiramente injustificado o receio, que diz ter, ácerca da collocação do seu assucar da ilha da Madeira que exportar para o continente, n'aquelles annos.

Lisboa, 31 de julho de 1915.

P. P. Companhia Colonial do Buzi, Guilherme Oliveira d'Arriaga;
P. P. Incomati Sugar Estates, Henry Burnay & C.ª;
P. P. Beira Rubber Sugar Estates, Lane & C.ª Ld.ª;
P. P. Sociedade Agricola de Cassequel Ld.ª, Guilherme Oliveira d'Arriaga;
P. P. Companhia Agricola do Dande, João Marques Diogo e Manoel Pereira Guedes (visconde do Alto Dande) directores;
P. P. Companhia do Borór, José Francisco Canha;
P. P. Hornung & C.ª, Thomaz de Paiva Raposo;
P. P. The Sena Sugar Factour Ld.ª, Thomaz de Paiva Raposo;
P. P. The Matamba Sugar Estates, Thomaz de Paiva Raposo;
P. P. Companhia do Dombe Grande, Canha & Fornigal;
P. P. Empreza Assucareira do Buzi Ld.ª, L. Brandão;
P. P. Teixeira Dias, Banco Nacional Ultramarino, Henrique de Mendonça, Vice-Governador.

OS JORNAES ESTRANGEIROS MAIS LIDOS EM LISBOA

O «A B C» de Madrid é hoje o que tem mais leitores entre nós

Quaes são os jornaes estrangeiros mais lidos em Lisboa?

A fim de darmos aos nossos leitores uma resposta satisfatoria procedemos ás necessarias indagações. Proximo de casa, ali no Chiado, interrogámos o proprietario gerente da «Americana». Vendem-se n'essa tabacaria quasi todos os grandes quotidianos francezes.

—Não estão agora em moda, dizem-nos amavelmente o sr. João Mathias. O *Echo de Paris*, o *Petit Parisien*, o *Petit Journal*, *Le Matin* e *Le Journal* vendem-se mal, um ou dois por dia, para amostra. O «record» das publicações diarias, pestas á venda n'esta casa, é batido pelo *A B C*. Raras vezes ficamos com um exemplar em casa, recebendo da agencia 50 por dia. Os outros diarios hespanhoes não gosam grande favor dos nossos clientes. O *Heraldo*, o *Imparcial* a *España Nueva* e o *Liberal* contam aqui um numeroso cliente por dia.

A revista illustrada *La Esfera* tem dez leitores entre os freguezes d'esse pequenino estabelecimento da rua Garrett.

Não havendo n'essa elegante arteria outra casa onde se vendam publicações estrangeiras, descemos ao Rocio. O proprietario do Monaco encontra-se, por acaso, desoccupado.

A nossa interrogação deixa-o perfeitamente tranquillo, sereno, fleugmatico. Não respondo immediatamente e, quando se resolve a pronunciar algumas palavras, diz-nos sentenciosamente:

—Eu não tenho por habito dar conta a ninguem dos meus negocios. O segredo é a alma do commercio. Creio, supponho, que o jornal mais vendido em Lisboa é o *A B C*. Quantos vendo? Isso seria desvendar um misterio com que o publico, segundo julgo, nada tem, nem se interessa.

Admittindo como verdadeiro aquelle proverbio germanico que calar é tambem uma resposta, demo-nos por satisfeitos, registando as palavras do proprietario do Monaco, e dirigimo-nos á *Messagerie de la presse*, installada na rua do Ouro. E' d'ali, que sahem os jornaes francezes e hespanhoes para os estabelecimentos da capital, pois é da *Messagerie* que se fornecem as tabacarias que vendem diarios e revistas estrangeiros.

Ali não encontram inconveniencia em responder á nossa pergunta. Os jornaes principaes que vendem são, em media por dia, 30 *Figaro*, 30 *Temps*, 35 *Echo de Paris*, 150 *Le Journal*, 190 *Le Matin*, 90 *Petit Journal* e 125 exemplares do supplemento illustrado d'este diario.

Da imprensa hespanhola, por intermedio d'esta agencia, vendem-se em Lisboa 40 *Correo Español*, 100 *Heraldo de Madrid*, 90 *Imparcial* e 50 *Liberal*. Todas essas gazetas hespanholas podem ser excedidas no consumo lisboeta pela *A B C* que espalha aqui 380 exemplares.

Da agencia da rua do Ouro, encaminhavamo-nos para a casa Midões, da rua de S. Nicolau, que tambem tem á venda jornaes estrangeiros, quando um amigo que conhece intimamente os negocios da publicidade estrangeira nos accrescentou:

—Não se estafe mais. Recolhida a informação da *Messagerie* ninguem lhe fornecerá indicações valiosas, senão as que eu lhe posso dar. A Monaco recebe alguns exemplares do *A B C* por intermedio d'esse agencia, mas a maior parte recebe-os directamente de Madrid. O Cruz não se confessa, mas se o fizesse teria de declarar que aos numeros que recebe da *Messagerie* accrescenta pelo menos mil exemplares recebidos da administração do jornal. Com a casa Midões acontece o mesmo. A' remessa ordinaria da *Messagerie* junta ella cerca de 200 exemplares diarios que os escriptorios d'essa gazeta madrilena lhe enviam especialmente.

Não creia, no entanto, que esta longa expansão d'uma gazeta hespanhola seja natural, em vista da importancia da colonia. Os hespanhoes residentes em Lisboa que se dão ao luxo de lêr os grandes diarios de Madrid teem assignaturas, não compram o jornal a volso. Ora os dois mil e pico de *A B C* que veem para Portugal são na totalidade lidos e saboreados pelos nossos compatriotas...

O congresso dos caixeiros

Tudo deixa prever que o congresso dos caixeiros, a reunir em 15 e 16 do corrente na Figueira da Foz, será dos mais importantes que a classe tem realisado.

Vão ser publicados e distribuidos os trabalhos a discutir no congresso, tendo a Companhia dos Caminhos de Ferro resolvido conceder aos congressistas abatimento importantissimo nos bilhetes.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Atropellamento de que resulta a morte

Na rua das Amoreiras foi hoje atropellada por um electrico, ficando com o braço esquerdo esmagado, a pequena vendedeira de hortaliça Adelaide Esteves, de 11 annos, moradora no pateo do Marquez em Campolide.

Conduzida ao hospital de S. José, quando estava sendo operada no banco pelo sr. dr. Azevedo Gomes, falleceu. O cadaver foi removido para a casa das observações.

Pela instrucção

A commissão administrativa do Sindicato ferro-viario avisa os alumnos inscriptos na escola que esta se acha aberta e funcciona das 20 ás 22 horas, continuando aberta a matricula para os socios e seus filhos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cooperativa Predial Portugueza

Reune a assembleia geral no dia 19, na séde, rua do Arsenal, 160, 2.º, sendo a ordem dos trabalhos: apresentação do relatorio e contas do anno de 1914 e parecer do conselho fiscal; apresentação do orçamento da despeza do corrente anno economico; resolver sobre a conveniencia d'uma verba especial, destinada ao pagamento do remanescente do capital de viuvas dos socios que provem encontrar-se em precarias circumstancias; deliberar sobre a forma de contagem dos juros devidos pelas mortuarias previstas no art. 45.º do estatuto; deliberar sobre a forma de contagem dos juros devidos pelas amortisações effectuadas fóra dos prazos estipulados no respectivo contracto; pronunciar-se sobre a conveniencia de amortisar extraordinariamente quaesquer obrigações, que sejam adquiridas com vantagem social para a Cooperativa, e tratar e importancia a tal fim destinada, no caso de concordancia.

Caixeiros de Lisboa

Para eleger os delegados ao 4.º congresso da classe, que se realisa nos dias 15 e 16 do corrente, e tratar de outros assumptos, reune a assembleia geral no proximo domingo.

Machinistas mercantes portuguezes

Para continuação de trabalhos pendentes, reune a assembleia geral no dia 11, ás 20 e meia horas.

Cruz Vermelha

Para tratar do regulamento das ambulancias e da casa de saude, reune a commissão central no dia 9, ás 20 e meia horas.

Furto de papeis de credito

A sr.ª D. Genoveva da Silva, moradora na rua Eduardo Coelho, 90, 5.º, apresentou queixa na policia de que os gatunos entraram na sua residencia e furtaram a quantia de 30 escudos, 5 coupons de 100 escudos, 10 inscripções de 100 escudos cada uma, outra de 500 escudos e duas de 1:000 escudos, tudo no valor de 4:030$00.

A policia investiga.

Dois desastres em Santa Apolonia

Na estação de Santa Apolonia quando tentava subir para uma machina, foi colhido um soldado da guarda fiscal. Alguns camaradas levaram-no para o hospital militar da Estrella, onde chegou em estado gravissimo. A' hora a que escrevemos não se sabe ainda quem é a victima.

Tambem na mesma estação ficou hoje entalado entre dois vagons, tendo morte immediata, um individuo, de quem a policia desconhece por emquanto a identidade. O cadaver foi removido para a Morgue.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica — Ataques violentissimos

PARIS, 5. — (Communicação official das 15 horas)—Em Artois e em torno de Souchez houve combates por meio de granadas de mão e petardos, e canhoneio bastante intenso durante a noite e depois acções de artilharia vivissimas em Tracy-le-Val e em volta de Vailly (valle do Aisne). Em Argonne a noite foi agitada, havendo fusilaria, lançamento de bombas de trincheira para trincheira, intervindo por varias vezes a artilharia. Nas collinas do Meuse e no bosque Haut foi facilmente entravada uma tentativa de ataque dos allemães. Nos Vosges o bombardeamento continúa violentissimo nas nossas trincheiras de Lingekopf. Na tarde de 4 os allemães effectuaram um ataque violentissimo; apezar d'isso conservámos todas as nossas posições, á excepção de alguns elementos de trincheira na crista de Linge.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

Uma numerosa commissão de negociantes de bengalas e guarda-chuvas procurou hoje o sr. governador civil para lhe pedir que a policia prohiba aos vendedores ambulantes a venda de artigos do seu commercio nos dias em que por determinação do governo estão fechados os estabelecimentos encerrados.

—No audiencia do corpo diplomatico hoje effectuada no ministerio dos negocios estrangeiros compareceram os srs. embaixador do Brazil, ministros da Belgica e Hespanha e o encarregado de negocios da Noruega.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciou o sr. ministro da Noruega sobre assumptos dos subditos noruegezes estabelecidos em Angola.

—Com o snr. Rodrigues Gaspar conferenciou tambem a direcção do Banco Nacional Ultramarino.

—O procurador da Republica junto da Relação do Porto enviou um telegramma ao ministerio da justiça para que seja suspensa a ordem dada pelo commandante da 8.ª divisão da retirada da força que se encontra em Amarante, allegando que tem a cadeia presos de grande responsabilidade.

—Vae ser presente á junta de saude naval o capitão de fragata machinista sr. Joaquim d'Almeida. Vae egualmente ser presente á junta de saude das colonias o 2.º tenente sr. Jayme Santos da Cunha Gomes.

—Uma commissão de catraeiros procurou hoje o sr. ministro do interior para lhe pedir que lhes seja permittido poderem ir a bordo receber passageiros que entrem no nosso porto com livre transito. Foi recebida pelo secretario sr. Tavares de Carvalho, que os acompanhou á exploração do porto de Lisboa.

—Chegou ao Porto o rebocador *Lidador*, que anda em serviço de fiscalisação e vigilancia.

Paquete "Beira"

O paquete *Beira*, da Empreza Nacional de Navegação, que hoje era esperado no Tejo, só ámanhã entrará, em virtude de vir atrasado.

Movimento maritimo

Gibraltar e Barcelona «Roma» (N. Y.)
Vigo e Liverpool, «Derro» (Brazil).

Ultimas noticias

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

O sr. dr. Affonso Costa expõe, em meia duzia de palavras, os motivos que determinaram a escolha do Directorio

Ninguem ouviu hoje o sr. dr. Affonso Costa sobre a eleição presidencial. Baldado intento. O illustre homem publico não pode ainda regressar completamente á normalidade do seu labor politico, distendendo aquella combatividade e aquelle esforço que são a caracteristica do seu temperamento, posto ao serviço da Patria e da Republica. Mas um seu amigo particular, dos que o rodeiam com a sua dedicação a todos os instantes, foi levar-lhe amavelmente a communicação do nosso desejo. E o sr. dr. Affonso Costa, explicando não poder realisar ainda uma entrevista, accrescentou:

—O directorio do partido republicano portuguez, escolhendo o sr. dr. Bernardino Machado para seu candidato, deixou-se orientar pelo estudo das correntes manifestadas dentro do grupo parlamentar e ainda pelos desejos expressos de varias formas por outras entidades e aggremiações do partido. Evidentemente, procedeu como mais conveniente julgou para a Republica, estando certo de que traduziu as aspirações da grande massa de correligionarios de todo o paiz. E é só isto o que eu poderia dizer sobre a escolha do sr. dr. Bernardino Machado.

Archivadas essas palavras, fomos depois informados de que o sr. dr. Affonso Costa já sahiu de casa hoje duas vezes, sendo a primeira na companhia do seu medico assistente, o sr. dr. Francisco Gentil. Tambem esteve em casa do sr. dr. Bernardino Machado, onde deixou um cartão.

Congresso nacional

As duas camaras reunem conjuntamente, para interpretar a Constituição

Effectuou-se a annunciada reunião do Congresso, para interpretação do paragrapho primeiro do artigo 30.º da Constituição, que se refere á eleição presidencial e diz o seguinte: «O escrutinio será secreto e a eleição será por dois terços dos votos dos membros das duas camaras do congresso, reunidas em sessão conjuncta. Se nenhum dos candidatos tiver obtido essa maioria, a eleição continuará na terceira votação, apenas entre os dois mais votados, sendo finalmente eleito o que tiver maior numero de votos». Trata-se da interpretação d'esta disposição constitucional que o sr. Mesquita de Carvalho levantou duvidas, resolvendo-se reunir as duas camaras para a aclarar.

O sr. Correia Barreto assume a presidencia pouco depois das 16,30, mandando proceder á chamada. Respondem 154 congressistas, que são os que approvam a acta, lida pelo sr. Paes Abranches. O outro secretario é o sr. Balthasar Teixeira. O sr. Mesquita de Carvalho, que foi quem levantou a questão, é o primeiro a falar. Suppondo que no segundo escrutinio ha tres candidatos com egual numero de votos, qual d'elles ha de ser posto de lado, visto que só dois podem figurar na terceira votação? E' este o problema que o orador põe ao Congresso, como já o poz na camara dos deputados. Termina mandando para a mesa uma proposta, egual a um projecto que já em tempos apresentara e que é admittida. O sr. Ribeira Brava, pela maioria, apresenta uma moção pela qual a camara aguarda o resultado da proxima eleição presidencial para resolver depois, conforme as circumstancias. Depois trata-se d'uma hypothese tão pouco provavel que tudo quanto se fizer para evitar resoluções que possam manter duvidas constitucionaes deve ser bem acolhido por todos. O sr. Barbosa de Magalhães justifica a attitude da commissão de legislação civil, emittindo o parecer de que a Constituição não póde ser alterada. Conclue propondo que a segunda parte do paragrapho em discussão se interprete no sentido de que os dois candidatos mais votados sobre quem póde recahir a terceira votação sejam os do segundo escrutinio. Falam ainda os srs. Moura Pinto e Mesquita de Carvalho, devendo ser approvada a moção do sr. Ribeira Brava.

Festas associativas

A festa que no proximo domingo se realisa no Grupo Dramatico Lisbonense consta de sessão solemne ás 14 horas, distribuição de premios aos primeiros classificados no campeonato de bilhar e encerramento do campeonato de xadrez; ás 16 baile em honra dos jogadores premiados, ás 21 recita em honra da commissão administrativa com a representação das peças *Redempção*, *Rosas de todo o anno* e *Creanças*, seguindo-se baile com valsa a premio.

Aviação militar

Para frequentarem a futura escola de aviadores-pilotos offerecem-se os srs. Antonio Manuel França Junior e José Barata Lourenço, empregados commerciaes, moradores, respectivamente, na rua Luz Soriano, 11, res-do-chão, e travessa do Sacramento, á Pampulha, 4, A, 3.º, E.

O caso da azinhaga de Santa Luzia

Foi hoje preso e recolheu ao governo civil, como supposto aggressor da victima que foi encontrada caída na azinhaga de Santa Luzia, o trabalhador Manoel da Silva.

Por ora desconhece-se a identidade da mulher e, ao que se diz, parece não ter havido crime, mas tratar-se de ferimentos produzidos pela queda occasionada por uma congestão cerebral. Tal era a versão que hoje corria.

Dr. Bernardino Machado

O illustre homem publico recebe, entre outras, a visita do sr. ministro da Inglaterra

Em casa do sr. dr. Bernardino Machado, a cumprimental-o, estiveram esta tarde os srs. ministro de Inglaterra e ministros do interior e da justiça.

O sr. Leotte do Rego

renuncia ao seu mandato de deputado

Foi hoje enviado pelo sr. Leotte do Rego, para a *meza da Camara*, um officio em que esse deputado renuncia o seu mandato. N'esse documento, o sr. Leotte do Rego presta homenagem ao patriotismo e devotado amor á Republica de todos os seus collegas, sem excepção de nenhum, e pede-lhes que defendam o orçamento da marinha, que relatou, e no qual ha medidas de grande alcance, toda a attenção e todo o interesse. Em especial o sr. Leotte do Rego recommenda aos representantes do paiz a sua proposta que estabelece novas tabellas de «prets» para as praças da armada, as quaes não variam ha muitos annos, apesar da vida ter encarecido constantemente. As causas da renuncia do sr. Leotte do Rego teem origem em divergencias surgidas por causa da eleição presidencial.

Sabemos que durante o dia se fizeram varias diligencias no sentido de levar o illustre deputado a desistir do seu intento. A camara ainda não tomou conhecimento do officio do sr. Leotte do Rego, mas, segundo a praxe, a mezá vae decerto suscitar aquellas diligencias que desejamos ser bem succedidas.

PEQUENAS NOTICIAS

No banco do hospital de S. José receberam curativo Florinda Alves, moradora na quinta dos Frades, e Maria Antonia, na «Ilha» da Grilla, que na fabrica de phosphoros no Beato ficaram muito queimadas no rosto e mãos por uma explosão d'enxofre.

—Referente a junho sahiu o n.º 6 do 3.º anno de *A Tutoria*, trazendo variada collaboração, entre ella artigos dos srs. Padre de Castro, Adolpho Coelho e Mendes Correia e da distincta escriptora Cael.

—No dia 14, pelas 21 horas, reune extraordinariamente a assembleia geral da Associação Monte-pio do corpo de policia.

—Foi nomeado correio do ministerio da guerra o sargento Antonio Eduardo Fastagio.

—Alexandre Simões, morador na travessa do Terreirinho, á Santa Catharina, 45, loja, foi preso ás 4 horas da madrugada na travessa dos Fieis de Deus, por onde passava conduzindo um sacco de linhagem com seis peças de fazenda no valor de 40 escudos. Na esquadra, declarou que praticara o furto com outro individuo que se evadiu e não conhece, no estabelecimento da rua do Ratu, 49 e 51, pertencente a Julio Torres Pereira. Chamado este verificou faltar-lhe mais um casaco, um colete de lã, camisolas e ceroulas tudo no valor de 53 escudos.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 4.—A viação electrica rendeu no preterito mez de julho a quantia de 4:628$01, o que representa um grande augmento de receita n'este serviço municipalisado. Com a ampliação das linhas, conforme estão planeadas, este serviço será no futuro um dos mais rendosos para o municipio. E' preciso que os dirigentes não descurem o assumpto, para commodidade dos municipes e interesse do municipio.

—Continuam de prevenção as unidades militares e a policia civica, sendo revistados todos os vehiculos que entram na cidade.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 7/16	35 5/16
Londres, 90 d/v	36	
Paris, cheque	$75	$76,5
Allemanha, cheque	$28,5	$29,5
Hollanda, cheque	$56,2	$57
Madrid, cheque	1$35,5	1$36,5
New York	1$41	1$42,5
Rio s/Londres	12 3/4	
Libras	6$95	7$05
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA. — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,95	—
» de 500$	39,90	—
» de 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 %, 1905, 80$; 4 1/2 1912, ouro, 96$.

Externas: 1.ª serie 72$30.

Acções: Banco de Portugal 176$; Lisboa & Açores 114$00; Ultramarinas 109$; Aguas 89$; Ilha do Principe 198$; Tabacos, coupon 75$80.

Obrigações: Fiandes 6 %, 91$50; 5 %, serie A, 81$; 5 %, 87$50; Ambacas 91$40.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, matinées diarias e soirées á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões nas quintas feiras, e sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Impe[rio], Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

SPORT

A "Festa de armas,, na Amadora

E' original pela regulamentação, pelo local e pela disposição de luz —E' o primeiro campeonato em que se não prevê a victoria

A progressiva terra da Amadora quiz fazer uma festa de esgrima, mas para lhe dar uma nota de original destaque precisava que ella fosse uma «innovação» ou uma «surpreza». Conseguiu que fosse uma e outra cousa. Uma inovação porque transformou o torneio, com a sua serie de assaltos «a excluir», n'uma sequencia de duelos. Uma surpreza porque transformou a superioridade de «juniors» e «seniors» esgrimistas n'uma egualdade, pois estabeleceu um «handicap» entre uns e outros. Por este motivo, o campeonato de espada na Amadora apresenta-se «aberto» aos calculos mais phantasistas e ás previsões mais disparatadas porque ninguem prevê quem seja o vencedor.

Mas será absolutamente impeccavel a organisação do campeonato da «Taça Amadora»? Evidentemente que, n'um ponto, não é porque joga com um factor—o da sorte, isto é, da felicidade do concorrente. Expliquemos. Os jogadores tiram á sorte o seu numero de ordem cinco minutos antes de começarem os assaltos. Póde ser possivel que immediatamente se combatam Carlos Farinha e Jorge Paiva, qualquer d'estes com Manuel Queiroz, etc., coisa que equivale á eliminação immediata de um d'elles. Mas... os organisadores respondem e parece que muito bem:—é possivel que a tiragem á sorte dê outro resultado; se a der os combates nas eliminatorias da «primeira volta» são já interessantes; o vencedor fica livre d'um competidor serio.

Em resumo, o campeonato tem aspectos novos, tem todo elle interesse, tem emoção; obriga todos os esgrimistas a trabalhar, exige o jogo individual; não permitte «combinações» e não consente que os amadores auxiliem os outros da mesma sala.

A Amadora bate um «record». Affirma-se mais uma vez que possue o segredo de organisação de bellas festas.

***

O campeonato, pelo «mise-en-scene», tambem traz novidades e essas não estranham nem surprehendem aquelles que conhecem os cuidados com que os srs Antonio Rodrigues Correia e José dos Santos Mattos costumam revestir as festas que organisam no seu lindo recinto dos Recreios Desportivos. E d'esta vez, temendo-se de ligeiras deficiencias na organisação d'uma prova de rigor sportivo, soccorreram-se do auxilio do notavel mestre d'armas Carlos Gonçalves e do nosso redactor de «sport».

Estas novidades de «mise-en-scene» são muitas. O torneio realisa-se de noite e ao ar livre. Como luz tem a de lampadas electricas de intenso poder illuminante o sufficiente para que a mascara do esgrimista não lhe roube a luz precisa para o assalto. Os esgrimistas batem-se sobre cimento, n'uma faixa de 30 metros de comprimento, junto da «marquise» onde os socios dos Recreios e familias costumam presencear os exercicios diarios de patinagem. Em volta d'essa pista de combate serão estabelecidas duas filas de bancadas, que se designaram de «stands»; depois fica o espaço reservado a uma grande orchestra de amadores, que obsequiosamente e porque se trata d'uma grande festa de arte, de «sport» e de elegancia, executará um concerto musical sob a regencia do engenheiro Frederico Taveira.

O nosso camarada de redacção dr. José Pontes fará uma conferencia, subordinada ao suggestivo assumpto: «Espadachins e duelistas ao serviço do Amor».

A ordem do programma foi mais ou menos estabelecida da seguinte fórma:—Concerto musical, tiragem dos numeros dos esgrimistas, primeira «volta» do torneio; tiragem dos numeros para a segunda «volta», conferencia, concerto musical, meias-finaes e final, sendo immediatamente distribuida a taça e os premios.

***

A inscripção do campeonato fechou hoje ás 6 horas da tarde e reuniu os seguintes senhores:

Antonio Montez, senior—E' um dos esgrimistas que se tem classificado nas finaes dos torneios.

Mouton Osorio, senior—Atirador de grandes recursos e rapidez, que figurou na «final» do ultimo campeonato da Federação

Raul Paes, junior, cujo treino e aptidões o tornam perigoso adversario.

Marciano Beirão, senior—E' um consagrado d'este anno, que ficou em terceiro logar no campeonato da Federação.

Alberto Prazeres, junior, de bastante merecimento.

Dr. Manuel Queiroz, senior—Um dos melhores esgrimistas portuguezes, campeão de Portugal de 1914, um dos atiradores da «final» do campeonato d'este anno. Jogador internacional.

Dr. Pinto da Rocha, junior, que tem jogo como um senior.

Korth, junior, excellente esgrimista, com opportunidade de ataque e jogo preciso.

Antonio Villas, senior, é um dos atiradores que tem figurado em finaes de campeonatos.

Carlos Farinha, senior—E' o campeão de Portugal d'este anno e foi segundo no campeonato d'este anno na Federação. Jogador internacional.

Dr. José de Pitta e Castro, senior—E' um esgrimista forte, correcto e elegantissimo.

Antonio Penha e Costa—Foi o segundo classificado no campeonato de Portugal em 1914 e, em Paris, foi escolhido pelo Cercle Hoche para fazer parte da sua «equipe» quando se bateu contra a Belgica e ali venceu. Jogador internacional.

Fernando Farinha, junior—E' a grande «esperança» da esgrima portugueza.

Franco de Castro, junior—Combate com muita serenidade e intelligencia.

Augusto Farinha, senior—E' um consagrado. Figurou nas finaes dos campeonatos de Portugal e da Federação d'este anno.

Raul Gaya, junior—E' um atirador resistente e forte.

Dr. Manuel de Pitta e Castro, senior—Foi vencedor do campeonato escolar e do campeonato de juniors d'este anno.

Domingos Gentil, senior—E' um dos mais habeis esgrimistas de agora.

Jorge Paiva, senior—E' o campeão da Federação d'este anno e foi o segundo classificado no campeonato de Portugal. Jogador internacional.

Nota do dia

Jogos Sportivos Nacionaes

No campo do Stadium, continuaram hoje as provas dos Jogos Sportivos Nacionaes, organisados pela Federação Portugueza de Sports. Effectuaram-se algumas «eliminatorias» e já algumas «meias-finaes» e n'ellas os athletas manifestaram extraordinario desejo de bater os «tempos» e os «records» dos annos anteriores.

A tarde já beneficiou melhor os concorrentes porque não estava tão agreste nem tão ventosa.

Os resultados conseguidos até agora fazem prever emocionantes luctas no proximo domingo, dia destinado pelos organisadores ás provas finaes e cujo programma é augmentado com um repto, que será uma grande batalha, em «meio-fundo» ciclista, entre Soares Junior e Joaquim Raposo, respectivamente treinados pelos famosos motociclistas Leopoldo Futscher e Mario Beirão.

Festa dedicada ao exercito e á armada

Augmentam dia para dia os numeros do programma e os trabalhos para a organisação da grandiosa festa que se realisa no proximo dia 8, no campo do Sport Lisboa e Bemfica, em Sete Rios.

O programma é vastissimo. O campeão americano Mac Closkey fará um assalto de box com o campeão portuguez Bazilio d'Oliveira. Realisa-se um desafio de foot-ball entre dois dos nossos melhores «tems», um assalto de espada franceza e estão sendo ultimados mais numeros de sport de grande interesse.

O novo aeroplano, de typo nacional e construido em Lisboa será, pela primeira vez, exposto ao publico, no dito campo. E diante d'elle poderão verificar os que concorrem á festa, dedicada ao exercito e á marinha, que assistindo, auxiliarão uma obra meritoria. E' que o producto do festival destina-se a auxiliar o acabamento d'esse apparelho de industria nacional e no qual os srs. Arthur Augusto da Fonseca e Ernesto Ferreira collocaram todo o seu esforço e intelligencia.

Algumas anecdotas

Raku atrapalhou-se d'aquella vez

Falámos hontem de Raku e lembramo-nos hoje de contar um caso que lhe succedeu em Lisboa.

Uma noite, um valentão dos lados da Cruz Quebrada foi ao Coliseu e quiz luctar com o japonez. Atirou-se a elle como um leão mas com um «arm-lock», em dez segundos apenas caiu por terra!

O homem levantou-se e gritou:

—Batota, batota...

—O que diz elle? perguntou Raku ao interprete.

—Que foi «truc»...

—Essa agora?!... que lucte outra vez...

Em segundo combate o homem não resistiu nem 8 segundos, cahindo outra vez estatelado!...

—Tem electricidade, tem electricidade! gritou indicando uma liga elastica que o japonez tinha na perna.

—O que diz?

—Que tire a liga.

Assim succedeu, e novamente o homem foi derrotado! Outra vez gritou que a electricidade estava no cinto. Tirou Raku o cinto e outra vez o derrubou. Exigiu então que tirasse o «kimono».

—Ora amigos! Não é um homem é um doido! Quer talvez que lucte nu?...

Noticias

Entre nós

Associação Portugueza de Foot-ball

Os novos corpos dirigentes, eleitos em assembleia geral, são os seguintes: Direcção: presidente, dr. Ricardo Borges de Sousa; vice-presidentes, dr. Francisco Pinto de Miranda e Cruz Villar; thesoureiro, Ernesto Martins Cardoso; 1.º secretario, Raul Nunes; 2.º secretario, José Ramos Ferreira; vogaes, Pedro Del-Negro, Jorge Cardoso e Paulo Plantier; supplentes, Affonso Villar, Charles Etur, Bruno José do Carmo, Marianno de Carvalho Costa, Antonio Costa Alves, Jayme Armando Correia de Oliveira, Francisco da Ponte e Horta Gavazzo, Ernesto Magno e Ignacio Lemos. Assembleia geral: presidente, visconde de Alvalade; vice-presidente, Pedro Sanches Navarro; secretarios, Elyseu S. Boaventura de Carvalho e Roque Pina; fiscaes de contas, Alfredo A. Luiz da Silva, José Filippe Dionisio e Antonio do Carmo.

Entre alumnos marinheiros

Realisaram-se hoje no Club Naval de Lisboa os exercicios finaes de natação das escolas de alumnos marinheiros do norte e sul, de que são instructores respectivamente o 1.º tenente Lemos Peixoto e o 2.º tenente Carvalho Dias.

Houve uma corrida de 80 metros entre cinco dos melhores alumnos da Escola do norte e cinco da escola do sul, vencendo: Reynaldo Pereira Esteves, do sul, 4.707; segundo, tambem do sul, Francisco José Affonso, 4813; terceiro, Roque Maria Menezes, 18, da escola do norte, e quarto, Fernandes Viegas, do sul, 4810.

Houve varios exercicios como deitar á agua vestido, atirar da muralha, etc., em que tomaram parte perto de 130 homens.

O jury d'estas provas era composto pelos officiaes Sousa Dias, Carvalho Dias, Lemos Peixoto, commandantes das escolas do sul e norte, etc.

Passeio ciclista

A casa velocipedica de José Antonio de Magalhães promove no proximo domingo, 15, um passeio a Cintra e Cascaes, havendo almoço e jantar respectivamente em cada localidade. Realisar-se-hão diversas corridas cyclistas taes como velocidade, negativas, pucaras, etc., para as quaes serão conferidos premios de valor e medalhas de ouro e prata.

INTERESSES DE CABO VERDE

O regimen dos impostos deve modificar-se

para se angariarem recursos para o fomento da provincia

Os belgas, no seu Estado Livre do Congo, fizeram uma lei predial que a todos os respeitos é modelar. A lei foi inspirada pelo «Torrens Act», e determina que por um funccionario, o conservador dos titulos prediaes, deve ser dado a todo o proprietario um certificado de registo que constitue o seu titulo de propriedade. Este certificado contem uma descripção tão completa quanto possivel do immovel com uma planta feita pelo serviço do cadastro e indica todos os encargos que aggravam o immovel. Um duplicado d'este certificado, contendo identicamente as mesmas indicações, é inscripto no livro do registo em poder do conservador, e esta inscripção constitue o registo official, isto é a matricula do immovel.

Para transferir a propriedade de um immovel registado, quer por venda ou ou por troca ou para crear um direito qualquer sobre estes immoveis, o contracto é passado pelas partes, na presença do conservador. Todavia, as partes, por ausencia ou outro motivo, podem constituir procuradores, ou apresentar ao conservador um escripto authenticado no territorio ou fóra. O registo consiste n'uma annotação feita simultaneamente no certificado de registo existente e no duplicado, isto é, no livro do registo.

Esta annotação não é, necessariamente, uma transcripção litteral do contracto feito; basta que o certificado e o duplicado recebam uma annotação indicando exactamente a modificação feita na situação juridica do immovel.

Para que a segurança garantida por este sistema aos titulares de propriedades immoveis seja completa, é necessario que as indicações que se inscrevem no titulo definitivo da propriedade sejam o resultado d'uma medição official. E' por isso que a lei estabelece a connexidade entre o serviço dos titulos prediaes e o cadastro.

Os terrenos possuidos como propriedade particular devem ser medidos pelos agentes do cadastro, antes de ser dado o certificado do registo. Todavia, este é excepcionalmente dado antes da medição se esta não poder ter logar immediatamente. N'este caso, o certificado provisorio declara que a situação e a superficie do immovel não foram determinadas exactamente. E' substituido por um certificado definitivo desde que a medição se faça.

A taxa do registo dos direitos prediaes é de 5$00. As despezas com a medição das propriedades particulares são as seguintes: propriedade com menos de 10 hectares 12$; com menos de 20, 22$; com menos de 30, 30; com menos de 50 hec., 50$; por cada extensão de 10 hectares a mais até 100, 8$; para cima de 100 hectares, 30$ por cada fracção de 50 hectares.

As taxas pelo registo de hipothecas são as seguintes: uma taxa fixa de 5$00 e uma taxa proporcional de 0,1 % do capital por operação hipothecaria inferior a 20:000$; uma taxa fixa de 25$ e uma taxa proporcional de 0,01 por qualquer operação hipothecaria de valor superior a 20:000$ escudos.

Entendemos conveniente fazer ainda uma pequena referencia á contribuição industrial.

A contribuição industrial, que, na provincia, se applica sómente aos estabelecimentos commerciaes e a alguns empregados de escriptorio, é de 10 % sobre os lucros e rendeu, em 1913, a quantia total de 12:926$74, o que corresponde a um lucro annual de 129:267$ escudos. Ora, no mesmo anno, o movimento commercial do archipelago de Cabo Verde foi o seguinte:

Commercio de importação

Valores	1.241:027$92
Direitos	219:546$67
Carvão—valor . .	939.242$10
Direitos	71:594$71
	2:435:411$040

Commercio de exportação

Valores	354:240$53
Direitos	14:247$36
	368:487$89

Commercio de cabotagem

Valores	328:021$10

O valor total é de 3:131:920$48, e suppondo que o lucro liquido que este capital rende não é superior a 10 %, temos o rendimento annual de 313.192$04, do qual o Estado tem direito a 10 % de decima industrial ou sejam 31:319$20 por anno. Já vimos quanto tal imposto rende. Como devemos classificar este estado de coisas? Para que gasta o Estado tanto dinheiro com o seu pessoal para ser tão pessimamente servido?

Ha impostos cuja applicação é difficil, mas a decima industrial não, e não porque nas alfandegas existem os despachos de importação e exportação por onde se conhecem os valores e quantidades das mercadorias despachadas por cada um. Nada custaria verificar esses despachos, e conhecendo o preço de venda das mercadorias como se conhece em Cabo Verde, a applicação das taxas seria facil e exacta. Mas não; trabalha-se pelas declarações, embora se annuncie que a falsidade será punida com multas. Imaginem os nossos leitores que se applicavam multas: seria um nunca acabar de receita para o Estado, como exuberantemente o provam os numeros acima.

Tal é o estado actual do regimen dos impostos na provincia de Cabo Verde.

Necessita a provincia fomentar a sua agricultura, industria e colonisação, mas não o poderá fazer, dados os poucos recursos que actualmente tem, por não se pedir ao imposto o que elle póde e deve dar. Da monarchia recebemos este estado de coisas, que acreditamos cessará depressa para prestigio da Republica e desenvolvimento de uma colonia que tem sido infeliz mas que tem latentes fontes de riqueza a pedir que as explorem.

E, se este resumido estudo concorrer, embora diminutamente, para emendar os erros herdados e aqui postos a nu, ficaremos satisfeitos por termos prestado um serviço á Patria.

Armando Xavier da Fonseca

Instrucção militar preparatoria

Provas finaes da Sociedade n.º 5

Realisando-se no dia 8 as provas finaes, o director da instrucção avisa o pelotão de maqueiros de que teem instrucção no domingo, ás 8 e meia horas, na parada do quartel, para apuramento final, devendo todos os alistados para as provas desportivas comparecer na séde, amanhã, pelas 21 horas, e os inscriptos para a corrida Coimbra-Lisboa, ás 22 horas, a fim de receberem instrucções. Os socios podem requisitar na séde, mediante apresentação da quota de julho, os bilhetes d'ingresso de convidados na parada.

Foram pela direcção e conselho technico convidados a assistir os srs. ministros da guerra e marinha, commandantes da divisão e infantaria 16, inspector de infantaria da 1.ª divisão, camara municipal de Lisboa e direcção da Fraternidade Militar. As provas, que serão abrilhantadas pela banda de infantaria 16, constam do: desfile e continencia á bandeira; escola do pelotão; escola de gymnastica; corrida de resistencia de 1.500 metros; corrida de 3 pernas; lucta de cabeçalhos; saltos á vara; corridas de obstaculos (ciclistas); lançamento de disco; lançamento de pezo; lucta de tracção; saltos em comprimento; corrida de obstaculos (pedestre); saltos em altura, e corrida de saccos.

TOURADAS

Campo Pequeno—A festa do cavalleiro Morgado de Covas realisa-se em 11 do corrente, com um programma variado e attrahente em que se destaca o nome do espada «Gallito», que vem com a sua quadrilha completa de picadores e bandarilheiros. Para a corrida, que é nocturna, podem desde já ser marcados logares na rua dos Fanqueiros, 243 a 249, e rua de Santa Justa, 2 e 4.

Borquinha—Na praça d'esta villa ha domingo tourada, sendo o curro do lavrador Antonio Victorino, de Valle de Figueira. Cavalleiro é Adolpho Machado e bandarilheiros Carlos Gonçalves, Francisco Xavier, Daniel, Manuel dos Santos, da Gollegã, e Fernando Costa, entrando tambem na corrida o novilheiro J. S. Paleño.

Festas associativas

Realisa-se no domingo, na Sociedade Guilherme Cossoul, recita seguida de baile, representando-se a comedia «Como se ensinam valentes».

"Durante a dictadura,,

Tal é o titulo d'um bilhete postal que foi posto á venda, trazendo o retrato do sr. dr. Affonso Costa, o qual, por uma curiosa illusão d'optica, parece abrir e fechar os olhos. E' depositaria do curioso postal a livraria Rodrigues, da rua Aurea, encontrando-se tambem á venda em diversas tabacarias, como Neves, Saraiva, etc.

Os caixeiros e o seu 4.º congresso

A 15 de agosto devem encontrar-se reunidos em congresso, na Figueira da Foz, os representantes do caixeirato nacional.

E' opportuno o momento para conhecermos dos fins d'essa magna reunião e, avaliando os resultados do congresso de 1913, em Coimbra, presagiarmos o alcance das deliberações que se avisinham.

O congresso de ha dois annos occupou-se das bases da organisação nacional instituindo o supremo corpo directivo dos sindicatos—a Federação—e incumbiu desde logo as juntas executivas de todos os trabalhos tendentes á conquista da regulamentação do horario.

Como as juntas, mercê do porfiada campanha, conseguiram honrar o seu mandato, todos o sabem. O Congresso da Republica approvou unanimemente a lei do horario e milhares de caixeiros gosam hoje do beneficio de tão importante medida.

Mas está a organisação nacional dos caixeiros apta, pelos seus nucleos e associações, pela consciencia dos componentes da classe, a movimentar-se energicamente no mais remoto ponto do paiz?

Encontram-se elaborados e postos em vigor, por todos os concelhos do continente e ilhas na fórma da lei de 22 de janeiro, os regulamentos do labor no commercio?

A lei do governo provisorio, sobre descanço hebdomadario, é acatada em Portugal, usofruindo os caixeiros o repouso de um dia após seis de trabalho?

Podem viver muitos dos organismos da provincia, pequenos nucleos de minusculas povoações, sem a coadjuvação de elementos estranhos, como pretendem varias entidades da classe?

Qual deve ser a situação da mulher no commercio?

Eis sobre o que se tem de pronunciar o 4.º congresso nacional dos caixeiros.

Não se dirá que são muitos os assumptos a versar mas ninguem póde pôr em duvida a altissima importancia das théses conducentes a resolver os apontados problemas. E se as juntas executivas fizeram acção de vulto conseguindo a lei parlamentar do horario que deu aso aos trabalhos municipaes de regulamentação, as que forem eleitas na Figueira da Foz, incumbindo-lhes o complemento da organização sindical e a consolidação das regalias conquistadas de forma que as Camaras renitentes a lei respeitem e os direitos se reconheçam aos empregados no commercio, não teem um programa a cumprir de menor responsabilidade nem tão pouco os seus esforços serão de inferior valia.

A organização associativa que representa a disciplina moderna dos trabalhadores encontra-se entre os caixeiros muito longe do termo médio. Os caixeiros, preocupando-se na quasi generalidade com a ascensão ao patronato, e temendo já certas conquistas agora proveitosas e ámanhã, embora erroneamente, reputadas lesivas, teem sido e continuarão sendo, entre as massas obreiras, elementos pouco dispostos a decisões radicais de reivindicações. Ora as juntas a eleger carecem de educar o caixeirato demonstrando-lhe as poucas probabilidades de garantias na subida ao patronato, fazendo-lhe ver que dada a constituição das grandes casas comerciais que representam uma larga concentração capitalista o caixeiro tem de se amóldar á sua situação de assalariado e como tal defender energicamente os seus direitos.

Urgem missões de propaganda por todo o paiz, custeadas pelo cofre de resistencia, de forma a que o caixeiro da provincia se agremie lançando depois as novas associações no bloco federal.

O programa das juntas executivas a eleger na Figueira da Foz é pois vasto e definido—completar a organisação e educação da classe, integrando-a mais no movimento geral operario, e consolidar de vez as regalias conquistadas do repouso semanal e do horario de trabalho.

E se as juntas puderem, perante o congresso de 1917, dar conta honrosa d'esses encargos, bem merecerão o aplauso vibrante do caixeirato nacional.

José Almeida.

gemarck foram contados quinhentos mortos allemães. Quantos feridos que conseguiram alcançar as suas linhas e ahi morreram, não se sabe. D'um documento encontrado nos bolsos de um official allemão sabe-se que no dia 23 os allemães perderam 75 por cento da sua força.

Entre Bixschoote e Langemarck os allemães haviam tido a mesma sorte dos seus camaradas que estavam tentando tomar Dixmude. De Langemarck a Zonnebeke e d'aqui a Zandvoorde e ao canal Comines-Ypres a lucta tinha sido tambem violenta.

O corpo de cavallaria entre o canal Comines-Ypres e o bosque de Ploegsteert e o terceiro corpo de Le Gheir atravez o Lys e o corpo de cavallaria de Conneau foram tambem atacados violentamente, mas sem resultado. Na direita, o inimigo, tendo descoberto que o segundo corpo recuára para a linha Givenchy-Neuve Chapelle-Fauquissart, limitou-se a um duello de artilharia, sendo algumas das suas baterias reduzidas ao silencio pelo fogo britannico.

Os generalissimos Joffre e Foch haviam reforçado a tempo os belgas no Yser; estavam agora reforçando os inglezes. N'essa tarde uma divisão do 9.º corpo d'exercito francez que chegára a Ypres alcançou a linha de fogo e guarneceu as trincheiras occupadas pela 2.ª divisão (primeiro corpo).

Com a chegada simultanea dos reforços francezes ao Yser e a Ypres a primeira phase da batalha do Ypres póde considerar-se terminada. Os inglezes e os belgas, com 6.000 marinheiros de Ronarc'h, duas divisões territoriaes de Bidon, quatro divisões de cavallaria de De Mitry e o corpo de cavallaria de Conneau tinham desde a noite de 16 a 23 de outubro, atacando e contra-atacando, opposto uma firme barreira ao avanço das hostes do duque de Wurtemberg e do principe real da Baviera.

O inimigo avançára n'uma consideravel distancia atravez do terreno aberto que divide a elevação de Mont-des-Cats em Messines da região plana e coberta de bosques a leste de Ypres.

A primeira divisão de cavallaria britannica que se desenvolvera entre Messines e o bosque de Ploegsteert estivera tambem em perigo. A's 7 horas da manhã os allemães haviam tomado Le Gheir e começado a penetrar no bosque. Um batalhão do 104.º regimento do 19.º corpo d'exercito saxão entricheirára-se na aldeia. Da importancia de Le Gheir já dissemos o bastante para não ser preciso insistir mais n'ella. Por ahi, os allemães podiam penetrar no bosque de Ploegsteert, tornear o flanco da primeira divisão de cavallaria em St. Yves, espalhar-se pela elevação que fica para além do bosque, atravessar o Douve e atacarem pelo sul Messines e Mont-des-Cats.

O major Tankositsch, accusado de ser o instigador da tragedia de Sarajevo

Felizmente, estava ali um soldado audacioso e de recursos. O general Hunter-Weston, que na guerra sul-africana passou por entre as linhas boers e cortou o caminho de ferro entre Bloemfontein e Pretoria, antecipou-se ao ataque allemão sobre Le Gheir. A's 2 horas da manhã transferiu dois regimentos da margem sul para a margem norte do Lys. Com o tenente coronel Anley organisou um contra-ataque. Le Gheir foi retomada e os allemães que a defendiam foram varridos, sendo feitos 130 prisioneiros.

Ao sul do Lys houve uma série de violentos recontros. Na extrema direita, em Violaines, a cêrca de dois kilometros a oeste de La Bassée, os allemães haviam tentado romper a linha do segundo corpo britannico, [illegible] tinham sido repellidos com consideraveis perdas.

Um pouco ao norte de Violaines os inglezes haviam, porém, sido obrigados a recuar, tendo mais tarde retomado as suas trincheiras por um contra-ataque. Entre esse ponto e Armentières os allemães haviam-se apoderado de algumas trincheiras. As perdas totaes do inimigo a sudeste de Armentières foram avaliadas em mais de 6.000 homens.

Apesar d'essas perdas, o generalissimo inglez viu que lhe era muito difficil manter a sua fronte demasiado extensa e as suas posições emquanto não chegassem reforços francezes do sul.

Os allemães, no dia 22, sahiram das trincheiras proximo de La Bassée e tomaram a aldeia de Violaines e uma outra posição. Apezar d'essa perda, os regimentos de Worcester e Manchester impediram que o inimigo pudesse cortar as communicações entre a esquerda de Maud'huy e o segundo corpo, emquanto a artilharia franceza salvava uma outra posição proximo de Violaines do avanço allemão, por uma chuva—é o verdadeiro termo—continua de granadas.

Ao pôr do sol, as exhaustas tropas de Smith-Dorrien occupavam ainda grande parte da elevação Radinghem-Givenchy, mas durante a noite, que foi muito fria, as [illegible]

retirou o seu corpo para uma posição que antecipadamente havia escolhido. Essa posição corria do lado oriental de Givenchy, a leste de Neuve-Chapelle, a Fauquissart, na estrada Armentières-Neuve Chapelle. Os inglezes abandonaram grande parte da elevação e desceram para a planicie que fica além da torrente do Layes, que se lança no Lys em Armentières.

Algumas centenas de metros ao sul de Neuve Chapelle a estrada de Armentières cruza-se com a de La-Bassée para Estaires no Lys. D'ahi, os objectivos de sir Horace Smith-Dorrien eram trez. Custasse o que custasse, queria impedir os allemães de lhe cortarem as communicações com a esquerda de Maud'huy na fronte de Béthune; entre Neuve Chapelle e Fauquissart devia defender a estrada que ligava o seu corpo ao de cavallaria e ao segundo. Luctando na planicie contra os allemães, que estavam em plano superior, eram verdadeiramente difficultosas as tarefas que tinha de levar a cabo.

A leste de Fauquissart, a linha alliada que cobria Armentières e chegava a oeste de Krelinghien foi no dia 22 de novo bombardeada com grande violencia e á tarde teve de repellir grande numero de ataques de infantaria allemã.

Ao norte do Lys, pelas 4 horas da manhã, os allemães deram um assalto a Le Gheir pela segunda vez, mas foram batidos. Durante todo o dia bombardearam a povoação, mas como os inglezes não estavam ahi, mas sim em trincheiras em roda da aldeia, foram pequenas as perdas que lhes causaram.

Ao norte de Le Gheir o corpo de cavallaria que defendia a abertura entre o bosque de Ploegsteert e Messines e a que havia entre Messines e Hollebeke foi reforçado, por ordem de sir John French, pela 7.ª brigada de infantaria menos um batalhão. Esta brigada marchou de Wulverghem para o Douve e o general Allenby, que commandava o corpo de cavallaria, mandou um batalhão indio por Mont-des-Cats para Wytschaete, ao norte de Messines, e um outro para Voormezeele, aldeia um pouco a oeste de St. Eloi.

Essas disposições permittiram a Byng que levasse a 7.ª brigada de cavallaria de Voormezeele e St.-Eloi sobre o canal Comines-Ypres para Klein Zillebeke, na estrada Wervicq-Zandvoord-Klein-Zillebeke-Ypres.

A 6.ª brigada de cavallaria, como já dissémos, havia-se, no dia anterior, entrincheirado entre Zandvoorde e o canal. Nos dias seguintes, essa brigada e a 7.ª occuparam alternadamente as trincheiras Zandwoorde-Château de Hollebeke, constantemente bombardeadas e atacadas pelo inimigo.

Desde Zandvoorde até Gheluvelt na estrada Menin-Ypres e d'aqui a Zonnebeke, os esforços allemães contra a 7.ª divisão não haviam ainda affrouxado no dia 22. Ao romper do dia as granadas começaram a cahir. Pelas 3 e meia da tarde a batalha estava no seu auge e o general Watts recebeu uma mensagem de sir John French para que se mantivesse a todo o custo, «pois que o primeiro corpo estava marchando o mais rapidamente que podia em seu soccorro». Os regimentos de Wiltshires e de Fuzileiros Escocezes, entre outros da 7.ª divisão d'infantaria, soffreram enormes perdas. Os allemães haviam trazido artilharia pezada e muitos homens foram sepultados vivos nas suas trincheiras.

A's 5 horas da tarde o fogo affrouxou e os prisioneiros allemães foram trazidos para o quartel general. Eram na maioria paes de familia, entre os 39 e os 40 annos, e haviam tido pouca instrucção militar: os seus uniformes estavam quasi novos. Para os tornar mais ferozes haviam-lhes dito que os inglezes matavam tudo e não aprisionavam.

Entretanto o primeiro corpo, vendo-se na necessidade de mandar auxilio á 7.ª divisão d'infantaria, tinha-se mantido com grande difficuldade entre Zonnebeke e Bixschoote. Durante o dia repellira uns poucos de ataques, mas de tarde o inimigo conseguira romper a linha a sudoeste de Langemarck e ao norte de Pilkem. Os Highlanders Camero-

nian retiraram e o caminho para Ypres durante um momento ficou livre.

N'essa noite os commandantes allemães deviam ter supposto que a victoria ia coroar o seu esforço. No Yser tinham atravessado a reintrancia do canal em Tervaete; o leito do caminho de ferro de Dixmude a Nieuport podia considerar-se em seu poder; d'ahi podiam avançar, por Pervyse e Ramscappelle, ou para Nieuport e Dixmude ou para Furnes. D'aqui, estradas seguem para Dunkerke e Ypres.

Ao norte de Ypres, os allemães, como dissémos, tinham rompido a linha proximo de Pilkem e a leste a 7.ª divisão de infantaria parecia estar na ultima extremidade. Ao sul da cidade só a cavallaria e algumas tropas indias estavam entre elles e a capital da Flandres occidental, e a ala direita dos alliados estava recuando da elevação Givenchy-Radinghem.

Nos primeiros dias de outubro o principe real da Baviera exhortára os seus soldados «a fazerem um esforço decisivo contra a ala esquerda franceza e a decidir assim a sorte da grande batalha que durava havia semanas». A derrota dos alliados ao norte do Lys e entre o Lys e La Bassée daria não só aos allemães a posse de Dunkerke, Calais e Boulogne, mas prepararia o caminho para a invasão da Gran-Bretanha e forçaria Maud'huy a bater em retirada precipitada para o Somme. O dia seguinte veria a anniquilação dos exercitos inglez e belga e um tal desastre poria fim á resistencia franceza.

Felizmente no dia 23, assim como nos dias seguintes, as esperanças dos allemães não se realisaram. A 42.ª divisão franceza, sob o commando do general Grossetti, com artilharia de grande calibre, chegou a Furnes. Fôra mandada pelo generalissimo Joffre para auxiliar a segunda divisão belga em Nieuport. Por causa do fogo da artilharia allemã, Grossetti vira-se obrigado a passar as suas tropas em pequenos corpos pela ponte de Nieuport, mas ao cahir da noite as tropas belgas que haviam perdido Lombartzyde tinham sido substituidas por algumas das melhores forças do exercito francez, apoiadas pelos canhões de grande alcance. Os allemães, que tinham penetrado na reintrancia do canal e feito recuar os belgas para o leito do caminho de ferro entre Ramscappelle e Pervyse, não puderam avançar mais e os quatro ataques a Dixmude dados pelo duque de Wurtemberg durante a noite de 23 para 24 terminaram por um insuccesso.

Ao norte de Ypres a abertura na linha do primeiro corpo entre Bixschoote e Langemarck estava tapada. O major general Bulfin, com a 2.ª brigada de infantaria (menos o 2.º Real Regimento Sussex, que fôra deixado em Boesinghe para guardar o canal Yperlee), fôra mandado para reforçar a primeira brigada de infantaria. A's 6 horas da manhã do dia 23, o 1.º Loyal North Lancashires, o King's Royal Rifles e o Northamptons avançaram sobre o inimigo, na maioria consistindo de tropas do novo 23.º corpo, formado havia pouco.

Proximo de Bixschoote, n'uma região difficil, o Lancashires, sob um fogo violento de artilharia e fusilaria, avançou a custo, auxiliado pelas metralhadoras do regimento. A' uma distancia relativamente curta das trincheiras inimigas, pararam, armaram baioneta e carregaram. A posição foi tomada. Os allemães foram levados na frente das baionetas dos regimentos inglezes. Quando o inimigo fugia, a artilharia entrou em acção. A chuva de granadas repelliu os allemães de aldeias e herdades. Centenas de mortos foram deixados no campo.

O inimigo, que na noite anterior contava com uma victoria, avançava cantando o «Die Wacht am Rhein». Os inglezes deixaram-no avançar até uma certa distancia, abrindo depois um fogo cerrado. Só uma bateria disparou n'esse dia 1.800 tiros.

Foram feitos seiscentos prisioneiros e só nas proximidades de Lan-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1797 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 6 de Agosto de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71 | Preço 1 centavo

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL REALISADA HOJE

O sr. Bernardino Machado é o candidato mais votado no primeiro escrutinio. A's 20 horas ainda se procede ao segundo

O sr. Affonso Costa, alvo de enthusiasticas manifestações de simpathia dentro e fóra do palacio do congresso nacional

A GRANDE GUERRA

Os austro allemães em Varsovia

PETROGRADO, 6. — Official — Na direcção de Riga o inimigo retirou apressadamente sobre o rio Ekau, tendo abandonado cartuchame e outras munições. Os progressos allemães a leste de Poniviezo teem sido lentos. Na linha do Narew repellimos a offensiva allemã. A oeste de Varsovia os ataques allemães foram repellidos; apezar das enormes perdas que soffreu, o inimigo conseguiu chegar até aos nossos obstaculos de arame, onde foi detido. Em Ivangorod passámos para a margem direita e fizemos ir pelos ares as pontes. Entre o Vistula e o Bug, depois de havermos infligido aos allemães enormes perdas, occupámos uma linha mais vantajosa na margem direita do Bug. No Mar Negro destruimos 35 navios de vela.—(*Havas*).

PETROGRADO, 6. — Official — Em consequencia das condições da conjunctura geral, as nossas tropas que se encontravam a oeste de Varsovia receberam ordem de retirar sobre a margem direita do Vistula, tendo as que protegiam Varsovia retirado no dia 5, ás 5 horas da manhã, livremente, em direcção á nossa linha de combate, depois do que fizeram ir pelos ares as pontes que atravessam aquelle rio, nas proximidades de Varsovia.—(*Havas*).

Como os allemães procedem com grévistas e esfomeados

PARIS, 15.—Do Havre telegrapham á *Humanité* que rebentou uma gréve violenta no Beringage. Os allemães fizeram fogo sobre os grévistas, ficando mortos dois soldados, 7 operarios e feridos alguns outros. Os soldados allemães guardam as minas de carvão. Em Charleroi as desordens provocadas pela carestia dos viveres deram em resultado serem assaltados os *armazens*. As tropas carregaram sobre o povo, havendo uns 10 mortos e 40 feridos.—(*Havas*).

A autonomia da Polonia

Petrogrado, 3 d'agosto

O sr. Goremykine, presidente do conselho, fez hontem na Duma a seguinte importante declaração:

«Exigindo esta terrivel guerra enormes e numerosos sacrificios, o governo firmemente resolvido a fazer todos quantos sejam necessarios, convocou os membros d'esta camara para lhes expôr a verdadeira situação das coisas, e com elles deliberar ácerca dos meios de vencer o inimigo.

A guerra tem-nos mostrado que, comparativamente com os esforços realisados pelo inimigo, não estavamos sufficientemente preparados para ella. Torna-se pois necessario para vencermos, que dêmos o maximo desenvolvimento ás forças nacionaes. O governo submetterá á apreciação da Duma apenas os projectos de lei relativos á guerra, e n'este campo, actualmente o mais vital, terá ella uma larga esphera para exercer a sua actividade.

Não é este o momento para discorrer sobre os melhoramentos que se obterão com o concurso da Duma, mas desejo ainda hoje referir-me a uma questão, a da Polonia, a qual, evidentemente, só depois da guerra terminada pode ficar definitivamente resolvida. Mas importa, no momento actual, fazer saber ao povo polaco que a sua futura organisação está irrevogavelmente decidida desde o principio da guerra pelo appello do generalissimo, o grão-duque Nicolau.

O povo polaco, cavalheiresco, fiel, nobre e bravo, merece todas as simpathias e o maior respeito. O imperador encarregou-me hoje de declarar á Duma que ordenara ao conselho de ministros a elaboração dos projectos concedendo á Polonia, depois da guerra, o direito de organisar livremente a sua vida nacional, social e economica, sobre a base da autonomia, e sob o sceptro dos imperadores da Russia.

Com os polacos, as outras nacionalidades da grande, da immensa Russia, provaram a sua fidelidade á mãe patria; por isso deve a nossa politica interna compenetrar-se d'um principio de imparcialidade e de benevolencia para com todos os fieis cidadãos russos, sem distincção de lingua, de crença, ou de nacionalidade.

Unamo-nos no commum esforço a que o monarcha nos chama; o governo está firmemente persuadido de que cedo ou tarde a victoria será nossa, e esta fé é a da Russia inteira. Unamo-nos em torno d'um só programma: o da victoria».

Esta declaração do presidente do conselho annunciando a egualdade de todos os cidadãos russos sem distincção de nacionalidade, lingua, ou crença, foi sublinhada por vivos applausos.

Quem é Bernardino Machado

O dr. Bernardino Machado nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 28 de março de 1851. Seu pae, o primeiro barão de Joanne, Antonio Luiz Machado Guimarães, aos vinte annos, fixou residencia no Brazil. Consorciou-se ali, em primeiras nupcias, com uma illustre dama da colonia portugueza, de quem houve dois filhos. Um veiu a fallecer em tenra idade; outro finou-se ultimamente no rincão minhoto que dera o titulo honorifico ao seu progenitor. Do segundo consorcio, com a sr.ª D. Praxedes de Sousa Ribeiro, nascida no Rio Grande do Sul (Estado do Brazil) de paes portuguezes, houve tres filhos. Dois d'elles morreram na infancia, o terceiro foi aquelle que deveria ser o futuro cathedratico da Universidade de Coimbra e eminente democrata, dr. Bernardino Machado.

Aos oito annos de idade, Bernardino Machado deixa o Brazil, para viver na terra em que seus paes nasceram. Seu pae fixa residencia no solar de Famalicão; elle frequenta humanidades no Porto, entrando primeiramente como interno no afamado «Collegio Portuense» e a seguir no internato do padre José Henrique d'Oliveira Martins, reputado latinista. Bernardino Machado com notavel aproveitamento segue os cursos particulares do engenheiro Francisco d'Almeida Ribeiro, com o curso da Escola de pontes e calçadas de Paris que o inicia na sciencia de Archimedes, Pythagoras e Euclides; de Almeida Pinto, medico notabilissimo que lhe desvenda os mysterios da Historia Natural; do padre Portella que o põe ao facto dos conhecimentos historicos e geographicos. Bernardino Machado fez o seu curso de humanidades, obtendo em todas as disciplinas as mais elevadas classificações. Completára 15 annos. Tinham sido seus companheiros de escola Teixeira de Queiroz e dr. Joaquim Urbano da Costa Rodrigues, que veiu a ser director do hospital de doenças infecciosas do Bomfim.

O estudante e o cathedratico

Ingressa na Universidade, quando ali se destaca uma geração illustre. Na cidade Universitaria são seus contemporaneos e condiscipulos Guerra Junqueiro, Hintze, Alves da Veiga, Gonçalves Crespo, Julio de Vilhena, Antonio Candido, Alves de Sá, João Penha, Frederico Laranjo, Candido de Figueiredo, etc. Matricula-se na faculdade de philosophia e tem por companheiros, entre outros, Fuschini, Antonio Maria de Senna, que veiu a ser director do hospital Conde Ferreira, Augusto Rocha e Daniel de Mattos, mais tarde ornamentos da faculdade de medicina, Correia Barata, depois lente de philosophia, e Venancio d'Oliveira David, naturalista distinctissimo que disputou com Balthazar Osorio, em concurso, a cadeira de botannica na Escola Politechnica de Lisboa.

O sr. dr. Bernardino Machado fez um dos cursos mais brilhantes da Universidade. Apenas na posse do grau de licenceado, substitue na regencia da aula de phisica o professor Viegas. Doutorou-se a 28 de fevereiro de 1876, obtendo, pouco depois, a primeira classificação no concurso para lente da faculdade de philosophia. Investido nas funcções de cathedratico, depois de ter sido professor substituto, cabe-lhe a regencia da cadeira de agricultura.

N'esta epoca é nomeado vogal presidente da commissão de exames nas circumscripções do norte e centro do paiz, apparecendo tambem n'essa occasião os seus primeiros trabalhos sobre educação nacional. Começa a sua vida politica pelas posições mais modestas, fazendo parte da junta districtal de Coimbra.

Deputado, par e ministro

E' eleito deputado, a primeira vez por Lamego, com o concurso de todos os partidos, a segunda por Coimbra, em duas legislaturas, de 1882 a 1884. Na camara occupa-se particularmente das questões de instrucção. E' nomeado vogal da secção permanente do conselho superior de instrucção publica, como representante do primeiro estabelecimento scientifico do paiz. Fazendo parte das commissões parlamentares, intervem na reforma constitucional e lei eleitoral de 1884, sendo o unico que votando contra a hereditariedade do pariato não poupou os filhos dos pares existentes, como succedeu.

Na camara popular verberou os processos de administração e o procedimento dos profissionaes da politica, que cuidam mais dos seus interesses do que das necessidades da nação. Para não bradar no deserto resolve afastar-se da politica, entregando-se com mais afinco aos seus livros. Durante cinco annos vive exclusivamente para as coisas de instrucção. Viaja no estrangeiro; visita os principaes estabelecimentos de ensino em Hespanha, França, Suissa. Perscruta o coração da Europa atravez da sua instrucção, convivendo com as suas principaes individualidades. N'essa peregrinação estreita laços de fraterna amisade com eminentes professores, Octave Greard, Felix Pecaut, Guiner, Salmeron, etc., etc.

Em Madrid é nomeado professor honorario da Escola de Ensino Livre, o principal centro de educação moderna do paiz visinho, á qual Francisco Guiner, recentemente morto, dava toda a sua alma de apostolo e patriota.

Ao regressar a Portugal o dr. Bernardino Machado vem encontrar o seu paiz entregue a uma verdadeira ancia de resurgimento pela educação. A esse espirito reformador corresponde a fundação da Academia de Estudos Livres, cuja presidencia é confiada ao eminente professor. Preside á commissão de reforma do ensino a cargo do municipio, sendo, n'essa occasião, nomeado director do Instituto Industrial, onde poz em vigor as reformas que tinha elaborado.

Em duas legislaturas representou na Camara dos Pares os estabelecimentos scientificos. N'essa casa do parlamento defendeu a creação do ministerio da instrucção e a descentralisação do ensino primario.

Presidindo ao governo José Dias Ferreira, o dr. Bernardino Machado encetа uma campanha contra a politica d'esse estadista, da qual resultou a queda do ministerio, que foi substituido por um governo liberal.

N'esse governo, presidido por Hintze Ribeiro, o sr. dr. Bernardino Machado sobraçou a pasta das obras publicas, tendo por collegas João Franco, Fuschini, Neves Ferreira e Pimentel Pinto. Esse ministerio durou de fevereiro a dezembro de 1893.

O sr. dr. Bernardino Machado não o acompanhou em toda a sua existencia.

Abandonou o poder, incompatibilisado com as tendencias centralisadoras e absorventes que eram o prenuncio da politica do engrandecimento do poder real. N'essa attitude foi acompanhado por Fuschini, que estava na posse da pasta das finanças. Depois da sua sahida do ministerio, o dr. Bernardino Machado realisou uma notavel conferencia, na séde da Liga Liberal, seguindo depois para Coimbra a reger a cadeira de anthropologia, que tinha sido instituida por sua iniciativa parlamentar.

A segunda desillusão na vida politica arrasta-o mais para as questões do ensino, entregando-se, sem desfallecimento, á educação da mocidade.

A sua acção no ministerio avalia-se pela enumeração das principaes medidas que decretou e que são as seguintes:

Regulamentação do trabalho dos menores e mulheres nas fabricas; creação do primeiro tribunal d'arbitros avindores em Lisboa, regulamento das bolsas de trabalho, lançamento do cabo submarino para os Açores; organisação da *inspecção industrial*, regulamento dos serviços agricolas e creação da estação aquicola no Ave; *primeira distribuição* pelo Estado de sementes seleccionadas e primeira e unica de adubos chimicos; subsidio para a primeira adega e lagar social; reforma e descentralisação do ensino agricola e industrial, dando caracter profissional e creação de novas escolas e officinas de aprendizado; creação do muzeu ethnographico; fundação das ordens de merito agricola e merito industrial.

O republicano e o seu papel na Republica

Os laços que prendiam o educador e o cidadão ao antigo regimen em breve se rompem. Em 1903, completamente desilludido, realisa uma conferencia no Athenêu Commercial, fazendo alli a sua profissão de fé republicana. Começa, então, a faina incansavel do propagandista em prol das ideias novas. O caudilho não repousa um momento, fazendo a longa sementeira das ideias. Percorre o paiz de norte a sul, apparece em todos os comicios. Vae a todos os centros. Exerce o professorado com verdadeiro sacerdocio. A sua palavra, revestida de uma especial auctoridade, galvanisa as populações. A sua attitude traz á causa republicana os primeiros prenuncios do triumpho. Torna-se a figura mais querida do povo que desde o primeiro instante o aponta á suprema magistratura do paiz.

Na Universidade de Coimbra estabelece-se o conflicto entre estudantes e lentes, surgindo o movimento de intransigencia academica. O dr. Bernardino Machado vem a Lisboa e realisa uma conferencia no centro de Belem. Ahi exalta a attitude da mocidade estudiosa reveladora de caracter e decisão. Colloca-se em espirito ao lado dos intransigentes, resultando o illustre cathedratico abandonar a Universidade.

Triumpha por fim, a Republica e o dr. Bernardino Machado toma conta da pasta mais importante e difficil do governo provisorio: a dos negocios estrangeiros. De maio de 1912 a fevereiro de 1914 exerceu o cargo de ministro e embaixador de Portugal no Brazil, tendo prestado ali os mais relevantes e patrioticos serviços á Republica.

Volta ao paiz para assumir a presidencia d'um governo extra-partidario, destinado a acalmar as paixões que se tinham levantado na vida partidaria.

O dr. Bernardino Machado não pertencia actualmente a nenhuma das casas do Parlamento, tendo renunciado á candidatura que, com o caracter de independente lhe offereceu o partido democratico, como testemunho de reconhecimento pela sua attitude para com a dictadura Pimenta de Castro.

O publicista e o chefe de familia

O dr. Bernardino Machado exerceu durante tempo o cargo de grão-mestre da Maçonaria Portugueza. Possue as grã-cruzes de Izabel a Catholica e de Carlos III. Tem publicado, entre outros, os seguintes trabalhos scientificos, litterarios e politicos:

Estudos Cosmologicos, revista publicada em Coimbra, sob a sua direcção, com os srs. Correia Barata e Antonio Maria de Serra; *Theorias chimicas*, serie de artigos publicados na *Revista Scientifica* do Porto, sob a sua direcção com o concurso de Costa Santos, Ricardo Jorge e Candido Pinho; *Theoria mechanica da reflexão e da refracção da luz (segundo Fresnel)*, dissertação para o acto de licenciatura (Instituto 1875); *Deducção das leis dos pequenos movimentos vibratorios da força elastica*, dissertação inaugural, 1876; *Theoria mathematica das interferencias*, dissertação de concurso, 1876; *Affirmações publicas*, 2 volumes, 1886-1893; *O ensino*, 1898; *A Industria*, 1898; *O ensino primario e secundario*, 1899; *O ensino profissional*, 1900; *Notas d'um pae*, duas edições, 1897 e 1901; *A Agricultura*, 1900; *Pela Liberdade* (opusculo), 1900; *Homenagens*, 1903; *Conferencias politicas*, 1901; *A Universidade de Coimbra*; *Pela Republica*; *A agricultura e a Industria*; *Da Monarchia para a Republica*; *A dictadura*, recentemente publicado, em trez conferencias e artigos, etc.

O dr. Bernardino Machado consorciou-se aos trinta annos com a sr.ª D. Elzira Dantas Machado, filha do fallecido par do reino Miguel Dantas. D'esse consorcio nasceram 17 filhos: Antonio, formado em philosophia, professor assistente da Polytechnica do Porto e professor do lyceu; Miguel, engenheiro pela Universidade de Zurich; Bernardino e Praxedes, fallecidos; D. Ritta, casada com o dr. Alberto de Sá Marques; D. Maria, D. Joaquina, Bernardino, Domingos, Thereza fallecida; D. Jeronyma, D. Elzira, Ignacio, Bento, Joanna, Sophia e Narciso. O mais velho tem 31 annos; o mais novo 7.

Uma outra filha do sr. dr. Bernardino Machado, a sr.ª D. Manuela, é casada com o deputado Angelo Vaz.

Aos 15 filhos vivos, junta o dr. Bernardino Machado sete netos.

A sessão do Congresso

O aspecto geral — O interesse publico — O sr. Affonso Costa entra na sala — A presença do embaixador do Brazil

A eleição presidencial attrahe ao parlamento uma multidão enorme. E' sempre assim quando em S. Bento se desenrolam acontecimentos de sensação — grandes debates politicos, escaramuças asperas em que os paladinos de todos os partidos joguem as ultimas. Atrio cheio. Grande empenho na conquista dos bilhetes. Os parlamentares soffrem verdadeiros assaltos. Toda a gente quer assistir á sessão. E' que vêr eleger um chefe de Estado não é coisa que possa dar-se todos os dias. O ascensor, cada vez mais ronceiro e mais pesado, subindo lentamente até aos Passos Perdidos, vae-os com uma morosidade geradora de todas as impaciencias. Subamos. Vão comnosco dois deputados e uns poucos de desconhecidos que conseguem coar-se pelas malhas da apertadissima rede que a presidencia lançou aos curiosos. A vasta galeria regorgita de parlamentares e de individuos que não o sendo, talvez esperem vir a sel-o. Abafa-se. O calor é atroz. Traz todos de mau humor e faz com que os collarinhos humedecidos a pouco e pouco, verguem, afinal, sob o peso das faceiras rubicundas.

Ha plantas ornamentaes enfeitando os Passos Perdidos, formando em torno do busto ironico de Passos Manuel uma doce cercadura de verdura. As palmeiras alinham-se aqui e além, esmaltando de graça serena o recinto afogado n'uma luz baça e crua cheirando a fornalha... Lá ao fundo, junto da porta que dá para a escadaria nobre, a multidão apinha-se e estende-se em cacho, por ali abaixo, mal contida pela força armada que lhe impede a passagem. Bilhetes! Bilhetes! Bilhetes! E não se ouve senão essa palavra, misturada com nomes conhecidos de deputados, com recommendações instantes, com vagas e afflictivas phrazes reveladoras do receio de não se ser servido. O elevador continua subindo e descendo, placidamente, como quem não tem pressa de alcançar o seu destino. Começará isto á hora?

Ha ainda quem faça calculos sobre o resultado da eleição. Será eleito o sr. Bernardino Machado? Que sim, diz o maior numero. Que não, affirmam os que teem ainda uma vaga esperança de que os suffragios não serão favoraveis áquelle a quem o povo, nos tempos agitados da propaganda, já chamava o presidente. Para uns, o sr. Duarte Leite era o presidente ideal. Simplesmente accodem os que discordam de tal opinião, bem podia ser que d'um momento para o outro se ficasse sem presidente e sem nada. Na escadaria, ás 15,45, não se pode romper. Em contraposição, na sala, a concorrencia é diminuta. Ao lado da tribuna presidencial, duas grandes e preciosas palmeiras enchem de sombra os dois recantos do esplendido hemiciclo. Junto do estrado ha fetos e duas arvores tenras, de largas folhas avelludadas e frescas. Lá em cima um ramo de flôres vermelhas n'uma jarra modesta e minuscula. Dois cravos fulvos, inclinando-se como quem cumprimenta, cheios de coqueteria, sorriem cá para baixo, espalhando pela sala o seu precioso encanto. Mais flôres na immensa bancada dos tachigraphos, e mais flôres ainda na tribuna reservada a senhoras, toda ella movendo-se como uma vaga de rosas, de plumas, de fitas e de aigrettes palpitantes. A tribuna reservada ao corpo diplomatico tambem não fica deserta. Vêem-se ali, junto da balaustrada de marmore, conversando animadamente, a esposa do sr. Antonio Macieira e a esposa do sr. José d'Abreu. Mais tarde, chega, com suas filhas, a esposa do sr. Affonso Costa. Vestem de negro.

Lá de fóra chegam noticias de terriveis luctas entre os que pretendem entrar e os que a todo o custo pretendem evitar que não entre quem não tenha direito a isso. O elevador, a certa altura, é assaltado. Obrigam-no a transportar toda a gente. Ha quem grite por vêr em grave risco a integridade phisica. Um deputado, sem saber como, apparece, de bengala e tudo, nos Passos Perdidos. O povo é cada vez mais. Não ha maneira de o conter. O palacio do Congresso é invadido por centenas e centenas de curiosos. A tropa cede, afasta-se, deixa passar a avalanche. O sr. Regis d'Oliveira, embaixador do Brazil, com os seus secretarios, vem tomar assento na sua tribuna. O sussurro que enche a sala é enorme. Na meza, os deputados e senadores quasi arrancam uns aos outros os bilhetes de admissão ás tribunas. Ha noticias de conflictos. Diz-se-lhes que vamos assistir a uma [illegible] que querem, sem o conseguir, [illegible] eleição do terceiro presidente da Republica.

Muita gente de frack. As sobrecasacas tambem abundam, como abundam os chapeus altos reluzentes, não se sabe se do verniz natural se do calor que ameaça dissolvel-os. Algumas fardas de terra e mar. Mas os jaquetões e as andainas vulgares constituem mesmo hoje, n'este dia historico, o maior numero. E' que não faltou quem, com esta temperatura de fornalha, temesse arejar as vestes das occasiões solemnes. O governo está todo. Ha um fervilhar constante, de gente que não pára, vagueando por toda a sala a estoirar de som e sussurro. A figura grave do sr. dr. Antonio José d'Almeida ergue-se lá além, no centro da Camara, cercando esse homem publico os seus mais intimos amigos. O sr. Antonio Maria da Silva tambem não falta. Está pallido e anda a custo. Veste um «completo» côr de malva.

Inicia-se a votação

A chamada principia ás 16,15. Preside o sr. Correia Barreto, presidente do Senado. Secretariam os srs. Paes Abranches, do Senado, e Balthasar d'Almeida Teixeira, deputado. Sobre a tribuna dos oradores uma grande «gerbe» de cravos, gardenias e folhas de avenca. Nunca aquelle logar de supplicio esteve tão lindamente florido...

Dezeseis e trinta. Veem dos Passos Perdidos rumores de palmas. E' o sr. Affonso Costa que chega. A chamada interrompe-se e uma grande salva de palmas, quando o chefe democratico apparece na sala acolhe-o, prolongando-se por alguns segundos. Na sua poltrona, o sr. Affonso Costa recebe os cumprimentos dos seus amigos. As senhoras, na tribuna sobranceira, põem-se em bicos de pés, para o verem. Prosegue a chamada. Lá em cima o publico ataca, a murro, as portas das galerias, na ancia de as arrombar. Vão esforço. Mas percebe-se, pelo abafado sussurro que se côa atravez das grossas paredes, quanta anciedade mal contida se exacerba cada vez mais, do lado de lá das tribunas, ainda vasias, por ora. Termina a chamada. Respondem 49 senadores e 130 deputados. Abre-se a sessão. As galerias são invadidas pelas primeiras duzias de espectadores, que correm pelas bancadas abaixo e veem occupar as primeiras filas. O cacho humano aperta-se cada vez mais, nas galerias reservadas. A campainha presidencial agita-se constantemente. Em vão. O silencio não se restabelece e o ar torna-se tão espesso que a sala fica como que envolta n'um tenuissimo nevoeiro. As galerias publicas não chegam a encher-se. Lê-se a acta da sessão d'hontem. O Congresso approva-a. O presidente profere algumas palavras, n'aquella sua voz «blanche», que raras vezes consegue fazer-se ouvir. O sr. Balthasar Teixeira, primeiro secretario, lê as disposições regimentaes que regulam a eleição do chefe do Estado. Depois, é lido o cerimonial que tem de reger o acto eleitoral e que já foi publicado no «Diario do Governo». Ha congressistas a mais e poltronas a menos. Um continuo vae trazendo as que faltam. O sr. Correia Barreto convida para escrutinadores os srs. Simões Raposo e Thomaz da Fonseca, que tomam logar na meza. A's 17 em ponto a votação principia. Votam, em primeiro logar, os senadores. A primeira lista a cahir na urna é a do sr. Affonso de Lemos, seguindo-se a do sr. Agostinho Fortes. O sr. dr. José de Castro faz a sua lista na occasião em que vota. Se não fosse indiscreção, poder-se-hia, sem receio de erro, dizer para quem foi o voto do sr. presidente do ministerio. Termina a chamada dos senadores e começa a dos deputados. O sr. Affonso Costa é dos primeiros, seguindo á eleição, serenamente, sem incidentes, como se se tratasse do acto mais banal d'este mundo. O sr. Ferreira da Fonseca mostra a sua lista, espanejando-se e agitando-a como um tremendo pendão de guerra. O sr. Malva do Valle curva-se sob a palmeira da direita, para passar mais depressa. Que triste ideia, esta das palmeiras, que não deixam ver nada do que se passa na tribuna presidencial! A votação termina ás 17,50. Faz-se a chamada dos que faltaram. Contam-se as listas e verifica-se que entraram na urna 189.

O primeiro escrutinio

O primeiro escrutinio termina ás 18,30. Obteem votos os srs. Bernardino Machado, 71; Correia Barreto, 44; Guerra Junqueiro, 33; Duarte Leite, 20; Alves da Veiga, 5; Pedro Martins, 1, e José Caldas, 1. Listas brancas, 15. O segundo escrutinio principia um quarto de hora depois. Chegar-se-ha a fazer o terceiro?

(Veja-se a continuação na ultima hora)

OS DESASTRES DE HOJE

O "Republica" encalhado

O sinistro, devido ao nevoeiro, deu-se a 16 milhas de Peniche — O que nos disse sobre o caso o sr. commandante da divisão naval

Um desastre mortal a bordo do «Almirante Reis» — Navios allemães embandeirando pela tomada de Varsovia

Uma noticia, incompleta nos seus pormenores, alarmou hoje de manhã a marinha de guerra portugueza e a população da cidade: a de que o cruzador *Republica* havia encalhado n'uns rochedos, proximo de Peniche.

Infelizmente, a noticia era verdadeira. Nas estações radiographicas haviam-se recebido as primeiras noticias ás 8,10' e ás 11,30' do Cabo Carvoeiro enviaram para a capitania do porto e demais repartições competentes o seguinte telegramma: «Encalhou Cerro da Consolação, proximo da Praia de Peniche, um cruzador portuguez; ignoro nome. Encontra-se perto rebocador *Berrio* e diversas embarcações. Darei mais pormenores logo que o nevoeiro levante».

E mais nada se soube até bastante tarde. Resolvemos ir a bordo do *Vasco da Gama* ouvir do commandante em chefe das forças navaes o que sobre o caso elle nos pudesse dizer. Para isso dirigimo-nos á ponte-caes do Arsenal da Marinha aguardando que ali atracasse um rebocador do navio almirante que ao *Vasco da Gama* nos levasse.

Eram 13,5'. A' ponte, recebendo os ultimos concertos dos rombos recebidos em 14 de maio, o cruzador *Almirante Reis*. O sol faiscava. Pelos mastros, marinheiros palestravam, aos grupos, somnolentos e derreados. Pelo Tejo, que uma ligeira brisa brandamente fazia ondular, singravam vaporetas do Arsenal, rebocadores, de companhias maritimas e faluas carvoeiras. De repente, ouviu-se para os lados do *Almirante Reis* uma detonação e logo a bordo se notou a azafama da marinhagem que se movimentava apressada sobre o convez.

Corremos para lá tambem. Que fora?

Na casa da limpeza, o 2.º artilheiro 3:393, Manuel J. Martins, ao limpar uma espingarda, não reparou em que esta se encontrava carregada. Com a cabeça quasi encostada á bocca do cano, inadvertidamente deu ao gatilho. A bala partiu, apanhando-lhe parte da nuca, que esphacelou, tendo o pobre marinheiro morte instantanea.

Profundamente, os camaradas lastimavam o desastre, tanto mais que, diziam, o pobre rapaz, que era um camarada leal e bom comportado, devia em breve passar á reserva, tendo a familia arranjado já com que elle fosse para a guarda fiscal, na sua terra.

N'este momento atracava o rebocador que nos devia conduzir para bordo do *Vasco da Gama* e, emquanto para ali nos dirigiamos, ia n'uma maca, a caminho do hospital da marinha, o desventurado artilheiro do *Almirante Reis*. Sobre o caso foi immediatamente mandado levantar o respectivo auto, embora de antemão se saiba que o desastre foi absolutamente casual.

Tejo fóra, a caminho do *Vasco da Gama*, iamos pensando ainda no caso, quando um marinheiro do rebocador nos chamou a attenção para os navios

allemães desde o principio da guerra estacionados no nosso porto. Olhámos. Todos elles ostentavam as suas bandeiras drapejando ao vento como se, n'um porto alliado, saudassem amigos velhos.

—Que é aquillo?—perguntámos.

E o marinheiro, peito a descoberto, negro e forte, com uma significativa tremura na voz, respondeu-nos:

—Estão contentes. Dizem para ahi que os allemães tomaram Varsovia, e elles saúdam assim esse triumpho...

E, soltando uma praga energica e patriotica, o honrado marinheiro lastimava tão ostensivo desabafo por parte dos navios allemães, em aguas portuguezas.

Chegavamos ao *Vasco da Gama*. Na sua camara, o sr. capitão de fragata Leotte do Rego recebe-nos com o amavel sorriso de sempre, que, a breve trecho, desapparecia quando lhe perguntavamos o que havia sobre o encalhe do *Republica*.

Com a carta da nossa costa sobre a mesa larga do seu gabinete, o heroico commandante das forças navaes eludida-nos:

—Como sabe, o *Republica* acabou ainda ha pouco de receber um importante concerto, nas machinas, nos alojamentos, na artilharia, nas disposições electricas, etc. Foram concertos de trez annos. Ha dias entrou em armamento e fez no Tejo as suas primeiras experiencias em velocidade, procedendo depois, em dois dias consecutivos ao que se chama acertar as agulhas. E ha trez dias o *Republica* deixava o Tejo para um cruzeiro, a fim de continuar as suas experiencias de machinas e caldeiras, velocidade, consumo de carvão, exercicios diversos, instrucção de aspirantes e ainda outras missões de caracter reservado, que são dadas a todos os navios da divisão quando sahem a barra. Tocou em Lagos ha dois dias, onde se esteve abastecendo de refrescos, tendo esta madrugada passado á vista da embocadura do Tejo, dirigindo-se, a continuar o seu cruzeiro, para o norte.

—Quando teve noticias do encalhe?

As primeiras foram-me transmittidas ás 9 horas, dizendo o radiotelegramma ter o *Republica* encalhado a 15 milhas da ponta da Lamparoeira defronte do forte da Consolação que fica a oito milhas pouco mais ou menos ao norte da Ericeira e a dozeseis de Peniche.

E o sr. Leotte do Rego, apontando o mappa diz-nos:

—Como vê, a ponta Lamparoeira fica entre o cabo da Roca e Peniche, bastante saliente por signal. Mas, como vê tambem, esta parte da costa está deficientissimamente estudada, não tendo sequer sondagens marcadas. Em cinco milhas á roda os estudos hidrographicos ainda não chegaram! Pois ás 9,20, como lhe ia dizendo, recebi de bordo do *Republica* um radio do seu commandante dizendo apenas: «Estou encalhado». Este radio parece ter sido apanhado tambem pelo *San Miguel*, que, vindo dos Açores para Lisboa, se dirigiu immediatamente para o local do sinistro a prestar auxilio. Por minha parte tomei promptamente as seguintes providencias: dei immediatamente ordem para que os destroyers *Douro* e *Guadiana*, que hontem haviam sahido para cruzeiro na costa, um para o norte e outro para o sul, partissem para o local com a maxima velocidade. O *Berrio*, que se encontrava em Peniche, partiu tambem logo para alí. Requisitei ainda o *Cabo da Roca*, que seguiu para lá com vario material indispensavel, cabos de reboque e ferros, e levando a bordo o engenheiro naval Sequeira, indo juntamente com este rebocador um dos nossos torpedeiros.

«Devo dizer-lhe ainda que o *Vasco da Gama* se está aprontando para sahir esta noite, se tanto fôr preciso. Supponho, porém, que tal se não dará visto ser de crêr que os rebocadores que para lá foram já possam *safar* o navio na maré d'esta noite. Segundo o ultimo radio, das 13 horas, o *Republica* tem agua nos paioes de vante, tendo o commandante mandado passar, como medida de precaução, parte do pessoal para os outros navios.

—E o *Republica* por quem era commandado?

—Pelo capitão-tenente sr. João Fiel Stockler, official do mais alto valor profissional e que tem passado a sua vida no mar. Tenho n'elle a maior confiança, e estou certo que ha de salvar o seu navio.

—A que foi devido o desastre de hoje?

—Não tenho pormenores exactos a tal respeito. Supponho no entanto que elle se tivesse dado pelos factos que já lhe apontei e pela cerração que era grande. Felizmente, não houve desastres pessoaes.

* * *

Segundo consta, para o local do sinistro dirigiu-se tambem o vapor *Beira* que soube do desastre por radio-telegramma quando entrava a barra, vindo de Africa.

Heroes de Naulila

Em honra do capitão Aragão

Um grupo de republicanos de todos os partidos resolveu fretar um vapor para ir esperar á barra o vapor *Africa*, que conduz os heroicos combatentes de Naulila.

O mesmo grupo officiou ao sr. Antonio Santos, emprezario do Coliseu dos Recreios, pedindo-lhe a cedencia d'essa casa de espectaculos para n'ella se effectuar uma sessão solemne em honra d'esses combatentes.

Propaganda contra a guerra

Escreve-nos o sr. José Alexandre de Almeida, em nome do Grupo dos Dez, dizendo que os lettreiros que appareceram a tinta encarnada não são de propaganda contra a guerra, mas sim a favor da nossa intervenção no conflicto. E a propaganda continuará, terminando a carta pelo brado de—Viva a guerra! Abaixo os covardes!

No Banco de Portugal

Suspeitas de fogo

No Banco de Portugal procedeu-se hoje a queima de notas retiradas da circulação por varios motivos.

Como de uma das chaminés do edificio sahisse muito fumo, alguns populares que passavam, suspeitando que se tratasse de fogo, deram o signal de alarme. Compareceu immediatamente o material de incendios e verificando-se que as suspeitas eram infundadas retirou esse material.

A QUESTÃO MOMENTOSA

Fala o gerente da firma Hinton

—A firma Hornung collocada pelas suas graves responsabilidades no logar que lhe pertence deante do Estado, do Paiz e da propria firma Hinton

Creio que poderei fazer com rapidez a historia geral dos factos, pelos quaes todos os que tratam de negocios publicos e particulares possam vêr a situação no seu conjuncto e proferir a primeira parte dos seus juizos.

Os srs. Sousa Lara e Guilherme de Arriaga e os outros—que ainda hoje, com a firma Hornung, insistem no seu pretendido poder de destruir a reclamação da firma Hinton pelo compromisso maravilhoso de comprar ao Estado para a refinaria da firma Hornung até 1918 todo o assucar da Madeira em condições rejeitadas á mesma firma pela casa Hinton, em 1913 e 1914 tambem para o periodo a terminar em 1918, verão decerto que andam tão longe da realidade como eu da China.

Situações da firma Hinton e da firma Hornung

A fabrica Hinton foi estabelecida á sombra das leis que dentro da economia geral do paiz protegeram sempre o alcool e o assucar da Madeira, o primeiro na ilha e o segundo lá e no continente.

Desde 1896 até 1904 foi havendo um contracto annual entre a firma Hinton e o Estado para certos encargos e vantagens especiaes.

Em 1904 esse contracto foi tornado definitivo sob certas condições até 1918.

Em 1909, o Estado por si só, fez um regulamento vinicola, pelo qual difficultava e diminuia a venda do alcool, offendendo o contracto de 1904. Esse regulamento, que deu origem á primeira questão Hinton, foi obra especial de quem veiu a ter acção importante para a lei que determinou agora a segunda, factos decerto dignos de nota.

A firma Hinton, depois de empregar *longos esforços* para que tudo fosse resolvido amigavelmente, viu-se forçada a apresentar a sua reclamação de 1909.

A politica apoderou-se do caso para fazer a campanha de 1910 contra a firma Hinton, por fórma tal, que tinham de durar as paixões e tendencias adversas a ella.

Fez-se um rigoroso inquerito parlamentar, mas absolutamente nada se encontrou que deixasse em má situação a firma Hinton, ficando annullada tal campanha e tendo crescido como nunca em Portugal e em Inglaterra o credito da mesma firma.

Essa annullação tornou-se bem solemne pelo novo contracto de 1911, entre o governo da Republica e a firma Hinton, contracto que modificou rasoavelmente para ambas as partes o de 1904 e vigora até 1918. Elle envolvia ao mesmo tempo o reconhecimento de que o de 1904 fôra offendido pelo regulamento de 1909.

Em 1912 foi apresentado na camara um projecto de lei, pelo qual se interessou sempre a firma Hornung, para ser concedido illimitadamente ao assucar das colonias na metropole o bonus de 6 centavos por kilogramma, que estava assegurado apenas a 12.000 toneladas, 6.000 de Angola e 6.000 de Moçambique, até 1916.

A firma Hinton representou logo ao parlamento e ao governo, pedindo que não fosse approvado tal projecto para não se difficultar ou impedir a venda do assucar no continente e offender assim os direitos da mesma firma, e em especial o contracto de 1911, cujas vantagens de nenhum modo nem directo nem indirecto podiam ser modificadas até 1918.

A firma Hornung, apesar d'isso, foi empregando os maiores esforços para que fosse promulgada uma lei prorogando e alargando *bonus*. Mas os poderes publicos implicitamente reconheceram a justiça da representação da firma Hinton, ficando tudo empatado.

Foi mesmo indicado á firma Hornung que nenhuma lei se faria em tal assumpto por causa da representação Hinton já referida.

A firma Hornung tratou de chegar a um accordo com a firma Hinton para esta se comprometter a não reclamar contra uma nova lei que fosse promulgada. Foi impossivel entenderem-se a este respeito. A firma Hornung communicou por fim á firma Hinton, na primavera de 1914 que punha completamente de lado o assumpto e adiava para 1916 qualquer tentativa em qualquer sentido.

Deslealdade assombrosa na conquista das leis e dos lucros

Mas, segundo informações que ha pouco tivemos, em condições muito especiaes, a firma Hornung fez constar e correr nas regiões officiaes que estava de accordo com a firma Hinton e que esta não reclamaria se fosse feita uma nova lei relativamente ao *bonus*, o que não era verdade.

Seja como fôr, na ultima noite da sessão parlamentar, foi approvada, sem discussão nem conhecimento do publico, a base 23.ª da lei de 15 de agosto de 1914, onde se prorogava até 1933 o *bonus* concedido até 1916 e este passava a incidir sobre mais 600 toneladas cada anno para cada uma das provincias de Angola e Moçambique.

Se a Republica reconheceu que o regulamento de 1909 lesára o contracto de 1904 com as restricções do alcool, por maioria de razão deve admittir que a base 23 offende, com as situações impostas ao assucar da Madeira no continente, o de 1911 e os direitos adquiridos do existencia e funccionamento da fabrica, embora sem monopolio, para além de 1918.

A propria successão dos factos acima expostos mostra que todos estavam superiormente de accordo em que se não podia fazer uma lei que, directa ou indirectamente, restringisse ou destruisse os destinos do assucar da fabrica Hinton.

Mas o mais decisivo d'elles é o ultimo Se os homens de governo exigiam que houvesse o accordo da firma Hinton para se alterar a situação do mercado do assucar no continente, e se a nova lei foi obtida sobrepticiamente, sem conhecimento da firma Hinton, e com a affirmativa, não verdadeira, de que ella estava entendida e não teria nada a dizer, este caso gravissimo e nunca visto representa a consagração do direito da mesma firma e da sua propria reclamação final.

A firma Hinton tentou, debalde, remediar com o governo o mal causado pela base 23. Em seguida, como era forçoso, pediu a indemnisação de perdas e damnos, dentro dos 120 dias marcados pelo artigo 25.º do seu contracto de 1911. Se não reclamasse dentro d'esse praso perderia todos os seus direitos.

Mas a firma Hornung foi logo fazendo a campanha particular, hoje publica, de que a firma Hinton não tinha direito a reclamar, porque o augmento do *bonus*, pela base 23, seria pequeno até 1918, anno em que terminaria o seu contracto com o Estado. Esta malicia da firma Hornung pôe tambem a descoberto a que deu origem á propria base 23. A firma Hornung substituira no seu pedido o *bonus* maior, por outro menor no começo, para o obter mais facilmente com as suas declarações contrarias á verdade. E tambem o fez para depois envolver a inevitavel reclamação da firma Hinton n'uma atmosphera de falsa opinião de que ella não tinha fundamento por haver sempre margem segura, segundo ella, para a collocação do assucar da ilha até 1918, inculcado anno de morte de todos os direitos da firma Hinton, quando apenas o é do seu monopolio.

Mas depois de promulgada a base 23, a firma Hornung praticou os factos seguintes:

1.º—Faltou ao cumprimento do seu importante contracto de compra do assucar madeirense de 1914, recusando em agosto e setembro o resto da mercadoria, por ter subido muito a cotação de Greenock, base dos preços, recusa que em nenhum caso podia fazer, tanto mais que, se elles baixassem em vez de crescerem, a firma Hinton teria de soffrer as perdas;

2.º—Em setembro, tendo o governo inglez feito baixar a cotação de Greenock, a firma Hornung, sem tocar n'isso, nem o facto inesperado ser conhecido em Lisboa, propoz e obteve que a firma Hinton entregasse o resto do assucar pelo preço de Greenock e certos abatimentos, vendo depois a firma Hinton que tinha sido victima de uma deslealdade e perdera alguns contos, visto ella ter direito a exigir a compra pela cotação da data em que foi recusada;

3.º—Em dezembro ou janeiro, a firma Hornung disse na Inglaterra á firma Hinton que não concorrera para a concessão feita na base 23, que não tirava d'ahi beneficio apreciavel e que não ficaria contrariada se aquella disposição fosse revogada;

4.º—Ainda na Inglaterra em fevereiro, a firma Hornung, que bem conhecia a situação do mercado portuguez, tentou arrancar, no praso curto de alguns dias, ao sr. Hinton, que voltava de uma viagem e desconhecia o que se passava em Lisboa, um contracto, apparentemente vantajoso, pelo qual o sr. Hinton sem o saber, levaria a sua firma a perder, sobre cerca de 1:000 contos de assucar em 1915, se laborasse, 300 contos, todos para lucro da firma Hornung, que ia, por isso, no meio das circumstancias da guerra, tornar pessimo o anno industrial na Madeira, golpe evitado por telegramma, que ainda mandei a tempo;

5.º—Em março, quando o sr. Nunes da Ponte e a firma Hinton faziam os melhores esforços para a fabrica laborar em 1915, por uma combinação provisoria, a firma Hornung fez tudo o que podia fazer o espirito de hostilidade e açambarcamento, no Porto, em Lisboa e junto de certos elementos especiaes para impedir que o assucar da Madeira fosse comprado pelo governo, ou sob a sua influencia, impedimento que ella conseguiu pelos factos desleaes que a firma Hinton, offendida, expoz ao sr. Nunes da Ponte no seu gabinete, seguindo o caminho imposto pelo seu decoro e pelo seu respeito ao Estado;

6.º—Em abril, a firma Hornung continuou a difficultar enormemente com manobras as negociações que eu fazia para collocar o assucar da Madeira em Lisboa e no Porto; fez os maiores esforços para que as entidades respectivas o não comprassem, dizendo-lhes que tinha a certeza de o comprar barato, e que lhes faria depois a revenda com vantagens; telegraphou ao mesmo tempo ao sr. Hinton, que, visto o seu assucar estar sendo offerecido *a todas as mercearias* de Portugal—é assombroso!—estava prompto a compral-o por um preço... em que auferiria ainda cerca de 100 contos, dos taes 300 desejados em Londres, sendo tambem isto impedido por mim, sem poder já, porém, evitar, por effeito de tão complicadas machinações, algumas perdas na venda do producto;

7.º—Ainda em abril, quando já a firma Hornung sabia que nada tinha mais a negociar com a firma Hinton em 1915, promoveu com outros e obteve o augmento immediato dos preços officiaes do assucar em 2 centavos por kilogramma, concessão em que se empenhou a firma Hornung, conforme um telegramma que recebi e de que por ora não posso fazer uso.

8.º—Ainda em abril, o sr. Hornung, de viagem para a Zambezia, foi passar uns dias na Madeira á espera do vapor do Cabo, em casa do sr. Hinton, sem eu saber se para isso havia algum antigo convite; mas o sr. Hinton, embora o tratasse, decerto, com todas as delicadezas, sabia muito bem, pelo que tinha visto desde 1914, e especialmente pelas exposições terminantes feitas pela gerencia de Lisboa nos ultimos tempos, que o chefe da casa Hinton tinha como hospede o socio principal de uma firma empenhada na destruição desleal do seu negocio, da sua industria e da obra feita por seu pae e por elle mesmo.

O sr. Hinton, provavelmente, não lhe quiz falar do grande assumpto senão ao despedir-se, dizendo-lhe então, com toda a lealdade, que a sua firma ia defender com vigor a sua causa.

O sr. Hornung, esquecendo então tudo o que se tinha passado desde a primavéra de 1914 e o caracter subrepticio da lei de agosto, retorquiu que a sua firma tambem faria uma reclamação se a mesma lei fosse abolida, porque, para gosar o *bonus*, comprára já... umas maquinas.

9.º—Em julho foi publicado um folheto em defeza da Madeira e da fabrica, sem a responsabilidade do sr. Hinton ou da sua firma, não sendo ai alvejado o sr. Hornung, e expondo apenas certas condições publicas da sua firma commercial, sempre em linguagem correcta, porque isso fazia parte das circumstancias que, directa ou indirectamente, fortalecem as razões da reclamação Hinton.

10.º—A firma Hornung immediatamente promoveu e *fez* em alguns jornaes uma campanha pessoal e reprovavel contra o sr. Hinton, começando a querer estendel-a contra os seus proprios defensores, com linguagens incorrectas e com *intenções* particularmente más—muito más até—e, decerto, socialmente perigosas para quem as tem.

11.º—Ao mesmo tempo, a firma Hornung, arrastando comsigo as outras emprezas coloniaes, tentou expôr deante do paiz a firma Hinton, como entidade condemnavel que tinha pedido ao Estado, sem fundamento, uma indemnisação de centenas de milhares de libras, para destruir a qual, a firma Hornung e as outras achavam bastante offerecerem-se ao governo para comprarem, como insigne serviço, todo o assucar da Madeira até 1918, com as clausulas do contracto leonino, pelo qual a mesma firma adquirira o de 1914.

A defeza da firma Hinton tem sido e será sempre escrupulosamente correcta para com o Estado, para com todos os homens publicos, e para com todas as outras entidades que tem deante de si, não seguindo pelo terreno pessoal, mas entrando necessariamente no caminho das realidades da situação da firma Hornung, que, além de tudo o mais, vinha, inconcebivelmente, apresentar-se deante do paiz, como condemnadora severa da firma Hinton, auxiliadora magnanima do governo e benemerita da nação.

Nenhum homem de senso justo deixará de reconhecer que foi e é forçoso pôr a firma Hornung no seu logar, deante do governo, do parlamento, da consciencia publica e da firma Hinton, que nunca avançou um passo falso atravez de quasi um seculo de existencia, e tem o direito de lhe dizer que olhe para traz e pergunte a si mesma o valor que ella pode ligar, com applauso da consciencia propria e da alheia, á declaração final da firma Hornung e dos seus amparadores. Os quaes não consideraram não só que outra é a questão da firma Hinton com o Estado e que ella não pode ser debelada com a dramatica promessa de comprar, de 1906 a 1918, para a refinaria da firma Hornung, todo o assucar da Madeira, em condições peores do que as de antigas propostas feitas por ella mesma á firma Hinton, para 1914-1918, mas tambem que situação tudo isto representa!

Lisboa, 5 de agosto de 1915.

Luiz Alberto de Freitas

Assembléa popular em S. Carlos

As commissões nomeadas na assembléa popular que se realisou no theatro de S. Carlos reunem ámanhã, pelas 15 horas e meia, no annexo d'aquelle theatro, com entrada pela rua Serpa Pinto, sob a presidencia do sr. dr. José de Castro a fim de tomarem conta dos seus cargos e encetar os trabalhos.

Os presos

A minha amiga Irene veiu hontem visitar-me e contou-me o seguinte:

«Fui passar uns dias á minha terra.

Na minha terra ha uma cadeia; e na cadeia uma capella onde fui ouvir missa.

Do côro onde me encontrava, podia vêr lá em baixo os presos, perto do altar, e apenas separados do corpo da egreja por um comprido banco de pinho.

Esgrouviados, miseraveis, passivos, faziam-me pensar n'um rebanho de carneiros.

Só um d'elles voltava de tempos a tempos a cabeça e olhava para o corpo da egreja. Era muito novo, parecia menos miseravel do que os outros; tinha a barba por fazer e o cabello comprido estava disciplinado á força de pomada. Havia o quer que fôsse de Pierrot na sua face muito pallida onde luziam dois grandes olhos negros e febris. Voltava-se a miudo para fitar uma bella rapariga fresca e rosada que, ajoelhada entre os fieis, lhe sorria.

No fim da missa, foi elle o ultimo preso a sahir da capella. Devagar, arrastando os pés, seguia tristemente o rebanho que ia desapparecendo por uma pequena porta ao lado do altar.

Não tirava os olhos da rapariga que lhe sorria. Era evidente que, para elle, nada mais existia na terra digno de interesse.

Esperava a semana toda aquelles curtos momentos e d'elles vivia.

De todos aquelles desgraçados só elle levava na alma um raiosito de sol...

Disse-me o carcereiro que ainda não fôra julgado. Accusavam-no de um roubo. Mas não se sabia ao certo se estava culpado.

Até ali nunca tivera má fama e era um bom operario.

Mas desde que o metteram na cadeia, ficara como aparvalhado, indifferente a tudo. Estava tisico e sabia que ia morrer.

Quando lhe falaram no julgamento, encolhia os hombros.

Dizia cheio de sceptisismo:

«Julgamentos!... Tanto se me dá! Agora, depois de cá ter entrado e de me ferrarem fama de ladrão!»

Outras vezes sorria, ameaçando o carcereiro com a sua proxima fuga:

«Por mais que feche as portas, ti Manel, não me prende cá muito tempo».

Punha a mão no peito descarnado:

«Tenho aqui a chave da porta e hei-de sahir ao comprido...»

Nunca falava da rapariga nem ella o vinha vêr; era só aquillo, aquelle namoro durante a missa...

Quando sahi da capella, dei uma volta á cadeia e falei com os presos atravez das grades das janellas baixas. Pude vêr assim uma poucas de cellas.

Muitos presos apinhavam-se junto das janellas para me vêr passar.

Alguns conservavam-se afastados, olhando-me de revez com uma expressão má e desconfiada. Outros estendiam as mãos, pedindo esmola.

Mas emquanto estes ultimos me falavam contando-me os seus infortunios, os primeiros approximavam-se a pouco e pouco e acabavam por se desannuviar e dirigir-me tambem a palavra.

Uns eram operarios da villa, outros trabalhadores do campo, outros passaros de arribação, vindos ninguem sabia de onde...

Todas as historias eram parecidas, ditas n'uma toada monotona, intercaladas de mentiras e de fanfarronadas.

A falta de trabalho... a injustiça da sorte... a fome... a vingança... o ultrage recebido... a perseguição do inimigo... a miseria negra... Fatalidades. Tinha que ser.

Falavam dos seus crimes com espantosa serenidade; queixavam-se do destino como victimas; tinham um prazer evidente em falar e não eram brutaes.

Sentiam uma especie de consolação, um prazer de vaidade; procuravam provocar a minha admiração; eram profundamente humanos apesar da sociedade os ter reduzido á cathegoria de animaes.

Pobres diabos!

Vinha do interior das cellas um chêro nauseabundo.

A miseria e a falta de asseio eram horriveis.

Um desgraçado velho, esqueletico, estava ali havia dez mezes; a roupa que nunca mudára apodrecia-lhe no corpo.

Em algumas cellas, os presos não se approximavam das grades á minha passagem, nem me concediam um olhar. Deixavam-se ficar sentados pelos cantos, immoveis, indifferentes. Alguns, estendidos nas enxergas ou na palha que lhes servia de cama, tapavam a cabeça com a manta esfarrapada que os cobria, como animaes feridos que se escondem para morrer.

E. sem movimento, fechados na sua dôr e na sua revolta, ali ficavam, sinistros como cadaveres sob os sudarios.

Quando me afastei da cadeia levava um grande peso no coração, uma duvida angustiosa, uma especie de remorso e de vergonha por pertencer a uma sociedade chamada civilisada e onde taes horrores se commettiam.

Pensava nos juizes.

Acudiam-me idéas mortificantes. Havia ali homens condemnados a mezes de prisão por gatunagem, vagabundagem ,ou porque, n'um momento de raiva ou de excitação produzida pelo alcool, tinham vibrado uma facada ou um golpe de navalha a outro homem.

Eram todos analphabetos e a sociedade que agora os mettia n'uma jaula como se fossem feras nada fizera por elles; abandonára-os sempre e impellira-os para o crime.

Os juizes que lhes assignavam as sentenças cumpriam a lei, é certo. Guiavam-se pelos artigos «tal e tal» do codigo que folheavam com ares severos.

Mas... ao folhearem o codigo, não teriam por vezes deparado com certos artigos «tal e tal» que lhes deveriam ser applicados a elles, juizes (homens cultos e perfeitamente responsaveis e conscientes), com manifesta e profunda vantagem para a sociedade?»

Eu escutára a minha amiga Irene com interesse. Mas n'este ponto do seu discurso interrompi-a com prudencia e, como pessoa civilisada que sou, mudei de conversa.

Virginia de Castro e Almeida

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Um donativo

Do donativo de 25$00 que hontem foi entregue na administração de *A Capital* pelo sr. Raymundo Pereira de Magalhães, socio da conceituada firma Borges do Rego, Lemitada, foram já hoje entregues 20$00, como consta dos seguintes recibos:

Anno de 1915 a 1916 — N.º 69— Escudos 5$00:—Recebi do ex.mo sr. Raymondo de Magalhães, por intermedio da administração do jornal *A Capital* a quantia de cinco escudos, pela sua dadiva.—Lisboa, 6 de agosto de 1915.—O thesoureiro, *Ignacio Duarte da Fonseca*. (Tem o carimbo da Tutoria Central da Infancia, Lisboa).

Albergaria de Lisboa—N.º 38—São 5$00—Recebemos do ex.º sr. Raymundo Pereira de Magalhães, por intermedio do jornal *A Capital*, a quantia de cinco escudos com que aquelle senhor se dignou auxiliar esta instituição. — Lisboa, 6 de agosto de 1915.—Pelo thesoureiro, *Joaquim Teixeira Cabral*.

Asylo de Cegos de Nossa Senhora da Saude, instituido por D. Maria Balbina dos Reis Pinto—Recebi do sr. Raymundo Pereira de Magalhães, por intermedio da administração do jornal *A Capital*, a quantia de 5$00 (cinco escudos) para o Asylo dos Cegos de Nossa Senhora da Saude. —Lisboa, 6 de agosto de 1915.—Pelo provedor, *Maria do Carmo Santos*.

Sociedade Protectora das Cozinhas Economicas de Lisboa—Recebemos do ex.mo sr. Raymundo Pereira de Magalhães, por intermedio da administração de *A Capital* a quantia de cinco escudos como generoso donativo a esta Sociedade.—Lisboa, 6 de agosto de 1915.—O thesoureiro, *Julio Ferreira Bastos*.

Falta apenas completar a distribuição das esmolas aos pobres protegidos pelo nosso jornal, cujos nomes amanhã publicaremos.

Sociedade da Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha recebeu hontem de um anonimo, por obsequioso intermedio do sr. dr. José de Castro, presidente do ministerio, a offerta de um elegante e artistico serviço de almoço em prata, constando de um taboleiro, bule, assucareiro, leiteira e caisteira. A direcção resolveu incluir este serviço na baixela da sua casa de saude em Bemfica.

A subscripção patriotica a favor da ambulancia no sul d'Angola ficou hoje em 28.675$43.

PEQUENAS NOTICIAS

Chama-se Eulalia Rocha Varejão, tem 65 annos, é natural de Lisboa e tem a pensão de 7$00 mensaes que recebe do Monte-pio Geral a mulher ha dias encontrada cahida na azinhaga de Santa Luzia e que ainda continúa sem fala no hospital de S. José.

—Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu entrada João Pedro, descarregador, que a bordo d'um vapor inglez atracado ao caes de Santa Apolonia foi apanhado por um cesto de carvão, ficando muito contuso pelo corpo. Na de Santa Estephania ficou o menor de 3 annos Julio Antonio, da Lourinhã, gravemente ferido por uma pedrada na cabeça.

—Falleceu hoje na enfermaria 5 do hospital de S. José o operario da fabrica do material de guerra João Protasio da Cunha, alvejado a tiro, no Poço do Bispo, pelo seu collega Antonio Meyrelles, caso a que hontem largamente nos referimos.

—João Manuel Pereira, foi preso por ser encontrado com uma pistola automatica carregada com 6 tiros, não tendo licença de porte d'arma. Tambem foi preso Antonio Marques, da rua da Bella Vista, á Graça, 94, loja, por ser encontrado na rua dos Sapadores munido de uma navalha de ponta e mola.

—Entre os objectos apprehendidos pela policia n'uma busca que fez n'uma casa da rua das Trinas ha 12 tubos de ferro de fórma cylindrica, duas culatras de espingarda e balas de espingarda e revólver.

Ultimas noticias

A eleição presidencial

No terceiro escrutinio, deve ser eleito o sr. Bernardino Machado

No intervallo do primeiro para o segundo escrutinio, a maioria reuniu no salão nobre do Senado. Falou o sr. dr. Alexandre Braga, que em breves e rapidas palavras emittiu a opinião de que os votos dos seus correligionarios deviam na segunda votação incidir no nome do sr. dr. Bernardino Machado.

Dito isto, procedeu-se a uma especie de balanço, passando para a direita os partidarios do sr. dr. Bernardino Machado e para a esquerda os contrarios, que ficaram em muito pequeno numero.

A reunião terminou immediatamente, não tendo a ella assistido o sr. dr. Affonso Costa, que chegou á porta do salão exactamente no momento em que d'ahi sahiam os primeiros congressistas.

Todo o tempo decorrido entre o primeiro e o segundo escrutinio foi consumido em combinações varias, avistando-se o sr. dr. Alexandre Braga com o sr. dr. Antonio José d'Almeida n'um dos corredores, trocando ligeiras impressões sobre a eleição. Não se sabe o que o chefe do partido evolucionista disse ao «leader» democratico, mas diz-se que os evolucionistas só votarão no sr. dr. Bernardino Machado no terceiro escrutinio, se a sua eleição estiver em perigo.

A's 19,15 começa o segundo escrutinio.

* * *

O terceiro escrutinio terminou ás 20 e 25. Presidiu o sr. Azevedo Coutinho por ser presidenciavel o sr. Correia Barreto que não votou.

Resultado da votação:

Dr. Bernardino Machado, 75 votos; Correia Barreto, 45; Duarte Leite, 19; Guerra Junqueiro, 30; Alves da Veiga, 2, listas brancas, 12.

Segue-se, um quarto de hora depois, o terceiro escrutinio, devendo ser eleito o mais votado dos dois candidatos que obtiveram maior votação no segundo.

A chegada do sr. dr. Affonso Costa

A's quatro horas e um quarto, nos corredores da Camara e nos Passos Perdidos, nota-se um ligeiro movimento de impaciencia, e um ou outro deputado puxa apprehensivamente do relogio. Perguntámos a alguem que o acaso nos depara:

—A que horas chega?

—Não deve tardar. Demonio! Ja passa das quatro...

—Esperava-se então ás quatro horas?

—Sim, devia sahir de casa ás 3 e meia...

Descemos a escadaria que conduz ao atrio. E' quasi impossivel romper, tal a quantidade de pessoas que se agglomeram ás portas, na esperança de conseguirem bilhetes para as galerias. No largo das Côrtes ha relativamente pouco movimento. Em frente do largo portão de ferro, junto do sr. major Amaral, que dirige o serviço de policia, os reporters photographicos dos jornaes preparam já os seus apparelhos, e a cada automovel que chega, rostos anceiosos perscrutam o interior no desejo de serem os primeiros a saudar o illustre chefe politico.

Mas como o dr. Affonso Costa se demore, subimos novamente aos Passos Perdidos e dirigimo-nos a varanda do edificio. De repente, chega-nos aos ouvidos um ruido de palmas: corremos para dentro e, á sahida do elevador, depara-se-nos então o eminente homem de Estado que acaba de chegar, sem ruido, sem que ninguem o visse, mercê do singelo «truc» de entrar pela porta posterior das Côrtes, acompanhado pelo sr. dr. Antonio Tudella.

Vem sorridente, com um aspecto magnifico de saude o sr. dr. Affonso Costa. Ninguem diria que ainda ha pouco passou por um transe tão cruel. De todos os lados se lhe estendem mãos amigas, que elle aperta effusivamente ao atravessar os Passos Perdidos em direcção á sala.

Lá dentro, a sua apparição é egualmente saudada com longas ovações. Só a galeria da esquerda está já occupada por muitas dezenas de senhoras que, de pé, agitam com enthusiasmo lenços n'uma carinhosa manifestação de sympathia. O sr. dr. Affonso Costa segue a occupar o seu «fauteuil», junto do qual, n'uma verdadeira romagem, acódem successivamente todos os membros da Camara que veem felicital-o.

Depois da primeira votação o sr. dr. Affonso Costa dirigiu-se ao «buffete» onde tomou uma chavena de chá e uma torrada. Aproveitámos a opportunidade para o felicitar tambem, e tivemos então occasião de verificar a magnifica disposição de espirito em que o eminente estadista se encontra. Commentando o acontecimento do dia, disse-nos:

—Nota-se na sessão de hoje um bello aspecto de solemnidade. Vê-se como todos se interessam pelos grandes momentos da Republica. Isto é realmente consolador...

* * *

A's 21 horas:

Na reunião da maioria, depois de terem falado varios oradores, resolveu-se que os democraticos votassem todos no sr. Bernardino Machado.

Por sua vez, os evolucionistas resolveram tambem votar no mesmo candidato, que deve assim ser eleito por cêrca de 150 votos.

A grande guerra

A offensiva italiana contra os austriacos

ROMA, 5.—Official—Continuámos a offensiva na direcção de Salesci, Piedelivi, Nallonzo e Agni. Apoderámo-nos de uma parte da alta Cortone e Dicoldilana. Repelimos um ataque no bosque do Cappucio e apoderámo-nos dos entaincheiramentos. Todos os outros ataques foram egualmente repellidos.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

Uma commissão de pilotos da barra de Setubal, acompanhada do vice-consul inglez e representantes das Associações Commercial e Industrial conferenciou hoje com o sr. ministro da marinha, pedindo melhoramentos para o bisto dos pilotos da mesma barra.

—Com o sr. governador civil conferenciou hoje o sr. Matheus Barros, administrador do concelho do Barreiro.

—O Conselho de Arte e Archeologia, representado pela commissão dos melhoramentos, chamou a attenção do governo para o vandalismo perpetrado na egreja de Santa Maria, de Loures, devido á falta de vigilancia, de que resultam prejuizos para os interesses do Estado, da Arte e até mesmo do simples decoro.

Dr. Affonso Costa

Excursão do Porto—Sessões de homenagem

Como se sabe, chega depois d'ámanhã a Lisboa a excursão organisada pelo jornal *A Montanha*, do Porto, em homenagem ao sr. dr. Affonso Costa. O Directorio do Partido Republicano Portuguez convida todos os seus correligionarios a aguardarem a chegada dos excursionistas, a fim de os acompanharem á residencia do illustre estadista.

Na freguezia de Santos-o-Velho realisa-se depois d'ámanhã uma festa commemorativa das melhoras do sr. dr. Affonso Costa, levada a effeito por uma commissão de parochianos, sendo ás 10 horas distribuido na séde do Centro Republicano de Santos, rua da Esperança, 204, 2.º, um bodo aos pobres. A's 12 horas, haverá sessão solemne para a qual a commissão recebeu adhesões dos srs. drs. Alexandre Braga, Alvaro de Castro, Antonio Macieira e Alberto Xavier. Será inaugurado o retrato do sr. dr. Affonso Costa, abrilhantando o acto um grupo musical da Sociedade União e Progresso. São convidados a assistir a esta festa as commissões politicas do partido, os centros e diversas collectividades. A's 15 horas, no Grande Hotel Internacional, realisa-se um banquete de confraternisação, estando já grande numero de parochianos inscriptos. A's 21 horas realisa-se uma *soirée* dançante, nas salas do Centro, que se encontram brilhantemente ornamentadas.

Movimento associativo

Calceteiros de Lisboa

Reune a assembléa geral no dia 11, ás 20 horas, pedindo a direcção a comparencia de todos os socios.

Instituto Branco Rodrigues

O alumno d'este instituto Joaquim Nunes Pinto, que obteve distincção nos exames do 2.º e 3.º anno do curso de piano feitos no Conservatorio, vae ser leccionado pelo professor d'esse estabelecimento sr. Rey Colaço, que para tal fim se offereceu generosamente.

Festas associativas

Na Academia Recreativa de Lisboa ha depois de amanhã recita e baile, promovidos pela commissão administrativa, representando-se a comedia *A porta falsa*.

Explosão n'uma officina pirotechnica

Pelas 20 horas deu-se, no Alto do Pina, n'uma officina de pirotechnia ali installada uma violenta explosão. Ao que nos consta, ha victimas a lamentar.

TOURADAS

Algés.—Como já noticiámos, depois de ámanhã realisa-se n'esta praça a festa artistica de Luciano Moreira, o estimado e popular bandarilheiro. A corrida é á antiga portugueza, havendo portanto luxo e *apparato* e sendo a lide inaugurada com a «Casa da guarda» pelos forcados amadores, que são os srs. Leopoldo Finzi (cabo), Filippe Lamas, M. R., Mario Sant'Anna, Antonio Lopa, A. Serra e Moura, Carlos Penalva e N. N. Dirige a corrida o sr. J. J. Segurado.

Setubal.—Realisa-se depois d'ámanhã, na praça Carlos Relvas, uma excellente corrida, em beneficio do hospital e *Asylo* Bocage, sendo corridos 11 touros, dez do lavrador de Palma sr. dr. José Posser d'Andrade, cedidos generosamente, e um pertencente ao asylo, que será sorteado no fim da corrida.

Na lide tomam parte gentilmente os cavalleiros-amadores Alexandre de Mascarenhas e Accacio d'Oliveira e Silva e os amadores Jayme Cadete e Mario Luiz Lopes e Jorge Cadete, José da Costa e outros, havendo comboios para Setubal, ida e volta, a 30 centavos.

EVORA, 6.—A banda dos marinheiros, que no domingo vem a esta cidade abrilhantar a corrida que aqui se realisa, cujo producto liquido é destinado pelos promotores ao «Dinheiro para os pobres», dará antes da corrida um concerto na praça, tendo entrada n'ella todos os que tiverem bilhete para a corrida.

Os bandarilheiros Alfredo dos Santos e Rodrigo Largo, que auxiliam os amadores, lidarão tambem, cada um, um touro a sós.

A provincia n'A CAPITAL

FARO, 5.—Teve a sua *délivrance* a esposa do agente de *A Capital* em Faro, sr.ª D. Maria dos Santos Capella, dando á luz uma creança do sexo masculino.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou as seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/8	35 1/4
Londres, 90 d/v	35 15/16	—
Paris, cheque	$75,8	$76,4
Allemanha, cheque	$28,5	$29,[illegible]
Hollanda, cheque	$56,5	$57,5
Madrid, cheque	1$36,5	1$37,5
New York	1$41	1$42,5
Libras	6$98	7$10
Agio do ouro	40 %	46 %

BOLSA. — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,95	39,85
» » 500$	39,95	39,85
» » 100$	39,95	

Obrigações do Estado: 4 0/0 1890, coup 51$90; 4 1/2 60$53.

Externas: 1.ª serie 72$50 e 3.ª 74$50.

Acções: B. de Portugal, assent. 179$85 e port. 179$20; C. N. dos C. de Ferro 4$20; Phosphoros, coup. 56$; Tabacos, coup. 75$90; Agricultura Colonial 85$50.

Obrigações: Aguas, coup. 81$30; Prediaes 6 0/0, 41$50; Norte e Leste, 1.º grau, 72$20; Beira Baixa, 2.º grau, 12$50.

SPORT

Os sports violentos no exercito e marinha

Os portuguezes já os praticam mas sem obrigatoriedade—Os marinheiros americanos, inglezes, allemães, francezes e japonezes são athletas com programmas obrigatorios

A' nossa redacção chega a noticia de que ámanhã, sabbado, de tarde, se realisam as provas finaes de aptidão physica dos alumnos da Escola de Guerra e que no quartel de marinheiros, domingo, se effectua um desafio de «foot-ball» entre dois «teams» fortes.

Não nos surprehende a noticia de que no exercito e na marinha portugueza se comece a respeitar, como uma imperiosa necessidade, a pratica da cultura physica. E' que se vae seguindo a evolução geral e pelo exercito e pela marinha vão sendo commentados os exemplos de todos os dias e aquelles que forneceu, durante um anno de lucta decorrida, a guerra europeia. Os melhores combatentes teem sido aquelles que robusteceram o seu corpo. Os relatorios de Joffre, French e Jellicoe põem em destaque a resistencia physica e a audacia dos homens de «sport».

Os francezes durante muito tempo fizeram a preparação do seu official de marinha intellectualmente. Descuidaram-se. Um dia, porem, os sobresaltos de «chauvinisme» e o policiamento do Mediterraneo obrigaram-os a trabalho mais intenso. Surgiu, então, a cultura physica obrigatoria. Fizeram o que já era praxe estabelecida nas marinhas ingleza, americana, allemã e japoneza, onde os «sports» violentos se praticam continuamente.

Nós, já praticamos esses «sports», como os de athletismo, com as suas marchas, corridas, saltos e «lançamentos», como os de jogos com os de «foot-ball» e os «naturaes» como a natação, mas ainda e infelizmente lhe não concedemos direitos de obrigatorios!...

Os aspirantes da marinha ingleza do Collegio Real de Osborne caçam a pé. Correm atraz de matilhas de cães «Cassels», lançados na perseguição d'uma lebre ou d'um veado.

Entre os officiaes organisam-se, com frequencia, combates de «box». Os proprios almirantes jogam o «foot-ball», o «cricket» e o «golf». Ha sete annos appareceu em Paris um grupo de «foot-ball», constituido exclusivamente por officiaes de marinha que venceu, com brilho e com superioridade, um «team» de selecção de clubs!

Na marinha allemã, até á declaração de guerra, a formação dos futuros officiaes era mais severa, sobre este ponto de educação e cultura physica. Albert Touchard resume-os assim:

«Discipulos da sciencia materialista dos Buchner e dos Wundt, os educadores do pessoal allemão, desdenhosos dos compromissos infantis que queriam fazer, nas casernas, o «pequeno soldado», afirmaram que a vontade não era senão uma resultante; que a um corpo robusto inaccessivel á fadiga e ás intemperies, animado d'uma vitalidade superabundante, corresponde fatalmente um cerebro ávido de provar a vitalidade pela acção, ávido por consequencia da lucta, que é a formula, por excellencia, da acção, n'uma palavra um cerebro de homem da guerra, porque a guerra não é senão a lucta levada ao paroxysmo da intensidade.

«Nada existe mais typico que o recrutamento e a dressagem dos aspirantes de marinha allemã. E' essencial uma resistencia physica excepcional. Não ha exigencias sobre nascimentos ou condições sociaes, mas é rigorosa a selecção corporea, eliminando-se, immediata e severamente, os enfezados e os debeis, isto é, quinze por cento, em media, das admissões.

«A bordo do navio-escola que reune os grumetes, os marinheiros e os aspirantes, ha um systema de educação physica intensiva. Eis um exemplo: Ao levantar, de manhã muito cedo, realisa-se uma meia hora de exercicios physicos, executados com o tronco meio nú, qualquer que seja a estação. Segue-se a natação, depois uma hora de mais exercicio. Acabados estes faz-se novo violento e prolongado. Se chover durante o exercicio, os aspirantes soffrem a agua em cima do corpo, suado e trabalhado!... E o resto do programma diario subordina-se a esta idéa fixa: «esforçar-se por collocar ao serviço de uma vontade invencivel um corpo athletico».

E na America? Ha maior severidade. Os officiaes de marinha, com postos inferiores ao de vice-almirantes, são submettidos annualmente a uma das trez provas physicas seguintes e á sua escolha:

A pé—50 milhas, seja 80 kilometros em vinte horas.

A cavallo—90 milhas, seja 144 kilometros e 800 metros em vinte horas.

Em bicicleta—100 milhas, isto é, 160 kilometros e 900 metros em quinze horas.

Em cada prova, o tempo concedido para effectuar o percurso póde ser dividido por trez dias consecutivos.

Realisa-se um exame medico antes e depois das provas.

A festa d'ámanhã, na Amadora

Ha uma anciedade enorme em assistir á festa de armas que se realisa ámanhã á noite, á luz de lampadas electricas, no bello «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora, que são actualmente o ponto de reunião elegante dos nossos «sportsmen» e familias.

A festa d'armas tem imponente «mise-en-scene» e uma regulamentação original para o seu campeonato d'espada. Colloca os adversarios em frente uns dos outros e sem «combinações». Todos teem de combater com o melhor que sabem e com o melhor que podem! Hontem, perguntámos ao mestre Carlos Gonçalves quem seria o vencedor. A resposta foi a seguinte:

—Não faço a minima idéa. Julgo mesmo impossivel o prognostico!

Fomos procurar o excellente atirador Antonio Montez, que é um dos concorrentes. Respondeu-nos:

—Não sei. Evidentemente que os melhores, e esses mais ou menos todos os conhecem, teem vantagens...

Fizemos, porém, a immediata observação de que esses «celebres da esgrima» podiam tirar á sorte o seu assalto uns com os outros.

—E' verdade, é... Não me lembrava d'essa circumstancia. N'esse caso um tinha de ser sacrificado. Na verdade, não se póde dizer quem ganha...

Ora, são todas estas novidades de regulamento que tornam muito interessante o campeonato da Amadora, que terá uma execução rapida, movimentada e energica. A'manhã, não fazem esgrima, batem-se em duellos.

O programma detalhado da festa é o seguinte:

1.º—Ouverture por uma orchestra de arcos, formada por notaveis musicos amadores, sob a regencia do sr. Frederico Tavares. 2.º—a) Tiragem do numero de inscripção dos esgrimistas. b) Leitura do regulamento do Campeonato de Espada para a taça «Amadora» e para 3 medalhas: uma de ouro e duas de vermeil, entre amadores portuguezes. Inscreveram-se os srs.: dr. Manuel Queiroz, campeão de 1914; Antonio Villas; North e dr. Pinto da Rocha, pelo Centro Nacional de Esgrima; Antonio Montez, pelo Atheneu Commercial; Mouton Osorio, Marciano Rebelo, Ruy Paes de Villas-Boas e A. dos Prazeres, pela Sala d'armas Magalhães; C. Farinha, campeão de 1915; Jorge Paiva, campeão da Federação, de 1915; dr. Manuel Pitta e Castro, campeão escolar e campeão dos «juniors», de 1915; Domingos Gentil, dr. José de Pitta e Castro, Augusto Farinha, Franco de Castro, Fernando Farinha, Raul Saraiva e Antonio Penha e Costa, pela Sala d'armas Carlos Gonçalves, dr. Carlos Granha e João Gomes, do Gymnasio Club Portuguez. c) Primeira «volta» do campeonato. 3.º—Guitarras e espadachins no serão do amore, conferencia pelo sr. dr. José Pontes. 5.º—Concerto pela Orchestra d'Arcos. 6.º—a) Tiragem á sorte para a segunda «volta» do campeonato. b) Segunda «volta» do Campeonato de Espada. c) Final do Campeonato de Espada. d) Distribuição da taça «Amadora» e dos premios.

Os socios dos Recreios Desportivos teem entrada gratis mediante a apresentação da quota de agosto ou bilhete annual de 1915-1916.

Os comboios mais convenientes de Lisboa para a Amadora sahem do Rocio ás 7,17 e 7,55 da noite, parando em todas as estações; da Amadora para Lisboa os das 10,50, 11,10 e 12,20 da noite.

Nota do dia

Lisboa, 6 d'agosto.—*Sr. redactor.*—Na lista dos atiradores inscriptos para o torneio de espada na Amadora, e que hontem *A Capital* publicou, leio o seguinte: Raul Paes, junior.

Ora succede que ha dias, eu pedi a um amigo o favor de me inscrever n'aquella prova. E como tendo procurado o meu nome entre o dos esgrimistas que haviam de tomar parte n'essa festa e o não encontrar, supponho que aquella inscripção me representava; é, portanto, ao meu nome que se refere.

De facto, em 1908 tomei parte no primeiro campeonato de amadores realisado em Portugal (1908), tendo-me feito classificar em 4.º logar na «poule» final, com Antonio Osorio, Frederico Paredes, Alexandre Paulos, Mario de Noronha, Castello Branco, Fernando Correia e Sebastião Heredia,—o que me deu para todos os effeitos a cathegoria de «senior».

De então para cá, não voltei a tomar parte em torneios de importancia, ou por me encontrar ausente de Lisboa n'essa occasião, ou porque o meu estado de saude o não permittia.

E pelo que respeita ao meu nome, elle é, tal como tenho a honra de me assignar—*Ruy Paes de Villas-boas.*

Algumas anecdotas

Cauteloso, muito cauteloso, o sr. Mac Closkey.

O «boxeur» americano Blink Mac Closkey, que fixou arraiais em Lisboa por uns dois mezes, é um homem cumpridor da sua palavra mas tambem muito cauteloso em questões de dinheiro. E faz elle muito bem porque nem todos os emprezarios são como o sr. José Alvalade, que elle proclama «o mais serio e mais cavalheiro de todos os promotores do mundo».

Uma vez pediram-lhe que assignasse o contracto para o assalto com Bob Scanlon. Assim fez mas exigiu, immediatamente, que lhe déssem o adeantamento de metade da verba.

—Isso ámanhã, é melhor...

—Não, não, quero hoje.

—Parece que desconfia da gente...

Blink não quiz ser franco d'aquella vez e para se desculpar arranjou o seguinte «truc»:

—Não é nada d'isso... E' que Bob é muito bruto e eu posso morrer ámanhã. N'este caso, ninguem póde levar a mal que queira fazer testamento da quantia a meu filhinho...

Noticias

Entre nós

Disputa da Taça Sacavem

Realisou-se, no domingo, um desafio de «foot-ball», em Lisboa, entre o Grupo Sporting Nacional e o Sport Grupo Sacavenense, o qual foi animadissimo, jogando-se bem e com acerto. A primazia da victoria foi disputada de parte a parte com coragem. Jogaram os 4.os «teams», ganhando o Sporting Nacional por 5 «goals» a 3, e os 5.os «teams», ganhando o Sacavenense por 3 «goals» a 1, ficando a taça «Sacavem» ganha pelo Sport Grupo Sacavenense. No final do jogo os jogadores dos dois «teams» dirigiram-se para a séde do Nacional onde houve um copo d'agua, que correu animadissimo, sendo dados muitos vivas ao Nacional, ao Sacavenense, e á imprensa sportiva.

Jogos Sportivos Nacionaes

Continuam ámanhã os torneios dos Jogos Sportivos Nacionaes. Começam ás 16 horas, no campo do Stadium. As finaes disputam-se no domingo.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Fernando vae casar.

POLITHEAMA — A's 21 — A amante de meu genro.

EDEN—A' 20 1|2 e 22 1|2—O diabo a quatro.

APOLO—A's 20,45 e 22,45—De capote e lenço.

Agenda da semana

A'MANHÃ—**Avenida**— Primeira representação da peça de Feydeau, *Fernando vae casar*, traducção de Jorge de Abreu.

Ao correr da penna

A' hora em que escrevo ainda não sei se o dr. Bernardino Machado será eleito presidente da Republica. Dadas as probabilidades que tem o popular estadista de ir occupar a suprema magistratura, cumpre-me enviar-lhe d'aqui, em nome dos revisteiros portuguezes, cuja procuração tomo sem me ter sido confiada, as nossas saudações e os nossos agradecimentos. Sua E.ª, entrando em Belem, sae da revista. O que hontem fez a fortuna de varias revistas deixará ámanhã de ser attingivel pela ironia dos tablados. O seu alto cargo torna-o inviolavel e d'ora avante, embora se não altere a bem conceituada cordealidade do dr. Bernardino, não mais a censura da policia e o bom senso dos auctores permittiriam que elle fosse explorado em innocentes facecias.

Sei que o dr. Bernardino Machado é pessoa grata—em todo o sentido da palavra—e creio bem que elle guardará a todos os revisteiros que o puzeram em scena—eu fui talvez o unico que tal não fez—um certo reconhecimento pelo que contribuiram para a sua popularidade e para a simpathia que o acompanha. Nenhum o maltratou ou melindrou, antes todos, brincando, salientáram a feição simpathica de conciliação que o distingue na politica portugueza.

Teem os revisteiros de procurar novas fontes de inspiração e, por esse lado, tambem é de estimar a ascenção do dr. Bernardino á chefatura suprema. Já se abusava um pouco d'elle, vamos com Deus. O que nos consola é que em nada isso alterou aquelle seu sorriso, quasi tão celebre como o da Gioconda

Cyrano

Boatos e informações

ENTRE NÓS

A revista *Não desfazendo...* deve subir á scena no Politheama no proximo dia 20. Parte do scenario acha-se já montado.

● Vae fazer-se *reprise* no Porto da revista de Arnaldo Leite, Carvalho Barbosa e Simões de Castro *Apollo Revista*.

● A companhia do Gimnasio volta brevemente ao Porto a repetir, entre outras peças, a *Visinha do lado*.

Circos & Music-halls

Brevemente deve estreiar-se o trio portuguez os «Celtas» ou a «Espia Humana», gimnastas equilibristas em *força dental*, os quaes apresentam varios exercicios arrojados taes como a «Embalagem da Morte», e que farão grande successo por ser um dos melhores numeros portuguezos que teem apparecido n'este genero.

—No Salão dos Anjos estreiaram-se hontem os excentricos musicaes «Les Jarquess», cujos trabalhos mereceram fortes applausos. Na proxima quinta feira estreia-se-ha um cançonetista americano que vem precedido de grande fama.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Impeio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Amos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

NA RUSSIA, HA UM ANNO

A scena historica do Palacio de Inverno

O que se passou em 3 de agosto de 1914

Paris, 3 d'agosto

Dos anniversarios celebres, que n'este momento se commemoram, um dos mais emocionantes é o da scena historica que, no Palacio d'Inverno, em Petrogrado, teve logar no anno findo, no dia 3 d'agosto.

Na vespera pela manhã toda a capital sabia que durante a noite fôra recebida a declaração de guerra da Allemanha. Na segunda feira espalhou-se a noticia de que uma imponente ceremonia devia ter logar na sala Nicolau do Palacio do Inverno, a que assistiriam todos os officiaes da guarnição.

Eis como a descreve um dos assistentes:

«Na sala, immensa, não se via um unico movel, nem mesmo uma cadeira; apenas um pequeno altar se erguia ao centro e sobre elle a imagem mais venerada na Russia: a da milagrosa virgem de Kazan.

Em torno, até junto das paredes, apinhados, estavam cinco mil officiaes, trajando os seus uniformes de campanha; em face do altar agrupavam-se o metropolita e os popes, cobertas as cabeças com mitras refulgentes e envergando casulas verdes empoladas de bordaduras de ouro; enfileirados, em linhas multiplas, aprumavam-se os altos dignitarios do imperio em cujos peitos scintillavam as condecorações salpicadas de pedras preciosas.

Defronte do altar, para a direita, o embaixador de França com o pessoal da embaixada, todos de grande uniforme, os unicos alliados de então, porque ao tempo ainda os inglezes se não tinham declarado.

Entrou o cortejo imperial. A' frente vinha o imperador trajando pequeno uniforme de campanha, seguiam-o a imperatriz viuva e a imperatriz, vestindo de branco; a rainha viuva da Grecia, ainda de luto pelo rei Jorge, vestia de cinzento. Vinham depois as duas filhas mais velhas do imperador, as grã-duquezas Taciana e Olga, que como a imperatriz choravam silenciosamente. O imperador mostrava uma tranquillidade impressionante.

Apoz a familia imperial, appareceram os grão-duques e as grã-duquezas, dominando todos com a sua elevada estatura o grão-duque Nicolau Nicolaevitch—a esse tempo ainda se ignorava que fôra nomeado generalissimo—e por ultimo as damas da côrte, trajando todas de branco.

O imperador, as imperatrizes, a rainha da Grecia, e as grã-duquezas Taciana e Olga enfileiraram-se á esquerda do altar, defronte da embaixada de França; os grão-duques e grã-duquezas tomaram logar á direita e as damas da côrte ficaram á entrada.

O serviço religioso começou por canticos. As vozes da capella imperial são das melhores que se conhecem e o seu conjuncto impressiona, commovendo-nos profundamente. Mesmo entre os officiaes mais edosos, viam-se lagrimas mal contidas marejando os olhos.

A cerimonia religiosa foi de curta duração. O imperador e os membros da familia imperial beijaram a imagem milagrosa, e, a seguir, o metropolita leu uma extensa declaração de guerra ao inimigo que contra a Russia santa tinha pegado em armas. Terminada a leitura, o imperador avançou alguns passos e collocou-se em frente do altar.

N'este momento um silencio solemne se estabeleceu na sala, e todos os olhares pousaram sobre Nicolau II, que se conservava sereno. Aquelle homem de mediana estatura, como todos sabem, parecia então ter crescido, e nos seus olhos azues claros lia-se nitidamente uma resolução que cousa alguma podia abalar.

Sentia-se que n'aquelle momento era em nome de todo o povo russo, em nome de todos que nos seculos idos tinham morrido pela salvação e grandeza da Russia, que ia falar. E a sua voz firme, clara, bem timbrada, resoou pela vasta sala, dizendo:

«Ouviram a declaração do metropolita. Desembainhamos a espada em defeza da Russia. Solemnemente declaro aqui não assignar a paz emquanto o ultimo soldado inimigo não tiver sahido do nosso territorio. E agora, dirigindo-me a todos vós, representantes das minhas amadas tropas da guarda e das forças da circumscripção militar de S. Petersburgo reunidas, e em vós a todo o meu exercito, unido e forte como uma muralha de granito, eu vos abençôo antes de partirdes para a guerra».

Os cinco mil officiaes e todos os mais assistentes ajoelharam, e a benção do imperador cahiu sobre elles; depois, levantando-se, os officiaes desembainharam as espadas, e ao som do tilintar das laminas chocando nas bainhas cinco mil relampagos brilharam elevando-se para o ceu.

Um segundo depois, todas as espadas a um tempo se inclinavam perante o imperador, ao mesmo tempo que uma saudação estrondosa reboava, abalando as paredes da enorme sala e fazendo vibrar os pesados lustres de cristal; os officiaes atiravam com os bonets ao ar, no meio do mais delirante enthusiasmo, em que as vozes mais harmoniosas das senhoras se juntavam ás vozes trovejantes de civis e militares.

Em todos os olhos brilhavam lagrimas, denunciando a profunda commoção que ia nos corações.

Durante esta scena, o grão-duque Nicolau deixou subitamente o seu logar e, dirigindo-se ao embaixador de França, sr. Paléologue, abraçou-o, e o cortejo imperial sahiu da sala ao som de acclamações incessantes. Pouco depois o imperador, acompanhado pelo grão-duque Nicolau, assomou á janella que olha para a grande praça do Palacio do Inverno, e todo o povo que n'ella estava ajoelhou... Iam cumprir-se os destinos da Russia.»

Partido socialista

Jantar de confraternisação

No Restaurant Guerra, de Cabo Ruivo, realisa-se depois de amanhã um jantar em honra do jornalista Luiz de Figueiredo, redactor do jornal «O Trabalho», de Setubal.

O banquete deve ser de 40 a 50 talheres, fazendo-se representar n'elle o Conselho Central do Partido, Confederação Regionaes representantes de todas as organisações socialistas do sul, das redacções dos jornaes operarios de todo o paiz, etc.

Se chegar a tempo, deve tambem tomar parte no banquete o sr. Luiz Jacintho de Teves, delegado dos socialistas açorianos, que vem a Lisboa procurar alivios aos seus soffrimentos.

Da redacção d'«A Voz do Operario» assistem Fernandes e Ramos Lourenços, havendo tambem representações dos demais jornaes operarios.

Tambem se inscreveram, entre outros, o antigo redactor d'«A Voz», sr. Pedro de Carvalho, os poetas operarios Francisco Antonio da Assumpção, João Black e Antonio Rosa, o antigo elemento Agostinho da Silva e o deputado socialista sr. dr. Costa Junior.

Ha grande enthusiasmo pelo banquete, no qual haverá cinco brindes officiaes—do dr. Costa Junior, Antonio Pereira, Fernandes Alves, Agostinho e João Black.

A provincia n'A CAPITAL

CONDEIXA-A-NOVA, 5.—Fizeram exame do 2.º grau, em Coimbra, obtendo boas classificações, os meninos Antonio Arantes de Oliveira, Franklim Pires da Silva Machado, João Lopes Curto, José Augusto Pimentel, José Simões Pena, Luiz Augusto da Silva, José Ayres Garizio e Julio Simões de Carvalho.

—Realisa-se hoje, em Belide, povoação d'este concelho, a importante romaria á Senhora da Saude.

O arraial, onde hontem se queimou um vistoso fogo de artificio, esteve bastante concorrido, calculando-se em 20 mil o numero de forasteiros. E' a romaria mais importante do districto de Coimbra.

—Foi exonerado, por assim o haver solicitado, o secretario da camara d'este concelho sr. Francisco de Lemos Ramalho. Ficou a substituil-o o amanuense sr. Damião Pena.

BEIRÃ, 5.—Para Espinho seguiu a familia do chefe da estação do caminho de ferro de Marvão.

—Teem tido muita animação as thermas da Fadagosa, estando ali muitas familias hespanholas e portuguezas.

—Ficaram com boas classificações os alumnos da escola official d'esta localidade que foram a exame do 1.º grau.

—Em convalescença, encontra-se na Barquinha o sr. dr. Antonio Mattos Magalhães.

Pedido de amnistia a presos

N'uma longa exposição que nos é dirigida pelos reclusos da cadeia de Cintra, appella-se para a magnanimidade do sr. dr. Bernardino Machado, o novo presidente da Republica, pedindo que, commemorando a sua ascensão a tão elevado cargo, seja concedida uma amnistia aos presos. Seria um acto de clemencia que iria levar a alegria a muito lar e mitigar os soffrimentos de tantos infelizes que n'um momento de passageiro desvario resvalaram pela senda do crime.

As expressões de que os presos da cadeia de Cintra se servem são na realidade commoventes e terminam a sua exposição por dizer que ficam esperançados em que o novo presidente da Republica fará em seu beneficio tudo quanto fôr possivel.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Instr. Militar Preparatoria n.º 2

Para eleição de corpos gerentes, reune em assembléa geral no dia 12, ás 21 horas.

Festas associativas

No Casino Pedrouços Club, rua Garcia, ha depois d'ámanhã recita, seguida de baile.

No Lisboa-Club ha depois d'amanhã recita, seguida de baile, com as comedias *A roca de Hercules* e *Nono: não desejarás!*

Movimento maritimo

R. J. Santos, etc., Am. S. Lamoraine 7
Pern., Bahia R. Prata «Frisia» 9
Rio Janeiro Rio da Prata, «Divona» 10
Vigo e Liverpool «Douro» (Liverpool) 10
Brazil e R. Prata e pacifico «Orosa» 11
Brazil e Rio da Prata «Holbein» 11
Amsterdam, etc., «Zeelandia» 12
Bordeus «Flandre» (do Brazil) 11
Manaus, etc., «Fernando Pó» (Liverpool) 15

nham a desempenhar. Muitos dos navios tinham soffrido avarias e muitos marinheiros estavam mortos ou feridos, devido ás shrapnels. A situação era considerada tão grave pelo estado maior belga que os medicos e enfermeiros dos hospitaes de Furnes tinham já recebido ordens para estarem promptos á primeira voz.

Ao generalissimo Joffre e a Foch não passou despercebido que os allemães estavam empregando todos os seus esforços para darem um golpe decisivo ao norte do Lys. Em vez de correr os riscos e perdas que soffreria se ordenasse um avanço sobre Ghent, o general Joffre limitou-se a acções defensivas entre a costa e La Bassée. Era em redor de Ypres e da orla de Mont-des-Cats e entre o Lys e La Bassée que os allemães iam empregar o seu principal esforço; comtudo, como se viu, os alliados no Yser estavam fraquejando.

Um recurso restava ainda ao generalissimo francez. As inundações não tinham salvo Antuerpia, mas podiam tornar-se ali efficazes. O celebre Vauban tinha proposto salvar o seu paiz, inundando-o. Em 1795, Nieuport fôra defendida por uma inundação.

Annos antes da Grande Guerra, o commandante Delarmoy, official do estado maior belga, quando alumno da Escola de Guerra, publicára uma memoria em que explanára quanto o obstaculo do Yser podia ser augmentado inundando o paiz circumjacente. A idéa d'uma inundação entre Nieuport e Dixmude era familiar aos commandantes belgas e não tinha sido deixada de tomar em consideração por um engenheiro como Joffre e por um profundo pensador como Foch.

O motivo por que essa idéa não fôra posta em pratica é facil de comprehender. Uma inundação protegeria os belgas, mas difficultaria a offensiva de Joffre entre Dixmude e Nieuport e até então o generalissimo francez hesitára em crer que o kaiser quizesse accumular as suas reservas ao norte do Lys. Porque uma victoria allemã ao norte do Lys levaria, na realidade, á occupação dos postos do Canal, mas não feriria de morte o exercito francez, como succederia com uma victoria entre o Somme e o Oise ou proximo de Verdun.

No dia 25, porém, a evidencia de que motivos dynasticos e politicos estavam actuando sobre a mente dos estrategicos allemães tornou-se innegavel, e a inundação foi resolvida.

Os prados e campos que deviam ser inundados estavam a uns tres metros abaixo do nivel do mar. Por um systema de eclusas na foz do Yser as aguas do canal e os innumeraveis diques e reprezas que n'elle ha lançam as suas aguas para o mar. Nas marés altas as eclusas eram fechadas e as aguas recuavam até o baixa-mar.

O encarregado do serviço das eclusas em Nieuport, Charles-Louis Kogge, recebeu no dia 25 ordens para preparar tudo para se effectuar a inundação. Assim o fez e, para auxiliar a invasão das aguas, a artilharia franceza e a belga, durante esse dia e os seguintes, bombardearam a margem do canal do Yser, quebrando-o assim em diversos sitios, ao passo que para impedir que as aguas se estendessem para oeste do leito do caminho de ferro de Dixmude a Nieuport, as pontes sobre o canal eram fechadas.

Na noite de 25 d'outubro, o estado maior belga informou o contra-almirante Ronarc'h de que tinham sido tomadas todas as medidas necessarias para inundar a margem esquerda do Yser entre o canal e o caminho de ferro de Dixmude a Nieuport.

E' possivel que o duque de Wurtemberg nunca suppuzesse possivel a creação d'um lago entre o Yser e o leito do caminho de ferro. Por outro lado é de suppôr que a todo o custo elle acreditasse que tomaria Nieuport entre os dias 16 e 24 d'outubro e que se apoderaria das eclusas. Os relatorios allemães que zombavam do facto dos artilheiros francezes e belgas estarem atirando sobre o canal confirma que o systema allemão de espionagem deixára de

CAPITULO IV

A batalha franco-belga do Yser

No dia 24 d'outubro, os allemães pareciam estar a ponto de ganhar em Ypres e no Yser victorias que, embora não fossem decisivas, poriam em grave perigo a causa dos alliados. Essas duas batalhas formaram o que os francezes chamam a «Batalha da Flandres» e que foi a mais sangrenta de todas as travadas pela ala esquerda dos alliados desde o meiado de setembro ao meiado de novembro.

A heroica resistencia dos alliados no Yser desde 16 a 23 de outubro relatámol-a no capitulo anterior. No presente, vamos fazer a historia da lucta desde 23 a 31 d'outubro.

Na manhã do dia 24, os allemães tinham atravessado para o lado occidental da reintrancia que o Yser fórma a meio caminho entre Dixmude e Nieuport e o general Grossetti com a 42.ª divisão franceza havia um dia antes rendido a segunda divisão belga em redor de Nieuport e, protegido pelo fogo da flotilha alliada, havia marchado sobre Lombartzyde. O seu objectivo era retomar aquella povoação, assaltar Westende, Middelkerke e Mariakerke e apoderar-se do Dique, correndo para oeste ao longo das Dunas desde Ostende até essa reintrancia e até á margem norte do canal que corre de Nieuport para o canal Ostende-Ghent entre Ostende e Bruges.

Um golpe em Ostende, que seria bombardeada pelos monitores e «destroyers» britannicos, obrigaria o inimigo a reduzir os seus effectivos no Yser ao sul de Nieuport.

Durante a noite de 23 para 24 os recontros em redor de Lombartzyde foram violentos. Uma companhia franceza tomada entre dois fogos teve enormissimas perdas. Uma outra companhia, que havia guarnecido uma trincheira avançada, viu uma força que parecia ser de infantaria belga á sua direita. Na manhã de 24 um nutrido tiroteio rebentou do lado da costa. De subito, através do nevoeiro, uma saraivada de balas cahiu sobre a trincheira franceza. Vinha dos soldados á direita, que eram allemães vestindo uniformes belgas, os quaes haviam assestado sobre os homens de Grossetti uma metralhadora.

Apesar d'esses informaçães incidentes, a infantaria franceza avançou, arrasou Lombartzyde e atacou Westende.

A todo o custo os allemães tinham

de impedir que Grossetti envolvesse o seu flanco direito. Para tal, era obvio que a primeira coisa a fazer era bombardear Nieuport e de Mannekensvere atravessar o canal em St. Georges e assaltar as ruas orientaes da cidade. Durante toda a manhã, por esse motivo, canhões pezados e artilharia de campanha entraram em acção contra Nieuport e as pontes que para ahi conduziam sobre o Yser e os seus varios ramaes.

O general Krobatin, ministro da guerra austriaco no momento de rebentar a conflagração

Da pequena praia de banhos de Brueders-Duynen, a oeste de Nieuport Bains, e d'outros pontos, a artilharia franceza esforçou-se inutilmente por reduzir ao silencio o fogo allemão. Sobre Nieuport cahiu uma densa nuvem de fumo, a cada momento rasgada pelas chammas dos projecteis rebentando. As ruas haviam sido barricadas e os automoveis tiveram difficuldade em abrir caminho na cidade ao conduzirem os feridos.

De tarde, a artilharia allemã deu a Nieuport algum repouso e o bombardeamento terminou mais tarde. O inimigo estava carregando os belgas que defendiam St. Georges, precisando por isso da sua artilharia n'outra parte. «Parecia—diz um observador que estava em Nieuport—que não cessava o troar do canhão atravez do nevoeiro». Grande numero de belgas feridos e de fugitivos das trincheiras ao longo do Yser entraram na cidade.

Finalmente a resistencia dos belgas em St. Georges foi quebrada. Duas baterias de artilharia e algumas secções de metralhadoras estavam recuando e os corajosos defensores retiraram. Proximo de Nieuport foram reforçados e de novo avançaram para o inimigo. A's 5 horas e meia o bombardeamento de Nieuport, onde os habitantes se haviam escondido nos subterraneos, recomeçou.

Os allemães haviam tomado em St. Georges uma outra passagem sobre o Yser; se não fossem repellidos, podiam tomar Nieuport e cortar a divisão de Grossetti em Ramscappelle, no caminho de ferro entre Nieuport e Dixmude.

Ramscappelle era tambem ameaçada por leste. Ordens tinham sido dadas aos allemães para quebrar o centro alliado, custasse o que custasse. Entre St. Georges e Schoorbakke (na extremidade norte da reintrancia do Yser) e n'essa reintrancia, de Keyem atravez de Tervaete, avançaram longas linhas e columnas de infantaria allemã, acompanhadas por dezenas de metralhadoras, emquanto outra tentativa se fazia para tomar Dixmude pela margem direita do canal. Sobre as cabeças dos combatentes passavam as granadas dos canhões allemães e francezes. Do mar vinham as reverberações dos canhões de seis pollegadas dos navios britannicos, quando faziam fogo contra a infantaria do kaiser.

No centro do canal e nas margens dos diques e represas entre o canal e o caminho de ferro eram aterradores os recontros corpo a corpo. A'

baioneta, os soldados pelejavam como na Edade Media.

Para deter a onda dos allemães que avançava para o leito do caminho de ferro, a segunda divisão belga, que fôra rendida pelos homens de Grossetti, fôra mandada para o lado superior da linha e tropas francezas estavam chegando de Lombartzyde e Nieuport. A cavallaria belga desmontou e entrou em acção como infantaria e os territoriaes francezes avançaram. Ronarc'h havia já destacado de Dixmude para Oud-Stuyvekenskerke o commandante Jeanniot com um batalhão, porque os allemães, de Tervaete, pareciam proximos a atacar Dixmude ao longo da margem occidental do canal.

Gradualmente, passo a passo, os allemães, que combatiam n'esse dia ainda com maior violencia do que a que habitualmente empregavam, foram obrigados a recuar para a alta margem do canal. No centro do canal grupos de combatentes pelejavam com a maior furia. Nos logares onde os pontões haviam sido destruidos pelas granadas, os allemães, perseguidos, eram precipitados nas aguas. Ao cahir da noite, o ataque tinha falhado.

Os allemães haviam perdido uns 5.000 homens; Jeanniot estava em roda de Oud-Stuyvekenskerke e embora o inimigo guarnecesse ainda as passagens em Tervaete, Schoorebakke e St. Georges toda a linha do caminho de ferro estava nas mãos dos alliados.

Dixmude estava salva d'um ataque feito pelo inimigo da margem occidental do canal. O demorado ataque pelo lado de leste durante todo o dia falhára. Dixmude e Nieuport estavam em ruinas; as linguas de fogo que se erguiam de quatro ou cinco aldeias assignalavam a passagem dos allemães e a obra da sua artilharia, mas a linha alliada estava intacta. As sensações dos allemães podem ser avaliadas pelas seguintes notas encontradas no dia seguinte na carteira d'um official morto em Oud-Stuyvekenskerke:

«Em toda a parte perdemos homens e as nossas perdas não estão em proporção com os resultados obtidos... Os nossos canhões não podem reduzir ao silencio as baterias do inimigo; terminarão por uma terrivel matança... As nossas perdas devem ter sido enormes. O coronel, o major e muitos outros officiaes estão mortos ou feridos».

Soldados e officiaes podem ter-se sentido commovidos pela terrivel matança, mas o alto commando allemão não tinha compaixão dos seus homens. No dia 25, domingo, a batalha recomeçou.

Emquanto os francezes, de Lombartzyde, atacaram Westende, os allemães de novo bombardeavam Nieuport. O centro da cidade parecia um inferno. Granadas rebentavam, pegando fogo ás casas, outras cahiam com um ruido enorme nas aguas do canal. Ao sul o inimigo estava avançando de Schoorbakke sobre Ramscappelle e de Tervaete sobre Pervyse. Os belgas e os destacamentos da divisão de Grossetti, um dos quaes—um batalhão do 19.° de caçadores—tinha rendido os marinheiros em Oud-Stuyvekenskerke, não puderam abrir caminho.

Mas ha um limite ao soffrimento humano; os belgas estavam exhaustos e apezar de terem á sua direita Ronarc'h e os seus marinheiros tiveram as maiores difficuldades em se manterem em Dixmude. A cidade era um montão de ruinas e as trincheiras nos seus suburbios estavam inundadas, porque tinha chovido muito. Os observadores allemães que em balões captivos estavam observando as linhas inimigas chegaram a suppôr que dentro de poucas horas no mundo retumbaria a noticia d'uma genuina victoria no Yser, um preludio para a entrada triumphal do kaiser em Calais.

Para combater a flotilha alliada, muitos dos canhões que haviam destruido os fortes Brialmont em Antuerpia, Liége, Namur e Maubeuge estavam sendo montados entre as dunas e tornava-se evidente ao contra-almirante Hood que o armamento de muitos dos seus navios era demasiado ligeiro para a tarefa que ti-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1798 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 7 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O novo presidente

Está eleito o novo presidente da Republica, e a sua eleição dá azo a considerações de elevada politica que se nos affigura da maior importancia salientar.

O novo presidente da Republica foi eleito por dois partidos que se juntaram para o levar a esse alto cargo. Este acto de approximação republicana obteve o applauso publico, que extraordinariamente se manifestou. Das galerias gritava-se:—«Unam-se! Unam-se!» e este grito significava uma aspiração que o povo republicano expressa sempre que tem occasião de o fazer. Não se trata de abater bandeiras, de desfazer ou fundir partidos. Trata-se de ter sempre os olhos fitos nos superiores interesses da Republica, de forma que, quando esses interesses o exijam, não se distingam as caracteristicas partidarias no esforço commum de a servir e honrar.

Não tem o eleito da nação o caracter de representante do determinado partido. Votado pela maioria do partido democratico, recahiu no seu nome, por fim, a votação do partido evolucionista. E' o sr. Antonio José de Almeida, victoriando o seu candidato, com hombridade exprimiu o seu conceito patriotico, victoriando, ao mesmo tempo que a Patria e a Republica, o cidadão a quem acabava de dar o seu voto para a suprema magistratura do paiz.

E' preciso que estas indicações sejam respeitadas. Acima de tudo estão a Patria e a Republica, e, perante os interesses da Patria e da Republica, perante estas duas causas que intimamente se irmanam, são mesquinha preoccupação quaesquer outros interesses e empallidecem quaesquer outras causas, por mais bellas que se affigurem.

Temos a firme esperança de que o sr. Bernardino Machado contribuirá com a sua acção, dentro dos limites que a Constituição lhe estabelece, para favorecer e alentar essa approximação republicana. O seu papel tem sido sempre de conciliação, prégando o absoluto respeito aos principios. E' agora, mais do que nunca, que essa qualidade do seu espirito se tem de manifestar perante a sociedade portugueza.

Para o presidente da Republica, a Constituição tem de ser um Evangelho. Cumpre que o novo presidente nunca desvie d'ella os olhos, que inteiramente se integre no seu espirito, e constantemente observe a sua letra. Não temos duvida alguma de que o sr. Bernardino Machado ha de honrar-se e prestigiar a Republica pelo fiel e zeloso cumprimento da Constituição, tanto na normalidade da existencia politica da Republica como nas crises, ainda as mais imprevistas e graves, que ella porventura venha a atravessar.

Não menos nos alenta a esperança de que a Republica entrará em breve n'um periodo de paz fecunda. Urge que se attenda á situação economica do paiz e que, sem descurar os progressos politicos e a defeza nacional, se inicie uma era de fomento, de trabalho, de actividade salutar, de engrandecimento para o paiz e de bem estar para os seus filhos, nas luctas incruentas das sociedades modernas em que se apura o esforço das gerações. Será a maior gloria para o sr. Bernardino Machado presidir a essa era, por que anceia a consciencia nacional.

Um donativo

Foram os seguintes os pobres contemplados, cada um com a quantia de $50 da parte do donativo a este jornal entregue pelo sr. Raymundo Pereira de Magalhães:

Maria Augusta d'Azevedo, rua Possidonio da Silva, 142, 3.º; Maria Marques, rua da Barroca, 77, 3.º; Alberto Landeau, travessa de S. José 27, r/c.; Maria do Carmo Costa, largo do Metello, 10, 1.º; Palmira Silva Fernandes, rua do Diario Noticias, 61, 3.º; Rosa de Sousa, rua das Barracas, 13; Silveria Maria, rua da Ponta Delgada, 12; Guilhermina Silva, praça Luiz Camões, 36, 4.º; Adelaide M. Almeida, rua dos Lagares, 8, 2.º; Delphina de Jesus, rua Gomes Freire, 64, loja.

Poeira da Arcada

O sr. dr. Bernardino Machado, presidente eleito da Republica portugueza, é um exemplar perfeito das qualidades que a democracia exige nos que teem por dever encarnal-a aos olhos do povo, como um grande facto de consciencia e caracter. Estamos certos que o seu presidencialato será assignalado, sobretudo, por uma maior approximação entre as forças, hoje divergentes, da politica nacional. Possue, como poucos, a arte de, nos momentos criticos, conciliar os animos relutantes. Perante a sua figura, que os annos modelaram com todos os encantos de uma experiencia em que a sua cordealidade operou prodigios, as hostilidades irão cessando, as más vontades converter-se-hão em sollicitude e affecto. E a Republica, que tantas tormentas tem atravessado, encontrará, emfim, os seus dias de calma e de justiça.

***

Os individuos que cavaqueiam ás mesas dos cafés receiam muito não ter tempo para affirmarem a superioridade do seu engenho ou do seu estro, emquanto a espuma da cerveja se extingue nostalgicamente nos copos. E atropellam-se uns aos outros, com a pressa de lançarem na discussão um argumento, um facto, uma simples anecdota ou um dito de espirito. Acontece quererem falar dois ou trez ao mesmo tempo, prejudicando-se assim, mutuamente. A ira vem-lhes aos olhos. Como, porém, as emoções fortes são improprias do local, acommodam-se com o seu azume. Para o disfarçarem, mettem á bocca um refrigerante que lhes desaltera as entranhas. Eis como os cavaqueadores tragam o seu fel!

***

O imperador Guilherme mandou degolar todos os cisnes que havia em Potsdam, visto que se tornavam de difficil alimentação. O seu coração não se turvou, ordenando tal chacina. A Allemanha acima de tudo! E para que ella sobresaia invicta, como uma rocha batida pelas furias dos elementos, os cisnes, cujo colo aristocratico se ondula suavemente, como um desejo que se abate para se coroar de orgulho imperial, morreram uns após outros. E o seu sangue puro não clamará vingança? Os deuses antigos tinham-nos sob a sua protecção, não consentindo que ninguem os aggravasse. Talvez Guilherme II suscite contra si as potencias que, no seio da terra, manteem ainda a justiça pagã, viva como uma chamma.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

Um heroe minhoto no exercito francez

Como a sua bravura foi premiada pelo general Joffre

Os *Echos do Minho* transcreveram hontem o seguinte do *Farol Fãozense*:

Os jornaes de Paris mencionam verdadeiros actos de bravura praticados em um combate de Arras por um joven voluntario portuguez, que se alistou n'um regimento de artilharia, do coronel Jean Dupuy.

Chama-se esse bravo lusitano Alberto Dias dos Santos e conta apenas 24 annos, é natural de Villa Nova de Cerveira e, logo no começo da guerra, sem conhecimento de seus paes abalou para a França, nunca mais sabendo noticias suas, a não ser agora, pelos jornaes francezes, que registam entre outros actos de bravura e arrojo o seguinte, por elle praticado.

O seu regimento, onde tinha o posto de cabo, achava-se em fogo ha cerca de doze horas, sem cessar. O inimigo era muito superior e o regimento francez estava já muito desfalcado.

Ao cabo de quatorze horas, restavam apenas trez boccas de fogo em acção e pouco mais de cincoenta homens, commandados por um capitão, pois o commandante e outros officiaes haviam sido mortos ou postos fóra do combate.

Do lado dos allemães a mortandade fôra tambem muito grande.

De repente o cabo Alberto Dias dos Santos descortina onde estava o estado maior inimigo e com a sua metralhadora manobra-a de fórma que consegue varrer aquelle ponto, morrendo todos os officiaes allemães.

No campo inimigo estabelece-se a confusão: as trez peças francezes activam o fogo e os poucos allemães que escaparam rendem-se aos cincoenta francezes que Alberto Dias dos Santos enthusiasmára.

O general Joffre, tendo conhecimento do heroismo e bravura do cabo portuguez, mandou promovel-o a tenente, elogiando-o em ordem do dia.

Linguagem christã

A *Liberdade* é o mais importante orgão do partido catholico portuguez. Fala até em nome do Centro Catholico. A cada passo, dá lições de correcção aos seus adversarios, censurando o que classifica de desbocamentos, de palavriado chulo e de estilo proprio dos logares mal frequentados. Pois a correcta e comedida *Liberdade*, a proposito da questão do Douro, chama a uma individualidade da nossa terra, modelo de boa educação e que já tem desempenhado altos cargos publicos, nada menos do que isto: «verdadeiro charlatão» e «homem de má fé».

Vem na primeira pagina da gazeta portuense, entre outros improperios muito pouco christãos...

O ensino agricola

Um problema instante

«Tudo o que se lhe consagrar—diz o sr. Lima Bastos—será, sem duvida, bem empregado»

Durante a discussão, na Camara dos Deputados, do novo regimen cerealifero — e sabe-se porventura quando ella acabará?—tem-se falado de tudo e até dos meios a empregar para reduzir ao minimo o preço do pão. Alguns oradores, porém, teem aproveitado o ensejo para ventilar problemas instantes, muitos dos quaes, já inteiramente resolvidos n'outros paizes, ainda não obtiveram em Portugal aquella solução pratica e necessaria que, de ha muito, toda a gente sensata reclama. O sr. Lima Bastos, por exemplo, fez ao ensino agricola, no optimo discurso com que apreciou a questão cerealifera, referencias desenvolvidas e interessantes. Todos nós, os que nos occupamos d'estas coisas, sabemos de que se trata. E' urgente ensinar o povo a cultivar a terra. E faz-se isso, por acaso, d'uma maneira visivel, n'este nosso paiz dos metaphysicos e dos theoricos?

—Não faz, dizia-nos ainda ha pouco o sr. Lima Bastos. Temos organisado o ensino agricola superior, que dentro em pouco, lá para o anno, talvez, vae ficar opulentamente installado n'aquelle palacio que ainda, para o effeito, está a construir-se na Tapada da Ajuda. Agronomos e professores d'esse grau de ensino não nos faltarão, decerto, n'um futuro proximo, devidamente apetrechados para a vida a que se dedicam. O novo Instituto Superior de Agronomia terá tudo o que até agora lhe faltava—terrenos de ensaio, laboratorios e instalações proprias. Será, sem duvida, um dos melhores da Europa. Quanto ao ensino secundario, temos a Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, cuja organisação e funccionamento são tambem modelares. Os cursos que ali se professam, sendo caracterisadamente technicos, dão ao alumno todos os conhecimnetos que um homem deve ter e valem como o curso dos lyceus. Mais ainda, e é isso o que caracterisa o ensino n'essa escola trata-se ali, sobretudo, de não desenraizar o alumno, de o ligar cada vez mais á terra, incutindo-se-lhe o amor por ella e mostrando-se-lhe tudo o que d'ella se possa tirar—em felicidade e em riqueza. E' um internato, essa escola, com as suas terras annexas, onde se fazem todas as demonstrações. Mas é um internato onde já não póde, como outr'ora, matricular-se gente com qualquer edade. E como na escola ha um curso de normalistas, junto d'elle funccionará uma escola primaria elementar agricola modelo, onde os alumnos que queiram ser professores pratiquem e aprendam esta coisa difficilima que se chama ensinar. Ha ainda em Santarem outra escola. Mas n'essa, com cursos de 5 semestres, só se ensina agricultura, frequentando-a individuos que, pela sua edade, já não pódem entrar na Escola de Coimbra ou os que para dirigirem as proprias lavouras precisam de adquirir um certo numero de conhecimentos que nenhum lavrador deve, presentemente, ignorar.

—E o ensino elementar agricola?

—E' o que se encontra ainda, entre nós, em estado verdadeiramente rudimentar. Digo-o com magua, mas entendo que ninguem deve occultal-o para que o Estado, olhando para o que se disser, cuide rapidamente de fazer desapparecer uma falha da sua administração, falha que eu considéro a mais perniciosa de todas. Sabe quantas escólas elementares agricolas temos, n'este momento, a funccionar? Duas. E essas mesmas não satisfazem. Uma d'ellas é em Queluz. Mas não a frequentam nem filhos de agricultores nem de operarios. Os seus oito alumnos são-lhe fornecidos pela Casa Pia de Lisboa. A outra é o internato do conde de S. Bento, em Santo Thyrso. Tem dezenove alumnos e não serve para nada. Ora eu entendo que esta penuria não póde continuar. Temos de crear escolas agricolas elementares para o povo e parece-me que desde já se deve fundar uma em cada capital de districto. Depois, é indispensavel attrahir ahi os filhos do povo, os que hão de cultivar a terra, que é a fonte de toda a riqueza particular e publica. Feito isso, voltemos os olhos para as aldeias e transformemos a escola primaria, a pouco e pouco, em escolas profissionaes, perfeitamente adaptadas á indole, ás necessidades e ao modo de ser de cada região. Não devem impôr-se cursos exagerados nem ministrar-se conhecimentos cuja utilidade não seja immediata, sem comtudo se regatearem as noções que são, unanimemente, reputadas basilares. Este é o meu modo de ver, tão convencido estou que é mais importante este momentoso assumpto do que todos os outros. A propria defeza nacional como ha de organisar-se n'um paiz pobre, que não possa pagal-a? Urge semear, cultivar, lavrar, diz-se por ahi a cada passo. Mas como, se o povo não sabe fazer nada d'isso como convinha que o fizesse!

—E professores?

—E' o aspecto delicado da questão, que até agora pouco cuidado tem sido. Mas não me parece difficil sahir-se da difficuldade. Temos, como já lhe disse, duas escolas de professores—a de Coimbra e o Instituto de Agronomia de Lisboa. Devem bastar, desde que a selecção se faça como é preciso e não ao contrario, como presentemente. Se lhe dissér que a lei manda dar aos regentes agricolas que se dedicarem ao ensino o menor ordenado do quadro respectivo, acredita? Pois é assim mesmo, por mais extraordinario que isso pareça. E sendo-o, tem de se seguir orientação diversa. O professor deve ser sempre bem pago, como deve possuir todos os elementos para bem desempenhar a sua missão. Já este anno foram aos Estados Unidos dois agronomos estudar a sua especialidade. Porque não se trata de fazer outro tanto com os normalistas mais distinctos da Escola de Coimbra? Alguma coisa, sem duvida, viria a alcançar-se de proveitoso. Em resumo: considéro o ensino agricola como base do nosso renascimento economico. Temos de difundil-o e o Estado não póde deixar de lhe consagrar quantiosas sommas. Tudo quanto lhe dér é pouco. No orçamento do ministerio da instrucção, creio que já alguma coisa se fará este anno n'este sentido. Oxalá, tão certo é, afinal, não haver nada mais desanimador do que ter a gente a convicção de que falar n'estas coisas é bradar no deserto.

Aviação militar

Para frequentar a escola de pilotos-aviadores, offerecem-se os srs. João Martins Gomes, soldado licenceado de infantaria 22 e residente em Portalegre, e José Ayres da Silva Pereira, ajudante de pharmacia em Lisboa, calçada do Combro, 2 e 4.

Os recursos em homens da Allemanha

New-York, 3 d'agosto

O correspondente Smith, da *New York Tribune*, telegraphou o seguinte:

«Cada vez se torna mais evidente que a Allemanha chamou já as suas ultimas reservas e que todos os homens disponiveis estão sendo enviados para a linha de fogo. Allemães de 45 annos residentes na Suissa estão sendo chamados ás fileiras.

Caso tipico é o de um allemão de quarenta e dois annos que residia em Bâle; nunca fôra soldado, mas chamaram-o ha um mez. Ha dias recebeu a familia uma carta d'elle, datada da frente russa, para onde o tinham enviado apoz quinze dias apenas de instrucção.

Os medicos dão todos os homens por capazes para o serviço militar; um allemão que vivia em Zurich e a quem faltavam quatro dedos n'um pé foi approvado para soldado. Estes homens são empregados na guarda das vias de communicação, o que permitte aproveitar os mais robustos na linha de fogo.

A Allemanha chamou já todos os seus homens disponiveis e d'aqui para o futuro não poderá prehencher as baixas; tudo depende agora do resultado do esforço que empregar para romper as linhas dos alliados. Todos se preparam, e espera-se que o ataque se effectue lá para o fim do mez.»

No Senado

O encalhe do «Republica»—O desastre no «Almirante Reis»—As reuniões jornalisticas do sr. presidente do ministerio, e o orçamento do ministerio do interior

A chamada faz-se ás 14.40, estando na presidencia o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches. Respondem 26 senadores.

Na bancada ministerial encontra-se o sr. dr. Ferreira da Silva, ministro do interior.

Approvada a acta e lido o expediente, o sr. Paes Abranches diz que certamente por um mero equivoco o sr. presidente do ministerio lhe dissera na ultima sessão do Senado que haviam sido feitos todos os inqueritos e chamadas aos trigos nacionaes, o que não foi verdade como prova com a certidão da repartição competente que mandou tirar e envia para a mesa como protesto.

O sr. Lima Duque insurge-se contra o facto do sr. dr. José de Castro ter dado aos jornalistas uma conferencia onde lhe expõe a nossa situação internacional sem se lembrar que o primeiro logar onde tal facto se devia dar, onde taes exposições se deviam fazer, era perante os legitimos representantes do paiz que devem estar para s. ex.ª acima de todas as forças da nação.

O sr. ministro do interior responde que o sr. dr. José de Castro nada mais fez do que cumprir para com os srs. jornalistas a promessa que lhes fizera na primeira reunião e nem um momento sequer pensa em melindrar de qualquer modo o parlamento.

O sr. Lima Duque não concorda. Antes do sr. presidente do ministerio ir conferenciar com os jornalistas devia ter vindo ao parlamento.

O sr. dr. Ferreira da Silva explica: o sr. presidente nem na primeira reunião nem hoje communicou aos jornalistas qualquer coisa que não tivesse já communicado ás camaras. Entre o orador, o sr. Lima Duque e o sr. dr. Pedro Martins trava-se agora vivo dialogo, esperando estes dois senadores que o sr. dr. José de Castro venha ao Senado corroborar as palavras do sr. ministro do interior, o que é de esperar segundo a propria opinião do sr. dr. Ferreira da Silva.

O sr. Silva Barreto pede que se remetta á outra camara o projecto de lei que trata dos baldios de Anciño e que na passada legislatura foi aqui rejeitado.

E passa-se á ordem do dia—orçamento das despezas do ministerio do interior.

O sr. dr. Pedro Martins pergunta se o sr. ministro do interior está ou não disposto a interessar-se pela approvação da nova organisação policial, ao que o sr. dr. Ferreira da Silva responde affirmativamente, accrescentando, porém, que o parlamento é soberano.

N'esta altura entra na sala o sr. presidente do ministerio que pede a palavra para um negocio urgente—o encalhe do «Republica», o que lhe foi concedido, participando o sr. dr. José de Castro, ao Senado, com bastante magua, o encalhe d'aquelle nosso cruzador, bem como o desastre a bordo do «Almirante Reis». Aproveitando a occasião explica egualmente ao Senado os motivos que o levaram á convocação d'uma nova reunião de jornalistas, para cumprindo a sua promessa lhes communicar que a situação actual é a mesma que existia em 2 de julho ultimo.

O sr. Lima Duque agradece e fica satisfeito, esperando não ter jámais que voltar ao assumpto.

O sr. Celestino de Almeida lastima o desastre do «Republica» e aguarda da parte do sr. dr. José de Castro declarações claras e precisas sobre tal assumpto logo que d'isso esteja completamente informado. Sobre as reuniões jornalisticas do sr. presidente do ministerio, acha melindroso o caminho encetado pelo sr. dr. José de Castro. Melindroso e perigoso.

Faz estas declarações por patriotismo e não por partidarismo. Não concorda com a constante designação de situação melindrosa. Portugal, velho alliado da Inglaterra, não podia ter mais bella situação do que a que tem ao lado da sua alliada e prompto a satisfazer velhos compromissos.

O sr. dr. José de Castro volta a dar as mesmas satisfações e explicações de ha pouco.

Encerrado o incidente entra-se novamente na ordem do dia, continuando em discussão o orçamento que se vinha discutindo e que é approvado na generalidade.

Na especialidade são approvados sem discussão os tres primeiros capitulos. Sobre o 4.º capitulo, o sr. João Maria da Costa propõe que sejam postas em vigor as tabellas referentes aos vencimentos dos funccionarios dos governos civis, visto que as receitas das secretarias respectivas chegam para os augmentos propostos. Sobre o caso falam, discordando, os srs. ministro do interior e Daniel Rodrigues.

Antes de encerrar a sessão o sr. padre Silva Gonçalves lastima profundamente em nome dos catholicos, não dos «soi disant» catholicos, mas dos verdadeiros, o novo desastre que enluta a marinha de guerra portugueza, o encalhe do «Republica». Como está presente o sr. ministro do interior protesta contra o encerramento do circulo catholico de Vizeu, que é uma arbitrariedade que espera o sr. ministro explique.

O sr. dr. Ferreira da Silva declara que chamará a si o processo para o estudar fazendo sobre elle justiça, o que o sr. Silva Gonçalves agradece, esperando que se cumpra rigorosamente a lei. Mas só a lei.

A proxima sessão é na segunda-feira, com os orçamentos do interior e das finanças.

OS QUE RECLAMAM

Os pintores de construcção civil

Desejam mais salario e menos horas de trabalho

—Em que condições economicas e sociaes se encontra a classe dos pintores de construcção civil?

Perguntámol-o, ha pouco, a um membro da classe, homem intelligente, que não descura a causa dos seus companheiros, que é a sua propria causa. Respondeu-nos sem reticencias:

—Os pintores teem soffrido muito desde o principio da guerra, assim como todas as outras classes, com a falta de trabalho e a carestia da vida. Impunha-se a necessidade de remediar a situação por uma ação energica e bem orientada. A primeira cousa que fizemos foi reunir toda a classe e propôr ao governo as medidas a adoptar de prompto. Assentámos em pedir a equiparação de salarios nas obras publicas, que eram nas trez direcções existentes muito variaveis, indo desde 600 a 750 réis. Pedimos que as trez direcções obedecessem a uma direcção unica, creando-se para esse fim uma Inspecção Geral e dando assim unidade ao que se encontrava desconnexo e sem ordem. Quanto aos salarios já fomos attendidos esperando nós que se attendam tambem as nossas restantes pretenções, que são de todo o ponto logicas e justas. Affirma-se que os particulares trabalharam na sombra para entravar os nossos desejos, a fim de pagarem a baixo preço aos seus operarios. Com o proposito de impedir a sua acção, vamos muito brevemente em missão de propaganda por todo o paiz fazer a união dos pintores e a sua indispensavel classificação, pois que na provincia, em muitas terras onde não ha divisão de trabalho, os pintores são tambem pedreiros, carpinteiros, etc.

«Estamos tratando de obter o auxilio do governo e julgo que alguma cousa faremos n'esse sentido, dada a boa vontade que elle tem mostrado. Devo dizer com um certo orgulho que foi a classe dos pintores que fez movimentar as restantes classes da construcção civil, que estão seguindo o nosso exemplo, e certamente alguma cousa obterão tambem em seu favor.

«Pelo que respeita a horas de trabalho, considerada como é a profissão dos pintores insalubre, torna-se evidente que, a exemplo dos graphicos, nos sejam concedidas oito horas de trabalho. Toda a gente conhece a chamada colica dos pintores, consequencia da intoxicação produzida pelos alvaiades de chumbo. Produz, além d'isso, a gôta saturnina e a dispepsia saturnina, dando ainda causa a outras graves enfermidades. A acção dos alvaiades de chumbo é lenta, mas nem por isso deixa de produzir grandes estragos no organismo.

«Bastam estas razões para justificar a nossa pretenção de trabalhar apenas oito horas. Temos fortes motivos para crêr que nos serão concedidas. Não nos falta tenacidade sem a qual nada se consegue. Para exemplo vou citar o seguinte facto: Nas obras publicas foi deliberado augmentar 5 centavos no salario de cada pintor, ficando a seu cargo o fornecimento das brochas que fossem necessarias ao nosso trabalho. Recusámos terminantemente e vencemos. Agora succederá outro tanto; tudo depende da nossa attitude.

O presidente eleito

Fala o chefe evolucionista

«Deve e pode fazer muito — diz o sr. Antonio José d'Almeida — e oxalá que o faça»

No seu consultorio, ás 5 horas da tarde, o sr. dr. Antonio José d'Almeida recebe-nos. Queremos ouvil-o sobre a eleição presidencial. Dizemos-lho. O illustre chefe do partido evolucionista acolhe com extrema benevolencia o nosso desejo, convida-nos a sentar-nos junto d'um esplendido bufete de pau santo, e n'aquella salasinha decorada com sobrio gosto, onde ha reproducções de quadros e d'obras d'arte celebres, entre as quaes se destaca um busto adoravel da Venus de Milo, diz-nos, textualmente, o seguinte:

—O que penso da eleição presidencial? Penso uma coisa muito simples—a unica que n'este momento devem pensar todos os republicanos: está eleito o presidente da Republica, é preciso acatal-o e respeital-o e rodeal-o de affecto e de carinho, como compete fazer ao chefe superior da nação. Depois, os seus actos pertencerão á critica, e todos terão direito a fazer, dentro da honestidade politica, a critica que esses actos merecerem.

—Que vaticinios faz v. ex.ª sobre a acção do novo presidente da Republica?

—Esses vaticinios são sempre difficeis. Só lhe direi que o sr. dr. Bernardino Machado tem altos requisitos para o bom desempenho das suas funcções. No momento que atravessamos, carece-se sobretudo de um alto elemento de ponderação e equilibrio. O novo presidente da Republica, que é de sua natureza conciliador e possue evidentes aptidões para conviver com os homens, sendo, além d'isso, um cerebro bem organisado, póde e deve fazer muito. Oxalá.

O sr. Bernardino Machado

recebe entre numerosos cumprimentos, os dos membros do ministerio

O sr. dr. Bernardino Machado, eleito presidente da Republica para o proximo quadriennio, recebeu hoje em sua casa, na Avenida 5 de Outubro, numerosos telegrammas de saudação, sendo impossivel de registar o numero de pessoas que ali se dirigiram a cumprimentar o eminente democrata.

O sr. dr. Bernardino Machado foi visitado ás 11 horas pelo sr. dr. José de Castro, que se fazia acompanhar por todos os membros do governo. Esteve, tambem, na residencia do illustre democrata, o sr. Levy Bensabat, que lhe apresentou os mais captivantes protestos de estima, da parte do sr. dr. Theophilo Braga, a quem uma ligeira indisposição, proveniente da fadiga da sua viagem a Torres Vedras, obriga a não sahir de casa.

Acompanhado de sua esposa visitou tambem o sr. dr. Bernardino Machado, felicitando-o pela sua eleição, o presidente da Camara dos Deputados, sr. Azevedo Coutinho.

Entre os numerosos visitantes, em casa do sr. dr. Bernardino Machado, vimos os srs.:

Baldomero Gayan, encarregado dos negocios da republica Argentina, pelo respectivo ministro; Arnaldo Brazão e Joaquim de Macedo, pelo Centro Republicano Academico; Mario de Carvalho, pela Associação Commercial; J. Bento, pela commissão executiva do Centro Thomaz Cabreira; coronel Rodolpho Sequeira, presidente do Tribunal Militar de Vizeu; visc. de S. Bartholomeu de Messines; J. Roque da Fonseca Junior, Joaquim Espirito Santo Lima, dr. Callado Crespo, D. Emilia Veiga, Antonio d'Aguillar, Antonio Maria de Vilhena, Sebastião Mestre dos Santos, Caetano Cruz Neves, Adrião de Seixas, Domingos Magalhães, major Sá Cardoso, Dagoberto Guedes, Manuel Bordallo Pinheiro, Richard Eisen, Luiz Barreto, engenheiro Santos Viegas, Adelino Furtado, Julio Augusto da Silveira, Santos Franco, José de Moura Coutinho, Antonio Maria da Costa, João de Deus Ramos, dr. Alves de Azevedo, João de Sousa Araujo, Antonio de Jesus Lopes, Joaquim Bermudez, Joaquim Ramos Simões, Thomaz Mascarenhas de Menezes, Albino Sarmento, Marinha de Campos, Ernesto de Vilhena, José Francisco Cunha.

O sr. dr. Bernardino Machado recebeu, entre outros, os seguintes telegrammas: de Duarte Leite, Rio de Janeiro; Mattos Romão e Abilio Barreiro, do Porto; de Bento Carqueja, de Antonio Ortigão, de Daniel de Mattos, de Coimbra; da redacção da «Nova Patria», do Porto; de Sergio Cannas, de Armando de Araujo, Manuel Joaquim Ribeiro Moita e filho; de João Salema, de Leiria; de José Patrocinio Thiago da Cunha, secretario de finanças de Famalicão; de Oliveira Simões, do Porto; do conde de Caria; de Miguel Ferraz, de Rio Maior; de Eugenio Casimiro, de Rio Maior; de Cassiano Ferreira; de Nunes Sequeira; de Fernando de Vasconcellos, de José de Vilhena, governador civil de Beja; de Joaquim Henriques, de Fernando Frederico Bartholomeu; do almirante Julio Vaz, do Porto; de Amadeu de Freitas, de José d'Alpoim, de Pitta Rocha, de Thaumaturgo Pereira, de Nova Góa; de Xavier de Carvalho, de Paris; de Manuel Alves Pinheiro, de João Dias Gomes, Povoa de Santa Iria; de Claro da Ricca, de Amorim Lemos, Oliveira de Azemeis; Carlos Affonso, Porto; Mario Monteiro, Povoa de Varzim; Antonio Coelho, Porto; Manuel Leite, Coimbra; Alberto Villarinho, Mattosinhos; Carlos Caldeira, Lisboa; D. Laura Villarinho, Mattozinhos; Antonio Lopes, Lisboa; Maria Veleda, pela Liga das Mulheres Republicanas; Gabriel Jorge, Mont'Estoril; Alvaro Mineiro, pelo Centro Democratico e commissão politica da Chamusca; Carlos Magalhães Ferraz, Bemfica; Alfredo de Aragão, Alemquer; Ricardo Quartin, Lisboa; Alfredo Filippe de Mattos, Guarda; Handonin, Porto; Vaz Ferreira, Ericeira; Ezequiel Sobral Rodrigues, Beja; Stella Julio Amaral, Funchal; Alberto de Oliveira, consul geral, Rio de Janeiro; Paulo Osorio, Paris; D. Elvira Reis, Santarem; Victor Surgy, Lisboa; Cassiano Ferreira, Lisboa; os corpos gerentes do Centro dr. Bernardino Machado, Queluz; Figueiredo Ajuda, Alcantara; José França Borges, Torres Vedras; Nuno Simões, governador civil, Villa Real; Pedro de Castro, em nome da Tutoria da Infancia; Tasso de Figueiredo, Cerfá; Antonio Augusto d'Macieda, presidente da Cooperativa dr. Bernardino Machado, Porto; major Annibal Ramos Miranda, S. João do Estoril; Julio Vaz, esculptor, Lisboa; Ramos Pereira, Lisboa; Carneiro de Moura, Lisboa; D. Emilia e Alberto de Sousa Costa, Lisboa; direcção da Escola Academica, Lisboa; Samuel Maia, Ilhavo; Baptista da Silva, Porto; Michel Angelo Soares, Porto; Oliveira Passos, Porto; Manuel Cruz, Figueira da Foz; Domingos Monteiro, Rio de Janeiro.

***

O sr. dr. Affonso Costa esteve tambem esta tarde em casa do sr. Bernardino Machado, tendo os dois eminentes homens publicos conversado durante algum tempo.

Os deputados e senadores

que votaram hontem na eleição presidencial

Na primeira votação tomaram parte 189 congressistas, 52 senadores e 137 deputados. Foram os seguintes:

Senadores:

Affonso Henriques do Prado Castro e Lemos, Agostinho José Fortes, Alberto Carlos da Silveira, Alfredo Rodrigues Gaspar, Amaro de Azevedo Gomes, Antonio Alves de Oliveira Junior, Antonio Joaquim de Sousa Junior, Antonio José Lourinho, Antonio José da Silva Gonçalves, Antonio Maria Baptista, Antonio Maria da Silva Barreto, Antonio Xavier Correia Barreto, Augusto Casimiro Alves Monteiro, Bernardo Nunes Garcia, Bernardo Paes de Almeida, Caetano José de Sousa Madureira e Castro, Carlos Richter, Celestino Germano Paes de Almeida, Daniel José Rodrigues, Daniel Telo Simões Soares, Elysio Pinto de Almeida e Castro, Faustino da Fonseca, Francisco de Pina Esteves Lopes, Herculano Jorge Galhardo, Jeronymo de Mattos Ribeiro dos Santos, João Francisco de Sousa, João Maria da Costa, Joaquim José Sousa Fernandes, Joaquim Leão Nogueira Meyrelles, Joaquim Pedro Martins, José Affonso Baeta Neves, José Antonio Arantes Pedroso, José de Castro, José Eduardo de Calça e Pina da Camara Manuel, José Estevam de Vasconcellos, José Guilherme Pereira Barreiros, José Lino Lourenço Sêrro, José Machado de Serpa, José Maria Pereira, José Paes de Vasconcellos Abranches, José Thomaz da Fonseca, Julio Ernesto de Lima Duque, Leão Magno Azedo, Luiz Antonio de Vasconcellos Dias, Luiz Filippe da Matta, Luiz Fortunato da Fonseca, Luiz Innocencio Ramos Pereira, Manuel Soares de Mello e Simas Horta, Pedro do Amaral Botto Machado, Porfirio Teixeira Rebello, Remigio Antonio Gil Spinola Barreto, Ricardo Paes Gomes, Rodrigo Guerra Alvares Cabral, Simão José.

Deputados:

Abilio Correia da Silva Marçal, Abrahão Mauricio de Carvalho, Adelino de Oliveira Pinto Furtado, Adriano Gomes Ferreira Pimenta, Affonso Augusto da Costa, Alberto de Moura Pinto, Alberto Xavier, Albino Pimenta de Aguiar, Alexandre Braga, Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, Alfredo Maria Ladeira, Alfredo Pinto de Azevedo e Sousa, Alfredo Soares, Alvaro Poppe, Alvaro Xavier de Castro, Amandio Oscar da Cruz e Sousa, Amilcar da Silva Ramada Curto, Angelo Vaz, Annibal Lucio de Azevedo, Antonio Alberto Charula Pessanha, Antonio Albino Carvalho Mourão, Antonio de Almeida Garrett, Antonio Aresta Branco, Antonio Augusto de Castro Meyrelles, Antonio Augusto Fernandes Rego, Antonio Augusto Tavares Ferreira, Antonio Barroso Pereira Victorino, Antonio Caetano Macieira Junior, Antonio Correia Portocarrero Teixeira de Vasconcellos, Antonio Dias, Antonio Firmo de Azeredo Antas, Antonio Joaquim Ferreira da Fonseca, Antonio José de Almeida, Antonio Maria da Cunha Marques da Costa, Antonio Maria Malva do Valle, Antonio Maria Pereira Junior, Antonio Maria da Silva, Antonio Marques das Neves Mantas, Antonio Miguel de Sousa Fernandes, Antonio de Paiva Gomes, Antonio Pires de Carvalho, Antonio Vicente Marçal Martins Portugal, Armando da Gama Ochôa, Armando Marques Guedes, Arthur Alberto Camacho Lopes Cardoso, Arthur Augusto da Costa, Arthur Duarte de Almeida Leitão, Arthur Rodrigues de Almeida Ribeiro, Augusto José Vieira, Augusto Luiz Vieira Soares, Augusto Pereira Nobre, Balthasar de Almeida Teixeira, Bernardo de Almeida Lucas, Carlos Olavo Correia de Azevedo, Casimiro Rodrigues de Sá, Constancio de Oliveira, Custodio Martins de Paiva, Diogo João Mascarenhas de Marreiros Netto, Domingos da Cruz, Domingos Leite Pereira, Eduardo Alberto Lima Basto, Eduardo Alfredo de Sousa, Eduardo Augusto de Almeida, Ernesto Jardim de Vilhena, Ernesto Julio Navarro, Evaristo Luiz das Neves Ferreira de Carvalho, Francisco Alberto da Costa Cabral, Francisco Coelho do Amaral Reis (Pedraiva), Francisco Correia de Herédia (Ribeira Brava), Francisco da Cruz, Francisco José Fernandes Costa, Francisco José Pereira, Francisco do Livramento Gonçalves Brandão, Francisco de Salles Ramos da Costa, Francisco de Sousa Dias, Francisco Xavier Pires Trancoso, Gastão Correia Mendes, Gastão Raphael Rodrigues, Gaudencio Pires de Campos, Germano Lopes Martins, Guilherme Nunes Godinho, Helder Armando dos Santos Ribeiro, Hermano José de Medeiros, Jayme Zuzarte Cortezão, João Barreira, João de Barros, João Cabral de Castro Freire Falcão, João Canavarro Chrispiniano da Fonseca, João C. de Mello Barreto, João Chrisostomo Antunes, João de Deus Ramos, João Elysio Ferreira Sucena, João Gonçalves, João José da Conceição Camoezas, João José Luiz Damas, João Lopes Soares, João Luiz Ricardo, João Pedro de Sousa, João Pereira Bastos, João Teixeira Queiroz Vaz Guedes, Joaquim Antonio de Mello Castro Ribeiro, Joaquim José de Oliveira, Joaquim Ribeiro de Carvalho, José Antonio da Costa Junior, José Antonio Simões Raposo Junior, José Augusto Pereira, José Augusto Simas Machado, José de Barros Mendes de Abreu, José Bessa de Carvalho, José de Freitas Ribeiro, José Maria Gomes, José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, José Mendes Cabeçadas Junior, José Mendes Nunes Loureiro, José Mendes Ribeiro Norton de Mattos, Julio do Patrocinio Martins, Levy Marques da Costa, Luiz Augusto Pinto de Mesquita Carvalho, Luiz Carlos Guedes Derouet, Manuel Augusto Granjo, Manuel Firmino da Costa, Manuel Joaquim Rodrigues Monteiro, Manuel Martins Cardoso, Marianno de Arruda, Marianno Martins, Pedro Alfredo de Moraes Rosa, Pedro Januario do Valle Sá Pereira, Pedro Virgolino Ferraz Chaves, Raymundo Ennes Meira, Rodrigo José Rodrigues, Sergio da Cunha Tarouca, Thomaz de Sousa Rosa, Urbano Rodrigues, Vasco Guedes de Vasconcellos, Victor Hugo de Azevedo Coutinho, Victorino Henriques Godinho, Victorino Maximo de Carvalho Guimarães.

No segundo escrutinio votaram 183 congressistas, menos seis que no primeiro. Esses 6 membros do Congresso que votaram no primeiro e se abstiveram no segundo foram os srs. Correia Barreto, Vasconcellos Dias, Pereira Victorino, João Gonçalves, João Camoezas e José Augusto Pereira. No terceiro escrutinio votaram 179 congressistas, menos quatro que no segundo. Deixaram de

O FEITICEIRO DE MENGO-PARK

AS PROPHECIAS DE EDISON

Um sabio cujas palavras parecem as de um poeta

Ha tempos o jornalista americano Allen Berson dirigiu-se a casa do *feiticeiro de Mengo-Park*, o celebre inventor Edison, e entrevistou-o ácerca dos seus trabalhos. As palavras de Edison revestem sempre na America o aspecto de um grande acontecimento. Para se avaliar da curiosidade do publico *yankee* em torno do grande phisico, basta lembrar-mo-nos que, por occasião da viagem de Edison á Europa, realisada ha poucos annos, na intenção de conhecer de perto o progresso industrial do Velho Mundo, alguns jornaes de New-York não hesitaram em despender consideraveis sommas de dinheiro para destacar redactores seus com a incumbencia de seguirem o inventor passo a passo e de registarem todos os seus commentarios.

Na entrevista de Berson, publicada pelo *Cosmopolitan Magazine*, apparecem prophecias extraordinarias. Edison começa por prever que, dentro em breve, será possivel fabricar-se o ouro artificial, e que esse fabrico será tão economico que cada tonelada não custará mais de 25 *dollars*, ou sejam pouco mais ou menos 25 escudos da nossa moeda. Sobre os progressos da aviação, declara tambem que não tardará muito que se possa voar «á maneira de zangãos».

—O zangão, diz o sabio, move-se sobre ondas produzidas por elle proprio. As azas são pequenissimas em relação ao tamanho e ao peso do corpo. Porque é que elle vôa pois tão bem? Porque sabe utilisar excellentemente as azas, fustigando o ar com uma rapidez que dá á atmosphera a rigidez do aço. Quando os homens quizerem fazer viagens aereas, longas, rapidas e seguras, teem de aprender com o zangão.

Na opinião de Edison, hão de construir-se em breve machinas aereas d'esse genero que poderão mover-se com uma velocidade de 160 kilometros á hora, e a proxima geração, na America, só conhecerá a locomotiva pelos compendios das escolas.

Outra prophecia. O papel deixará de ser utilisado pela imprensa, e será substituido pelo nickel, o «que constituirá, por certo, maravilha maior que o fabrico artificial do oiro». Uma folha de nickel da espessura de 1|20000 avos de pollegada é mais barata e mais flexivel que uma vulgar folha de papel. Um livro de nickel de 40.000 paginas terá apenas duas pollegadas de espessura, e não pesará mais do que meio kilo! Ora esse meio kilo de *papel de nickel* consegue já Edison fabrical-o por 1 dollar e um quarto; pouco mais de um escudo!

O mobiliario domestico será, na maior parte, construido em aço. Os edificios de cimento armado serão eternos, e dentro de trinta annos não se edificará por outro processo.

No capitulo das machinas, as previsões de Edison quasi não teem limites. Assim, diz elle, ha de inventar-se uma machina onde por um lado se introduzam botões, fazenda, linha, etc., ao passo que por outro sahem os fatos promptos e passados a ferro! As machinas de impressão hão de fornecer o livro já encadernado e prompto para a venda. Inventar-se-ha uma machina que transforme a madeira em mobiliario sem a intervenção de um unico marceneiro. Por outras palavras: as machinas não serão destinadas, como até agora, para fabricar *partes* de productos que o homem se encarrega depois de juntar, mas sim para fornecer o producto completo. D'essa fórma baratear-se-ha a producção: qualquer pessoa poderá, por exemplo, possuir cinco fatos por anno.

O lavrador actual será substituido pelo activo homem de negocios, que, ao mesmo tempo, se poderá intitular chimico-agricola, botannico e economista.

Da sua famosa bateria de accumuladores disse que, applicada aos submarinos, os transformará n'uma tão terrivel arma que não valerá mais a pena construir couraçados. Pensa tambem que, após a guerra actual, os meios de destruição serão tão horrorosos que implicarão a necessidade de conservar-se a paz universal, resolvendo-se todas as questões entre os povos no tribunal arbitral da Haya, ao qual se submetterão os governos dos differentes paizes. Por fim, Edison accentuou ainda a consoladora prophecia de que «dentro de 100 annos não haverá pobreza no mundo».

Vê-se que Edison é optimista. Mas é sempre Edison quem fala...

---

votar os srs. Castro Meyrelles, Julio Martins, Alberto Carlos da Silveira, Silva Gonçalves, Camara Manuel e Teixeira Rebello, mas votaram os srs. Pereira Victorino e João Camoezas, que não tinham respondido á chamada do segundo escrutinio.

Antes de se realisar a eleição dizia-se nos corredores da Camara que os srs. Castro Meyrelles e Silva Gonçalves, catholicos, votariam no nome do sr. dr. Nunes da Ponte, mas, pelo resultado dos escrutinios, verificou-se que tanto um como o outro votaram listas brancas. O mesmo fez o sr. dr. Costa Junior, socialista. Como os jornaes da manhã disseram, o apuramento final da eleição deu o seguinte resultado: Bernardino Machado, 134 votos; Correia Barreto, 18, e listas inutilisadas, 27. D'estas deviam ser 17 ou 18 com o nome do sr. dr. Duarte Leite e as restantes brancas.

Coliseu dos Recreios

Opera comica e operetta italiana

Devem ser afixados hoje os cartazes annunciando a estreia da magnifica companhia de opera comica e operetta italiana de Amadeo Granieri que em Hespanha têm alcançado um verdadeiro triumpho.

Com um reportorio completissimo do qual fazem parte operettas ainda não cantadas no Coliseu e muitas d'ellas absolutamente novas em Lisboa, a companhia Granieri deve por certo alcançar entre nós um exito egual ao conseguido ultimamente em Hespanha.

Fazem parte da companhia artistas do valor de Ettore Rezolli e Fernanda Rapolli e da actriz-cantora Annita Patiszi. Os scenarios e guarda-roupa são das melhores casas italianas e hespanholas.

Emfim, os espectaculos da companhia Granieri devem constituir um verdadeiro successo em Lisboa.

A estreia realisa-se no dia 14 do corrente, com *As damas Viennenses*.

Livre pensamento

As festas do anniversario da Associação do Registo Civil

E' o seguinte o programma definitivo das festas com que a Associação do Registo Civil commemora, amanhã, o 20.º anniversario da sua fundação:

Alvorada ás 6 horas annunciada por uma salva de morteiros e uma girandola de foguetes e abrilhantada pelo Grupo 2 de Agosto de 1908, da Banda da Republica (Concentração Musical 24 de Agosto); ás 9, almoço ás crianças da Escola n.º 1, servido no quintal por membros dos corpos gerentes; ás 11, partida para o largo do Conde Barão, afim de se organisar o cortejo que d'ali deve ir para o theatro de S. Carlos; ás 12, no largo do Conde Barão organisação do cortejo, formado por um grupo de marinheiros e guardas fiscaes, com o estandarte offerecido pela marinha á Banda da Republica, 16 alumnos das escolas da aggremiação com os estandartes e bandeiras nacionaes e dos paizes alliados, corpos gerentes da Concentração Musical 21 de Agosto e Associação do Registo Civil e Banda da Republica; ás 13, sessão solemne no theatro de S. Carlos, a que estão convidados a assistir o sr. presidente da Republica, governo, auctoridades, corpos dirigentes do partido socialista e dos trez partidos republicanos, e na que se espera usem da palavra a sr.ª D. Maria Clara Correia Alves e os srs. dr. Adelino Furtado, Faustino da Fonseca, Antonio Ferrão, coronel Alexandre B. Lucido Oliveira, Amandio da Concei ção, Thomé de Barros Queiroz, capitão Tavares de Carvalho, dr. Alvaro de Castro, Alfredo Ladeira, dr. Barbosa de Magalhães e Augusto José Vieira; ao terminar a sessão, cortejo do theatro de S. Carlos á séde associativa acompanhado pela Banda da Sociedade Philarmonica Progresso de Bemfica que em seguida inaugurará um concerto que durará até ás 19 horas; ás 21, concerto por um grupo de executantes da Tuna Commercial de Lisboa; ás 24, encerramento das festas pelo presidente da commissão de propaganda.

Exames de cegos

no liceu Passos Manuel

Fizeram hoje exames do 5.º anno de portuguez e do 5.º anno de francez no liceu Passos Manuel os alumnos cegos do Instituto Branco Rodrigues Francisco Martins, de Vilela Seca, concelho de Chaves, e Joaquim Nunes Pinto, de Arrentela, concelho do Seixal.

Este ultimo alumno, que fez brilhante exame, obteve distincção.

Findo os exames, o reitor do liceu, que presidia ao juri, felicitou o sr. Branco Rodrigues, fundador do Instituto, e a professora sr.ª D. Luiza Guimarães, que estavam presentes.

Para a alliança russo-japoneza

Petrogrado, 2 d'agosto

O chefe da repartição politica que se occupa dos negocios do Extremo Oriente no ministerio dos estrangeiros da Russia, o sr. Kazakof, recebeu um collaborador da «Rietch», a quem fez as seguintes declarações:

«Com effeito, o Japão é nosso alliado pois que combate um inimigo commum, a Allemanha; no emtanto esta alliança não se baseia sobre qualquer documento formal. Entre a Russia e o Japão existem actualmente amigaveis relações, consequencia logica das suas relações de boa visinhança, e que nasceram no terreno politico do Extremo Oriente depois da guerra russo-japoneza; são cada vez mais estreitas e é muito possivel que ainda mais se apertem, transformando-se n'um accordo politico definido.

Entretanto a collaboração do Japão com a Russia não se baseia sobre qualquer documento; o Japão nem mesmo assignou a convenção de Londres de 5 de setembro. O unico laço que une o Japão á Russia e á França é o accordo anglo-japonez, o qual prevê que nenhuma das partes contractantes póde concluir a paz sem o assentimento da outra.»

Depois demonstrou o sr. Kazakof ao seu interlocutor que o terreno para o accordo politico do Japão com a Russia é a China, accrescentando em seguida:

«As relações amigaveis que se estabelecerem entre a Russia e o Japão, e a collaboração d'este ultimo na guerra actual deram já favoraveis resultados para os interesses japonezes na China. A Russsia não se oppoz a que o Japão ali adquira importantes concessões; em vista d'isto deve esperar-se que para o futuro encontrem o Japão e a Russia um terreno onde trabalhem solidariamente e se façam concessões reciprocas, está claro, sob a condição das medidas tomadas não brigarem com os interesses dos seus outros alliados, e de não lesarem os interesses dos grandes Estados neutros.

E' sob estas condições que a approximação russo-japoneza, actualmente com o caracter d'uma alliança de facto, poderá converter-se proximamente n'uma alliança politica definitiva».

A QUESTÃO DO MOMENTO

Fala o gerente da firma Hinton

«—As emprezas coloniaes, arrastadas *na* sua simplicidade pela firma Hornung, apresentam ao Estado e ao paiz uma solução de ludibrio e avidez na questão Hinton»

Na propria manobra final a firma Hornung quiz ludibriar as suas amparadoras, o publico, o Estado e não sei se ainda a firma Hinton.

Doze emprezas coloniaes declararam pomposamente ao paiz e ao governo que tomariam todo o assucar da Madeira até 1918, nos termos do contracto feito para 1914 entre a firma Hornung e a firma Hinton, cuja reclamação pendente perderia, segundo ellas, todo o fundamento allegado!

Mas o comprador unico, directa ou indirectamente, seria uma d'ellas, a da firma Hornung, que, para fins mirabolantes, dolosos, e ainda avidos e lesivos, arrastou comsigo a simplicidade das assignaturas restantes. Seria para ella todo o assucar, pois nenhuma outra possue refinaria.

A firma Hornung, pelas suas graves deslealdades para com o Estado e para com a firma Hinton, provocou a melindrosa questão entre aquelle e esta, e o proprio episodio extraordinario a que o paiz assiste. E queria ella mesma entrar com as suas responsabilidades moraes, e com a chave de tudo, na solução—se esta merece tal nome—para consolidar toda a sua obra de felonia e de açambarcamento!

O Estado *foi illudido*, como a firma Hinton, pela firma Hornung, em assumpto de summa importancia para a administração nacional e a consciencia publica. E a firma Hornung é que viria resolver—figure-se que tudo ficaria resolvido—as difficuldades entre o Estado e a firma Hinton! E ainda o fim d'isso não seria equilibrar com justiça a economia da Madeira, das colonias e do continente, e dar a tudo umas certas garantias de ordem e de progresso. Apenas seria affastar, com outra mistificação, um obstaculo que se julgava ou *se dizia* existir apenas até 1918, e ficar senhor legal de uma rede de arrastar milhões, burlada desde agora a metropole, arruinada pouco depois a Madeira. Contava-se com a abdicação moral do Estado e da firma Hinton ao mesmo tempo!

Mas a firma Hornung, para attingir esse fim assombroso, não se dirige á firma Hinton; á firma que a sua malicia apontou á nação como reclamante de centenas de milhares de libras *sem fundamento*. Ella deixa a operação ao Estado, que julga dever estar ao seu serviço. O Estado é que diria á firma Hinton: «O seu preço de 1914 está seguro até 1918 pela firma Hornung, burladora de nós ambos e de que eu sou representante: logo, a sua reclamação cahiu».

Já não perguntarei que ideia fará da decencia governativa esta firma desleal. Pergunto que noção tem ella do direito.

Onde está no contracto de 1911 entre a firma Hinton e o Estado, onde existe, n'uma lei, o preceito pelo qual o Estado possa impor á firma Hinton o preço ajustado em 1914, entre ella e a firma Hornung? Esta inventa agora no seu espirito a doutrina espantosa de que a firma Hinton perderá o seu monopolio e todos os seus direitos se não retirar a sua reclamação nem acceitar aquelle preço!

O que está no artigo 21.º do contracto de 1911 é a garantia de que a firma Hinton, de nenhum modo—nem directa nem indirectamente—pode ser privada de qualquer das vantagens para ella resultantes d'esse diploma dentro das leis existentes. Se o Estado destruisse ou mesmo restringisse algumas d'ellas, como succedeu pela subrepticia lei que a firma Hornung obteve, a firma Hinton tinha, pelo artigo 25.º, a faculdade de pedir a reparação dentro de 120 dias, perdendo-a se a não exercesse dentro d'esse praso. E a firma Hornung quer destruir aquelle direito e a reclamação que por elle se fez contra a sua obra de infidelidade e damno, dizendo bastar para isso que o Estado, em ultima analise, impunha á firma Hinton, de frente ou por voltas, o preço de 1914, com o fim de não cahir nem uma pedra d'aquella bellissima architectura!

E que preço exterminador de reclamações era esse que a firma Hornung apresentára para offuscar as outras, o paiz e o Estado, e para este metter a firma Hinton entre a espada e a parede monumental? Era outro preço de dolo e má fé e de cubiça.

O *preço fundamental* entre a firma Hinton e a firma Hornung era o de Greenock, ouro, accrescido da importancia de 14,5 centavos por kilo, que é o valor de todas as despezas de desembarque e despacho do assucar da Madeira no continente.

Em 1918 a firma Hornung propoz á firma Hinton que retirasse a representação feita contra qualquer projecto de lei de «bonus» para o assucar das colonias. Ella em troca d'isso compraria todo o da firma Hinton até 1918 pelo *preço fundamental*. De outro modo teria de haver um desconto n'este a favor da primeira, em cada contracto simplesmente annual, que houvesse, tendo elle sido praticamente de 5 por cento em 1914, e ainda maior em 1919.

A firma Hinton rejeitou a offerta. Bem sabia que, procedendo assim, iria perder nas vendas successivas—sem a guerra europeia—mais de 300 contos, desde 1913 a 1918. Mas, acceitando a proposta, daria de facto á firma Hornung o poder de lhe metter no fundo a fabrica em 1919, com ruina de toda a economia sacarina da Madeira. Este é mesmo o ponto mais grave da questão pendente, embora d'elle fujam as emprezas coloniaes, que julgam licito e facil exterminar tudo aquillo em 1919, em honra de toda a sua exploração preta e branca.

Mas a firma Hornung fez o tal desconto em 1913 e em 1914 e queria agora que o Estado o impuzesse em 1916, 1917 e 1918, dando-lhe no meio d'isto a nova lei de «bonus» por 20 annos. Quer dizer, ella colhia os 300 contos que—mesmo sem guerra—a firma Hinton podia ter segurado em 1918; mettia no bolso a nova lei colonial, como cedula de 30:000 contos para si e toda a sua benemerita companhia; e estava livre para destroçar a firma Hinton e a Madeira em 1919. O Estado, para pôr nos eixos este mundo dos milhões, fizesse a firma Hinton acceitar de graça tudo o que já rejeitára directamente á firma Hornung por 300 contos e mais a ruina absoluta da sua propriedade, industria e negocio no terminar o seu quasi monopolio.

Nem se confunda isso com os 300 contos que na passagem do planeta pelo anno de 1915 a firma Hornung quiz arrancar no assucar da respectiva colheita á firma Hinton.

Mas isto não é tudo. A firma Hornung sabe muito bem o que fazia na cartada ultima.

As cotações do assucar estão e estarão elevadas, pelos effeitos da guerra, que serão perduraveis na economia universal. A venda do producto da fabrica Hinton á firma Hornung, pelo já definido preço fundamental, com o desconto de 5 por cento e com as vantagens, ainda superiores, asseguradas pelas successivas perturbações industriaes, commerciaes e maritimas do mundo ao comprador de Lisboa, daria á firma Hornung maiores lucros do que em 1913 e 1914, sobre os da propria refinação.

Supponhamos que a firma Hornung comprava pelo contracto de 1914 as 4:200 toneladas de assucar madeirense de 1915 e as 13:500 que provavelmente viriam de 1916 a 1918. A firma Hinton já teria perdido a favor d'ella 150 contos nas primeiras; e perderia decerto mais de 300 nas ultimas, afóra mais de 60 que perdeu pelos descontos de 6:800 toneladas vendidas em 1913 e 1914.

E' evidente que a firma Hinton está em face de outra que pretende arruinal-a deslealmente com a força e o dinheiro do Estado. O que eu não sei é a ideia que farão da prudencia publica as firmas arrastadas por outra a assignar com ella documentos onde, no fundo, se imagina possivel marchar contra a verdade e a justiça com esta grave accusação mais ou menos claramente feita no esquecimento de todas as responsabilidades: «a firma Hinton—já quasi centenaria—reclamou do Estado uma indemnisação de centenas de milhares de libras, *sem fundamento, por descabidas pretenções*.»

Foram dar mais razão e maiores deveres á defeza Hinton. Parece que ha uma fatalidade Hornung.

Lisboa, 6 de agosto de 1915.

Luiz Alberto de Freitas

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Fernando vae casar.

POLITHEAMA — A's 21 — A amante de meu genro.

EDEN — A' 20 1|2 e 22 1|2 — O diabo á quatro.

APOLO — A's 20,45 e 22,45 — De capote e lenço.

Agenda da semana

HOJE — **Avenida** — Primeira representação da peça de Feydeau, *Fernando vae casar*, traducção de Jorge de Abreu.

Ao correr da penna

Ha quem supponha que o auctor dramatico é um cavalheiro que se levanta de manhã cedo, escreve uma peça antes do almoço, comparece no palco no dia da primeira, se a obra agrada, e n'este caso ainda cobra durante um tempo umas sommas quantiosas que o habilitam a gosar os encantos da vida.

Engano, meus queridos senhores! O auctor dramatico é um desgraçado e mais vale ter um remo n'uma galé do que uma penna na mão. Em primeiro logar, quando lhe encommendam uma peça é sempre para o dia seguinte. Ainda o misero não vê o trabalho senão confusamente, já tem que colligir musicas estrangeiras, arranjar figurinos, angariar coristas, consultar os machinistas, dar opinião sobre a orchestra, imaginar cartazes, inventar reclames, pensar na distribuição, passar a mão pelo pello aos actores, aturar as actrizes que querem modificações nos figurinos e não desejam mostrar os tornozellos, o diabo... A par d'isto tem de collocar um porteiro, entrar em combinações com o homem dos programmas, proteger uma discipula que lhe é recommendada, emendar a peça para favorecer um comico, dar roteiros ao electricista, etc., etc...

E a par de tudo isto, tem que fazer um trabalho que só aguente nas pernas, quando não está servido para o resto da sua existencia.

Cyrano

Boatos e informações

ENTRE NÓS

O actor Ignacio Peixoto desempenha no primeiro acto da revista «Não desfazendo...» os papeis de «1313» e «Deputado da provincia...»

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia Infantil—Cura da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chanteclér, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

"A Vitalidade,,

Assim se intitula um quinzenario que começou a publicar-se na Lunda e que se propõe defender os interesses d'esse districto. Recebemos a sua visita, que agradecemos, desejando longa vida ao novo collega.

A chronica da roubalheira

Maria Carolina Leonel, da rua de S. Filippe Nery, 30, loja, queixou-se de que os gatunos lhe furtaram da sua residencia diversos objectos no valor de 60 escudos.

Tambem se queixou Lorenzo Forsini, residente na rua João Chrisostomo, J. A. C., r|c, de que lhe furtaram de sua casa diversos objectos de ouro e prata, no valor de 91$20.

A Domingos Luiz, morador na rua da Cruz, 19, loja, furtaram os gatunos uma mala de mão com a quantia de 290 escudos, uma capa de oleado, uma gallinha, e finalmente Maria do Carmo, moradora na rua Margarida, B. C. P., queixou-se de que na sua ausencia os gatunos lhe furtaram de casa diversas peças de roupa no valor de 84$ 0.

PEQUENAS NOTICIAS

A seu pedido foi demittido da policia o guarda 713, Caetano Lopes. Foi louvado o guarda 1389, José Antunes Alves, pela intelligencia e sagacidade que demonstrou prendendo um gatuno, e foram concedidos 6 dias de licença aos guardas 1012, Manuel dos Santos Vieira; 1375, Manuel Mendes Costa e 1543, Domingos Antonio Guerra, pela fórma como descobriram e prenderam um temivel gatuno.

—A policia procura José d'Oliveira Branco, de 12 annos, que desappareceu do largo dos Trigueiros.

—Depois de soffrer a operação do trepano deu entrada na enfermaria 5 do hospital de S. José o menor de 11 annos Antonio dos Reis, morador no pateo do Balate, em Xabregas, attingido por uma pedrada que lhe fracturou o craneo. Na enfermaria 4 ficou o trapeiro Joaquim Monteiro, que cahiu na rua do Valle de Santo Antonio, ficando muito ferido na cabeça.

—Por ter cahido, fracturando a perna direita, recolheu á enfermaria C 2 C D do hospital escolar Maria Sophia d'Almeida, moradora no Casal Ventoso do Baixo, 2, cave.

—No hospital de S. José falleceu hoje Eulalia Rocha Polejão, a victima do crime da azinhaga de Santa Luzia

---

ULTIMA HORA

A grande guerra

Os contra-ataques russos e a evacuação de Varsovia

PETROGRADO, 7.—Official—Repellimos um ataque allemão na nascente do Pivessa. Na margem esquerda do Narew houve renitentes combates que continuam ainda nas estradas de Rojan, Osbrolenka e Ostrow. Os nossos energicos contra-ataques fizeram frente ao inimigo.

Varsovia foi evacuada para evitar o bombardeamento. Entre o Vistula e o Bug tem havido batalhas pertinazes, tendo as nossas forças recuado um pouco.—(*Havas*).

O movimento naval nos portos britannicos

LONDRES, 6. — O almirantado britannico annuncia que durante a semana finda em 4 de agosto sahiram ou entraram dos portos britannicos 453 navios. Seis d'estes foram afundados por submarinos, dando a sua grossa tonelagem um total de 8.857 toneladas.

Foram tambem afundados pelos navios inimigos nove vapores de pesca, e um por uma mina, sendo o total da sua tonelagem 614 tonelladas.—(*Havas*).

O congresso das subsistencias

Reuniram as commissões, sendo-lhes marcado o ultimo dia do mez para a entrega dos seus trabalhos

Na sala de ensaios de coros do theatro de S. Carlos, no predio annexo ao edificio e que ha annos foi adquirido pelo Estado, reuniram hoje, pelas 16 horas, as commissões especiaes nomeadas no congresso das subsistencias. A sala foi cedida pelo governo para esta reunião de hoje, devendo escolher-se o local onde de futuro reunirão as commissões, ás quaes já offereceram as suas salas a Associação Commercial, a Associação Industrial e a Associação dos Lojistas.

O presidente do conselho não compareceu por considerar que ás commissões compete agora trabalhar autonomamente e apresentar os trabalhos produzidos ao governo para que este ponha em execução as medidas adoptadas, empenhando-se este, comtudo, em que as commissões produzam o mais proficuo trabalho que lhes seja possivel.

Entre os individuos presentes viam-se os srs. dr. Silva Amado, que presidiu á reunião, padre Himalaya, Henrique Taveira, tenente Domingues, Monteiro Guimarães, representando a moagem do Porto; Sousa Neves, representando a União Operaria Nacional; Violante, Pistacchini, da Associação Commercial de Lisboa; João Caldeira, representando a construcção civil; Matheus Ruivo, dr. Carneiro de Moura, Marques Leitão, representando a Associação Commercial e Industrial de Cintra; José Oneill Pedrosa, Candido Santos, representando a Associação dos Caixeiros, etc.

O sr. Taveira pediu que se marcasse o praso dentro do qual as commissões devem entregar os seus trabalhos para serem enviados ao governo.

Da commissão de cambios falou o sr. *Oliveira Soares*, delegado do Centro Commercial do Porto, que, n'um interessante relatorio, expoz a nossa situação cambial. O sr. Carneiro de Moura, commentando esse trabalho, expoz nitidamente a nossa situação economica, corroborando assim as verdades que o relatorio encerra, e propoz que fosse publicado, ao que o sr. Oliveira Soares não annuiu, allegando que, por emquanto, apenas apresentava a sua opinião pessoal, pois que ainda a não communicára á collectividade de que era delegado.

O sr. Himalaya attribuiu a nossa má situação economica a não trabalharmos, pois não temos industrias, não temos exportação commercial e o nosso paiz é refractario á agricultura. Deve-se tratar de estudar a organisação da industria e apresentar ao governo os meios de realisal-a.

Qualquer supprimento de ouro não resolveria o problema cambial, pois que entraria pela porta para sahir pela janella.

O sr. Taveira protestou contra a affirmação de não haver industrias em Portugal, apresentando cifras para basear a sua contestação.

O sr. Matheus Ruivo apontou a necessidade da installação de altos fornos e da creação de um banco de fomento com o producto do imposto de um centavo em kilo de cortiça exportada, e disse que sobre o assumpto já tinha elaborado um projecto de lei que entende será o começo da nossa regeneração economica.

O sr. Violante tratou da falta de aveia e fava no paiz, e lembrou que se peça ao governo immediatamente a abolição dos direitos sobre estes generos, pois que a Hespanha vae prohibir a sua exportação.

Como o sr. Taveira lembrasse a necessidade de constituir as mezas de cada uma das commissões e de marcar o praso para a entrega dos trabalhos que teem a realisar, ficou decidido que este terminasse no ultimo dia do corrente mez. Quanto ás mezas, foram attribuidos ás commissões poderes para as constituir, visto não se encontrarem presentes todos os individuos que as compõem.

Seriam 18 horas quando o sr. dr. Silva Amado encerrou a sessão.

No quartel de marinheiros

Juramento de bandeiras

Com a assistencia do sr. presidente da Republica, realisa-se depois de amanhã, pelas 14 horas, no quartel de marinheiros, a ratificação do juramento de bandeira pelos ex-alumnos marinheiros.

Foram convidados os officiaes das diversas classes da armada a assistir a esse acto.

Festas associativas

Na séde da Commissão Humanitaria do Castello, continuam ámanhã as festas commemorativas do 8.º anniversario, havendo ás 17 horas kermesse e ás 21 baile abrilhantado pela troupe de Bandolinistas 5 de Outubro.

Na Academia Recreio Artistico continuam amanhã as festas commemorativas do 60.º anniversario, havendo ás 14 horas matinée-concerto e baile pelo sextetto Mozart e ás 21 baile com diversas surprezas e continuação da kermesse-tombola.

O encalhe do "Republica,,

O cruzador «Republica» não conseguiu ainda safar-se, embora para isso se trabalhasse com afinco.

No Arsenal foi hoje recebido um radiogramma pedindo pessoal do troço do mar. Para o local do sinistro seguiram o «Vasco da Gama» e o «Adamastor», tendo este ultimo levantado ferro pelas 11 horas.

Os rebocadores «Berrio», «Cabo da Roca» e «Tejo» tentaram hoje safar o cruzador, mas este apenas deu um pouco de si. Junto d'elle está já o «Guadiana», tendo o «Douro» vindo para Lisboa buscar material.

As auctoridades maritimas teem a esperança de que até ámanhã ao meio dia o «Republica» esteja safo.

NOTAS DIVERSAS

O sr. dr. Theophilo Braga não foi hoje ao paço de Belem, dando assignatura em sua casa. Recebeu os srs. dr. Affonso Costa, que foi despedir-se d'elle, e Arnaldo Fonseca, nosso consul em Cantão, que foi apresentar-lhe os seus cumprimentos.

—A Liga Liberal de Lourenço Marques enviou hoje um telegramma ao governo pedindo que seja conservado no logar de governador interino do districto, emquanto não fôr nomeado o governador definitivo, o secretario geral, austero e antigo republicano.

—O sr. ministro do interior teve hoje larga conferencia com o sr. governador civil.

—Foi nomeado ajudante do director da policia de investigação o sr. dr. Clemente Ignacio Gomes, delegado no Sabugal.

—O sr. ministro das colonias foi esta tarde, acompanhado do pessoal do seu gabinete, visitar as novas installações do quartel do Deposito de Praças do Ultramar. A' porta do edificio era o sr. Rodrigues Gaspar aguardado pelos engenheiros srs. Lisboa de Lima e Santos e Silva, commandante e officiaes, que o acompanharam n'uma demorada visita a todo o edificio.

—No ministerio do interior installou-se hoje a commissão de affastamento dos funccionarios d'aquelle ministerio, composta dos srs. drs. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, Abrahão de Carvalho e Lucio d'Azevedo, deputados, que hoje mesmo iniciou os seus trabalhos.

—Apresentou-se hoje no ministerio das colonias o capitão-tenente sr. Coriolano da Costa, commandante da columna de marinha em operações em Angola, o qual conferenciou demoradamente com o respectivo ministro.

—Uma commissão de proprietarios de tipographias de Lisboa e Porto esteve hoje no ministerio do fomento protestando contra a inclusão das officinas tipographicas na cathegoria das que são consideradas insalubres e toxicas, como foi approvado pela camara dos deputados.

—Tambem esteve no mesmo ministerio uma commissão de operarios da Companhia União Fabril, da secção de fiação e tecidos de juta pedindo para que o sr. dr. Manuel Monteiro interceda junto do seu collega dos estrangeiros para que este consiga da Inglaterra a exportação de juta para Portugal.

A orientação e os planos do governo

Nota officiosa

O sr. presidente do ministerio convidou os representantes dos jornaes diarios de Lisboa para uma reunião que se effectuou no ministerio da marinha, pelas 15 horas. Forneceu depois a seguinte nota officiosa sobre o que n'essa reunião se passou:

O sr. presidente do ministerio disse: Vem cumprir a sua promessa. Ha um mez teve a honra de convidar os srs. directores dos jornaes diarios da capital e provincia para lhes pedir toda a reserva e circumspecção com respeito a assumptos que se prendessem com a nossa politica externa, e ao mesmo tempo promettera que, passado um mez, viria, ou communicar que se achava cumprida essa parte do programma do governo, ou que não tinha sido possivel realisal-o n'esse curto praso de tempo.

Deu-se o segundo caso. Apesar dos constantes esforços empregados pelo governo e nomeadamente pelo sr. ministro dos estrangeiros não tem sido possivel chegar áquelle «desideratum», porque se levantaram incidentes, embora secundarios que teem difficultado o problema principal. Não obstante, julga do seu dever cumprir a sua promessa, agradecendo a attitude patriotica que a imprensa voluntariamente se impoz, evitando tratar de assumptos que pudessem comprometter o nosso paiz. E como a situação do governo em face da questão externa não se tenha por isso sensivelmente modificado pede que continuem a dispensar ao governo e muito especialmente á nossa Patria o auxilio até agora prestado, evitando noticias e commentarios que a nossa delicada situação não comporta.

Foi este um dos motivos do presente convite ao qual pede licença para juntar agora um outro. Está o governo empenhado em duas questões que verdadeiramente o preoccupam, uma a questão das subsistencias, outra a mobilisação das nossas industrias a favor da defeza nacional. Para a resolução de uma e de outra carecerá o governo de duas auctorisações parlamentares. A primeira visará principalmente a uma rigorosa fiscalisação que poderá ir até ao inventario dos generos na mão dos detentores, sejam os productores, sejam os compradores; e ainda até ao exame da escripturação dos commerciantes, feito na presença do respectivo presidente do *Tribunal do Commercio*. Em ambos os casos esse inventario e exames só poderão ser executados depois das prévias declarações dos productores ou detentores e quando estas não merecerem absoluta confiança. O processo será summario de modo a não poder ser sophismada a execução immediata da lei.

Com o problema das subsistencias liga-se uma disposição de lei essencial determinando que em todo o paiz não possa ser posto á venda nos estabelecimentos, praças e logares publicos genero algum das subsistencias que não tenha, por uma forma bem clara, a indicação do seu preço referente á unidade usada para a sua respectiva venda. A segunda auctorisação, visto dizer respeito á defeza nacional impõe-se quando seja urgente empregar as industrias do paiz em beneficio do Estado; pois que de mais a mais n'este momento são mais difficeis e onerosas as acquisições nos mercados da Europa, attento o estado de guerra.

Mas como essas auctorisações obedecem e teem de se amoldar ás circumstancias em que nos encontramos, o sr. presidente chama a particular attenção da imprensa, aqui representada, para esses assumptos, rogando com todo o empenho queiram auxiliar o governo na defeza e propaganda d'essas medidas, se entenderem em sua consciencia que ellas podem concorrer já para minorar a situação verdadeiramente difficil em que se encontram as classes menos favorecidas da fortuna já para facilitar a defeza do paiz; rogando forneçam ao governo quaesquer alvitres no sentido de melhor levar a cabo as ideias que expoz.

O sr. presidente agradece muito reconhecido aos srs. directores dos jornaes que se dignaram comparecer ou fazer-se representar, a distincção com que o honraram, acceitando o seu convite.

Termina dizendo que espera confiadamente a cooperação da imprensa, a qual convocará sempre que careça do seu auxilio ou das suas inspirações.

A'cerca dos planos que o governo tenciona pôr em pratica para resolver a questão das subsistencias e realisar o que elle chama a mobilisação das nossas industrias em favor da defeza nacional, esperamos que elles sejam mais desenvolvidamente expostos no parlamento a fim de os podermos depois apreciar.

Associação de Propaganda Feminista

A Associação de Propaganda Feminista tenciona entregar ao governo, na proxima terça feira, a representação em que aquella collectividade expõe os problemas sobre a educação e situação economica que se lhe afiguram demais momentoso interesse.

Esse documento, a que *A Capital* já se referiu, será levado ao parlamento pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio e outras illustres propagandistas do movimento.

Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

A's 18,15

Homenagem ao dr. Affonso Costa

Na excursão de ámanhã, em homenagem ao sr. dr. Affonso Costa, vão pelo menos mil excursionistas, não seguindo todos os que o queriam fazer, por não se poder organisar á ultima hora um outro comboio.

Horario de trabalho

Algumas casas de tipographia accederam ás reclamações dos graphicos, tendo já entrado em laboração com o horario de 8 horas. Ao que consta, os graphicos que trabalham de noite vão pedir 6 horas visto os seus collegas trabalharem de dia 8.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou as seguintes cotações:

	Compra	[illegible]
Londres, cheque	35 3|8	[illegible]
Londres, 90 d|v.	35 15|16	[illegible]
Paris, cheque	$75,4	[illegible]
Allemanha, cheque	$28,5	[illegible]
Hollanda, cheque	$56,6	[illegible]
Madrid, cheque	1$09,5	[illegible]
New York	1$41	[illegible]
Rio s|Londres	12 3|8	[illegible]
Libras	6$97	[illegible]
Agio do ouro	40 [illegible]	[illegible]

BOLSA — As inscripções e [illegible]

	Assent.	[illegible]
Titulos de 1.000$	39,95	[illegible]
» » 500$	—	
» » 100$	39,90	

Certificados de 50$, 40,90 0|0.

Externas: 1.ª seri 72$50.

Acções: Banco de Portugal [illegible] 179$65, assent.; Ultramarino [illegible] Tagus 101$5; Phosphoros, coup. 56$; Tabacos, coup. 76$.

Obrigações: Aguas, coup. 81$30; Prediaes 5 0|0, 87$50; Ultramarino, coup. ouro, 90$; Norte e Leste, 1.º grau, 72$[illegible]; Empreza das Aguas de Vidago 90$.

A exportação de carvão inglez é prohibida excepto para os alliados

Londres, 4 de agosto

A partir de 13 de agosto será prohibida a exportação de todas as especies de carvão ou de coke que se não destine ás possessões e protectorados britannicos. O que fôr exportado para os alliados terá de ser requisitado á commissão das exportações do carvão, sendo estas requisições satisfeitas tão depressa quanto possivel.

Por accordo especial, a França terá carvão para a marinha e caminhos de ferro nas mesmas condições em que o tiver o almirantado britannico. Logo que expirem os prasos dos contractos existentes com a Russia e a Italia para a acquisição do carvão de Galles, estas duas nações beneficiarão das mesmas vantagens concedidas á França.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

SPORT

Jogos Sportivos Nacionaes

Hoje continuaram e ámanhã acabam, no Stadium de Lisboa, as provas sportivas de athletismo, promovidas pela Federação Portugueza de Sports. São estas ultimas provas as que mais interessam porque são aquellas que collocam em frente uns dos outros os campeões nacionaes. Todos aquelles que desejam assistir a provas emotivas reservaram-se para o espectaculo de ámanhã. Diz-se que alguns dos concorrentes pensam percorrer 200 metros em 24 segundos e 100 metros em 11 1/5. Sendo assim, os resultados definem um evidente progresso a representam corridas que hão de impressionar os que as virem.

Os organisadores, porém, para melhor comporem o programma da festa, consentiram que durante as provas da Federação se realisasse o «match» de «meio-fundo» entre os ciclistas profissionaes Soares Junior e Joaquim Rapozo, este o vencedor ha poucos dias do hespanhol Lazaro Vilada.

A'manhã, ainda o publico que vae vêr tão imponente espectaculo por preços minimos terá no programma duas provas importantes: a da «marcha» cujo «record» portuguez pertence a Djalme Bastos com 28' 29" em dez kilometros e do salto em altura, á vara, com 3m,20.

Nota do dia

A festa de hoje na Amadora

E' hoje á noite que se effectua, na Amadora, o campeonato de espada, que teve no publico e no meio sportivo uma invulgar acceitação e applauso, porque tem originalidade o seu programma e a festa é organisada com brilhante «mise-en-scene».

Já dissemos que eram 21 os concorrentes e salvo Mario de Noronha, absorvido por occupações commerciaes, João Sassetti e Sebastião Heredia, ausente, comparecem todos os esgrimistas, que podem na actualidade honrar o seu treino, os seus titulos e a escola dos seus mestres.

A'cêrca do regulamento e porque alguma celeuma elle tem levantado no nosso meio sportivo, fômos immediatamente ouvir um mestre, para que nos firmasse a sua opinião. Esse mestre é uma auctoridade. Fortalecidos com os seus argumentos, podemos afoitamente declarar que o campeonato da Amadora representa uma prova interessante e com muito valor sportivo. São d'elle, entre outras, as seguintes phrases:

«...Deixe falar. O regulamento, estabelecendo um «handicap» entre «seniors» e «juniors» pode dar occasião a que vença um «junior». Isto é razão para não ser um torneio para selecção de primeiros, mas sim uma prova com intuitos inteiramente sportivos e de propaganda.

«Sob o ponto de vista technico tem a vantagem de obrigar um atirador a um cuidado muito maior nos seus assaltos. Depois, o campeonato com a sua fórma de assaltos «a excluir» deixa sempre o esgrimista no melhor das suas faculdades e em egualdade de circumstancias para com todos os outros. Só um espirito ignorante podia perceber o contrario e só a má comprehensão d'um regulamento feito em termos simples, claros e de poucos paragraphos pódia levar á estupida comprehensão de que o atirador que vencesse se havia de bater com todos. Elles pensam assim porque não sabem pensar *d'outra fórma* coitados!... Paciencia...»

Algumas anecdotas

Como se perde um campeonato...

«Aviso aos incautos», se podia chamar esta pequena anecdota que vamos referir. Tem opportunidade porque póde reproduzir-se hoje á noite, na Amadora.

Em 1905, esteve em Lisboa o famoso esgrimista Kirckhofer, que presidiu a um campeonato de espada, realisado na Escola do Exercito. Um dos concorrentes era Carlos Gonçalves, então amador invencivel e nas vesperas de se fazer mestre. Altrou muito bem e venceu todos. Quando lhe faltava um assalto ou dois, porque os seus adversarios fôssem os menos fracos d'aquelle torneio, resolveu «florear». Kirckhofer percebeu e disse-lhe:

—O' «petit gaucheur», se brincas arriscas-te a que te marque um toque...

—Eu não deixo...

—Veremos...

Palavras não eram ditas e a ponta da espada do adversario de Carlos Gonçalves roçava pelo braço d'este.

—«Touché», gritou Kirchhofer...

E outros membros do jury nada disseram em contrario, porque o grande mestre havia «visto bem».

—Eu não te disse, ó «petit gaucheur?!» Aprende n'isto o que deves fazer no futuro...

Aqui está explicada a razão porque o invencivel amador ficou d'aquella vez em segundo logar...

Noticias

Entre nós

A taça Camões de natação

Está fechada a inscripção para a prova de 500 metros que se realisa no dia 15 do corrente, havendo quatro «equipes» a correr que são as do Gymnasio Club Portuguez, Sport Algés e Dafundo, Club Internacional de Foot-ball e Club Naval de Lisboa.

A taça que se disputa é a offerecida pela Sociedade de Geographia de Lisboa, a taça «Luiz de Camões», que está em exposição na ourivesaria Silva, da rua do Ouro.

N'esse dia além d'esta prova haverá mais as de marinheiros, soldados, escoteiros, principiantes do Club Naval e nadadores «juniors» do mesmo club.

E' a terceira festa official do club á qual dá a honra de assistir o sr. presidente da Republica, ministerio, officialidade, de terra e mar, etc.

Uma banda regimental abrilhantará a festa que começa pelas 15 horas, havendo cadeiras para as senhoras das familias dos socios e convidados.

Entre os socios ha o maior enthusiasmo, tudo levando a crêr que esta será em tudo superior á imponente festa realisada no passado domingo. A natação que o Club Naval tem protegido com carinho, não se poupando a esforços e despezas para a sua propaganda, está tomando um incremento tal, que a sua escola é pequena para o numero de alumnos. De manhã, sob a abalisada direcção de Thomaz d'Aquino e Silva Telles, funcciona com grande numero d'alumnos, não os havendo menos de tarde com os instructores Ryder da Costa e Carlos Moura.

A «Taça Rhodes» do Motor

Pelo distincto «sportman» João Duarte Rhodes, presidente da secção de motôr do Club Naval, foi offerecida uma taça para barcos automoveis, a que a junta directora resolveu dar o nome do seu doador. E' mais uma prova para o kalendario do Club Naval.

O propristario do magnifico «racer» Esmeralda», vencedor da corrida de barcos automoveis em que ganhou a taça Heredia, demonstra mais uma vez o seu amor por este bello «sport», organisando uma prova de sua secção que, sem duvida, tem sido uma das que muito teem trabalhado na presente epocha.

União dos Escoteiros Luzos

No Grupo 2, foram avisados todos os escoteiros que teem de comparecer na séde, ámanhã domingo, pelas 16 horas (4 horas), devidamente uniformisados. Este grupo irá fazer a guarda de honra ás entidades officiaes, na festa ao sr. dr. Affonso Costa, no theatro de S. Carlos.

O augmento do preço do carvão

A classe dos vendedores de carvão, attendendo á subida de preço que teve o carvão vegetal por causa do augmento de salario dos trabalhadores ruraes, do preço, das lenhas e dos transportes, e ainda pela concorrencia que a industria faz comprando combustivel para substituir o carvão de pedra, tornou publico que desde o principio d'este mez o carvão d'azinho de primeira qualidade passou a ser vendido a $50 os 15 kilos, e $03,5 ao kilo, e o carvão de cepa de segunda qualidade a 0$44 os 15 kilos, e $0,3 ao kilo.

TOURADAS

Algés—A corrida de ámanhã em festa artistica de Luciano Moreira é á antiga portugueza, sendo as cortezias feitas a rigor e entrando n'ellas a banda de charamelleiros a cavallo, coches puxados a duas parelhas, pagens, neto, arautos e passavantes, andarilhos, azemola das farpas, emfim tudo quanto é costume entrar n'estas festas. A distribuição da corrida, que começa ás 17 horas, é a seguinte:

1.°, para Manuel Casimiro, a ferros curtos (salto de vara por Custodio Domingos); 2.°, D. Carlos e D. Antonio Mascarenhas; 3.°, Theodoro e T. Rocha; 4.°, José Casimiro; 5.°, C. Domingos e Malagueño; 6.°, Luciano, a sós; 7.°, Manuel Casimiro; 8.°, Luciano, a sós (ferros de palmo); 9.°, D. Carlos, D. Antonio e D. João de Mascarenhas; 10.°, José Casimiro, a ferros curtos, em toureio a duo com Luciano.

Seguir-se-ha um intervallo de 5 minutos; lidando-se depois á hespanhola um garraio e uma vacca, por «cuadrillas» completas de matadores, picadores e bandarilheiros; formadas com conhecidos amadores.

Setubal—E' a seguinte a distribuição da corrida que ámanhã se realisa em beneficio do hospital da Misericordia o Asylo Bocage e que principia ás 16,45:

1.°, D. Alexandre Mascarenhas; 2.°, Jorge Cadete e José Costa; 3.°, Chicorrito e Punteret; 4.°, Accacio d'Oliveira e Silva; 5.°, Jayme Cadete e Mario Luiz Lopes; 6.°, D. Alexandre de Mascarenhas; 7.°, Jayme Cadete e Mario Luiz Lopes; 8.°, Batatero e Agostinho Carvalho; 9.°, Accacio d'Oliveira e Silva; 10.°, José da Costa e Chicorrito, e 11.°, para todos.

NATURISMO

A cura pelas uvas

Bellos cachos, de ambar aloirados pelo Sol, ou negros como os olhos das morenas seductoras, ou vermelhos como rubis em sangue—sois, para *Portugal*, o fructo mais *bello*, dos mais nuctritivos e dos mais purificantes, agora, que as vinhas os ostentam nas suas parras de esmeralda. Doentes do ventre: comei uvas. Anemicos: comei uvas. Se não dormes, leitor, come uvas. E's magra, leitora? Come uvas. *E's muito gorda?* Come uvas tambem.

A cura das uvas é uma «panacéia» excellente, porque serve para normalisar o sangue da humanidade.

Portugal é um paiz das uvas. Basta comel-as ao almoço, ao jantar e á ceia. E 6 milhões de kilos se podiam gastar por dia. Acabava a crise vinicola se durante um mez commessem 3 kilos de uvas quelles que berram e clamam.

As uvas são um fructo valioso e bello, que não tem ainda quem o ame e divulgue n'este paiz tão rico de gente e tão pobre de higiene alimentar.

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Capitão Aragão

Uma commissão de estudantes delegada do Centro Republicano Academico enviou hoje á Sociedade de Geographia um officio pedindo a cedencia da sala Portugal para ali se realisar uma sessão solemne em honra do capitão Aragão, o heroico defensor do nome portuguez em Naulil.

A mesma commissão convidará o sr. presidente da Republica, governo e Camara Municipal a assistirem a essa sessão.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4177	20:000$
92	2:000$

1332	600$	633	100$
2588	200$	2975	100$
2889	200$	4297	100$
4007	200$	4582	100$
102	100$	4672	100$
437	100$	5690	100$

Excursões e passeios

No dia 22 realisa o Gremio republicano d'Alcantara em beneficio da sua escola um passeio fluvial a bordo do vapor «Lisbonense», a S. Julião da Barra, Seixal e Villa Franca, com desembarque n'estes dois ultimos pontos. O embarque é das 6,70 ás 7 na muralha d'Alcantara e o desembarque no mesmo sitio ás 18,30.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se á venda em quasi todos os estabelecimentos em Alcantara, na tabacaria Marques, rua do Ouro, na tabacaria do sr. Manuel de Brito, calçada da Estrella, 59, no Bar Americano, rua d'Alfandega, e na séde do Gremio, rua Gilberto Rolá, 67, 1.° Preço, 45 centavos. Ha musica e «buffete» a bordo.

Gremio Republicano d'Alcantara

Hoje e ámanhã continuam as festas e «kermesse» n'este gremio a favor da sua escola, subindo á scena pela segunda e terceira vez a revista em 1 acto, original de Pinto Junior «No reino da mentira», completando os espectaculos diversas operettas, variedades e forças combinadas, por Carlos Moreira e seu volante.

Jantares-concertos

O Casino de S. José de Ribamar está sendo o ponto de reunião preferido. Justificam essa concorrencia o bello serviço de meza, os «menús» esmeradamente confeccionados e a deliciosa musica executada pelo sextetto do Casino. Na quinta-feira é inaugurado na ampla e bella explanada um elegante palco-concerto onde serão apresentados os melhores numeros de variedades por celebridades artisticas expressamente contractadas e ainda não vistas em Portugal.

No boudoir

Marco postal

Joaninha.—Tem olhos verdes, a Joaninha?

Não. Devem ser negros, profundos e bellos. Os cabellos são castanhos, abundantes e lindos; mas a terrivel soborrhea está principiando a dizima-los.

Vamos tentar salvar as lindas tranças de Joaninha. Não é coisa facil mas consegue-se havendo methodo e prosistencia—duas qualidades que são poderosas alavancas.

Durante 15 dias seguidos, todas as manhãs, Joaninha ha de lavar a cabeça. Nos primeiros 3 dias essa lavagem far-se-ha com 2 litros d'agua fervida a que addicione 10 grammas d'amoniaco liquido. Passar 2 vezes por agua fervida pura. A temperatura da agua não deve exceder 36 graus, mas não deve ser muito menor. Durante 6 dias com agua de semeas e acido borico, 20 grammas d'acido para dois litros d'agua.

Passar uma vez por agua limpa. Nos seis dias restantes a lavagem será feita com o meu preparado «Loção capilar Pompadour», (alcatrão). Mas não basta fazer estas lavagens. E' necessario que todas as noites, ao deitar unte o casco, esfregando, fortemente, com um preparado que eu lhe enviarei.

Terminados os 15 dias passará a fazer uso d'um fortificante. A soborrhea graças a este tratamento, terá desapparecido.

***

Lydia—Ainda bem que ficou satisfeita com o tratamento que lhe indiquei e com o «Secaet Pompadour».

De volta da praia é que terá que me agradecer com razão justificada.

***

Gesinha;—Lembro-me perfeitamente da minha amiga. Effectivamente a sua Não pelle era de uma delicada brancura. lhe affirmo que recupere toda essa frescura, esse tom de «leite e rosas» (os 15 annos não voltam); mas as manchas e o encarquilhado precoce hão de desapparecer. Regimen o mais possivel vegetariano. Não calcula o quanto o uso e sobretudo o abuso da carne prejudica a belleza. Beba muita agua com summo de limão e coma muitas, muitas uvas. *Tratamento local*: Lavagens com agua fria em que deite n'um dia borato de soda—uma colhersita de borato para 1 litro de agua e bastante summo de limão.

***

Lyrio do Valle:—Tratamento pela mascara ou tratamento em sua casa pelos productos Pompadour: «Creme adstringente», «Locção contra rugas», «Leite de amendoa», etc. Garanto-lhe os bons resultados. Para a caspa use a Locção Verde Pompadour.

Maria Conti

Fallecimentos

Falleceu o sr. Carlos Marques dos Santos Almeida, chefe da repartição central da contabilidade publica, cujo funeral se realisa amanhã, ás 12 horas, sahindo da Avenida Almirante Reis, 89, 1.°, para o cemiterio oriental.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A Cambada»

D'este pamphleto quinzenal de critica de costumes sahiu o n.° 3 da 2.ª serie, redigido por Victor Falcão.

A miseria das estradas

remediava-se fazendo-lhes os leitos de madeira

A proposito do nosso artigo de quinta-feira ultima epigraphado «A miseria das estradas» escreve-nos o sr. João Quiterio, alvitrando o emprego da madeira no leito das estradas, em substituição da pedra britada. A madeira seria cortada, em parallelipedos de 0,10X0,25X0,18, e estes gateados e betumados entre si. D'esta maneira obter-se-hiam estradas sem covas e sem poeira. Para que não faltasse madeira dever-se-hia arborisar as legoas e legoas de charneca existentes no paiz, e difficultar a exportação de toros de pinho. accrescenta o sr. Quiterio, e assim dentro de poucos annos todas as estradas de Portugal estariam «madeirizadas».

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 5—Esta madrugada, 1 hora, pouco mais ou menos, manifestou-se incendio na loja de fazendas pertencente ao commerciante á pouco estabelecido sr. José Alves Pereira, situada no largo do Carvão. Acudiram as duas corporações de bombeiros, chegando a municipal em primeiro logar. Os prejuizos são muito importantes.

—Promovido pela simpathica Associação Naval 1.° de Maio, realisa-se no proximo domingo, ás 12 horas, um passeio fluvial ao Pinhal de Lares, onde terão logar varios jogos sportivos. Tambem a mesma collectividade realisa no proximo dia 22 uma regata para a disputa da Taça Alzira de que é detentor o Gimnasi Club Figueirense.

—Encarnação Marques, moradora na rua da Fonte, tentou suicidar-se atirando-se de uma janella á rua. Foi conduzida ao hospital.

—A nossa camara devia abandonar um pouco a *celebre* questão das taboletas-reclame dos animatographos e olhar com attenção para a falta de limpeza que se nota em quasi toda a cidade e ainda exigir dos seus zeladores uma assidua vigilancia de fórma a reprimir as desordenadas correrias em que andam por essas ruas toda a casta de vehiculos. Ainda hontem foi atropellada por um carro uma pobre velhinha de 76 annos, que teve de ser conduzida ao hospital da Misericordia.

—Foi roubada a egreja de Telhadas.

COIMBRA, 6.—Foi nomeado delegado interino do procurador da Republica para esta comarca o sr. dr. Manuel Marques Pereira.

—A junta de parochia da freguezia de Santa Clara resolveu lançar na acta da ultima sessão um voto de congratulação pelas melhoras do grande estadista sr. dr. Affonso Costa.

—Concluiram o curso na Escola de Pharmacia os srs. Alfredo Marques Canario, B. 15 valores; Francisco José Ferro Junior, M B. 18 valores; Herminio Ramos de Vasconcellos, B. 17 valores; Joaquim Bello Marques da Silveira, B 17 valores; Manuel Mario Taborda Rodrigues da Costa, B. 16 valores; Ricardo Simões, M B. 20 valores; Victor da Silva Feitor, M. B. 18 valores.

—Pelo sr. Theodoro José da Cruz, ha tempo residente em Angola, foram offerecidos alguns exemplares da fauna d'aquella provincia ao Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra.

—Dos 42 concorrentes ás vagas existentes na policia civica d'esta cidade foram apenas approvados os seguintes individuos: Manuel Simões Carranca, Adelino Duarte Victorino, Joaquim dos Santos Freitas, Francisco de Jesus Craveiro, Avelino Esteves, Alfredo Varão Caldeira, Joaquim da Costa, Diamantino Pratas, Antonio Ramos Correia, Joaquim Garcia Leitão, José Lopes, José Ribeiro Junior, Vicente Martins, Jeronymo Ferreira da Silva, Amadeu Cordeiro, José Simões, Francisco Correia e Antonio da Silva.

—Foi nomeado ajudante do escrivão de direito d'esta comarca sr. João Marques Perdigão Junior o sr. Augusto da Costa Braga.

Jantares concertos

Teem tido um exito extraordinario os jantares concertos que diariamente se realisam no magnifico Casino de S. José de Ribamar, junto á alameda de Algés.

O *menu* de ámanhã e o programma do concerto são como segue:

Potage
Creme Dartois
Poisson
Filets de soles Colbert
Entrée
Salmis de Caneton a láncienne
Legumes
Haricots verts Tourangelle
Roti
Contre-filets Cresson
Salade de saison
Entremets
Glace Ananaz
Patisserie variés

=PROGRAMMA=

I PARTE

I—*Guilherme Tell*, ouverture	Rossini
II—*Morenita*, capricho . . .	Colmer
III—*Le Deluge*, preludio. . .	Saint-Saens
IV—*El trust de los tenorios*, selection	Serrano

II PARTE

I—*Werther*, selection. . . .	Massenet
II—*Serenade*	Chaminade
III—*A divorciada*, selection .	L. Fall
IV—*Rapsodia andaluzia* . . .	Ocon

PEQUENAS NOTICIAS

Na exposição de arte applicada aberta nos Desportos de Bemfica toca ámanhã, das 20 ás 24 horas, a orchestra de cegos do Asilo Antonio Feliciano de Castilho.

—A casa A. S. Pons & Cta., da rua da Boa Vista, 77, pôz á venda um bilhete postal com o retrato do novo presidente da Republica, trabalho na realidade muito perfeito.

Festas associativas

No Centro Escolar Republicano Evolucionista do 2.° bairro ha ámanhã sarau dramatico e dançante, continuando a *kermesse* cujo producto reverte a favor do fundo escolar.

Movimento associativo

Caixeiros de Lisboa

Reune ámanhã, extraordinariamente ás 18 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos: eleger delegados ao 4.° congresso da classe, que se deve realisar na Figueira da Foz, nos dias 15 e 16 do corrente; apreciar e resolver sobre uma proposta da direcção; eleição da commissão de instrucção e educação.

Movimento maritimo

Pern., Bahia R. Prata «Frisia»	9
Rio Janeiro Rio da Prata, «Divona»	10
Vigo e Liverpool «Douro» (Liverpool)	10
Brazil e R. Prata e pacifico «Orosa»	11
Brazil e Rio da Prata «Holbein»	11
Amsterdam, etc., «Zeelandia»	12
Bordeus «Flandre» (do Brazil)	12
Manila, etc., «Fernando Pó» (Liverpool)	12

no da inundação, o duque de Wurtemberg no dia 28 de novo atacou a todo o longo da linha. Esperava tomar Nieuport e o caminho de ferro de Nieuport a Dixmude e esta cidade, antes das aguas retardarem o seu avanço.

Sob o fogo dos canhões de 12 pollegadas do «Venerable» e d'outros cruzadores e do das peças d'outros navios que o contra-almirante Hood trouxera dos portos inglezes, os allemães avançaram ao longo da costa para Nieuport.

N'esse meio tempo, Lombartzyde era evacuada pelos alliados. O effeito do fogo dos navios britannicos era terrivel, no dizer dos proprios allemães.

Ao sul do canal que de Nieuport segue para o canal de Ghent, os allemães, atravessando o Yser em St. Georges, deram tambem um assalto á cidade, por detraz da qual ficavam as machinas que iam produzir a inundação. Proximo de Dixmude, fizeram esforços por, da reintrancia do Yser, dominarem o caminho de ferro de Ramscappelle e Pervyse e por penetrarem por entre essas povoações até Boitshoucke e d'ahi a Furnes, onde cinco dos seus canhões pezados de 28 c. haviam n'esse dia chegado, sendo assestados a curta distancia da estação do caminho de ferro.

Impressionados pelo facto de estarem chegando reforços, os alliados occuparam e reforçaram as suas trincheiras. Aos belgas foi distribuida a seguinte proclamação:

«Soldados, as nossas cidades foram incendiadas, os nossos lares aniquilados, um véu de luto se espalhou sobre a nossa mãe patria.

Mas mais crueldades estão ainda imminentes sobre os nossos compatriotas, se os não libertardes do invasor. E' isso um dever imperioso para vós. Queremos e havemos de libertar a mãe patria com o auxilio dos nossos bravos alliados».

Obrado de «Louvain! Termonde!» que sahiu do peito dos soldados do exercito belga no Yser foi a resposta dada a essa proclamação do rei Alberto. E mais uma vez os fatigados soldados fizeram prodigios, atacando o inimigo á baioneta.

Os allemães combatiam tambem com energia. Os diques e as reprezas começavam a trasbordar e a agua, chegando ao cume da alta margem do canal do Yser começava a espraiar-se pelos campos. Os soldados percebiam que era perigoso avançar para a cidade, mas ainda mais perigoso era recuar. Por isso, pelejavam com a energia do desespero. Ao pôr do sol estavam ainda em redor de Ramscappelle e de Pervyse.

Ronarc'h e os seus marinheiros, bombardeados durante quasi todo o dia por artilharia pezada e ligeira, á qual os canhões pezados francezes haviam respondido, tiveram á tarde de repellir outro violento assalto ao sul de Dixmude.

A batalha continuou no dia 29. Dixmude era bombardeada emquanto o duque de Wurtemberg dava ataque sobre ataque ao centro dos alliados desde Pervyse a Ramscappelle. Não poude conseguir o seu objectivo e á noite não se havia ainda apoderado das eclusas do Nieuport. Com os seus innumeraveis pontões ligeiros, que tinham sido construidos rapidamente, a sua infantaria conseguiu abrir caminho atravez o lago artificial que, excepto nos pontos onde havia diques e reprezas, podia ser atravessado pela cavallaria e até mesmo pela infantaria.

A sua guarda avançada estava na parte ainda enxuta da região inundada.

Se pudesse tomar Ramscappelle e atravessar o canal Furnes-Nieuport, poderia isolar Nieuport ou apoderar-se de Furnes, que poderia então ser atacada por Ramscappelle, Boitshoucke ou Pervyse. O tremendo esforço que estava sendo feito pela sua esquerda para esmagar o exercito alliado em redor de Ypres era com o fim de impedir que Joffre e Foch enviassem mais reforços a Grossetti e aos belgas.

Tanto quanto era humanamente possivel continuar o ataque, era dever do duque de Wurtemberg fa-

existir ali e que nunca suppuzeram possivel uma inundação d'aquella area.

Antes da guerra, os allemães haviam construido em Dixmude nos innumeros moinhos que ali havia plataformas para os canhões pezados, e ao sul tinham, em tempo de paz, construido uma verdadeira fortaleza—o Castello de Woumen—do qual podiam, se necessario fôsse, assaltar a cidade. Mas, ao que parece, nunca pensaram na possibilidade de uma inundação na região Dixmude-Nieuport.

Desde o dia 25 em deante, os allemães, na margem occidental do Yser, estavam n'uma verdadeira armadilha. A unica probabilidade de escaparem era tomar Nieuport e assenhorearem-se das eclusas.

Quebrar o centro belga, a não ser que isso obrigasse os alliados a retirarem de Nieuport, de pequena vantagem lhes poderia ser. Joffre podia trazer mais tropas para Furnes e os allemães acabariam por ser repellidos para o lago artificial formado a leste do leito do caminho de ferro.

Inconsciente da cilada que lhes estava sendo armada, o inimigo no dia 26 lançou tres pontões sobre o Yser e atacou Nieuport, mas a maior parte dos 20.000 homens que atravessaram essas pontes parece terem avançado sobre Pervyse, que era bombardeada sem um momento de descanço. Foi contra elles que o general Grossetti, de estatura agigantada, sentado tranquillamente n'uma cadeira em frente da egreja da aldeia em ruinas, animou os seus homens a avançarem por entre as ruas em chammas. A guerra produziu muitos d'esses socegados commandantes no exercito francez.

Ao meio dia de 26 d'outubro parecia que o inimigo ia entrar em Pervyse. «Os progressos graduaes feitos pelos allemães—diz uma testemunha ocular—podiam marcar-se pelo caminho por que as suas granadas explosivas se approximavam mais e mais de Furnes. Entre o zumbido podia ouvir-se o continuo fogo de fuzilaria e o incessante despejar das metralhadoras». Cêrca das tres horas da tarde a situação tornára-se tão critica que o estado maior belga sahiu de Furnes para Poperinghe.

Trezentos dos feridos mais gravemente em Furnes foram mettidos n'um comboio da Cruz Vermelha para Calais. Muitos d'elles morreriam provavelmente no caminho, mas preferiam esse risco ao de cahirem nas mãos dos adeptos da «kultura».

«Sabiam bem o que faziam—observa o dr. Soutar, um medico que assistiu ao embarque—porque não estavam combatendo contra uma nação civilisada, mas contra uma horda organisada de selvagens».

O general Von Georgi

Os hospitaes de Furnes foram tres horas depois mandados para Poperinghe. A linda avenida «correndo entre gloriosas arvores» de Furnes a Ypres ia apinhada de fugitivos—rapazes e raparigas, mulheres e velhos—alguns levando o pouco que tinham em carrinhos de mão e em carroças, que iam cheias do que á pressa tinha sido tirado. A' direita e á esquerda da estrada estavam acampadas tropas africanas. Em

Oostvleteren uma estrada leva para o sul para fundas aldeias e atravez dos campos para Poperinge. Ahi tudo era socego e tranquillidade. Creanças viam passar os fugitivos, muito admiradas e como que não comprehendendo bem o que se passava.

Na grande praça de Poperinghe, n'um dos lados da qual estava formado um esquadrão de cavallaria franceza, estavam reunidos canhões, vagons de ambulancia e trens de munições. Entre esses soldados de infantaria passavam ordenanças. Homens e canhões estavam esperando ordens para seguirem para Armentières, Ypres, Dixmude ou Furnes.

Desde esse dia, a posição em Poperinghe mudou, tornando-se melhor. A artilharia franceza e a belga, fazendo fogo continuamente, cobriu os allemães que avançavam d'uma verdadeira chuva de granadas.

Das aldeias na relaguarda da linha dos alliados reservas haviam avançado e tinham estabelecido n'alguns pontos uma nova linha de trincheiras. Os allemães tinham finalmente retirado; muitos renderam-se e os restantes haviam-se refugiado nas suas trincheiras em frente ou além do Yser.

O estado maior belga no dia 26 dormiu não em Poperinghe, mas em Furnes.

No entretanto um extranho e assustador acontecimento se dera em Dixmude. A informação que o contra-almirante Ronarc'h recebera do estado maior belga na tarde de 25 de que a inundação estava proxima a começar viera em momento opportuno.

N'essa noite a fraqueza da sua posição tinha sido revelada ao almirante por uma occorrencia que mostrou que o seu systema de defeza por trincheiras e arames farpados era deficiente ou que os seus marinheiros estavam exhaustos.

A's 7 horas da tarde de 25, uma das suas companhias ao marchar para as trincheiras ao sul da cidade tinha encontrado um corpo de allemães que, apparentemente, haviam deslizado por entre as linhas. Os marinheiros, apoz uma curta lucta corpo a corpo, tinham-nos posto em fuga e pelas 2 horas da manhã tudo estava em socego. Ruido algum se ouvia a não ser os movimentos das sentinellas e das patrulhas. De subito produziu-se um alarme. Foi ouvido tiroteio na direcção da estação do caminho de ferro de Caeskerke, o quartel general do almirante, seguido pelo ruido como que abafado d'uma lucta corpo a corpo. De subito ouviu-se o som das cornetas tocando a unir e o brado de «A's armas!» Percebendo que os tiros vinham do interior e não do exterior das linhas, os officiaes em Caeskerke ordenaram aos seus homens que cessassem o fogo. Sem duvida um falso alarme tinha sido dado por alguma sentinella cujos nervos se resentiam do recente bombardeamento allemão.

Apezar da ordem dada o fogo continuava e o almirante mandou um official em reconhecimento. Esse official dirigiu-se para a margem do canal, mas não encontrou signaes do inimigo. O tiroteio atraz d'elle cessára mas, ao voltar, cahiu n'uma ambulancia franceza. Estava nas mãos dos allemães, que rapidamente o aprisionaram.

Quando o dia 26 rompeu, o mysterio do tiroteio foi desvendado. Um destacamento allemão tinha, ao que parece, deslizado ao longo da linha do caminho de ferro. O dr. Duguet e o abbade Le Helloco, que ao ouvirem o fogo se tinham levantado das suas camas e corrido para a rua, foram feridos. O abbade morreu á vista do doutor. O bando de allemães passára e chegára a uma ambulancia de cujo pessoal se apoderou, obrigando-o a marchar com elles. O commandante Jeanniot, que tanta coragem mostrára no assalto de Beerst no dia 19, sahiu de casa para saber o que se passava. Na precipitação esquecera-se de levar a sua pistola.

Suppondo que se dera um panico e tomando os allemães por alguns dos seus homens correra para o inimigo, que o aprisionou e aos gritos de «Hoch, Hoch!» continuou a avan-

çar na ponte sobre o Yser. Alguns allemães, levando os prisioneiros, tinham-na já atravessado quando o official que commandava a guarda da Grande-Ponte voltou para elles primeiro um projector, em seguida as suas metralhadoras. A ponte ficou coberta de mortos e feridos e os inimigos que estavam a ponto de a atravessar recuaram e esconderam-se nas ruinas da cidade.

A cabeça da columna parece ter escapado por entre os campos para as trincheiras allemãs. O commandante Jeanniot e os outros prisioneiros eram um estorvo e podiam tornar-se um perigo. Foram, por isso, mortos. «Os prisioneiros podem ser mortos—diz o estado maior general allemão—no caso de urgente necessidade quando outros meios de precaução não haja e a existencia dos prisioneiros se torne um perigo para a sua propria existencia».

Depois de commetterem esse crime, os assassinos renderam-se, mas não foram mortos, o que está em flagrante contradicção com a doutrina expendida pelo seu proprio Livro de Guerra, mas mais em concordancia com os costumes de seres civilisados.

Prisioneiros, dizem os allemães, podem «ser executados no caso de urgente necessidade, como represalia, ou para responder a medidas semelhantes ou contra outras irregularidades da parte do exercito inimigo».

Um episodio de tal natureza, que podia ter levado á tomada de Dixmude, perturbou, como era natural, o contra-almirante Ronarc'h, que pediu reforços. Dois batalhões de tropas senegalezas foram mandados de Loo em seu soccorro. Durante o dia 26 Dixmude foi novamente bombardeada, mas os canhões pezados francezes, a oeste da cidade, impediram a infantaria allemã de atacar as trincheiras até ao anoitecer, dando n'esse momento os allemães uma carga. Algumas metralhadoras rebentaram, mas, commandados pelo tenente Martin de Pallières, os marinheiros á baioneta fizeram fugir os assaltantes, muitos dos quaes eram estudantes extenuados pelas longas vigilias nas trincheiras, pelo tempo inclemente e por uma alimentação insufficiente.

No dia seguinte, 27, os primeiros effeitos dos esforços de Kogge e dos seus auxiliares em Nieuport para inundarem a região entre o Yser e o leito do caminho de ferro tornaram-se apparentes para os belgas. A agua que enchia as suas trincheiras parecia não preoccupar os allemães. A chuva e a natureza do solo contribuiam para esse phenomeno e os soldados estavam tão exhaustos pela lucta de segunda-feira e do dia anterior que não prestavam attenção ao que se passava.

Cada minuto de demora no ataque contra Nieuport era de vital importancia para elles, mostrando uma actividade desusada no dia 27. Os defensores de Dixmude, porém, tiveram um dia quasi tranquillo.

Entre o caminho de ferro e o canal houve alguns insignificantes recontros e dois cruzadores inglezes e um torpedeiro, dirigidos por um balão captivo naval, bombardearam as linhas allemãs ao sul de Nieuport.

O dia 27—o decimo segundo da demorada lucta—foi apenas um duello entre a artilharia dos dois exercitos, mas o duque de Wurtemberg parece ter percebido n'esse dia que a inundação havia começado; quão febril seria a actividade das suas tropas se tivessem podido ouvir o que um official francez disse a um correspondente do «Times» em Furnes ás 5 horas e meia da manhã! Esse official viera em automovel desde Versailles. Atravessára por entre uma torrente ininterrupta de auto-camions na distancia de uns cem kilometros. Com os allemães apanhados na armadilha, Joffre e Foch estavam transportado os seus homens para o norte em auto-omnibus e outros meios de transporte, levando tambem as reservas de homens e munições que tão cuidadosamente tinham preparado.

Informado talvez d'esse movimento que ameaçava salvar a cobiçada Calais e não tendo conhecimento de-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1799 — 6.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e A meida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Domingo, 8 de Agosto de 1915

Telephone n.° 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Sem importancia

O sr. presidente do ministerio convocou hontem para o seu gabinete os representantes dos jornaes diarios, a fim de lhes dar informações sobre a nossa situação interna e externa. Sobre esta ultima, o sr. José de Castro declarou que apesar dos constantes esforços do governo, não tem sido possivel chegar a um «desideratum», e quanto á situação interna, o chefe do ministerio confessou que a questão das subsistencias existe, tencionando, para pôr em pratica algumas medidas tendentes a resolvel-a, solicitar uma auctorisação parlamentar.

O facto do sr. José de Castro ter chamado os representantes dos jornaes ao seu gabinete, annunciando-lhes informações sobre a nossa situação politica e administrativa, levantou reparos no parlamento, como já os levantára o facto de ter o chefe do governo tomado a iniciativa de convocar as classes a discutir n'uma reunião o problema da alimentação publica. O sr. José de Castro foi accusado de despresar o parlamento e o resentimento dos legisladores manifestou-se tão vivo que o sr. ministro do interior entendeu dever defender o seu chefe, acalmando os que o arguiam com a declaração de que elle nada de importante ia communicar á imprensa. Esta affirmação mirabolante fez cessar a furia parlamentar.

Não se comprehenderia que o sr. José de Castro chamasse os representantes dos jornaes para lhes fazer communicações sem nenhuma importancia. Mas a verdade é que o sr. ministro do interior não foi completamente exacto na affirmação a que o levou o seu «trop de zèle». As communicações do sr. presidente do ministerio não são destituidas de importancia. E não são destituidas de importancia, porque não deixa de ser importante para o publico saber que estamos na mesma situação em que nos encontravamos ha um mez, quando o sr. José de Castro, sobre a questão internacional, pedia á imprensa que se abstivesse de certas referencias e apreciações, mas reconhecendo tanto o que ellas tinham de legitimo que marcava um praso para, officialmente, a situação se modificar.

Não menos é certo que a questão das subsistencias não é uma questão de hoje. Ha bastante tempo que ella vem augmentando de gravidade e, no praso decorrido entre as duas conferencias concedidas aos jornalistas, ella não só não viu diminuir-se essa gravidade, como ainda se não registou sobre ella qualquer medida de caracter pratico, tendente a resolvel-a ou debellal-a. Sabemos que ha uma questão das subsistencias. Sabemos que o governo tomou a iniciativa d'uma assembleia popular onde varios alvitres se votaram. Mas o que sabemos tambem é que estamos na mesma, tendo apenas para nos consolar algumas novas promessas.

Não teem importancia estas constatações? Teem-na e grande. Teem-na e indiscutivel.

Entretanto, se no governo ha quem pense que á imprensa só se devem communicar coisas sem nenhuma importancia, o melhor será acabar com esses «rendez-vous» periodicos da imprensa e do governo. Quando este não tenha a dizer senão coisas sem importancia, escolha outro auditorio. Por exemplo, o parlamento, que se não poderá queixar de que o governo lhe diga coisas sem importancia porque tambem a maior parte dos discursos que lá se proferem não são, positivamente, d'uma grande importancia.

Só o que é triste é que o tempo passe, os problemas nacionaes se avolumem, a propria honra do paiz necessite de attitudes definidas que façam cessar o equivoco que a avilta, e não haja a dizer senão coisas que só teem importancia porque não teem importancia nenhuma. O que o paiz requer não é uma facil rhetorica, uma simulada indignação ou divagações estereis. São-lhe necessarios actos, gestos, attitudes francas e decisivas, basciados em soluções logicas e urgentes.

Migalhas

O calor

Vem o Dever e, pegando-me pelo cachaço, préga-me o nariz em cima do papel pautado e diz-me:

—Escreve...

E' debalde que eu gemo:

—Mas, ó senhor Dever, que eu respeito acima de tudo, lembro a V. Ex.ª que o calor é tanto que se acabam os graus do thermometro.

—Escreve...

—Hoje é domingo, o dia marcado pelo supremo architecto para elle proprio descançar, elle que era Deus, que não tinha póros, que não suava...

—Escreve...

—Ahi defronte está um divan onde seria bom meditar de barriga para o tecto na immortalidade da alma e n'outros problemas de somenos importancia, até que chegasse um soninho consolador.

—Escreve...

—Mas o quê? Se as ideias me sahem lustrosas, congestionadas, anciosas por um refresco e por uma ventarola, se se negam a chegar-se umas ás outras, a ligar-se, emfim, n'uma d'estas elegantes farandolas de banalidades a que se chama chronica...

—Escreve...

—Não, isso é uma violencia, são os trabalhos forçados, é a galé. Não se admitte uma coisa d'estas n'um paiz que...

—Não importa. Escreve...

Foi então que, molhando a penna no suor do meu rosto, conforme a sentença do Padre Eterno, eu resolvo lançar aqui um fundamental protesto contra a temperatura. Subam os balões, subam os carteiros, suba o preço dos comes e bebes, suba o partido evolucionista ao poder, subam todos e suba tudo; mas que o calor deixe de subir, quando não, ámanhã, quando a minha familia me procurar, encontrará apenas uma lagariça no chão e quem paga depois as favas é o meu gato, felizardão que está além espojadissimo no oleado, abanando o rabo com uma ironia que me fére e magôa como uma injustiça do destino. Porque não haverá nunca egualdade perfeita n'este mundo? Porque ha de haver sempre gatos que preguicem e jornalistas que suem para lhes ganhar o carapau?

André Brun.

OS QUE RECLAMAM

Empregados de escriptorio

Como se cumpre o horario de trabalho — Contabilistas e não contabilistas

—Como é cumprido o horario de trabalho dos empregados de escriptorio?

A pergunta, que formulámos a um d'elles, inspirou-nol-a a noticia de que se teem commettido abusos em varias companhias e emprezas industriaes, e a resposta, que o leitor vae conhecer, confirma a existencia d'esses abusos. Eil-a:

—Ha abusos e convém pôr-lhes cobro. Contra o espirito da lei, parece que na commissão do horario do trabalho se defende a opinião de que os escripturarios devem ser divididos em duas classes: contabilistas e não contabilistas. Os primeiros teem seis horas de trabalho, intervaladas com uma de descanço. Os outros teem tantas quantas as companhias, emprezas industriaes e casas de commercio entendem querer dar-lhes.

«Como evitar arbitrariedades? Considerando empregados de escriptorio todos os individuos que exerçam a profissão de escripturarios com caracter permanente. A respectiva associação de classe ainda se não manifestou sobre o assumpto abertamente. Apenas tem registado as queixas das transgressões, a fim de protestar contra ellas e proceder convenientemente. Mas os proprios empregados de escriptorio, os que já gosam as seis horas de trabalho, devem manifestar-se, porque, tolerando que a lei se desvirtue, permittem que ella seja inutilisada, que é o que se pretende, e serão prejudicados. O movimento em favor dos empregados excluidos do beneficio da lei deve ser apoiado por toda a classe, para que a não explorem e escarneçam. Já se pensa n'um comicio para se versar o importante assumpto».

OS HESPANHOES E PORTUGAL

Em volta da eleição do presidente

Um artigo de «El Liberal» — O rugido dos leões — A agencia de Badajoz — Affonso Costa e Bernardino Machado

«El Liberal» de Madrid consagrou o seu artigo editorial de sexta-feira á eleição do presidente da Republica Portugueza. N'esse artigo, em que ha espirito, observação exacta das coisas, evidente sympathia pela nossa terra, o grande periodico madrileno responde a «muchos peritos españoles» que falam de Portugal como se elle estivesse á beira do tumulo e ainda a certos portuguezes, verdes de rosto e de alma, que exportam para o estrangeiro, por via Badajoz, as patranhas mais reles e os mais tendenciosos boatos.

Começa «El Liberal» pela narrativa d'um episodio em que intervieram dois respeitaveis economistas que faziam parte da «Associação para a reforma aduaneira», annos antes da revolução de setembro, episodio que teve alegre e universal acolhimento na imprensa de então. Eis como o refere o nosso eminente collega:

«Gabava-se uma das personagens alludidas de saber com perfeita exactidão como rugiam os leões e até de imital-os no rugido, a ponto de confundir-se com elles. O seu collega negava tenazmente que isso pudesse ser. Os membros da Associação reformista eram tão illustrados como teimosos.

«Fartos de discutir, combinaram ambos, para esclarecer o ponto, ir ao Jardim Zoologico. Approximaram-se da jaula do leão, irritaram-no com gritos e bengaladas e imediatamente rugiu a fera. Um dos economistas, o contradictor, prerompeu em grandes gargalhadas de troça.

«O outro, o mestre, ardendo em colera, encarou com a fera e disse-lhe —Não é assim, senhor leão; não é assim que se ruge...»

«El Liberal» applica d'este modo «el cuento»:

«Tál acontece em nosso tempo a muitos hespanhoes que falam de Portugal lamentando os seus aziagos destinos e que annunciam como e de que modo ha de morrer quando soar a sua hora, que dizem estar muito proxima.

N'este momento não são poucos os que gritam aos politicos portuguezes: «Não é assim que a Republica deve proceder; não é assim que deve escolher o seu terceiro presidente...»

A folha de Madrid prosegue:

«E, com effeito, o que succede em Portugal é o bastante para que certos professores e tratadistas se considerem defraudados. Em paz, e quasi com a graça de Deus, a despeito do divorcio do Estado e da Egreja, vae realisar-se hoje a eleição presidencial sem que exista temor algum, não já de disturbios nas ruas mas nem sequer de pendencias de familia».

Depois de alludir aos varios candidatos e de prevêr a eleição do sr. Bernardino Machado, «El Liberal» escreve:

«Se os amigos de Affonso Costa não procedessem com inteira lealdade, poderia haver uma surpreza: que Correia Barreto obtivesse maioria de votos. O general milita no partido affonsista, o mais forte do congresso, ao passo que Bernardino Machado não tem ligação directa com partido algum.

«Mas não crêmos que tal aconteça, porque Affonso Costa, apesar das calumnias que lhe levantam além e áquem fronteiras, é um homem de bem, além de ser um excellente homem de Estado.

«Os correspondentes de Badajoz que, ao verem desmentida a noticia em que o davam por morto, communicaram a de que, caso se restabeleça, será com detrimento das suas faculdades mentaes, hão de resignar-se não só a que elle viva na plenitude do seu entendimento, mas tambem a que governe quando o presidente hoje eleito assim o creia opportuno. Não será agora nem talvez dentro de alguns mezes; mas ha de ser um dia, porque Costa (e já o demonstrou durante o seu governo) é o unico que pode regularisar de novo a fazenda luzitana.

«Bernardino Machado, se hoje fôr elevado á primeira magistratura do seu paiz, offerecerá garantias de legalidade, de paz e de justiça, tanto aos compatriotas como aos estrangeiros. Ductil e cortêz, firme e habil, gosa de merecida auctoridade em Portugal e de altos prestigios na Europa.

Republicano convicto, foi n'outros tempos ministro monarchico e com exemplar cavalheirismo se despediu dos Braganças ao convencer-se que estes levavam a patria á ruina inevitavel.»

Confiando em que o sr. dr. Bernardino Machado, quando não traga á Republica novas adhesões, pelo menos manterá neutraes os seus adversarios, «El Liberal» diz que não oppõe um optimismo cego ao pessimismo com que em Hespanha falam de Portugal alguns «irascibles definidores» e conclue assim:

«Voltarei dentro d'um anno» dirão estes agora, como a personagem da famosa comedia. Concedemos-lhe, até consideramos possivel que o façam dentro d'um mez ou d'uma semana. Não ha nação que esteja livre de accidentes e Portugal menos que nenhuma. Mas afigura-se-nos que a pacifica eleição d'esta tarde (se na realidade fôr pacifica) abrirá vias de normalidade ao paiz visinho e ás suas instituições.»

Os deputados e senadores que não votaram

na eleição presidencial de sexta-feira

Publicámos hontem os nomes de todos os senadores e deputados que votaram na eleição presidencial. Apontaremos hoje os que não estiveram presentes:

Senadores—Alfredo José Durão, Antonio Arthur Baldaque da Silva, Augusto Cesar de Vasconcellos Correia, Augusto Cymbron Borges de Sousa, Duarte Leite Pereira da Silva, Francisco Vicente Ramos, Frederico Antonio Ferreira de Simas, João Ortigão Peres, José Machado de Serpa e Vasco Gonçalves Marques.

Deputados—Alexandre José Botelho de Vasconcellos e Sá, Americo Olavo Correia de Azevedo, Antonio Candido Pires de Vasconcellos, Antonio Medeiros Franco, Domingos Frias de Sampaio e Mello, Jayme Daniel Leotte do Rego, José Affonso Pala, José Botelho de Carvalho Araujo, Luiz de Brito Guimarães, Manuel de Brito Camacho, Manuel da Costa Dias e Manuel Gregorio Pestana Junior.

A maior parte d'esses deputados e senadores encontram-se nas colonias e nas ilhas. Tambem estão alguns no estrangeiro.

Pelo telegrapho

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 7—Proximo de Kovno as nossas baterias responderam energicamente ao ataque inimigo, na margem esquerda do Niemen. Proximo de Ossowiecz desalojámos o inimigo de todas as posições de que elle, fazendo uso de gazes asphixiantes, se tinha assenhoriado. Em Narew o inimigo progrediu ligeiramente. No Vistula a nossa artilharia contra-bateu com successo os trabalhos dos pontoneiros allemães.—(Havas).

Drenagem do oiro

Estiveram ante-hontem no Porto varios hespanhoes que compraram nas casas bancarias todo o oiro que puderam, sendo a compra a agio elevado. Na casa Borges adquiriram trinta contos e das outras levaram todo o oiro disponivel.

Devem ser os mesmos hespanhoes que ha algum tempo andaram por Lisboa na mesma missão.

Presidente da Republica

Entrega d'um retrato e d'uma mensagem—Convite

Uma commissão, composta dos srs. José d'Oliveira, A. Lourenço, A Pereira da Costa, M. Duarte de Paiva, F. José Rodrigues, A. Alves, M. Serpa e José Ferreira da Silva, foi hoje, em nome do povo d'Alcantara, entregar ao sr. presidente da Republica um retrato do marechal Hermes da Fonseca, quando em Lisboa, com a seguinte dedicatoria: «Ao venerando presidente da Republica dr. Joaquim Theophilo Braga».

Juntamente com o retrato foi entregue uma mensagem de saudação.

O sr. F. José Rodrigues representava tambem o Centro 14 de Maio de 1915, em nome de cuja collectividade apresentou as suas saudações ao sr. dr. Theophilo Braga.

O sr. presidente da Republica recebeu hoje a visita do capitão-tenente sr. Freitas Ribeiro, que em nome do sr. ministro da marinha o foi convidar a assistir á ratificação do juramento de bandeiras que ámanhã, ás 14 horas, se realisa no quartel de marinheiros.

Uma versão allemã dos acontecimentos no sul de Angola

Mais uma vez voltamos á desgraçada questão de Naulila, para que á documentação com que temos acompanhado o assumpto não falte um importante factor que não deve de fórma alguma passar despercebido. No supplemento semanal da *Vossische Zeitung*, n.º 260, apparece um artigo de B. v. Strantz intitulado *A economia das nossas colonias*, onde se analisa o valor commercial, industrial e agricola de todas as possessões allemãs. Ao referir-se ao Sudoeste Africano, o articulista recorda alguns pormenores do começo da guerra n'aquelle territorio e escreve o seguinte, que textualmente traduzimos:

O Sudoeste Africano Allemão foi atacado de uma parte por tropas coloniaes anglo-sul-africanas, e de outra *por destacamentos portuguezes de Angola*. As primeiras foram batidas pelo chefe boer Moritz, com 800 homens e quatro canhões, a 27 de dezembro de 1914 proximo de Naus, o que não obstou a que o mesmo chefe tivesse de retirar. O major Ritter, das forças allemãs de guarnição, atacou os inglezes em principios de fevereiro na margem septentrional do Orange, cerca de Kaukamas, e obrigou-os a passar novamente o rio. Mais tarde avançaram alguns milhares de inglezes na região de Luderitzbucht (Angra Pequena), mas não se adiantaram muito. *Os portuguezes foram repellidos apoz a derrota que soffreram junto de Naulila a 18 de dezembro de 1914*

Parece-nos interessante registar aqui estas palavras, visto que ellas esclarecem singularmente os processos allemães de mascarar a verdade para buscarem uma justificação aos seus actos. Muito propositadamente accentuámos as passagens referentes ás tropas portuguezas. Com effeito, a primeira affirmação de que o sudoeste africano foi atacado por destacamentos nossos de Angola é inteira e redondamente falsa. As nossas forças *nunca* poisaram sequer os pés em territorio allemão.

Quem não fôr muito lido em geographia colonial imaginará por certo, ao ler o artigo do sr. B. v. Strantz, que Naulila é porventura alguma povoação allemã, onde as tropas germanicas repelliram os taes destacamentos portuguezes que pretendidamente os tinham atacado. A verdade é que foram os allemães quem invadiu o nosso territorio, quem nos atacou em Naulila com forças e material muito superiores ao nosso, e que só á bravura com que sustentámos o embate durante 4 horas se deve o não termos sido litteralmente esmagados pela superioridade numerica dos assaltantes.

A'quelles que ainda conservam illusões acerca da boa fé dos subditos do kaiser recommendamos a leitura do trecho transcripto, onde, com uma mentira de bradar aos ceus, se procura justificar um acto de verdadeiros cannibaes. E' pena que, no artigo referido, se faça tão laconica allusão aos acontecimentos do Sul de Angola. Gostavamos de ver como B. v. Strantz justificaria os assassinos do Cuangar e de Mazina, onde nem sequer as nossas guarnições previam, da parte dos vizinhos teutonicos, um assalto selvagem á metralhadora e a tiro.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A QUESTÃO CORTICEIRA

Uma representação da camara de Evora

Como podia resolver-se ou attenuar-se a crise actual

Noticiámos ha dias que a camara municipal de Evora dirigiu ao ministro do fomento uma representação solicitando que n'aquella cidade fosse estabelecida, por conta do Estado, uma fabrica destinada á preparação da cortiça, a qual seria depois distribuida pelos pequenos industriaes para a sua transformação em rolhas ou quadros. Passaria depois para um armazem geral e industrial, sendo vendidos no estrangeiro por intermedio dos nossos agentes consulares. Por esse modo contribuir-se-hia para attenuar a crise corticeira, que se vem aggravando de dia para dia, ameaçando lançar na miseria muitos milhares de operarios.

Será essa ideia inteiramente realisavel e produzirá os beneficios que a camara municipal de Evora espera? Vae falar hoje sobre o assumpto um operario corticeiro com longos annos de pratica e que conhece todos os aspectos da questão que se vem debatendo. Eis as primeiras considerações que lhe ouvimos:

—Eu já conhecia o alvitro apresentado pela camara de Evora. Antes de o apreciar deixe-me dizer-lhe que a ideia não é nova. Ha mais de trez annos pretendeu-se tambem estabelecer uma fabrica por conta do Estado em Sines, que é um centro corticeiro muito mais importante que o de Evora. Dava-se ahi o caso de ter sido encerrada uma fabrica, ficando muitos operarios sem trabalho, e succedia ainda que, n'essa epocha, a crise não tinha o aspecto geral que hoje tem.

«A ideia, no emtanto, podia ser velha e ser util. Mas não é assim. Se o governo attendesse a reclamação de Evora, todas as outras localidades corticeiras teriam egual direito a reclamar as mesmas regalias, ficando o governo em serios embaraços para solucionar o assumpto dentro de um criterio de egualdade e de justiça. Provado, como está, que a crise corticeira provem da situação anormal em que se encontram os principaes paizes importadores, por causa da guerra, é evidente que só medidas de caracter geral a podem attenuar.

«Se a camara municipal de Evora tem um grande empenho em servir os seus municipes corticeiros, convoque para uma reunião todos os lavradores do districto, que não são poucos, e tome ahi a responsabilidade do pagamento das cortiças logo que ellas possam ser vendidas. Isto parece-me mais pratico e mais seguro, devendo notar-se que eu falo com a auctoridade de quem conhece bem a vida industrial corticeira d'Evora e das povoações proximas. A ideia do armazem geral acho-a praticavel; a da fabrica por conta do Estado, não.

«Não desejo, porém, que se suspeite sequer que eu pretendo, com estas palavras, pôr obstaculos á reclamação da camara municipal de Evora, que interpreta o sentir dos corticeiros d'aquella cidade. Quero apenas prevenir futuras difficuldades que fatalmente hão de surgir se aquella pretenção fôr attendida.

—Mas, concorda, evidentemente, em que é preciso sanar ou attenuar a crise corticeira. Por que forma?

—Emquanto durar a guerra, a crise corticeira não pode ser debellada de uma fórma radical, mas attenuada ligeiramente, visto tratar-se de uma industria que vive essencialmente da exportação. A' Federação Nacional Corticeira tem já elaborado um projecto de lei e o respectivo regulamento, que, sendo approvado e posto em pratica, dará de rendimento annual ao Estado 300:000 escudos, com osquaes se pode fazer o desenvolvimento da industria corticeira e ainda contribuir, embora ligeiramente, para a regeneração economica e financeira do paiz. O mal economico de que soffremos não se cura com medidas de occasião, mas sim com um plano de largo alcance, devidamente ponderado. D'aqui a alguns dias será profusamente distribuido a todos os interessados o projecto a que fiz referencia, acompanhado do respectivo regulamento e de um relatorio.

—E a Federação Nacional Corticeira conta com o apoio de todos os corticeiros para a approvação do projecto?

—De todos, com excepção dos industriaes exportadores de cortiça em prancha e dos lavradores. Os industriaes, na sua maioria, são estrangeiros e exportam a cortiça para ser manipulada nos seus paizes; os lavradores, por sua parte, suppõem erradamente que a cortiça descerá de valor se fôr tributada mais fortemente. Quanto aos industriaes, comprehende-se bem que ataquem o projecto, mas os lavradores, com a sua opposição, apenas provam uma grande falta de conhecimento da questão corticeira. A Hespanha e a Italia já estiveram em situação identica á nossa. A cortiça subiu de preço quando foi tributada, e a industria corticeira attingiu então um elevado grau de prosperidade. Só me resta dizer-lhe que nem a Hespanha, nem a Italia, nem paiz algum productor de cortiça ficará melhor preparado que Portugal para a lucta commercial que se vae travar inevitavelmente depois de terminada a guerra.

COMBATES A' ESPADA E VIOLENTOS..

JORGE PAIVA GANHOU A "TAÇA AMADORA"

Como o despacho de uma mala com fatos arrelia esgrimistas e centenas de senhoras...

Uma coisa simples, um detalhe minimo mas inesperado pódem prejudicar uma coisa grande, uma grande iniciativa e um grande facto. Era o que ia succedendo hontem com o campeonato de espada na Amadora.

Tudo tinha sido previsto nos seus detalhes.

Os activos e intelligentes directores-proprietarios dos Recreios Desportivos da risonha povoação, srs. Santos Mattos e Antonio R. Correia, alindaram o seu «rink» de patinagem; adornaram-o com bandeiras e galhardetes; deram immensa intensidade luminosa á sua instalação electrica; dispuzeram o recinto de maneira que a assistencia seguisse com commodidade as phases da lucta; conseguiram a maior e melhor inscripção de esgrimistas; formaram um jury de mestre d'armas; offereceram premios aos vencedores; estimularam os assaltos com um premio d'uma «taça» para a Sala d'armas vencedora; reuniram, pela primeira vez em Portugal, representantes de seis salas d'armas; adequaram o seu gymnasio e casa de banho ás exigencias dos esgrimistas; formaram o programma com uma conferencia de assumpto attractivo; beneficiaram a festa com um concerto musical de excellentes musicos, dirigidos pelo engenheiro sr. Frederico Taveira; não olvidaram o chronometrista, a tombola de tiragem á sorte e um «speacker»; excederam-se em primores de organisação, mas... esqueceram-se de que existia uma Companhia de Caminhos de Ferro, com insufficiencia n'alguns dos seus serviços, e viram prejudicado, em parte, o seu campeonato por esse detalhe imprevisto, extra-programma e impossivel de evitar!...

O que tinha succedido?

Os esgrimistas da Sala d'armas Carlos Gonçalves haviam despachado a mala com os seus fatos, em grande velocidade, pelo comboio das 7,17. Era natural que a mala seguisse immediatamente. Tal não succedeu! Nem n'esse comboio, nem no das 7,55 chegava! Alvitrou-se aguardar a chegada do das 8,55. Entretanto, como a «marquise» do recinto estivesse cheia, predominando na assistencia o elemento feminino, e como se notasse um certo desasocego n'essa elegantissima assistencia, o sr. Frederico Taveira, com a sua orchestra de notabilissimos musicos, resolveu alterar o programma, iniciando o concerto musical.

Chegou o comboio e a mala não chegou! O comboio seguinte era o das 11 horas! Que fazer? Telephonou-se para a estação do Rocio e soube-se que a mala ainda lá estava! Era o cumulo! Tomou-se a deliberação urgente de ir buscar a mala, n'um automovel, a Lisboa. Assim se fez e o sr. Joaquim Victal lá

FOLHETIM D'A CAPITAL —8-8-915

CRIMES

Como se dê o caso de frequentemente se repetirem, nas columnas dos jornaes, as noticias de crimes de toda a especie, ha quem attribua á emoção publica que alguns d'elles provocam, sobretudo os que se revestem de mysteriosas circumstancias, a um authentico sobresalto pela frequencia d'esses attentados, chegando-se mesmo a concluir, por uma fórma precipitada, que a criminalidade augmenta entre os povos civilisados em vez de diminuir, como deveria succeder dado que a evolução moral da especie constituisse uma irrefragavel lei. «Nunca houve tantos crimes como agora!» eis uma phrase que é vulgar ouvir em todas as boccas.

Affigura-se-me que tal asserção se funda n'um evidente equivoco, resultante de se confundir a existencia dos crimes com a sua publicidade, o que é muito diverso.

Antigamente,—e não me refiro a um passado muito remoto,—escasseiavam os elementos de informação, porque a imprensa não assumiu um caracter noticioso senão, pode dizer-se, ha meia duzia de annos. Ora a circumstancia de se não vulgarisar um facto não significa que elle não tenha occorrido.

Agora succede exactamente o contrario. A reportagem jornalistica assaltou, como uma immensidade inexplorada, os vastos dominios da vida quotidiana. Não só o que se passa na nossa cidade, como o que se passa em todo o paiz e mesmo no estrangeiro, constitue materia para o seu infatigavel inquerito. No mesmo dia—á mesma hora em que lemos a permenorisação d'um crime qualquer, perpetrado no ponto onde nos encontramos, nós é dado conhecimento immediato d'outros crimes, realisados no mais obscuro recanto d'uma provincia ou nos extremos limites do mundo civilisado.

Eis o que não acontecia d'antes. A imprensa, vulgarisadora por excellencia, ainda não encetára a sua faina e, quando a encetou, por larguissimo espaço de tempo desattendeu esse genero de informação, considerando-se mais uma tribuna doutrinaria do que um permanente correio dos povos.

Como podemos, pois, assegurar que hoje se praticam mais crimes do que ha cem ou cincoenta annos?

Tudo leva a crêr, pelo contrario, que a verdade se encontra n'uma affirmação antagonica. A historia official, que não tinha por missão encarregar-se do registo da criminalidade social, aponta-nos, na chronica politica dos differentes paizes, um infindavel rosario de crimes. Quasi não ha um facto importante d'essa historia que se não assignale com um traço de sangue ou com o rasto d'um veneno. Nos proprios paços regios, onde se decidia o futuro das nações, o punhal trabalhava sem descanço, as espadas embotavam o seu fio, puiam-se os laços do estrangulador quando não eram as drogas de Locusta que seccavam implacavelmente as fontes da vida de existencias robustas e florescentes.

* * *

Ora se nas espheras superiores, onde devia reinar uma maior intellectualidade, o assassinato é o supremo recurso dos planos de ambição e vingança, que remedio senão presumir que na massa popular, ignorante e embrutecida, a violencia das paixões se exteriorisasse de uma maneira identica, quer nas rixas de viellas, quer nas embuscadas dos bosques?

Seculos inteiros os paizes europeus foram povoados de innumeras quadrilhas de bandidos que dominavam soberanamente nos trilhos escabrosos que punham em communicação as cidades, villas e aldeias. O banditismo foi tal que a elle se deve, em grande parte, a instituição do feudalismo, procurando o pacifico habitante dos campos, sob a égide de um algoz unico, a precaria protecção que o eximisse á caterva de feras humanas que o assaltavam. Quantos crimes horrorosos não viram as estrellas afflictas dos ceus, ou não presenceou a muda piedade das arvores? Não exaggerará quem, n'um dia primaveril, percorrendo os campos onde a charrua lavra, as florestas onde as avesinhas cantam, pensar, com doloroso estremecimento do coração que toda essa natureza se embebeu de gemidos de assassinados, e que a terra que está pisando se saciou com o sangue de alguma victima.

O crime, hoje, por maior que seja o numero dos seus casos, já felizmente representa uma excepção na vida das sociedades modernas. Outr'ora,—foi a regra. Não havia outra lei para as ferocidades da ignorancia que não fôsse a lei de Talião, e se o direito era para os governantes uma palavra destituida de sentido, que admira que para as multidões ignaras fôsse tambem uma noção desconhecida?

* * *

Entretanto, é curioso observar que é sobretudo quando se dá um crime em circumstancias mysteriosas que se manifesta da parte do publico essa emoção que o leva a proclamar, com indignação ou desalento, o caracter alarmante da multiplicidade dos crimes.

E' a consciencia publica tentando justificar-se a si propria d'um sentimento que não é realmente o d'uma piedade incontroversa. No fundo o que se descobre é um phenomeno d'essa curiosidade passional das multidões, que se interessam muito mais pelo aspecto dramatico que um determinado facto assume, do que pelo caracter humano que elle possa revestir.

Não é a dôr da victima que na verdade interessa essa plateia de nervos sobreexcitados e cerebros em ebulição para a decifração d'um problema. Os grandes crimes,—para que negal-o?—apresentam até aos seus olhos uma singular belleza. O insigne chronista J. J. Weiss não hesitou mesmo em proclamal-o, exclamando, extasiado, n'um dos seus artigos: «C'est beau, un beau crime!» E os grandes crimes, os bellos crimes, são em geral aquelles que se perpetram em condições mysteriosas, e quanto mais ellas o são, mais o crime avulta até tomar as proporções d'um consideravel acontecimento ou d'um perfeito romance. Anatole France explica o facto dizendo que nada ha que mais seduza as almas do que o mysterio. E' certo.

E' esse mysterio que afervora a curiosidade geral. E' elle que tem o privilegio de caracterisar aos olhos do publico a chamada grandeza dos delictos. Póde um crime, pelos horrores que o assignalem, gerar o assombro, confranger os corações. Nunca será um grande crime, se immediatamente a justiça o descobrir ou o criminoso o confessar. Victimas esquartejadas, familias envenenadas, martyrios de creanças, tudo entra no banal «fait divers», mais ou menos recamado de pormenores, se uma pontinha de mysterio não der um relevo de prestigio ao lance. E ao mesmo tempo um delicto commettido sobre uma victima pouco interessante concentrará durante dias, semanas, mezes até, a attenção geral se não houver meio de descobrir o auctor d'esse crime, dando-se com a sua descoberta o quer que seja de muito parecido com a decifração d'uma charada difficil ou o conhecimento do desenlace d'uma novella complicada. Sente-se uma especie de allivio, uma distensão immediata de nervos,—e d'ahi a pouco já ninguem pensa em tal.

MAYER GARÇÃO

conseguiu que a mala chegasse 37 minutos depois! E, caso curioso, quando ella chegou foi alvo d'uma ovação!...

Entretanto o tempo foi preenchido, ainda pela alteração do programma, com um novo concerto musical pela orchestra de amadores e pela conferencia do nosso camarada de redacção dr. José Pontes, que encontrou duelistas e espadachins desde os tempos mais remotos, fazendo a descoberta de que o archanjo S. Gabriel fôra o primeiro...

O mal causado pelo caminho de ferro estava feito. A maioria dos esgrimistas teve de recorrer a automoveis e trens para voltar para Lisboa, porque o campeonato acabou á uma e meia da madrugada; obrigou a alterações do jury e fez com que a direcção dos Recreios Desportivos não pudesse offerecer uma taça de champagne aos seus visitantes, como costuma fazer sempre aos que correspondem gentilmente aos seus convites...

E tudo isto por causa d'uma mala!...

* *

O campeonato começou pela constituição do jury. Organisaram-o cinco mestres d'armas, os srs. Carlos Gonçalves, presidente, capitão Veiga Ventura, Sousa Magalhães, major Carlos May e capitão Escrivanis. Servia de chronometrista o sr. José Holtreman Roquete (Alvalade). Tomou conta das phases do torneio o sr. D. Eugenio de Noronha.

O dr. José Pontes fez a leitura do regulamento e no «écran» cinematographico dos Recreios Desportivos appareceu uma saudação aos esgrimistas nacionaes como representantes da mais notavel e intensa propaganda de regeneração physica da raça portugueza.

Tiraram-se á sorte os numeros para formar a «primeira volta» do torneio, havendo extraordinario interesse em conhecer a composição dos assaltos. E' que podiam bater-se de entrada os campeões com campeões, facto admissivel pelo regulamento d'esta prova, que embora jogando com a sorte constituia uma novidade, porque egualava os «juniors» aos «seniors» com o duro «handicap» de 2 por 4 toques e porque obrigava todos os concorrentes a ter cuidado com o seu jogo e dar o maximo que sabiam e podiam... E os resultados indicam claramente, já n'esta «primeira volta», como a victoria foi rijamente disputada.

1.º, sr. Fernando Farinha vence em 1'40", por 3 toques contra 0, o sr. Albano dos Prazeres; 2.º, dr. Carlos Granha vence, por 3 toques contra 1, o sr. dr. Pinto da Rocha, em 6 minutos; 3.º, sr. Marciano Beirão vence, por 4 toques contra 1, o sr. Korth, em 4'45"; 4.º, o sr. Raul Gaya vence, por 2 toques contra 2, o sr. Mouton Osorio, em 5'55"; 5.º, o sr. Augusto Farinha vence, por 3 toques contra 2, o sr. dr. Manuel da Pitta e Castro, em 5'54"; 6.º, o sr. dr. Manuel Queiroz eguala, a 3 toques por 3, o sr. Antonio Vilas, mas ganha no desempate a 1 toque, em 11'10"; 7.º, o sr. Franco de Castro vence, por 2 toques contra 2, o sr. Villas Boas, depois d'um bom assalto, em 6'5"; 8.º, o sr. Jorge Paiva vence, por 3 toques contra 2, o sr. Antonio Montez, em 8'55", n'um combate energico e violento, que a assistencia premiou com muitos e merecidos applausos; 9.º, o sr. Carlos Farinha vence, por 3 toques contra 0, o sr. Domingos Gentil, em 8'8".

Procedeu-se a seguir á tiragem á sorte para a «2.ª volta», com a declaração feita pelo «speacker» que o esgrimista que tirasse o numero 9 era immediatamente classificado para a «terceira volta». Aqui appareceu uma ligeira deficiencia regulamentar mas desculpavel porque collocava todos os atiradores em egualdade perante a sorte e porque todos eram já seleccionados. Este beneficio coube ao dr. Manuel Queiroz.

Os resultados da tiragem á sorte tambem deram surprezas porque sacrificam atiradores, com justa consideração de melhores.

Assim, poz em frente de Carlos Farinha o sr. Jorge Paiva e em frente de Augusto Farinha seu irmão Fernando que está muito treinado e como tal em vantajosas condições de aproveitar o «handicap». E hontem, na Amadora, os atiradores, fazendo trabalho individual, trabalhando deante de centenas de olhos bonitos, esqueceram-se de que pertenciam ás mesmas salas e que pertenciam á mesma familia. «Atiraram-se» uns aos outros como leões...»

Os resultados foram os seguintes:

Jorge Paiva vence Carlos Farinha, por 3 toques contra 2; Fernando Farinha (junior) vence Augusto Farinha (senior), por 2 toques contra 3; Franco de Castro (junior) vence Marciano Beirão (senior), por 2 toques contra 3; dr. Carlos Granha vence Raul Gaya, por 3 toques contra 0.

Procedeu-se a tiragem á sorte da «terceira volta» do torneio, voltando o «speaker» a annunciar que o esgrimista que tirasse o numero 5 era immediatamente apurado para a final. Coube essa vantagem ao dr. Carlos Granha.

Nos assaltos d'esta «meia-final» o dr. Manuel Queiroz venceu Fernando Farinha, por 4 toques sobre 1, havendo necessidade de recorrer ao desempate; Jorge Paiva venceu Franco de Castro por 4 toques contra 1.

Constituiu-se por fim a «final». Reunia o dr. Manuel Queiroz, do Centro Nacional de Esgrima, dr. Carlos Granha, do Gymnasio Club Portuguez, e Jorge Paiva, da Sala d'Armas Carlos Gonçalves.

N'esta «poule» o dr. Carlos Granha (junior) venceu o dr. Manuel Queiroz (senior), por 2 toques contra 2, e o sr. Jorge Paiva venceu o dr. Manuel Queiroz, por 3 toques contra 1 e o dr. Carlos Granha por 4 toques contra 1.

A victoria de Jorge Paiva foi saudada com muitos applausos. Vencidos e vencedores abraçaram-se e a entrega da «Taça Amadora» e das medalhas foi motivo para grandes manifestações de enthusiasmo. E o solicito Arnaldo Garcez ainda photographou os campeões, á luz do magnesio! Era 1 hora e meia da madrugada...

ASSUMPTO GRAVE

Fala o gerente da firma Hinton

«A firma Hinton, burlada com o Estado pela firma Hornung, nunca admittirá que esta venha com soluções na grave questão que a sua deslealdade provocou entre ella e o Estado»

A nova carta da firma Hornung obriga-me a dizer o seguinte:

1.º—A firma Hornung não precisa de *bonus* do Estado; traz o seu assucar a cerca de 4 centavos, como o proprio sr. Hornung o disse e tem sido indicado, o que não só lhe dava, incluida a Sena Sugar, em fevereiro de 1914, um lucro *roughly* de lib. 200.000 *well within the mark*, n'uma proposta de grande valorisação de tudo em lib. 1 200:000 para uma companhia de lib. 1.750:000, destinada a maiores explorações, mas tambem permitto ao grupo cerca de 2:500 contos de ganho em 1915, com os preços da guerra, apesar de tudo isto ser poucos annos depois da primeira firma Hornung ter fallido em Lisboa.

2.º—A firma Hornung, em abril de 1914, escreveu á firma Hinton que não pensava mais em nova lei de *bonus* pelo menos antes de 1916.

3.º—A firma Hornung obteve na ultima noite parlamentar seguinte o *bonus* de 30:000 contos em 20 annos para si e os seus aliados, enganando o Estado, porquanto.

4.º—Antes d'isso, a firma Hornung *fez crer* ao governo que a firma Hinton estava de accordo com ella e não reclamaria contra uma nova lei de *bonus*, o que não era verdade e é grave.

5.º—A firma Hornung, forte com o *bonus*, lançou-se logo na empreza de destruir com toda a rapidez possivel a fabrica Hinton e a agricultura da Madeira; tentando com má fé prejudicar a firma Hinton em mais de 300 contos, logo na colheita de 1915; praticando todas as deslealdades lesivas que eu já disse ou não disse ainda para impedir-me a venda do assucar ou açambarcal-o ruinosamente; buscando mover se fosse possivel, as maiores condemnações e até odios cegos contra o nome e a firma Hinton e os seus *defensores*, por causa de uma reclamação absolutamente necessaria, dentro de um praso improrogavel.

6.º—A firma Hornung, posta n'uma situação tristissima, foge, inconcebivelmente, para os braços do Estado, ousando pedir-lhe que a salve e que a vingue pela estupenda maneira seguinte; *a)* deixando de pé a lei subrepticia do *bonus* de 30.000 contos para ella dirigir um negocio de 15:000 contos em 20 annos e colher milhões do Estado e do povo e destruir a fabrica Hinton na sua passagem; *b)* obrigando a firma Hinton a vender, por intermedio do Estado, á refinaria Hornung, todo o assucar de 1916 a 1918 por menos cerca de 300 contos do que essa mesma venda podia ter-lhe sido feita directactamente em 1913; *c)* acabando de vez em 1918 com o contracto Hinton; *d)* impondo desde 1919, a todas as refinarias mechanicas e manuaes, agora a titulo de garantir a cultura sacarina da Madeira, já desaffrontada pela defeza Hinton, o encargo de comprarem pelo preço do Greenock, augmentado da importancia das isenções fiscaes, todo o assucar da Madeira produzido pela fabrica Hinton e pela outra, que, para a metter no fundo, a firma Hornung insinuou estar prompta a ir lá erguer por conta dos 30.000 contos do Estado, que realmente dão para isso e para tudo o que fôr preciso n'esse caminho de felonia.

Não e não. O Estado saberá pôr a firma Hornung no logar que pertence a quem o ludibriou. E a firma Hinton, burlada tambem, nunca admittirá que a firma Hornung venha entrar com soluções na questão que a sua deslealdade provocou entre ella e o Estado. E está resolvida a fazel-a retroceder deante da justiça até onde fôr necessario, sejam quaes foram as consequencias.

Lisboa, 7 de agosto de 1915.

Luiz Alberto de Freitas

Poeira da Arcada

O calor aperta e os lisboetas espalham-se pelas praias e thermas, deixando a cidade entregue aos proletarios que praguejam com fragor contra a sorte que distribue os seus favores tão avaramente, de maneira a crear legiões de descontentes e de desesperados.

Todos suspiram, n'estas horas que passam arrastadamente, pesadas como saccos de areia, por uns dias de repouso, regalando os ocios na uberrima paisagem das nossas provincias, por onde as aguas murmuram eclogas e as ramagens, á noitinha, segredam quadras ternas, amaciando idilicamente a rudeza intratavel das tardes escaldantes.

—Quantos os felizes que podem partir?

—Ninguem o sabe. Os que ficam são muitos, tantos que as ruas enchem-se de uma turba deambulante que parece cumprir bem triste fadario, rindo amarello e trazendo nos olhos todas as cubiças de uma raça fatalista, sonhando astros e pisando cardos.

* *

O deputado Francisco Cruz pediu ao ministro do fomento que consagrasse a verba de cinco contos para concluir o lanço ou lanços da estrada 27, entre Cardigos e o Chão de Lopes. O autor d'estas linhas é lá do sitio e poderá garantir que raramente uma pretensão foi tão justa. Aquellas terras estão quasi separadas de communicação com o resto do paiz, apesar de n'ellas viver uma gente trabalhadora e honesta como poucas.

—Sr. ministro do fomento, acuda a esta urgente necessidade que assim conquistará a gratidão de muitos corações que amam a Patria e a Republica sem barulho, mas com firmeza.

* *

Russos, austriacos e allemães promettem a liberdade á Polonia. Os polacos, no meio de tanta promessa, mostram-se cautos. E fazem bem! A Polonia, que não morre como povo, só será livre no dia em que não receba presentes na ponta das lanças... amigas.

ULTIMAS NOTICIAS

DR. AFFONSO COSTA

Do Porto veem 1:200 pessoas saudal-o

Na estação do Rocio organisa-se um cortejo em que se incorporam milhares de pessoas

Organisada pela direcção do nosso collega portuense *A Montanha* estava marcada para chegar hoje á estação do Rocio, ás 15,45 n'um comboio especial, uma excursão de portuenses, que a Lisboa propositadamente vinham cumprimentar e saudar o sr. dr. Affonso Costa pelo seu restabelecimento.

Para receber os excursionistas, já muito antes das 15 horas haviam affluido á gare da estação do Rocio uma quantidade enorme de povo, delegações e representantes dos Centros Democratico, Eleitoral dos Defensores da Republica, Gremio Educação do Povo, Centro Republicano Almirante Reis, grupo revolucionario do mesmo centro, Centro Republicano Henriques Nogueira, Centro Solidariedade Republicana; grupo 14 de maio, de Belem; grupo republicano França Borges, União Lusitana, commissão parochial do Monte Pedral.

Grupo Democratico Defesa da Patria, União dos Adneiros de Portugal, commissão parochial de S. Julião, Grupo Civil do Monte Pedral, junta e commissão politica de Santa Catharina, commissão de vigilancia dos revolucionarios civis, Centro Escolar 5 de Outubro, Centro Eleitoral dos Defensores da Republica, junta parochial e respectiva commissão de Arroyos, Centro Escolar Dr. Affonso Costa, Gremio Liberdade e Justiça, Gremio Mocidade Liberal, commissões parochiaes de S. Christovão e S. Lourenço, Centro Miguel Bombarda e muitas outras collectividades, algumas com os seus estandartes e todas com grande numero de representantes.

Pouco antes das 15 horas, chega de Bemfica a banda de musica Euterpe, que, torneando o Rocio, se dirige para S. Carlos a buscar a commissão delegada da Associação do Registo Civil que ali estava realisando uma sessão solemne.

O calor é suffocante. Em qualquer das gares a temperatura é asphixiante, principalmente na gare exterior do 2.º pavimento onde uma multidão enorme se acotovella, se comprime na ancia de entrar para a gare interior.

Uma commissão, composta de varios revolucionarios, á frente da qual ia o sr. João Borges, acerca-se do chefe Sousa para lhe pedir permissão de entrada franca. Impossivel. O chefe Sousa, delicadamente, faz-lhe sentir a sua impossibilidade em satisfazer tal pedido. Só com uma ordem expressa da direcção da Companhia.

Mas essa ordem não chega e a onda do povo, que augmenta de momento a momento, começa já lá fóra a impacientar-se, a protestar.

São 15,35. Dez minutos depois, se viesse á tabella, o comboio devia dar entrada na gare. Lá de baixo, da longa escadaria que vem dos lados do Rocio, uma nova multidão avança, aos vivas á Republica. Então, como por encanto, as portas que vedavam a passagem são abertas de par em par, e toda aquella gente se precipita na gare interior aos vivas e palmas.

Chega uma delegação da Associação do Registo Civil, composta dos srs. João de Deus, Sebastião de Oliveira, Barros Leitão e Conceição Leitão que viera acompanhada até ao Rocio pela banda Eutherpe de Bemfica, que, tendo-a deixado na estação, retirou.

Ao fundo da gare, rodeando o seu estandarte verde-rubro, veem-se varios socios do Centro Latino Coelho, de Coimbrões, Villa Nova de Gaya, que haviam vindo no comboio da manhã para se encorporarem aqui no cortejo.

E o comboio não chega! São já 16,30. Diz-se que o atrazo se deu em Coimbra por qualquer desarranjo ainda ignorado. A anciedade augmenta. Corpos inclinados para a linha, ha milhares de olhos prescrutando lá ao fundo a bocca negra do tunel. Discute-se. Enchendo toda a gare, ha um *brou-ha-ha* enorme, ensurdecedor. De vez em quando de um ou outro grupo partem vivas e palmas. Victoria-se a Republica, e o sr. dr. Affonso Costa e o partido democratico.

Logo ao principio da gare, conversando em grupo, encontram-se quasi todos os representantes parlamentares do Porto e alguns dos seus collegas. Lembram-nos per exemplo os srs. Carlos Richter, Elysio de Castro e Faustino da Fonseca, senadores; e os deputados srs. Luiz Derouet, Domingos Cruz, Jaymo Cortezão, Augusto Nobre, Adriano Pimenta, Alfredo Sousa, Bernardo Lucas, Marques Guedes, Germano Martins e Joaquim Ribeiro.

Ao lado, n'outro grupo o sr. capitão Tavares de Carvalho, o sr. Bartholomeu Severino, secretario do sr. ministro da instrucção, e o sr. Luiz Soares, representante da commissão municipal republicana.

A's 16,38' ouve-se o apito d'uma locomotiva, e em toda a gare um fremito de anciedade perpassa, e aquella vastissima onda humana aperta-se mais ainda para ver melhor.

Era um comboio de Cintra que chegava. Do lado os empregados da estação elucidam: o comboio especial chegou já a Campolide. Espera-se. Por fim, ás 16,45, com uma hora de atrazo, o enorme comboio dos excursionistas surde da bocca escancarada do tunel, tão vagarosamente que dir-se-hia com medo de avançar.

E logo milhares de boccas victoriam a Republica e a cidade do Porto, respondendo os excursionistas com vivas ao povo republicano de Lisboa. E quando o comboio pára agitam-se freneticamente dezenas de bandeiras, o nome do dr. Affonso Costa sôa em unisono, n'uma ovação estrondosa. Ha palmas. Agitam-se chapeus. Ha vivas ao «31 de janeiro» e ao «14 de maio».

N'um recanto da gare exterior um grupo de portuenses descobre o sr. Botto Machado, senador, e faz-lhe, por ter sido um dos que entraram no movimento do Porto, uma carinhosa manifestação que elle agradece commovido. Entre os manifestantes ha bastantes senhoras. N'um grupo que passa agora a caminho do Rocio, destaca-se uma mulher do povo, sadia e forte, com seu lenço de seda caracteristico a cahir-lhe sobre os hombros e uma enorme papoila rubra sobre o peito, que grita constantemente vivas ao povo republicano de Lisboa e ao sr. dr. Affonso Costa.

A custo, o cortejo organisa-se. A' frente os representantes das Associações de Lisboa com os seus estandartes, seguindo-se-lhes os 1.200 excursionistas do Porto com os seus 24 estandartes, simbolos d'outros tantos centros e aggremiações portuenses, dos quaes apenas fixámos de relance os dos Centros Republicanos Democraticos Rodrigues de Freitas, 31 de Janeiro, Coimbrões, de Gaya; de Campanhã, outro de Gaya, Alves da Veiga, José Falcão, do Paranhos, de Valdares, da Magdalena, uma bandeira toda negra com as iniciaes G. C. V., outros do Centro Victoria, dos Centros de Massarellos, de Matamude, Centro Dr. Affonso Costa, de Villa Nova de Gaya, Centro Propaganda da Serra de Pilar, Centro Guilherme Braga, etc.

O sr. Faustino da Fonseca, em nome da commissão municipal republicana, cumprimenta os excursionistas e incorpora-se tambem no cortejo, n'esta altura engrossado por muitos milhares de pessoas que o aguardavam no Rocio e praça de Camões.

A's 17,30 a enorme avalanche de gente sobe a Avenida, constantemente victoriando o sr. dr. Affonso Costa, o partido republicano portuguez e varios vultos eminentes da Republica.

Um dos excursionistas diz-nos rapidamente o que foi a viagem do Porto a Lisboa. Um triumpho. Estações apinhadas de gente saudando os excursionistas. A demora do comboio proveiu do aquecimento do eixo de um dos vagons, que foi preciso substituir na estação de Coimbra.

Em casa do sr. Affonso Costa

A multidão acclama vibrantemente o illustre estadista e o presidente eleito da Republica

Quando o immenso cortejo chega á Rotunda, o sr. dr. Affonso Costa encontra-se conversando com o sr. dr. Bernardino Machado, que pouco antes chegára, para lhe agradecer a visita que o illustre estadista lhe fizera na vespera, por motivo da eleição presidencial. A multidão, fazendo agitar as bandeiras e os estandartes das collectividades, rodeou no meio de indescriptivel enthusiasmo a casa do sr. dr. Affonso Costa. E' um mar humano que vibra e agita febrilmente, acclamando o estadista e a Republica. Uma commissão nomeada no local sobe á residencia do sr. dr. Affonso Costa, na impossibilidade de terem accesso ali todos os representantes de aggremiações portuenses, que tomam parte na excursão. São dez ou doze individuos, acompanhados pelos deputados democraticos do Porto e Gaya.

Por fim, o sr. dr. Affonso Costa apparece á janella da sua residencia.

E' indizivel o impulso de enthusiasmo que se traduz na multidão. Os vivas phreneticos, as acclamações delirantes estrugem interruptamente. A manifestação durou alguns minutos. Antes de se extinguirem os applausos e os vivas á Republica e ao sr. dr. Affonso Costa, o illustre estadista convida o sr. dr. Bernardino Machado a chegar a uma das janellas. O novo chefe do Estado acquiesce ao pedido e, uma vez á vista do publico, ha uma verdadeira explosão de enthusiasmo. Sôam mais vibrantes ainda as acclamações á Patria e á Republica e, pondo termo á manifestação, o sr. dr. Bernardino Machado solta um viva ao povo republicano, secundado com verdadeiro delirio pela multidão.

Falam os representantes da excursão portuense—Acceita a manifestação como incitamento á obra de engrandecimento da Republica, diz o sr. Affonso Costa

Quando, por fim, a multidão, cançada de applaudir e ovacionar o illustre estadista, esbate um pouco o côro das acclamações, o sr. dr. Affonso Costa passa á sala onde se encontra a commissão portuense.

Fala, em primeiro logar, o sr. Seixas Junior, director do jornal *A Montanha*, que significa toda a sua admiração pelo illustre estadista. Não corresponde materialmente á veneração que por elle nutre a cidade do Porto a peregrinação que d'ali veiu até á sua residencia. Nem que fosse vinte vezes mais numerosa, essa excursão estaria á altura do homem publico, que lhe deu motivo. Comprehende-se, todavia, que se a cidade do Porto não veiu em peso n'esta viagem, foi simplesmente porque a excursão foi organisada precipitadamente.

Em nome dos que ali estão e muito principalmente em nome dos bons republicanos que não puderam acompanhar a peregrinação, sauda com o mais vivo enthusiasmo o grande democrata, honra da Republica e da Patria.

O sr. dr. Affonso Costa, agradecendo, diz acceitar a manifestação, não em homenagem do caracter pessoal, mas como testemunho de incitamento a que prosiga a obra que vem realisando em prol da Republica. E' um simples trabalhador da causa republicana. Pessoalmente, por si, nada vale. Procurará fazer sempre por que a sua acção de homem publico mereça o applauso dos seus concidadãos.

Usa, em seguida, da palavra o sr. Tavares da Fonseca, representando a commissão municipal da cidade do Porto. Os seus patricios, alvoroçadamente acolheram as noticias do restabelecimento do illustre estadista com alegria tão viva, como profunda e angustiosa fôra a sua magua, ao ter conhecimento do desastre. Confia que a cidade do Porto, pode continuar a ter, na pessoa do sr. dr. Affonso Costa, um esteio, um defensor valioso. Está o povo do Porto certo de que a sua esperança nunca será desilludida. E, affirmando mais uma vez esta convicção, aproveita o ensejo para lhe dizer que ali se aguarda com o mais vivo interesse o seu concurso ás medidas que o ministro da instrucção apresentou ao Parlamento e as quaes o Porto deseja ardentemente ver sancionadas pela representação nacional.

Conclue saudando calorosamente o sr. dr. Bernardino Machado.

O sr. dr. Affonso Costa, falando de novo, diz ser desnecessario fazer affirmações sobre quanto estima e distingue na sua affeição a cidade do Porto e os intemeratos republicanos d'aquelle invencivel baluarte da Republica. Não esquece que foi no Porto que tomou os seus primeiros compromissos politicos, ao ser levado ao Parlamento como seu representante. Habituára-se a querer-lhe intimamente com o ardor da fé republicana, no tempo em que frequentava a Universidade; n'aquella conjunctura grave e difficil que antecedeu o 31 de janeiro e que justificou o movimento revolucionario.

Ama o Porto, como ama Lisboa, como ama todas as cidades do paiz, porque, acima de tudo, ama a Patria e a Republica. Até aqui serviu uma e outra porque julgava, procedendo assim, cumprir um dever. Hoje sente intimamente, após o desastre que pôz em risco a sua vida, que lhes quer mais do que pelo desejo de cumprir esse dever.

Verifica dentro da sua consciencia que todas essas manifestações lhe significam a vontade do povo, que o arrancou da beira do tumulo, na obrigação de trabalhar mais pelo progresso da Republica e da Patria.

Toda a obra que encetar agora n'esse sentido tem, para o seu espirito, um sabor especial que jámais conheceu. Foi como que se lhe dissessem que não devia morrer e que o seu concurso para a vida publica ainda era necessario.

Pois viverá e de novo e com mais dedicação e afinco procurará corresponder aos votos dos seus amigos e de todos os republicanos.

Não sabe quaes são as medidas que o ministro da instrucção apresentou no parlamento. No emtanto affirma desde já que bem deseja que a cidade do Porto seja provida de todos os recursos e dotada dos elementos de progresso technico, material e moral.

Falaram ainda os srs. Pedro de Oliveira em nome das commissões politicas de Gaya, Americo Cardoso, nosso collega da *Montanha*, Silva Doria, em nome dos velhos republicanos portuenses e Luiz Soares, por parte dos republicanos de Lisboa.

A todos o sr. dr. Affonso Costa agradeceu pronunciando algumas palavras de louvor pela fé republicana evidenciada nas suas palavras e affirmações.

A' sahida, a multidão voltou a ovacionar calorosamente o sr. dr. Affonso Costa, a Republica e o novo chefe do Estado, que presenciaram o desfile do cortejo d'uma das janellas.

No Centro Republicano de Santos

Bodo a pobres, sessão solemne

Realisou-se hoje, como estava annunciado, a festa de homenagem e congratulação organisada por uma commissão de parochianos da freguezia de Santos-o-Velho.

Pelas 10 horas, na séde do Centro Republicano d'aquella freguezia, rua da Esperança, foi distribuida a quantia de $50 a 80 pobres. A's 12 horas, o sr. dr. Avelino Gomes, secretariado pela sr.ª D. Deolinda Nogueira Reis e pelo sr. José dos Santos, abriu a sessão solemne, expondo os fins da festa.

Pela sr.ª D. Amelia Nogueira Reis foi descerrado o retrato do sr. dr. Affonso Costa, que se encontrava coberto com a bandeira nacional, sobre um cavallete ornamentado de plantas e flores, sendo o acto coroado por salvas de palmas e vivas ao chefe do Partido Republicano Portuguez, á Republica, etc.

Fizeram uso da palavra os srs. dr. Antonio Macieira, Fernando Carvalho, Alberto Xavier, José dos Santos, Manuel Reis e Agostinho Ferreira, que exalçaram o sr. dr. Affonso Costa e a sua obra como republicano, deputado, estadista e politico, sendo todos os oradores muito applaudidos.

O presidente mandou ler uma mensagem de saudação que foi entregue ao sr. dr. Affonso Costa, em sua casa, pela commissão organisadora das festas, composta dos srs. Agostinho Manuel de Sousa, José Maria Pinheiro e Manuel Pereira da Costa, pela junta de parochia, José dos Santos e José Maria Nunes Branco, pela commissão central republicano de Santos: José Amaro dos Reis, Manuel José Carneiro Aguiar, Paulo dos Santos Fernandes, Raul Valente d'Almeida e Antonio José Ribeiro Obrigado.

Todas as dependencias do Centro estavam vistosamente ornamentadas com bandeiras, plantas e flores, abrilhantando a festa a Sociedade Dramatica União e Recreio.

De casa do sr. dr. Affonso Costa, dirigiu-se a commissão para o hotel Internacional, onde se realisou um banquete de 40 talheres, que decorreu animadissimo, tendo sido levantados innumeros brindes á Republica, ao dr. Affonso Costa e a outros vultos republicanos.

A sessão no theatro de S. Carlos

E' hoje que, pelas 20 horas, se realisa no theatro de S. Carlos a sessão promovida pelo Centro Republicano Leotte do Rego, de congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa e a que se espera assista este illustre estadista.

Além do sr. Leotte do Rego farão uso da palavra os srs. drs. Alexandre Braga, Antonio Macieira e Ramada Curto, Ribeira Brava, Faustino da Fonseca, Gastão Rodrigues, Amandio da Conceição e Americo Cardoso, em nome dos republicanos do Porto.

A' sessão assistirão o sr. presidente da Republica, governo, governador civil, representantes da camara municipal, commandante da guarda republicana, abrilhantando a festa a banda de infantaria 2. Será distribuida uma poesia expressamente escripta pelo nosso collega de redacção Mayer Garção, intitulada *A alma do povo*, e que será recitada pelo sr. Arthur Candido Teixeira.

Ao sr. dr. Affonso Costa serão offerecidos um trabalho de esculptura de José Maior (pae), um estojo de escriptorio em prata e uma mensagem de saudação.

FESTAS POPULARES

A' Senhora do Castello em Coruche

Por motivo d'estes festejos, que se realisam nos dias 12 a 18, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes estabelece um serviço especial de bilhetes de ida e volta em 2.ª e 3.ª classes a preços muito reduzidos, de varias das suas estações para aquella villa.

Os bilhetes são validos para a ida nos dias 11 a 18 e para o regresso até o dia 19 por todos os comboios ordinarios, isto é, os que fazem serviço das trez classes, custando os bilhetes de Lisboa, 2$22 em 2.ª, e 1$46 em 3.ª classe.

ALVITRES E RECLAMAÇÕES

Os elevadores da estação do Rocio

Escreve-nos um «passageiro da linha de Cintra» pedindo-nos que chamemos a attenção da fiscalisação do governo junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes para o pessimo serviço dos elevadores da estação do Rocio. Antigamente, quando eram movidos a agua, funccionavam os dois; agora, que passaram a ser movidos a electricidade, funcciona apenas um, dando em resultado irem sempre os passageiros apertadissimos, em virtude da lotação ser sempre excedida, e muitos perderem os comboios. E tudo isso por causa d'uma pequena retribuição que a Companhia teria de dar a outro empregado!

Sport

Torneio de espada

Nos dias 15 e 22 do corrente, ás 10 e 15 horas, deve realisar-se no Eden de Santo Amaro de Oeiras um torneio de espada, aberto para todos os amadores residentes em Portugal. A distribuição de premios effectua-se no dia 28, ás 21 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheu á enfermaria 13 do hospital de S. José Beatriz da Conceição, de 28 annos, solteira, vendedeira, moradora na rua do Borralho, que foi ali atropellada por uma bicicleta, ficando muito contusa pelo corpo

O presidente eleito

O sr. Bernardino Machado continúa recebendo innumeras felicitações

O sr. Bernardino Machado continúa recebendo, tanto do paiz como do estrangeiro, innumeras felicitações por haver sido eleito para a mais alta magistratura da nação. Quer pessoalmente, quer por meio de cartas e telegrammas, os amigos e admiradores do illustre estadista, muitissimos deputados e senadores, officiaes de terra e mar, funccionarios do Estado, diplomatas, professores, jornalistas, commerciantes, industriaes, agricultores, etc., teem-lhe apresentado as suas calorosas saudações. Os despachos telegraphicos e os bilhetes de visita amontoam-se na residencia da avenida Cinco de Outubro.

Além dos membros do corpo diplomatico já mencionados, cumprimentaram tambem o presidente eleito o sr. William Seeds, secretario da legação britannica, e o encarregado dos negocios da China. Tambem o cumprimentou o sr. governador civil de Lisboa.

* *

O sr. Bernardino Machado visitou hoje os srs. presidente da Republica, presidente do ministerio, presidentes do senado e da camara dos deputados, e drs. Affonso Costa e Antonio José d'Almeida.

Caixeiros de Lisboa

Reuniu hoje a assembleia geral, extraordinaria, para proceder á eleição dos delegados ao congresso da classe que se deve reunir nos dias 15 e 16 do corrente, na Figueira da Foz, sendo escolhidos os srs. Joaquim Domingues, João Guedes e Antonio Rodrigues do Amaral. Para a commissão de instrucção e educação foram eleitos os srs. José de Almeida, João Ramos Nunes, Amilcar Costa, Antonio José da Silva e João Simões. Tratou-se ainda de outros assumptos, sendo approvada uma proposta da direcção para esta poder liquidar o caso do advogado da associação.

Instrucção militar preparatoria

As provas da Sociedade n.º 5 decorrem brilhantes

A's 16 horas formava na parada velha do quartel de infantaria 16 um pelotão sob o commando do capitão Passos, a fim de fazer a guarda de honra ao sr. ministro da guerra e outros membros do governo que eram esperados para assistir ás provas finaes dos alumnos da Sociedade n.º 5 de Instrucção Militar Preparatoria.

Effectivamente, cerca de um quarto de hora depois chegavam: os srs. Norton de Mattos, ministro da guerra, acompanhado do major Mimoso Guerra e do tenente Florentino Martins e alferes Paula Pacheco, representando o sr. José de Castro o ministro da marinha; Costa Santos, pelo commandante da 1.ª divisão militar, e major Quirino Pacheco, pela inspecção de infantaria.

Ao encontro do sr. ministro da guerra e dos outros illustres convidados, foi o sr. coronel Baptista, commandante de infantaria 16, e demais officiaes d'aquelle regimento, executando a banda, no momento da chegada e emquanto se trocavam os cumprimentos do estylo, a marcha da «Maria da Fonte».

Logo em seguida iniciaram-se os exercicios na «parada nova», que é um vasto recinto muito apropriado ao fim a que se destina.

Além de elementos militares, a quem especialmente interessava o programma, viam-se muitas outras pessoas, tomando algumas d'ellas logares nas cadeiras que estavam dispostas em volta da parada.

O programma, que foi rigorosamente cumprido, constava de duas partes, tendo a primeira as seguintes provas: Desfile e continencia á bandeira; Escola de pelotão (mancebos de 18 e 19 annos); Escola de gymnastica (mancebos de 17 annos).

Todos estes exercicios foram feitos com a maxima correcção e brilho, sendo sublinhados com uma prolongada salva de palmas pela assistencia.

Nas provas de gymnastica foram distribuidos os seguintes premios: 1.º, conferido pelo ministro da guerra, ganho pelo alumno 742 Carlos Lourenço; 2.º, pela inspecção de infantaria, ao 876 José Francisco Bento; 3.º, pelo tenente Urosa Gomes, ao 968, Luiz Mario Rojo Costa.

As provas desportivas enchiam a segunda parte do programma, sendo iniciadas com uma corrida de resistencia de 1.500 metros que foi seguida pela assistencia com o maior enthusiasmo, empenhada, como estava, em conhecer o nome do vencedor. Esta prova durou cerca de 10 minutos, sendo por fim vencida por Celestino Pereira, com o numero de matricula 33, a quem coube o primeiro premio; Sergio Gabenan, 1185, que recebeu o segundo premio, e Hermino Oliveira, 792, que teve o terceiro premio.

Finda esta prova, os srs. ministro da guerra e Paula Pacheco retiraram-se, sendo acompanhados até á porta do quartel pelo commandante e demais officiaes d'aquella corporação. N'essa altura, a banda voltou a executar o hymno da «Maria da Fonte», que foi escutado de pé pelas pessoas que estavam presentes.

Por este motivo ha uma interrupção nas provas, mas pouco minutos depois o centro da parada volta a ser de animação com o salto á vara que despertou no publico grande interesse e, a pretexto a trambulhões e outros incidentes que arrancam gargalhadas. Não deixa, porém, de ser uma prova interessantissima, denotando n'ella os rapazes uma grande agilidade e excellente disposição.

Os premios são conferidos ao alumno 543 Carlos Pereira Santos e ao 778 Jorge da Silveira.

Seguem-se as outras provas que são premiadas da forma seguinte:

Corridas de trez pernas: Celestino Cortez e Balthasar de Moura. Corrida de obstaculos (ciclistas): 1.º premio, 216, Antonio A. Silva; 2.º, 1.172, Francisco Alves e 3.º, 1078, Jeremias Veiga; salto em comprimento, 1.º premio, Manuel Pereira Velloso, 383; 2.º, Jorge da Silveira, 778 e 3.º, Mario Lopes de Azevedo.

A's 9 horas da manhã, como tambem constava do programma, tinha-se realisado a corrida de bicicletas, com o percurso de Cintra, Praça da Republica, a Lisboa, praça do Marechal Saldanha, cabendo os 1.º, 2.º e 3.º premios, respectivamente, aos alumnos 1.022, José Pereira Sales; ao 903, José Muno Costa Alves e ao 1.172, Francisco José Costa Alves.

A Associação do Registo Civil

Celebra o seu 26.º anniversario no theatro de S. Carlos com uma apotheose á «Triple entente» e seus alliados

Pelas 13 horas deram entrada no palco do theatro, armado em sala, os alumnos da Escola n.º 1 da Associação do Registo Civil, empunhando os rapazes grandes bandeiras nacionaes e das nações alliadas contra a Allemanha, e hasteando um dos alumnos o pendão escolar. Ao mesmo tempo a banda da Republica, que os acompanhava, tomava logar no recinto da orchestra, emquanto as bancadas da plateia e os camarotes pouco a pouco iam sendo occupados pelos socios e convidados.

Em quatro filas de cadeiras, no palco, tomavam logar os oradores, a direcção da Associação, e professores, e varios convidados que esta entendeu distinguir, entre elles o alferes Paula Pacheco representando o presidente do gabinete.

Ao fundo ostentava-se o estandarte da Associação do Registo Civil, ladeado por dois estandartes da Banda da Republica, empunhados por dois cabos de marinheiros.

Assumiu a presidencia o dr. Adelino Furtado que disse solemnisar-se n'aquella reunião o 26.º anniversario da Associação do Registo Civil, prestando-se ao mesmo tempo homenagem á «Triple Entente» e ás nações suas alliadas que se estão batendo pela liberdade e pela democracia.

Como o sr. dr. Macieira estivesse na plateia, o presidente convidou-o a tomar logar no palco, sendo aquelle estadista recebido com uma salva de palmas, e fazendo a Banda da Republica ouvir a «Portugueza».

Terminada a leitura do expediente no qual figurava um telegramma do sr. dr. Magalhães Lima, dizendo: «Hoje, como sempre estou comvosco ao lado da razão e da justiça», o sr. Augusto José Vieira descobriu o retrato do deputado belga George Lacoran a quem tanto deve o livre pensamento internacional.

A seguir entregou ao regente da banda o diploma de socio honorario do Registo Civil, honra conferida á Banda da Republica em homenagem ao seu dedicado concurso para a emancipação nacional prestado á Associação.

Iniciou a serie dos discursos o sr. dr. Macieira que salientou os altos serviços prestados pela Associação do Registo Civil á emancipação dos espiritos e portanto á Republica, porque esta não podia viver sem aquella. Era, pois, natural que no dia do seu anniversario homenageasse as nações que se estão batendo n'este momento pela causa da liberdade.

As nações alliadas pondo um dique á invasão germanica, não se defendem a si, individualmente, mas ao principio da Egualdade, da Liberdade e da Fraternidade proclamados pela revolução franceza de 1793.

Lastima que Portugal não pudesse acompanhar os alliados n'esta obra de civilisação, mas congratula-se por elle ter concorrido com o que poude em material, e além d'isso com o seu franco apoio moral. Felicita a Associação por juntar á festa do seu anniversario a apotheose ás nações alliadas.

Ouviu-se então o hymno inglez, que a multidão de pé sublinhou com uma salva de palmas.

O sr. Augusto José Vieira referiu-se enthusiasticamente á bravura e heroicidade da Inglaterra, França, Belgica, Russia, Italia, Servia e Japão, lendo as cartas dos seus representantes em Lisboa em que desculpavam a sua auzencia n'aquella festa com a regra que estabeleceram desde o começo da guerra de não assistirem a festa alguma, comparecendo apenas nos actos exclusivamente officiaes. Apoz a leitura de cada uma das cartas a banda tocava o hymno da nação do ministro ou consul que a assignava, hymno que o publico ouvia de pé e depois saudava com prolongadas salvas de palmas.

O senador sr. Faustino da Fonseca usou da palavra, referindo-se á influencia do padre durante seculos na vida portugueza; prestou depois homenagem á França da revolução, falou da commemoração que ella fez do anniversario do assassinato do grande socialista Jaurès, e expôz o plano d'este para a defeza economica do seu paiz. Tratando da guerra actual disse que devemos o nosso auxilio á Inglaterra, e que se não affirmarmos n'esta occasião o nosso direito á vida mal podemos conservar o nosso dominio colonial.

A seguir um cidadão francez recitou uma pequena poesia patriotica, «Le refuse», e com ella terminou a festa, eram quinze horas e trinta minutos.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 7.—Deviam hoje responder em audiencia geral Carlos Frederico Bacellar, Augusto de Vasconcellos e Joaquim de Jesus, implicados no roubo de joias praticado no Thesouro da Sé em 21 de junho de 1914, cujo valor real foi avaliado em 10.000$00, e o estimativo em quantia muito superior. O delegado interino sr. dr. Maques Pereira, fundando-se em que tinha sido informado de que o jury estava mais ou menos coacto, requereu um jury mixto, pelo que teve de ser adiada a audiencia, que só poderá ter logar no quarto trimestre do corrente anno.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

VIDA ESCOLAR

Uma exposição de arte applicada no liceu Maria Pia

No liceu feminino do largo do Carmo acaba de encerrar-se a exposição dos trabalhos de arte applicada executados por alumnas de varias classes no anno findo.

Os progressos realisados, que demonstram um accrescimo de gosto artistico e uma mais ampla liberdade de factura, são o resultado do incessante labor das professoras e entre ellas a sr.ª D. Ceu Beça, contractada ha quatro annos para o ensino da especialidade no liceu Maria Pia e ha um anno encarregada da direcção dos lavores no Instituto feminino de educação e trabalho.

Os esforços d'essa professora, por tantos aspectos distincta, teem sido reconhecidos por portarias de louvor e affirmam-se uma vez mais e d'uma maneira inilludivel na exposição que acabamos de visitar, assignalando na sua direcção uma competencia invulgar, de resto já demonstrada pela sr.ª D. Ceu Beça na direcção do jornal «Bordados», que tem dez annos de existencia, e na organisação da folha de debuxos do Supplemento de modas e bordados, trabalho da maior responsabilidade que ha treze annos se mantem a cargo d'essa senhora.

Abrangem os trabalhos agora expostos, e que foram executados pelas alumnas durante o anno lectivo, varios generos de arte applicada ou decorativa e entre os que mais se salientam citaremos os seguintes das alumnas da professora já citada e das professoras sr.ᵃˢ D. Elisa Santos, D. Antonia Prado e D. Maria de Mello.

Das alumnas da sr.ª D. Ceu Beça:

Um cofre em cobre, estanho e pregaria da menina Roldão.

Umas almofadas desenhadas á penna das meninas Bertha Maria Roldão, Ilda Alves e Haydée Ribeiro.

Photominiaturas das meninas Barradas Nunes, Albertina Freire Salvado, Haydée, etc.

Photopintura das meninas Irene Alves d'Oliveira e Albertina Freire.

Trabalhos em sola da menina Cidalina, uma linda carteira; outro da menina Maria Damasceno; uma cabeça de cavallo da menina Maria Beça, uns lindos quadros das meninas Nathalia, Lina Lopes, Caeiro e Salvado.

Em cobre os quadros das meninas Barradas e Nathalia.

Em estanho das meninas Aurelia, Gamboa, Figueiredo e Salvado.

Em azulejos da menina Bertha Maia.

Flores das meninas Gamboa, Figueiredo e Maria Beça. Esta ultima apresenta uma linda corbeille de flores artificiaes de panno, papel de arroz e velludo.

Pyrogravura das meninas Maria Christina, um panneau; Haydée Ribeiro, um cesto; Maria Damasceno, um cesto.

A menina Aurelia apresenta uma artistica cabeça em matiz, pintura e bordado a ouro.

Outra da menina Berta Maia.

Da professora D. Elisa Santos, expuzeram as suas alumnas um lindo loque com lantejoulas e bordado em tule, rendas e bainhas abertas, bordado a branco e ouro.

Nos bordados a matiz destacam-se os trabalhos das alumnas da D. Antonia Prado, especialisando uns almofadões e um passepartout. As alumnas da sr.ª D. Maria de Mello em classes do 1.º, 2.º e 3.º anno apresentam trabalhos muito apreciaveis, salientando um panneau em Richelieu representando algumas fabulas de la Fontaine. A professora Ceu Beça e sua filha offereceram á Associação escolar dois artisticos trabalhos seus para o producto da venda reverter a favor d'esta prestante instituição cuja á ja na reitoria do sr. Caetano Pinto, que auxiliado por todo o corpo docente tem encaminhado o liceu Maria Pia para impor, como vae succedendo, para ser um estabelecimento de ensino modelar.

O horario de trabalho no commercio

Em Coimbra resolve-se que seja por turnos

COIMBRA, 2.—Reuniu hoje o Senado Municipal para dar a sua opinião acerca do regulamento do horario do trabalho para os empregados no commercio, questão que de ha muito devia ter sido di-qui lado, harmonisando os interesses de patrões e caixeiros.

A's 14 horas estava reunido o Senado, tendo faltado muitos dos seus membros.

A vasta sala das sessões encheu-se de interessados. Começou a discussão sobre o regulamento horario e as coisas iam caminhando regularmente, quando um senador se lembrou de annullar a harmonia que se ia estabelecendo na questão para resolver o problema a contento das duas classes.

Eis o que esse gesto produziu o effeito de uma bomba, dando motivo a manifestações de desagrado por parte da assembleia.

O presidente do Senado, que já tinha as portas da sala uma força de policia, pediu pelo telephone infantaria e cavallaria da guarda republicana.

Depois dos protestos, tanto dos assistentes, como até de alguns senadores, as forças saíram do edificio, mas foram formar na sua frente, o que deu logar a varios episodios.

Os caixeiros pediam o seguinte: Que as horas de entrada e sahida nos estabelecimentos fossem uniformes para todos, reservando-se, comtudo, os patrões o direito de encerrar ou deixar de encerrar os seus estabelecimentos entre as suas sahidas. Não acceitavam o sisthema de turnos, visto que tambem uma grande parte dos patrões o não perfilha, por muitas e plausiveis razões.

Varios episodios se passaram; havia quem queria, e quem não queria, imperando a politica no assumpto. Por fim, por 12 votos contra 5, manifestaram-se pelo sisthema de turnos.

Mas o assumpto não está resolvido; outra reunião terá de haver para resolver o assumpto, que é de alta importancia.

TOURADAS

Campo Pequeno.—Realisa-se na noite de 11, n'esta praça, a festa artistica do estimado cavalleiro Morgado de Covas, tomando parte na corrida o espadas Gallito com toda a sua quadrilha; e serão o gado dos lavradores Emilio Infante e D. Caetano de Bragança.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Fernando vae casar.
POLITHEAMA — Não ha espectaculo.
EDEN — A's 20 1|2 e 22 1|2 — O diabo a quatro.
APOLO — A's 20,45 e 22,45 — Rosa tirana.

Primeiras representações

AVENIDA — Fernando vae casar (Un fil á la patte), trez actos de Feydeau, traducção de Jorge de Abreu.

Quem, não conhecendo essa obra-prima de graça e de technica theatral que é Un fil à la patte, foi hontem ao Avenida para se deliciar com as scabrosidades caracteristicas das peças ali este verão representadas, viu malogrados os seus desejos, embora ficasse plenamente satisfeito e applaudisse sem restricções a peça, a traducção e o desempenho.

Quer isto dizer que, não obstante figurarem na comedia uma cançonetista endiabrada, alguns velhos libidinosos, um noivo que anceia por se libertar da carraça da amante, uma noiva que aspira a um marido com chronica, em vez de um immaculado moço que lhe consagre as primicias do seu coração amoroso, a dama varios tipos mais ou menos suspeitos e uma baroneza de outros tempos, a interessantissima peça de Feydeau, mestre inexcedivel em taes cozinhados, não tem scenas livres nem ditos de fazer corar um carroceiro. E' certo que alguns dos mais hilariantes episodios succedem estando as personagens em trajos menores ou porque precisam de se despir, mas n'um ou n'outro caso vemol-as em roupas brancas por motivos innocentes ou em virtude de causas que não offendem, de forma grave, os bons costumes. Feydeau tem o segredo das situações imprevistas; ninguem como elle sabe salientar os grotescos sociaes, caricaturando-os admiravelmente; accumula e concatena os maiores disparates sem se esquecer de os ligar por um fio de logica; desperta o interesse do publico logo que o panno se levanta e não permitte que a curiosidade affrouxe um instante, visto que a faz crescer de acto para acto, não se gorando nunca pelo antecedente o que nos reserva o seguinte.

«Fernando vae casar»—ocioso se torna dizel-o—não se conta. Podem lá referir-se as aventuras de um rapaz que pretende desprender-se dos tentaculos de uma cupletista amorosa para se casar com uma menina da alta sociedade e que tem a desdita de encontrar a amante em casa da futura sogra na propria noite em que se assignam as escripturas matrimoniaes! Podem lá contar-se as peripecias de um general hespanhol que desbaratou ao jogo uma dinheirama que não era sua e que, loucamente apaixonado pela cançonetista, a presenteia com joias caras, perseguindo, ao mesmo tempo, furioso, na supposição de que é seu rival, um pobre escrevente de tabellião que, nas horas vagas, escreve cançonetas! Podem lá reproduzir-se as impagaveis, estranhas observações com que a noiva assombra sua mãe e os espantos d'esta e os seus aborrecimentos, porque não percebe uma palavra do que lhe diz a perceptora ingleza de sua filha!

Os artistas da companhia, que presentemente explora o Avenida, procuraram e conseguiram agradar, merecendo as ovações que lhes dispensaram os espectadores. Albertina d'Oliveira, sempre muito formosa e vestindo com gosto e elegancia, prosegue affirmando a sua intensa vontade de progredir e são, sem duvida, grandissimos os seus progressos. E' possivel que haja quem hesite em considerar uma perfeita creação o seu trabalho, interpretando a cançonetista, mas havemos de convir que, reconhecidas as extremas difficuldades do papel, a graciosa artista, dentro do seu temperamento, conseguiu bastante para justificar os applausos de que foi alvo. Judith Rodrigues, na velha baroneza, e Luz Velloso, na noiva, ambas muito bem. As suas scenas do segundo acto foram primorosamente representadas. Pilar Monteiro cheia de verdade na miss.

Dos interpretes masculinos, cumpre distinguir, em primeiro logar, Augusto de Mello. O illustre actor incarnou á altura do seu nome o tipo caricato do ajudant. de tabellião. Foi de um comico delicioso. Henrique de Albuquerque, incumbindo-se do general hespanhol, juntou á sua tão variada como brilhante serie de interpretações um novo trabalho digno de nota. E'—nunca será demais dizel-o—um dos nossos actores de verdadeiro merito, para o qual não ha um papel insignificante ou difficil, porque todos interpreta excellentemente, valorisando-os se são inferiores, e arcando sem custo com elles se são de responsabilidade. Em papeis episodicos, Jorge Grave e Francisco. Judicibus mostraram as suas bellas aptidões, já patenteadas em trabalhos precedentes. Teem futuro, se continuarem estudando como até agora.

Jorge de Abreu traduziu Un fil à la patte com a sua reconhecida proficiencia. E não é empreza leve trasladar para portuguez o que dizem as personagens de Feydeau e o modo por que o dizem...

A. de A.

Boatos e informações

Entre nós

No Eden será representada na epocha de inverno uma adaptação da «Lagartixa» á opereta.

—O treatro Apollo deve inaugurar a sua epocha de inverno com uma «reprise» de «O Diabo que o carregue», completamente remodelado e com scenario e guarda-roupa novos.

—Os trabalhos das novas ornamentações do theatro do Gymnasio teem sido dirigidos pelo scenographo José Mergulhão.

—Em edição da livraria Ventura Abrantes foi agora publicada a peça em 1 acto «A onda», original de Ponce de Leão e representada no Gymnasio com o maior agrado. Do seu valor dissémos a quando da primeira representação. E' um acto de tragedia e que nos veiu revelar um novo escriptor dramatico.

INTERESSES DE CABO VERDE

As concessões de terrenos

serviram apenas, por a lei não ser bem applicada, a fomentar as fomes

Em 1859 foi decretada uma lei geral para a Africa Occidental, que permittia a concessão de terrenos para a agricultura. Em 1865 fizeram-se umas modificações á lei geral, que se tornaram extensivas a Cabo Verde.

As principaes condições da lei das concessões de terrenos eram as seguintes: concessão até 1.000 hectares por cada requerente: fôro minimo de 1 centavo por hectare: obrigação de pôr em cultura a quinta parte do terreno concedido dois annos depois da concessão, com prolongamento do praso para cultura por outros dois annos, findos os quaes se applicaria uma multa de 10 a 50 centavos por cada hectare inculto: obrigação de plantar até 50 arvores por cada hectare concedido: não era necessario deposito de garantia.

Que beneficios levou esta lei a Cabo Verde, á sombra da qual, e até 1901, se concederam para cima de 300.000 hectares? E' o que os nossos leitores vão ver. Em primeiro logar, centenas de trabalhadores tornaram-se proprietarios, e, em logar de haver classe trabalhadora, quasi se extinguiu: quem tem de cultivar o que é seu, não vae, decerto, trabalhar no que é d'outrem.

Em segundo logar, essa lei serviu para manter um commercio illicito. Sendo em geral o valor da terra muito outro, entre proprietarios, do que para o Estado, muitos conseguiram extensas concessões, que venderam em seguida, facilitando ainda mais a accessão á terra, do trabalhador rural. Outros ainda, conseguidas grandes concessões, e não tendo dinheiro para as explorar, chamavam trabalhadores para a arroteia, repartindo em parte eguaes as colheitas, e abandonando os rendeiros ao Estado, nos annos de fóme.

Mas ainda não é tudo. A's entregas das concessões, assistia pessoal amador de agrimensura, e, como se provou em 1909 a 1910, rara era a concessão que não tinha sido medida com dez vezes mais terreno do que devia ter.

Aproveitamento absoluto das terras não se via, não se viam multas por isso, ninguem arborisava nos termos da lei, mas nunca ninguem ficou sem as terras por isso.

E, afinal, o Estado perdeu a posse de todos esses terrenos e de muitos outros terrenos não concedidos, por se ter dado a prescripção garantida pelo Codigo Civil, a favor dos seus possuidores. Quer dizer que o Estado, não querendo vender, deu. Era uma modelar colonisação.

Em 1901, apparece a lei das terras conhecida pela lei Teixeira de Sousa. Buscou-se então defender melhor os interesses do Estado, mas a pratica se tem encarregado de mostrar que ha ainda fugas: o principio fundamental era o da concessão por arrendamento, com deposito de garantia, podendo-se passar pelo cultivo ao fôro, remissão e consequentemente levantamento do deposito. Em Cabo Verde, o ministro podia conceder o arrendamento de 250 hectares, o governador, 50, com deposito de garantia, respectivamente de 25 e 5 escudos. O arrendamento fazia-se em hasta publica, e a base de licitação passa para 10 centavos o hectare. Continua a accessibilidade do trabalhador a proprietario, porque arrendando 50 hectares, vende 49 a 25 escudos em media, e fica com o restante, porque ninguem lhe pede contas d'esse procedimento, que aquelles deviam proceder, fingem ignorar. Mas ha mais, e nós d'isso somos testemunhas. Em 1909, são requeridos ao governo de Cabo Verde, uma porção de parcellas de 50 hectares, tendo cada um feito o respectivo deposito de 5 escudos.

Feita a medição os requerentes tomaram conta das terras: uns cultivaram, outros venderam, mas o que é verdade é que uma grande maioria, não tendo pago os emolumentos, não tem portaria concedendo-lhe o arrendamento, mas já tem posse. Quando se lembrarem, registam a mera posse, e ahi está o governo a caminho de perder a terra.

A mesma lei de 1901, renovava a obrigatoriedade da arborisação dos terrenos, com pelo menos 50 arvores, e mandava que se estabelecessem viveiros do Estado n'algumas ilhas de Cabo Verde, para distribuir arvoredo pelos concessionarios. Mas, nem uma coisa, nem outra se cumpriu: é a mesma coisa que não se ter decretado.

Caminhando n'este pé, as concessões de terrenos, natural seria que o Estado resolvesse acautelar os seus interesses, relegados por muitos, para muito longe: mas, nada d'isso. Vem a febre da cultura do algodão, e lá se applica outra vez a Cabo Verde o pernicioso systema de 1859 e 1865. Passam a conceder-se terrenos com 1.000 hectares, pelo fôro de 1 centavo, sem deposito e sem praça, e tão sorte grande tem sido para o Estado o systema, tão cheios de dinheiro estão os cofres de Cabo Verde, com o dinheiro dos fóros, tão extraordinaria tem sido a cultura dos 5 ou 6.000 hectares que á sombra da lei do algodão se tem dado, tem sido tão activa a plantação do algodão n'esses terrenos a ponto de lá se não ver um unico pé semeado, que se pensa em applicar essa lei para a concessão de terrenos em enormes extensões, para arborisar, cultivar mandioca, etc., etc.

E, o que é mais extraordinario é que nós não conhecemos um unico concessionario que tenha os, pelo menos, 30.000 escudos para cultivar rudimentarmente a sua concessão de 1.000 hectares.

Em 1913, foi decretada uma boa lei, qual é a que impõe ao inculto uma taxa de 50 centavos, que dentro de 10 annos subirá a 4$50 por hectare inculto. E' natural que um grande numero de proprietarios, não podendo pagar a taxa, e muito menos cultivar, se verão obrigados a entregar as terras ao Estado, e é tempo de se estudar a fundo o regimen das terras em Cabo Verde, de fórma que se defendam convenientemente os seus interesses que são os de todos nós, que assim comprehendemos o patriotismo.

E, ainda um parenthesis. Em Cabo Verde, o valor da terra, muda de ilha para ilha. Na Brava, o hectare de sequeiro já vale 1.500 escudos. Tem ali o Estado o seu montado nacional, que já foi pedido bastas vezes a 10 centavos por hectare de arrendamento, o que foi recusado, dada a opposição formal do povo d'aquella ilha. Nas outras ilhas, o valor medio do terreno de sequeiro oscilla entre 25 a 150 escudos por hectare.

Os que, como bons administradores, comprehenderam facilmente a riqueza que se póde conseguir com um bom regimen das terras, foram os inglezes, e ainda os americanos do norte. Aquelles apresentam hoje colonias modelares, feitas á custa das terras e dos degredados.

O systema Wakefield tem nome entre os grandes colonisadores modernos, e, mais ou menos modificado, é o que todos os grandes paizes coloniaes hoje applicam, menos nós, é claro.

No nosso proximo artigo descreveremos esse systema e diremos como da sua applicação poderiamos tirar os melhores resultados.

Armando Xavier da Fonseca.

Exames em outubro

Perante uma numerosissima assistencia realisou-se hoje a reunião de paes de alumnos reprovados, cortados dos lyceus, no Nucleo Educativo, rua Andrade Corvo, A B, 1.º, tendo-se resolvido que fosse amanhã a commissão ao congresso avistar-se com alguns dos membros do parlamento a fim de conseguir exames geraes em outubro. A commissão aggregou a si mais membros.

Coliseu dos Recreios

A estreia da companhia de opera-comica far-se-ha com as «Damas viennenses»

Demos já os nomes de alguns dos artistas que fazem parte da bem organisada companhia de opera comica e operetta italiana que no dia 14 realisa a sua estreia no Coliseu dos Recreios. Hoje juntaremos a esses mais alguns, todos gosando nos meios artisticos estrangeiros da mais justa fama.

Além de Annita Patrizi Granieri, a eminente actriz-cantora, e de Fernanda Razzoli, a querida do publico lisboeta, veem tambem Cina de Valdis e Rosalia Pangrazi e Amadeu Granieri e Marchetti Ettore Razolli e Gioachino Luccardi.

«As Damas Viennenses», linda partitura de Lehar, será a estreia da companhia Granieri o que tanto basta para podermos garantir um triumpho.

Novidades litterarias

Sem cura possivel, do André Brun, 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. do Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Gulliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, do A. Dumas. (Complemento dos «Trez Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»). 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O piano de Clara, romance do Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do Dr. Toulouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68.

PEQUENAS NOTICIAS

Atirando-se ao rio, na praia da Junqueira, suicidou-se Leopoldina d'Oliveira, de 37 annos, moradora na travessa de Victorino de Freitas, 34, loja, sendo o cadaver removido para a Morgue.

—Joaquim Affonso dos Santos, morador na rua Correia Garção, 13, loja, queixou-se á policia de que na estação do Rocio lhe furtaram uma carteira contendo 250 escudos e 2 bilhetes de caminhos de ferro.

—Para juizo foi enviado Alexandre Simões, da travessa do Terreiro, a Santa Catharina, 46, loja, accusado de furtar varias peças de fazenda no valor de 59 escudos a Julio Torres Ferreira, da rua do Rato, 49 e 51.

Movimento maritimo

Pern., Bahia R. Prata «Frisia»	9
Rio Janeiro Rio da Prata, «Divona»	10
Vigo e Liverpool «Douro» (Liverpool)	11
Brazil e R. Prata e pacifico «Orosa»	11
Brazil e Rio da Prata «Holbein»	11
Amsterdam, etc., «Zeelandia»	12
Bordeus «Flandre» (do Brazil)	12
Manila, etc., «Fernando Póo (Liverpp).	12

Africa do Sul é em grande parte producto da personalidade dos seus dirigentes. O motivo não é difficil de comprehender. Viviam, a maior parte d'elles, isolados. Eram um povo agricola e na Africa do Sul as propriedades agricolas são extensas. Os defeitos do seu caracter de raça são principalmente devidos a esse facto. Não formavam um povo altamente instruido. As suas crenças, os seus habitos, os seus methodos d'agricultura, tudo era primitivo. A organisação do seu sistema social é ainda patriarchal. A familia é a unidade.

A isto ha a accrescentar tres caracteristicas, cada uma das quaes teve grande influencia no seu desenvolvimento. Era um povo dominador da terra e, como a familia augmentou, uma sub-divisão progressiva—em direito legal, mas não na pratica—da terra que pertencia á familia veiu com esse augmento. Vivia n'uma terra onde o agricultor nativo estava á mão para fazer o trabalho manual e, assim, tornou-se inevitavelmente mais o senhor da agricultura do que agricultor elle proprio. A sua religião era o calvinismo. Entre um povo crente como aquelle o ministro da religião, o pastor, exercia immensa influencia. Destas condições da sua vida proveiu o crêr-se uma especie de raça escolhida, especialmente favorecida pela Providencia, tendo na Africa do Sul um papel expressamente marcado sobre a população nativa para seu bem.

Com essas tradições surgiu um individualismo creado pela ardua lucta que havia tido com a natureza n'aquella terra de escassas chuvas, de herdades isoladas, de immensas distancias. Ha a accrescentar como elemento culminante na formação do seu caracter dois factos: primeiro, que a tradição d'um governo de ordem e o respeito pela auctoridade constituida estavam n'elle fundamente arreigados; segundo, que uma juncção se lhe impunha constantemente como unica condição de exito nas guerras contra os nativos, porque elles eram poucos e estes muitos, podendo, por isso, só dominal-os se tivessem melhores armas e mais resoluta coragem.

Em toda a historia da Africa do Sul apparece sempre um dirigente de excepcional habilidade. Quando a pequena Republica do Transvaal se viu ameaçada pela torrente de pioneiros inglezes que se dirigia para o norte a explorar as riquezas dos campos auriferos, o presidente Kruger era o dirigente do seu povo ao norte. No Cabo, depois da paz com os nativos tornar possivel um governo responsavel sob a suzerania da corôa britannica, os hollandezes entenderam necessario organisar-se politicamente se as suas tradiccionaes reclamações não fossem attendidas. Ahi, havia, pois, necessidade de um dirigente. Appareceu na pessoa de Jan Hofmeyr, cuja palavra foi lei para os hollandezes do Cabo durante os muitos annos do conflicto politico.

Quando o Transvaal pegou em armas contra a Gran-Bretanha e Paulo Kruger era demasiado idoso para se pôr á frente das suas tropas no campo de batalha, surgiram entre as fileiras dos combatentes os dirigentes naturaes, que foram escolhidos por terem demonstrado a sua capacidade. Foram elles Luiz Botha, de la Rey, Smuts e Beyers no Transvaal; no Estado Livre do Orange o presidente Steyn e Christiano de Wet.

A guerra boer terminou a 31 de maio de 1902. Doze annos e alguns mezes mais tarde os dirigentes boers estavam em campos diversos. Botha e Smuts eram ministros da corôa, de la Rey morrera em resultado d'um accidente, Beyers e de Wet eram os dirigentes dos rebeldes. E todos os boers tinham os olhos anciosamente fitos em Onze Rust—a herdade proximo de Bloemfontein onde o ex-presidente Steyn geria o resto dos bens que a guerra lhe deixára.

A historia d'esses homens durante esses doze annos é a historia da Africa do Sul.

A lealdade dos boers para com elles foi constante. Quando se dividi-

zel-o para conseguir derrotar o centro e a direita do exercito alliado que tomavam parte na gigantesca batalha. Não deixar avançar as reservas francezas da planicie ao norte da orla de Mont-des-Cats era uma bella

Milenko R. Vesnitch, ministro da Servia em Paris

obra, embora sacrificando a «carne de canhão».

Durante a tarde a offensiva foi, por isso, retomada e n'essa noite, no meio d'uma violenta tempestade de vento e de chuva, Ramscapelle foi finalmente tomada e tão perigosa para os alliados era a situação em Pervyse que Ronarc'h destacou da sua pequena guarnição em redor de Dixmude duas companhias de marinha que mandou para aquella povoação.

Raiou a manhã do dia 30. Cinco «destroyers» francezes haviam vindo augmentar a flotilha do contra-almirante Hood, que içou o seu pavilhão no «Intrepide» e mandou os navios francezes auxiliarem a acção em Lombartzyde.

Os «destroyers» francezes e inglezes guardavam os navios maiores dos submarinos, cuja presença era revelada pelos periscopios, e dos seus torpedos. Das dunas, os canhões pesados allemães vomitavam os seus grandes projecteis. O «Amazon» havia sido avariado seriamente; o tenente Wauton que commandava o «Falcon» e oito marinheiros d'este navio haviam sido mortos, dezoito estavam feridos. Ao monitor «Mersey» durante as operações fôra avariada a sua torre blindada dos canhões de 6 pollegadas e recebêra muitas balas na linha de fluctuação.

Os allemães estavam em frente de Nieuport; haviam-se entrincheirado em Ramscappelle e ao longo do caminho de ferro e do canal a inundação avançava vagarosa e irresistivelmente para Pervyse. Durante todo o dia a batalha desenvolveu-se entre o caminho de ferro e Pervyse para a posse de Ramscappelle.

Pervyse foi tomada e retomada pelos francezes e pelos belgas, ficando finalmente nas mãos dos alliados.

Ao romper do dia 31, Ramscappelle foi bombardeada. Os allemães, vendo que a povoação era insustentavel, avançaram para oeste d'ella. O momento que os alliados estavam esperando havia algumas horas chegára.

As cornetas tocaram a carregar e a infantaria franceza e a belga, sob uma saraivada de balas e de shrapnels e arrostando com baterias de metralhadoras que vomitavam fogo de todos os lados, avançaram com um impeto irresistivel. A distancia entre as duas linhas diminuia rapidamente. Os assaltantes chegaram a 300 metros, a 200 e finalmente a 50 do inimigo, mas por onde abrir caminho?

Durante um momento o resultado esteve duvidoso. Mas, com um impulso soberbo, os alliados precipitaram-se sobre os allemães e obrigaram-nos a recuar para Ramscappelle e para o caminho de ferro. Sete metralhadoras foram tomadas e feitos 300 prisioneiros. A terra estava coberta de mortos e de moribundos.

Em Ramscappelle os allemães concentraram-se e houve ali uma terrivel lucta. Mas os alliados não queriam recuar, antes levavam deante

do si os inimigos, obrigando-os ainda a retirar. Baldadamente os officiaes allemães com ameaças, pancadas e até tiros de pistola tentaram evitar que os seus soldados abandonassem os seus canhões e evacuassem a povoação.

O medo havia-se apoderado d'elles e pelas 9 horas da manhã Ramscappelle foi por elles perdida. Uma hora depois, os alliados estavam no leito do caminho de ferro. Então, os canhões de 75 cm. foram trazidos a toda a pressa e vomitaram uma saraivada de projecteis sobre a desmoralisada infanteria allemã, que fugia desesperadamente pelo meio da agua para o canal.

A infanteria e as metralhadoras juntaram-se á obra de destruição e no placido lago formado entre o caminho de ferro e o canal em breve se começaram a afogar os allemães que cahiam dos desmoralisados bandos que luctavam por alcançarem a salvação sobre as pontes em St. Georges, Schoorbakke e Tervacte.

A batalha do Yser podia dizer-se terminada. Os allemães haviam feito um esforço desesperado, que não fôra coroado de exito. Mais uma vez a tactica allemã levava um cheque.

CAPITULO V

A rebellião na Africa do Sul

E' facil dizer que a rebellião que rebentou na Africa do Sul logo depois da guerra se declarar na Europa foi resultado das intrigas allemãs—facil, mas superficial. As intrigas allemãs sem duvida haviam contribuido para essa rebellião. Os dirigentes rebeldes haviam durante muito tempo previsto o dia em que um conflicto com a Allemanha lhes daria opportunidade de fazerem com alguma probabilidade de exito uma tentativa para restaurarem o regimen republicano na Africa do Sul.

O que é já conhecido ácerca dos esforços da Allemanha antes da guerra para preparar o caminho para organisar os elementos de descontentamento onde quer que parecessem existir no imperio britannico faz crer que a opportunidade n'essa parte não escapasse á vigilancia e habilidade do serviço de espionagem allemão.

Conhece-se já que esperanças os allemães punham nas possibilidades d'uma revolta na Africa do Sul. O governo d'esse dominio conhecia a existencia d'uma propaganda allemã em larga escala em muitos dos districtos. E, finalmente, as palavras e os actos dos dirigentes rebeldes mostram que elles tinham grandes esperanças de que a Allemanha os auxiliasse com homens e, o que era mais importante, com fornecimento de artilharia pesada, munições e equipamentos. As provas do ponto a que as coisas haviam chegado estão nas mãos do governo sul-africano. Virão a publico quando chegar o momento opportuno.

Todavia, é bom não dar demasiada importancia a essas machinações do inimigo. Havia elementos na Africa do Sul que trabalhavam para uma rebellião muito antes de agosto de 1914. Se ella rebentaria ou não mesmo que se não declarasse a guerra é incerto. O que é certo é que a rebellião foi uma consequencia natural dos seus manejos e que a intriga allemã foi a faisca que incendiou o material que desde longo tempo vinha sendo accumulado.

A rebellião sul-africana foi um movimento politico chegado ao seu extremo logico. A sua significação militar foi ligeira, embora pudesse ter sido muito mais seria. Nem mesmo como campanha pode ter demasiado interesse para os que seguem a guerra minuciosamente, mas tem interesse porque concorreu para a Allemanha perder completamente todas as suas colonias.

A historia da raça hollandeza na

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1303 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães · Editor—Camillo Sousa e Almeida · Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 9 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL · Composição—Rua do Norte, 5, 1.º · Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

No Parlamento

Estão pendentes do Parlamento tres questões importantes. A primeira é a do orçamento, a segunda a dos vinhos e a terceira a cerealifera.

Comprehende-se, e é mesmo louvavel que se deseje discutil-as escrupulosamente. Mas tambem não soffre duvida de que, sobretudo, as ultimas necessitam uma resolução não só rapida, mas urgente.

Se o estudo d'essas questões é necessario, a sua solução ainda o é mais. A discussão do orçamento poderá ir até ao fim do mez, e porventura prolongar-se ainda mais. Mas a discussão da questão dos vinhos e a da questão cerealifera não podem soffrer dilação. Correspondem a necessidades instantes, que de dia para dia mais se aggravam.

A questão dos vinhos já originou lamentaveis acontecimentos. Correu sangue, devido a um equivoco ou a perversas manobras de especuladores de aguas turvas. Determinou agitações e protestos que não podem sepultar-se sob a indifferença dos dirigentes. Tem de ser resolvida, porque se o não fôr com rapidez poderá ter ainda funestissimas consequencias.

A questão cerealifera não é menos instante. Interessa á alimentação publica nas suas bases essenciaes. Não é optimismo exaggerado, é manifesta miseria pensar que o povo póde continuar na situação actual, producto do aggravamento do preço das subsistencias. Não ha nada que não tenha um limite, e esse limite deve estar proximo a attingir-se. As difficuldades economicas das classes trabalhadoras estão evidentemente chegando ao seu auge.

O Parlamento mostra-se cioso das suas attribuições. Não lh'o levaremos a mal, mas para que tenha a auctoridade precisa para reivindicar todos os seus direitos, forçoso se torna que demonstre a noção de todos os seus deveres. Representante do povo, elle não póde ignorar, nem ignora, a má situação economica das classes populares. E' preciso que se preoccupe com a miseria publica e que se capacite de que um remedio só é util no momento apropriado. Quando se chega a um certo estado, de nada já póde valer.

Não se trata de limitar a discussão, não se trata de impedir o exame. O que é preciso é limitar a expressão das opiniões. Que quem tem de falar, fale para dizer coisas aproveitaveis, mas não para diluir um pensamento, quando esse pensamento existe, o que nem sempre succede, n'uma catadupa de phrases mal alinhavadas ou bombasticamente rethorica. No parlamento inglez, não ha questão que não seja examinada em todos os seus prismas, debatida em todos os seus aspectos. Mas o resultado d'esse exame, os argumentos d'esses debates exprimem-se n'uma linguagem sobria, que em nada lhes prejudica a clareza ou a força.

No parlamento portuguez as questões arrastam-se. Algumas podem adaptar-se a esse processo; outras, não. As que o parlamento tem agora que resolver não são susceptiveis de dilações.

Poeira da Arcada

A' viuva e filhos de um benemerito da corporação dos bombeiros municipaes, chefe Gravata, concedeu em tempos a camara uma pensão mensal de dez escudos. Coisa modesta, mas emfim... Apenas os serviços de beneficencia do municipio passaram para Provedoria Central, os dez escudos desceram a cinco, depois a um e meio e por fim a zero. A familia do obscuro mas heroico luctador, que uma precaria protecção, durante uns annos, cobrira contra a miseria, encontra-se agora n'uma situação que tem tanto de molesta como de injusta. Não haverá meio de a remediar, tanto mais que se trata simplesmente de pagar uma divida sagrada por todos os titulos?

***

E' extraordinario o numero de presos que se evadem das prisões do paiz. As noticias da provincia veem sempre salpicadas de casos de evasão. Cadeias que não offerecem suguranca, vigilancia descuidada ou somnolenta facilitam aos detidos o evadirem-se promptamente a um regimen que não se coaduna com a sua alma parabolica, com a paixão inveterada dos giros na zona vedada da delictuagem. Os inconvenientes são manifestos, porque ordinariamente quem foge ao castigo, por haver commettido um crime, descobre-se depressa, tentando proezas maiores. Não dará bem para a pena embaraçar actividades tão contrarias á segurança das pessoas e ao respeito da propriedade?

***

Logo de manhã, ao passarmos os olhos por um jornal, lêmos—O crime de um guarda-portão. Mais um caso de selvageria, succedendo a uma serie quasi diaria de façanhas repellentes que o odio perpetra, para não deixar esmorecer as suas paisagens malditas. A politica, o amor, a avareza, a vaidade, a loucura, a raiva, o vinho não se cançam em demonstrar-se pintores de quadros tristes. As boas qualidades, a honra, o trabalho, a economia e o culto da familia encolhem-se o mais que podem, para não tolherem, nas paginas dos jornaes, o espaço que aos facinoras pertence. E' talvez por causa d'isto que chamam ao nosso tempo uma epoca de transição...

Uma remodelação indispensavel

Os preços do registo civil são exaggerados: urge diminui-os —Uma proposta n'esse sentido

O sr. dr. Daniel Rodrigues vae apresentar ao Senado um projecto de lei concedendo ao governo auctorisação para até ao dia 2 de dezembro futuro remodelar a lei do Registo Civil, no sentido de baratear os actos do mesmo registo e revestil-os da conveniente decencia e solemnidade, quanto aos funccionarios que os realisa e como ao local onde tenham de se realisar.

O mesmo projecto estabelece diversas classes no funccionalismo do Registo Civil e especialmente em Lisboa e Porto dividindo as conservatorias em secções com o fim de tornar a realisação dos actos mais commoda para o publico.

E lá se vão os adivinhões!

Um projecto contra os que exercem illegalmnete a medicina e os que fazem profissão de bruxaria

O sr. Daniel Rodrigues tenciona apresentar ao parlamento uma proposta que tende a reprimir energicamente o exercicio ilegal de medicina e pharmacia, punindo rigorosamente todos os que, attribuindo-se faculdades excepcionaes, ou pacto com poderes occultos, ou conhecimento de artes maravilhosas (a astrologia, a cartomancia, a chiromancia, o espiritismo, o sonambulismo, o magnetismo animal, a feitiçaria e analogos artificios) exerçam a profissão de curar, de adivinhar ou produzir determinados acontecimentos e promover a felicidade ou desgraça de outrom.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

A Bolsa de Trabalho

O que se pensa a seu respeito?

A fiscalisação do cumprimento da lei dos accidentes

A classe operaria interessa-se naturalmente pela forma como se organisou e pretende funccionar a Bolsa de Trabalho e ainda pela nomeação dos fiscaes incumbidos de vigiar pelo cumprimento da lei dos accidentes. Ouvimos a tal respeito um operario que milita nas fileiras sindicaes. Eis a sua opinião, francamente exposta:

—A Bolsa de Trabalho apenas superficialmente póde servir as classes operarias. O fim que se propõe só com muita difficuldade póde ser attingido. Na maioria dos casos, os operarios não precisam da Bolsa porque o mercado da offerta e da procura de trabalho se faz em condições extremamente acanhadas e sem necessidade de intermediarios.

«O que a Bolsa não tem feito, e convinha que fizesse, é acabar com as agencias de criadas de servir, cosia monstruosa sob o ponto de vista da exploração e da immoralidade. A's associações de classe femininas cumpria tomar a peito a organisação na Bolsa de Trabalho d'um escriptorio de collocações para as mulheres pertencentes ás associações referidas. A Bolsa prestaria talvez assim bons serviços á mulher que precisa de melhorar as suas condições moraes, economicas e sociaes, como tem succedido lá fóra.

«Quanto á regulamentação da Bolsa de Trabalho, devo dizer que, inimigos como somos, em principio, de toda a intervenção directa, official ou governativa, em assumptos operarios, não concordâmos nem podiamos concordar com o facto da nomeação dos delegados operarios para a regulamentação da Bolsa de Trabalho se feita officialmente. Entendemos que deve pertencer ás associações de classe, porque nem todos os operarios indicados para a regulamentação gozam da confiança das classes trabalhadoras, o que tira o prestigio ao seu trabalho por mais bem intencionado que elle seja. As associações de classe só teem a capacidade indispensavel para indicarem quem melhor possa defender os seus interesses ou não teem razão de existir. Foi um erro grave não terem sido chamadas especialmente as associações de classe femininas a escolher representantes que acautelassem os seus interesses na Bolsa de Trabalho.

«Quanto á nomeação de fiscaes operarios para fazer cumprir a lei dos accidentes de trabalho, consta que vão por ahi o demonio e que fervilham empenhos, criticando-se a attitude dos que pretendem ser nomeados officialmente, visto que essa indicação devia ser feita pelas associações de classe. Ninguem melhor do que ellas póde, com effeito, indigitar os individuos e as condições em que devem ser nomeados. Não é de estranhar que se venham a produzir escandalos por esse motivo e appareçam protestos contra as nomeações que não sejam obra das associações de classe.»

Migalhas

A pobreza

Nas suas predicções, Edison, o genio americano, affirmou peremptoriamente que d'aqui por cincoenta annos já não haverá pobresa n'este mundo. Convem não duvidar do que diz esse homem de sciencia, pois os que tivessem negado que se pudesse conversar com um amigo distante por um fio d'arame ligado ao meio por uma menina malcreada, estariam a estas horas solemnemente encavacados.

Edison não disse anida por meio de que apparelhos será a pobresa banida d'este mundo. Será pelo riquezóphone, pela alimentação sem fios ou propõe-se elle electrocutar todos os individuos que não provem viver dos seus rendimentos ou dos alheios?

O que devemos confessar é que a abolição da pobresa vae modificar singularmente os habitos d'este mundo. D'essa feita ficam á boa vida os operarios sem trabalho, os chefes de familia actualmente desempregados, os procuradores geraes de corôas, todos, emfim, que fazem da pobreza a fonte das suas receitas. Acaba-se o prazer da esmola e o gozo espiritual de lêr o livro de Job. Sumir-se-hão de vez os casamentos de interesse, os sacrificios pelos amigos, as acções benemeritas e todos os actos, emfim, que approximam os que teem dinheiro dos que o não teem.

O mundo que tem tido tantas fases, passará a ter uma outra ainda e terminados os conflictos entre os repletos e os faminitos, só quero que me digam o que se ha de fazer á commissão de subsistencias que, n'esta altura, d'aqui a meio seculo, estará a passar a limpo as suas conclusões.

André Brun.

O presidente eleito

Cumprimentos e telegrammas de felicitação

O sr. dr. Bernardino Machado recebeu hoje os cumprimentos dos srs. Guerra Junqueiro, Correia Barreto e Brito Camacho e de varios dos excursionistas que do Porto vieram hontem, além dos de varias individualidades parlamentares, funccionarios publicos, etc.

A noticia da eleição do sr. dr. Bernardino Machado foi recebida no Brazil com grande enthusiasmo. Foi recebido d'ali o seguinte telegramma:

RIO DE JANEIRO, 7.—Cumprimentos pela sua eleição e votos de felicidade pelo seu governo.—*Urbano Santos*, vice-presidente da Republica brazileira.

As familias Hermes da Fonseca e barão de Teffé dirigiram ao futuro chefe do estado portuguez o seguinte telegramma:

RIO DE JANEIRO, 7.—Votos de inalteravel felicidade.

Do territorio da grande republica irmã recebeu ainda o sr. dr. Bernardino Machado telegrammas dos srs.:

Dr. Seabra, governador do Estado da Bahia; João Lago, director do *Paiz*, do Rio de Janeiro; de Leite Coutinho Constante, do Rio de Janeiro; de Sousa Vaz e esposa, idem; de José Carlos Rodrigues, idem; director do *Jornal do Commercio*, de Narciso Ernesto, idem; do Centro Beneficente Bernardino Machado, idem; de Meira Senna, idem; da direcção do Gremio Republicano Portuguez; do senador Antonio Azeredo; da firma Gonçalves Zenha & C.ª, do Rio de Janeiro; da redacção do jornal a *Rua*, idem; da Camara do Commercio, idem; de Victor Gonçalves, idem; de Pedro Miranda, idem; de Garrido, consul, e Olympio, chanceller, de S. Paulo; de Julio Costa, idem; de Antonio dos Santos Costa, idem; do emprezario José Loureiro, idem; de Francisco Pinto, de Pernambuco; de Oran Pacheco, do Maranhão; de Domingo Monteiro, do Rio de Janeiro; de Julião Machado, idem; de Cunha Porto, de Pernambuco; do consul de Portugal em Coritiba; de Sá Junior, do Rio de Janeiro; de F. Ribeiro de Mello, Corityba; de Santos e Costa, de Rio de Janeiro; de Brandão Paes, idem; de Alvaro Machado, idem; de Coelho Silva, antigo governador, idem; do Centro Republicano de S. Paulo; de Fataça, director do *Portugal Moderno*, do Rio; do chanceller Figueiredo, da Bahia; de Paulo Pronteu e esposa, do Rio; de Daniel Correia, da Bahia; do senador Francisco Glycenio, chefe do partido das maiorias parlamentares.

Pinheiro Machado endereçou ao presidente eleito o seguinte telegramma hoje recebido:

RIO DE JANEIRO, 8.—Dou-lhe a v. ex.ª os meus parabens pelo acertado acto do congresso portuguez, escolhendo o emerito patriota para dirigir os destinos d'essa joven e intrepida Republica. Affectuoso abraço.—*Pinheiro Machado.*

Os representantes do corpo diplomatico, ausentes de Lisboa, cumprimentaram por telegramma o sr. dr. Bernardino Marchado: O sr. Baldomero Sagastume, ministro da Argentina, de Lausane, mr. Le Ghait, ministro da Belgica, de Cascaes; sir Thomas H. Bialle, ministro da America, de Cascaes.

Dos nossos ministros no estrangeiro o presidente da Republica recebeu telegrammas de Eusebio Leão, dr. Duarte Leite, embaixador no Brazil; de Roma, Augusto de Vasconcellos, S. Sebastian; Teixeira Gomes, Londres; Bartholomeu Ferreira, Haya.

O encalhe do "Republica,,

Poderá salvar-se o navio?

E' duvidoso—declara-nos um official superior da armada

O acaso fez com que se nos deparasse esta tarde, á sahida do ministerio da marinha, um dos mais distinctos officiaes superiores da nossa armada, cuja vasta erudição sobre assumptos nauticos é quasi proverbial. Não quizemos perder tão excellente opportunidade e, á queima-roupa, desfechamos-lhe esta pergunta:

—Na sua opinião: o «Republica» salvar-se-ha?

Meneou a cabeça, n'um gesto levemente desolado, replicando:

—E' difficil, muito difficil, sobretudo, por se não dispôr do perfeito «outillage» indispensavel a estas coisas. O navio está nas pedras, muitas das chapas do costado alluiram o sufficiente para dar origem a veios d'agua, que inunda já os paioes de vante. Officiaes que regressaram esta manhã do local do sinistro vinham um tanto desanimados, porque o cruzador parece que «eukistou» na terra...

—Informaram-nos, porém, que se ia tentar pôl-o a nado com auxilio de barricas vasias...

—Isso é um processo antigo em cuja efficacia não creio muito n'este caso. O que ha a fazer é conseguir-se a vinda de um potente rebocador de alto mar, dotado de bombas de grande rendimento, que esgotem a agua dos paioes mais depressa do que ella para lá entra. Não sendo assim, não vejo, francamente, possibilidade alguma de salvar o navio. A não ser...

—A não ser... repetimos, com natural anciedade.

—A não ser que se consiga calafetar com meios de fortuna uma ou outra fenda onde os rebites tenham dado de si, usando *por exemplo* os colchões de cautchú, que se adaptam ao costado por effeito da propria pressão da agua, e se esgotem depois os paioes de vante. Estamos agora em vesperas de maré de aguas vivas. A agua cresce até ao proximo dia 12; é uma excellente occasião de tentar o salvamento. Isto, é claro, se não se levantar tempo até lá, porque, por pouco que a po até lá, porque por pouco que a vaga rebente no local do encalhe, o navio desfaz-se em poucas horas.

—A sua impressão é pois que o cruzador...

—...que o cruzador está perdido, se não conseguirem safal-o o mais tardar até d'aqui a tres dias. «Voilá...»

O cholera na Austria

MADRID, 7.—A *Gazeta Official* annuncia que o cholera se apresentou com caracter alarmante na alta e na baixa Austria e Bohemia e particularmente na Hungria.—(*Havas*).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

EM TORNO DA GUERRA

O imperio britannico e o primeiro anniversario

A victoria final é a suprema e inabalavel aspiração de todos os inglezes e dos povos com elle unidos

Londres, 5 de agosto

O anniversario do começo da guerra foi hontem celebrado em todo o Reino Unido com grande enthusiasmo, o que mais uma vez veiu affirmar a inquebrantavel vontade da Grã-Bretanha em proseguir as hostilidades até ao definitivo esmagamento do inimigo.

Em Londres, o rei, a rainha e a rainha viuva percorreram, em carruagem descoberta, por entre calorosas acclamações da enorme multidão, as ruas que vão do palacio á cathedral de S. Paulo, onde teve logar um serviço religioso. No percurso não havia tropa alguma, nem mesmo bandas militares.

Na cathedral

Na cathedral prégou o arcebispo de Canterbury sobre o texto «Não desfalleçam; sejam firmes na fé e sejam fortes».

A cerimonia religiosa que teve logar em S. Paulo será inolvidavel não só pela solemnidade de que foi revestida, mas tambem pela sua significação. Foi uma prece pela victoria das armas inglezas e dos alliados, apresentando a cerimonia um caracter de manifestação militar. O rei trajava de kaki; assistiram á cerimonia lord Kitchener, muitos officiaes, quasi todos os ministros e todos os diplomatas dos paizes alliados. O sr. de Fleurian, conselheiro da embaixada de França, e o coronel La Panouse, addido militar, representavam a embaixada da França, na ausencia do sr. Cambon. O grão-duque Miguel e a condessa Torby, sua esposa, foram acclamados pela multidão, que assim testemunhava a sua viva sympathia e a admiração pelo exercito russo na heroica lucta que actualmente sustenta. Ao sahir da cathedral, o addido militar de França, que trajava o uniforme de coronel de dragões, foi reconhecido pelo povo, que lhe fez uma enthusiastica ovação.

No bairro commercial, cessaram todas as transacções ao meio dia.

A ordem do dia determina a continuação da guerra

A' tarde produziu-se uma impressionante manifestação solemne. Todo o imperio britannico levantou a voz para affirmar á face do mundo que: «n'aquelle dia, anniversario da declaração de uma guerra justa, o imperio proclama a sua vontade inflexivel de proseguir até ao final triumpho, na lucta em defeza do ideal de liberdade e de justiça que, para os alliados, constitue uma causa commum e sagrada».

Tal é o texto da ordem do dia approvada por unanimidade por todos os inglezes em todas as capitaes, cidades, villas, aldeias, e logares das Ilhas Britannicas, da Australia, da Nova Zelandia, do Egypto, da Africa do Sul, de todos os territorios onde tremula o pavilhão inglez.

E assim, solemnemente se fez saber ao inimigo, aos alliados, ao mundo inteiro que é resolução inabalavel da Inglaterra não depor as armas emquanto estas não lhe tenham assegurado a triumphal victoria sobre a Allemanha.

As conferencias

Entre os oradores citam-se: em Folkstone, os srs. Bonar Law e o general Sam Hughes; em Bath, o sr. Walter Long; em Hove, sir Edward Carson; em Redcar, o sr. Herbert Samuel; em Camberwell, o sr. Macnamara; em Battersea, lord Hugh Cecil; em Holborn, o jornalista e deputado irlandez sr. O'Connor; na London Opera House, lord Crewe, o sr. Balfour e o primeiro ministro do Canadá, sir R. Borden. O alto commissario da Australia e o agente geral da Nova Galles do Sul tambem, n'outros bairros londrinos, falaram sobre a ordem do dia, e mais de trezentos membros do Parlamento falaram sobre o mesmo thema, em differentes localidades do Reino Unido.

A nota predominante das differentes manifestações foi a confiança, por toda a parte se está certo da victoria, e determinado a cooperar com todas as forças na grande obra do restabelecimento do direito e da justiça no mundo. Foi esta a significação e o alcance da grande manifestação britannica de hoje.

No *Music hall* do Coliseu no decorrer das representações da tarde e da noite, foi reproduzida em projecção sobre o alvo o texto da ordem do dia determinando a continuação da guerra, o que provocou enthusiasticas acclamações dos espectadores que entoavam em côro o himno nacional.

O discurso do sr. Balfour

Na London Opera House, cuja sala estava repleta, o auditorio manifestou um enthusiasmo delirante. Presidiu lord Crewe, ladeado por sir Borden e sr. Balfour, tendo sido á chegada, este ultimo recebido com uma ovação frenetica pela assistencia que de pé, entoou a canção popular «For he is a jolly good fellow».

O sr. Balfour, usando da palavra, exprimiu-se nos seguintes termos:

«Seria ocioso avivar no espirito do auditorio que a resolução tomada pela Gran-Bretanha de proseguir na guerra até ao fim é inabalavel e se tornou mais forte do que nunca o foi; mas não é só a resolução que se tornou inabalavel, é tambem a confiança na victoria final.

Apesar da sua providencia e infinita capacidade de trabalho, os allemães n'esta guerra teem commettido erros sobre erros nos seus calculos; salvo no referente á importancia das munições e da artilharia pesada, todos os seus calculos lhe sahiram errados.

Com certeza, se os que hoje veem affirmar-nos que nunca desejaram a guerra tivessem previsto o caminho que as coisas tomaram e que não tinham sobre os acontecimentos o poder que julgavam, nem um só homem teria sido deslocado; nem um unico soldado teria sido mobilisado, nem uma só vida, entre os Uraes e as aguas do Biscaya, teria sido sacrificada.

Se a Gran-Bretanha se tivesse conservado alheia ao conflicto, as esquadras alliadas não teriam tido superioridade sobre as do inimigo. E' fóra de duvida que por fim esta circumstancia teria sido fatal á Inglaterra, mas para aquelles que nos orgulhamos de chamar nossos alliados, teria sido fatal logo ao termo de alguns mezes.

O facto de nunca ter estado o dominio dos mares nas mesmas mãos que mantinham o predominio militar salvou o mundo das garras de uma tirannia tal como elle nunca conheceu.

Nunca tivemos a pretensão, e bem o sabem aquelles para quem a nossa assistencia era preciosa, de termos á nossa disposição um grande exercito permanente; diziamos que poderiamos enviar 160:000 homens. A nossa offerta foi acceita com gratidão extrema.

O que succedeu? As perdas dos bravos combatentes que tinham partido para a fronteira são superiores ao total das forças que tinhamos promettido enviar. O que temos feito ultrapassa já, e muito, o que primitivamente de nós se esperava; e o que temos feito é apenas uma parte do que vamos fazer ainda. (Muitos applausos).

Não despedimos até agora os nossos raios, ainda não estamos aptos para enviar para o continente todas as nossas forças. A Historia dirá que este paiz, que sob o ponto de vista maritimo desempenhou o seu papel, não deixou de fornecer o seu maximo esforço sob o ponto de vista militar, ultrapassando em muito o que os seus criticos e amigos esperavam d'elle. (Muitos applausos).

Nós que, desde tempos immemoriaes, temos sido o campeão da liberdade sabemos que nos compromettemos a defender uma causa sagrada. E n'estas condições todos nós subscrevemos esta ordem do dia».

Discurso do primeiro ministro do Canadá

Sir R. Bordon, primeiro ministro canadeano, usando da palavra a seguir, congratulou-se por aquella manifestação da unidade do imperio britannico. Disse que a coragem, a iniciativa e o espirito inventivo das tropas coloniaes e das britannicas, principalmente dos aviadores, demonstram a falsidade da accusação de decadencia lançada contra os inglezes.

A retirada de Mons,—disse sir R. Borden—foi um feito de inapagavel gloria. Mas é inutil falar do passado; olhemos para o futuro e procedamos de maneira que não soffrâmos decepções. A victoria é certa.

Leu depois uma mensagem do povo canadeano dizendo que o triumpho é certo, e affirmando a inflexivel determinação d'aquelle povo a dar o seu esforço maximo.

Apresentada a resolução, foi esta approvada por acclamação.

Discurso de sir E. Carzon

No discurso que pronunciou, em Hove, sir Edward Carzon fez uma alcorose

---

FOLHETIM D'A CAPITAL—9-8-915

CHRONICA MUSICAL

Tenções e debates

Entre os generos liricos subjectivos ha uma variedade que apresenta um caracter especial, absolutamente diverso, na fórma, de qualquer d'aquelles em que temos falado: é a tenção, «tenso».

A diversidade d'estas canções em relação ás outras é puramente formal, pois, pela sua essencia, ellas pertencem ao grupo das canções moraes e politicas. A sua origem é mesmo a sirventa.

Acontecia ás vezes que um trovador, não concordando com as ideias que um outro expendia n'uma sirventa, lhe replicava em outra, que da primeira conservava a versificação e a melodia. Mais tarde esta discussão fazia-se na mesma canção, alternando-se os dois poetas, cada um dos quaes fazia uma estrofe em que replicava ao outro: é isto a «tenção», uma conversação em musica, sobre uma questão galante ou facto politico de actualidade.

Não é, porém, indispensavel que os auctores sejam de facto dois: muitas vezes é o mesmo quem faz toda a tenção, figurando um interlocutor: é d'este genero a do monge de Montaudon, em que este discute com o Padre Eterno ácerca do costume que as mulheres teem de se pintar; n'outras ha realmente dois auctores, como n'aquella em que Jacques d'Amiens se queixa a Colin Muset dos seus desgostos de amor, aconselhando-o este «a dar o coração, como elle proprio fez, ao capão com molho de alho, ao bolo branco como flor e aos bons bocados que se comem diante d'um bom lume.»

Uma outra especie de canção dialogada é o debate, chamado pelos trovadores «partimen», pelos troveiros «parture», e que mais tarde tomou o nome de «joc partit» («jeux-partis»)

Aqui já não se trata d'uma discussão livre como na «tenção», mas da resolução d'um problema que o primeiro trovador apresenta, problema que tem duas soluções, de modo que o poeta que propõe a alternativa, que «parte o jogo», defende a solução contraria á que o outro sustenta: é uma habilidade dialéctica, em que a vivacidade e a esperteza teem mais importancia que o estro poetico-musical.

Os problemas propostos eram sempre extravagantes, sendo egualmente difficil defender uma ou outra solução. Citaremos alguns exemplos:

Qual é mais capaz de amar, a mulher que, por prudencia, prohibe ao seu amigo que appareça n'um torneio, ou aquella que, por orgulho, lhe ordena que n'elle brilhe?

Que é preferivel, ir visitar a sua dama de dia e a pé, ou a cavallo por uma noite de neve?

De dois amantes qual é o menos desgraçado, o que perdeu a vista ou o que perdeu o ouvido? O cego, acabam os trovadores por concluir.

Colart propõe a Mahieu de Gand este debate: dos trez estados, monge, casado e solteiro, qual vale mais? Concordam por fim que é o de solteiro.

O que deve desejar-se, lêr claramente no coração da sua dama ou não ter nada occulto para ella?

Gillebert de Berneville pergunta a Thomas Herier se era capaz de sacrificar á esperança d'uma opulenta herança o prazer de comer hervilhas com toucinho.

Supponha, diz Henri Amion a Mahieu de Gand, que eu sou o amante feliz d'uma dama: que seria mais desagradavel para mim, ser batido por causa d'ella e na sua presença por minha mulher, ou ver o marido bater-lhe por minha causa?

João d'Estruen pergunta a Colart se deve amar uma mulher que promette arranjar-lhe o cabello ou outra que quer pentear-lhe a barba debaixo do queixo.

Qual é a virtude mais preciosa para um cavalleiro—pergunta Pierre Mauclerc a Bernard de la Ferté—a proeza ou a liberalidade?

O que é preferivel, possuir uma amante sem a ver nem lhe falar, ou ter toda a liberdade de a ver e lhe falar sem esperança de a possuir?

Não posso recuperar as boas graças d'aquella que amo, senão dando-lhe muita pancada. Aconselhaes-me que o faça?—pergunta Hue a Robert. Ao que este responde: «Não hesiteis».

Como se vê, as theses dos debates attingem por vezes os limites do disparate. Ao principio, natural é que este genero tenha sido um jogo de sala, um torneio de espirito, em que se avaliava a vivacidade e intelligencia das réplicas; este divertimento de sociedade foi conhecido na Provença. Depois, o genero foi-se alargando, tomando uma maior importancia lirica, até produzir obras de relativo desenvolvimento; mas, como os assumptos se iam esgotando, tiveram os trovadores que recorrer a problemas cada vez mais extravagantes, chegando aos francamente ridiculos. N'uma altura já avançada da sua evolução, ha nos debates um manifesto proposito satirico de ridicularisar o genero: isto nota-se principalmente nos da escola artesiana. Os troveiros de Arras, já porque eram burguezes, já porque eram de temperamento muito diverso do dos homens do sul, tratavam a cortesia d'uma maneira irrisória, fazendo verdadeiras paródias do genero. Diz Jeanroy, falando dos debates:

«O genero pertence manifestamente a uma época em que já não se tomam a sério as ideaes concepções que tinham encantado o fim do seculo XII e pressagia a ruina da poesia que essas concepções alimentavam. Este genero é, comtudo, a muitos titulos interessante: em primeiro logar, é curioso ver o espirito de discussão e de chicana, até então privativo das escolas, apparecer na sociedade laica. Seria talvez imprudente procurar nos debates documentos sobre os processos da dialectica de idade-média; com effeito, os sofismas e artificios de discussão, que não são raros, eram sem duvida conformes ás regras do genero.»

Problema importante, que ainda não alcançou solução universalmente acceita, é o do «modus faciendi» dos debates. Para os historiadores da litteratura não ha duvidas: Joseph Bédier, no curso de poesia lirica da idade-média, professado em 1904 no Collegio de França, admitte que a fórma sábia dos «jeux-partis» afasta a hypothese das estrófes terem sido improvisadas e considéra assente que estas poesias são realmente obra de dois poetas que cantam perante uma nobre assistencia ou diante d'uma assembleia de confrades. Jeanroy tem opinião identica:

«Os «jeux-partis» parecem ter sido compostos realmente por dois (ou ás vezes trez e até quatro) poetas differentes: as frequentes allusões, quasi sempre satiricas, ao caracter, á profissão, mesmo no fisico dos interlocutores, assim como a aspereza de certas réplicas, excluem a hypothese inversa.»

Para os musicólogos o problema não se resolve tão facilmente, rejeitando alguns em absoluto a solução dada pelos historiadores litterarios. Assim, Aubry, analisando esta solução, pergunta de qual dos poetas é a musica, ou se, além dos poetas, ainda ha que admittir a hypothese d'um novo collaborador só para ella. Não sendo verosimil este hypothese, Aubry é de opinião que o debate é uma ficção e que é o mesmo poeta musico, ainda mais sofista do que parece, quem sustenta sósinho as duas opiniões contrarias; isto se deduz da obra melódica que faz apparecer a unidade de composição.

Não nos parece que o raciocinio de Aubry destrua os poderosos argumentos dos historiadores da litteratura; nem a questão musical é tão importante como Aubry a pretende, por isso que nos debates, como em todas as canções, todas as estrófes se cantam com a melodia da primeira: natural é, portanto, que a musica seja do trovador que abre o debate, o que não exclue a possibilidade do outro tambem ter uma melodia sua, como parece depreender-se do facto de certos debates terem uma melodia n'um cancioneiro e outra n'outro.

Como quer que seja, parece-nos indubitavel que os debates sejam uma verdadeira discussão entre poetas, um torneio poetico-musical, em que se aprecia principalmente o espirito sofistico dos auctores.

Humberto de Avellar

elogio do lord Kitchener, «o melhor juiz, —disse o orador—das necessidades nacionaes, em quem é preciso continuar a ter a mais absoluta confiança».

E sir Curzon accrescentou:

Aos que declaram não consentir nunca no serviço obrigatorio, pergunto se persistirão n'esta attitude se só lhes disser que é impossivel alcançar a victoria se o paiz não tomar a resolução de obtel-a. A Inglaterra tem que deixar de observar com um excessivo escrupulo antiquados methodos, absolutamente futeis em tempos de guerra. Todas as medidas relativas á organisação militar do paiz que lord Kitchener entenda necessarias ser-lhe-hão permittidas.

Torna-se egualmente necessario accentuar a declaração feita pelo sr. Bonar Law: «combinou-se que quando chegue o momento de encetar as negociações para a paz, sejam admittidos os governos das colonias a darem o seu parecer».

Discurso do sr. Bonar Law

Em Folkstone, fez o sr. Bonar Law o elogio das tropas britannicas que se batem em França:

O despotismo militar dispondo de todos os recursos da sciencia—declarou o orador—jámais prevalecerá contra o direito e contra a humanidade. Tenho esperança em que o resultado d'esta guerra torne para sempre impossivel a qualquer homem ou grupo de homens atirar o mundo para uma lucta sangrenta.

Falando do futuro, dizia o sr. Bonar Law:

Pode o caminho ser extenso e difficil, mas o resultado da lucta não deixa duvidas: é para nós a victoria. E' preciso que saiamos vencedores d'esta guerra, e para isso devemos arriscar todos os nossos homens e todo o nosso ouro. Os allemães repellem na sua frente o exercito russo, não pela superioridade dos seus effectivos, ou pela qualidade dos seus soldados, mas devido á superioridade da sua preparação militar. Isto, porém, vae acabar.

Quanto ás munições, dispõe só o Reino Unido de tantos recursos como todo o imperio germanico, e estes recursos irão de semana para semana sendo utilisados, cada vez mais largamente, até que desappareça a superioridade da Allemanha.

Uma unica possibilidade tinham os allemães de alcançar a victoria: era assignar a paz, em separado, com um ou outro dos alliados. Mas essa mesma possibilidade se lhes escapou pelo compromisso de só em conjuncto assignarem a paz os alliados, para quem os tratados não são inuteis bocados de papel».

No Egipto

O anniversario da declaração de guerra deu occasião a commoventes manifestações franco-inglezas no Cairo e na Alexandria.

As colonias francezas visitaram os cemiterios francezes e inglezes e depuzeram flores sobre as sepulturas dos soldados mortos durante a expedição do Oriente; foram depois aos consulados de França e Inglaterra exprimir os seus ardentes sentimentos de patriotismo, rogando aos consules os transmittissem aos seus respectivos governos.

Os feridos francezes que foram visitar as piramides receberam um enthusiastico acolhimento das tropas inglezas, executando as bandas em sua honra os himnos das duas nações.

Em Shangai

Em um comicio que reuniu 3.000 cidadãos das potencias alliadas, foi tomada hontem a deliberação de se fazerem os maiores sacrificios para ajudar os governos a assegurar a victoria, tendo pronunciado discursos os consules francez, belga, inglez e russo.

Um desastre NA fabrica de Chellas

Dois soldados da guarda republicana gravemente queimados em virtude de uma explosão

Hoje de manhã deu-se na fabrica de polvora em Chellas mais um serio desastre de que resultou ficarem gravemente feridos dois soldados da guarda republicana. Eis como se passou o caso:

Hontem havia seguido para a fabrica uma força de cabo e 6 soldados para render a que ali se encontrava e da qual faziam parte os soldados 37 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, Loios, José Baptista, de 25 annos, solteiro, de Portalegre, filho de José Baptista e de Henriqueta Carrajola, e o n.º 54 da mesma companhia Joaquim Fernandes, de 21 annos, solteiro, de Sernacho do Bomjardim, filho de Manuel Fernandes e de Rosa Assumpção.

Durante a noite e parte da manhã nada se deu de anormal até que pouco depois das 8 horas os dois soldados acima referidos resolveram dar um passeio pelas dependencias da fabrica e jardins. A certa altura, o Joaquim Fernandes encontrou um pequeno caixote fechado. Cheio de curiosidade, tratou de arrombal-o, mas quasi a seguir levantou-se uma grande labareda com grande estampido. Os dois soldados cahiram por terra banhados em sangue. Pessoal da fabrica e alguns camaradas dos feridos correram para o local, a fim de indagarem o que se passára. Apenas descobriram os feridos, trataram de os conduzir de automovel ao hospital de S. José, onde o medico de serviço sr. dr. Alberto Gomes verificou que apresentavam graves queimaduras na cara e mãos, motivo por que o José Baptista deu entrada na enfermaria Souza Martins e o Joaquim Fernandes na de S. Sebastião. Os feridos declararam no hospital que o caixote continha fulminantes, mas tudo leva a crer que eram espoletas.

Companhia do Gaz

A transferencia da Companhia do Gaz para o edificio antigamente occupado pelo Hotel Bragança, na rua Antonio Maria Cardoso, obedece a indicações officiaes, visto não offerecerem segurança as installações actuaes.

O DEUS DIAMANTE

—Vi hoje um broche moderno, disse o poeta, que devia collocar-se n'um muzeu ao lado de qualquer joia da Renascença. As obras d'arte são lições de historia e o artista não foge ao destino que o obriga a darlhes a alma do seu tempo e do seu meio. Eram uns lirios estylizados em esmalte translucido de um rosado moribundo, e d'elles pendia uma perola negra, morbida e informe.

Imagine você o effeito d'esta joia collocada ao lado de um broche que tivesse brilhado no collo magnifico de Victoria Colonna «a divina!»

Mas o professor encolheu os hombros com desdem.

—As joias, declarou elle, não me interessam; irritam-me e entristecem-me. São instrumentos de supplicio que a humanidade tem aperfeiçoado atravez dos tempos; constituem um dos elos mais fortes da cadeia que prende ainda o homem á barbaria. Fazem-me pensar com desgosto nos dentes, nas conchas e nas *pedras furadas* com que os nossos avós prehistoricos se adornavam e nas mutilações e deformações horriveis que os membros de certas tribus selvagens se infligem, sacrificando-se ao supplicio do enfeite. Asseguro-lhe que estas considerações melancholicas desvanecem rapidamente no meu espirito qualquer veleidade de admiração atavica.

—Oh!—exclamou o poeta escandalisado.—Então compára os adornos do homem das cavernas ao nosso diamante?!

—O diamante, respondeu o professor com placidez, é carbone puro. Quando os atomos de carbone se attrahem com symetria para formar o diamante, o minimo incidente nas condições que presidem a este trabalho lento e delicado da natureza o alteram e, em logar da pedra preciosa, produz-se a graphite negra e pulverulenta. O diamante é um fetiche. Representa uma belleza convencional, um valor absurdo e uma inutilidade completa.

—O diamante, disse o poeta com uncção, é uma divindade. Vidas inteiras de milhões de homens teem sido martyrisadas e tragadas na empreza extenuante de o descobrir, no delicado e absorvente trabalho da sua lapidação, no estudo difficilimo da sua composição e das suas propriedades. E elle conserva-se raro, caprichoso e envolvido em mysterio. E' um deus sarcastico, poderoso e cruel. A sua belleza é real e magnifica, o seu poder tenebroso como um abysmo. Tem a soberba magia do Mal em toda a sua grandeza; e por isso nos fascina e nos subjuga. Muitos homens *se arruinam*, se deshonram, praticam monstruosidades, revertem á mais primitiva animalidade n'um brusco accordar de instinctos sanguinarios e atrozes, por amor d'essa pedra de mil faces rutilantes que desencadeia a luxuria, a cubiça, a inveja e que passa de mão em mão, dura, insensivel, immortal e carregada de negros peccados como de uma corôa de gloria. O diamante é uma divindade.

O professor insistiu:

—Tudo isso é sonho, imaginação, absurdo. O diamante é uma crystalisação de carbone puro; Moissan conseguiu...

Mas o poeta, impaciente, não o deixou continuar.

—O que entendem vocês, sabios, do diamante? Imaginam que é um corpo susceptivel de ser estudado? «E' uma crystalisação de carbone puro...» O que significam essas palavras dogmaticas e semsaboronas, applicadas, por exemplo, ao grande Shah que hoje pertence á corôa da Russia e que é um dos doze diamantes illustres cujo incalculavel valor nos assombra e nos aterra e que a historia e a lenda revestiram de sobrenatural prestigio? Era este um dos dois diamantes enormes que guarneciam com muitas outras pedras preciosas o throno do poderoso e sanguinario Nadir-Shah; e á sua volta crearam-se mais grandezas, esplendores, crueldades e crimes do que é possivel caber na imaginação de um occidental do nosso tempo. Quando Nadir foi assassinado pelos persas e o seu thesouro saqueado, o diamante Shah («a lua das montanhas», como esses orientaes hyperbolicamente lhe chamavam) desappareceu durante alguns annos, até que um armenio, um certo Shafras que habitava a cidade de Bassorá, conseguiu apoderar-se d'elle assassinando um mercador que o trazia do Afganistão, e assassinando depois os seus dois proprios irmãos, tal era a sua cubiça, a sua febre devoradora de posse absoluta e exclusiva. Depois de muitas aventuras violentas atravez das côrtes da Europa, Shafras foi parar com o seu thesouro á Russia; e a grande e viciosa Catharina II deixou-se envolver na perigosa encantação do genio perverso que residia no diamante. O ministro, conde Panin, assustado com um preço de tal capricho, quiz obter o Shah por meio de uma traição. Mas Shafras conseguiu fugir; e só mais tarde, em Smyrna, tendo tomado as precauções necessarias á sua segurança, entrou em negociações, obtendo da imperial amiga de Voltaire setecentos mil rublos a troco do celebre diamante de Nadir. Estabeleceu-se então em Astrakan e as suas riquezas foram crescendo até que um dos seus genros o envenenou a fim de herdar mais depressa a parte dos bens que lhe competia. Porém o fructo dos crimes horriveis, das agonias e dos soffrimentos de Shafras, o preço do diamante, em breve se dispersou, se esvaiu como fumo. Existem ainda em Astrakan descendentes de Shafras, mas vegetam na mais sordida e abjecta miseria. Por onde passou, a grande, omnipotente e malefica «Lua das montanhas» deixou o seu rasto de sangue e de abominações; apesar de tudo, os homens continuam a curvar-se á sua frente como um rebanho de escravos adoradores. E a alma divina do diamante ri e triumpha no esplendor dos seus raios dansantes, fugitivos e eternos. Ah! meu amigo! A sciencia desvendou muitos segredos, mas o diamante é ainda e será sempre um mysterio para os pobres mortaes!

—Que quer que lhe faça?—respondeu o professor com desanimo.—Quando uma creança vê subir no ar puro uma bola de sabão... vá lá alguem persuadil-a de que o pequeno globo irisado, brilhante e encantador que parece um mundo, não leva em si escondida, uma alma luminosa de fada!

Virginia de Castro e Almeida

O crime da rua das Flores

O criminoso entrega-se á prisão

Como os jornaes da manhã noticiaram, na rua das Flôres desenrolou-se hontem á noite uma scena de sangue de que resultou ficar gravemente ferido o sapateiro Antonio da Cunha, de 34 annos, de Bordeiro, concelho de Goes. O aggressor, um ex-policia de nome José Feliciano, apoz o crime, recolheu a casa da familia O'Neill, onde é guarda-portão, recusando-se a dar-se á prisão. A policia ficou de guarda á porta, a fim de o prender de manhã.

Pelas 5 horas, batendo a mulher á porta, abriu-lha e entregou-lhe a casa, sahindo em seguida e apresentando-se ao agente Figueiredo, que o levou para o governo civil, onde declarou que se não entregára immediatamente á prisão, por não querer deixar a casa ao abandono.

O ferido continua em estado grave no hospital de S. José.

Vida militar

Com a assistencia do chefe do Estado realisa-se no quartel dos marinheiros o juramento de bandeiras

Com a presença do chefe de Estado, assistindo grande numero de officiaes de terra e mar, realisou-se hoje no quartel de marinheiros a cerimonia da ratificação de juramento da bandeiras. A formatura das novas praças, 78 vindas da escola do norte e 55 da escola de Faro, chegadas no domingo á capital, constituindo um quadrado com a força do quartel, fez-se cerca das 16 horas. A' entrada o sr. dr. Theophilo Braga foi recebido pelo sr. presidente do ministerio e ministro da marinha, Norton de Mattos, ministro da guerra, Freitas Ribeiro, commandante do corpo de marinheiros, governador civil e antigo ministro da marinha, sr. Celestino d'Almeida. O chefe do Estado, acompanhado pelas entidades que aguardavam a sua chegada, encaminhou-se para o pavilhão, que se armou no vasto campo da parada, dando-se começo immediatamente á cerimonia, a que assistiu tambem grande numero de pessoas da classe civil.

Leu os termos do juramento o 2.º tenente Santos Pedro e em seguida o sr. Freitas Ribeiro pronunciou uma vibrante allocução em que enalteceu as virtudes da marinha portugueza e saudou enthusiasticamente a Republica, pela qual a armada está disposta a dar os sacrificios. O sr. dr. Theophilo Braga felicitou o illustre official.

Depois começaram as provas de applicação: manejo d'armas, gymnastica e canto coral. A assistencia applaudiu com toda a justiça as canções entoadas pelos sympathicos marinheiros, tecendo os mais rasgados elogios aos seus instructores.

Por ultimo, segundo o programma, procedeu-se á entrega dos premios. A banda dos marinheiros executou o himno nacional á chegada do chefe do Estado, á apresentação da bandeira, antes do juramento, e ao terminar a patriotica cerimonia, que deixou agradavelmente impressionada toda a assistencia.

NOVIDADES LITTERARIAS

Sem cura possivel, de André Brun, 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Gulliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, de A. Dumas. (Complemento dos «Trez Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»), 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O piano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do Dr. Tolouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

Fallecimentos

Falleceu e foi hoje sepultado o sr. Eduardo Augusto Pereira, membro do conselho fiscal do Banco Commercial de Lisboa.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se o orçamento dos estrangeiros

A' primeira chamada respondem 47 deputados. Preside o sr. Azevedo Coutinho e occupam os logares de secretarios os srs. Balthazar Teixeira e Alfredo Soares. Galerias pouco concorridas. Governo ausente. Lida a acta, a camara approva-a. Lê-se uma carta do sr. Leotte do Rego renunciando o seu logar de deputado. O sr. presidente faz em breves palavras o elogio d'esse deputado, diz que elle tem prestado os maiores serviços á Republica e entende que se deve pedir-lhe que desista do seu intuito. O sr. Ribeira Brava, pela maioria, reforça essas considerações e diz que o sr. Leotte do Rego, não tendo razão para renunciar o seu mandato, deve mudar de tenção porque, fazendo-o, prestará á Republica mais um alto serviço.

O sr. presidente do ministerio communica á camara o naufragio do *Republica*, que ainda se conserva no mesmo sitio, sem que se saiba por ora, se será ou não possivel salval-o. Lamenta que o desastre se haja dado com um official dos mais distinctos da armada portugueza, que á Patria e á Republica tem prestado os maiores serviços. Associam-se ás palavras do sr. presidente do ministerio os srs. Aresta Branco, Simas Machado e Alexandre Braga, em nome dos seus respectivos grupos parlamentares.

O sr. Bernardo Lucas occupa-se de varios abusos da guarda fiscal, a qual, no Porto e em Gaia, leva o seu rigorismo ao ponto de apprehender, como podendo substituir a isca, o algodão trama, que tem applicações certas e definidas. Tal não pode continuar. O sr. ministro das finanças responde que é a primeira vez que ouve falar em abusos praticados pela guarda fiscal do Porto, commandada por um official dos mais distinctos. Até hoje ainda não recebeu reclamações sobre as faltas a que o sr. Bernardo Lucas se referiu. Quanto ao facto da Companhia dos Phosphoros não ter á venda phosphoros baratos, de enxofre, ao qual o sr. Bernardo Lucas se referiu, dirá que a Companhia se desculpa d'isso affirmando que os seus depositarios lh'os não reclamam.

O sr. Alexandre Braga, como juiz que é do Tribunal do Contencioso Fiscal, dá explicações sobre o assumpto. Ha ali, é certo uma reclamação do genero d'aquella a que o sr. Bernardo Lucas se referiu. Mas averiguou-se que se tratava de uma verdadeira falsificação de isca, mascarada com fins industriaes que não eram legitimos nem existiam. Quanto aos phosphoros baratos, o contracto não obriga a companhia a fabrical-os de uma maneira terminante. A companhia tem em deposito grande quantidade d'esses phosphoros, mas a verdade é que os vendedores de phosphoros os não reclamam para os fornecer ao publico, decerto por os phosphoros de maior preço lhes darem maior lucro. Esse facto só se remediaria desde que, por uma providencia especial, se obrigassem os agentes da Companhia a reclamar-lhe os phosphoros de enxofre. Terminando o orador diz que as reclamações não teem razão de ser, visto as apprehensões realisadas, terem sido feitas em estabelecimentos onde se vendem fusis, isqueiros e isca da Companhia. Defende o Contencioso Fiscal das suspeitas, que, porventura, sobre elle recahissem em virtude das palavras do sr. Bernardo Lucas. Este deputado replica que desconhecia os factos a que o sr. Alexandre Braga se referiu e volta a affirmar que a guarda fiscal do Porto e Gaya tem apprehendido algodão em fio que se destina a tudo menos a isca e que se aplica geralmente em obras de passemanaria.

O sr. Alfredo Ladeira chama a attenção do ministro do fomento para o facto dos inspectores de trabalho não saberem como hão de fazer cumprir a lei que regula as horas de trabalho. O sr. Manuel Monteiro replica que fará todos os esforços para que todos os interesses sejam devidamente respeitados. O sr. Nunes Godinho, referindo-se á questão cerealifera, emitte a opinião de que o projecto que a regula deve ser approvado quanto antes. O sr. ministro do fomento concorda, votando-se um requerimento para que o referido projecto continue a ser apreciado na sessão diurna de amanhã.

Na ordem do dia, prosegue a discussão do orçamento do ministerio dos estrangeiros. Falam, apresentando propostas varias, os srs. Urbano Rodrigues e Mesquita de Carvalho. Este ataca com grande violencia a proposta da commissão que cria dois logares de inspectores consulares com a cathegoria de consules geraes de 1.ª classe. Em seu entender trata-se de uma determinação inteiramente descabida, que tem por fim servir, como se diz já lá por fóra, pessoas conhecidas. E admitte-se, porventura, que se pegue em dois individuos quaesquer e se faça d'elles inspectores consulares sem que elles estejam habilitados a exercerem as suas funcções, visto não pertencerem á carreira consular e não poderem entrar no quadro respectivo, por a lei o não permittir? A Camara não pode sanccionar semelhante illegalidade.

O sr. Antonio Macieira procura rebater as affirmações do sr. Mesquita Carvalho, affirmando que os logares de inspectores consulares são necessarios e legalissimamente creados. O sr. Constancio d'Oliveira estranha que o parecer em discussão traga um augmento de despeza superior a vinte cinco contos e verbera esse facto como sendo de pessima administração n'este tempo em que o «deficit» do Estado é enorme.

No Senado

Trata-se da questão do Douro e approva-se o projecto de lei que organisa o quadro dos aspirantes dos telegraphos

A's 14,50 respondem á chamada 20 senadores. Na presidencia o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Paes Abranches. Como de costume, approvada a acta, lê-se o expediente, cuja leitura «pró-forma» ninguem ouve, e vae, por isso mesmo, ao seu destino, sem reparos.

Antes da ordem o sr. Daniel Rodrigues, envia para a mesa dois projectos: um alterando, n'alguns pontos, a lei do registo civil, alterações feitas segundo as reclamações apresentadas contra a lei citada; e outro reprimindo a «industria» dos feiticeiros, curandeiros e droguistas, que exorbitam, em prejuizo dos pharmaceuticos, dos medicos e da saudade publica.

O sr. ministro do interior entra e toma o seu logar na respectiva bancada.

Entra depois em discussão aquelle projecto de lei que ha dias foi enviado ás commissões, e que determina que as classes de primeiros e segundos aspirantes para o quadro de telegraphos sejam respectivamente de 368 logares, promovendo-se 146 «segundos» na effectividade do serviço por ordem da sua antiguidade na classe a «primeiros». Fala largamente sobre elle o sr. dr. Pedro Martins, mas como não haja numero para votações e o sr. Carlos Richter tivesse pedido a palavra para quando estivesse presente algum dos srs. ministros, e como esteja o sr. dr. Manuel Monteiro, tem o sr. Carlos Richter a palavra. O orador refere-se á crise tremenda do Douro e chama a attenção do ministro para o facto dos lavradores d'essa região se verem na necessidade de segurarem os seus armazens em companhias inglezas. Ora no Douro não ha ladrões. Nunca houve ladrões, sendo até habito d'esses lavradores deixarem abertas as portas das suas adegas e dos seus armazens. Se os lavradores do Douro seguram hoje os seus haveres é que a fome esmaga essa região e perturba a sua serenidade. E a fome é má conselheira, e o Douro que descreu dos governos da monarchia póde vir a descrer dos governos republicanos. Isso seria um grave perigo para as proprias instituições que o Douro não quer atacar. E' falso que por lá andem agitadores fomentando a revolta. Não. O que por lá anda é a fome provocando a maior crise porque o Douro tem passado e que é preciso resolver. Para um outro assumpto chama ainda a attenção do governo: para o açambarcamento das aguas-ardentes. E' outro assumpto que o governo tem que resolver e já porque estamos apenas a um mez das vindimas.

O sr. ministro do fomento promette ao sr. Carlos Richter tomar na devida conta o seu pedido quanto ao açambarcamento de aguardentes.

Pelo seu lado o sr. ministro do interior promette tambem cuidar da questão do Douro nos pontos tocados pelo sr. Carlos Richter. Mas que não venha o Douro com imposições de ordem publica!—exclama o sr. dr. Ferreira da Silva. Não. Que o Douro não venha com essa imposição porque se o fizer devolve-lh'a intacta, e a ordem ha de ser mantida.

O sr. Carlos Richter (á parte). Como o foi em Lamego.

O orador, continuando.—Ha de ser mantida seja como fôr. O que eu não tolero, nem admitto são imposições d'essa ordem. Demais a questão foi entregue ao Parlamento, e portanto não pertence ao governo.

O sr. Carlos Richter:—Pois devia pertencer...

O sr. dr. Ferreira da Silva:—Mas pertence e desde que legitimamente, o Parlamento resolverá como fôr de justiça mas sem obedecer a medos, nem a imposições.

O sr. Carlos Richter:—Que eu aliás não fiz. Apenas descrevi a situação afflictiva do Douro.

O sr. dr. Ferreira da Silva:—Perfeitamente de accordo. E o Parlamento resolverá.

Terminado o incidente e havendo já numero, volta-se ao projecto dos aspirantes dos telegraphos, que é approvado na especialidade com larga discussão e ligeiras alterações, falando sobre elle os srs. Paes Gomes, Pedro Martins, Jeronymo de Mattos, Estevam de Vasconcellos, Herculano Galhardo e José Maria Pereira.

A requerimento do sr. Jeronymo de Mattos foi o projecto discutido com prejuizo da ordem do dia.

O sr. Arantes Pedroso requer e é approvado que á commissão de marinha seja aggregado o sr. Mello e Simas.

O sr. Daniel Rodrigues requer que seja votado pelo Senado urgencia e dispensa de regimento para a immediata discussão dos seus projectos no principio da sessão apresentados, logo que a sua inserção se faça no «Diario das sessões». Approvado. E passa-se finalmente á ordem do dia continuando em discussão o orçamento do ministerio do interior, capitulo IV, que o sr. dr. Pedro Martins, que havia ficado com a palavra reservada, analysa, bem como as propostas na ultima sessão apresentadas pelo sr. João Maria da Costa, que já inserimos na integra.

Falam ainda os srs. Paes Gomes, Affonso de Lemos e Daniel Rodrigues, depois do que é encerrada a sessão, sendo a proxima ámanhã com a mesma ordem do dia, continuação d'este orçamento e do do ministerio das finanças.

TRABALHOS DO CONGRESSO

A proposta do sr. ministro da instrucção

creando no Porto uma faculdade de letras e outra de direito

Parece que não será discutida n'esta sessão extraordinaria a proposta de lei do sr. ministro da instrucção que cria na cidade do Porto uma faculdade de direito e outra de letras. Os membros do Congresso entendem que é preciso limitar ao indispensavel os trabalhos parlamentares, por fórma que elles não vão além do fim d'este mez. Assim, devem ficar para a proxima sessão ordinaria quasi todos os projectos pendentes de resolução da Camara, limitando-se esta a discutir e votar agora os orçamentos, o parecer sobre o regimen cerealifero, os projectos relativos á questão do Douro e uma ou outra proposta de caracter urgente.

Um deputado que nos prestou hoje essas informações, accrescentou, referindo-se á proposta de lei do sr. ministro da instrucção:

—Se ella chegasse a ser discutida agora, como o sr. dr. Lopes Martins sollicitou á Camara, eu sei que não faltaria quem a combatesse, tanto da parte da direita como da esquerda. Por menos consideração para com o Porto ou pelo proposito de não acceder ás suas reclamações? Não, era porque a experiencia tem demonstrado que já possuimos, de facto, um consideravel «stock» de bachareis, e seria grave erro pretender augmental-o com a creação de mais uma faculdade de direito.

«O Porto constitue, indubitavelmente, o centro da mais importante zona industrial do paiz. E' uma cidade de trabalho, com uma intensa vida fabril. N'estas condições, o que os seus habitantes devem reclamar dos poderes publicos é a remodelação do ensino profissional, que continua ali a ser deficientissimo. O Instituto Industrial e Commercial devia ser transformado radicalmente, á semelhança do que se fez em Lisboa, creando-se o Instituto Superior Technico e o Instituto Superior do Commercio. No primeiro estabelecer-se-hia o curso de engenharia, com as devidas especialisações após dois annos de frequencia. Esse curso, no Porto, é feito hoje na Academia Polytechnica, mas obedecendo ao systema antigo, sem as vantagens praticas que resultaram da reforma applicada em Lisboa.

«Alem d'essa reforma devia o Porto interessar-se ainda por conseguir o desenvolvimento do ensino medio profissional, que deixa muito a desejar em todo o paiz. Não basta fazer bons engenheiros; é preciso cuidar da preparação dos operarios. Essas escolas praticas, installadas no Porto, seriam muito mais uteis á cidade que as duas faculdades de lettras e direito.

«De resto, eu sou o primeiro a reconhecer as boas intenções que guiaram o sr. dr. Lopes Martins na apresentação da sua proposta, como estou tambem convencido de que s. ex.ª será o primeiro a concordar na sua substituição por uma outra dotada de mais alcance pratico, mais em harmonia com as condições industriaes da cidade do Porto, que é digna, por todos os motivos, de merecer as attenções da Republica.

Noticias parlamentares

Tudo se encaminha, segundo certos zum-zuns que se ouviam hoje por S. Bento, para que o Congresso conclua os seus trabalhos mais cedo do que a principio se julgava. Os trabalhos parlamentares não irão, segundo todas as probabilidades, até ao fim do mez, sendo de crer que terminem entre quinze e vinte do corrente. N'esse sentido estão entaboladas negociações entre o governo e todos os partidos com representação nas duas camaras, sendo de crer que se chegue a um accordo e que, por tal motivo, deixem de ser discutidos certos projectos de lei da mais alta importancia.

* *

Ao que se dizia hoje por S. Bento, os projectos sobre a questão vinicola não serão discutidos ainda n'esta sessão extraordinaria do Congresso. Oppõem-se a isso duas razões, sobretudo a morosidade com que as commissões parlamentares estão apreciando os projectos em questão e o desejo que o governo alimenta de não complicar o problema n'este momento em que as negociações com o governo inglez seguem, ao que se diz, curso favoravel e regular. Entretanto, ás mesas das duas camaras estão chegando todos os dias telegrammas e officios dos interessados pedindo a discussão immediata dos referidos projectos.

* *

A commissão de finanças, reunida hoje, apreciou o projecto sobre a crise vinicola e a questão do Douro, levado ao Parlamento pelo governo, approvando o parecer do relator, sr. Levy Marques da Costa, desfavoravel a esse projecto. Assignaram vencidos esse mesmo parecer, os srs. Rodrigues de Sá, eleito por Vianna; José Maria Gomes, representante de Guimarães e Queiroz Vaz Guedes, eleito por Ponte do Lima.

* *

Na discussão do orçamento dos estrangeiros appareceram hoje propostas reinadias, nas quaes se talha á farta pelos dinheiros publicos e se auctorisa o ministro a supprimir e transformar, como melhor entender, legações consulados e tudo quanto o seu alto criterio repute merecedor de soffrer a acção dos seus talentos administrativos conhecidos.

Conhecidos como são os perigos d'estas auctorisações parlamentares, tudo leva a crêr que a camara não sanccione a proposta que concede aquella que hoje veio pretender abrir no orçamento uma fisgasinha por onde, á sombra d'uma votação pouco ponderada, podem coar-se as mais estranhas surprezas e as mais bizarras determinações...

Dr. Bernardino Machado

O illustre presidente eleito da Republica retribuiu hoje os cumprimentos que lhe foram apresentados pelos membros do governo, pelo embaixador do Brazil e outros representantes de nações estrangeiras e ainda pelo sr. dr. Alexandre Braga, leader da maioria da camara dos deputados.

NOTAS DIVERSAS

Tendo o governador geral interino da provincia de Moçambique insistido pela sua exoneração, regressa brevemente á metropole, ficando o secretario geral encarregado do governo da mesma provincia.

—Os deputados pelo circulo da Guarda conferenciaram hoje demoradamente com o sr. ministro do fomento, sobre assumptos de viação d'aquelle districto.

—Uma commissão de «chauffeurs» de Lisboa e Porto procurou hoje o sr. ministro do fomento a fim de reclamar algumas modificações no regulamento em vigor.

—O sr. ministro da instrucção mandou louvar em portaria o bibliophilo Sousa Larcher, por ter offerecido á Camara Municipal de Leiria a sua bibliotheca particular, que consta de dois a trez mil volumes.

—Reune amanhã ás 15 horas o conselho de turismo, sendo a ordem do dia o parecer referente aos hoteis do Estoril.

PEQUENAS NOTICIAS

Na Companhia do Gaz, onde era operario, appareceu hoje morto, junto d'um dos fornos, Francisco Maria d'Oliveira, morador no convento das Bernardas, 74. O cadaver foi removido para a Morgue.

—Foram mandados entregar ao general da divisão Antonio Ferreira, do Beato, Carlos Antunes, Augusto da Cruz e José Caetano, que estavam presos como implicados na apprehensão de involucros para bombas na vaccaria pertencente ao primeiro preso. Tiveram o mesmo destino Adão Duarte e a sua amante, implicados no caso da rua das Trinas.

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 9.—Communicação official das 3 horas da tarde:

Em Artois, a noite foi movimentada no sector ao norte de Arras. Repellimos um ataque allemão ao norte da estação de Souchez. No sector de Neuville-Saint-Vaast a leste da estrada de Lille, os allemães depois de ter feito explodir uma mina bombardearam violentamente as nossas posições e tentaram sahir das suas trincheiras mas foram immediatamente detidos pelos nossos fogos de infantaria e de artilharia. Em Argonne proximo da estrada de Vienne le Chateau a Binarville, o inimigo atacou á granada e com petardos os nossos postos avançados e as trincheiras visinhas, sendo, porém, rechaçado para as suas linhas pelo nosso fogo. Na parte occidental da floresta, desde Haute-Chevauchée até Vaquois houve durante parte da noite lucta com bombas e granadas e fusilaria. Nos Vosges um novo ataque allemão contra as nossas posições de Liége, feito pela uma hora, foi completamente anniquilado pelo nosso fogo de enfiada, soffrendo o inimigo sensiveis perdas.—(Havas).

As operações em Africa

PARIS, 9.—As columnas francezas que operam a sul e a leste dos Camarões obtiveram um grande successo. A parte do Congo cedida á Allemanha em 1911 vae ser inteiramente reoccupada pelas nossas tropas. E' grande a actividade das nossas tropas na linha de Gadji-Bere-Bimba. Gadji foi evacuada pelos allemães cujo cerco nós continuamos estreitando.—(*Havas*).

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9/16	35 7/16
Londres, 90 d/v.	36 1/16	—
Paris, cheque	$74,8	$75,3
Allemanha, cheque	$28,5	$29,5
Hollanda, cheque	$56,5	$57,5
Madrid, cheque	1$35,5	1$36,7
New York	1$40,5	1$41,1
Rios Londres	12 9/16	—
Libras	6$95	7$05
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,95	39,92
» » 500$	—	—
» » 100$	—	39,95

Obrigações d'Estado: 4 1/2 88-89, coup. 60$; 4 1/2 1912, ouro, 96$.

Externas: 1.ª serie 72$50, 2.ª 71$50 e 3.ª 74$40.

Acções: Banco de Portugal 179$50; Assucar 39$80; C. Nacional dos Caminhos de Ferro 4 2/2; Phosphoros, coup. 56$; Tabacos, coup. 76$.

Obrigações: Aguas, assent. 80$; Prediaes 6 0/0 90$50; Norte e Leste, 1.º grau, 72$90; Beira Alta, 2.º grau, 13$50.

O commendador José de Paiva Soares Diniz

Falleceu

Maria Candida Ramos de Paiva e filhos, Maria José Ribeiro de Paiva e filhos (ausente), Antonio Manuel da Costa Lereno e filhos, participam aos seus parentes e pessoas das suas relações que falleceu seu saudoso irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realisará amanhã 10, ás 11 horas sahindo da Avenida de Berne, 5, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres.
Não se fazem convites especiaes.

SPORT

Os austriacos, muito antes da guerra, já atiravam sobre os apparelhos aereos

Todos falam da preparação, feita durante annos, por allemães e austriacos, para a guerra de agora. Alguns, porém, julgam exaggerada a maneira como se descreve essa preparação. Lá vae um exemplo curioso para documentar que não ha exaggero, mas sim verdade no descriptivo.

«Nos fins de 1913, o aeronauta Rumpalmeyer bateu o «record» do mundo da distancia em espherico, indo de viagem até á Russia onde desceu. Quando passou pela Austria, por cima de Cracovia, succedeu-lhe um incidente desagradavel. Os soldados de Francisco José tomaram-o como ponto de mira e acolheram-o com uma chuva de balas!

«A' sua volta á França verificou, por um processo rigoroso, que o involucro do balão havia recebido 28 perfurações! O ministerio dos negocios estrangeiros francez fez uma reclamação ao ministerio austriaco. Este respondeu com uma nota official em que se comprovava que haviam feito fogo sobre o balão porque estavam dentro dos regulamentos, feitos havia mezes, por decretos imperiaes.

«Os commandantes de corpos receberam ordem do ministerio da guerra para atirar sobre balões dirigiveis, que não obedeçam á intimação de descer.

«Por causa dos repetidos «vôos» por cima das zonas de defeza, dos territorios do 1.º, 10.º e 11.º corpos, feitos por aviadores estrangeiros, deu-se a esses corpos ordem imperiosa de fazer fogo sobre todos os apparelhos de aviação e até sobre esphericos.

«O tiroteio feito sobre o balão espherico francez, que passou sobre uma d'essas zonas, sem obedecer ao signal de baixar, foi feito por este motivo.

«Entretanto, o ministerio da guerra, em attenção ás provas sportivas das sociedades aeronauticas, tomava disposições, a fim de evitar no futuro que façam fogo sobre balões esphericos».

Mais tarde o incidente com Rumpelmayer reproduziu-se com Emile Dubonnet e Welly Jourdan, que largaram de Paris para bater o «record». O acaso fez tambem com que o balão passasse por cima das obras fortificadas de Cracovia e emquanto o aerostato permaneceu a 500 metros d'altitude os aeronautas ouviram silvar as balas. Tiveram de abandonar lastro e subir a 2.000 metros, para não soffrer qualquer desgraça.

Nota do dia

Os Jogos Sportivos Nacionaes

Terminaram hontem as provas athleticas dos Jogos Sportivos Nacionaes, que digamos a verdade, não corresponderam financeiramente ao que dois ou tres «carolas» da Federação Portugueza de Sports pensavam. Mas é certo que Francisco Cordeiro e Pedro del Negro não chegam para tudo, nem tudo podem prevêr e a tudo acudir...

As provas, sportivamente, tiveram algum valor. Bateram-se alguns «records». Entre estes salientamos o que estabeleceu o sr. Antonio Martins, do Club Internacional de Foot-Ball, que póde orgulhar-se de ser um athleta muito completo. Houve tambem uma boa corrida a de 100 metros, mas uma regulamentação pouco intelligente consentiu que fôsse feita por um estrangeiro! E vergonhoso é que seja um estrangeiro campeão de Portugal, n'uma prova organisada pela entidade que diz superintender no athletismo portuguez.

Paciencia!... Para o anno será differente. Assim o julgamos e bem o desejariamos.

Estamos em epoca de tudo conseguir. Se ha muita gente que só figura e não trabalha «que desappareça dando logar aos que trabalham. Depois quebrem a incompatibilidade com alguns clubs, e chamem a si a imprensa. Tudo será conseguido. Com meia duzia mais de homens de trabalho como Cordeiro e Del Negro, já tudo se havia arranjado.

Algumas anecdotas

Uma doença desconhecida...

No collegio americano «Columbia» nephum estudante podia diplomar-se sem que fôsse um pouco latinista e um pouco athleta. Os exercicios do corpo eram tão apreciados como a gymnastica intellectual. Todos tinham que nadar.

O joven Rozenstock não sabia nadar e entre outras razões porque temia a agua! Tinha forçosamente que ficar reprovado! Foi a casa do director do gymnasio, sr. Meylan e expoz-lhe que soffria d'uma doença da medula e que a sua vida perigava se fôsse para o banho!

—Traga-me um certificado medico e tudo se arranja.

O sr. Rozenstock voltou pouco depois com o seguinte, n'um papel:

—«Certifico que o sr. Felix Melger Rozenstock está attingido do ultimo grau da «carvanserinusabmetu» e a sua situação póde aggravar-se se se approxima da agua!...»

O sr. Meylan não ouvira falar d'esse mal insolito, mas, consultando um diccionario latino, decompoz o nome em quatro palavras muito simples e que dizem:

«Pelle de gallinha causada pelo medo!»

Com esta doença, o estudante e mais quatro collegas ficaram approvados...

Noticias

ENTRE NÓS

No Stadium de Lisboa realisaram-se, hontem, as finaes das provas de sports athleticos dos Jogos Sportivos Nacionaes. Effectuou-se tambem o «match» de meio fundo, no percurso de dez kilometros, entre Soares Junior e Joaquim Raposo, respectivamente treinados por Innocencio Pinto e Mario Beirão. Venceu Joaquim Raposo por duas voltas, fazendo a distancia em 11 minutos, 6 segundos e 3/5, á uma media de 54 kilometros a hora, e d'essa victoria compartilhou justamente Mario Beirão.

Os resultados dos sports athleticos foram os seguintes:

1.000 metros, bicicletas—1.º, Victor Pereira Batalha, S. L. B., 2 minutos, 4 segundos e 1/5; 2.º, José Martins, S. L. B., 3.º, Alfredo Piedade, S. L. B.

Corrida pedestre, 100 metros—1.º, B..., C. I. F., em 11 segundos e 1/5; 2.º, Manuel Correia, C. I. F.; 3.º, Alexandre Correia, Leal, C. I. F.

Marcha athletica, 5.000 metros—1.º, Arthur Flôres, C. I. F., em 31 minutos, 2 2/5 segundos; 2.º, José Manuel Nazareth; 3.º, Manuel Bruno Patoleia, S. I. M. P. n.º 1.

Saltos em altura sem corrida—1.º, Pedro d'Almeida, G. S. C. Q., 1m,47; 2.º, Antonio Martins, C. I. F., 1m,45; 3.º, Francisco N. Guedes, C. I. F., 1m,43.

Barreiras, 110 metros—1.º, Antonio Prestes Salgueiro, C. I. F., em 17 3/5 segundos.

Lançamento do dardo—1.º, Antonio Martins, C. I. F. 37,18 m.; 2.º, Paschoal d'Almeida, G. S. C. Q. 28,60 m.; 3.º, José Pedro Rodrigues, A. C. L., 27,08 m.

200 metros—1.º, N. N., C. I. F., 26 segundos, 2.º, Manuel Correia, C. I. F.; 3.º, José d'Oliveira, S. L. B.

Saltos á vara—1.º, Cabeça Ramos, S. L. B., 3,10 m.; 2.º, Fernão Maria de Sousa Napoles, S. I. M. P. n.º 1, 2,65 m.

Estafetas, 300 metros—Venceu a «equipe» do Club Internacional de Foot-ball, composta por N. N., João Duque, Manuel Correia, em 38 2/5 segundos.

400 metros—1.º, Francisco Rocha, C. I. F., em 58 2/5 segundos; 2.º, Henrique Galvão, C. I. F.; 3.º, Horacio Ferreira, S. L. B.

Lucta de tracção—Foi proclamada vencedora a «equipe» da Associação Naval. A do Atheneu Commercial de Lisboa não compareceu.

1.500 metros (pentalon)—Compareceu apenas o concorrente N. N., do C. I. F., que foi proclamado vencedor.

Gymnastica em S. João do Estoril

Todos os dias tem havido novas inscripções de creanças na classe de gymnastica do professor Arthur Santos.

O esplendido salão dos Banhos da Poça, onde tem logar este curso, apresenta nos dias em que funcciona a classe de gymnastica um aspecto festivo em virtude das toilettes das senhoras, que fizeram d'este local o seu ponto de reunião.

3.ª festa official do Club Naval, com a assistencia do presidente da Republica, ministerio, etc.

O dia 15 de agosto é um dia de festa no Club Naval de Lisboa, que assim prepára tardes agradaveis para os socios e suas familias, assistindo a festas que teem por fim a propaganda do «sport» nautico e muito em especial a natação, base de todo o «sport» do mar.

Quem assistiu á festa do dia 10, que foram milhares de pessoas, teve ensejo para vêr quanto o Club Naval trabalha pelo humanitario exercicio da natação e o cuidado especial que lhe dispensa.

A festa do dia 15 é por todos os motivos superior á do dia 1 havendo além da corrida da taça «Luiz de Camões» corrida para principiantes, escoteiros, praças da armada e do exercito, havendo mais exercicios de «sport» nautico que brevemente detalharemos. Uma banda regimental abrilhanta esta festa, havendo ao longo do caes cadeiras para as senhoras das familias dos socios e convidados.

Corridas de velas

O presidente da secção de vela do Club Naval de Lisboa, por si e pela junta directora, procurou o sr. João Bissau, proprietario da canôa «Guida», vencedora da corrida contra os internacionaes de 6 metros, a quem apresentou calorosas felicitações pela brilhante victoria alcançada, a qual demonstrou a grande superioridade da canôa, typo portuguez, que serve para muito ou pouco vento.

O sr. João Bissau, verdadeiro «sportman», foi ao Club Naval agradecer as felicitações que lhe foram por este endereçadas, sendo recebido pelo presidente da assembleia geral, Duarte Holbeche, junta directora, secção de vela, etc.

A junta directora offereceu uma taça de champagne a todos os presentes, sendo levantados vehementes «hurrahs» por João Bissau.

Vida artistica

São cinco e não quatro os alumnos que estão concluindo o curso de bellas artes. Aos nomes que citámos temos de accrescentar o do sr. Narciso Alfredo Moraes, discipulo de Salgado.

TOURADAS

Campo Pequeno—Na corrida em festa artistica do cavalleiro Morgado de Covas, que se realisa depois d'ámanhã, com gado de Emilio Infante e Pinto Barreiros, toma parte o «diestro» «Gallito» com toda a sua quadrilha, composta dos picadores Carriles e Camero, e dos bandarilheiros Blanquet, Camtimplas, Chiquilin e Almendro, além d'um grupo dos nossos principaes artistas.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Falta de policiamento

Na travessa da Agua de Flôr, houve ante-hontem, pelas duas horas da noite, grande borborinho em virtude de um d'esses individuos que vivem á custa das desgraçadas que teem os nomes nos registos da policia, sanitaria pretender arrombar uma porta da casa onde ella reside e mais tarde a espancar e esfaquear, pelo que teve de ir receber curativo ao posto da Misericordia. A policia ou não appareceu, ou, se appareceu, não fez caso, não effectuando prisão alguma. Para o caso pedem-nos alguns moradores d'aquella travessa que chamemos a attenção do sr. commandante da policia.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—A revista Rosa tirana.

Boatos e informações

Entre nós

Entre o reportorio da companhia Granieri que no dia 14 se estreia no Colyseu com as «Damas Viennenses» figuram as mais modernas operettas, muitas das quaes absolutamente desconhecidas do nosso publico. Do reportorio fazem parte tambem aquellas partituras que gosam de fama mundial e que o publico sempre ouve com agrado e muito mais agora que vão ser cantadas por uma companhia superior a quantas nos teem visitado.

—Por lapso, na noticia que hontem publicámos ácerca da nova peça em scena no Avenida, não mencionámos como dos melhores o trabalho de Luiz Pinto, que é o protagonista de «Fernando vae casar». No desempenho do papel do noivo, o distincto artista mais uma vez affirma os seus apreciados meritos.

—A distribuição do 6.º quadro da revista «Não desfazendo...» que no proximo dia 20 sóbe á scena no Politeama é a seguinte: «Formiga», Gomes; «Brandura», Maria Pia; «Deputado da provincia», Ignacio; «A hora gloriosa», Palmyra Torres; «Fatias», Luciano; «O Alfredo das madamas», Gil Ferreira; «O peste bubonica», Sarmento; «A esgrimista», Flora Vaz; «D. Aurora», Julia de Assumpção; «D. Bibi», Flora; «Carlinhos», Holbeche Bastos; «Maria das Tairocas», Elvira Costa; «Lió», Clemente Pinto; «Rosalina», Margarida Velloso; «64», Côrte Real, etc. O scenario d'este quadro é de Julio Machado.

—«As pillulas de Hercules» serão representadas no Avenida com a musica da adaptação hespanhola.

—A companhia Ruas deve ir ao Porto no proximo mez de setembro.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Escolas de repetição

A *Ordem do Exercito*, hoje distribuida, traz a relação dos officiaes nomeados para tomar parte nas escolas de repetição, que se realisam no corrente anno. Na 1.ª divisão serão constituidos dois destacamentos mixtos, constituidos: o primeiro por duas baterias de artilharia 1, dois esquadrões de cavallaria 2, dois regimentos de infantaria, uma secção de automovel de viveres normaes e uma secção de padaria de campanha; o segundo, por um grupo de esquadrões de cavallaria 4 e dois regimentos de infantaria. Os destacamentos nas outras divisões são assim constituidos: na segunda, infantaria 14, uma bateria de artilharia 7 e cavallaria 7; na terceira, infantaria 6; uma bateria de artilharia 6 e cavallaria 9, na quarta, um batalhão de infantaria 11, cavallaria 5, uma bateria de artilharia 3 e uma bateria do 4.º grupo de metralhadoras; na quinta, duas baterias de artilharia 2, um esquadrão de cavallaria 8, uma bateria do 5.º grupo de metralhadoras, infantaria 23, infantaria 32 e uma secção automovel de viveres normaes; na sexta, destacamentos constituidos por infantaria 13 e uma bateria de artilharia 4, infantaria 19 e cavallaria 6; na setima, infantaria 22 e uma bateria de artilharia 8; na oitava, infantaria 8, uma bateria de artilharia 5 e cavallaria 11.

A brigada de cavallaria, o campo entrincheirado de Lisboa, artilharia e engenharia teem tambem escolas de repetição.

Vida operaria

Gréve de cabouqueiros e fabricantes de cal

Declararam-se hoje em gréve cerca de setecentos operarios cabouqueiros do alvenaria e fabricantes de cal, que reclamam o seguinte horario de trabalho: de 1 de abril a 30 de setembro, pegar ás 6 horas e meia, com meia hora para almoçar, jantar das 12 ás 14 e largar ás 18 horas; de 1 de outubro a 31 de março, pegar ás 7 horas e meia, com meia hora para almoçar, jantar das 12 ás 13 e largar ás 17. Os salarios actuaes serão respeitados.

Taes são as reclamações que a classe apresenta.

OS QUE RECLAMAM

Empregados de escriptorio

O que tem feito a associação de classe

Sr. director de «A Capital»—Permitta-me v. que, em nome da Commissão de Trabalho da Associação de Classe de Empregados do Escriptorio, venha elucidar os leitores do seu jornal sobre o que no seu numero de hontem dizia, a respeito do Horario de Trabalho, um empregado de escriptorio.

Ha effectivamente abuso e desrespeito á lei por parte de alguns patrões que á viva força nos não querem reconhecer o direito de termos, por lei, fixado o nosso dia normal de trabalho.

Teem uns, no intuito de nos expoliarem d'esta regalia, querido incluir os seus empregados na lei n.º 296, regulamentadora do trabalho dos operarios na industria; outros teem querido dividir os seus empregados em contabilistas, e não contabilistas, de forma a só concederem áquelles o dia normal de trabalho.

Não tem porém a Associação ficado indifferente perante taes sophismas, como se pode deprehender das declarações do seu entrevistado.

Ao sr. ministro do fomento entregou ella, no passado mez de julho, uma representação, de maneira a garantir a classe contra a sua inclusão na lei n.º 296 e ás commissões de vigilancia tem ordenado que enviem para juizo os alludidos patrões, cujo procedimento não pode ser approvado pela Commissão do Horario de Trabalho da Camara Municipal, visto esta não poder modificar a lei que não estabelece divisão alguma entre os varios empregados de escriptorio, antes claramente inclue, nas suas disposições, *todos os individuos que exerçam a sua actividade em escriptorios de qualquer especie.*

Agradecendo-lhe a publicação d'estas linhas que julgo indispensaveis para elucidação de todos—e não são poucos—os que pelo assumpto se interessam, sou—De v., etc. *José Mantua*, da Commissão de Trabalho da Associação de Classe de Empregados do Escriptorio.

Movimento maritimo

Rio Janeiro e Rio da Prata «Divona»	10
Vigo e Livervool «Douro» (de Liverp)	10
Brazil e Rio da Prata e Pac. «Oronsa»	11
Brazil e Rio da Prata «Holbein».........	11
Amsterdam, etc., «Zeelandia»...............	12
Bordeus «Flandres» (do Brazil).............	13
Manila, etc., «Fernando Poo» (de Liv)	15

trou a necessidade de apoiar Botha contra a parte radical do partido dirigida por Hertzog. Os acontecimentos dos oito mezes seguintes demonstraram a justeza d'essa predicção.

Como as contradicções entre as convicções de Botha e Hertzog nas questões de raça se tornavam dia a dia maiores, os protestos dos unionistas augmentaram de intensidade. Em dezembro de 1912 deu-se o choque, como não podia deixar de ser. Botha entendeu que não devia tolerar por mais tempo tal estado de coisas. Convidou Hertzog a sahir do ministerio, ao que elle se recusou.

Botha apresentou a demissão do ministerio e, convidado pelo governador geral, formou novo gabinete. Hertzog, escusado será dizel-o, não entrou.

Desde esse momento a ruptura entre os dois partidos boers era completa e irreparavel. Esforços desesperados foram feitos para conseguir uma conciliação, nada se obtendo, porém. As rivalidades pessoaes entre os dirigentes vieram á superficie. Finalmente Hertzog foi derrotado por uma votação formal n'uma conferencia em que se tratava de apoiar o ministerio Botha. Sahiu com os que o seguiram. Poucos mezes depois, formava um novo partido de opposição a Botha.

E' importante comprehender a natureza exacta d'esta ruptura entre Botha e Hertzog. Os objectivos a que Hertzog deu vulto emquanto membro do ministerio Botha eram os mesmos que Beyers, Maritz e de Wet proclamaram quando se lançaram na rebellião armada dois annos depois.

Queixavam-se de que os boers não eram bem tratados pela União; de que a lingua hollandeza não era ensinada em egualdade de circumstancias com a ingleza, como o Acto da União declarava; que os que falavam apenas hollandez tinham desvantagens em comparação com os que falavam só inglez, especialmente nas probabilidades de promoção nos empregos civis; e, em geral, que os interesses da Africa do Sul estavam sendo sacrificados aos do imperio britannico.

Foi sobre essas reclamações que Botha rompeu com Hertzog, porque entendia que as dissenções apenas serviam para não deixar estabelecer a paz entre inglezes e boers na Africa do Sul, paz que era essencial para a prosperidade do paiz.

Tinha razão. A politica de Hertzog levou á rebellião na Africa do Sul, embora o proprio Hertzog não quizesse chegar a esse extremo e se recusasse a pegar em armas como rebelde.

Paulo Cambon, embaixador da França em Londres

Taes são os antecedentes politicos da rebellião. Os principaes dirigentes eram quatro: Beyers, de Wet, Maritz e Kemp. A seu lado havia outros de menor importancia—quatro membros do parlamento sul-africano, muitos ministros da egreja reformada e mais d'um membro do Conselho Provincial do Estado Livre do Orange. D'esses dirigentes de menor importancia nenhum era homem de grande importancia.

ram em dois campos, que seguiam caminhos differentes, os boers d'origem hollandeza puzeram-se do lado de Botha e de Smuts; o resto seguiu o ex-presidente Steyn, Beyers, de Wet e o logar tenente de Steyn e dirigente da politica, Hertzog.

N'essa ruptura dos dirigentes boers, Botha era o protagonista de um lado, Hertzog do outro. Mas Hertzog falava e procedia em tudo como representante do ex-presidente Steyn embora com uma violencia pessoal e uma paixão de convicção individual que constantemente exagerava a sua propria importancia e obscurecia a mão do ex-presidente Steyn que o guiava. A ruptura tinha assim duas faces.

Era uma questão pessoal, e d'uma violencia extrema, entre Botha e Hertzog. Mas era ainda mais do que isso. Era uma definitiva e irreparavel ruptura entre dois ideaes. Quando Botha venceu e Hertzog foi batido, havia para este e os que seguiam o mesmo ideal dois caminhos: ou submetterem-se, ou prepararem-se para a rebellião e esperarem o momento favoravel para pegarem em armas contra Botha e a Gran-Bretanha.

Hertzog não se tornou rebelde. Mas tanto elle como o ex-presidente Steyn proclamavam em toda a parte e por todos os meios que haviam feito tudo quanto era possivel para evitarem uma rebellião armada. Os commandantes rebeldes pelejavam, porém, pelos seus ideaes, inscreveram o nome de Hertzog nas suas bandeiras e asseguravam aos que os seguiam que elle estava do seu lado e que approvava tudo o que elles faziam.

A verdade essencial é que a rebellião na Africa do Sul foi a consequencia natural da ruptura entre Botha e Hertzog nos fins de 1912.

Uma breve resenha retrospectiva dos acontecimentos que a precederam torna-se necessaria e conveniente. A historia da Africa do Sul, entre a paz de Vereeniging, que pôz fim á guerra anglo-boer, em maio de 1902, e a rebellião do fim d'agosto de 1914, divide-se naturalmente em trez periodos. No primeiro, as Republicas que haviam sido conquistadas—o Transvaal e o Estado Livre de Orange—foram governadas como colonias da corôa. No segundo, tiveram um governo responsavel, elegeram os seus representantes ao parlamento e foram governadas por um ministerio da sua livre escolha.

No terceiro uniram-se com as duas outras colonias da Africa do Sul, a Colonia do Cabo e o Natal, para formarem a União Sul-Africana. O primeiro periodo não carece de longas explicações. Foi o tempo da reconstrucção, durante o qual o Transvaal e o Estado Livre do Orange se estiveram reconstruindo apoz a guerra, as suas herdades reedificadas, as suas terras restauradas e de novo cultivadas, o curso da sua vida normal retomado. Durante esse periodo os dirigentes boers d'ambas as colonias não tomaram parte na obra do governo. Permaneceram unidos e auxiliaram as auctoridades britannicas a fazer todo o possivel para que desapparecesse a obra de destruição que a guerra causára.

No segundo periodo, os homens que se haviam tornado dirigentes dos boers durante a guerra foram em ambas as colonias ministros da corôa e governantes do Estado. Esse periodo tambem, excepto uma coisa—a declaração no Estado Livre das hostilidades dos boers contra os inglezes—foi de transição. As duas raças, que havia pouco tinham estado em guerra, viviam lado a lado n'uma paz, que era surprehendente. As quatro colonias não eram assaz fortes para viver uma d'ellas só por si independente.

Não tinham fronteiras naturaes; os seus caminhos de ferro não eram de systema duplo; as suas populações, boers ou inglezas, eram das mesmas duas raças e viviam lado a lado em cada uma das colonias. Os seus interesses eram sem discussão possivel identicos e a União não precisava de pedir grandes sacrificios a uma ou outra das raças brancas que a habitavam.

Se no Natal preponderava a população d'origem ingleza, no Estado

Livre d'Orange a preponderancia era dos boers. No Cabo e no Transvaal o numero das duas raças era sensivelmente egual, embora em ambas os boers tivessem a maioria politica sufficiente para terem os seus representantes no poder. A união dos quatro Estados impunha-se, portanto, prevalecendo a quaesquer considerações. E devia estabelecer-se como base da paz entre as duas raças brancas. Essa a razão por que, embora os boers tivessem a preponderancia politica em tres das quatro colonias quasi logo apoz a guerra, se não manifestou a divergencia entre as duas raças.

Havia uma excepção. Na Colonia do Rio Orange—assim se ficára chamando o antigo Estado Livre do Orange até ao estabelecimento da União, em que retomou o seu antigo nome—o periodo do governo responsavel deu origem a demonstrar de subito o poder e a influencia do «general» Hertzog e fez-lhe prelibar a politica que elle ia depois desenvolver e seguir quando membro do primeiro ministerio sul-africano da União. Não é aqui o logar apropriado para recordar todos os pormenores da politica seguida por Hertzog na Colonia do Rio Orange, politica que levantou grandes dissensões entre as duas raças brancas.

A Hertzog davam vulgarmente o titulo de «general», embora se não tivesse distinguido nos campos de batalha, como succedera com os generaes Botha, Smuts e de Wet. Logo que se formou o parlamento do Estado Livre, elle demonstrou ser o homem forte do ministerio. O primeiro ministro, Abraham Fischer, era um advogado de edade avançada e de pouca firmeza de caracter. Os outros membros do gabinete eram pouco conhecidos, excepto de Wet, que nunca pretendera ser um politico. Com taes collegas, Hertzog podia dar largas aos seus dotes especiaes e tinha occasião de effectivar os seus planos. Se não fôra o apoio que lhe deu Steyn, o presidente da Republica do Estado Livre do Orange antes da guerra, difficilmente elle teria alcançado a situação dominante a que chegára.

Tinha sem duvida grandes qualidades. Na vida particular era affavel e desinteressado. Era corajoso e resoluto. Manteve com um fervor quasi religioso—embora não fôsse um religioso em toda a accepção da palavra—a crença da nacionalidade boer sul-africana. Acreditava no direito que os hollandezes tinham ao solo da Africa do Sul e considerava os inglezes como intrusos. Queria que ella continuasse a ser uma communidade de pastores protestantes, sem relações com os paizes europeus e completamente afastada dos problemas que são originados pelo desenvolvimento das grandes industrias e pela população que estas attrahem.

Nomeado ministro da corôa, conhecia o seu dever de lealdade para com o soberano da Gran-Bretanha, mas não lhe pareceu incompativel com o de ennunciar a doutrina de que em todos os assumptos as reivindicações da Africa do Sul deviam ter a primazia.

«Primeiro a Africa do Sul»: tal era a sua divisa, a doutrina de muitos dos seus documentos officiaes, o que elle queria que se applicasse a tudo o que dizia respeito ao imperio de que a Colonia do Rio Orange se tornára parte. A Africa do Sul não podia nem devia abdicar de nenhuma das suas reivindicações.

Era a doutrina de Kruger, modificada apenas na apparencia em conformidade com as novas condições do paiz em que essa doutrina havia sido derrotada pela Gran-Bretanha. A sua conclusão logica era a rebellião logo que chegasse o momento opportuno.

Mas não chegára ainda esse momento. A semente d'essa doutrina cahiu, no Estado Livre de Orange, em terreno bem preparado para a receber. A guerra era ainda uma coisa recente. Os boers estavam em grande maioria sobre os inglezes nascidos na colonia. Logo que se formou o governo responsavel, era inevitavel que alguns d'elles queriam de novo adquirir o que haviam perdido durante a guerra.

E os inglezes, cuja nação ficára victoriosa na guerra, acharam-se, logo que o parlamento abriu, á mercê de alguns homens que quereriam de certo vingar-se. Hertzog era um d'esses homens. Tinha dois grandes aggravos.

O governo da corôa da Colonia tinha feito muito pelo Estado Livre. Tinham sido construidos caminhos de ferro, o paiz reconstituira-se, escolas haviam sido estabelecidas n'uma escala até ali desconhecida. Sob uma sabia politica, a agricultura prosperava. Se tivessem sido deixados sós, boers e inglezes teriam contribuido para um futuro de mutua prosperidade. Mas Hertzog tinha aggravos. Cria que o governo da corôa tentára acabar com a lingua boer e estava convencido de que aos boers não haviam sido dados os logares administrativos a que tinham direito. Propôz-se fazer vingar as reivindicações dos boers quanto á obrigatoriedade da sua lingua e a tomarem parte na administração do paiz em proporção com a sua preponderancia de população sobre os inglezes. Não é necessario entrar em pormenores para mostrar os passos que elle deu para conseguir os seus fins. Os resultados falam eloquentemente. Escolas separadas para as creanças inglezas foram estabelecidas em muitas cidades do Estado Livre e grande numero de empregados civis inglezes foram demittidos dos seus logares.

Deu-se o movimento da União. Era claro que o Estado Livre não podia ficar de fóra. Hertzog foi um dos delegados á Convenção Nacional que tinha sido eleita para votar a constituição da União Sul-Africana. Encontrou ahi os representantes das outras colonias: os generaes Botha e Smuts, dirigentes boers no Transvaal; Merriman, Sauer e sir Henry de Villiers, todos intimamente identificados com os boers da Colonia do Cabo; dr. Jameson, sir Percy Fitzpatrick, sir George Farrar e os dirigentes do Natal, representantes da população ingleza na Africa do Sul.

O ex-presidente Steyn e Jan Hofmeyr não eram membros da Convenção Nacional. O primeiro estava muito doente, o segundo havia muito que deixára de tomar parte na vida politica da Colonia do Cabo, embora tivesse ainda grande influencia como poder occulto, se assim nos podemos expressar.

A União queria transigir entre as reivindicações dos boers d'um lado e dos inglezes de outro. Desde a primeira reunião da Convenção Nacional os representantes dos inglezes mostraram que estavam dispostos á transigencia. Ao mesmo tempo surgiu a dissidencia entre os boers moderados, de cujas opiniões eram echo o general Botha, sir Henry de Villiers e Merriman, e os nacionalistas radicaes boers, de que era campeão Hertzog. Os moderados venceram. Hertzog, vendo que não podia conseguir os seus propositos, recuou.

A União formou-se e o general Botha tornou-se o primeiro ministro da Africa do Sul. No seu gabinete entraram Hertzog e Fischer, assim como homens escolhidos dos ministerios que estavam no poder no Cabo, no Transvaal e no Estado Livre.

A dissidencia entre os boers moderados e os radicaes mais se accentuou. As contradicções entre os discursos de Botha e de Hertzog tornaram-se cada vez mais frequentes e evidentes. Era impossivel reconcilial-os. O general Botha subiu ao poder a 31 de maio de 1910. As primeiras eleições para o parlamento sul-africano realisaram-se em setembro d'esse anno. Os unionistas, sob a direcção de sir Starr Jameson, defendiam as eleições n'uma plataforma que os levava a apoiarem Botha em todas as medidas que estavam em concordancia com a transigencia entre as reivindicações dos inglezes e dos boers, que era a base da União.

Proclamavam abertamente o seu afastamento de Hertzog e do seu modo de vêr e o seu dirigente mos-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1801 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 10 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Situação delicada

Na nota officiosa das declarações feitas pelo sr. presidente do ministerio aos jornalistas que convocou para o seu gabinete allude-se á nossa delicada situação internacional. Estas palavras produziram impressão. E' natural que assim succedesse, mas cumpre observar que, sendo sempre motivo para interessar o espirito publico alludir-se á delicada situação internacional de um paiz, não é menos certo que essa situação não é nova, não surge como uma surpreza alarmante, porque a verdade é que desde que se desencadeou a conflagração europeia outra coisa não podia dar-se n'um paiz, ligado ás grandes nações em lucta por vinculos tradicionaes, communidades de raça ou affinidades de ideal.

Somos, ha seculos, alliados da Inglaterra; recebemos da França o estimulo das grandes correntes progressivas do pensamento,—e por isso mesmo não nos podiamos manter indifferentes ou alheados ás graves contingencias do seu destino na formidavel lucta em que se haviam empenhado. Nem outra coisa era de esperar, não sendo nós, de resto, os unicos que a guerra collocou n'uma situação delicada. Pode hoje dizer-se que na Europa nenhum paiz, nem mesmo os declaradamente neutraes, se encontra livre do turbilhão que tamanha pugna entre os povos levantou pelo mundo inteiro.

Não ha duvida de que, se tivessemos melhor definido a nossa attitude, ao que obstou um concurso de circumstancias, nós estariamos hoje n'uma situação de mais pesadas contingencias. Nós teriamos rasgado caminho atravez do problema internacional, estabelecido para todos os povos; teriamos marcado uma linha a seguir que nos deveria conduzir a um futuro seguro e prospero.

A guerra prosegue, os seus incidentes desenrolam-se, e na sequencia dos seus episodios um dia se manifestam tendencias para o triumpho d'um dos adversarios, e mais tarde para o outro. São as forçosas contingencias do formidavel duello. Mas alguma coisa ha de que não podemos duvidar. E' de que temos que contar com os nossos inimigos, e tambem com os inimigos dos paizes cuja causa, é a causa do nosso coração e dos nossos legitimos interesses.

Esses paizes são a Inglaterra, nossa alliada; são a França e a Italia, a que nos ligam laços de raça e ideal. Aquelles que as odeiam, que d'ellas teem aggravos a vingar ou que necessitam atacal-as, sabem que Portugal com ellas se encontra irmanado, e aos planos que contra ellas architectem juntar-se-hão, em certos casos, as ambições de que pretendem tornar-nos victimas.

A nossa situação internacional é delicada. E'-o ha um anno já, repetimos. A impressão d'esta verdade não é nociva á consciencia publica. Pelo contrario: deve incutir lhe serenidade, firmeza, estimulos de coragem e de fé, que é assim que os povos se preparam para as tremendas eventualidades do futuro.

Em todo o caso não devemos esquecer-nos de que a existencia d'um Portugal livre e independente não é indifferente ás nações da Europa que combatem o imperialismo germanico como Portugal sabe que a derrota d'essas nações seria para elle um golpe talvez mortal. Por isso mesmo os seus votos são pelo triumpho dos alliados, e por isso mesmo não regateará nunca o seu concurso, em tudo quanto lhe seja dado effectival-o, para que esse triumpho seja o mais completo e o mais glorioso possivel.

O presidente eleito

Uma carta do presidente da Academia das Sciencias — Cumprimentos do ministro de Hespanha e do consul geral da Suissa — Outras saudações

Do sr. Henrique Lopes de Mendonça, presidente da Academia das Sciencias, recebeu o sr. dr. Bernardino Machado a seguinte carta:

«Permitta-me v. ex.ª que, na minha qualidade de presidente da Academia das Sciencias de Lisboa, me congratule com a eleição de um illustre consocio para a magistratura suprema da Republica. E' em nome d'essa corporação scientifica que desde já tomo a liberdade de apresentar a v. ex.ª calorosas felicitações que, estou seguro, ella reiterará logo que terminem as correntes ferias academicas.

Permitta-me ainda que accrescente as felicitações pessoaes a que me abalança a já velha amisade com que v. ex.ª sempre me tem honrado.

Com os sentimentos da mais elevada consideração e respeito, tenho a honra de me subscrever de v. ex.ª, ven. att.º adm. e mt.º obrg. *H. Lopes de Mendonça*».

Apresentaram os seus cumprimentos ao presidente eleito os srs. marquez de Villasinda, ministro de Hespanha, e Jules Mange, consul geral da Suissa.

Telegrapharam saudando o novo presidente:

As camaras municipaes de Amarante, Figueira da Foz, Vizeu, Cantanhede, Sernancelhe, Trancoso, Moura, Mortagua, Thomar, Lamego, Goes, Cabeceiras de Basto, Chaves, Moita, Almodovar, Alcobaça, Barrancos; governadores civis de Beja, Funchal, Braga, Villa Real, Aveiro, Vianna, Angra, Guarda, Leiria, Vizeu, Coimbra, Evora, Faro, Portalegre; os administradores do concelho de Sabugal, Lourinhã, Trancoso, Abrantes, Aljustrel, Idanha-a-Nova, Sernancelhe, Alcobaça, Almeida, Gaya, Monchique, Celorico de Basto, Cadaval, Guimarães, Villa do Rei, Rio Maior, Amarante, Ourem, Evora, Cascaes, Melgaço, Aguiar da Beira, Aviz, Campo Maior, Covilhã; commissão municipal do Fundão, idem da Covilhã; junta da parochia de Monsão; commissão municipal de Anadia; republicanos do districto de Coimbra; commissão municipal de Celorico de Basto, idem de Azambuja, de Alemquer, de Codofeita (Porto), de Moura, de Obidos; commissão parochial da Lapa; idem de Gondomar; centros republicanos de Moledo do Minho, Padua Correia de Lamego, Brigantino de Bragança; centro republicano democratico e commissões politicas da Chamusca; centros republicanos de Idanha-a-Nova, Fozcoa, Celorico de Basto; Centro Republicano Evolucionista do Porto; Liga das Mulheres Republicanas de Lisboa; Centro Democratico de Mafamude (Gaya); Centro Republicano Bernardino Machado, Porto; grupo de republicanos de Aljustrel; Centro Republicano de Monchique; Centro Dr. Bernardino Machado, de Queluz; os republicanos democraticos de Villa Real; commissão parochial de Santo Ildefonso, Porto; Centro Dr. Bernardino Machado, Lisboa; as cooperativas e associações de classe: União da Agricultura Commercio e Industria, Cooperativa Dr. Bernardino Machado, Porto, Associação dos Caixeiros da Figueira da Foz, Associação Commercial do Lamego, etc.

Estiveram tambem hoje cumprimentando o sr. dr. Bernardino Machado, entre muitissimas outras pessoas, representando aggremiações, sociedades, finança, commercio, funcionalismo publico, os srs. general Carvalhal, Fernandes Costa, Julio Neuparth, Dmitry Lakman, consul da Russia, Bernardino Roque, tenente Monteiro Torres, Augusto de Mello, professor Pereira Reis, pela Escola Academica, Lopes Tavares, secretario de legação, J. Santiago Presado, consul de Portugal, Eduardo Lopes, do Porto, M. d'Oliveira Bello, João de Menezes, Herculano Galhardo, D. Antonio Chatillon, etc., etc.

Dr. Costa Santos

Este distincto clinico e nosso amigo não acceitou o logar, para que foi convidado, de director dos hospitaes de Lisboa.

Na Bolsa de Londres

LONDRES, 10.—O Stock-exchange conservar-se-ha fechado no proximo sabbado, 14 do corrente.—(*Havas*).

TREMENDO PERIGO

A FALTA DE JUTA

e a ameaça de paralisação de todo o nosso commercio colonial

Um dos negociantes mais conhecidos e antigos da praça de Lisboa dizia-nos ha pouco, desoladamente:

— A Inglaterra prohibiu, vae n'uns quinze dias, a exportação da juta. Se não se dá qualquer remedio a isso, temos uma caatstrophe...

Abri os olhos, admirado. Na verdade, eu não comprehendia bem como é que a exportação da juta prohibida pelos inglezes podia provocar uma catastrophe em Portugal. Sim, porque, afinal, a juta não é o pão...

—Engana-se, atalhou o nosso interlocutor. A falta de juta representa a falta de pão para muita gente, para mais gente do que vulgarmente se suppõe.

—Mas a juta vem apenas de Inglaterra? — inquirimos, na nossa ignorancia d'estas coisas.

—Vem exclusivamente de Dundee.

—E é produzida...

—Na India Ingleza. A juta é como sabe um producto pobre. A sua cultura só é compativel com uma excessiva barateza de mão de obra, como se encontra na India. Estou convencido que podia produzir-se tambem nas nossas colonias, mas não seria facil concorrer com a juta da India.

—Mas vamos á catastrophe, insinuamos.

—Ah! sim. A catastrophe... Vejamos: sabe que em Portugal ha bastantes fabricas de tecidos de juta, que são empregadas na confecção de saccos. Por falta de materia prima, cêrca de tres mil operarios ficam sem trabalho, o que equivale a tres mil familias sem pão... Além d'isso emprega-se a juta no fabrico das alpercatas, que são o calçado da gente pobre. Tem ainda a industria dos fogos de artificio, que occupa bastantes pessoas, principalmente no norte do paiz: por certo não ignora que o fio embocado que aperta as canas dos foguetes, as bombas, etc., é nem mais nem menos que o fio de juta...

—Até agora, não vejo ainda a extrema gravidade da tal catastrophe, commentamos com propositada obstinação. Ha-de haver fórma de remediar o inconveniente...

—Ah, não vê? Pois bem: imagine que, se não houver saccos, nenhuma das nosssa colonias poderá exportar nem mais um bago de café, nem mais um kilo de cacau. Para S. Thomé e para Angola é a ruina, sem remissão nem aggravo. A Empreza Nacional vêr-se-hia forçada a amarrar os seus navios, por falta de materias primas a transportar. O cambio, que depende muito, como sabe, dos chamados productos ricos que a Africa nos manda, aggravar-se-hia medonhamente. As industrias de moagens, que não podem fazer transportar as suas farinhas a granel, teriam de vencer difficuldades inauditas... Póde crêr: a falta de juta, a prolongar-se, implica a paralisação quasi completa de todo o commercio colonial. Eis porque me parece necessario que o governo se occupe de remediar este inconveniente, antes que os seus effeitos, que já se começam a sentir, se tornem mais graves.

—E o que levaria a Inglaterra a prohibir a exportação da juta?

—Não sei, mas supponho que o governo britannico não se opporia a que nos continuassemos a fornecer d'esse producto em Dundee, se porventura o nosso governo lhe désse, como póde dar, a garantia de que só importamos a juta estrictamente indispensavel ás nossas necessidades.

—Quer dizer que na Inglaterra se desconfia que favorecemos contrabandos...

—E' possivel. Antes da guerra, muitos agricultores das nossas colonias forneciam-se na Allemanha. Como não podem fazer ali actualmente as suas encommendas, dirigiram-se á industria nacional, que começou a trabalhar em cheio, e que portanto mandou vir da Escossia quantidades de juta maiores do que habitualmente encommendava. E' de suppôr que lá tivessem estranhado o facto e se imaginassem no direito de lhe dar uma interpretação diversa da verdadeira...

—E, na sua opinião, o que se deve fazer?

—O que lhe disse ha pouco: negociar, com toda a urgencia, a livre importação da juta, com a garantia de que não vendemos um sacco sequer para o estrangeiro — «nem mesmo para Hespanha». Todos sabem que temos prestado á Inglaterra grandes serviços: pois bem; esses serviços, ao menos, devem servir para evitar agora uma catastrophe economica, que é fatal se os nossos diplomatas se não mexem quanto antes.

E aqui fica, largamente esboçado, um dos mais graves problemas que o governo tem de resolver n'este momento.

Os submarinos alliados dominam no Mar de Marmara

Londres, 6 de agosto

O correspondente do *Daily Telegraph* em Athenas telegraphou a 3 de agosto o extracto seguinte de uma carta recebida de Constantinopla, com data de 25 de julho:

«Vivemos todos, especialmente ás auctoridades turcas, sob um panico intenso por causa da acção dos submarinos dos alliados no mar de Marmara. A audacia de que teem dado provas é tal que cessaram completamente as communicações entre Constantinopla, Panderna e Mondania.»

Des reve depois o correspondente o torpedeamento de um vapor a 10 de julho em frente do molhe de Mondania, operação a que se refere o communicado do Almirantado de 3 do corrente. O vapor foi afundado e o molhe destruido. No dia seguinte foram atacadas duas canhoneiras, e o correspondente viu entrar uma d'ellas no Corne d'Or, toda descabida sobre um dos lados e prestes a afundar-se. Allude tambem ao afundamento, já noticiado, de barcos carregados de munições, e fala no bombardeamento dos paioes de Zeitunlik, os quaes, ao que parece, nada soffreram.

A 16 de julho, defronte da ilha de Antigona, um submarino inglez capturou um navio de vela que seguia para Constantinopla carregado com carvão de madeira. A equipagem foi posta em liberdade, a bordo de um escaler com viveres e agua doce, e o navio mettido no fundo a tiros de peça. Por tres vezes, no mesmo dia, appareceu o submarino em Maltepa, sendo alvejado inutilmente pelas baterias da costa.

A 18 de julho ouviu-se em Constantinopla um violento canhoneio que causou grande panico na população. Diz o correspondente correr o boato de ter apparecido um submarino em Bosma Cané.

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 10. — Official. — Na região a nordeste de Vickomór as guardas avançadas allemãs foram desalojadas com grandes perdas. O inimigo atacou e bombardeou com encarniçamento as nossas posições de Kowno.

O assalto do inimigo foi repellido, soffrendo este enormes perdas.

A nossa artilharia respondeu energicamente.

A esquerda allemã atacou a entrada do golfo de Riga, sendo repellida. Ficaram avariados pelas nossas minas um cruzador e dois torpedeiros inimigos.—(*Havas*).

Migalhas

A mentira

No dia do anniversario da declaração da guerra, Guilherme II, accrescentando á sua volumosa collecção de arengas e de proclamações, mais uma ácêrca do anno que acabava de decorrer, jurou perante Deus e perante a Historia que não quiz a guerra e a ella foi compellido pelos inimigos da Allemanha. O «Lokal Anzeiger», um dos varios «Eskoval distributers», que animam a alma germanica, termina o seu artigo intitulado «O imperador da paz» com as seguintes palavras: «O imperador da paz, apesar da sua colera contra as potencias, que, durante dez annos, afiaram as armas da aggressão, falou em termos em face dos quaes não é permitido duvidar que não ha no seu coração um logar para odio».

Effectivamente quando, ha um anno, nós vimos a Belgica, preparada em silencio durante tanto tempo, acometter ferozmente esse paiz pacifico, que é a Allemanha, onde havia apenas a organisação militar indispensavel, quando vimos os selvagens belgas arrazar cidades, destruir, assolar, fusilar innocentes soldados da «laudsturm» e imberbes creanças dos Hussards da Morte, quando vimos essa Belgica installar-se em terreno conquistado, saquear e pilhar com processos de gatuno vulgar, uma grande simpathia cresceu no nosso peito por esse admiravel imperador da paz.

Por outro lado a Servia, esse potentado militar dos Balkans, apoz ter velhacamente porovcado a Austria, paiz suave das operettas vienenses, invadiu-lhe o territorio, dando mais esse desgosto ao pobre velho Francisco José, chefe do modelo das familias.

Pois apesar de tudo no coração de Guilherme II não ha logar para o odio. Não guarda resentimento nem pelos gazes asphixiantes, nem pelo tratamento dado aos prisioneiros nos campos de concentração, nem pelo torpedeamento de simples barcos de pesca. Nada d'isso. O seu coração de pomba continua amoravel e brando. Que homem! Que imperador! Que dentista!

André Brun.

Dr. Affonso Costa

A sua partida para a serra da Estrella

Seguiu esta manhã no comboio da Beira Baixa o sr. dr. Affonso Costa, que vae completar a sua convalescença para a Serra da Estrella, d'onde seguirá depois para a Suissa. Acompanham-o sua esposa, seu filho Sebastião e o sr. Antonio Tudella.

Na estação do Rocio esperavam-o muitos dos seus amigos e correligionarios politicos, vendo-se entre elles os srs. ministros do fomento e colonias, presidente da Camara dos deputados, D. Emilia Tavares, Arthur Costa, dr. Francisco Gentil, dr. Germano Martins, Alfredo Pinto, dr. João Damas, dr. Sousa Junior, dr. Costa Santos, dr. Pulido Valente, dr. Alvaro de Castro, dr. José de Abreu, Alvaro Costa, dr. José Bessa de Carvalho, Frederico de Castro, Joaquim Ribeiro e Urbano Rodrigues.

Importação de trigo exotico

O *Diario do Governo* publicou hoje o decreto auctorisando o governo a importar até 200.000:000 kilos de trigo exotico e mandando abrir a favor do ministerio do fomento os creditos necessarios para a sua acquisição.

A alma do povo

No hellénico theatro, onde o palco, a plateia,
tinham da natureza a graça e a magestade,
a maxima expressão que o genio deu á ideia
foi uma dura lei,—a da Fatalidade.

Quem podia *fugir* a essa lei tremenda?
Nem as aves do céu, nem os heroes da terra;
nem os astros seguindo a luminosa senda,
nem as bençãos da paz, nem as furias da guerra.

Essa lei esmagava a alma confrangida.
Todo um povo curvava á dôr atroz a fronte.
Para os deuses crueis o que valia a vida,
suffocando, no mundo, á mingua de horisonte?

Era um clarão fugaz o espirito de Athenas;
A belleza murchava, inerte, como a flôr;
Cobria um negro véu ás emoções terrenas;
era um soluço o genio; era um gemido o amor.

Devorou, como um monstro, essa illusão sombria
o povo mais gentil que a historia conheceu.
—Ai do peito em que a esperança hesita, treme, esfria!
O homem, sem a fé, já não vive: morreu.

Contra a dôr, contra o mal, contra a fatalidade,
reage, lucta e vence o espirito immortal
se tem, p'ra o animar, esta força: a vontade;
se tem, para o guiar, esta estrella: o *ideal*.

Assim a alma do povo, alma que canta e chora,
hoje vence n'um gesto, e ámanhã n'um hymno;
da sua noite arranca o fulgor d'uma aurora
e acaba por quebrar a *Sphynge* do destino.

D'onde foi que lhe veiu essa força infinita
que um divino poder conferiu, á humanidade?
Só lh'o podia dar a aspiração bemdita
que accende, como um facho, o amor da Liberdade.

Esse amor, para nós, é uma adoração:
é um sorriso, um ai, um beijo sempre em flôr...
Não palpita, sem elle, o nosso coração,
nem sem elle, integral, concebemos o amor.

E' por isso á bandeira em que esse ideal domina,
feito da alma da raça e dos cantos da França,
da côr do nosso sangue elle a fez purpurina,
e tingiu-a de verde a côr da nossa esperança!

Não! o povo não quer que a Republica trema!
Não! o povo não quer que perigue a Liberdade!
E a sua alma, a vibrar n'uma tensão suprema,
impõe á natureza o jugo da vontade.

Pulverisou-se ha muito a velha lei sombria
que o genio grego deu, como um estygma, ao mundo.
Eis do espirito humano o portentoso dia!
Eis da alma do povo o segredo profundo!

Ha pouco o vimos nós, n'um milagre de fé,
ao desanimo oppondo o seu espirito forte.
Sopro o maior tufão: elle fica de pé;
e o seu poder é tal que faz fugir a Morte.

O que outr'ora foi mytho hoje é realidade
Os gigantes da ideia, os Hercules da acção,
paladinos que são heroes da humanidade
não os deixa morrer a alma do povo! Não!

MAYER GARÇÃO

Estes versos foram expressamente escriptos para serem recitados na festa realisada em S. Carlos, em homenagem ao sr. dr. Affonso Costa.

Portuguezes e hespanhoes

O que conta «La Región Estremeña» sobre factos succedidos em Badojoz

A Fronteira, nosso collega que se publica em Elvas, insere no seu ultimo numero o seguinte, que transcrevemos sem commentarios:

Conta o nosso presado collega «La Región Estremeña», de Badajoz, em seu numero de 2 do corrente:

«Antes de hontem, ás trez horas e meia da tarde, esteve na nossa redacção uma mulher que mora na praça de S. José e que nos contou o seguinte:

Hontem, á noite, estando assomada á janella de minha casa, vi que dois guardas-nocturnos, um dos quaes se chama João, levavam á Prevenção (ignoro o motivo) um sujeito que parecia portuguez.

Um dos «serenos» perguntou ao portuguez: «Quem são melhores, os portuguezes ou os hespanhoes?»—sem que o portuguez lhe respondesse. Repetiu a pergunta um dos «serenos» e o portuguez continuou silencioso.

Mal este entrou na Prevenção ouviu-se o ruido de trez bofetadas que deviam ter sido terriveis. O portuguez não pronunciou a menor queixa. Quando os «serenos» sahiram da Prevenção, depois de realisarem aquelle acto feroz, estava eu falando do succedido com José, oriundo de Arronches (Portugal), que professa ideias republicanas. Acercaram-se d'este os dois «serenos» e um d'elles perguntalhe o que fazia parado n'aquelle sitio, ao que elle contestou que estava falando commigo. Inquiriram do meu nome e elle disse-lh'o. «E que mais?»—volveu o «sereno», que naturalmente desejava saber tambem o meu appellido.—«Não sei mais nada»—replicou José.—«Pois acompanhe-nos»,—disse o sereno—e sem outras razões, os deligentes agentes da auctoridade conduziram o dito José á Prevenção, d'onde ainda não sahiu.

Depois d'algumas considerações sobre o caso termina o nosso presado colega:

«Seria conveniente que o consul de Portugal em Badajoz, sr. Abel de Aguiar, se avistasse com o sr. governador da provincia para este dar as ordens necessarias a fim de que os agentes da auctoridade, e especialmente os da alcaidia, não maltratem os portuguezes sem motivo algum».

Esta é pois a maneira como em Badajoz recebem os nossos compatriotas: perguntando-lhes se gostam mais de Hespanha, se de Portugal e esbofeteando-os no caso d'estes não responderem. Já aqui nos queixámos amargamente de identicos factos. Agora vemo-nos forçados a recorrer a outro processo: Emitir o nosso convite, para que os portuguezes não ponham os pés em Badajoz emquanto um certo numero de hespanhoes não mude a tactica que usa para comnosco.

Quanto ao sr. Abel de Aguiar Otéda, nosso consul em Badajoz, já ha muito nos lembramos da sua silenciosa pessoa. O nosso consul parece não ter conhecimento do que ali ocorre a miudo com os portuguezes que não sejam conspiradores contra a Republica do seu paiz. Boa vae ella em...

FOLHETIM D'A CAPITAL—10-8-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXII

Minuetes brégeiros

E' pena que a mulher portugueza do periodo pombalino não tivésse, como a «zentildonna» veneziana do século XVIII, um Pietro Longhi capaz de fixar em pequeninos quadros as suas attitudes, as suas intimidades, as suas preferencias. O bispo do Grão-Pará falou d'ella para lhe chamar «bebeda»; Twiss, para a considerar «uma mulata com olhos bonitos e muitos topazios»; Manuel de Figueiredo, nos «Paes de Familias», accusa-a de «vestir á mangalaça como os homens»; Dalrymple attribue-lhe predilecções escandalosas «pour les amours du genre de Sapho»; o auctor d'um folheto de cordel, a «Mulher da Moda», entretem-se a descrever o rapé, mais ou menos fulvo, que fungavam na sua caixa d'oiro as elegantes pombalinas;—nenhum d'estes inimigos da mulher portugueza nos deixou sequer um traço vivo e flagrante do seu caracter, da sua sensibilidade, da sua fundamental ternura, da sua graça de amorosa, das suas intimidades galantes, que o «ci-devant duc du Châtelet», em 1777, reputava, ao mesmo tempo, «tão perigosas e tão faceis». Para conhecer, para suspeitar ao menos a sensualidade ingénua e grosseira do nosso século XVIII—tão indifferente da volupia eminentemente intellectual do século XVIII francez, que fez dizer a Galiani: «les femmes de ce temps n'aiment pas avec le cœur, elles aiment avec la tête»—é preciso descer a um genero fugaz de baixa litteratura que entrou em todas as ruas de Lisboa, que nem por isso viveu mais do que o tempo que vivem as rosas, e que a facil moral pombalina designou pelo nome pittoresco de «minuetes brégeiros».

O que foi, na Lisboa de 1750, o «minuete brégeiro»?

A frança e a freira tinham-se deliciado no principio do século XVIII, com os tonos á viola do Marques e do Castella, do Filigrana e do Borrinha. Em 1730, as operas de bonecos e as cómicas italianas encarregaram-se de trazer ao sentimento amoroso da casquilha lisboeta uma nova expressão melodica: o minuete. D'ahi por diante, o minuete, como, mais tarde, os lunduns chorados e as modinhas brazileiras, invade de tudo,—corros de comedias e recamaras do Paço, merendas do Alfeite e carrilhões da Capella Real. Canta-se, dança-se, tilinta, gorgeia, palpita, por toda a parte nas cordagens de cobre dos cravos e das virginaes, nas caixas axaroadas d'oiro dos relogios de Londres, nos sinos de todas as egrejas e de todos os mosteiros, nas flautas de marfim com que os mestres de solfa, pintados de carmim e pingados de minas, batem o compasso da «mirontela» sobre o tampo de harmonia das espinetas. D. João V, depois de ensinar o canto gregoriano aos arrábidos de Mafra, creados ainda no ritual capucho, passa horas esquecidas a ouvir tocar minuetes nos carrilhões do convento. «Já se puzeram os sinos no carrilhão de N. S.ª do Loreto—diz o «Folheto de Lisboa» de 14 de setembro de 1743—e tocaram-se com grande harmonia minuetes e contradanças». O minuete conquista a liturgia, penetra nas proprias communidades monásticas. Frei José do Espirito Santo, organista e mestre de cravo, vae tocar minuetes a Sant'Anna, para as freiras dançarem. Monsieur Le Beau, Monsieur Louis, mestres de dança francezes, estabelecem-se na côrte e enriquecem ensinando aos casquilhos de Lisboa, por duas peças cada duzia de lições, o «minuete liso», o «minuete afandangado» e o «minuete da cidade». Cantado, dançado, tilintado em sinos, gemido em clavicórdios, zangarreado em violas, o minuete, inseparavel dos outeiros de Abadessado e dos serenins de Queluz, das operas das Paghetti e das missas de pontifical, tornou-se a expressão de toda a vida portugueza do século XVIII. Quiz o acaso que elle se tornasse tambem, nas boccas das casquilhas do Mocambo e do Rocio, pequeninas como vintens navarros, a expressão da sua forte e ingénua sensualidade. Como? Pelos «minuetes brégeiros». Com o tiple Leonardi, com o allemão Goenmann, com o flautista Rodillo, que a rainha Marianna Victoria trouxera a peso d'oiro para Portugal, tinha vindo um moço maestro, Pedro Avendaño, a quem Twiss se refére no seu livro de viagens: «On fait ici, à Lisbonne, grand cas des menuets composés par le nommé D. Pedro Antonio Avendaño». Tanto a morna voluptuosidade d'esses minuetes se infiltrou na alma amorosa da casquilha pombalina, que os papeis de solfa de Avendaño voavam de mão em mão, corriam todos os cravos fidalgos da cidade, passavam á viola marchetada das sécias-damas do Rocio e acabavam assobiados pelos alfamistas de capote na sombra sangrenta das ruas-sujas. Todos os minuetes de Pedro Antonio foram estimados; mas houve um que ficou célebre: o «minuete do maroto». Apenas porque a musica era bella? Não. Principalmente porque a letra, escripta por um poeta ignorado, o dr. Jeronymo Tavares de Mascarenhas, soube traduzir n'aquelle momento, com flagrante exactidão, a linguagem e, um pouco, a psychologia amorosa da mulher portugueza do século XVIII. Está inedito ainda. Transcrevo-o, com as alterações indispensaveis, da menos mutilada das copias subsistentes: a d'um códice da «Collecção Pombalina». Um «casquilho maroto», de oculo d'oiro e cabelleira «á la greca», persegue, escudeirando-a pelas alamedas de buxo de Queluz, como n'uma pintura d'azulejos, certa açafata borrifada de diamantes, que ao mesmo tempo lhe sorri e lhe foge; attinge-a, perto do jogo da bola, sob as arvores copadas que traçára João Baptista Robillon; quer derrubal-a sobre um banco de tijollo; ella simultaneamente repelle-o e beija-o, entrega-se e recusa-se, néga-se e dá-se:

«Senhor maroto,
Tome uma figa!
Não me persiga...
Mas venha cá.

Quer um beijinho?
Sabe onde eu vou?
Pois não lh'o dou...
Mas tome-o lá.

Deixe-me, amores,
Não me persiga...
Cahiu-me a liga,
Falta-me o ar.

Ai, minha vida,
Não faça isso,
Ai, meu feitiço,
Que eu vou gritar!

Ai, não me bula,
Meu amorinho...
Devagarinho...
Não me carregue,
Que me amofina!
Eu sou menina,
Posso quebrar...

Você queria
—Cuida que escapa?—
Comer a papa,
Depois safar?

Meu lindo mano,
Não me persiga...
Foge-me a liga,
Falta-me o ar...»

Ao «minuete do maroto», por onde passa, n'uma revoada de Amores côr de rosa, a alma galante de La Fontaine,—outros se seguiram, pinturas fugitivas da mulher portugueza do periodo pombalino, ao mesmo tempo graciosa e humilde, voluptuosa e casta, risonha e triste. A serie dos «minuetes brégeiros» continuou. Vieram outros musicos: nenhum como Avendaño. Vieram outros poetas: nenhum como Jeronymo Tavares. Em casa do conde de Pombeiro, entre os lirios de prata da sua assentada de Ménalo, já a viola do mulato Caldas gemia os primeiros lunduns. O «minuete maroto» agonisava. Ia começar o reinado da modinha brazileira.

JULIO DANTAS.

Terça-feira, 17:

XXXIII. — Frei Medronho.

quanto o paiz pagar aos seus representantes para elles o não defenderem dos ataques com que os estranhos o visam frequentemente. Ha excepções e para ellas chamamos a attenção do sr. Oteda. Por exemplo, a do sr. Jaime de Seguier, nosso consul, cremos que em Milão, que ainda não ha muitos dias fez constar a um jornal italiano andar mal informado a respeito de coisas de Portugal. O sr. Oteda que ponha os olhos n'este seu colega.

Até aqui, o nosso collega *A Fronteira* cujo director, o sr. João Camoesas, faz parte do Parlamento.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

Pela sr.ª D. Clementina dos Santos Almeida, viuva do sr. Carlos de Almeida, chefe de repartição da direcção geral da Contabilidade Publica, ha pouco fallecido, foi pedida em casamento para o sr. Alvaro Duarte de Sousa Marques, professor e funccionario publico, a sr.ª D. Suzana Clementina de Almeida e Sousa, filha do sr. José Pedro de Sousa, empregado superior dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e da sr.ª D. Elisa Moreira de Sá e Sousa.

O casamento deve realisar-se no proximo mez de outubro.

Encerrada em uma pasta de marroquim, com duas allegorias e escudo em alto relevo, trabalho primoroso executado pelo gravador sr. Augusto Guilherme Lacerda de Carvalho, foi entregue ao sr. dr. Affonso Costa, por uma commissão composta de empregados superiores da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, uma mensagem de congratulação pelas melhoras do illustre estadista.

Seguiu hoje no vapor hollandez «Frisia», com destino ao Rio de Janeiro, a sr.ª D. Laura da Veiga Pinto, viscondessa de Salgado. Ao embarque, que se realisou no Arsenal de Marinha, assistiram, entre outras pessoas, os srs. dr. Régis de Oliveira, embaixador do Brazil, dr. Belfort Ramos e esposa, e dr. Sousa Dantas, consul geral do Brazil.

Na egreja de S. Mamede realisou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Amelia Moraes de Carvalho Vaz Ferreira, filha da sr.ª D. Maria Luiza Moraes de Carvalho Vaz Ferreira e do sr. dr. Henrique Vaz Ferreira, contador da primeira vara civel de Lisboa, com o sr. Frederico de Mello Salles, sobrinho do illustre pintor José Velloso Salgado.

Realisa-se, domingo, em Setubal, o baptisado d'um filhinho do sr. Celestino Rosado Pinto, proprietario, e da sr.ª D. Maria Miguens Pinto. O neofito, que já recebeu o nome de Eduardo, terá por padrinho o sr. Affonso Miguens, commerciante n'aquella cidade, e por madrinha a sr.ª D. Sofia Miguens, sua avó materna.

Consorciaram-se: Na egreja de Nevogilde o sr. Carlos Chambers, com a sr.ª D. Branca de Bulhão Pato; na do Bomfim (Porto), o sr. Eduardo Magalhães Barbedo Pinto, com a sr.ª D. Maria José Gomes Braga, e o sr. Amadeu José Coimbra da Silva com a sr.ª D. Aida da Silva Campos.

A junta directora do Club Naval de Lisboa convidou os officiaes da armada a assistirem á festa de natação que se realisa no proximo dia 15, pelas 15 horas, no caes da Viscondessa.

Está no Porto o sr. dr. Pereira e Cunha, antigo governador civil de Lisboa, actualmente juiz no tribunal internacional do Egypto.

HORARIO DE TRABALHO

Empregados de escriptorio

Uns trabalham 10 horas, outros 6, não se justificando tal differença

Sr. redactor d'A Capital.—Tendo visto no seu jornal uma referencia ao horario do trabalho dos empregados d'escriptorio, permitta-me que o informe de que ha algumas casas que teem o seguinte horario: das 7,30 da manhã ás 18,30, com uma hora para refeição.

O horario é de dez horas e os vencimentos não são por ordenado mensal, mas sim por salario semanal!

Temos n'este caso a divisão dos empregados. Aqui não são considerados contabilistas, embora o sejam de facto. São empregados industriaes, porque contabilistas só o são os commerciaes.

Ora a lei só fala em empregados de escriptorio e estes tanto o são para o commercio como para a industria.

Allegam os industriaes (alguns) que a lei é só para os empregados commerciaes ou contabilistas, quando ella claramente diz que é para os empregados d'escriptorio onde se façam transacções commerciaes.

Uma casa metallurgica bem conhecida, por exemplo, que vende artigos n'ella fabricados e não fabricados e que tem depositos e armazens de venda por atacado e a retalho, não faz transacções commerciaes?!

Esta casa, a que alludo, até fornece artigos comprados no mercado e alguns de procedencia estrangeira, para Lisboa e provincias, onde tem caixeiro permanente. Não são isto transacções commerciaes?!

O que não póde ser é que sendo todos empregados d'escriptorio tenham uns 6 e outros 10 horas e que os vencimentos de aquelles sejam mensaes e os d'estes por hora de trabalho!

Isto revolta, e contra esta exploração é que todos os empregados que teem 6 horas de trabalho (conforme a lei), como eu tenho na casa onde actualmente trabalho, devem reclamar insistentemente.—*J. S.*

Lyceu de Pedro Nunes

Professores provisorios

Termina no dia 20 o prazo para a entrega dos requerimentos dos concorrentes aos logares de professores provisorios.

O requerimento deverá ser escripto em papel sellado e conter o nome, naturalidade, profissão e residencia do requerente, a indicação das suas habilitações scientificas e do grupo ou grupos de disciplinas liceaes que se propõe ensinar; indicação dos empregos que exerce e da localidade em que os exerce; indicação dos liceus ou escolas em que porventura haja exercido o ensino, e uma lista exacta dos documentos apresentados.

LUCTA PACIFICA

A Associação de Propaganda Feminista

Advoga junto do governo e do Congresso os direitos da mulher

Uma commissão de socias da Associação de Propaganda Feminista, constituida pelas sr.as D. Anna de Castro Osorio, D. Antonia Bermudes, D. Anna Castilho e D. Julia Santos, entregou hoje ao governo, no Senado e na Camara dos Deputados um interessante documento, no qual aquella collectividade expõe largamente a situação intellectual e social da mulher portugueza, analisando-a sobretudo na parte que se refere á sua instrucção.

No appelo ao presidente de ministros, ao presidente do Senado e á Camara dos Deputados, com que abre a representação, a Associação evoca o dever que a Republica tem de attender á parte feminista, definindo-a «o problema social que impelle a mulher para a lucta, na conquista do pão de cada dia».

A representação trata, em seguida, d'esse momentoso assumpto que é a instrucção primaria e secundaria feminina. Depois de alludir á meritoria obra realisada na Italia e na America do Norte a favor do ensino primario, enaltecendo o nivel de superioridade a que aquelles paizes elevaram as professoras, salienta o facto de entre nós não haver ainda inspecção superior feminina nem haver uma unica senhora na direcção ou no ministerio de instrucção, donde tantas mulheres dependem e que por tantas tem de ser frequentado.

Quanto á creação do curso annexo ao liceu Maria Pia, por decreto ultimamente trazido a publico, a Associação Feminista oppõe-lhe os seguintes commentarios: «A escola profissional que se creou, e bem pouco é para a necessidade da população feminina de Lisboa, preceitua muito bem que as suas alumnas frequentem os trez primeiros annos do curso secundario para adquirirem os conhecimentos geraes, hoje indispensaveis a qualquer pessoa medianamente culta. Mas para essas alumnas não deve exigir-se uma classificação tão alta como para as alumnas que pretendem conquistar sómente o curso liceal. A frequencia obrigatoria; para estas alumnas, das cadeiras privativas até ao 3.º anno do liceu e como preceitua o art. 1.º do paragrapho 1.º do decreto que creou a escola profissional annexa, não deve influir nas médias finaes, sob pena de ser um estorvo ao desenvolvimento intellectual das mulheres que se destinam aos estudos superiores».

A Associação considera ainda superfluos alguns pontos do programma d'esse curso, como o ensino de bordados e rendas que, segundo a sua opinião, deve ser ministrado em escolas profissionaes e industriaes.

Seguidamente, refere-se á falta de mulheres que se nota nos cargos da assistencia, onde ellas tantos e tão proficientes serviços podiam prestar, no funccionalismo publico, onde, durante a guerra, tantos merecimentos e qualidades teem demonstrado, e finalmente advoga os direitos politicos, reclamando desde já a entrada da mulher portugueza nas municipalidades.

A commissão de senhoras da Propaganda Feminista, quando entregou esta representação ao presidente do conselho, ao presidente do Senado e ao vice-presidente da Camara dos deputados, estava tambem acompanhada pelo senador sr. Filippe da Matta, que fez as respectivas apresentações.

Aviação militar

Para frequentarem a escola de pilotos-aviadores offerecem-se os srs.: João Adelino Costa, marceneiro, residente em Portalegre, travessa d'Amoreira, 9; Asdrubal Brandão Machado, rua do Olival, 238, r|c E; Antonio Pinheiro, rua 1.º de Maio, 59, 4.º D.; Mario Moreira, rua João do Outeiro, 31, 2.º; Ernesto d'Almeida, rua da Victoria, 94, 3.º; João Filippe d'Almeida, rua Bartholomeu da Costa 19, r|c; Manuel Ferreira, rua do Valle de Santo Antonio, 204, 3.º; Joaquim V. Costa, rua de S. Mamede, 47, 3.º; Manuel dos Santos, rua Marquez Ponte de Lima, 37, 3.º E, e Francisco Paulino, rua dos Douradores, 29, 2.º.

Todos estes voluntarios, com excepção do primeiro, são escoteiros.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS:—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	35 11|16	35 9|16
Londres, 90 d|v..	36 3|16	—
Paris, cheque.	$73,5	$745
Allemanha, cheque	$28,8	$2,9
Hollanda, cheque	$56,5	$57,5
Madrid, cheque	1$35	1$36
New York	1$39,5	1$41,5
Rio|Londres.	12 9|16	
Libras.	6$90	7$00
Agio do ouro.	40 °|o	45 °|o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

		Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$		40,00	—
»	» 500$	40,00	40,00
»	» 100$	40,00	40,00

Obrigações do Estado: 3 0|0 1905, 9$40 4 0|0 1888, 22$; 4 1|2 88-89, assent. 60-50 e coup. 60$.

Externas; 1.ª serie 72$50 e 72$60 e 3.ª 74$40.

Acções: B. de Portugal 179$50; Lisboa e Açores 114$30; Ultramarino 109$; Assucar 39$80; Lezirias 1.010$; C. N. dos Caminhos de Ferro 4$20; Phosphoros, coup. 56$ e nomin. 58$10.

Obrigações Prediaes 6 0|0 91$50 e 5 0|0 87$; Ultramarino, hipothecarias, 83$70; Norte e Leste, 1.º grau, 72$30, Assucar 41$40.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheram: ao hospital do Rego, Germano Fonseca, morador na travessa do Duque de Lafões, 19, ferido no pé direito, por na fabrica de tabaco em Xabregas, onde trabalhava, lhe ter cahido um caixote em cima; e á enfermaria 4 do hospital de S. José, Antonio da Silva Thomaz, carpinteiro, morador na avenida Almirante Reis, que cahindo por uma escada n'uma obra em que trabalhava n'aquella mesma avenida, ficou muito ferido na cabeça e rosto.

—Pelo guarda civico 1489 foi preso Antonio dos Santos, morador na rua dos Alamos, 24, 2.º, que, no Campo das Cebolas, furtou um sacco com 53$50 da algibeira de Antonio Joaquim Iça, residente na rua Miguel Bombarda, em Aldegallega.

No parlamento hollandez

São approvados importantes projectos de lei

Haya, 7 de agosto

Em duas horas approvou a primeira camara hollandeza uma serie de importantissimos projectos de lei. A reforma militar relativa ao landsturm, que a segunda camara tinha já ha dias approvado, foi approvada quasi sem discussão, porque os dois senadores socialistas estavam ausentes.

Tambem a primeira Camara approvou um credito extraordinario para o exercito, na importancia de noventa milhões de florins. Ao ministerio da marinha foi concedido um credito de vinte e oito milhões para a construcção de couraçados, submarinos, hydroaviões, etc.

O ministro sr. Rombache fez, no seu *discurso*, uma declaração digna de nota; disse que não tardaria muito que não fosse inventado um engenho capaz de destruir os submarinos, e que por isso era conveniente não fazer construir muitos barcos d'este tipo.

Os manipuladores de farinhas

ameaçados de uma tremenda crise

Procuraram-nos alguns membros da classe dos manipuladores de farinhas, classe constituida por uns 2:000 operarios, para nos dizerem que já estão sem trabalho muitos camaradas seus e que as fabricas de moagem fecharão dentro de dias se o governo não promulgar immediatamente qualquer regimen que habilite os moageiros a comprarem o trigo de que precisam para o funccionamento da sua industria.

Accrescentam ainda que a classe está alarmada e que urge que providencias sejam tomadas.

Vida militar

Pela pasta da guerra foram á ultima assignatura os decretos promovendo, entre outros, na arma de cavallaria, a majores os capitães Martins de Lima, André Reis, João Antonio da Costa, Arthur da Camara, Manuel d'Oliveira Miranda, Fernando Mousinho d'Albuquerque e Alvaro de Mendonça; na arma de infantaria, a capitão o tenente José Antonio d'Oliveira; no quadro auxiliar dos serviços de artilharia, a capitães os tenentes José Joaquim d'Almeida e José Maria Braz; a alferes o sargento ajudante de artilharia Antonio de Oliveira; a major o capitão José Saude Lemos.

Passando á situação de disponibilidade o capitão Gonçalves Guimarães, o tenente Guedes Pinto e o alferes Garcia de Andrade; á situação de addidos: capitão-capellão Joaquim Nunes, capitão Garcia Fialho, tenentes Bello de Carvalho e Lima Castello Branco; á situação de inactividade o tenente Gomes da Cruz, á situação de reserva os capitães Nunes de Andrade e Alves de Almeida, e á situação de reforma, o tenente Gonçalves da Costa.

Collocando no estado maior o tenente addido Silva Pereira.

As escolas de repetição

taes como actualmente se fazem, são uma inutilidade

Escreve-nos sobre este assumpto o sr Albino da Silveira, de Vizeu, que entende ser inutil o enorme dispendio que acarretam por não haver pessoal graduado sufficiente e os homens não poderem colher proveitosa instrucção por não haver quem possa dirigil-os.

O dinheiro que com as escolas de repetição se gasta, entende o sr. Silveira, devia ser de preferencia empregado na acquisição de material, armamento, munições e machinismos para a sua fabricação. Só depois de termos tudo o que nos falta agora se devia tratar de escolas de repetição e de grandes manobras.

E alvitra, para attenuar em parte as más consequencias da falta de pessoal e material, que estas escolas se realisassem por divisões em annos alternados, ou por grupos de regimentos em cada divisão, mas com tudo que fosse preciso e com os effectivos de guerra. Assim dar-se-hia, na sua opinião, todos os annos uma educação mais perfeita, embora parcial, até chegarmos á situação de dispormos de tudo quanto é necessario para que as escolas de repetição e grandes manobras possam effectuar-se por todo o paiz ao mesmo tempo, e dar o resultado que d'ellas se pode esperar.

Excursões e passeios

Ao Porto

Um grupo constituido pelos srs. Luiz Zamára, Gentil Sanches Gonçalves e A. Guerra, de Lisboa, e Americo Cardoso, do Porto, está tratando de organisar uma excursão ao Porto, pagando assim a visita dos republicanos d'essa cidade.

Instrucção militar preparatoria

Provas da Sociedade n.º 35

Realisam-se no proximo dia 15, na Amadora, as provas finaes da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 35, com o seguinte programma:

A's 16 horas, na séde, inauguração de uma bandeira, sendo o acto annunciado por girandolas de foguetes e feita a continencia pela Sociedade, havendo em seguida discurso allusivo ao acto; ás 17 horas, no largo, junto á capella, continencia, exercicio de pelotão, em ordem extensa, exercicio de pelotão, em ordem unida, gymnastica sueca, por toda a escola; corridas de velocidade, 100 metros, lucta de tracção, saltos em altura, em largura e á vara, jogo da rosa por trez ciclistas, corridas de trez pernas e de saccos.

Terminam as provas pela marcha em continencia e serão abrilhantadas pela Banda Recreio Artistico da Amadora. A distribuição dos premios far-se-ha no salão de festas dos Recreios Desportivos no dia 21, ás 20 e meia horas.

Movimento maritimo

Brazil e Rio da Prata e Pac. «Oronsa»	11
Brazil e Rio da Prata «Holbein»	11
Amsterdam, etc., «Zeelandia»	12
Bordeus «Flandres» (do Brazil)	12
Manila, etc., «Fernando Poo» (de Liv)	12

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se o projecto que fixa o novo regimen cerealifero

Com 70 deputados na sala e o sr. Godinho na presidencia, a Camara principia a funccionar ás 15,15. Representa o governo o sr. ministro da justiça. Muito expediente, abundando cartas de deputados pedindo licença e telegrammas de varias camaras solicitando a immediata discussão dos projectos sobre a questão vinicola. Lê-se tambem um officio do sr. Alves Roçadas no qual o ex-commandante das forças expedicionarias a Angola, commentando a promoção do tenente Aragão ao posto immediato, diz que não foi só esse official, aliás distinctissimo, que «salvou a honra do convento», porque no dia de Naulila, outros portuguezes e até unidades completas se portaram com egual valentia e defenderam com egual coragem o prestigio da Patria e do exercito portuguez. Faz esta aclaração porque tem a certeza de que o primeiro a achal-a necessaria será aquelle official e ainda por se tratar de um acto de justiça que não pode deixar de praticar. As naturaes reservas que as circumstancias lhe impõem não lhe permittem, por ora, dizer mais ou ser mais explicito. Lê-se a seguir uma representação do Gremio Carolina Angelo e da Associação de Propaganda Feminista, pedindo varias regalias e o direito de voto para a mulher portugueza. Vae a publicar no *Diario das sessões*.

O sr. Adriano Pimenta pede que se discuta desde já o projecto que auctorisa a Companhia dos Caminhos de Ferro de Penafiel á Lixa a emittir obrigações, observando-se o que se estatuiu para com a Companhia dos Caminhos de Ferro do Alto Minho. Falam os srs. Almeida Garret e Eduardo de Sousa, sendo o projecto approvado sem mais discussão e enviado para o Senado. O sr. Levy Marques da Costa pede que se nomeie a commissão encarregada de liquidar as contas entre o Estado e a Camara municipal de Lisboa.

O sr. Simas Machado chama a attenção do sr. presidente do governo para a forma como foram organisadas nos ministerios da marinha e da guerra as chamadas commissões de separação dos funccionarios. Estando constituidas como se affirma para ahi, não podem investigar e julgar senão os actos dos officiaes de patente inferior, ou da mesma patente mas mais modernos, não podendo a sua acção incidir no julgamento de officiaes de posto superior ou mais antigos, pois a isto se oppõe terminantemente toda a legislação militar portugueza a partir do seculo XVIII. Cita varios artigos do codigo de justiça militar e do Regulamento Militar do Exercito; assegura que a disciplina só se póde manter desde que se respeite e aceite o principio da hierarchia militar, principio que será atingido e affrontado se o inferior apreciar, averiguar e julgar os actos dos seus superiores e termina por pedir providencias contra um proceder que considera arbitrario, illegal e anti-disciplinador.

O sr. presidente do ministerio responde que as commissões nomeadas são especialissimas, não lhes incumbindo, sequer, investigar ou julgar. As citações de leis que o sr. Simas Machado fez não teem applicação ao caso, porque não se trata de questões de disciplina ou d'outras parecidas. As commissões não investigam, elucidam...

O sr. Simas Machado:—Ora adeus! Isso, só por chuchadeira. Então v. ex.ª não tinha trez generaes para compôr a commissão do ministerio da guerra?

—Talvez não! V. ex.ª, que é um grande republicano, sabe bem que não seria facil encontrar trez generaes nas condições exigidas—responde o orador.

O sr. Alexandre Braga intervem. Outros deputados intervéem tambem. Ha forte sussurro e o presidente, agitando a campainha, só a custo logra manter a ordem. E o incidente liquida-se sem mais complicações.

Na ordem do dia, continua a discutir-se o parecer sobre o regimen cerealifero. Falam na especialidade os srs. Julio Martins, Lima Bastos, Aresta Branco, João Gonçalves, que apresentam varias emendas ao artigo 1.º, que é approvado com alterações. As percentagens de extração são fixadas em 16, 36, 23. Sobre o artigo 2.º falam os srs. Lima Bastos, Joaquim Ribeiro e outros. Esse artigo é o que fixa o preço do trigo nacional em 69 réis o kilo. Defende-se com certo calor a elevação do preço da tabella a 78 réis. Mas tambem ha quem combata essa pretenção, com o pretexto de que, se tal se desse, o preço do pão teria de ser consideravelmente augmentado. O sr. Lima Bastos combate o augmento proposto, sendo, afinal, approvado o que consta do projecto.

No Senado

Ainda o orçamento do ministerio do interior

Quinze horas em ponto. Visivelmente incommodado com a demora dos srs. senadores, o sr. Correia Barreto toma a presidencia. A secretarial-o os srs. Paes Abranches e Lourenço Serro. Apenas 22 senadores respondem á chamada, ou seja o «quorum» preciso para haver sessão.

Approvada a acta e lido o expediente, o sr. José Maria Pereira chama a attenção do Senado para a necessidade de eleger um senador para membro da commissão mixta de soccorros ás victimas da revolução em substituição do ex-senador Manuel Martins Cardoso, que deixou de fazer parte d'esta Camara, sendo, portanto, illegal a sua situação. Como varios senadores tenham pedido licença e as suas presenças nas commissões a que pertenciam sejam imprescindiveis, identicos pedidos aos do sr. José Maria Pereira se fazem para quasi todas as commissões, cujas vagas interinamente são prehenchidas.

E n'isto se passou uma boa meia hora.

Entra e toma o seu logar o sr. ministro do interior.

O sr. Silva Barreto pede para que seja dado á discussão o mais depressa possivel o projecto de lei relativo ás assembleias eleitoraes do concelho de Alcobaça, cuja distribuição é incompleta.

Approva-se seguidamente sem discussão e com dispensa da ultima redacção a proposta de lei reconhecendo como revolucionario civil por se ter provado que tomou parte nos movimentos de 28 de janeiro de 1908, 5 de outubro de 1910 e 14 de maio de 1915, o cidadão Luiz Augusto Xavier Bastos, nas condições de poder ser provido em empregos publicos e portanto ao abrigo das mesmas garantias que aos demais foram já concedidas.

E passa-se immediatamente á ordem do dia, continuando ainda em discussão o orçamento do ministerio do interior.

E sobre o capitulo, reforma dos governos civis, discutem pela quarta vez *o assumpto os srs.* Paes Gomes, Daniel Rodrigues, João Maria da Costa, ministro do interior, Pina Lopes, que deseja se mude a séde do batalhão da guarda republicana de Santarem para Castello Branco, contra o que protesta o sr. Daniel Rodrigues. Approvam-se varias propostas sobre o capitulo, rejeitam-se outras, sendo votado para que a proposta do sr. Pina Lopes vá ás commissões respectivas a requerimento do sr. Arantes Pedroso. Mas o sr. dr. Pedro Martins faz ver os inconvenientes de tal approvação e em nova consulta ao Senado a proposta fica em discussão sendo mais tarde rejeitada bem como uma outra do sr. Paes Gomes que queria um batalhão da mesma guarda para Vizeu.

E como tenha dado a hora e a votação vá bastante vagarosa e não menos confusa o sr. presidente encerra a sessão marcando a proxima para amanhã á hora regimental devendo de amanhã em deante haver sessões nocturnas.

Artes graphicas

Uma reclamação de industriaes do Porto

O sr. Costa Junior apresentou ha dias na Camara dos deputados um projecto de lei, assignado tambem pelo sr. Alfredo Ladeira, em que se estabelecia para as artes graphicas a classificação de industria toxicavel e perigosa. Esse projecto, que foi approvado com urgencia, não chegando sequer a ser impresso o parecer da commissão que o apreciou, está agora dependente da resolução do Senado.

Hoje chegou do Porto uma commissão de industriaes das artes graphicas, que se avistou n'aquella casa do parlamento com o sr. dr. Sousa Junior, sollicitando a sua interferencia no sentido da votação do projecto se fazer ali com menos precipitação que na Camara. Na occasião em que se effectuou essa conferencia estavam tambem nos corredores do Senado dois operarios graphicos, que discutiram acaloradamente a questão com os industriaes.

Sabemos que os industriaes não se oppõem a estabelecer nas suas officinas o regimen das 8 horas de trabalho, pagando como serviço extraordinario o que fôr além d'esse periodo. Mas não querem acceitar a classificação de industria toxicavel e perigosa votada na Camara, porque a esse modo ficam impossibilitados de recorrer ao serviço extraordinario, o que representa na sua industria um avultado prejuizo.

Se o projecto fosse approvado no Senado, passando a ser lei do paiz, succederia que os serviços da Imprensa Nacional teriam de ser completamente remodelados, com prejuizo dos operarios pela creação de novos turnos, ou então dar-se-hia o caso, muitas vezes, do «Diario do Governo» ser distribuido com atrazo, prejudicando muitos serviços do Estado que dependem de publicações na folha official.

No Porto

PORTO, 10.—Estão fechadas, na sua grande maioria, as officinas tipographicas. Os industriaes estão resolvidos a não transigir com a reclamação das oito horas de trabalho.

Os graphicos esperam que seja approvado no Senado o projecto do deputado socialista. Se tal não succeder, contam com a adhesão dos quadros dos jornaes, paralisando o serviço logo que venha a noticia da rejeição do projecto.

Homem ferido com um tiro de espingarda

ao intimar um gatuno a restituir-lhe a quantia de $95 que lhe fôra roubada

Ante-hontem, Ismael dos Santos, de 24 annos, solteiro, trabalhador da fabrica União Fabril, morador no Barreiro, rua Ferrer, 18, foi com uns amigos jogar o chinquilho para uma taberna da villa. Para estar mais á vontade tirou o collete, que pendurou proximo do sitio onde estava jogando. Terminada a partida, quiz pagar a despesa e retirar-se, quando ao pegar no collete verificou que lhe tinham furtado $95, que n'elle trazia. Todos attribuiram o feito a um tal Joaquim Manata, do logar do Penteado, que ali tinha estado, e apoz varias investigações veiu a saber-se que fôra elle com effeito, tendo alguem visto ir o Manata, á noite, desenterrar o dinheiro ao sitio onde o tinha escondido.

Então o Ismael acompanhado por um individuo conhecido pelo nome de Zapatão, decidiu-se a ir procural-o e exigir-lhe a restituição do furto. Quando esta manhã o encontraram, o Ismael lançou-lhe em rosto o que fizera, ao que o Manata respondeu que se queria o dinheiro fôsse mais adeante com elle que ahi lh'o daria; chegados, porém, os tres a um canavial, o Manata deitou a mão a uma espingarda de dois canos que ali tinha escondida, metteu-a á cara e desfechou sobre os que o haviam acompanhado.

O Zapatão poz-se em fuga, não sendo attingido, e o Ismael, para evitar o tiro, estendeu-se por terra; mas o Manata, vendo-o no chão, disparou contra elle o segundo tiro, alojando-se-lhe o chumbo no braço e omoplata direita, e, deitando a correr, escapou-se não tornando a ser visto.

O Ismael, transportado para Lisboa, deu entrada no hospital de S. José onde ficou em tratamento na enfermaria de Santo Antonio.

As auctoridades procuram o criminoso.

A grande guerra

A lucta na frente occidental

PARIS, 10.—Communicação official de hoje ás 15 horas:

Em Artois, ao norte da estação de Souchez, os allemães pronunciaram esta noite dois ataques com petardos, mas foram repellidos para as suas trincheiras pelo nosso fogo.

Na Argonne, na parte oriental da floresta, houve canhoneio e fusilaria, sem combate de infantaria e lucta de bombas e de granadas em Vauquois.

No bosque Le Prêtre depois de violento bombardeamento, o inimigo atacou hontem por volta das 20 horas as nossas trincheiras na região de Croix-aux-Carmes, mas foi detido pelos nossos tiros de enfiada. Durante a noite um novo ataque, acompanhado de bombardeamento por meio de granadas asphixiantes, foi egualmente entravado pela nossa artilharia. Na Lorena foi facilmente repellido um reconhecimento dirigido pelo inimigo contra a estação de Moncel e contra o moinho do mesmo nome. Nos Vosges a noite decorreu calma.—(Havas).

A cooperação britannica

LONDRES, 9.—Esta manhã atacámos, e retomámos em Hooge as trincheiras tomadas pelos allemães no dia 30 de julho e progredimos para além.

Em Langemarck bombardeámos um comboio, incendiámos 5 vagons, tomámos 2 metralhadoras e fizemos 124 prisioneiros.—(*Havas*).

LONDRES, 9.—Desde o meu ultimo communicado de 1 de agosto, diz sir John French, a artilharia de ambos os campos tem estado activa a norte e a leste de Ypres. Esta manhã, depois de um feliz bombardeamento em que os francezes cooperaram á nossa esquerda, atacámos as trincheiras de Hooge, que haviam sido tomadas em 3 de julho pelo inimigo. Estas trincheiras foram todas retomadas e fizemos mais alguns progressos ao norte e a leste de Hooge, occupando a linha de trincheiras tomada por nós 1200 metros. Durante este combate a nossa artilharia bombardeou um comboio em Langemark, descarrilando-o e incendiando-lhe cinco wagons. Prendemos trez officiaes, 124 soldados e 2 metralhadoras.—(*Informação da legação britannica de Lisboa*).

A lucta nos Dardanellos

ATHENAS, 9.—Nos Dardanellos os ataques recomeçaram vigorosamente ha dois dias. Em terra os alliados progrediram sensivelmente. — (*Havas*).

O presidente Poincaré visita a Alsacia

PARIS, 10.—O presidente Poincaré sahiu de Paris no sabbado e regressou esta manhã, tendo visitado as tropas nos Vosges e na Alsacia onde as populações lhe testemunharam calorosa simpathia pela França. O sr. Poincaré regressou por Belfort.—(*Havas*).

Noticias parlamentares

A renuncia do sr. Leotte do Rego veiu perturbar um pouco a discussão do orçamento. Aquelle illustre deputado era, como se sabe, o relator do orçamento do ministerio da marinha, cujo parecer está já impresso, distribuido e dado para ordem do dia. Ausente da Camara o relator, necessario se tornava encontrar quem o substituisse. O sr. Ernesto de Vilhena foi o primeiro solicitado para isso. Esse deputado, porém, por motivos justos, não acceitou o encargo. O sr. Antonio Macieira, presidente da commissão de orçamento, viu-se, assim, obrigado a dirigir a discussão do parecer elaborado pelo sr. Leotte do Rego, o qual, de resto, poucas modificações virá a soffrer.

* * *

Hontem, pediram licença para se affastarem dos trabalhos parlamentares quatro ou cinco deputados. Hoje, succedeu outro tanto com mais quatro ou cinco legisladores. E ámanhã, a serie decerto continuará o que, se não impede que a Camara funccione por falta de numero, faz descer tanto o *quorum* que, bem cedo, em estando presente duas duzias de votantes, nada mais será preciso para que os mais complicados assumptos se liquidem n'um abrir o fechar d'olhos. O que é preciso, dizia hontem o sr. Azevedo Coutinho, é que deixem cá a cartinha os que se vão affastando a pouco e pouco. Abatem-se á lista e tudo caminhará n'um ...

* * *

Não descançaram hoje os que teem interesses parlamentares ligados á questão vinicola. Os representantes do Norte persistem em querer que a discussão dos projectos pendentes se faça antes das camaras fecharem. O governo por sua vez tem manifestado desejos de que se adie essa discussão, principalmente por haver esperança de que o governo inglez acceite, dentro de pouco tempo, a ratificação do tratado com a aclaração do artigo 6.º Resta encontrar o meio termo entre essas duas correntes, e isso conseguir-se-ha fazendo discutir os projectos apenas nos deputados e ficando a sua sanção ao Senado para dezembro. E contentar-se-hão com isso o Norte e o Sul?

* * *

O orçamento do ministerio da instrucção ainda não tem o seu parecer elaborado. Parece, entretanto, que o relator, sr. Balthazar Teixeira, o enviará para a mesa por estes dias. N'esse diploma, o seu auctor, que teve de orientar o seu trabalho dentro de normas e indicações rigidas, não propõe augmentos de despeza, transferindo, porém, algumas verbas para que não se desorganisem serviços importantissimos, como os das Bellas Artes, por exemplo. Assim, do museu de arte contemporanea passaram algumas quantias para o Museu Nacional de Arte Antiga, a fim de por essa forma se compensarem cortes que na dotação d'essa casa se fizeram, sem que coisa alguma os justificasse.

* * *

Na sessão de hoje, da camara dos deputados, o sr. Mello Barreto requereu que lhe fôsse fornecida, pelo ministerio dos estrangeiros, copia de toda a correspondencia trocada entre esse ministerio e o ministerio dos negocios estrangeiros da Inglaterra e entre esse *ministerio e o ministro* de Portugal em Londres, desde 23 de janeiro de 1915, sobre as negociações relativas ao tratado de commercio de 12 de agosto de 1914, entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Cruzador "Republica,,

Telegrammas recebidos no Arsenal da Marinha dizem continuarem os trabalhos de salvação do «Republica».

Esperava-se que o navio fôsse hoje desencalhado.

Partida dos excursionistas do Porto

A despedida na estação do Rocio é feita com enthusiasticos vivas á Republica

A's 19 horas e um quarto partia o comboio especial com os excursionistas do Porto que vieram cumprimentar o sr. dr. Affonso Costa pelo seu restabelecimento.

A estação do Rocio apresentava por esse motivo um movimento desusado, lendo-se na phisionomia das pessoas que ficavam e das que partiam um sentimento de saudade.

O ingresso nas carruagens não se fez sem alguma difficuldade. Apezar de formarem uma grande fila até ao tunnel, pareciam poucas ainda para comportarem a enorme multidão de homens e de mulheres que procuravam logares.

Este facto occasionou a partida ter-se verificado alguns minutos depois da hora que estava marcada.

Finalmente o comboio parte e centenas e centenas de cabeças apparecem nas portinholas, acenando com lenços e soltando vivas á Republica, ao dr. Affonso Costa, ao dr. Bernardino Machado e a outras individualidades ainda do partido republicano, que são, pelas pessoas que se encontram na *gare*, enthusiasticamente correspondidos.

Entre as collectividades que se fizeram representar, notámos as seguintes:

Junta de Vigilancia da Defeza da Republica, o «Jornal 14 de Maio», União de Atiradores Civis, União Lusitana, Gremio de educação do Povo, Centros Almirante Reis, Thomaz Cabreira, Solidariedade Republicana, Defensores da Republica, Grupo Companheiros do Bem, Grupo dos Dez, etc.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro da guerra visitará, no dia 12, a Manutenção Militar; no dia 13, ás 8 horas, o Arsenal do Exercito, Beirolas e Braço de Prata, começando por Beirolas; no dia 14, a Fabrica de Armas e Chellas, começando pela Fabrica de Armas; no dia 16, o Deposito Central de Fardamentos, e no dia 18, o Deposito Geral de Material Sanitario.

—Uma commissão delegada das associações de classe de costureiras de alfayates, operarios alfayates e officiaes e costureiras de alfayate de Lisboa e Porto entregou hoje ao sr. Augusto Ribeiro da Silva, secretario particular do sr. ministro do fomento, uma representação pedindo que seja regulamentada e aclarada a lei do horario de trabalho.

—Os fabricantes manuaes de limas, representaram ao governo contra a concessão da patente de fabrico de limas, pelo processo mechanico.

—Foi mandado apresentar no ministerio das colonias a tempo de poder embarcar no vapor «Beira», que larga no proximo dia 15 para S. Thomé, o 1.º tenente sr. Alvaro Martha.

Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

Gréve das artes de construcção civil

Desenha-se no Porto uma gréve das quatro artes da construcção civil, promovida pela classe dos pintores. Hontem, varios grupos de operarios andaram percorrendo a cidade, avisando os seus camaradas de que não deviam trabalhar além das 17 horas, e ameaçando-os de que, se não cumprissem o regulamento das oito horas, tomariam represalias contra elles.

Alguns responderam que trabalhavam e trabalhariam 9 horas e outros 10, segundo o contracto firmado com os seus mestres d'obras.

Pedindo trabalho

Foram hoje á camara 200 operarios pedir trabalho. Não estando o sr. Elisio de Mello, vereador das obras, voltarão ámanhã.

Vida operaria

A gréve dos cabouqueiros

Uma commissão de operarios cabouqueiros esteve hoje com o sr. governador civil a pedir a sua interferencia para a resolução do conflicto latente entre elles e os patrões, que não querem acceitar o horario de trabalho por elles proposto.

O PROBLEMA DA CORTIÇA

O regulamento do projecto de lei elaborado pela Federação Nacional

E' do teor seguinte o regulamento do projecto de lei para solução da questão corticeira, projecto que ha dias publicámos:

Artigo 1.º—As associações d'Agricultura, Industrial e Commercial constituirão, como melhor lhe aprouver, o jury dos exames a fazer pelos concorrentes a administradores do Banco do Fomento. O thesoureiro do Banco do Fomento será nomeado pelo Estado sendo responsavel por todos os haveres do Banco mediante a caução que lhe fôr arbitrada ou abonado por firma commercial de reconhecida probidade, que garanta qualquer desfalque que possa haver.

Artigo 2.º—O Banco de Fomento, creará no Mercado Central de Productos Agricolas, uma secção d'agronomia destinada ao estudo dos males que affectam os sobreiros e demais especies florestaes, sendo os resultados d'esses trabalhos publicados no Boletim.

Artigo 3.º—As Caixas de Credito Agricola mutuo, devem ser consideradas como secções ou filiaes do Banco de Fomento, por intermedio das quaes póde effectuar as suas transacções.

Artigo 4.º—Os caixeiros viajantes officiaes, redactores do Boletim e empregados do Banco de Fomento, serão submettidos ao mesmo jury de exames que os administradores do Banco de Fomento.

Artigo 5.º—Para o effeito da fiscalisação das cortiças haverá no paiz as circumscripções seguintes, por esta ordem numerica: 1, Silves; 2, Faro; 3, Odemira; 4, Sines; 5, Evora; 6, Vendas Novas; 7, Setubal; 8, Barreiro; 9, Cacilhas; 10, Caramujo; 11, Lisboa Occidental; 12, Lisboa Oriental; 13, Santarem; 14, Abrantes; 15, Portalegre; 16, Castello Branco; 17, Porto.

Artigo 6.º—A fiscalisação será feita por um fiscal technico em cada curcumscripção em harmonia com o disposto no artigo 9.º do projecto de lei. Os fiscaes technicos quando derem provas nos exames, serão designados pelos valores que tiverem obtido; em primeiro, segundo, terceiro logar e assim successivamente, preenchendo-se as vagas que houver até se ter exgotado a inscripção do primeiro, segundo e terceiro logar.

Esta classificação será feita entre os operarios que residam nas respectivas circumscripções havendo em todas ellas eguaes exames.

Artigo 7.º—No acto da fiscalisação das cortiças deve estar presente o industrial ou quem o represente. Quando o industrial requeira a inspecção das cortiças, os fiscaes technicos devem promptamente attendel-o, incorrendo na multa de 25 por cento dos seus vencimentos d'um mez, caso não compareçam sem motivo justificado. Além da comparencia dos fiscaes nas condições indicadas, pódem estes visitar as fabricas todas as vezes que assim o entendam, não podendo os industriaes negar-lhe a sua entrada sob pretexto algum.

Artigo 8.º—Os industriaes deverão ter a cortiça a fiscalisar devidamente separada dos bocados e da «enguiada».

Paragrapho 1.º—Quando se não cumpra o preceituado n'este artigo serão os industriaes ou seus representantes avisados do facto a fim de providenciarem. Se reincidirem, os fiscaes apartarão os bocados e a «enguiada», que se encontrem nas pilhas de cortiça já fiscalisada, sendo essa cortiça apprehendida por inobservancia da lei. Logo que isto se dê será chamado o respectivo fiscal, que dará conhecimento do occorrido por escripto á guarda fiscal ou á Fiscalisação dos Impostos da respectiva circumscripção, que procederá em harmonia com os decretos n.º 2 de 27 de setembro de 1834; n.º 3 de 24 de dezembro de 1901 e respectivo regulamento, approvado por decreto de 9 de agosto de 1902.

Paragrapho 2.º—Emquanto não comparecer o inspector fiscal, os bocados e a «enguiada» ficarão sob a guarda das auctoridades locaes, logo que os fiscaes technicos as previnam do abuso commettido.

Artigo 9.º—Os fiscaes depois de fiscalisada a cortiça, não são obrigados a permanecer nas fabricas emquanto durar o enfardamento, visto que a sua presença póde ser reclamada n'outra parte no mesmo tempo.

Atigo 10.º—Aos fiscaes technicos será fornecido um carimbo indicativo da fiscalisação, o qual será collocado nas duas cabeças dos fardos feitos de cortiça fiscalisada.

Paragrapho 1.º—Estes carimbos serão fornecidos pelo Banco de Fomento, terão a fórma rectangular, tendo de largura 22 milimetros; devem ser de eguaes dimensões, uniformes nos desenhos e dizeres e cada um terá o respectivo numero de ordem da circumscripção a que pertence para assim se conhecer qual a procedencia dos fardos em transito.

Paragrapho 2.º—Os fardos assim carimbados teem livre transito em todo o paiz, ficando desde logo isentos de qualquer fiscalisação.

Artigo 11.º—O industrial ou quem o represente, indicará aos fiscaes quaes os fardos feitos na sua ausencia da cortiça já por elles fiscalisada, para lhe ser applicado o carimbo da fiscalisação.

Paragrapho 1.º—Os fiscaes devem proceder sempre com o maximo cuidado e prudencia a fim de não vexar os industriaes, mas logo que haja fortes razões de suspeita de se haver commettido burla, que os fardos *contenham* bocados e cortiça «enguiada», pódem abrir um ou mais fardos a fim de proceder á sua verificação.

Paragrapho 2.º—No caso de se confirmarem as suspeitas em conformidade com o indicado no paragrapho anterior, todos os bocados e «enguiada» serão apprehendidos, cumprindo-se o exarado no paragrapho 1.º do artigo 7.º

Artigo 12.º—Os fardos com destino a exportação feitos da cortiça sujeita a ser fiscalisada encontrados em transito sem o respectivo carimbo da fiscalisação, serão detidos e proceder-se-ha de egual fórma que o já descripto nos artigos anteriores.

Os fardos poderão ser apprehendidos pelos fiscaes technicos, inspector fiscal, fiscal dos impostos ou guarda fiscal, tendo estes ultimos que requisitar a comparencia dos fiscaes technicos:

(a) Nos destinados a embarque—antes de darem entrada na embarcação que os ha de conduzir para fóra do paiz;

(b) Nos destinados a sahir pela fronteira terrestre—antes d'esta ser transposta;

Paragrapho unico—As cortiças cujo calibre e qualidades não estão incluidas na fiscalisação pódem transitar livremente em todo o paiz, mas no caso de se suspeitar que no meio d'estes fardos destinados á exportação se transporta cortiça em bocados e «enguiada» será prohibida a sua sahida por esta lei, poderão ser detidos pelas auctoridades indicadas n'este artigo e nas condições das alineas (a) e (b).

Artigo 13.º—Aos fiscaes de cada circumscripção será fornecida uma folha ou mappa mensal, contendo uma casa para cada exportador de cortiça em prancha da respectiva circumscripção; e que será rubricada ou carimbada pelo industrial ou seu representante todas as vezes que a fabrica fôr visitada pelos fiscaes.

Este mappa tambem indicará os fardos fiscalisados durante o mez.

Paragrapho unico.—Este mappa justificará os dias em que os fiscaes estão ausentes da séde da circumscripção, e será entregue com a folha de vencimento na respectiva recebedoria.

Artigo 14.º—No caso de divergencia entre o industrial e o fiscal technico na classificação das cortiças a apartar, submetter-se-ha a solução a uma commissão arbitral, que julgará como fôr de justiça.

Paragrapho unico.—Para se formar esta commissão, o industrial apresentará um seu representante, o fiscal operario um technico e a secção d'agronomia indicará um delegado da respectiva circumscripção.

Artigo 15.º—O inspector fiscal, que terá residencia em Lisboa, e um gabinete no Mercado Central de Productos Corticeiros, tomará nota de todas as queixas que receba de abusos commettidos na fiscalisação das cortiças e providenciará immediatamente, sob pena de ser substituido pelo fiscal technico que tenha obtido eguaes valores ou immediatos.

Artigo 16.º—Os fiscaes technicos serão addidos ao ministerio do Fomento assim como o inspector fiscal de quem dependerão.

O vencimento mensal dos fiscaes technicos será de 30 escudos.

Artigo 17.º—A todos os fiscaes serão dados «passes» nos caminhos de ferro na area da sua circumscripção ou abonadas as passagens.

Paragrapho unico.—Por cada dia que estiverem em serviço fóra da area da circumscripção, receberão 30 centavos como ajuda de custo.

Artigo 18.º—Que as folhas de vencimento e mais despezas, depois de visadas pelo administrador do concelho em que esteja instalada a circumscripção, sejam pagas pela recebedoria do mesmo concelho sem mais formalidades.

Artigo 19.º—Para reembolso d'estas importancias pelos concelhos onde haja sédes de circumscripções serão passadas duas folhas de vencimento sendo uma remettida ao Banco de Fomento que pagará integralmente.

Artigo 20.—Que se entenda por cortiça «enguiada» a cortiça da primeira «tirada» a seguir ao descorticamento virgem.

As suas caracteristicas são: rachas muito pronunciadas d'alto a baixo, formando a fórma de «enguias» d'onde lhe provém o nome de «enguiada». Deve ter-se muita attenção, que ha cortiças «rachadas» que não são «enguiadas», podendo ácerca d'estas cortiças, quando não haja accordo amigavel, entre o industrial e o fiscal technico, ser chamado o inspector fiscal a resolver o assumpto prevalecendo a sua opinião.

Artigo 21.º—O inspector fiscal terá o vencimento mensal de 30 escudos e os dias que estiver fóra de Lisboa em serviço terá mais 50 centavos, «passes» de caminhos de ferro em todas as linhas do paiz, assim como o pagamento dos transportes fóra das vias ferreas sendo todas estas despezas pagas pelo Banco de Fomento.

Artigo 22.º—O ordenado dos administradores do Banco do Fomento, empregados do mesmo Banco, caixeiros viajantes officiaes, redactores do Boletim e empregados do Mercado Central de Productos Corticeiros, serão fixados pelo ministerio do Fomento e pagos pelo Banco de Fomento.

Artigo 23.º—Toda a cortiça que tiver menos de 10 annos de creação, será apprehendida pelos fiscaes technicos o inspector fiscal seguindo-se em mesmos tramites que os indicados nos artigos anteriores para com os bocados e a «enguiada» revertendo a sua posse para o Estado.

Touradas

Campo Pequeno.—Realisa-se ámanhã a corrida nocturna em festa de Morgado de Covas, na qual toma parte o «espada» «Gallito» com a sua quadrilha completa. Os touros são de Emilio Infante e Pinto Barreiros, duas ganaderias conceituadas. Figuram egualmente no programma os cavalleiros Eduardo Macedo e o festejado, um grupo de forcados amadores e os nossos principaes artistas. E' a seguinte a distribuição: 1.º touro, para Eduardo Macedo; 2.º, Manuel dos Santos e Blanquet; 3.º, lide á hespanhola; 4.º, Alfredo dos Santos e Cantimplas; 5.º, Morgado de Covas; 6.º, Eduardo Macedo; 7.º, Daniel do Nascimento e Custodio Domingos; 8.º, lide á hespanhola; 9.º, Morgado de Covas; 10.º, Malagueño e Blanquet.

A corrida principia ás 21,45 (9 e 3/4), estando a direcção a cargo do aficionado Luiz Pimentel.

Gallito telegraphou a Morgado de Covas dizendo-lhe que chega hoje.

Algés.—A empreza resolveu dar no domingo uma tourada popular a preços reduzidos em todos os logares. Tomam parte na lide dois cavalleiros, 10 bandarilheiros e dois grupos de moços de forcado, apresentando-se a mysteriosa «Baroneza X», da Guiné, velada com mascarilha branca no rosto, fazendo a sorte de D. Tancredo. Antonio Preto e a sua quadrilha completa de bandarilheiros e picadores farão trez intervallos comicos.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Agulha em palheiro.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Ao correr da penna

Sei de duas revistas que estão em laboração e, se se fizer uma empreza que anda em projectos, essa, por sua vez, irá desencantar ao inferno uma revista mais. Não será o publico lisboeta susceptivel de aturar outras peças musicadas que não sejam revistas? Se se pretendem os espectaculos por sessões porque se não tentam as peças n'um acto e varios quadros, farças musicadas, quadros regionaes, etc.?

Os proprios artistas deveriam desejar ver a revista reduzida ás suas proporções. E' um genero de trabalho facil, que não demanda á maioria dos interpretes estudo e composição de caracteres e é ao mesmo tempo um excellente ensejo para os artistas desvirtuarem as disposições que para outros generos poderiam ter.

Certo é que nunca se entrou no theatro tão facilmente como pela porta da revista. Principalmente as mulheres. Basta que tenham um palminho de cara e trez palmos de barriga de perna. Ora isto que chega bem para revista era muito pouco para o theatro a serio.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Fala-se na organisação de uma empreza para a rua dos Condes dirigida pelo actor Amarante.

—A companhia Carlos d'Oliveira trabalha nas Caldas de Visella em 13, 14 e 15 d'este mez.

—Na revista «Não desfazendo...» a actriz Palmyra Torres desempenha os papeis «A preguiça», «A revolução» e «A hora gloriosa!»

—Rafaele Vizzani e Fernando Molteni fazem tambem parte da companhia Granieri que no dia 14 se estreia no Colyseu dos Recreios com as «Damas Viennenses», e segundo as noticias de toda a imprensa hespanhola esses dois artistas pódem ser considerados como dos melhores, honrando as companhias de que fazem parte e constituindo elementos indispensaveis pelo apreço e estima que sempre o publico lhes dispensou, applaudindo o seu superior trabalho artistico.

Partido socialista

Festa de homenagem

No Centro Socialista de Lisboa realisa-se ámanhã uma festa de homenagem a Luiz Jacintho Teves, ha pouco chegado de S. Miguel, onde tem prestado os melhores serviços á causa socialista.

A' sessão, que começa ás 21 horas, assistem o conselho central, a confederação do sul e a federação municipal socialista de Lisboa.

O Centro Socialista convida todos os seus socios e todas as organisações do partido a assistirem a essa festa.

SPORT

Series de festas no Stadium

O proprietario do Stadium, sr. José Alvalade, mostrando mais uma vez os seus patrioticos intentos, cedeu o seu imponente recinto athletico para uma serie de festas, todas ellas de fim caritativo e educativo. A primeira realisa-se no dia 15, e a organisação pertence á Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1; a segunda realisa-se no dia 22, e o producto é para a benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios de Ajuda; a terceira effectua-se no domingo, 29, e o producto reverte a favor da subscripção nacional para os feridos da guerra e soldados de Angola.

* * *

Nota do dia

Eram desconhecidos taes processos..

Certos amigos nossos e alguns jornalistas foram surprehendidos, nos ultimos dias, com a recepção de cartas cuja auctoria se esconde no anonymato. E' pena que se utilisem taes processos! São tão *mesquinhos*!... Admitte-se a critica, a discordancia, o protesto, mesmo a exteriorisação um tanto agressiva feita pelo vaidoso, pelo despeitado ou pelo inconsciente mas não se admitte o insulto escondido no anonimato.

As ultimas provas da Federação e a Festa d'armas da Amadora foram tomadas para base d'esses processos de correspodencia occulta...

E pena!...

* * *

Algumas anecdotas

Como se desculpa um vencido

No ultimo domingo, o corredor Joaquim Raposo venceu o corredor Soares Junior n'uma prova de «meio-fundo». Um espectador que era um enthusiasta do vencido explicava a derrota da seguinte fórma:

—Ao Soares succede como aos cavallos de corrida. Vão para casa, comem muito, engordam e depois querem correr e não pódem...

—Estás doido?

—E' como te digo. Está como os cavallos cançados...

—Mas se deixar de comer?

—Então talvez...; precisa perder a elegancia do corpo para ganhar a sua antiga força dos musculos...

Noticias

ENTRE NÓS

Corrida de 100 kilometros em Arruda dos Vinhos

Está despertando grande enthusiamo a corrida de motocicletas para amadores e profissionaes que se realisa no proximo domingo, 16.

O percurso é o seguinte: (Partida) Arruda, Sobral, Bucellas, Alverca, Alhandra, Villa Franca, Carregado, Alemquer, Merceana, Sobral e Arruda.

Ha já alguns corredores inscriptos e espera-se mais. A inscripção fecha no dia 15, ás 22 horas.

União Sul-Africana, como para o proprio imperio britannico.

Nem Botha, nem Smuts, homens leaes por excellencia, podiam suspeitar da parte do seu antigo companheiro e amigo, Beyers, semelhante deslealdade. Da parte de Maritz, considerado como um aventureiro, já isso não era de extranhar, mas da de Beyers nunca pela mente de Smuts semelhante pensamento passára.

E a prova mais evidente de que assim era fôra o elle ter deferido ao pedido do commandante geral das forças de defeza confiando a Maritz um logar de tanta responsabilidade como o de commandante da fronteira.

Mas não era ainda tudo.

Em varias partes da União havia signaes evidentes de descontentamento e desaffeição. No Transvaal oriental especialmente esses signaes eram bem evidentes. Havia ali um «propheta» chamado Van Rensburg, que alcançára consideravel influencia.

A historia das suas visões e prophecias lança extraordinaria luz sobre o caracter do povo boer que habitava n'essa região. A sua reputação proviera d'uma visão que se dizia ter tido dos acontecimentos que haviam precedido a paz de Vereeniging, com que terminára a guerra anglo-boer.

Uma outra visão mostrára-lhe o numero 15 n'uma escura nuvem da qual sahia sangue e o general de la Rey voltando para casa sem chapéu, seguido por um carro coberto de flôres. Essa visão era conhecida em todo o Transvaal oriental, onde de la Rey era o heroe popular, a tal ponto que lhe chamavam o «rei sem corôa».

Os conspiradores contra o governo deliberaram servir-se do «propheta». Uma grande reunião de burghers foi convocada para Treurfontein a 15 d'agosto, o dia do primeiro mez de guerra que coincidia com o numero visto por Van Rensburg na sua visão. O governo recebeu aviso de diversas partes de que essa reunião estava designada para ser o principio d'um levantamento. Devia ser dirigido por de la Rey.

A reunião realisou-se. Cêrca de 800 burghers a ella assistiram. De la Rey falou-lhes, mas tinha tido uma entrevista com Botha alguns dias antes. Exhortou-os a permanecerem socegados e tranquillos e a esperarem os acontecimentos. «Um estranho e desusado silencio» cahiu sobre os burghers quando elle acabou de falar. Approvaram sem discussão uma moção expressando completa confiança no governo. Depois seguiram para as suas herdades. O seu «leader» tinha falado. Elles obedeceram.

O primeiro plano concertado da rebellião abortou. Beyers permaneceu no commando das forças da Afica do Sul. Maritz continuava na fronteira allemã entendendo-se com o inimigo.

No emtanto, na Europa, tudo corria favoravelmente aos allemães, cujos exercitos estavam avançando em impetuosa torrente sobre a Belgica e sobre Paris.

As visões continuaram a apparecer a Van Rensburg. Viu os inglezes sahindo do Transvaal e marchando para o Natal. «Quando iam em marcha, um abutre levantou vôo d'entre elles e voltou para os boers, para permanecer entre estes. Era Botha. O general Smuts fugiria para Inglaterra. Nunca mais tornaria a vêr a Africa do Sul».

O valor dado pelos conspiradores a essas allucinações d'um fanatico mostra-se pela sua devoção ao numero 15. O dia 15 d'agosto não tinha sido favoravel aos seus fins. Resolveram fazer a sua proxima tentativa no dia 15 de setembro. A data era-lhes favoravel. As forças civis no Transvaal Oriental estariam concentradas para se exercitarem em Potchefstroom sob o commando de Kemp. Podiam induzil-as a rebellar-se o rebellar-se-hiam com certeza se fôsse de la Rey que as commandasse.

E Botha e Smuts estariam em Cape Town na sessão especial do parlamento convocada para discutir a

Beyers era conhecidissimo na Africa do Sul, pela sua coragem, pela sua bravura nunca desmentida. Nos ultimos dias da desesperada resistencia dos boers contra os exercitos da Gran-Bretanha, fizera prodigios no Transvaal Oriental. Elle e Luiz Botha haviam sido os unicos entre os dirigentes boers a mostrarem alguns conhecimentos dos principios de estrategia e a provarem alguma habilidade em dirigir com exito uma força mixta em campanha. Fôra considerado como o mais habil dos generaes novos boers que se haviam revelado durante a guerra anglo-boer.

De Wet era muito differente. Illetrado, rude, apenas devera a sua reputação ao modo como fazia a guerra de guerrilhas. Muitas vezes, durante a guerra anglo-boer a selvageria que existia sob a sua apparencia bonacheirona de rendeiro boer se revelára. Ameaçava os prisioneiros com uma ferocidade brutal, maltratava até os seus proprios homens e raras vezes mostrava piedade.

Nomeado ministro da agricultura durante o segundo periodo apoz a guerra, o seu ministerio foi um exemplo de energia e efficiencia para o resto da Africa do Sul. Serviu-se de homens que conheciam o paiz e as suas necessidades. Os methodos que elles preconisavam eram postos em pratica por de Wet com toda a energia do seu caracter simples e com uma lealdade nunca desmentida. Quando se estabeleceu a União, retirou-se para a sua herdade e deixou de se ingerir na vida publica. Pouco se tornou a ouvir falar d'elle até ao dia em que Hertzog sahiu do ministerio Botha, occasião em que proferiu um violento discurso em Pretoria.

Os outros dois chefes principaes, Kemp e Maritz, não tinham situação egual á de Beyers e de Wet na Africa do Sul. Kemp era conhecido como um soldado sabedor. Fôra logar-tenente de la Rey na guerra anglo-boer durante as operações no Transvaal oriental, mas fôra sempre sobrepujado pelo merito proprio d'aquelle de quem era o braço direito. Depois da guerra nada fizera que o distinguisse, embora, quando a força de defeza do Tranvaal foi organisáda, fôsse nomeado major. Esteve commandando a escola pratica em Potchefstroom no Transvaal oriental pouco antes da rebellião rebentar.

Maritz tinha uma carreira muito accidentada. Dera provas de aptidão para o commando durante a guerra anglo-boer. Quando se fez a paz, foi tentar fortuna, primeiro em Madagascar e depois na Africa Allemã do Sudoeste, onde tomou parte na campanha contra os herreros. Voltou para o Estado Livre do Orange, entrou na policia da União e quando se formou a força de defeza foi-lhe ahi dada uma commissão, indo reger uma cadeira no Collegio Militar de Bloemfontein em 1912. No principio de 1913 foi nomeado para o commando do districto militar n.º 12, que abrangia os districtos do noroeste da Provincia do Cabo. No começo de agosto de 1914 foi promovido a tenente coronel commandante da fronteira sul-africana entre a União e a Africa Allemã do Sudoeste, com o seu quartel general na pequena cidade de Upington. As promoções na Africa do Sul n'esses dias eram rapidas. A força de defeza estava sendo organisada e aos velhos soldados que haviam mostrado aptidões durante a guerra anglo-boer era dada a preferencia para os altos postos. Mas a elevação de Maritz era um caso extraordinario mesmo para a Africa do Sul.

A sua nomeação para o commando dos districtos fronteiriços ao territorio allemão foi devida ás repetidas e urgentes instancias de Beyers, que era commandante geral das forças civis.

O desejo instante de Beyers de ter Maritz como commandante da fronteira devia ter feito presuppor ao general Smuts, ministro da defeza, que alguma coisa de sinistro se preparava. Sabia-se que Maritz tinha amigos no Sudoeste Allemão. Certo era que o seu conhecimento d'esse

paiz era a razão ostensiva das instancias de Beyer. Smuts, temos a certeza, tinha duvidas, mas era-lhe difficil responder com uma recusa ao pedido do commandante geral. O posto a que Maritz foi assim elevado era muito importante.

A guerra rebentára na Europa e o governo sul-africano tinha offerecido prescindir da guarnição das tropas imperiaes que ahi estavam para serem empregadas onde necessario fôsse. A 7 d'agosto o governo imperial telegraphava ao governo sul-africano dizendo-lhe que era um grande serviço o que elle prestaria se pudesse apoderar-se dos pontos do Sudoeste Allemão que dominassem Swakopmund e Luderitzbucht, assim como se se apoderasse das estações de telegraphia que havia n'esses pontos e no interior.

A 9 d'agosto o governo imperial enviava um outro telegramma ao governo sul-africano, dizendo-lhe que considerava a tomada das estações de telegraphia sem fios em Swakopmund e Luderitzbucht como necessaria e urgente; que isso «só podia effectuar-se n'um espaço de tempo razoavel por uma expedição naval e militar pela costa»; e que a tomada da poderosa estação de telegraphia sem fios em Windhuc, que era «de grande importancia», podia ser effectuada por outra expedição contra as estações da costa ou independentemente pelo interior.

No dia 10, o general Botha respondeu em telegramma que elle e os seus collegas tomavam na devida consideração essas propostas e que cordealmente desejavam «cooperar com o governo imperial e auxilial-o no envio d'uma expedição para o fim indicado, ficando a parte naval a cargo das auctoridades imperiaes e as operações militares ao do governo da União».

Só em 9 de setembro o general Botha annunciou a intenção do governo sul-africano fazer essa expedição. Foi submettido esse projecto a uma sessão especial do parlamento sul-africano, onde foi combatido com violencia pelo partido de Hertzog, mas approvado por uma grande maioria. O general Beyers devia ter sido consultado pelo governo logo que se recebeu o telegramma de 7 d'agosto. Era commandante geral e o conselheiro natural do ministerio n'uma questão militar de tal importancia. Maritz fôra nomeado para commandante dos districtos da fronteira no principio d'agosto. Seria interessante saber se Beyers, quando insistiu pela sua nomeação, conhecia a intenção que o governo tinha de invadir o Sudoeste Allemão.

Fôsse assim ou não, impõe-se a evidencia de que Beyers e Maritz tinham entendimentos com os allemães e aproveitaram a declaração de guerra como uma opportunidade havia muito esperada para fazerem uma tentativa de se tornarem independentes, sacudirem o poder do Botha e nomearem-se dirigentes de uma Republica Sul-Africana.

Contra Maritz essa evidencia é absolutamente concludente. Contra Beyers não, e no seu caso talvez o não concordar com a expedição contra os allemães o levasse á rebellião. Não ha, porém, nada que o desculpe. Como commandante geral estava em intimas relações com o governo. Durante muitos annos fôra amigo pessoal de Botha e de Smuts. Esteve no seu elevado posto até ao ultimo momento. Então, quando tudo parecia prompto para o levantamento, resignou o seu logar por meio d'um manifesto politico.

O primeiro passo para essa rebellião foi a nomeação de Maritz, a instancias de Beyers, para o commando da fronteira allemã logo apoz a guerra ter rebentado na Europa. A sua primeira tarefa seria preparar a invasão do territorio allemão pelo sudeste. Beyers tinha differentes planos para isso. A evidencia mostra que a rebellião tinha sido concertada antes da guerra.

A 11 d'agosto, Maritz estava em Pretoria, onde conferenciou com Beyers. Como dissemos, antes de ter sido nomeado commandante na fronteira, estivera, desde os principios de 1913, no commando do districto militar n.º 12, que comprehendia os districtos do Cabo fronteiriços

do territorio allemão. Provavelmente, estivera em communicação com os allemães e veiu a Pretoria n'esse dia, exactamente depois da sua nomeação para o commando geral, com offertas dos allemães para auxiliarem Beyers e os outros conspiradores.

No momento em que elle vinha a caminho de Pretoria, um tal Joubert,—seu intimo amigo—que estivera durante o mez de julho na Africa Allemã do Sudoeste, tinha voltado para o territorio sul-africano.

Mr. Paléologue, embaixador da França em Petrogrado

Na primeira occasião que se lhe offereceu, quando voltava de Pretoria para a fronteira allemã, Maritz mandou diversos telegrammas a Joubert, evidentemente para ir ter com elle. Joubert assim o fez e foi proposto para chefe do seu estado maior por Maritz. Mais tarde foi mandado a Pretoria, onde entregou relatorios a Botha e Smuts, mas onde tambem esteve com Beyers.

Maritz, ao ouvir que se dera um recontro entre os allemães e alguns rendeiros boers sul-africanos em Schuit Drift, em Orange River, fronteira sul da Africa Allemã do Sudoeste, dirigiu-se á pressa para ahi, tendo mandado primeiro um telegramma a Beyers; a 21 d'agosto, informando-o de que seguia em automovel, para evitar difficuldades.

Ao chegar a Schuit Drift, um dos poucos vaus do rio Orange, Maritz passou para territorio allemão e conversou pelo telephone com o official que commandava as forças allemãs em Warmbad. Quando voltou, exprimiu publicamente a sua indignação pelo procedimento dos rendeiros boers que haviam feito fogo sobre os allemães e declarou que elles deviam ser mortos.

D'ahi a poucos dias patrulhas allemãs atravessavam o rio em Schuit Drift e andavam em procura d'esses rendeiros em territorio sul-africano. No emtanto os allemães haviam tambem posto pé em territorio sul-africano em Nakab, um posto de policia a cêrca de vinte e nove kilometros ao norte do ponto no rio Orange onde a fronteira entre o territorio allemão e o sul-africano segue o rio, vindo do norte. Foi a 19 d'agosto.

Uma semana depois do começo da guera na Europa com a Allemanha, a situação na Africa do Sul era excessivamente grave. O commandante das forças da União na fronteira estava entendido com os allemães. O commandante geral, ou commandante em chefe do exercito da Africa do Sul não concordava, pelo menos, com as hostilidades contra a proxima colonia allemã. E o governo sul-africano tinha-o já encarregado d'essas hostilidades.

Escusado será insistir na importancia de taes factos, que de per si são reveladores da gravidade da situação.

Illudido o governo com dois dos principaes funccionarios a quem commettera a tarefa de invadirem o Sudoeste Allemão, não tendo conhecimento—se por ventura o não tinha, como tudo leva a suppôr—da traição preparada por dois delegados seus, vê-se que consequencias d'ahi poderiam advir, não só para a

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1802 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quarta-feira, 11 de Agosto de 1915 | Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Situação grave

Declarou-se no Porto uma grève de operarios da construcção civil. Reclamam diminuição das horas de trabalho e melhoria de salarios. A essa grève deram a sua adhesão, cessando tambem o trabalho, os typographos das casas de obras, que logo se viram acompanhados pelos seus collegas dos jornaes, que não estão em situação identica á dos seus camaradas de Lisboa, o que deu em resultado não se publicarem os periodicos do Porto. Ao mesmo tempo, uma certa quantidade de operarios sem trabalho agita-se, procurando obter collocação que lhes garanta a vida.

São symptomas para os quaes o governo deve olhar. A questão economica está em cima de nós, com maior acuidade do que nunca. Só não o teriam previsto aquelles que não attendem senão ao momento que passa e não alongam a vista além do terreno que pisam.

A situação que atravessamos é excepcional. Ella deriva da conflagração européa, que ninguem póde considerar como pertencendo ao numero dos acontecimentos que quotidianamente se possam registar. Essa conflagração difficultou a vida de todos os povos. A' medida que a guerra se prolonga mais se aggrava a situação. E as classes trabalhadoras, as classes pobres, são aquellas que sentem mais o peso d'essa situação excepcional.

Por se tratar d'um facto que sahe fóra de toda a normalidade social, evidente se torna que os remedios a applicar-lhe não podem tambem ser expedientes usuaes ou soluções normaes. E' preciso que a iniciativa dos governos corresponda ao caracter excepcional da questão. Trata-se de assegurar a vida do povo, trata-se de salvaguardar a ordem e a harmonia das sociedades. Questões postas n'este pé teem que ser resolvidas, com urgencia, utilisando meios heroicos. D'outra fórma, não será possivel evitar, n'um praso mais ou menos breve, consequencias funestissimas.

Começam ellas já a desenhar-se? Tanto peor, porque isso mostra a gravidade do caso. Mas se a evidencia irrecusavel do perigo acordar a attenção dos governos e dos parlamentos, levando a tomar decisões que se não podem protelar, os symptomas a que alludimos terão produzido um effeito necessario.

Supponhamos que é Portugal o unico paiz em que, depois da guerra, ainda se não pensou a sério na immanencia da questão economica, entrando definitivamente na phase aguda das reivindicações que promove. E' preciso que todos se capacitem de que estamos brincando com o fogo. Estas questões não se illudem: estas situações não se debellam senão encarando-as com firmeza e disposições de lhes acudir com soluções proprias e urgentes.

Que o governo, que o parlamento olhem para as difficuldades da existencia, que já se tornam incomportaveis para muitas classes, e acima de tudo comprehendam que o direito á vida não é uma phrase rhetorica, mas sim a expressão d'uma necessidade que a todo o custo é forçoso attender.

Migalhas

Documentos

Não sei se v. ex.as já repararam n'uma coisa. De vez em quando, no parlamento, um deputado requer que lhe sejam enviadas copias de documentos officiaes. A mêdo esses documentos referem-se a questões de alto interesse para o paiz inteiro e, quando eu e o Praxedes nos regalamos cuidando que finalmente pela leitura d'essa papelada vamos ficar elucidados sobre certos assumptos, nunca mais se fala no assumpto.

No antigo parlamento quem tinha a especialidade, para não dizer a mania, de pedir papelada era o general Baracho. Cada dia antes da ordem do mesmo, o digno par sollicitava cinco resmas de documentos sortidos. Alguns pedidos causavam sensação. O publico esfregava as mãos. Ia emfim aclarar-se um caso obscuro, iamos emfim saber os meandros d'alguns labirintos nacionaes.

Acredito que da Camara requisitem aos ministerios as copias necessarias, o que é certo é que não tem conto as requisições que ficaram em suspenso. Demoram-se as instancias officiaes a satisfazer os pedidos que lhes são feitos? Desistem os parlamentares das curiosidades que lhes pareceram legitimas em certa altura? Não sei. O caso é que ficamos pintados, eu e o Praxedes.

Ora a proposito de que vinha isto? Ah! Já sei. A proposito d'aquella serie de coisas espantosas, que se deduziam da sollicitação feita ha tempos por Leotte do Rego.

Não se voltará por acaso a falar n'isso?

André Brun.

"O cigarro do soldado"

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

O tenente coronel Maritz preso pelas auctoridades portuguezas

PRETORIA, 11.—O coronel Maritz, chefe dos insurrectos boers, foi preso pelas auctoridades portuguezas com um pequeno numero de partidarios que com elle entraram em Angola.—(*Havas*).

O tenente coronel Maritz, e não coronel como a *Havas* lhe chama, era commandante do districto da fronteira sul-africana que confinava com a Africa Allemã do Sudoeste na occasião em que rebentou a rebellião na União sul-africana, rebellião de que foram caudilhos Beyers, de Wet, Kemp, e o proprio Maritz. O principal caudilho, de la Rey, morrera, como no folhetim da Grande Guerra de hoje explicamos, em resultado de um incidente casual.

Chamado a Pretoria pelo general Smutz, ministro da Defeza Nacional, Maritz, que estava entendido com os allemães, recusou-se a ir e declarou-se em franca rebellião. Batido pelo coronel Brits em Raterdraai e Kakamas, fugira para territorio allemão.

O tenente coronel Maritz tem uma carreira aventurosa. Depois da guerra anglo-boer, fôra para para Madagascar e em seguida para o Sudoeste Allemão, onde tomára parte na campanha contra os herreros. Voltára depois á Africa do Sul e ahi entrára para a policia, tendo sido a instancias de Beyers, no tempo commandante em chefe das forças de defeza do territorio da União, que lhe fôra dado o cargo de commandante do districto da fronteira. Do seu entendimento com os allemães abundam as provas, que estão nas mãos do governo sul-africano.

A lei da separação

O relatorio da commissão central

Ignora-se o numero de padres pensionistas— Os chamados bens da Egreja

A commissão central de execução da lei da Separação do Estado e da Egreja acaba de entregar ao sr. ministro da justiça o seu relatorio respeitante ao anno de 1913-1914, cujas contas foram encerradas em 10 de abril ultimo.

A actividade da commissão, se considerarmos o numero de officios trocados e de pareceres emittidos, não se póde negar que tivesse sido intensa. Nos livros de entrada registaram-se, durante o anno economico, 6.451 officios e outros papeis ou processos differentes, e nos copiadores 2.636 officios e telegrammas expedidos, sendo dados no mesmo periodo 425 pareceres. Mencionemos, porém, os pontos mais interessantes do documento que dentro em pouco ha de vir a lume no «Diario do Governo».

Quantas corporações existem officialmente encarregadas do culto? Segundo o relatorio ficaram existindo em 30 de junho de 1914, nos diversos districtos, 241. As existentes um anno antes eram 197, havendo, pois, um augmento de 44. As corporações cultuaes no districto de Lisboa são 65, incluindo n'este numero tres protestantes; no districto do Porto, 24, sendo quatro protestantes; no de Coimbra, 22; no de Aveiro, 21; no de Beja, 19; no de Bragança e no de Leiria, 17; no de Faro, 11; no da Guarda, 8; no de Vizeu, 6; nos de Castello Branco, Evora, Santarem e Angra, 5 em cada um d'elles; no de Braga, 4; no de Villa Real, 3; nos de Portalegre e Vianna do Castello, duas em cada um. Nos districtos da Horta, Funchal e Ponta Delgada não ha nenhuma corporação cultual que se organisasse consoante a lei, ou se conformasse com ella. Convém ainda notar que em districtos onde os catholicos militantes mais abundam e o clero é mais numeroso e exerce maior influencia as corporações cultuaes se não sujeitaram, na sua quasi totalidade, á lei da Separação. No districto de Braga, por exemplo, a cuja capital se chamou a Roma portugueza, apenas quatro corporações se harmonisaram com a lei.

Relativamente aos inventarios, faltam ainda os de 457 freguezias. As reclamações da commissão central ás auctoridades administrativas pouco resultado teem produzido.

Quanto a pensões, não se concedeu nenhuma provisoria no anno de 1913-1914. O relatorio diz que não se póde indicar o numero total de pensionistas porque ainda não terminaram os trabalhos das commissões districtaes. Mas a indicação parcial não poderá porventura fazer-se?

Durante o anno foram aposentados quarenta e cinco parochos, aos quaes se fixaram pensões annuaes no total de 17.592$82.

Por transgressão da lei da Separação foram applicadas durante o anno penas disciplinares a 39 ministros do culto. O districto mais castigado foi o de Aveiro. Foram ali punidos quatorze ecclesiasticos. A 30 pensionistas concedeu-se licença para estarem ausentes dos seus beneficios. Para fins de interesse social fizeram-se 52 cedencias, destinando-se a licenças e escolas 29.

A'cerca da parte financeira e administrativa, diz o relatorio que a receita total realisada em 1913-1914 foi de 128.211$11; e como a despesa total effectuada pela commissão central e commissões concelhias importou em escudos 14.259$15, resultou um saldo de 113.951$96. Tendo, porém, de ser convertidas em titulos de credito as receitas arrecadadas e provenientes de amortisações de capitaes mutuados, indemnisações pelas cedencias definitivas de predios e materiaes de construcção, venda de mobiliario e utensilios desnecessarios ao culto publico catholico, n'um total de 12.263$34, o saldo liquido arrecadado como «receita dos bens das Mitras, Sés, Cabidos, etc.», segundo a rubrica orçamental, attingiu, n'este anno, a importancia de 101.688$62, que foi entregue nos cofres do Estado pela seguinte fórma: entregue nas thesourarias da fazenda publica no decorrer do anno, 28.374$94, e no Banco de Portugal, para credito da conta do Thesouro, em 19 de abril e 12 de junho ultimos, 73.313$68.

A receita proveniente de rendimentos foi superior á do anno anterior em 17.960$10.

Até 30 de junho d'este anno, foram entregues no ministerio das finanças, para serem encorporados nos proprios da fazenda nacional, titulos de credito no total nominal de 10.558.403$00.

Tambem a commissão central, no uso das attribuições que lhe confere a lei, separou e restituiu, até ao referido dia 30 de junho ultimo, titulos de credito no valor nominal de 133.050$00, a diversas juntas de parochia, e entregou á commissão de assistencia do Porto, 800$00 nominaes de titulos de credito, que lhe pertenciam. Ainda existem em poder da commissão central titulos de credito no total nominal de 297.840$00.

Quando se procedeu á separação dos titulos que foram encorporados nos proprios da fazenda nacional colheram-se na Junta do Credito Publico elementos acêrca dos numeros e valores dos titulos que se achavam averbados a passaes, mitras, sés, cabidos, seminarios, capellas, etc., e que deviam ser inventariados nos termos da lei da Separação. Em face d'esses elementos, a commissão central instou junto dos administradores dos concelhos e até d'alguns governadores civis, para que promovessem os arrolamentos dos que ainda faltavam. Essas diligencias produziram o inventario de titulos no valor nominal de cêrca de 1.400.000$00, mas parece faltarem ainda titulos no total nominal de 772.156$00, salvas futuras correcções.

São estas as informações mais curiosas, que segundo nos consta, se contém no relatorio da commissão central da lei da Separação.

A lucta scientifica na linha de fogo

Os laboratorios moveis

Paris, 8 de agosto.

Nos tempos que vão correndo a guerra não se faz sómente com espingardas, baionetas e canhões; devido á iniciativa allemã, os exercitos de agora correm perigos novos, são os gazes asphyxiantes deleterios ou toxicos, é o veneno empeçonhando as aguas dos poços e das fontes, são os microbios pathologicos espalhados nas aguas dos reservatorios cuja pureza é preciso verificar sob pena de graves epidemias.

Para se defender contra estes multiplos perigos não menos temiveis do que as balas e as granadas, creou agora o novo serviço de saude uma nova organisação: os laboratorios moveis de toxicologia destinados a funccionar mesmo na linha de fogo. Estes novos laboratorios, em numero de duzentos, são dirigidos por pharmaceuticos e chimicos peritos dos tribunaes.

Poeira da Arcada

O Evangelho bem ensina os humildes a convencerem-se que, n'este triste vale de lagrimas, a virtude nem sempre alcança os primeiros premios. Alguns andam sempre de olhos baixos, a fim de não verem as injustiças de que são victimas os desprotegidos e os fracos. Outros, porém, não se resignam a uma attitude tão rasteira e uma vez que outra lançam os seus olhares para as vaidades triumphantes. Com a cabeça levantada é que elles observam que muitos dos seus semelhantes sobem tanto em honras e respeitos, precisamente por não terem tomado sobre os hombros um grande fardo de perfeições. E' o momento das defecções e das traições?

* *

Estamos no periodo das romarias, quando o povo, sob a invocação dos oragos, mais rubramente exerce os seus instinctos fortes de creador de mithos pagãos.

O sentimento religioso das coisas refugia-se n'alguns corações para os quaes viver equivale a uma conquista de certezas, superiores a todas as variações dos egoismos terrestres. A massa espessa, barbara e violenta dos romeiros não se eleva tão alto. Queda-se em dominios propicios ao desabrochar de desejos bravos, irreprimiveis como a imaginação de um sabio. As romarias teem a ser, pois, um quadro em que Baccho e Eros anda conservando um prestigio que provavelmente se manterá até que o homem tenha na sua carne e no seu sangue a chimera dos prazeres e tentações.

* *

Parece que só dá para dezembro o parlamento se occupará da questão vinicola. Os impacientes teem que conter-se nos limites da prudencia. Muito bom será que então se faça obra de geito. A questão dos cereaes com quasi dois mezes de tratos oratorios ainda está longe de dar... pão.

As palavras passam tão rapidas que deixam os graves problemas nacionaes no mesmo estado em que as trovoadas põem as ceifas.

O presidente eleito

Continúa a receber muitos cumprimentos e felicitações

O sr. dr. Bernardino Machado recebeu um telegramma de uma commissão de senadores do Rio de Janeiro, felicitando-o pela sua eleição e fazendo votos pelas prosperidades da Republica Portugueza. A' frente d'essa commissão figuram os srs. Urbano Santos e Pinheiro Machado, respectivamente, vice-presidente da Republica do Brazil e presidente do senado brazileiro.

Saudaram tambem por telegramma o presidente eleito os seguintes estabelecimentos scientificos, escolas e professores:

Daniel de Mattos, Sousa Reis, Porto; Alvaro Machado, idem; Ferreira de Carvalho, inspector escolar, Tavira; direcção da Escola Academica, Lisboa; Instituto Branco Rodriguez, Estoril; Marquez da Silva, Escola Avelino Amaral, Duarte Costa, Adozinda Leitão, José Cordeiro, juri de exames e inspector escolar de Anadia; dr. Antonio Pires de Lima, Porto; Claro da Ricca, Chaves; Oliveira Simões, Porto; Miguel de Oliveira, Porto; Angelo Sodi, Porto; Manuel Leite, Coimbra; Carlos Affonso, Porto; Fernando de Vasconcellos, Caria; Raymundo Monteiro, Porto; Agostinho Carvalho, inspector escolar, Evora; Antonio de Oliveira Guimarães, Coimbra; Antonio Rita Martins; Acridio Cannas; Milo Romão; Jayme Adão Barreto, Porto; Asilo José Estevão Coelho Magalhães, José Falcão Ribeiro, Figueira da Foz; Mendes Peixoto, Porto; Escola Normal de Faro; Escola Infante D. Henrique, Porto; Liga Nacional de Instrucção, Coimbra; direcção da Liga Nacional de Instrucção, Lisboa; Manuel Novo Almeida, director do Liceu de Setubal; Angelo Coelho Portalegre; Luiz Velloso, Lisboa, Gomes Teixeira, em nome da Universidade do Porto; Escola Industrial e Commercial Dr. Bernardino Machado; Escola Nacional de Coimbra; Marques da Silva, pela Escola de Bellas Artes do Porto; Candido Gonçalves e Bernardino Cardoso, pela Academia de Estudos Livres de Lisboa; Thomaz Cabreira e José Arroyo.

Jornaes e jornalistas: Alfredo da Cunha, Caria; Raymundo Monteiro, Porto; Agencia Havas, Lisboa; Orlando Marçal, Almada Negreiros, Paris; Amadeu de Freitas; D. Emilia e dr. Alberto de Sousa Costa; Gregorio Fernandes; Bento Carqueja; Joaquim Madureira; Joaquim Pacheco, director do *Primeiro de Janeiro*; Avelino d'Almeida, D. Maria Amalia de Brito Aranha; dr. Joaquim Manso; Pio Cerveira, pelo *Castraense*.

A reforma da policia

Em que termos será feita?

Augmenta-se o numero de guardas e modernisam-se todos os serviços

Diz-se que o parlamento, antes de encerrar as suas portas, discutirá ainda a reforma da policia. Todos nós sabemos quanto a reorganisação dos serviços policiaes se impõe, e não ha quem desconheça os inconvenientes que resultam da falta de vigilancia a que estão sujeitas as principaes terras do paiz, e, muito principalmente, Lisboa e Porto. A capital da Republica não póde, evidentemente, estar á mercê do primeiro facinora que n'ella queira espalhar o desasocego. Tem de ser devidamente policiada, tem de possuir um corpo de segurança publica que garanta aquelles que a habitam contra todos os assaltos e que vele pelo socego de todos e pela ordem material e moral que é indispensavel n'uma cidade da importancia da de Lisboa. Isto é axiomatico. Mas, pergunta-se: attenderá a tudo isso a reforma que o parlamento vae, segundo consta, apreciar dentro em pouco? Satisfará por completo ao fim que procura alcançar o diploma que o sr. ministro do interior levou a S. Bento e que não passa, segundo se affirma, d'uma especie de manta de retalhos, confeccionada com tecidos de varias côres, qualidades e consistencias? Alguem, que por dever d'officio ,tem manuseado e procurado estudar essa reforma diz que não. E dil-o de maneira inilludivel, affirmando-o alto e bom som, perante quem quer ouvil-o.

—O projecto que a commissão de legislação civil está apreciando não satisfaz. Porquê? E' difficil fazer perceber a estranhos a razão porque «aquillo» tem de ser modificado; alterado completamente, inteiramente refundido. E' que não se procurou resolver o problema, collocando-o acima de pessoas e coisas que lhe andam naturalmente adstrictas. Não quero dizer que se pretendeu crear nichos para albergar gente de larga reputação politica e até sem ella. Mas o que não posso deixar de affirmar é que se esqueceram elementos que não podiam ser postos de lado. Detalhes? Quer que lhe aponte alguns?

—Certamente...

—Olhe, em minha opinião urge começar pelo principio, e esse principio consiste em *pôr no andar da rua* todos os officiaes que presentemente fazem serviço na Parreirinha. Razões? Mas são aos montes! Os officiaes da policia não podem, como hoje acontece, ser uma especie de juizes de paz, que sentenceiam como juizes e tratam de tudo menos de disciplinar e vigiar a *corporação*. E' obvio. O numero de guardas é ligeiramente augmentado e pretende-se entregar a instrucção dos agentes a sargentos. Póde concordar-se com isso e póde até consentir-se em conferir a esses sargentos *funcções de inspectores*, como a reforma quer. Mas, pergunta-se, em que situação ficam os chefes de esquadra, cuja cathegoria não póde de modo nenhum ser inferior á de sargento?

—Não o duvide. Eu, por mim, consi-

—A reforma é, então, deficiente...

dero-a um intoleravel monstrosinho, que tem de ser completamente refundido. Ha n'ella politica em excesso e ha, sobretudo, determinações insustentaveis. Aquella, por exemplo, que se refere á descentralisação da policia administrativa. E' um erro crasso. Supponhamos que n'um dado instante se reconhece que ha um predio a desabar e que é preciso intervir, policialmente, sem perda d'um minuto. Desde que haja só um commissariado de policia administrativa, as ordens que o caso requerer dão-se rapidamente e os effeitos da catastrophe attenuam-se ao minimo. Mas admitta que ha mais d'um commissariado. N'esse caso, a *contradança* d'ordens, contra-ordens e deprecadas será tão complicada, que o predio abaterá antes da policia ter passado a quem o habite o devido mandado de despejo.

—E não quer officiaes na policia?

—Quero, porque são *necessarios*. Mas quero-os apenas com funcções disciplinares e de inspecção! Mais nada. Nem podem ser juizes nem decidir em nenhuma especie de coisa. Teem de ensinar os guardas a cumprir rigorosamente os seus deveres e já não é pequena tarefa. O seu logar não será, como até agora, no governo civil, attendendo queixas e resolvendo pleitos que a outros funccionarios pertencem. Quero, sobretudo, vêr na rua os officiaes da policia rondando os seus subordinados, verificando se elles estão sempre no seu logar, se são diligentes, se não exorbitam, se respeitam os direitos de todos os cidadãos, sendo, ao mesmo tempo, intransigentemente severos para com todos quantos, sendo profissionaes do crime, á sombra d'essa profissão pretendem viver livremente. Esta é que é a *funcção* dos officiaes da policia, e havemos de concordar que não falta no exercito quem a possa desempenhar com brilho, *intelligencia* e integridade inquebrantaveis. E' este, n'este aspecto especial da questão, o meu modo de vêr...

—E do ministerio do interior, que papel lhe fica distribuido?

—Não sei. Mas por minha vontade, não era ali que se centralisavam os serviços policiaes. E' que o ministerio do interior gosa de muita má fama para se lhe entregar a direcção suprema de uma *corporação* da importancia d'aquella que vae organisar-se agora em bases novas, ao que se diz. Mas quer que, para fechar, lhe manifeste o meu pensar desapaixonado sobre o assumpto? Pois elle ahi vae: a reforma não será discutida ainda n'esta sessão legislativa por na commissão de legislação civil não ser possivel conciliar todas as opiniões—as dos que atacam e as dos que defendem a reforma. E não se chegará a accordo principalmente por haver n'esse conclave juridico quem, atacado de «Caderomania», a tudo pretende impôr-se, muito embora lhe falleça, para isso, aquella auctoridade que só podia advir-lhe d'um conhecimento profundo da questão. E esse conhecimento fallece-lhe muito mais do que a mim, que nunca quiz ser «leader» de coisa nenhuma...

O «Republica»

Estão a empregar-se os derradeiros esforços para o safar

Segundo noticias telegraphicas recebidas esta tarde, soube-se que as tentativas feitas até ás 4,30 da tarde para se salvar o *Republica* tinham resultado infructiferas. As espias lançadas ao cruzador na praiamar da manhã, quebraram-se. A' tarde, outras lhe foram arremessadas estando, áquella hora, os trez rebocadores que se encontram junto do barco encalhado empenhados até ao ultimo esforço, em o pôr a nado. A' vista do *Republica* encontrava-se já o rebocador hespanhol, que é um verdadeiro navio de salvação, dotado de bombas poderosas, que foi mandado vir da Corunha. Se o cruzador não fôr posto hoje de novo a nado, parece que todas as tentativas para o salvar serão postas de lado.

FOLHETIM D'A CAPITAL—11-8-915

CHRONICA SCIENTIFICA

A luz obscura
Raios ultra-violetas
Acções vitaes

Estamos acostumados a considerar como fórma de energia luminosa activa aquella que nos impressiona por intermedio dos orgãos da vista e que nos permitte divisar os objectos e differençal-os pelas suas côres. Damos por isso toda a attenção ás notas coloridas, cuja gradação constitue a gamma cromatica e resume para os nossos sentidos imperfeitos é erroneos toda a alegria pittoresca da luz, que nos revela os encantos da paisagem, a formosura dos paineis, a belleza dos cambiantes, que nos estimulam ou afagam o apparelho visual. Delicia-nos, como um espectaculo sempre novo, a dispersão da luz do sol atravez das gotas finas da chuva, dando origem ao arco-iris, como nos encanta o phenomeno semelhante que se realisa todas as vezes que o feixe luminoso atravessa a espessura de um prisma e se desdobra nas sete côres elementares.

Porém, o que se entende para aquem e para além d'esta facha colorida, a que Newton deu o nome de espectro solar e que os nossos olhos não abrangem é mais prodigioso: Os systemas de radiações que formam o que os phisicos convencionaram chamar as regiões do *infra-vermelho* e do *ultra-violeta* encerram maravilha maior, que só por artificio descortinamos, mas que exercem, sem o sabermos, poderosissimas acções sobre nós mesmo e sobre tudo que nos rodeia.

No seu dardejamento continuo, o sol não se limita a enviar nos, sob a fórma de radiações multiplas, uma só especie de luz: projecta sobre o nosso mundo uma infinidade de raios córados e obscuros, isto é, d'aquelles de que não podemos ter conhecimento directo pela visão, mas que se nos revelam por varios modos, que uma optica especial estuda e realisa.

A decomposição do feixe luminoso pelo prisma dá effectivamente origem a grupos de radiações, que divergem em sentidos oppostos e amplificam, por assim dizer, o espectro solar, umas para aquem do vermelho outras para além do violeta, aquellas dotadas de propriedades sobretudo calorificas, estas apresentando principalmente propriedades chimicas e influindo sobre os seres vivos de uma maneira especial.

Não se imagine que a descoberta d'estas radiações obscuras seja um facto recente. Ellas são conhecidas desde o principio do seculo passado. Deram com ellas os chimicos, graças á alteração que ellas operam nos saes de prata; são portanto visiveis pela photographia, que é o processo por excellencia de as trazer ao nosso conhecimento. O que dá fóros de actualidade a estes raios invisiveis é a sua acção sobre os organismos de differentes ordens, sobre os quaes incidem. Foi precisamente a sua influencia biologica que os trouxe, nos ultimos tempos, para o campo da experiencia e os tornou applicaveis, como uma fórma de energia, como um agente importante, aproveitavel pelo seu magico poder de analise e de sinthese, bem assim pelo seu effeito intenso e profundo sobre o elemento organico, sobre a cellula, quer ella se apresente individualisada, na fórma de microrganismos, de microbios que a luz repelle e anniquila, quer se encontre na constituição de tecidos, formando orgãos e apparelhos, sobre cujo funccionamento a luz exerce egualmente a sua força, dando causa a transmutações diversas, que fazem parte do grandioso ciclo vital. Um dos factos que puzeram em evidencia os raios ultra-violetas foi o seu emprego therapeutico, a que o professor dinamarquez Finsen deu uma consideravel extensão, achando não simplesmente um meio de tratamento de certas enfermidades, mas creando um methodo novo, que veiu revolucionar a sciencia e recrudescer a attenção dos sabios sobre a maravilhosa natureza d'esses raios, que nos escapam aos nossos meios habituaes de investigação, mas que nos estimulam e nos modificam sem nos apercebermos de tal. Desde então elles entraram familiarmente nos dominios scientificos e acham-se quasi popularisados pelas suas numerosas applicações e pelo muito que sobre elles se tem escripto e avoluma em litteratura de especialidade.

Essas radiações, hoje tão faladas, distinguem-se principalmente por uma faculdade que lhe é peculiar: matam os organismos minusculos que encontram na sua passagem rapidissima, pois ellas caminham no espaço com velocidades inimaginaveis. O bacilo do tetano ou o vibrião cholerico são destruidos pelos raios ultra, em alguns segundos apenas. A comprovação experimental d'este facto veiu explicar a acção microbicida da luz e d'ahi o seu emprego como agente de esterilização e como arma therapeutica, por isso que com ella se consegue destruir os tecidos morbidos, eliminar as partes doentes e regularisar a cicatrisação.

Sobre os animaes e vegetaes de grande porte, o effeito dos raios ultra não é menos sensivel. Attribue-se muitas vezes, no ardor estival, ou mesmo na primavera, ao calor certos effeitos morbidos que, analisando bem, são devidos quasi exclusivamente á luminosidade e em particular áquellas radiações.

A queimadura da pelle que se experimenta durante a excursão pelas montanhas ou á beira-mar explica-se bem como a acção sobre os olhos, verdadeiras ophtalmias, pela penetração mais ou menos profunda d'esses raios atravez dos tegumentos. Não os vemos, mas produzem uma sensação dolorosa e intensa, que não se revella immediatamente e dura um ou dois dias.

* * *

A luz é um factor principal de sinthese organica. E' á custa da riqueza que ella encerra de raios actinicos, no numero dos quaes entram abundantemente os ultra-violeta, que a Natureza, na sua simplicidade austera de processos, no seu vastissimo laboratorio, opéra essas maravilhosas transformações de corpos, cujo metabolismo constante entre o vegetal e o animal e em cada um de per si resume a quasi totalidade das acções vitaes.

Todos sabem que os animaes e as plantas respiram, isto é, tiram do meio ambiente substancias necessarias áquellas incessantes transformações.

Os animaes absorvem o oxigenio do ar e rejeitam o carbono, reduzido a um *gaz* residual, o anhydrido carbonico.

As plantas, sob a influencia excitadora da energia luminosa, cujo fóco é o Sol, decompõem esse corpo, guardam o carbone, que é essencial para a sua constituição e restituem o oxigenio, purificando a atmosphera. Isto dá-se com as plantas verdes, cuja materia corante—a chrophyla—reage á luz, executando aquelle conhecido cambio, emquanto os inferiores, os cogumelos, por exemplo, desprovidos de pigmento clorophiliano, são incapazes de decompor o gaz carbonico e de viver sob a incitação luminosa. Nutrem-se portanto de detritos de troncos ou folhas em via de decomposição. As plantas verdes são organismos de sintese, assim como os animaes o são de consumo e de desagregação de substancias anteriormente acumuladas pelos seres vegetaes.

Tal é, na sua essencia, o papel d'essa funcção dos organismos vegetaes superiores, perpetuando a vida á superficie da terra, utilisando a energia proveniente do sol, na fórma de radiações luminosas e obscuras, cuja importancia, vagamente conhecida no seculo que passou, adquire no presente toda a grandeza atribuivel, em vista das curiosas experiencias e applicações engenhosas, que a sciencia tem ultimamente realisado.

No seu laboratorio de Meudon, o professor Daniel Berthelot e o seu colaborador Gaudechon reproduziram os phenomenos de sintese clorofibiana, proprios das plantas verdes, utilisando para esse fim, em vez das *fórmas* de energia usualmente empregadas nas preparações laboratoriaes, o calor e a electricidade, os raios ultra violetas, os quaes, segundo este auctor, representam a fórma mais nobre e quintessencial da luz, aquella que se define por um numero de vibrações etereas mais rapidas e possue portanto um elevado potencial photodinamico.

São, portanto, a seu modo, tão tanto paradoxaes estes raios: porque, dotados em alto grau do poder de matar os microbios do ar e da agua e aquelles que se encontram introduzidos nos tecidos vivos e tambem dentre d'estes os *elementos* que pela sua degradação organica, se tornam incapazes de resistir ou illudir aquella acção intensa, determinam, em certas condições, o desenvolvimento de actividades vitaes, que pareciam adormecidas ou extinctas.

Soffrem a sorte de *todos os agentes* naturaes: destruidores em grande escala e vitalisadores, quando graduados parcimoniosamente ou attenuados nos seus effeitos pela interposição de corpos inertes ou de catalisadores, destinados a diminuir o excesso de potencial, tal como praticamos habitualmente para o aproveitamento da electricidade na arte de curar.

Ao lado d'aquella, os raios ultra são hoje de um recurso valioso e de um rigor de technica que eguala pelo menos o da electrologia medica, permittindo-nos a cura de perigosas enfermidades, até ha pouco julgadas irreductiveis e incuraveis, perante os meios ordinarios da medicina da cirurgia—taes são o cancro, o *lupus* vulgar da face, as tuberculoses locaes e até mesmo a tisica pulmonar, para a qual a *heliotherapia* é hoje um grande meio, de que ha muito a esperar, quando methodicamente empregado.

J. Bettencourt Ferreira.

A carne congelada em Paris

Paris, 7 de agosto

Depois que começou a guerra foi hoje a primeira vez que appareceu nos mercados carne congelada; venderam-se approximadamente 1500 kilos apenas; não porque o publico lhe fizesse mau acolhimento, mas porque na actual estação consome-se, em geral, menos carne e mais legumes; e, assim, como a offerta é superior á procura os preços baixam.

A carne congelada apenas alcançou o preço de 150 francos por 100 kilos, o que corresponde a 75 centimos o meio kilo, isto é, menos 30 centimos do que a carne fresca.

Casino de S. José de Ribamar

Realisa-se amanhã n'este Casiono a inauguração do palco-terrasse, construido expressamente pelo sr. Oliveira Soares, tendo sido encarregado da parte decorativa o scenographo Eduardo Reis. Amanhã estreiam-se a coupletista franceza Magda Kernes e os artistas Hermanos Bisson.

A ampla esplanada do Casino será illuminada a luz electrica.

COLISEU DOS RECREIOS

O elenco e o reportorio da companhia Granieri

No elenco da companhia que no sabbado se estreia no Coliseu do Recreios com «As damas viennenses» figuram Annita Patrazi Granieri, Fernanda Rassoli, Cina de Valdis, Rosalia Pangrasi, Zelinda Toti, Elisa Patrizi e Concetta, Villani, Amadeo Granieri, Raffaelo Vizzani, Giacinto Mottetti, Adriano Macheti, Ettore Razzoli, Gioachino Secadi, e Gaspar Tavi. Vinte e nove coristas de ambos os sexos. Maestros e directores da oschestra: Edoardo Buccini e Raffaelo Ristori, sendo director de scena Luigi Capelli.

Do reportorio fazem parte as seguintes peças novas para Lisboa: «A menina do cinematographo», «Damas viennenses», «Tan-Tan la Tulipe», «Historia d'um pierrot», «O cabo Susinne», «Os milhões de miss Mabel», «Os moinhos de vento», «O relojinho», «Pascoa Florentina» e «S. alteza dança a valsa».

Das operetas já conhecidas a companhia Granieri traz as seguintes: «A casta Suzana», «A divorciada», «A mascotte», «A princeza dos dollars», «A vida dos bohemios», «A viuva alegre», «Amor de principe», «Boccacio», «Cavalleria Rusticana», «Eva», «Fra Diavolo», «Geisha», «Manobras d'outono», «O conde de Luxemburgo», «O barqueiro de Mahomet», «Os granadeiros», «Os saltimbancos», «Os sinos de Corneville», «Pipistrelo», «Sonho de valsa» e «A morte de Napoleão».

PASSEIOS E EXCURSÕES

A's Caldas da Rainha

Realisa-se no proximo domingo uma excursão, em comboio especial, ás Caldas da Rainha, promovida pelo Grupo Nacional Recreativo.

Os bilhetes encontram-se á venda na tabacaria Neves, Rocio, 42; confeitaria Pires, rua da Palma, 68; Café Royal, praça Duque da Terceira, 14, sendo os preços em 2.ª classe 1$80, em 3.ª 1$20. A partida é de Lisboa Rocio ás 5 horas e o regresso ás 22.

Instrucção militar preparatoria

As provas da Sociedade n.º 1

E' no domingo, como noticiámos, que no Stadium de Lisboa, sob a presidencia do ministro da guerra, se realisam as provas finaes da Sociedade de Instrucção Militar Preparatorio n.º 1.

Abrilhanta o acto uma banda regimental.

No vasto recinto destinado ao publico a entrada é gratuita, não sendo necessarios bilhetes cabendo alli milhares de pessoas que poderão presenciar uma festa brilhante que tem tanto de recreativa como de educativa.

Os camarotes e tribuna central são destinados a diversas entidades que receberam convite especial para assistir á solemnidade.

Os socios auxiliares da Sociedade n.º 1 teem direito a duas cadeiras numeradas e os alistados da 1.ª e 2.ª secções a dois bilhetes de bancada, para pessoas de suas familias. A distribuição dos bilhetes realisa-se amanhã, depois e no sabbado, na séde da Sociedade rua da Graça, 31 e 33 (palacete), das 22 ás 24 horas.

Juntas de parochia de Lisboa

A reunião de amanhã

Para continuação de trabalhos, devem reunir amanhã, ás 21 horas, na séde do Directorio, as juntas de parochia. O presidente da meza, sr. Accacio Eduardo dos Santos, em conformidade com o resolvido na sessão anterior, convida os senadores e deputados eleitos por Lisboa a comparecerem á reunião para tomarem conhecimento de diversas reclamações que as Juntas pretendem formular e entre estas a representação, já approvada, sobre a lei do Registo Civil, que vae ser entregue ao Parlamento.

Touradas

Campo Pequeno.— E' a seguinte a distribuição dos touros na corrida que hoje á noite se realisa em festa artistica do apreciado cavalleiro Morgado de Covas: 1.º, para Eduardo Macedo; 2.º, Manuel dos Santos e Blanquet; 3.º, lide á hespanhola; 4.º, Alfredo dos Santos e Cantimplas; 5.º, Morgado de Covas; 6.º, Eduardo de Macedo; 7.º, Daniel do Nascimento e Custodio Domingos; 8.º, lide á espanhola; 9.º, Morgado de Covas; 10.º, Malagueno e Blanquet.

A corrida principia ás 21,45 (9 e 3/4), estando a direcção a cargo do aficionado Luiz Pimentel.

FIGUEIRA DA FOZ, 10.—No domingo inaugura-se a epoca no Coliseu Figueirense, com uma corrida em que tomam parte os cavalleiros Casimiros e os bandarilheiros Theodoro, Cadete, Ribeiro Thomé, Damião, Custodio e Malagueno, lidando-se touros do lavrador José Vaz Monteiro, do Carregado. Ha comboios a preços reduzidos nas linhas da Beira Alta, Vizeu e Companhia Portugueza e «tramway» entre Coimbra e esta cidade.

LUCTA PACIFICA

A Associação de Propaganda Feminista

A commissão de senhoras da Associação de Propaganda Feminista, encarregada de advogar junto do governo e do congresso os direitos da mulher, será recebida em proximo sabbado pelo sr. dr. Theophilo Braga, a quem entregará um folheto com a interessante representação a que «A Capital» tambem se referiu.

A mesma commissão esteve já com o sr. dr. Bernardino Machado, tendo-lhe exposto detidamente os desejos formulados por aquella collectividade, no campo das reivindicações femininas. O presidente eleito dispensou ás senhoras que o procuraram mais gracioso acolhimento, assegurando-lhes a viabilidade de solução do quasi todos os problemas agitados, n'este momento, pela Propaganda Feminista. Tambem o sr. dr. Affonso Costa, sendo abordado pelas senhoras da commissão, lhes declarou serem justas as suas pretenções, pelo que inteiramente se punha ao seu lado, como mandava a sua honra de legislador.

Ex.mo sr. presidente e srs. deputados da nação:

No intuito de chamar o vosso esclarecido criterio para a delicada situação que as circumstancias crearam directamente á Moagem matriculada, e indirectamente á situação economica do paiz, veem os signatarios trazer á vossa consideração alguns factos denunciadores d'uma grave crise, hoje de remedio possivel, amanhã de solução muito dispendiosa, que deve contender por egual com os interesses do thesouro e os do publico consumidor. D'esses factos não teem responsabilidade os signatarios que, entretanto, no cumprimento do seu dever patriotico, veem mais uma vez offerecer ao alto poder do Estado, que vós representaes, o modesto saber feito da propria experiencia.

Discute-se na vossa Camara o projecto da Commissão de Agricultura baseado no exame da proposta que, sobre o regimen cerealifero, foi apresentado pelo nobre ministro do fomento. A par d'esse projecto encontram-se na meza da vossa Camara outras propostas sobre o mesmo regimen, e uma representação em que os signatarios compendiaram as reclamações que, no estado actual da industria, reputaram necessarias para poderem continuar a laborar.

Nunca é perdido o tempo dispendido a discutir as bases do nosso regimen cerealifero, que, não podendo deixar de ser economicamente artificial, exerce, entretanto, uma influencia decisiva e *notavel influencia* sobre a Agricultura, a Moagem, a Panificação e a Subsistencia do povo portuguez. Mas precisamente por estas considerações, devemos lembrar-vos que os signatarios—e elles *representam toda a moagem do paiz*—se encontram em situação desesperada.

Terminou em 31 de julho o regimen cerealifero decretado em 1 de março do anno corrente. Não foi prorogado o prazo d'esse regimen, nem decretado outro regimen em sua substituição. Do mesmo modo não é possivel prever qual dos diplomas pendentes da approvação parlamentar será convertido em lei da Republica. Como não podia deixar de succeder, no dia 31 de julho ficaram em deposito nos estabelecimentos de Moagem, farinhas e trigos da colheita anterior e da ultima importação, que os signatarios, tendo pago a $022,25 o kilo, venderam pelos preços estabelecidos no regimen decretado em 1 de março.

De que modo deviam conduzir-se os signatarios depois de 31 de julho? Quanto á venda de farinhas, como se continuasse em vigor o regimen de 1 de março; nem outra conducta poderia impôr-se-lhes, sendo conhecido das estações officiaes o preço do trigo que em 31 de julho se encontrava nos seus estabelecimentos. Não assim quanto á compra de trigos.

Depois de 31 de julho os signatarios não teem comprado os trigos da ultima colheita. Nem sabem as condições em que poderiam fazel-o. Pelos preços da tabella de 1899? Dir-se-hia que, aproveitando-se da prorogação *de facto* do regimen decretado em 1 de março, vendiam pelo preço fixado n'esse regimen as farinhas dos trigos comprados conforme os preços da tabella de 1899. Por outros preços? Mas os signatarios não podem prever as bases do regimen cerealifero que serão approvados pelo Congresso; e, como o regimen cerealifero em Portugal, e no momento presente, tem de ser economicamente artificial, os signatarios não podem orientar-se por outro criterio.

Por estas razões, expostas com absoluta lealdade, os signatarios, depois de 31 de julho, teem lançado no mercado as farinhas que ficaram nos seus estabelecimentos n'esse mesmo dia; mas tão reduzido era eses «stock», que não póde durar mais de 20 dias.

Eis a situação delicada para a qual chamamos a vossa attenção. A protelar-se a situação actual, sem a publicação d'um diploma que fixe o novo regimen cerealifero, ou defina pelo menos a sua situação transatoria, a Moagem matriculada, dentro de 20 dias, não tem farinhas.

Não nos cançamos a destacar as arestas de semelhante crise. Apresentamos lealmente a situação ao vosso esclarecido patriotismo e confiamos em que, mais uma vez corresponderels ao pesado encargo das obrigações que a Patria vos confiou.

Saude e fraternidade.

Pela Moagem matriculada:

Nova Companhia Nacional de Moagem.
João de Britto, L.da.
Viuva A. J. Gomes & C.a & C.ta.
José Antonio dos Reis.
Gomes, Britto, Conceição, Reis & C.a, L.da.
Companhia de Moagens Invicta.
Fabricas da Senhora da Hora, L.da.
Barreto, Filho & Genro.
Companhia de Moagem «Harmonia».
Fabrica de Moagem «A Portuense», L.da.
Fabrica de Moagem «Rio Tinto» L.da.
Augusto Castro & Ferreiras.
A. Peres Ventura & C.a.

Movimento associativo

Chauffeurs de Portugal

Reune a assembléa geral amanhã, ás 21 horas, para resolver sobre uma circular do ministerio do fomento referente á regulamentação das horas de trabalho e sobre uma outra para organisar uma Federação Nacional de Transportes Terrestres.

Vendedores de viveres a retalho

Reune a assembléa geral depois de amanhã, ás 21 horas, para tratar de diversos e importantes assumptos, pelo que se pede a comparencia detodos os socios.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

VILLEGIATURAS

Encontra-se em Paris, d'ondo seguirá brevemente para a Côte d'Azur, a sr.ª marqueza de Val Flôr.

— Parte hoje para a sua casa em Alcochete a sr.ª D. Elvira Rodarte de Almeida, esposa do senador Celestino de Almeida.

— Está no Bussaco a sr.ª D. Albertina Paraizo.

— Partiu para Paço d'Arcos, acompanhada de suas filhas, a sr.ª D. Brites Gonçalves Quaresma, esposa do capitão de cavallaria sr. Carlos de Guerra Quaresma.

— Acha-se no Gerez a sr.ª D. Palmira Valverde Teixeira Bastos.

— Partiu hoje para Caldellas, acompanhado de sua esposa, o sr. Arthur de Sousa Lima.

— Esteve hontem em Braga, de visita aos srs. viscondes de Paço de Nespereira, a sr.ª marqueza do Fayal, acompanhada de seus filhos. Na casa dos Biscainhos foi-lhe offerecido um chá.

— Com sua familia, já se encontra nas suas propriedades de S. Pedro de Merelim, Braga, o sr. barão do Sameiro.

— Encontra-se em Cintra com sua mãe o eminente escriptor sr. Julio Dantas.

— Parte amanhã para Zurich o sr. Alvaro Bessa de Carvalho, filho do sr. dr. José Bessa de Carvalho.

NAS LARANJEIRAS

O programma do concerto e das danças de amanhã pelo trio Argentino no parque das Larangeiras, Jardim Zoologico, das 17 ás 19 horas, é o seguinte:

1.ª parte—«A petits pas» marcietta, Sudessi; «Lampa, ouverture, Herold; «Tango argentino», authentico, «Maxixe brazileiro» e «One step», Trio argentino; «Viuva alegre», valsa, Lehar.

2.ª parte—«Fremito d'Amore, valsa, Barbicilli; «Luxemburg», valse, Lehar; «Dança dos apaches» e «Tango parisiense de salão», danças pelo Trio argentino; «Bi-Ba-Bo», marche, Lerdo.

Os professores que formam o Trio argentino, darão, das 3 ás 5, lições gratuitas de tango e maxixe parisiense a senhoras e cavalheiros.

ENTRE ARTISTAS

Terminou amigavelmente a questão entre mlle Lucienne Bréval e o talentoso desenhador Charles Rivaud, por causa d'um vestido que este ultimo desenhara para o terceiro acto de *Pénélope* e cuja conta—uns 1.700 fr.—a grande tragica lirica se recusava a pagar. Foi no atelier de Pierre Carrier-Belleuse, delegado-perito do tribunal, que as partes se reconciliaram. Não foi precisa a presença do costureiro.

Um julgamento parisiense...

SARAH BERNHARDT

A Cruz Vermelha da Belgica convidou a grande tragica a tomar parte n'uma festa organisada em Londres. Sarah Bernhardt, que tem a adoração do povo inglez, respondeu, com profundo pezar, que lhe não era possivel acquiescer ao convite. Como se sabe, foi-lhe amputada uma perna, mas ainda não consegue andar com o indispensavel desembaraço. A artista gloriosa espera poder fazel-o dentro de dois mezes.

CASAMENTOS

Realisa-se amanhã em Cintra o casamento da sr.ª D. Maria Izabel de Castro Pereira, filha da sr.ª D. Cecilia Wanzeller Castro Pereira e sobrinha da sr.ª condessa de Castro Pereira do sr. dr. Manuel de sa de Seisal, com o sr. Guilherme Street, filho dos fallecidos condes de Carnide e sobrinho do antigo chefe politico sr. João Franco.

PEQUENAS NOTICIAS

No Jardim Colonial de Lisboa, proveniente de Moçambique, deram entrada 22 especies alimentares com destino ao mostruario da cadeira de culturas coloniaes e cultivação para classificação.

—Antonio Gonçalves Torres, morador no beco dos Arciprestes, 10, 3.º, queixou-se de que na estação do Rocio lhe furtaram uma corrente e medalha de ouro e um relogio de aço, tudo no valor de 58 escudos.

—João José Pereira Carças, morador na rua de S. Bento, 204, 2.º, queixou-se de que tendo ao seu serviço, como creada, uma mulher chamada Maria, esta aproveitando a sua ausencia lhe furtara diversos objectos no valor de 57 escudos, pondo-se em fuga para parte incerta.

—A seu pedido deixaram de fazer parte da policia os guardas 1185, Virgilio Lima Morgado, e 1280, Francisco Antonio Paulos Motta.

—A policia procura José Bernardo Conde, de 77 annos, que se evadiu da Albergaria de Lisboa, levando o uniforme d'aquelle estabelecimento.

—A' enfermaria O 24 B do hospital Escolar recolheu o carpinteiro Fructuoso França, morador no pateo Carlos Dias, que n'uma officina de serração na rua de Santa Martha foi colhido por uma machina ficando ferido nas mãos.

—Respectivamente ás enfermarias 2 do hospital Estephania e 3 do hospital de S. José recolheram Julia Purificação Machado, moradora na rua do Mirante, 8, 1.º, que cahiu na sua residencia, e Antonio Almeida Sousa, carpinteiro, morador no largo de Santa Marinha, que cahiu por um alçapão na fabrica d'armas, ficando ambos contusos pelo corpo.

«A Capital»

Vende-se nos *Recreios Desportivos* da Amadora.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 10.—Maria Ernestina Alves, casada com Antonio Alves Junior, commerciante e residente no Espinhal, concelho de Penellas, veiu a esta cidade fazer as suas compras. No estabelecimento da firma Antonio Fernandes & Filho, na rua do Corvo, tentou fazer um pagamento com um escudo falso. Tornando-se suspeita como passadora de moeda falsa, um empregado do estabelecimento requisitou um guarda da policia civica, que a conduziu immediatamente para a esquadra.

Ahi revistada foram-lhe encontrados 114$00 em notas do Banco, prata, nikel e cobre e entre esta quantia alguns escudos de centavos regularmente fabricados de aluminio ou cousa parecida, mas falsa.

A Ernestina, que protesta a sua innocencia, mas cahindo em varias contradicções, deu hoje entrada na cadeia e deve ser amanhã pronunciada, tendo já sido inquiridas em juizo varias testemunhas.

—Foram concedidos 30 dias de licença por motivo de doença ao sr. dr. Filomeno da Camara, professor da Faculdade de Medicina e administrador dos hospitaes da Universidade.

—Marchou para a Figueira da Foz uma força de 10 praças da guarda republicana, commandadas pelo cabo n.º 10, afim de ali fazer o policiamento da cidade durante a epoca balnear.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Prosegue a discussão do regimen cerealifero

Preside o sr. Simas Machado, que abre a sessão com 70 deputados. O sr. Leotte do Rego volta a occupar o seu logar de deputado. Approva-se a acta e lê-se o expediente. Representa o governo o sr. ministro da justiça. Galerias pouco menos de desertas. O sr. Adriano Pimenta manda para a mesa um projecto de lei isentando do pagamento de direitos de encarte os empregados particulares da Misericordia. O sr. Marianno Arruda, eleito pelos Açores, diz que a ilha de S. Miguel não se sentiu affrontada por terem sido para ali enviados os srs. Pimenta de Castro, Goulart de Medeiros e Machado Santos, pede a discussão da reforma da policia e faz referencia a tão variados assumptos, que não é possivel a um estranho orientar-se em tal labirintho de considerações. O sr. Levy Marques da Costa, em negocio urgente, occupa-se da questão cambial e diz que tanto nos mercados de Lisboa como no do Porto se estão fazendo verdadeiras especulações criminosas, que é preciso cohibir por se tratar de um verdadeiro jogo de azar. Combate a concessão de moratorias, que não teem servido senão para favorecer negocios pouco correctos e os especuladores do oiro, que o guardam avaramente, para o lançarem no mercado ou o exportarem quando maior preço attinge. Traz ao parlamento um projecto de lei que em seu parecer resolve o assumpto, dos mais instantes e dos mais importantes, e entende que devem dar-se ao governo todas as auctorisações para que elle ponha cobro á exportação do oiro e ao jogo de bolsa que está a fazer-se em proporções as mais ameaçadoras. O sr. ministro da justiça explica que o governo só recebeu até agora uma reclamação sobre a liquidação de operações cambiaes, que são de sua natureza graves e melindrosas pelos interesses que criam e que não podem ser esquecidos. O governo, assim, não concorda com a urgencia que o sr. Levy Marques da Costa pediu para o seu projecto, o qual deve ir ás commissões, para ser devidamente estudado, apreciado e relatado. A Camara pode resolver em contrario. Mas o governo desinteressar-se-há do debate que considera, aliás desde já, questão aberta. O sr. Levy Marques da Costa responde dizendo que o seu projecto é de uma tão manifesta urgencia que não pode ser enviado ás commissões e correr o risco de ali ficar esquecido tempos sem fim. Pode bem ser que, por a Camara o não discutir desde já, se deem catastrophes financeiras gravissimas. Quer o governo arcar com as responsabilidades que d'ahi advirão? O sr. ministro da justiça replica que as commissões podem pronunciar-se com brevidade habilitando assim a Camara a poder pronunciar-se com todo o conhecimento do assumpto.

O sr. Marques da Costa apresenta um projecto prorogando o praso para a exportação de cebola até 31 de agosto. Falam os srs. Almeida Ribeiro, ministros das finanças e do fomento, sendo o projecto approvado com uma emenda do sr. Germano Martins, em virtude do qual a cebola não pode ser exportada desde que o seu preço vá além de 2 centavos.

Na ordem do dia continúa a discutir-se o regimen cerealifero. Falam varios oradores que apresentam emendas, apreciando o sr. Julio Martins demoradamente a questão dos adubos, que é preciso fornecer á agricultura por preços equitativos e justos.

No Senado

Orçamento do ministerio do interior e a questão das horas de trabalho para os operarios das artes graphicas, cujo projecto fica approvado

A's 14,50 apenas 17 senadores se encontram presentes. Pausadamente o sr. Paes d'Almeida faz a chamada e o sr. Paes Abranches lê a acta. Na presidencia o sr. Correia Barretto. Bancada ministerial e galerias, desertas. A campainha retine desesperadamente, mas quasi debalde. Emfim, pela cochia da direita entra agora o sr. Faustino da Fonseca, e pela da esquerda, no seu passo miudinho e como quem não tem pressa nenhuma entra o sr. Nunes Garcia.

O sr. ministro do interior chega tambem e toma o seu logar. São 15 horas em ponto. Espera-se mais um pouco. A meza conta e torna a contar os senadores presentes. Nos olhos do sr. Correia Barreto lê-se a magua e o desconsolo por tanta falta de pontualidade da parte dos srs. senadores.

Entretanto, chegam mais dois: os srs. Silva Barreto e Thomaz da Fonseca. Ha numero. Na meza, approvada a acta, começa-se finalmente trabalhando em ultimas redacções que o Senado approva.

O sr. Lourenço Serra queixa-se de que ha mais de 20 dias mandou para a meza uma interpelação ao sr. ministro da guerra sobre a transferencia de infantaria 24 e até hoje ainda o sr. ministro se não deu por habilitado. Identicas queixas faz o sr. Paes Gomes com respeito á sua interpelação ao sr. ministro da justiça desejando tambem que se avise o sr. ministro da instrucção de que elle orador precisa urgentemente falar-lhe.

O sr. presidente do ministerio, que acaba de tomar o seu logar, participa que do orçamento anterior do ministerio da marinha existia um saldo de 18 contos que por necessidades imprescindiveis por causa da guerra já começou empregando, lembrando-se por exemplo das seguintes verbas quasi todas já dispendidas: aluguer d'uma embarcação para a ronda do cabo submarino nos Açores; idem do vapor «Congo» para fiscalisação de pesca; passagens para officiaes e praças por maior movimento devido á conflagração europeia; telegrammas; rações de pilotos de Setubal devido á falta de navegação pela mesma causa; despezas que se não podem prever ainda pela mesmo motivo. Para tudo isto pede a approvação do Senado, com dispensa do regimento. Concedida a urgencia e approvadas as despezas, com ligeira discussão dos «leaders» dos partidos.

Entra-se immediatamente na ordem do dia—orçamento do ministerio do interior, que pela sexta vez vae ser discutido. Falam ainda hoje sobre o assumpto os srs. Paes Gomes, Daniel Rodrigues e ministro do interior.

Em negocio urgente o sr. Sousa Junior envia para a meza um projecto de lei que substitue o já approvado na outra camara da autoria do sr. dr. Costa Junior. Porque o assumpto é grave e demanda solução rapida pede para o projecto dispensa do regimento e immediata discussão.

O projecto apresentado é o da outra Camara com a clausula de não ser applicada aos menores a lei vigente de 1888. Isto é: as artes graphicas são consideradas insalubres, mas serão por emquanto admittidos na sua aprendizagem menores com menos de 16 annos.

Votam-se primeiro os orçamentos da policia dos governos civis que vinham sendo discutidos, interrompendo-se depois esta discussão para se votar o requerimento do sr. dr. Sousa Junior que foi approvado em votação nominal.

Na generalidade o sr. Celestino de Almeida declara que rejeitou a urgencia por se não considerar sufficientemente habilitado a tomar uma resolução sobre assumpto de tanta magnitude, tanto mais que no Porto já ha uma gréve de operarios graphicos e em Lisboa egual movimento se esboça.

O sr. Sousa Junior demonstra que nas artes graphicas a mortandade pela tuberculose é muito maior do que em qualquer outro ramo de trabalhos ainda dos mais violentos, o que exige a immediata approvação do projecto que se discute. E pelo seu lado essa approvação fez-se sem medo, imposições ou coacções de qualquer ordem.

O sr. José Maria Pereira é da opinião do sr. Celestino de Almeida. De afogadilho, sem preparação nem estudo, não se votam taes medidas que podem ir ferir legitimos interesses de terceiros. E' preciso respeitar esses interesses não indo aggravar as relações já demasiado tensas entre o capital e o trabalho.

Terminando, o sr. José Maria Pereira diz que antes de se votarem taes medidas é preciso educar o povo.

O sr. Faustino da Fonseca:—Não apoiado.

O orador:—O sr. Faustino da Fonseca diz isso porque não é patrão nem proprietario. Se o fosse veria a necessidade da realisação das minhas palavras.

O sr. Sousa Junior rebate as affirmações do sr. José Maria Pereira e o sr. Celestino de Almeida reedita as suas considerações de ha pouco.

O sr. Estevão de Vasconcellos é pela approvação immediata do projecto, que largamente defende.

O sr. Agostinho Fortes justifica essa approvação pela protecção que se deve dar á classe proletaria.

O sr. dr. Pedro Martins dá o seu voto ao projecto por se ver as necesidades de momento.

O projecto é approvado na generalidade e na especialidade com dispensa de ultima redacção.

Esta noite ha sessão.

Noticias parlamentares

Já foi entregue á commissão de colonias o projecto que cria na Ilha da Madeira um Sanatorio para os funccionarios coloniaes, civis ou militares, que nas colonias adoeçam e que precisem abandonar os seus cargos para se restabelecerem. Parece, entretanto, que nem todos os vogaes da commissão de colonias estão de accordo com o projecto, dizendo-se que ha entre elles quem julgue que o sanatorio a crear não dará, por motivos varios, os resultados esperados e quem cuide preferivel mandar convalescer os funccionarios á Africa do Sul, por medidas de economia bastante attendiveis, ou construir nas proprias colonias os sanatorios que forem julgados indispensaveis.

* *

O sr. dr. Levy Marques da Costa occupou-se hoje da questão dos cambios e mandou para a mesa um projecto determinando que a liquidação de todas as operações a prazo, realisadas nas praças de Lisboa, Porto e Funchal, até ao dia 3 de agosto de 1914 serão feitas por compensação á media do cambio vendedor dos dias 1 de julho a 3 de agosto do mesmo anno, pela cotação official da Bolsa de Lisboa. Por compensação entende-se a entrega da differença entre o preço da operação e o que resulta da média determinada n'este artigo. Fixa-se o praso improrogavel de 15 dias, contado da publicação do projecto, se fosse approvado, para a liquidação de todas as operações mencionadas no projecto.

* *

O conselho de ministros, reunido hontem á noite, occupou-se da questão do Douro e resolveu não ratificar o tratado do commercio com a Inglaterra emquanto o Parlamento não discutir os projectos que sobre o assumpto lhe foram apresentados. Se por ventura, o governo inglez insistir n'essa ratificação, o governo convocará uma sessão extraordinaria do Congresso exclusivamente para se discutir esta questão importantissima. Os representantes do Douro em côrtes, estão, ao que consta, de inteiro accordo com o governo visto a resolução tomada dar plena satisfação ás suas aspirações, por manter o actual estado de coisas, que nenhuma surpreza poderá modificar.

* *

Foi hoje enviado para a mesa da Camara dos Deputados, pelo sr. Ernesto de Vilhena, um parecer da commissão de colonias sobre um projecto do sr. Ramos da Costa requerendo a reforma dos officiaes do extincto exercito d'Africa e guarnição de Timor, naturaes das provincias ultramarinas. A commissão elaborou um outro projecto, no qual determina que aos officiaes em questão seja applicavel, para effeitos de reforma, o disposto no paragrapho unico do artigo 3.º da lei de 8 de julho de 1863, ficando assim interpretados os artigos 34.º e 69.º do decreto de 2 de dezembro de 1869, que organisa as forças militares ultramarinas.

Mulher colhida pelo comboio

Fallece a caminho do hospital

Na estação de Alhandra, foi colhida pelo comboio Julia Augusta, de 40 annos, natural de Alverca, casada com o guarda da linha Augusto Nunes.

Trasportada para Lisboa, chegou ao hospital de S. José já cadaver, sendo o obito verificado pelo medico de serviço, sr. dr. Azevedo, que ordenou a sua remoção para a Morgue.

Deixa tres filhos menores.

A grande guerra

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 10.—Sir Yan Hamilton informa que tem havido combates em varios pontos da peninsula de Gallipoli, durante os ultimos dias, effectuando-se sensiveis progressos na zona meridional. A leste da estrada de Kritia fez um avanço de 200 metros n'uma frente de 300 metros. O ganho foi mantido apesar dos rijos contra-ataques turcos, que foram repellidos com grandes perdas. Os repetidos ataques turcos foram repellidos em todos os pontos d'esta região. O corpo francez fez varios ataques e a sua corajosa cooperação prestou-nos o maior auxilio.

Na zona de Anzac (na costa occidental de Sari Bair) penetrámos em Chumack Bair, tomámos uma parte de Sari Bair, e occupámos a crista depois de porfiado combate e de um assalto feito com bom exito a algumas posições fortemente defendidas. O inimigo soffreu aqui consideraveis perdas. O avanço começou de noite sob a protecção dos projectores de um destroyer.

Houve desembarques felizes de tropas novas em varios pontos, fazendo-se consideraveis progressos. Aprisionámos 630 homens e tomámos ao mesmo tempo uma peça Nordenfelt, dois lança-bombas, 9 metralhadoras, e grande numero de bombas.

O sólo está coberto de grande quantidade de espingardas turcas, munições e equipamentos.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

O «raid» de aviões e zeppelins sobre a costa ingleza

LONDRES, 10.—O almirantado britannico annuncia o seguinte:

Uma esquadrilha de aviões inimigos visitou a costa oriental a noite passada e esta manhã entre as 8,30 da noite e as 12,30 da madrugada.

Houve alguns incendios causados por bombas incendiarias lançadas pelo inimigo, mas foram rapidamente extinctos e causaram apenas insignificantes estragos. Ha noticia das seguintes perdas: um homem, oito mulheres e quatro crianças mortas e quatro homens, seis mulheres e duas creanças feridas.

Um Zeppelin foi seriamente avariado pelo fogo das peças das defezas de terra, e dizia-se esta manhã que elle fôra rebocado para Ostend. Desde então foi alvo de continuos ataques dos nossos aviões de Dunquerque e de violento fogo que lhe destruiram a parte de traz e os compartimentos da rectaguarda. Sabe-se agora que foi completamente destruido por uma explosão.

A noite estava extremamente escura acompanhada de expesso nevoeiro em varios pontos que tornou o vôo nocturno dos aeroplanos difficilimo.

Pena foi que o tenente R. Lord um dos pilotos que foi mandado ao encontro do inimigo, morresse quando aterrava na escuridão.—(*Havas*).

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 11.—Communicação official das 15 horas.—Em Artois houve canhoneio durante a noite, em volta de Souchez, e uma tentativa de ataque allemã com petardos, que foi repellida. Em Argonne houve violentissimo bombardeamento das nossas posições a leste da estrada de Vienne-le-Chateau a Binarville. No resto da linha houve relativo socego.—(*Havas*).

A campanha na frente oriental

PETROGRADO, 11.—Official. Repellimos com exito os ataques allemães nas estradas de Riga. Na direcção de Dwinsk na região de Schotenberg-Vilomir o inimigo começou a recuar sob a nossa pressão abandonando prisioneiros e munições. A nossa artilharia repelliu a offensiva allemá contra Novo-Georgievsk. Interceptámos a offensiva inimiga na direcção de Lublin e na margem direita do Vieprz bem como nas estradas de Vlodava.—(Havas).

A questão das subsistencias

Um inquerito para estudo

Foi hoje expedida, pela presidencia do ministerio, uma circular a todos os governadores civis pedindo-lhes que respondam ás seguintes perguntas:

Que generos alimenticios ou que materias primas vegetaes para industrias, das que são importadas do estrangeiro, poderiam ser produzidas n'esse districto?

D'entre as materias primas para as industrias, cultivam-se n'esse districto o linho, canhamo ou outras substancias filamentosas proprias para cordoaria e em que quantidades?

Existe n'esse districto a secagem dos fructos e outros productos por meio artificial ou de machinismo?

Que genero de machinismo o que processo?

Existe n'esse districto a industria de secagem de batata? Se não existe, poderia ter vantagem crear essa nova industria com premios para seu incentivo?

O inquerito a que assim se procede é para fornecer elementos d'estudo e recommenda-se aos chefes dos districtos que respondam com dados approximadamente certos, quando o não possam fazer com toda a exactidão.

A gréve dos graphicos no Porto

Os jornaes não sahirão tambem amanhã — Ameaças de gréve geral

PORTO, 11.—Tambem amanhã se não publicam os jornaes. O governador civil mandou chamar a commissão do movimento das 8 horas, dizendo-lhe que, se os quadros dos jornaes persistissem na sua attitude, elle se desligaria do compromisso que tomára e que consistia em advogar a causa dos operarios graphicos.

A commissão respondeu-lhe que ia convocar uma reunião para as 15 horas, o que fez, reunindo a classe na séde da Associação dos carpinteiros. A sessão decorreu muito acalorada. O sr. Guedes Malvar, camarista e que pertence á Liga das artes graphicas, falou largamente, dizendo-lhe que lhe parece que a Liga tem grandes responsabilidades e que o movimento dos quadros dos jornaes foi pelo menos precipitado.

Entendia que todos deviam assignar um documento, para mais tarde se não alijarem responsabilidades. Propunha por isso que se realisasse uma sessão especial e particular. Assim se fez e por grande maioria votou-se que o movimento continuasse, dizendo alguns:

—Já que estamos na rua, n'ella continuaremos.

Para amanhã está convocado um comicio pela Federação das Associações Operarias, dizendo-se no manifesto em que se faz o convite para esse comicio que se o governo não attender as reclamações dos graphicos se preparará a gréve geral.

Dr. Bernardino Machado

A Associação Commercial de Lisboa em sessão extraordinaria nomeou uma commissão para ir cumprimentar o sr. dr. Bernardino Machado pela sua eleição, incumbencia de que essa commissão se desempenhou hoje mesmo.

VIDA OPERARIA

Reclamações operarias

A Associação de Classe dos Medidores de Cereaes reclamou perante o sr. governador civil contra o facto da Nova Companhia Nacional de Moagem ter despedido 70 operarios substituindo-os por individuos que não pagam contribuição, prejudicando assim os operarios e o Estado.

Uma commissão de bagageiros tambem hoje procurou o sr. governador civil a fim de lhe pedir que seja intermediario entre a classe e as auctoridades maritimas para que possam ir a bordo, visto a policia do porto lhes prohibir a entrada.

Da janella á rua

Creança morta

Pelas 17 horas e meia, cahiu da janella da sua residencia á rua, tendo morte quasi instantanea, o menor de quatro annos Vasco, filho de Francisco Niza e Emilia da Conceição, residentes na calçada de S. João da Praça, 106, 3.º

Conduzido ao hospital e verificando-se ali que o pequenito era cadaver foi removido para a Morgue.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9/16	35 7/16
Londres, 90 d/v	36 1/16	—
Paris, cheque	$73	$74
Allemanha, cheque	$28	$29
Hollanda, cheque	$55,5	$57,5
Madrid, cheque	1$35	1$36
New York	1$40,5	1$41,5
Rios/Londres	—	—
Libras	6$95	7$07
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,05	—
» » 500$	40,05	—
» » 100$	40,00	41,00

Certificados de 50$, 41 %.

Obrigações d'Estado: 3 % 1905, 9$40; 4 1/2 88-89, assent., 60$50 e coup. 60$.

Externas: 1.ª serie, 72$50 e 3.ª 74$60.

Acções: Ultramarino, 109$; Aguas, 39$70; Assucar, 39-80; Credito Predial, 9$; Phosphoros, coup., 56$; Tabacos, coup., 76$.

Obrigações: Aguas, assent., 80$ e 80$15; Municipaes e Districtaes 5 %, 70$50; Norte e Leste, 1.º grau, 72$80; Beira Alta, 2.º grau, 13$50; Classes Inactivas, 91$80; Caminho de Ferro de Benguella, 77$ e 76$ tit. 5; Assucar, 41$50.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Lei das sesmarias e irmandades»

Em opusculo publicou o sr. dr. Diogo Tavares de Mello Leotte o projecto de lei que intentou propôr como ministro em sessão de 11 de maio do corrente anno e que agora offerece como estudo á Academia de Sciencias de Portugal.

NO PORTO

A situação dos trabalhadores

é má, pela carestia da vida e falta de trabalho

Mas nem só o Estado pode remediar o mal—Os proprios trabalhadores é que o podem fazer

Porto, 10 de agosto

Um intelligente industrial com quem nos encontravamos hontem disse-nos o seguinte:

—Ha uma certa agitação em todas as classes operarias d'esta grande cidade, a de mais fecunda actividade, a de mais rudo trabalho, laboriosa até ao extremo, como até ao extremo ciosa da liberdade, sempre á frente de todos os movimentos de reivindicações e regalias communaes e collectivas.

«Não estão sómente em campo os graphicos, reclamando as oito horas de trabalho. Os pintores, as quatro artes da construcção civil, encaminham-se para a obtenção do mesmo horario. E dizem, talvez com razão:—Se aos empregados do Estado foi concedido esse horario, porque razão não ha de ser estabelecido nas industrias particulares?

—E parece-lhe justa essa reclamação?

—Em principio, é de toda a justiça. Oito horas de trabalho, bem aproveitado, productivo, chega para cançar o cerebro e o braço dos trabalhadores. Porque—é preciso accentuar—o operario mais modesto, o que talha o marmore, o que esboça a pintura de uma taboleta, o que molda uma forma de cimento, como o que gisa o córte de um vestido, o que compõe, com arte, um annuncio-reclamo de jornal, ou o «plarcard» mural de um novo casino, de uma tourada, ou de um ultimo especifico salvador de todas as doenças humanas, revigorador do sangue, refrigerio a todos os males, desde a siphilis até á neurasthenia—é evidente que esse operario não dispõe apenas da força do braço e da technica do pincel: dispõe, accumula, divide por todo o seu trabalho multiplas attenções e retenções cerebraes. Não é como o rude lenhador que, com o machado, abate arvores e as corta em traços, e os divide em rôlos e a estes em achas... Não.

«Se bem que o proprio lenhador tem de dispôr tambem de uma attenção cerebral muito limitada, mas indispensavel, para que o seu trabalho produza. Veja-se, por exemplo, o seguinte: no nosso norte, onde, nas pequenas villas e aldeias, se não faz uso de carvão nas cosinhas, mas de achas de pinho, ha cortadores jornaleiros, trabalhadores, que cortam os pinheiros, lhes decepam os ramos, os serram em troços e em rôlos e racham por dia, em media, 7, 8 e 9 centos de achas. Porque? Porque estão treinados n'este trabalho. Outros não fazem 5 centos.

—Prova isso...

—Prova que para todo o trabalho é precisa a pratica. Para que o trabalho seja util—ao operario e ao patrão—é indispensavel que o operario saiba e que o patrão pague relativamente á obra produzida. E d'aqui, é facilimo concluir que o operario só pode reclamar menos horas de trabalho quando o trabalho produzido por elle seja egual, perfeito, ao que anteriormente produzia, com horario de mais horas. Pode isto fazer-se em Portugal? Está o operariado habilitado profissionalmente, technicamente, a justificar essa limitação de horas, sem que haja limitação de ordenados?

«Não está, infelizmente. E é por isso que as suas reclamações não teem a grande sympathia do publico, nem podem ter a protecção ou imposição em seu favor, das estações officiaes. Pelo contrario, toda a gente que trabalhou, que trabalha ainda horas indefinidas em escriptorios e em gabinetes, essa gente que elles dizem ser os detentores do capital, sem se lembrarem de que, se não fôra o capital, não haveria fabricas, nem industrias, não leva a bem estas exigencias radicalissimas e, deixe-me dizer-lhe, injustificadas.

«Nas artes graphicas, por exemplo, o horario actual, estabelecido ainda não ha muito por accordo entre operarios e patrões era de dez horas. Era muito? Para um, dois, meia duzia de trabalhadores perfeitos, seria. Mas o trabalho da immensa maioria justificaria a limitação de horas e o mesmo salario?

«Estou convencido de que os proprios graphicos reconhecem o exaggero das suas reclamações. Nas outras industrias dá-se o mesmo. O patrão não está em melhores circumstancias do que o operariado.

—Mas, como remediar o mal?

—A meu ver, esta crise só pode remediar-se por medidas communs,—quer dizer por medidas tomadas de accordo—e não á força, ou pela violencia—entre operarios e patrões. Os operarios devem tomar uma attitude conciliadora. Os patrões tomarão, por sua vez, uma attitude o mais benevola possivel. Este é o unico sistema a seguir. O operariado, especialmente, do que precisa é de organisar-se. Não organisar-se para a guerra ao capital, mas para garantir-se das defficiencias e dos desequilibrios d'esse capital.

«Pela greve? Por attitudes intransigentes? Não. Instruindo-se, seleccionando-se, ganhando uma auctoria moral pelo trabalho e pelo comportamento, e, organisando a sua vida collectiva por meio de cooperativas de consumo, caixas de resistencia, etc. Emquanto não chegar a isto, não pode sustentar uma greve nem durante quinze dias.

«Como deve organisar-se? Como deve preparar a sua independencia economica, a sua estabilidade vital em frente de qualquer choque, de qualquer questão com o patronato? E' assumpto que lhe desenvolverei n'outra conversa.

VIDA OPERARIA

Cabouqueiros e fabricantes de cal

Continua a greve sem solução, tendo os grevistas protestado contra a intervenção da força armada e resolvido que se mantivessem as commissões de vigilancia.

Procurou-nos um delegado da Associação de classe para protestar contra a noticia dada por um jornal da manhã de que uma commissão havia procurado o sr. governador civil a fim de lhe pedir que interviesse porque os operarios não podiam sustentar a greve. Apenas estiveram com o chefe do districto para lhe fazer ver os perigos que advinham da paralysação em toda a industria da construcção civil por falta de materiaes e alvitrando o chamamento de todos os industriaes e a associação dos grevistas para se conseguir a solução do conflicto.

Taes foram as declarações que esse delegado nos pediu tornassemos publicas.

SPORT

Noticias

Entre nós

«Escoteiros de Portugal»

«Grupo n.° 9»—Para exercicio geral partiram os escoteiros d'este grupo na noite de sabbado para o logar de Outourella acampando a S. da villa, junto a uns moinhos. Houve duas expedições compostas por dezoito escoteiros. A's quatro horas de domingo foi dado o toque d'alvorada sendo então estabelecida uma linha de sentinellas constituida pelas 3 patrulhas, sendo a 1.ª, á direita, a 2.ª ao centro e a 3.ª á esquerda. A primeira e a segunda conseguiram aprisionar 3 dos 5 escoteiros do grupo n.° 3, portadores de mensagens para o escoteiro-chefe geral sr. Mello Machado. A's seis horas fez-se o signal de reunir, praticando-se diversos jogos e algumas evoluções até ás 9,30. Entretanto dois dos escoteiros confeccionavam o almoço para os seus collegas. Cêrca do meio dia retiraram-se para Lisboa, destroçando na séde ás 14,30.

Sport Grupo Portugal

Está fundado este grupo de sport sob a gerencia de uma commissão administrativa composta dos srs.: presidente, Henrique da Cruz Pombo; 1.° secretario, Jayme A. Dourado; 2.°, Eurico A. Santos; thesoureiro, João Affonso de Magalhães; vogaes, Hilario M. Liborio e José Colmeiro. A séde provisoria é na rua da Atalaya, 118, 1.°, onde está aberta a inscripção para a organisação do «team» de foot-ball.

Sport Club Progresso

Em setembro organisa este club uma «poule» de pesos e alteres e outra de lucta para se apurarem os socios que hão de representar o club nos jogos sportivos da F. S. P. A distribuição de premios da corrida pedestre «Grande Premio de Julho» realisa-se no dia 3 de outubro, 8.° anniversario da fundação do Sport Club Progresso. No dia 5 de setembro realisa-se a corrida ciclista de 30 kilometros organisada pelo Sport Club Progresso, sendo o percurso o seguinte: partida—Bemfica, Amadora, Cacem, Bellas, Amadora, Luz, Paço do Lumiar e Campo Grande—chegada. Ha 5 premios, sendo o 1.° uma artistica medalha de ouro. A inscripção, que é de 30 centavos (300 réis) está aberta na séde do S. C. P.

Escola de natação do Gymnasio Club Portuguez

As classes de natação vão abrir por estes dias, e funcionam em Pedrouços na «Escola Awatá» estabelecimento de banhos do Roque. A inscripção já está aberta na séde do Club.

Interesses regionaes

Caminho de ferro de Monção a Melgaço

Grande numero de naturaes de Monção e Melgaço, residentes em Lisboa, resolveu representar aos poderes do Estado pedindo que se iniciem os trabalhos para a continuação da linha ferrea de Monção a Melgaço. Para esse fim foi eleita uma commissão, que ficou constituida pelos srs. Manuel Fernandes Pinto, José Augusto da Cunha, Marcellino Ilidio Pereira, Luiz Vaz de Araujo, Manuel Pereira Januario Esteves Nogueira, Agostinho Manuel de Sousa, Raul Augusto Rodrigues Vilarinho.

A commissão reuniu hontem no escriptorio do seu secretario sr. Januario Esteves Nogueira, á rua da Betesga, 90, e resolveu entender-se com as camaras municipaes de Monção e Melgaço, para de accordo com essas colectividades pugnar pela realisação de um melhoramento que é do maximo interesse para aquelles dois concelhos, pois vae beneficiar uma região essencialmente agricola e enriquecida pelas aguas medicinaes do Peso, já muito concorridas e muito conhecidas no paiz.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
APOLO—A's 20,45 e 22,45—Agulha em palheiro.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Movimento maritimo

Amstardam, etc., «Zeelandia»	12
Bordeus «Flandres» (do Brazil)	12
Manila, etc., «Fernando Poo» (de Liv)	12

Ao correr da penna

O «Diario de Noticias» de hoje na sua 6.ª pagina insere o seguinte annuncio: «Pessoa que conhece a fundo o negocio de theatro precisa capitalista para empreza de cuja administração ha a esperar lucros compensadores. Quem pretender dirija carta a Fulano de tal, rua tal, etc».

Sinto deveras não ter alguns dos meus capitaes disponiveis porque elles me proporcionariam o ensejo, se não de arrecadar os lucros compensadores que ha a esperar, pelo menos o de conhecer a tal pessoa que conhece a fundo o negocio de theatro.

Até hoje estava convencido que esse genero de pessoas não existia. Aos annos que ando mettido por bastidores, tendo conhecido quantos emprezarios se manteem á tona d'agua e muitos dos que naufragam n'aquelles mares procellosos de papelão pintado, acabei por me convencer que ninguem póde afoitamente declarar como o annunciante que sabe a fundo d'aquella póda.

Tenho visto tantos enganarem-se, cahirem peças acarinhadas e triumpharem outras pelas quaes ninguem daria um chavo, depende tanto a marcha de uma empreza de accidentes, que escapam á mais logica previsão, é feito esse ramo de industria tão á margem de todos os preceitos e de todas as regras, que—repito—dava dinheiro, se o tivesse, para conhecer essa «avis rara» que hoje appella para uma commandita nas columnas do «Noticias».

Consola-me uma coisa: é que o capitalista ha de apparecer. E' infallivel.

Talvez até appareçam uns poucos. Teremos occasião de ver o tal que conhece a coisa a fundo empregar o cobre do parceiro e então poderemos apreciar se é verdade o que elle diz ou se se trata d'uma brincadeira innocente como ha tantas nos annuncios dos jornaes.

Cyrano

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.

tèr previsto, se não o sabia com certeza, que os primeiros inimigos com quem tinha de se encontrar seriam, não os allemães, mas Beyers, de Wet e Kemp—homens que tinham sido seus companheiros na guerra contra a Gran-Bretanha havia apenas 12 annos. Comprehende-se a anciedade, o sobresalto mesmo que deve tel-o agitado ao dar-se a crise que exigia d'elle um tão grande sacrificio pessoal.

Sob o ponto de vista da vantagem propria, parecia-lhe que tinha tudo a perder, nada a ganhar. A sua reputação como commandante militar tinha sido feita no tempo da guerra anglo-boer. Tinha a certeza de que a não poderia augmentar agora.

E Beyers, de Wet e Kemp eram os tres homens ainda vivos que, depois d'elle haviam demonstrado ser na guera boer os melhores dos dirigentes entre o seu povo. Os annos que haviam passado sobre a sua cabeça desde que a paz tinha sido feita em Vereeniging em maio de 1902 tinham sido annos de vida intensa. Tinham-lhe pezado muito sobre a força e a saude. A tarefa de primeiro ministro da Africa do Sul, á testa de um governo boer sob a corôa britannica n'um momento em que muitos dos boers estavam em rebellião em todo o paiz, seria demasiado pezada para um homem vulgar. Ninguem podia suppôr que elle estivesse satisfeito com tal tarefa. E não o estava.

Beyers resignára o seu cargo em 15 de setembro. No dia 22 annunciava-se que o general Botha tomava pessoalmente o commando das forças sul-africanas. A população da Gran-Bretanha nunca poderá reconhecer em toda a sua extensão a obrigação que o imperio contrahiu para com o general Botha quando elle tomou tal decisão. Tal obrigação nunca póde ser devidamente reconhecida. Mas a historia avalial-a-ha pelo seu verdadeiro valor.

Essa noticia, sabida dois dias depois do funeral de la Rey, devia ter feito comprehender aos dirigentes dos rebeldes no Transvaal e no Estado Livre do Orange que a sua tarefa ia ser formidavel. O prestigio de Botha fez com que muitos dos boers que estavam hesitantes se conservassem leaes e que toda a população britannica da União désse um fervoroso e enthusiastico apoio ao governo.

O «leaders» rebeldes redobravam as intrigas. Espalharam o boato de que de la Rey tinha sido morto, não accidentalmente, pelas costas, mas de frente—victima d'um assassinio premeditado commettido por ordem do governo. Embora proclamando a sua lealdade, organisaram á pressa no Transvaal e no Estado Livre do Orange reuniões de protesto contra a expedição contra os allemães.

O principe Said Halim Pachá, gran-visir e ministro dos negocios estrangeiros da Turquia

Botha, embora conhecendo os seus verdadeiros designios, respondeu com um discurso n'uma grande reunião em Bank, no Transvaal, a 29 de setembro, onde frisou o facto de que só tropas voluntarias seriam empregadas na expedição e que ninguem seria forçado a ir. Apezar d'isso, a campanha augmentou de

expedição contra a Africa Allemã do Sudoeste.

De novo os planos falharam. Deu-se uma tragedia fortuita em que deviam ter visto que a mão da Providencia se levantava contra elles. No dia designado, quasi ao romper da aurora, o acampamento em Potchefstroom encheu-se de rumores. Kemp, no commando, Kock, o tenente coronel do esquadrão «A» tinham preparado tudo para o levantamento. Kock reunira os seus homens e dissera-lhes que não deviam obedecer ás ordens do governo para marcharem contra a Africa Allemã do Sudoeste.

Kemp e Beyers tinham preparado as coisas para apresentarem as suas demissões. Tudo dependia de la Rey, o qual, na sua qualidade de senador do parlamento sul-africano, fôra a Cape Town a fim de assistir á sessão especial. Sahiu d'essa cidade para o Transvaal no dia 14 de setembro. Tinha dois caminhos por onde seguir. O que atravessava Kimberley leval-o-hia a Potchefstroom no dia 15. Esperava-se que elle tomasse esse.

Tomou, porém, o outro, pelo Estado Livre do Orange e chegou a Johannesburgo no dia 15. N'essa tarde, Kemp em Potchefstroom estava cheio de anciedade. Beyers em Pretoria não devia estar menos ancioso. Na manhã d'esse dia Joubert chegou a Pretoria vindo de Upington, onde Maritz esperava o signal para se juntar aos allemães. Trazia uma mensagem para Beyers em que se lhe dizia que «todas as combinações tinham sido feitas e que tudo estava prompto». Beyers mandou-o a Johannesburgo n'um automovel para trazer de la Rey.

Ainda era tempo de alcançar Potchefstroom n'essa noite. A demissão de Kemp tinha sido recebida no quartel general. Logo que Joubert sahiu, Beyers fez reunir os seus officiaes e participou-lhes a sua demissão. Havia-se já entendido com a imprensa para publicar o manifesto em que explicava os motivos que o haviam levado a resignar o cargo.

O automovel voltou de Johannesburgo com de la Rey, que estava evidentemente persuadido de que iria n'essa tarde para Potchefstroom com Beyers. Tinham de atravessar a cidade. As estradas que para alli conduziam estavam guardadas por policia armada em procura d'um automovel em que um bando de criminosos tinha fugido. O vehiculo de Beyers foi intimado a parar. O «chauffeur» não fez caso da intimação e deu ainda maior velocidade. A policia fez fogo sobre o carro. De la Rey, ferido pelas costas, morreu instantaneamente. O dia 15 de setembro, como o dia 15 d'agosto, fôra fatal aos conspiradores.

Mas a visão do «propheta» Van Rensburg, vendo de la Rey voltando para casa sem chapéu—uma carruagem coberta de flôres seguindo-o e sobre ella o numero 15 n'uma nuvem d'onde sahia sangue — sahira tragicamente verdadeira.

Morto de la Rey, a conspiração desorganisou-se mais ou menos e o insucesso era quasi certo. Beyers e Kemp tinham queimado os seus cartuchos, resignando os seus postos na força de defeza. Kemp dirigiu-se para Pretoria a fim de retirar a sua demissão, mas não o attenderam. Beyers tinha n'esse momento mais em que pensar. Não ha duvida de que quando o seu automovel foi intimado a parar nos arrabaldes de Johannesburgo elle pensára que estava descoberto. Quando percebeu que o que se passára fôra um mero incidente, teve ainda de explicar algumas circumstancias obscuras, ficando collocado em pessima situação.

No funeral de la Rey com a sua biblia em punho, declarou com vehemencia que a rebellião estava longe do seu pensamento e invocou o espirito do morto para confirmar a verdade do que dizia.

Foi a 20 de setembro. No dia seguinte realisou-se uma reunião em Lichtenburg, a que concorreram cêrca de 800 burghers. Presidiu Kemp, estando presentes Beyers e de Wet. A bandeira da Republica do Estado Livre do Orange foi destruida

...tada por um dos assistentes, mas Beyers disse-lhe que «não se precisava ali de quem não tivesse bom senso». De Wet declarou tambem que precisavam agir constitucionalmente. A verdade era que a morte de la Rey os havia privado do unico homem que podia levantar todo o Transvaal oriental contra Botha e que, não estando já Beyers no quartel general de Pretoria, não tinham meios de coordenar os seus planos nas diversas partes do paiz.

Emquanto Beyers era commandante geral, o telegrapho podia ser empregado á custa do Estado; ninguem tomava conhecimento dos telegrammas que lhe eram dirigidos ou elle expedia e podia tomar o pulso a todo o movimento. Agora tudo mudára.

As distancias entre Beyers em Pretoria, Kemp no Transvaal oriental, de Wet no Estado Livre e Maritz na fronteira allemã tornavam toda e qualquer combinação impossivel. E não ha duvida de que a esse tempo o telegrapho era cuidadosamente vigiado.

O manifesto de Beyers deixara, na realidade, poucas duvidas de quaes haviam sido as suas intenções ao lançal-o a publico. Affirmava que «a grande maioria da população boer da União» desapprovava a expedição contra a Africa Allemã do Sudoeste. Evocava as memorias acrimoniosas da guerra anglo-boer. Insinuava que o ministerio Botha tinha sido comprado pelo governo imperial por um lote de 7.000.000 libras. Citava a auctoridade de Maritz para provar que os allemães não haviam invadido o territorio sul-africano.

A resposta do general Smuts é bem conhecida. As suas palavras são d'um supremo desprezo para o homem que desceu a tão ignobeis meios de traição como Beyers. Lembrava-lhe que só a liberdade garantida pela Gran-Bretanha á Africa do Sul lhe poderia permittir que publicasse semelhante manifesto.

Entretanto, na fronteira allemã os acontecimentos seguiam o seu curso, lançando Maritz em franca rebellião. Poucos dias depois da demissão de Beyers, um telegramma fôra enviado do quartel general, onde Smuts se installára, a Maritz para Upington, ordenando-lhe que mandasse uma pequena força para Schuit Drift e que elle proprio avançasse para a fronteira allemã de combinação com o coronel Lakin que, commandando uma columna, tinha ordens para invadir o territorio allemão e para tentar tomar Warmbad.

A resposta de Maritz mostrou quão pouco se podia n'elle confiar. Aconselhava o governo a abandonar a expedição, declarava que a sua força era absolutamente impotente para tomar a offensiva contra os allemães e expressava a sua boa vontade de «fazer o mais que puder para o auxiliar d'este lado da fronteira». Maritz terminava o seu telegramma, enviado em 25 de setembro, dizendo que «se havia outros planos para atacar a Africa Allemã do Sudoeste n'estas condições, dar-me-ha grande satisfação o ser acceite a minha demissão».

Um emissario de Smuts se dirigiu immediatamente para Upington. Chegou ahi no dia 27 e achou-se em presença d'uma situação gravissima. Maritz estava em communicação constante com os allemães. A força sob o seu commando havia sido corrompida e não se podia ter n'ella confiança. Eram uns 1.600 homens. Smuts mandou avançar para Upington, immediatamente, todas as tropas de que podia dispôr e, logo que as concentrou, collocou-as sob o commando do coronel Brits, que recebera ordens para avançar sobre a cidade e, se possivel fôsse, prender Maritz.

N'esse meio tempo, Maritz tinha duas vezes sido chamado telegraphicamente a Pretoria e duas vezes a isso se havia recusado.

Brits chegou a Upington no dia 7 d'outubro. Não achou ahi Maritz, o qual, no dia 2, avançára para a fronteira allemã, concentrando todas as forças sob o seu commando em Van-Rooisvlei, a cêrca de quarenta kilometros a oeste de Upington. No

dia 6, levando Joubert com elle, atravessára a fronteira e tivera uma conferencia com os allemães. No dia 9 reunira os seus homens e fizera-lhes um discurso.

Sessenta officiaes e homens leaes foram feitos prisioneiros e entregues aos allemães. Os restantes approvaram o rebelde e escolheram-no para seu commandante. O major Bouwer, enviado pelo coronel Brits para intimar a Maritz que se rendesse, foi preso. Foi, porém, posto em liberdade e mandado ao coronel com um ultimatum em que Maritz declarava que, a não lhe ser permittido poder ir ter com Hertzog, Beyers e de Wet, estava resolvido a luctar até ao fim.

N'esse ultimatum Maritz tambem dizia que dominaria toda a Africa do Sul e que os allemães lhe tinham fornecido com canhões, um numero illimitado de armas, munições e dinheiro. Quando o major Bouwer chegou junto do coronel Brits, contou-lhe que havia encontrado a bandeira republicana boer fluctuando sobre o acampamento de Maritz e que este lhe havia mostrado grande numero de telegrammas e mensagens heliographicas dos allemães, o que demonstrava que elle havia estado em constante communicação com elles pelo menos depois do dia 10 de setembro.

N'esse mesmo dia a lei marcial foi proclamada em toda a União.

As medidas tomadas pelo governo para suffocar a rebellião foram rapidas e energicas. A situação era difficil. A força de Maritz devia cooperar com outras columnas sul-africanas na invasão do territorio allemão pelo sudeste. A sua defecção desorganisava todo o plano de campanha. E a não ser que o contra-ataque fôsse rapido e energico, ficariam os districtos noroeste da Provincia do Cabo abertos á invasão d'uma força combinada de rebeldes e de allemães.

As providencias tomadas demonstraram a grande habilidade do general Smuts como organisador. As forças rapidamente concentradas e collocadas sob o commando do coronel Brits atacaram Maritz dez dias apoz elle se ter declarado em rebellião aberta. No dia 15 d'outubro, o coronel Brits podia annunciar que travára combate com o commando do rebelde em Ratedraai, a dezeseis kilometros ao sul de Upington, na estrada para Kenhardt. Apoz breve lucta, os rebeldes foram obrigados a recuar, deixando 70 prisioneiros nas mãos das forças leaes. Este primeiro exito foi proseguido com grande energia. D'ahi a poucos dias Maritz viu que quando confiava no auxilio allemão, o mesmo era que encostar-se a uma cana que se lhe quebrava na mão.

No dia 26 o coronel Brits encontrou-o em Kakamas, que havia sido evacuada pela sua pequena guarnição ao approximar-se o chefe rebelde. Ahi deu-se um combate decisivo. *Maritz foi completamente derrotado; a sua força, rota, dispersou-se* em todas as direcções, sendo elle proprio ferido e obrigado a fugir para a fronteira allemã.

Trez dias depois, o coronel Brits podia annunciar que havia derrotado o resto dos rebeldes em Shuit Drift e que a rebellião no noroeste da Provincia do Cabo estava completamente suffocada, de modo que entregava o commando das tropas leaes n'aquella região ao coronel Royston e voltava para o Transvaal, onde obra mais importante o esperava.

Nos vinte dias que o governo levára para esmagar Maritz, um levantamento mais serio se dera no proprio coração da União. A resposta que o general Botha dera á resignação de Beyers fôra o annunciar que tomava elle proprio o commando das forças sul-africanas e ia dirigir as operações da campanha contra a visinha colonia allemã. Esse audacioso e decisivo passo, caracteristico do homem que o deu, deve ser collocado entre os mais importantes acontecimentos da historia da Africa do Sul apoz a paz de Vereeniging.

Botha, quando se resolveu a levar as forças fieis para o campo, deve

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1803 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 12 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2233—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Realisações urgentes

O governo tomou uma medida relativa á questão das subsistencias. Essa medida consistiu na remessa d'uma circular a todos os governadores civis perguntando-lhes que generos se produzem nos seus districtos, que materias primas para as industrias ali se cultivam e quaes os machinismos usados para a seccagem de fructas e outros productos.

E' muito louvavel a iniciativa governamental sob este ponto de vista, procurando informações mais detalhadas das que lhe poderia fornecer, de resto, o «Almanach Commercial», na sua secção das «Provincias», ou mesmo do que os esclarecimentos que poderia obter pela direcção geral de agricultura, onde sem duvida elles existem. Mas se esta decisão não deve ser impugnada, o que se nos afigura necessario frisar é que ella não basta, embora venha a constituir optima base para resoluções futuras. A questão das subsistencias, *como não nos temos cançado de affirmar*, é instante, e para necessidades inadiaveis são absolutamente forçosas soluções urgentes.

O inquerito que o governo procura realisar não póde deixar de ser demorado: Ora precisamente o que se torna preciso evitar é mais demoras. As condições precarias das classes pobres, aggravadas pela crise das subsistencias, já não teem mais clasticidade. D'um momento para o outro, podemos ter que nos defrontar com a fome, e com a fome não se discute. Seja como fôr, o que é preciso é que se não chegue ao estado grave e doloroso que advem das exasperações da miseria, proclamando o legitimo direito á vida.

Não duvidamos das boas intenções do governo. Mas urge que elle recorra ao processo unico de resolver a questão. Esse processo é o das realisações immediatas. Ha um anno que populações inteiras, que não viram augmentados os seus recursos de existencia, antes talvez cerceados, vão soffrendo um aggravamento seja incomparavel, mas sim lhes impõe os maximos sacrificios. O que nos deve admirar não é que no momento actual já esse aggravamento seja incomparavel, mas sim que conseguissemos durante longos mezes viver, gastando muito mais, sem um augmento correspondente das receitas dos lares pobres.

Esta situação, que para as classes remediadas já é difficil, para as familias proletarias é positivamente angustiosa. Não nos podêmos surprehender de que tódas as economias, necessariamente parcas, caso existissem, tenham desapparecido. Não nos deve assombrar que, finalmente, um grande grito se eleve: «Não podemos viver assim, nem mais um dia, nem mais uma hora, nem mais um instante!»

Para evitar que este grito echoe, d'um a outro extremo de Portugal, ou para o satisfazer, logo que elle se expresse, só resoluções energicas, immediatas, decisivas. Não basta colher elementos para estudo; é necessario salvar, evitando uma convulsão social.

Não se dirá que governo e parlamento não tenham sido avisados do tremendo perigo que se avisinha. Não podem allegar ignorancia. Fazemos votos para que tambem, em breves dias, não se lhe possam regatear elogios pela sua acção, benemeritamente orientada n'um sentido de justiça, de humanidade e de paz social.

A CRISE DAS SUBSISTENCIAS

A fome é negra! A fome não tem lei!

Os operarios da União Nacional dirigem um appelio aos camaradas de todo o paiz

—A fome é negra! A fome não tem lei! Não ha n'este instante questão mais grave nem mais ameaçadora de incalculaveis consequencias do que essa que levou o governo a reunir uma assembléa popular em S. Carlos, questão que, afinal, se encontra no mesmo pé...

A um delegado do Conselho Central da União Operaria Nacional acabamos de ouvir as palavras dignas de reflexão que deixámos reproduzidas. Quizemos que elle nos dissesse quaes os motivos que levaram o referido Conselho Central a retirar os seus delegados das commissões nomeadas na assembléa popular de S. Carlos. Promptificou-se a exprimir-nos apenas a sua opinião individual, porque o regulamento da União Operaria lhe impõe todas as reservas, e falou assim:

—Como sabe, a União ha já algum tempo que vinha tratando da questão das subsistencias, quando o presidente do ministerio se lembrou de reunir um *congresso ou assembleia popular* onde o assumpto fosse debatido, de modo a poderem ser postas em pratica as suas resoluções. Foram votados pareceres sobre o pão, a carne e o peixe e até hoje ainda não foram adoptados, isto quando todos nós estamos convencidos do que alguma coisa tinham de util. Não queremos *servir* de comparsas de uma comedia, tanto mais que o povo soffre fome e espera soluções efficazes e rapidas. Foi nomeada uma commissão composta de varios delegados da União Operaria para se fazer um chamamento a todas as associações operarias do paiz a fim de lhes ser presente uma ordem de trabalhos a seguir.

«Depois de ouvir a sua opinião, e para que não possam allegar que não foram consultadas, tomaremos as providencias que o assumpto requer. O que não faz quem dispõe de todos os meios indispensaveis ha de fazel-o a classe operaria de conta propria, embora isso não agrade a alguem. A fome—repito—não tem lei, não obedece a praxes nem a regulamentos: é soberana.

«Todo o nosso desejo era que as coisas se harmonisassem e se resolvessem serenamente. Não será possivel? Queremos o pão, a carne, o peixe, n'uma palavra, os generos alimenticios mais baratos e que todos concorram para que assim succeda. O governo lucta com difficuldades, com mil obstaculos para harmonisar os interesses dos que se julgam lesados, o que até certo ponto se comprehende e justifica, mas o que se afigura intoleravel é que uma politica mesquinha se tenha mettido de permeio, protelando a solução de assumptos que podem originar serios conflictos...

«A situação, com effeito, é quasi desesperada. Com os arrastados salarios que auferimos não podemos sustentar-nos e aos nossos. Os ultimos farrapos vão para os penhoristas, que fazem excellente negocio, especulando com a nossa miseria...

«Esperamos que todas as associações operarias do paiz nos secundem, porque todos os operarios soffrem do mesmo mal. Não ha n'estes casos questões de escolas, ou sistemas sociaes a dividir-nos, ha apenas um inimigo commum a combater:—a fome!

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

O presidente eleito

Mais cumprimentos e saudações

Apresentaram os seus cumprimentos ao novo presidente da Republica o sr. Alexandre de Vasconcellos, encarregado dos negocios do Paraguay, e, por telegramma, o encarregado de negocios de Cuba, sr. Luiz Miranda.

Entre os muitissimos telegrammas recebidos pelo sr. dr. Bernardino Machado, contam-se os seguintes:

Das colonias: governador geral de Gôa funccionarios, forças de terra e mar da India Portugueza, Conceiro da Costa, Gôa; secretario geral, Loanda; secretario geral, S. Thomé; Carlos Themudo, Lourenço Marques; Guiseppe Frusona, S. Vicente de Cabo Verde; coronel Araujo, Lourenço Marques; governador geral de Angola, Humbe; Raul Amaral, governador de Diu; Carlos da Maia, governador, Macau; presidente do Senado, Macau; administrador do circulo, S. Vicente; governador, S. Vicente.

Officialidade de terra e mar: General Estrella, Leiria; Tasso de Figueiredo, Certã; almirante Julio Vaz, Porto; general Madureira Chaves, Aldegallega; tenente Jayme de Sousa, Lisboa; coronel Julio Perdigão, Penafiel; ajudante Miguel Ferreira, Braga; major Annibal Ramos Miranda, Lisboa; chefe do estado maior, João Chrispiniano Soares, Vizeu; coronel Oliveira e capitão Correia dos Santos, Mafra; capitão Manuel dos Santos, Vianna do Castello; coronel Mimoso, Tavira; chefe do estado maior pelos officiaes de terra e mar em serviço na Guiné; Joaquim Simões, sargento ajudante, Mafra.

Magistratura: Achilles Brandão, delegado, Fozcôa; Fernando Almeida Ribeiro, Gerez; juiz Costa Gonçalves, Trafaria; Cordeiro Blanco, Lisboa; contador e escrivão da comarca de Mafra; Fernando Frederico Bartholomeu, Gerez; dr. Thaumaturgo Pereira, Nova Gôa; Vaz Ferreira, Ericeira; Filippe Sanches Romeu, Granja; Antonio Sergio Araeiro; juiz, Mogadouro.

Cumprimentaram hoje o presidente eleito, entre outros, os srs. Marquez Leitão, director da Escola Industrial Marquez de Pombal, Apolinario Pereira, Ricardo Dovões, etc.

O arcebispo de Calcedonia, D. Antonio Ayres de Gouveia, antigo lente da Universidade, enviou ao sr. dr. Bernardino Machado as suas saudações nas seguintes palavras: —*A cumprimentar com a velha amisade de meio seculo.*

O sr. dr. Bernardino Machado tambem hoje recebeu os cumprimentos do sr. ministro dos Estados Unidos da America, que o acompanhado pelos presidente e secretario geral da União Christã da Mocidade.

UM ESTABELECIMENTO MODELO

A manutenção militar

Foi hoje demoradamente visitada pelo sr. ministro da guerra

Como noticiámos ha dias, o sr. Norton de Mattos, ministro da guerra, resolveu visitar os quarteis da guarnição e todos os estabelecimentos fabris dependentes do seu ministerio. Iniciou hoje essas visitas pela Manutenção Militar, ao Beato, um dos estabelecimentos militares mais importantes. A hora para a visita estava marcada para as 7 da manhã e effectivamente a essa hora dava ali entrada o sr. Norton de Mattos, que se fazia acompanhar dos seus ajudantes, capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins.

A' entrada era o ministro aguardado pelo tenente coronel sr. Vasconcellos Dias, director, tenente coronel Schiappa Azevedo, sub-director, capitães Felix, Sanches, Valente da Costa, Domingues, Moraes e Martins, tenente Peres e alferes Cardoso, vendo-se tambem o capitão Martins, que estava de inspecção.

O tenente coronel sr. Vasconcellos, depois de fazer a apresentação de todos os officiaes, deu as boas vindas ao ministro agradecendo-lhe ao mesmo tempo a sua visita á Manutenção. O sr. Norton de Mattos respondeu em breves palavras, agradecendo os cumprimentos e repetindo que era intenção sua visitar todos os estabelecimentos *militares*. E acompanhado pelos seus ajudantes e officialidade que o aguardava passou á sala da thesouraria e contabilidade onde se viam varios sargentos e praças e umas 12 empregadas vestindo de negro, com aventaes brancos. O ministro esteve examinando todas as dependencias, demorando-se a ver os trabalhos produzidos pelas empregadas. Seguidamente passou-se aos depositos de forragens onde ha 1.200:000 kilos de palha, 200:000 kilos de aveia e 130:000 kilos de milho. D'ahi passou-se á officina de concerto de arreios, casa de banho para soldados e cavallariças, onde se veem magnificas muares e cavallos.

Seguiram os visitantes para a sala offerecida pelo director aos sargentos, na qual ha um bello bilhar, e para a cantina destinada ao pessoal da Manutenção, onde nada falta, sendo todos os generos de primeira qualidade. No 1.º andar foram visitadas a pharmacia veterinaria, que é um modelo no genero, as quatro casernas com as suas pequenas camas com cobertas d'uma brancura irreprehensivel, a aula dos soldados e a barbearia para officiaes, sargentos e praças. O sr. Norton de Mattos examina detidamente os objectos que lhe prendem a attenção. O sr. Vasconcellos Dias dá explicações e passa-se á visita ao estabelecimento fabril. As primeiras dependencias a ser vistas são o quarto e a sala do official de serviço e depois a estação telephonica. Na officina tipographica, onde se está trabalhando com toda a normalidade, vê-se o retrato do sr. dr. Theophilo Braga envolto em bandeiras nacionaes e tendo por baixo a palavra: *Salvé*.

Passa-se para a secção de lavandaria a vapor, officina de seccagem de saccas e cozedura, depositos de sal, officina de serralheria e estação de incendios, onde ha um bonito carro de prompto soccorro. Aqui é ministrado o ensino de bombeiros ás praças por um bombeiro permanente. Em frente vê-se uma enorme caldeira e em baixo é a machina que põe em movimento todos os machinismos e que é munida de uma bomba para aspirar agua do Tejo. A sua força é de 360 cavallos. Ao lado d'essa machina está sendo montada uma outra com a força de 400 cavallos, sendo os trabalhos dirigidos pelo mestre José Maria Pardelhão.

O sr. Norton de Mattos passa para a casa dos silos. Os apparelhos que ahi ha para moer o trigo, separar a semea fina da grossa, as farinhas para o pão e para as massas é tudo quanto de melhor existe no genero. O capitão sr. Feliz vae explicando aos visitantes a applicação de todos os machinismos. Tudo isso se deve ao sr. Vasconcellos Dias, assim como se lhe devem as seguintes officinas que tambem foram visitadas pelo ministro: do fabrico de comprimidos de sopa, café, chá, sal, de bolos alimenticios para cavallos, de conservas de carne e peixe, serração de madeira e caixotaria, latoaria, torrefacção e moagem de café e outras.

Quando o sr. ministro da guerra passou pelo refeitorio dos soldados, o sr. Vasconcellos Dias offereceu-lhe uma chavena de café e bolos, assim como a todos os visitantes. A visita proseguiu depois aos armazens de legumes, fabrico do pão, aos fórnos e a uns subterraneos ultimamente descobertos e que foram applicados para depositos de toucinho e chouriço. Terminou a visita pelo laboratorio chimico, onde se encontram apparelhos proprios para analise de todos os productos. Dirige essa secção o analista sr. Paiva.

Ao sr. Vasconcellos Dias ainda se devem outros melhoramentos, estando elle na disposição de tornar modelar o edificio. Quasi todas as officinas são dirigidas por mulheres.

Passava das 12 horas e meia quando o sr. Norton de Mattos se despediu da officialidade, que o acompanhou até á porta.

A CRISE DAS PROFESSORAS

O que ellas pedem — O que lhes pagam

As senhoras da propaganda feminista deviam tomar a peito a causa das diplomadas

Ha em Lisboa centenas de professoras primarias diplomadas que não conseguem, como taes, obter uma occupação remuneradora e nem sequer garantida. Porquê?

As raparigas que vão frequentar a Escola Normal pertencem, geralmente, como ninguem ignora, a familias muito modestas e sem recursos. Só á custa de verdadeiros sacrificios conseguem, na sua quasi totalidade, levar a cabo os estudos para os quaes se exigem, como preparatorios, trez annos do liceu ou um exame de admissão, acontecendo que n'este as reprovações chegam a attingir um elevado numero.

Este anno terminaram o curso cento e sete normalistas, sendo cerca de cem do sexo feminino. A lei faculta ás professoras diplomadas concorrerem ás cadeiras das escolas masculinas, mas desde que haja um concorrente-homem, embora com doz valores, a professora, ainda que possua vinte, é implacavelmente posta de lado! Assim se consagra o merito na nossa terra e se patrocinam as mulheres que, segundo se conclue dos numeros acima expostos, procuram, na escolha de uma profissão das mais prestantes, servir o seu paiz onde a velha chaga do analphabetismo está longe de cicatrisar...

As professoras diplomadas, que em propinas e livros despendem quantias que não raro sobrecarregam gravemente o orçamento familiar, quando se dispõem a concorrer a uma cadeira precisam de instruir o seu requerimento com papelada que reclama o gasto de alguns escudos. Só o diploma de habilitação custa mais de quatro escudos, podendo talvez calcular-se as restantes despezas por esta fórma:

Certificado de diploma, $2; requerimento reconhecido, $17; certificado de registo criminal, $90; attestado de bom comportamento, $80; attestado medico $7.

Suppondo que a professora diplomada logre a collocação que requereu, passará a ganhar 14$70 mensalmente (ordenado liquido), o que mal dá, nos tempos actuaes, para um parco passadio, devendo ainda ter-se em conta o facto, muito importante, da camara municipal, que lhe ha de pagar, cumprir com honesta pontualidade essa obrigação.

Para tomar posse do seu logar e exercel-o, a professora é forçada a despezas que, do ordinario, a empenham: são as passagens, principalmente, a instalação e os gastos do primeiro mez, pois que nenhum adiantamento lhe fazem. A perspectiva d'estes embaraços assusta-a, desanima-a, quasi a desillude, levando-a a preferir as magras sopas da familia e umas lições de acaso, quando não a arremessa para a estrada da perdição e a conduz á dolorosas miserias moraes, que tantas vezes teem como ultimo theatro o alcouce e a enfermaria.

Eis um problema instante, que cumpre estudar e resolver com presteza e criterio. A classe do professorado, que póde e deve ser das mais benemeritas, impõe-se ás attenções dos poderes publicos. Será uma obra sobre todas patriotica a de melhorar a situação dos professores, augmentando-lhes os vencimentos, promovendo a sua collocação por uma serie de facilidades indispensaveis e garantindo-lhes finalmente o futuro, porque só assim se exterminará uma das maiores vergonhas nacionaes: a enorme percentagem de analphabetos accusada pelas estatisticas e que nos faz enfileirar ao lado dos povos mais incultos da Europa.

As senhoras que metteram hombros á propaganda em favor dos direitos femininos teem na causa tão sympathica e tão esquecida das pobres professoras diplomadas motivo de sobra para uma admiravel e generosa campanha.

Não será assim?

UMA SOLUÇÃO INCOMPLETA

O barateamento do pão

Ficará dependente d'uma auctorisação concedida ao governo pela Camara dos Deputados

O projecto relativo ao regimen cerealifero, que se arrastou na Camara durante tanto tempo, ficou approvado hontem. Em verdade se diga que a sua discussão decorreu por modo a honrar o Parlamento, já pela somma de conhecimentos que muitos deputados revelaram, interessando-se a valer pelo aperfeiçoamento do projecto, já porque d'essa discussão desappareceu por completo a nota partidaria, todos os oradores se interessando apenas por attender quanto possivel todos os legitimos interesses em jogo.

Um reparo, no entanto, ha que fazer no modo por que o projecto fica definitivamente redigido. Todos suppunham que se tratava de garantir o barateamento do pão, satisfazendo as instantes reclamações formuladas n'esse sentido pelas classes populares. Para se conseguir esse «desideratum» era necessario, evidentemente, marcar os preços do trigo fornecido á moagem, das farinhas, estabelecendo as suas qualidades, e do pão. O Estado cuidaria depois de fiscalisar rigorosamente o cumprimento da lei, para evitar todos os abusos possiveis—e que não são poucos.

Assentando-se que a importação teria de ser feita pelo Estado, era indispensavel que este se resignasse a soffrer qualquer prejuizo resultante da compra do trigo exotico por um preço superior ao calculado, tanto mais que elle se reserva o direito de applicar os lucros que tiver se a compra fôr effectuada por um preço inferior. Mas não é isso o que succede. Pela doutrina d'um artigo approvado hontem, o governo fica auctorisado, «para diminuir prejuizos para o Estado, a modificar o preço do fornecimento de trigo, modificando consequentemente o preço de farinhas e, se tanto fôr necessario, os tipos de pão».

Quer dizer:—como a importação do trigo será feita exclusivamente pela Manutenção Militar, o governo ordenar-lhe-ha que o venda ás fabricas de moagens mais caro do que está no projecto desde que o seu custo lhe não permitta, «sem prejuizos», vendel-o por esse preço. Depois, as farinhas encarecem e os tipos de pão são modificados, o que, traduzido em linguagem corrente, significa que a quantidade do pão será reduzida ou a sua qualidade peorada.

Voltaremos, assim, á mesma situação em que estavamos antes do projecto.

O que se pretendia, e o que representaria um sério beneficio ás classes menos protegidas da fortuna, era que o Estado estabelecesse, como base para resolver a questão, este principio geral:

E' preciso que o pão de familia, com o peso de 500 grammas e fabricado com farinha de 2.ª qualidade; o pão de uso commum, com o peso de 1 kilogramma e fabricado com o lote de farinhas de 2.ª e 3.ª qualidades, entrando a farinha de 2.ª na proporção minima de 20 por cento; e o pão economico, com o peso de 1 kilogramma e fabricado com farinha não inferior á 3.ª qualidade—sejam vendidos, respectivamente, a 9, 8 e 7 centavos o kilo, fazendo o Estado a importação e soffrendo o prejuizo que resultar d'essa garantia dada ao consumidor.

Assim comprehendia-se. Agora, fixarem-se no projecto os tipos de pão que indicámos, com os preços

Abel Botelho

Um novo romance do eminente escriptor

A vida diplomatica não nos roubou, felizmente, Abel Botelho ao cultivo da litteratura nacional, de que é hoje um dos incontestados mestres. O auctor illustre de tantas obras primas está escrevendo um novo romance sobre a vida argentina e que se intitula *Amor crioulo*. Publicamos em folhetim um trecho d'esse trabalho em que as poderosas faculdades do grande romancista mais uma vez se esteiam com todo o seu admiravel brilho.

A Abel Botelho agradecemos reconhecidos a *primeur* com que teve a gentileza de honrar as columnas d'*A Capital* e auguramos-lhe um novo triumpho que ha de ser tamanho na sua terra como n'aquella em que dignamente representa o governo de Portugal.

Poeira da Arcada

Está provado que os pobres se emborracham, para escaparem á tortura da fome? Duvidamos, apezar das opiniões em contrario. Beber vinho é um prazer que degenera em vicio. Só os famintos que ao mesmo tempo tivessem o culto satanico da miseria recorreriam ao alcool para se coroarem de uma aureola perversa.

A taberna, onde os licores de Baccho cantam nos copos um himno á loucura, não é, pois, um refugio de desesperados, mas sim uma passagem intermedia entre a officina e o lar domestico. E' isto que a torna perigosa.

***

Não queremos mal ao sr. Faustino da Fonseca. Temos mesmo pela sua obra um grande respeito. Para que se mette, então, a chronista das nossas descobertas? Não poderia continuar a romancear a historia, mantendo assim, entre a realidade e a phantasia, uma posição simpathica aos seus leitores e propicia ás galas da sua prosa?

Os factos, parecendo que são mudos, vingam-se ás vezes dos que os não interrogam devidamente. Ha historiadores que de tal modo escrevem as suas obras que se veem obrigados a enche-las de notas e apendices documentaes.

Mostram que a sua vocação é como a da traça que roe os manuscriptos e os in-folios. Não queremos dizer que este seja o caso do sr. Faustino. Todavia, temos algum direito a não o suppor proximo parente de João de Barros, Diogo de Couto ou Herculano.

***

O Perú elegeu seu presidente um velho de noventa e cinco annos. E', segundo rezam os seus biographos, um monumento de siso e tino politico. Como a todos os monumentos, veneram-no muito. Os peruanos tratam-no como um idolo. Collocando-o quasi centenario na presidencia da republica julgam torna-lo immortal. E talvez se não enganem...

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

FOLHETIM D'A CAPITAL—12-8-915

Amor crioulo

(EXCERPTO)

Na volta, já noite fechada, o «boulevard» apparatoso de Callao flambeava de côr e regorgitava de vida. Outra das grandes e opulentas nervuras da cidade. Tudo brilha, tudo vibra, tudo reluz n'este largo e inquieto diorama. Na mesma sombra ha movimento. Sobre o piso esmerado, de madeira em paralelipipedos, os numerosos vehiculos teem um rodar suave e acariciador, sem estrépitos e sem sobresaltos, como se corressem sobre alfombras. Pelos largos passeios marginaes, na onda ronsonante da multidão, saltam vivas as arestas e as figuras cortam-se com violencia, surprehendidas em flagrante e trazidas ao maximo relevo pela modelação crua em que, do mesmo passo, as envolve o grande jorro de luz branca, dos candelabros do alto, e as espadanas de luz doirada golfando dos «escaparates» scintillantes.

O Silveira seguia interessadamente o inedito desdobrar d'esta «cinta» magnifica, quando de repente, imperativo, nervoso, arpoando forte o braço ao amigo:

—Ah, ó menino! prompto... ali! manda parar.

—Aonde?

—Ali! ali!—insistiu imperioso o Silveira.

E apontava um grande letreiro, projectado á altura d'um 2.º andar, onde em flamantes caracteres se lia—«Idiomas Berlitz».

Mas, incommovivel e suspenso, o Azeredo, sem perceber:

—Ora essa! e porquê? Estás doido?...

—Não, filho! manda parar... Preciso adestrar-me no inglez, p'ra me entender com uma creatura deliciosa que conheci a bordo. Se tu a visses!

—Ah! ah! ah! Essa nem parece tua.

—E então?

—Pois tu não vês?... Por mais «apurado» que quizesses andar, nunca lograrias arranjar algo, e bem pouco, do inglez, senão passados dois ou tres mezes.

—Tanto tempo?

—Seguramente. Entretanto a mulhersinha teria sabido arranjar... quem melhor a entendesse.

Cabisbaixo e um pouco triste, o Silveira ruminava *mentalmente* uma acquiescencia. E com o olho ladino, o amigo:

—Não me sejas «sonso», rapaz! Em materia de amor as mulheres não querem saber de palavriado. Obras, obras...

—E com um desprezivel dar de hombros:—Que diabo! Nem pareces portuguez.

O auto seguia sempre, molle e suavemente. Deixada para traz a falaciosa esperança d'esse letreiro redemptor, já os dois amigos attingiam de novo a Praça do Congresso e seguiam ao longo de Rivadávia, a internar-se no chamado «centro» da cidade.—Infindaveis ruas estreitas, banaes, perpendicularmente enastradas, no seu hirto parallelismo e na sua esquadria inflexivel riscadas sempre indefinidamente. A esta hora ruidosa e oppressiva da noite, ellas são como que metheoricas fendas lineares talhadas a prumo, n'um rectilineo enfiamento sem termo, ao longo do ferro e o cimento «recocó» dos grandes quarteirões massiços. Não ha um desafogo, uma aberta, uma fuga de espaço livre ou um claro de benefico repouso, n'este atropellado escoamento de coisas barbaras e difusas. No seu estrangulamento arcaico chocam-se, cruzam-se e baralham-se delirantes toda a casta de obstaculos e de ruidos.

A cada momento ha que parar. De quarteirão para quarteirão, a cada passo o moroso avanço é cortado por embaraçosas suspensões, em inalteraveis successões de minutos que parecem seculos. Enfastiado e impaciente, o Silveira propoz ao amigo apearem-se. Mas peior agora, talvez... Pelos passeios lateraes, mancos e exiguos, mal podem caminhar duas pessoas a par; e ainda ha que seguir com invariavel aprumo e a maior cautela, a fim de evitar o roce brusco d'algum d'esses tilintantes e monstruosos «tramways» que teimosos e incessantes lhes passam, com estrepitoso fragor, rasos mesmo pela aresta, em risco de nos levarem um braço ou estriçarem uma perna.

Debalde no cruzamento das ruas a policia, numerosa e attenta, faz cabalisticas manobras com o seu bastão providencial, no honesto esforço de regular os detalhes da circulação. Resulta sempre uma empreza ardua, por vezes heroica, a ordenada canalisação da turbida torrente, do attricto cosmopolita d'essas grossas «mangas» humanas jorrando em sujas golfadas por um afunilado labirintho a sua hipertrophica exuberancia. Bem queria, uma por outra vez, o Silveira deter-se um pouco, a analisar uma figura, a sondar uma perspectiva, a anotar um pormenor, a observar as «montras...» breve reconhecia ser, ali, tão singelo acto um commettimento defeso á maior destreza humana; e tinha que arrancar brusco e retomar caminho, entalado, enovelado entre os cotovelões nervosos do amigo e a congestiva onda da multidão que o levava por deante. Depois, se elle por acaso, inadvertido, voltava a abandonar a sua posição de equilibrio periclitante para contornar o arreliativo tapume d'algum predio em obras, para dar o passo a uma dama, para alcançar o amigo, para atravessar a rua, logo de chamal-o á brutal realidade,—e por vezes simultaneamente,—a busina d'um «auto», as campainhas das bicicletas ou o timbre estridente de mais um grande «tramway», cuja massa atravancadora, farfalhante, enorme, lhe cortava subito a frente, ringindo pesadamente, com a esmagadora furia d'um mastodonte a abrir caminho pela selva.

O Silveira sentia-se enervado, aturdido. Aquelle caminhar fatigante á força de oppressivo, o grosso marulho sobrenadante, a profusa luz dos cafés, dos theatros, «tiendas» e «cinemas», entontecia-o. Entretanto, prendia-lhe a attenção a «étalage» caprichosa e berrante das numerosas lojas de engraxador,—peculiares de Buenos Aires,—com as suas estravagantes decorações, o seu afanoso saracotelo, e o imprescindivel phonographo, ao fundo, sob o relogio, entre arbustos anemicos e hilariantes cartazes, roncando alegremente. Mas nem ahi lhe era permittido o goso innocente d'um pouco de exame tranquillo: porque, se um instante elle parava á porta d'um d'estes interesseiros specimens da phantasia napolitana, logo de assalto, á altura do ouvido, lhe rompia o timpano, fazendo-o estremecer e fugir, a stentorica voz do progoeiro, tão nasalada e estridula como as vibrações do phonographo do fundo, para a rua a sibilar clamorosamente:

—«Gay ass...»

—«Gay asiento, cabayero!»

Teriam os dois caminhado assim pouco mais d'um kilometro, quando muito prazenteiro o Azeredo, sustando o passo ao amigo:

—Cá estamos em Florida. Uff! Aqui não ha transito de vehiculos a esta hora. E' tudo para o bello «flirting...» —E todo aos saltinhos, tomando-lhe do braço:

—Anda vêr o «chic», meu rapaz!

O mesmo alinhamento angosto e banal das demais ruas em torno, cujo inflexivel e cerrado travamento fórma o classico sistema vascular d'esta parte da cidade. A mesma congestiva affluencia, o mesmo corso embaraçoso e difficil, o mesmo movimento, o mesmo ruido tambem; mas tudo isto aqui constituido apenas pela dissonancia de vozes, o afanoso giro e o formigueiro sussurrante da multidão a pé, que, livre do tropeço aplastante dos vehiculos, em plena alegria e em plena expansão, revoluteia, afflue, chalra, insinua-se, resvala e affirma-se prepotente, tomando á vontade a rua toda, as suas impressivas silhuetas saltando nitidas e as sombras mordendo em vincos de agua-forte a espelhada fluidez do asphalto reluzente.

E' a hora elegante, a hora preferida. Sente-se e sôa brando o peganho abundante das passadas, ao longo d'este grande salão a céu aberto. Ao alto, pela noite nevoenta do céu, superando o estrangulado limite dos predios, recortam-se, penduram-se, cruzam-se e dançam em profusão toda a sorte de réclamos e adornos luminosos, formando por vezes de lado a lado caprichosos viadutos, ou suspensos em esplandentes rosarios que entornam a sua luz gloriosa sobre o boleamento arquejante e febril d'esta grande feira gentilica. Em baixo, a successão dos estabelecimentos luxuosos é interminavel: é uma dupla fita, magnifica, deslumbrante, de grandes «magasins» de modas, livrarias, floreiros, «bibelotages», «tea-rooms», «étalages» industriaes, armazens de musica, adoraveis pequenos salões artisticos, rijos mostruários de artigos de «sport» que prendem um momento a attenção dos homens, cristaes de ourivesarias faiscantes que incendem em pecaminosas tentações o perdido olhar das raparigas.—Qualquer coisa como a «Rue de la Paix» ou «Bond Street», porém, com mais impeto, mais côr, uma vida mais compacta e mais intensa, e sobretudo com uma percentagem muito superior de mulheres bonitas.

E' vêr a harmoniosa graça como ellas caminham, desgarraditas e leves, no seu passo miudo e firme, airosas, ligeiras, naturalmente distinctas, requintados exemplares da especie, felizes pelo segredo d'este seu donaire especial, feito de nobreza, de doçura, de confiança e de vaidade. Os homens marcham com uma tonada, uma segurança e um garbo egual, pisando ademais como senhores. No convicto orgulho de si mesmos, incompativeis, vê-se, com o instincto da economia, o typo do hespanhol com vontade, altaneiros e certos na generosidade sem fim do seu torrão bemdito. E todo o mundo anda ligeiro. Claro que no corriqueiro programma d'este obrigado passeio elegante, de cada dia, a melhor e mais grata funcção é consagrada ao galanteio feminino. A' pinturilada porta da confeitaria «L'Aiglon» estacionam grupos impertinentes de «mirones», a cada momento renovados, tão depressa sumidos no grosso embate da onda, como logo refeitos galhardamente; por toda a parte se disparam phrases amaveis e se despedem olhares gulosos ao venusino apetite das lindas «senõritas» que por entre o deslumbramento magico das lojas desfilam incessantes,—mais claras que as luzes, mais adoraveis que os «bibelots», de maior preço que as joias; mas tudo isto é expedito, fugaz e feito com sólta decisão varonil, em breves pausas de cavalheiresca excepção abertas na febre geral do movimento, deixando a perder de vista e afundando n'um abysmo de ridiculo a pasmaceira lamecha habitual da nossa rua Aurea e do Chiado.

—Que tal achas, «ché»?—indagou o Azeredo vivamente.

E com os olhos extraviados de jubilo, o Silveira:

—E' encantador, é divino! Esta é a minha terra!

Assim fizeram os dois o percurso total da formosa rua, desde as aristocraticas instalações de Harrods, passando pela arte postiça da «London Gallery», a arcaria pedante do «Jockey-Club», a branca portada do «Charpentier», as «montras» succulentas da «Rotisserie-Sportsman», té ao grosso amontoamento burguez dos armazens de Gath & Chaves. Ao cabo, já sobre a Avenida de Maio, o Azeredo assignalou trocista á curiosidade ávida do amigo a chamada «esquina de los otarios»,—pascácia aresta de voluntario supplicio onde o amor pelintra dos caixeiros e amanuenses vem baboso e marruaz aguardar a sahida das costureiras. E aqui n'este estrepitoso cruzamento de duas das suas principaes arterias, attinge o maximo da intensidade e da côr a agitação resfolgante da cidade. D'esse compacto torvelinho, da barulhada onda de toda essa grossa turba em delirio, ergue-se em quentes lufadas e toma e embebeda o ar uma clamorosa resonancia, que é a evidenciação triumphante do bem-estar physico, da fecunda actividade, da pletóra de fortuna e riqueza d'esta moderna Carthago,—a vontade feita moeda, um dos grandes fócos da capacidade potencial do homem sobre a terra, metrópole ideal da abundancia, portentoso centro de attracção, empório colossal do trabalho fascinante e creador, caldeado na proteica ardencia das mais vélidas esperanças e as energias mais potentes das raças de todo o mundo.

Abel Botelho

estabelecidos, mas dar-se tambem ao governo auctorisação para, d'um momento para outro, modificar tudo isso e encarecer o pão, conforme lhe aprouver ou as circumstancias lhe aconselharem, é que não faz sentido porque não representa solução alguma.

E' este o reparo que desejamos fazer, lamentando que o criterio da defeza dos interesses do Estado não cedesse perante as justas reclamações das classes populares. O que estas desejam, afinal, é vêr «fixado» o barateamento do pão, não como medida lançada apenas no papel, mas como «garantia» concedida pelo Estado ao consumidor durante o anno cerealifero corrente. E o barateamento póde bem ficar no papel se o governo reconhecer que o Estado soffre prejuizos com a sua effectivação.

NA MOURARIA

Mãe e filha feridas a tiro

pelo amante da segunda, o qual em seguida se suicida

Um drama de sangue pôz hoje de manhã em alvoroço uma das principaes arterias do populoso bairro da Mouraria, a rua do Arco do Marquez de Alegrete.

No primeiro andar do numero 49 d'essa rua vive a parteira Anna da Costa Fonseca, viuva de Alexandre da Fonseca Vasconcellos, com quem casou em primeiras nupcias, e do typographo José Pereira da Costa com quem contrahiu pela segunda vez matrimonio. A quando do fallecimento do segundo marido, a parteira ficou rodeada de numerosa familia, pois que além de trez filhos que lhe haviam ficado, de nomes Maria, José e Joaquim tinha ainda a seu cargo um seu enteado de nome Antonio Pereira de Araujo e Costa filho do segundo marido.

Não desanimou a parteira e trabalhou resolutamente por agenciar a vida, tratando de collocar os rapazes, indo o Joaquim para a officina de galvanisador da rua dos Poyaes de S. Bento, pertencente ao sr. Raul Martins, e o Antonio, que actualmente contava 21 annos, para uma officina de chapelaria.

O ultimo, porém, não queria sujeitar-se ao trabalho com o que desgostava a madrasta.

Ha tempos, o Antonio começou a namorar a Maria, que a principio o repelliu, mas que afinal acabou por se deixar seduzir, facto que deu azo a acerbas discussões, acabando tudo por se compôr e passando os dois a viver maritalmente em casa da parteira D'essa união nasceu uma menina a que foi posto o nome de Modesta.

Apesar de ter que prover ao seu sustento, nem por isso Antonio Costa se dedicou ao trabalho, como parecia natural, o que fez com que a madrasta, ha mezes, o puzesse fóra de casa, indo elle, na companhia da amante e da filhinha, residir para a rua das Fontainhas, a S. Lourenço.

A Maria passou a ir diariamente a casa da mãe, onde comia e d'onde ainda levava alimentação para o amante. Ha dias, ao voltar para casa, encontrou a mobilia reduzida á cama e a uma pequena mala de roupa. O resto tinha sido vendido ou empenhado pelo Antonio Costa.

Desesperada, a rapariga voltou a casa da mãe, a quem contou o que se passava. A parteira, indignada, acolheu-a, disse-lhe que ficasse, mas prohibiu-a de voltar a juntar-se com o Antonio, o que ella fez.

Como já não tinha quem o sustentasse, o Antonio Costa tratou de arranjar collocação e empregou-se em fazer alguns recados n'uma leitaria da rua dos Retrozeiros, onde ganhava $12 por dia. A saude abalára-se-lhe e appareceram-lhe signaes evidentes da tuberculose. Tratou por isso de arranjar a entrada para o hospital do Rego.

Hontem á noite, depois de ter recebido a guia para o hospital, resolveu ir a casa da familia a participar-lhe o que se passava.

Estava elle lamentando o destino que provavelmente o aguardava, a morte, em virtude da gravidade da doença, gravidade que elle bem sentia, quando o galvanisador lhe disse:

—Então, escapamos. Andas para ahi a dizer que has-de comprar um revolver com cinco cargas para nos matar a todos! Eu tinha, até, idéa de te offerecer a minha pistola para te sahir a coisa mais economica. E depois sempre tem sete cargas. Fazias fogo mais á vontade.

O Antonio jurou que nunca tal dissera, acabando por ajoelhar deante da madrasta e pedir-lhe perdão de todo o mal que lhe fizéra e á filha.

Depois d'esta scena, retirou-se, ficando de voltar hoje de manhã para a madrasta e a amante o acompanharem ao hospital.

Com effeito, hoje, pelas 9 horas e meia, o Antonio tomou o rumo da rua do Arco do Marquez de Alegrete, e quando estava a poucos passos da casa da parteira encontrou a Maria, que ia ás compras. Acompanhou-a a uma mercearia e depois a casa, travando com ella animada discussão, a que não eram estranhas censuras por o ter deixado.

Não gostou a parteira dos modos do rapaz, a quem reprehendeu pela sua attitude, exarcebando-se mais a conversa.

Em dado momento, o Antonio que decerto premeditára o crime, metteu uma das mãos n'uma algibeira do casaco e tirando um revolver disparou dois tiros nas faces da parteira, um na cabeça da Maria e, voltando a arma contra si, suicidou-se com um tiro disparado debaixo do queixo.

Alarmados com as detonações, a visinhança, populares e policias correram para a casa d'onde as detonações partiram, encontrando os trez protagonistas da tragedia cahidos por terra e banhados em sangue. O Antonio da Costa, que teve morte instantanea, foi transportado para a Morgue, emquanto as feridas eram levadas para o hospital e, depois de pensadas, recolhiam a enfermarias, onde ficaram em tratamento.

Caixa Economica Portugueza

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de julho findo foi de 8:634.919$97 na totalidade, sendo 4:490.954$71 de entradas e 4:143.965$26 de sahidas, de que resulta um saldo positivo de 346.989$45.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

VILLEGIATURAS

Acham-se veraneando em Cintra os srs. Joaquim de Lima e Cunha e familia, Leandro Navarro, esposa e filhas; Francisco Passos e familia, madame Felisa Paccini, madame Laidley, dr. Henrique Trindade Coelho e familia, e o illustre cantor Francisco de Andrade, sua esposa e filho.

— Partiram para Peniche a sr.ª D. Maria da Gloria de Vasconcellos Cruz Sobral de Cervantes e seus filhos.

— Está na Praia das Maçãs, onde tem passado excellentemente, o sr. dr. Magalhães Lima.

— Está em Braga a sr.ª D. Anna Pinheiro de Mello (Arnoso).

— Segue amanhã para a Povoa de Varzim a sr.ª D. Custodia Maria do Valle Rego, de Monsul.

— Partiu para a mesma praia o sr. Francisco Barbosa do Couto Cunha Souto Mayor, de Estarreja.

— Foi para Villa do Conde o sr. dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes, de Guimarães.

DE VIAGEM

Partiram para Castello Branco o sr. tenente coronel Julio de Oliveira e para Setubal o sr. dr. João de Caires, distincto advogado.

— Com sua familia chegou a Paris, de regresso do Rio de Janeiro, o sr. J. B. Lopes, vice-consul geral do Brazil n'aquella capital.

—Tambem chegaram a Paris os srs. Sabino Barroso, antigo ministro das finanças do Brazil, e A. Alcoforado, ministro do Brazil no Equador.

— Partem amanhã para Badajoz os srs. Francisco e Eugenio Santos Tavares.

—Retira hoje para o norte o senador sr. Silva Gonçalves.

— No rapido do Porto chegaram esta tarde a Lisboa os srs. José Relvas, José de Alpoim, visconde da Ribeira Brava, dr. Pires de Vasconcellos e José Lello.

OS POETAS NA GUERRA

Annunciam dos Dardanellos a morte do moço poeta Gauthier-Ferrières, citado na ordem do dia e que apenas contava trinta e quatro annos. O seu volume de versos «La belle matinée» foi coroado pela Academia franceza. Antes da guerra publicára uma «Vida de Gérard de Nerval», com documentos ineditos. Era tambem secretario da redacção do «Larousse mensuel».

Escola Normal de Lisboa

A exposição de trabalhos manuaes das alumnas é visitada pelo chefe do Estado e ministro da instrucção

Conforme estava annunciado, os srs. presidente da Republica e ministro da instrucção e director geral de instrucção visitaram hoje, pelas 15 horas, a exposição de trabalhos manuaes das alumnas da Escola Normal.

O sr. dr. Theophilo Braga fazia-se acompanhar pelo sr. Levy Bensabat e o sr. dr. Lopes Martins pelo seu secretario sr. Augusto de Mascarenhas, sendo os visitantes aguardados á porta do edificio da Escola pelo respectivo director, sr. Thomaz da Fonseca, e todo o pessoal docente.

Trocados os cumprimentos, o sr. presidente da Republica e os srs. ministro da instrucção e dr. João de Barros visitaram demoradamente o interessante certamen, tendo, a dado momento, palavras de apreço para os delicadissimos lavores artisticos que n'ella figuram.

As alumnas sr.as D. Angelica Lopes e D. Olinda Pereira Bastos desejaram commemorar esta visita, offerecendo ao sr. dr. Theophilo Braga um magnifico retrato a crayon com uma riquissima moldura de pellucia com applicações a estanho.

Pelas alumnas sr.as D. Maria Luiza Dias e D. Helena Santos, foi offerecida ao ministro da instrucção uma carteira pirogravada com um lindissimo monogramma de prata.

As sr.as D. Maria do Rosario e D. Laurinda Vasques presentearam o sr. dr. João de Barros com um artistico biombo de vidro pintado, tendo tambem as sr.as D. Alice Santos e D. Judith da Silva offerecido ao sr. Levy Bensabat um porte-jornaes de setim, bordado a matiz.

Antes de se retirar, o presidente da Republica, n'uma vibrante allocução, felicitou os professores e alumnos da Escola Normal pela exposição, renovando os seus elogios pelos trabalhos que ali se acham reunidos.

Os visitantes, ao deixarem aquelle estabelecimento, foram vivamente acclamados pelas alumnas normalistas que, assim como o director e pessoal do quadro docente, os acompanharam até á porta do edificio.

Instituto Superior Technico

O architecto Ventura Terra incumbe-se do projecto do novo edificio

Havendo um milhão de obras em projecto, que se não realisam por falta de dinheiro, parecerá impossivel que exista alguma que, tendo recursos, não se levou ainda a effeito por falta de projecto. Pois é verdade, por muito extraordinario que isso a qualquer pessoa se affigure. Está n'esses casos o edificio do Instituto Superior Technico. Quando, pela reforma do ensino industrial, a Republica, por intermedio do governo provisorio, separou as especialidades da escola do Conde Barão, destinou immediatamente a importante verba de 400 mil escudos para a conclusão de um edificio proprio para installação do curso superior technico, ao passo que reservou o Quelhas para séde do curso superior do commercio.

A despeito das reclamações do director do Instituto, sr. dr. Bensaude, apesar das crises de trabalho que n'este lapso de tempo teem assoberbado operarios e governos, não houve maneira de se conseguir até á data um projecto architectonico. Succederam-se commissões de estudos, iniciaram-se trabalhos, mas no final trez vezes nove... Apenas um bando de trabalhadores, demolindo o antigo convento das Francezinhas, a par de S. Bento, lembra aos transeuntes que aquella obra, hoje paralisada, por signal, se destina ao futuro estabelecimento de ensino.

N'estas condições, o sr. director do Instituto avistou-se com o illustre architecto sr. Ventura Terra para que o distincto artista, auctor de projectos notaveis, como os da construcção dos liceus de Lisboa, se encarregasse de elaborar o projecto d'esta nova escola, empregando n'essa tarefa não só a sua grande competencia, mas a sua inegualavel actividade.

O illustre architecto resolveu-se a acceitar o encargo, desistindo de gosar as suas ferias, e por isso, d'esta feita, é legitimo esperar que o novo edificio venha a ser construido com brevidade.

Pois já não é sem tempo!...

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Vota-se um projecto de lei augmentando os ordenados dos funccionarios das camaras e administrações concelhias

Presentes 46 deputados. Na presidencia o sr. Azevedo Coutinho. A sessão abre pouco antes das 15 horas, sem que o governo esteja presente. E' lida e approvada a acta. Expediente abundante. O sr. Sousa Rosa diz que o assumpto a que vae referir-se é interessante. Trata-se do julgamento do coronel de infantaria Abilio Madureira Beça, que acaba de ser julgado no Porto pelo crime de deserção, sendo absolvido. Sabe que o governo nada tem com isso, mas pergunta se é justo que os soldados desertores sejam condemnados e que se absolvam os coroneis na situação da do sr. Beça, que além de ter abandonado as fileiras era chefe d'um movimento monarchico contra a Republica. Pergunta: recorreu o promotor de justiça, junto do conselho de guerra, da sentença que absolveu aquelle ex-official? O sr. ministro da justiça responde que informará o seu collega da guerra do que se passa e aproveita o ensejo para mandar para a meza uma proposta de lei determinando que os reus, em todas as acções, possam promover a sua propria citação e accusal-a. A falta de accusação da citação é, apenas, nulidade suprivel. A camara concede a urgencia para esse projecto.

O sr. Lopes Cardoso justifica largamente e manda para a meza um projecto de lei fixando o vencimento de cathegoria dos chefes de secretaria das camaras municipaes e secretarios da administração dos concelhos em 500 escudos nos concelho de 1.ª ordem, 400 nos de 2.ª e 300 nos de 3.ª; os vencimentos de exercicio serão fixados pelas camaras municipaes em sessão deliberativa, com o voto de dois terços dos vereadores. Os amanuenses que percebam pelos cofres municipaes receberão 300 escudos nos concelhos de 1.ª ordem; 240, nos de 2.ª e 3.ª. Os continuos e officiaes de diligencias terão 160 nos concelho de 1.ª e 140 nos de 3.ª e todos os emolumentos reverterão em favor dos cofres municipaes.

E' concedida a dispensa do regimento, que o sr. Lopes Cardoso pede. Falam varios deputados, que apresentam emendas, e entre elles o sr. Vasco de Vasconcellos, que lembra á Camara a necessidade de se melhorar tambem a situação dos amanuenses das administrações dos bairros de Lisboa e Porto, os quaes ganham pouquissimo, sem terem, sequer, a esperança de alcançarem postos de accesso. Apresenta uma emenda n'esse sentido, que é approvada, bem como o projecto, com emendas que o modificam ligeiramente. O projecto era assignado por deputados de todos os partidos, sendo o evolucionista o sr. Vasco de Vasconcellos.

O sr. Alfredo Ladeira pergunta ao governo se é certo terem sido vendidas para Hespanha materias primas destinadas á industria de tecidos, existentes em navios abrigados no Tejo desde que rebentou a guerra. O sr. presidente do ministerio responde que averiguará do facto com o sr. ministro das finanças. O sr. Pires de Campos pede que se discuta desde já o projecto que concede á camara de Leiria o antigo mosteiro de Sant'Anna, pela quantia de nove mil escudos. E' approvado sem discussão. O sr. ministro do fomento manda para a mesa duas propostas de lei: uma auctorisa o governo a mandar proceder ao arrolamento de todos os generos alimenticios, para evitar os açambarcamentos, e outro auctorisando o governo a tomar conta de certas e determinadas industrias particulares, desde que as conveniencias do Estado assim o aconselhem. A camara concede a urgencia para essa proposta e ainda para uma outra relativa á construcção do caminho de ferro de Portimão a Lagos. O sr. Ramos da Costa requer que se discuta o projecto que auctorisa a promoção a tenentes dos alferes do corpo de saude com mais de quatro annos de serviço.

Na ordem do dia começa a discutir-se o projecto entregando ás juntas de parochia os bens das congregações religiosas. Falam os srs. Mesquita de Carvalho, Castro Meyrelles, Almeida Ribeiro e Rodrigues de Sá. O projecto é approvado na generalidade, sendo-o tambem na especialidade, com ligeira discussão.

No Senado

Approva-se o projecto de lei que reorganisa os serviços do registo civil e entra em discussão o orçamento do ministerio das finanças

A's 15 horas tomando a presidencia o sr. Antonio José Lourinho, por ser o senador mais velho, respondem á chamada 23 collegas seus. A secretariar os srs. Paes d'Almeida e Lourenço Serro.

A's 15,20, approvada a acta, e lido o expediente faz-se nova votação para discussão immediata e dispensa do regimento do projecto de lei já approvado na outra camara e que concede auctorisação para emissão de obrigações á Companhia do Caminho de Ferro de Penafiel á Lixa. Approvado o requerimento e o projecto sem discussão.

O sr. Celestino de Almeida discorda absolutamente com a pratica das sessões nocturnas que servem apenas para precipitar os trabalhos parlamentares e cujos inconvenientes suppõe enormes. Depois é um excesso de trabalho improficuo que para nada serve se não para trazer desastrosissimas consequencias. No entanto se as sessões continuarem a marcar-se para a noite por consideração para quem as marcas e para comsigo proprio, a ellas comparecerá. Protesta contra a apresentação de pequenos projectos e diz que todo o tempo agora é pouco para se tratar dos orçamentos.

Entra depois em discussão o projecto de lei do sr. dr. Daniel Rodrigues introduzindo modificações de melhoria na lei do registo civil.

O sr. dr. Pedro Martins concorda com o projecto nas suas linhas geraes que aliaz concretisa ideias por elle orador já bastas vezes expendidas. Discorda, porém, do seu artigo 1.º que quando fôr da discussão na especialidade apreciará convenientemente.

O sr. dr. Estevam de Vasconcellos applaude a ideia do sr. Daniel Rodrigues apresentando o projecto que se discute lastimando apenas que se tenha que dar ao governo a faculdade de remodelar serviços que o proprio parlamento devia remodelar.

Posto á approvação, ficou approvado na generalidade.

Sobre o artigo 1.º o sr. Pedro Martins propõe que os emolumentos a que se refere o artigo 5.º da antiga tabella sejam assim distribuidos: metade para o Estado; um quarto para o conservador geral e um quarto para o conservador official. Approvada bem como os artigos 1.º e restantes.

Seguidamente entra-se na ordem do dia com o orçamento do ministerio das finanças, vendo-se no seu «fauteuil» o sr. Victorino Guimarães.

Sobre o assumpto falam na generalidade os srs. Celestino de Almeida, Estevam de Vasconcellos, Silva Barreto, que entende dever ser rejeitada a proposta approvada na outra camara, ácêrca das faltas de funccionarios publicos.

O sr. ministro das finanças defende a proposta.

O sr. Paes Gomes defende o funccionalismo achando injustas as referencias que lhe fez o sr. Silva Barreto.

Antes de se encerrar a sessão o sr. Daniel Rodrigues defende os serviços da Imprensa Nacional.

A'manhã sessão á hora do costume.

O encalhe do "Republica,,

Continuam os trabalhos de salvamento do cruzador *Republica*.

Hoje o commandante Stockler, o engenheiro Sequeira, o commandante do *Berrio* e o inspector do *Finisterre* foram a bordo passar vistoria ao navio. O estado do mar no local do encalhe é pessimo, impedindo quaesquer communicações com o *Republica*.

Foi encarregado o engenheiro Sequeira do salvar o material que fôr possivel. Os rebocadores conservam-se promptos no local e renovarão os seus esforços logo que o mar o permitta.

Aggressão brutal

Mulher em estado grave

Maria Augusta, solteira, de 37 annos, de Vizeu, e Francisco Esteves Alonso, gallego, antigo cosinheiro n'uma taberna da rua do Crucifixo, enamoraram-se e foram residir para um quarto alugado em casa de Gertrudes Duarte Gomes, no Caes do Tojo, 19, 3.º Dias depois, o Alonso desempregou-se e sabendo que a amante tinha o seu pé de meia e alguns objectos de ouro convenceu-a a alugar uma casa na rua da Silva, 11, e ahi se estabeleceram com taberna. Pouco caso, porém, fazia do estabelecimento e dias depois declarou que lhe tinham roubado o relogio, corrente e bolsa. Ella não acreditou em tal e voltou para a antiga morada. Elle tanto pediu que fizeram as pazes. Hoje a Maria encontrou os objectos que o Alonso dizia terem-lhe sido roubados. Levantou-se accesa discussão e o Alonso atirou-se á amante ao socco e á bofetada, acabando por a atirar ao chão e pondo-lhe os pés sobre o ventre. Aos gritos da aggredida acudiram varias pessoas que trataram de a conduzir ao hospital de S. José, onde o sr. dr. Azevedo Gomes verificou que apresentava um grande ferimento na cabeça, contusões pelo corpo e no ventre. O seu estado é bastante grave.

O aggressor evadiu-se, andando a policia em sua procura.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro das colonias conferenciaram hoje delegados da Associação Commercial, Centro Colonial e da Empreza Nacional de Navegação acerca da fórma de serem conduzidos para a metropole, com urgencia, os productos coloniaes que em grande quantidade se encontram retidos em Moçambique.

Conselho de Turismo

As obras no Estoril

Para dar parecer sobre as obras projectadas no Estoril, reuniu o Conselho de Turismo, sob a presidencia do general sr. Joaquim José Machado, tendo comparecido os vogaes srs. Feio Terenas, dr. Augusto da Silva, engenheiro Ramos Coelho, architecto Ventura Terra, Fausto de Figueiredo e dr. José de Athayde.

O conselho approvou os planos das obras em questão e emittiu o parecer de que ellas, obedecendo em tudo ao decreto de 28 de novembro de 1914, que regulamenta sobre construcções de turismo, deveriam beneficiar das vantagens e isenções que este diploma concede.

Hoje mesmo foi remettido ao ministro do fomento o parecer n'este sentido.

Por proposta do sr. Feio Terenas foi lavrado na acta um voto de louvor ao sr. Fausto de Figueiredo, que é, como se sabe, o principal inspirador da arrojada obra que se pretende levar a cabo no Estoril.

A grande guerra

Os inglezes na frente oriental

LONDRES, 11.—Sir John French informa que ao noroeste de Hooge nas ruinas da propria villa consolidámos o terreno ganho hontem e repellimos um fraco ataque nocturno de infantaria.

No dia 9 de agosto não houve combate de infantaria, mas sim uma violenta acção de artilharia, de que resultou ficarem insustentaveis, tanto pelas tropas britannicas como pelas allemãs, todas as trincheiras que estavam em campo descoberto; por isso recuámos um pouco a posição da nossa linha que ficou estabelecida ao sul da villa, o que não causou grande differença para a nossa situação. Fizemos hontem prisioneiros 150 allemães.—(*Havas*).

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 11. — Continuou hontem renhido o combate na peninsula de Gallipoli, principalmente na zona de Anzac e ao norte. As posições occupadas soffreram ligeiras alterações em alguns pontos, mas o resultado geral é que a area que possuiamos em Anzac foi quasi triplicada devido principalmente á intrepidez dos corpos australiano e da Nova Zelandia. Ao norte não se fizeram mais progressos, mas as nossas tropas infligiram grandes perdas ao inimigo. O navio de guerra francez *Saint Louis* pez fóra de acção cinco das seis peças das baterias asiaticas.—(*Havas*).

A campanha na frente oriental

PETROGRADO, 11.—Na estrada de Riga repelimos os ataques do inimigo. Rechaçamos os allemães na região de Schoemberg. De Dwrinsk a Poneviego acossámos na retirada o inimigo. Em Kovino, onde os ataques allemães foram porfiados, aniquilámos trez batalhões. Nas direcções de Ostolenka, Rojany e Pultusk a offensiva allemã continúa porfiada, mas resistimos energicamente. Proximo de Novo Georgievsk foi sustada a offensiva allemã. Avançando para Kholm, os allemães foram repelidos no rio Ukharka. No Dniester foram detidos os ataques austriacos.—(*Havas*).

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 12.—Communicação official das 15 horas. Em Artois canhoneio e combates com petardos em volta de Souchez. Na Argonne o inimigo atacou esta noite por duas vezes as nossas trincheiras na região de *Maria Thereza* e de Fontaine-aux-Channes, mas foi completamente repellido. No bosque Le Pretre lucta bastante viva de trincheira para trincheira a granada e bombas de grandes dimensões. Nos Vosges, no Linge, os allemães pronunciaram uma tentativa de ataque que foi repellida depois d'um combate á granada. No resto da linha nada de novo.—(*Havas*).

Os combates nos Dardanellos

LONDRES, 11.—Nos Dardanelos os combates encarniçados continuam. O corpo australo-zelandez progrediu consideravelmente, infligindo grandes perdas aos turcos.—(*Havas*).

Os italianos contra os austriacos

ROMA, 11.—No Cadoro e na Carnia repelimos ataques. No Carso repelimos ataques e contra ataques e obtivémos sensiveis vantagens. Os austriacos canhonearam infructiferamente Monfalcone.—(*Havas*).

A falsificação de generos

faz-se impunemente na cidade de Lisboa

O deputado sr. dr. Costa Junior occupou-se ha dias d'um caso que devia merecer mais cuidada attenção da parte das auctoridades a quem compete velar pela saude publica. E' a impunidade de que gosam, por via de regra, os falsificadores de generos alimenticios. Os processos instauram-se, vão para o tribunal da Boa Hora e por lá ficam esquecidos, a dormir nos archivos dos cartorios, sem que se effectuem os respectivos julgamentos.

Nos dois ultimos annos foram processados 104 commerciantes, depois de feita a analise dos generos falsificados. Pois nenhum foi julgado ainda, continuando a saude do publico á mercê da ganancia mais criminosa.

N'aquelle numero não estão incluidas as falsificações do leite. Só estas attingiram o numero de 700 no mesmo periodo.

Entre os generos que apparecem mais frequentemente falsificados encontram-se o azeite, a banha, a manteiga, as farinhas, o vinho, os bolos, o colorau, a pimenta e o pão. E' a intoxicação lenta da população de Lisboa, com o consentimento das auctoridades judiciaes.

Noticias parlamentares

A reforma da policia tem já o respectivo parecer da commissão de administração publica, parecer que já hontem foi enviado para a mesa da camara dos deputados. Presentemente, a reforma encontra-se na commissão de finanças, que tem de o apreciar, por d'elle resultar um importante augmento de despeza. O sr. ministro das finanças assigna o projecto com o seu collega do interior, o que facilita a questão e dá garantias da reforma da policia ser discutida e approvada ainda n'esta sessão legislativa, conforme o governo deseja.

* * *

Os srs. Jaime Cortezão e Adriano Gomes Pimenta, deputados pelo Porto, mandaram hoje para a mesa da camara um projecto de lei determinando que as transacções entre commerciantes effectuadas a praso superior a 30 dias e de quantia superior a 20 escudos serão legalisadas por lettras acceites e só assim fazem fé em juizo. O praso deverá ser contado da data indicada no documento justificativo da venda, no qual se deverá designar o dia do vencimento. Este projecto tem, para o commercio de Lisboa e Porto, especialmente, uma grande importancia.

* * *

Os empregados municipaes e das administrações de concelhos tiveram hoje, na camara, o seu abundante S. João. Foram-lhes satisfeitas reclamações que vinham de longe, dando-se-lhes os ordenados que o codigo administrativo lhes estabelecia e que, até agora, ainda não tinham principiado a ser-lhes pagos. Essa classe de funccionarios, que era das mais esquecidas, fica assim livre da miseria que a esmagava, tão mesquinhos, em geral, eram os seus proventos. E' certo que não faltará, por esse paiz, municipio que se veja e se deseje para pagar aos seus serventuarios. Mas do mal o menos; e como ninguem pode querer que o sirvam de graça, tambem não haverá, decerto, quem, n'este caso, se irrite por o forçarem a puxar pelos cordões á bolsa, muito embora a sinta vazia.

* * *

São, sem duvida nenhuma, importantes as duas propostas de lei que o sr. ministro do fomento levou hoje á Camara. Os açambarcadores de generos alimenticios, que são os grandes causadores de todas as crises de subsistencias, vão, afinal, ser mettidos na ordem, com o arrolamento que d'esses mesmos generos vae effectuar-se? Oxalá. A outra proposta auctorisa o Estado a tomar conta de todas as industrias, desde que a ordem publica o exija e as circumstancias o imponham irremediavelmente. Estas duas propostas podem remediar muitos males e affastar muitos perigos. O que é preciso é executa-las com honestidade e rigor, e como isso não faltará o Parlamento praticará uma boa obra no dia em que os approvar e sancionar.

* * *

Eram dois os orçamentos que ainda não tinham parecer—o do fomento e o da instrucção. O primeiro já hontem foi distribuido na Camara. O parecer do segundo, elaborado pelo relator, sr. dr. Balthazar Teixeira, foi hoje enviado para a mesa. E' um trabalho bastante desenvolvido, no qual, dentro das verbas orçamentaes, bem escassas de resto, se procura melhorar serviços importantes e não desorganisar outros que, em virtude de certos pruridos de economias injustificaveis, ficariam quasi sem dotação se a proposta inicial passasse. Na discussão do orçamenta dos negocios estrangeiros, o sr. dr. Antonio Macieira, relator, foi hoje substituido pelo sr. Paiva Gomes.

Os boatos de crise

Nos ultimos dias teem apparecido em alguns jornaes noticias d'uma proxima crise ministerial, chegando a apontar-se os ministros que sahem do gabinete. Tudo indica, porém, que a crise não venha a dar-se antes da posse do presidente eleito.

Como o actual governo se pode considerar de transicção para uma outra situação politica mais estavel, está naturalmente inhibido de resolver problemas que careçam de largo estudo. Assim, as classes que se julgam com direito a apresentar reclamações aos poderes publicos deviam discuti-las no periodo que decorre até 5 de outubro, para n'essa altura as formularem com caracter definitivo.

A questão das carnes

E' apresentado na Camara um projecto de lei resolvendo-a

Pelo sr. visconde de Pedralva, em nome da commissão de agricultura, foi apresentado hoje, na Camara dos Deputados, um projecto de lei da mais alta importancia, que foi originado n'uma reclamação do congresso das subsistencias e que se destina a resolver a questão das carnes. Esse projecto, elaborado por aquelle illustre deputado e perfilhado pela alludida commissão, prohibe a exportação de gado bovino, caprino, ovino, suino e de aves de criação, podendo, no entanto, o governo auctorisar a sahida do gado bovino sempre que seja preciso satisfazer interesses internacionaes, tomados anteriormente. Todo o gado que pretender sahir do paiz sem auctorisação será aprehendido e ficará pertencendo ao Estado, pagando os donos dos animaes apprehendidos a multa de 10 por cento «ad valorem», da qual 5 por cento ficarão para o Estado, cabendo os outros 5 por cento ao aprehensor. A importação de gados com destino á alimentação desde que venha das colonias portuguezas e a das carnes alimentares congeladas ou preparadas da mesma procedencia será isenta de direitos.

A camara municipal de Lisboa fica auctorisada a rescindir a concessão á companhia exploradora do Mercado Geral de Gados, desde que ella persista em não cumprir os fins para que o mesmo mercado foi instituido, e a municipalisar esse serviço. A fiscalisação dos gados e das carnes será remodelada, intensificando-se a dos pesos na venda ao publico. Os creadores ou detentores não podem vender a mais de 4$50 os 15 kilos, sob pena de pesadas multas. As camaras organisarão as tabellas dos preços para a venda a retalho. Elles não irão em Lisboa além de $32 por kilo de carne de vacca; de $40, por kilo de vitela; de $20 por kilo de carneiro; de $34, por kilo de carne de porco. As carnes de vacca de quarta classe não poderão vender-se a mais de $24. Para normalisar preços, as camaras podem abrir talhos seus. Não poderão, emquanto durar a actual situação anormal, ser mortas vitelas com menos d'um mez ou mais de 4. Dentro d'um mez, para os fins convenientes, será feito o arrolamento das especies pecuarias alimentares. O governo pode reduzir as tarifas de transporte nos caminhos de ferro do Estado, e todo o que fizer falsas declarações ou incitar ao desrespeito da lei será severamente punido.

O projecto, logo que seja approvado e publicado no «Diario do Governo», será regulamentado, para entrar em execução immediata. N'este projecto, necessario como nenhum outro e que o parlamento tem de discutir antes de pôr fim aos seus trabalhos, foram attendidas as principaes reclamações do congresso de S. Carlos e procurou-se, em bases praticas, assegurar o abastecimento de carnes não só em Lisboa como em todo o paiz, sem que os especuladores continuem exercendo as suas mais que «mas artes...»

Fabrica destruida por um incendio

Prejuizos superiores a 6 contos

FIGUEIRA DA FOZ, 12.—Um violento incendio destruiu hoje por completo a fabrica de resina existente na Galla, e quatro armazens onde se guardavam apetrechos de pesca.

Os prejuizos são superiores a 6 contos. Compareceram as corporações de bombeiros d'esta cidade que prestaram optimos serviços, tendo na ambulancia da Cruz Vermelha sido feitos seis curativos.

ACHADO PERIGOSO

Explode uma bomba

ferindo gravemente um homem

São encontradas mais cinco escondidas no mesmo local

A quinta das Parteiras, pertencente a uma senhora residente na rua dos Bacalhoeiros, e de que é rendeiro José da Abelheira, fica situada na rua Valle Formoso de Baixo, tendo entrada por um largo portão e sendo toda murada.

Entre o pessoal trabalhador que o Abelheira tem a seu soldo conta-se Manuel Simões Ribeiro, que exerce as funcções de carreiro, Affonso Novo, de 19 annos, vaqueiro, e um individuo que entrou para a quinta na segunda-feira passada. Ha pouco mais de um mez existia, a uns 50 metros da quinta, uma estrumeira d'onde era tirado o estrume para a quinta. Fez-se a ultima tiragem haverá uns 20 dias, nada se tendo dado de anormal.

De regresso da praça da Figueira, onde havia ido levar uma carroçada de hortaliça, o Ribeiro recebeu hoje ordem para ir buscar uma porção de estrume para adubar a terra. Recebida a ordem, pôz-se a caminho, encontrando no percurso o Novo e o tal trabalhador, os quaes começaram a fazer o carregamento. A certa altura o Ribeiro encontrou entre o estrume um tubo com dois tampões presos por parafusos, o que lhe causou bastante admiração assim como aos seus companheiros. O Ribeiro quiz tirar um dos parafusos o mesmo tentando o trabalhador, nada conseguindo, devido á ferrugem. Então o vaqueiro tirou o tubo das mãos dos companheiros e levou-o para a vaccaria, onde de ahi a pouco lhe deu com um martello. O que se passou não é facil de descrever. Um estampido enorme foi ouvido ao mesmo tempo que da vaccaria corria em direcção ao rio que fica proximo o vaqueiro todo ensanguentado e com o fato em farrapos. Os seus companheiros, sem suspeitarem o que se havia passado, agarraram-no a fim de indagarem o que havia, mas o ferido não lhes dava attenção. Entretanto compareciam no local o sargento da guarda fiscal Tavares e o civico 1753, da esquadra do Beato, que metteram o ferido n'uma carroça até ao Poço do Bispo onde o passaram para um carro electrico que o trouxe até ao Rocio. Aqui foi passado para um trem e levado para o hospital de S. José, onde o medico de serviço, sr. dr. Azevedo Gomes, ajudado pelo enfermeiro Oliveira, verificou que apresentava ferimentos no peito, rosto e mãos, motivo por que teve de recolher á enfermaria 4 em estado melindroso. Entretanto o guarda 1753 com o sargento Tavares passavam uma busca no local, indo o sargento encontrar uma bomba em fórma de laranjinha escondida n'umas piteiras e o 1753 uma outra. Um trabalhador encontrou trez em fórma cylindrica, sendo todas enviadas para o posto da guarda fiscal.

Conhecido o facto no governo civil foram mandados para ali os agentes José Rodrigues dos Santos e Bernardino Luiz e os guardas 634 e 432, que nada fizeram visto o caso estar entregue á guarda fiscal. Esta prendeu o José da Abelheira, constando que vão ser feitas mais prisões, aguardando a policia participação para começar as suas diligencias.

SPORT

Quem trabalhou nos Jogos Sportivos

Ha dias, referindo-nos aos Jogos Sportivos Nacionaes, fizemos referencias elogiosas aos srs. Francisco Cordeiro e Pedro Del-Negro, infatigaveis propagandistas da causa do «sport», dizendo-os os unicos trabalhadores dos ultimos Jogos Sportivos. Esses elogios mereceram a seguinte carta enviada hontem á «Capital»:

Sr. redactor.—Lendo, com interesse, a «Nota do Dia» de «A Capital» de 9 do corrente, fiz reparo n'umas referencias sobre os que trabalharam na organisação dos Jogos Sportivos Nacionaes, que me levam a escrever estas massadoras linhas. E' o facto de n'essa noticia se evidenciar os nomes de dois «carolas» como os elementos que trabalharam e fizeram tudo.

Não é tanto assim, sr. redactor; apesar de achar justissimas as palavras elogiosas dirigidas a Francisco Cordeiro e Pedro Del-Negro, incontestavelmente dois incansaveis trabalhadores, creio que essas palavras não deveriam vir a publico porque pódem ter ferido quem tambem, sem ser os dois «carolas», trabalham com sacrificios e dedicação e, sobre tudo, com grande vontade de servir o «sport» nacional sem outro fim que não seja vel-o progredir, para bem da patria.

Aquellas apreciações são sempre um assumpto delicado, porque menosprezam o valor d'uns e engrandecem outros, ás vezes erradamente.

Por isso sou sempre optimista do silencio.

Quem com sinceridade e interesse proprio e convicto trabalha por uma causa tão nobre como a do «sport» não deve necessitar de elogios publicos, e assim acontece com o auctor d'este escripto, que dispensa esses diplomaticos processos de envaidecer, mas que tambem não póde calar uma ingratidão.

Conheço a organisação dos Jogos tão bem como os dois «carolas» e por isso me habilito a contestar que ha mais elementos dentro da Federação que trabalharam e ajudaram a 'fazer tudo', e que até hoje teem merecido a consagração dos collegas. Sem mais, sou com elevada consideração de v., etc.—*Um leitor assiduo d'A Capital.*

Evidentemente que o auctor da carta, que nos merece a maxima consideração como leitor assiduo da «Capital», trabalhou nos ultimos jogos. Se o fez, deve receber tambem o seu applauso. Mas... seguramente o seu trabalho não foi como o dos dois rapazes que citámos, unicos que vimos tratando, dia a dia e a todas as horas, na administração da festa, arranjo de pistas e na ingrata tarefa de confraternisação de clubs. Foram elles que vieram aos jornaes e que conseguiram dos jornaes o que até hoje a Federação não tinha merecido!...

Foram tão sós a trabalhar que até na composição do jury viram gente apontada que não compareceu e teve de ser substituida!...

Pensando e escrevendo assim, evidentemente que a nossa noticia não envolvia um desprimor mas um preito de justa homenagem aos que trabalham por uma grande causa.

* * *

Nota do dia

500 metros a nadar

Dia a dia cresce o enthusiasmo pelo campeonato de natação de 500 metros em que se disputa a Taça «Luiz de Camões» que a benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa offereceu ao Club Naval.

Esta é a prova mais importante do programma da 3.ª festa official do Club Naval, que se realisa no dia 15 do corrente, pelas 15 horas, havendo mais provas para marinheiros e soldados, escoteiros, amadores do Club Naval, etc.

As praças da armada serão acompanhadas pelo guarda marinha Antonio Prestes Salgueiro, conhecido «sportman» acompanhando ao exercito os distinctos officiaes alferes Mario Bernardes Silva, por infantaria 2, e o aspirante Herminio Gouveia, de infantaria 1, que fazem parte do jury da corrida militar.

E' um programma grandioso que proporcionará uma tarde esplendida aos socios do Club Naval e suas familias, o qual será abrilhantado por uma banda regimental.

E' mais um passo que o Club Naval dá a favor do util sport da natação por que elle vem trabalhando desde longa data. Nas «équipes» representativas dos clubs inscriptos e que são o Gymnasio Club Portuguez, o Sport Algés e Dafundo Club Internacional de Foot-ball e o Club Naval de Lisboa, veem os melhores nadadores de Portugal, motivo d'uma lucta renhida que prenderá a attenção dos assistentes por mais de meia hora.

* * *

Algumas anecdotas

Como um jogador de socco pode levar uma formidavel tareia...

Um jogador de socco na rua e um jogador de socco no «ring» são dois homens absolutamente differentes. E muitos dos hercules que matam homens com um murro e que fazem «adormecer» com um sopapo teem apanhado pancada na rua!...

Por exemplo, Billy Edwards, o celebre pugilista, que serviu muitas vezes de «fiscal» na grande cervejaria de Hoffman House, em New York levou um dia uma colossal tareia!

O individuo era um typo mal arranjado, um apache de «cara de poucos amigos», que entrou na cervejaria e rodou de mesa em mesa, aborrecendo os clientes, sem fazer a minima despeza á casa. O «Carman», segundo o costume não fez uma observação ao malandrim, mas assim que Billy Edwards entrou, fez-lhe signal para que obrigasse a sahir o personagem.

Billy approximou-se e, diplomaticamente, pediu ao individuo que se retirasse, porque os donos precisavam do «bar», para com os freguezes «rezarem em côro e voz alta!...»

—Olá, meu velho Billy, vaes-me expulsar?

—Não—disse Billy—mas é preciso que se retire...

—Está comprehendido, mas não sahirei sem te dar o castigo!—replicou o vagabundo, que rapido como um relampago feriu Billy Edwards no mento. O pugilista cahiu no chão redondamente!...

O «apache» accendeu tranquillamente o cigarro com accendedor automatico e sahiu com certa pachorra no passo, dizendo para alguns dos frequentadores:

—Decididamente não se póde estar n'esta espelunca!... Não tratam os freguezes com «gentlemen!...»

Noticias

Entre nós

Festa a favor de constructores de aeroplanos

Realisa-se no dia 15 de agosto uma importante festa no magnifico campo do Sport Lisboa e Bemfica, generosamente cedido por esta prestimosa aggremiação, a favor de dois portuguezes.

A Sociedade da I. M. P. n.º 2 executará as suas provas finaes n'esta grandiosa festa por lhe querer dar o maior brilhantismo possivel pois sabe que os promotores d'este espectaculo teem por fim o desenvolvimento da aviação em Portugal.

Contam-se com os melhores elementos sportivos como sejam Bazilio d'Oliveira, José da Silva Ruivo, Joaquim d'Azevedo «o Dentes d'Aço», campeão do mundo de força braçal e dentaria que executará n'este programma todos os seus «records» para o que offerece um premio de cem escudos a quem os egualar.

A exposição do aeroplano, typo portuguez, construido por verdadeiros apaixonados pela aviação que se não pouparam a sacrificios nem a trabalhos para apresentarem um trabalho digno do nome portuguez, despertou, no meio sportivo e no publico em geral, grande interesse, pelo que haverá grande concorrencia.

Os bilhetes com a data de 8 de agosto são validos para o dia 15.

Lusitano Club Ciclista

Na corrida de 1.000 metros effectuada na avenida da India, no passado domingo, ganhou brilhantemente Albano Ferreira, seguido de Raul Duarte.

Ha grande animação entre os socios d'este club pelo passeio de Santarem a Rio Maior, no dia 22 e para o qual tem sido um valioso auxiliar o jornal «O Riomaiorense». Continuam sendo recebidos valiosos premios para a corrida de 200 kilometros a effectuar em 19 de setembro.

Convocações de foot-ball

O capitão do «team» infantil do Sporting Club de Portugal pede a comparencia, domingo, 15, no apeadeiro de Entre-Campos, pelas 9,30 da manhã, dos seguintes jogadores: F. Vieira, H. Vieira, H. Mayer, E. Soares, C. Consiglieri, H. Portela, Silveira, J. Serrano (cap.), Melitão, A. Bruno, Bugalho, M. Barros e A. Barros.

Torneio d'esgrima em Santo Amaro de Oeiras

Fecha hoje a inscripção d'este torneio para amadores, dotado com bons premios representados por medalhas e objectos.

N'elle entram representantes das salas: Magalhães, Gonçalves, Sociedade d'esgrima, Centro d'esgrima, Grupo Arma e Sports, Gymnasio Club, Atheneu Commercial e alguns officiaes do exercito. No sabbado, das 17 as 19 horas, está marcada na séde da sala Magalhães uma reunião de delegados, professores e jornalistas sportivos para tratar de assumptos do torneio.

As eliminatorias principiam no domingo, pelas 10,15 da manhã até ás 12 horas, e continuam pelas 15 horas para terminarem ás 19.

O presidente Wilson prepara um novo projecto de defeza nacional

New York, 7 de agosto

Os americanos acompanham de perto os acontecimentos da guerra; entendem que no momento actual nação nenhuma é uma nação preparada. O presidente Wilson é de parecer que sôou a hora dos Estados Unidos assentarem n'um programma definido de defeza nacional, e empenha-se em que não encontre difficuldades quando o respectivo projecto fôr apresentado ao Congresso. Agora anda o presidente consultando os chefes do exercito e da marinha acerca das medidas que julguem necessarias; o programma que quer apresentar ao Congresso será vasto e promette tornar-se historico.

O sr. Wilson é tão contrario ao militarismo como os inglezes, mas os ultimos acontecimentos produzidos na Europa justificaram as palavras do presidente Roosevelt, quando, ha annos, declarou ser a America incapaz de, em caso de necessidade, appoiar a sua politica sobre a força, e que para tal fazer se encontraria tão impotente como a China.

Os peritos militares americanos são unanimes em dizer que a occupação de Varsovia é esteril victoria para os allemães a não ser que, ao mesmo tempo, aprisionem uma parte importante do exercito russo.

Excursões e passeios

A's Caldas da Rainha

Realisa-se no proximo domingo a excursão promovida pela Academia Instructiva dos Caminhos de Ferro do Leste e Norte.

Os poucos bilhetes que restam, ao preço de 1$80 em segunda classe e 1$20 em terceira, encontram-se á venda na séde da Academia, rua do Paraizo, 1, 1.º

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Pessoal maior dos correios e telegraphos

Para reclamar contra o projecto de lei ha dias apresentado ao parlamento sobre aposentações, reune hoje a assembleia geral extraordinaria na séde da associação, rua Engenio dos Santos, 175, 2.º Para essa reunião, que começa ás 21 horas, são convidados socios e não socios, sem distincção de categorias.

Conductores de carroças

Os corpos gerentes resolveram, em reunião de hontem, auxiliar moral e materialmente os cabouqueiros e fabricantes de cal em gréve, sendo hoje distribuido um manifesto convidando a classe a reunir ámanhã, pelas 21 horas.

COLYSEU DOS RECREIOS

A estreia da companhia Granieri

Chega depois d'ámanhã de madrugada a Lisboa a companhia de opera-comica e operetta italiana Granieri que n'essa mesma noite se estreiará no Colyseu dos Recreios com as «Damas Viennenses», a bella composição de Franz Lehar.

A companhia, que hontem sahiu de Valencia, pelas 20 horas, teve no ultimo espectaculo uma enchente colossal, fazendo-lhe o publico a mais affectuosa das despedidas.

A operetta de estreia, as «Damas Viennenses», é pósta em scena com grande luxo e apparato, sendo verdadeiramente deslumbrante o scenario do segundo acto, pintado pelo scenographo Olives, de Mahon. A musica é lindissima e toda a peça recheada de adoraveis situações comicas.

Sr. director.—Alguem das minhas relações, conhecedor dos acintes contra mim urdidos por inimigos que eu não creei, mas que a politica facciosa e de encruzilhada contra mim açula, apressou-se hoje a mostrar-me uma noticia venefica, inserta duas vezes no diario *O Seculo*, e uma no *Mundo* e no *Povo*, isto é, só nos mais retintos jornaes «democraticos», a annunciarem ao publico que contra mim fôra dada queixa á policia, pelo facto de eu não querer devolver 60 escudos a um cliente occasional e insolente—uma questão passada e arrumada ha já dois annos.

Confesso que me indignei; pois depois de explicações dadas ao sr. juiz de investigação policial, depois de me promptificar a produzir provas reforçantes das minhas affirmações, provas que não me foram exigidas ou tomadas, depois do sr. juiz director da investigação commigo concordar na incompetencia do fôro criminal, para resolver tal caso, depois de eu declarar ao mesmo sr. director de investigação policial, que é um juiz togado, que o supposto queixoso, á força de insolencia, me melindrára e me demovera do proposito em que eu estava de lhe dar alguma coisa «não por obrigação», depois de tudo concorrer para a decantada «parte» ser archivada, como se deprehendia do que dissera o mesmo sr. juiz e exigia a lei, ainda o meu nome era assoalhado?!

Escrevi ao alludido sr. juiz a protestar contra a singular injustiça ou proposito de se informar a imprensa d'uma queixa que não procedera, e como a resposta tardasse talvez porque aquelle magistrado fôsse alheio ao caso, eu mandei saber ao tribunal da Boa-Hora se para ali baixára, da policia, a pretenção do taberneiro, sendo-me obsequiosamente dito que não.

E assim explicado fica o «exclusivo» da noticia dos citados jornaes «affonsistas»...

Sou pouco dado a exibições, mas vejo-me forçado a fálar de mim, em defeza da minha dignidade offendida.

Não tenho a mania da perseguição, nem uma uma vez sequer enfermei do mal do «medo»; mas apesar de eu ser paciente e de saber quanto se faz por ahi no sentido da infamia e da calumnia, eu chego a ter momentos de aborrecimento, tantas teem sido as maldades que me teem feito para me prejudicarem material e, sobretudo, moralmente. E triste é dizer que o direito, a lei, é deficientissima em materia de diffamação e de injuria, porque o offendido, ao procurar desafronta, fica mais enxovalhado; o publico continua em duvidas e, mais uma vez, se verifica a verdade do velho dito—«tanto difamarás que alguma coisa ficará...»

Sr. director, o caso cifra-se no seguinte: uma mulher envolvida em caso de aborto pede-me a defeza, vindo junto de mim solicital-a o homem d'ella, ora queixoso, além d'um sujeito meu conhecido. Acceito a procuração, estudo o processo, traço a melhor orientação da defeza, escolho e dou testemunhas e, para bem da constituinte, vou ao tribunal duas ou trez vezes adiar a audiencia de julgamento, na esperança, realisada mais tarde, de encontrar um jury compassivo. Sou preso n'este comenos por supposto implicado no malogrado movimento de 27 de abril de 1913; sou desterrado para Angra, onde soffri a barbaridade de uns 8 mezes de prisão em cellula, como se já estivesse condemnado a pena maior, e 2 mezes do presidio da Trafaria, uma verdadeira penitenciaria. E todo este rigor e soffrimento para ser absolvido por unanimidade d'um jury tirado do generalato do nosso exercito...

Teimei e consegui sustentar aberto o meu escriptorio, com enormes prejuizos e fraudes; e como medida preventiva convidei varios collegas amigos a me substituirem na resolução das questões novas e mesmo das pendentes.

Chegou-se o dia do julgamento e, ou o «homem» appareceu e não se conformou com o defensor que me substituia, ou não appareceu; mas n'um ou n'outro caso não sou eu o responsavel pelo que elle gastou n'outra parte.

Assentiram em substituir-me os ex.mos collegas e amigos drs. Celorico Gil, Luiz Pinheiro e Alvaro Machado: elles ahi estão para me desmentir.

Pelo exposto vê v. e o publico que não devo nada ao homensinho; se não fiz a allegação verbal, a allegação final, em plena audiencia de julgamento, foi porque na occasião me detinham em ferros; se qualquer dos meus indicados collegas me não substituiu foi porque o tal Coelho não quiz.

Demais, ninguem póde avaliar o meu trabalho; o esforço que empreguei em favor da ré, vale mais que os 60 escudos recebidos. D'outra fórma eu teria procedido com o taberneiro, se elle fôsse delicado, conveniente, se elle não recorresse á ameaça. Até ha pouco elle contentava-se com 20 escudos, se eu lh'os désse, e cheguei a mandar dar-lh'os, mas... roubaram-os, não lh'os entragaram.

Vieram os dias das eleições geraes e o sr. José de Castro, um collega e antigo amigo, que hoje respira odios partidarios, mandou-me prender, mimoseia-me com uns dias de prisão arbitraria, mas, que chamam preventiva, na supposição e receio de que eu me propuzesse deputado. E' então que o Coelho é despertado por alguem e aconselhado a assoalhar-me o nome; eil-o na policia, volvidos dois annos, a fazer o jogo de terceiros...

Trago estas explicações a publico só em attenção a este, á classe a que me honro de pertencer, e por amor do meu nome.

Lisboa, 11 de agosto de 1915.—O advogado, *Lomelino de Freitas.*

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Agulha em palheiro.

Ao correr da penna

A' falta de ensaiadores, que se vae manifestando no nosso theatro, ha ahi uma carreira aberta aos que tenham disposições para esse cargo. Bem sabemos quanto elle é trabalhoso e difficil. Além de tôda a competencia que lhe é necessaria, de educação litteraria que exige, do bom gosto que requer e das multiplas condições que n'um director de scena se devem reunir, elle tem de luctar principalmente com a inercia dos que os deviam coadjuvar. N'um theatro ha multiplos empregados cada qual com os seus deveres marcados e as suas habilitações especiaes. Um director de scena além de ter que luctar dia a dia com os artistas, cada um dos quaes inventa diariamente uma difficuldade ou uma irritação, tem de superintender no trabalho dos seus colaboradores que se esforçarão sempre por lhe tornar o trabalho difficil. Apesar de tudo é um mister interessante e, se n'elle muitos se esgotam como o pobre Portulez a quem o theatro matou, ha n'elle um trabalho, um esforço de realisação proprio para seduzir um artista.

Cyrano

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cora da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Commissão Concelhia dos Bens Ecclesiasticos do 1.º Bairro de Lisboa

Entre o sr. Antonio Baptista Ribeiro, Presidente d'esta commissão e o sr. José Narciso Fernandes, deu-se ha dias um incidente por causa d'umas lojas que este senhor trazia alugadas no Palacio da Mitra, ao Campo de Santa Clara.

Parece que em virtude de explicações trocadas o arrendatario se convenceu que não tinha direito a reclamações, conformando-se com a deliberação de S. Ex.ª o Sr. Baptista Ribeiro.

Pic-nic em Cintra

A commissão republicana de S. Christovam e S. Lourenço, em harmonia com as resoluções tomadas na sua ultima sessão, realisa no proximo domingo o annunciado «pic-nic» na villa de Cintra, congratulando-se pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa. Ha já grande numero de inscriptos. Todos os que desejam tomar parte na festa devem dirigir-se ao presidente da commissão, sr. Antonio Matheus Pereira Junior, beco da Atafona (ao Caldas), 22, loja.

Fallecimentos

Na sua casa da Avenida da Liberdade, 198, com 71 annos, falleceu o sr. Joaquim José Pereira Callado, antigo commerciante ha muito retirado dos negocios e velho e dedicadissimo republicano. O funeral realisa-se ámanhã, ás 11 horas, sendo feito civilmente por expressa determinação do finado.

A' familia enlutada e em especial a seu sobrinho o sr. João Antunes Baptista, estimado commerciante da nossa praça e vereador da camara municipal, os nossos pezames.

apparecia em Katbosfontein, a noroeste de Wolmaranstad. Tinha reunido um novo commando e ahi uma longa entrevista se realisou entre elle e Cecil Meintjes, que procedia com consentimento do governo, no dia 4 de novembro. D'essa entrevista Meintjes voltou encarregado por Beyers d'uma mensagem em que se estipulavam as condições em que os rebeldes deporiam as armas. N'esse documento, Beyers declarava que dissolveria a sua força se o governo só empregasse voluntarios contra a Africa Allemã do Sudoeste e garantisse que não perseguiria os officiaes e chefes rebeldes. A resposta de Smuts dava essa garantia e repetia o que o general Botha já declarára: que na expedição contra os allemães só tomariam parte voluntarios.

Mas a mensagem de Beyers não era sincera. Pelo meio dia de 5 de novembro, antes de poder ter tempo de receber qualquer resposta do governo, marchára quarenta kilometros para o sul e estava proximo da linha do caminho de ferro em Kingswood. Ahi, a linha estava guardada por tropas fieis. Beyers atacou-as e passou por entre ellas. O seu objectivo era evidentemente atravessar o Vaal para o Estado Livre, a fim de ahi se juntar com de Wet. Mas as tropas fieis rapidamente se concentraram e o cercaram. No dia 7 atacaram o seu acampamento, tomaram-no e aprisionaram 350 dos seus homens, mais de um terço da sua força total.

No dia 6, porém, Smuts mandára-lhe um salvo-conducto para elle poder ir avistar-se com Steyn. Derrotado e em fuga, Beyers resolveu aproveitar-se d'elle. Chegou a Bloemfontein n'um automovel com três companheiros. Ahi foi preso apenas por um escoteiro armado, que o seguira n'uma motocycleta. O governo podia não honrar o salvo-conducto, de que Beyers não tentára servir-se emquanto não fôra batido. Honrou, porém, a sua assignatura e permittiu-lhe que fôsse ter com Steyn.

Chegou a Onze Rust no dia 10 Steyn telegraphou immediatamente a Smuts pedindo-lhe para dar a Beyers um outro salvo-conducto que lhe permittise ir ter com de Wet. Mas tinha-se já dado o recontro entre os homens de de Wet e o commando de Cronje. No dia 9 de Wet entrára em Winburg, uma das cidades mais importantes do Estado Livre e tratára com brutal ferocidade o «mayor» e os principaes habitantes. Tinha tido tempo de

Talaat-Bey, ministro do interior na Turquia

mais para ir a Onze Rust, se tivesse querido fazel-o. A paciencia do governo estava exhausta. Smuts recusou dar a Beyers outro salvo-conducto.

Botha marchou contra de Wet. No dia 12 encontrou a sua principal força em Mushroom Valley. O resultado do recontro foi a completa derrota das forças rebeldes. O «mayor» de Winburg e um senador do parlamento sul-africano, que haviam sido aprisionados por de Wet, foram libertados. De Wet fugiu, mas o seu poder estava quebrado.

Como Beyers, mostrou uma subita anciedade pela mediação de Steyn. Smuts recusou-se a dar-lhe

intensidade no Estado Livre e no Transvaal oriental.

A noticia da rebellião de Maritz em 9 d'outubro chegou a Kemp e a Beyers no dia 12. A esse tempo rumorejava-se já livremente em muitos districtos que a rebellião estava prestes a estalar. Uma reunião dos principaes conspiradores devia realisar-se em Kopjes, no Estado Livre, no dia 13. Foi adiada. No dia seguinte, Beyers e de Wet encontraram-se em Pretoria e combinaram os seus ultimos planos.

Quando a noticia da rebellião de Maritz chegou ao conhecimento do governo, a todos os commandantes dos districtos foi dada ordem para reunirem os seus homens em defeza da União. O districto de Lichtenburg dava 300 homens. Tinha sido ahi um centro de sedição. Ahi tinha sido sepultado de la Rey e ahi a bandeira republicana tinha fluctuado na reunião que se realisára no dia seguinte ao do funeral. D'esses 300 homens, 150 recusaram-se subitamente a obedecer ás ordens no dia 19 d'outubro. Voltaram costas, levando os cavallos, as espingardas e outros apetrechos que eram propropriedade do governo e que lhes haviam sido distribuidos. No mesmo dia, Beyers sahiu de Pretoria e desappareceu.

Não havia dado resposta alguma ao pedido que o governo lhe dirigira de ir ter com Maritz, a fim de o persuadir a que se rendesse sem ser preciso derramar mais sangue. Tres dias depois o governo soube que Beyers estava em Damhoek, no Transvaal, á frente de um commando rebelde. D'ahi, elle mandou uma mensagem aos outros chefes dos rebeldes para irem ter com elle a Kopjes no dia 22. «Ahi—dizia elle— tudo está preparando e os burghers pegaram em armas».

Na reunião havida em Kopjes resolveu-se que «emquanto os boers continuassem a ser opprimidos, se désse carta branca ao general Beyers no Transvaal e ao general de Wet no Estado Livre para tomarem as medidas que entendessem necessarias».

A essa reunião assistiram de Wet e outros dirigentes de menor importancia tanto do Transvaal como do Estado Livre do Orange.

No dia seguinte, a rebellião rebentou no Estado Livre; um dia depois no Transvaal. Na tarde de 23 d'outubro uma força rebelde occupou Heilbron, no Estado Livre. No dia 24, Reitz foi ameaçada e detido um comboio que levava voluntarios para as forças fieis, a quem despojaram das armas e munições. No mesmo dia, outros comboios foram detidos em Treurfontein, no Transvaal, e homens e material de guerra foram requisitados «por ordem do commandante geral C. Beyers».

A energia do governo tinha de convergir para dois fins. Tinha primeiro que tudo de arranjar forças sufficientes para fazer frente a Beyers e a de Wet. Mas tinha tambem de empregar todos os esforços para evitar o derramamento de sangue, se possivel fôsse. O general Botha tinha já appellado para o ex-presidente Steyn e para Hertzog, a fim de fazerem a declaração publica de que condemnavam a rebellião de Maritz. De Hertzog nem sequer veiu resposta. De Steyn sabia-se já, ou antes pensava-se que elle nada diria publicamente. Mas Botha entendia necessarios os passos que dava. Quando soube da traição de Maritz no dia 11, enviou um telegramma a Steyn informando-o dos factos e dizendo-lhe que o governo entendia que devia proclamar a lei marcial e que uma palavra do ex-presidente teria o maior effeito.

Steyn respondeu no dia 12, por carta, dizendo que a sua saude era má, a sua posição difficil, pois que a sua opinião era desfavoravel á expedição contra a Africa Allemã do Sudoeste. Em taes condições não podia fazer uma declaração publica sem que n'ella se referisse ao seu desaccordo com o governo na questão da expedição.

N'uma phrase que empregava dava a entender que a rebellião de Maritz era causada pela politica do governo em emprehender a expedição. Respondeu-lhe Botha no dia 13 d[illegible]

Joaquim José Pereira Callado

Falleceu

Marianna Bomfim Callado, Rita Callado de Almeida e seus filhos, Margarida Cecilia Gomes, Joaquim José Gomes Callado, sua mulher e filhos, Adelina Gomes Baptista, seu marido e filho, Michaella Julia Gomes Bravo e seu marido, Antonio Leal Bravo (ausente) e filhos, Maria Balbina Gomes cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento de seu querido esposo, irmão, cunhado e tio, cujo funeral se realisa amanhã, 13, pelas 11 horas da manhã, sahindo o prestito da sua casa, Avenida da Liberdade, 198, r/c. direito, para o cemiterio Oriental.

Agradecendo muito reconhecido a todos que o acompanharem á sua ultima morada.

Joaquim José Pereira Callado

Falleceu

João Antunes Baptista, na qualidade de testamenteiro de seu querido tio e amigo participa o seu fallecimento cujo funeral se realisa ámanhã, 13, pelas 11 horas da manhã, sahindo o prestito funebre, da residencia do finado, avenida da Liberdade, 198, r/c, direito para o cemiterio oriental.

Agradecendo desde já a todos os seus amigos que queiram honrar com a sua presença, aquelle que foi em vida, seu dedicadissimo amigo e desvelado protector.

zendo: «Não ha connexão alguma, entre a resolução do parlamento—approvando a expedição—e esse acto de traição. Possuo provas de que muito antes da resolução do governo ser conhecida, muito antes de se resolver a expedição, já havia uma conspiração em que entravam Maritz e outros... A traição não se justifica, mas a guerra com a Allemanha fez surgir a deploravel e fatal idéa no espirito dos traidores de que, encontrando-se o imperio britannico em difficuldades, chegou o momento opportuno de recuperarmos a nossa liberdade fazendo causa commum com os allemães na nossa fronteira. O que Maritz fez é abominavel».

Na mesma carta, em palavras repassadas de sentimento, Botha appellava para Steyn, pedindo-lhe que com a sua auctoridade proferisse as palavras que deviam evitar que muitos boers tomassem parte na rebellião, pois que ninguem como Steyn tinha auctoridade para o fazer, evitando-se assim consequencias bem fataes.

O ex-presidente do Estado Livre do Orange não respondeu. No dia 22, Botha dirigiu-se-lhe de novo, dizendo-lhe que o governo tinha informações seguras de que de Wet, Beyers e Kemp estavam envolvidos na conspiração e que entendia que Steyn devia aconselhal-os a que não enveredassem por esse caminho, que tantas desgraças ia causar.

Finalmente, Steyn respondeu, annunciando a sua intenção de chamar Beyers, Kemp e de Wet á sua herdade de Onze Rust. E com effeito o ex-presidente mandou seu filho Colin com uma carta para Beyers, que estava em Damhoek, á frente d'um commando rebelde. Colin Steyn voltou a Pretoria n'essa mesma noite e contou que Beyers não queria ir ter com seu pae emquanto não soubesse que de Wet estava tambem a caminho. De dia fôra mandado um telegramma a esse cabecilha, dizendo-lhe que Colin tinha para elle uma carta de seu pae e pedindo-lhe que deixasse dito em Vrede onde podia ser encontrado. De Wet não respondeu.

Colin Steyn esperou em Pretoria até ao dia 26, e seguiu para Bloemfontein a fim de consultar seu pae. No dia 28 foi com Hertzog a Heilbron, esperando ahi encontrar de Wet, mas não o encontrou. Nos tres dias seguintes porém, Hertzog conseguiu estar com de Wet duas vezes, da segunda acompanhado de Colin Steyn; a situação não era desesperada e os commandantes das forças do governo estavam tomando medidas contra de Wet, emquanto um salvo conducto lhe era mandado para elle poder ir ter com Steyn a Onze Rust. Passava-se isto no ultimo dia d'outubro.

No entretanto houvera uma collisão entre as forças do governo sob o commando de Botha e as de Beyers no Transvaal, n'um logar chamado Commissie Drift, perto de Rustenburg. Era evidente que o governo empregára todos os esforços para evitar as hostilidades.

A 23 d'outubro o commissario geral de policia era informado de que o general Smuts, ministro da Defeza, desejava evitar o derramamento de sangue. No dia 26 era tornado publico um aviso de que os burghers que se haviam recusado a obedecer ás ordens do governo para se apresentarem ao serviço activo nada teriam a receiar emquanto permanecessem socegadamente em suas casas e se abstivessem de qualquer acto de violencia ou hostilidade contra a auctoridade do governo.

Apezar da rebellião ser um facto innegavel, o governo foi até aos limites extremos da moderação. As forças tinham ordem de não fazerem fogo sobre os commandos rebeldes emquanto estes as não atacassem, ordem que deu causa á perda d'algumas vidas e levantou murmurios entre a população que se conservava leal.

O coronel Alberts, membro boer do parlamento sul-africano, que tomára o commando d'uma das columnas que estavam sendo concentradas contra os rebeldes, dizia de Treurfontein em 31 d'outubro que era grande o desgosto entre os officiaes sob o seu commando contra a

politica de permittir que os rebeldes, abertamente organisados, pudessem voltar livremente para suas casas comtanto que entregassem as suas armas e munições. O general Smuts respondeu, no mesmo dia, «que o governo tinha todo o interesse em pôr fim á rebellião no Transvaal oriental o mais rapidamente possivel. Por isso, promettera perdoar a todos os que se rendessem immediatamente. Os que o não fizessem seriam punidos como rebeldes».

Estas medidas eram tomadas depois do recôntro em Commissie Drift. Os esforços feitos pelo governo para terminar com a rebellião sem derramamento de sangue evidentemente levaram os chefes rebeldes do Transvaal a crerem que o governo nada de decisivo faria por meio das armas.

Beyers e os seus collegas estavam commandando homens sob a pretensa auctoridade do governo, estavam espalhando o boato de que Botha e Smuts estavam do seu lado e apoderavam-se das linhas telegraphicas e do caminho de ferro. Tornou-se necessario mostrar que assim não era.

A 27 d'outubro, tres dias apenas depois dos homens de Beyers terem commettido os primeiros actos de hostilidade no Transvaal, o general Botha marchou contra elle, cahiu sobre o seu commando em Commissie Drift e desbaratou-o. Beyers fugiu. Durante alguns dias ninguem soube para onde elle tinha ido.

No Estado Livre, emquanto os emissarios de Steyn estavam empregando todos os esforços para induzirem de Wet a ir a Onze Rust e ahi ouvir os conselhos do ex-presidente, esse cabecilha estava dando largas ao seu apaixonado resentimento contra o governo.

No dia 29, foi com um bando de cêrca de 120 homens armados a Vrede, cidade do Estado Livre. Ahi, emquanto os seus homens se entregavam á rapina e ao saque, fez um violento discurso em que chamou miseraveis e pestilentos aos inglezes e pessima á politica do general Botha, terminando por dizer que a expedição contra os allemães era um acto detestavel de pirataria. O thema principal por elle versado era a queixa de que os boers estavam sendo opprimidos pelos inglezes, que a sua lingua era perseguida, que os seus costumes não eram respeitados e que não tinham occupado os logares officiaes a que tinham direito.

Era a explicação da sua rebellião que elle assim dava. Era a doutrina de Hertzog que operava sobre aquelle homem rude, que nunca fôra um politico. Como, porém, continuassem as gestões para elle ir a Onze Rust, com consentimento de Smuts e de Botha, aproveitou o ensejo para ganhar tempo. Mais d'uma vez assegurou a Colin Steyn que iria ter com seu pae. Os seus officiaes aconselhavam-no a que fôsse.

Mas no mesmo tempo, como a sua correspondencia que foi apprehendida mostrou, estava enviando ordens aos commandantes das suas columnas para atacarem cidades, telegraphos e caminhos de ferro, o que elles estavam fazendo.

Assim, a 4 de novembro os rebeldes fizeram saltar uma ponte ao sul de Kroonstad; no dia 5 cortaram a linha Kroonstad-Natal em dois sitios, e no mesmo dia um commando, sob as ordens de Conroy, fez saltar a ponte do caminho de ferro em Virginia. No dia 6, uma patrulha fiel foi atacada pelos rebeldes ao sul de Kroonstad. E no dia 8 um recontro se deu entre alguns dos homens de de Wet e um pequeno commando sob as ordens do commandante Cronje. N'esse recontro as tropas fieis soffreram um revez, que lhes custou muitos homens.

Estes factos convenceram o governo de que só pelas armas dominaria de Wet e fel-o pôr de lado todo e qualquer projecto de mediação de Steyn.

No Transvaal a rebellião alastrava mais ou menos. Smuts suppôz que Beyers, depois do revez que soffrera em Commissie Drift, se havia retirado para o norte de Rustenburg. Foi a unica vez em que se enganou. D'ahi a dias, o cabecilha rebelde

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1804 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Admin's'r---R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 13 de Agosto de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

O que ha a fazer

O governo provisorio, pelas medidas que tomou por varias pastas, foi um governo de acção. Não marcou só na politica do momento; marcou na historia portugueza. Pela pasta dos estrangeiros, n'essa hora melindrosa, em que se effectuava a difficil transformação d'um regimen, conseguiu-se obter não só a espectativa das nações, mas a sua sympathia, que tanto favorecia o rapido reconhecimento da Republica, não devendo esquecer-se a consolidação da alliança ingleza, até então mais uma tradição estabelecida do que uma realidade palpavel. Pela pasta da justiça promulgaram-se decretos que forneceram a base juridica das novas instituições, como os que estabeleceram a separação das egrejas e do Estado, o divorcio e a protecção á familia. Nenhuma d'estas grandes medidas pode já hoje desapparecer, mesmo na inverosimil hypothese d'uma modificação do regimen, de tal forma se consubstanciaram com o espirito da nação. Na pasta do interior, por onde corriam ainda os serviços de instrucção, deu-se notavel desenvolvimento ao ensino, creando-se escolas, desdobrando-se faculdades. E pela pasta das finanças, em presença da confusa situação da fazenda publica, aggravadas pelas perturbações naturaes d'uma revolução de tamanha magnitude, a politica do governo salvaguardou o credito da nação, inspirando confiança aos financeiros nacionaes e estrangeiros.

Apoz o governo provisorio, tentou-se a formula das concentrações partidarias. Era commoda para os politicos que assim removiam difficuldades do exclusivo do mando, mas foi prejudicial para o paiz, cuja paralisação se tornou manifesta.

Eram governos que não tinham nem podiam ter acção, enleiados no simulacro de allianças, de sua natureza hybridas.

Com o gabinete Affonso Costa regressou-se á acção. Esse governo propoz-se resolver o nosso problema financeiro, e alcançou, com effeito, o assignalado triumpho do equilibrio orçamental. Mas o choque politico, que era inevitavel, surgiu. Os governos de concentração constituiam a formula precisa para demorar a demonstração da força dos partidos. Tendo sido impossivel continuar a empregal-a, as agitações partidarias crearam um estado de conflicto que ia tomando graves proporções, quando o dr. Bernardino Machado constituiu o seu gabinete, cujo fim era pacificar a sociedade portugueza.

Sobreveiu a questão da guerra, e esse governo tratou de definir a nossa attitude, tentando ao mesmo tempo attender á questão do fomento, que impunha medidas de rasgado alcance. Ninguem ignora o que succedeu. Os partidos não comprehenderam o serviço que o gabinete Bernardino Machado estava prestando á nação e á Republica; não pensaram que se elle não existisse, seria necessario creal-o para circumstancias que não reclamavam um governo estrictamente de partido. O gabinete Bernardino Machado cahiu, e apoz a fugaz passagem pelo poder d'um governo partidario, a dictadura surgiu de surpresa, ameaçando subverter a propria Republica.

Por esta rapida exposição se vê que tem havido uma falha na acção governativa da Republica. Essa falha é a do problema economico, que reclama uma séria attenção para a questão de fomento. Hoje que a questão politica está já claramente definida, tendo todos os partidos consultado as urnas e havendo o suffragio popular marcado a cada um o seu logar e o seu valor, torna-se urgente olhar para essas outras questões, de que dependem a vida e o progresso do paiz. Ellas estão, já o dissemos, em cima de nós, e não nos deve surprehender o facto, que era inevitavel, e que só porventura se precipitou pelas consequencias da guerra que em todo o mundo tem provocado sérias crises: economicas, politicas e moraes.

A questão economica é uma questão de todas as classes. O operariado portuguez, que é já um proletariado consciente, deve comprehender que não deve isolar-se. Necessita-se d'uma orientação muito intelligente, muito methodica, que não póde ser privativa d'uma classe, não só porque o mal estar é geral como porque o problema é complicado e precisa, para se solucionar, das luzes e dos esforços de todos.

A acção a desenvolver não deve, pois, ser revolucionaria, muito embora, dentro da legalidade, seja licita e precisa uma grande pressão que corresponda ás instantes necessidades publicas. Essa pressão dará forças ao governo para as medidas que tem a tomar, habilitando-o, ao mesmo tempo, o estudo da questão pelas diversas classes a tornar essas medidas tão efficazes quanto seja possivel dentro das circumstancias nacionaes.

Poeira da Arcada

As professoras constituem um numeroso proletariado que o Estado paga com tal avareza que ellas algumas vezes percebem que o seu diploma as habilitou para leccionarem, mas não para viverem. Em silencio, para que ninguem as veja, as lagrimas descem-lhes pelas faces, como um amargo tributo de fadario a que se submettem com uma resignação que o desespero não perturba. Quantas historias tristes de creaturas, timidas e caladas, que annos a fio se deixaram ir vencendo pela fatalidade, até ficarem sem nenhuma esperança, como captivas nas prisões do Esquecimento!

**

Depois da briga de palavras, surgem agora os protestos dos famintos. Tinha que ser: a lei dos appetites exasperados, cêdo ou tarde, faz sentir a sua acção de ferro. Quando o pão falta, ninguem vae escutar os rouxinoes. Os punhos cerram-se e as más inspirações sobem á cabeça. As noções do Justo e do Injusto perdem todo o seu valor perante a furia eloquentissima das turbas que transportam para as cidades as procellas dos oceanos.

**

Rebentou uma bomba de dinamite e appareceram mais cinco. Dantes, estes casos provocavam certas apprehensões nas pessoas que não gostam de relacionar-se abruptamente com as forças invisiveis. Agora já ninguem se incommoda. Uma tranquilla resignação nos protege contra as suggestões do medo. E alguma coisa se ganhou com isso... O somno é mais profundo e os estampidos mais frequentes. A paz social firma-se assim em bases taes, que a tornam uma garantia solida das boas relações entre este mundo e o outro.

A CRISE DAS PROFESSORAS

O que diz a Associação de Propaganda Feminista

No artigo hontem publicado na «Capital» appela-se para «as senhoras que metteram hombros á propaganda em favor dos direitos femininos» em prol das professoras.

Ninguem está mais do alma e coração com todas as mulheres que trabalham e luctam pela sua libertação economica do que a nossa Associação.

Simplesmente não podemos ser mais papistas do que o Papa, nem imitar o *dadôr*: que por bem bem ou por mal havia de dar a constituição ao povo... que aclamava D. Miguel «que já o podia mandar matar».

Entre as nossas associadas temos poucas professoras e essas raras são das que pelo seu merito e pelo seu trabalho teem conseguido impôr-se.

As outras, nem nos procuram, nem nos auxiliam, nem nos informam sobre as suas queixas e aspirações.

Tanto nos desconhecem que nem sequer nos mandam um cartão de convite para visitarmos as suas exposições, assistirmos ás suas festas, tomar interesse pelos seus trabalhos e participar das suas justas revoltas e reclamações.

A Associação de Propaganda Feminista solidarisa-se com todas as mulheres que trabalham, seja qual fôr a sua classe, promptificando-se a estudar e defender as questões que as interessam; mas sem sollicitação especial não pode fazer mais do que faz, que é defender os assumptos na generalidade.

Eis o motivo por que não levantámos ainda uma questão, de que nos affastam proprias interessadas.

A secretaria da Associação de Propaganda Feminista.

Anna de Castro Osorio.

As ultimas horas de Varsovia

O que dizem os correspondentes do «Times» e do «Daily Telegraph»

Em telegramma expedido de Varsovia ao «Times» e datado de 4 d'agosto, ás 8 horas, dá o sr. Stanley Wahsbeern informações ácerca dos ultimos dias da occupação russa, que, embora retrospectivas, não deixam de ser interessantes:

«Aperta-se a rêde de momento para momento, e o abandono da cidade é uma questão d'horas; da ponte nova vêem-se os obuzes allemães e immensas columnas de fumo; ao mesmo tempo que violentas detonações fazem estremecer a cidade. No outro lado do Vistula está em observação um balão captivo russo. Do telhado do hotel Bristol vê-se o fumo dos predios incendiados nos arrabaldes pelos obuzes allemães. A cidade foi já evacuada, ficando apenas os polacos, que resolveram não sahir; o céu está pontuado de aviões allemães planando isolados, no meio das nuvens de fumo e dos shrapnells dos canhões russos.

A evacuação militar está quasi terminada; faltam apenas sair algumas forças d'infantaria e umas poucas peças d'artilharia. O ultimo comboio para Petrogrado partiu hontem á noite, e hoje sahe o ultimo comboio para Brest Litowsk.

Entretanto, continuam os aeroplanos allemães a destruir desvairadamente vidas e edificios; na segunda-feira deitaram numerosas bombas que mataram vinte e cinco pessoas, tendo cahido um projectil entre o hotel da Europa e a egreja nova. Todas as pontes foram minadas; esta tarde, quando atravessava uma d'ellas, cahiram quatro bombas sobre Praga, um arrabalde da cidade que fica na margem direita do Vistula. As detonações foram aterradoras e os habitantes fugiram espavoridos em todas as direcções. Foram tirados os fios de cobre do telegrapho, do telephone, e os trolleys dos electricos. Para quem tem acompanhado os acontecimentos de Varsovia é um espectaculo profundamente triste este preparativo d'abandono da cidade ás mãos do inimigo.

Esta manhã ainda muito cedo fui visitar as tropas que occupam o flanco direito, nas proximidades de Garwolin, entre Varsovia e Ivangorod; encontrei-as resistindo valentemente, mas as do centro já tinham retirado.

Não posso possuir opinião ácerca dos exercitos do norte e do sul porque as communicações já estão cortadas, mas creio que os allemães perderam todas as probabilidades d'infligir uma derrota ao exercito de Varsovia, a não ser que um dos exercitos proximos ceda demasiadamente depressa. Embora os obuzes rebentem em torno da cidade, a evacuação militar está sendo effectuada tão tranquillamente como ha dois dias se fez a evacuação civil. Para traz, a estrada está coberta de tropas, fatigadas, estropiadas, que veem da linha de fogo; não parecem desesperadas mas a contrariedade lê-se-lhes no olhar.

—Se tivessemos munições, disse um soldado, sovariamos constantemente os allemães.

E logo outro accrescentou:

—A paz não nos convem; logo que tenhamos obuzes com fartura, reconquistaremos Varsovia. Não podemos deixal-a nas mãos dos allemães!

5 d'agosto

Passei a noite fóra da cidade porque é possivel que d'um momento para o outro as estradas se encontrem tão avariadas pelos obuzes que não se possa transitar em automovel. Do alto das collinas, a leste de Varsovia, vê-se a claridade dos obuzes que rebentam nas cercanias da cidade. Desde as cinco horas da manhã que, na direcção da cidade, estrondeia um canhoneio incessante; provavelmente é o preludio do ataque predecessor da entrada dos allemães. Retomo o caminho de Varsovia onde espero entrar ainda antes de serem destruidas as pontes. E' muito provavel que haja apenas uma acção da retaguarda antes de ser dada a ordem para retirar sobre a linha de Brest.

Mais tarde

Varsovia foi abandonada. A's tres horas da manhã fez-se ir ás pontes pelos ares, e ás seis horas a cavallaria allemã entrava na cidade».

**

O sr. E. J. Dillon expediu de Varése o seguinte telegramma para o «Daily Telegraph»:

«O grave cheque soffrido pelo imperio slavo transformou-se em estimulante de mais energicos esforços.

O acabrunhador revez, escreveu-me um estadista russo, tem suas compensações. Reaccendeu o enthusiasmo e será mais efficaz do que rumas de livros de côr de laranja e do que os appellos officiaes, para metter a Duma e o governo no bom caminho e fundir todas as camadas sociaes do paiz em uma nação patrioticamente unida. Só a simples previsão do que se prepara sacudiu os elementos mais entorpecidos do imperio, despertando n'elles o sentimento das nossas faltas, que se torna em estimulo e firme resolução de não recahir n'ellas, e de evital-as.

Depois da invasão de Napoleão, é a primeira vez que a Russia dá o espectaculo d'uma tal renascença.

As tendencias variadas dos nossos 180 milhões de subditos, em geral incoherentes e frequentemente contradictorias, foram orientadas por estes sinistros acontecimentos para um fim nitidamente determinado: a derrota completa do inimigo do genero humano. Dada esta unanimidade n'esta resolução, a nossa confiança na victoria final deixou de ser um simples estado d'espirito para transformar-se n'uma poderosa força moral agindo de maneira a produzir todo o seu maximo effeito. Não recuaremos perante qualquer sacrificio porque o mais pesado d'eles se tornaria ligeiro em comparação com uma desastrosa alternativa. Não é exaggêro affirmar que este novo cheque militar destruiu para sempre as barreiras que até agora mantinham separados o povo e o governo.

E ao mesmo tempo accelerou a regeneração politica e social da nação russa, que d'aqui em deante tem o seu logar entre as nações livres do mundo».

Milagres da serotherapia

Como o sôro anti-tetanico, o polyvalente dos srs. Leclainche e Vallée em breve poderá salvar milhares de vidas

Todos conhecem a theoria dos sôros. Se, após um determinado tratamento progressivo, se inocula em um qualquer animal—n'um cavallo, por exemplo—o agente microbiano d'uma doença sob a fórma de caldo de cultura, esta inoculação determinará no animal uma reacção de todas as cellulas, uma especie de excitação da defeza do organismo. Esta reacção das cellulas dá origem a uma secreção que tem por fim destruir, como que envenenar o agente microbiano. Ao mesmo tempo produz-se uma verdadeira absorpção do microbio pela cellula, seguida da digestão intercellular.

Pode comparar-se esta operação defensiva com a que pratica a vibora que, antes de luctar com um inimigo, segrega um veneno que lhe inocula, podendo mesmo devoral-o depois sem perigo, se as dimensões do vencido forem em proporção do appetito do vencedor.

A secreção resultante d'esta reacção defensiva das cellulas em lucta com um microbio parasitario destruirá não sómente o agente microbiano que tinha atacado o organismo do animal inoculado, mas tambem se fôr injectada em um outro ou n'um ser humano atacado pelo mesmo microbio, tornar-se-ha ainda mais energica e o parasita será infallivelmente destruido.

Os trabalhos de dois sabios

No emtanto, estas secreções assim obtidas, o que designamos por sôros, apenas são efficazes para antidoto do microbio contra o qual se produziu a reacção; por exemplo, o effeito preventivo do sôro antitetanico tão efficazmente empregado agora nas linhas de fogo dos francezes só é util contra o tetano, não tendo a menor acção sobre qualquer infecção que não seja de origem tetanica, e não podendo por isso impedir a gangrena cujos microbios são o vibrião sceptico e o *bacillus perfringens*, nem as diversas infecções de chagas e supperações originadas por multiplas especies de microbios, como o staphylicocus, o streptococus, o colibacillus, o pyocyanico, o proteu, etc.

Para cada um d'estes microbios, cujas colonias podem existir simultaneamente na mesma chaga, torna-se necessario um sôro especial. Concebe-se, pois, a difficuldade quasi insuperavel de injectar no mesmo paciente tantos sôros quantos sejam necessarios para destruir ao mesmo tempo todos estes poderosos inimigos.

Foi para obviar a esta difficuldade que os dois sabios phisiologistas Leclainche e Vallée, professores da Escola Nacional de Veterinaria d'Alfort, procuraram reunir em um mesmo sôro especifico o conjuncto dos elementos que correspondem a cada um dos agentes microbianos das diversas infecções e suppurações das feridas.

Difficuldades vencidas

Já em 1898, devido aos seus estudos, pudera o sr. Leclainche apresentar á Academia de Medicina um sôro antigangrenoso efficaz contra o vibrião sceptico e o *bacillus perfringens*; mas foi só ha trez annos, em 1912, que os srs. Leclainche e Vallée, os quaes tinham constantemente proseguido nos seus estudos, puderam apresentar á Academia das Sciencias um sôro polivalente, isto é, podendo destruir com uma unica injecção um certo numero dos principaes agentos d'infecção das chagas.

Obtiveram este sôro inoculando quasi simultaneamente caldos de cultura dos diversos agentes em cavallos. Verificaram os dois sabios que a secreção produzida pela reacção cellular contra o conjuncto de differentes microbios era especifica e efficaz para a destruição do cada um d'elles, mas as suas observações limitaram-se á experiencias de laboratorio.

Facilmente se comprende a importancia que um sôro polivalente póde adquirir actualmente, por causa das feridas na guerra. Por isso, em silencio, obstinadamente, os srs. Leclainche e Vallée se dedicam nos seus laboratorios d'Alfort a recolher o precioso liquido extrahido d'alguns cavallos que teem inoculado e que para esse fim foram postos pelo governo francez á sua disposição.

Salvando vidas humanas

Por emquanto, devido á falta de pessoal, apenas podem recolher 2:000 ampolas por dia, as quaes vão sendo immediatamente postas á disposição do serviço de saude. E' principalmente nos hospitaes da rotaguarda que o sôro polivalente tem sido empregado.

Logo que possa ser empregado preventivamente mesmo na linha de fogo, como se faz com o sôro antitetanico, poderá dizer-se que milhares e milhares de vidas serão salvaguardadas; as primeiras applicações do sôro polyvalente feitas nos hospitaes teem dado resultados maravilhosos.

Em Paris, principalmente, e mais especialmente no hospital Buffon, na enfermaria do cirurgião Gosset, sob a direcção dos drs. Berger e Coudray, tem obtido o dr. Bergonn, encarregado da serotherapia d'aquelle hospital, curas absolutamente inesperadas. Soldados horrivelmente mutilados e considerados como perdidos, tal era a infecção das chagas, estão agora de pé, anciosos pelo momento em que lhes seja permittido voltarem a occupar os seus logares na linha do fogo, junto dos seus camaradas.

—Os resultados obtidos, disse um cirurgião militar, parecem verdadeiros milagres; logo após a primeira injecção, a temperatura do ferido baixa rapidamente, conservando-se depois em um grau normal quasi constante; o doente sente nascer-lhe uma vida nova. Com a continuação do tratamento, injecções e lavagens feitas com o sôro, as chagas vão cicatrizando; os phenomenos secundarios, como adenites e limphagites, desapparecem; os tecidos necrosados vão eliminando-se, as cellulas readquirem novo vigor e ao contacto do sôro reconquistam toda a sua enegia defensiva.

O organismo chega então a ponto de tornar-se apto para luctar sem intervenção estranha; basta apenas deixar operar a natureza.

Ainda não tivemos occasião de registar o menor incidente sôrico ou anaphilactico. Não ha a menor duvida de que applicado como preventivo aos feridos da linha de fogo evitará este sôro todas as complicações contra que difficilmente podemos luctar, na maioria dos casos, quando os doentes nos chegam aos hospitaes...

PROTECÇÃO Á INFANCIA

Banhos ás creanças

Começam no dia 29 do corrente, na praia do Lagoal, em Caxias, os banhos ás creanças protegidas pela Junção do Bem, a benemerita instituição de beneficencia da freguezia de S. Nicolau.

No final do banho é fornecido ás creanças cacau com leite, pão com manteiga e bolos.

A direcção mandou construir uma nova barraca com as competentes mezas, a qual segue para ali no domingo e importou em 91$00.

Migalhas

Patriotismo

A França fez um appello a quantos tinham em sua casa arrecadado um peculio em ouro, convidando-os a trocarem esse ouro por notas do banco, visto que d'aqui para o futuro a guera será a lucta de duas forças economicas e a victoria pertencerá ao que tiver a maior somma de recursos.

Nas succursaes do Banco Francez tem chovido os milhões. Aos grandes depositos effectuados por companhias e por particulares millionarios accrescentam-se os modestos pés de meia dos remedeados e as singelas offertas dos mais pobres ainda. A todos que entregam ouro, o Banco fornece um recibo com o nome do depositante, além do troco em notas e todos se gloriam de pôr em evidencia o recibo que prova o sacrificio pela patria. Citam os jornaes milhares de exemplos commoventes. Apontarei apenas o que me parece mais curioso.

Ha dias em empregado reformado d'um ministerio chegou a casa e encontrou tudo revolvido. Entre outros valores os gatunos tinham-lhe levado dois mil francos em ouro. Pois no dia seguinte ao do assalto, o nosso homem recebia o seguinte espirituoso bilhete:

«Senhor, E' um patriota indignado que lhe escreve. Pois o senhor atrevia-se a ter em casa cem moedas de vinte francos no momento em que o paiz as reclama avidamente. Eu fiz o que o senhor devia ter feito. Levei o seu ouro ao Banco e como sou leal fiz o deposito em seu nome e para prova incluso lhe envio o recibo, com o qual poderá rehaver depois da guerra os seus cem luizes. Deram-me em troca dois mil francos em papel moeda, que guardo para mim pelo trabalho que tive em dar-lhe esta lição de patriotismo.—Um patriota.»

Hão de concordar que se o larapio fôr apanhado e vier a ser julgado por pessoas de espirito, corre o risco de ser absolvido. Sempre tem um pouco mais de graça do que os pilha-gallinas alfacinhas e do que os «vigaristas» e «espadistas» que infestam a cidade.

André Brun.

Dr. Bernardino Machado

O presidente eleito recebe novos cumprimentos e saudações

O sr. dr. Bernardino Machado, novo presidente eleito da Republica, continúa recebendo, em sua casa, os cumprimentos de representantes de todas as classes sociaes.

Entre os telegrammas hoje recebidos figuram os das camaras municipaes de Caminha, Coimbra, Porto, Paredes de Coura, Povoa de Lanhoso, Abrantes, Alemquer, Ponte do Lima, Castello Branco, Rezende, Barquinha, Santa Comba Dão e junta geral do districto do Porto.

O sr. dr. Bernardino Machado foi tambem visitado por uma numerosa commissão, representando as juntas de parochia da capital.

Telegraphicamente saudaram tambem o novo chefe do Estado os srs. Nilo Peçanha, antigo presidente da Republica do Brazil, Calogeras, ministro das finanças do Brazil; antigo deputado na Argentina D. Rafael Calçado e João Uña, de Hespanha.

A officialidade do quartel general da 2.ª divisão, Vizeu, dirigiu ao sr. dr. Bernardino Machado o seguinte telegramma:

VIZEU, 12.—Felicito sinceramente v. ex.ª e a Patria pela sua eleição á presidencia da Republica, acompanhando-me n'este cumprimento todos os officiaes em serviço no quartel general. Commandante Franco, general.

Foi tambem recebido telegramma de saudação do sr. general Marques Pereira.

O sr. dr. Bernardino Machado recebeu os cumprimentos dos officiaes ao serviço da policia, do general Ramos Rocha, do sr. Federico Yanar y Maens, consul geral de Hespanha, Alfonso Baselga, chanceller do mesmo consulado, e do consul geral da America do Norte.

O sr. dr. Abilio Lobo, diplomata brazileiro, de passagem por Lisboa, dirigiu ao sr. dr. Bernardino Machado o seguinte telegramma:

Passando poucas horas por Lisboa lamento que a exiguidade de tempo me inhiba de apresentar pessoalmente os meus cumprimentos ao eminente amigo e estadista a quem foram confiados, em boa hora, os destinos de Portugal.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 do julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A reforma da policia

O que ella é, nas suas linhas geraes, principalmente com relação ao pessoal que ha de constituir o corpo

Apezar d'alguma coisa se ter dito já sobre a reforma da policia, que o governo vae apreciar ainda n'esta sessão legislativa, a verdade é que não appareceram ainda noticias que dêem uma idéia clara d'esse diploma, cuja importancia é escusado encarecer. O projecto, tal como está e como vae ser discutido, enferma de varios defeitos, entre os quaes avulta o de se ter, pela sua leitura, a impressão de que se trata mais da creação d'um corpo de policia «politica» do que d'aquelle organismo alheio a tudo que não fôsse a manutenção da ordem, nas suas diversas modalidades, de que a sociedade portugueza tanto e tanto necessita. A «Policia Civica», denominação generica da corporação, divide-se em «Policia Urbana», «Policia Administrativa e Sanitaria», «Policia de Investigação Criminal», «Policia Preventiva» e «Policia de Emigração e transito». Tudo isso depende d'uma só entidade, o «Prefeito de Segurança Publica», funccionario de inteira confiança do governo, que ganhará 2.600 escudos e se installará ao lado do ministro do interior, de quem recebe ordens directas e de quem é, por assim dizer, um authentico desdobramento. Foi-se cahir no abismo—permitta-se a expressão. Aquella coisa, pouco bem afamada, que se chama o ministerio do interior, será de futuro a séde de tudo o que se refere á questões de segurança individual e collectiva, visto sobre as ordens do «Prefeito» ficar até a propria guarda nacional republicana. A centralisação é, pois, absoluta n'este ramo de administração publica. E deve sel-o? Os competentes e o parlamento, principalmente, que o digam.

Ao «Prefeito» corresponde uma «Prefeitura», dirigida por um secretario, magistrado ou não, que ganhará 1.400 escudos. Em cada districto haverá um commissario de policia civica, que dirigirá as policias urbana e preventiva da sua área. Em Lisboa e Porto, os commissarios serão de 1.ª classe e auferirão 2.200 escudos. Em Coimbra, Braga, Vizeu e Funchal serão de 2.ª classe, com 1.200 escudos e de 3.ª classe nos outros districtos, ganhando 800$00. Cada commissario de Lisboa e Porto terá um commissario adjunto com 1.600 escudos. Os commissarios, em todos as sédes de districtos, além dos de Lisboa e Porto, desempenharão as funcções de administradores de concelho, ficando assim extinctos esses logares. Podem ser nomeados commissarios os bachareis em direito, os individuos que tenham um curso superior ou especial e ainda os que tenham exercido funcções administrativas e policiaes ou á Republica hajam prestado serviços d'essa natureza.

Desapparecem os officiaes que hoje existem na policia de Lisboa e Porto. Apenas serão contractados dois instructores para Lisboa e um para o Porto, escolhidos na classe dos sargentos, percebendo cada um 240 escudos annuaes. Junto dos commissariados de Lisboa e Porto haverá escolas para habilitação de guardas e agentes.

A policia urbana consta de 6 commissarios de bairros, 4 em Lisboa e 2 no Porto, com 1.400 escudos cada um; 20 chefes de 1.ª classe, sendo 14 em Lisboa e 6 no Porto; 26 de 2.ª, sendo 12 em Lisboa, 10 no Porto, 1 em Vizeu e 1 no Funchal; e 19 de 3.ª, sendo um em cada um dos outros districtos. Os cabos serão, ao todo 312, dos quaes 150 para Lisboa e 75 para o Porto. Guardas de 1.ª classe 707, com 400 em Lisboa e 165 no Porto; de 2.ª classe 1883, ficando 900 em Lisboa e 435 no Porto. Vê-se, logo de entrada, que a policia urbana, por esse paiz, fica sendo pouquissima. Effectivamente, como é possivel fazer todos os serviços que a essa corporação pertencem no districto de Bragança, por exemplo, com 25 guardas apenas? Beja, por sua vez, fica com 30 e Vianna do Castello com outros tantos. Lisboa, por seu turno, não vê a sua corporação policial augmentada, porque fica com 1.300 guardas, numero pouco mais ou menos egual ao d'agora. E vencimentos? Os chefes de 1.ª classe vencerão 600 escudos; os de 2.ª, 400; os de 3.ª, 360; os cabos, 320; os guardas de 1.ª, 280 e os de 2.ª 240. As despezas com a policia urbana, só pelo que toca a pessoal, fixam-se no projecto em 736.880 escudos.

A policia de investigação criminal terá 1 director em Lisboa e outro no Porto, com o ordenado de 1.600 escudos. A de Lisboa terá 2 ajudantes, a 1.300 escudos. Chefes haverá 4 em Lisboa e 2 no Porto, a 800 escudos; os agentes de 1.ª classe serão 65 ao todo, a 450$, pertencendo a Lisboa 30 e ao Porto 15. Os agentes de 2.ª classe fixam-se em 130, a 350$. Lisboa ficará com 60 e o Porto com 30. Esta policia custará 81.300$. A policia administrativa ficará com 4 inspectores em Lisboa e 2 no Porto, a 1.500 escudos. Importará em 59.310$. A policia preventiva, que custará 13.600$, terá um chefe em Lisboa e um no Porto, a 800$. Os agentes no Porto serão 10, em Lisboa 20. Falta a policia de emigração e transito, dividida por tres zonas, com um commissario a 1.800$; 1 secretario, a 800$; 4 chefes, a 800$; 20 agentes de 1.ª classe, a 450$, e 40 de 2.ª, a 350$.

Nas suas linhas geraes, a reforma da policia é o que ahi fica. E' boa, é má? Só a pratica o dirá. Entretanto, não custa reconhecer que a organisação que se projecta só dará resultados apreciaveis se fôr seguida de certas medidas preventivas e judiciaes que a completem e auxiliem.

A CRISE DAS SUBSISTENCIAS

O peixe é pouco e caro e mau

Um monopolio — A questão do gelo — Quando se remedeia a situação?

Depois do pão e da carne, o peixe é—ou devia ser—um dos generos de maior consumo e um dos mais necessarios á alimentação publica.

Mas o peixe rareia, o peixe está carissimo, o peixe apparece putrefacto á venda!

Falámos, no Mercado 24 de Julho, com um negociante de peixe a retalho. Pedimos que nos désse a sua opinião sobre o momentoso assumpto. Respondeu-nos:

—Depois do que se disse na assembléa popular de S. Carlos ácêrca da venda do peixe e do seu preço elevadissimo, parece que os proprietarios dos vapores de pesca deviam ser mais cautelosos e prudentes. Não succedeu, porém, assim, visto que elles continuam a proceder sem consideração pelos consumidores. Estamos na epoca em que o calor é mais intenso. O peixe que entra no Tejo com quinze e vinte dias de pescado deve ser posto immediatamente á venda, o que se não faz, pois os vapores que ultimamente teem estado a descarregar no frigorifico levam seis dias a effectuar essa descarga. Supponha em que estado devo estar esse peixe, na sua maioria pódre, completamente pódre!

Fez-se uma pausa. O nosso interlocutor não disfarçava a sua tristeza e a sua indignação. Perguntámos-lhe:

—E o subdelegado de saude consente semelhante monstruosidade?

—As coisas são o que são, e não o que deviam ser—replicou-nos. E' na verdade uma monstruosidade, de que toda a gente murmura, mas apesar dos protestos dos peixeiros as coisas manteem-se no mesmo estado.

E, como observassemos que era mais um monopolio, confirmou:

—Um monopolio odioso e tanto mais revoltante quanto é certo os proprietarios dos vapores srs. Antonio Marques, Casimiro José Sabido, Germano Salles, Antonio Pessoa e Vieitas estarem conluiados com as fabricas de gelo a fim de que estas não forneçam gelo aos vapores estrangeiros que lhes faziam concorrencia e barateavam o peixe. Note que os vapores estrangeiros pagavam pelo peixe vendido o dobro da taxa, em relação aos vapores nacionaes.

—Como se effectua a venda do peixe no frigorifico de Santos?

—Dentro d'uns caixotes de madeira que levam 50 kilos, tendo sido previamente mettido no fundo d'esses caixotes o peixe pódre. Se nos insurgimos contra esta fraude, ainda se riem de nós, dizendo que nos podemos ir queixar a quem entendermos, e que o peixe que vendem é o que ali está, se nos convem; do contrario não nos vendem outro.

—E' verdade — perguntámos ainda — que os hespanhoes compram muito peixe?

—Não ha duvida de que os açambarcadores hespanhoes encarecem tambem o peixe que compram em grandes porções e que depois de devidamente preparado exportam para a Hespanha. No meu entender, para baratear o peixe devia-se prohibir a compra de peixe para exportação, em Lisboa, intimar as fabricas de gelo a vender este producto em eguaes condições de preço aos vapores estrangeiros, obrigar os vapores de pesca que entrem a barra de Lisboa com peixe fresco a effectuar a sua descarga no praso de 48 horas. Estas medidas sem exclusão d'outras de mais elevado alcance que possam ser adoptadas parece que de momento resolveriam o assumpto.

Aqui ficam, fielmente reproduzidas, as opiniões do negociante de Mercado 24 de Julho. Attendel-as ha quem tem obrigação de olhar por este importantissimo problema?

A lei da separação

As corporações que se harmonisaram com ella—Os padres pensionistas

Da referencia que ante-hontem fizemos ao relatorio que a commissão central entregou ao sr. ministro da justiça dizem-nos que se pode deprehender que, na maioria, as corporações de assistencia, beneficencia e piedade estão funccionando illegalmente, por não terem harmonisado os seus estatutos com a lei da Separação. Informam-nos, ao mesmo tempo, que não é assim, porque todas as corporações d'aquella natureza que estão funccionando harmonisaram opportunamente com a lei os respectivos estatutos e as que o não fizeram foram extinctas ou teem pendentes os competentes processos para a extincção.

As 241 corporações a que o relatorio se refere são as que se organisaram nos termos do artigo 17.º da lei e tomaram a seu cargo n'outras tantas freguezias o culto publico.

Quer isto dizer que o culto publico na maior parte do paiz está ainda sem a organisação legal definitiva, a que a lei concede garantias especiaes desde que as corporações que pretendem tomar o seu encargo o requeiram ao ministro da justiça, sendo os estatutos, para este effeito, approvados por portaria, ao passo

que os estatutos das demais corporações com culto privativo são approvados por alvará dos governadores civis. Na sua forma de constituição é esta a differença que existe entre umas e outras d'essas corporações.

Quanto ao numero de padres pensionistas e serventuarios das egrejas, a commissão central reservou-se para a elles fazer larga e exacta referencia no relatorio sobre a gerencia de 1914-1915, que elaborará logo que lhe seja possivel.

"O cigarro do soldado,,

Uma raridade bibliographica

A collecção completa das obras de Publio Ovidio Nasão, interpretadas e annotadas por Daniel Crispinus, Helvetius, segunda edição, impressa em Veneza, em 1779, tem o lanço de 5$00 do sr. L. V.

São quatro volumes em magnifico estado de conservação, tendo o ultimo um vocabulario completo. E' uma verdadeira raridade bibliographica e será adjudicada a quem maior lanço offerecer, revertendo o seu producto para o «Cigarro do soldado».

A revolução de 1910

Entrega de medalhas de ouro e prata

Effectua-se depois de amanhã, pelas 14 horas, no edificio do governo civil, a entrega das *medalhas* de ouro e prata concedidas ao merito, philantropia e generosidade com que foram agraciados diversos bombeiros, voluntarios d'Ajuda e municipaes de Lisboa, e os membros da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha que durante a revolução de outubro de 1910, que implantou o regimen republicano em Portugal, exerceram a nobre e arriscada missão de soccorro aos feridos e transporte de mortos, bem como outros serviços de salvação publica, em que alguns d'esses membros praticaram actos de verdadeiro heroismo.

Os agraciados são:

Bombeiros voluntarios d'Ajuda: com medalha de ouro, Carlos Vieira Gomes Neves, Julio Perez Ferro, Manuel Henriques Pereira, Carlos de Carvalho e José Carvalhido; com medalha de prata, Alfredo Pereira da Rocha, Alfredo Accacio de Andrade, dr. *Julio Thomaz Pinto*, Ernesto de Lima Amaro, François Estrade, Mario Leiria, Eduardo Ferreira, Eduardo Reis Junior, José Fernandes Braga, Marianno José Soares, Abilio Alves e Joaquim da Costa. Bombeiros municipaes de Lisboa: com medalha de prata, Luiz Caetano Pereira de Carvalho, Manuel Silverio, Francisco Fernandes, Augusto Cesar, Herminio José Elias, Onofre da Piedade e Joaquim de Jesus.

Membros da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha: com medalha de prata: dr. Alfredo Tovar de Lemos Junior, dr. José Bernardo Correia Ribeiro, dr. José Rodrigues Bogalho, Antonio Santos, Amelia Clyde Lima, Alice Xavier da Fonseca, Eduardo da Assumpção Pereira, Miguel de Aguiar, Julio dos Santos Lamas, John Portzgen, Raul Pereira Pedroso, Eduardo Cesar Torres de Jesus, Luiz Ferreira, Alexandre Augusto Ramos Certã, Henrique Monteiro, Bento da Silva Fernandes, Lucindo Vianna.

Por terem prestado bons serviços no transporte de feridos, já depois de proclamada a Republica, foram por portarias de 18 de junho e de 2 de agosto de 1915 louvados os seguintes cidadãos, tambem membros das corporações acima referidas:

Reinaldo Augusto Ferreira da Silva, Raul Carlos de Andrade, Antonio Maria da Silva, Joaquim Quintino Travassos Lopes, Carlos Frenkel da Silva Canedo, Adriano Augusto Salgueiro d'Almeida, Francisco Paixão, José Pinto Idães Junior, Mario Saragoça, dr. Fernando Beliano Neves, dr. Jayme Neves, Paulo Valente, Marrecas Ferreira, Berta Teixeira Frazão, Cipriano Correia, José Antunes de Sousa Pinto, Domingos Cruz, Manuel de Sousa, Manuel da Costa Vaz, Annibal Ferreira Breia, João Garcia C. Ribeiro, José Seixas dos Santos, José Gomes, dr. Julio Velloz Caroço, Porfirio Romão Pereira, Amandio Ferreira, Antonio Padrão, Joaquim da Costa, José Rosinha, José Maria Alves, Adelino Nogueira, Joaquim F. Abreu, Antonio Luiz e Diogo Antonio da Cruz.

A transfusão do sangue

Dijon, 7 d'agosto

O general commandante da 8.ª região fez conhecer officialmente ás suas tropas o facto seguinte, que muito honra dois feridos que se encontram no hospital provisorio n.º 71, em Dijon.

A 10 de junho, a um soldado que soffrera uma amputação sobreveiu uma hemorragia que lhe poz a vida em perigo; o cirurgião, reconhecendo que só a transmissão do sangue podia salval-o, perguntou se havia alguem que se prestasse a esse sacrificio. Dois homens se apresentaram: Meassor, do 91 d'infantaria, e Therese, do 354; a operação effectuou-se, mas foi impossivel salvar o amputado.

Na ordem do dia, o general felicitou os dois soldados que não hesitaram em sacrificar-se para tentarem salvar a vida a um seu camarada.

Vida operaria

A gréve dos cabouqueiros e fabricantes de cal

O sr. governador civil foi hoje procurado por uma commissão de grévistas cabouqueiros e fabricantes de cal que ia pedir a sua interferencia junto dos industriaes para conseguirem as regalias que reclamam. A commissão disse que essas regalias são tão justas que os industriaes, a protexto de melhoria de situação dos operarios, elevaram o preço do *material.* A commissão foi recebida pelo secretario do sr. Marianno Martins, sr. Alfredo Pinto, que prometteu chamar ainda hoje a uma conferencia os industriaes, a fim de se solucionar o conflicto.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

A propriedade territorial

por Andrade Sequeira

A livraria Ventura Abrantes, da rua do Alecrim, acaba de inaugurar uma «Bibliotheca de educação universal» com um «Estudo historico sobre a propriedade territorial». Theophilo Braga, n'um breve prefacio, explica os fins e a opportunidade da bibliotheca que o tem como director e que deve incluir volumes de «interesse social, economico e philosophico, estabelecendo assim o intercambio entre Portugal e a Republica nossa irmã—Brazil, para o que incluirá tambem originaes de ambos os paizes, approximando assim n'uma affinidade de irmãos as relações intellectuaes de dois povos que, vivendo longe, devem congraçar-se n'uma mais viva união intellectual.»

O trabalho de Andrade Sequeira diznos, n'uma larga introducção, qual a nova orientação dos estudos historicos desde os meados do seculo XIX, e expõe, em seguida, o que foi a propriedade entre os primitivos povos da Iberia, a influencia das invasões e colonisações estrangeiras na peninsula, a propriedade sob os dominios godo e musulmano e, finalmente, a synthese dos factos referidos nos varios capitulos da obra.

O volume, cujo aspecto material é bom, custa 20 centavos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A questão politica»

Com este titulo e edição da casa França & Armenio, de Coimbra, sahiu um pequeno opusculo, commentarios do sr. Alfredo Pimenta.

«José Balsamo» e «Madame Bovary»

Mais trez volumes da «Collecção Lusitana» da casa Lello & Irmão, do Porto. O primeiro, que é o numero 10 da collecção é traducção de Camillo Castello Branco, *José Balsamo*, sob a qual a critica de ha muito se pronunciou, para que precisemos agora emittir opinião. Os numeros 11 e 12 são constituidos pelo romance *Madame Bovary*, de Gustavo Flaubert, traducção revista por João Barreira. Obra tambem já conhecida como todas as de Flaubert.

A «Collecção Lusitana» continúa a apresentar-se sob uma fórma magnifica, mantendo os creditos desde o principio adquiridos.

QUEIXUMES e RECLAMAÇÕES

Empregados mesquinhamente remunerados

Do Porto, escreve-nos o sr. A. P., pedindo-nos que chamemos a attenção para os mesquinhos ordenados que teem os dois empregados da cadeia civil do Porto que prestam serviço na enfermaria, o enfermeiro e o seu ajudante, trabalhando muitas vezes das 6 ás 22 horas e *mesmo* por vezes tendo de se levantar de noite, sempre attenciosos e benevolos para com os que estão na enfermaria, em quem veem, não presos, mas simples doentes, bem merecem esses homens que os seus serviços sejam melhor remunerados.

Accresce a circumstancia de que ao ajudante, apesar de o ter já por vezes reclamado, ainda se não pagou a dinheiro o abono de alimento, como foi preceituado por decreto de 4 de dezembro de 1912.

FESTEJOS POPULARES

Os da Senhora da Nazareth na Ericeira

Na Ericeira realisam-se nos dias 28, 29 e 30 do corrente as festas á senhora da Nazareth, sendo o programma o seguinte:

Dia 28—A' noite, arraial no adro da egreja matriz, illuminações á moda do Minho e fogueiras, tocando das 8 ás 12 horas a Sociedade Philarmonica Ericeirense.

Dia 29—De manhã, alvorada; ás 12 horas, missa por vocal e instrumental, estando já contractada para tal fim uma orchestra e cantores de Lisboa, orando ao Evangelho o rev. Agostinho da Motta; de tarde, pelas 15 e meia horas, sermão pelo mesmo orador, procissão e em seguida ladainha e Te-Deum. Durante o dia e noite tocarão alternadamente no adro da egreja a musica de Alhandra e a musica da fabrica de Sacavem. A' noite, illuminações á moda do Minho e a aceti ene. Pelas 23 e meia, fogo de artificio, fornecido por um dos mais habeis pirotechnicos do paiz.

Dia 30—De manhã, alvorada; ás 11 horas, festa ao SS. Sacramento por musica, sendo orador o rev. Antonio Pedro da Silva Teixeira; de tarde, pelas 16 horas, Te-Deum e reposição. Durante o dia tocará no arraial a musica da fabrica de Sacavem até ao sol posto, hora a que terminam os festejos.

Dia 10 de outubro—Entrega da veneranda imagem da Senhora da Nazareth aos festeiros da freguezia da Senhora do O' do Porto da Carvoeira e sua conducção processionalmente á egreja d'este logar.

Nos dias em que se realisam os festejos realisar-se-ha uma corrida de touros na praça da Ericeira.

As pessoas que quizerem assistir aos festejos teem comboios para as estações de Cintra e Mafra, e automoveis, diligencias ou trens, d'estas villas para a Ericeira.

Voluntarios d'Arroyos

Centro Escolar

Os alumnos apresentados este anno a exame de 1.º grau foram Fernanda Infantina da Silva e João Silva, que obtiveram a classificação de distinctos. Em 2.º grau foram apresentados João Silva, Augusto de Figueiredo, Ayres Pereira, Antonio Correia, Humberto Ferreira e Sebastião Lage ficando todos approvados.

O alumno João Silva, que apenas conta dez annos d'edade, conseguiu n'um só anno fazer os exames de 1.º e 2.º grau. A direcção d'este centro confiada ao sr. Julio Estrella, tem-se esforçado sempre para o bom exito dos exames das creanças confiadas ao seu cuidado.

Brevemente se realisará uma festa escolar, para distribuição de premios aos alumnos approvados, sendo n'essa occasião fornecido um lanche ás creanças.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

VILLEGIATURAS

Com suas familias estão veraneando na Trafaria os srs. Mayer Garção, juiz Costa Gonçalves e o primeiro tenente Almeida Henriques.

— Encontram-se nas termas de S. Pedro do Sul os srs. drs. Eduardo Burnay, Jacintho Candido, esposa e filho.

— A sr.ª duqueza de Cadaval, «née» Gramont, encontra-se no castello de la Bézotière, França.

— Parte para o Algarve a sr.ª D. Anna de Castro Osorio.

MINUETES BREJEIROS

Um nosso leitor portuense, que colecciona os folhetins de Julio Dantas sobre «O amor em Portugal no seculo XVIII», escreve-nos a queixar-se-nos de que na quinta quadra da poesia inserta no folhetim intitulado «Minuetes brejeiros» falta um verso e pede-nos que a publiquemos. Ella aqui está:

Ai, não me bula,
Meu amorinho...
Devagarinho,—
Chegue-se mais...

Assim não ficará truncada a collecção do nosso leitor portuense.

MODAS DE PARIS

O general commandante de Dresde prohibiu a exposição de modas estrangeiras, porque uma casa de Vienna, que devia expôr essas modas, trabalha com capitaes inglezes e tem dois representantes em Paris. Não se póde, pois, affirmar que as modas de outomno e de inverno apresentadas na Allemanha e na Austria procedem unicamente d'esses paizes ou das nações neutraes...

Instrucção militar preparatoria

A festa da Sociedade n.º 1

E' depois d'amanhã, conforme já dissémos, que se realisa, com o maior brilhantismo, no Stadium de Lisboa, ao Campo Grande, ás 15 horas, sob a presidencia do sr. ministro da guerra, a festa das provas finaes do 3.º periodo annual d'instrucção da Sociedade de I. M. P. n.º 1. Abrilhantará o acto a banda de infantaria 1, sob a regencia do seu mestre, sr. Fontoura Rebello. O programma é o seguinte:

Primeira parte: escola de pelotão, gymnastica sueca, jogo do pau, demonstrações pelo pelotão de estafeta, esgrima de florete e baioneta. Segunda parte: saltos em comprimento sem corrida, lançamento de peso, saltos em comprimento com corrida, corrida de 1.500 metros, saltos em altura sem corrida, corrida de 100 metros, saltos á vara, saltos em altura com corrida, marcha athletica de 1.500 metros, lançamento do disco, corrida de estafetas, 300 metros, corrida de 5.000 metros e jogo de rosa (ciclistas). Terceira parte: Canto coral («Canção do Soldado, «Patria e Bandeira» e «Hymno Nacional»), marcha em continencia e continencia final.

Hoje e amanhã, das 22 ás 24 horas, prosegue, na séde da Sociedade, rua da Graça, 31 e 33, palacete, a distribuição dos bilhetes aos socios auxiliares e da primeira e segunda secções. Os premios, que são valiosos, estão expostos na Camisaria Sport, rua do Ouro, 109 a 113.

O fim d'uma antiga celebridade

Paris, 8 de agosto

Uma velha, de feições apagadas, cabellos grisalhos, emmaranhados em torno do rosto enrugado, pobremente vestida, compareceu hontem a responder em audiencia correccional; era Louise Scheneider, que ha de haver uns trinta annos deu brado sob o nome de Mademoiselle de Sombreuil, cuja belleza fazia sensação.

Respondia por desobediencia a um mandado d'expulsão ha trinta e trez annos sentenciada contra ella por causa dos numerosos escandalos que provocara com as suas ameaças, injurias, e pedidos de dinheiro.

Nascida em Constantinopla de pae allemão e mãe romaica, *Louise Scheneider* vivia, em 1880, em Paris, no grande mundo cosmopolita, onde travara relações com vultos importantes da politica e da finança; tendo sahido por vezes de França em varias tentativas para se crear uma situação no estrangeiro, depressa voltava a Paris, porque só ali encontrava relações e recursos.

Oito vezes foi condemnada por desobediencia á sentença d'expulsão. Ultimamente vivia n'uma casa d'hospedes miseravel, onde pagava o quarto com a pensão que recebia do governo, por ter um filho nas fileiras. Dirigindo-se ao juiz, hontem, na audiencia, gritou exaltada: «Pois não seria justo que revogassem essa pena d'expulsão contra mim, que tenho um filho nas fileiras? Tratam-me barbaramente, em Saint Lazare, metteram-me no segredo, e chamam-me allemã, a mim que dei um filho á França!» O tribunal condemnou-a apenas a trez semanas de prisão.

Que fará d'ella o governo depois d'expiada a pena? Expulsal-a-ha? Mas para *onde a levará? Para a Romania, patria da mãe? Para Constantinopla, terra da sua naturalidade? Para a Allemanha, patria do pae?*

Horario de trabalho

Uma commissão de proprietarios de barbearia procurou hoje o sr. governador civil para se queixar de que a sua classe está sendo multada por transgressão do horario do trabalho quando o regulamento não está ainda em vigor.

Festas associativas

No Gremio Recreio e beneficencia 5 de outubro de 1910 ha depois de amanhã, ás 21 horas, recita com a peça *Patriot*, um acto de variedades e a comedia *Os creancolas*, seguindo-se baile.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro oriental

PETROGRADO, 12. — Official.— Na região de Riga repellimos as tentativas allemãs e progredimos em direcção a Jacobstadt e Dvinsk. Occupámos na região ao norte de Vladimir, Kovar-k e Toviani. Perto de Kovno repellimos ataques. O inimigo realisou alguns successos sómente proximo da povoação de Goolwo. Os allemães proseguem nos seu ataques entre o Narev e o Bug. Entre o Vieprz e o Bug repellimos os ataques do inimigo, o qual soffreu perdas importantissimas a leste de Ostroff. Detivemos uma tentativa do inimigo nas margens do Dniester. A esquadra allemã, depois de ter bombardeado no dia 10, os pharoes que ficam no golpho de Riga e de ter soffrido o fogo dos nossos fortes, fez-se ao largo.—*(Havas.)*

As operações na França e na Belgica

PARIS, 13.—Communicado das 15 horas. Em Artois foi facilmente detida uma tentativa de ataque allemã ao norte do Castello Carleul. Em Argonne os allemães renovaram hontem ao fim da tarde os seus ataques ao sector comprehendido entre a estrada de Binarville a Vienne-le-Chateau, e o barranco de Houyette, sendo porém repellidos depois de vivissima lucta por meio de granadas de mão e petardos. Nada ha a registar no resto da linha.—*(Havas).*

Ainda a lucta em Africa

PARIS, 13.—Official.—As tropas que operam ao norte dos Camarões occuparam, no dia 18 de julho, uma importante posição sobre o[illegible] alto entre Ngaundere e Kontscha. O inimigo fugiu em direcção a Dibati.

As perdas dos alliados são leves. O inimigo soffreu bastante e abandonou os cadaveres dos seus atiradores.—*(Havas).*

Pobres de "A Capital,,

O sr. J. F. Mattos enviou-nos duas cautelas da loteria de amanhã, do numero 2:359, a fim de, se forem premiadas, o seu producto reverter a favor dos pobres nossos protegidos.

Os nossos agradecimentos.

Na Camara

não houve sessão por falta de numero

Os deputados da maioria reuniram-se depois n'uma das salas do Congresso

Feita a primeira chamada, sob a presidencia do sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, secretariado pelos srs. Sá Pereira e Alfredo Soares, verificou-se a presença de 38 deputados. Leu-se a acta. Como ainda não houvesse numero para ser submettida á approvação, procedeu-se a nova chamada, á qual responderam 61 deputados. Faltavam 2 para que a Camara pudesse tomar deliberações. Em vista d'isso, o sr. presidente declarou encerrada a sessão, marcando a seguinte para as 21 horas, com a mesma ordem do dia.

Na altura em que o sr. Azevedo Coutinho encerrava a sessão entraram na sala mais 4 deputados. Lamentavel foi que não tivessem chegado dois minutos mais cedo, tanto mais que a meza se esforça, quanto possivel, por evitar que se produzam estas sessões negativas, que tão mau effeito causam na opinião publica.

Os deputados da maioria reuniram-se depois n'uma das salas do edificio do Congresso, para trocarem impressões sobre a marcha dos trabalhos parlamentares. Falaram os srs. Ribeira Brava, Ramos da Costa e Queiroz Vaz Guedes, defendendo todos a necessidade de se votarem rapidamente os orçamentos e ás outras medidas de caracter urgente que estão dependentes da resolução do Congresso. Frizaram ainda que a maioria deve empregar n'esse sentido todos os esforços, embora sem impedir a discussão que os elementos oppósicionistas desejem fazer de todas as questões de interesse publico. Para se apressar a votação dos orçamentos resolveu-se que nenhum deputado da maioria apresente quaesquer alterações sem se entender previamente com os respectivos relatores.

E' claro que a marcha dos trabalhos parlamentares depende tambem da opposição. Mas, como nenhum dos partidos tem interesse em prolongal-os desnecessariamente, espera-se que as resoluções tomadas hoje pela maioria contribuiam para um encerramento do Congresso mais rapido do que seria licito prevêr pelo modo por que os trabalhos iam decorrendo.

Quando foi encerrada a sessão na Camara, por falta de numero, encontravam-se no atrio do edificio do Congresso alguns populares que proferiram palavras traduzindo descontentamento á passagem dos deputados que sahiram n'aquella altura.

No Senado

Abriu a sessão ás 15 horas, estando na presidencia o sr. Antonio José Lourinho, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches.

Responderam á chamada 23 senadores.

Approvada a acta e lido o expediente, o sr. Herculano Galhardo pediu urgencia e dispensa do Regimento para a discussão do projecto auctorisando o governo a ceder á Camara Municipal de Leiria as ruinas do antigo convento de Sant'Anna.

Faz-se a chamada, sendo a urgencia approvada.

O sr. Herculano Galhardo explica a necessidade da approvação do projecto, dizendo que o edificio em questão se destina a uma succursal do Banco de Portugal, a um mercado fechado, etc.

O sr. José Maria Pereira declara approvar o projecto, tendo regeitado a urgencia por ser essa a norma da União Republicana com todos os projectos, a não ser os que impliquem interesse immediato para o Estado.

O sr. Paes Gomes faz identica declaração e o projecto é approvado.

O sr. Daniel Rodrigues tambem requer a urgencia e dispensa do Regimento para a discussão do projecto augmentando os vencimentos aos funccionarios das camaras municipaes e administrações de concelho.

Nova chamada, nova approvação de urgencia, e, depois de explicações dos srs. Pedro Martins, José Maria Pereira e Estevam de Vasconcellos, foi tambem approvado o projecto.

O sr. Agostinho Fortes manda para a meza uma representação das professoras primarias, pedindo melhoria de situação. Pede tambem que entre em discussão na proxima sessão o projecto promovendo a tenentes os alferes do quadro de saude que tenham mais de quatro annos de serviço n'aquelle posto.

Entra em discussão a proposta de lei auctorisando o governo a prover definitivamente no logar de amanuense da secretaria da Imprensa Nacional o cidadão Francisco Affonso Rodrigues.

Approvado com rapida discussão.

Segue-se o projecto dividindo em quatro ordens, para effeito dos vencimentos do professorado, as localidades em que houver escolas. Tem parecer favoravel da commissão de instrucção, que lhe introduziu varias emendas.

Discutiu-se apenas o artigo 1.º, que foi approvado com as respectivas emendas, passando-se em seguida á ordem do dia: o orçamento do ministerio das finanças.

Tem a palavra o sr. Silva Barreto: Ainda a proposito do incidente do final da sessão da vespera, diz que vae fazer as concretas affirmações que lhe foram pedidas: Ha funccionarios superiores, chefes de repartição e directores geraes que não comparecem nos seus ministerios a horas regulamentares? Ha! affirma-o. Ha directores geraes que teem commettido faltas graves no exercicio do seu cargo? Ha! Basta lêr um jornal do Porto, insuspeito á Republica, que tem accusado um d'esses funccionarios. Depois de mais algumas considerações, diz que tenciona apresentar propostas compellindo os directores geraes ao cumprimento stricto dos seus deveres.

O sr. ministro das finanças folga em vêr que o sr. Silva Barreto demorava agora a mão, no seu ataque ao funccionalismo. Effectivamente, elle não é todo mau e esta lei tem o intuito de normalisar, de tornar mais perfeitos os serviços do respectivo ministerio, no que respeita aos seus funccionarios, corrigindo os abusos existentes e impedindo que elles continuem a dar-se. Acredita, porque o sr. Silva Barreto as fez, as affirmações ácerca de faltas graves de funccionarios superiores, garantindo que as punirá sempre que ellas se provem.

O sr. Silva Barreto retira a moção apresentada hontem.

Approva-se, em seguida, a generalidade do orçamento das finanças.

Entra-se na especialidade. O capitulo 1.º não teve emendas. Os capitulos 2.º e 3.º foram approvados com as emendas apresentadas pela commissão. O artigo 4.º tambem teve emendas.

A's 18 horas foi approvado o capitulo 5.º e o sr. presidente marcou a nova sessão para a noite, ás 21,30.

O cruzador "Republica,,

O rebocador hespanhol que veiu prestar soccorros ao cruzador «Republica» é dotado de apparelhos muito modernos, possuindo uma machina robusta, espias magnificas e bombas poderosas para esgoto. Mas o estado do mar não tem permittido que os seus trabalhos se realisem. Além d'isso, o navio está tão encalhado que o rebocador não póde approximar-se sem o perigo de encalhar tambem. Um dos nossos rebocadores, o «Tejo», já retirou, por não poder prestar serviços.

Uma grande parte da bagagem e material do «Republica» está posta a salvo e arrecadada na fortaleza de Peniche, sob a guarda do commissario do navio.

O engenheiro naval sr. Sequeira veiu hoje a Lisboa tratar do contrato a estabelecer com o rebocador hespanhol caso elle fique para tentar outro esforço nas proximas marés vivas, d'aqui a uns quinze dias. Mas essa hypothese depende do mar conservar-se tranquillo. Nas marés pequenas, que são dentro de 5 dias, vae tentar proceder-se ao concerto dos rombos que o navio soffreu.

Os materiaes a retirar, no valor de dezenas de contos, podem ser aproveitados para outros navios, no caso do «Republica» ser abandonado definitivamente.

TRABALHOS MINISTERIAES

Duas propostas de lei

Uma creando commissões de subsistencias; outra estabelecendo a mobilisação industrial em serviço do Estado

Na nota officiosa que o sr. presidente do ministerio forneceu ultimamente á imprensa fazia-se referencia a duas *propostas de lei*, uma *ainda* sobre a questão das subsistencias e outra auctorisando o governo a poder apossar-se, em serviço do Estado e para sua defeza, de todas as installações e materiaes da industria nacional.

Essas propostas foram apresentadas hontem na Camara pelo sr. ministro do fomento. A primeira diz que «os productores, commerciantes ou detentores de qualquer genero de primeira necessidade, que possuindo-os para venda se recusem a vendel-o, ou tiverem em quantidade superior ás necessidades da familia e da sua exploração agricola, industrial ou commercial, ficam obrigados a expol-os á venda, sob pena de desobediencia qualificada».

Na séde de cada um dos concelhos ou bairros do continente e ilhas adjacentes funccionará uma commissão denominada «Commissão de subsistencias», que será constituida pelo respectivo administrador do concelho ou bairro, por um delegado da commissão executiva do municipio, por um representante da agricultura, por um representante do commercio e por um representante da industria.

Essas commissões serão nomeadas pelos respectivos governadores civis, sob proposta dos administradores dos concelhos ou bairros. Compete-lhes a elaboração d'uma tabella de preços para venda ao publico dos generos alimenticios de primeira necessidade e bem assim d'outros generos ácerca dos quaes se julgue necessario tomar identicas providencias. Essas tabellas serão sujeitas á homologação do governador civil respectivo, devendo depois ser revistas e publicadas mensalmente ou sempre que as commissões julguem necessario introduzir-lhes alterações. A proposta insere ainda as disposições necessarias para se fiscalisar a sua applicação.

Pela outra proposta, o governo fica auctorisado «a mobilisar as industrias em serviço do Estado e para a defeza nacional, apossando-se, quando o julgar conveniente, das respectivas fabricas e officinas, installações industriaes e seus annexos, depositos e dependencias.» Essa posse é independente de qualquer indemnisação previa. Depois a indemnisação devida será fixada por uma commissão composta de cinco membros, dois dos quaes serão nomeados pelo Estado, dois technicos pela outra parte interessada e o quinto por accordo de todos. Na falta de accordo, o quinto vogal será nomeado pelo Tribunal do Commercio a requerimento de qualquer das partes.

Visitas do ministro da guerra

O sr. Norton de Mattos foi hoje visitar o deposito de material de guerra em Beirolas e a fabrica de material em Braço de Prata. Pelas 8 horas e meia chegou a Beirolas em automovel, acompanhado dos seus ajudantes srs. capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins, sendo ali aguardados pelo director do deposito, coronel de artilharia sr. Parreira, e pelos demais officiaes de serviço.

A visita a todas as dependencias foi demorada, seguindo o sr. ministro da guerra com os seus ajudantes para a fabrica de Braço de Prata, onde era aguardado pelo director, tenente coronel de artilharia sr. Leopoldo Candido Rodrigues, e demais officiaes. O sr. Norton de Mattos percorreu todas as dependencias estando as officinas em laboração, demorando-se o sr. ministro junto dos respectivos machinismos, dando-lhe os officiaes todas as explicações sobre o seu funccionamento.

O sr. Norton de Mattos regressou a Lisboa depois das 18 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa amanhã, na parada do quartel do Carmo, das 15 ás 16 e meia horas, o seguinte programma: «Fogo e labaredas», marcha, Fucike; «Abertura symphonica», Fão; «Aubade Printaniere», Lacome; «Roberto do Diabo», selecção, Meyerbeer; «Les Erinnyes, suite: n.º 1, «Divertissement, n.º 2, «La Troyenne regrettant sa patrie», n.º 3, «Danse des Saturnales», (final), Massenet; «Bohemios», zarzuela, Vives; «Nemo», marcha, Fão.

—Maria da Piedade, moradora na rua de Entre Muros do Mirante, 57, 1.º, queixou-se de que os gatunos entraram na sua residencia, por meio de arrombamento, e furtaram um cordão, uma moeda, um relogio, dois botões, quatro anneis, uma cruz, um fio, um alfinete, tudo de ouro, e quatro escudos, tudo no valor de 86$50.

—Manuel Joaquim Moreira, que diz residir na Avenida da Liberdade, 152, foi preso pela policia por se ter evadido da cadeia nacional de Coimbra. O preso é desertor da escola de equitação, em Torres Novas.

—A Associação de Classe dos Moços de Fretes pediu ao sr. governador civil para não attender o pedido dos bagageiros que ha dias o procuraram, com o fim de obterem licença para entrarem a bordo dos navios que trazem passageiros.

—A' enfermaria 8 do hospital de S. José recolheu o descarregador José Lopes, morador no beco dos Clerigos, 2, rez-do-chão, que a bordo de um pontão de nacionalidade americana surto no Tejo foi colhido por um balde de ferro, ficando contuso no corpo.

—Manuel Alves, «O Capote», de 57 annos, natural de Matacães, taberneiro, casado com Eugenia Roberto, morador na rua de S. Sebastião da Pedreira, 126, foi hoje acommettido de doença repentina na sua residencia. Conduzido ao hospital de S. José, chegou ali cadaver sendo o obito verificado pelo sr. dr. Azevedo Gomes, que ordenou a sua remoção para a Morgue.

—A Theodoro dos Santos Gomes, residente na rua Açores, 84, loja, furtaram os gatunos 18 cobertores, 2 pares de calças, um casaco, trez colchas, uma porção de camisas e camisolas, 5 pares de botas para homem e um tapete, tudo no valor de 83 escudos.

—Pela policia da 2.ª secção foi preso Augusto Cesar, filho de Joaquim Cesar e de Marianna Julia, de 35 annos, pedreiro, morador no Casal Ventoso, lettra D., cuja captura foi requisitada pelo administrador do concelho de Oeiras, onde está pronunciado pelo crime de homicidio.

—Emilia da Conceição, moradora no beco das Farinhas, 18, 2.º, queixou-se á policia de que, estando na Junta do Credito Publico, ali lhe furtaram ou perdera um titulo da divida publica no valor de 100 escudos com o n.º 8525, com o coupon do 2.º semestro do corrente anno por receber, titulo pertencente a sua irmã Gloria da Conceição Lucas.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta manhã no ministerio da marinha.

—O novo governador da Guiné, sr. dr. Andrade Sequeira, apresentou hoje as suas despedidas ao sr. ministro das colonias, com quem conferenciou. Segue ámanhã a bordo do *Bolama*, a tomar posse do seu cargo.

A gréve tipographica no Porto

Continúa sem solução—Os vendedores de jornaes não apoiam os grévistas

PORTO, 13.—Ainda ámanhã se não publicarão os jornaes, continuando a gréve, apezar dos trabalhos do governador civil para solucionar o conflicto.

A convite do chefe do districto foram hoje ao governo civil os chefes das tipographias de todos os jornaes, os quaes disseram estar promptos a trabalhar e que a maioria dos quadros adherira á gréve por coacção.

A's 15 horas foi avistar-se com o sr. dr. Pereira Osorio uma commissão de vendedores de jornaes, que protestaram energicamente contra os grevistas, dizendo que é a sua classe a mais prejudicada com o actual estado de cousas, pois ao passo que os graphicos dos jornaes representam 100 familias, as d'elles, vendedores, são 600.

Finalmente, pelas 16 horas, esteve no governo civil a commissão de grévistas, sendo encarregado de expôr a situação o compositor Oliveira, do «Commercio do Porto». Apoz demorada conferencia combinou-se para ámanhã, ás 11 horas, uma entrevista entre trez industriaes e trez graphicos. Se se chegar a accordo, os jornaes sahirão já no domingo.

A provincia na CAPITAL

MIRA, 12.—Retirou hoje de manhã para Lisboa, a fim de embarcar no vapor *Beira*, da Empreza Nacional de Navegação, no proximo dia 15, com destino ao Ibo, o sr. dr. Apélles Callixto, delegado do procurador da Republica n'aquella comarca, para onde foi ultimamente despachado. Foi acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Flavia Callixto, tendo affectuosa despedida.

—Tem feito hoje um calor asfixiante, fazendo á noite uma ventania insupportavel.

—Já está muito animada a nossa praia tendo chegado muitas familias.

Fallecimentos

Falleceu o sr. José Augusto Macedo, realisando-se o funeral ámanhã, ás 16 horas, do largo da Graça, 103, 1.º.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/8	35 1/4
Londres, 90 div.	35 15/16	—
Paris, cheque	$73,5	$74,2
Allemanha, cheque	$28	$28,7
Hollanda, cheque	$56,8	$57,7
Madrid, cheque	1$36	1$37
New York	1$41,5	1$43
Rio s/Londres	—	—
Libras	6$95	7$05
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,05	—
» » 500$	40,05	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 4 1/2, 1912, ouro 96$.

Externas: 1.ª serie, 72$40.

Acções: Banco de Portugal, 180$; Assucar, 39$80; Lezirias, 1.010$; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$20; Moagem (nova), 67$; Phosphoros, coupon 56$; Tabacos, coupon, 78$50; Empreza Agricola Principe, 5$.

Obrigações: Ultramarino, coupon, ouro, 90$; Norte e Leste, 1.º grau, 72$30; Caminho de Ferro de Benguella, 77$.

SPORT

O coração e as visceras abdominaes no trabalho athletico

—«... Mas Fulano de tal... é um excellente treinador e talvez saiba mais que um medico!...»

Foi a conclusão que tirámos hontem d'uma conversa com um amigo. Fizemos-vêr o erro mas elle só o reconheceu com a dezena de argumentos apresentados, entre elles o de que a physiologia e até a pathologia de certos individuos seria coisa que os treinadores e professores de cultura physica não podiam desconhecer.

A parte da longa exposição que lhe fizemos o que mais o impressionou foi aquella em que o elucidámos sobre os deslocamentos visceraes, essas «ptoses» que o professor Glenard estudou e descreveu, ás vezes com exaggero inevitavel, formando um novo capitulo o interessante da pathologia.

—«...E não julgues—dissemos-nós reproduzindo de memoria os ensinamentos de Glenard—que todo o individuo poderosamente musculado está ao abrigo d'esses deslocamentos visceraes. São precisos em torno da carne muscular e no musculo aponevroses e tendões. Estes desenvolvem-se pela contracção estatica ou posição contrariada, e forçam-se pelos alongamentos inconsiderados, por exemplo, na «extensão do tronco á retaguarda» da gymnastica sueca, relativamente aos musculos abdominaes.

«E' quando se emagrece, principalmente, que se deve desconfiar das «ptoses», os orgãos suspendidos, «espaçados» pela gordura envolvente, não sabem onde se collocar quando o ventre se tornou grande para elles. N'essa occasião beneficia-se com um cinto, aconselhado segundo medição medica.

«Admittia-se durante muito tempo que o coração permanecia immovel no seu pericardio, mas a phonendoscopia, a radiographia e mesmo a simples auscultação mostraram que não era bem assim. O coração desloca-se alguns centimetros, sob influencia do decubitus, da repleção do estomago, trabalho muscular, etc.

«O deslocamento physiologico mais consideravel que os medicos registavam e que partiu d'uma observação de Bianchi e Regnault foi o dos corredores cyclistas que concorreram á primeira prova dos 6 dias. O coração subia, subia sempre para a base do pescoço e angustiosamente perguntava-se onde pararia.

«Em todos os exercicios athleticos violentos ha uma «ptose» cardiaca, coisa que evidentemente interessa um medico mas que passa despercebida ao professor de cultura physica. Tal «ptose» anda intimamente ligada ao folego. Encontra-se, para maior mal d'estes instructores, em muitos individuos de apparencia sã, por exemplo, n'aquelles que não podem deitar-se para o lado esquerdo, sem sentir um certo mal estar.

«Assim, todos os que trabalham em alta gymnastica, acrobacia e athletismo violento teem interesse não só em manter o seu coração na posição normal, mas em treinal-o—a saber collocal-o na posição, quando elle a perdeu por fadiga, esfalfamento ou choques».

Nota do dia

Vem effectivamente o «Vizcaya»?

Procurámos hontem o sr. José Roquette (Alvalade) para averiguar d'elle se era ou não verdade que pensava adquirir o balão esferico «Vizcaya», o lindo aerostato que, pilotado por D. Eduardo Magdalena, levou de viagem o nosso camarada de redacção Hermano Neves.

—Penso effectivamente no caso. O «Viscaya» deve vir, em breves dias, para o Stadium mas talvez elle suba ainda em Madrid, com um aeronauta portuguez. Estou a esboçar esse acontecimento de «sport».

E com esta informação colhemos o sufficiente para informar os nossos leitores e satisfazer-lhe a sua curiosidade...

Algumas anecdotas

Fraco de mãos, levou pancada e nunca mais jogou o soco...

Oscar Gardner, o «bébé d'Omalia» devia ter ganho o titulo de campeão do mundo, que possuia Young Corbett se a natureza lhe tivesse dado mãos mais solidas.

Quando Gardner foi para o Este americano, chegou lá com uma excepcional reputação mas aquelles que o conheciam intimamente recusavam-se a apostar por elle, porque temiam a fraqueza das suas mãos. Apesar d'isso, Oscar foi apresentado a Paddy Sullivan, que se tornou seu «manager».

Sullivan conhecia o ponto fraco de Gardner mas tambem conhecia as suas maravilhosas qualidades de pugilista. Levou-o a um medico-anatomisado, e amigo.

O cirurgião collocou as mãos de Oscar em gesso, quasi durante um mez e prohibiu-o de jogar o socco durante um anno.

Quando acabou o tratamento, Gardner treinou. Sullivan collocou-o em frente d'um pugilista que diziam imbatível. Gardner venceu-o! Foi collocado depois em frente de Dave Sullivan e tambem venceu por «knock-out».

Esta victoria creou uma popularidade enorme a Gardner, porque n'aquella epocha Dave era considerado o melhor da sua cathegoria. Foi por isso que depois que Mac Govern derrotou George Dixon tentou combater o terrivel Ferry. A lucta foi emocionante. Gardner tinha por elle o maior numero de apostas. Só alguns dos seus amigos temiam as suas mãos frageis.

—Se elle dá um socco na cabeça do Ferry, que é dura, está perdido!

Tiveram razão. No terceiro «round», quando Gardner parecia o vencedor certo, fracturou a mão esquerda! E o celebre pugilista, porque não podia servir-se do braço foi atirado a terra para não se levantar mais! Tal derrota foi ella que o seu «manager» nunca mais consentiu que jogasse o socco! Uma vez perguntaram-lhe o motivo...

—Ora essa!... Eu não sustento homens com mãos de senhora, antes quero sustentar senhoras com cara de homem!...

Noticias

Provas lisas — Entre nós

A Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 6, legal, benemerita e patriotica, com séde na rua do Guarda-Mór, organisa provas lisas de 1914-1915 no proximo domingo, 15, ás 14 horas, no campo do Sport Lisboa Benfica, em Sete Rios. O programma é o seguinte: 1.ª parte: Marcha em continencia, Escola de pelotão, desfile dos concorrentes, corrida de velocidade, 100 metros (1.ª eliminatoria), corrida de velocidade, 100 metros (2.ª eliminatoria), lançamento de peso, saltos em cumprimento e lucta de tracção—2.ª parte: Corrida de velocidade, 100 metros (final), lucta de tracção, corrida de estafetas, transmissão de telegrammas, pelos signaleiros, corrida de resistencia (1.500 metros) e foot-ball (entre os teams da Sociedade e infantaria 2).

São concorrentes os srs.: Alfredo Gonçalves, Antonio Botelho, Ernesto Carvalho, Eduardo Oliver, Arnel Costa, José de Sousa, José Encarnação, Manuel Joaquim, Victor Puschini, Luiz Ramos, Raul Rolão, Carlos Silva, José M. da Silva, Annibal Reis, João Diniz, José Silva, Mario Brazil, Jayme Santos, Antonio Aguilar, Leão Ferreira, Manuel Graça, José Rocha, Antonio Hidalgo, Jayme Barreto, José A. Silva, Luiz Lobo, Jayme d'Almeida, João Jayme Affonso, Guilherme Rijo, Carlos Carvalho, Eduardo Guerra, Augusto da Cruz, José Domingos, Mario Lopeiro, José Roballo, João Delgado, Alfredo Marques, Julio Martins, Raphael Teixeira, Carlos Affonso, Luiz Barros, Joaquim Abreu, Manuel Quinta, José Santos, João Duque, Henrique Faro, Pedro Costa, Mario Costa, José Pereira, Antonio Simões, Manuel Cruz, Antonio Tarouca, Armando Branco, Alberto Leiria, Eurico Rebello, Raul Cavalleiro e Mario Rodrigues.

Exposição d'um aeroplano construido por portuguezes

Como está annunciado, realisa-se no dia 15 do corrente, domingo, no campo de Sete-Rios, a exposição d'um aeroplano construido em Lisboa por portuguezes, na grandiosa festa dedicada ao exercito e armada, com um programma sportivo intelligentemente organisado.

Mac Closky campeão americano e Bazilio d'Oliveira campeão portuguez (amador) realisarão um combate scientifico de «box».

José da Silva Ruivo e Placido Monteiro, «boxeurs», tambem farão um assalto de «box» até resultado definitivo. O primeiro é campeão de Portugal (amador) dos «meio-leves» e «meios-medios»; o segundo está esperançado nos seus vigorosos treinos e ambos confiam na victoria, sendo de esperar um combate bastante rijo e decisivo.

João d'Azevedo, campeão do mundo de força dental, executará os seus «records», convidando qualquer espectador a executar os seus trabalhos e se o conseguir offerecerá um premio de 100 escudos.

Este espectaculo começará ás 14 horas, com as provas finaes da I. M. P. n.º 2, abrilhantando esta festa duas bandas militares. Os bilhetes com a data de 8 do corrente são validos para o dia 15 achando-se desde já á venda na papelaria Ferreira, na rua do Ouro.

Taça Club Naval

«Water-polo».—Realisam-se amanhã, sabbado, desafios do campeonato de water-polo, organisado pelo Club Naval. Jogam o Sport Algés e Dáfundo com o Club Naval e a Associação Naval contra o Club Internacional de Foot ball. O primeiro desafio é um dos mais importantes e já entra como factor para a victoria final, podendo dizer-se que é o «match» mais importante até á data, dado o incontestavel valor do Sport Algés e Dáfundo que apesar de novo conta elementos muito bons, capazes de opporem ao Club Naval uma seria resistencia.

Desportos de Bemfica

Nomeou os seguintes corpos gerentes: Mesa da assembléa geral: presidente, dr. Joaquim Evaristo d'Almeida, vice-presidente, dr. João Carlos Mascarenhas de Mello; 1.º secretario, Victor Fernando Rodrigues; 2.º, Carlos Leopoldo Dias. Conselho fiscal: presidente, dr. Nunes Freire Themudo; secretario, Angelo de Bulhões Maldonado; relator, Jorge de Figueiredo. Direcção: presidente, José Alexandre Soares; vice-presidente, Antonio Alberto Marques; thesoureiro, Manuel de Jesus Marques da Silva; director-vogal, Armando Costa; director-vogal, Manuel Ribas Potau; 1.º secretario, Adolpho Rodrigues; 2.º, José Carlos da Silva, supplentes, Alberto Affonso, Antonio Maia, Antonio Pereira Marques e Francisco Evaristo d'Almeida. Secções auxiliares: desportos, Arthur dos Santos; instrucção, Julio Montalvão e Silva; recreio, Manuel da Jesus Marques e Silva; propaganda, Joaquim da Cruz Leiria; serviços medicos, dr. Joaquim Evaristo d'Almeida; exposições, José Alexandre Soares.

Campeonato de Portugal de Lawn-Tennis

Por informações particulares consta que os campeonatos de Portugal de lawn-tennis se realisam este anno nos dias 16, 17, 18 e 19 de setembro nos «courts» do Sporting Club de Cascaes.

A missão do exercito servio

Roma, 8 de agosto

Informam, na legação da Servia, a proposito das palavras ultimamente pronunciadas pelo sr. Pachitch acerca de uma mais estreita collaboração militar italo-servia e da proxima volta do exercito servio ás operações annunciada pelo principe Alexandre, que a Servia tem por missão especial no conflicto europeu impedir a a marcha dos austro-allemães para a Turquia.

Comprehende bem a Servia o seu papel e o repouso que os seus adversarios lhe consentiram servia-lhe para tomar as necessarias medidas que impeçam a realisação de qualquer tentativa que para esso fim empreguem. A acção da Servia torna-se, pois, de alta importancia pois que permittirá aos alliados desenvolver com toda a segurança as operações nos Dardanellos. Se com effeito as palavras do sr. Pachitch e do Principe Alexandre tinham a intenção que lhe attribuem, por certo alludiam a novos acontecimentos que podem produzir-se e a mais elementar prudencia lhes prohibe dar largas explicações.

«Disse-se, observam na legação, que podiamos ter marchado sobre Budapest em vez de ficarmos inactivos; para um exercito tão pequeno como o nosso não era possivel uma tal operação. Se tivessemos avançado em pleno paiz inimigo, teriamos proporcionado aos austriacos a occasião, que impacientemente esperavam, de esmagar-nos com forças superiores.»

Touradas

VIANNA DO CASTELLO, 11.—Por occasião dos tradiccionaes festejos á Senhora d'Agonia, nos dias 18, 19 e 20 do corrente, haverá n'esta cidade trez corridas de touros em que tomam parte os cavalleiros Casimiros, pae e filho, e João Marcellino d'Azevedo, o «espada» Angel Gonzalez (Angelillo) e os bandarilheiros Theodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Carlos Gonçalves, Torres Branco, João Froes e Vital Mendes. Director da lide, é o cavalleiro José Bento d'Araujo, sendo o curro da ganaderia José Pinto Barreiros.

Hygiene dentaria dos adultos e das creanças

Nunca é demais insistir sobre as grandes vantagens que adveem d'uma boa dentição. Proponho-me redigir este artigo e os subsequentes a fim de incutir no animo dos meus leitores que uma boa mastigação é o acto principal d'uma digestão razoavel e d'uma saude sólida; que uma dentição sã representa um papel primordial no desenvolvimento de cada individuo e nas relações para com o seu semelhante e por esta fórma darlhes alguns conhecimentos, quanto possivel completos e praticos, dos mais seguros processos de conseguir esse fim.

O leitor ficará illucidado pelo que adeante exporei sobre as doenças da bocca e dentes nos adultos e nas creanças, suas differentes fórmas, manifestações, complicações e os processos therapeuticos a empregar para conseguir a cura.

Mario Duarte
Especialista de doenças da bocca

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Agulha em palheiro.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—Soldado chocolate.

Movimento associativo

Cruz Vermelha

Para continuação de trabalhos pendentes, reune a commissão central amanhã, ás 21 horas, na séde, praça do Commercio.

Machinistas mercantes portuguezes

Reune a assembléa geral no dia 16, ás 20 e meia horas, para continuação de trabalhos pendentes. Uma commissão foi nomeada para ir falar com o sr. ministro da marinha sobre o pagamento das contribuições industriaes.

Empregados de escriptorio

Reune em sessão magna a classe no dia 16, ás 21 horas, para tratar do horario de trabalho.

No boudoir

Os banhos — O «tub»

Falemos dos banhos. Não me canço de os recommendar. Quem não puder por qualquer motivo fazer uso frequente dos banhos d'imersão deve, pelo menos, usar as abluções diarias a que os francezes chamam *tub*. Para este banho não é necessario quarto apropriado, nem sequer tina grande; bastam duas bacias largas ou uma bacia e um balde com uma esponja. Ao levantar da cama e depois de proceder á lavagem das mãos, colocar-vos-heis de pé sobre a bacia ou banheira, e, molhando bem a esponja na agua contida n'outro recipiente (balde ou bacia) passal-a-heis pelo corpo todo, loccionando bem principalmente o peito e as costas. Este banho toma-se á vontade em cinco minutos. O *tub* dispõe admiravelmente para um dia de trabalho, quer seja trabalho em que haja a dispender energias phisicas, quer moraes. E a pelle assim banhada tonifica-se e adquire um belo tom rosado. Experimentae e havcis de ver que nunca mais podereis dispensar este genero de banho que não deve inhibir de tomar um banho de immersão pelo menos duas vezes por mez.

Lisette—Lavagens com agua distilada saturada de borato. Untae o nariz com oleo d'amendoas amargas, á noite. Fazer uso da Loção antiseptica Pompadour. Desapparecer-lhe-hão os pontos pretos. Para as borbulhas posso mandar-lhe um créme medicinal. Não me incommoda nada. Sempre que quizer estou ao seu dispôr.

* * *

Julinha—Use a «Piguementina». Escurece lentamente o cabello sem prejudicar. Tem, sobre o Royal Windsor, a vantagem de não tornar o cabello oleoso.

* * *

Morena—O «Secret Pompadour» faz-lhe a pelle branca e mimosa, sem que se conheça o artificio.

Para lhe fazer desapparecer as rugas pode usar o «Créme Pompadour» e a «Loção contra rugas Pompadour». Juntamente com os productos mandarei as indicações para o tratamento. Se estivesse em Lisboa, dir-lhe-hia para fazer a cura pela «mascara». Para os labios «Creme labial Pompadour».

* * *

Josesinha—Vê? Deu-se bem com os meus conselhos; já o esperava e julgo que o conselho d'hoje não lhe ha de ser menos proveitoso. Para evitar a queda das sobrancelhas use o Tonico Xancuntalás.

Maria Conti

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Interesses regionaes

Melhoramentos na região do Valle do Cambra

De ha muito que os povos da região do Valle do Cambra veem pugnando porque seja construida a estrada de Travanca aos Salgueiros de Ossella. Mercê da campanha levantada pela commissão de melhoramentos, os estudos d'essa estrada foram já concluidos; mas preciso é; agora, que a sua construcção não demore, pois é um grande melhoramento, principalmente para os industriaes de lacticinios do Valle de Cambra, que teem de dar uma volta enorme para conduzirem os productos das suas fabricas para o sul, onde teem maior consumo.

O turismo tambem muito tem a lucrar com a nova estrada, pois ha ali lindissimos pontos, como por exemplo Mourão, Mógus, Seixa, Penedo da Ribeira e outros, não falando em todo o valle de Cambra, que é encantador.

Uma outra pretensão teem ainda os povos de Macinhata e freguezias visinhas: a construcção da estação Travanca-Macinhata, onde se effectuem despachos de pequena e grande velocidade. N'esse local apenas ha o serviço de passageiros e para estes nem sequer um abrigo. Embora provisoriamente n'uma barraca seria de toda a conveniencia que se estabelecesse o serviço de recovagens e mercadorias, procedendo-se mais tarde á construcção da estação.

Para as pretensões dos povos do Valle do Cambra, que nos parecem de toda a justiça, chamamos a attenção do sr. ministro do fomento.

Agora, que tinham sido repellidos d'ahi para a linha Fauquissart-Neuve Chapelle-Givenchy; tinham de fazer frente ao ataque d'um corpo que, no dia 31, se compunha do 14.º corpo, de uma ou mais divisões do 7.º, d'uma brigada do 3.º, de muitos batalhões de Jaegers e de quatro divisões de cavallaria. Era uma força muitisimo superior; só o 14.º corpo allemão excedia em numero o segundo corpo britannico.

As forças de Smith-Dorrien apoz uma marcha fatigante estavam exhaustas mais ou menos. Tranquillisado pela chegada da vanguarda do 9.º corpo francez, que pôz o seu centro e a sua esquerda temporariamente fóra de perigo, sir John French mandou Smith-Dorrien apoiar o resto da divisão de Lahore sob o commando do major general Watkis. Esta estava em Locon, no caminho de ferro Béthune-Armentières, atraz do centro do segundo corpo e a oeste do canal de Lawe, que une o canal Aire-Lille com o Lys. A brigada de infantaria Ferozepur estava, como já dissemos, em roda ou na extremidade oriental da cadeia de Mont-des-Cats. O Kaiser em breve havia podido avaliar do discernimento dos seus officiaes que, quando luctando ao lado de tropas indias na expedição de Pekin, tinham falado d'ellas com desprezo, considerando-as como «coolies».

Tropas orientaes tinham sido vistas antes na Europa, mas para uma obra de destruição. Em 1683 os turcos tinham estado deante das muralhas de Vienna. Agora, porém, para salvarem e não destruirem a civilisação europeia, tinham vindo os soldados representantes d'essa peninsula de densa população.

No dia 25, o resto da divisão de Lahore seguiu de Locon para as trincheiras em roda de Neuve Chapelle, até então defendidas pela 7.ª brigada do segundo corpo, e ao mesmo tempo uma outra brigada india substituiu em parte o 1.º corpo de cavallaria franceza.

Assim reforçado, o segundo corpo, no dia 25, dia em que as inundações no Yser começaram, occupou uma posição que de Givenchy, atravez da planicie, ia além da corrente de Loyes a Fauquissart. Em Givenchy a lucta foi violenta.

A batalha d'esse dia na direita dos alliados foi principalmente d'artilharia. No centro, comtudo, houve varios combates corpo a corpo e depois do escurecer, quando o vento se levantou e a chuva começou a cahir torrencialmente, o regimento Leicestershire foi repellido das suas trincheiras e a linha teve de recuar um pouco.

Na ala esquerda, ao norte do Lys e a leste do canal Comines-Ypres, a 2.ª divisão do primeiro corpo, com o 9.º corpo francez á esquerda e a 7.ª divisão d'infantaria á direita, tomou a offensiva no arco de circulo Bixschoote-Zonnebeke-Zandvoorde, ganhou algum terreno, tomou algumas metralhadoras e fez alguns prisioneiros. A's 6 horas e meia da tarde os allemães contra-atacaram n'um ponto onde estacionava um destacamento da Guarda ingleza. As tropas inimigas foram tomadas por soldados britannicos e o engano só se descobriu quando elles atacaram á baioneta. Os inglezes, auxiliados pelas suas peças, conseguiram repellir os allemães, embora as suas perdas fôssem grandes.

O dia 26 foi tambem de lucta terrivel. De noite, os allemães haviam tentado tomar Dixmude por surpreza e durante o dia fizeram repetidos esforços para se apoderarem do leito do caminho de ferro Dixmude-Nieuport.

O estado maior belga tinha-se retirado de Furnes para Poperinghe. Mas em Nieuport a sua engenharia estava empenhada na obra de inundar a area entre o canal e o caminho de ferro, obra destinada a ter um effeito decisivo no resultado da batalha do Yser.

Embora os francezes e inglezes avançassem ao norte e nordeste de Ypres, onde o 1.º regimento de Irish Guards estava combatendo no monte Reutel, e ao sul de Ypres o corpo de cavallaria repellisse o inimigo para o Lys, o resultado da lucta do dia foi favoravel aos allemães.

A 7.ª divisão de infantaria, que ti-

um salvo-conducto, dizendo ao ex-presidente do Estado Livre que o que elle tentava era ganhar tempo e que era grande o desgosto entre os burghers leaes pela moderação do governo e que se rendesse sem condições.

Depois de Mushroom Valley, de Wet fugiu para o sul, voltou para leste e d'ahi tomou para oeste; na noite do dia 15, um domingo, chegou ao caminho de ferro em Virginia. No dia seguinte, apoz um pequeno recontro, conseguiu atravessar por entre as forças fieis que guardavam a linha ferrea e fugiu para oeste, perseguido de perto pelas tropas montadas, auxiliadas por alguns automoveis.

No dia 22 foi-lhe cortada a passagem e de novo voltou para leste. Só com vinte e cinco homens tentou atravessar o rio Vaal para o Transvaal, mas foi repellido do rio. Uma segunda tentativa foi mais feliz. Mas vendo que tudo estava completamente perdido voltou a direito para oeste, evidentemente na esperança de poder alcançar a fronteira allemã. Não o conseguiu. Os automoveis que iam em sua perseguição tinham vantagens sobre os seus cançados cavallos. No dia 1 de dezembro, em Waterburg, a cento e setenta e seis kilometros a oeste de Mafeking, os seus perseguidores, tendo-o cercado emquanto elle dormia, obrigaram-o a render-se, com o resto dos homens que ainda se lhe conservavam fieis. O official que o aprisionou foi o coronel Brits, que seis semanas antes derrotára Maritz.

Beyers, desde que sahira da herdade de Steyn, tentára baldadamente juntar-se a de Wet. Falou-se muito da lealdade do governo que, depois de se ter recusado a dar-lhe um outro salvo-conducto, o deixára escapar. Botha e Smuts podiam ter posto um cordão de tropas em redor de Onze Rust, cordão que Beyers nunca teria podido romper. Mas tinham-lhe passado um salvo-conducto antes e quizeram honrar até ao fim as suas assignaturas.

Durante alguns dias não se ouviu falar n'elle. Depois reappareceu com uma mancheia de homens no Estado Livre. A sua presença foi assignalada em diversos sitios. A 7 de dezembro houve um recontro com os seus homens e foi de novo derrotado a cêrca de vinte e quatro kilometros ao sul de Bothaville.

A perseguição que em seguida lhe foi feita levou-o para a margem do rio Vaal, que n'esse momento levava uma corrente impetuosa devida ás aguas vindas das montanhas. Beyers tentou atravessal-o a cavallo, emquanto as balas choviam em redor, sem nenhuma o ferir. Mas a corrente era demasiado rapida. Arrastado por um redemoinho, cahiu do cavallo e afogou-se. Dois dias depois o seu cadaver foi tirado do rio.

A prisão de de Wet e a morte de Beyers puzeram termo á rebellião, embora bandos dispersos continuassem a apparecer aqui e ali, de quando em quando, no Estado Livre. Mas foram-se rendendo pouco a pouco. Kemp, que fazia campo de operações da fronteira occidental do Transvaal, conseguiu penetrar nos districtos a noroeste do Cabo. A 7 de novembro atacou Kuruman, mas foi batido. As forças fiéis que o perseguiram obrigaram-no a bater-se de novo no dia 16 em Klein Witzand, a cerca de cento e trinta kilometros de Kuruman, mas Kemp occupára uma forte posição e obrigou-as a retirar.

Perseguido de perto pelas tropas governamentaes conseguiu illudil-as e desappareceu finalmente na direcção d'oeste, no deserto de Kalahari, a 25 de novembro. Cerca de dois mezes depois, em companhia de Maritz, reappareceu e invadiu os districtos noroeste do Cabo. Atacaram Upington a 24 de janeiro, mas foram repellidos com grandes perdas. Apoz uma lucta desesperada durante alguns dias, Kemp appareceu subitamente em Kakamas com 43 officiaes e 486 homens. Todos se renderam, voluntariamente e sem condições.

A rebellião do Sul d'Africa terminára.

CAPITULO VI

A segunda phase da batalha de Ypres

No capitulo em que descrevemos a primeira phase da batalha de Ypres referimo-nos ao que succedera até á tarde de 23 d'outubro. Uma divisão do 9.º corpo de exercito francez entrára em Ypres e tomára posição na parte da linha em redor de Langemarck que fôra occupada pelo major general Bulfin com parte da 2.ª divisão do primeiro corpo britannico. A Bulfin fôra commettido o encargo, n'esse dia, de repellir os allemães da abertura deixada pela derrota dos Highlanders Cameron entre Bixschoote e Langemarck e desempenhára-se brilhantemente d'essa missão.

No sabbado, 24, quando os allemães estavam atravessando o Yser e a inundação dos campos d'ambos os lados se tornava cada vez mais necessaria para assim melhorar a posição dos alliados, os allemães avançaram audaciosamente contra a linha ingleza desde Dixmude a La Bassée. O 27.º corpo de reserva allemão estava combatendo contra a ala esquerda, mas qual foi o seu insuccesso deprehende-se da carta de um soldado do 246.º regimento de reserva, um dos regimentos d'esse corpo, que dizia:

«A 24 d'outubro recebemos ordem para estarmos promptos para um ataque antes do romper do dia. Tinhamos avançado audaciosamente uns quatrocentos e cincoenta metros quando sobre nós cahiu um terrivel fogo dos inglezes. Quando de novo reunimos, vi que soffreramos um grande desastre. Do nosso batalhão apenas restavam uns 80 homens».

A's 6 da manhã a 21.ª brigada—parte da 7.ª divisão de infantaria—composta do 2.º regimento de Bedfordshire, do 2.º de York, do 2.º dos Reaes Fuzileiros Escocezes e do 2.º de Wiltshire, foi atacada nas proximidades de Gheluvelt sem ter sido previamente bombardeada.

«A's 7 horas da manhã—diz Underwood, um dos interpretes da 21.ª brigada de infantaria—o capitão Drysdale dirigiu-se-me e pediu-me para eu sahir á estrada a fim de guiar dois batalhões, que eram esperados a cada momento, do primeiro corpo d'exercito que vinham em nosso apoio». A situação era muito critica. Nem um só homem podia deixar a linha de fogo, nem podia descançar um momento. «Era—observa o mesmo interprete—o setimo dia de combate com os allemães, estendendo-se a nossa divisão por uma frente de mais de doze kilometros, contra as forças de trez corpos de exercito, como ouvi dizer a um dos nossos prisioneiros».

Era um exaggero; não eram trez corpos que combatiam contra a 7.ª divisão, mas que os inglezes nos bosques de Zonnebeke a Zandwo-

orde eram em muito menor numero que o inimigo e tinham muito menos artilharia, isso é indubitavel. Nos sete dias que durava o combate mal tinham tempo para dormir um pouco; não tinham sahido das trincheiras, pelejando de noite e de dia.

No caminho, Underwood encontrou os territoriaes e a Yeomanry Northumberland que iam para as trincheiras render parte do primeiro corpo. Dez minutos depois avistava a vanguarda d'uma outra columna. Eram dois regimentos que vinham render os seus exhaustos camaradas. Collocaram fileiras duplas em roda do bosque até ás trincheiras, evitando assim o perigo da linha ser rôta n'esse ponto, como o fôra no dia 23 entre Bixschoote e Langemarck.

Ao sul de Zandwoorde, a terceira divisão de cavallaria, de Byng, bombardeada e atacada de perto, continuava a manter-se na abertura entre Zandwoorde e o canal Comines-Ypres em Château Hollebeke. D'ahi a St. Yves e ao bosque de Ploegsteert a linha era defendida pelo corpo de cavallaria, apoiado pelos dois batalhões da divisão de Lahore da força expedicionaria india em Voormezeele e Wytschaete, com o resto da brigada Ferozepur (menos um batalhão) em Vulverghem.

Essas tropas repelliam os ataques dos allemães que haviam atravessado o Lys entre Warneton e Pont Rouge e estavam fazendo esforços por tomarem a cadeia de Mont-des-Cats e avançarem sobre Ypres por St. Eloi.

Do bosque de Ploegsteert ao Lys a situação não mudou no dia 24, mas ao sul do Lys, em redor de Armentières, muitos ataques foram dados contra o terceiro corpo britannico, sendo todos repellidos com grandes perdas, devido principalmente ao apoio da artilharia.

Em La Boutillerie, na estrada que de Fromelles pela elevação Radinghem-Givenchy desce para Fleurbaix, houve um ligeiro recontro. Na direita do terceiro corpo a cavallaria franceza e o segundo corpo foram bombardeados durante todo o dia. A' tarde um violento ataque se desenvolveu contra a 7.ª brigada de infantaria; foi repellido pelos regimentos Wiltshires e Royal Kents, com grandes perdas para o inimigo.

Mais tarde os allemães, avançando contra a 18.ª brigada de infantaria, repelliram os Gordon Highlanders das suas trincheiras, que foram, porém, retomadas pelo regimento de Middlesex, valorosamente commandado pelo tenente coronel Hull. A 8.ª brigada de infantaria, que havia sido mandada prolongar a ala esquerda do segundo corpo, ficando em Fauquissart, entrára tambem em combate. O inimigo foi repellido, deixando grande numero de mortos, feridos e não feridos prisioneiros.

Shukri Pachá, um dos commandantes turcos no Caucaso

Mas embora os homens pelejassem bem, não podiam resistir indefinidamente ao duplo ou ao triplo do seu numero. Nos primeiros oito dias de lucta, que se seguiram ao seu avanço por aldeias que eram fortalezas em miniatura, por torrentes e diques varridos por metralhadoras, até alcançarem a elevação Givenchy-Radinghem que dominava Lille e o canal Lille-La Bassée, tinham-lhes sido opostas forças consideravelmente fortes.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1805 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, I.º

LISBOA—Sabbado, 14 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, I.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Symptomas

Hontem, ao saber que o parlamento não podia reunir por falta de numero, um grupo de populares manifestou o seu desagrado. Eis um symptoma que não deve passar despercebido, porque na realidade traduz uma corrente de opinião que facilmente se póde robustecer se os actos do parlamento continuarem a dar-lhe base para os seus protestos.

A verdade é que ninguem negará estarem pendentes do parlamento questões que affectam a propria vida nacional. Chegou-se a um momento em que essas questões não se podem protelar, e o publico ou vê que o parlamento se preoccupa com incidentes estranhos a essas questões ou não funcciona por falta de *numero, dando a impressão d'um* censuravel desinteresse por assumptos que necessitam a mais zelosa attenção.

Embora seja doloroso confessal-o, o que é certo é que se constata que o segundo parlamento da Republica se mostra inquinado dos mesmos defeitos do primeiro, que por sua vez reeditava os defeitos do parlamento monarchico. A cada momento surgem conflictos estereis; incidentes mesquinhos são avolumados a proporções gigantescas e questões mal postas permittem que as opposições estiquem a sua indignação até ao ponto de se consumirem sessões inteiras com retaliações politicas, que se eternisam, não consentindo nenhuma resolução que as liquide.

O desgosto por este espectaculo não confrange só os republicanos; invade o paiz, que da acção parlamentar esperava precisamente o contrario do que vê. Poucos dias, segundo se assegura, estará ainda reunido o Congresso Nacional. Ha que discutir e votar os orçamentos de oito ministerios, e já se prevê que serão votados de afogadilho, precisamente pela demora que tem havido na discussão d'um d'elles. Ha que tratar de questões economicas, que reclamam uma sancção prudente, mas tão rapida quanto possivel. E' o publico já se vae capacitando de que o parlamento pouco ou nada resolverá, mesmo reunindo todos os dias. Que será se continua a repetir-se o facto de não haver numero para o parlamento funccionar?

Nunca foi necessaria maior ponderação e firmeza ao espirito publico. Elle não deve ignorar que estamos n'um momento de transição, e se bem que estes periodos de transição se tenham eternisado, não é menos certo que n'este momento nos encontramos n'um d'elles. Este tem necessariamente um limite. Esse limite é o da posse do novo presidente, com a constituição d'um novo governo. E como realmente não é facil organisar uma nova transição para um periodo de transição, de limite fixo, conclue-se ser preciso que as classes, que o povo tenham de conceder um novo credito á Republica para a resolução das questões instantes que assoberbam o paiz.

Sem duvida, o mal estar, proveniente sobretudo das causas economicas que temos apontado, não póde diminuir á vontade dos que o supportam. Mas esse tempo não será perdido. Como já dissemos, não tivemos uma pressão bem orientada e ordeira das classes, e do proprio povo, para a resolução dos problemas que as affectam. Para isso urge preparal-a, estudando n'este interregno as melhores soluções que a crise economica no nosso paiz admitte.

Não basta apontar um mal; não basta expôr os soffrimentos que elle produz; não basta clamar que a situação que elle origina já não é supportavel. E' preciso saber o que se póde fazer para o curar, ou pelo menos minorar, e quanto mais se aprofundar este ponto, quanto mais se demonstrar que o problema não é insoluvel, porque o não é nem póde ser, mais consciente será essa pressão, e mais justiça e força lhe assistirá.

Nada de explosões estereis de desespero. São precisos raios fecundos de intelligencia.

Migalhas

Ha cinco dias, Praxedes communicara-me a sua grande resolução de ir para fóra. Os medicos tinham aconselhado a sua filha, D. Bibi, que, ou tomasse um marido ás colheres, ou fôsse para uma praia. Na impossibilidade momentanea de dar á pequena os banhos do registo civil, o nosso amigo deliberou fazer um sacrificio e dar-lhe banhos de mar. Praxedes esteve hesitante entre Ostende e Pedrouços. Dada a agitação que se tem notado ultimamente na praia belga, acabou por optar pelos encantos de Pedrouços-Plage.

O nosso impagavel correligionario pôz alguns objectos no «prégo», incommodou mais uma vez o compadre e, ha cinco dias, dissera-me, com um ar triumphante, que lá me esperava um domingo d'estes para passar a tarde n'um terceiro andar da rua Direita de Pedrouços.

Hontem encontro-o e pergunto-lhe que tal se ia dando a caravana com o veraneio.

—Voltámos hontem, confessa-me *Praxedes muito vexado.*

—Não se deram bem?

—Não nos chegámos a dar. Voltámos no mesmo dia da chegada. Imagine o meu amigo que, á noite, apoz a installação e emquanto as madamas iam para a praia com o pequeno, eu fui dar uma volta e entrei no Casino. Até ás tantas houve animatographo e musica de borla. Houve mesmo duas reverendissimas hespanholas, que me deixaram um tanto perturbado. Depois passou-se a outros lavores. Abriram as salas da roleta e eu tive a malfadada ideia de entrar. Primeiro puz-me a jogar de cabeça. Pensava um numero e, tantos sahiram dos que eu ia pensando, que, no fim de um quarto de hora, já tinha ganho—mentalmente, *é claro*—tres contos de réis. E' preciso dizer-lhe que eu, quando jogo de cabeça, jogo um boccado forte. Não sou nada prudente. N'isto senti no bolso tres tostões, que andavam ali desgarrados a passear com quatro e meio em cobre. Tive uma tentação. Puz um «camocho» no 27. Veiu o 26. Puz outro no 17. Veiu o 16. Puz o terceiro no 24. Veiu o 23... Para rehaver os trinta centavos, fui á bolsa das corôas, onde tinha dois mil réis, e passei á roleta do lado. Puz na primeira duzia, veiu a terceira; mas, compensando, quando puz na terceira, veiu a segunda. Meditei, pensei e acabei por abrir a carteira, onde tinha o dinheiro para arejar a familia durante um mez. Meu caro amigo! Só lhe digo que, d'ali por um boccado, fui chamar a familia á praia... «Vamos já para casa?—perguntou-me a minha Genoveva». «Não filha, vamos já para Lisboa». E voltámos todos de graça no carro dos batoteiros.

André Brun.

"O cigarro do soldado,,

A collecção completa das obras de Ovidio Publio Nasão foi hontem entregue ao sr. Licio Solheiro, que fôra quem maior lanço por ellas offerecera. São mais 5$00 a accrescentar ao producto da subscripção para o «Cigarro do soldado».

Poeira da Arcada

Henry Heine nunca se deixou illudir com o espirito evangelico dos allemães. Apontou-os sempre como pagãos, para os quaes o culto da força e da violencia era uma necessidade barbara, uma imposição de indole brutesca. A cruz não significa para elles um amaciamento de instinctos bellicos, mas sim uma exaltação mistica de furia assassina. O auctor dos Reisebilder *não se enganou. Os allemães são realmente, na Europa moderna, os depositarios de todas as energias revoltas que embaraçam o triumpho do Christo. Se esta guerra lhes desse a hegemonia das raças, toda a terra se rebarbarisaria.*

* *

Hoje, o anniversario da batalha de Aljubarrota. Os annos que teem passado ás centenas não escureceram esse bello feito de armas. Quando nós queremos comprehender como o nosso povo creou esta patria, onde actualmente os milhafres fazem ninho, temos de volver uns seculos atraz, invocando a alma dos antepassados. Aljubarrota é o relampago mais vivo de uma vocação que se revelava epica e divina. Os homens que queiram ver ao clarão puro das espadas o genio da nossa historia, leiam Fernão Lopes, leiam Camões.

* *

Hontem, na camara, gritaram-se vivas e morras á dictadura. Já se não fala no dictador, que raros ainda sabem chamar-se Pimenta de Castro. O homem foi esquecido, a sua obra persiste na lembrança do povinho. Uns execram-na, outros exaltam-na. Esta dualidade de sentimentos garante-lhe um optimo porvir. São geralmente as grandes asneiras que mais abalam as sociedades dividindo-as em opiniões contrarias. As dictaduras, emquanto de pé, são uma fonte de tirannias, depois de destroçadas, geram brigas e discussões interminaveis. Tormentas, tumultos, confusões, pavores, eis os fructos d'essas arvores da... pimenta.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

MAUS AGOIROS...

A historia d'um cruzador

Citam-se desastres em que andou envolvido o nome de D. Amelia

A proposito do encalhe do «Republica» tem-se falado muito em maus presagios, em tristes coincidencias agoirentas. Pois é bom recordar, para os espiritos fracos, qual foi a historia d'aquelle navio de guerra. Quantos acreditam em sinas de desgraça hão-de convencer-se que, se uma má estrella acompanhou sempre o cruzador perdido agora nas rochas de Peniche, ella nasceu no dia do seu lançamento á agua, baptisado com o nome de «D. Amelia». Já n'esse dia, quando a sua couraça pela primeira vez se balouçou no Tejo, o cruzador «D. Amelia» matou tres homens. Foi esse o inicio de toda uma série de desastres, de rombos, de accidentes, que custaram ao Estado algumas centenas de contos.

Na primeira viagem que fez ao Oriente o piloto do canal do Suez encalhou-o, por causa de qualquer manobra errada, e o pobre barco para lá esteve seis mezes, sem navegar, a concertar as avarias que soffreu. Depois, quando se imaginava que elle poderia, emfim, passear orgulhosamente pelas aguas, descobriu-se no seu leme esta particularidade exquisita: não «pegava», e o navio começava a rodopiar, em pleno oceano, com espanto e até com terror das embarcações proximas, que não sabiam como explicar o phantastico bailado. D'ahi, dizerem os marinheiros que o «Republica» tinha um leme electrico...

Desapparecida essa extravagancia, outra appareceu: os balanços eram de tal ordem que ninguem podia aguentar-se em pé em cima do convez. Metteram-se-lhe umas quilhas lateraes, chamadas «robaletes», e só assim foi possivel endireitar o barco que tão má estrella acompanhava.

Uma vez, o «D. Amelia» lembrou-se de cavallarias altas: um passeio até á China. O menos que se lhe fez por lá foi mudarem-se os tubos das caldeiras, porque o barco nem para traz nem para deante andava. Appareceram depois indicios de que a agua tinha penetrado entre o aço e o forro de madeira. Despegou-se então o forro a toda a largura: novos fabricos, novos dispendios. De uma viagem á America do Norte, ha dois ou trez annos, voltou inteiramente arruinado. Não podia navegar. Gastaram-se então 150 contos com novos concertos, e quando toda a gente imaginava, ha mez e pico, que elle podia dar-se ao luxo d'um cruzeiro de experiencias, o navio fica espetado nas rochas onde se encontra ainda e d'onde, ao que parece, não sahirá inteiro.

E' essa, em largos traços, a triste historia do cruzador que ficou para sempre condemnado com o nome que lhe puzeram á nascença: o «D. Amelia». E é tambem curioso e opportuno recordar outros factos que fizeram attribuir á ex-rainha a qualidade de «porte-malheur». Quando ella entrou pela primeira vez em Lisboa, os fortes dispararam as salvas do estylo, cumprimentando a nova princeza. No de Sacavem deu-se n'esse momento um desastre, ficando mutilados dois marinheiros. Mau presagio logo na sua entrada...

Uma gentilissima filha do sr. conde de Sabugosa passeava um dia n'uma «charrette» que a ex-rainha lhe tinha offerecido. Os cavallos tomaram o freio nos dentes, o carro voltou-se e a pobre senhora morreu da queda. Outra offerta da sr.ª D. Amelia que foi assignalada por uma desgraça:—a d'uma espingarda a um filho do sr. conde de Seisal. Um dia, andando á caça com essa espingarda, o gatilho disparou-se inesperadamente e elle cahiu mortalmente ferido.

E tantos, tantos outros desastres a que o seu nome anda associado! As desgraças a que ella assistiu, as dôres que ella soffreu! Mousinho de Albuquerque, que lhe consagrava uma admiração immensa, metteu-se um dia n'uma carruagem e deu um tiro na cabeça, não faltando quem pretendesse rodear de lenda essa morte mysteriosa, explicando-a como o resultado d'uma paixão pela ex-rainha. A sr.ª condessa de Figueiró, dama da côrte, distincta pela sua formosura e predicados de espirito, era a companheira predilecta da sr.ª D. Amelia. Cegou...

Por fim, a «débacle» final: a morte do marido, do filho, e, pouco depois, o desabar do throno e a fuga precipitada na praia da Ericeira. Os espiritos fracos, que acreditam em sinas más, em presagios agoirentos, não terão razões para dizer que a sr.ª D. Amelia tinha a triste condição de «porte-malheur», espalhando ao seu redor o luto, a desgraça, a morte?

A reforma da policia

Inconvenientes e defeitos que se notam na proposta de lei

A reorganisação da policia civica, pendente do parlamento, constitue assumpto que se não deve largar de mão. Na esperança de que se removam emquanto é tempo, cumpre apontar todos os inconvenientes que caracterisam a respectiva proposta de lei. Isso vamos fazer, dizendo desde já que não comprehendemos as vantagens da centralisação dos serviços de policia no ministerio do interior, onde apenas a segurança politica devia prender as mais solicitas attenções. Admitte-se, com effeito, que aquelle ministerio se occupe de tudo quanto respeita á policia civica como queixas, transgressões, multas, etc.? Percebe alguem que vantagens póde haver em semelhante centralisação?

Outro ponto que merece reparo é a dotação dos serviços antropometricos. Não exaggeraremos classificando-a de miseravel, não o sendo menos a retribuição estipulada aos medicos a cujo cargo devem estar esses serviços e de quem se exige competencia e preparação especiaes, além d'um trabalho permanente. Os vencimentos a que alludimos não estão em harmonia com os dos commissarios de primeira classe.

Quanto ao numero de homens que devem constituir a policia civica, achamol-o simplesmente irrisorio. A reorganisação ou reforma devia prevenir o caso do alargamento do quadro, fixando-o desde já, embora só mais tarde e quando fôsse possivel se levasse á pratica. E' insignificante o numero de guardas destinados a Lisboa, não estando em relação com a população da cidade, como são tambem muito reduzidos os vencimentos dos de segunda classe, —apenas 20 escudos. Na proposta não se talham com tamanha parcimonia os ordenados dos funccionarios policiaes de cathegoria.

Um artigo immoral é o 52. Eil-o:

> O cidadão preso em flagrante delicto por crime a que corresponda processo de policia correccional e que não tenha sido presente ao juiz respectivo até á hora de se encerrar o expediente do tribunal poderá ser logo solto, mediante termo de identidade e residencia e depositando o preparo de 10 escudos na repartição administrativa ou policial pela qual se procedeu á captura.

Este artigo póde vir a ser uma fonte de abusos e tambem de... receitas. A' sombra d'elle não é difficil arranjar dinheiro, desde que vingue a idéa do preparo de 10 escudos... Mas reformar a policia para que continue a ser accusada, e com razão, de façanhas para cujo impedimento foi instituida—é coisa que porventura se perceba e que se tolere?

A mina de multas que é a prostituição mantem-se n'esta reforma da policia, sendo para lastimar que assim succeda. As toleradas continuarão a ser victimas d'aquillo á que se apraz chamar policia sanitaria?

Esperamos, confiadamente, que alguma coisa se faça no sentido de expungir a proposta de lei de tudo quanto n'ella provoca justos reparos. E' preciso que a policia não seja deficiente em numero e em qualidade e que satisfaça plenamente os fins para que se creou. Além das falhas e defeitos que um exame perfunctorio nos permittiu notar, outros existem que uma boa discussão parlamentar salientará, evitando, ao mesmo tempo, a necessidade d'outra reforma a breve trecho da que se vae effectuar.

O presidente eleito

A escolha do dr. Bernardino Machado para a mais alta magistratura da nação tem o melhor acolhimento internacional

Pelo registo que desde o dia 6 vimos fazendo das pessoas que apresentaram os seus cumprimentos ao sr. dr. Bernardino Machado, por motivo da eleição do illustre democrata á presidencia da Republica, é legitimo e lisongeiro verificar que tanto no paiz como além fronteiras a indicação d'esse nome prestigioso de republicano foi acolhido com a mais viva sympathia. E se para nós, portuguezes, o geral acolhimento das nações nos rehabilita nos termos captivantes em que algumas d'ellas, a Inglaterra, a França e o Brazil, proclamam essa eleição, muito especial e particularmente nas sensibilisa por virtude dos laços que unem a Republica portugueza a qualquer d'ellas.

Assim, a imprensa do Reino Unido, por intermedio do seu grande orgão de opinião *The Times*, em seguida á informação telegraphica da eleição presidencial, dizia:

> O dr. Bernardino Machado tem como estadista e politico uma experiencia absolutamente mais cabal e completa, por certo, do que qualquer dos seus actuaes concidadãos. Antigo professor da Universidade de Coimbra, foi eleito deputado sob a monarchia e par do reino por representar as instituições scientificas e de educação e foi durante alguns mezes ministro das obras publicas no reinado de D. Carlos. Sempre energico defensor dos principios liberaes e grande admirador das instituições inglezas, combateu por alguns annos em prol da reforma da monarchia, sobre linhas constitucionaes, mas depressa se convenceu da incuravel corrupção dos partidos rotativos e fez-se republicano. Desde esse momento trabalhou com crescente ardor contra a monarchia cuja queda foi devida mais á sua incansavel propaganda nos comicios e na imprensa do que a qualquer outra acção combativa. Logo após a proclamação da Republica em outubro de 1910, foi feito ministro dos negocios estrangeiros identificando-se no gabinete com a corrente radical que veiu a ter á sua frente o sr. dr. Affonso Costa.
>
> Em 24 de agosto de 1911, approvada a Constituição foi candidato á presidencia o vencido pelo dr. Arriaga. Mais tarde partiu para o Rio de Janeiro, como embaixador, de onde voltou em janeiro de 1914 para substituir na direcção do governo o seu amigo e collega dr. Affonso Costa. Resignou em dezembro do mesmo anno.

Do outro lado do oceano, as manifestações de simpathia são perfeitamente unanimes e a grande republica latina, atravez dos seus jornaes mais conceituados refere-se ao novo chefe de Estado, em termos calorosos que só engrandecem e dignificam a Republica.

As homenagens da imprensa d'esses paizes correspondem a largos impulsos a actos de admiração pessoal pelo cidadão illustre que Portugal vae ter na sua suprema hierarchia social. São innumeras as cartas que o dr. Bernardino Machado tem recebido do estrangeiro, saudado pela sua eleição e, entre ellas, julgamos interessantes destacar a seguinte, que lhe foi dirigida por mr. Angel Marvaud, official do estado maior do exercito francez:

> Rogo-lhe que acceite as minhas respeitosas felicitações por motivo da sua eleição á presidencia da Republica Portugueza.
>
> Ha já alguns annos, por occasião de alguns momentos que teve a amabilidade de me conceder em Lisboa eu desejava no meu foro intimo vêr uma personalidade como a sua tomar em suas mãos a direcção dos negocios do seu bello paiz. Este voto acaba emfim, de se realisar e, a bem dizer, em circumstancias que, quanto a mim, lhe augmentam ainda o valor do significado.
>
> Se ainda se lembra de mim, de certo não ignora os sentimentos de affecto sincero que jámais deixei de manifestar pela livre e gloriosa nação portugueza. Com o mesmo enthusiasmo applaudi a escolha dos seus representantes. Não duvido que sob a sua alta magistratura a Republica luzitana encontrará definitivamente a calma necessaria para continuar a sua marcha no caminho do progresso.
>
> No momento em que a França, lucta, não só pela sua independencia mas tambem pela liberdade do mundo, pelo direito das nações e pelo futuro da civilisação latina, eu saúdo, na sua pessoa, o nobre paiz, filho do nosso, que a ambição germanica egualmente ameaçára.
>
> Ha muito tempo que eu apontei o perigo. O nosso illustre amigo Magalhães Lima poderá repetir-lhe, a este respeito, o que eu lhe dizia n'estes ultimos annos, em Paris. O perigo estava para nós e para vós mais perto ainda do que imaginava, e a experiencia demonstrou desgraçadamente que as ambições teutonicas eram maiores ainda e mais deprovidas de escrupulos do que seria legitimo suppôr-se.
>
> Tudo isso, porém, passou. Não vem longe o dia em que os nossos inimigos, que são os inimigos da humanidade, serão reduzidos á impotencia e obrigados a reconhecer, por si proprios, a sua loucura criminosa. N'esse dia, Portugal estará ao lado da França para se associar ao seu triumpho e para cooperar com ella na grande obra commum.
>
> Creio bem que, por meu lado, quando a paz estiver firmada, poderia voltar ao seu paiz, que muito desejaria tornar a ver.
>
> Entretanto, peço-lhe, senhor presidente, que acceite com os sentimentos de minha alta consideração as expressões de cordeal dedicação.

O sr. dr. Bernardino Machado recebeu tambem de J. Azcarate, deputado e lente da faculdade de direito da universidade de Madrid a seguinte carta:

> MADRID. — Meu querido e illustre amigo: Logo que vi que o meu amigo era um dos candidatos ao cargo de presidente da Republica, de tal modo me persuadi que seria o seu nome o eleito que, quando me chegou a noticia de que o tinha sido, não me produziu surpreza alguma.
>
> Receba, pois, o meu caloroso parabem e não duvide que desejo tanto exito e tão boa sorte, como lhe desejaria se fossem vivos, os nossos inolvidaveis amigos Salmeron e Guiner de los Rios. Abraça-o o affectuoso e sincero amigo. J. Azcarate.

Entre outras visitas de cumprimentos o novo presidente eleito recebeu hoje os representantes do Atheneu Commercial e Academia de Sciencias de Portugal.

A bordo de um navio francez

Descarregador ferido com um tiro

No Barreiro está descarregando adubos um barco francez, empregando-se n'esse serviço uns doze descarregadores, entre os quaes José Maria Pereira, de 45 annos, solteiro, morador na rua da Créche, 5. Hontem, ao terminarem o serviço, os descarregadores pediram licença ao capitão do navio para ali pernoitarem, licença que lhes foi concedida. Mas, cerca da meia noite, o engenheiro machinista birrou com os homens e quiz fazel-os sahir. Levantou-se accesa discussão e um dos tripulantes do navio, indo buscar uma arma caçadeira, desfechou-a para o grupo, indo a carga attingir o Pereira n'um braço.

Hoje, o ferido apresentou-se no hospital de S. José, recolhendo, depois de pensado, á enfermaria n.º 4.

PROTECÇÃO A' INFANCIA

Kermesse no Lumiar

Promovida pela Sociedade Instrucção e Beneficencia José Estevam, com séde na Alameda das Linhas de Torres, 80, realisa-se ámanhã uma kermesse, cujo producto é destinado a auxiliar o custeio da Cantina e balneario, inaugurado pela referida Sociedade no dia 25 do mez findo.

A direcção tem continuado a receber muitas e valiosas prendas para a kermesse e tombola, que funccionarão em uma artistica barraca, construida em estilo rustico por habeis operarios, dedicados socios da benemerita aggremiação.

As festas de ámanhã serão abrilhantadas pela banda da Sociedade Philarmonica Recreio Musical de Loures, que obsequiosamente se prestou a cooperar n'esta obra de caridade.

EM TORNO DA GUERRA

O novo plano do Kaiser

A victoria allemã na Polonia e o que o chanceller disse sobre a paz

Todos os agentes allemães receberam ordem para espalhar entre os alliados e neutraes a ideia da paz. O proprio chanceller trabalha n'esse sentido, como se vê do que escreveu em nome do kaiser, respondendo ao pedido telegraphico que a este fizera a United Press America para que lhe dissesse qual a significação historica que atribue á victoria allemã na Polonia.

Guilherme II, proclama o sr. de Bethmann Hollweg, confia em que esta victoria accelerará o termo da guerra.

«Lamenta Sua Magestade o Imperador, não poder, em obediencia a principios estabelecidos, responder ao seu pedido com uma proclamação pessoal por occasião dos successos dos exercitos reunidos allemão e austro-hungaro.

E visto ter a honra de os avisar d'esta deliberação, devo accrescentar que a Allemanha confia, acima de tudo, em que esta victoria venha apressar o fim da guerra.

Tomo ao mesmo tempo a liberdade de lhes lembrar que o kaiser sempre declarou nas suas proclamações, e ainda na de 31 de julho ultimo, que a Allemanha combatia para alcançar uma paz que lhe assegure e ás potencias que n'esta grande guerra luctam a seu lado as mais sérias garantias de que precisa para uma paz duravel e para o seu futuro nacional.

Para além das fronteiras da Allemanha deverá garantir esta paz, pela qual faremos os maiores esforços, a liberdade dos oceanos para todas as nacionalidades, e proporcionar a cada uma de ellas a possibilidade de servir o progresso e a civilisação por meio do commercio livre e mundial».

Apesar da tirada declamatoria com que fecha o telegramma, a opinião americana nada póde esperar de bom da conclusão da paz nas circumstancias actuaes.

Attrahindo os pacifistas

Este telegramma official corrobora a noticia de propostas de paz recentemente feitas ao czar por intermedio do rei da Dinamarca.

Telegraphou o correspondente do «Daily Mail» em Petrogrado para o seu jornal:

«D'origem absolutamente garantida soube a «Gazeta da Bolsa» que, na semana passada, o imperador Guilherme fez propostas de paz aos russos por intermedio do rei da Dinamarca. A resposta do czar á carta do monarcha dinamarquez foi cathegorica: por emquanto, não se póde tratar da paz.

Tendo-lhe falhado o plano d'esmagamento da França nos primeiros mezes da guerra, a Allemanha mudou de tactica e procura agora por todos os meios riscar a Russia do numero dos seus inimigos, para poder concentrar todas as suas energias contra os alliados do occidente, n'este momento em que elles conseguiram achar-se em circumstancias de lhe causar sérios embaraços.

O que o kaiser espera agora com o ataque sobre os lados do saliente da Polonia é cortar e destruir os exercitos russos que os occupam e reduzir a Russia á impotencia.

Na semana passada, porém, viu claramente que os seus calculos lhe sahiram errados. Graças á opportuna deliberação do commandante em chefe russo, Varsovia foi rapidamente evacuada, e a capital da Polonia vae tornar-se, para os allemães, n'um luxo embaraçoso. Dadas estas circumstancias é natural que o imperador Guilherme empregue os meios para deslumbrar e seduzir a Russia, mas o que é certo é que os termos da proposta não pareceram a esta extremamente magnanimos!

O altivo repudio do seu offerecimento é uma prova da solidez e da constancia da nossa heroica alliada».

Na opinião sempre enevoada do kaiser vermelho, a entrada em Varsovia era um meio d'intimidação que obrigaria a Russia a tratar da paz; mas o czar falava alto e lealmente, a Duma pronunciara-se altiva e corajosamente, e a Russia inteira acclamara as suas palavras. Bem ao contrario do que julgava Guilherme II, a evacuação de Varsovia marca um novo periodo da guerra nacional que vae agora tornar-se mais encarniçada do que nunca.

A diplomacia allemã nunca soube prevêr a formação d'estas correntes de sentimentos.

A decepção allemã

A decepção da Allemanha depois do episodio de Varsovia mostra como é clarividente a opinião popular; segundo diz o «Daily Express», um negociante allemão agora chegado a Amsterdam declarou o seguinte:

«A Allemanha accordou no meio de um sonho ácerca de Varsovia, e o despertar não lhe foi nada agradavel.

«Durante os dois ultimos mezes vieram enganando-nos, dizendo-nos que a tomada de Varsovia poria termo á guerra, e agora lendo os communicados inglezes, francezes e russos em que se declara estar ainda remoto o fim da guerra soffremos uma amarga decepção.

Tinham promettido aos exercitos que, se Varsovia fôsse tomada antes do fim de setembro, não haveria campanha de inverno porque em novembro teria terminado a guerra, e nada ha que mais apavore as tropas allemãs do que a perspectiva d'uma nova campanha de inverno, muito principalmente na Russia. Vêmos agora que a occupação de Varsovia pouco significa sob o ponto de vista militar. Não diminuiu a confiança publica no resultado final, isso não; mas começa-se a reconhecer que só a preço d'enormes sacrificios se poderá obter a victoria.

E foi a isto que chegámos ao termo d'um anno de victorias consecutivas: melhor fôra que uma vez por outra tivessemos sido batidos».

Segundo o sr. Konow, um pintor norueguez que regressou agora da Allemanha, nas classes baixas, no fundo da escala social, o sentimento reinante não é a decepção, é o desespero—occulto sob formulas optimistas d'encommenda.

Mesmo nos meios em contacto intimo com os centros officiaes, ouviu o sr. Konow dizer:

«Bateremos os russos emquanto não tiverem munições, mas depois, resistirão. Além d'isso de que nos serve tomarmos-lhes as fortalezas se a guerra se prolongar ao passo que nós vão minguando os recursos?».

Em outros meios ouviu o sr. Konow phrases como esta:

«Dão-nos duvidar do futuro da Allemanha. E' incerto o dia d'amanhã, de dia para dia augmentam as nossas apprehensões. Para nós, uma victoria parcial é tão prejudicial como uma derrota. Seja qual fôr o resultado da [illegible] a Allemanha não fica em boas condições».

O terror do inverno

E' talvez por sentir esta decepção e ouvir rugir o terror pela campanha de inverno entre o seu povo e os seus exercitos, que o governo se esforça por obter uma paz provisoria cujos fins são evidentes.

Os neutraes são tambem assediados no mesmo sentido. De Amsterdam recebeu o «Daily Telegraph» o telegramma seguinte:

«A «Liga hollandeza contra a guerra» encetou nos Paizes Baixos uma nova propaganda em favor da paz, provavelmente organisada segundo instrucções recebidas do sr. de Jagow.

No entanto posso garantir ao povo inglez que o governo da Hollanda manterá uma attitude leal e correcta para com as potencias da «Entente».

São absolutamente inuteis todas as propagandas n'este sentido; por occasião do anniversario da guerra, os governos francez e inglez fizeram declarações tão cathegoricas como a do governo russo.

A Allemanha reconhecerá que as vantagens obtidas na Polonia apenas serviram para exacerbar o desejo, a necessidade da victoria nos paizes da «Quadrupla Entente».

O seguinte telegramma expedido de Roma dá a impressão italiana:

«Uma das ultimas manobras que ha dias veem executando os agentes allemães é fazer espalhar, mas como em segredo, por pessoas da alta sociedade, dizendo-se bem informadas, que o kaiser e o czar estão em vesperas de se harmonisarem, e que a paz em separado com a Russia é já coisa decidida. Por isso aquelles a quem esta manobra inquietava ficaram satisfeitissimos quando souberam da recusa do imperador Nicolau».

No fundo, Guilherme II, tentando negociar com os seus inimigos, apenas procura negociar com o seu povo. Vê approximar-se a campanha de inverno, e receia o desespero dos seus trabalhadores ruraes, dos seus operarios, o desanimo dos soldados que lhe restam; nas respostas dos governos alliados procura a resposta que dará aos innumeros desgraçados que vão dirigir-se-lhe. Quer poder atirar sobre o inimigo a responsabilidade da continuação da guerra.

Mas que importam estas artimanhas? O mundo inteiro espera pela victoria completa dos alliados para poder viver e trabalhar ao abrigo da tyrannia allemã.

Pelo telegrapho

O novo raid dos zeppelins na costa ingleza

LONDRES, 13. — Dois zeppelins visitaram a costa oriental a noite passada entre as 9,30 e 11,45 da manhã, lançando bombas incendiarias. Foram mortos quatro homens e duas mulheres, e feridos 3 homens, 11 homens e 9 creanças. Todos os homens pertenciam a classe civil. Ficaram seriamente avariadas 14 casas. Os zeppelins foram atacados pelos nossos aviões em varios pontos mas conseguiram escapar. Parece que um d'elles foi avariado pelas nossas peças especiaes.—(*Havas*).

Os russos evacuam outras povoações

PETROGRADO, 13. — Official.— A sudoeste de Mitau rechaçámos as tropas allemãs para além da ribeira de Aa. Nas direcções de Jakobstadt, Dwinsk e Wilkomir continuamos a acossar os inimigos. Em harmonia com a situação geral, evacuámos Sokoloff, Rijedlotz e Lukoff.—(*Havas*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 13.—Official.—No Cadoro houve frequentes ataques e contra-ataques, sendo o inimigo repellido. Expulsámos os inimigos, entrincheirados nas vertentes a oeste de Montepiana. No Isonzo as acções demonstrativas do inimigo foram repellidas facilmente. No Carso, durante uma trovoada, repellimos as acções de surpreza do inimigo.—(*Havas*).

Fabricas allemãs destruidas

PARIS, 14.—Communicado da marinha.—No dia 12 do corrente, depois de previo aviso feito ao *caimacan*, logar-tenente do vizir, e do praso necessario concedido para a evacuação das proximidades, um cruzador francez destruiu a tiros de peça o edificio principal das officinas allemãs de Jaffa, que fabricavam armas, munições e barcos destinados ao ataque do canal de Suez. As casas visinhas não soffreram estrago algum.—(*Havas*).

Os russos contra os turcos

PETROGRADO, 14. — Official — Segundo telegramma do Caucaso repellimos dois ataques no valle de Passin infligindo aos turcos perdas enormes.—(*Havas*).

Uma explosão em Pittsburg

PITTSBURG, 14. — Deu-se uma explosão na fabrica de *schrapnel* da Companhia Westinghouse, ficando mortas duas pessoas e feridas seis. Crê-se que a explosão fosse devida a tentativa criminosa.—(*Havas*).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

VILLEGIATURAS

Encontram-se: em Cascaes, os srs. dr. Filippe de Vilhena e familia, marquezes de Avila e Bolama e condes de Castello Mendo; em Parede, com sua familia, o sr. Sebastião de Carvalho (Chancelleiros); no Luso, a sr.ª condessa de Restello (D. Thereza); em Cintra, na sua residencia da Penha Verde, a sr.ª D. Maria do Patrocinio Barros Lima de Almeida; no Estoril, com sua esposa, o sr. Alvaro Lima.

— Veraneiam na Praia das Maçãs com suas familias os srs.: dr. Belarmino de Almeida, Bessieres, Carlos Pereira, José Santos Mattos, Antonio Garcia de Castro, dr. José Pontes, José Bento da Costa, José Ferreira, dr. Augusto Barreto, Hintze Ribeiro e dr. Martins Grilo.

— Estão em Cintra os srs.: dr. Alves de Sá, dr. Amadeu Infante, Felix da Costa, dr. Manuel Sobral, general Roma du Bocage, coronel Roma Machado, João Franco Castello Branco e respectivas familias; viscondessa de Carvalho, D. Maria Emilia de Sá Brandão Pereira Palha, condessa de Alferrarede, D. Patrocinio Venzeller Palha, dr. Arthur Montenegro, D. Thereza Roma, Sá Carneiro, D. Emilia Viveiros Pereira, Manuel Pereira Junior, general Jayme de Castro e esposa.

—Está em Barcellos a sr.ª D. Maria José da Silva de Menezes Brito do Rio de Sousa (Alcoforado).

— Está na Povoa de Varzim o sr. general Sebastião Mesquita.

— Está na praia da Apulia a sr.ª D. Maria Emilia Cardoso (Castello).

LUTUOSA

Falleceu hoje, de manhã, o sr. Antonio La-Grange e Silva, 1.º official tachygrapho e professor de tachygraphia do Congresso da Republica.

A tachygraphia parlamentar portugueza perde, com o fallecimento de tão illustre funccionario, a sua primeira figura, pois o sr. Antonio La-Grange era, sem desdouro para ninguem, um profissional de muito merecimento, um technico verdadeiramente notavel que nunca encontrava difficuldades perante os mais arduos trabalhos.

Antonio La-Grange, que fôra educado em Paris, era neto de José da Luz Fernandes, que foi tambem professor de tachygraphia da antiga camara dos deputados, e filho de José La-Grange, já fallecido tambem, e que exerceu o cargo de 1.º official da extincta camara electiva.

O funeral do illustre extincto realisa-se amanhã.

— Falleceu a sr.ª D. Joanna Carolina Guimarães Sassetti, cujo funeral se realisa amanhã, sahindo o prestito da egreja da Conceição Nova, pelas 15 horas.

NUN'ALVARES

O heroe de Aljubarrota, em tempos idos, foi venerado em egrejas portuguezas, onde tinha imagens e lampadas. O seu culto, porém, decahiu e desappareceu. Os ossos do Condestavel foram dar á capella particular do patriarcha em S. Vicente, emquanto o seu tumulo ficava nas ruinas do mosteiro carmelita, onde se encontra installado hoje o Muzeu Archeologico.

Os moços da Juventude Catholica resolveram commemorar amanhã o anniversario da batalha em que Nun'Alvares foi a primeira figura. De manhã, ás 9 horas e meia, realisam-se na egreja da Ordem Terceira do Carmo varios actos religiosos, entre elles sermão pelo sr. dr. Agostinho da Motta. A' noite, na séde da Juventude, rua de Santo Antonio dos Capuchos, ás 21 horas, fará uma conferencia o deputado catholico sr. dr. Castro Meyrelles.

ARTISTAS INFANTIS

Os pequenitos que representam no salão da Trindade levaram hontem á scena, pela primeira vez, uma operetta em um acto, imitação de Raphael Ferreira, intitulada «Artistas de verão», com musica do fallecido compositor Junqueiro. A operetta é engraçada e o desempenho dos pequenitos digno de nota. Dois d'elles, sobretudo, Guilhermina Paiva e Octavio Mattos, teem talento e aptidões excepcionaes. E que memoria a de todos elles! Muitos actores, que presumem ser artistas, podiam aprender com aquellas creanças a decorar e a dizer correctamente. O publico applaudiu, enthusiasmado, auctor e interpretes.

DE VIAGEM

Para Entre-os-Rios parte amanhã com sua esposa o senador sr. dr. Pedro Martins.

—Segue brevemente para o norte com sua esposa e filhos o illustre pintor sr. José Velloso Salgado.

— Parte amanhã para Melgaço o sr. Eduardo Ferreira do Amaral.

— Partiu para Thonon-les-Bains, Alta-Sabota, o sr. dr. Balthasar Cabral.

NA AMADORA

A'manhã, nos Recreios Desportivos, Angela Pinto e Carlos Santos, dois artistas de nome, além d'outros, tambem distinctos, dão um espectaculo em cujo programma figuram comedias, cançonetas, monologos e trechos de peças celebres. Os Recreios Desportivos serão o ponto de reunião de todos os que veraneiam na encantadora localidade.

DIPLOMATAS

Na ausencia do embaixador do Brazil, que partiu hoje para a Italia, assumiu a direcção da embaixada como encarregado de negocios o respectivo conselheiro sr. dr. Velloso Rebello.

Sorte Grande

Na Casa Travassos, Rua Poyaes de S. Bento, 57, 59, tambem foi vendida uma boa parte do n.º 3053 que sahiu com a sorte grande de hoje.

A chronica da roubalheira

Arnaldo Marques, morador na rua Maria Andrade, 42, rez-do-chão, queixou-se de que os gatunos, aproveitando a sua ausencia, lhe entraram em casa e furtaram 5 fatos completos, diversas peças de roupa e outros objectos, tudo no valor de 156$50.

Tambem a Agostinho Tavares, dono da mercearia sita na rua do Sacramento, 68, os gatunos subtrahiram durante a noite do seu estabelecimento diversos generos na importancia de 50 escudos.

—Arido d'Albuquerque, morador na rua 1.º de Dezembro, 45, 1.º, apresentou queixa á policia de que na praça dos Restauradores lhe furtaram uma carteira contendo 15 escudos e uma corrente e relogio de ouro, tudo no valor de 55 escudos.

—Foi presa Maria dos Anjos, moradora na rua Silva e Albuquerque, 41, 3.º, a pedido de José Meyrelles, residente no logar do Rosairinho, concelho da Moita, sob a accusa de lhe ter furtado a quantia de 200 escudos, quando esteve em sua casa de visita.

A ASSEMBLEIA POPULAR

Reunião das commissões nomeadas no theatro de S. Carlos

Reuniram hoje pelas 17 horas, na Associação dos Lojistas, as commissões nomeadas no theatro de S. Carlos. Para a commissão de Credito e Cambios ficou eleito presidente o sr. Henrique Taveira e secretarios os srs. Cezar Machado e Matheus Apparicio. Compareceram os srs. Apolinario Pereira, Thomaz Cabreira, Cezar Machado, Carlos Ribeiro Ferreira, dr. Carneiro de Moura, José de Oliveira Soares, Joaquim Soqueira, visconde de Pedralva, José Carlos Rates, Manuel Espinheira e José Martins Santareno.

Esta commissão reune na proxima quarta feira pelas 16 horas na Associação Commercial.

A commissão de materias primas e productos coloniaes, ficou assim composta: Presidente dr. Carneiro de Moura, secretarios os srs. Sergio Principe e Padre Himalaia.

Compareceram os srs. Julio Mario Vianna, Carlos Ribeiro Ferreira, Cesar Machado, Narciso Goupiu de Sousa, Henrique Taveira, José Carlos Rates e Matheus Ruivo.

Esta commissão, reune na quinta feira pelas 17 horas no mesmo local.

Associação de Propaganda Feminista

A direcção da Propaganda Feminista procurou hoje o sr. dr. Theophilo Braga, a fim de lhe entregar um exemplar do folheto que contem as reclamações a favor dos direitos da mulher, apresentadas ultimamente por aquella collectividade ao governo e ao Congresso.

O chefe do Estado acolheu com toda a deferencia a commissão de senhoras que o procurou, affirmando-lhe que commungava tambem nos seus ideaes e fazia votos porque a Republica os realisasse.

PEQUENAS NOTICIAS

A festa de despedida que devia realisar-se amanhã no Asylo Maria Pia ficou transferida para dia ainda não marcado, em virtude de ter sido adiada, por motivo de força maior, a partida dos alumnos no dia 18 para Peniche.

—A' porta do Aljube foi hoje presa pelo agente Joaquim Figueiredo a creada gatuna Beatriz Conceição, ha mezes julgada por fazer parte da quadrilha de que era chefe seu irmão Daniel Rodrigues. Pezam sobre ella varias accusações, andando a policia a investigar. O marido da presa vae entrar na Penitenciaria e tem tambem duas irmãs presas no Aljube.

—Na Morgue deram entrada José Duarte dos Santos, morador no Casal Ventoso, que falleceu em virtude d'uma queda d'um andaime, e Antonio Henriques Delgado, removido da enfermaria da cadeia do Limoeiro, desconhecendo-se a causa da morte.

—Na enfermaria 5 do hospital de S. José deu entrada o menor de 11 annos José Antonio Panasco, morador em Rio Maior, que ali cahiu d'um cavallo, ficando muito contuso pelo corpo. E no banco recebeu curativo Maria da Gloria, de 17 annos, moradora na travessa do Pé de Ferro, 22, que tentou suicidar-se ingerindo gasolina.

Visita á fabrica d'armas

Acompanhado pelos srs. capitão Mathias de Castro, adjunto do gabinete, e tenente Florentino Martins, ajudante de ordens, o sr. Norton de Mattos foi hoje visitar a fabrica de armas, onde chegou pelas 8 horas e meia, de automovel. Era aguardado pelo director da fabrica, tenente-coronel de artilharia sr. Leopoldo Rodrigues, e officiaes ali em serviço, que o companharem na visita ás dependencias da fabrica, que estavam funccionando. O sr. ministro da guerra manifestou desejos de visitar mais detidamente a fabrica, o que não poude fazer por ter de assistir ao conselho de ministros, demorando-se apenas hora e meia.

Aviação militar

Concurso para officiaes aviadores

O *Diario do Governo* deve publicar depois d'amanhã o annuncio de estar aberto, por espaço de 30 dias, o concurso para seis officiaes do exercito ou da armada serem enviados ao estrangeiro a fim de praticarem n'uma escola de aviação.

Estes officiaes perceberão soldo e gratificação da arma e uma ajuda de custo de uma libra em ouro por dia desde a data em que receberem guia para seguirem para o estrangeiro até ao dia em que se apresentarem no ministerio da guerra.

O concurso é aberto nas seguintes condições: os requerimentos devem ser entregues na repartição do gabinete do ministerio da guerra; o concurso terá uma parte documental, que será apreciada pela commissão de aeronautica militar e que dará origem á primeira classificação de caracter provisorio; a outra parte do concurso incidirá sobre a aptidão fisica dos candidatos e será apreciada por uma junta medica, que terá em consideração especialmente o peso, vista, estado do coração e dos orgãos respiratorios. Os candidatos deverão satisfazer ás seguintes condições: ter menos de trinta e cinco annos de edade; obrigar-se a servir durante dois annos no serviço de aeronautica militar, depois de no seu regresso ao paiz terem dado as provas de piloto aviador e piloto aviador militar, as quaes se acham estabelecidas no regulamento de instrucção da escola de aeronautica militar que tem a data de 14 de julho de 1915, a fim de confirmar ou determinar a sua classificação e entrada nas tropas aeronauticas.

São condições de preferencia para a ordem de admissão: declarar que reembolsará o Estado das quantias com elle dispendidas no caso de não obter a carta de piloto internacional, (primeiro grau de aprendizagem); aptidão desportiva; instrucção aeronautica recebida anteriormente; instrucção scientifica ou litteraria recebida anteriormente e menor idade.

A nova questão Hinton

Quando as replicas são como a da ultima e curiosa carta das emprezas coloniaes (Hornung) resta apenas «treplicar por negação, aproveitando as confissões uteis».

A questão agora é entre a firma Hinton e o governo, a quem ella poderá apresentar varios documentos, sendo estes publicados depois se o tornar necessario a firma Hornung, cuja situação em face dos poderes publicos, do paiz e da firma Hinton é peor do que tudo o que se possa imaginar.

Lisboa, 14 de agosto de 1915.

Luiz Alberto de Freitas.

A questão das subsistencias

A commissão encarregada de tratar da questão do peixe reuniu esta tarde no ministerio da marinha com os industriaes de pescarias, a fim de trocar impressões sobre a fórma como deve ser resolvido o assumpto.

Honrando a memoria dos mortos

A manifestação de hoje a um dos combatentes do 14 de maio

Como estava annunciado, realisou-se hoje a manifestação funebre organisada por uma commissão composta do tenente Henrique Gomes, 2.º sargento Barreto Xardoné, 2.º cabo Antonio Pires, soldado José Frazão Ferreira e aprendiz de corneteiro Antonio Ferreira, todos de infantaria n.º 2, em memoria do soldado n.º 388; da 5.ª companhia, Albino Lourenço Duarte, morto a quando do movimento de 14 de maio. A's 17 horas organisou-se o cortejo, que ia assim constituido: á frente a commissão, deputações de cavallaria e infantaria da guarda republicana, de infantaria 1, 5 e 16, de engenharia, de cavallaria 4, de lanceiros 2 e da guarda fiscal; carreta repleta de ramos de flôres naturaes e duas corôas já mettidas em machinetas, sendo uma de rosas de chá, vermelhas e negras, com fitas das cores nacionaes offerecida pelo major Baptista e outra de violetas e lilazes, com fitas roxas offerecida pelo commandante, officiaes, sargentos, equiparados, cabos e soldados de infantaria 2. Atraz da carreta seguiam o irmão do finado sr. Antonio Ferreira, o coronel sr. Gil Ferreira, commandante do regimento, guarda-marinha sr. Balsemão, representando o commandante do corpo de marinheiros, capitão sr. Costa Santos, em nome do general da 1.ª divisão, representantes dos grupos dos atiradores civis e 14 de maio de Belem, officiaes de todos os corpos da guarnição e muitos sargentos de todas as armas. Fechava o cortejo o regimento de infantaria 2, na sua maxima força, sob o commando do major Baptista e a respectiva banda de musica. O cortejo seguiu pelas ruas das Janellas Verdes, do Conde, S. Domingos, Buenos Ayres, Navegantes, largo da Estrella, ruas Domingos Sequeira e Saraiva de Carvalho, chegando ao cemiterio ás 18 horas. Ahi aguardava-o uma deputação de artilharia 1.

Junto da sepultura usaram da palavra o capellão Miguens, alferes Almeida sargento Xardoné e soldado Frazão, todos de infantaria 2, e sargento Santos, da armada, os quaes fizeram o elogio do finado e a sua acção no 14 de maio. Eram quasi 19 horas quando terminou a manifestação.

Explosão de gaz

PORTO, 14—Pelas 18 horas e meia deuse n'um predio da rua do Souto, perto da Sé, uma tremenda explosão de gaz, ficando o edificio muito abalado e feridas gravemente duas creanças, que foram conduzidas ao hospital.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

A beterraba—Novos caminhos de ferro — Orçamento dos estrangeiros

A acta é approvada ás 15 horas e dez minutos, estando presentes 66 deputados. Na presidencia está o sr. Azevedo Coutinho, secretariado pelos srs. Alfredo Soares e Tavares Pereira. Lido o expediente, o sr. Simas Machado requer que o projecto do sr. Levy Marques da Costa ha dias apresentado, sobre cambiaes, seja publicado no diario das sessões. Pede tambem que os protestos que tem suggerido esse projecto sejam enviados ás respectivas commissões. O requerimento é attendido.

Antes da ordem do dia o sr. ministro das finanças manda para a mesa uma proposta de lei prohibindo, durante dois annos, a exportação e reimportação no continente e ilhas adjacentes de beterraba e respectiva semente. A requerimento do sr. Gonçalves Brandão entra immediatamente em discussão o parecer do projecto que concede ao hospital de Villa Real o subsidio de 1.540 escudos para pagamento da contribuição de registo para a compra do extincto collegio de Nossa Senhora do Rosario. O parecer é approvado.

O sr. Barbosa Magalhães justifica e manda para a mesa, um projecto de lei concedendo á Sociedade da Cruz Vermelha um subsidio egual á quantia paga pela mesma sociedade, de registo de compra da casa de saude.

O sr. Ramos da Costa requer que se discuta um projecto que reduz as exigencias que antes se reclamavam aos soldados que se propõem ao posto de cabo. Esse projecto trata tambem da restauração das escolas regimentaes.

O sr. Lucio d'Azevedo requer que se discuta immediatamente uma emendas do Senado ao projecto que alarga o quadro do pessoal dos correios e telegraphos. O requerimento é approvado e a seguir as emendas. O sr. Balthasar Teixeira apresenta um projecto de lei que é assignado por sete democraticos e um evolucionista, auctorisando o governo a contractar com a Caixa Geral de Depositos um emprestimo para a construcção dos seguintes caminhos de ferro: de Villa Viçosa a Elvas; de Extremoz a Castello de Vide e a Portalegre; de Amarante a Mondim de Basto e de Móra a Ruy Vaz. O projecto é approvado depois de sobre elle usar da palavra, dando-lhe o seu appoio o sr. Julio Martins, em nome dos evolucionistas, o sr. Aresta Branco em nome dos unionistas e Costa Junior em nome da minoria socialista.

O sr. Adriano Pimenta manda para a mesa dois projectos de lei, um determinando que a maioria dos membros do conselho de administração das sociedades anonimas seja constituida por portuguezes e outra tornando obrigatoria a letra de cambio nas transacções entre commerciantes.

E' votada a seguir uma emenda do Senado ao projecto de lei que fixa o ordenado de cathegoria dos funccionarios municipaes. N'esta altura, o sr. Mello Barreto manda para a meza uma nota de interpellação ao sr. ministro da instrucção a proposito da exploração do theatro Nacional Almeida Garrett.

Entra-se a seguir na ordem do dia—continuação da discussão do orçamento do ministerio dos negocios estrangeiros. Principia-se pela votação nominal da proposta sobre a verba de 3.750 escudos para o sr. João Chagas. Approvam 65 e regeitam 21.

São votados a seguir os restantes capitulos do orçamento.

Passa-se á discussão do orçamento do ministerio da marinha. Tem a palavra o sr. Leotte do Rego, descrevendo a situação precaria em que se encontra a nossa marinha de guerra, referindo-se a erros que se teem praticado, erros que veem da monarchia e que continuam agora com a Republica. Pede que o problema da nossa defeza naval seja encarada com a devida consideração. Dirigindo-se ao sr. ministro da marinha, mostra-lhe o desejo de que elle acabe com o espirito de rotina que se nota ainda na organisação, e claramente n'algumas repartições para onde devem ser nomeadas pessoas competentes.

Pelo exame que fez ao orçamento viu e estudou o que se poderia fazer em favor do material.

Julga um erro mandar-se construir no estrangeiro, n'este momento, qualquer barco, pois todas as carreiras das nações constructoras estão inhibidas de executar qualquer encommenda. Pede tambem ao ministro que procure affastar do serviço os maus fermentos que provocam a cisania entre a corporação, perturbando a vida d'aquelles que trabalham honestamente. E' preciso tambem proceder contra aquella impresa que de ha tempos vem fazendo uma propaganda nefasta contra o prestigio da armada. Fala com este desassombro quando é certo que todos os dias é ameaçado de morte em cartas anonimas que lhe são enviadas. Refere-se ao caso do vapor *Laura* e á vergonha por que passámos com esse facto, isto porque a bordo d'esse vapor existe um machinista allemão, que continúa ainda a bordo do mesmo barco.

Pede que lhe seja fornecido o resultado do inquerito sobre o afundamento de alguns vapores portuguezes pelos submarinos allemães, reclamando tambem o relatorio sobre o caso de Naulila. O sr. Domingos Cruz sauda o relator e congratula-se com o facto do sr. ministro da marinha ter attendido as reclamações da marinhagem.

Falam ainda os srs. Fernandes Costa e Freitas Ribeiro.

Antes de se encerrar a sessão foi approvado um voto de sentimento pela morte do taquigrapho La-Grange.

O presidente marcou sessão para as 21 horas.

No Senado

Discute-se a questão cerealifera, o reaccionarismo do lyceu Maria Pia e as propostas annexas ao orçamento do ministerio das finanças

Preside á sessão o sr. Antonio José Lourinho que os srs. Paes de Almeida e Lourenço Serro secretariam. Approva-se a acta e lê-se o expediente. Antes da ordem o sr. Paes Abranches usa da palavra para abordar mais uma vez a questão cerealifera. Leu nos jornaes, diz o orador, a informação de que a moagem não tendo farinhas se vê na necessidade de mandar fechar algumas das suas fabricas. Se a moagem não tem farinha é porque não quer. E' porque á frente d'essas emprezas estão verdadeiros reaccionarios inimigos da Republica. Ora n'este caso o que é preciso fazer-se?

O sr. José Maria Pereira tomar conta d'essas fabricas.

Vozes de todos os lados da Camara—Apoiado!

O orador, continuando—Exactamente. E' essa tambem a minha opinião. Dada a má vontade da moagem, se tal se fizer, se o Estado se apoderar legitimamente de taes fabricas logo haverá farinha boa e pão barato. Por isso mesmo dirige ao governo as seguintes perguntas: Tenciona o governo vender á moagem os trigos exoticos a praso? Sendo assim qual o praso que dá á moagem para o pagamento? Finalmente os preços serão ao cambio do dia da venda ou do pagamento?

O sr. dr. Manuel Monteiro está perfeitamente de accordo com as considerações feitas pelo orador precedente. Ha tempo já que a moagem vinha ameaçando na sombra, mas desde esse momento o governo começou tomando medidas tendentes a precaver-se contra taes manejos, indo ao mesmo tempo estudando outras medidas de previdencia que deram depois a proposta de lei apresentada na outra Camara por elle ministro, ali discutida e já approvada e que ha dois dias foi entregue ás commissões do Senado para o respectivo parecer. Como se resolve a questão? Confiando na acção efficaz das relações do Estado com a Manutenção Militar que é uma exemplarissima organisação demonstrativa das altas qualidades administrativas dos homens da Republica..

O Estado conta com ella, confiando na sua acção efficaz para pôr entraves aos manejos criminosos que a moagem vem fazendo e para impedir que ella possa realisar as suas ameaças. Pelo que a moagem diz poderia suppôr-se que nós sômos um paiz sem trigos; que o Alemtejo só produziu este anno um alqueire, e que o Ribatejo não passou de meio moio. Só assim se explicaria o encerramento de fabricas ainda este mez. E para que ameaça a moagem com o encerramento de algumas das suas casas? Para que o governo consinta em mais importação de trigo exotico que ella açambarcaria, vindo depois com o trigo nacional que ao contrario do que a moagem affirma ha e com abundancia, e que assim seria vendido um e outro pelo preço que lhes appetecesse. Ora o Estado está na firme resolução de ir buscar o trigo nacional onde elle esteja. (Muitos apoiados de todos os lados da Camara). O Estado não pode estar á mercê dos exploradores. Claro que esta questão ha de ser resolvida pelo governo a contento do consumidor e respeitando os interesses que forem legitimos dos industriaes. Paraisso apresentou hontem na outra Camara propostas onde se incluem as medidas impeditivas de taes explorações. Contra isso estamos pois salvaguardados. E sobre as tres perguntas concretas do sr. Paes Abranches dirá apenas que a ellas respondeu cabalmente na sua proposta de lei já approvada na outra Camara.

O sr. Paes Abranches agradece e espera que as promessas e os desejos do sr. ministro se realisem. De caminho envia para a mesa um projecto onde se determina que as sessões dos senados municipaes sejam quatro vezes por anno e não oito.

O sr. Paes Gomes chama a attenção do sr. ministro da instrucção é pede providencias para o facto da camara municipal de Vizeu, ter ao que lhe consta, deliberado não pagar as rendas de casa das escolas masculina e feminina de Loureiro, freguezia de Silgueiros. O facto é tanto mais estranho quanto se não trata d'uma verba que possa desequilibrar o orçamento d'essa camara.

O sr. Agostinho Fortes manda para a mesa a seguinte proposta de lei:

Proponho que seja sustada a execução do decreto n.º 1802, de agosto de 1915, dado em 24 de julho do mesmo anno e publicado no «Diario do Governo» de 7 de agosto de 1915, ácerca do curso especial de educação feminina annexo ao lyceu Maria Pia, até que o parlamento da Republica sobre o assumpto se manifeste. Sala das sessões do Senado, 14 de agosto de 1915. O senador pelo districto de Aveiro (a) Agostinho José Fortes.

A justificar esta proposta o sr. Agostinho Fortes alonga-se em considerações declarando que o lyceu Maria Pia é um foco de reaccionarismo a tal ponto que algumas das professoras quando ali foi o sr. presidente da Republica traziam ostensivamente berloques de cinco réis com o retrato de D. Manuel e que se chega ali ao cumulo de varias professoras fazerem ás alumnas uma especie de exame das suas ideias politicas! Olhe-se pois para isto se queremos salvar a Republica.

O sr. Estevam de Vasconcellos pergunta ao sr. ministro da instrucção por que razão o sr. dr. Sousa Junior não foi ainda demittido do seu logar de professor da faculdade de medicina do Porto, tendo sido nomeado director geral da Estatistica?

O sr. dr. Lopes Martins diz que tal falta se dá por estar pendente do Supremo Tribunal Administrativo um recurso interposto pelo sr. dr. Leão Azedo que se julga preterido pela nomeação do sr. Sousa Junior na direcção geral de Estatistica. Aguarda-se, pois, a decisão do Supremo para proceder como de justiça. Deve no emtanto declarar em homenagem á justiça e para evitar especulações que o sr. dr. Sousa Junior desde a sua nomeação que deixou de receber pela faculdade de medicina.

Entra-se seguidamente na ordem do dia—orçamento do ministerio das finanças (propostas annexas).

Sobre o assumpto falam os srs. Pedro Martins, Sousa Junior, ministro das finanças, Paes Gomes, Herculano Galhardo e Silva Barreto ficando apenas votado até ao artigo 3.º da proposta ministerial.

Antes de encerrar a sessão o sr. José Maria Pereira pergunta se a Manutenção Militar compra todo o trigo que os agricultores apresentem.

O sr. Vasconcellos Dias responde que a Manutenção Militar compra a immediato pagamento todo o trigo mole e rijo cuja requisição lhe seja proposta. A proposta de venda que pode ser uma simples carta commercial deve ser acompanhada da amostra de cereal para determinação de peso espicifico e consequente fixação de preço, amostra cujo peso não deve ser inferior a 1200 grammas. Segunda-feira sessão á hora regimental.

Cafés d'Angola

Devendo entrar brevemente em vigor o decreto que manda applicar a taxa de 25 0/0 aos cafés sujos de Angola e 5 0/0 aos mesmos cafés limpos, os commerciantes d'aquella provincia procuraram hoje o sr. ministro das colonias de quem solicitaram que suspendesse a execução do decreto na parte que se refere aos 25 0/0, visto que, devido á guerra, não puderam adquirir as machinas para limpar o café.

O sr. Rodrigues Gaspar prometteu interessar-se pelo assumpto, visto não estar devendente da sua pasta.

A grande guerra

Operações no theatro oriental

LONDRES, 13. — Summario do communicado official russo:

Na região de Riga depois de rija lucta e de combates corpo a corpo repellimos o inimigo apezar de elle estar appoiado pela artilharia de grosso calibre. O mesmo succedeu na direcção de Jaccobstad, Davinsk e Wilkomir, onde os allemães estão novamente retirando perseguidos pelas nossas tropas e deixando em nosso poder cerca de 100 prisioneiros e varias metralhadoras, munições de guerra e de bocca. Continuamos a acossal-o, tendo muitas vezes de o expulsar das posições á baioneta. Ao norte de Wilkomir chegámos até Kovarsk Toviady que occupámos no dia 11 fazendo alguns prisioneiros.

Em Kovno os allemães continuam no seu assalto. Nos contra ataques feitos pela guarnição foram completamente varridos trez batalhões allemães. Desde o dia 10 os allemães teem estado sob uma firme pressão que os obriga a recuar, excepto proximo de Godlevo, onde um tremendo duello de artilharia está furiosamente travado. Na região de Narew-Bug os allemães continuam persistentes na offensiva, mas as nossas tropas teem sido reforçadas e a contra offensiva foi emprehendida na direcção do sul.

Na direcção de Lublin foram repellidos muitos e energicos ataques allemães, procedidas de nuvens de gazes asphixiantes. O inimigo teve n'estes ataques perdas gigantescas, especialmente a leste de Ostrow onde os allemães deixaram enormes montões de corpos em frente das nossas linhas.

Na região do Dniester os austriacos fizeram ataques no dia 9 e 10, empregando ballas explosivas. Os ataques, porém, malograram-se.

Um communicado especial referente ao combate em Kovno diz que no dia 8, pouco depois da meia noite, a artilharia de sitio inimiga começou a bombardear com toda a especie de peças até á de 16 pollegadas. Este bombardeamento durou duas horas, respondendo-lhe a nossa artilharia pesada. Cerca das trez horas da manhã as columnas de assalto allemãs avançaram em formação cerrada para o ataque. A's cinco horas da manhã, devido ao nosso fogo concentrado, ás minas e aos aguerridos contra ataques, o inimigo foi repellido com enormes perdas para alguns barrancos onde elle se prepara corajosamente para novo ataque. Ao meio dia o fogo da artilharia inimiga augmentou com terrivel intensidade, mas a sua prolongada e destruidora tempestade de fogo não abalou as nossas tropas apezar de se prolongar por todo o dia. Ao anoitecer a columna inimiga, que se tinha estado concentrando, lançou-se no assalto, que durou duas horas. Os allemães conseguiram tomar parte das nossas trincheiras que elles varreram com o fogo da sua artilharia, mas graças ao heroico esforço de uma parte das nossas reservas o inimigo foi d'ali expulso. O resultado d'esse dia de combate foi não terem os allemães ganho nenhum terreno.—*Informação recebida na legação britannica em Lisboa*).

O movimento nos portos britannicos

LONDRES, 13. — O almirantado britannico annuncia que durante os oito dias terminados em 11 do corrente entraram ou sahiram dos portos do Reino Unido 1390 navios. D'estes foram afundados por submarinos dois, cuja tonelagem total é de 5370 toneladas. Foram tambem afundados 17 navios de pesca cuja tonelagem total representa 1270 toneladas.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

A lucta nos Dardanellos

PARIS, 14.—Communicação official.—Nos Dardanellos forças britannicas teem desde 6 de agosto operado desembarques com successo na região da bahia de Suvla e realisado progressos mais para o sul na região de Gaba Tepe, onde, após violentos combates conseguiram estabelecer-se nas vertentes do massiço de Sari Bair, fazendo mais de 650 prisioneiros e apoderando-se de 9 metralhadoras. As operações continuam a desenvolver-se n'este ponto.

Ao sul da peninsula as tentativas turcas para romper as nossas linhas teem todas fracassado. No dia 7 realisámos ligeiros progressos. Desde esta data a acção diante da linha franceza tem consistido sobretudo n'uma lucta de artilharia com assignalada vantagem para as nossas baterias.—(Havas).

Ataques e contra ataques na frente occidental

PARIS, 14. — Communicação official.—Em Artois, ao norte do Castello de Carleul e em redor da estação de Souchez houve lucta á granada e com petardos durante uma parte da noite. Na Argonne o inimigo pronunciou á noite um ataque a toda a linha do sector «Maria Thereza», mas foi repellido em toda a parte pelo nosso fogo e soffreu perdas sensiveis. Um novo ataque allemão levado a effeito ao fim da noite, mas conduzido com menos violencia foi detido rapidamente. A noite decorreu tranquilla no resto da linha.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

A Liga Liberal de Lourenço Marques telegraphou para Lisboa, dizendo que a população republicana, sem distincção partidaria, *reclama a immediata* sahida do commissario de policia sr. Sousa Araujo e inspector de finanças sr. Costa Lobo, por serem inimigos do regimen.

—O governador civil de Leiria, sr. João Salema, procurou hoje o sr. ministro do fomento para tratar da questão das limas, no sentido de não ser concedida a patente para o seu fabrico por meio mechanico. Tambem uma commissão de assentadores de via dos caminhos de ferro do Sul e Sueste procurou o sr. dr. Manuel Monteiro para tratar de assumptos de interesse da classe. Foram attendidos pelo chefe do gabinete sr. João Palma.

—O administrador do concelho de Oeiras sr. José Henriques Coelho apresentou hoje ao sr. ministro do interior uma commissão de representantes da camara municipal, juntas de parochia e commissões politicas d'aquelle concelho, que pediu a creação de um posto da guarda republicana em Algés, a fim de attender as reclamações devidas á falta de policiamento visto a enorme concorrencia que ali ha. O sr. dr. Ferreira da Silva vae consultar o commandante da guarda sobre o assumpto.

—O conselho de ministros, reunido hoje de manhã no ministerio da marinha, occupou-se de assumptos de administração geral, melhoramentos no Arsenal da marinha, encalhe do cruzador «Republica» e do transporte de gados das ilhas para o continente.

—A pedido da commissão de funccionarios que representam a corporação dos correios e telegraphos, o senador sr. Herculano Galhardo vae apresentar uma emenda ao projecto de lei sobre aposentações, resalvando os direitos de esses funccionarios.

NO PORTO

A gréve tipographica

tende a aggravar-se, não sahindo ainda amanhã os jornaes

PORTO, 14.—O conflicto entre graphicos e industriaes parece tender a aggravar-se, em vez de se solucionar, pelo que os jornaes não sahirão ainda amanhã.

A reunião que se tinha combinado para hoje entre delegados dos industriaes e dos graphicos não se realisou, porque aquelles declararam ao governador civil nada quererem com os grévistas, de quem estão recebendo constantes aggravos.

Os industriaes de obras dizem que os seus graphicos sabem muito bem que elles estão luctando com uma tremenda crise e os de jornaes allegam por seu turno que os tipographos conhecem tambem o facto de, depois de estabelecido o regimen das 8 horas, ficarem de fóra muitos annuncios, por falta de tempo para dar 8 paginas.

A's 16 horas uma grande commissão esteve no governo civil e os directores dos jornaes reuniram no Centro Commercial.

Ao que parece, os industriaes concordam com a classificação de insalubre da sua industria, mas não com a limitação de horas de trabalho.

Os grévistas pretenderam reunir na Associação dos Carpinteiros, mas a policia não lh'o consentiu. Dirigindo-se para a séde da Liga, ahi a discussão foi acalorada, declarando alguns oradores que a auctoridade os pretende arrastar para o caminho da violencia.

Sport

Desafio de foot-ball

O Atheneu Commercial de Lisboa, a fim de dar maior desenvolvimento ao ramo da cultura phisica, acaba de fazer acquisição de um campo para jogos, sito na estrada de Palhavã, 28. Para amanhã marcou a estreia d'esse campo com um desafio de *foot-ball*, que se realisa, pelas 17 horas, entre o grupo do Atheneu e o Spor Lisboa e Seixal.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 7/16	35 5/16
Londres, 90 d/v.	36	—
Paris, cheque	$73,2	$74
Allemanha, cheque	$28,1	$29
Hollanda, cheque	$56,5	$57,8
Madrid, cheque	1$35,5	1$36,5
New York	1$41	1$42,5
Rio s/Londres	12 5/16	—
Libras	6$92	7$00
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,05	—
» » 500$	40,05	—
» » 100$	40,05	—

Obrigação de Estado: 3 0/0 1905, 9$40; 5 0/0 1909, 80$20.

Externas: 3.ª serie 74$60.

Acções: Assucar 39$80; C. N. dos C. de Ferro, 4$20; Moagem (nova) 67$; Phosphoros, nomin. 56$10.

Obrigações: Aguas, assent. 81$; Norte e Leste, 1.º grau, 72$30; C. de Ferro de Benguella, 77$.

SPORT

Um domingo de sport, o de amanhã

O Club Naval de Lisboa

organisa a sua melhor festa de natação, com a assistencia do sr. presidente da Republica e ministerio

O Club Naval de Lisboa, fundado em 1892, organisa ámanhã a terceira festa official para que foram convidados o sr. presidente da Republica, ministerio, congresso da Republica, camara municipal de Lisboa e officialidade de terra e mar.

O programma é o seguinte: Natação: A's 15 horas, visita official do sr. presidente da Republica e ministros; ás 15,30, corrida de 500 metros, praças da armada, premios offerecidos pelo ministerio da marinha, primeiro premio, 5$00, segundo premio, 3$00, terceiro premio, 2$00; ás 16, corrida de 500 metros, «juniors» do Club Naval, primeiro premio, medalha de «vermeil», segundo premio, medalha de prata, terceiro premio, medalha de cobre; ás 16,30, corrida de 250 metros, Escoteiros de Portugal, primeiro premio, medalha de prata, segundo premio, medalha de cobre, terceiro premio, medalha de cobre; ás 17, corrida de 250 metros, principiantes do Club Naval, primeiro premio, medalha de prata, segundo premio, medalha de cobre, terceiro premio, medalha de cobre; ás 17,30, campeonato de 500 metros, taça «Luiz de Camões», offerecida pela Sociedade de Geographia de Lisboa, primeiro premio, medalhas de «vermeil», segundo premio, medalhas de prata; ás 18,30, corrida de 500 metros, praças do exercito, premios offerecidos pelo ministerio da guerra, primeiro premio, 15$00 escudos; segundo, 12$00; terceiro, 10$00; quarto, 8$00; quinto, 5$00; ás 19, «match» de water-polo entre dois «teams» de nadadores do Club Naval, taça «Luiz de Camões», por «équipes», Gymnasio Club Portuguez, (barretes brancos com estrella amarella), João Formosinho Sanches Simões, Antonio Vieira Caldas, Antonio Affonso de Pala, Manuel Correia e Eduardo Cesar de Jesus; Sport Algés e Dafundo, (barretes branco e verde), Rodrigo Bessoni Bastos, João Duarte Holbeche, Manuel Moniz, Fernando Costa Duarte, José Ferreira; Club Internacional de Foot-ball, (barretes preto e branco), Carlos Sobral, Boaventura Bello, Duarte Bello, Frederico Soares e Henrique Galvão; Club Naval de Lisboa, (barretes encarnado e preto), Manuel Ryder da Costa, Arnold Stocker, Joaquim Oliveira Duarte, Carlos Moura e Thomaz d'Aquino.

O jury para a taça «Luiz de Camões» é assim formado: presidente, capitão de mar e guerra Ernesto de Vasconcellos, secretario perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa; arbitro, Alvaro de Lacerda; chronometrista, C. Miramon. Juizes de partida, Arthur Consolado (C. N. L.), Albano Pimenta Araujo (S. A. D.), Antonio Salgueiro (C. I. F.), Dario Canas (G. C. P.); vogaes, Carlos Testa (S. A. D.), Placido Duro (C. I. F.), dr. Carlos Granha (G. C. P.), João Wan-Zeller Pessoa (C. N. L.). Jury da prova militar: presidente, commandante da divisão naval, sr. Leotte do Rego; vogaes, officiaes da armada e do exercito que acompanhem as praças.

No Campo de Sete Rios

effectua-se o beneficio dos constructores d'um aeroplano portuguez

Deve ser brilhante a festa que ámanhã se realisa no Campo do Sport Lisboa e Bemfica, em Sete-Rios, promovida com o fim de ser applicado o seu producto ao acabamento d'um novo aeroplano de cuja invenção cabe a honra a dois portuguezes, que o teem construido com a exclusiva applicação da industria nacional.

O novo apparelho é, pois, duplamente interessante pela sua novidade e por ser obra exclusivamente portugueza, em que, desde a peça mais importante á mais infima, tudo é nacional em material e manufactura.

E isto ha de o povo de Lisboa admirar com os seus proprios olhos se, como é de esperar, concorrer á patriotica festa a prestar-lhe o seu auxilio, pois que o aeroplano encontrar-se-ha exposto no campo como parte que faz do importante programma.

A festa é ainda organisada com esplendidos numeros, por alguns dos melhores homens do nosso «sport», entre os quaes figuram Bazilio d'Oliveira, que, com o campeão americano Mac Closkey fará uma demonstração de «box», que já se antevê digna dos seus executantes, José da Silva Ruivo e Placido Monteiro, campeão de peso «leve», n'um outro combate de «box», e o celebre «Dentes d'Aço», João d'Azevedo que executará os seus phenomenaes exercicios, offerecendo 100 escudos a quem com elle competir.

Varios outros numeros desempenhados por amadores d'um dos nossos melhores clubs sportivos preencherão o resto do programma, que, por tudo, resultará brilhante.

Apontaremos que os promotores dedicam ao exercito e armada a sua festa como publica homenagem ás duas briosas classes.

Nos Recreios d'Amadora

Continúa o torneio de «tennis» e effectuam-se sessões de patinagem

Os Recreios Desportivos da Amadora continuam a chamar á linda povoação arribaldina uma concorrencia extraordinaria pelos attractivos continuos que ao publico e aos associados offerece a sua incançavel direcção.

Para ámanhã está marcado das 6 horas da manhã em deante a continuação do campeonato de «tennis» para a disputa de uma rica taça de prata e duas medalhas de ouro destinadas aos vencedores do torneio.

Na patinagem ha as costumadas sessões elegantes, começando a da tarde ás 2 horas e a da noite ás 8 horas. E' de esperar que no elegante cimento se reunam hoje os nossos mais distinctos patinadores.

No Salão de Festas realisa-se ás 9 horas da noite um grande espectaculo, em que tomam parte Angela Pinto, Carlos dos Santos e outros artistas do theatro Nacional. Ha grande enthusiasmo por esta recita em que a talentosa actriz Angela Pinto interpreta o papel de Hamlet no ultimo quadro da celebre tragedia de Shakespeare. O programma é dos mais completos que nos nossos theatros se teem representado.

Noticias

ENTRE NOS

Pedem-nos a publicação das seguintes cartas:

Sr. redactor sportivo do jornal *A Capital*.—Na minha qualidade de vice-presidente do Congresso extraordinadio da União Velocipedica Portugueza, realisado em 30 de julho ultimo e consoante a deliberação tomada pela mesma assembleia, cumpre-me tornar publico que o assumpto versado na carta publicada, pelo sr. Carlos dos Santos Neves na interessante secção sportiva do seu muito lido jornal, em 8 de aquelle mez, foi ampla e correctamente debatido no referido Congresso, o qual, em attenção aos interesses da U. V. P. e em holocausto á solidariedade unionista resolveu encerrar o debate liquidando o incidente com honra para todas as partes n'elle envolvidas. Muito grato fica a v. pela publicação d'esta carta o que se subscreve com particular estima.—De v., etc.,—*Francisco Cordeiro.*

Sr. redactor.—Para evitar más interpretações que á minha carta publicada na «Capital» do dia 8 de julho p. p., ainda possam ser dadas depois do que ficou esclarecido no Congresso da U. V. P. realisado no dia 30 do mesmo mez, o das razões que pela actual direcção me foram expostas em uma reunião a que assisti, cumpre-me declarar que na citada carta não tentava alvejar nenhum dos membros da actual direcção d'aquella Federação, aos quaes presto a inteira homenagem a que teem direito, e que publicaram a acta a que alludi tal qual o seu ex-secretario Jh'a apresentou e justificou com motivos d'alto interesse para a alludida Federação, dos quaes pena foi eu não tivesse sido elucidado porque d'essa fórma se não teria dado tal incidente.

Por esta occasião faço votos para que a actual direcção prosiga no caminho digno e honroso com que liquidou este assumpto, procedendo de egual fórma para com outros ainda por sanar com o que só terá a lucrar o prestigio que assim adquiriu. Agradecendo, etc.—*Carlos Neves.*

Aduaneiros de Portugal

Encarregaram os adueiros de Portugal o sr. José do Carmo Silva Dias, tenente de artilharia da costa, de dirigir superiormente o movimento do aduarismo no sul do paiz até á formação da delegação da junta directora do aduarismo em Lisboa.

—Segundo informações recebidas na junta directora, por intermedio do consulado de Hespanha no Porto, já foi entregue em Madrid, ao sr. duque de Tamames, a lembrança que os adueiros de Portugal enviaram a seus irmãos, os exploradores de Hespanha.

Festas associativas

No Grupo Dramatico Lisbonense ha ámanhã baile promovido pela commissão da aula de dança.

Cruz Vermelha

Subscripção patriotica

Para esta subscripção foi recebida do consulado geral de Portugal no Rio de Janeiro, poducto liquido de um festival realisado n'aquella cidade, em 6 de fevereiro ultimo, pelo Club Gymnastico Portuguez, 1:124$50, ficando portanto elevado o total a 29:822$83.

A Cruz Vermelha recebeu tambem do director do deposito da provedoria central da Assistencia de Lisboa 52 camisolas, 82 pares de peugas, 2 pares de ceroulas, 3 duzias de caixas com graxa, 14 ligaduras de linho, 3 massos de fios de linho, 1 par de calças de cotim e 1 camisa, offerta da junta de parochia de S. Vicente d'esta cidade.

TOURADAS

FIGUEIRA DA FOZ, 13.—Como noticiámos, realisa-se depois d'ámanhã no Colyseu Figueirense a primeira corrida da epocha, na qual tomam parte a cavallo os Casimiros e a pé Theodoro, Cadete, Thomé, Daniel, Custodio e Malagueño, lidando-se touros do lavrador Vaz Monteiro, do Carregado, havendo comboios a preços reduzidos, que principiam hoje, nas linhas da Companhia Portugueza, Beira Alta e Vizeu.

Academia Recreio Artistico

Distribuição de fatos e calçado

Commemorando o seu 60.º anniversario, continuam ámanhã na Academia Recreio Artistico, da rua dos Fanqueiros, as festas que se teem vindo effectuando desde o principio do mez.

A d'ámanhã, porém, excederá em brilho as anteriores, visto que se realisará uma sessão solemne ás 13 horas, para a distribuição de fato e calçado a vinte creanças, acto com que a direcção entendeu dever celebrar o anniversario da longa vida da florescente collectividade.

A' noite haverá recita e baile.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A medicina contemporanea»

O ultimo numero d'esta revista é consagrado ao estudo das nossas aguas mineromedicinaes, trazendo interessantes artigos dos srs. drs. Bello Moraes, Oliveira Luzes e Antonio de Azevedo.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 13.—O sr. Francisco Jorge, emprezario das carreiras de automoveis entre esta cidade e algumas das mais importantes povoações da Beira Alta, tenciona estabelecer carreiras especiaes entre Coimbra e Arganil, por occasião das feiras de Monte Alto, que ali se realisa nos principios de setembro.

—Consta que um grupo de bachareis de 1905, que tomou parte no «enterro do grau», pensa em promover brevemente n'esta cidade uma festa burlesca que se denominará: «Exhumação do grau, para logar mais seguro e pratico».

—Devem concluir ámanhã na Universidade, os exames da presente epocha.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Agulha em palheiro.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Damas Viennenses.

Ao correr da penna

Hontem chamei de parte um rapazinho que se metteu ha pouco a actor e disse-lhe com o coração nas mãos:

—O senhor está a tempo para arrepiar caminho. Deixe-se d'isto e vá aprender um officio. A arte dramatica nada perderá e o meu amigo ganhará muito moralmente. Porque v. imagina que tem uma profissão, que trabalha... Engano. Tem uma occupação apenas e não deixa por isso de ser um vadio. O trabalho implica esforço, creação, impulso mental ou muscular. E eu tenho-o observado. O sr. não passará nunca de ser um d'estes actores mediocres, moinhos de palavras, que sem gosto nem talento irá repetindo palavras que um ponto lhe sopra e movimentos que um ensaiador lhe indica. Os actores de talento, esses, sim, trabalham porque criam. Os senhores, que veem ao ensaio, pegam n'um papel, leem-no, sabem e mettem-no no bolso até ao dia seguinte, que na noite da representação o realisam sem destaque, como Maria que vae com as outras, os senhores não trabalham, occupam-se. Fazem isso como poderiam abrir portas de trens ou distribuir prospectos parados a uma esquina. E se é nobre ganhar o pão agarrado a uma enxada, ganhar o pão agarrado a uma enxada, ganhal-o assim é quasi torpe. Siga o meu conselho, meu amigo. Deixe-se d'isso. Nobilite de qualquer fórma a sua existencia. Só então comprehenderá porque é que tanta gente encolhe os hombros quando o apontam na rua e se diz:—«Aquelle é actor!»

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Publicou-se o numero 12 do Album Theatral. Insere um retrato de Luz Velloso acompanhado de quatro sonetos de Avelino de Sousa.

—A distribuição do 5.º quadro da revista «Não desfazendo...» que sóbe á scena no Politeama no proximo dia 20 é a seguinte: «Brandura», Maria Pia; «Formiga», Gomes; «A terra portugueza», Jesuina Motilli; «1.ª vindimadora», Sallaty; «2.ª vindimadora», Fernanda d'Almeida; «Vinho do Norte», Isaura d'Almeida; «Vinho do Sul», Corte Real; «O trinca fortes», Holbeche Bastos; «O Nariz de Folha», Motilli; «A Republica», Dolores; «Affonso», Gil Ferreira; «Almeida», Tristão; «Brito», Henriques; «Sessão solemne», Julia de Assumpção; «Mensagem», Antonia Mendes; «Viva», Elvira Costa; «Jantar de congratulação», Luciano de Castro; «A mulher», Flora Vaz; «O gordo», Othelo de Carvalho; «O magro», Clemente Pinto; «o velho», Sarmento; «O novo», Corte Real.

Noticias

Entre nós

E' hoje que no Colyseu dos Recreios se estreia a companhia Granieri com a linda operetta «As damas viennenses», musica de Franz Lehar. De novo voltamos a ouvir a linda voz de Fernanda Razzoli, que o nosso publico tanto estima; a grande actriz-cantora Annita Patrizi, que de novo nos deliciará com a sua voz e novamente teremos occasião de applaudir Granieri e Marchetti, dois artistas de grande merito. Anceta Vilani e Ettore Razzoli fazem tambem parte do «elenco», o que deve causar satisfação a quantos teem applaudido os dois correctos artistas.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio e Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

PASSEIOS E EXCURSÕES

A Mafra e Ericeira

O Grupo dos Bem Entendidos realisa ámanhã o seu passeio annual a Mafra e Ericeira, sahindo os excursionistas em camions vistosamente ornamentados, ás 4 horas e meia da manhã, do largo do Terreirinho. O almoço é em Mafra e o jantar na Ericeira.

Jantares-concertos

Os jantares concertos no luxuoso Casino de S. José de Ribamar continuam extraordinariamente concorridos. Esplendida musica, magnifico «menu» e para terminar, exhibição no elegante palco-terrasse de varios numeros de variedades, tal o programma de ámanhã, que publicamos na secção respectiva e para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3053 ...... 12:000$
3087 ...... 1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
3512	400$	2793	100$
374	200$	3665	100$
3073	200$	3725	100$
6138	200$	4684	100$
126	100$	6979	100$
1030	100$	7336	100$
1919	100$	7608	100$
2443	100$	7632	100$
2628	100$	7778	100$

JANTAR CONCERTO

E' positivamente o Casino de S. José de Ribamar, em Algés, o ponto predilecto de reunião de toda a nossa sociedade elegante. Todas as noites ali convergem centenas de pessoas, onde se vão deliciar da bella musica executada pelo magnifico concerto e saborear os primorosos jantares confeccionados a capricho.

O *menu* do jantar concerto de amanhã consta do seguinte:

Potage
Creme de ble vert
Poisson
Filets de turbotin sauce crevette
Entrée
Aloyau jardiniere
Legumes
Epinards á la creme
Roti
Dindonneau au Cresson
Salade de laitue
Entremets
Glace au chocolat
Patisserie variée

PROGRAMMA DO CONCERTO

I PARTE

I—*Preciosa*, ouverture. . . Weber
II—*Phaëton* . . . . Saint-Saens
III—*D. Cesar de Bazan* . . . Massenet
IV—*Tosca*, selection . . . . Puccini

II PARTE

I—*Marselheze*, selection . . Caballero
II—*Danse hongroise* . . . . P. Gynlatol
III—*Improviso*, valsa . . . . F. Rodrigues
IV—*La fête du negre*. . . . . Lincke

No elegante palco terrasse exhibir-se-hão varios numeros de variedades, cantando mais uma vez a insigne cantora de grande voz Magda Kerner e os Hermanos Beosono.

Movimento maritimo

Bordeus, «Liger» (Brazil)	15
Liverpool, «Anselm» (Pará)	16
Madeira e Canarias, «Ardeala» (Liv.)	17
Afr. oriental, v. S. Thomé, etc. «Beira»	18
Afr. oriental, «Clan Ross» (Liverpool)	18
Afr. oriental, «Malatian» (Liverpool)	18
R. Jan., S. e R. Pr., «Demerara» (Liv.)	19

fronte. Cêrca de meio milhão de homens cobria uma linha que media agora perto de noventa e seis kilometros. O ataque seria apoiado por uma grande porção de artilharia e umas 50.000 metralhadoras com que os allemães haviam entrado na guerra.

No dia 29 o duque de Wurtemberg tinha dez ou onze divisões de infantaria espalhadas pelo Yser. A grande lucta para a posse de Nieuport, Ramscappelle, Pervyse e Dixmude estava proxima do seu auge.

Ao sul de Dixmude, para alliviar o ataque contra os marinheiros de Ronarc'h e os belgas, os francezes por seu turno atravessaram o canal Yperlee na ponte Nordschoote e avançaram sobre Luyghem e Mercken. Avançaram tambem de Bixschoote a leste para Passchendaele.

Os allemães, tendo interceptado uma communicação em que sir Douglas Haig era prevenido d'esses movimentos, atacaram com violencia ao romper do dia o primeiro corpo. A lucta durou até ao anoitecer. Os allemães tentaram romper o centro do primeiro corpo e tomar o ponto—quasi dois kilometros a leste de Gheluvelt—onde se cruzam as estradas de Wervicq-Westroosebeke e a de Menin a Ypres. O 2.º regimento de York (21.ª brigada d'infantaria), ao que se suppõe por ordem d'um official allemão disfarçado em official inglez, retirou de subito das suas trincheiras nos bosques na direcção da estrada Gheluvelt-Menin, exactamente quando o 2.º de Highlanders Gordon estava avançando proximo de Gheluvelt.

Vendo que o seu flanco ficava exposto em virtude da retirada do Yorks, os Gordon pararam e recuaram para a estrada de Gheluvelt. Foi uma das situações que se dão na guerra e que podem terminar por um panico.

Emquanto avançava a galope para impedir que os Gordon continuassem a retirar, o general Watts mandou por Underwood ordem aos York, que estavam expostos a um terrivel fogo, para reunir e voltar para as trincheiras, ordem que rapidamente foi executada.

Os Gordon, sob o commando do tenente Brook, tambem recuperaram o terreno que haviam perdido. Esse bravo e joven official, que havia impedido, pela sua rapidez e sangue frio, que os allemães rompessem a linha britannica emquanto um contra-ataque geral não era organisado, não poude receber a recompensa que tão bem merecera, pois que morreu na acção.

Entretanto, Byng, com a 3.ª divisão de cavallaria, mandava desmontar a sua 7.ª brigada, a fim de recuperar algumas trincheiras perdidas na noite anterior entre Kruiseik e a bifurcação das duas estradas. A 6.ª brigada, tambem a pé, apoiou o ataque, sendo por seu turno apoiada pelo fogo das trincheiras da 7.ª brigada. As metralhadoras inglezas causaram enormes perdas nos cerrados batalhões allemães.

Cêrca das 2 horas da tarde o inimigo começou a recuar; ao escurecer, o outeiro em Kruiseik havia sido retomado e a 1.ª brigada havia restabelecido quasi toda a linha desde a estrada Menin-Ypres a Zonnebeke.

Perto das 6 horas da tarde a chuva começou a cahir com violencia e durante a noite que era «escura como breu», houve uma terrivel tempestade, que não impediu, porém, que Gheluvelt fôsse bombardeada com violencia. Aproveitando essa tempestade, os allemães avançaram da linha Pont Rouge-Warneton-Comines e atacaram Le Gheir e o bosque de Ploegsteert, ao mesmo tempo que atacavam o corpo de cavallaria entre St. Yves e Hollebeke. Foram repelidos em todos os pontos.

Ao sul do Lys o terceiro corpo tinha soffrido um bombardeamento com um novo morteiro—«minenwerfer»—que arremeçava bombas carregadas com uma carga de 150 libras. Imaginando que esses projecteis tinham conseguido abater os defensores, a linha foi atacada, cêrca da meia noite, em dois sitios. O fogo inglez recebeu o inimigo n'um d'esses sitios; no outro—ao sul de

nha de apoiar o corpo de cavallaria no seu movimento d'avanço, só devido á sua muita coragem poude resistir aos violentos ataques dos allemães, apoiados pelo bombardeamento d'uma grande massa de artilharia. A 20.ª brigada d'infantaria, composta do 1.º regimento de Granadeiros da Guarda, do 2.º da Guarda Escoceza, do 2.º da Fronteira e do 2.º de Highlanders Gordon, estava recuando ao norte de Zandvoorde.

Djavid Bey, ministro turco das finanças

Para fazer face ao ataque á 20.ª brigada, a 7.ª brigada de cavallaria, que estava de reserva atraz da 6.ª, a qual guarnecia as trincheiras Zandvoorde-Hollebeke, recebeu ordem, á tarde, para avançar para Kruiseik, aldeia a leste de Zandvoorde. Esta operação foi brilhantemente executada pela Guarda Real a Cavallo, commandada pelo coronel Wilson. O esquadrão que ia na frente, commandando pelo capitão lord A. Innes-Ker, distinguiu-se em especial.

Ao norte da 20.ª brigada a 21.ª de infantaria estava avançando para Veldhoek, a fim de servir de apoio. No entretanto os allemães tinham aberto caminho na estrada Menin-Ypres e estavam atravessando a de Becelaere-Hollebeke.

Ao sul do Lys, o inimigo, avançando á tarde por entre os bosques, atacava Neuve Chapelle e apoderava-se de parte da povoação, sustentando ahi o regimento de West Kents as suas gloriosas tradições, alcançadas na batalha do Vimeiro e na conquista do Punjab.

Com o centro do seu segundo corpo quasi rôto, o terceiro obrigado em alguns pontos a recuar para o Lys e a 7.ª divisão de infantaria nos bosques ao norte de Zandvoorde rapidamente enfraquecida, sir John French esperava com anciedade os reforços que Foch e Joffre estavam mandando para o Yser e para Ypres.

As tropas francezas começaram a ser transportadas em automoveis e pelo caminho de ferro para a fronte no dia 26 de manhã. Os primeiros destacamentos chegaram no dia 27 e a 11 de novembro a força total para ali enviada era calculada em cinco corpos d'exercito, uma divisão de cavallaria, uma outra territorial e dezeseis regimentos de cavallaria, além de sessenta peças de artilharia pezada.

Os allemães não foram reforçados até ao dia 29, de modo que os generaes francezes de certo modo anteciparam-se ao esforço principal do kaiser. Comtudo era tal a força já opposta aos alliados que mesmo com os reforços enviados por Joffre e Foch não era demasiada a gente para a batalha.

A 27 d'outubro sir John French dirigiu-se para o quartel general do primeiro corpo em Hooge e ahi inquiriu pessoalmente das condições em que se encontrava a 7.ª divisão d'infantaria. O resultado d'essa inspecção foi dissolver o quarto corpo, collocar a 7.ª divisão d'infantaria e a 3.ª de cavallaria sob o commando de sir Douglas Haig e mandar sir Henry Rawlinson e o seu estado maior para Inglaterra, para superintenderem na mobilisação da 8.ª divisão d'infantaria.

D. Joanna Carolina Guimarães Sassetti

FALLECEU

Foi Deus servido chamar á sua divina presença a sr.ª D. Joanna Carolina Guimarães Sasseti, depois de confortada com os sacramentos da Egreja catholica; o seu testamenteiro Manuel Joaquim Calçada Bastos participa a todas as pessoas conhecidas e das relações da fallecida que o seu corpo se acha depositado na egreja da Conceição Nova e que o seu enterro se realisa no dia 15, Domingo, ás 3 horas da tarde, sahindo o enterro da mesma egreja para o cemiterio dos Prazeres, sendo encerrada no seu jazigo.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Estatutos de 30 de novembro de 1894

Sociedade anonima

Séde—Estação do Rocio—Lisboa

Editos de 30 dias

A contar da publicação do presente annuncio, correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do fallecido agente reformado Lourenço Manuel da Silva Rodrigues, ex-inspector do serviço de material e tracção, á pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do regulamento de 26 de maio de 1887, concorrendo á divisão ou impugnando o pedido em requerimento dos filhos legitimos, Lucinda Rodrigues, Cezaltina Rodrigues e Amelia Rodrigues.

Findo este praso será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos effeitos.

Lisboa, 13 de julho de 1915.

O secretario geral da Companhia
José Candido Freire

Sir Douglas deu nova disposição ás suas tropas. A 3.ª divisão de cavallaria estendeu a sua esquerda um pouco ao norte de Châtcau a leste de Zandvoorde. A 7.ª divisão de infantaria foi collocada entre ella e a estrada Menin-Ypres. Ao norte d'essa divisão n'um ponto immediatamente a oeste de Reutel foi postada a 1.ª divisão. A 2.ª estendeu a sua linha quasi até á estrada Moorslede-Zonnebeke.

Essa disposição foi acompanhada por uma reorganisação das trez brigadas de que se compunha a 7.ª divisão. A 21.ª brigada recebeu ordem para avançar sobre a estrada Ypres-Menin, retomar Gheluvelt e d'ahi avançar para as trincheiras em roda de Kruiseik, a substituir a 22.ª brigada. Assim o fez, sob um fogo terrivel.

Durante a noite os allemães tentaram tomar de surpreza algumas trincheiras e o principe Mauricio de Battenberg foi mortalmente ferido. Os Battenbergs são inimigos velhos dos Hoenzollerns e foram ameaçados por Bismarck e Guilherme II com especial insolencia. O principe Mauricio era neto da rainha Victoria e irmão da rainha de Hespanha. A sua mãe, a princeza de Battenberg, enviou o presidente Poincaré, no dia 29, o seguinte telegramma:

«Ha pouco ainda tive o grande prazer de vêr o principe Mauricio no meio das magnificas tropas britannicas e hoje chega-me a noticia de que elle cahiu no campo da honra. Peço a Vossa Alteza que na sua grande dôr se digne acceitar a minha sincera e respeitosa sympathia.»

Emquanto estes acontecimentos se davam na ala esquerda, o ataque allemão contra Neuve Chapelle, onde era o centro do segundo corpo, proseguia com todo o vigor. Contra todos os pontos salientes na longa linha ao sul do Lys outros ataques eram dirigidos, a fim de impedir que forças fôssem mandadas para retomar a parte norte da povoação. Comtudo, com o auxilio do terceiro corpo, sir Horace Smith-Dorrien, durante a manhã e primeira parte da tarde, repeliu o inimigo e depois de uma horrivel lucta corpo a corpo nas casas, em que mais uma vez os inglezes mostraram a sua superioridade, fez recuar os allemães para fóra da aldeia.

Não se deu por batido o inimigo e mandou avançar grandes reforços. Descendo do monte e atravessando a torrente de Loyes, uma divisão inteira, n'uma larga columna, regimento apoz regimento, avançou mais uma vez contra os valorosos defensores de Neuve Chapelle. Sob a tormenta de fogo de fuzilaria e das metralhadoras inglezas, trez ataques resultaram infructiferos. O quarto, porém, foi coroado de exito e á noite toda a aldeia estava de novo em poder do inimigo. Mas não foi por muito tempo.

Se os allemães pudessem manter-se em Neuve Chapelle, dominariam a principal linha de communicação entre o segundo e o terceiro corpos britannicos.

Era essencial, por isso, que a povoação fôsse retomada e no dia 28 Smith-Dorrien de novo a atacou.

Essa missão foi commettida á 7.ª brigada ingleza, á 47.ª de sikhs, á 9.ª de infantaria de Bhopal e a duas companhias do 3.º de sapadores e mineiros de Bombaim. Chegára o momento para o qual lord Kitchener preparára o exercito indio. O «poder armado» do imperio tinha travado uma lucta de vida ou morte.

Os soldados indios teem uma predisposição especial para aprender rapidamente os exercicios militares e tudo quanto n'essa profissão ha de mechanico, mas, quando em situações inesperadas, não sabem o que hão de fazer e desapparece-lhes a energia.

Tal era a observação que lord Kitchener fizera quando commandante em chefe na India. Por isso, o seu objectivo principal e o dos seus successores foi exercitar os indios em poderem encontrar-se frente a frente com as tropas europeias, armadas de espingardas de repetição e apoiadas por metralhadoras e pelo fogo d'artilharia.

Que esse objectivo fôra conseguido plenamente demonstrou-o a tomada de Neuve Chapelle, em que as tropas indias demonstraram uma coragem digna dos maiores elogios, combatendo com o maior valor e tomando uma a uma as casas da aldeia. Ao cahir da noite a maior parte de Neuve Chapelle estava de novo em poder dos inglezes e, o que era mais importante, sir John French convencera-se de que o contingente indio podia substituir as tropas inglezas na linha de batalha.

Nos dias seguintes, depois de chegar a divisão Meerut, o corpo de exercito indio foi substituido pelo segundo corpo. Mas duas brigadas e grande parte da artilharia ficaram para auxiliar as forças recem-chegadas. Dois batalhões e meio d'essas brigadas foram depois rendidos pela brigada Ferozepur, que retirou de Wulverghem, Wytschaete e Vormezeele, onde, desde o dia 22, estivera apoiando o corpo de cavallaria.

O segundo corpo havia mantido dignamente o «récord» por elle estabelecido em Mons, Le Cateau, no Marne e no Aisne. Durante dezoito dias tinha estado empenhado em repellir o inimigo das povoações entre La Bassée e o Lys, em varrer a elevação Radinghem-Givenchy e em seguida, quando retirára para a planicie, em resistir ao ataque de forças muito superiores em numero e que se esforçavam por o fazer recuar para o Lys.

O exito dos alliados na batalha da Flandres foi, na realidade, devido em grande parte ao segundo corpo e a sir Horace Smith-Dorrien. Os serviços do terceiro corpo e do general Pulteney no dia 27 e nos dias seguintes não foram menos meritorios. Bombardeado terrivelmente, o terceiro corpo repelliu muitos ataques com grandes perdas para o inimigo, mas soffreu tambem muito.

Havia mais de quinze dias que, vindo de Hazebrouck, atacára os allemães que defendiam o extremo sudoeste da cadeia de Mont-des-Cats. Por Meteren e Bailleul avançára para a margem norte do Lys, atravessára o rio, occupára Armentières e approximára-se dos suburbios de Lille. Embora alguns progressos tivessem sido feitos, Hazebrouck estava ainda em perigo. Nos dias 27 e 28, alguns «taubes» voaram sobre a cidade e destruiram por meio de bombas parte dos caminhos de ferro para Amiens e Calais, pelos quaes reforços e munições estavam sendo trazidos para a fronte dos alliados.

Ao norte do Lys coisa alguma de especial occorreu no dia 28. O avanço do dia anterior levado a effeito por sir Douglas Haig para a estrada Wervicq-Westroosebeke e ao longo d'esta não tinha continuado. Cêrca das duas horas da tarde, um aeroplano inglez recuou de sobre as linhas allemãs, perseguido por uma chuva de shrapnels.

Os allemães haviam a esse tempo alcançado algumas vantagens, porque Gheluvelt e Zandvoord estavam sendo por elles bombardeadas e Becelaere, não obstante os esforços dos inglezes, não havia sido retomada. E era interceptada uma communicação do telegrapho sem fios annunciando que os inglezes seriam atacados na manhã seguinte.

Os reforços francezes não tinham ainda chegado todos. O kaiser estava preparando para arremeçar contra os alliados ao norte do Lys o equivalente a um outro exercito. As divisões 18.ª, 15.ª, 6.ª e 13.ª e uma outra bavara de reserva sob o commando do general von Fabeck e do general von Deimling auxiliariam o duque de Wurtemberg e o principe real da Baviera a occuparem as trincheiras dos alliados, tomarem Nieuport, Furnes, Dixmude, Poperinghe, Ypres, a cadeia de Mont-des-Cats e a linha do Lys, e d'ahi, penetrando entre o exercito de Maud'huy e o anglo-franco-belga ao norte, repellirem o ultimo para o mar e apoderarem-se dos portos do Canal.

Na fala que o principe real da Baviera dirigiu ás suas tropas, disse não se devia demorar a lucta com o mais detestado inimigo, mas era preciso ferir um golpe decisivo.

Para augmentar o ardor das suas hostes, o kaiser dirigiu-se para a

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1806 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 15 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

UM DIA MILITAR

O exercito do futuro

Foram brilhantissimas as provas dadas hoje pelas Sociedades de instrucção militar preparatoria

A S. I. M. P. n.º 1 attrahiu ao Stadium milhares de pessoas e revelou notaveis aptidões sportivas

A' hora marcada e sob um sol abrazador, os mil e novecentos rapazes da I. M. P. n.º 1 formaram na parada do quartel de sapadores mineiros fazendo sob a direcção do seu director sr. coronel Miguel Garcia varias evoluções. Constituiram-se depois em quatorze pelotões, sob o commando dos respectivos instructores, até que, formados em columna e feita a continencia á bandeira, se dirigiram a caminho do «Stadium» onde iam prestar as suas provas finaes do terceiro periodo annual de instrucção. A' frente, abrindo a marcha, o pelotão de cyclistas e os estafetas da Sociedade.

Junto do quartel e pelas ruas do trajecto, bastante povo assistia ao desfile, elogiando a garbosidade dos moços que as benemeritas Sociedades de instrucção militar preparatoria tão patrioticamente veem educando para o seu dever de defensores da Patria e da Republica.

Quando chegámos ao «Stadium», vimos logo junto dos dois portões de entrada uma regular agglomeração de gente que esperava, anciosa, á torreira d'um sol insupportavel, que as portas se lhe abrissem. Lá dentro, aguardando a I. M. P., encontrava-se já o sr. coronel Garcia. A banda de infantaria occupava o seu logar á esquerda da tribuna, vendo-se egualmente n'um dos camarotes do centro os srs. coroneis Antonio Augusto Soares Bessa, e José Victorino de Sousa Albuquerque, acompanhados pelo sr. tenente coronel Alves Roçadas.

Faziam a policia do recinto uma força de 50 praças de policia sob as ordens dos chefes Manuel Gomes e Dutra, outra força de 30 praças de infantaria da guarda republicana commandadas pelo alferes Lopes e sargento Zimbarra, e 16 praças de cavallaria da mesma guarda, do commando do alferes Quadro.

Pouco depois das 14 horas é franqueada a entrada ao publico, que vae tomar os seus logares nos camarotes, «fauteuils» e bancadas de sombra. São alguns milhares de pessoas, na sua maioria familias dos mancebos da I. M. P. que as suas provas desejam assistir.

No «Stadium» á sombra, a temperatura é agradabilissima. Do norte vem uma aragem que refresca e que é como um refrigerio á soalheira lá de fóra, apanhada a pé firme, para a entrada.

São 14,45. Veem até nós as notas agudas do terno de corneteiros.

—São eles que chegam!—exclama-se nas bancadas...

—São, effectivamente, os rapazes da Sociedade Militar Preparatoria n.º 1 que chegam, entrando, com todo o garbo militar, pelo portão largo da pista, á esquerda.

No camarote da presidencia vê-se agora o ministro da guerra sr. Norton de Mattos, sua esposa e filha, o chefe do seu gabinete, respectivamente major Mimoso Guerra e capitão Martins de Castro e o ajudante Florentino Martins, tenente. Além dos coroneis já mencionados, encontra-se ali tambem o sr. major Luiz Ferraz, da 4.ª repartição do ministerio da guerra, capitão Geraldes, representando a inspecção de infantaria da 1.ª divisão, e o tenente Ochôa da policia.

O jury é composto pelo representante da inspecção de infantaria, representante da Camara Municipal de Lisboa, vereador Manuel Joaquim dos Santos, coronel Miguel Garcia, director da instrucção da Sociedade n.º 1; e Gonçalves Neves, presidente da direcção da mesma Sociedade.

Chegam tambem e tomam os seus logares na tribuna os srs. Marianno Martins, governador civil de Lisboa; alferes Paula Pacheco, que representa o sr. ministro da marinha; capitão Joaquim Marreiros, 1.º tenente Fradique e 2.º tenente Serrão Machado.

A Sociedade marcha agora em continencia pela frente do sr. ministro da guerra, indo formar depois lá ao fundo, em linha de columnas, emquanto o automovel Cruz Verde, dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, chega indo occupar o seu logar junto da meta, onde o sr. Canedo, chefe de serviços e Cypriano Lourenço, Albano Ferreira da Fonseca, Filippe Costa e Freire, enfermeiros, armam a respectiva tenda de abrigo.

A banda de infantaria 1 toca alguns ordinarios. Devidamente armada e sob o commando do capitão Chagas e subalterno primeiro sargento de marinha Carreira Junior, chega ao «Stadium» a Escola de Pelotão.

O sr. general Judice da Costa toma logar no camarote do sr. governador civil. Chegam tambem o sr. major Pereira Bastos e varios outros officiaes superiores do exercito.

No campo do «Stadium» começa-se dando principio ao programma. Entra em acção a escola de pelotão que, sob o commando do seu instructor sr. capitão Chagas, faz varios exercicios em ordem unida e dispersa, sendo digna de menção uma carga de baioneta que se póde classificar de magistral, pela precisão e brilho com que foi executada.

O sr. tenente Santos Gonçalves commanda seguidamente varias demonstrações de gymnastica sueca, depois do que os srs. Luiz Abrantes e Antonio Maria Mendonça Tabaço fazem exercicios de jogo de pau, em que o sr. Abrantes se manifesta um optimo jogador que arranca por vezes fartos e justificados applausos da assistencia.

Entra n'esta altura o sr. capitão de fragata Leotte do Rego que fica no primeiro camarote á direita da presidencia. Para identico camarote da esquerda vão os srs. coronel Pereira, alferes de infantaria 1 e tenente-coronel Quaresma, representando o commandante da guarda republicana.

Seguem-se demonstrações pelo pelotão de estafetas: marchas de costado a 4, em continencia, marcha em columna de secções, demonstração do alphabeto «Morse», marcha de espiões, exercicios de maqueiros, exercicios simultaneos, e outros, produzindo um lindo effeito os distinctivos usados pelos alistados de cada serviço especial, braçaes vermelhos e brancos, verdes, amarellos, azues, vermelhos e verdes, e o dos maqueiros, branco com cruz branca orlada de vermelho.

Na esgrima de florete tomaram parte os associados srs. José Sá Vianna e Raul Bettencourt, que obteve o 1.º premio, tendo este sido tocado duas vezes e o seu adversario tres. Apesar das hesitações, demonstraram já firmeza de mão e sangue frio, recebendo ambos, no final das provas, repetidas salvas de palmas.

Ha ainda, para finalisar a 1.ª parte, exercicios de baioneta sob a instrucção e commando do sr. tenente Baeta.

E, mal a primeira parte termina, toda a assistencia se levanta para saudar com enthusiasmo os 24 rapazes que formam o grupo sportivo da Sociedade e que entram na pista, em ordem de marcha, alegres, sorridentes, de calção e blusa brancos e trazendo, do lado esquerdo o monogramma da Sociedade, com os seus instructores, srs. Fernando Crespo e sargento Crespo, sendo chronometristas os do «Stadium», srs. José Gimenez e José Santos Rodrigues.

Começa a segunda parte, notando-se na assistencia maior enthusiasmo.

Nos saltos em comprimento sem corrida, obtem o 1.º premio o alumno 114 João Crespo, que conseguiu 2 metros e 91, e o 2.º premio 1118, Leonel Corrêa, com 2 metros e 71.

No lançamento de peso obtiveram: 1.º premio Fernão Maria de Sousa Napoles, 1559, que lançou o peso á distancia de dez metros, e o 2.º premio ao 1117, Manuel Madeira, que atirou o peso a 8 metros e 90.

A cada uma das provas, a assistencia, rindo-se com os episodios graciosos que sempre ha em taes provas, sublinha-os, palmeando phreneticamente os vencedores.

Os saltos em comprimento provocam franca hilaridade pelos trambulhões. Saltou melhor e mais alto, 5 metros e 76, o 1559, Fernando Napoles, e o 2.º premio o 1118, Leonel Correia, que saltou 5 metros e 33.

Na corrida de 1500 metros ganhou o 1.º premio o alumno, Vasco da Camara Manuel, e o 2.º o alumno Manuel Madeira. Os mil e quinhentos metros foram percorridos em cinco minutos, oito segundos e dois quintos.

Começa refrescando mais. Vista cá de baixo a assistencia offerece um aspecto lindo. Os camarotes estão cheios de senhoras cujas «toilettes» garridas dão uma nota de encanto ao conjuncto.

Faltam ainda nove numeros para terminar a segunda parte. Lá ao centro, junto ao poste da bandeira nacional, ha agora saltos em altura sem corrida. Obtem o 1.º premio, o alumno Fernão Napoles com 1 metro e 32 e o 2.º João Crespo com 1 metro e 30.

Começa a interessar á assistencia o alumno Fernão Napoles, figura franzina; interessante, nervosa, sempre com um agradavel sorriso nos labios, vencendo sem affectação.

Lá marcha tambem para a corrida de cem metros. Quem vencerá? Dir-se-hia que venceram todos quatro tão egualmente correm. 1.º premio, Alexandre Carreira, em doze minutos e quatro quintos; 2.º premio João Crespo.

E vamos para os saltos á vara em que Fernão Napoles sobresahe sobre os seus companheiros pela arte que imprime aos seus saltos que provocam intensos murmurios de applauso na assistencia. No ultimo salto que lhe deu o primeiro premio, a 2 metros e 55, a assistencia felicitou-o durante minutos. Foi realmente um salto felicissimo e artistico. Póde dizer-se afoitamente que é ele o triumphador da tarde em toda a linha. O 2.º premio coube ao alumno Arthur Ribeiro que saltou a 2 metros e 50.

Nos saltos em altura com corrida ainda Fernão Napoles quem faz os melhores saltos. Faltam ainda oito numeros para conclusão do programma. Da sua tribuna o sr. ministro da guerra assiste a todas as provas com visivel interesse e satisfação.

A 3.ª parte que deve terminar tarde, talvez ás 19 horas, compõe-se de canto coral (canção do soldado, Patria, Bandeira e Hymno Nacional) e depois, a fechar a linda festa, a marcha em continencia e continencia final.

Nos saltos em altura com corrida teve o 1.º premio, a 1 metro e 50, Fernão Napoles e o 2.º premio a 1 metro e 45 a João Crespo.

(*Veja-se continuação em «Ultimas Noticias»*)

Migalhas

Um alvitre

Cada anno, á medida que se vão discutindo os respectivos orçamentos no parlamento, os relatores e oradores subsequentes chegam sempre á conclusão de que todos os nossos ministerios precisam de ser remodelados. N'esta sessão já ficámos sabendo que a nossa representação no estrangeiro, principalmente a consular, é muito deficiente. Soubemos tambem que a nossa marinha é uma risonha hipothese. A'manhã dir-nos-hão que o exercito é, debaixo de alguns pontos de vista, uma lastima; depois annunciar-nos-hão que as colonias andam á matroca, que o fomento nacional é uma coisa irrisoria e quando se tiver dito tudo isto e mais que as finanças deixam a desejar, approvar-se-hão os orçamentos e não se falará mais no caso até para o anno.

Em seguida veremos cahir um ministerio todos os tres mezes, assistiremos trimestralmente ao espectaculo das nossas crises em que se acaba sempre, apoz mil difficuldades, por constituir governos de pessoas muito dispostas a fazerem a aprendizagem dos respectivos cargos e, entretanto, de anno para anno vão-se accumulando os erros e os defeitos sem se conseguir remedeal-os...

Ora eu lembrava-me do seguinte: procurar-se em Portugal as nove pessoas que melhor entendessem de guerra, de marinha, de finanças, do fomento, etc., e sem se attender ao partido em que militam, forçal-as a estarem no poder dez annos com um plano definido, logico e com possibilidade de realisação. Haveria o parlamento para fiscalisar, sem a menor má fé politica os actos d'esses varões assignalados em quem o paiz confiára os seus destinos. Aos jornaes não se permittiria senão que se occupassem de explicar ao povo a orientação do governo, procurando ao mesmo tempo fazer a educação moral, mental e civica dos leitores, em vez de lhe fornecer cada dia um motivo de irritação para as paixões mesquinhas em que se debate o espirito publico.

E' irrealisavel o plano. Então talvez podessemos tambem contractar a longo praso, directores geraes estrangeiros, bem pagos e que dessem aos ministros para estes assignarem de cruz, aquellas medidas necessarias, intelligentes e promptas que o nosso paiz necessita.

André Brun.

Poeira da Arcada

Lemos n'um jornal um largo arrazoado para demonstrar que um individuo qualquer, que hoje milita n'um dos partidos do regimen, não passa de um troca-tintas. Valerá a pena accumular tantos factos para chegar a uma tal conclusão? As convicções são um luxo que só se permittem os que teem tempo para pensar um pouco na sua reputação, como um grande thesouro de immortalidade. Quem não alimenta tão altos pensamentos tem direito a variar-se em doutrinas e credos sacrificando-os a conveniencias de momento.

Reparem a sua vida em bocados, á fim de não morrerem de uma forte indigestão de virtude.

***

Gabriel d'Annunzio tem voado sobre Trieste, lançando proclamações e uma ou outra bomba. A Austria offerece uma grossa quantia a quem lhe deitar as mãos. Eis como o grande mestre da belleza latina conquista mais um titulo de gloria. Escusa o escriptor a sua fama enche o mundo. Como aviador, se um dia tem a infelicidade de cahir em territorio inimigo, será uma rica presa para os carcereiros de Francisco José. Ora, apenas encarcerado, pela primeira vez elle verá como é difficil fallar a linguagem das suas tragedias.

***

Não se sabe bem porquê, mas ha creaturas que causam estragos e desgraças com a sua simples presença. No seu olhar, lê-se sempre um presagio funesto. Nas suas palavras, paira clara uma ameaça. Quando as encontrarmos no nosso caminho, será sempre bom erguer a mente tão alto que não possamos demorar-nos a pensar nas contingencias da fortuna.

A GUERRA

Será d'esta vez

que todos os povos balkanicos se decidem a luctar ao lado das nações alliadas?

Será d'esta vez realisada a famosa liga balkanica a favor dos alliados? Os leitores recordam-se de que a ideia surgiu pouco depois de rebentada a guerra. Estabelecer-se-hia uma plataforma na qual caberiam as aspirações da Romania, da Bulgaria e da Grecia, e todos esses povos pegariam em armas contra os imperios centraes ao lado da Servia e do Montenegro.

Até hoje, porém, fracassaram todas as tentativas realisadas n'esse sentido. Na Grecia triumphou, ao menos por algum tempo, a corrente neutralista, sendo Venizelos obrigado a abandonar o poder. A Bulgaria, ferida pelos resentimentos da ultima guerra balkanica, porfia em não sahir da sua ecphingica attitude, mal se percebendo se as sympathias do seu povo são para os alliados ou se se inclinam antes para austriacos e allemães. A Romania, apesar do periodicamente se dizer que pouco falta para que ella se decida a effectuar a invasão da Transylvania, combatendo a Austria, continua tambem entrincheirada na politica neutral, não deixando passar pelo seu territorio os inimigos dos alliados, é certo, mas sem se resolver a auxilial-os com as armas na mão.

Todas essas hesitações derivam, naturalmente, do antagonismo de interesses que existe entre as nações balkanicas, cada uma d'ellas preferindo exercer a supremacia que todas as outras disputam. Nos ultimos tempos, porém, deram-se factos que fazem prever que essa situação se modifique a favor dos alliados. A entrada da Italia na guerra contribuiu para avolumar na Romania a corrente intervencionista, esboçada logo em que as classes populares quando o conflicto estalou. Satisfeitas as aspirações da Bulgaria, á custa da Turquia e da Austria, para se permittir a expansão de fronteiras dos outros povos balkanicos, os imperios centraes teriam pela frente mais dois inimigos formidaveis. Na Grecia já o rei se decidiu a conferenciar com Venizelos, que foi muito acclamado pelo povo á sahida do palacio. E' evidente que, esclarecida a situação da Bulgaria e da Romania, a Grecia não hesitaria um momento e a avalanche balkanica precipitar-se-hia sobre os exercitos austro-allemães.

Formulando essa hypothese, é preciso não esquecer um factor novo, que muito póde contribuir para lhe dar visos de realidade. E' o da entrada do Japão, fornecendo á Russia munições e material de guerra, e cooperando ainda com uma parte das suas tropas na campanha dos Dardanellos. A abertura do estreito teria para os alliados um incalculavel valor, quer militar, quer economico. Por isso mesmo, é muito possivel que a Italia não empregue esforços desesperados nas montanhas e desfiladeiros que terá de percorrer para ferir no coração a sua velha inimiga, e prefira antes contribuir para a victoria final, atacando a Turquia. Com menor sacrificio, conjugada a sua acção nos Dardanellos com as outras tropas alliadas, ella conseguiria as compensações a que tem direito, effectivando a aspiração nacional representada pelo principio do *irredentismo*.

Tal é, a largos traços, a situação geral dos povos balkanicos perante o problema da guerra. As ultimas modificações na sua politica querem dizer que todos elles vão, afinal, combater pela victoria das nações alliadas? Ou ainda agora as suas hesitações proseguirão, o antagonismo dos seus interesses persistirá?

O maior diz que o centro de gravidade da batalha actualmente travada se desloca para o norte na direcção dos caminhos que levam a Petrogrado. Os escriptores militares discutem seriamente a possibilidade d'uma grande offensiva allemã contra a capital russa com o proposito de a tomar. As condições—notam elles—são muito differentes das de 1812 e os allemães reconhecem as vantagens enormes que para elles adviria de se apossarem do proprio coração do imperio.

O ponto de partida d'esta offensiva seria a Curlandia e o porto de Riga que todavia está separado de Petrogrado por uma distancia de mais de 400 kilometros, sendo o terreno dos mais difficeis.

Affirma-se de fonte auctorisada que quesquer que sejam os planos do inimigo não lhe será permittido chegar até Petrogrado. Os exitos obtidos pela esquadra russa do Baltico contra os navios de guerra e os cruzadores allemães á entrada do golfo de Riga são considerados como reconfortantes. Nenhum avanço contra Petrogrado póde ter consequencias praticas sem que o inimigo haja alcançado o Baltico. Esse facto daria, com effeito, por mar, uma excellente linha de communicações.

Como accentuam os jornaes allemães, seria difficil estabelecer em terra uma linha d'aquella extensão. Para a esquadra russa do Baltico estão voltados todos os olhos que n'ella vêem a salvaguarda da segurança da capital.

A revolução de 1910

A distribuição de medalhas revestiu a maior simplicidade

Realisou-se hoje, no governo civil, a entrega de medalhas de ouro e prata concedidas ao merito, philanthropia e generosidade, com que foram agraciados alguns bombeiros voluntarios da Ajuda e municipaes e differentes membros da Cruz Vermelha, que na revolução de outubro de 1910 prestaram soccorros aos feridos, transportaram mortos e desempenharam outros serviços de salvação publica. Alguns dos agraciados praticaram verdadeiros actos de heroismo como o attestam os relatorios por essa occasião apresentados.

Revestiu o acto a maior simplicidade, presidindo o sr. Marianno Martins, governador civil, tendo a seu lado os srs. Alberto Totta e Ruy Alves da Cunha. O chefe do districto disse que o sr. ministro do interior o encarregára de fazer a distribuição das medalhas concedidas ao merito, philantropia e generosidade a todos os que arriscaram a vida em defeza de uma causa justa e bella. Em seu proprio nome associa-se a tão merecida recompensa. Faz o elogio dos bombeiros municipaes e voluntarios, que não tiveram receio das granadas que cahiam e acudiram promptamente ao incendio que se manifestou no predio da avenida da Liberdade. Seguidamente o sr. Marianno Martins procede á chamada dos agraciados, sendo o primeiro o voluntario sr. Carlos Carvalho.

Seguem-se os bombeiros voluntarios srs. Carlos Vieira Gomes Neves, Julio Perez Ferro, Manuel Henriques Pereira e José Carvalhido que receberam a medalha de ouro; Alfredo Pereira da Rocha, Alfredo Accacio de Andrade, dr. Julio Thomaz Pinto, Ernesto de Lima Amaro, Francisco Estrade, Mario Leiria, Eduardo Ferreira, Eduardo Reis Junior, José Fernandes Braga, Marianno José Soares, Abilio Alves e Joaquim da Costa, agraciados com a de prata; bombeiros municipaes de Lisboa srs. Luiz Caetano Pereira de Carvalho, Manuel Silverio, Francisco Fernandes, Augusto Cesar, Herminio José Elias, Onofre da Piedade e Joaquim de Jesus, que tiveram a medalha de prata.

Da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha, foram tambem condecorados com a de prata os srs. dr. Alfredo Tovar de Lemos Junior, dr. José Bernardo Correia Ribeiro, dr. José Rodrigues Bogalho, Antonio Santos, D. Anacilia Clyde Lima, D. Alice Xavier da Fonseca, Eduardo da Assumpção Pereira, Miguel de Aguiar, Julio dos Santos Lamas, John Portzgen, Raul Pereira Pedroso, Eduardo Cesar Torres de Jesus, Luiz Ferreira, Alexandre Augusto Ramos Certã, Henrique Monteiro, Bento da Silva Fernandes e Lucindo Vianna.

O sr. Luiz Caetano Pereira de Carvalho, chefe de divisão dos bombeiros municipaes, apresentou-se com a Torre Espada ao peito.

Terminada a distribuição, o sr. governador civil diz que, finda a sua missão, apenas tem que accrescentar ás palavras do sr. governador civil... que faz votos porque as agraciados as medalhas que acabam de receber sirvam de estimulo para futuros feitos com a Patria e a Republica.

O sr. Alfredo Pereira da Rocha agradece em nome dos voluntarios e accrescenta que tanto elles como os bombeiros municipaes bem ganharam essas medalhas. Por ultimo, o sr. Luiz de Carvalho agradece em nome dos bombeiros municipaes, terminando por dizer que a briosa corporação dos bombeiros está sempre prompta para affrontar o perigo. A cerimonia terminou pelas 15 horas.

O kaiser pretende ir á capital da Russia?

Petrogrado, 12 de agosto

A julgar pela actividade do inimigo nas direcções de Kovno e de Dvinsk, os allemães procuram desenvolver as operações nas regiões que conduzem á capital, com o fim evidente de exercerem nova pressão sobre os Balkans.

Uma declaração officiosa do estado-maior diz que o centro de gravidade...

Pelo telegrapho

Os italianos continuam batendo os austriacos

ROMA, 14—Official. A lucta para além da fronteira do Cadoro torna-se cada vez mais intensa. Em Montepiana repellimos um ataque encarniçado, soffrendo o inimigo perdas sérias. No valle de Sexten occupámos a altura de Oberbacherkanzel. No Carso a nossa artilharia continúa a destruição dos entrincheiramentos inimigos.—(*Havas*).

Os russos confiam na victoria final

PETROGRADO, 15—O presidente da *Douma* enviou em nome d'esta assembleia, ao presidente da camara dos deputados franceza, os seus agradecimentos pelo telegramma que este lhe enviara, affirmando a *Douma* a sua convicção na victoria final, em presença da nobreza de coragem dos exercitos das potencias alliadas.—(*Havas*).

As melhoras do general Gourand

PARIS, 15.—O *Excelsior* annuncia que o general Gourand, recentemente ferido em campanha, deu hontem o seu primeiro passeio no bosque de Bolonha.—(*Havas*).

As proezas dos aviadores alliados

LONDRES, 15.—Segundo um telegramma de Rotterdam para o *Daily-Mail*, os aviadores alliados destruiram dois *hangars* de dirigiveis em Saint-Denis-Westrem (Flandres Oriental), bem como um aeroplano allemão. Ficaram feridos gravemente quatro soldados.—(*Havas*)

O avanço allemão na Russia

PETROGRADO, 14.— Official — Na direcção de Jacobstadt, Dwinsk e Wilkomir o inimigo tentou deter a nossa offensiva. Em Kovno repellimos quatro contra-ataques. Em Novo Georgevsk combate de artilharia. Na margem esquerda do Bug accentuam-se os combates.—(*Havas*).

Crise ministerial na Argentina

BUENOS AYRES, 14—Pedia a demissão o ministro das finanças, sr. Carbo. As demissões dos srs. Cullen e Carbo são devidas ao projecto do presidente de nomear o ex-presidente sr. Figueroa Alcorta para vogal do Supremo Tribunal.—(*Havas*).

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—15-8-915

A policia

Trata-se da reforma da policia, e como a missão da policia não seja apenas a de capturar criminosos em flagrante delicto, mas tambem a de descobrir desconhecidos auctores de crimes, afigura-se-me opportuno encarar tambem a questão por este aspecto, que é certamente aquelle que mais attrahe uma attenção intelligente.

Pouca gente deixará de ter lido as novellas de Conan Doyle, que grangearam fama e riqueza com a creação da policia «dilettante» Sherlock Holmes, o qual triumpha dos mais intrincados casos com o auxilio da observação e da deducção.

Dir-se-ha que a pratica desmente muitas vezes a theoria por mais superiormente architectada que ella seja, mas tambem seria duvidoso, depois de ler os interessantissimos trabalhos do novellista inglez, que, em muitas contingencias da vida, se o homem soubesse ver com attenção e raciocinar com methodo, daria solução a grande numero de problemas que ficam sendo para elle mysterios impenetraveis.

Sherlock Holmes é um observador subtil, mas não é de forma alguma um observador extraordinario. O que elle vê toda a gente o vê. Simplesmente, elle não despreza a minima particularidade observada, convicto de que nada existe no mundo que não tenha uma significação ou uma importancia. São essas parcellas minimas dos factos ou aspectos insignificantes das pessoas que constituem os elementos sobre que elle funda, com exito assombroso, os seus raciocinios tão subtil como as bases em que se apoia.

Levar-me-hia muito longe a analyse, embora succinta, dos processos e theoria de Sherlock Holmes, ou antes do seu creador Conan Doyle. Quero apenas notar que Conan Doyle é um dos seus principios fundamentaes que a experiencia quotidiana demonstra ser uma inilludivel verdade.

Holmes descobre os crimes mais bem organisados porque não arreda nenhuma hypothese, por mais inverosimil que pareça, por mais incongruente que ella se afigure. A uma hypothese não se póde dizer: «Isso é impossivel», e só o impossivel deve ser posto de lado.

Não ha formula que melhor deva presidir a todo o trabalho de investigação, e toda a longa serie de crimes impunes ou erros judiciarios assenta em geral sobre o esquecimento d'esta lei tão justamente enunciada.

Com effeito, todo o homem intelligente que commette um crime que pensamento primordial tenta por em pratica? O de revestir esse crime de circumstancias que tornem o mais possivel improvavel a sua participação em tal delicto. Hoje com um «alibi»; amanhã procurando fazer recahir sobre um innocente todas as particularidades que o devam fazer accusar do crime por elle commettido, elle será sempre, n'uma palavra, em todo o mysterioso caso que a policia tenha de perscrutar, aquella personagem que mais affastada parece da tenebrosa elaboração d'esse acto.

N'estes laços cahem quasi invariavelmente os agentes de policia e os proprios magistrados instructores. O criminoso deixa-lhes uma presa, e sobre ella se lançam ás cegas, deixando-o escapar-se, satisfeito da impunidade e orgulhoso de haver illudido a justiça.

Se alguem se lembra de o apontar á policia, a resposta é um sorriso compassivo. Pode lá ser! Porquê? Porque não é provavel. A isto responde Holmes: «Mas não é impossivel, e tudo o que não é impossivel tem de ser sujeito a exame».

Ha annos deu-se em Portugal um caso d'este genero. Refiro-me ao assassinato d'um guarda municipal que foi morto em Alcantara, uma noite, pouco depois dos agitados acontecimentos do 5 de abril.

Immediatamente a policia prendeu um antigo rancheiro do corpo a que pertencia a victima e que com ella tivera em tempos certos desaguisados. O homem negava, mas a policia iria jurar aos seus deuses que fôra elle o homicida. Se na occasião em que o prendeu lhe dissessem que o assassino do guarda municipal fôra um policia, que elle nunca vira nem conhecera, rir-se-hia a bandeiras despregadas. Havia lá nada mais improvavel! Um agente da auctoridade, sem entre elles existir nenhuma questão pessoal! Sem duvida que era improvavel, mas não era impossivel, e tanto o não era que dias depois o verdadeiro assassino vinha apresentar-se ás auctoridades. Encarregado de vigiar o palacio das Necessidades, como o guarda municipal tambem o estava, sem que soubessem um do outro, matara-o por suspeita. Se o policia não se resolve a dizer a verdade, tudo leva a crêr que o rancheiro seria condemnado por um crime que não commettera.

Como este caso, centenas se teem dado em toda a parte, que demonstram a falta de escrupulo intelligente com que se procede, fóra dos casos de flagrante delicto, tornar toda a creatura suspeita, ainda que essa suspeita assente nas bases menos solidas, um criminoso reconhecido e insubstituivel. Não se examinam as questões por todos os lados. Posto um problema criminal, não se attende a todos os seus factores possiveis. O primeiro indicio basta.

***

Apesar dos esforços de Conan Doyle, temo que tarde triumphe a sua theoria fundamental, que nada tem de novellesca, e que seria uma salvaguarda para os innocentes injustamente accusados. A tendencia geral da policia, em todos os paizes, é agarrar o primeiro individuo que encontre e em pôr o largar nunca mais. Deriva o primeiro facto d'um commodismo bem conhecido. Poupa-se a longos trabalhos que exigiriam intelligencia e devoção profissional. O segundo origina-se n'um sentimento egoista de vaidade. Não querer reconhecer um erro commettido e para isso pouco lhe importe sacrificar um innocente.

Todavia, como a missão da policia deveria ser diversa! Ella tem por fim ser a garantia do direito e da innocencia. Todos aquelles que se julgassem injustos ou se sabem livres de culpa deveriam considerá-la como uma protecção. Seria ella a collaboradora do seu direito e da sua innocencia. Mas o que, pelo contrario, ella se converte, muitas vezes, no peor e mais terrivel inimigo d'essa mesma innocencia.

Uma policia assim é, sem o pensar, permanente cumplice dos criminosos. O ser intelligente que applique a sua intelligencia ao mal está seguro de praticar um crime, que fique impune, desde o momento que consiga fazer a policia seguir na pista falsa. Ella seguil-a-ha a olhos fechados, e agarrará o pseudo-auctor do crime, o seu verdadeiro auctor pode dormir descançado, porque se alguem se lembrar de frisar a possibilidade da sua culpa terá na policia o seu defensor, que o defenderá com todo o ardor da inconsciencia.

Conan Doyle não é mais que um novellista, e Sherlock não passa de uma personagem de romance. Pois apesar d'isso já teem um inimigo chamado de scientifico que... inspira... condemna os seus processos... em o desafiar seguer. Es... te é o seu... não é de o que se... a policia que não quer... que, mesmo nos dominios da imaginação, se lhe procure restringir o direito de errar.

A este criterio deploravel urge oppôr um criterio bem diverso. A policia tem primeiro que tudo de ser intelligente. Poucas profissões exigem uma maior penetração. Por isso mesmo é espantoso que para esta profissão, que tanta subtileza reclama, se admittam em geral as creaturas de mais limitado entendimento e de mais inferiores aptidões. Não quero com isto dizer que se torne necessario ser sabio para ser policia. O sabio, em geral, é uma creatura que não serve para nada, fóra do dominio especulativo da sua sciencia. Já Napoleão assim o entendia, quando no Egypto mandava metter os sabios que o tinham acompanhado n'uma especie de escolta, entre as bagagens, recommendando que tivessem muito cuidado com elles e com os burros. Mas isso não quer dizer que se não procure, como attributo indispensavel para a profissão policial, a intelligencia, de que deve derivar a aptidão especial que caracterisa os bons agentes de auctoridade e da justiça. Pensemos que mais vale haver menos... para zelar a nossa liberdade, a nossa honra e a nossa vida.

MAYER GARÇÃO

INTERESSES DE CABO VERDE

As concessões de terrenos

O sistema Wakefield e as vantagens da sua applicação

O systema Wakefield fundava-se nos seguintes principios:

1.º—A prosperidade das colonias novas, depende principalmente da abundancia da mão d'obra, que os capitalisats precisam ter á sua disposição, em proporção com o territorio occupado;

2.º—Pódem-se importar nas colonias trabalhadores da metropole e tomar medidas para os constranger a vivar dos salarios, durante dois ou trez annos, pelo menos;

3.º—Para impedir os assalariados de se tornarem muito depressa proprietarios, é preciso vender os terrenos a um preço verdadeiramente elevado;

4.º—A totalidade do producto da venda dos terrenos deve ir para o fundo da immigração, para transportar para a colonia, trabalhadores da metropole; applicando para este fim, a totalidade, sem restricções, do producto da venda dos terrenos, é que se póde manter um equilibrio exacto entre a extensão do terreno cultivado, a quantidade da mão d'obra disponivel, e a somma dos capitaes;

5.º—O preço do terreno deve ser uniforme e fixo, sem distincção da qualidade, variando sómente com a extensão; permitte-se a venda em praça.

6.º—O systema, assim seguido produzirá a concentração da população trabalhadora. De algumas modificações carece o systema de Wakefield para ser applicado a Cabo Verde. O primeiro ponto, sendo a consequencia da applicação do systema, obtem-se logo que os terrenos sejam vendidos por preço regular. Quanto menos accessivel fôr a terra, maior numero haverá de braços para o trabalho, sem necessidade do emprego do braço do europeu, que sempre soffre com a mudança do clima.

Quanto ao segundo ponto, não é por completo necessaria a sua applicação. Em Cabo Verde do que se necessita é do que *nós aqui chamamos* os mestres da lavoura: homens competentes para a cultura fructifera, para tratadores de gado, mestres de queijaria, horticultores, etc.

Excepcionalmente seriam precisos bons mestres de pesca, e de outras industrias ali susceptiveis de se desenvolverem. Poderiam estes immigrados necessarios ser pagos por uma parte do rendimento pela venda das terras. Feitas estas restricções o systema de Wakefield seria conveninentissimo em Cabo Verde. Acabar-se-hia com o arrendamento e com o aforamento dos terrenos: estes só seriam vendidos a um preço regular e não inferior aos dos terrenos sequeiros de particulares: á lei do inculto seria em absoluto applicada a todos, particulares e compradores, impondo-se ainda multa aos proprietarios de terrenos comprados, por falta de arborisação, aceitando-se sempre a *reversão* das terras quando o imposto não possa ser pago em absoluto.

Por este systema conseguiria o Estado crear um fundo importante «Fundo das terras» que poderia dar para a subvenção da emigração da metropole, uma parte, e a outra, por exemplo, ser destinada á instrucção publica.

Assim, desenvolver-se-hiam os meios de instrucção e moralisação proporcionalmente com as necessidades da população e o desenvolvimento da riqueza, sem recorrer aos impostos.

No proprio archipelago de Cabo Verde, ha uma ilha onde a evolução tem demonstrado ser uma verdade que a abundante concessão de terrenos é perniciosa, por isso que faz desapparecer a classe trabalhadora. Essa ilha é a Brava. Colonisada a ilha por europeus, ha muitos annos, fez-se a divisão da terra: uma parte para os colonos, outra para o Estado, que é o Montado Nacional. A emigração para a America do Norte, conseguindo meios de fortuna para muitos, o prodigioso desenvolvimento da população, a falta de concessões de terrenos da parte do Estado, foram elevando o preço da terra a tal ponto, que hoje, a onça de terreno de sequeiro, com 1.089 metros quadrados, vale 150 escudos, e na villa, séde do concelho, a mesma medida já tem alcançado 800 escudos. De fórma que o pobre não poderia com as jornas da ilha, e muito menos com as do archipelago, tornar-se proprietario, e por conseguinte emigra. Mas, os que de todo em todo não conseguem emigrar, e formam a classe trabalhadora, conseguem na Brava jornas de 50 centavos os homens, e 20 centavos as mulheres. Mas o curioso é que em épocas de crise de subsistencias, a ilha não escapa, o governo, mandando abrir trabalhos publicos, não paga mais de 16 centavos a um homem e 10 centavos a uma mulher, por dia. Chama-se a isto luctar contra a propria evolução, sendo essa lucta iniciada pelo governo.

Nós, muitas vezes, chegámos a acreditar que o governo não poderia consentir em tal, mas a evidencia se encarregou de nos mostrar o contrario. E' o governo quem tal determina, contra os principios da evolução economica e contra os da mais elementar consciencia.

Falta-nos tratar dos terrenos necessarios á pastagem do gado, e importaremos da colonisação ingleza da Australia o seu principio ainda hoje em vigor. Cada comprador de terrenos do Estado, pagando 10 libras por anno, adquire o direito a um titulo de arrendamento, cuja duração varia de 1 a 10 annos, que permitte fazer pastar os seus rebanhos na extensão de 150 hectares. D'esta maneira, utilisavam-se para a alimentação do gado os terrenos incultos, e por outro lado, evitam-se, segundo a justa observação de Merivale, os incovenientes que a experiencia tem mostrado resultar da alienação de varias extensões de terrenos a um preço nominal, e o publico obtem no fim de contas a vantagem de comprar esses terrenos, occupados momentaneamente pela pastagem, quando o seu valor augmentar pelos progressos da população e da cultura. Diverso e muito é este systema do que se adopta em Cabo Verde: qualquer cidadão, tendo meia duzia de cabeças de gado, e muitos não tendo nenhuma, pede e consegue grandes concessões de terrenos como se fossem para a cultura do algodão, e ficam com perfeitos latifundios que cerceiam cada vez mais a superficie de pastagem publica, não dando esses terrenos ao Estado mais do que um fôro minimo, que umas vezes será pago outras não.

Aqui estão as nossas simples considerações a um systema que podendo ser benefico a Cabo Verde, tem sido e continuará sendo origem dos desastres das fomes. Mas, tem sido commodo: nos annos de chuvas ninguem fala em fomes; fala-se sim na falta de braços. Nos maus annos, ahi vem uma avalanche de pequenos proprietarios, cultivadores, rendeiros, para a fila dos famintos, porque a terra não dando milho e não tendo arvores de valor economico, por o Estado as não facultar, toda essa gente tem fome e o governo não devendo deixar que morram de fome, tem que abrir trabalhos onde esses desgraçados arranjem o pão de cada dia, com gaudio de muitos que acham a sua vingança por, quando precisam, não conseguirem braços aos preços diarios de 16 centavos!!

Na Belgica

O contrabando a favor da Allemanha—Prisões e condemnações—Nas regiões industriaes—O preço dos generos

Paris, 12 de agosto

Ninguem ignora que o contrabando se faz activamente em proveito da Allemanha, por meio da Belgica, sendo a Hollanda a fornecedora. Um jornal hollandez, o *Telegraaf*, o confirma em telegramma de Berg-op-Zoom. Refere elle que o contrabando é incessante, apesar das mais severas prohibições, e cita o facto de na semana ultima umas cem toneladas de arroz passarem da Hollanda para a Belgica por Berg-op-Zoom. Quasi diariamente grandes carregamentos de farinha, de toucinho e de petroleo transpõem a fronteira hollando-belga, não obstante a vigilancia exercida pelas auctoridades hollandezas.

A partir de 21 de julho, isto é, depois da imponente manifestação do povo belga por motivo da festa nacional, as auctoridades allemãs redobraram de severidade em Bruxellas. Foram presas muitas pessoas accusadas de terem preconisado o encerramento dos armazens em signal de luto nacional.

Em Liége foi condemnado a dez annos de fortaleza um rapazito de 15 annos, accusado de espionagem, embora contra elle não houvesse prova alguma. Entre as ultimas condemnações, mencionam-se as dos srs. Prévôt e Sermelaes, condemnados o primeiro a quinze annos de fortaleza, o segundo a nove mezes de prisão, um por espionagem (accusação fundada em factos não existentes); o outro por haver transportado correspondencia. Estas tres victimas da justiça allemã foram denunciadas por uma espia belga ao serviço da Allemanha.

Nas regiões industriaes, os allemães continuam a tirar das fabricas todas as machinas e utensilios e a esvasial-as de materias-primas. Em Herstol, perto de Liége, na fabrica nacional de armas, encontram-se 200 soldados allemães, que procuram, baldadamente, conquistar as sympathias dos operarios belgas.

Pelo menos, 30 por cento da população belga acha-se refugiada em França ou na Inglaterra. O preço dos viveres é muito elevado: manteiga, 4 fr. 60; toucinho, 5 fr.; sabão ordinario, 1 fr.; pão, 1 fr. 30 o kilo; petroleo, 1 fr. 50 o litro.

As auctoridades municipaes e o clero fazem quanto podem para minorar a miseria do povo.

Policia aggredido com uma paulada

Na rua Saraiva de Carvalho travaram-se esta tarde em azeda discussão duas mulheres, uma d'ellas casada com Bento Raymundo, morador na 1.ª rua Particular, aos Prazeres, 19, loja. O civico n.º 3[illegible], da esquadra da travessa das Almas, vendo que o caso tomava proporções sérias, tratou de intervir, o que lhe valeu ser aggredido com uma paulada que lhe vibrou o Bento. O guarda foi receber curativo ao hospital da Estrella de um ferimento na cabeça, que foi cozido com 4 pontos naturaes. O aggressor e a mulher puzeram-se em fuga, seguindo para o local o piquete da policia de investigação, que os procura.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

VILLEGIATURAS

Estão em Cintra as sr.as D. Thomasia Guedes Coutinho Garrido, marqueza de Fontes Pereira de Mello, D. Alice Santos Cunha e D. Christina Santos e os srs. dr. João Henrique Ulrich, Fernando Ulrich, Adolpho de Lima Mayer, Antonio de Carvalho, engenheiro Ferreira de Mesquita, Jules Deligant, Antonio Roque do Couto, Carlos Sobral, dr. José Antunes dos Santos, Virgilio Leão, Francisco Santos Moreira, dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, D. Francisco de Almeida.

—Encontram-se na Ericeira com suas familias os srs. Dotti, Vaz Ferreira, D. José Azambuja, Batalha Reis e D. Madre de Deus Vasconcellos; em Eaux-Bonnes, Pireneus, os srs. condes do Cartaxo; em Valencia, Hespanha, o sr. Carlos de Moser.

— Regressaram do norte a sr.ª marqueza do Fayal e filhos e o sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto (filho) e esposa.

O SABIO SOURY

Falleceu em Paris o illustre homem de sciencia Auguste-Jules Soury, director de estudos na Escola pratica dos altos estudos. Contava setenta e trez annos. Entre outras obras deixa as seguintes: «A Biblia e a archeologia», «Ensaios de critica religiosa», «Retratos de mulheres do seculo dezoito» «Funcções do cerebro» e o «Systema nervoso central». A sciencia franceza perde n'elle um dos seus brilhantes ornamentos.

O CORREIO

Queixam-se-nos de Cintra que a distribuição postal é ali feita por fórma que deixa muito a desejar. Muito embora n'aquella villa haja diariamente trez distribuições, o certo é que cartas lançadas nas caixas de Lisboa apenas chegam ás mãos dos destinatarios quarenta e oito horas depois. Onde está o mal? Em Cintra ou em Lisboa? Que as estações competentes tratem de providenciar...

LUTUOSA

Falleceu o sr. Bernardino Eloy Teixeira, chefe da casa do alcaide da Imprensa Nacional, e cujo funeral se realisa amanhã, ás 17 horas, do becco dos Peixinhos, 6, 1.º

Na Academia Recreio Artistico

decorre brilhante a sessão solemne para distribuição de fato e calçado a 20 creanças

Na Academia Recreio Artistico continuaram hoje as festas commemorativas do seu 60.º anniversario, realisando-se uma sessão solemne para distribuição de fato e calçado a 20 creanças.

Pelas 14 horas, o sr. Ricardo Sestrello, secretariado pelos srs. Ennes Junior e Eurico Cabecinha, abriu a sessão historiando a vida da Academia, a mais antiga das associações de recreio de Lisboa. Descreve os fins da festa, que tem um cunho altamente beneficente, o da distribuição de roupas a creanças, dando em seguida a palavra ao sr. dr. Carneiro de Moura o qual toma como thema do seu discurso o recreio e a arte. Refere-se á obra humanitaria de protecção ás creanças e á bandeira que se inaugura.

O sr. Agostinho Fortes diz ter a festa um duplo valor: a commemoração do 60.º anniversario da Academia e a distribuição de roupas ás creanças. Refere-se ao abandono a que se vota a creança, lançando-a na rua, o que a inutilisa para a sociedade. A' creança é preciso robustecel-a phisicamente e moralmente, afastando-a d'esse meio que a anniquila. Fala sobre os defeitos da sociedade portugueza. «E' preciso apontar esses defeitos. *O primeiro d'elles é a creança*. Temos que vêr n'ella alguma coisa mais do que o que á primeira vista representa: o futuro. E' preciso educal-a de fórma a não haver differença entre as creanças pobres e ricas. No final do seu discurso o sr. Agostinho Fortes *foi muito applaudido*.

O sr. Lourenço Carneiro em nome da sr.ª D. Anna de Castro Osorio, felicita a Academia pela commemoração do seu 6.º anniversario.

Procede-se á leitura do expediente em que figuravam telegrammas de varias collectividades.

O sr. Custodio Jayme Ferreira, diz que uma commissão de socios mandára fazer o retrato do presidente da Academia, sr. Eduardo da Fonseca, que se encontra coberto com a bandeira nacional, convidando-o para o descerrar o sr. Francisco Marques, sendo este acto saudado por uma salva de palmas.

O sr. Alberto Silva recitou uma poesia escripta expressamente pelo sr. Armando Simões Dias.

Foi convidada a commissão de senhoras que confeccionou as bandeiras, duas nacionaes e uma da Academia, a içal-as, tocando o sexteto n'esse acto a «Portugueza». A commissão era composta pelas sr.as D. Marcellina Alves, D. Olivia Alves, D. Rosa Santos, D. Olinda Teixeira e D. Adelaide Sá.

O sr. Ennes Junior, em nome d'essa commissão, offereceu as bandeiras á direcção da Academia.

Depois de encerrada a sessão, seguiu-se o jantar ás 20 creanças contempladas que foram servidas pela direcção e senhoras que assistiram á festa.

Foram contempladas, como dizemos, 20 meninas, com roupas brancas, um vestido e calçado, que foi adquirido por subscripção entre os [illegible]s. Essas creanças foram: Deolinda da Silva Santos, Izabel Alves, Valeriana de Carvalho, Deolinda dos Santos, Ilda Nunes, Regina Lopes da Fonseca, Ilda d'Oliveira, Laura Dias, Flora Cogil, Gabriela Mesquita, Clara Marques, Sophia Costa, Avelina Brasinha, Anna da Trindade de Jesus, Maria Paixão, Aurora Sequeira, Isaura Cabecinha, Elvira Nascimento, Beatriz do Nascimento e Ilda Costa.

Foi tambem distribuido o conto para as creanças, offerecido pela auctora sr.ª D. Anna de Castro Osorio, «O Franganito».

A sessão foi abrilhantada pelo sexteto Castro.

A's 21 horas haverá recita seguida de baile e kermesse-tombola.

ULTIMAS NOTICIAS

As Sociedades de I. M. P.

(*Continuação da 1.ª pagina*)

Foi dispensada a marcha athletica e a corrida de 1.500 metros.

No lanço do disco obtiveram o 1.º premio Ferrão Napoles, a 24m,75 e o 2.º Raul Madeira, 22m,80. Na corrida de estafetas a 300 metros ganhou a «équipe» dos alumnos Ferrão Napoles-Alberto Frazão. Na corrida de 5.000 metros o 1.º premio coube a Raul Affonso e o 2.º a Russo Lopes. Foram dispensados os numeros do jogo da rosa e tracção entrando-se na 3.ª parte. O canto coral produziu lindo effeito, obtendo fartos applausos. A marcha em continencia final foi deslumbrante, terminando a festa no meio de calorosos vivas á Republica. A direcção da Sociedade apresentou os seus cumprimentos ao sr. ministro da guerra por ter acceito o convite para assistir á festa.

O sr. Norton de Mattos mostrou desejos de que lhe fosse apresentado o alumno Fernão Napoles, a quem felicitou pelas provas prestadas. Eram 19 horas e meia quando terminou a festa.

No campo de Sete Rios

Os exercicios da Sociedade n.º 2 decorrem com graude brilho

No Campo do Sport Lisboa e Bemfica, em Sete Rios, onde se iam realisar as provas finaes da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 2, já antes da hora marcada, as 14, se viam as bancadas e as tribunas repletas, estendendo-se a multidão ainda pelos terrenos circumjacentes.

Ao centro do campo, em linha, via-se formada a Sociedade, em numero de 200 alistados, sob o commando do alferes sr. Ribeiro, com a bandeira e o terno de corneteiros.

Pouco depois das 14 horas, o corneteiro collocado á entrada do campo dá o signal de sentido e a força faz a continencia. E' o sr. major Quirino, representando a inspecção de infantaria, que chega e vae tomar logar na tribuna de honra. Seguidamente chegam os srs. capitão Canto, representando a 4.ª repartição da 1.ª direcção do ministerio da guerra, e o vereador sr. Trovisqueiro, representando a camara municipal. A força desfila em continencia, seguindo-se os exercicios de escola de pelotão. Vão começar agora as provas sportivas, a parte mais interessante da festa. Os concorrentes, com as suas camisolas e calções brancos, desfilam em frente da tribuna, começando a corrida de velocidade, 100 metros, 1.ª e 2.ª eliminatorias, chegando em primeiro logar Antonio Aguilar e em segundo Luiz Lobo; lançamento de peso, João Duque, 8 metros; salto em comprimento, primeiro, Raphael Teixeira, 4 metros e meio, segundo e terceiro, Alfredo Marques e José Domingos; corrida de velocidade, 100 metros, final, Antonio Aguilar; saltos em altura, 1.º José Rocha, 1 metro e 50; 2.º, Raphael Teixeira, 1 metro e 45; 3.º, Luiz Lobo, 1 metro e 40; lucta de tracção em que vence a «équipe» do 1.º anno; corrida de estafetas, vencida pela «équipe» composta dos alistados Arthur Duarte, Victor Fuschini e Carlos Carvalho; corrida de resistencia, 1.500 metros, chegando em primeiro logar Guilherme Rijo, que fez o percurso em 4 minutos e 54 segundos.

Todos os numeros foram muito applaudidos, tendo sido dirigidos pelo alferes sr. Serras.

Foram trocados telegrammas pelos signaleiros, um do sr. major Quirino para o presidente da Sociedade, felicitando-o pelo bom resultado dos exercicios, e outro do presidente em resposta ao sr. major Quirino agradecendo a sua comparencia.

Foram em seguida distribuidos os premios, que constaram de relogios, objectos d'arte, medalhas e livros.

No liceu Pedro Nunes

A's provas da Sociedade n.º 4 assiste grande concorrencia

Com grande brilhantismo e enorme concorrencia realisaram-se tambem hoje as provas finaes prestadas pelos alumnos da Sociedade Preparatoria de Instrucção Militar n.º 4. Pelas 7 horas da manhã, o batalhão reuniu-se no parque de jogos do lyceu Pedro Nunes, á Estrella, onde recebeu instrucção. A's 15 horas em ponto, esse batalhão, sob o commando do alferes instructor sr. Moraes Sarmento e de dois sargentos com o respectivo terno de cornetas e tambores, dava entrada no parque, onde a assistencia era já grande e entre a qual se viam muitas senhoras. Com o batalhão ia a bandeira conduzida no meio da escolta pelo alumno n.º 12. N'uma tribuna ornamentada com bandeiras, via-se a meza para os representantes das auctoridades militares e para a direcção da Sociedade. O inspector da arma de infantaria fez-se representar pelo tenente sr. Oliveira Tavares.

A's 16 horas prefixas o alferes sr. Sarmento deu a voz de sentido começando em seguida a continencia *em ordem de marcha*, findo o que a bandeira foi levada para junto do estrado.

Iniciam-se a seguir os exercicios militares que decorrem com grande precisão. Fazem-se exercicios á voz de commando e de apito, estes ultimos para perseguição do inimigo. Seguidamente os alumnos passam a fazer exercicio de gymnastica sueca e depois jogo de pau pelos srs. Antonio Soares e Henrique Vieira Pons. A secção de signaleiros faz signaes alphabeticos emquanto outros alumnos dão saltos em altura, em comprimento, lucta de tracção á corda e esgrima. Este numero é muito apreciado por toda a assistencia. Ha depois jogo de troca de bandeiras e corridas de bicicletas.

Terminadas as provas sportivas, o batalhão fórma novamente effectuando outras evoluções e terminando com a continencia, recolhendo depois á sua séde.

A' noite effectuar-se-ha, pelas 21 horas, sessão solemne para distribuição dos premios, fazendo-se ouvir durante o acto a orchestra do Asylo Escola Antonio Feliciano de Castilho.

Sport

A taça Luiz de Camões

foi hoje disputada n'uma prova organisada com grande brilho pelo Club Naval e Lisboa

O Club Naval de Lisboa realisou hoje a sua 8.ª festa official, de que foi o principal attractivo uma prova de natação para disputar a Taça Camões, instituida pelo Club para commemorar a salvação de Camões, a nado, quando naufragou no mar Indico; a taça foi offerecida pela Sociedade de Geographia, tendo emblemas d'esta aggremiação a ladear a legenda da offerta, e um livro aberto representando os Lusiadas. E' um elegante trabalho da ourivesaria Leitão.

A's 14,30 deu entrada no Club o sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo presidente do ministerio, pelo seu secretario Levy Bensabat e pelo 2.º tenente Penteado, ajudante do ministro da marinha.

Foram recebidos pela direcção com o devido cerimonial. A imprevista chegada, pois não o esperavam tão cedo, impediu que todos os socios e convidados estivessem presentes para fazerem ao chefe do Estado a condigna recepção que lhe estava preparada. O sr. dr. Theophilo Braga visitou a installação do Club, desde o posto de soccorros, onde brilham sobre uma mesa sete taças ganhas pelo Club em provas varias, entre ellas a Taça Patria, offerecida pelo primeiro presidente da Republica portugueza.

Vê-se tambem n'esta sala um curiosissimo quadro: é uma rosa dos ventos delicadamente illuminada á penna, colorida, que foi encontrada entre as tabuas do fundo de uma barca desmanchada em 1906 na antiga doca do Sampaio, na Outra Banda. Ao centro tem a legenda: «Manuel Ferreira Portugal a fez em 175[illegible]». A Sociedade de Geographia tem feito deligencias para a obter, e já um museu nacional e varias pessoas estrangeiras teem procurado adquiril-a.

O sr. dr. Theophilo Braga escreveu no livro dos visitantes:

«Nascido e creado á borda d'agua na ilha de S. Miguel, a presença do mar deu-me a organisação phisica que me levou ao cume da existencia—setenta e dois annos—o sentimento poetico da contemplação do Atlantico, e a fórma de afrontar os conflictos da existencia. A visita a esta benemerita associação naval encanta-me e infunde-me as maiores esperanças na geração que aqui recebe a orientação que nos tornou grandes na Historia.»

A's 15,30 seguiu o sr. presidente da Republica com os que o acompanhavam para bordo do hiate *Balaena*, propriedade do sr. Holbeche, onde se installou o jury. No caes formavam guarda d'honra os grupos 2 e 3 d'escoteiros, que no club recebem lições de remo e de natação.

A primeira prova, foi a corrida de 500 metros, ida e volta do caes á muralha, entre praças da armada, com premios offerecidos pelo ministerio da marinha; a segunda, o mesmo percurso, entre os juniors do club; a terceira, de 250 metros, entre Escoteiros de Portugal; a quarta, de 250 metros, entre principiantes do club; a quinta, a da Taça Camões, para disputar o campeonato de 500 metros, entre *equipes* do Gimnasio Club, Sport Algés e Dafundo, Club Internacional de Foot-ball e Club Naval, figurando os melhores nadadores de Portugal; a sexta, prova de 500 metros entre praças do exercito, com premios offerecidos pelo ministerio da guerra.

A festa terminou com um *match* de *water polo* entre dois *teams* de nadadores do Club Naval.

A bordo do *Balaena* foi servida uma taça de champagne, brindando n'essa [illegible] o chefe do Estado pelo presidente da assembleia geral do Club, o sr. Duarte Holbeche que lhe agradeceu a honra, e enalteceu o seu valor como homem politico e sabio de nomeada universal. Em nome do sr. Theophilo Braga agradeceu o presidente do gabinete, falando novamente o sr. Holbeche, e por ultimo o sr. D. José de Noronha, presidente da direcção do Club.

Cahindo por uma ribanceira

No Alfeite cahiu hoje por uma ribanceira, da altura d'uns 100 metros, o marinheiro da armada Francisco da Silva Jordão. Veiu para Lisboa, ingressando no hospital de S. José, onde foi pensado pelo sr. dr. Alberto Gomes e enfermeiro Oliveira, recolhendo a uma das enfermarias. Está em perigo de vida, havendo poucas ou nenhumas esperanças de o salvar.

A grande guerra

A lucta na frente occidental

PARIS, 15.—Communicação official. Durante a noite houve bombardeamentos reciprocos, particularmente violentos em Artois (sector de Souchez e de Roclincourt) na Champagne (fortim de Beausejour) e na Lorena (região de Leintrey e de Reillon).

Entre o Oise e o Aisne fizemos explodir uma mina ao norte de Puisaleine e occupámos a excavação depois de um violento *corps-à-corps*.

Na Argonne lucta de bombas e de petardos em Courtes-Chousses e em Fontaine-aux-Charmes.

Nos Vosges, na região La Fave, uma mina allemã explodiu na cota 607 (sul de Lusse) sem causar perdas de vidas nem prejuizos.

Um agrupamento de 19 aviões bombardeou os parques e os depositos dos allemães no valle de Spada. Foram lançadas 108 granadas sobre os objectivos; todos os nossos aviões regressaram sem incidente.—(*Havas*).

Exportação de gado

O proprietario d'um talho trouxe-nos hoje a informação de que devem embarcar ámanhã para Gibraltar 120 bois e 460 carneiros, accrescentando que até hoje essa exportação não ia, cada semana, além de 70 bois e 100 a 150 carneiros. Chamou para o facto a nossa attenção, dizendo estar convencido de que se trata d'um negocio particular feito com grave prejuizo dos consumidores.

Se assim é, todas as medidas serão poucas para evitar essa sahida de gado e castigar até os que a exercem, ludibriando a lei. Mas a verdade é que as nossas informações dizem que a exportação se faz para abastecimento da esquadra ingleza, em troca de compensações offerecidas pela Inglaterra á nossa industria e ao nosso commercio e que representam beneficios de caracter geral. Da Inglaterra continua a vir uma grande parte da materia prima das nossas industrias. Da Inglaterra tem vindo o carvão necessario para a laboração das fabricas. Se assim não fôsse, muitos milhares de operarios estariam já sem trabalho, e talvez estivessemos em vesperas de vêr suspensas as communicações ferro-viarias e até a producção de luz nas cidades de Lisboa e Porto.

E' preciso não esquecer isso quando se fala na exportação de gado para Gibraltar, desde que elle seja, como suppômos, para o abastecimento da esquadra ingleza.

NA FIGUEIRA DA FOZ

O congresso dos caixeiros

Iniciam-se os trabalhos approvando-se o relatorio elaborado pela commissão da zona norte

FIGUEIRA DA FOZ, 15.—Iniciaram-se hoje os trabalhos do 4.º Congresso dos Caixeiros, na séde da Associação de classe, que está installada na antiga residencia do conde do Paço. Estando presentes delegados de quasi todas as cidades do paiz, abriu a sessão preliminar, presidida pelo sr. José de Almeida. Feita a verificação de poderes e approvado o regulamento do Congresso, tomou a presidencia o sr. Joaquim Domingues, representante da Associação dos Caixeiros de Lisboa, secretariado pelos srs. Mario Correia, que representa o jornal portuense *A Acção*, e Joaquim Costa, representante do Atheneu Commercial de Coimbra.

O presidente saudou os congressistas, o operariado e o povo da cidade da Figueira, lamentando que o elemento official não tivesse a menor attenção para com os congressistas seus hospedes.

Foram approvados uma moção de solidariedade com os tipographos do Porto que estão em gréve e um voto de sentimento pelos camaradas mortos, sendo em seguida lido e approvado o relatorio apresentado pela commissão da zona norte.

Com o craneo fracturado

Conductor dos electricos em estado comatoso

A noite passada, pela 1 hora e meia, recolhia á estação de Santo Amaro o carro electrico de que era conductor José Dias, de 24 annos, solteiro, natural de Ceia, morador na rua Paschoal de Mello, 65, loja. A fim de puxar a corda do *trolley*, o conductor deitou a cabeça por uma das janellas, sem reparar em que ia a passar junto d'um dos postes, do que resultou apanhar tão violenta pancada que ficou com a parte superior do craneo fracturada por completo.

Transportado para o hospital de S. José, o conductor José Dias, que tinha na companhia o n.º 264, soffreu a operação do trapano, depois do que recolheu á enfermaria n.º 3 em estado comatoso.

Movimento associativo

Inhabilitados do trabalho

Para discussão da reforma da lei estatuinte, reune a assembléa geral amanhã, ás 20 horas

Os Balkans e os alliados

Reune amanhã o parlamento grego—Vae reunir o servio—O que resolverão sobre a attitude balkanica?—A Bulgaria e a Romania e os esforços da Quadrupla Entente

Deve reunir-se ámanhã o parlamento grego, parecendo não se confirmarem os boatos de que seria dissolvido. Crê-se que o rei Constantino não suspenderá a normalidade constitucional e que chamará ao poder o sr. Venizelos com quem teve uma larga conferencia, a que alludem os ultimos telegrammas, e á sahida da qual a multidão acclamou o grande homem de Estado. O sr. Venizelos vae encontrar no ministerio dos negocios estrangeiros a communicação em que se estipula a vontade das potencias, relativamente á região de Cavalla. Como reparará o eminente estadista o mal resultante da «occasião perdida» que, ao abandonar o governo em março ultimo, elle declarava já irreparavel, ainda mesmo que regressasse ao poder? A opinião publica hellenica tem sido muitissimo agitada nos ultimos tempos e não podem fazer-se juizos preconcebidos sobre o resultado das meditações do rei, desde o seu restabelecimento, meditações em que, por certo, não deixará de exercer influencia os actos de perseguição de que os gregos teem sido objecto na Turquia.

Os deputados servios vão egualmente reunir-se em Nich. O sr. Pachitch precisa de ouvil-os ácerca dos sacrificios territoriaes em que o reino pagaria uma intervenção immediata da Bulgaria em favor dos alliados. Virá o presidente do conselho servio a receber, antes d'isso, da Quadrupla *Entente*, explicações complementares sobre certos pontos que facilitarão talvez essas concessões que a necessidade dos alliados obriga a pedir aos seus valentes irmãos de armas. Esse abandono de territorio seria, de resto, compensado pela acquisição d'outras regiões servias, actualmente sujeitas ao dominio austro-hungaro e que darão ao joven reino slavo uma cohesão maior e uma unidade mais solida que os territorios a éste da linha Egri-Palanka-Ochkrida, que, dadas as reivindicações bulgaras, constituirão sempre uma possessão precaria e uma origem de conflictos. O esforço militar que os allemães se propõem fazer contra a Servia torna um entendimento com a Bulgaria ainda mais desejavel e urgente.

A actividade da diplomacia da Quadrupla-*Entente* manifesta-se egualmente na Romania, como o testemunha a firmeza com que o governo de Bucarest se recusa a deixar passar as munições allemãs para a Turquia. Os alliados esperam que a Romania cumpra n'esta guerra o papel que o dever nacional lhe impõe. Se ainda agora está inactiva —observa um jornalista que acompanha dia a dia o movimento diplomatico—não lhe cabe apenas a ella a responsabilidade. As circumstancias nem sempre favoreceram as negociações, a retirada russa paralisou certas iniciativas. Hoje é a Bucarest, em ultima linha, que pertence apreciar as que se adaptam melhor ás condições militares e ás previsões do estado-maior.

Em Sofia, as proximas resoluções estão unicamente nas mãos do rei e do governo. O sr. Radoslavof recebeu da Quadrupla-*Entente* offerecimento positivo. A Bulgaria, em virtude da *démarche* dos quatro ministros alliados, sabe o que lhe proporcionará a sua intervenção immediata. As hesitações ou tergiversações quanto á resposta apenas, se explicariam — pondera o jornalista já mencionado— pela incapacidade da tomar uma resolução.

O ouro em França

Mais de cem milhões em oito dias

Paris, 12 de agosto

As cifras respeitantes á entrada do oiro no Banco de França augmentam de semana para semana. Na precedente semana recolheram-se 90 milhões e na actual mais de 100 milhões.

Convém frisar que só a succursal de Dunkerque á sua parte recolheu tres milhões e meio. O patriotismo dos bravos habitantes da cidade, sujeitos a um bombardeamento intermitente, é simplesmente digno da admiração de todos os francezes.

Para melhor apreciar ainda o esforço realisado, recordem-se os resultados obtidos na Allemanha, a despeito das medidas coercitivas e da tentação d'um bom premio. Foi no outomno passado que o Banco do Imperio começou appellando para o publico e apenas uma vez conseguiu recolher 62 milhões, não attingindo sequer a media de 70 milhões, não obstante a larga publicidade feita durante vinte e tres semanas.

A questão da cortiça

As opiniões d'um pequeno industrial

—O que nos diz a proposito do projecto que tem por fim promover o desenvolvimento da industria corticeira?

Esta pergunta, que dirigimos a um pequeno industrial corticeiro do Poço do Bispo, obteve a seguinte resposta:

—Não tenho procuração alguma dos meus collegas para lhe responder em seu nome, mas julgo interpretrar a sua maneira de ver dizendo que o projecto de lei nos satisfaz completamente, sendo nosso dever defendel-o contra os ataques que lhe possam ser dirigidos. Ha approximadamente quarenta annos que os corticeiros reclamam o desenvolvimento da industria corticeira, tendo só obtido pequenas vantagens. O projecto de lei é o inicio d'esse desenvolvimento, que ha de ir augmentando gradualmente com o andar dos tempos.

—Concorda com a idéa da creação do Banco de Fomento?

—Plenamente, sem elle nada se faria de util nem de pratico. Todos teem a ganhar com esse idéa. O Estado, a agricultura, o commercio e os operarios. A sua direcção fica bem entregue aos directamente interessados. O juro de 3 por cento para o fomento industrial e agricola virá produzir uma revolução bancaria pois que os outros Bancos não lhe poderão fazer competencia. As Caixas de Credito Agricola mutuo são um bom elemento de distribuição de capital, que lubrificará todo o nosso systema economico interno. Pódem servir como excellentes indicadores da acção economica das diversas regiões e da sua maneira de ser industrial e agricola.

—E o Mercado de Productos Corticeiros? Que pensa da sua utilidade?

—Para a grande industria corticeira é inteiramente inutil, mas tem a inapreciavel vantagem de libertar a pequena industria corticeira da tutela dos compradores actuaes dos seus productos. Os pequenos industriaes corticeiros compram a «lôbos» e vendem a «tigres» as cortiças que manufacturam. N'estas condições, é precaria a sua situação e a dos operarios. Libertar as industrias, tornal-as aptas para exercer sem peias nem restricções a sua missão civilisadora, seria o ideal a attingir pelo qual o mundo inteiro se agita n'este momento produzindo-se a maior hecatombe de todos os tempos.

—E considera util a propaganda dos nossos productos de exportação por meio de caixeiros viajantes officiaes?

—Utilissimo. Sem propaganda commercial garantindo a authenticidade das marcas e a pureza dos productos nada se conseguirá de perduravel e duradouro.

«A guerra economica continuará á dos campos de batalha, e quem melhor estiver aprestado para a lucta é quem vencerá.

«Hoje, tudo se reduz a processos scientificos a empregar na industria, na agricultura e no commercio. Quem os não empregar morrerá na inanição. Os povos melhor armados para a lucta economica serão os triumphadores. Todos os paizes civilisados assim o comprehendem.

—E quanto á remodelação da fiscalisação das cortiças?

—Penso ser logica e acertada pois que a fiscalisação das cortiças como se está fazendo não honra a classe corticeira e prejudica o Estado.

«A fiscalisação das cortiças deve ser entregue a quem tenha competencia technica e indispensavel illustração. Não se póde comprehender a existencia de fiscaes technicos sem saberem ler, escrever e contar correctamente. Como poderão elles prestar informações por escripto das fraudes de que tiverem conhecimento se forem analphabetos? Poucos são os corticeiros que sabem discernir entre uma cortiça «enguiada» e outra «rachada», por isso se torna necessario nomear fiscaes technicos individuos devidamente habilitados.

—Acha exagerado o periodo de dez annos para extrahir a cortiça dos sobreiros?

—Não é! O que se está praticando com a tiragem das cortiças assume as proporções d'um vandalismo inaudito. Tirar cortiças com seis e sete annos de creação é desvalorisar a producção e destruir os sobreiros. Todo o rigor é pouco para castigar os que, levados por uma ambição desmedida e sordida, prejudicam um dos mais importantes ramos da nossa riqueza publica.

Munições! Munições!

As fabricas francezas vão fornecer quantidades enormes, diz o sr. Albert Thomas

Paris, 12 de agosto

O subsecretario de estado das munições, sr. Albert Thomas, interrogado sobre a situação declarou:

«As fabricas foram construidas e dispostas á americana e não tarda que forneçam á defeza nacional quantidades enormes de munições. A fim de permittir aos industriaes que se organisassem, fizemos contractos a longo prazo. Para attingir os resultados que temos em vista, tomámos grande numero de providencias. Mandámos regressar os especialistas; dezenas de milhares de homens foram postos á disposição dos fabricantes. Vão tambem empregar-se mulheres e homens não mobilisaveis. Temos manufacturas em grande numero: augmental-as-hemos, duplical-as-hemos.

«Os industriaes comprehenderam a situação. Secundam admiravelmente os nossos esforços. Criam. As novas officinas contam-se por dezenas. Os pequenos fabricantes vieram ter comnosco e, comprehendendo que não podem trabalhar isoladamente, aggrupam-se.

«A minha conclusão é esta: Temos um exercito que n'este momento está sufficientemente para corresponder a qualquer choque; um exercito capaz até d'uma forte offensiva. O moral é bom.

A força dos alliados augmenta de dia para dia, não só em Inglaterra como em França e, apezar de toda a formidavel industria de que dispõe a Allemanha, não é possivel que os recursos dos alliados lhes deixem de assegurar, na hora propria, a completa victoria. Os nossos recursos e os da Inglaterra assegurar-nos-hão a supremacia. Todos os dias affirmo aos meus amigos a minha convicção: Venceremos!

Uma invenção que seria sensacional

Turim, 12 de agosto

O engenheiro italiano Guarini inventou um apparelho destinado a mudar instantaneamente a direcção dos torpedos lançados pelos submarinos, fazendo-os rebentar antes de attingirem o objectivo visado. A invenção foi já submettida ao exame das auctoridades navaes italianas. O seu mechanismo pode applicar-se a qualquer navio. Funcciona do mesmo modo, quer o navio esteja parado, quer em andamento.

O inventor assegura até que o inimigo é impotente para neutralisar o effeito da sua invenção, ainda mesmo que descubra a presença do apparelho.

A chronica da roubalheira

A policia da 2.ª secção procede a averiguações a fim de saber a quem pertence uma grande porção de sucata de zinco que foi apprehendida a dois gatunos a noite passada na rua 24 de Julho. Chamam-se os gatunos Antonio Rondão Pontes e João dos Prazeres, moradores, respectivamente, no Alto dos Sete Moinhos 26, loja, e rua de Campo de Ourique, pateo do Wenceslau.

—Para juizo foram enviadas as gatunas de forasteiros Rozaria Ferreira David, moradora na rua das Fontainhas, a S. Lourenço, 28, loja e Maria da Luz, a «China», accusadas de terem furtado um cordão de ouro, um relogio de aço e 5 escudos em dinheiro, tudo avaliado em 48 escudos, a Thiago Pedroso, 2.º cabo n.º 94 da 4.ª companhia da guarda republicana.

—Tambem para o 3.º juizo são amanhã enviados José Carlos Dias, o «Maluco», da Calçada de S. João Nepomuceno, 29, loja, e Francisco Maria, o «Picaroço», rua das Madres, 18, 1.º, accusados de no dia 12 terem furtado varios objectos no valor de 58$90 a Avelino José Canalhedo, morador na rua 24 de Julho, 14, e Frederico Sequeira Lopes, da mesma rua, 50, E.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Fossas que trasbordam

Deixa muito a desejar a fórma como os encarregados da limpeza procedem na calçada da Picheleira, em Chellas. As fossas que ali ha estão a trasbordar, exhalando um cheiro pestilencial. Com o calor que faz, tal facto representa um verdadeiro perigo para a saude publica, tanto mais que nos dois marcos fontenarios do sitio se vem ha dias notando falta d'agua.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Agulha em palheiro.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Geisha.

Boatos e informações

Entre nós

A tournée Chaby encontra-se actualmente no Algarve devendo percorrer por estes dias Silves, Portimão e Lagos.

—Na proxima epoca de inverno será representado no Nacional a adaptação de «Fausto», devida á pena de Coelho de Carvalho.

—Foram adquiridos para uma empreza de Lisboa os direitos de representação da comedia de Caillavet e de Flers «L'ange du foyer».

—E' a seguinte a distribuição do 6.º quadro da revista «Não desfazendo...» que sobe á scena no Politeama na proxima sexta feira: «Brandura», Maria Pia; «Formiga», Gomes; «A hora gloriosa», Palmyra Torres; «O deputado da provincia», Ignacio; «Bibi», Flora Dyson; «As esgrimistas», Dolores, Sophia Sousa e Laurentina Martins; «As aviadoras», Julia de Assumpção, Vicenta Palope e Antonia Mendes; «O Fatias», Luciano; «O Alfredo das madeixas», Gil Ferreira; «O Peste Bubonica», Sarmento; «Carlinhos», Holbeche Bastos; «Lió», Clemente Pinto; «64», Corte Real; «Maria das tairocas»; Elvira Costa; «Rosalina», Leopoldina Velloso; «Um cauteleiro», Teixeira Soares; «Um moinante», Portugal; «Um operario sem trabalho», Henriques; «Uma mãe de familia». Elisa Vaz; «Uma florista», Cremilda Torres; «D. Alzira», Julia de Assumpção; «As estrangeiras», Sallaty, Isaura de Sousa, Leopoldina Velloso, Antonia Mendes, Fernanda de Almeida.

—Os duettistas Geraldos estão trabalhando com successo no Casino Internacional do Mont'Estoril.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia.—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Movimento maritimo

Liverpool, «Anselm» (Pará)......	16
Madeira e Canarias, «Ardeala» (Liv.)	17
Afr. oriental, v. S. Thomé, etc. «Beira»	18
Afr. oriental, «Clan Ross» (Liverpool)	18
Afr. oriental, «Malatian» (Liverpool)	18
R. Jan., S. e R. Pr., «Demerara» (Liv.)	19

COLISEU DOS RECREIOS

A'manhã representa-se a «Geisha»

O Coliseu teve hontem uma enchente e deve ter hoje outra, pois que sobem á scena, em segunda representação, *As damas viennenses*, a linda opereta de Franz Lehar, que o publico applaudiu com o maior enthusiasmo, applausos merecidos, pois que os artistas cantaram todos os trechos com o maximo sentimento e correcção.

Rozalia Pangrazi pode dizer-se que esteve admiravel e Fernando Razzoli Granieri e Marchetti muito correctos nos seus papeis. O grande comico Ettore Razzoli fez um «tambor-mór» que teve o publico em constante gargalhada, sendo correctissimo no desempenho.

Para estreia do soprano Cina de Valdés e do tenor Raffaelo Viggani, sobe ámanhã á scena em recita da moda a graciosa opereta de costumes japonezes *Geisha*, que será posta com grande luxo de scenario e guarda-roupa.

PEQUENAS NOTICIAS

Antonio Joaquim Carvalho, morador na travessa do Zagallo, 13, 3.º, foi preso de madrugada na rua dos Sapateiros, por andar munido d'um revolver carregado com cinco cargas, sem ter licença de porte de arma. Tambem foram presos Daniel Balthazar, rua Maria Pia, 61, loja, e Manuel Nogueira, sem residencia, o primeiro por ser encontrado ás duas horas na rua Silva e Albuquerque e o segundo na praça de D. Pedro, munidos de grandes navalhas de ponta e mola.

—Na União Christã da Mocidade ha amanhã, ás 20 horas e meia, uma reunião de oração pela paz. A sessão commemorativa da tomada de Ceuta fica transferida para o proximo sabbado. Haverá uma conferencia popular pelo sr. Bernardino Martins d'Almeida, musica pelo quintetto «Munier» e estreia da nova bandeira associativa.

—Na enfermaria 5 do hospital de S. José deu entrada João dos Santos, aggredido em Marvilla pela policia, que lhe fracturou um braço e o contundiu pelo corpo.

contra-ataque á baioneta fel-os recuar.

Avançando sobre o canal, os allemães haviam conseguido chegar a um ponto a menos de cinco kilometros de Ypres e estavam-se preparando para atacar o extremo de Mont-des-Cats em Messines e Wytschaete, tornear a cadeia pelo sul pelo bosque de Ploegsteert e Neuve Eglise-St. Yves, que seria uma magnifica posição para a sua artilharia, pois d'ahi poderia bombardear Messines e os terrenos elevados que ficavam a oeste. A principal estrada que liga Ypres com Armentières, onde era o centro do terceiro corpo, passa por Messines. Os allemães tinham alcançado quasi a orla da ultima linha de trincheiras guarnecidas pelas forças alliadas do mar a La Bassée. O fogo da sua artilharia approximava-se mais e mais.

Na noite anterior uma granada d'uma bateria allemã havia cahido dentro de Ypres. Durante a tarde de 30 mais granadas cahiram na cidade. Uma d'ellas cahiu n'um camion e estropiou o «chauffeur», que estava dormindo dentro d'elle, outra cahiu entre as tropas francezas que estavam n'um edificio matando e ferindo muitos soldados.

O ataque pelo sul e pelo sudeste tinha, por isso, correspondido á expectativa do kaiser. Os allemães sobre a eminencia do Zandvoorde na fronte da elevação Klein Zillebeke ameaçavam o flanco direito e a retaguarda da posição de sir Douglas Haig. Quando o commandante inglêz soubera da retirada da divisão de Byng ordenára que a linha de Gheluvelt ao canal Comines-Ypres fôsse mantida a todo o custo.

A 2.ª brigada estava collocada na retaguarda d'essa linha, estando um batalhão postado nos bosques a quasi dois kilometros ao sul de Hooge como reserva. A' noite, o general d'Urbal mandou tres batalhões e uma brigada de cavallaria do 9.º corpo francez para as proximidades de Klein Zillebeke.

«Ordens foram dadas — diz sir John French—para empregar todos os esforços a fim de manter a linha, e, mantida ella, retomar a offensiva».

Desde Zandvoorde, por Gheluvelt, até Zonnebeke não houve intermittencia na lucta. O 1.º batalhão do Royal Welsh Fusiliers, commandado pelo tenente coronel H. O. S. Cadogan, entre Zandvoorde e Gheluvelt, havia perdido dois terços do seu effectivo, mas dois ataques contra outras partes das trincheiras do primeiro corpo tinham sido detidos pelas defezas d'arame farpado na frente das trincheiras e pelo fogo da infantaria que as guarneciam.

Os francezes desde Zonnebeke até ao canal Yperlee a oeste de Bixschoote pelejaram todo o dia com fortuna varia e ao cahir da noite retomaram Bixschoote e avançaram para Passchendaele. Atravessaram tambem o canal Yperlee e avançaram para a orla occidental da floresta de Houthulst.

No Yser, os allemães tomaram, porém, Ramscappelle e estavam n'alguns logares além do leito do caminho de ferro. Furnes assim como Ypres pareciam prestes a cahir nas mãos do kaiser.

Ao sul do Lys o inimigo bombardeou com violencia o terceiro corpo e eram tantas as granadas que cahiram na região de Armentières que o telephone foi frequentemente cortado. O inimigo renovou os esforços contra o corpo expedicionario indio e o destacamento que o apoiava do segundo corpo. Para além de La Bassée o exercito do general de Maud'huy avançou sobre Vermelles, a sudoeste de La Bassée, emquanto as forças do general de Castelnau varriam Quesnoy-en-Santerre entre o Somme e o Oise.

O dia 31 d'outubro será para sempre memoravel nos annaes do exercito britannico e do imperio. Foi talvez o mais critico de todos os dias da batalha da Flandres. Os allemães no Yser e em roda de Ypres empregaram um esforço extraordinario para terminarem em sua vantagem a terrivel lucta que estava travada havia mais d'uma quinzena.

Na ala esquerda, a manhã havia sido assignalada pela victoria de

Croix Maréchal—a 19.ª brigada de infantaria defendeu-se á baioneta.

Nada menos de doze batalhões foram empregados n'esse ataque, que era dado com a intenção de facilitar a tomada de Armentières. Parte das trincheiras guarnecidas pelo regimento de Middlesex foram perdidas e só algumas horas depois, quando reforçado por destacamentos dos regimentos de Argyll e dos Highlanders Sutherland, vindos de Armentières, é que os Middlesex recuperaram o terreno perdido. Os inimigos que estavam já nas trincheiras foram mortos á baioneta ou aprisionados.

Na ala direita, os allemães, durante o dia, deram diversas cargas sobre os indios e as brigadas do segundo corpo que com elles tinham ficado. Uma trincheira foi perdida, depois retomada. A violencia da lucta póde ser avaliada pelo facto de só na frente d'um batalhão os allemães terem deixado seiscentos mortos e feridos.

Proximo de Festubert, uma aldeia a dois kilometros e meio ao noroeste de Givenchy, na extrema direita da linha, o tenente James Leach e o sargento John Hogan, do 2.º batalhão do regimento de Manchester, recuperaram por sua propria iniciativa uma trincheira depois de terem falhado duas tentativas para isso. Foram ambos condecorados.

Qualquer duvida que ainda houvesse no espirito de Joffre e Foch ácêrca da violencia da lucta entre La Bassée e o mar deve ter desapparecido no dia 29.

Ordens haviam sido dadas aos generaes Maud'huy e Castelnau para retomarem a offensiva a fim de reterem o mais possivel o inimigo ao sul do canal Béthune-La Bassée-Lille. Os ataques feitos por Maud'huy e Castelnau, o ultimo dos quaes quasi deixou em ruinas Quesnoy-en-Santerre no dia seguinte—30 d'outubro—impediu o kaiser de engrossar ainda mais as suas enormes forças ao norte do Lys.

A batalha de Ypres não estaria irremediavelmente perdida senão quando os allemães tivessem tomado a cadeia de Mont-des-Cats; mas o 2.º corpo e as divisões da Guarda Prussiana que haviam sido mandados para o Lys chegaram no dia 30, tendo essas forças augmentado as probabilidades a favor dos allemães. Mas durante os dias 30 e 31 uma torrente, que parecia não ter fim, de tropas francezas entrou em Ypres.

Era tempo. Os inglezes estavam exhaustos. A parte tomada pelos francezes na batalha da Flandres só poderá ser bem apreciada quando o ministerio da guerra francez permittir a publicação de todas as particularidades da lucta. Os francezes perderam ahi o enorme numero de 77.000 homens.

Na manhã do dia 30, o exercito inglez, com a sua ala esquerda estendida para Zonnebeke e a direita para oeste de Givenchy, voltou a frente a sudeste e occupou uma fronte de cerca de quarenta e oito kilometros. De Zonnebeke, o primeiro corpo estendeu-se pelos bosques para o canal Comines-Ypres na linha Zonnebeke-Gheluvelt-Kruiseik-Zandvoorde-Hollebeke. O outeiro de Kruiseik, a elevação de Zandvoorde e a alta e dominadora eminencia de Zandpoudre na estrada Ypres-Menin estavam ainda em poder dos inglezes.

De Hollebeke, o corpo de cavallaria, apoiado pelos dois batalhões de tropas indias, guarneceu os bosques até Wytschaete a nordeste da cadeia de Mont-des-Cats. A sua ala direita guardou Messines e estendeu-se atravez da torrente do Douve e pela baixa penedia ao sul d'essa torrente para St. Yves e para o bosque de Ploegsteert. No bosque ficou a ala esquerda do terceiro corpo, que guarneceu tambem Le Gheir e a estrada atravez d'essa povoação e de Ploegsteert para Bailleul, d'ahi atravessava o Lys a oeste de Frelinghien e, obliquando em roda de Armentières, ficava em contacto com a esquerda do corpo expedicionario indio e com as duas brigadas e meia do segundo corpo que defendiam a linha desde Fauquissart por Neuve Chapelle até Festubert.

O exercito francez da Belgica, commandado pelo general d'Urbal, estava disposto parte entre Zonne-

beke e a passagem do canal Yperlee ao sul de Bixschoote, e outra parte ao longo de Yperlee e do canal do Yser até Dixmude e d'ahi, ao sul do leito do caminho de ferro, até Nieuport.

De Zonnebeke até ao mar em Nieuport Bains, as trincheiras francezas, n'uma linha sinuosa, occupavam uma extensão de quasi quarenta e oito kilometros. As reservas francezas estavam na cadeia de Mont-des-Cats e em roda de Ypres, Poperinghe, Oostvleteren e Furnes

O general Durbal estava sob as ordens do general Foch, que por seu turno obedecia a Joffre. Tão importante era a situação que Foch e Joffre estavam no local para superintenderem nos movimentos dos seus logares tenentes. O presidente Poincaré veiu ali, para com a sua presença estimular os seus compatriotas.

O resultado da batalha era importante para o kaiser.

O prestigio do exercito allemão fôra apoucado e para o levantar uma victoria retumbante era necessaria. No dia 30 o kaiser falou ás suas tropas dizendo-lhes que deviam romper a linha para Ypres e que considerava o ataque de vital importancia para o bom exito da guerra.

Todos os meios materiaes e moraes para ganhar a batalha eram empregados e é significativo o facto do principe real da Baviera, durante a lucta, ter mandado ás bandas executar o «Hymno do Odio».

O plano dos dirigentes allemães era muito simples. Propunham-se conter as forças alliadas no Yser e ao sul do Lys e concentrar as massas das suas tropas para um ataque contra o centro. A tactica era a empregada por Napoleão no fim da sua carreira quando, em vez de manobrar contra o flanco dos seus inimigos, quiz pegar, como Davout diz, «o touro pelos cornos».

O kaiser tinha duas alternativas: uma era carregar com todo o pezo sobre o terceiro corpo, o corpo expedicionario indio e o segundo corpo, a outra romper o centro. Esta ultima parecia ser a melhor.

Se Ypres e Poperinghe pudessem ser tomadas e a cadeia de Mont-des-Cats varrida, a direita do exercito franco-belga no Yser teria sido envolvida e cortada da ala esquerda dos alliados. Depois, com os automoveis que tinha ao seu dispôr e pelo caminho de ferro Roulers-Don-La Bassée, grande parte do exercito victorioso podia ser transportado para o sul do Lys contra o terceiro corpo, a força expedicionaria india e o segundo corpo. Em caso de exito, os allemães podiam avançar a este para Boulogne e cortarem as communicações por terra de todo o exercito alliado que tomára parte na batalha da Flandres.

Enver Pacha, ministro da guerra na Turquia

A rêde de canaes e a natureza do terreno entre o Yser e Dunkerke não eram favoraveis para dar o principal ataque contra a esquerda alliada. O centro dos alliados, por outro lado, tinha o Lys e grande numero de diques e reprezas na sua frente, ao passo que a floresta de Houthulst e o massiço de bosques a sul e leste de Ypres offereciam um abrigo ás columnas que avançavam. A floresta estava por completo em poder dos

allemães, os quaes haviam já penetrado nos suburbios dos bosques de Wytschaete-Hollebeke-Zonnebeke e ambos os lados do canal Comines-Ypres além e aquém de Houthem estavam por elles occupados. A linha do Lys desde Pont Rouge a Menin e para léste era d'elles, não havendo, por isso, serio obstaculo entre a sua linha e Ypres.

O massiço de bosques a leste de Ypres e entre o canal Ypres-Comines e a estrada Menin-Ypres é muito denso entre Hollebeke e Gheluvelt. Para se approximar d'esses bosques, cujo assalto final podia ser lançado sobre Ypres, era necessario desalojar a 3.ª divisão de cavallaria da eminencia de Zandvoorde. Se tal se conseguisse, a posição da parte do primeiro corpo postada no outeiro de Kruiseik tornar-se-hia insustentavel, emquanto os allemães de Zandvoorde e Becelaere podiam atacar Gheluvelt pela estrada Becelaere-Gheluvelt-Zandvoorde.

Ao romper do dia a artilharia allemã fez cahir sobre as trincheiras de Zandvoorde um verdadeiro diluvio de granadas explosivas e de shrapnels. A 7.ª brigada de cavallaria, que n'aquella manhã estava na fronte da linha, apesar do facto de muitas trincheiras se desmoronarem manteve-se desesperadamente na posição. Mas todo o 15.º corpo allemão fazia frente, em numero extraordinariamene superior, a essa brigada, e mesmo com o apoio da 6.ª brigada e da artilharia era impossivel permanecer ali.

Por isso, a 7.ª brigada recuou para as trincheiras de reserva, occupadas pela 6.ª brigada, para a eminencia Klein-Zillebeke e os bosques que se estendiam ao longo d'ella. Em auxilio de Byng mandou o general Allenby os Escocezes Cinzentos e o 3.º e 4.º regimentos de hussares.

O inimigo, que esperava estar aquella mesma tarde em Ypres, empregou ainda maior esforço. Apoiado pela sua poderosa artilharia, atacou de novo a divisão de Byng. O Castello de Hollebeke, no lado leste do canal, teve de ser abandonado. A 6.ª brigada de cavallaria, com os Escocezes Cinzentos e o 3.º de hussares á esquerda e o 4.º de hussares á direita, manteve-se, porém, firme. Ao anoitecer, a cavallaria de Byng, os Escocezes e os hussares foram rendidos pela 4.ª brigada de infantaria sob o commando de lord Cavan. Essa brigada compunha-se do 2.º regimento de Guardas Granadeiros, do 2.º e 3.º de Guardas Coldstream e dos Guardas Irish.

Entretanto a oeste do canal Comines-Ypres a 2.ª divisão de cavallaria havia sido atacada com egual furia, especialmente nas trincheiras em roda de Hollebeke defendidas pela 3.ª brigada.

A' 1 hora e meia da tarde essa brigada, em virtude da superioridade do numero de homens e de metralhadoras do inimigo, foi obrigada a recuar. Allenby viu-se forçado a enfraquecer a 1.ª divisão de cavallaria que defendia a importantissima linha do bosque de Ploegsteert a Messines, tirando d'ella a 2.ª brigada menos um regimento, para a collocar n'um ponto entre Oostaverne e St. Eloi na estrada Warneton-St. Eloi-Ypres para apoiar a 2.ª divisão de cavallaria.

Como uma grande columna d'infantaria estava avançando sobre Messines e os dois batalhões indios com Allenby estavam muito fatigados, sir John French mandou o general Shaw com quatro batalhões do segundo corpo atravessar o Lys da margem sul para a margem norte e avançar com o London Scottish para Neuve Eglise, a sudoeste de Wulverghem.

De Neuve Eglise esses reforços podiam tambem ser mandados defender as margens do Douve ou o bosque de Ploegsteert.

A' tarde, a linha da 11.ª brigada de infantaria (terceiro corpo), proximo de St. Yves, na orla nordeste do bosque de Ploegsteert, foi rôta, mas felizmente, por um contra-ataque a tempo, o major Prowse poude com o regimento de Infantaria Ligeira de Somerset repellir o inimigo.

Na noite de 30 um ataque violento a Messines foi repellido. N'um ponto os allemães conseguiram ainda romper a linha ingleza, mas um

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1307 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 16 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Problema a resolver

Ha muito tempo que n'este paiz se deveria ter dedicado uma grande attenção ao desequilibrio da balança commercial que tanto affecta a nossa economia. A differença entre o que importamos e o que exportamos é enorme. Importamos quasi tudo; não exportamos quasi nada. D'ahi a demonstração da insufficiencia da nossa producção; a escassez do nosso trabalho, e, portanto, a razão da pobreza nacional, do mal estar das classes, da penuria d'uma sociedade que podia tirar das suas energias e do seu solo a pujança da vida.

Para um paiz n'estas condições, as consequencias da guerra não podiam deixar de ser tremendas. Embora seja motivo para espanto que um povo tão cioso da sua independencia politica tenha sempre acceitado a sua dependencia economica do estrangeiro, o facto é que essa dependencia tem existido, e que por isso mesmo, desde o momento em que não podemos continuar a importar do estrangeiro tudo quanto importavamos, a nossa situação se tornaria immediatamente precaria.

Vamos chegando ao fim do fim. Acabaram muitos «stocks» dos productos importados; outros estão prestes a acabar. Do pouco que existe da Europa podendo ser dispensado pelos paizes productores, só, no rateio estabelecido, nos póde caber uma magra parte. Que faremos n'estas condições?

Evidentemente impõe-se uma reforma radical nos nossos habitos, nos nossos costumes, nas nossas formas de actividade. Ha só uma solução, que se impõe. E' a de produzirmos aquillo que necessitamos e que estamos costumados a importar.

Mas como?

E' preciso dizer toda a verdade: não temos capacidade industrial, nem capacidade agricola, nem capacidade technica para o fazer. As nossas fabricas, as nossas officinas não dispõem dos meios necessarios para uma larga producção, muitas das nossas terras não estão cultivadas, nem é facil cultival-as pelas condições do solo, nem conhecemos os melhores processos de cultura. Além d'isso a nossa aptidão profissional é limitada. Levantam-se perante nós, n'esta questão de vida ou de morte, os maiores obices possiveis.

Lá fóra, á medida que falta um determinado producto, inventa-se a maneira de o substituir, em melhores ou peores condições. A nós faltanos por completo a faculdade inventiva.

Como se vê a questão é difficilima de resolver, e comtudo temos que a resolver, com prodigios de vontade e unanime conjugação de esforços. Se o não fizermos, estaremos condemnados a uma catastrophe.

Que quer isto dizer, senão que necessitamos, d'uma maneira firme mas ponderada, fazer face ás calamidades que nos assaltam? Não será, como já o dissemos, com explosões estereis de desespero que conseguiremos obviar ás difficuldades presentes e futuras. Precisamos estudar o nosso plano de defeza, e ao governo que o realisar, áquelles que corajosamente, dedicadamente, lançarem hombros a tamanha obra de reorganisação nacional, dar-lhes toda a força da opinião, todo o concurso do esforço e da intelligencia nacionaes.

Os povos não morrem, não podem morrer cruzando os braços, quando a salvação está em empregal-os no trabalho fecundo, de que devem brotar as maravilhas da vida. Não é possivel que n'este paiz não surjam intelligencias praticas e activas, que saibam marcar um rumo a seguir para a salvação commum. Preparemo-nos para as secundar, logo que se manifestem; preparemo-nos para fazer surgir do solo patrio e do vigor da raça a segurança da existencia, garantia da paz social. O mundo inteiro soffre um flagello, ao qual resiste. Resistamos, tambem, tendo sempre bem presente na consciencia que os impulsos desvairados são provas de fraqueza e pronuncios de morte.

Mais uma vez é o povo que tem de salvar a nação, actuando nos seus dirigentes para que caminhem e amparando-os para que não caiam.

incapacidade de tomar no bom momento a attitude necessaria.

Em face d'uma resolução o portuguez comporta-se, em geral, como uma creança deante d'uma pinga de citrato de magnezia. Está disposto a toma-la, discutiu e reconheceu a sua necessidade, berrou em todos os tons e por todos os cantos que chegasse a occasião o veriam com quem estavam mettidos. Chega o momento e o portuguez quasi sempre acua, entrincheira-se, balbucia, explica que o caso não era bem aquelle, que, visto isso e por conseguinte, ainda que e so bem que, no emtanto, mas, porem, todavia, comtudo...

A cada passo surgem, por causa d'isto, incidentes dolorosos na apparencia, mas que, no fundo, são simplesmente intermedios comicos d'esta farça da vida. A crise de falta de caracter, que a nossa nacionalidade atravessa, justifica todas as irresoluções e é por isso que os poucos audazes, os raros energicos que ahi andam vencem com facilidade e triumpham «sem se espremer, com o sorriso nos labios» como dizia o outro.

André Brun.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

Historia e genealogia

por *Affonso de Dornellas*

Está publicado o segundo volume da importante obra de investigação que o sr. Affonso de Dornellas intitulou «Historia e genealogia», com excellentes desenhos do mesmo auctor e varias photogravuras. Este volume que, sob o ponto de vista material, eguala o primeiro, encerra magnificos subsidios sobre «A bandeira de Ceuta», os Pereiras de Ceuta», «O brazão de Ceuta», a cidade de Tanger, «Conhecimentos heraldicos do seculo XV» e breves noticias sobre a Argelia e Mazagão, além de estudos relativos a Nossa Senhora Conquistadora, tambem chamada «a Portugueza», e a «um tratado de commercio em Ceuta: no seculo XV».

A publicação do novo e valiosissimo trabalho do sr. Dornellas é muito opportuna, visto passar agora o glorioso centenario de Ceuta para cuja condigna commemoração o illustre investigador tem trabalhado enthusiasticamente, como o provam os principaes capitulos da sua obra sem duvida benemerita.

Poeira da Arcada

Hontem oitenta mil lisboetas sahiram de seus lares e foram respirar o ar puro do campo. Gente feliz ou que, pelo menos, pretende sel-o. Temos grandes esperanças n'estes optimistas. Nem tudo se resolve com tristezas. A alegria é o melhor thermometro da saude dos povos. Bom appetite e riso franco tornam-se excellentes tonicos contra os maus agouros.

⁂

Ouvimos hontem um homem, empenhado na lucta contra o analphabetismo, que nos disse que quasi dois terços da população portugueza não sabem lêr. Acreditamos. E' por isso que os nossos ruraes se revelam quasi todos sebastianistas. A ignorancia é um rico terreno para plantar prophecias. Graças a ellas, nós resistimos a todos os azares e procelas.

⁂

Jacintho Benavente affirma-se cada vez mais germanophilo. O poder da Allemanha inspira-lhe admiração. Eis como o illustre dramaturgo hespanhol se mostra fiel ao seu talento e á sua obra!

⁂

Hontem, no governo civil, realisou-se a distribuição das medalhas de ouro e prata, concedidas ao merito, philantropia e generosidade, virtudes que tanto brilharam na revolução que implantou a Republica. Já lá vão quasi cinco annos... Desde então para cá, o merito, a philantropia e a generosidade não téem esmorecido. E' por isso que nós apresentamos um magnifico ar de familia.

No Senado

Suspende-se a execução do decreto que creou o curso de educação feminina do Liceu Maria Pia e discute-se o orçamento do ministerio das finanças

Sessão ás 14,40'. Preside o sr. Correia Barreto e secretariam os sr. Paes de Almeida e Lourenço Serro. Respondem á chamada 22 senadores. Approvada a acta e lido o expediente o sr. Souza Junior corrobora as palavras proferidas pelo sr. Agostinho Fortes ácerca do Liceu Maria Pia e pede para o projecto a tal respeito apresentado urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Gonçalves Marques (democratico e eito pelo Funchal) faz a sua estreia parlamentar, elogiando varios vultos do seu partido e fazendo o para ello entre os regimens monarchico e republicano nas suas vantagens para os interesses das ilhas, que á Republica já devem bastos melhoramentos. Pede ao governo que conceda á junta geral do districto a importação livre de direitos aduaneiros durante cinco annos do material necessario para as obras do districto para o que envia para a mesa o respectivo projecto de lei. Envia ainda um outro autorisando e regulamentando o fabrico da aguardente na Madeira;

Approva-se depois em votação nominal o requerimento do sr. Souza Junior entrando logo em discussão o projecto do sr. Agostinho Fortes que suspende o decreto que creava um curso feminino no Liceu Maria Pia.

O sr. Agostinho Fortes defendendo o seu projecto diz que recebeu uma carta de uma professora do mesmo liceu secundando as suas palavras contra o reaccionarismo que ali campeia a começar pelo reitor. A proposito lê parte d'uma outra carta enviada da America por um velho e antigo republicano que hoje milita no partido unionista e que em S. Francisco da California trabalha pela patria e pela Republica: o sr. José Ferreira Sá Piedade. Diz o sr. Piedade que o desaforo nos consulados norte-americanos vae até ás funçanatas com himno da Carta, o que lhe magoa o coração de velho republicano. Falando ainda da exposição de S. Francisco diz que não comprehende para que ha ali um commissario portuguez com 20 dollars por dia e que lá não é preciso para nada. Contra isto protesta elle orador e para este estendal chama a attenção de quem de direito para que a Republica se não estiole nas mãos dos partidos monarchicos que se fazem republicanos para melhor a atraiçoarem.

O projecto é approvado e é-lhe dispensada a ultima redacção, o mesmo acontecendo ao projecto de lei do sr. Teixeira Rebello que pedia auctorisação para ser concedido o subsidio de 1:540 escudos á provedoria do Hospital da Divina Providencia de Villa Real de Traz-os-Montes a fim de fazer a acquisição de um novo edificio hospitalisar que alie ás condições materiaes de construcção as condições hygienicas necessarias para o fim que se precisa, condições em que se encontra o ex-collegio de Nossa Senhora do Rosario, cuja acquisição o mesmo projecto permitte.

Com egual dispensa e urgencia approva-se tambem um projecto de lei do sr. Antonio José Lourinho, auctorisando a construcção de uma nova linha ferrea de Estremoz a Portalegre e a Castello de Vide, com prolongamento até á linha da Beira.

E mais se approva ainda, com nova urgencia e dispensa do regimento um projecto de lei concedendo prorogação de praso para exportação de cebola temporã.

Contra tanta urgencia e tanta dispensa de regimento protesta com vehemencia o sr. Celestino de Almeida que não comprehende para que ella sirva, a não ser para approvar coisas de afogadilho, que ninguem sabe o que são e d'ahi a necessidade das sessões nocturnas que são mais prejudiciaes do que uteis.

Na primeira parte da ordem do dia approvam-se:

—Um projecto de lei do sr. Arantes Pedroso eliminando o artigo 7.º do novo regulamento do serviço de policia do Arsenal de Marinha, ficando assim os guardas do Arsenal tendo todos as mesmas regalias.

—Outro do sr. Antonio Maria da Silva instituindo junto da administração geral dos correios e telegraphos uma divisão autonoma «Material e Bibliotheca», dirigida por um chefe de divisão, que será substituido nos seus impedimentos legaes pelo chefe dos armazens do material de correios e telegraphos, e comprehendendo os seguintes serviços: armazens, acquisição, guarda e distribuição do material, inventarios; verificação de material e aferição de contadores electricos; laboratorio electrotechnico e bibliotheca.

E entra-se na segunda parte da ordem do dia, continuando em discussão o orçamento do ministerio das finanças. Votam-se com larga discussão e ligeiras alterações os capitulos 4.º, 5.º, 6.º e 7.º do referido orçamento sobre os quaes falaram os srs. Sousa Junior, Celestino de Almeida, ministro das finanças, Silva Barreto, Mello e Simas, Paes Gomes e Affonso de Lemos.

Hoje ha sessão ás 21,30.

Migalhas

As resoluções

Tive hontem entre mãos um livro intitulado «Como se educa a vontade». Certo capitulo intitulava-se «A forma de tomar uma resolução». Como tenho conseguido sempre tomar sem relutancia aquellas que me pareceram indispensaveis, dispensei-me de ler o tal capitulo. No entanto seria bom que muitos que eu conheço passassem a vista por elle. Talvez ali encontrassem o remedio para esse mal terrivel que afflige a grande maioria dos portuguezes: a

A GUERRA E OS NEUTROS

Reconstitue-se a Liga balkanica?

Declarações do sr. Radoslavoff

Sofia, 13 de agosto

O primeiro ministro bulgaro, o sr Radoslavoff, declarou que a Bulgaria perfeitamente preparada, espera para entrar na guerra o momento em que lhe sejam dadas garantias absolutas de que attingirá o fim por que se esforçam as outras nações belligerantes: a realisação do seu ideal nacional.

«A principal reivindicação a que aspiramos, disse o sr. Radoslavoff, é a Macedonia servia, que nos foi reconhecida com milhão e meio de bulgaros depois da primeira guerra balkanica, e nossa continúa sendo em virtude do principio das nacionalidades. Quando as potencias da Quadrupla-*Entente* nos garantirem entrarmos na posse d'este territorio e que serão realisadas as nossas outras reivindicações, principalmente no respeitante á Macedonia grega, encontrar-nos-hão promptos para combatermos a seu lado.

Mas estas garantias devem ser positivas e absolutas; não podemos satisfazer-nos apenas com promessas escriptas. Só uma absoluta certeza sobre este ponto pode levar os bulgaros a derramarem novamente o seu sangue.

Franca e abertamente acceitamos as offertas dos dois grupos de potencias para entrarem em negociações com esta orientação; é só pelas negociações com estes dois grupos, estamos d'isso convencidos, que poderemos obter as melhores garantias de attingir o resultado que desejamos.

Pede-nos a Quadrupla-*Entente* a participação directa na guerra com o concurso de todo o nosso exercito cujo valor é universalmente reconhecido; a Allemanha, a Austria e a Turquia pedem-nos sómente que continuemos a observar a neutralidade até ao fim da guerra. Francamente este ultimo pedido repugna-nos um tanto; por um menor periodo, ainda poderiamos conceder a continuação da neutralidade, mas o caso é que, tanto conservando-nos neutros como participando directamente na guerra, o nosso fim e os motivos que determinam o nosso procedimento continuarão sendo sempre os mesmos.

A unica solucção possivel está na unidade da patria, e é por ella que o nosso povo, já tão conhecedor dos horrores da guerra, está de novo prompto a dar o seu sangue.

Mas a Bulgaria prestando-se a participar na guerra não deixa de apreciar rigorosamente quanto o seu voto poderá custar-lhe, sabendo quanto a Turquia é forte, bem mais forte do que a Europa em geral pensa. Apesar de tudo, estamos preparados para quaesquer eventualidades. Encorporámos no exercito o melhor que encontrámos na população e a nação está aprovisionada e preparada como nunca o esteve até agora.

Se nos pedirem para combatermos nós estamos promptos a fazel-o; se nos pedirem para combatermos reunidos em uma nova alliança balkanica, fal-o-hemos tambem, mas sempre nas mesmas condições: restituirem-nos a Macedonia servia. E' só o que pedimos; e então combateremos de forma com que o nosso esforço mais util se torne á Quadrupla-*Entente*.

Declarações do sr. Daneff

Athenas, 13 de agosto

O antigo presidente do conselho da Bulgaria, o sr. Daneff, em uma entrevista, mais outra vez se declarou partidario de uma intervenção da Bulgaria sem condições e isto por dois motivos:

Em primeiro logar porque a Allemanha triumphante esmagaria os Estados pequenos.

«Em ponto algum das monarchias centraes encontrei simpathia pela ideia de um bloco balkanico que excluisse a possibilidade do avanço austriaco sobre Salonica, ao passo que os esforços actuaes da *Entente* em Belgrado, Bucarest e Athenas provam que a idéa de um accordo balkanico lhe é simpathica».

E em segundo logar, porque o sr. Daneff é absolutamente contrario a que se peçam garantias aos alliados:

«Se a Bulgaria confiar na Quadrupla-*Entente*, estou convencido de que esta fará por seu lado tudo quanto possa a bem dos interesses balkanicos relativamente á divisão territorial.

Não digo que consiga satisfazer todas as aspirações, mas, sob o ponto de vista balkanico, estou convencido de que só as potencias da *Entente* poderão solucionar o problema oriental de maneira equitativa e por isso, apesar de todos os protestos, nós, os pequenos, ver-nos-hemos obrigados a acatar as suas resoluções».

O antigo presidente do conselho crê que o seu paiz tirará a maxima vantagem intervindo na guerra tão depressa quanto possa, mesmo independentemente d'um accordo com os outros Estados balkanicos. Pela força das circumstancias, a Bulgaria está actualmente em face do caminho de Constantinopla.

A attitude do governo grego

Athenas, 13 de agosto

A proposito das diligencias encetadas pela Quadrupla-*Entente* acerca do seu projecto de modificações da divisão territorial nos balkans, escreve o *Embros*, orgão do gabinete Gunaris, que não tomará a Grecia qualquer decisão sem que antes conheça as intenções da Servia, sua alliada.

No entanto poderá a Camara reunir e ir discutindo o assumpto.

Diz tambem o *Embros* que parece ter o sr. Gunaris pedido verbalmente aos ministros da Quadrupla-*Entente* indicações precisas ácerca da extensão das cessões territoriaes pedidas para a Bulgaria, bem como sobre os limites das compensações offerecidas á Grecia na Asia Menor, no vilayete de Aldin.

A *Patris*, orgão venizelista, é de opinião que estas diligencias da Quadrupla-*Entente* correspondem á derrota da politica seguida pelo gabinete Gunaris. Ao paiz compete agora tomar uma decisão, e o actual ministerio, renegado pela nação, deve ceder o logar a um outro...

«Seria bom, conclue a *Patris*, que durante os seus ultimos dias, seculos para os destinos do hellenismo, o ministerio Gunaris pensasse apenas em servir os interesses nacionaes».

Os ruraes de Coruche

A associação de classe foi reaberta — O caso da cooperativa

Os haveres da cooperativa dos ruraes de Coruche foram, como se sabe, sequestrados, estando a União Operaria Nacional a tratar agora de obter a sua devolução. Quizemos ouvir a tal respeito um dos delegados da União incumbidos de se entenderem com o governo. De boamente se dispoz a prestar-nos todos os esclarecimentos apenas com esta clausula: ficar bem expresso que não falava em nome da União, visto que ella o prohibe aos seus delegados, desde que não tenham para isso auctorisação previa.

A historia de Coruche foi-nos assim singelamente narrada:

—Ha cerca d'uns trez annos encerraram a associação de classe e a cooperativa dos trabalhadores ruraes de Coruche sem motivo algum justificado, a não ser a má vontade de certos elementos d'aquella villa. O augmento dos salarios, n'aquella região, onde são diminutissimos, desagradava a quem devia satisfazel-os, como egualmente desagradava a concorrencia da cooperativa.

Os adversarios da organisação dos ruraes tiveram a auxilial-os as auctoridades administrativas. Um pretexto bastou para que se encerrassem a associação de classe e a cooperativa, vendendo-se ao desbarato e á porta fechada o recheio d'esta. Ora a associação de classe foi já reaberta, sendo entregue o mobiliario e o dinheiro em cofre aos ruraes.

Quanto á cooperativa, tem sido assumpto mais difficil de resolver. O ministro do interior disse á sub-commissão que officiaria ao governador civil de Santarem, a fim d'esta auctoridade o informar sobre o que havia ácerca do occorrido, e, segundo as informações que obtivesse, assim procederia.

N'uma das *demarches* effectuadas pela sub-commissão junto do ministro do interior, foi ella acompanhada pelo sr. Joaquim Candieira, delegado da Federação dos Trabalhadores Ruraes, de Evora, a quem o ministro disse que tinha o maior desejo em satisfazer as legitimas aspirações dos trabalhadores ruraes, confiando em que elle transmittiria taes affirmações aos seus companheiros. A isto respondeu o sr. Candieira que assim faria, lamentando, porém, a grande demora na approvação dos estatutos das associações ruraes.

Segundo o que foi dito pelo ministro do interior, já se deu ordem para os ruraes de Coruche receberem a importancia dos haveres sequestrados, uns duzentos escudos, que se encontram na Caixa Geral de Depositos, assim como será reaberta a cooperativa. A fim de ultimar este assumpto partiu para Coruche, onde se encontra, o sr. Alexandre Vieira, delegado da União Operaria Nacional.

Pelo telegrapho

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 16.—Communicação official das 15 horas.

Durante a noite houve canhoneio intermittente na região de Souchez e no planalto de Neuvron, ao norte do Aisne, e combates com bombas e granadas de mão no sector de Quennevieres e na Argonne occidental.

Nos Vosges a explosão de uma mina n'uma trincheira inimiga entre Burnhaupt de baixo e Armentzwiller permittiu-nos fazer alguns prisioneiros e tomar dois lança-bombas e uma metralhadora.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 16 — Official — Entre o Narew e o Bug repellimos varios e persistentes ataques inimigos. Na margem esquerda do Bug interceptámos a offensiva inimiga e fizemos 800 prisioneiros e algumas metralhadoras. Em Novogeorgiozsk repellimos um ataque inimigo. Ao sul de Douanstetz tomámos duas linhas de trincheiras.—(*Havas*.)

"Viva a Belgica!,,

Informação official recebida da legação da Belgica:

O 18.º relatorio da commissão de inquerito sobre a violação das regras do direito das gentes, leis e costumes da guerra, apresenta varios casos em que se demonstra que os allemães desconhecem sistematicamente o artigo 52.º do regulamento annexo á IV Convenção da Haya, pois que, contrariamente á disposição d'esse artigo usam de todos os meios de pressão e constrangimento de que dispõem para forçar as nossas populações a trabalhar para os seus exercitos, especialmente os empregados dos caminhos de ferro aos quaes offerecem primeiramente largos ordenados, e, como nada conseguem, prendem-nos depois e ameaçam-nos de os enviar para a Allemanha onde serão forçados a trabalhar sem remuneração. A resposta dos operarios belgas a taes propostas ou ameaças é a seguinte: *Viva a Belgica!*

Noticias parlamentares

Na sessão d'hoje da Camara dos deputados o sr. Norton de Mattos, ministro da guerra, apresentou uma proposta de lei declarando livre de direitos a importação de toda a fava e de toda a aveia que fôr necessario mandar vir do estrangeiro com destino ao exercito. Segundo parece, a colheita d'esses cereaes foi bastante escassa, sendo por isso necessario adquirir lá fóra grandes quantidades, que ficarão no Tejo por elevado preço e que não podem soffrer um aggravamento tão importante como o que resultaria do pagamento dos direitos que as tarifas alfandegarias impõem.

⁂

A reforma da policia continua semi-encalhada na commissão de finanças, de onde não parece provavel que saia com aquella rapidez que o governo, e muito principalmente o sr. ministro do interior, desejam. A reforma se fôr executada tal como sahiu da commissão de administração publica, trará um consideravel augmento de despeza, que não é compensado por novas receitas. Faz isso com que a commissão de finanças ligue ao diploma que lhe foi apresentado uma attenção minuciosa, da qual evidentemente resulta uma demora tal que bem póde prever-se que a camara não venha, ainda d'esta feita, a apreciál-o. Má noticia para os pretendentes? Com certeza! Mas que tenham paciencia.

⁂

E a questão do Douro? Mal se fala n'ella já. Entretanto, nos bastidores politicos alguma coisa corre sobre o assumpto e sobre a ratificação do tratado com a Inglaterra. Diz-se, por exemplo, que o governo inglez, nos ultimos dias, e em virtude de noticias que surgiram pelos jornaes, tem insistido pela ratificação do tratado, o que faz pôr de lado a hypothese de se deixar para a sessão ordinaria do parlamento a principiar no dia 2 de dezembro. E assim, as camaras, fazendo das tripas coração, discutirão ainda os projectos sobre a questão vinicola pendentes da sancção parlamentar, projectos esses que, por tão antagonicos serem, ninguem deseja ver apreciados n'estes tempos de canicula ardente, pouco proprios para se tomarem deliberações ponderadas e graves.

⁂

A falta de numero na Camara parece que passou á Historia. Os pontuaes repontaram com os cabulas e fizeram-lhes saber que, se ás trez horas não houvesse a postos os legisladores indispensaveis, tudo se acabaria e até o subsidiosinho, para os que faltassem, se sumiria no cofre respectivo. E o certo é ter o aviso dado resultado, comparecendo hoje, á hora regimental, aquelles que o regimento exige para que os eleitos do paiz possam exercer o seu pesadissimo officio de legislar. E haver ainda quem repute a violencia meio improprio para se resolverem as grandes questões. Exaggero manifesto, já se vê.

REORGANISAÇÃO DA ARMADA

O projecto do sr. Freitas Ribeiro

O sr. José de Freitas Ribeiro, illustre official da armada e deputado, mandou hoje para a mesa da camara um projecto de reorganisação dos serviços da armada, diploma esse que aquella corporação de ha muito vem reclamando. Na base primeira auctorisa-se o governo a publicar os decretos, regulamentos e programmas necessarios, ficando a pertencer ao ministro da marinha a superintendencia em todos os serviços navaes, cabendo-lhe tambem a responsabilidade de todas as questões politicas e das resoluções do conselho de almirantes. No ministerio haverá sete estações autonomas: repartição de gabinete do ministro, majoria general, estado maior general, comando superior da E. de Marinha, superintendencia do Arsenal, intendencia da armada e inspecção geral do serviço de mobilisação da armada. Presidirá ao conselho de almirantes o ministro da marinha. Compol-o-hão seis officiaes d'aquella patente. O mais antigo vice-almirante será o vice-presidente. O conselho terá funcções technicas e consultivas. Com o conselho superior do exercito, esse conselho constituirá o conselho superior de defeza nacional.

No Conselho Superior da Armada haverá um vogal de cada casa do Parlamento. Todos os chefes de secções, além do chefe de gabinete, serão officiaes superiores. A repartição de gabinete tem funcções de expediente. Na majoria general, haverá 4 repartições, sendo o chefe da secretaria um capitão de mar e guerra que terá o titulo de chefe de estado maior da majoria general. Todos os serviços do estado se concentrarão n'uma repartição unica, cujas attribuições são complexas e importantissimas. As escolas de marinha terão o seu commando superior na Escola Naval, junto da qual se creará o curso superior de guerra e estrategia naval. A's escolas de applicação de marinha ficará annexo um cruzador.

Haverá um conselho superior de instrucção de marinha e na Escola Naval não serão admittidos mais aspirantes a machinistas navaes, porque, de futuro, esta especialidade fará parte da preparação geral de todos os aspirantes de marinha, modificando-se, n'esse sentido, os respectivos programmas. O pessoal da armada instruir-se-ha na Escola Naval, nas escolas de aplicação de marinha, nas escolas de marinheiros e em cursos complementares para mestres conductores e officiaes inferiores. A superintendencia do Arsenal terá cinco direcções — construcção e reparação de navios, contabilidade e administração, fabrica da cordoaria, repartição technica, archivo. Crear-se-hão aulas praticas para operarios.

A intendencia terá seis secções—acquisição de material, departamentos maritimos, pescarias e marinha mercante, pharoes, construcções civis, fiscalisação naval, archivo geral de marinha. A inspecção geral dos serviços de mobilisação comprehenderá 6 direcções—serviços maritimos do porto de Lisboa, depositos geraes do material de guerra, dos mantimentos, dos sobresalentes, dos combustiveis e dos fardamentos. Haverá um conselho de administracção, presidido pelo inspector. Terá esta secção annexos um laboratorio de explosivos e outro de analises. Os officiaes especialisar-se-hão nas escolas de applicação.

A promoção a contra-almirante será feita alternadamente por antiguidade e por escolha entre os oito capitães de mar e guerra mais antigos e no serviço da arma ha mais de trez annos.

Os limites de edade serão fixados para officiaes generaes, em 65 annos; capitães de mar e guerra, 60; officiaes superiores, 55, e officiaes subalternos, 50. Nenhum official pode estar fóra do serviço da arma e sem embarcar mais de 7 annos. De contrario, perderá o direito á promoção. E enquanto o serviço o não exigir, os quadros dos officiaes navaes não serão augmentados. No quartel de Alcantara haverá casernas para os contingentes destinados á marinha colonial. A brigada de manobra será extincta, devendo ser coligidas todas as leis actualmente em vigor na armada, podendo ser alteradas de harmonia com esta reforma, se o Parlamento a approvar.

O trabalho do sr. Freitas Ribeiro é, sem duvida nenhuma, curioso e interessante, representando um manifesto desejo do seu auctor de contribuir com o seu intelligente esforço para que os serviços da armada sejam dentro em pouco aquillo que devem ser, para honra da marinha de guerra portugueza.

Aviação militar

Para frequentar a futura escola de pilotos-aviadores offerece-se o sr. Antonio Mora d'Oliveira, serralheiro, morador na rua Correia Telles, 40, rez-do-chão.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Na Camara dos Deputados

Vota-se o orçamento do ministerio da marinha

A primeira chamada termina ás 3,50 e respondem quarenta e tantos deputados. Está na presidencia o sr. Azevedo Coutinho e secretariam os srs. Balthazar Teixeira e Antonio Mantas, sendo este ultimo quem lê a acta, a qual é approvada por 64 deputados. O sr. Eduardo de Sousa manda para a meza um projecto de lei dispensando a carta de bacharel ao 1.º official da secretaria da universidade do Porto, sr. Eduardo Lopes, para elle concorrer ao logar de secretario da mesma universidade. E' discutido e approvado com urgencia e dispensa de regimento o projecto que auctorisa o governo a crear filiaes da Caixa Economica Portugueza nas cidades de Braga, Vizeu e Faro e que dá á Caixa Geral de Depositos a faculdade de realisar emprestimos sobre titulos da divida publica, ouro e pedras preciosas. Falam os srs. Pires de Campos, que pede uma filial para Leiria, com o que o sr. ministro das finanças não concorda, rebatendo os seus argumentos o sr. Moraes Rosa. A emenda é regeitada. Lê-se na meza a emenda que o Senado introduziu no projecto de lei fixando em oito horas o trabalho nas industrias e artes graphicas. E' consultada a camara sobre a urgencia e dispensa do regimento. O sr. Julio Martins declara, a proposito, que elle e os seus correligionarios votarão ainda esta infracção regimental. Mas será a ultima. Inicia-se a discussão. Falam os srs. Costa Junior e Luiz Derouet, que declaram aprovar a emenda do Senado.

O sr. *Domingos Pereira* manda para a meza um projecto de lei concedendo aos revolucionarios de 14 de maio as mesmas regalias que a Assembleia Nacional Constituinte concedeu aos revolucionarios de 5 d'outubro. Combatem o projecto os srs. Julio Martins, Arcata Branco e Moura Pinto. As opposições entendem que o projecto não offerece garantias, antes representa um perigo, visto permittir que qualquer possa ser reconhecido como revolucionario civil e feito funccionario do Estado, sem para isso ter as necessarias habilitações. O projecto é approvado sem alterações, indo para a commissão, com urgencia, um outro, do mesmo auctor auctorisando o governo a nomear para as vagas que se forem dando nas secretarias do Estado os individuos que forem reconhecidos como revolucionarios civis. Vota-se ainda um projecto isentando a Cruz Vermelha do pagamento da respectiva contribuição pela compra d'um predio em Bemfica, para hospital d'essa collectividade. O sr. Freitas Ribeiro apresenta um projecto de reorganisação dos serviços da armada. O sr. ministro do interior apresenta duas propostas de lei, uma regulando os ordenados dos vencimentos do pessoal dos hospitaes de Coimbra e outra auctorisando o governo a proceder á reforma do serviço de molestias infecciosas, passando a delegação de saude do Porto a ter attribuições semelhantes á de Lisboa.

O serviço especial de industrias infecciosas, no Porto, é extincto, sendo reorganisados o hospital Joaquim Urbano e o Instituto Bacteriologico da mesma cidade.

Na ordem do dia prosegue a discussão do orçamento da marinha, apresentando diversas propostas os srs. Domingos Cruz e Freitas Ribeiro. Os srs. Arruda, Simões Raposo e outros occupam-se da navegação para os Açores, que é má e precisa de ser melhorada. O sr. Simões Raposo

quer que uma d'essas carreiras se prolongue até aos Estados Unidos. O orçamento do ministerio da marinha é approvado, entrando em discussão o da guerra, requerendo o relator, sr. Helder Ribeiro, que se discuta conjuntamente o projecto que torna obrigatoria a convocação dos cabos e soldados, promptos dos quadros, que possuam exame do 2.º grau, para tantas escolas de sargentos quantas forem necessarias para desempenharem as funcções de sargento n'uma escola de recrutas e para serem admittidos ao exame para aquelle posto. O sr. Simas Machado entende que tal projecto não póde discutir-se agora, sendo de opinião diversa o sr. Helder Ribeiro. O projecto não entra em discussão por lhe faltar o parecer da commissão de finanças. O sr. Sousa Rosa requer que se discutam tambem dois pareceres, referentes a compensações a varios militares. O sr. Simas Machado requer a contagem. Não ha numero.

O visconde de Pedralva, antes de se encerrar a sessão, pede a palavra para solicitar que o projecto sobre o abastecimento da carne, que, em nome da commissão de agricultura, ha dias enviou para a mesa, seja estudado com a urgencia que o caso requer pelas commissões que sobre elle tenham de emittir o seu parecer, para que possa este assumpto ser discutido e solucionado pela camara antes de serem dados por findos os trabalhos d'esta sessão legislativa. A Camara bem comprehenderá que dentro da grave questão das subsistencias é o abastecimento das carnes um dos assumptos que mais podem interessar o paiz.

Solucionado o problema do barateamento do pão e das carnes, ainda me permitto chamar a attenção da camara para a necessidade que ha de resolver a questão do fornecimento do peixe. Se estas trez questões do maior interesse na presente occasião para as classes pobres ficarem resolvidas n'esta sessão legislativa por fórma a os trez generos de maior consumo para as nossas populações serem fornecidos por preços mais acessiveis aos menos abastados, o parlamento terá feito obra verdadeiramente patriotica e util para o paiz, isto para todos nós consumidores. A questão do peixe julgo ser a de mais facil solução pois depende da energia como forem tomadas medidas para reprimir os gravissimos abusos que se commettem para conservar a alta do preço.

E' do conhecimento do publico que não só se não teem em actividade todos os barcos de pesca mas se teem ultimamente vendido para o estrangeiro alguns d'esses vapores.

Sabe-se que para se evitar que pela concorrencia o preço do peixe desça, se tem commettido o crime de se deitar o peixe ao mar ou deixar aprodecel-o nos frigorificos. São precisas energicas medidas para evitar que estes factos se repitam e evitar-se a carestia e escassez do peixe. Obriguem-se as empresas de pesca a manter em actividade todos os elementos de pesca, fiscalise-se o desembarque, entrada nos armazens e venda de peixe, fixem-se os preços do peixe e assim teremos remediado ou muito melhorado o abastecimento do peixe.

Movimento associativo

Empregados de escriptorio

E' hoje, pelas 21 horas, que se realisa a sessão magna na rua da Magdalena, 225, 1.º, promovida pela direcção da Associação de Classe dos Empregados de Escriptorio, para tratar da regulamentação do horario de trabalho. A' reunião são convidados associados e não associados, assim como delegados de todas as collectividades que se queiram fazer representar.

Com. Par. Rep. do Sacramento

Reune ámanhã, ás 20 e meia horas, no local do costume.

UM ASSUMPTO MOMENTOSO

A questão do pão

Réplica ao sr. ministro do fomento

A moagem nacional se não merece a protecção do Estado, deve merecer, ao mesmo, o seu respeito

A moagem nacional, tendo tomado conhecimento, pelo relato dos jornaes de hontem, das vibrantes affirmações do illustre titular da pasta do fomento, feitas na sessão do Senado, sobre a momentosa questão cerealifera, julga do seu dever, mais do que do seu interesse, publicar á margem do discurso de s. ex.ª as considerações seguintes:

Se a resolução do problema cerealifero tem sido, com lastima o declaramos, successivamente protelada, a culpa não póde ser com bôa fé attribuida á moagem, que desde o gabinete Bernardino Machado por todos os patrioticos meios e licitas fórmas ao seu alcance procurou convencer os governantes de que uma das mais perigosas e immediatas razões de perturbação na economia nacional teria de filiar-se n'uma imperfeita ou apaixonada solução do problema cerealifero.

A industria da moagem é, felizmente para nós, até agora, uma das industrias portuguezas aperfeiçoadas e relativamente prósperas, que tem sabido e podido, á custa de muitos e mal avaliados sacrificios, manter-se com independencia de *capitaes portuguezes*, sob a direcção e fiscalisação de *portuguezes*, favorecendo trabalho e bem estar a operarios *portuguezes*, procurando sempre e tendo sempre conseguido concorrer para a economia nacional com o seu *quantum* de beneficio, de prosperidade, diremos mesmo de riqueza.

Quem quer que conheça o problema economico portuguez, nos seus multiplos aspectos, confessará nobremente que a moagem não é uma industria parasitaria, nem merece a má vontade dos poderes publicos e consequentemente as fulminantes invectivas com que dia a dia a agravam no Parlamento.

Attribuir aos moageiros portuguezes propositos anti-patrioticos, procurando explicar a crise cerealifera e as difficuldades até agora reveladas na sua solução pela defecção de sentimentos republicanos de quem inspira, dirige, movimenta e subvenciona com o seu capital, o seu trabalho e a sua porfiada energia o labor de tantas fabricas, garantindo a tantos milhares de operarios o pão de cada dia, é, pelo menos, usando da mais suave formula de critica, um lamentavel erro de facto.

Entende o actual titular da pasta do fomento, em sua alta capacidade, perante a qual nos curvamos, que a moagem não é uma industria digna de ser ouvida, attendida e protegida quando necessite de protecção?

Pois que a não escutem, que a não attendam, que a não protejam!

Todavia, afigura-se aos moageiros portuguezes, que o Estado, empobrecendo as suas industrias primarias, exigindo-lhes sacrificios incomportaveis, perseguindo-as *á outrance*, não produz riquezas, mas desencadeia com imprevidente inconsciencia um mal de miseria cada vez maior.

A moagem não ameaça o governo, nem pretende sobre elle exercer pressão.

Como industria *nacional* que é, até hoje, felizmente, liberta de imposições externas, quer pelo que respeita á producção, quer pelo que respeita ao credito, a moagem, revelando ao governo os *perigos de certas soluções e projectos de lei*, tão graves que poderão chegar á paralysação da industria e encerramento das fabricas, não desfecha uma ameaça, denuncia um perigo!

Que exigencias são as do Estado sobre a moagem? Que limite os seus lucros a um minimo imaginario?

Mas a um maximo de sacrificios se dispôz a moagem nacional, desde que o conflicto europeu, perturbando assustadoramente a economia do paiz, a todos nós, industriaes portuguezes, nos obrigou, e isto se declara por nossa parte, sem enfase e sem postiço patriotismo, a não ganhar senão o que fosse absoluta e legitimamente indispensavel á manutenção da referida industria.

Esta exposição, que é ao mesmo tempo, um sereno protesto contra todas as delongas, todas as insinuações e todos os ataques de que a moagem vem sendo victima, de ha muitos mezes a esta parte, dirige-se sobretudo ao governo, e de entre os membros do governo, muito especialmente a s. ex.ª *o sr. ministro do fomento*, a quem por nobre missão incumbe promover a promulgação de medidas taes que resolvam de prompto o conflicto.

Não terá s. ex.ª decerto, descurado o assumpto, nem é intenção sua resolvel-o a favor do Estado contra as industrias da moagem e da panificação.

Se de facto a solução ideal para o governo e para o Parlamento é aquella que fatalmente arrasta a moagem a prejuizos mortaes, o Estado poderá de momento assegurar-se uma illusória perspectiva de lucros ou de tributo, mas de futuro, exausta e empobrecida a moagem, o Estado a si mesmo terá de pedir os sacrificios que a moagem não poude comportar.

Ter creado uma *industria* como a da moagem, tel-a feito prosperar, ter-lhe assegurado o futuro, tel-a tornado capaz de attrahir hoje em dia a cobiça do Estado, representa, sem duvida, por parte dos moageiros portuguezes, um esforço de trabalho e de risco que em qualquer paiz merece louvavel incentivo, intelligente protecção e nunca guerra sem treguas.

A moagem tem lealmente collaborado com o Estado, sempre que para isso a solicitaram. Póde viver sem o auxilio do Estado, mas o que não póde é viver em guerra com o Estado. *Quer nos gabinetes de varios ministros do fomento, quer ultimamente no Congresso Popular de Subsistencias*, convocado por iniciativa do actual governo, a moagem pôz sempre ao serviço do Estado a sua melhor boa vontade, o seu saber feito de experiencia de longos annos, a sua até hoje nunca desmentida boa fé.

Perante varios ministros do fomento assignalou factos graves que as circumstancias, infelizmente, se encarregaram sempre de confirmar. Tudo quanto de previsão pessimista a moagem revelou ao ex.mo sr. Almeida Lima, quando era ministro do fomento, veiu a succeder. Outro tanto aconteceu durante a gerencia da pasta do fomento pelos ex.mos srs. Lima Bastos e Nunes da Ponte.

Estamos em agosto. Desde o principio de junho que a moagem usou para com o actual titular da pasta do fomento dos mesmos leaes processos de aviso, de conselho e de previsão. Ha dois mezes e meio que a resolução do problema cerealifero se arrasta lamentavelmente.

Por culpa da moagem? De certo, que ninguem se atreverá a assacar-lhe tamanha responsabilidade.

Ao Congresso Popular de Subsistencias já louvado e engrandecido pela bocca do ex.mo sr. presidente do ministerio, e ao qual concorreram, como é de uso dizer-se, as forças vivas do paiz, concorreu tambem a moagem.

Foi annunciado e convocado quasi como ultima instancia, como especie de conselho tutelar perante cujas decisões o governo, sem abdicar da sua propria iniciativa, nem offender a soberania parlamentar implicita e moralmente se obrigára. Votou esse Congresso um projecto de lei sobre a questão dos cereaes que submetteu á sancção governativa, isto quando o illustre ministro do fomento se desinteressára já do seu proprio projecto sobre a mesma questão, intelligentemente reconhecendo que elle não era isento de defeitos. Houve quem, nos jornaes e em Camaras, talvez só por irritante prurido de vaidade ferida, proclamasse que o Congresso Popular se queria sobrepôr ao Parlamento? Houve.

E esta proclamação fez corrente, avolumou, venceu e teve a sua hora gloriosa quando a Camara dos Deputados votou e despachou para o Senado o diploma que provavelmente virá a ser lei da Republica e que pretende, sem duvida, exercer nos seus artigos e paragraphos, á solução feliz do problema que nos interessa.

Estes são os justos commentarios que nos foram sugeridos pela fórma tão judiciosamente parlamentar..., de certo, por que o illustre ministro do fomento perfilhou em Camaras as considerações inesperadas de parlamentares do seu partido.

A essas considerações responde a moagem com as considerações seguintes:

1.ª—*Contra o que se faz constar, contra o que se discursa, a moagem affirma que sempre se mostrou absolutamente disposta a receber todas as quantidades de trigo nacional que appareçam no mercado.*

2.ª—*A moagem promptificou-se sempre (e não quer enaltecer o seu sacrificio) a pagar a prompto todo esse trigo nacional.*

3.ª—*A moagem só reclama de trigo exotico aquelle «deficit» que resulta da relação que exista entre o «stock» de trigo nacional e o consumo do paiz.*

4.ª—*A moagem auxiliará o governo, se assim o quizer, a comprar todo o trigo exotico que houver de ser importado e a financear as operações necessarias para este fim.*

João de Brito Limitada
José Antonio dos Reis
Viuva A. J. Gomes & C.ª & C.ta
Gomes Brito, Conceição Reis & C.ª Limitada

Pela Nova Companhia Nacional de Moagem

Os administradores

Manuel Rodrigues Vaquinha
Eugenio de Sousa

Pela Companhia de Moagens Invicta

Os administradores

Alberto Nunes de Figueiredo
Raul Monteiro Guimarães

Pelas fabricas de moagem Senhora da Hora-Limitada

O gerente

José da Costa Jacome
Barreto Filhos & Genro

Pela fabrica de moagem «A Portuense Limitada»

O gerente

José da Costa Lima

Pela fabrica de Rio Tinto Limitada

O gerente

Luiz Avelino Lopes Guimarães

Pela Companhia de Moagem de Vianna do Castello

O Director

Luiz Machado da Cunha & Silva
Augusto de Castro & Ferreiras
A. Peres Ventura & C.ta
Manuel Mendes Godinho

PELA ALFANDEGA

Empregados assalariados

que vão ser despedidos

Alguns dos empregados que foram assalariados para o serviço do censo da população, ao terminar esse serviço, foram collocados na alfandega de Lisboa, na repartição de estatistica.

Procedeu-se bem? Procedeu-se mal? Em nossa opinião, mal, pois que o Estado não pode, nem deve ser uma especie de Providencia para todos os que não teem trabalho, ou o não querem procurar. Devia haver a coragem de, terminado o serviço para que qualquer individuo foi contratado, immediatamente o Estado ficar liberto de qualquer futura obrigação. Mas, visto que a esses homens que estão hoje na alfandega se permittiu que continuassem ao serviço publico, creando por assim dizer uma especie de obrigação moral, não nos parece justo que n'um momento como aquelle que atravessamos, em que todas as classes luctam com falta de trabalho, se dê ordem de despedimento, como a que acaba de baixar do ministerio das finanças. E' preciso attender ás circumstancias presentes e estamos convencidos de que o sr. Victorino Guimarães mandará sustar essa ordem.

Circular dirigida aos srs. deputados por Bancos e Companhias do Porto

Ex.mo Sr.

Temos a honra de enviar a V. Ex.ª as copias dos telegrammas de protesto das corporações commerciaes e industrial, banqueiros e portadores de contractos de cambio a praso contra o projecto apresentado á Camara dos Srs. Deputados pelo sr. Levy Marques da Costa alterando as disposições do decreto do sr. dr. Paulo Falcão de 5 de junho de 1915.

Constando-nos, porém, que os interessados no referido projecto affirmam que a approvação d'elle se torna necessaria para evitar a especulação actual e o consequente aggravamento de taxas cambiaes, cumpre-nos declarar o seguinte:

1.º—Que nenhuma especulação domina actualmente o mercado dos cambios, sendo até muito limitadas as operações e extremamente raros os negocios a praso, o que, de resto, a taxa cambial confirma, apresentando tendencias fracas sempre que o Governo deixa de pesar no mercado.

2.º—Que das liquidações de operações a prazo, segundo as disposições do decreto de 5 de junho p. p.º, nenhum aggravamento de cambios póde resultar, visto os contractos serem apenas entre nacionaes, pois é evidente que não havendo entradas, nem sahidas de ouro, a taxa cambial, que é o fiel da balança economica, não soffrerá desvio e servirá apenas de base a termos de compensação;

3.º—Que o projecto apresentado apenas visa favorecer meros especuladores que, antes de 31 de julho de 1914, fizeram a Bancos, ao commercio e á industria importantes vendas de cambiaes a descoberto e que agora procuram com a complacencia do Estado, fugir ao cumprimento dos contractos deixando a cargo dos compradores os prejuizos que estes tiveram de soffrer para honrar os seus compromissos no estrangeiro;

4.º—Que seria sobremodo immoral que o Estado, tendo obrigado o commercio e industria, a pagar, ás taxas do dia, as suas letras de cambio, simultaneamente fosse favorecer meia duzia de especuladores arbitrando para as liquidações, que já ha muito deviam ter effectuado, uma taxa calculada na base das proprias conveniencias;

Rogamos, portanto, a V. Ex.ª a fineza de prestar attenção ao projecto apresentado, estudando sobretudo os fins a que visa, pois estamos certos de que n'esse estudo V. Ex.ª colherá razões de sobra para praticar um acto de moralidade rejeitando *in-limine*.

Saude e Fraternidade.

Porto, 13 de Agosto de 1915.

Banco Commercial do Porto
Banco Alliança
London & Brazilian Bank, Limit.
Banco Lisboa & Açores, Agencia no Porto
Caixa Filial do Banco do Minho
Joaquim Pinto Leite, Filho & C.ª
Pinto da Fonseca & Irmão
J. M. Fernandes Guimarães & C.ª
Guilherme Correia Leite
Luiz Ferreira Alves & C.ª
Borges & Irmão
Companhia de Moagem Invicta
J. P. da Conceição, Limit.
João de Souza Oliveira
B. Vareta & Santos, Limit.
Companhia Rio Ave
Companhia Fiação e Tecidos d'Alcobaça
Credit Franc Portugais

Declaração dos Banqueiros, Commerciantes e Industriaes

Constando aos abaixo assignados que os interessados no projecto sobre a liquidação de operações cambiaes apresentado ao parlamento pelo sr. Levy Marques da Costa, propalam que a approvação do mesmo projecto se torna necessaria para obstar á especulação actual e consequentemente aggravamento de taxas cambiaes cumpre-nos declarar o seguinte:

1.º—Que nenhuma especulação domina actualmente o mercado dos cambios sendo até muito limitadas as operações e extremamente raros os negocios a prazo, o que, de resto, a taxa cambial confirma, apresentando tendencias fracas sempre que o governo deixa de pesar no mercado;

2.º—Que das liquidações de operações a praso, segundo as disposições do decreto de 5 de junho p. p.º, nenhum aggravamento de cambio pode resultar, visto os contractos serem apenas entre nacionaes, pois é evidente que não havendo entradas nem sahidas de ouro, a taxa cambial, que é o fiel da balança economica, não soffrerá desvio e servirá apenas de base a termos de compensação;

3.º—Que o projecto apresentado apenas visa a favorecer meros especuladores que, antes de 31 de Julho de 1914, fizeram a Bancos, ao commercio e á industria importantes vendas de cambiaes a descoberto e que agora procuram, com a complacencia do Estado, fugir ao cumprimento dos contractos, deixando a cargo dos compradores os prejuizos que estes tiverem de soffrer para honrar os seus compromissos no estrangeiro.

4.º—Que seria sobremodo immoral para o Estado, tendo obrigado o commercio e a industria a pagar, ás taxas do dia, as suas letras de cambio, fosse agora favorecer meia duzia de especuladores arbitrando para as liquidações que ha já muito deviam ter effectuado, uma taxa calculada na base das proprias conveniencias.

Banco Commercial do Porto
Banco Alliança
London & Brasilian Bank, Ltd.
Banco Lisboa & Açores, Agencia do Porto
Caixa Filial do Banco do Minho
Credit Franco Portugais
Joaquim Pinto Leite, Filho & C.ª
Pinto da Fonseca & Irmão
J. M. Fernandes Guimarães & C.ª
Guilherme Correia Leite
Luiz Ferreira Alves & C.ª
Borges & Irmão
Companhia de Moagens Invicta
J. P. da Conceição Ltd.
B. Vareta & Santos Ltd.
Companhia Rio Ave
Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça.
Hermann Burmester & C.ª

PEQUENAS NOTICIAS

Pediu a demissão da policia o guarda n.º 216, Antonio Lourenço.

—Na Morgue deu entrada o cadaver do major do sr. Bonifacio Augusto da Silva, fallecido repentinamente em Fanhões.

—Na enfermaria de S. Francisco, no hospital de S. José, deu entrada Alfredo da Costa, fogueiro da companhia Carris de Ferro, morador na rua de S. Paulo 111, 2.º, que na fabrica geradora de electricidade foi colhido por um bloco de carvão, ficando ferido nas pernas, e na enfermaria de Santo Antonio deu entrada José Martins, sapateiro, morador na quinta de Santo Antonio, 17, loja, que ao passar na quinta dos Apostolos cahiu por uma ribanceira, ficando muito contuso pelo corpo e com o braço esquerdo fracturado.

—O tipographo Armando Cardoso foi aggredido, em Algés, por questões de jogo, ao que elle conta, tão brutalmente a cavallo marinho que teve de vir para o hospital de S. José na maca dos bombeiros voluntarios. Curado de grandes contusões que apresentava por todo o corpo, recolheu em seguida a sua casa.

—A expensas da Assistencia Publica, seguiram hoje para as terras da sua naturalidade, por terem regressado do Brazil sem recursos, Joaquim Gonçalves Capelia e José Julião da Silva, de Aveiro; José Maria Gonçalves Merino, de Vizeu, e Joaquim Rodrigues, de Castro Daire.

—No banco do hospital de S. José foram pensados: Albano Luiz, trabalhador, morador na rua Gibraltar, 55, que ao passar no largo de Alcantara foi aggredido com uma facada no flanco esquerdo; Manuel Amorim, maritimo, morador nos Olivaes, aggredido á facada por dois individuos que diz não conhecer, ficando ferido na cabeça e nas costas; Pedro Ferreira, o «Papa bolos», e José Ranhoso, que hontem na Malveira, onde foram tomar parte na tourada como moços do forcado, foram volteados pelos outros, ficando muito contusos pelo corpo.

Touradas

Campo Pequeno—A corrida que se realisa no proximo domingo é promovida pelos estimados bandarilheiros Daniel do Nascimento e Custodio Domingos, dois artistas que pelos seus meritos se teem evidenciado e adquirido um nome entre os nossos lidadores de rezes bravas. Com o fim de que a sua primeira festa alcance o desejado luzimento, conseguiram elles contractar o espada *Ale*, que tão grandes ovações tem obtido em Lisboa pelas suas fainas adornadas e valentes.

Ultimas noticias

Apprehensão d'armamento

Ao que nos constou á ultima hora, a guarda fiscal apprehendeu ás portas de Algés uma carroça carregada d'armamento. Nada mais pudemos averiguar até á hora de fecharmos o nosso jornal.

As operações na Guiné

Um telegramma do governador da Guiné para o sr. ministro das colonias diz que as operações de guerra em Bissau estão findas, em virtude da apresentação dos indigenas de todas as regiões da ilha pedindo a paz.

A gréve tipographica no Porto

PORTO, 16.—A gréve continúa sem solução, não tendo hoje aberto officina alguma, nem mesmo a do «Porto Medico», como se dissera. A'manhã é quasi certo que não sahirão ainda os jornaes, pois que a maioria dos quadros tipographicos é solidaria com os grévistas.

O congresso dos caixeiros

terminou hoje os seus trabalhos, elegendo as juntas do norte e sul

FIGUEIRA DA FOZ, 16.—Com a sessão da manhã de hoje concluiram os trabalhos do Congresso dos caixeiros.

Presidiu á sessão o sr. Mattos Paula, representante do jornal «A Alvorada», de Setubal, secretariado pelos delegados de Braga e da Covilhã.

Na ordem do dia discutiu-se a situação da mulher no commercio, resolvendo-se que a junta federativa elabore o respectivo estudo.

Para a junta do norte foram eleitos os srs. Leal Junior, Silverio Magalhães, Joaquim Faria, Joaquim Magalhães, Augusto Telles e Lopes dos Santos; para a do sul os srs.: Joaquim Domingues, João Guedes, Amilcar Costa, Antonio Sergio, Marques Miguens, Roberto Xavier e Eduardo Miranda.

Entre os eleitos e os delegados trocam-se saudações, sendo eleitos para o cofre de resistencia os srs.: Leandro Silva, Manuel Lago, Nunes Affonso, João Faria e Antonio Carvalho.

O proximo Congresso realisar-se-em Setubal. A maioria dos congressistas reuniu no rapido da tarde.

VIDA OPERARIA

A gréve dos cabouqueiros não está ainda solucionada

Continua sem solução o conflicto travado entre os cabouqueiros e fabricantes de cal e os industriaes. Os grevistas continuam em sessão permanente, tendo estado de tarde no governo civil uma commissão que conferenciou com o sr. Mariano Martins.

Por um dos operarios foi dito ao chefe do districto que a classe não acceita o horario que os industriaes querem mas sim o que manda a lei.

A commissão retirou, ficando marcada nova conferencia para a noite.

Um numeroso grupo de operarios grevistas ao passar na rua de S. Bento viu que junto do deposito de cal e areia do sr. Casimiro José Sabido estavam 7 carroças carregadas com areia. Os grevistas desatrelaram as muares e depois voltaram as carroças espalhando a areia pela rua. A policia interveiu prendendo um d'elles que mais tarde foi mandado em paz. D'ahi a pouco compareceu no local uma força da guarda republicana, mas

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica recebeu hoje em audiencia particular o sr. Alfredo de Mesquita, consul de Portugal e encarregado de negocios em Constantinopla.

—Com o sr. governador civil conferenciou hoje o commandante do cruzador «S. Gabriel».

—Por despacho de hoje o sr. ministro da justiça encarregou o director da colonia penal agricola do Bom Despacho, Cintra, de fixar, de accordo com o director das cadeias civis de Lisboa, o numero de vadios a internar desde já na colonia e a fazer na cadeia a escolha [illegible] para a colonia.

—As visitas que o sr. ministro da guerra devia fazer hoje e amanhã ao Deposito Central de Fardamentos e ao [illegible] ficaram para depois da discussão do orçamento do seu ministerio

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

VILLEGIATURAS

Estão nas Pedras Salgadas as sr.as condessa da Foz de Arouce, D. Alice Munró Anjos, D. Elisa de Castro Monteiro da Cruz, D. Maria José Vanzeller Guedes e os srs. Eduardo Brazão e Augusto de Lacerda.

— Chegou com sua familia ao Estoril o sr. dr. Miguel Roldan Ramalho Ortigão.

— Encontra-se na Beira Alta o sr. dr. Samuel Maia de Loureiro com sua esposa a sr.ª D. Maria Thereza Avellar e seu filho Luiz.

—Estão em Vizeu os srs. drs. Antonio Malheiro Correia Peixoto e Alberto Barata de Sousa Telles.

— Seguiram para Entre-os-Rios os srs. Jayme Barret e dr. Justino Bivar e para o Gerez o sr. Carlos da Silva Graça, a sr.ª D. Anna Fernandes e o professor dr. Julio Henriques.

— Da sua casa de Adaufe seguiu para Villa do Conde a sr.ª condessa de Castro e Sola.

— Veraneiam na Figueira da Foz os srs. Manuel e José Casimiro de Almeida, Antonio Carmo Dias e Diogo de Serpa e familias, e em Espinho o sr. Antonio de Moura Coutinho.

DESCONHECIDOS

O «Commercio de Vizeu», que tem como director o sr. visconde do Banho, diz que em França os presidentes da Republica são sempre uns «illustres desconhecidos», mas accrescenta que o actual «sahiu um pouco fóra da regra...» Imaginem! O sr. Raymond Poincaré, grande orador, grande advogado, membro da Academia Franceza, homem de Estado que exerceu a presidencia do conselho e sobraçou varias pastas é, na opinião da gazeta do sr. visconde do Banho, quasi um illustre desconhecido, pois que apenas sahiu «um pouco fóra da regra»... Não admira que o «Commercio de Vizeu» assim aprecie os meritos dos homens de Estado francezes: basta dizer que considera como homem de genio, ao lado de Hugo e de Pasteur, ... o general Boulanger!

Sr. visconde do Banho: faça com que o seu titulo cáia, sob a fórma de chuva, sobre a cabeça de quem taes coisas escreve...

CASAMENTOS

Em Vizeu deve realisar-se na proxima quinta feira o casamento do sr. João de Figueiredo Cabral Mascarenhas com a sr.ª [illegible] Almeida Azevedo e Vasconcellos (Reriz).

—Realisaram-se em Guimarães o negociante sr. Antonio Fernandes do Rego e a sr.ª D. Maria Pinto de Campos Varejão.

D. JOSÉ NAKENS

O intemerato pamphletario de «El Motin» foi condemnado pela justiça hespanhola a quatro annos e nove mezes de desterro como responsavel por injurias a um parocho de Yepes. Essas injurias vieram a lume n'um artigo publicado pela «España Nueva» e que «El Motin» reproduziu. O sacerdote alvejado apenas se queixou de Nakens. Quatro annos e nove mezes de desterro por injurias apenas reproduzidas não será uma pena algo pezada? O clero ainda póde muito, ainda póde tudo no visinho reino...

EM OSTENDE

Um viajante, recem-chegado ao Havre, diz que Ostende, a linda cidade de praia e de luxo, parece outra. Os grandes hoteis e os sumptuosos palacios encontram-se convertidos em quarteis, depositos de munições e hospitaes. Por ordem da auctoridade, desappareceram todas as taboletas e todos os letreiros em francez e em inglez. Os allemães continuam a sobrecarregar a escassa população belga com pezadas multas.

PROVIDENCIAS!

Um telegramma expedido hoje de Cintra ás 9 e 50 e entendido em Lisboa ás 10 e 44 só foi entregue ao destinatario ás 15 e 30, não obstante a clareza e minucia do endereço. Quem dá providencias para que não continue esta belleza de serviço telegraphico e postal?

LUTUOSA

Falleceu o sr. Bernardo Ferreira de Oliveira, que deixa viuva a sr.ª D. Mauricia da Gama e Silva de Oliveira. O funeral realisa-se ámanhã, pelas 17 horas, saindo o prestito da avenida da Republica, 14, para o cemiterio occidental.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9/16	35 7/16
Londres, 90 d/v	35 1/6	
Paris, cheque	$73	$73,2
Allemanha, cheque	$28	$28,7
Hollanda, cheque	$56,5	$57,5
Madrid, cheque	1$35,5	1$36,5
New York	1$41	1$42,5
Rios Londres		
Libras	6$92	6$68
Agio do ouro	40 %	45 %

Obrigações d'Estado: 3 3|1 1905, 9$40; 4 1|2 88 89, assent. 60$. Externas, 1.ª serie, 72$50.

Acções: Lisboa & Açores, 111$50; Phosphoros, coup. 56$; Tabacos, coup. 74$10; Obrigações: Prediaes, 6 0|0, 91$50; Ultramarino, hipothecarias, 93$70; Norte e Lesto, 1.º grau, 72$80; Caminho de Ferro de Cenguella, 77$.

SPORT

A proposito do «Emile», de Rousseau

Ha ideias que merecem publicidade. No numero d'estas está, por exemplo, as que expendeu o então estudante de direito Gerardin, a proposito do «Emile», de Rousseau.

«Jean Jacques escreveu:—Quanto mais forte é o corpo mais elle obedece.—Este pensamento muito justo merece ser meditado, principalmene pelos intellectuaes, collegiaes, estudantes, que desprezam em grande numero a educação phisica e não sabem o partido que d'ella podem tirar

«Ainda ha preconceitos desastrosos a este respeito. Criticam-se os exercicios do corpo porque desenvolvem a grosseria e a brutalidade, sem se pensar que apenas um mau methodo póde ser causa d'esses inconvenientes. Ha toda a utilidade em fazer a propaganda, para o intellectual e o pensador, do ideal de educação phisica.

«De principio, está a saude. Depois seria interessante considerar o movimento como educador intenso da vontade e do sangue frio. Isto fazia que comprehendessemos que um corpo são, agil, é o nosso unico e nosso melhor instrumento para a execução integral de todas as nossas obras e ideias, desde as mais simple sás mais geniaes».

Nota do dia

Uma festa simpathica, a de domingo

No Stadium de Lisboa realisa-se, no proximo domingo, uma grande festa de velocipedia e de attracções cuja base será a athletica. O producto do festival reverte a favor da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, que com a sua ambulancia da «cruz verde» tem prestado magnificos serviços ao Stadium, quando este organisa as suas festas.

Evidentemente que o espectaculo para se tornar productivo tem de apresentar um programma espectaculoso, que interesse a grande multidão, que a emocione e que a enthusiasme. Pois o programma tem esses recursos de attracção, procurados com invejavel actividade pelo antigo velocipedista Eduardo Ferreira, que foi um «caróla» pelo «sport» e o continua sendo.

Um dos numeros d'esse programma é o da reapparição dos antigos corredores de velocipedia, d'aquelles que em Palhavã e mesmo antes de Palhavã conseguiram enthusiasmar o publico, com os seus «records» e as suas corridas. E' portanto uma prova entre os homens da «velha guarda», como Armando Crespo, Zenoglio, Bello d'Almeida, Manuel Ferreira, Eduardo Ferreira, etc. Só para os vêr a pedalar, merece a pena ir ao Stadium, no proximo domingo. E a sua reapparição representa uma das notas mais interessantes da actualidade sportiva.

Algumas anecdotas

E Conelli chorava, dizendo entre soluços: «Poverito, Poverito...»

Eram 3 da madrugada de um dia de agosto de ha 10 annos.

O dr. José Pontes e o celebre ciclista italiano Diego Connelli estavam ceiando no Restaurant Silva, alegres, descuidados das coisas terrenas, formando calculos sobre grandes temporadas de velocipedia no Velodromo de Palhavã, quando irrompeu pelo restaurant o «sportsman» José Eduardo d'Abreu Loureiro, nervoso e inquieto, procurando-os:

—E' rapazes, teem de vir commigo até ás Caldas...

—Quando?

—Agora mesmo!... Tenho de lá chegar em menos de trez horas, para servir um amigo que tem uma pessoa de familia gravemente enfermo...

Os dois despreoccupados frequentadores do Silva não discutiram e acompanharam o conhecido «sportsman». D'ahi a uns vinte minutos, um auto de 25 H. P. guiado pelo seu proprietario Abreu Loureiro, então um dos melhores «volantes» da epoca, seguia vertiginosamente em direcção ás Caldas...

Dentro do carro ia o tal sugeito que tinha um parente enfermo. Era José Libanio da Silva, muito embrulhado, muito calado, entalando-se de encontro ás almofadas do banco de traz. Parecia triste, pensativo, mas, quando chegou perto das Caldas pareceu reanimar-se e gritou:

Eh! Loureiro, tu caiste!... Não tenho ninguem doente. Foi uma «partida» que te «preguei» e que agradeço porque cheguei ás Caldas mais depressa que o comboio!...

Póde calcular-se o effeito! Houve desespero a principio, seguido de censura mas tudo acabou por uma gargalhada!

Chegados ás Caldas, impoz-se um banho geral para limpar o corpo da poeirada do caminho. Despediram-se todos para gosar o duche consolador. A figura athletica de Conelli desenhava-se imponente de musculatura, com as coxas formidaveis, talvez as maiores que um ciclista havia mostrado no Velodromo. Todos riam, todos diziam «piadas» sobre a «partida» d'aquelle passeio forçado.

De repente, Conelli pára, fica immovel e desata n'um choro convulsivo!...

—Que é? Que tens?...

E o herculeo ciclista não respondia, o olhar fixo sobre José Libanio, quasi nu, a ir para o banho! Todos temeram alguma enfermidade subita. E chorava mais, cada vez mais, o «facies» contrahido n'uma tristeza grande...

—Mas que é? Que tens?

Ao cabo de minutos, Conelli, apontando sempre José Libanio, pouco musculado e com os contornos osseos muito pronunciados, disse, entre soluços:

—Poverito... Poverito!

—Quem?

—Elle... E' tão magrinho!... Como póde viver? Poverito... Nunca assim vi...

Noticias

Entre nós

A viagem d'um «boy-scout»

MORTAGUA, 15.—Esteve hoje n'esta villa o sr. João Pereira Ribeiro Nobre, guia da patrulha da «Girafa» do 1.º grupo da União dos Escoteiros Luzos, que se propõe fazer uma viagem a pé á volta de Portugal, em missão de estudo e propaganda do escotismo.—(E.).

As provas do Club Naval

Damos a seguir o resultado das corridas realisadas hontem na grande festa de natação, promovida pelo Club Naval de Lisboa. A «Taça Luiz de Camões» foi ganha pela «equipe» do Club Naval, que se apresentou muito homogeneamente constituida e na qual houve excellentes percursos como o de Carlos Sobral e em que João Formosinho Sanches, vendo que a sua «equipe» do Gymnasio Club se fizera representar apenas por mais um nadador, fez os percursos respectivos dos ausentes, isto é, quatro vezes 2.000 metros.

As corridas militares tiveram os seguintes vencedores: 1.º, soldado 89, 11.ª companhia, infantaria 1, José Miguel Rodrigues; 2.º, corneteiro 178, 11.ª companhia, José Caetano; 3.º, 1.º sargento da 8.ª companhia, A. da Costa Ferreira.

Esgrima em Santo Amaro

Começou hontem e deve terminar no domingo o torneio de esgrima de Santo Amaro de Oeiras. Por emquanto, á frente da classificação estão os srs. Carlos Farinha, com 4 victorias, Jorge Paiva e Augusto Farinha com 3 victorias, todos da Sala d'Armas Carlos Gonçalves.

Tennis na Amadora

Hontem continuou o torneio de «tennis» dos Recreios Desportivos da Amadora, que deve acabar nos dois proximos domingos. Por emquanto, em «singles», o melhor classificado é o sr. Casanova.

PASSEIOS E EXCURSÕES

A' serra da Estrella

E' no dia 21 que o Nucleo pró Montes Herminios, da Guarda, realisa o seu passeio á serra da Estrella, tendo fechado a inscripção com grande numero de excursionistas.

A caravana percorrerá os pontos mais interessantes da Serra, taes como: Nave da Areia, Nave do Haver, Santo Antonio, Espinhaço do Cão, Cantaros, Lagoas, rua dos Mercadores, Fonte dos Perús, Desfiladeiro de Loriga, etc., acampando no recinto dos Cantaros onde proximo fica a Torre, 2.000 metros d'altitude—ponto mais alto da Serra—devendo fazer o seu regresso em 25 ou 26 do corrente.

Os photographos amadores srs. Seraphim Luiz Aguiar e Sergio Sucena farão a reportagem photographica de todos os pontos do trajecto dignos de menção.

O Nucleo em setembro visitará as serras da Gardunha e Marvão.

A Santarem

Promovida por um grupo de republicanos de Lisboa, realisa-se no proximo dia 5 de setembro uma excursão a Santarem, de manifestação de simpathia ao povo d'essa cidade pela sua attitude na revolução de 14 de maio. Os preços dos bilhetes são, ida e volta, em 2.ª classe 1$40, em 3.ª 1$00.

Reformados da armada

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A commissão de reformados da armada convida todos os seus camaradas a comparecer ámanhã, ás 14 e meia horas, no largo das Côrtes, a fim de se tratar de assumptos do seu interesse.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—Fernando vae casar...

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa Tirana.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Geisha.

Agenda da semana

QUARTA-FEIRA—*Eden*—Primeira representação de *Berliques e Berloques*, quadro novo da revista *O diabo a quatro*.

QUINTA-FEIRA—*Avenida*—*As pilulas de Hercules*, reapparição de Angela Pinto.

SEXTA-FEIRA—*Politheama*—Primeira representação da revista de André Brun *Não desfazendo...*

Ao correr da penna

Annuncia-se para hoje um discurso de Ramada Curto sobre a questão do theatro Nacional e para breve uma interpellação de Mello Barreto sobre o mesmo assumpto.

A *questão do Nacional* surge á tona de agua periodicamente e a sua solução de fórma a satisfazer todos os interesses em jogo é de tal fórma intrincada e difficil que sempre se acabam por adoptar medidas de transição emquanto não surja a panacéa que endireita a espinhéla d'aquelle doente chronico.

Para mim a solução é apenas esta, que tenho aqui apontado varias vezes: liquidação da Sociedade Artistica, salvaguardando-se de qualquer fórma os direitos bem ou mal adquiridos dos societarios, e adjudicação por concurso do theatro á empreza que, em melhores condições para o prestigio do theatro portuguez, acceite um caderno de encargos severamente fiscalisado por um delegado do governo.

Tudo o mais que se faça são palliativos de momento para uma questão que permanece no mesmo pé irreductivel.

Ouço falar em *subsidios do governo*. O trabalho que ali se tem executado não justifica essa medida. Ouço tambem dizer que se pretende não deixar representar no Nacional senão peças portuguezas. A não ser que se marque um numero de «reprises» obrigatorias, não ha em Portugal auctores que cheguem para fornecer, em condições de defeza para o theatro, os originaes sufficientes.

Boatos e informações

Entre nós

A epocha de inverno no Apollo começa nos principios de outubro, devendo principiar a ensaiar-se nos meiados de setembro a phantasia do grande espectaculo em 3 actos e 12 quadros «O diabo que o carregue...»

—O guarda-roupa da revista «Não desfazendo...» está sendo confeccionado nos «ateliers» da casa Cruz. A revista tem mais de cem personagens e cerca de duzentos fatos de phantasia.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Cura da aldeia—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça; na Caixa Economica Operaria, Salão dos Anjos. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

COLISEU DOS RECREIOS

Recita da moda—A «Geisha»

Realisa-se hoje a primeira recita da moda no Coliseu dos Recreios e a enchente deve ser certa, tanto mais que se estrêa Cina de Waldis, a esplendida actriz cantora, e o applaudido tenor Raffaelo Vizzani.

A operetta que hoje se canta, *A Geisha*, é das mais lindas e interessantes e aquella que mais applausos tem merecido do nosso publico pela belleza da partitura de Sidney Jones e pelo pittoresco do scenario e guarda-roupa. Hontem a companhia Granieri ouviu fartos applausos e hoje os seus artistas affirmarão mais uma vez que são dos melhores e mais correctos.

A noite de hoje deve attrahir mais uma enchente á bella sala do Coliseu tão propria e tão amena para a estação calmosa que atravessamos. Ainda esta semana teremos duas operettas novas, *Os milhões de miss Mabel* e *A menina do cinematographo*, ambas absolutamente novas em Portugal. A distribuição da *Geisha* é a seguinte:

O Mimosa San, Cina de Waldis; *Miss Molly Seamore*, Fernanda Razzoli; *Juliette Diamant*, Elisa Patrizzi; *Lady Constance*, Elettra Favi; *Miss Hellieti*, Roberta Pangrazzi; *Cunninghamm*, Amadeo Granieri; *Marquez Inari*, Ettore Razzoli; *Katana*, Raffaelo Vizzani; *Wunt-Tchi*, Adriano Marchetti; *Lord Bronwille*, Manlio Servini; *Jaime Rieler*, Attilio Tosi; *Carlos Douglas*, Felice Tuti; *Takimmini*, Antonio Ricobono; *Coole*, Silvio Coletta.

A distincta cantora sr.ª Cina de Waldis-Buccini teve a amabilidade de nos apresentar os seus cumprimentos, que agradecemos.

A provincia n'A CAPITAL

MORTAGUA, 15.—Verificaram-se hontem as provas de 23 alumnos da missão das Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus, que ha dez mezes funccionava em Villa Pouca, a cargo do professor sr. Delfim Coelho. Foram excellentes os resultados obtidos se levarmos em conta o curto praso de tempo em que a missão funccionou. A maior parte dos alumnos agora submettidos ás provas finaes estavam habilitados a concorrer aos exames do 1.º grau de instrucção primaria. Este resultado evidencia muito trabalho, tenaz, persistente e methodico da parte do professor, que mais uma vez mostrou quanto vale o seu amor á instrucção e a sua desvelada dedicação profissional.

—Regressaram de Caldellas os srs. dr. Augusto Gouveia e Antonio Neves Ferreira.

—Acompanhado de sua familia partiu para a Figueira da Foz o sr. dr. José Ferreira Sacras, official do registo civil.

—Esteve n'esta villa o sr. Francisco Ignacio Dias Nogueira, proprietario da importante fabrica de papel de Goes.

—Por motivo de escacez n'esta região tem vindo da Bairrada muitas dezenas de pipas de vinho que aqui tem obtido o preço de 900 réis cada 22 litros.

—Foi abundantissima a colheita de batata, a qual ainda não tem preço estipulado por se não terem effectuado negocios de importancia.

—Está a terminar a debulha do trigo e centeio, que este anno teve pouca fundo. Para o trigo ainda não ha preço, mas o centeio tem muita procura, sendo cotado a 700 e 740 cada 15 kilos.

—Este anno ha muito pouco azeite n'esta região, motivo por que já subiu de preço, havendo poucos vendedores. A ultima cotação era de 3$000 o decalitro.

—O milho, principal producção d'este concelho, mantem o preço regular de 500 réis cada 15 litros.

—Proseguem os trabalhos da construcção da carreira de tiro, que devem ficar concluidos em principios de setembro.

—As constantes subidas dos generos de primeira necessidade teem affectado muito as condições economicas d'este concelho. Por seu lado os commerciantes queixam-se da falta de negocios.

—Foi nomeado administrador do concelho o pharmaceutico sr. Antonio José Gonçalves.

—Realisou-se hoje em Espinho a festividade da Senhora de Agosto. O arraial esteve muito concorrido, sendo abrilhantado pela philarmonica de Luzo.

—Foi transferido para a Alfandega da Fé o sr. José Pereira de Figueiredo, bemquisto secretario de finanças d'este concelho. Era um funccionario muito digno e muito estimado, motivo por que se attribue a sua violenta transferencia a questões politicas.

—Regressou do Caramulo onde se encontrava ha annos no tratamento da doença que a affige, a sr.ª D. Maria José Tenreira Festas, esposa do sr. João Tavares Festas e cunhada do sr. dr. Tavares Festas, inspector da policia administrativa d'essa cidade.

COIMBRA, 15.—Partiu para a serra do Gerez em missão de estudo o professor da faculdade de sciencias e director do Jardim Botanico, sr. dr. Julio Henriques.

—Na matta do Choupal foi encontrado o cadaver da serviçal Maria d'Oliveira Jesus, do Ingoto, que ha pouco se havia atirado ao rio Mondego.

—O capitão de infantaria 35 sr. Albino Candido Pinheiro de Castro pediu auctorisação superior para reger no lyceu d'esta cidade uma das cadeiras do 3.º, 5.º ou 6.º grupo.

—Foi exonerado do cargo de ajudante do posto do registo civil em Ceira o sr. Antonio Dias, sendo nomeado para o substituir o sr. Anthero dos Reis Gomes, pharmaceutico na Portella do Gato, Almalaguez.

—Vão reunir brevemente n'esta cidade as artes graphicas, para tratar do congresso que aqui se deve realisar nos dias 12 e 13 do proximo mez de setembro.

—Foi nomeado 1.º assistente da 7.ª cadeira da faculdade de medicina o professor sr. dr. Bissaia Barreto.

—Foram concedidos 30 dias de licença ao auditor administrativo d'este districto, sr. dr. José Maria Cardoso de Seixas.

—Realisou-se hoje a costumada romaria da Nazareth da Ribeira, a qual correu em paz e socego.

Movimento maritimo

Madeira e Canarias, «Ardeala» (Liv.)	17
Afr. oriental, v. S. Thomé, etc. «Beira»	18
Afr. oriental, «Clan Ross» (Liverpool)	18
Afr. oriental, «Malatian» (Liverpool)	18
R. Jan., S. e R. Pr., «Demerara» (Liv.)	19

Companhia do Mercado Geral de Gados

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Séde—Entre-Campos—Lisboa

Concessionaria municipal segundo contracto de 17 de Novembro de 1886—sancionado por accordam do Supremo Tribunal Administrativo, homologado por Decreto de 23 de Julho de 1890.

Mais uma vez se faz publico que esta Companhia continúa a cumprir estrictamente, como sempre o tem feito, com todas as obrigações resultantes do contracto de 17 de novembro de 1886—nunca se tendo produzido qualquer prova ou sequer affirmação justificada em contrario—prestando assim ao publico todos os serviços resultantes do contracto e concessão devidamente remunerados nos termos da mesma.

Além d'isto, a Companhia, procurando facilitar as transacções entre os creadores e compradores de gado, continúa a prestar á lavoura e ao commercio de carnes os seguintes serviços:

I Receber gado e promover a sua venda sem o pagamento de qualquer commissão pela sua agencia;

II Receber consignações de gado destinado aos talhos municipaes, pagando de conta do expedidor quaesquer despezas, promovendo a cobrança da Camara e ficando ao dispôr do vendedor o respectivo saldo;

III Facilitar por qualquer fórma, segundo as circumstancias, todas as transacções de gados entre os creadores ou lavradores e os compradores, com dispensa de quaesquer intermediarios.

Toda a correspondencia para estes assumptos deve dirigir-se á Companhia do Mercado Geral de Gados—Entre-Campos—Lisboa.

Mercado Geral de Gados, 14 de agosto de 1915.

Os directores,

Alfredo da Silva
Reinaldo dos Santos

da d'um avanço da esquerda da 7.ª divisão até quasi á primitiva linha e a ligação entre essa divisão e a 1.ª foi assim restabelecida. Dois regimentos da 6.ª brigada de cavallaria foram mandados para os bosques a sudeste de Hooge para varrer os allemães que ahi haviam penetrado e para taparem a abertura na linha entre a 7.ª divisão e a brigada de Bulfin. Parte a cavallo, parte a pé, avançaram com um impulso irresistivel e surprehenderam e repelliram

Sir Louis Mallet, embaixador inglez em Constantinopla na occasião de ser declarada a guerra á Turquia

o inimigo, a quem mataram e feriram grande numero de homens.

Cêrca das 5 horas da tarde a brigada de cavallaria de Moussy avançou para Hooge e um destacamento a pé foi mandado auxiliar os regimentos que estavam varrendo os bosques. O sol estava quasi no occaso, lançando grandes sombras sobre o campo de batalha e mal illuminando o interior dos bosques. Isso favoreceu o contra-ataque e serviu a cobrir o pequeno numero dos soldados que, relativamente ao dos allemães, os faziam recuar.

Entre Zonnebeke e o canal os allemães foram gradualmente repellidos dos bosques até o terreno perdido ser reconquistado. Pelas 10 horas da noite a linha occupada de manhã havia sido reoccupada.

A extrema esquerda do primeiro corpo em redor de Zonnebeke tinha entrado n'um combate mais ligeiro; mas na extrema direita a brigada de lord Cavan—a 4.ª—havia proximo do canal repellido alguns violentos ataques de infantaria.

Durante a noite a direita da 7.ª divisão de novo se pôz em contacto com a esquerda da brigada de Bulfin, sendo dispensados os serviços da cavallaria de Moussy, retirada a brigada de Byng para reserva e levado o grosso da 7.ª brigada de cavallaria, atravessando o canal, para Verbranden Molen, para além de Klein Zillebeke.

A oeste do canal Comines-Ypres, entre Hollebeke e o Lys, o dia e a noite de 31 foram assignalados por factos egualmente gloriosos da parte dos inglezes.

«Quasi dois corpos de exercito allemães frescos—nota sir John French—estavam avançando contra 4.000 ou poucos mais soldados do corpo de cavallaria, cujos unicos apoios n'esse momento eram dois exhaustos batalhões indios, quatro batidos batalhões do segundo corpo do general Shaw, o batalhão territorial de London Scotish em Neuve Eglise e a parte do fatigado terceiro corpo nas trincheiras desde o bosque de Ploegsteert até ao Lys. Durante quarenta e oito horas, á custa de grandes feitos sobrehumanos, o corpo de cavallaria repelliu os allemães de St. Eloi e impediu-os de se apoderarem da crista da cadeia de Mont-des-Cats». Foi realmente uma lucta gloriosa.

Desde a curva do canal em Hollebeke até Wytschaete ha uma distancia de cêrca de 4.500 metros. A região é cheia de bosques, especialmente em redor de Hollebeke. Durante o dia parte da 2.ª divisão de cavallaria sob o commando do general Gough, com o auxilio da 7.ª bri-

Ramscappelle alcançada pelos alliados. Os francezes e os belgas com uma magnifica carga repelliram os allemães do leito do caminho de ferro Dixmude-Nieuport, retomaram Ramscappelle e romperam a linha, fugindo o inimigo para a inundada area entre o caminho de ferro e o Yser.

Desde então até ao fim da batalha da Flandres as operações no baixo Yser consistiram apenas em pequenos recontros corpo a corpo em redor de Nieuport e de Dixmude e a batalha do Yser poude considerar-se definitivamente como uma das mais sérias luctas conhecida pelo nome de batalha de Ypres.

Ao sul de Dixmude, entre Luyghem e Passchendaele, os francezes continuaram a offensiva da vespera e á tarde estavam proximos da floresta de Houthulst e em roda de Poelcappelle.

Do mar até Zonnebeke o dia havia sido extremamente favoravel aos alliados. A sua extrema esquerda no Yser estava finalmente salva e parecia possivel que a poderosa offensiva franceza ao sul de Dixmude terminaria pela retomada de Roulers. Mas, emquanto esses movimentos estavam progredindo, o kaiser fez um violente esforço para romper a linha ingleza nas trincheiras entre Zonnebeke e pelo canal Comines-Ypres até á cadeia de Mont-des-Cats, e para tomar Ypres.

Sir Douglas Haig tinha disposto a sua 2.ª divisão desde Zonnebeke por Reutel até Gheluvelt. Além do seu centro estava uma massa de bosques—o polygono de Zonnebeke—do comprimento de oeste a leste de 1.800 metros por 900 de norte a sul. Um bosque de 450 metros de oeste a leste por 900 de norte a sul estendia o polygono de Zonnebeke para o sul quasi até Gheluvelt.

A 1.ª divisão, sob o commando do general Lomax, guarnecia Gheluvelt e a estrada Menin-Ypres. A sudoeste d'essa divisão estava o que restava da 7.ª divisão, do commando do general Capper, defendendo o comprido e estreito bosque, 2.700 metros do norte para o sul de Veldhoek, que fica a oeste de Gheluvelt até ás proximidades de Zandvoorde.

Além da extremidade de Veldhoek outros bosques d'ambos os lados da estrada Menin-Ypres se estendem até Hooge, que fica a cerca de trez kilometros e meio a leste de Ypres. Da extremidade sul dos bosques a região até Ypres é coberta d'arvoredo para oeste até ás proximidades da aldeia de Zillebeke, que fica mais proximo de Ypres do que Hooge.

A sul e oeste de Klein Zillebeke, que fica na estrada d'essa povoação para Zandvoorde, havia bosques ao norte do canal. A oeste da linha Verbranden Molen - Zillebeke-Hooge a região era aberta até aos desmantelados baluartes de Ypres.

A 22.ª brigada de infantaria, sob o commando do general Lawford, estava á direita da 7.ª divisão e á sua direita estava a brigada do general Bulfin—a 2.ª—com um batalhão postado nos bosques de Hooge. As trincheiras Klein Zillebeke na margem norte do canal eram guarnecidas por lord Cavan com a 4.ª brigada de infantaria e pelo general Moussy com trez batalhões francezes e uma brigada de cavallaria.

A's 8 horas da manhã, Byng, com a 3.ª divisão de cavallaria, foi mandado para as visinhanças de Hooge a fim de formar uma reserva movel do primeiro corpo. Um pouco antes das 9 horas, Allenby informou Byng, cuja passagem por Zillebeke havia sido acolhida com um nutrido canhoneio, de que o corpo de cavallaria a oeste do canal estava sendo violentamente atacado e Byng por sua vez mandou a 7.ª brigada de cavallaria em seu soccorro. Isso fez com que a reserva do primeiro corpo ficasse reduzida apenas á 6.ª brigada de cavallaria.

Assim, os oito ou nove kilometros de trincheiras desde Zonnebeke até ao canal eram apenas protegidos por trez divisões britannicas exhaustas e enfraquecidas, trez batalhões d'infantaria franceza, duas brigadas de cavallaria e artilharia em quantidade muito inferior á dos allemães.

A perda da eminencia de Zandvoorde e do Castello de Hollebeke na

Bernardo Ferreira de Oliveira

Falleceu

Mauricia da Gama e Silva de Oliveira, Domingos Ferreira de Oliveira, sua esposa Rosa Alves de Sousa Oliveira e seus filhos, Manuel Ferreira de Oliveira e seus filhos (ausentes), José Joaquim Ferreira de Oliveira, esposa e filhos (ausentes), Alexandre Ferreira de Oliveira, sua esposa Laura Mauricia de Oliveira e Sousa e seus filhos (ausentes), Arthur Ferreira de Oliveira (ausente), sua esposa Rosa Ferreira de Oliveira e seus filhos, participam a todas as pessoas de suas relações o fallecimento do seu saudoso marido, irmão, tio e cunhado Bernardo Ferreira de Oliveira e que o seu funeral terá logar ás 5 horas da tarde de amanhã, 17, saindo o prestito funebre da sua residencia Avenida da Republica, 14, 1.º, para o seu jazigo no cemiterio occidental.

Não ha convites especiaes.

Lisboa, 16 de agosto de 1915.

dia anterior expuzera Gheluvelt a um ataque tanto pelo sul como pelo leste. O general Moussy avançou de manhã cedo com as tropas francezas ao longo da margem oriental do canal Comines-Ypres para retomar as perdidas trincheiras. Os allemães estavam, porém, em tal força que Moussy em breve se viu reduzido á defensiva.

Tranquillisado quanto á sua ala esquerda, o general von Deimling, o commandante allemão, confiando no ataque ao corpo de Haig, mandou columna apoz columna contra Gheluvelt. Cada ataque era preparado por uma chuva de granadas explosivas e shrapnels. Ao mesmo tempo, para impedir que sir Douglas reforçasse o 2.º regimento Welsh em Gheluvelt, as trincheiras ao norte e ao sul eram bombardeadas e carregadas pela infantaria.

Durante toda a manhã os ataques e contra-ataques succederam-se rapidamente uns apoz outros, substituindo von Deimling as derrotadas columnas por tropas frescas, emquanto sir Haig só tinha as mesmas unidades. Gheluvelt tornou-se um montão de ruinas chammejantes. As trincheiras britannicas, bombardeadas por um terrivel fogo, desmoronaram-se e sepultaram muitos dos seus defensores.

Granadas cahiam em todos os pontos além da linha dos alliados, como em Hooge e Zillebeke, onde quer que os aeroplanos allemães assignalavam a presença de tropas auxiliares. Em frente das trincheiras crescia de momento a momento o montão de allemães mortos e feridos pelo fogo de fuzilaria ou pelo das metralhadoras. E tropas frescas allemãs continuavam a avançar apenas para serem esmagadas por seu turno pelo fogo dos indomaveis inglezes. O terreno estava como que coberto por um tapete de mortos e de moribundos.

Os alliados conheceram o perigo. Se o primeiro corpo cedesse terreno, o flanco e a retaguarda dos seus bravos camaradas francezes que lutavam entre Zonnebeke e Bixschoote ficariam expostos. Na sua direita o troar dos canhões allemães e o incessante crepitar da sua fuzilaria disse aos homens de Haig e de Moussy que a infantaria do kaiser se estava approximando de Ypres a oeste do canal.

Furiosos com a resistencia que encontravam da parte d'um numero de homens muito inferior ao seu e desejosos de juntar novos louros aos que seus paes haviam ganho na guerra franco-prussiana, os bavaros avançaram com maior impeto. O que as tropas de von Kluck não haviam conseguido fazer em Mons e em Le Cateau queriam elles leval-o a cabo; aos bavaros pertenceria a honra de serem as primeiras tropas a derrotar a infantaria britannica!

Na realidade durante algum tempo pareceu que os bavaros, o seu principe real e o kaiser abririam caminho e que, dominado pelo numero e devastado por um fogo superior, o primeiro corpo seria litteralmente esmagado. O 2.º regimento Welsh, depois de fazer prodigios de valor em redor de Gheluvelt, teve de recuar. O regimento da Rainha, á sua direita, foi cercado pelos dois flancos e varrido pelo fogo das metralhadoras. Comtudo poucos homens retiraram e nenhum se rendeu: a maior parte morreu combatendo no seu posto.

O 2.º regimento de Reaes Fuzileiros Escocezes da 21.ª brigada e parte da 7.ª divisão d'infantaria que guarneciam as trincheiras ao sul do regimento da Rainha foram cercados e quasi que anniquilados. A' 1 hora e meia da tarde um violento ataque foi feito contra a brigada do general Lawford, á direita da 7.ª divisão d'infantaria, e os quarteis generaes da 1.ª e 2.ª divisões foram descobertos e bombardeados pelos allemães.

O general Lomax, que commandava a 1.ª divisão, foi ferido e o seu logar tomado pelo general Landon. O commandante da 2.ª divisão recebeu graves contusões que o fizeram desmaiar. Seis officiaes do estado maior das duas divisões foram mortos. Era, na realidade, uma batalha de soldados, e em que os inglezes

mostraram superiores qualidades combativas.

Na estrada proximo do Castello de Hooge estava sir Douglas Haig. Nos bosques, na sua frente, onde a batalha estava no seu auge, era impossivel dar conta do que estava succedendo. Cerca das duas horas da tarde sir John French juntou-se-lhe. Os dois commandantes esperaram noticias anciosamente. De subito, um cavalleiro appareceu, galopando a toda a brida na estrada. Avistando sir John e sir Douglas, dirigiu-se para elles, apeou-se e disse-lhes que Gheluvelt fôra tomada. Poucos minutos depois, ás 2 horas e meia, o general Lomax trazia a noticia de que a 1.ª divisão estava retirando, perseguida pelo inimigo.

«Foi—como diz sir John French—o momento mais critico de todos os d'essa grande batalha». A 1.ª divisão estava retirando; a esquerda da 7.ª divisão fôra batida; a brigada de Lawford—a 22.ª—estava recuando na direita; a brigada de Bulfin—a 2.ª—posta em perigo pela retirada de Lawford, era tambem compellida a retirar.

Parecia impossivel que a lucta pudesse continuar. Nas estradas por detraz das linhas allemãs, como os aviadores inglezes contavam, longas filas de auto-omnibus estavam esperando para transportar reforços para qualquer ponto do campo de batalha. A noticia da derrota do primeiro corpo foi communicada ao estado maior allemão e grandes forças foram mandadas para oeste do canal para romperem o corpo de cavallaria e os dois regimentos indios, para varrerem a cadeia de Mont-des-Cats e para cortarem a retirada dos alliados por Ypres ou Poperinghe. A victoria de Ramscappelle, alcançada de manhã, perdia todo o seu valor e o exercito alliado podia considerar-se feliz se conseguisse pôr-se a salvo.

Ordens foram enviadas para que a artilharia recuasse para Ypres, cujos habitantes, tomados de panico, estavam fugindo para Poperinghe. Para cobrir a retirada dos francezes para a esquerda de Zonnebeke, o primeiro corpo recebeu ordens de sir Douglas Haig para manter a todo o custo a linha desde Frezenberg por Klein Zillebeke até ao canal Comines-Ypres.

Apenas haviam sido transmittidas, houve contra-ordem. Porque, como na celebre batalha de Albuera, a infantaria ingleza por iniciativa propria recusára-se a considerar-se batida e as tropas de Moussy, como a Joven Guarda em Plancenoit, Waterloo, fizera recuar as massas allemãs.

A 1.ª divisão concentrára-se nos bosques a oeste de Gheluvelt. O avanço allemão sobre a estrada foi detido e a divisão, apoiada pela 6.ª brigada de cavallaria de Byng, pôz-se em movimento ao longo da estrada para Veldhoek. Ao sul, embora a brigada do general Lawford tivesse retirado, o general Capper continuou o combate trazendo as suas reservas e as trincheiras á direita da 7.ª divisão foram mantidas.

Entretanto a esquerda da 1.ª divisão e a direita da 2.ª ao norte de aquella tinham simultaneamente organisado um contra-ataque. O 2.º regimento Worcestershire (5.ª brigada d'infantaria, 2.ª divisão), commandado pelo major E. B. Hankey e apoiado pela 42.ª brigada da Real Artilharia de Campanha, carregou á baioneta e tomou d'assalto com a maior bravura a aldeia de Gheluvelt e os campos do seu castello. A carga foi dada sob um fogo violentissimo de artilharia, o que não obstou a que a infantaria ingleza demonstrasse a maior bravura.

«Se alguma unidade — diz sir John French — póde ser citada como digna de especial elogio foi o Worcesters... Procedi a diversas inquirições para saber quem tinha sido o official que havia dirigido esse contra-ataque e invariavelmente recebi a resposta de que fôra o regimento Worcestershire que dera esse ataque». Mais uma vez esse velho regimento havia mostrado de que eram capazes a disciplina, o «espirito de corpo» e a confiança por este gerada.

A retomada de Gheluvelt foi segui-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1508 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Terça-feira, 17 de Agosto de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

A RAZÃO DO POVO

O peixe

As revelações do sr. visconde de Pedralva — Uma verdadeira monstruosidade —Tomem-se energicas providencias

Na Camara dos Deputados, um dos representantes da nação, o sr. visconde de Pedralva, occupando-se da grave questão das subsistencias, teve ensejo de se referir a um dos principaes alimentos do povo: o peixe. E tratando do caso do peixe, fez a seu respeito uma revelação importante, que é absolutamente necessario verificar, para que, verificada ella, se tomem as providencias energicas que reclama.

A Republica deu a liberdade da pesca, precisamente para que o publico pudesse contar sempre com a abundancia e a barateza do peixe. Mas essa medida, inspirada em tão excellente principio, foi illudida pelo açambarcamento do gelo, indispensavel para a conservação do pescado. E como isso não baste, o sr. Pedralva affirma que «para se evitar, pela concorrencia, que o preço baixe, se tem commettido o crime de se deitar o peixe ao mar ou deixal-o apodrecer nos frigorificos».

E' tão monstruoso este acto que nos custa a acreditar na sua veracidade. Todavia elle foi denunciado no parlamento por um deputado da nação, e é absolutamente forçoso que se esclareça, porque não se póde admittir que emquanto uma população inteira se vê em face d'uma gravissima crise de subsistencias, derivada do exaggerado preço a que chegaram, se esteja inutilisando o peixe, que entra em tão grande parte na sua alimentação, precisamente para manter a alta de preços que a esfomeia.

Provando-se a accusação do sr. visconde de Pedralva, desde logo se conclue que teem razão as classes populares, que exprimem as suas reivindicações na questão da alimentação publica. E' preciso que o governo e o parlamento olhem por este estado de coisas, porque se vae demonstrando que ás consequencias funestas da guerra se junta uma exploração inqualificavel, que as aggrava, tornando ainda mais afflictiva a nossa situação.

O tempo que corre é precioso. Impõe-se para breve uma resolução do problema. As classes interessadas, o povo inteiro, que aproveitem esse tempo para esclarecer a questão de alto a baixo. Nós não só consideramos justificavel, como presumimos util a pressão popular para que se encare com a devida attenção o momentoso problema, tomando-se as medidas necessarias para alliviar o publico consumidor. Essa pressão seria uma coacção para qualquer governo que não estivesse capacitado da justiça das reclamações populares. Para aquelle que as reconhece urgentes, razoaveis e legitimas, ella só póde significar força que o habilite a tomar as providencias precisas para fazer cessar uma situação intoleravel.

A força da opinião publica, esclarecida e ponderada, é a base mais solida da acção dos governos. Podem faltar as individualidades de prestigio, que constituam, pelo conhecimento das suas grande faculdades de pensamento e de acção, a garantia d'uma resolução capaz de satisfazer os maximos interesses sociaes. Mas a força da opinião publica, mesmo manifestada na pressão a que alludimos, substitue esse prestigio, porque confere o poder preciso para caminhar sem hesitações em direcção a um fim bem estudado, e bem definido.

Não ha duvida de que o povo tem razão. Quanto mais serenamente, embora mais firmemente, puzer a sua força no serviço da sua justiça, mais se robustecerá o seu esforço e mais facilmente se chegará a uma solução que garanta os meios de vida a uma sociedade inteira, radicando o amor ás instituições que a dirigem.

Migalhas

Retratos

Nunca lhes aconteceu terem de passar cinco minutos no salão de entrada de uma photographia? Pois essa é uma distracção que recommendo a quem não tenha outra mais agradavel. Cada rectangulo de cartão com uma prova photographica collada é um pequenino poema de ridiculo. Todos nós, quando tiramos o retrato, temos a pretensão de, pelo menos, «parecer bem». Por isso nada ha mais comico do que adivinhar essa intenção em cada photographia. Aquelle cavalheiro muito bem penteado passou meia hora no barbeiro a alizar a cabelleira, a dispôr geometricamente as duas pastas da trunfa cheia de pomada. Aquella senhora estreiou o vestido que traz e a attitude que adoptou e se esforça por tornar natural viu-a ella em qualquer parte n'uma illustração ou n'um retrato de celebridade. Este tira o retrato para mostrar as peugas, aquelle para que o mundo saiba que é possuidor d'um succulento castão de bengala.

Ha tambem o brioso official do nosso exercito, pacifico mancebo de lunetas, que mandou o impedido adeante com a lata das charlateiras e se nos apresenta em corpo inteiro e luvas de pellica, com uma mão apoiada no punho d'uma espada, na ancia de figurar entre as onze mil virgens, a outra sustendo pela pala o «bonet» encostado á lista da calça. Temos o actor semsaborão, que se retrata a fazer caretas, temos o par de noivos de braço dado e com duas caras de parvos sufficientes para justificar doze leis do divorcio, temos o academico de capa e batina com a pasta cheia de fitas, temos o numerosa familia a que preside um pae de sobrecasaca e uma mãe barriguda, temos as duas manas com as cabecinhas encostadas uma á outra, temos o menino escrophuloso montado no velocipede e aquella ultima palavra do ridiculo que se chama o retrato pensamento: isto é: uma figura em baixo com a fronte meditativa apoiada na mão ao passo que n'um cavallete ao lado surge esfumada a pessoa de mais estimação do principal photographado.

E n'aquellas phisionomias todas vê-se transparecer aquelle drama do homem da machina de folles dizendo:—«A cabeça mais para a direita, a mão mais ao lado... Olhe agora para este pausinho... Attenção...» o a victima encravada com o collarinho, com o espartilho ou com as botas de polimento, dizendo a si propria:—«E' agora!»—com um pavor horrivel de ficar com os olhos tortos, o sorriso zanaga e a belleza contrafeita.

André Brun.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

EM TORNO DA GUERRA

Reivindicações allemãs

Formularam-nas, em memoria dirigida ao chanceller, seis grandes associações

O *Temps* publica a memoria secreta que seis grandes associações industriaes e agricolas allemãs, reunidas, dirigiram em maio ultimo ao chanceller do imperio, contendo as reivindicações de todos esses productores, reivindicações do que não poderá dizer-se peccarem por modestas.

A Belgica deverá ficar, sob o ponto de vista monetario, financeiro e postal, submettida á legislação do imperio, e as suas vias ferreas e fluviaes estrictamente ligadas ás vias de communicação allemãs.

Da França reclamam a região costeira proxima da Belgica, até ao Somme pouco mais ou menos, ficando assim a Allemanha com uma sahida para o Atlantico, importantissima por causa da situação do imperio com respeito á Inglaterra.

A não ser as bacias mineiras de Briey, nenhuma outra annexação territorial deve fazer-se além das que aconselham as necessidades estrategicas; convém ficar com Verdun e Belfort e os contrafortes situados entre as duas praças.

Com a conquista da linha do Mosa e da costa franceza com as embocaduras dos canaes, adquirir-se-hão tambem os terrenos carboniferos dos departamentos do Norte e Pas de Calais.

O grande augmento de potencia industrial no oeste deve ser equilibrado pela annexação de um territorio agricola a Leste; para isso dará a Russia zonas de territorio que ampliem e ao mesmo tempo protejam as fronteiras da Prussia Oriental. A indemnisação de guerra da Russia deve ser exigida em territorios.

Precisamos tambem de conservar as regiões francezas onde haja bastantes altos fornos, como, por exemplo, Longwy; a posse d'esta região tem tambem a vantagem do impedir, se por acaso outra guerra rebentar, que o inimigo com alguns canhões de grande alcance faça paralisar os altos fornos allemães e luxemburguezes, e assim supprimir 20 % da producção de ferro bruto e aço da Allemanha.

Este agrupamento de associações industriaes e agricolas, constituido pelas Liga dos Agricultores, Liga dos Lavradores Allemães, Associação de Lavradores Westphalianos, União Central dos Industriaes Allemães, Liga dos Industriaes e União das Classes Médias, cuja importancia politica é preciso não exagerar, encontrou apoio em certo numero de professores das Universidades e administradores de emprezas importantes que tambem expressaram tendencias annexionistas em um manifesto agora publicado em que preconizam os seguintes pontos, que textualmente reproduzimos:

«Com relação á França, queremos acabar definitivamente com a ameaça e o perigo francez que desde 1815 a 1870 e de 1871 a 1915 se manifestou em exigencias de desforra. Convençamo-nos de que, finda esta guerra, a França se mostrará sedenta de vingança logo que se imagine com forças para tiral-a. Devemos attrahir este paiz á nossa esphera politica e commercial e melhorar a nossa situação militar e estrategica em contraposição á sua; melhorar toda a fronteira occidental desde Belfort até á costa e conquistar, se fôr possivel, a linha da costa franceza ao largo do Mancha para nos fortificarmos contra a Inglaterra e obter uma melhor sahida para os mares abertos.

Devemos exigir-lhe uma forte indemnisação de guerra. Não esqueçamos que a França possue colonias desproporcionadas ás dimensões da metropole, de que a Inglaterra se apropriará se nós as não tomarmos.

Quanto á Belgica devemos conserval-a em nossas mãos politica, commercial e militarmente. Todos os allemães reconhecem que em nenhum outro ponto ha uma tão excellente base naval contra as tentativas da Inglaterra, e o consideravelissimo poderio commercial do povo belga será util para o augmento do nosso commercio quando os flamengos regressem á sua origem germanica.

No respeitante á solução da occupação da Belgica, compete aos seus habitantes não introduzirem discussões politicas no imperio e aos elementos dirigentes deixarem entre mãos allemãs todas as propriedades pertencentes aos inimigos da Allemanha.

A Russia deve perder a sua fronteira pois que não é determinada pela natureza, e a parte occupada ser convertida em uma rica região agricola onde poderão estabelecer-se o excedente da nossa população e os refugiados da Allemanha, os quaes construirão novas habitações na sua patria que, industrialisada pela Allemanha, tornará a producção do imperio superior á da Inglaterra».

A QUESTÃO DA POLONIA DIVIDE A AUSTRIA E A ALLEMANHA

Amsterdam, 14 de agosto

Em um muito significativo artigo de fundo, faz a *Gazeta de Francfort* notar que os recentes manifestos polacos provêem d'organisações em que domina o elemento austriaco, e que se o gabinete de Vienna póde apoial-as, o mesmo não succede com a população polaca da qual uma parte não é favoravel á união com a Austria.

Não devem os polacos esquecer, diz a *Gazeta de Francfort*, que a actual guerra não tem por fim unico dar satisfação aos seus desejos e reivindicações nacionaes; é preciso que estes se harmonisem com as exigencias da Allemanha e da Austria Hungria que fizeram esta guerra defensiva e teem combatido pela segurança das suas fronteiras.

E' provavel que se encontre um meio de conciliar as aspirações da independencia da Polonia com as necessidades militares das potencias centraes, mas a solução deve ser estudada em commum e não dictada apenas por uma parte dos polacos. E' preciso tambem não esquecerem que não foram elles que a si proprios se libertaram, mas sim o exercito allemão tomando Varsovia, capital que os polacos escolheram para a Polonia que os libertou»

Vê-se, pois, que os allemães não estão dispostos a tolerar que a Austria se apodere da Polonia.

OS ALLEMÃES CHACINADOS SOB OS MUROS DE KOVNO

Petrogrado, 14 de agosto

Atirando-os impetuosa e encarniçadamente contra os fortes de Kovno, os allemães anniquillam os seus regimentos. Parece que o inimigo reconhece escapar-lhe a ultima probabilidade de evitar a ligação dos exercitos russos, operação que se tornou necessaria pelo abandono da linha do Vistula.

Nos seus esforços para cortar a linha dos alliados n'aquelle ponto, empregam os allemães a tactica de esmagamento preconisada pelo general bavaro Sauer, e de que tiraram bons resultados na Belgica, concentrando defronte de Kovno um exercito completo e enviando além disso para ali, em caminho de ferro e em automoveis, grande quantidade de artilharia pesada, da qual uma parte se encontra em posições desabrigadas.

Depois de terem varrido a fortaleza com uma tempestade de projecteis, atiram a sua infantaria em massas compactas, sem se preoccuparem com as clareiras que n'ellas abre o fogo bem dirigido e melhor sustentado das espingardas e metralhadoras russas.

Até agora os resultados obtidos com esta tactica de prodigalidade reduzem-se a ter-lhes permittido approximar-se das obras exteriores levantadas a quatro ou cinco milhas do recinto da fortaleza propriamente dita.

Nos meios officiaes de Petrogrado observa-se o maximo cuidado em não aventar predicções precisas a respeito do resultado final d'esta lucta de gigantes, mas fazem notar que os minutos custam caro ao inimigo, que são incalculaveis as suas perdas, e que a sua tactica é má se se attender ás doutrinas admittidas na guerra de fortalezas nos outros pontos da frente de combate. Parece mesmo que estão já quasi eguaes numericamente as forças em presença.

Capitão Aragão

«A Capital» manda um dos seus redactores á Madeira a fim de aguardar a chegada do illustre militar

Encontra-se no Funchal o nosso camarada de redacção Hermano Neves que ali foi expressamente a fim de aguardar a chegada do illustre capitão Aragão e dos seus companheiros do Naulila.

Hermano Neves, que regressa a Lisboa com o distincto official, aproveitará a sua estada de alguns dias na Madeira para se occupar de varios assumptos que interessam á formosissima ilha e todos elles de uma singular opportunidade. Jornalista moderno, que dispõe d'uma variada e solida cultura e d'uma fórma litteraria cujo brilho os leitores de «A Capital» tantas vezes teem tido ensejo de apreciar, o nosso querido collega exporá n'uma série de artigos os resultados das suas observações, assim como as impressões trocadas com algumas das principaes figuras madeirenses que se propunha entrevistar.

AMBULANCIA JAPONEZA

Por D. Virginia de Castro e Almeida

Os Campos Elyseos em Paris transformaram-se.

A grande avenida que o Arco de Triumpho corôa com a sua imponente silhueta de gloria mudou de aspecto.

Em vez da multidão alegre e cosmopolita que n'outros tempos a animava n'estas tardes resplandecentes de verão, vêem-se os feridos convalescentes passear devagarinho, ensaiando os passos hesitantes á sombra das arvores ou sentados nos bancos, pallidos ainda e com os olhos sonhadores e vagos de quem viu a morte frente a frente e que não se habituou ainda á ideia de recomeçar a viver.

No hotel Carlton acha-se installada a ambulancia russa, no Elisée Palace um hospital auxiliar, no Grand Palais mais outra ambulancia.

No hotel Mayerbeer, em vinte casas particulares, nos armazens Piccart Pictet, nos principaes edificios, nos mais luxuosos, nos mais brilhantes, n'aquelles onde se davam as festas mais elegantes e onde se glorificavam os prazeres requintados dos felizes da terra, por toda a parte emfim onde luziam d'antes os olhos tentadores da loucura mundana, as «toilettes», as joias, as conversas ligeiras como espuma de champagne, as danças, a musica, os banquetes, as exposições, os concertos, os bailes, os mil pretextos de reunião para as intrigas de amor, para o esquecimento das tristezas, todas as manifestações d'essa «civilização» que nos enganava dando-nos uma illusão de segurança despreoccupada e de paz absoluta... fluctuam agora as bandeiras das differentes ambulancias, enfermarias, obras philantropicas e graves geradas pela guerra. E por toda a parte alvejam os aventaes das enfermeiras e fervilha a azafama dos medicos, dos ajudantes, o movimento occasionado pelos doentes que chegam, pelos que são transportados para o ar livre, pelos que partem...

Ao alto da grande avenida, quasi á sombra do Arco de Triumpho, o hotel Astoria tranformou-se na ambulancia japoneza.

Os japonezes quizeram tambem ter a sua ambulancia em Paris. Denominaram-na «Hospital benevolo da Cruz Vermelha do Japão».

O nome é encantador e tem em si não sei que perfume vago a xarão e a flôres de cerejeira, evoca immediatamente a doçura e o sorriso perenne caracteristicos de todo o japonez que se pressa.

Esta ambulancia esplendidamente montada pela Cruz Vermelha é subvencionada pelo governo. O Japão, orgulhoso dos seus recursos e do seu saber, caprichou em fornecer esta sua installação de modo a não se tornar necessaria a compra de um ferro sequer em França.

O pessoal é todo japonez e comprehende uns trinta empregados: um cirurgião-chefe, professor na Universidade de Tokio, dois medicos, um pharmaceutico, um ecconomo, vinte e duas enfermeiras. Quasi todos teem a experiencia da cirurgia de guerra por a terem já praticado na Mandchuria.

Muito delicados e cheios de attenções, declaram que estão aprendendo muito na Europa, mas o seu saber e a sua *habilidade de profissionaes* transparecem a cada momento dando a medida da sua sorridente modestia.

Os doentes falam com elogio e gratidão do modo como são tratados pelas enfermeiras pequeninas e silenciosas que se movem sem ruido e fazem os pensos com mãos ligeiras e entendidas. Os medicos, que inspiram aos feridos a maior confiança, usam os methodos allemães dos quaes toda a sciencia japoneza está impregnada. Mas a não ser esse traço de cultura européa, a

UMA ASPIRAÇÃO DO NORTE

A Universidade do Porto

O que o sr. Jayme Cortezão nos diz sobre a creação das faculdades de lettras e direito

O sr. dr. Jayme Cortezão, deputado, a quem perguntámos hoje o que pensava sobre o projecto do sr. ministro da instrucção que cria as faculdades de lettras e direito na Universidade do Porto, respondeu-nos:

—Devo dizer-lhe abertamente, e alegando para isso a minha condição de deputado pelo Porto, que darei o meu voto a esse projecto. E friso essa condição de ser deputado por aquella cidade porque entendo que é um acto de justiça equiparar a sua Universidade ás duas outras Universidades da Republica. A importancia do Porto, como um grande centro de todas as actividades do norte do paiz, o estado de manifesta inferioridade em que se tem mantido sob o ponto de vista do ensino e o nobre conjuncto de todas as suas tradições politicas e litterarias são motivos bastantes a justificar o meu voto sobre o projecto do sr. ministro da instrucção.

—Mas não ignora que já se teem levantado más vontades e opiniões contrarias a esse projecto?

—Sim, é certo. Mas o unico argumento, á primeira vista razoavel, que se tem apresentado contra o projecto refere-se apenas á creação da faculdade de direito.

«Consta-me até, e talvez com pouco fundamento, que a commissão parlamentar de ensino superior, profissional e especial acceita sem relutancia a creação da faculdade de lettras e da escola normal superior, mostrando-se unicamente contraria á creação da faculdade de direito, e julgo que levada d'aquelles motivos. Mas vejamos. Que fortes razões se oppõem ao projecto n'essa parte? Que ha bachareis de mais e os que existem são detestaveis elementos de desorganisação nacional. E', d'uma fórma geral, mais que certo. Simplesmente, eu não creio que a faculdade de direito do Porto viesse augmentar o numero dos bachareis, porque os homens do norte, geralmente animados d'um espirito sensato e pratico, não deixariam que seus filhos se encaminhassem para profissões pouco lucrativas, pelo excesso de concorrencia, ou que viessem por vicios de educação a constituir um elemento inutil ou pernicioso para a vida nacional.

«Além d'isso, o que por emquanto está provado é que são detestaveis os bachareis dados á luz pelo ventre da Minerva coimbrã. As velhas taras theocraticas e jesuiticas do ensino coimbrão, taras seculares, que datam do reinado do «Piedoso», que d'ali affastou quantos verdadeiros sabios e livres espiritos prelusiam nas cathedras, viciam ainda o ensino universitario, aleijando miserrimamente, e quantas vezes para sempre, os pobres bachareis que de lá veem e nós encontramos por ahi arrastando a sua irremediavel vacuidade e miseria moral.

«Ao contrario se me afigura que uma faculdade de direito no Porto viria remediar, em parte, esse mal. E' ella a cidade que pelas suas formosissimas tradições politicas representa dentro da nação o espirito emancipador e utilitarista, que tem contribuido tanto na vida nacional para as realisações do trabalho e da liberdade. E' licito e justo suppor-se que esse mesmo espirito havia de animar o ensino do direito na sua Universidade, creando aquelles bachareis com o senso pratico da vida e a educação democratica, de que a Republica tanto necessita para substituir os *aleijadinhos* de Coimbra.

—E a creação d'essa faculdade não traria grandes prejuizos á cidade de Coimbra?

—Não creio que esses prejuizos possam ser muito grandes. E que o fossem, não podem legitimamente os interesses particulares sobrepôr-se aos geraes, que aqui são os do ensino; quanto mais que é o Porto, pelo maior numero e importancia dos seus tribunaes, um meio muito mais propicio á educação juridica. E Coimbra, que eu aliás adoro, pois foi a Coimbra-paisagem e a Coimbra-Arte que me deu as primeiras lições de belleza, tem dentro das suas formosuras naturaes e artisticas o motivo intimo dos seus melhores e mais justos progressos. A Coimbra, onde o ensino artistico, sob o ponto de vista nacional e, mais que isso, regional, teve e tem um admiravel cultor e iniciador, o nome benemerito de Antonio Augusto Gonçalves, assiste todo o direito a pedir a organisação d'esse ensino pelos fundamentos d'uma individualidade propria e original. Coimbra deve mesmo valorisar todas as suas rarissimas bellezas naturaes e thesouros artisticos, de sorte a tornar-se um grande centro de turismo. Que Coimbra, com a sua paisagem feminina e religiosa, se torne um centro de cultura artistica e um refugio para todos os doentes do espirito, os evocadores, os melindrosos de alma e até simplesmente os contempladores da Natureza. Mas que se deixe ao Porto o direito de livremente se desenvolver e levar o seu grande espirito de emancipação e esforço ás ultimas affirmações e conclusões.

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—17-8-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXIII

Frei Medronho

Quem é aquelle frade moço, de avarcas de bezerro e chióte remendado, que ali está em êxtase, encostado de estaca a um cunhal de pedra, a acarneirar os olhos para o postigo amoroso da rótula fronteira?

—Frei Medronho.

E aquelle que ali vem de jornada, ao sol, assentado no albardão mourisco da cavalgadura, as sandálias ás costas, a testeira de estamenha do capuz derrubada para os olhos,—e uma saloia córada á garupa, abraçada a elle, de carapuço de riço encarnado, rebolando os peitos ao chouto do macho?

—Frei Medronho.

E est'outro, rotundo, oleoso, risonho, descalço, uma verónica da Senhora do Pilar ao pescoço, um relicario nas mãos, umas camandulas ramalhudas á cinta, que anda vagueando pelos arcos do Rocio e pelo cruzeiro de Arroios, a mordiscar, a beijar, a namorar as raparigas que lhe podem a absolvição?

—Frei Medronho.

E quem é aquell'outro que lá vae, rua acima, habito remangado, olhos coruscantes, pernas eriçadas e cabelludas, vermelho e tosco como um frade de barro de Extremoz, duas pistolas entaladas no cordão de esparto de S. Francisco, resfolegando e suando atraz d'uma moça redonda, fresca, esperta, que lhe foge, e lhe troca as voltas, e se lhe escapa, de manlão amarello e serpões d'oiro a reluzir nas orelhas? Quem é elle?

—Frei Medronho.

Pelos quatro cantos de Portugal, por toda a parte onde se cravava entre arvoredos, como um sello de pedra, o cruzeiro humilde d'um convento serafico; desde a casa de Santo Antonio de Ponte de Lima, formigueiro alegre de frades capuchos, até, lá baixo, ao conventinho soalheiro de Estômbar; ou fôsse com os calções de saragoça de donato, ou com a mitra, o gremial e o báculo de guardião,—Frei Medronho apparecia. Frei Medronho era um frade? Não. Frei Medronho era uma multidão. Frei Medronho era um symbolo. Frei Medronho foi, no século XVIII portuguez, a caricatura eterna, o typo acabado e risonho do franciscano namorador.

Do franciscano apenas? E os outros?

Evidentemente, nem só os padres de S. Francisco foram volteiros e chegados a mulheres. Em todas as communidades monásticas os frades eram homens,—e os homens peccadores. Desde os graves bernardos, lavradores e eruditos, herdeiros da fama do calino Frei Pedro de Alemcastro, até aos bentos comilões, arthriticos, calvos, gulosos, vestidos de cogulas enormes e encapuzados de ourélos de baeta negra; desde os capuchos mendicantes, «Frei Peregrino dos Esgalhos, Frei Caramujo do Deserto, Frei Umbigo das Saudades», capando mangericões, fazendo colheres de páu, ajardinando a rir a sua cerca d'embrechados, até aos fidalguissimos cónegos de Santo Agostinho, vestidos como bispos, cabellos copados e crespos, uma náu e um corvo em campo azul, todos cheios de nomes em «unio» e em «inio», Dom Flaminio, Dom Fortunio; jeronymos e loios, marianos e balthazares, trinos e carmelitas, dominicanos e barbadinhos, quem sabe até se os proprios cartuxos suicidas de «Scala Cœli» e de «Vallis Misericordiae»,—todos elles, desde o leigo grosseiro que brunia os caldeiros de cobre da cozinha, até aos luminares da eloquencia sagrada do século XVIII, Frei Joaquim Forjaz e Frei João Jacintho, Frei Joaquim de Santa Clara e Frei Luiz do Monte Carmello, todos elles, dizia eu, sentaram alguma vez nos seus joelhos a carne nua, rósea e forte d'uma anca de mulher, ou reviveram, na penumbra doirada dos confissionarios de madeira do Maranhão, toda a immoralidade galante das «Chroniques de l'Œil de Boeuf». Os grillos de Xabrégas mettiam mulheres no convento, içando-as em cêstos pelas janellas; os bernardos d'Alcobaça, segundo as queixas do Abbade geral a D. João V, («Mercurio de Lisboa», de 15 de agosto de 1744), recebiam nas cellas as mulheres que queriam, sob pretexto de que eram «as suas lavadeiras particulares»; em 30 de janeiro de 1707, debaixo dos arcos da Rua Nova dos Ferros, um frade loio e outro jeronymo despejaram as pistolas por negocios de mulheres; em 26 de novembro de 1731, um triño, Frei André Guilherme, foi surprehendido nos braços da mulher de Isac Elliot e morto á facada sobre um espreguiçadeiro de damasco; em 1741, um donato carmelita, Frei Manoel de S. José, accusado de estupros de varias mulheres, condemnado a açoites, galés e cárcere a arbitrio, defende-se allegando «que era só para saber se estavam donzellas ou não»; todos, indistinctamente, loios, grillos, bernardos, jeronymos, carmelitas, triños cheios de cruzes, arrabidos descalços, bentos hirsutos na sua cogula, agostinhos embrulhados no seu birro branco, corruptores de todos os lares, «maquereaux» de todas as freiras, «unicos responsaveis, diz o inglez Costigan em 1778, pela dissolução a que chegou a sociedade portugueza do século XVIII»,—tudo amou, violentou, brutalisou, possuiu. Homens, foram-no todos,—na escuridão, no mysterio, na sombra. Namoradores, derriçadores, cortejando ás claras, escudeirando, bufarinhando, beliscando, requebrando-se pelas ruas, pelos adros, pelos terreiros, diante de Deus e de todo o mundo,—só houve uns: os franciscanos. Todo o êxtase, toda a contemplação, todo o galanteio de que foi capaz o frade portuguez, incarnaram em Frei Medronho. Os outros amaram, corromperam; o franciscano namorou. Um manuscripto inédito da «Pombalina», intitulado «Sonho que fez dormindo Anastácia religiosa», descreve o padre seraphico de 1712, na rua, armado, namorando de estaca para as reixas verdes da visinhança: «Está na janella uma rapariga com uns olhos bonitos, e faz-lhe pé de esquina um homem amortalhado em um pouco de burél, com umas pistolas pendentes das ilhargas entre as camandulas, fazendo mil confissões de rendido. Como a moça é uma flôr, diverte-se com ella como amante anachoreta, que não tem mais sustento que as flôres que lhe dá o campo. Chegou-lhe a resurreição da carne, sem dia de juizo. Aquillo, ou é frade franciscano, ou coisa má!» E o egresso, na viella, corado, risonho, d'olhos em alvo, o cercilio luzindo, os pés felpudos nas avarcas largas de couro, contemplava, namorava, derretia-se como a polpa doirada e vermelha d'um medronho maduro pingando ao sol; d'ahi a pouco entrava-lhe em casa, mettia-se como piolho por costura, mendigava para o «Purgatorio» e para as «Almas Santas», benzia feitiços e lombrigas á menina, ensinava-lhe a cantar por papeis de solfa, levava-lhe relicarios e folhinhas de Lausperennes, acabava por lhe pedir, como o franciscano Frei Alexandre de Murcia ás suas confessadas, «que lhe désse os peitos para mamar, por que elle era o menino Jesus»,—e mezes andados, era sabido, a moça adoecia, cuspia para o chão, andava de cadeira, e o pae, o irmão, o noivo recebiam de mãos occultas um filhetinho muito dobrado em pastel de tres cantos, fechado com tres obreias encarnadas, que lhe trazia a terrivel denuncia em quatro versos graciosos:

«Que importa ao crédito vosso
Que fecheis todos os dias
A porta ás Avé-Marias,
Se a abris ao Padre Nosso?»

O fidalgo aperrava as pistolas; os mochilas afiavam as choupas flamengas. Entrára em casa Frei Medronho.

JULIO DANTAS

Terça-feira, 24:

XXXIV—A Freira Casquilha

atmosphera da casa é profundamente niponica.

As inscripções por cima das portas são japonezas assim como os rotulos dos frascos e das pequenas caixas côr de rosa dos differentes remedios. Por cima das camas dos doentes penduram-se leques e ventarolas; e os convalescentes, enroupados nos seus kimonos multicolores, divertem-se aprendendo a tecer rafia para fabricarem cestinhos japonezes.

Tudo isto produz um effeito inesperado, estranho e agradavel, de uma coisa pueril e encantadora. Mas atravez do sorriso japonez ha sempre o quer que seja de levemente mysterioso e inquietador para os europeus. O quê? Uma desconfiança? Um presentimento?...

O hospital tem cento e cincoenta camas; mas n'este momento só umas setenta se encontram occupadas, e essas por feridos que chegaram ha já muito tempo e que vão a pouco e pouco entrando em convalescença. São uns doentes que não soffrem muito e que parecem felizes.

O visitante não se defende de uma impressão deliciosa de paz, de certeza perfeita, de doçura e de bom humor, que parece emanar das proprias paredes e constitue uma atmosphera especial e rara n'estes tempos tumultuosos de paixões violentas.

Pensa-se então nos campos de batalha, nos milhares de mortos, de feridos, de agonisantes, na immensa miseria e na dôr immensa que subvertem o mundo; e o «Hospital benevolo da Cruz Vermelha japoneza» apparece como uma pequena gotta de agua no mar tão grande de angustias, como um brinquedo de creança, como um pequeno raio de sol apenas perceptivel no crepusculo tragico e cada vez mais denso onde a pobre humanidade se debate n'uma das mais terriveis crises da sua existencia.

Virginia de Castro e Almeida

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

VILLEGIATURAS

Está em Ancora a sr.ª D. Marina Teixeira Bastos acompanhada de sua filha e genro.

—Partiu para o Alemtejo, com sua familia, o sr. dr. Adriano Burguete.

—Está nas Pedras Salgadas o sr. Delfim Guimarães.

—Para a Ericeira seguiram os srs. Roque Gameiro e familia, João d'Araujo Moraes e familia, Eduardo Gomes e familia.

—A' Praia das Maçãs chegaram as familias dos srs. capitão Portugal e Miguel Claudio.

—Em Monte Santos, estão veraneando os srs. dr. Salazar de Sousa e familia e dr. Carlos Prazeres e familia.

—Com sua esposa partiu para Cascaes o sr. general Alfredo Cordes Avellar.

—Regressou a Gouveia, com sua filha, o sr. dr. Augusto Fernandes Correia.

—Regressou de Cascaes com sua esposa e filho o 1.º tenente sr. Guilherme Rodrigues, que hoje partiu para Vianna do Castello.

—Para Entre os Rios partiu hoje o deputado sr. Alberto Charula Pessanha.

O CULTO DOS ANJOS

Na ultima sessão da Academia das Inscripções, de Paris, o sabio belga Franz Cumont commentou uma inscripção latina recentemente descoberta na antiga Dacia e em que se mencionam anjos pagãos. O sr. Cumont citou outros textos epigraphicos que provam que o culto dos anjos existia no paganismo semitico e tambem no judaismo. Graças aos philosophos gregos que, sob o Imperio, se dedicaram a definir o caracter d'esses mensageiros celestes, póde fazer-se uma idéa exacta da natureza e das funcções que a religião lhes attribuia.

Passe perdido

Uma praça da guarda fiscal encontrou um passe dos carros electricos, com o numero 2.100 e passado em nome de João José d'Abreu. O interessado pode procural-o na secretaria da circumscripção do sul, no largo do Terreiro do Trigo.

O encalhe do "Republica"

Parece haver esperanças de o salvar

A'cêrca do cruzador «Republica» foi hoje recebido no ministerio da marinha um telegramma dizendo que o inspector do «Finisterre» telegraphou para Gibraltar expondo as condições em que se encontra o navio. Hoje um mergulhador foi examinar o fundo do «Republica» para reconhecer a importancia dos rombos.

Só depois da resposta de Gibraltar e de se conhecer o resultado do exame feito, o inspector do «Finisterre» poderá apresentar a sua proposta para salvamento do cruzador.

Continua o desarmamento completo do navio sob a direcção do engenheiro sr. Sequeira, que pede para lhe serem mandadas com urgencia as plantas do cruzador «Republica», que estão a ultimar na sala de desenho da direcção das construcções navaes, as quaes seguem para ali a bordo do rebocador «Berrio», que recebeu ordem para largar do Tejo.

Importação de juta

Ao governo representou novamente uma commissão de operarios da Companhia União Fabril, Barreiro, para que sejam entaboladas negociações com a Inglaterra no sentido de permittir a exportação de juta, visto se acharem na espectativa de serem despedidos por falta de trabalho.

INTERESSES DE CABO VERDE

A instrucção primaria

carece d'uma completa remodelação—Escolas que nada produzem

A instrucção publica em Cabo Verde é difficientissima. O orçamento é reduzidissimo como se vê do seguinte:

Inspector escolar (gratificação), 180$00; 41 professores, 13:620$00; 10 professoras, 2:400$00; Subsidio de renda de casa ao professorado diplomado, 720$00; Gratificação de 5 escudos por alumno approvado aos professores diplomados, 300$00; abonos aos substitutos dos diplomados, 2/3 da cathegoria, 400$00; compra de livros e material para as escolas, 200$00 — Total, 17:820$00.

Este total corresponde a 4,11 % da importancia do orçamento da despeza de Cabo Verde. Mas, segundo um criterio muito difficil de justificar, no anno de 1913, só se dispenderam apenas 15:812$26, baixando por isso a 2,44 % a percentagem da despeza com a instrucção publica.

Se no geral a economia com a instrucção tem pouca justificação, nenhuma terá a distribuição de 200 escudos por anno para livros e material escolar de 51 escolas officiaes.

O analphabetismo em Cabo Verde attinge as seguintes percentagens: Concelho de S. Nicolau, 4 %; da Brava, 53 %; da Boa-Vista, 56 %; do Sal, 62 %; de S. Vicente, 75 %; de Santo Antão, 75 %; da Praia, 79 %; do Fogo, 80 %; de Santa Catharina, 91 %.

Para conseguir estes dados, excluiram-se da população dada como analphabeta as creanças até aos 16 annos em todos os concelhos, menos o de S. Nicolau, visto que ha numerosos alumnos que assim ficam frequentando o ensino elementar.

A edade escolar em Cabo Verde vae dos 6 aos 16 annos, e, sendo assim, a população em edade escolar, nos differentes concelhos, é como segue: Concelho da Praia, 7:776; de Santo Antão, 3:219; do Fogo, 5:215; de S. Nicolau, 2:540; de Santa Catharina, 2:496; de S. Vicente, 2:423; da Brava, 1:776; da Boa-Vista, 532; do Sal, 165.—Total, 28:872.

Para fazer face a tão elevada população em edade escolar, de quantas escolas dispõe cada concelho? E' o que vamos mostrar.

Praia—12 escolas officiaes, 4 municipaes, 4 particulares, matriculas, 1050; Santa Catharina—5 escolas officiaes, 7 municipaes, 1 particular, 889; Brava—2 escolas officiaes, 4 municipaes, 1 particular, 465; Fogo—4 escolas officiaes, 3 municipaes, 394; S. Vicente—3 escolas officiaes, 6 municipaes e 2 particulares, 858; Santo Antão—11 escolas officiaes, 5 municipaes, 2 particulares, 1:451; S. Nicolau—4 escolas officiaes, 4 municipal, 264; Sal—2 escolas officiaes, 63.—Total das matriculas, 6:071.

O augmento da população é em media de 7:000 por anno em Cabo Verde, e assim, pelo que nos mostram os dados acima, extrahidos da estatistica official, o numero total das matriculas não chega a 2/3 do augmento da população. Assim, se em 1913 existiam 28:872 creanças em edade escolar e ainda os analphabetos adultos, o numero total será cada vez maior, porque entre os alumnos matriculados e os que teem aproveitamento ha uma tremenda disparidade. Quer dizer que o são principio constitucional «O ensino primario será obrigatorio e gratuito» não se cumpre em Cabo Verde e isto deve-se não só, porque nem ha escolas nem professores que possam ensinar o numero de alumnos que o cumprimento d'essa disposição constitucional levaria á escola.

Mas o attento estudo das estatisticas vae encarregar-se de revelar coisas curiosas sobre a distribuição das escolas, a competencia de alguns professores, o descuido de outros e a desnecessidade de algumas escolas ou então o cumprimento absoluto da disposição constitucional. Analisemos a estatistica:

Concelho de Santa Catharina: Escola masculina da Achada Falcão, 115 matriculas, 1 approvação, 0,86 % de percentagem; Escola feminina da Achada Falcão, 46, 5, 10,80 %; Escola do sexo masculino da Assomada, 23, 1, 4,30 %; Escola do sexo masculino da Ribeira de S. Miguel, 86, 6, 4,65 %; Escola do sexo feminino do Tarrafal, 71, 3, 4,22 %.

Despeza total com o ensino official, 1:568$68. Despeza por alumno approvado, 98$04.

Praia: Escola do sexo feminino da Gouveia, 12 matriculas; Escola do sexo masculino do Leitãosinho, 57; Escola do sexo masculino da Achada Egreja, 19; Escola do sexo masculino de S. Domingos, 102; Escola do sexo masculino da Varzea da Egreja, 18; Escola do sexo masculino de S. Lourenço, 85 matriculas, 4 approvações, 4,70 % de percentagem; Escola do sexo masculino de Pedra Badejo, 84, 4, 4,76 %; Escola do sexo masculino da Cidade Velha, 32 matriculas; Escola do sexo masculino da Varanda, 31; Escola do sexo masculino do Porto Inglez, 93 matriculas, 10 approvações, 10,75 % de percentagem; Escola do sexo feminino da Praia, 98, 8, 8,16 %; Escola do sexo masculino da Praia, 39, 12, 30,76 %; Escola do sexo masculino da Praia, 102, 23, 22,54 %.

Despeza total com o ensino official, 3:405$96. Despeza por alumno approvado, 58$82. Resultados negativos em sete escolas.

Fogo: Escola do sexo masculino da Cova Figueira, 43, 1, 2,32 %; Escola do sexo masculino da Figueira, 71, 6, 2,81 %; Escola do sexo feminino de S. Filippe, 41, 10, 14,63 %; Escola do sexo masculino, 67, 11, 14,80 %.

Despeza total com o ensino official, 1:506$65. Despeza por alumno approvado, 79$29.

S. Vicente: Escola do sexo masculino do Mindello, 108, 36, 33,33 %; outra escola, 80, 9, 11,25 %; do sexo feminino, 74, 18, 24,32 %.

Despeza total com o ensino official, 1:436$95. Despeza por alumno approvado, 22$80.

Santo Antão: Escola do sexo masculina da Ponta do Sol, 81, 14, 17,28 %; do sexo feminino da Ponta do Sol, 43, 24, 16 %; do sexo feminino da Ribeira Grande, 113, 5, 4,42 %; do sexo masculino do Coculim, 124, 15, 12,09 %; do sexo masculino do Paul, 121, 37, 30,57 %; do sexo masculino do Chan de Egreja, 51, 5, 9,80 %; do sexo masculino do Chan de Pedra, 171, 16, 9,35 %; do sexo masculino da Manta Velha, 57, 3, 5,26 %; do sexo masculino da Ribeira das Patas, 47, 5, 10,63 %; do sexo masculino da Ribeira do Baboso, 40, 6, 15,00 %; do sexo masculino da Ribeira da Cruz, 42, 5, 11,90 %.

Despeza total com o ensino official, 4:064$99. Despeza por alumno approvado, 35$97.

S. Nicolau: Escola do sexo masculino da Praia Branca, 80, 6, 7,50 %; do sexo feminino da Ribeira Brava, 60, 3, 5,00 %; do sexo masculino, 102, 14, 13,72 %; do sexo masculino das Queimadas, 110, 18, 16,36 %.

Despeza total com o ensino official, 1:110$30. Despeza por alumno approvado, 27$08.

Boa-Vista: Escola do sexo feminino de Sal Rei, 55, 8, 14,54 %; do sexo masculino, 55, 5, 9,09 %; do sexo masculino do F. das Figueiras, 53, 9, 16,98 %.

Despeza total com o ensino official, 1:075$34. Despeza por alumno approvado, 48$87.

Brava: Escola do sexo feminino da Povoação, 69 matriculas; do sexo masculino, 92 matriculas, 13 approvações, 14,13 %.

Despeza total com o ensino official, 866$39. Despeza por alumno approvado 66$64.

Sal: Escola do sexo masculino de Santa Maria, 42, 11, 26, 19 %; do sexo feminino, 26 matriculas.

Despeza total com o ensino official, 594$43. Despeza por alumno approvado 54$03.

Estes resumos estatisticos é que devem ser a base para a completa remodelação do ensino primario em Cabo Verde. Por elles se vê que actualmente, quer o professor seja muito trabalhador, quer nada produza, não ha differença de vencimento. Tudo ganha, embora muitos nada produzam. Não deve ser assim e vamos n'um paiz em que o analphabetismo é enorme, e que tem a permanente ameaça da America do Norte fechar as portas aos seus immigrantes analphabetos.

No proximo artigo mostraremos qual devia ser a organisação do ensino primario em Cabo Verde, regulando-o pelos resultados dos dados estatisticos e os da população das differentes ilhas.

Armando Xavier da Fonseca

A falta de farinhas

A Manutenção Militar vae fornecel-as a Setubal

Uma commissão de fabricantes de pão de Setubal acompanhada do administrador do concelho, sr. Silverio Pereira Junior, procurou hoje o sr. Mariano Martins. Como o chefe do districto estivesse presente foi a commissão recebida pelo seu secretario, sr. Alfredo Pinto, a quem um dos commissionados declarou que se o governo não tomasse providencias depois de ámanhã não haveria pão em Setubal. Em vista da gravidade do caso o sr. Alfredo Pinto telephonou immediatamente ao sr. ministro do fomento expondo-lhe os factos e pedindo providencias. O sr. dr. Manuel Monteiro teve uma conferencia com o seu collega da guerra, o qual declarou que ia dar ordem para a Manutenção Militar fornecer a farinha que lhe fosse requisitada pela Camara Municipal, ficando esta responsavel pelo pagamento.

A commissão ficou satisfeita com as providencias tomadas.

Um encarregado de regas

provoca grande borborinho, por querer encharcar tudo e todos

Cerca das 15 horas, andava regando a rua Nova do Almada um dos empregados da Abegoaria, quando, a certa altura, lhe appareceu, vindo da rua de S. Julião, um trem, e do lado contrario o automovel n.º 1:749. Este, para se desviar do trem, rodou uma das rodas pela mangueira, o que fez com que o encarregado da rega virasse a agulheta e começasse a regar o auto.

O chauffeur, todo encharcado, quiz desafrontar-se, mas o das regas não lhe deu tempo a isso. Na furia de que estava possuido, o homem enfiou pela casa de ferragens pertencente aos srs. Soares & C.ª, n.º 28, onde deixou tambem tudo encharcado. Alguem conseguiu fechar a agua, sendo o homem preso e levado para a esquadra da rua do Commercio.

Mobilisação das industrias

Reunia hoje a direcção da Associação Industrial Portugueza para apreciar o projecto do decreto da mobilisação das industrias, tendo-se resolvido ir amanhã falar com o presidente do governo, pedindo-lhe aclarações sobre alguns pontos obscuros da lei.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 5/8	35 1/2
Londres, 90 d/v	36 1/8	—
Paris, cheque	$72,5	$73,5
Hespanha, cheque	$28,2	$28,7
Hollanda, cheque	$57	$57,5
Madrid, cheque	1$33,5	1$34,5
New York	1$40,5	1$42,5
Rios/Londres	—	—
Libras	6$85	6$95
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1:000$	40,20	40,15
» » 500$	40,20	40,15
» » 100$	40,20	40,15

Obrigações de 1:000$, 1888, 21$95. Externas: 1.ª serie, 72$50. Acções: Aguas, 100$; Phosphoros, coup. 66$ e assent., 56$50; Tabacos, coup. 74$10. Obrigações: Aguas, assent. 81$ e coup., 82$; Tabacos, 10 %, hypothecarias, 93$70; Classes Inactivas, 91$60; Caminho de Ferro de Benguella, 77$.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Continuou a discutir-se o orçamento da guerra

Antes da ordem e depois de approvada a acta, estando presentes o sr. ministros da justiça e da instrucção, o sr. Freitas Ribeiro pede que se discuta antes de mais nada o projecto que permitte na Escola Naval uma segunda epocha de exames em outubro. Deferido, sendo o projecto approvado sem discussão. O sr. Arruda requer que tenha tambem immediata discussão o projecto que auctorisa a junta geral do Ponta Delgada a subsidiar até um anno depois da guerra os cultivadores de ananazes d'aquelle districto, reembolsando-os da respectiva contribuição predial. Approvado. Sobre o projecto falam os srs. Medeiros, Ribeira Brava e outros, approvando-o a Camara. Segue-se, a pedido do sr. Germano Martins, o projecto que regula a expropriação por zonas. O sr. Mesquita de Carvalho pronuncia-se contra a urgencia. O sr. Nunes Loureiro não quer que a percentagem para as camaras seja inferior a 10 % e o sr. Germano Martins propõe varias emendas, entre as quaes uma que concede trez mezes aos inquilinos dos predios a expropriar para os abandonarem. O projecto, após certa discussão, é approvado.

O sr. Fernandes Costa interpella o sr. ministro da justiça por ter deixado de cumprir a lei no que se refere á nomeação do professor do deposito penal da Figueira da Foz, não nomeando o professor official a quem esse cargo pertencia, de harmonia com a lei e conforme demonstra. Quem devia ser nomeado para professor do referido deposito era o professor de Buarcos. E assim se fez, sendo, porém, aquelle funccionario demittido por não querer filiar-se no partido democratico. O sr. ministro da justiça responde que o deposito penal foi creado na Figueira da Foz e que por esse motivo o seu professor tinha de ser o d'essa cidade e não o de Buarcos. Não se fez senão cumprir a lei, demittindo o professor de Buarcos, que fôra indevidamente nomeado.

O sr. Fernandes Costa replica que o deposito em questão está, de facto, funccionando em Buarcos, motivo por que o seu professor devia ser o d'aquella localidade. O sr. ministro da justiça volta a dizer que cumpriu a lei, porque o estabelecimento penal alludido funcciona na cidade da Figueira, que é onde foi creado.

Prosegue, na ordem do dia, a discussão do orçamento do ministerio da guerra. O sr. Cruz e Sousa continúa o seu discurso iniciado na sessão nocturna de hontem, merecendo-lhe largas referencias a actual reorganisação do exercito, que combate, e o parecer que acompanha o orçamento bem como o proprio orçamento que reputa defficientemente elaborado, não podendo averiguar-se, por falta de estudo e informação, se são necessarias e uteis todas as verbas que n'elle figuram. Espera que de futuro tal não voltará a acontecer.

O sr. Helder Ribeiro, relator, defende tudo—o parecer, o orçamento, os projectos annexos e, sobretudo, a reorganisação do exercito, que considera boa, affirmando que se ella não tem dado os resultados esperados, se deve attribuir esse facto áquelles que a teem contrariado. Refere-se ás escolas de repetição e declara que para ellas serem proficuas necessario é que as pratiquem como a lei manda. Acha que o exercito andava transviado dos seus verdadeiros fins, tendo-o chamado á sua missão a lei que o reorganisou, e occupa o resto do seu discurso com considerações de caracter technico justificativas do parecer que se discute.

Em seguida encerra-se a sessão.

No Senado

Trata-se da dissolução de infantaria 29, d'uma 2.ª epocha de exames em outubro e approvam-se as ultimas propostas do orçamento do ministerio das finanças

A's 14,40' respondem á chamada 18 senadores. Na presidencia o sr. Correia Barreto secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches. Na bancada ministerial o sr. ministro da guerra. Approvada a acta e lido o expediente tem a palavra o sr. Lourenço Serro para a sua annunciada interpellação ao sr. ministro da guerra sobre a dissolução do regimento de infantaria 29, aquartelado em Braga. Refere-se ao officio do sr. governador civil, cujas affirmações contesta e ao arrancamento das proclamações do sr. dr. José de Castro cuja importancia diminue por se não saber quem são os responsaveis.

O sr. Norton de Mattos declara que o 29 foi muito bem dissolvido por casos de indisciplina ali havidos. N'aquelle regimento havia muito amor á monarchia e ao ministerio Pimenta de Castro. A dissolução foi-lhe dada pelo sr. dr. José de Castro. Se o caso se passasse hoje, elle ministro procederia da mesma maneira.

O sr. Lourenço Serro volta a atacar a dissolução declarando que o regimento não tivera manifestações monarchicas. Estar ao lado do sr. Pimenta de Castro não é ser amigo da monarchia.

O sr. Vasconcellos Dias (áparte):—é a mesma coisa...

O orador—Não senhor. O sr. Pimenta de Castro conspirou contra a monarchia.

O sr. Vasconcellos Dias — E depois conspirou contra a Republica!

O sr. Celestino de Almeida—Isso não é verdade.

O orador, terminando—O que é verdade, sr. ministro, é que se dissolveu sem causas nem razões o regimento de infantaria 29, sem que nem as instituições nem a disciplina do exercito ganhassem com isso.

Seguidamente approva-se sem discussão o projecto de lei que promove a tenentes no fim de quatro annos de serviço os alferes do quadro de saude, depois do que, o sr. Correia Barreto (presidente) diz que ha uma duvida que é preciso resolver. Na sessão de 27 de junho do anno findo, em questão prévia, foi enviado á commissão de finanças o projecto de lei que auctorisava a camara de Villa Real de Santo Antonio a cobrar o imposto de 1 por cento do pescado, cujo producto se destinava á construcção da ponte-caes da mesma villa. Por engano esse projecto foi depois para os deputados com a nota de rejeitado o que provocou uma reunião conjuncta que o approvou. A presidencia da Republica teve, porém, duvidas sobre o caso e o projecto ainda não foi assignado.

Resta, portanto, ao Senado proceder a essa approvação se todos os partidos estiverem de accordo. E como tal aconteça o projecto é approvado ficando assim desfeito o engano.

E passa-se á ordem do dia, primeira parte, com a discussão do projecto de lei do sr. Agostinho Fortes para que no corrente anno haja em todos os liceus da Republica nova epoca de exames, que começará no dia 1 de outubro e terminará a 15 do mesmo mez.

O parecer da commissão de instrucção é contrario á approvação de tal projecto. Contra este parecer e em defeza do seu projecto fala largamente o sr. Agostinho Fortes, mostrando a necessidade pedagogica de se approvar o projecto que apresentou.

E tanto a approvação do seu projecto se impõe e é de justiça que elle orador na sua altura enviará para a mesa uma modificação ao artigo 1.º que ficará assim ridigido: «No corrente anno de 1915 haverá em todos os estabelecimento d'ensino secundario, superior, especial e technico dependentes do ministerio d'instrucção e dos ministerios da guerra e da marinha da Republica Portugueza uma segunda epoca de exames que começará no dia 1 de outubro e terminará no dia 15 do mesmo mez».

O sr. Antonio José Lourinho defende o parecer da commissão e ataca o projecto como anti-pedagogico.

Como tenha dado a hora para a segunda parte da ordem do dia, continua em discussão a proposta annexa ao orçamento do ministerio das finanças pela qual ficam constituindo bolo commum os emolumentos provenientes da liquidação de registo pertencentes hoje aos delegados do procurador da Republica em Lisboa e Porto. Approvada após larga discussão bem como varias outras propostas e additamentos que o sr. Victorino Guimarães ainda apresenta.

Entra depois em discussão o orçamento do ministerio das colonias.

O sr. Sousa Junior requer prorogação da sessão por mais uma hora. Approvado.

Sobre o assumpto na generalidade fala longamente o sr. dr. Celestino de Almeida.

Responde-lhe o sr. ministro das colonias. Vota-se depois o orçamento na generalidade, discutindo-se depois e votando-se na especialidade quasi todo o capitulo 1.º, falando os srs. Aresta Branco, Celestino de Almeida e ministro do fomento.

A proxima sessão é ámanhã.

Almoço a bordo do "Vasco da Gama"

O commandante da divisão naval, capitão de fragata sr. Leotte do Rego, offereceu hoje um almoço a bordo do cruzador «Vasco da Gama» ao major general da armada, contra-almirante sr. Alvaro Ferreira.

A esse almoço, que decorreu muito animado, assistiram, além do major general e do commandante da divisão naval, os srs. capitão de mar e guerra Silveira Moreno, chefe do estado maior da majoria, 1.º tenente Pereira da Silva, immediato do «Vasco da Gama», 1.º tenente Santos Fradique, chefe do estado maior da divisão naval, e 2.º tenente Raul Cezar Ferreira, ajudante do major general.

No final do almoço chegou a bordo do «Vasco da Gama» o sr. ministro das finanças, acompanhado pelo chefe do seu gabinete sr. Luiz Viegas e pelo deputado sr. dr. Almeida Ribeiro que assistiram aos exercicios de postos de combate e outros, sendo-lhes servido um copo d'agua.

Noticias parlamentares

O *quorum* na Camara desceu já hoje a pouco mais de cincoenta. E' um organismo que se definha a olhos vistos o Congresso da Republica, abandonando-o a pouco e pouco, n'uma ancia invencivel de fuga, aquelles que o constituem e que perante o povo se comprometteram a fazer leis sabias, fecundas e justas. Ser deputado, ou senador parece que é peor para os portuguezes do que ser soldado e ter de passar nas trincheiras da Argonne, sob a metralha ignea, noites e dias sem fim. Qual a origem d'este phenomeno? Os senhores legisladores não o dizem. Mas bem pode ser que a encontremos na mania que todos teem de fazer tudo sem vagar nem aptidões para isso...

* * *

Na organisação da armada, hontem proposta ao parlamento pelo sr. Freitas Ribeiro, ha disposições de detalhe que são interessantes. Esta, por exemplo: as praças não podem readmittir-se desde que não saibam ler e escrever. Além d'isso, as praças especialisadas, que hajam feito os seus cursos nas escolas proprias, teem de servir por mais quatro annos por cada novo posto que alcancem. Destina-se esta disposição a evitar que as praças da armada, depois de convenientemente instruidas e de haverem custado bem caro ao Estado, abandonem a corporação, privando-a de elementos indispensaveis e uteis.

* * *

Desde a sessão nocturna de hontem que está em discussão o orçamento do ministerio da guerra. Teem-se feito discursos de todo o tamanho e a velha corda da desorganisação do exercito tem vibrado com todas as intensidades e em todos os tons. Entretanto, alguma coisa ha já que merece ser registada. E' a conferencia, cheia de observações originaes e de conselhos os mais apreciaveis, com que o sr. Cruz e Sousa engrinaldou o debate dando-lhe um brilho e uma seriedade que não refulgem pelo Parlamento com a frequencia que seria para desejar, para lustre das funcções legislativas. Que fale mais vezes o sr. Cruz e Sousa, porque bem pode ser que com as suas falas mansinhas até os proprios militares tenham que aprender...

* * *

O lindo ananaz, coitado, tão depreciado depois da guerra, tão democratisado, tão popularisado, rebaixado, por effeitos d'esta medonha crise, até se confundir, em preços, com o melão banal ou com a melancia fresca das tendas lisboetas, teve hoje, na Camara, a sua rehabilitação. O ananaz principiou a resuscitar, encaminhando-o para a plenitude da sua gloria policroma e primitiva o sr. Marianno Arruda, que fez votar, em seu favor, um projecto de lei que é uma preciosissima apotheose a tão precioso fructo. O ananaz vae deixar de pagar contribuições. Livre da camisa de forças do imposto, poderá elle, tão bizarro e tão infeliz, adquirir os pergaminhos aristocraticos que a guerra lhe levou? Oxalá, quanto mais não seja para que o sr. Arruda continue, por todos os seculos, a exhibir pela Camara o seu esplendido par de luvas, côr de pecego maduro.

* * *

Parece não haver duvidas a tal respeito—os projectos sobre a questão dos vinhos pendentes da sancção parlamentar, serão ainda apreciados durante esta sessão legislativa. Assim o reclama o governo, em virtude dos desejos da Inglaterra, relativos á immediata ratificação do tratado de commercio com Portugal. Hoje, no parlamento, já se realisaram combinações no sentido dos referidos projectos serem dados com brevidade para ordem do dia, dizendo-se que vão ser chamados a Lisboa varios deputados que no debate teem de tomar parte activa.

* * *

Já tem parecer da commissão de finanças a reforma da policia. O relator limitou-se a accentuar o grande augmento de despeza que a organisação da policia acarreta, concordando a commissão com elle. O projecto deve ser dado para a ordem do dia da proxima quinta feira, abrindo o debate, por parte dos evolucionistas, o sr. dr. Vasco de Vasconcellos.

A reforma da policia

Mais alguns reparos á proposta do governo

A projectada reforma da policia, a que por varias vezes nos temos referido com o interesse que o assumpto merece, ha de ter no parlamento uma larga e attenta discussão. Isso não impede, porém, que a seu respeito continuemos fazendo algumas considerações com o proposito de contribuir para que a reforma corresponda tanto quanto possivel ás exigencias da opinião publica e se inspire no mais absoluto espirito de justiça.

Como todos sabem, não póde haver boa policia sem que ella seja convenientemente retribuida. Ora a organisação em projecto está longe de ser equitativa, sob este aspecto. E se não vejamos:

Ha actualmente em Lisboa vinte e seis chefes de esquadra, cada um dos quaes ganha por dia um escudo e 15 centavos. Desde que se approve a *proposta* do governo, doze de esses chefes ficam ganhando apenas um escudo e 9 centavos e meio, isto é menos 5 centavos e meio do que recebem agora.

Ao passo que assim succede com os chefes, os agentes de primeira classe ficam ganhando um escudo e 23,2 centavos ou um escudo e 33,2 centavos com a readmissão, isto é, mais 23,7 centavos por dia que os chefes... Será, porventura, logico?

Outro ponto. Na policia administrativa asseverou-se sempre que eram indispensaveis para seu serviço duzentos homens. Na reforma apresentada ha pouco ao parlamento pelo sr. Rodrigo Rodrigues, ex-ministro do interior, fixava-se esse numero, certamente para não avolumar despezas, em cento e cincoenta. Pois bem: na actual proposta reduz-se o numero proposto pelo sr. Rodrigo Rodrigues a metade, dando-se á policia administrativa setenta e cinco homens, ao mesmo passo que se divide a repartição em quatro, o que exige pessoal mais numeroso...

Reclama tambem reparos a divisão que, quanto á policia de emigração e transito, se faz na proposta agora apresentada. Por essa divisão ficam pertencendo á circumscripção de Lisboa terras proximas da do Porto, como Aveiro, Vizeu, etc.

E que verba a camara municipal de Lisboa terá de despender com a installação, mobiliario e renda das quatro casas para inspecção, cada uma das quaes demanda uma grande numero de divisões, e ainda com o pagamento de metade de toda a despeza que se fizer com chefes e agentes? No primeiro anno, não faz essa despeza com 40 contos...

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 17.—Communicação official.—Canhoneio bastante vivo durante a noite em alguns pontos da linha principalmente em Boesinghe, Quennevières e na Lorena para os lados de Arracourt e Leintrey. Na Argonne houve lucta em Fontaine-aux-Charmes e Haute Chevauchée. N'este ultimo ponto os allemães sahiram hontem á noite das trincheiras para passarem ao ataque, mas o nosso fogo repelliu-os para as suas linhas.—(Havas).

O rei da Grecia ouve o sr. Venizelos

ATHENAS, 17.—O rei Constantino, depois de haver acceitado a demissão do gabinete Gounaris, convidou o sr. Venizelos a ir conferenciar com elle esta manhã.—(*Havas*).

Os russos repellem ataques allemães

PETROGRADO, 16. — Na região de Bausk impellimos de novo os allemães em direcção á ribeira de Aa. Os contra-ataques inimigos foram todos repellidos.

Continúa o bombardeamento de Kovno. Nas margens do Narew houve combates encarniçados, sendo o inimigo repellido.—(*Havas*).

Os navios detidos no Tejo

estão mandando o seu carregamento para o estrangeiro

Hontem e hoje sahiram de bordo do «Bulow», um dos navios allemães detidos no Tejo desde o começo da guerra, 300 barris de anil com destino a Barcelona.

Um dos nossos industriaes, tendo tido conhecimento do facto, foi falar com o representante da fabrica productora, propondo-lhe a compra d'alguma mercadoria que lhe conviesse, ao que o representante se negou terminantemente, allegando estar tudo vendido para Hespanha. O destino do barco era o Japão.

Só o carregamento do «Bulow» era bastante para alimentar a nossa industria de tinturaria e estamparia durante dois annos, trabalhando largamente. Muitas das drogas que o compõem são empregadas no fabrico dos pannos para os uniformes do nosso exercito, e actualmente não ha possibilidade de encontral-as, estando por isso suspensa a sua fabricação.

A Associação Industrial Portugueza vae procurar obter do governo que prohiba a sahida para o estrangeiro das mercadorias existentes nos navios detidos no Tejo que sejam empregadas nas nossas industrias, responsabilisando-se pela sua collocação no mercado sem a menor despesa para o Estado.

O governo já ha tempos propuzera ao representante da fabrica allemã a compra de varias mercadorias, ao que este não acedeu allegando o mesmo motivo que allegou agora ao industrial que lhe foi falar.

A gréve tipographica no Porto

PORTO, 17.—A'manhã sahem os jornaes, cujos proprietarios, hoje reunidos, se desligaram do compromisso de só darem quatro paginas, visto o pessoal se ter apresentado na totalidade apoz o telegramma recebido do deputado socialista dr. Costa Junior, a que os jornaes da manham já se referem.

Estão hoje abertas as officinas que primeiro concordaram com as oito horas, estando a trabalhar entre 30 a 50 graphicos.

A maioria dos industriaes, no que se diz, está resolvida a acceitar as oito horas, mas diminuindo 20 % nos salarios. Os graphicos dizem que isso é contra a lei e que não acceitam a reducção, continuando a gréve.

O caso do cartuchame

São soltos o sr. Taylor e os outros presos, reconhecida a sua inculpabilidade

A' ultima hora, noticiámos hontem que ás portas de Algés tinha sido apprehendida uma carroça com grande quantidade de armamento. Os jornaes da manhã relatam largamente o que se passou, noticiando tambem que tinham sido presos o conhecido «sportsman» sr. Filippe Taylor, o seu empregado Domingos Lima, Manuel Joaquim Manique e o carroceiro Manuel Rodrigues Moita, vindo o primeiro para o governo civil e ficando os restantes em differentes esquadras.

O chefe da 2.ª secção, sr. Murtinheira, acompanhado do agente Thomé de S. Marcos, procedeu a varias diligencias e esteve interrogando largamente os presos. Hoje de manhã compareceram no governo civil o sr. general Arbués Moreira, director do Muzeu de Artilharia, e o 1.º sargento José Mendes Bessa, amanuense do mesmo muzeu, avistando-se aquelle official com o chefe Murtinheira a quem apresentou uma relação da quantidade de cartuchame que o sr. Taylor comprou. O sr. Arbués Moreira explicou então que, haverá uns dois annos, lhe fôra enviada pela commissão de arrolamento do palacio das Necessidades grande quantidade de cartuchame de diversos calibres que pertencia ao fallecido rei D. Carlos e que servia para caça grossa. Como esse cartuchame não servisse para o exercito, officiou ao sr. ministro da guerra pedindo-lhe auctorisação para proceder a sua venda. Recebida resposta affirmativa, fez annuncios nos jornaes comparecendo no dia marcado varios armeiros que nada compraram por não lhes convir o preço. Novamente officiou para o ministro pedindo auctorisação para fazer a venda particular. Concedida ella foi parte do cartuchame vendido a caçadores. O sr. Taylor vendeu ha tempos duas remessas, á razão de 60 centavos cada cento de balas e no sabbado passado nova remessa. N'esse mesmo dia sahia de Beirollas uma galera da fabrica de armas levando o cartuchame, parte do qual ia em cunhetes da fabrica. Em vista d'esta declaração, o sr. Murtinheira officiou para o ministerio da guerra pedindo a confirmação da troca dos officios o que se apurou ser verdade.

Aquelle chefe acompanhado do capitão sr. Esmeraldo e do 1.º sargento Bessa, seguiu para Algés onde fez a verificação do cartuchame com a relação fornecida pelo general sr. Arbués Moreira, apurando-se que condizia. Por sua vez o sr. capitão Esmeraldo examinou o cartuchame, affirmando que elle não servia para armas de guerra. O sargento Bessa declarou que os caixotes estavam como quando os examinou por occasião da sua venda. Em virtude de todas estas averiguações, o sr. Taylor e os outros presos foram á tarde postos em liberdade.

NOTAS DIVERSAS

Os operarios da industria particular inscriptos na 5.ª repartição do ministerio das colonias para irem prestar serviço junto das tropas em operações em Angola devem apresentar-se no dia 19, pelas 11 horas, no hospital colonial para serem presentes á junta de saude a fim de se verificar se teem as condições de robustez necessarias. Esses operarios são serralheiros, torneiros, ferreiros e ajudantes de ferreiro.

—Deve ser distribuida na proxima quinta-feira a «Ordem do Exercito», 2.ª serie.

—Tomou hoje posse do logar de secretario particular do ministro do interior o sr. João Norberto Gonçalves Guerra.

SPORT

Ouvindo um grande patriota e grande educador sobre gimnastica

— «Plenamente d'accordo — dizia-nos hontem um grande politico portuguez, que desempenha na terra portugueza um logar de proeminente destaque e ainda ha pouco dirigia os serviços de instrucção—ha necessidade absoluta de crear mais e muitas escolas e n'ellas estabelecer a educação integral sem esquecer a educação phisica».

Esta opinião alegrou-nos porque tem sido uma das grandes preoccupações e razões de trabalho de toda a nossa existencia de propagandista. Affirmada, tão cathegoricamente, por pessoa, extremamente viajada e que de «visu» analisou, lá fóra, os beneficios da educação phisica, constitue um argumento de inestimavel valor para a nossa propaganda.

E o grande portuguez, ácerca de certas ideias que lhe expuzemos, tambem indicou as suas sobre o assumpto.

— «Sim, evidentemente, o professor de cultura phisica deve ser um homem que por si constitua um exemplo, que seja forte, mais ou menos athleta, saudavel e vaidoso da sua saude. E o professor de gymnastica deve ter grandes conhecimentos. A sua missão de hoje já não é exclusivamente a de mandar executar exercicios que aprendeu d'outro mestre mais velho ou copiou d'um manual barato vendido em qualquer livraria. Deve ser um higienista, com larga copia de conhecimentos medicos. O professor de gymnastica, para ser completo, não deve ser apenas um instructor, mas um technico capaz de corrigir, modificar e normalisar defeitos phisicos».

Tão conformes estão estas indicações com a nossa maneira de pensar que não as commentamos e limitamo-nos a dar-lhe publicidade.

Notas do dia

A «velha guarda» estará em condições de se apresentar?

Causou um certo interesse e surpreza a noticia que hontem démos de que alguns ciclistas da «velha guarda» iam reapparecer no proximo domingo, na pista velocipedica do imponente Stadium de Lisboa.

A que motivos obedeceu esta reapparição?

Aos mais sympathicos e louvaveis. Os antigos «sprinters» da bicicleta vão contribuir para o brilhantismo do programma e conseguinte valor reclamativo do festival, organisado em beneficio do cofre da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda e das suas altruistas ambulancias da «Cruz Verde».

Mas essa reapparição terá «fóros» de um «fiasco» sportivo, unicamente desculpavel n'uma festa de caridade?

Estará a «velha guarda» em condições de se apresentar e não fazer má figura?

Os ciclistas de ha dez annos poderão fazer uma corrida que impressione, já não dizemos pelos «tempos» mas pela tatica, rigor de apresentação e fórma de correr?

A estas perguntas respondemos com a affirmativa d'um dos concorrentes:

—«Não seremos hoje o que fômos ha dez annos, mas não envergonharemos o ciclismo e havemos de enthusiasmar, quem fôr á festa de domingo, com a nossa boa vontade, muitos desejos de fazer bom «sprint» e de vêr qual de nós ainda não envelheceu para ganhar um «scratch» de 1.500 metros. O Armando Crespo está gordo mas ainda é resistente; o Augusto Freitas ainda tem energia; morre mas resiste; o Zenoglio ainda pedala como um mestre e foge «como uma enguia», pequeno e franzino, mal se vendo sobre a machina; o Bello d'Almeida é ainda um ciclista de valor; o Maximo Correia affirma ainda excepcional resistencia. São os meus companheiros antigos, verdadeiros mestres da velocipedia nacional. Vão ver e verão...»

* * *

Uma bella festa na Praia das Maçãs

Os mezes de verão levam de Lisboa e terras circumvisinhas centenas de pessoas para animar as bellas praias do nosso littoral.

A colonia d'este anno da Praia das Maçãs é importante e numerosa, obrigando a companhia Cintra ao Atlantico ao desdobramento das suas carreiras e justificando que na linda praia — a mais occidental da Europa—se realisem nas noites de terças e sabbados concertos musicaes, junto do ponto terminus dos electricos.

Entre a colonia de veraneantes d'este anno estão o sr. José Santos Mattos, o infatigavel e benemerito propagandista da Amadora, o nosso redactor de sport, o sr. Antonio Garcia de Castro, o sr. José Bento da Costa. Ora com estes elementos era impossivel que a Praia das Maçãs se não exteriorisasse com festas de sport e de arte.

Assim succedeu effectivamente.

Já se annuncia para um dos proximos domingos um certamen infantil, com «gymkhana» sportivo, havendo a certeza de que concorrem muitas creanças, que ás centenas enchem de alegria essa aprazivel estancia balnear...

Algumas anecdotas

Apolon está outra vez luctando

Apolon, o phenomenal hercules, talvez o mais extraordinario que tem havido no mundo, soffreu ha dois annos um desastre grave, que lhe dilacerou alguns musculos do braço esquerdo. Todos o julgaram impossibilitado para o «ring» tanto mais que o valentissimo athleta já passa além dos 60 annos.

Agora, porém, surge a surpreza de que Apolon disputava o campeonato de Madrid, na praça de touros, a homens de valor como Maurice Deriaz, Carpini, Rossi, Gambier, Crozier, Piqueplanque, Jourdan, Wilson, etc.

Um seu conhecido de Lisboa viu-o e falou-lhe a semana passada:

—Então, Apolon, como pódes luctar?

—Facilmente! só com um braço...

—O quê?

—Sim, e os franganotes não resistem ao peso d'elle!...

Evidentemente que Apolon exagerou como a seguir, quando o seu amigo lhe disse:

—Tens folego de gato...

—Não, tenho apenas dois pulmões, isto é, dois foles. E basta soprar um d'eles para todos tremerem!...

Quando nos contaram isto, duvidámos que Apolon que está em Madrid fôsse o que esteve em Lisboa, menos edoso, mais varonil, menos estropiado e menos vaidoso... Será elle?

Noticias

Entre nós

Tennis na Amadora

Termina no dia 20 o campeonato de «tennis» da Amadora. No proximo domingo effectuam-se os penultimos «matches» sendo contadas como derrotas as não comparencias dos que deviam jogar.

Concurso hippico no Estoril

No principio de outubro, nos terrenos da Nova Companhia do Estoril, realisa-se um concurso hipico de obstaculos, com trez dias de provas, entre as quaes uma de amazonas, um grande premio, uma de parelhas e uma nova, á de «Habits Rouges».

O sport em Carcavellos

Continua aberta a inscripção para o grande torneio de «tennis» que começa a disputar-se no dia 12 de setembro nos «courts» dos Recreios de Carcavellos, e que é organisado por esta aggremiação. A inscripção, que contém já mais de quinze «sportsmen», encontra-se na séde dos Recreios, em Carcavellos, e na rua Aurea, Salão de Sport. O torneio é por eliminatorias, sendo por isso natural que fique concluido logo no primeiro dia. No Salão de Sport encontra-se em exposição a valiosa taça de prata que constitue o primeiro premio, o qual é definitivo.

—Estiveram animadissimos os Recreios n'este ultimo domingo. No salão de patinagem, na patinagem ao ar livre e nos «courts» de «tennis», foi grande a affluencia de senhoras e de amadores, não só de Carcavellos, mas ainda de Cascaes, Lisboa, Oeiras, Estoris, etc. Eram as pessoas que concorreram ás diversões sportivas dos Recreios, onde tem funccionado tambem, desde sabbado, um animatographo denominado «Cine Recreios de Carcavellos».

Higiene dentaria dos adultos e das creanças

Todos os nossos orgãos merecem ser tratados com carinhoso esmero a fim de que as suas funcções obrem sempre como é da vontade do individuo. São-nos agradecidos se os tratamos com benevolo cuidado, mas se, ao contrario, lhes não prestamos o nosso apoio e os deixamos á mercê dos phenomenos pathologicos e lhes não applicamos a necessaria therapeutica, cançam-se de nos prestar os seus beneficios, declaram-se rebeldes, e alteram o equilibrio funccional, enfermando a saude mais solida e firme.

Assim como as arvores e as plantas todas não nascem só para morrer, mas tambem para prestarem a sua sombra, offerecer os fructos aos homens e o seu aroma ao ambiente; por arido que seja o terreno onde nasceram se se cultiva lavrando assiduamente a terra, regando-a, limpando-a do joio e dos vermes damninhos, demonstram-nos o seu agradecimento, aromatisando o meio, produzindo fructos deliciosos para os seres viventes; assim tambem não é só para desapparecerem ou e-tragar-se, com prejuizo do proprio individuo, que os dentes nasceram, e se em tenra edade se cuidam com o aceio devido, seguindo os conselhos da higiene e observando rigorosamente as suas prescripções, a bocca, como as plantas e os fructos, agradece esse cuidado produzindo saudaveis resultados.

Os dentes, como todos os orgãos do corpo humano, estão sujeitos a uma quantidade de affecções, e estes naturaes transtornos produzidos por abandono ou imperfeição no asseio é necessario que sejam corrigidos em seu devido tempo, exceptuando os de origem congenita e ainda estes, em certos casos, não são de difficil resolução, combatendo-os por meio de especiaes medicamentos e procedimentos cirurgicos.

A aditar a este prefacio, outro daremos em proximos artigos, antes de entrarmos verdadeira e detalhadamente na analise das varias epochas da vida dos dentes.

Mario Duarte
Especialista de doenças da bocca

QUESTÕES OPERARIAS

A gréve dos cabouqueiros pode acarretar a da construcção civil

A gréve dos cabouqueiros e fabricantes de cal não está ainda terminada, dando em resultado que de algumas ob as tenham já sido despedidos operarios.

O trabalho dos grévistas é arduo e violento, cheio de perigos constantes, sendo precisa uma grande coragem ou uma grande necessidade para os arrostar. A causa da gréve, como se sabe, é o horario de trabalho, que os grévistas querem que seja de 8 horas, com o que muitos industriaes não concordam.

Ha tempos, quando a classe esteve em gréve, não foi ella bem recebida por alguns operarios da construcção civil, chegando a travar-se conflictos, mas d'esta vez tal não tem succedido, antes todos teem concorrido para se chegar a uma solução e quanto antes, pois os prejuizos causados são grandes em todos os ramos da construcção civil.

Tanto a auctoridade superior do districto como os particulares devem esforçar-se por pôr termo ao conflicto, que póde tomar maior extensão se não fôr atalhado a tempo.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Não ha espectaculo.
EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).
APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa Tirana.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Amor de Principe.

Agenda da semana

A'MANHA—**Eden Theatro**—Primeira representação de *Berliques e Berloques*, quadro novo da revista *O diabo a quatro*.

QUINTA-FEIRA—**Avenida**—*As pilulas de Hercules*, reapparição de Angela Pinto.

SEXTA-FEIRA — **Politheama** — Primeira representação da revista de André Brun *Não desfazendo...*

Primeiras representações

Colizeu dos Recreios — A «Geisha»

Com uma enchente realisou-se hontem no Colyseu dos Recreios a primeira recita da moda e a primeira representação da «Geisha», que obteve verdadeiro exito.

A soprano Cina de Valdis que se estreou ouviu do publico os merecidos applausos a que tinha direito pela maneira superiorissima como cantou a parte de «Mimosa Sun». O tenor Raffaele Vizzani fez um successo, ouvindo prolongadas e repetidas ovações. Fernanda Razzoli, Granieri, Razzoli e Marchetti muito bem.

Hoje canta-se a «Viuva Alegre» para estreia do primeiro soprano Anita Granieri que na sempre applaudida partitura de Lehar tem um dos seus melhores trabalhos. A'manhã, «Amor de Principe» e esta semana ainda estreia em Portugal da espectaculosa operetta «Os milhões de miss Mabel».

Boatos e informações

ENTRE NÓS

A enscenação das «Pilulas de Hercules», que sóbe á scena na proxima quinta-feira, é de Augusto de Mello e Pedro Cabral

—A actriz Maria Falcão deve chegar a Lisboa no dia 15 de outubro.

—Os ensaios para a epocha de inverno no Gymnasio devem começar no dia 15 de setembro.

—Chega por estes dias a Lisboa o pintor hespanhol Marin que vem collocar o tecto do futuro Republica.

—O final do terceiro quadro da revista «Não desfazendo...» é constituido por uma marcha luminosa em que tomam parte todos os artistas da companhia á excepção de Palmyra Torres e Jesuina Motilli.

—Na proxima quinta-feira realisa-se no theatro de Variedades, da calçada da Estrella, um festival, dedicado á empreza, em que toma parte a Banda da Republica.

Circos & Music-halls

Entre nós

No elegante palco-terrasse da ampla explanada do Casino de S. José de Ribamar estreia-se depois de ámanhã um numero de variedades que deve causar extraordinaria sensação. Os proprietarios do Casino estão em contracto com algumas notabilidades artisticas de grande fama no estrangeiro.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil — Sonho guerreiro —Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 16.—Esta praia está no auge da animação. Ha muito que não se presenciava um enthusiasmo assim. As ruas, ali pela bocca da noite, regorgitam de passeantes; os casinos abarrotam de espectadores e os cafés não teem mãos a medir. No Peninsular, viu-se, hontem, uma completa enchente. No Parque-Cine e no Circo Americano não ficou um só logar vasio.

A tourada foi regular e a empreza deve estar deveras satisfeita porque viu uma casa á «cunha» e a gaveta da bilheteira a trasbordar de bella «massa». Já foi annunciada segunda corrida para o proximo dia 5 de setembro, com os melhores elementos que temos.

—Promovida pela Associação Naval 1.º de Maio realisa-se no estuario do Mondego uma vistosa regata para a disputa da taça «Alzira», que nas ultimas provas foi ganha pelo Gymnasio Club Figueirense.

—A nossa Figueira acaba de ser dotada com um importante melhoramento. A delegação da benemerita Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha, d'esta cidade, que conta apenas 4 mezes de existencia, resolveu instalar na praia de banhos um posto de soccorros para de prompto se acudir a qualquer desastre que se venha ali a dar. Hontem foi a inauguração da barraca mandada fazer propositadamente para aquelle fim, que nos dizem estar uma obra muito perfeita. Foi seu constructor o habil mestre-constructor-civil sr. João d'Assumpção Costa, que mais uma vez provou a sua competencia na direcção de todos os trabalhos que lhe foram confiados. No posto nada falta, desde o medicamento mais simples ao instrumento cirurgico mais aperfeiçoado, machina elastica, esterilisador, maca rodada, cama, cadeira para operações, etc. Emfim, póde dizer-se que fóra de Lisboa não ha outro posto egual.

—Hontem, proximo das Minas do Cabo Mondego, no logar dos Vaes, deu-se um lamentavel desastre que custou a vida a um pobre homem e o deixou ás portas da morte. Foi o caso que estando os cabouqueiros José Rodrigues, casado, de 37 annos, e Antonio da Fonseca, tambem casado, de 35 annos, ambos d'aquelle logar, a carregarem um tiro n'uma pedreira com um cobrador de ferro este feriu lume dando-se logo uma explosão. O Rodrigues teve morte instantanea, ficando com a cabeça esmigalhada, e o Fonseca soffreu alguns ferimentos e queimaduras no rosto e mão. Foi soccorrido pelo pessoal do posto da Cruz Vermelha que estava de serviço na praia e que seguiu para o local do desastre n'uma carreta pertencente á Empreza Exploradora das Minas do Cabo Mondego, que promptamente e sem remuneração foi offerecida para aquelle fim. Actos d'estes não necessitam elogios, basta registal-os.

BARREIRO, 16.—No dia 22 realisa-se na quinta da Recorta um grande banquete de congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa, sendo já grande o numero de inscriptos. Assistem ao jantar o official do exercito capitão sr. Tavares de Carvalho e o presidente da camara de Aldegallega sr. dr. Paulino Gomes.

—Regressou da ilha da Madeira, Santa Cruz, o sr. Adalberto dos Santos Alves Pereira, fiscal dos impostos em serviço n'este concelho que para ali tinha ido em serviço da fiscalisação da aguardente.

—Começaram hontem as tradicionaes festas de 15 d'agosto, realisando-se pelas 11 horas o cortejo civico, indo á frente dois soldados de cavallaria da guarda republicana, carro de bandeiras, deputação de bombeiros Herold, União e Caminho de Ferro, escolas particulares e officiaes com um carrinho de bombeiros, bandas Democratica União Barreirense, Instrucção e Recreio Barreirense e Banda da Republica, Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria do Barreiro, Associação de descarregadores com o seu estandarte e Asylo D. Pedro V com as suas educandas. O cortejo ia muito bem organisado. A' meia noite foi queimado um vistoso fogo de artificio.

Hoje continuam as festas, tendo os barraqueiros feito bom negocio.

Movimento maritimo

Afr. oriental, v. S. Thomé, etc. «Beira»	18
Afr. oriental, «Clan Ross» (Liverpool)	18
Afr. oriental, «Malatian» (Liverpool)	18
R. Jan., S. e B. Pr., «Demerara» (Liv.)	19

çaram arremeçando granadas cuja explosão fazia grandes orificios. Muitas vezes elles atacaram, muitas vezes foram repellidos.

Do bosque de Ploegsteert a Wytschaete e d'aqui a Hollebeke a batalha foi terrivel e proximo de Messines os allemães durante um breve espaço de tempo foram os vencedores. Os francezes por seu turno atacaram Wytschaete, cuja posse não ficou nem a uns, nem a outros, «pois que a aldeia estava ardendo entre uma saraivada de granadas d'ambos os lados.»

A' artilharia allemã ripostaram com exito os canhões inglezes e francezes com um fogo concentrado e emquanto o bosque de Ploegsteert, Neuve Eglise e Mont-des-Cats estivessem em poder dos alliados mau era para os allemães o avançarem n'essa direcção sobre Ypres, porque a região, excepto entre Wytschaete e Hollebeke, era aberta e não offerecia abrigo algum ás tropas que atacassem.

Em toda a parte podiam ser cobertas pelo fogo devastador dos canhões de 75 e pelos canhões pezados dirigidos pelos observadores que estavam nas eminencias ou pelos aviadores.

A leste do canal os allemães foram mais felizes. Mais uma vez a linha do primeiro corpo foi rôta e em Ypres se espalhou o panico. «Durante uma hora—escreve um official francez—pensámos que a catastrophe final havia chegado». Mas dois batalhões de zuavos foram enviados a sir Douglas Haig e pela 1 hora e meia da tarde a 7.ª brigada de cavallaria dirigiu-se a galope, debaixo d'um terrivel fogo d'artilharia, para apoiar as tropas proximo de Veldhoek.

Os francezes em ambos os flancos do primeiro corpo contra-atacaram e embora tivessem grandes perdas, assim como os zuavos e os inglezes, tendo o general Bulfin sido ferido, o inimigo não poude avançar mais. De Zonnebeke a Bixschoote e d'ahi a Dixmude não havia avançado e os seus progressos para o norte, para o mar, tinham levado definitivamente um cheque com as inundações. Fôra forçado a abandonar no lôdo dois canhões pezados e alguma artilharia de campo e toda a ala direita do duque de Wurtemberg estava recuando em direcção a Ypres.

No dia seguinte—3 de novembro—sir John French appellou para os seus homens a fim de que se mantivessem a todo o custo e informou-os de que os reforços francezes eram esperados d'um a outro momento. A tensão havia sido tão grande que os soldados precisavam de ser animados.

Ypres estava sendo bombardeada selvaticamente e os habitantes estavam fugindo para Poperinghe, mas tão exhaustos se achavam os allemães que, embora Gheluvelt tivesse sido evacuada pelos inglezes, não atacaram Ypres pelo norte e pelo nordeste.

Por outro lado, os francezes tomaram a offensiva simultaneamente das suas pontes-cabeças em Dixmude, Forte de Knocke e Nordschoote, visto que o generalissimo Joffre queria estabelecer a sua linha a leste do canal do Yser na estrada que corre ao sul de Dixmude por Woumen, e d'ahi desalojar o inimigo da floresta de Houlhulst, na qual estavam occultos grande numero de canhões allemães.

Grossetti e Ronarc'h, por isso, atacaram de Dixmude o Castello de Woumen com quatro batalhões da 42.ª divisão franceza e um batalhão da marinha franceza.

Durante o dia os francezes não puderam progredir. No dia 4, no meio d'um cerrado nevoeiro, atravessaram o canal ao sul de Dixmude e assestaram 50 canhões para fazer fogo sobre o parque e as edificações do Castello, que foi atacado por toda a 42.ª divisão. Ao anoitecer a infantaria estava a 360 metros de distancia.

Os allemães ripostaram ameaçando Dixmude por Beerst, e um destacamento dos marinheiros de Ronarc'h foi mandado em auxilio dos belgas do general Meyser que guarneciam as trincheiras n'esse ponto.

gada, defendera as trincheiras de Hollebeke a Wytschaete contra um numero muito superior.

Se os allemães tivessem ahi rompido a linha teriam alcançado Ypres e o primeiro corpo e parte do 9.º corpo francez teriam ficado com as communicações cortadas. O corpo de cavallaria salvou os alliados d'esse desastre. Os homens do general Allenby bem merecem todos os louvores que se lhes tributem.

Pelas 2 horas da manhã de 1 de novembro os bavaros atacaram Wytschaete, no ponto onde as trincheiras voltavam de oeste para o sul ao longo da orla occidental da cadeia de Mont-des-Cats. A lua tinha nascido e os allemães, não se importando com o fogo das trincheiras que flanqueavam o seu avanço, avançaram com a maior bravura em tal numero que pareciam uma nuvem de gafanhotos.

Dezeseis batalhões d'infantaria, linha apoz linha, com os seus uniformes e baionetas reluzindo á pallida claridade da lua, serviam de alvo ás metralhadoras e espingardas inglezas, mas os bosques deram-lhes um certo refugio. As trincheiras cahiram em seu poder em poucos minutos, mas foram retomadas por um contra-ataque. Na direita os allemães, cujas fileiras diminuiam passo a passo, tambem romperam a linha, tomaram uma extremidade da aldeia de Wytschaete e na lucta que se seguiu algumas das tropas inglezas que se haviam retirado para uma plantação de tabaco em Wytschaete tiveram de luctar por abrir caminho.

Então, juntando-se a uma companhia do Norte Staffordshires, repelliram o inimigo e impediram-no de desemboccar e de passar além da elevação. Houve uma pausa no combate, mas ás 6 horas da manhã uma columna mais uma vez avançou contra a pequena força que a defendia. Mas a esse tempo meio batalhão do Norte Staffordshires e um batalhão do Leicesters tinham ido em seu auxilio e esses reforços foram sufficientes para obrigar os allemães a recuar.

Os inglezes esperavam um contra-ataque e uma companhia entrou em Wytschaete, mas teve de recuar devido ao fogo das metralhadoras. A aldeia ficou em poder dos allemães, embora soffressem perdas enormissimas.

Os allemães tinham assim obtido uma das aldeias na cadeia de Mont-des-Cats.

A dois kilometros e meio ao sul de Wytschaete tinham tambem repellido os inglezes para fóra de Messines, na extremidade sul da cadeia. A cantaria da torre da egreja era tão forte que as granadas allemãs não puderam desmoronal-a, mas a egreja ardeu por completo, com excepção d'um crucifixo.

Os inglezes retiraram para a montanha para além da aldeia de Messines. A's 2 horas da manhã, quasi ao mesmo tempo em que Wytschaete era atacada, os bavaros, que haviam estado fazendo fogo e assaltando as trincheiras guarnecidas pela cavallaria e pelo London Scottish, deram um ataque de fronte e outro de flanco em grande força. Parte do inimigo introduziu-se entre a primeira e a segunda linha das trincheiras London Scottish e deitou fogo a uma casa atraz da linha de fogo, de modo que se viam as sombras das tropas nas trincheiras.

Uma companhia que tinha ficado de reserva deu repetidas cargas de baioneta para impedir o completo envolvimento do seu batalhão, mas não poude evitar que uma consideravel força avançasse em roda de ambos os flancos com metralhadoras. Ao romper do dia as tropas receberam ordem para retirar, o que fizeram sob um fogo terrivel.

Tinham tido grandes perdas, mas os allemães ficaram sabendo que as tropas territoriaes inglezas eram capazes de luctarem com elles, mesmo em numero inferior e com pouco exercicio.

Wytschaete e Messines estavam na realidade perdidas, mas os allemães não haviam conseguido apoderar-se do cume da cadeia de Mont-des-Cats.

Entretanto, a extrema direita das

trincheiras da 1.ª divisão de cavallaria e St. Yves tinham sido occupadas pela 4.ª divisão, «embora essa medida fôsse precisa—segundo diz sir John French—para estender a linha guarnecida pelo terceiro corpo».

Contra a maior parte da posição guarnecida por esse corpo o inimigo não havia avançado no dia 31, embora houvesse atacado a elevação Givenchy-Radinghem, os indios e os inglezes na ala direita com a maior energia. Se o kaiser tivesse obtido maior exito em roda de Ypres é de presumir que os reforços teriam sido transferidos pelo caminho de ferro e em automoveis para a região de La Bassée e que na manhã seguinte um resoluto esforço teria sido feito para cortar a direita de sir John French da ala esquerda do general de Maud'huy.

Assim, o resultado d'essa sangrenta batalha era que, excepto a tomada de Messines e de Wytschaete, os allemães em toda parte desde o mar até La Bassée haviam sido repellidos pelos alliados com grandes perdas, pequeno resultado para uma tal hecatombe. Na inundação a leste do caminho de ferro Nieuport-Dixmude fluctuavam os cadaveres de milhares de soldados do duque de Wurtemberg. Os campos desde Dixmude até Zonnebeke, os bosques desde Zonnebeke até Wytschaete, os declives da cadeia de Mont-des-Cats estavam juncados de allemães mortos e moribundos.

A inundação da região do Yser progredia; canhões pezados foram trazidos, canhões navaes foram collocados entre Dixmude e Bixschoote. O corpo de cavallaria foi reforçado e, logo depois, a 2.ª divisão de cavallaria foi substituida pelo 16.º corpo d'exercito francez e pelo corpo de cavallaria de Conneau, que tinha sido previamente transferido da margem sul para a margem norte do Lys.

Durante o resto da batalha foi commettida ás tropas francezas a tarefa de fazer face aos ataques dos allemães em Ypres entre Wytschaete de Klein Zillebeke.

No domingo 1 de novembro não parou o combate. O kaiser tinha chegado a Courtrai. A tomada de Wytschaete e de Messines havia-o enchido de esperanças.

Mais uma vez as massas allemãs foram arremeçadas contra os alliados em roda de Ypres. As tropas francezas, que haviam passado para dentro do polygono de bosques de Zonnebeke e que estavam tentando romper a linha allemã em Becelaere, entre Zonnebeke e Gheluvelt, tiveram um repouso e trez regimentos do general Moussy e a brigada de cavallaria, que guarneciam as trincheiras desde Klein Zillebeke até ao canal Comines-Ypres, foram obrigados a combater na defensiva, emquanto o primeiro corpo no espaço intermedio tinha de luctar com extrema violencia.

Durante a noite, a brigada de infantaria de lord Cavan tinha marchado em auxilio da acabrunhada 7.ª divisão d'infantaria. A' sua esquerda estava o general Bulfin com a 2.ª brigada, em breve reforçada pela 6.ª brigada de cavallaria. Mais tarde a 7.ª foi mandada em auxilio de lord Cavan.

Cerca das 7 horas e meia da manhã os allemães começaram fazendo fogo com granadas explosivas a que chamavam «universaes» e que eram de terriveis effeitos.

Pouco depois das 2 horas da tarde o 2.º regimento de Gordon Highlanders (20.ª brigada d'infantaria, 7.ª divisão) recuou, depois de soffrer grandes perdas. Tinha resistido o mais que era possivel. Em perseguição dos Gordons veiu uma torrente de allemães. Essa retirada arrastou a dos Oxfords collocado entre aquelle regimento e o 1.º de Guardas Irlandezes. O conde de Kingston, tenente n'este regimento, descreve a scena:

«De subito vi os Gordons retirando, seguidos de milhares de allemães. Nada pudemos fazer. Se fizessemos fogo, havia probabilidades de matarmos tanto os nossos proprios homens como os inimigos, de tal modo estavam misturados Gordons, Oxfords e allemães.»

De novo houve uma aberta na linha, mas de novo foi tapada. A 7.ª brigada de cavallaria e as tropas francezas do general Moussy detiveram o avanço allemão. Ao anoitecer a posição dos alliados n'essa parte da linha era a mesma da tarde do dia anterior.

N'esse meio tempo, ás 11 horas da manhã, a cavallaria ingleza e os reforços francezes por uma brilhante carga de baioneta repelliram os allemães de Wytschaete, que mais tarde foi abandonada. Emquanto a cadeia de Mont-des-Cats para além de Wytschaete e Messines fôsse mantida, não havia motivo para expôr tropas nas posições avançadas d'essas duas aldeias ao fogo da artilharia allemã.

As tentativas do inimigo para se apoderar da montanha eram em todos os lados repellidas com terriveis perdas para elle e os bavaros, que estavam em movimento ao longo da fronte britannica para St. Eloi, soffreram ainda muito mais com o fogo cruzado dos canhões da artilharia a cavallo ingleza, que haviam sido trazidos para uma curta distancia das columnas inimigas. O dia 1 de novembro ficará por muito tempo memoravel para a artilharia ingleza. Os seus canhões pezados destruiram dois canhões inimigos de 8 pollegadas e tudo quanto se sabe demonstra que teve grande vantagem sobre o inimigo.

N'essa noite o 1.º regimento do Leste de Lancashire recebeu, ao que se suppõe d'um allemão disfarçado em official inglez, ordem de evacuar as suas trincheiras proximo de Le Gheir. Os homens obedeceram, mas um official teve a presença de espirito sufficiente para os fazer voltar para traz. No dia 2, de manhã cedo, os allemães de novo atacaram, mas foram repellidos pelo fogo das metralhadoras e pelo da fuzilaria.

Ao sul do Lys algumas trincheiras perdidas na noite anterior foram retomadas. O inimigo limitou-se a bombardeal-as. Embora o kaiser parecesse dar o ataque principal ao norte e não ao sul do Lys, como medida de precaução a brigada de cavallaria de Secunderabad e os lanceiros de Jodhpur, que haviam desembarcado nos dias 1 e 2 de novembro, foram mandados juntar á força expedicionaria india. Os commandantes allemães haviam demonstrado não ligarem valor algum ás vidas dos seus homens e os ataques em roda de Ypres podiam ser apenas os preliminares d'um golpe contra a ala direita ingleza.

Fôsse assim ou não, era tempo de essa ala ser apoiada. No dia 2 diversos ataques foram feitos contra os indios e os allemães apoderaram-se de Neuve-Chapelle. Um ataque a Armentières e ás trincheiras ao norte e ao sul falhou.

Tevfik Pachá, que era embaixador turco em Londres

Ao norte do Lys os allemães, que haviam sido reforçados pelo 2.º corpo d'exercito, persistiram em querer tomar a cadeia de Mont-des-Cats e Ypres. Fizeram trabalhos de sapa até á distancia d'um cento de passos das trincheiras em roda de Le Gheir e ao longo da orla do bosque de Ploegsteert e pelas 4 horas da manhã morteiros pneumaticos come-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1809 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Quarta-feira, 18 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 1 centavo

Balanço da guerra

Passado um anno de guerra, qual é a situação avaliada pelas attitudes dos diversos Estados em lucta?

A Russia, onde os allemães teem effectuado nos ultimos tempos notaveis progressos, entende que a guerra póde durar indefinidamente. Baseia-se esse criterio na enorme extensão do seu territorio e nas condições naturaes que o caracterisam. Não é facil vencer um paiz que occupa uma grande parte da Europa e da Asia, que na sua area abrangeria 12 Allemanhas, e que dispõe de uma população de 140 milhões de almas, ou seja o dobro da que conta o imperio germanico. Se ajuntarmos a isto a collaboração do inverno com a resistencia obstinada de tão colossal massa de homens, agora momentaneamente posta em cheque pela falta de munições, chegaremos á conclusão de que a Russia tem realmente razão de não se amedrontar com os progressos dos allemães e de se suppôr justificadamente inconquistavel.

Por sua parte, os alliados contam que a guerra durará ainda dois annos. Por que estabelecem este praso? Porque este praso se lhes affigura o maximo para obter as vantagens de que julgam depender o seu exito. Durante esse tempo, os alliados crêem possivel trazer para o seu partido nações que ainda se não pronunciaram. Obtiveram o concurso da Italia; esperam o de alguns Estados balkanicos. Não reputam difficil forçar os Dardanellos e esmagar a Turquia. E ao mesmo tempo que sustentam o bloqueio que cada vez mais difficultará a vida economica da Allemanha, poderão fornecer á Russia os abastecimentos de armas e munições de que ella carece para armar todos os seus milhões de soldados.

Em face d'estes prognosticos, a Allemanha marca tambem um fim á guerra. Para quando? Para outubro proximo. Emquanto a Russia mostra não se preoccupar desmedidamente com uma dilatadissima prolongação da guerra; emquanto os seus alliados se mostram dispostos á continuação da lucta por dois annos, a Allemanha fixa o mez de outubro proximo para a sua terminação.

Porventura, realisou ella já o objectivo da sua campanha, cujo alvo essencial era Paris? Porventura póde ella pensar que em dois mezes entrará na capital da França, subjugando a resistencia do seu magnifico exercito e do seu admiravel povo? Porventura pensa ella, n'esse praso, ter á sua mercê a Inglaterra, dominadora dos mares, intacta no seu solo? Ninguem o julgará. O facto de a Allemanha fixar esse breve praso não representa uma affirmação de triumpho. Indica uma forte necessidade da paz.

A verdade é que á Allemanha conviria negociar a paz, de posse das vantagens que actualmente póde allegar. Apossou-se da Polonia russa, invadiu inteiramente a Belgica, os seus soldados manteem-se n'uma porção da França. Tudo isto lhe daria direitos a ser tratada com especiaes considerações. Não tendo a victoria grandiosa que almejára, contentar-se-hia com a miragem d'essa victoria. E salvar-se-hia.

E salvar-se-hia. Porque não é menos certo que a fixação d'esta data: outubro, significa da parte da Allemanha que até lá ella póde empregar, na mesma medida, os seus assombrosos esforços, mas que já vae reconhecendo que tudo tem um limite: mesmo a preparação espantosa d'um grande imperio para uma guerra de dominio universal, com a sua formidavel accumulação de armas e munições, com os seus enormes abastecimentos de generos, com o seu consideravel thesouro de guerra. E esse limite, ella antevê-o como proximo apoz outubro. Não quer dizer que não continue empregando todos os seus meios de resistencia, mas o que a Allemanha prevê é que irá já lançar mão dos ultimos recursos.

Como se vê, a situação vae-se tornando clara, e mercê d'essa clareza mais do que nunca se demonstra seguro o triumpho dos alliados. A campanha acabará, como se previu, por exhaustão, e essa exhaustão não póde deixar de manifestar-se primeiro do lado do imperio germanico. Na realidade, a Allemanha está mettida n'um torno que incessantemente a aperta. Tem reagido, tem conseguido alargal-o, mas elle não a abandona, e a Allemanha sabe que não deixará de a comprimir.

A CRISE DAS SUBSISTENCIAS

Barateamento do peixe

Que meios convém adoptar para conseguir esse fim?

—Como é possivel conseguir-se o barateamento do peixe?

Tal a interrogação que formulámos ao sr. José Catharino, intelligente propagandista do movimento operario, delegado da Associação dos Vendedores de Peixe a Retalho á assembleia popular do Theatro de S. Carlos e membro da commissão que trata da questão do peixe.

—Prohibindo a exportação para Hespanha do peixe entrado no frigorifico de Santos, que pode avaliar-se em mais de 50 0|0 da sua totalidade; obrigar os vapores de pesca a descarregar todo o peixe que trouxerem a bordo no dia da sua chegada ao Tejo.

—Qual é o consumo diario do peixe em Lisboa?

—Regula por 150 toneladas de peixe grosso. Quando os vapores de pesca inglezes vinham ao Tejo, dias havia em que eram descarregadas 300 toneladas de peixe grosso.

—E' os vapores de pesca em vez de entrarem no Tejo não podem aguardar ordens fóra da barra, descarregando o peixe quando assim o entenderem?

—Podem, mas para isso julgo necessario chamar a attenção do governo a fim de evitar esse facto.

—E não influirão na falta do peixe em Lisboa os processos empregados pelos vapores na pesca de arrasto?

—Certamente, pelo que entendemos dever ser rigorosamente punida a pesca de *engodo*, a dinamite e de malha estreita, o que é abusar do disposto nos regulamentos de pesca.

—Entende ser conveniente que os vapores estrangeiros voltem ao Tejo?

—Sem duvida alguma, quando as emprezas de vapores de pesca procedem de má fé defraudando o publico, impõe-se esse recurso salutar que a todos nos beneficia. Os vapores de pesca estrangeiros pagam mais 5 °|₀ de direitos que os nacionaes, não teem facilidade de atracação e ainda lhes dificultam o fornecimento do gelo para conservar o peixe a bordo.

—N'essas condições, o governo deve intervir no assumpto?

— Evidentemente, intimando os proprietarios das fabricas de gelo, que são interessados nos vapores de pesca, a fornecer o gelo aos vapores de pesca estrangeiros em identicas circumstancias que aos nacionaes.

—Admittido o caso de os proprietarios dos vapores de pesca se recusarem a cumprir as indicações que lembra ao governo pôr em pratica, que se deve fazer?

—A camara deve immediatamente caçar-lhe as licenças do exercicio da pesca e tomar conta dos vapores interessando os proprietarios n'um determinado lucro da venda da pescaria, regulando o preço por que o peixe deve ser vendido ao publico.

As licenças dos vapores de pesca rendem annualmente 2.400 escudos que a camara não perdia de modo algum, antes teria um largo rendimento, pois com o exercicio da pesca se teem feito grandes fortunas.

—Que tempo demoram os barcos na pesca antes de entraram no Tejo?

—Quando pescam proximo da nossa costa, demoram cinco a seis dias e quando vão a Marrocos, o que fazem de mez a mez, gastam em media uns quinze dias.

Devo fazer notar que os vapores de pesca estrrangeiros, não sabemos bem porque extranha anomalia, podem pescar a trez milhas da nossa costa e os vapores nacionaes a onze milhas. Entendo que n'este ponto se deviam regularisar as cousas de modo a collocal-os em egualdade de circumstancias.

—A Associação dos Vendedores de Peixe a Retalho tem feito alguns trabalhos a fim de conseguir não só melhorar a sua situação, como tambem a do publico.

—Tem. Fez uma gréve quando foi da construcção do frigorifico de Santos e não cessa um só momento de trabalhar a fim de conseguir os seus fins. Brevemente será apresentado ao ministro da marinha um trabalho elaborado no sentido que deixo dito e que espero vêr approvado.

—E porque não apresenta a Associação dos Vendedores de Peixe esse trabalho na commissão que trata da questão do peixe?

—Até hoje, ainda não fomos chamados a reunir, eu, o sr. Manuel do Couto e o sr. José Paulo Vieira. No emtanto, não descuraremos o assumpto, porque o nosso trabalho ha de ser tornado publico por meio da imprensa. Para a sua elaboração serão ouvidas todas as pessoas auctorisadas n'este assumpto, e estamos certos de que será bem acolhido.

A Allemanha e os Estados balkanicos

LONDRES, 17.—O manifesto do partido nacional liberal allemão reclamando o alargamento das fronteiras do imperio para leste, oeste e no ultramar, a fim de cobrir os sacrificios gigantoscos feitos pelo povo allemão e promettendo o apoio do mesmo partido a qualquer governo que levar a cabo este objectivo, com energia inflexivel, provocou da parte da *Westminster Gazette* esta observação que os patriotas exaltados prestam um verdadeiro serviço aos alliados n'esta phase da guerra. Estes manifestos e resoluções e a impotencia das classes dirigentes a respeito d'elles chegam no momento opportuno para lembrar ao universo inteiro não germanico que se cedermos uma polegada sequer á Allemanha esta abrir-vos-ha o inferno; portanto, nada ha a fazer. Não ha outro meio de termos paz ou ao menos uma vida suportavel senão ensinar a estes exaltados allemães que a sua ideia de supremacia teutonica é um sonho insensato que a Europa não admittirá hoje mais do que admittiu ha cem annos em circumstancias analogas. Conhecemos os recursos de que dispõe a Allemanha e apreciando-os no seu mais alto valor e suppondo-os perfeitamente organisados para a politica de pilhagem, sabemos que são inferiores aos que lhe são oppostos. A Russia, a França, a Gran-Bretanha e a Italia teem em si vantagens sobre a Allemanha em homens e em dinheiro, e a ideia de que por apatia ou falta de se organisarem ellas se vão submetter ao desmembramento ou á tirannia é pueril.

Um paragrapho da ordem do dia do partido nacional liberal fala de alargamento das fronteiras do imperio a leste, oeste e no ultramar e a primeira d'estas cathegorias entram evidentemente largas vistas sobre a peninsula dos Balkans. Escrevendo na *Berliner Tageblatt*, o snr. Theodor Wolff, com o tacto que caracterisa os allemães, escolheu este momento para abordar o assumpto com grande franqueza. A estrada que conduz ao Oriente e que estava completamente obstruida pela guerra dos Balkans pode, segundo elle diz, abrir-se deante de nós, depois da derrota dos exercitos russos se nós e tambem outros soubermos utilisar a ocasião propicia com prudente resolução. A creação d'uma passagem segura pondo-nos em communicação com Constantinopla é para nós agora, em tempo de guerra, e no futuro, em tempo de paz, de uma necessidade tal que é preciso arriscar tudo para a realisar. E' preciso não esquecer que os successos dos povos balkanicos contra os turcos por occasião da guerra dos Balkans devem ser considerados como um golpe vibrado á Allemanha. De qualquer maneira, é-nos preciso estabelecer com a Turquia uma communicação que nos dê um novo ponto de partida para a acção pacifica ou belicosa. O exemplo da Belgica mostra-nos como o povo guerreiro allemão pode abrir para seu uso estradas e communicações e o sr. Wolff calcula que com prudente determinação a Allemanha poderá franquear a golpes de machado uma passagem atravez d'um estado balkanico e fazer abrir com dinheiro um caminho para atravessar outro. N'estas palavras vê, pois, o jornal londrino uma advertencia opportuna para os estados balkanicos. Elles sabem exactamente o que significa para elles todo e qualquer estabelecimento de caminho que ligue Berlim, ou Vienna com Constantinopla.—(*Havas*)

Poeira da Arcada

A miseria ou pelo menos a pobreza são as victimas eternas de todos os especuladores, açambarcadores e traficantes sem entranhas. Nunca esta raça vil hesitou em conluios e tramoias, quando um bom negocio lhe atiçou as cubiças, embora nos lares sem pão as familias ergam os braços supplices em demanda de um auxilio ou de uma esmola que tardam como os astros na cerração das tormentas. Só o Diabo se lembraria de deixar apodrecer o pescado, no Tejo, para lhe manter um alto preço. Só o Diabo e os sujeitos que lhe adoptam os processos se lembrariam de organisar a guerra da fome precisamente contra aquelles que participam das alegrias da vida como os captivos da luz do sol.

* *

Os allemães já discutem quaes hão de ser os limites da sua patria engrandecida pela guerra. Querem uma Allemanha bastante forte, para assim darem leis ao orbe.

Se as coisas correrem á medida dos seus desejos, todos nós temos de baixar a cabeça para dar campo a tamanha ambição.

E ainda ha nações que tratam de manter a pé firme a sua neutralidade!

OPINIÃO D'UM CLERICAL

QUEM COMMETTE POUCAS VERGONHAS?

O sr. Domingos Pinto Coelho diz que, se fosse anti-clerical, se reconhecia capaz de todas

Recorda-se, a proposito, o que foi a tragedia Camarido, em que elle desempenhou importante papel

N'um extenso artigo da *Nação*, em que diz que para a regeneração da França «é preciso ainda o emprego de revulsivos mais energicos», muito embora «a lição tenha já sido severa», afirma o sr. Domingos Pinto Coelho:

Quem isto escreve é o primeiro a reconhecer que, se fosse anti-clerical, se sentiria capaz de todas as poucas vergonhas.

Quer o famoso advogado das ordens e congregações religiosas dizer na sua que a pratica de poucas vergonhas é apanagio dos anti clericaes; mas, como não ha regra sem excepção, vamos recordar-lhe uma pouca vergonha enormissima em que o principal e exclusivo papel coube á fina flôr do clericalismo internacional e em que o sr. Domingos Pinto Coelho collaborou activamente com a mira em resultados que satisfizeesem não só a sua alma catholica mas tambem a sua bolsa. Referimo-nos a esse formidavel escandalo Camarido, que ainda não está vulgarisado em todos os pormenores e que constituiu nos ultimos annos o mais repugnante episodio de captação de fortuna levada a cabo entre nós pelos congreganistas.

Os anti-clericaes serão capazes de «todas as poucas vergonhas», mas, ao lêr-se a historia da fidalga das Picôas, aquella a quem chamavam em Vichy *la dame au cardinal*, fica-se com a convicção de que as proezas do clericalismo excedem tudo quanto possa imaginar-se em materia de pouca vergonha, aggravada esta pelo abuso sacrilego do nome de Deus e das coisas que se reputam santas...

* * *

Foi ha dez annos—completam-se no dia 24—que falleceu D. Maria Isabel Freire de Andrade e Castro—a condessa de Camarido, como geralmente lhe chamavam, embora não usasse o titulo. Sobrevivera tres annos a monsenhor João Quesada que durante vinte fôra o director espiritual da sua consciencia cheia de inconcebiveis escrupulos. Esse padre hespanhol, quando os lazaristas o expulsaram da congregação, metteu-se em casa da condessa, sua penitente, que nunca mais voltou a S. Luiz, e tratou de procurar n'outro instituto religioso aquelle apoio de que necessitava para obter as boas graças da Santa-Sé. Com semelhante intuito advogou junto da fanatica dama a causa dos padres do Espirito Santo e levou-a a dispensar ao representante do Papa na côrte de Lisboa toda a sorte de gentilezas e de obsequios. Assim João Quesada conseguiu ser nomeado monsenhor, prelado domestico e protonotario apostolico, no mesmo passo que, dominando em absoluto a fidalga, admiravel tipo de historica religiosa, accumulava no seu cofre dezenas de contos, vivia na opulencia, banqueteava o nuncio Vannutelli e os seus amigos, ia ao estrangeiro sob o pretexto de visitar Lourdes e frequentar as estações de aguas, arrastando na sua companhia a pobre senhora que não esboçava o minimo gesto sem a sua ordem ou a sua benção...

Monsenhor tinha como director espiritual o padre irlandez Christovam Rooney, da congregação do Espirito Santo. Homem de singular habilidade na conquista de beneficios para o seu instituto, enriqueceu-o com as doações da condessa, feitas quer sob a forma de vendas ficticias, quer em metal sonante. Em 1895, João Quesada fez sentir a D. Maria Isabel a necessidade, dada a certeza da morte e a incerteza da hora, de fazer o seu testamento. Pelo seu proprio punho o escreveu a fidalga, a quem o deram redigido para que o copiasse, legando o grosso da sua fortuna, cujo valor era de centenas de contos, a tres padres estrangeiros da congregação do Espirito Santo e a tres religiosas, tambem estrangeiras, cujos nomes ella mal conhecia... O sr. Domingos Pinto Coelho foi nomeado testamenteiro e ao mesmo tempo legatario.

Fallecido João Quesada, D. Maria Isabel ia morrendo de desgosto. Convinha substituir a sentinella vigilante, que expirava, deixando no seu cofre particular 14 contos em dinheiro e mais de 70 contos em papeis de credito e que na sua quasi totalidade foram parar ás mãos dos congreganistas do Espirito Santo. Ninguem melhor do que Christovam Rooney para succeder a Quesada. Passou elle a ser o reitor da capella das Picôas e desde esse instante o dinheiro da fidalga nunca mais deixou de correr ininterruptamente para as burras da congregação. Metteram na cabeça da pobre beata a conveniencia de se construir uma bella casa e um templo annexo para os padres nos terrenos das Picôas, parte dos quaes a camara municipal expropriou e outra parte adquiriu, pagando tudo por cerca de duzentos contos. Os seis mil metros quadrados que os padres escolheram para aquellas edificações fingiu vendel-os a condessa ao padre John Kearn, residente na Irlanda, por um conto. Na escriptura outorgaram o padre Rooney e o sr. Domingos Pinto Coelho. Para que a fidalga cedesse n'estes phantasticos negocios, invocavam os reverendos a memoria de monsenhor, cuja obra diziam ser preciso continuar. Mas, já então as façanhas dos padres do Espirito Santo, que não largavam a presa, tinham chegado ao conhecimento de Roma, por intermedio da nunciatura e talvez d'outras congregações. Temeram-se as consequencias do escandalo e foi mandado sahir de Lisboa o padre Rooney e que a D. Maria Isabel se restituissem os terrenos ficticiamente adquiridos. Simulou-se nova escriptura. A fidalga comprou-os por um conto, outorgando o padre Labrousse e o sr. Domingos Pinto Coelho. Ao que era doação chamou-se venda para se defraudar o Estado que recebeu 10 por cento em vez de 15 por cento! Assegura-se que a esse tempo já havia para a edificação do convento e da egreja material comprado no valor de 17 contos. Venderam-no a toda a pressa por 8, perdendo 9 que foram pedidos a D. Maria Isabel como se ella tivesse culpa da perda. Quem os recebeu para os entregar aos padres? Talvez o saiba o sr. Domingos Pinto Coelho...

* * *

O padre Rooney sahiu, com effeito, de Portugal, mas os da congregação do Espirito Santo, receosos de que com o seu affastamento pudesse a condessa tomar novas disposições testamentarias, não descançaram emquanto não conseguiram o regresso do hipnotisador da misera fidalga.

Monsenhor Le Roy, bispo de Alinda, superior geral da congregação, residente em Paris, mas que esteve em Portugal, tendo-se retratado em Cintra com a condessa, monsenhor Quesada, o padre Rooney e outros—essa photographia é um documento precioso para o medico alienista que estudar o caso Camarido—monsenhor Le Roy via na attitude da nunciatura para com o confessor de D. Maria Isabel apenas uma prova dos ciumes, das invejas que suscitavam os obsequios feitos aos do Espirito Santo. Estes não podiam tragar o nuncio, monsenhor José Macchi, homem austero, de vasta illustração, com grande linha, e que falleceu em Lisboa torturado por uma horrivel doença: um cancro na bocca. Junto do nuncio e junto da Santa Sé moveram-se os maiores empenhos para que se revogasse a ordem de desterro e se permittisse a volta do padre Rooney.

A condessa mandou o sr. Domingos Pinto Coelho falar ao nuncio e escrevia ao representante do Papa, affirmando que Rooney era victima de calumniadores e que nunca lhe pedira nada para elle, nem nem para a congregação, como se o nuncio ignorasse a historia das doações de quintas e casas, os saques constantes de dinheiro, as condições em que o confessor exercia o cargo de reitor da capella das Picôas e o mallogrado projecto da residencia e da egreja sumptuosas...

Em fins de 1904, D. Maria Isabel—a conselho de alguem que o sr. Domingos Pinto Coelho conhece—escrevia á familia de *José Luciano*, ao qual chamava seu chefe politico, para que o velho estadista usasse da sua influencia em favor do padre Rooney junto do nuncio. N'essa carta pathetica affirmava o seu extraordinario affecto pelo padre e pela congregação e apontava como abonadores das qualidades do sacerdote irlandez os srs. Ramada Curto e Dias Costa. Os empenhos surgiam de todos os lados. A sr.ª D. Maria Pia, a sr.ª D. Maria de Menezes, dama da rainha D. Amelia; a duqueza de Palmella, a condessa do Villa Real, a sr.ª D. Carolina Delphim Pereira, as sr.ªs Correia Henriques (Seisães), a marqueza de Rio Maior, o conde de *Bertiandos*, o conde de Barnay, o dr. Manuel de Castro Pereira, o dr. Vicente Monteiro, o conselheiro Jacinto Candido, Hintze Ribeiro, o cardeal patriarcha, o arcebispo de Mytilene e muitas outras personagens procuraram pesar no animo do nuncio e na chancellaria vaticana para que Rooney voltasse para o pé da sua confessada... O representante de Pio X era inabalavel. Já monsenhor Aiuti, seu predecessor, se não conformára com o procedimento dos padres do Espirito Santo. O arcebispo de Thessalonica apenas continuava a defender como elle os interesses de Roma e da Egreja que cria prejudicados pelos congreganistas interesseiros e pouco serios, na sua opinião.

De Paris seguiu para Roma o bispo de Alinda, superior da congregação, e de Lisboa o sr. Domingos Pinto Coelho, advogado da condessa e dos padres, testamenteiro e herdeiro da pobre desequilibrada, que não podia passar sem o seu Rooney, como não dispensára o seu Quesada outr'ora. O cardeal Merry del Val recebeu primeiro o bispo e depois o sr. Domingos Pinto Coelho. No mesmo dia d'estas entrevistas, o embaixador de Portugal junto do Vaticano, Miguel d'Antas, telegraphava á duqueza de Palmella, dando-lhe boas noticias. O embaixador d'Antas não só se empenhára no assumpto por lh'o pedir a duqueza, mas tambem por que o ministro dos estrangeiros Eduardo Villaça lhe havia telegraphado para que «sem demora» fizesse constar á Santa Sé que o governo portuguez de modo algum se oppunha á permanencia de Rooney em Lisboa. O embaixador, a fim de que lhe não faltasse nenhuma solida amarra, offereceu um jantar ao pae de Merry del Val para elle patrocinar a causa de Rooney. O sr. Domingos Pinto Coelho annunciou á fidalga que tudo se arranjára conforme os seus desejos, tendo tambem, segundo o seu parecer, contribuido para aquelle bom exito a intervenção do patriarcha, «motivada pela nova e tão generosa dadiva da sr.ª condessa».

* * *

O padre Rooney voltava, finalmente, para Portugal! E como não havia de ser assim, se o proprio D. Antonio de Lencastre, medico da real camara, attestara que a vida da desditosa beata corria perigo se o padre não viesse! Decorrido menos d'um anno, D. Maria Isabel Freyre de Andrada expirava tendo á sua cabeceira, de plantão, o reverendo Rooney, que nunca mais largára as Picôas. Quando já apenas vivia uma vida artificial, dias antes de morrer, ainda os padres, sob qualquer pretexto piedoso, lhe extorquiram 2.300$000 réis em dinheiro e um cheque de 6 contos com uma assignatura tão tremida que o banco não quiz pagar sem o reconhecimento por um notario.

No seu testamento, a condessa da Camarido deixou milhares de missas,

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—18-8-915

Livingstone

N'um dos cruzeiros da abbadia de Westminster, n'um severo tumulo de marmore, dorme ha quarenta e dois annos o homem que foi o mais obscuro e ao mesmo tempo o maior de todos os heroes. Grande como lord Franklin, audaz como Nordenkiold, a sua vida foi um longo martirio e a sua morte um exemplo de religiosa piedade. Deu á Inglaterra a honra de ser a sua patria, deu aos homens o orgulho de serem seus semelhantes. E' David Livingstone.

Aos vinte e sete annos medico e theologo, sahiu da sua quieta villa n'um condado rural d'Inglaterra em direcção ao Cabo e desde então apenas duas vezes voltou ao seu paiz. A Grã-Bretanha, que não esquece nunca nenhum dos seus filhos, seguiu-o com a vista na sua peregrinação atravez do vasto continente durante uma vida inteira. Foi lá que o doutor casou, teve as primeiras alegrias de pae, foi lá que enterrou a mulher. Foi tambem lá que envelheceu.

Quando as noticias do doutor escassearam, já muito depois das suas fugitivas visitas á Europa, a Inglaterra pensou que esse homem em breve teria sessenta annos e que, provavelmente, o seu forte corpo tão gasto e tão resistente teria sido talvez abandonado pela energica vontade que toda a vida lhe déra vida. Então, um moço, uma creatura de eleição que na sua ainda curta existencia atravessára guerras civis, mergulhára no coração de revoltas, assistira a todos os [illegible], partiu em procura de Livigstone. Era o americano Stanley.

Ao desembarcar em Zanzibar soube vagamente que talvez o viajante estivesse junto do Tanganika. E com muita simplicidade, sem hesitar, seguido de meia duzia de servidores, marchou. Mysteriosa força os impellia, sem duvida, um para o outro. Certa manhã, junto do lago o doutor Livingstone cada vez mais errante, cada vez mais possuido pela idéa de ligar as suas descobertas, viu um branco, Stanley, um rapaz desempenado e loiro, arrumado a uma espingarda. Pelo rosto d'esse rapaz cahiam devagar duas grossas lagrimas. Estendeu os braços, exclamou:

—E' o dr. Livingstone!

O doutor sorriu. Sim, decerto, nem outro podia ser aquelle branco de longas patilhas grisalhas, encontrado d'improviso nas margens barbaras do Tanganika, a novecentos kilometros do mar das Indias. Era o dr. Livingstone.

Foi então que exploraram ambos os limites vagos d'aquelle mysterioso lago enquadrado em maravilhosas florestas onde Livingstone via constantemente o leito de Deus. Stanley era um neophyto, vibrante, audacioso, cheio de mocidade e de vida. A sua barbicha loira irradiava petulancia, fulgurava, fazia sorrir o velho em presença d'aquelles bellos ardôres. Bem depressa foram amigos. E com toda a gravidade d'um homem habituado a conversar com Deus na immensidade da floresta africana, n'aquelle silencio repleto de movimento, onde a suprema verdade se revela por vezes ao homem, o doutor Livingstone falava da sua vida, das suas viagens. Contava dos seus trinta annos d'Africa, sempre de coração inquieto, sempre sedento de novas descobertas, desconhecendo o que ia pelo mundo, ignorando até se no cantinho placido que o tinha visto nascer os filhos eram vivos, marchando na vida, caminhando para destinos mais felizes... Tambem ás vezes, depois de um longo silencio, o doutor falava da mulher, da valorosa companheira que dormia para todo o sempre n'aquella terra ingrata que tão custosamente se abria deante d'ele... Fitava então as copas da larga floresta com o seu olhar limpido e penetrente esvaido n'uma saudade resignada. E parecia não sentir quanta abnegação, quanta amargura nobremente contida havia no seu longo e bem aproveitado viver. Tudo n'elle era simples e grande. E o outro, o moço, cujo coração quasi estalára d'alegria ao encontrar o famoso Livingstone, lembrando a gloria certa que o esperava, suppunha, talvez, como era obscuro ao lado d'aquelle velho olhar suave que espalhava uma benção ligeira no mais simples gesto dos seus dedos emaciados...

Como eram differentes!... N'um havia esperança, no outro resignação. O doutor tinha a palavra lenta e grave de um homem que parece estar constantemente escutando os mortos queridos; os mortos que na sua longa vida a um e um tinha visto desapparecer... Talvez os queridos mortos chamassem apressadamente por elle... Que viesse... Porque esperava?... Tão repleta, tão recheada vida! E no limiar do espaço permanecia tudo que lhe fôra suave na existencia, a mulher, os amigos, os humildes companheiros da sua valorosa jornada... E todos o chamavam... Quantos elle tinha visto extinguirem-se a cada passo na sua longa peregrinação!... E por cada face amiga que desapparecia no heroismo obscuro d'uma vida que quatro quintas partes do mundo ignorava, o doutor piedosamente esquecia o viajante para ser o missionario simples e ingenuo que ajoelha deante d'uma cova aberta, na larga solidão d'uma floresta, em face d'uma cadeia de montanhas e tem pensamentos de paz e de imarcessivel bondade. E era, decerto, a muita dôr da sua vida tão bem vivida que lhe dava aquelle sorriso illuminado e dôce. Na solidão, a sua tendencia religiosa transformara-se a pouco e pouco n'um mysticismo placido constantemente alimentado pela contemplação vaga d'aquellas soberbas noites austraes onde o infinito livro de Deus se abre para os homens com milhões de lettras fulgurantes. Ouvia a formidavel orchestra de uma natureza ignorada e d'elle se poderia dizer nobremente que distinguia arpejos no ramalhar grave do arvoredo, accordes retumbantes no deslisar tumultuoso dos rios innumeraveis...

Durante quatro mezes, Stanley e Livingstone partilharam a mesma tenda, viveram da mesma ideia. Mas Stanley não tinha a alma do doutor. Regressava á Europa; mais tarde, mais tarde voltaria. Ao separarem-se, aquelles dois homens falaram de Deus, de novo uma lagrima sulcou a fronte mascula do moço.

—Permitta Deus—balbuciou elle—que o meu caro doutor volte são e salvo...

Livingstone respondeu com simplicidade:

—Adeus.

E nunca mais se tornaram a vêr. Depois d'esta curta visita o doutor começou decahindo profundamente. Ainda um anno, um longo anno errou atravez de desertos innacessiveis. As suas paragens eram cada vez mais demoradas, as suas explorações cada vez mais curtas. No emtanto a sêde intensa de saber e de vêr não o abandonára ainda. Mas já no começo de 73 a custo podia deslocar-se. Vinha n'uma padiola, exangue, d'olhos cerrados. O farto bigode, as suissas incultas tinham agora a brancura da neve. Do seu velho bonné de marinha com o galão d'ouro tão usado pelo tempo, escapavam-se longas madeixas de cabellos, — brancos tambem. Era a sombra do doutor Sivingstone.

Ao cahir de uma das ultimas tardes d'abril, n'um pôr de sol explendido, os negros avistaram uma linha d'agua. O doutor agitou-se na padiola.

—E' o lago Banguelo—murmurou elle.

Acamparam ao sul, n'uma aldeola de nome barbaro. Em um dos lados o declive ligeiro que conduzia á margem; por toda a parte a floresta, a eterna floresta africana—grave e explendida. Como o doutor não podia continuar a marcha, arrumou-se uma cabana tosca a um embondeiro tres vezes secular. Era a estação da sêcca, o tecto foi summariamente coberto, de fórma que o doutor podia, deitado na sua cama, seguir por entre a folhagem densa do baobab a marcha lenta do Universo.

Foi n'essa mesma tarde, por entre uma chuva d'oiro desprendida do sol agonisante que a pequena caravana definitivamente se installou. E os dias seguintes foram lamentaveis. O doutor era um corpo sem alma. Pela tarde, sentavam-no á porta da cabana.

—Voltado para o sol—pedia elle.

E ali ficava só, com o seu velho bonné de marinha pousado sobre os joelhos, envolvendo-se devagar nos ultimos raios do poente. De longe, os negros olhavam-no com terror. Dir-se-hia que a morte do doutor Livingstone era uma coisa impossivel, um facto sobrehumano. Como podia aquelle homem morrer? E morrer assim, junto d'aquelle catre, perdido n'aquelle escuro continente, tão distante dos filhos queridos, tão longe até da cova onde dormia a querida companheira. A'quella hora placida, no meio da paz serena que vem sempre junta ao magestoso adormecer das coisas, rebrilhavam os astros um a um na infinita amplidão do firmamento. Ennegreciam as copas d'arvores, destacavam-se os mil mysteriosos ruidos da floresta evolutiva, agitavam-se as monstruosas forças que só parecem agir na rumurosa escuridão da noite. E no meio d'aquella vida, o doutor Livingstone agonisava.

A'quella hora placida!... N'aquelle momento, pelas ruas de uma grande cidade, muito longe d'ali, ah! tão longe, accendiam-se devagar os bicos de gaz pela orla dos passeios... E talvez n'esse momento o doutor tivesse, pela primeira vez na sua vida, olhando as aguas perfidas d'aquelle lago africano, a visão quieta de um interior burguez, a paz em volta d'uma sopa facil e quente. Como teria sido simples ficar no seu cantinho ignorado de Blantyre, rodeado por aquelles tres rapazes fortes como deviam ser agora os seus filhos!...

Tudo quanto na vida fôra accidental para elle, tudo quanto fôra recalcado na sua alma, formando n'aquelle coração retalhado um cantinho eternamente moço, — por força tomava agora uma suprema importancia... Gloria, honra, fama... oh! que inuteis coisas, ingenuas coisas, tão pequenas e que tão pouco sobreviviam... Eterna,—só aquella natureza que o envolvia, que declinava offegante todas as tardes para resurgir explendida e divina, cem vezes formidavel na sua grandeza em todas as auroras do Senhor! Sem duvida a ideia de que eram aquelles os seus ultimos poentes, —não o perturbava. Veria tantos outros no explendôr faiscante de Deus, liberto emfim d'aquelle corpo miseravel que o escravisava e comtudo tão vigoroso que resistira a sessenta anos de dôres e quatro vezes atravessára de lés a lés a Africa immensa. Bemdito Deus que lhe déra uma vida mascula e forte.

N'um crepusculo d'abril,—o ultimo,—os negros levaram-no em braços para dentro da cabana. Já de noite fechada, arrastando-se na enxerga, n'um ultimo esforço incomprehensivel, fitou o céu, murmurou n'um suspiro estendendo os braços:

—«Oh! Dear! dear»!...

As estrellas que elle fitava não eram as mesmas que, áquella hora, brilhavam por sobre Inglaterra. Nem sequer eram as mesmas!... E o seu querido, a sua querida estavam longe, muito longe d'ali, ignorando que n'um suspiro supremo David Livingstone pensava nos seus amores da Europa...

Horas depois, ás cinco da primeira manhã de maio, o seu negro fiel, amigo de vinte annos, entrou no abrigo onde durante a noite o doutor agonisára—só. No leito não repousava ninguem e no pobre quarto escrupulosamente limpo tudo conservava os seus logares habituaes. Admirado, o negro voltou á porta. O sol nado resvalava obliquamente nas aguas quietas do lago. Não bulia um ramo d'arvore.

A trinta passos, debaixo d'uma adansonia gigantesca, o doutor Livingstone estava ajoelhado no chão, voltado para o sol que nascia. Tinha a cabeça descoberta, apoiada nas mãos diaphanas. Ao lado, cuidadosamente posto no solo, o seu velho bonné de marinha. Estava resando.

O creado approximou-se devagar.

—Doutor... Senhor doutor...

Livingstone não respondeu. Olhava fixamente para o sol. O seu rosto tinha uma expressão tão nobre, tão serena que o creado murmurou:

—Oh! Está melhor!

Já proximo d'elle. Repetiu:

—Doutor... Senhor doutor...

Pôz-lhe ligeiramente a mão no hombro, o corpo frio desequilibrou-se e cahiu. E o negro, suffocado, pegando n'aquella mão para todo o sempre immobilisada, prorompeu n'um chôro lancinante ao perceber que estava morto David Livingstone.

Mario de Almeida

que os padres naturalmente disseram, recebendo por cada uma a esmola de 500 réis; deixou um predio em Coimbra ao sr. Domingos Pinto Coelho e ainda a este um conto por anno emquando durassem os trabalhos da testamentaria; deixou, além de pequenos legados, como acima dizemos, a casa e quinta do Bom Despacho e outras propriedades de Cintra a trez congreganistas do Espirito Santo e instituiu unicas e universaes herdeiras da propriedade e de todo o remanescente da sua herança mademoiselle Denize Alis, mademoiselle Orancio Alzieu e mademoiselle Marie Salomiac,—trez religiosas francezas, cujos nomes nem sequer sabia escrever... Assim se sumiram nos cofres dos reverendissimos as centenas de contos da velha dama beata, com a poderosa mas não gratuita ajuda do sr. Domingos Pinto Coelho.

E aqui está uma autenthica pouca vergonha de que não podem ser accusados os anti-clericaes...

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

REVISTAS LONDRINAS

Escrevem de Londres a André Brun:

«Caro amigo:—Para confirmar a sua chronica «Ao correr da pena», publicada n'*A Capital* de 3 do corrente, direi que em Londres já um articulista theatral clamou que as vidas estão curtas e só a revista é que póde fazer rir o publico. Vejamos: Hippodrome, «Push & Go»; Alhambra, «5064 Gerrard»; Palace, «The Passing Show»; Pavillion, «Moulin Rouge»; Empire, «Watch your Step»; Ambassadors, «More»; Apollo, «All Scotch»; Comedy, «Shell Out»—tudo revistas...

Os restantes doze theatros que estão abertos lá se arrastam com umas operetas, comedias e dois com drama, aonde ninguem chora. No entanto não ha theatros ás moscas. Seu amigo, *Um fulano que não põe nome.*

NA PRAIA DAS MAÇÃS

Pelo paiz affirma-se um manifesto desejo de fazer progredir as localidades e a vida das regiões de turismo. A Amadora, os Estoris e Carcavellos são exemplos typicos. Agora é a Praia das Maçãs, a encantadora praia da região de Collares, servida pelos electricos da Companhia Cintra ao Atlantico, que está demonstrando plena actividade. Nas noites de terças-feiras dá sessões de moda, com concertos musicaes ao ar livre. Para a proxima sexta-feira, annuncia um concerto extraordinario das 8 ás 11 da noite, estabelecendo a companhia dos electricos carros ás 4,10; 5,10; 6,10; 6,30 7,10; 8,30 e 9,20 e havendo carros de volta até ás 11 e meia. As carreiras fazem-se tambem extraordinariamente ao preço de 24 centavos.

EM CINTRA

No theatro Garrett, em Cintra, effectua-se no proximo sabbado, uma grande festa de caridade, organisada por uma commissão de senhoras. Pela primeira vez em Cintra, apresenta-se a Grande Orchestra de Arco dirigida pelo distincto amador sr. Frederico Taveira.

NOVO MEDICO

Defendendo brilhantemente these sobre «O alcoolismo», terminou o seu curso na Faculdade de Medicina, o sr. dr. Carlos Roy Leitão, que estabeleceu consultorio na rua Passos Manuel, 4, 1.º

As suas aptidões professionaes decerto corresponderão aos meritos que revelou como estudante.

NA AMADORA

No Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, estreia-se no domingo, 12 de setembro, o joven maestro portuguez Accacio Santos, dirigindo uma grande orchestra symphonica, composta de 70 professores.

A questão do peixe

Sr. director do jornal «A Capital»—Não desejando a gerencia da Sociedade Commercial de Pescarias, Limitada, deixar o publico leitor do seu conceituado jornal com uma impressão errada sob a chamada questão do peixe, e não desejando egualmente sustentar polemicas que nada esclarecem, roga a v. se digne mandar publicar a carta que hoje envia ao sr. visconde de Pedralva.

Aproveitamos esta occasião para informar v. que encontrará nos nossos escriptorios todos os documentos e informações necessarias para uma boa informação sobre tão momentosa questão. Saude e fraternidade.—Pela Sociedade Commercial de Pescarias, Limitada, os gerentes, Jayme Moreira de Carvalho, Cyrillo Dias Laranjeira.

A carta a que se allude vae publicada n'outro logar.

A classe dos «chauffeurs»

A Associação de Classe dos Chauffeurs Portuenses enviou ao sr. Augusto Ribeiro, da Silva, secretario do sr. ministro do fomento, uma representação, pedindo que seja sempre chamado para proceder aos exames de «chauffeurs» profissionaes que se realisem fóra da cidade do Porto o delegado da associação, como se procede na circumscripção do sul, e conforme a circular dimanada d'aquelle ministerio.

Vapor encalhado

A leste do posto semaphorico de Cascaes, na praia Bafureira, encalhou esta manhã, devido á grande cerração, o vapor *Balsence* da praça de Tavira. Foram prevenidas as auctoridades, seguindo para o local do encalhe o salva-vidas, que retirou pouco depois, visto encontrar-se já perto do vapor o rebocador *Cabo da Roca*.

O *Balsence*, que tem oito homens de tripulação, espera sahir na maré da noite.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

PROJECTO DE LEI SOBRE CAMBIAES

Representação dos Bancos e Banqueiros de Lisboa

Ex.mo Sr. Presidente da Camara dos Deputados:

No extracto da sessão da Camara dos Senhores Deputados, publicado nos jornaes de Lisboa de 13 do corrente, diz-se ter sido apresentado, na mesma Camara, um projecto de lei determinando que a liquidação das operações cambiaes, a prazo, realisada nas praças de Lisboa, Porto e Funchal até ao dia 3 de agosto de 1914, será feita, por compensação, á média dos cambios que vigoraram desde 1 de julho do dito anno até á data referida. Tal projecto, se transformado fôsse em lei da Republica, viria ferir legitimos direitos e interesses dos signatarios, que, prejudicados já com as moratorias concedidas para a liquidação de taes operações, de novo prejudicados seriam com a revogação imprevista de um diploma legal—o decreto de 5 de junho ultimo—que lhes havia assegurado a certeza de um reembolso em prazos certos, embora esse mesmo reembolso prejudicial lhes fôsse sempre, por fragmentario e demasiadamente vantajoso para os vendedores das cambiaes.

De facto o mencionado decreto determina que a liquidação das operações alludidas se faça nas seguintes condições:

10 0/0 em 6 de Setembro de 1915
15 0/0 em 6 de Outubro de 1915
25 0/0 em 6 de Janeiro de 1916
25 0/0 em 6 de Abril de 1916
25 0/0 em 6 de Junho de 1916

A fórma adoptada para regular a precisa liquidação era demasiadamente suave e benevola para os vendedores de cambiaes?

As vantagens concedidas aos mesmos vendedores seriam razoavelmente fundamentadas no receio, embora talvez injustificado, d'um possivel aggravamento dos cambios, provocado por uma liquidação global?

Fôsse como fôsse, tal decreto fixou direitos, precisou obrigações, e, sob a confiança das garantias que elle assegurava, os signatarios tomaram compromissos que teem, honradamente, de satisfazer.

Dois mezes passados sobre a promulgação do diploma citado, surge, imprevistamente, o projecto de lei a que já se fez referencia, visando a alterar, fundamentalmente, as condições estabelecidas em contractos realisados entre particulares, e procurando sanccionar, assim, e por fórma nunca permittida, até hoje, por lei alguma, a falta de cumprimento de obrigações, legal e livremente contrahidas.

No relatorio do decreto de 5 de Junho de 1915, accentua-se, e com bem merecida justiça, a circumstancia de estarem então a terminar as dilações estabelecidas pela moratoria para as operações de letras, cheques e contas correntes a saldar em moeda estrangeira, dilações que—honra seja feita ao commercio portuguez, que assignalou, no lance, os seus sentimentos de probidade e o vigor da sua organisação—mal chegaram a ser utilisadas.

Em face d'uma tão consoladora attitude do nosso commercio e da nossa industria, conquistando para as praças portuguezas um solido e confiante credito, como poder acreditar que o parlamento destrua essa obra, essencialmente patriotica e realisada á custa de duros sacrificios, inutilisando-a com uma medida de excepção para operações cambiaes, que resultaria, em definitiva, n'uma estranha e perigosissima sancção, legalmente dispensada, á falta de — cumprimento de contractos legalmente feitos?

Pelo que fica succintamente exposto, á evidencia se verifica que a approvação do projecto discutido, acarretaria duas consequencias egualmente perturbadoras e funestas—premiar os que desejem esquivar-se á devida entrega de cambiaes que venderam, e que, portanto lhes não pertencem proporcionando-lhes ensejo de as realisarem com os avultados e illegitimos lucros— punir com novos prejuizos, originados na necessidade do cumprimento de obrigações contrahidas sob a egide e garantia d'um diploma legal, aquelles que gravemente prejudicados foram já, quando tiveram de entregar, com rigoroso escrupulo, aos seus clientes, um ouro que, insophismavelmente, lhes pertence, e que, apezar d'isso, outras mãos deteem ainda, se é que o não inutilisaram já, e continuarão de utilisal-o, em successivas transacções sobre cambiaes, que vão lucrativamente liquidando.

Confiados na convincente verdade das considerações formuladas, os signatarios teem a honra de submettel-as á apreciação da Camara dos Senhores Deputados da Nação Portugueza, esperando, com segura certeza, que ellas determinem a não approvação do projecto que as motiva.

Lisboa, 14 de agosto de 1915.

Pelo Banco Lisboa & Açores
(a) *J. Freitas*, Director
(a) *E. Borde*, s/gerente

Pelo Banco Nacional Ultramarino
O Governador
(a) *Luiz Diogo da Silva*
(a) *Conde de Caria*

Banco Commercial de Lisboa
Os Directores
(a) *J. O. Soares*
(a) *A. P. Mello*

Credit Franco Portugais
Agencia de Lisboa
O Director
(a) *Geo. Fox*

for London & Brazilian Brank Limited
Lisbon
(a) *C. A. Morgau*—Manager
pp. *J. M. Espirito Santo Silva & C.ª*
(a) *Custodio José Moniz Galvão*
(a) *Pinto & Sotto Mayor*

Pela Companhia Nacional de Moagem
O administrador
(a) *Antonio Bello*
(a) *Henry Burnay & C.ª*
(a) *Fonsecas, Santos & Vianna*
pp. de *Borges & Irmão*

Agencia de Lisboa
(a) *A. Moura Borges*
(a) *J. de Macedo*
(a) *Wierling & C.ª*

Em favor da instrucção

Uma bibliotheca agricola e um curso nocturno em Cedovim

O deputado sr. dr. Pires de Vasconcellos entregou hoje ao sr. ministro da justiça uma representação da junta de Parochia de Cedovim, concelho de Foscôa, em que diz que desejando estabelecer uma bibliotheca popular de caracter predominantemente agricola, em harmonia com a feição economica da região, para o que tem já destinado no orçamento os fundos *necessarios*, pede que lhe seja cedida a antiga residencia parochial onde abrirá tambem um curso nocturno para adultos.

A mesma junta já dotou as escolas com material didatico e mobiliario.

Sociedade Commercial de Pescarias, L.da

Lisboa, 18 de agosto de 1915.—Ex.mo Sr. Visconde de Pedralva — N'esta.— Tendo esta Gerencia tido conhecimento pelo jornal «A Capital» das declarações feitas por V. Ex.ª na Camara dos Deputados, sobre a chamada questão do peixe, vem esta Gerencia communicar a V. Ex.ª que desde hoje estão ao seu dispôr todos os documentos e informações que possam elucidar e desfazer as injustificadas e erradas informações que, seguramente por mal informado, V. Ex.ª fez. Entretanto, garantimos a V. Ex.ª que as causas do chamado encarecimento do peixe são outras absolutamente independentes dos pescadores ou armadores.

Tratando-se de um assumpto de interesse publico esta Gerencia dará toda a publicidade a esta carta.—Saude e Fraternidade.— Pela Sociedade Commercial de Pescarias, L.ta, os gerentes—(aa.) Jayme Moreira de Carvalho—Cirillo Dias Larangeira.

PEQUENAS NOTICIAS

Manuel Beato, morador na rua de S. Jeronymo, 54, queixou-se á policia de que no dia 14 do corrente desappareceu de casa seu filho Alvaro Beato, de 14 annos, aprendiz de serralheiro. Tambem a policia procura Arthur da Silva Beja, filho de Antonio José da Silva, de 11 annos, que desappareceu da rua do Bocage, 16. E' já a quarta vez que tal faz.

—Queixou-se á policia Antonio da Costa, morador na rua Silva Porto, 20, loja, de que os gatunos lhe subtrahiram da sua residencia um cordão, uma corrente, e dois alfinetes e um berloque tudo de ouro, uma bolsa de prata, um relogio e a quantia de 15 escudos, tudo no valor de 82$43.

—Salvador de Figueiredo e Faro, morador na rua de S. Cyro, 31, queixou-se á policia de que na estação do Rocio havia perdido ou lhe subtrahiram uma carteira contendo varios cartões de visita, algumas cartas e um envelope contendo 2.000 escudos em notas.

—Deram entrada no hospital de S. José: Julia de Assumpção Vieira, moradora na travessa de S. Mamede, que cahiu na praça da Figueira, fracturando a perna direita; Manuel Pereira, morador na travessa da Boa-Hora, que tentou suicidar-se, e José Marques Amaral, pharmaceutico em Sines, que tambem tentou suicidar-se, dando um tiro no ouvido.

—O sr. Albano Marques Ribeiro convida os seus conterraneos residentes em Lisboa a reunir no proximo domingo, pelas 15 horas, no Centro de Santos, a fim de se tratar de assumptos referentes á freguezia de S. Thiago de Ceia.

A provincia n'A CAPITAL

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO, 18.—Causou agradavel impressão, produzindo intenso regosijo na população d'este concelho, a approvação do Senado pela qual se auctorisou á camara d'esta villa o lançamento do imposto do pescado. A camara, em sessão plenaria de hontem, manifestou o seu reconhecimento ao presidente da commissão executiva sr. Manuel Cumbrera e ao dr. Estevam de Vasconcellos pelo interesse que sempre lhes tem merecido o desenvolvimento do concelho, resolvendo por unanimidade que na acta ficasse exarado um voto de louvor a esses dois grandes amigos d'esta villa.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Approva-se um projecto de lei, mandando que todos os trigos sejam adquiridos pelo Estado

Sob a presidencia do sr. Azevedo Coutinho, a sessão abre á hora regimental, estando o governo representado pelo sr. ministro da instrucção. Para antes da ordem, inscrevem-se muitos deputados. O sr. ministro da instrucção declara-se habilitado a responder a todas as interpellações que lhe tem sido annunciadas e manda para a meza uma proposta de lei regulando a questão dos delegados a instituições de ensino e restituindo-os ás camaras municipaes em cuja área os legatarios hajam feito os seus testamentos. O sr. João de Deus Ramos apresenta um projecto auctorisando a camara de Peniche a vender os seus foros para realisar varios melhoramentos locaes e, nomeadamente, o abastecimento d'aguas da villa. Discute-se com urgencia e dispensa regimentaes. O sr. Moraes Rosa acha o projecto vago de mais, porque não se fornecem n'elle os elementos precisos para a camara se inteirar perfeitamente do assumpto. O abastecimento d'aguas a Peniche será dificilimo, dadas as condições topographicas da villa. Concorda, em principio com o projecto, mas entende que se devem evitar faltas que podem dar-se o que bem podem ter como consequencia ficar a camara de Peniche sem fóros e sem os melhoramentos que projecta. O sr. Pires de Campos defende o projecto, que é approvado sem mais discussão. O sr. Ribeira Brava diz que lhe constou ter havido alteração da ordem na Ilha da Madeira, por causa da questão das subsistencias, e pergunta ao ministro do interior se tem informações sobre o assumpto que possa communicar á camara. A proposito, diz que os regimens cerealiferos do continente não se applicaram nunca áquella ilha, devendo acontecer o mesmo com o que a camara votou ha pouco, dada a situação especial em que a Madeira sempre tem vivido. O ministro do interior responde que, por causa da questão dos cereaes, encerraram hontem as suas portas, inesperadamente, todos os estabelecimentos do Funchal. O governador julgou esse facto grave e forçou os mesmos estabelecimentos a abrirem de novo, o que fizeram sem demora. O sr. Ribeira Brava agradece as explicações do sr. ministro do interior e apontando as provaveis causas da tentativa de alteração da ordem, diz que ellas teem origem em manobras allemãs. Está a chegar á Madeira o capitão Aragão, e certos elementos d'aquella ilha querem, á viva força evitar que seja levada por deante a manifestação de carinho que se projecta ali áquelle official. Que o governo attente n'isso e providencie como entender justo. O sr. Urbano Rodrigues apresenta trez projectos de lei—um auctorisando as camaras municipaes a cuidarem da conservação das estradas do Estado dentro das povoações, outro sobre emprestimos municipaes e um terceiro reorganisando a inspecção das aguas medicinaes.

O sr. Baptista da Silva, eleito pelos Açores occupa-se da organisação das juntas geraes e trata especialmente do numero de delegados que cada concelho deve eleger á junta geral de Angra do Heroismo. Apresenta um projecto de lei concretisando as suas considerações. O sr. ministro do fomento apresenta uma proposta de lei sobre compra de trigos e fabrico de farinhas. Falam os srs. Aresta Branco e Julio Martins, que oppõem varias objecções ao projecto, que não julgam proprio para resolver a questão do pão. Defende a sua proposta o sr. ministro do fomento, approvando-a a seguir a camara na generalidade. Na especialidade, falam os srs. Aresta Branco, Camoezas, João Chrisostomo e outros, sendo approvados os varios artigos sem grande discussão. O sr. Aresta Branco occupa-se principalmente da questão dos transportes do trigo, travando-se animada contraversia entre esse deputado e os srs. Ribeira Brava, João Ricardo, Alexandre Braga, Camoezas e Julio Martins.

Discute-se ainda a requerimento do sr. Abilio Marçal, o projecto que manda seja de portuguezes a maioria dos vogaes dos corpos gerentes das Sociedades Anonimas. E' approvado com uma substituição do sr. Almeida Ribeiro. Em seguida encerra-se a sessão.

No Senado

Realisa-se a interpelação do sr. Paes Gomes ao sr. ministro da justiça e trata-se da apprehensão do cartuchame ás portas de Algés

Só ás 14,45 se consegue abrir a sessão com 21 senadores presentes. O sr. general Correia Barreto preside. Secretariam os srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches. Galerias desertas. Na bancada ministerial o sr. dr. Catanho de Menezes, ministro da justiça. Approvada a acta e lido o expediente o sr. Rodrigues Cabral pede urgencia e dispensa de Regimento para a discussão do projecto de lei já approvado na outra Camara subsidiando os cultivadores de ananazes do districto de Ponta Delgada prejudicados pela guerra europeia. Concedido e approvado o projecto sem discussão.

O sr. Paes Gomes realisando a sua interpellação ao sr. ministro da justiça protesta contra a má applicação da lei de amnistia de 5 de junho ultimo que mandou pôr em liberdade uns desordeiros de Sernancelhe que, o anno passado desrespeitaram o administrador do concelho d'ali batendo-lhe e deixando-o ás portas da morte, a elle e a dois subordinados seus. Foi um crime commum de homicidio voluntario que não póde ser incluido em semelhante lei de amnistia.

O sr. Catanho de Menezes advertindo o interpelante das responsabilidades que assumiu accusando gratuitamente a magistratura portugueza, declara que o decreto de amnistia foi bem applicado visto abranger no seu artigo primeiro os conflictos com as auctoridades administrativas o que se deu de facto n'este caso de Sernancelhe.

O sr. Simão José requer a generalisação do debate o que o Senado approva.

O sr. Paes Gomes repete: o caso é grave. Houve um attentado pessoal. Trez, quatro ou cinco pessoas aggrediram um administrador de concelho, um official de diligencias e um regedor. Levantou-se um auto; os criminosos foram pronunciados até que veiu a lei de 5 de junho sendo elles incluidos no artigo 1.º d'essa lei. Não póde ser. Esses crimes não entram na sancção d'essa amnistia.

O sr. ministro da justiça contradiz de novo. Foi um attentado pessoal mas em conflicto com a auctoridade administrativa; logo está dentro da letra expressa do artigo 1.º da lei de amnistia de 5 de junho ultimo. E não póde o sr. Paes Gomes pelo simples facto de se cumprir a lei vir para o parlamento accusar juizes que apenas se limitaram a respeitar a lei. Não ha justiça em semelhante proceder.

O sr. Simão José que era ao tempo delegado na comarca de Moimenta da Beira e que foi quem tratou do processo, defende largamente a sua obra descrevendo como os factos se deram e que se resumem em o tal administrador do concelho ser um reaccionario impenitente, fiel servidor da dictadura e cuja presença os verdadeiros republicanos de Sernancelhe justificadamente não podiam tolerar.

O sr. Paes Gomes treplica ainda desfazendo os argumentos e a exposição do sr. Simão José e reeditando as suas primeiras considerações sobre o assumpto.

O sr. ministro da justiça treplica tambem e a fechar o debate fala o sr. Celestino de Almeida que não concorda com as conclusões do sr. Catanho de Menezes.

E entra-se emfim, a quarenta minutos de se encerrar a sessão, na ordem do dia, continuando em discussão da sessão de hontem o projecto de lei do sr. Agostinho Fortes concedendo nova epocha de exames em outubro. Fala, defendendo o projecto, o sr. Sousa Junior, que ficára com a palavra reservada.

O sr. dr. Estevam de Vasconcellos pede a palavra para um negocio urgente—tratar da apprehensão do cartuchame ás portas de Algés. Concedida a palavra o orador diz que a opinião republicana se encontra alarmada pelo facto de tendo sido apprehendida uma quantidade bastante grande de cartuchame a um individuo considerado inimigo das instituições, esse individuo tivesse sido posto em liberdade; e está tambem ainda alarmada pelo facto de uma repartição do Estado, ao que se diz, fazer a venda d'esse cartuchame a um individuo considerado como perigoso conspirador. E' preciso defender a Republica para que jámais, quer monarchicos quer republicanos, a possam atacar ou comprometter como aconteceu no tempo da dictadura Pimenta de Castro.

O sr. Norton de Mattos diz que officialmente ainda não tem todos os esclarecimentos que pediu sobre o caso. Elle porém, segundo sua opinião pessoal, não tem importancia de maior porquanto o cartuchame vendido não servia para nada e d'ali não vinha mal á Republica. No entanto o facto não se repetirá visto que já hontem deu ordens terminantes a tal respeito. Elogia a acção dos elementos civis e diz que quanto á parte policial do caso elle está muito bem entregue ao sr. ministro do interior.

O sr. Correia Barreto explica como os casos se passaram e que são já do dominio publico e frisa o facto de o arrematante se occupar na transformação dos cartuchos para armas de caça o que só é permittido mediante certas formalidades que se não cumpriram.

O sr. Estevam de Vasconcellos agradece as palavras do sr. ministro e diz que o caso não póde ficar assim, devendo o supposto dono dos cartuchos arrematados ficar sujeito ás penalidades da lei que são claras e taxativas.

Antes de encerrar a sessão o sr. Celestino de Almeida protesta contra os excessos em defeza da Republica o que o sr. Estevam de Vasconcellos justifica pelo facto de ter havido já fraquezas n'essa defeza.

O sr. Sousa Junior diz ainda ao sr. Celestino de Almeida que está prompto a discutir a dictadura Pimenta de Castro se s. ex.ª assim o desejar embora isso o não interesse nem ao seu partido.

O sr. dr. Daniel Rodrigues—Não se discutem porcarias...

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental.

Noticias parlamentares

Raras vezes o orçamento do ministerio da guerra terá soffrido tão larga discussão como este anno. Tem-se dito, a proposito d'esse importante diploma, as mais estranhas coisas e teem-se feito affirmações que, se fossem integralmente verdadeiras, demonstrariam que o exercito portuguez chegou a um estado de penuria inconcebivel. O sr. Ramos da Costa, por exemplo, na sessão nocturna d'hontem, foi ao ultimo extremo do pessimismo e levou a sua critica até fazer sangue onde nem sequer convinha arranhar a epiderme sensivel das coisas militares da nossa terra. Fez bem o sr. Ramos da Costa? O futuro o dirá. Entretanto, a verdade talvez não haja deixado de ser ainda uma respeitavel matrona, que nem sempre póde mostrar as pernas até ás ligas...

* *

Estamos a poucos dias do termo da sessão legislativa, se baterem certo os calculos que sobre a sua duração se fazem ou se não errarem as profecias que, a respeito dos debates parlamentares, varios saragoçanos *fazem* por S. Bento. E como o fim se approxima, não seria mau ganhar tempo, que outra coisa não era perdel-o em coisas inuteis. E faz-se isso nas camaras? Pelo amor de Deus! Ninguem o affirmará. Com certeza, *ao ver os srs. secretarios, todos os* dias, antes da ordem, consumir longas dezenas de minutos lendo a diversa papelada, sem que ninguem os oiça, e apenas em obediencia a uma das muitas mentiras convencionaes a que todos nós andamos amarrados pela vida além. Porque não ha de apenas enunciar-se essa papelada, de maneira a ficarem sabendo que não ficou esquecida aquelles a *quem ella interessa*? Ahi está um alvitre, que o sr. Balthasar Teixeira não deixará de acolher com um grande suspiro de allivio...

* *

Foi hoje lida na Camara uma representação dos bancos e casas bancarias de Lisboa na qual se apontam os inconvenientes que resultariam da approvação do projecto sobre a questão dos cambios que o sr. Levy Marques da Costa apresentou ha dias no Parlamento. Foi a imprimir no «Diario do Governo». Ao que consta, o contra-projecto elaborado pela commissão de legislação civil e criminal vae entrar em discussão dentro de poucos dias, affirmando-se que será extremamente violenta a opposição que elle encontrará e que não o deixará passar. Os srs. Germano Martins e Abilio Marçal, vogaes da referida commissão, assignaram vencidos o contra-projecto que vae discutir-se.

* *

O sr. Costa Junior requereu hoje, pelo ministerio do fomento, notas dos vencimentos e nomes dos vogaes da commissão executiva do conselho de administração dos Caminhos de Ferro do Estado, e das percentagens e gratificações que hajam recebido no anno economico de 1913-1914. O mesmo deputado deseja saber a que se destina a verba de 125.330$96 que se inscreve de novo no orçamento do fomento; quanto é preciso para dar cumprimento ao disposto na lei que regula horas de trabalho a que se refere o parecer; a quanto montaram os vencimentos e percentagens recebidas nos tres ultimos annos pelo engenheiro director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e qual a importancia total liquida entregue ao thezoureiro dos mesmos caminhos de ferro, nos ultimos dois annos. Diz o sr. Costa Junior, no seu requerimento que precisa de todos estes esclarecimentos para discutir o orçamento do ministerio do fomento.

* *

Effectivamente, o Senado vae dentro em pouco pronunciar-se sobre a nomeação do novo governador geral da provincia de Moçambique. Correm, a proposito de quem será o nomeado, boatos varios, todos elles com mais ou menos fundamento. Entretanto, ao que se affirmava hoje por S. Bento, parece que o escolhido para governar a Africa Oriental Portugueza será o sr. dr. Alvaro de Castro.

* *

Continuam a ser cada vez mais e maiores as probabilidades de virem a discutir-se ainda n'esta sessão legislativa os projectos existentes na Camara sobre a questão *vinicola. O sr. dr. Guerra* Junqueiro, que se encontra em Lisboa, esteve esta tarde em S. Bento, onde conferenciou demoradamente com os representantes da região duriense, combinando com elles a fórma mais pratica de *se orientar o debate, respeitando-se* todos os interesses que forem attendiveis e legitimos. Se a questão vinicola se discutir, tudo leva a crer que o parlamento vá ainda além do fim do mez. *O sr. Guerra Junqueiro seguiu hoje para o norte.*

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 18—Noite relativamente calma na maior parte da linha. Ha apenas noticia de combates de artilharia nos sectores ao norte de Arras e entre o Somme e o Oise na região de Roye e de Lassigny. Na Argonne houve lucta á bomba e com petardos em Gaute Chevauchée, Fontaine-aux-Charmes e no bosque de Cheppy. O nosso bombardeamento hontem á posição allemã na região de Linge destruiu duas baterias pesadas e fez ir pelos ares varios depositos de munições. Na crista de Sondernach dois novos e violentos contra-ataques, realisados durante a noite, contra a posição conquistada hontem por nós, foram completamente repellidos. N'esta acção fizemos 50 prisioneiros.—(*Havas*)

A crise ministerial grega

ATHENAS, 18—O rei encarregou o sr. Venizellos de formar gabinete. O sr. Venizellos pediu o prazo de quatro dias para examinar a situação, sendo-lhe concedido esse prazo.—(*Havas*)

As finanças brazileiras

RIO DE JANEIRO, 18—As commissões da Camara dos Deputados e do Senado apresentaram um projecto de lei auctorisando a emissão de 350:000 contos em papel.—(*Havas*)

A questão dos trigos

O governo, por intermedio da Manutenção Militar, vae adquirir todos os trigos nacionaes

E' do theor seguinte a proposta de lei que sobre a questão dos trigos o sr. ministro do fomento levou hoje á Camara:

Artigo 1.º— Fica expressamente prohibido, a contar da presente data, a venda de trigo nacional a outra entidade que não seja a Manutenção Militar.

§ unico—O governo, ouvidos os governadores civis, poderá, comtudo, permittir e regular as pequenas vendas locaes de modo a melhor garantir o abastecimento de pão nos diversos districtos.

Art. 2.º—O governo habilitará desde já a Manutenção Militar a adquirir todo o trigo nacional que lhe seja apresentado ao preço da tabela, a que se refere a base 1.ª da lei de 14 de julho de 1899.

Art. 3.º—E' expressamente prohibida a exportação de trigo nos terrenos geraes do decreto com força de lei de 3 de agosto de 1914.

Art. 4.º—Todo o trigo que no fim de 30 dias seja encontrado na posse do agricultor ou detentor, e que não se prove estar vendido á Manutenção Militar, nos termos dos artigos 1.º e 2.º, reservado para semente ou outras necessidades agricolas, como a alimentação do pessoal, será tomado pelo Estado, aplicando-se-lhe a multa de 50 centavos por cada kilo de trigo aprehendido.

Art. 5.º—São obrigados os fabricantes de farinhas a remetter no praso de tres dias, á Direção Geral de Agricultura, notas descriminadas por quantidades de trigo nacional e exotico, e das quantidades e qualidades de farinhas d'elles provenientes, que tenham em deposito na presente data.

Art. 6.º—Egualmente são obrigados os fabricantes de farinhas a declarar, no praso de 8 dias, á mesma Direcção Geral de Agricultura, a quantidade de trigo nacional da actual colheita que tenham.

Art. 7.º—A *todos* aquelles que se eximirem ao cumprimento do disposto nos artigos anteriores, ou façam declarações menos exatas será applicada a multa de 50 centavos por cada kilo de trigo da farinha que lhes seja encontrada.

Art. 8.º—Para tomar effectivas as disposições anteriores procederá o governo á fiscalisação que julgar mais conveniente.

Art. 9.º—A fim de favorecer as precarias condições da agricultura e facilitar o immediato transporte do trigo nacional, concede o governo o *bonus* de 25 0/0 nos caminhos de ferro do Estado sobre a tarifa que lhe é applicada.

Art. 10.º—Fica revogada a legislação em contrario.

NOTAS DIVERSAS

A direcção da Associação de Conductores de Obras Publicas e Minas procurou hoje o sr. ministro do fomento para lhe apresentar um resumo das pretensões da classe, taes como mudança de designação e melhoria moral e material.

—Em visita ás fabricas de vidros, segue ámanhã para a Marinha Grande, acompanhado de sua esposa, o delegado de companhia sr. Vieira da Cruz.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 11/16	35 9/16
Londres, 90 d/v.. . .	36 3/16	—
Paris, cheque. . . .	$72	$72,7
Allemanha, cheque . .	$28,2	$28,7
Hollanda, cheque . .	$56,5	$57,5
Madrid, cheque . . .	1$34	1$35
New York	1$40	1$41
Rios/Londres. . . .	13 1/8	—
Libras.	6$85	6$95
Agio do ouro. . . .	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,15
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Externas: 1.ª serie 72$50, 2.ª 71$50 e 3.ª 74$50.

Acções: Lisboa e Açores 114$50; Assucar 39$90; Phosphoros, coup. 51$; Tabacos 73$90.

Obrigações: Prediaes 6 0/0 105$50 e 5 0/0 87$; Ultramarino, hipothecarias 93$70; C. Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie 77$90; C. do Ferro de Benguella 77$

SPORT

Explica-se o motivo por que os soldados de French são excellentes combatentes

Analysando as rudes peripecias de campanha na guerra actual, todos reconhecem que o soldado inglez é de pasmosa resistencia.

Aquelles que tal affirmam mostram-se maravilhados. Nós, porém, não sentimos surpreza admirativa, porque sabemos que o exercito do marechal French é constituido, na sua maioria, por homens que praticavam o sport, todos elles primorosos athletas, bellos marchadores, rapidos pedestrianistas, «foot-ballers» que teem folego para uma partida renhida de duas horas e mais.

Os telegrammas noticiosos citam a brilhante cooperação da London Rifle Brigade e da London Scottish. Ora, nós sabiamos antecipadamente que esses batalhões haviam de salientar-se. Porquê? Pela razão seguinte de que possuimos alguns «relatorios sportivos» de esses dois corpos, fazendo justa homenagem aos seus athletas. O mais elucidativo é o seguinte e tão elucidativo que dispensa commentario.

«...Em plena ordem de marcha, isto é com o carregamento e equipamento do soldado inglez, tudo n'um peso approximado de 24 kilos, um grupo de 60 homens abandonou ás 7,30 de sabbado a Duke de York Column, acclamado pela multidão e marchou, n'um passo certo, rapido, rythmado, para a conquista das 52 milhas que separam Londres de Brighton.

«A's 10,59, o grupo atravessava Coulsdon (14 milhas), ás 2,29 Crowfield Heath (27 milhas), ás 5,52 Bolney (38 milhas), ás 8,9 Pyccombe (46 milhas) e ás 9,53, emfim, fazia a sua entrada triumphal em Brighton.

«Os «sportsmen» não eram esperados senão ás 10 e meia, mas ás 9,25 já a noticia se havia espalhado:

«—Elles chegam!

«N'um arranco de enthusiasmo, centenas de pessoas foram ao seu encontro. Depressa, um grupo de homens cobertos de poeira e alguns ciclistas appareciam no horisonte. Depois todo esse esquadrão avançava em ordem.

«Não tinham o aspecto de gente que marchou toda a noite; as fileiras estavam bem desenhadas, o alinhamento correcto e o passo regular.

«A cara ligeiramente corada, as pernas poeirentas, aqui e além um collarinho desabotoado, indicavam apenas o comprimento da estrada...

«Não houve uma queda, uma desistencia n'este terrivel percurso. Todos estavam encantados com o acolhimento e porque haviam batido o «record» que pertencia desde ha tres mezes á London Scottish, por 2 horas e 17 minutos.

«Estes «recordmen», como se haviam alimentado? De sandwiches e de bananas, de que haviam feito largas provisões, de puding de arroz e de «flan» adocicado.

«E o que fizeram depois?

«Tomaram um banho, comeram um lunch e foram passear pela cidade! Isto até á tarde em que foram de comboio para Londres, a grande cidade que absorvia as suas occupações semanaes, de empregados de bancos e companhias de seguros».

Nota do dia

A festa de domingo no Stadium

Eduardo Ferreira, ciclista da «velha guarda» e um enthusiasta pela benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, não descança, infatigavel, diligente, indagador, persistente nos pedidos, perguntador pelos melhores elementos de attracção tudo para melhorar o programma da festa que em beneficio da «Cruz Verde» se realisa no proximo domingo, no campo do Stadium.

O caso é que esse programma augmenta de attracções. Além dos ciclistas da «velha guarda», que reapparecem n'uma corrida «scratch», além de uma emocionante corrida de motocicletas, além d'uma corrida entre um tandem e um campeão ciclista, affirma-se que Eduardo Ferreira conseguiu a organisação d'um grande desafio de «foot-ball» entre marinheiros da armada, constituindo dois poderosos «teams» que rivalisam com os melhores da Associação.

O certamen infantil da Praia das Maçãs

Amanhã, ás 8 horas da noite, reunem em casa do bemquisto e arrojado proprietario da Praia das Maçãs sr. Antonio Garcia de Castro os amigos, os frequentadores e alguns proprietarios da famosa praia, agora muito e selectamente concorrida e até muito animada, com os seus concertos musicaes á noite. Vão esboçar o programma da grande festa infantil que o sr. José dos Santos Mattos, dr. José Pontes, Antonio de Castro e José Bento da Costa projectam para um dos proximos domingos.

Affirma-se que a festa será concorrida com alguns dos melhores elementos do meio athletico lisboeta.

Algumas anecdotas

Schackman teve medo de ser envenenado...

O nosso Schackman, o celebre Schackman, quando veiu a Lisboa pela primeira vez, causou alvoroço na população alfacinha, que todas as noites, no Colyseu, o mimoseava com batatas, bengalas e insultos! Uma vez atiraram-lhe com uma laranja. No camarim, terminada a lucta, disse para o seu companheiro Milo:

—Se soubesse que me atiravam mais laranjas, tinha dado mais quatro soccos no Pietro...

—Talvez ámanhã sejas feliz, no desafio-desforra com elle...

No dia seguinte, Schackman fez o diabo com Pietro. Bateu-lhe, mordeu-o, esbofeteou-o! O publico protestava gritando. Sobre o «ring» choviam projecteis varios e de repente cahiu uma laranja. Schackman, como um animal selvagem, lança-se sobre a laranja...

No camarim, Milo, para brincar á custa d'elle, foi procural-o e reprehendeu-o:

—Para a outra vez não cômas o que atiram. Pódes soffrer algum desgosto...

E accrescentou, para «carregar» a partida:

—Os portuguezes costumam lavar a fructa com sublimado!...

Mal disse a phrase, Schackman tornou-se livido e encostou-se a uma meza, cambaleante!

—Depressa, depressa, chama um medico...

—Para quê?—inquiriu Milo.

—E' que estou envenenado...

—Qual historia, por comeres a laranja? O veneno não chega dentro...

—Mas não agora, desgraçado!... é que comi a laranja com casca e tudo!...

Noticias

Entre nós

Passeio ciclista

Realisa-se no dia 29 de agosto um passeio ciclista promovido pelos srs. Norberto Gonçalves, João Nazareth Lisboa, João Francisco Soares, a Cintra, Praia das Maçãs e Collares.

Já estão inscriptos bastantes ciclistas.

Uma festa na Amadora

No sabbado, 4 de setembro, realisa-se na Amadora, uma festa de «sport», promovida por gymnastas de Lisboa e cujo programma comprehende «forças combinadas», «ju-jutsu», lucta, pesos, gymnastica de apparelhos, etc.

Gimnasio Club Portuguez

As classes de natação em Pedrouços, na Escola Awata, (estabelecimento de banhos do Roque), já estão funccionando todas as manhãs das 7 3/4 ás 8 3/4, podendo os socios inscriptos aproveitar para a ida o comboio que sahe do Caes do Sodré ás 7,15.

Taça Club Naval de Lisboa

No domingo, pelas 13 horas, disputam-se os penultimos «matches» de water-polo do campeonato em serie organisada pelo Club Naval.

N'esse dia jogam, em primeiro logar, o Club Internacional de Foot-ball contra o Sport Algés e Dáfundo, arbitrando esse «match» João Formozinho, do Gymnasio Club Portuguez.

E' um dos «matches» mais interessantes do kalendario, pois que ambos os grupos anceiam pela victoria final, de que o Algés tem poucas probabilidades dada a derrota que o Club Naval lhe infligiu no dia 14 do corrente, apoz uma brilhante resistencia.

Além d'este desafio um outro não menos curioso, entre o Gymnasio Club Portuguez e o Club Naval, o primeiro capitaneado pelo já celebre nadador João Formozinho que está disposto a oppôr a maior resistencia ao grupo adversario.

Arbitrará este desafio, Carlos de Sá Pereira, da Associação Naval de Lisboa.

Grupo Sportivo da Sociedade J. R Cordeiro

Decorreu animadissimo o sarau que se realisou no domingo passado na esplanada d'esta sociedade, seguindo-se baile, que durou até de madrugada. Todos os numeros foram executados com toda a correcção, sendo muito applaudidos.

—A commissão sportiva, a pedido de uma commissão de senhoras, frequentadoras da sociedade, vae realisar um «pic-nic» a Bellas, no dia 19 de setembro, e alli haverá provas sportivas para damas e cavalheiros, havendo lindissimos premios para os primeiros e segundos classificados.

—Para distribuição dos mesmos premios, resolveu a commissão sportiva realisar um sarau no dia 26 do mesmo mez.

Missão «Scouting»

Realisa brevemente a sua apresentação n'uma grandiosa sessão em que tomará parte a União dos Escoteiros Luzos. O fim d'esta missão que é composta por escoteiros e aduceiros é fazer em todo o paiz a propaganda do Scouting (escotismo e aduarismo) fazendo o percurso durante toda a viagem, a pé. Aguardam informações e documentos officiaes para ultimarem definitivamente o dia da partida que deve ser entre 29 e 31 do corrente.

Desafio de «box»

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

«Sr. redactor.—Tendo no seu muito acreditado jornal lançado um desafio de «box» a todos os profissionaes, o qual não foi acceite e encontrando-se n'este momento em Lisboa o campeão americano «Blink Mac Closkey», abusando da sua generosidade, venho por intermedio do seu mui lido jornal, desafiar o mesmo senhor, para um «match» de «box», e a que me vença em vinte «rounds». Agradecendo a publicação sou de v., etc.—*João d'Azevedo.*

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — Não ha espectaculo.

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa Tirana.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Amor de Principe.

Agenda da semana

A'MANHA—**Eden Theatro**—Primeira representação de *Berliques e Berloques*, quadro novo da revista *O diabo a quatro.*

SEXTA-FEIRA — **Avenida**—*As pillulas de Hercules*, reapparição de Angela Pinto.

Politheama — Primeira representação da revista de André Brun *Não desfazendo...*

Primeiras representações

Coliseu dos Recreios—A viuva alegre

A famosa operetta de Franz Lehar «A Viuva Alegre» foi hontem representada pela companhia italiana de Amadeo Granieri com arte, com movimento e com espectaculo de «mise-en-scene», constituindo a recita um grandioso successo theatral.

Os applausos foram unanimes e vibrantes, repetindo-se alguns numeros mais sugestivos entre os quaes a romanza de amor no terceiro acto que foi bisada. A sr.ª Granieri que se estreiou recebeu do publico os applausos a que tem direito pelo seu grande valor.

Tambem foram muito applaudidas a valsa do 1.º acto, o septimino comico do 2.º, e no 3.º o «duo» de «Glovary» e «Donilo».

Hoje canta-se o «Amor de Principe», a applaudida partitura de Edmundo Eysler que entre nós sempre tem feito successo.

E' justo confessar que de todas as companhias que nos teem visitado, a Granieri é que mais tem agradado no «Amor de Principe».

Sabbado, os «Milhões de miss Mabel», operetta de grande espectaculo e absolutamente nova em Portugal.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil — Sonho guerreiro —Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paraiso, *matinées* diarias e sessões á noite: Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A liberdade de consciencia nos hospitaes francezes

De accordo com o ministro da guerra, o sub-secretario de Estado do serviço de saude militar apresentou ao conselho de ministros, que a approvou, a seguinte proclamação para ser affixada em todas as enfermarias dos hospitaes:

«Feridos: Emquanto a nação armada n'uma revolta enthusiastica, se atirava contra o inimigo, uma commovedora mobilisação de dedicações punha numerosissimos voluntarios ao serviço dos hospitaes. E' o paiz inteiro, representado por tantas mulheres de coração generoso, que no serviço de saude está ás vossas cabeceiras, pensando-vos carinhosamente as feridas.

Se ámanhã, já restabelecidos dos ferimentos, alguma gloriosa deformação vos diminuir as forças para o trabalho, a nação saberá pagar-vos a sua divida. Disfructae, pois, o repouso devido aos valentes feridos no campo da batalha, sem preoccupações de espirito, na certeza de que estaes aqui sob a protecção da sciencia e da solidariedade nacional.

Os vossos corpos, endoloridos pelas balas ou pela doença, estão captivos do soffrimento, mas o vosso espirito mantem-se livre. A vossa dignidade do soldado engrandecida pelo legitimo orgulho do dever cumprido exige que se respeitem os direitos da vossa consciencia, se não ataquem as vossas convicções.

A Republica fará com que assim seja. Tendes o pleno direito de praticar a religião que professardes; tendes o pleno direito de vos manterdes alheios a qualquer religião.

A patria, reconhecida, entende que, como feridos, deveis ser tratados com os mais esclarecidos e fraternaes cuidados, e que, como cidadãos, deveis ser respeitados.

Em torno dos que soffrem deve reinar a tranquillidade moral. Não se pode negar a liberdade aos que se bateram pela liberdade do mundo!

Tal é a absoluta vontade dos patriotas que agrupados na União sagrada se impuzeram o dever de só ter em vista a França; e é esta tambem a vontade do governo. Tem que ser por todos acatada.

O ministro da guerra—*A. Millerand.*
O sub-secretario de estado do serviço de saude militar—*Justin Godart.*

Movimento maritimo

R. Jan., S. e R. Pr., «Demerara» (Liv.) 19

ram impotentes devido á bravura dos alliados.

O kaiser estava-se preparando para a sua segunda grande tentativa em 1914 para tomar Ypres e alcançar uma victoria decisiva ao norte do Lys.

No dia 8 de novembro, o duque de Wurtemberg recomeçou o seu ataque contra Dixmude. Uma lucta violenta continuou em roda de Bixschoote. A's 2 horas e meia da tarde o inimigo conseguiu romper a linha de sir Douglas Haig ao norte da estrada Menin-Ypres. Apoz uma lucta violentissima que durou quasi até ao anoitecer os allemães foram repellidos ao sul de Ypres, os francezes avançaram e a artilharia alliada fez deter os reforços que iam para o inimigo o qual ainda estava no bosque de Ploegsteert. Entre o Lys e a esquerda do exercito de Maud'huy dois ataques foram repellidos e um assalto allemão batido. Pelejou-se a todo o longo da linha. O plano allemão era, antes das suas ultimas reservas entrarem em acção, extenuar os cançados soldados inglezes, que elles julgavam estar proximos do fim dos seus recursos. Na realidade, os unicos reforços utilisaveis immediatamente eram pequenos em numero, consistindo apenas nos regimentos Norte Somerstshire, Leicestershire, Northamptonshire e Oxfordshire da Yeomanry (Territorial) Cavallaria e do Hertfordshire Regimento de Infantaria, da Companhia d'Artilharia e dos Westminster Batalhões da Rainha de Infantaria Territorial.

O London Escocez, o Hertfordshire Territoriaes e o Somerset e Leicestershire Regimentos de Yeomanry com mais tres dos enfraquecidos batalhões do segundo corpo estavam sob o commando de sir Douglas Haig. O London Escocez estava nas trincheiras Klein Zillebeke.

O dia 9 foi de relativo socego. O kaiser estava tomando as suas ultimas medidas para o seu golpe final. Duas divisões da Guarda Prussiana estavam sendo transferidas para a região de Arras por Courtrai até ás proximidades de Gheluvelt. Essas tropas eram as destinadas a dar o golpe de mizericordia.

Foi o ultimo e desesperado esforço dos allemães para esmagarem os inglezes com o pezo do seu numero. Lord Kitchener, n'essa noite, dizia, ao falar no banquete do lord mayor, que «os exercitos não se podem fazer surgir com um golpe de varinha magica», mas entre a pacifica população do Reino Unido «um milhão e um quarto» de resolutos e valorosos voluntarios se estavam transformando em soldados.

Com uma clareza digna de louvor, o minstro da guerra inglez recordava aos seus ouvintes que «o inimigo tinha de luctar com as forças dos grandes Dominios, á vanguarda das quaes demos já as boas vindas nos magnificos corpos formando os contingentes do Canadá e de Newfoundland, emquanto da Australia e da Nova Zelandia e outras partes estão vindo n'uma ininterrupta successão soldados para se baterem pela causa imperial». As tropas indias «foram para o campo de batalha com o maior enthusiasmo». Quanto aos francezes: «estamos combatendo lado a lado com os nossos camaradas francezes ha quasi tres mezes e dia a dia augmenta a admiração que as nossas forças sentem pelo glorioso exercito francez», emquanto «o que os belgas soffreram e fizeram fez nascer uma admiração inextinguivel e illimitada». Taes foram as sobrias palavras d'um dos mais experientes soldados da actualidade.

«Sob a direcção do general Joffre, que é não só um grande commandante militar, mas um grande homem—disse ainda lord Kitchener—podemos confiadamente esperar no exito das forças alliadas no theatro occidental da guerra».

Em quasi todas as partes, excepto na Turquia, que tinha acabado de declarar guerra aos alliados, o kaiser e os seus conselheiros tinham visto falhar os seus planos. «No leste os exercitos russos, sob a brilhante direcção do gran-duque Nicolau, alcançaram victorias do maior valor e da maior importancia estra-

No dia 5, com um bello tempo, os francezes ao romper d'alva assaltaram o Castello e apoderaram-se do parque e da herdade. Mas todos os seus esforços para tomar o Castello, que respondia ao ataque com fogo de metralhadoras, foram impotentes.

grande parte das tropas do duque de Wurtemberg, que, a não ser assim, teriam avançado sobre Bixschoote e Zonnebeke.

No dia 3, o 6.º corpo bavaro e a 25.ª divisão do 13.º corpo d'exercito haviam-se esforçado por avançarem

O grão-duque Nicolau

A 42.ª divisão, deixando duas baterias de «75» com Ronarc'h, recuou para Dixmude.

Embora essa offensiva e as do Forte de Knocke e Noordschoote não tivessem sido bem succedidas, tinham tido o effeito de conter uma

sobre Ypres da linha Wytschaete-Hollebeke, mas haviam sido batidos e obrigados a recuar pelos francezes e inglezes. Entre Wytschaete e o Lys a lucta fôra violenta e o inimigo avançára pelo norte do bosque de Ploegsteert para Wulverghem. Houvera tambem lucta mais ligeira

ao sul do Lys e para além da ala direita algumas granadas haviam cahido em Béthune.

Trez divisões francezas tinham agora guarnecido as trincheiras e no dia 4 um reconhecimento fôra feito de Nieuport na direcção de Lombartzyde, e a artilharia allemã tomára posição proximo de Westende. Na fronte do Yser descobrira-se que fracas retaguardas guarneciam as pontes em St. Georges, Schoorbakke e Tervaete, assim como certas herdades na margem esquerda do canal em redor de Oud Stuyvekenskerke.

O estado maior allemão no dia anterior confessára a sua derrota no Yser. «As nossas operações ao sul de Nieuport—dissera elle—tornaram-se impossiveis devido á inundação, pois a agua n'alguns pontos era mais funda que a altura d'um homem. As nossas tropas retiraram da região inundada sem terem a minima perda em homens, cavallos, canhões ou vagons.»

Era uma mentira.

No dia 4 de manhã uma quasi ininterrupta columna de todas as armas, estendendo-se de Leke por Thourout, estava passando para leste e muitos comboios de Thourout dirigiam-se para Roulers e Deynze, que é uma cidade no Lys entre Ghent e Courtrai.

Em redor de Dixmude, como já narrámos, Grossetti atacou o Castello de Woumen, mas, ao sul, os allemães arrazaram Bixschoote.

Que conservavam ainda firmeza de espirito mostra-o a carga de cavallaria dada ao escurecer contra as trincheiras francezas. Como os lanceiros polacos arremeçados por Napoleão contra os entrincheiramentos hespanhoes em Somosierra, esses bravos cavalleiros avançaram a galope. O cavallo morria, mas muitos cavalleiros continuavam a carga a pé até o ultimo sobrevivente ser morto no parapeito da trincheira.

Foi uma das poucas occasiões em que a cavallaria allemã se distinguiu na guerra. Alguns ataques contra o primeiro corpo foram facilmente repellidos e a oeste do canal Comines-Ypres os francezes, sob a protecção dos canhões alliados e apezar do fogo da enorme massa d'artilharia do inimigo, ganharam algum terreno.

Ao sul do Lys o terceiro corpo não foi atacado e á direita, depois do escurecer, as tropas indias apoderaram-se d'algumas das trincheiras allemãs e guarneceram-nas. Carnot e Englos, dois dos velhos fortes de Lille, foram parcialmente destruidos pelos aviadores francezes e inglezes n'esse e nos dias seguintes.

No dia 5, os belgas avançaram para leste de Nieuport e um destacamento de marinha de Ronarc'h reoccupou Sud Stuyvekensjerke. Ao sul de Dixmude, embora o Castello de Woumeu continuasse sem ser tomado, os francezes alcançaram uma victoria. Desalojaram o inimigo de Bixschoote.

A lucta perto d'esse local foi violentissima. Os francezes resistiram com valentia, mas os allemães não deixaram de atacar apezar das suas enormes perdas. A' tarde voltaram á carga, com tropas frescas. Uma trincheira foi perdida e retomada sete vezes durante o dia.

A leste de Ypres houve uma acalmia na tormenta e sir John French substituiu parte do primeiro corpo por onze batalhões do segundo. Esses batalhões estavam um tanto ou quanto enfraquecidos, sendo o exemplo mais frisante d'isso a 21.ª e a 22.ª brigadas da 7.ª divisão d'infantaria. Da primeira d'ellas só oito officiaes de 120 e 750 homens de 4.000 restavam. A 22.ª contava apenas 4 officiaes e 700 soldados.

O 2.º regimento de Fuzileiros Reaes Escocezes—um dos regimentos da 21.ª brigada—desembarcára no dia 6 d'outubro em Zeebrugge, na força de 1.000 homens. Estava agora reduzido a 70 homens commandados pelo subalterno mais novo.

Estes numeros são de per si eloquentes indicações do que tinha custado á divisão de Capper um mez de marchas, entrincheiramentos e luctas.

Ao sul de Ypres, que de novo começou a ser bombardeada, os francezes avançaram um pouco e Wytschaete, Messines e as trincheiras allemãs no lado da extremidade oriental de Mont-des-Cats foram bombardeadas pela artilharia alliada.

Apoz um dia de relativa inacção, os allemães retomaram a offensiva. Atacaram Bixschoote e tentaram penetrar em Ypres entre a estrada Menin-Ypres e o canal Comines-Ypres. Em Bixschoote foram repellidos, mas as tropas francezas que guarneciam o espaço desde Klein Zillebeke até ao canal recuaram. O general Kavanagh, com a 7.ª brigada de cavallaria, foi em seu auxilio. O 1.º e o 2.º regimentos de Guardas, com o de Azues na reserva além do centro, desenvolveram-se ao norte da estrada Zillebeke-Klein Zillebeke.

Os francezes pararam e contra-atacaram, mas proximo de Klein Zillebeke os allemães, que haviam sido reforçados, voltaram á carga. Os francezes cederam e o general Kavanagh, para deter a torrente, teve de desenvolver pela estrada dois esquadrões a pé. Foi uma mistura de inglezes, francezes e allemães e a 7.ª brigada de cavallaria foi forçada a retirar para as trincheiras de reserva.

A situação era muito critica, mas lord Cavan, com a 4.ª brigada d'infantaria, que estava á esquerda dos francezes, desceu sobre o flanco allemão e restabeleceu a linha. Não eram ainda duas horas da manhã quando o combate cessou. O coronel Gordon Wilson, que commandava o regimento de Azues, e o major Hugh Dawnay foram mortos e a 7.ª brigada de cavallaria teve grandes perdas. Pelos serviços que prestou, o general Kavanagh foi louvado pelo generalissimo sir John French.

Emquanto a lucta se estava assim travando em Klein Zillebeke, os francezes de novo avançavam e assaltavam Wytschaete e Messines. Ao sul do Lys, á noite, os allemães deram dois ataques que não foram bem succedidos. Na direita um automovel blindado inglez vindo de Béthune bombardeou as trincheiras allemãs em roda de La Bassée.

No dia 7, houve novo recontro proximo de Bixschoote.

O primeiro corpo entrou no combate ao longo da estrada Menin-Ypres e a linha ingleza teve de recuar durante algum tempo, e ao sul da estrada do inimigo chegou a Zillebeke. Um contra-ataque pelo 1.º regimento do Sul Staffordshires, valentemente commandando pelo capitão J. F. Vallentin, que foi morto, terminou pela tomada das trincheiras inimigas.

Os Guardas Irlandezes, obrigados a retirarem durante a noite devido a os francezes terem abandonado as suas trincheiras á direita, retomaram por meio d'uma carga de baioneta a sua posição do dia anterior. Ao sul de Ypres, desde o canal até proximo de Klein Zillebeke, em roda de Wytschaete até ao bosque de Ploegsteert, a lucta continuou com furia crescente, derrotando os francezes todos os avanços dos allemães, que estavam sujeitos a uma saraivada de granadas das posições na cadeia de Mont-des-Cats.

As trincheiras na orla do bosque de Ploegsteert haviam sido tomadas durante a noite pela infantaria saxonia. Um contra-ataque dado pelo Lancashires de Leste findou por retomar muito do perdido terreno.

Para auxiliar as tropas n'esse bosque, a 22.ª brigada d'infantaria, que estava gozando um repouso que bem merecera em Railleul, foi mandada avançar no dia seguinte para a aldeia de Ploegsteer. Ao mesmo tempo a 3.ª divisão de cavallaria, de Byng, occupou a direita das trincheiras de lord Cavan.

O facto da *22.ª brigada d'infantaria* e até mesmo a 3.ª divisão de cavallaria tão rudemente experimentada terem sido empregadas como reforços mostra as difficuldades que sir John French tinha de vencer com as poucas tropas que tinha ao seu dispôr. O kaiser tinha mais e mais frescas tropas de que lançar mão, mas todos os seus esforços fo-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1810 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 19 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298.—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Dentro da lei

Os receios que porventura se sentiram perante a eclosão de gréves recentes parece que se devem considerar dissipados. Nota-se nas classes, sem duvida preoccupadas com a gravidade da situação presente, o proposito de não a aggravar com agitações descabidas, e que seriam lamentaveis sob todos os pontos de vista. Mesmo no Porto, onde a gréve graphica attingiu maior extensão, o conflicto se encontra em via de conclusão, chegando-se a um accordo que concilie patrões e operarios.

Não nos cançaremos de apoiar este espirito de ponderação. Não negamos a justiça da maior parte das reivindicações proletarias. Entendemos que ellas teem não só o direito de se exprimir como é licito e esforço para se fazer triumphar. Mas não se póde abstrahir dos interesses geraes; a ninguem é dado alhear-se da sociedade em que vive, da patria a que pertence, nem podem prejudicar-se principios que teem a maxima importancia social e humana. As circumstancias propiciam ou inhibem as pretensões, por mais justas, das classes e dos individuos. As circumstancias actuaes, em Portugal, admittem os estimulos, mas não permittem as revoltas.

O operariado portuguez sabe que a Republica representa um grande passo dado no caminho do progresso, que deve satisfazer as suas legitimas aspirações. Ferir a Republica, ou abandonal-a aos golpes dos seus inimigos, seria contrariar a sua propria causa. E sabe tambem que dentro da Republica é possivel, e mesmo logico, o exito das suas reivindicações, ainda as de mais dilatado horisonte e do mais elevado alcance.

Uma Republica póde, pelas imperiosas circumstancias em que surge, vêr-se ligada durante mais ou menos tempo a tradições, costumes, preconceitos proprios das instituições que substituiu e do passado de que se affasta. Mas a sua transformação progressiva, n'um sentido de maior liberdade, quer politica, quer economica, é não só possivel, como natural. Dentro da formula republicana cabem doutrinas que, de outra fórma, só poderiam surgir á luz entre os incendios revolucionarios.

O operariado portuguez tem que zelar a existencia da Republica. Defenda os seus interesses, propugne pela sua causa, imponha mesmo a sua justiça com a força formidavel do seu direito e do seu numero,—mas tudo dentro da Republica. Tudo o que signifique um ataque á Republica implica um ataque á sua causa. Assim o comprehenderam, ha dezeseis annos, no maior auge da questão Dreyfus, os elementos mais avançados do proletariado francez. Ao perceberem as manobras dos reaccionarios, resuscitando o espirito militarista para esmagar a democracia, até os anarchistas acclamaram o presidente da Republica, na celebre jornada de Longchamps.

A mesma attitude será necessariamente a do operariado portuguez. Elle tratará de fazer valer os seus direitos, de defender os seus interesses. Mas só o fará estudando conscienciosamente as questões, procurando dentro da lei e da ordem resolvel-as, não deixando que paixões sectarias, ambições de qualquer especie, especulações de qualquer natureza, animosidades pessoaes ou espirito de retrocesso aproveitem as suas legitimas reivindicações para os seus illegitimos designios.

A Republica, para o povo, é inviolavel. E para que essa inviolabilidade se mantenha é preciso o respeito escrupuloso da Constituição, o acatamento da lei, em que esse povo venera a sua propria soberania.

Poeira da Arcada

Na vida portugueza, de tempos a tempos, produzem-se situações confusas, quasi se dando um d'aquelles casos em que se invertem todas as noções sobre que assentam os raciocinios elementares do agricultor, do commerciante, do politico, do escriptor e até do simples espectador.

Quem possa dispor de uns minutos para reflectir que examine conscienciosamente as sombras que, deante dos nossos olhos, se ajuntam. Espectaculo desesperador? Ignoramos. Mais do que nunca, hoje se exige um rude concurso de vontades, de rijos pulsos, a fim de fazer face a tantas forças hostis. Se este quasi milagre se não produzir, a nossa raça terá a sua hora de elegia, de confrangente amargura.

***

Porque se escusam tantos dos individuos escolhidos para proceder á separação dos funccionarios desaffectos ao regimen? N'esta pergunta ha materia para largas cogitações. Que as façam todos os que, no seu amor á Republica, colhem a inspiração sufficiente para lhe encararem o porvir, fóra de paixões e interesses vis.

***

N'estes mezes canicularès, milhares de portuguezes pedem ás ondas do Oceano um pouco de perpetua juventude que ellas impeccavelmente conservam nas suas espumas, que nascem e renascem entre minuto e minuto. Nem todos, porém, são attendidos.

O mar, assim como os deuses, só se deixa adivinhar e, portanto, amar, por quem não tenha uma alma vulgar ou interesseira.

A sua energia indomita não cede ás queixas de mesquinhos pedinchões. Estes olham para elle pouco encrespado e ruidoso, sem o comprehenderem.

O tedio invade-os; bocejam interminavelmente.

As ondas desdenham os esgares humanos. Onde o homem se revela abaixo do segredo das coisas, ellas, obedecendo ao movimento constante que as gera e faz succumbir rapidamente, pregam sempre, sempre, a constancia no esforço, na gloria de crear, de erguer, n'um segundo, as fórmas alvas de uma miragem.

***

Conhecemos um advogado a quem lançaram, relativa ao anno de 1914, uma contribuição industrial de noventa e seis escudos e vinte e dois centavos.

Esta foi a maior surpreza da sua carreira profissional. Desde que abriu banca até á data, ainda não ganhou o sufficiente para pagar tão grossa somma. O Estado, que nunca o beneficiou em coisa alguma, não deixou passar esta gratissima occasião para lhe augmentar as suas prosperidades.

Dr. Bernardino Machado

Os discipulos de Francisco Giner saudam o presidente eleito

O sr. marquez de Palamares, presidente da «Institucion libre de Enseñanza», escreveu de Santander ao sr. dr. Bernardino Machado, em nome da mesma corporação, uma carta de calorosas felicitações pela sua eleição á presidencia da Republica. N'essa carta lê-se o seguinte:

«Ao felicitar V. Ex.ª, felicitamos tambem o paiz irmão que soube, em occasião tão critica, eleger para o representar quem, como V. Ex.ª, reúne as maiores qualidades. Para nós, alumnos da «Institucion», recordando sempre e em todos os momentos o nosso amado mestre D. Francisco Giner, a eleição de V. Ex.ª para a direcção moral d'esse paiz a que elle tanto queria, traz-nos innumeras recordações e faz-nos pensar no immenso prazer que elle teria sentido ao conhecer este facto.»

O sr. dr. Bernardino Machado tambem recebeu um telegramma de felicitações do sr. dr. Ferreira Botelho, director e proprietario do «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro».

Migalhas

Ideia fixa

Era um bello homem, chefe de familia honrado; mas tinha aquella ideia fixa. Sahiu uma bella manhã de casa e foi postar-se na tal esquina. Esperou pacientemente todo o dia. A noite cahiu, foi-se tornando espessa, clareou a madrugada, rompeu o sol. O homem não arredou pé. Passou mais um dia e ficou ali, sempre firme. A familia inquieta mandou-o procurar pela policia. Descobriram-n'o sem difficuldade e elle explicou o caso: Não sahiria de aquelle sitio sem ter realisado o seu innocente desejo. Vieram amigos e quizeram dissuadil-o; veiu a mulher trazendo os filhos a reboque e todos, á força de carinhos, quizeram demovel-o do seu proposito. Nada conseguiram. O homem foi vendo correr os dias, os olhos fixos no sitio onde havia de surdir aquillo que elle esperava.

Passaram os factos e encontraram-no de sentinella. Decorreram os acontecimentos e viram-no sempre de atalaia. E, com os acontecimentos e os factos, os annos foram deslisando. Na esquina que escolhera para pouso, o nosso amigo organisára a sua vida. Ali tratava negocios, ali recebia visitas. Cresceram-lhe os filhos, nasceram-lhe os netos, o cabello embranqueceu-lhe a pouco e pouco e, um dia, a Morte, que por ali passava, reparou n'elle e tocou-lhe no hombro com a sua aza negra.

O maniaco cahiu doente, peorou e morreu. Assistiram aos seus ultimos momentos os que lhe eram queridos e muitos dos conhecidos, a quem o caso interessára.

No dia seguinte levaram-no e aquelle desgraçado, que passára annos da sua vida á esquina da Avenida á espera de poder tomar o elevador da Gloria, descançou finalmente no cemiterio sem ter podido satisfazer a sua mania innocente, a sua tão singela ideia fixa.

André Brun.

AS FINANÇAS MUNICIPAES

Só sob o patrocinio do governo devem as camaras de futuro contrahir emprestimos

E' evidentemente excessivo dizer uma vez mais que as finanças dos municipios teem andado sempre e andam ainda, salvo honrosas e raras excepções, verdadeiramente á matroca. E porquê? Por falta de administração, por deficiencia de zelo da parte dos que dirigem os negocios municipaes? Talvez, mas esse factor deve entrar como quantidade minima no descalabro financeiro a que chegaram muitos municipios d'este paiz. A grande causa de essa catastrophe, que em determinadas regiões tocou o derradeiro extremo, está na carencia de recursos de muitas camaras, as quaes, mal tendo para os seus gastos obrigatorios e diarios, não podem satisfazer encargos que sobre ellas se accumularam e que, levando-a á insolvencia, as inhibiram, por meio de operações adequadas, restabelecerem a normalidade economica na sua administração e realisarem obras e melhoramentos locaes inteiramente indispensaveis e inadiaveis.

—Foi a politica—elucida alguem que tem dedicado a estes assumptos longas horas de estudo—que contribuiu em grande parte para a desesperada situação em que certas camaras municipaes se encontram. Como sabe, n'outros tempos, o Credito Predial e a Caixa Geral de Depositos eram instituições essencialmente politicas. Quem queria dinheiro, quem pretendia contrahir emprestimos na primeira d'aquellas casas de credito tinha, primeiro que tudo, que dar provas de perfeita dedicação ao partido que estava no poder. E' que, no Credito Predial, mandavam e imperavam, alternadamente, o sr. José Luciano e o sr. Hintze Ribeiro. D'ahi... aquillo que todos nós sabemos. N'um dado momento, o Credito Predial arruinou-se, reconhecendo-se que só as camaras municipaes deviam a esse verdadeiro banco emissor, visto os seus emprestimos serem realisados todos em obrigações, para cima de dois mil contos. E esse dinheiro, se não estava perdido, não andava lá muito bem amparado, porque até hoje não consta que as camaras tenham pago ao Credito Predial os seus debitos, pelo menos em parte.

—E a Caixa Geral de Depositos?

—E' identica a situação, por terem sido contrahidos em egualdade de circumstancias os emprestimos que os municipios alli effectuaram. A politica tambem foi a mais forte garantia que o Estado obteve para os capitaes que emprestou. Succedeu, por isso, o que tinha que succeder. As camaras declararam-a sua insolvencia e passaram uma esponja sobre os seus contractos com a Caixa e com o Credito e prepararam-se para contrahir novos emprestimos sem, todavia, pensarem na maneira pratica de os pagarem. Entretanto, os tempos mudaram sensivelmente...

—E as camaras que não estão em completo equilibrio financeiro não teem quem lhes empreste um centavo.

—E' claro. O Credito Predial deixou de estar sob a influencia dos politicos para zelar apenas e com ferocidade os seus interesses. Quem offerece garantias levanta ali os seus emprestimos. Quem as não offerece—nem sequer vae bater á porta d'esse estabelecimento importantissimo. E' justo. Deve ser assim, porque os obrigacionistas que fornecem ao Credito o dinheiro com que elle transacciona teem de saber que as garantias que lhes offerecem são effectivas e positivas. Na Caixa Geral de Depositos dá-se o mesmo. O funccionario que preside aos destinos d'essa instituição defende-a com energia inquebrantavel. Resultado: não haver politica que d'ali arranque um milavo. A situação das camaras é, portanto, afflictiva. Mas urge pôr termo a tão extraordinario estado de coisas...

—Como?

—Chegamos ao ponto mais grave da questão. Não é tão difficil como parece fazer entrar na ordem as finanças municipaes, pelo que respeita a emprestimos. O sr. Urbano Rodrigues já hontem apresentou na Camara um projecto de lei que resolve o assumpto. Por esse projecto, bem interessante por signal, as camaras não podem, de futuro, realisar emprestimos sem a intervenção do poder central. Representará isso uma quebra da autonomia municipal? Não, porque o Estado apenas accede ás camaras como «avalista» ou fiador. As camaras cobram integralmente os seus rendimentos e impostos—uns directos outros por percentagens. Pois bem: approvado o projecto do sr. Urbano Rodrigues, a importancia d'esses impostos, recebida directamente pelo Estado por intermedio dos secretarios e thesoureiros de finanças, será destinada ao serviço dos emprestimos que se contrahirem, recebendo as camaras o excesso e, em tempo competente, os recibos dos juros e amortisações pagos. Assim, nem a Caixa Geral de Depositos nem o Credito Predial podem oppôr difficuldades na negociação do que queiram levantar dinheiro, visto essas operações ficarem inteiramente garantidas. Esta solução, ou outra parecida, impunha-se de maneira inadiavel, em tão afflictivas circumstancias se encontram, por esse paiz além, dezenas de municipios que, precisando impreterivelmente de dinheiro, não teem onde ir buscal-o. São estas as pequenas coisas a que é preciso ligar toda a attenção, porque são ellas, afinal, que constituem a vida em geral, interessando a toda a gente. O projecto do sr. Urbano Rodrigues não póde, pois, ficar esquecido, como tantos outros. O Congresso que o attenda, porque approvando-o presta ao paiz um serviço de valor inestimavel.

A ponte da Trafaria

Informam-nos de que, a não se darem as providencias necessarias, haverá talvez a registar este anno um desastre egual ao que se deu no anno findo, quando abateu a ponte da Trafaria. As estacas, corroidas na sua base pelo caruncho do mar, ameaçam completa ruina. Já ante-hontem cahiu uma. A falta de segurança é tal que a velha ponte toda estremece ao sopro do vento.

Os banhistas da Trafaria já enviaram um telegramma ao chefe do governo pedindo as reparações precisas. Até agora, porém, nenhuma providencia se adoptou. E' urgente substituir as estacas arruinadas, mas segundo consta tudo isto ainda dependente d'uma insignificante differença na arrematação dos Icros para que esse fim devem ser utilisados.

Sobretudo, nos domingos, em que a affluencia de visitantes é grande, mais para receiar se torna qualquer desastre. Se tal succeder, como no anno passado, não se poderá dizer que elle não podia ter-se evitado, porque não teem faltado instancias ás estações competentes para o impedirem.

Aviação militar

Para frequentar a escola de aviadores-pilotos offerece-se o sr. Francisco de Jesus Judas, 1.º cabo de telegraphistas de praça, que, n'uma longa carta que nos dirigo, diz ter já feito esse offerecimento em requerimento enviado ao ministerio da guerra.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados dos respectivos importancias.

repellimos um forte ataque o occupámos a importante posição de Marcottini.—(*Havas*).

O avanço allemão no Oriente

PETROGRADO, 19— Official—A esquadra inimiga tentou em vão retirar as minas da entrada do golfo de Riga. Na direcção de Dvinsky impedimos os allemães de passar á offensiva. Em Kovno os allemães lograram estabelecer-se nas fortificações da margem esquerda do Niemen a oeste do rio Essi e esforçam-se para passar para a margem direita, onde uma parte dos entrincheiramentos está em nosso poder ainda. No Bug repellimos a offensiva allemã, contra-atacando com exito, e tomámos algumas metralhadoras.—(*Havas*).

Pelo telegrapho

Como a Inglaterra fabrica munições

LONDRES, 18.—Além do registo nacional para o qual se estão colhendo elementos na Grã-Bretanha a respeito de todos os individuos comprehendidos entre 15 e 65 annos de idade, procede-se tambem á mobilisação industrial. O ministro das munições mr. Lloyd Georg annunciou que foram collocadas sob a fiscalisação do governo 345 fabricas; os donos terão um ordenado fixo; os lucros restantes revertem a favor do Estado. Em compensação, as fabricas que concordaram em suspender os seus regulamentos e costumes pelos quaes se regulava a producção. Mr. Lloyd George declarou a um representante do *Temps* que tomando 1 por unidade da producção de munições de guerra em setembro de 1914, a producção em julho de 1915 era representada por 50! A producção será 100 vezes maior este mez e augmentará enormemente de ora avante. Foram retirados das fileiras 12.000 artistas feitos, e alistaram-se 40.000 profissionaes para o fabrico de munições. Grandes estabelecimentos estão agora em plena laboração em varios pontos de Inglaterra com uma gigantesca e sempre crescente producção de munições. Segundo noticia official de Ottawa as encommendas de munições feitas no Canadá elevam-se a mais de 46 milhões de libras esterlinas.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

A Grecia e as nações alliadas

ATHENAS, 19.—A crise prosegue normalmente. O rei recebeu o ministro de Inglaterra e convidou o ministro da Russia a ir ao palacio. O sr. Venizellos conferenciou com os ministros de França e da Russia.—(*Havas*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 18.—No valle de Backer conquistámos a segunda linha de entrincheiramentos, fizemos 40 prisioneiros e tomámos muitas armas e material. Deante de Colmino conquistámos os entrincheiramentos. No Corso

Os cardeaes irmãos Vannutelli

O fallecimento d'um d'elles

ROMA, 19.—Falleceu o cardeal Vannutelli.—(*Havas*).

Não diz o telegramma da Havas, sempre tão mesquinha nas suas informações, qual dos dois Vannutelli acaba de render o espirito. Supômos que fôsse o cardeal Serafino, o mais velho, da ha muito enfermo, e que em novembro proximo devia completar oitenta e um annos. Burguezes romanos, elle e seu irmão Vincenzo, apenas dois annos mais novo, e que ha um quarto de seculo deixou nome em Portugal onde foi nuncio, filhos de gente rica, subiram ambos até á purpura, que para os dois constituiu a corôa d'uma carreira brilhante, atravez das nunciaturas de ambos os hemispherios.

Serafino Vannutelli leccionou theologia e direito em Roma e exerceu successivamente o cargo de auditor no Mexico e em Munich. Em 1869 foi nomeado arcebispo titular de Nicéa e enviado como delegado apostolico junto dos governos do Equador e do Perú, da Colombia e da America central. Em 1875 dirigiu-se a Bruxellas como nuncio, passando em 1880 a exercer o mesmo cargo em Vienna, por terem sido interrompidas as relações da Santa Sé com a Belgica em 1879. Creado cardeal-presbytero do titulo de Santa Sabina em 1887, foi eleito arcebispo de Bolonha em 1893 e successivamente bispo suburbicario de Frascati e bispo de Porto e Santa Rufina, grande penitenciario, decano do Sacro Collegio, secretario do Santo Officio, etc.

Antes da abertura do conclave que elegeu Pio X, a maioria que se manifestou contra o cardeal Rampolla pareceu acceitar como chefe Serafino Vannutelli, mas se para conduzir á batalha, não para ser da lucta vieste a tirar proveito pessoal. Com effeito, apezar da sua carreira e das sympathias que contava no patriciado romano e nos paizes que servira como nuncio, Serafino, que afiaz tinha a admiração e o respeito dos seus collegas, foi posto de lado, porque não poucos cardeaes recearam que lhe fallasse pulso bastante firme para reformar a administração pontifical e que esta viesse a cahir, com elle, nas mãos d'uma familia numerosissima, vindo assim a resuscitar-se o nepotismo com os seus abusos. Alguns até apontaram como um grande obstaculo á sua candidatura a existencia no Sacro Collegio de Vincenzo, como se da eleição de Serafino resultasse de algum modo resultassem dois papas. No entretanto, Vincenzo Vannutelli fazia propaganda em favor de seu irmão, affirmando que, se elle fôsse eleito, não acceitaria cargo algum na Curia, e accentuando as sympathias de Serafino pela França, o que não significava que as nutrisse pelo seu governo, adverso á Egreja. Estas declarações alienaram ao Vannutelli «papabile» os suffragios dos amigos da Allemanha e dos partidarios da politica de conciliação para com o governo republicano, sem lhe ganhar os votos dos amigos da França e dos proprios francezes. Estes foram para o cardeal Rampolla, como se sabe.

Serafino Vannutelli, por occasião do conclave de 1903, substituiu, na qualidade de vice-decano, o cardeal Oreglia, enfermo, e como tal governou a Egreja na sua viuvez com o novo cardeal José Netto, decano da ordem dos presbyteros, e o cardeal Macchi, decano da ordem dos diaconos.

O octogenario purpurado, já quasi cego, quando Rampolla se finou, com estupefacção dos seus collegas foi á basilica de S. Pedro dar-lhe a absolvição final. A sua figura ainda magestosa, a sua voz cheia de gravidade, a placidez da sua phisionomia, impressionaram profundamente os que o criam incapaz de se erguer do seu leito de dôr.

A' morte de Pio X, se o seu nome porventura foi indigitado como possivel successor, em nenhuma base solida se firmava o boato. Serafino já então estava morto para a suprema fastigio da hierarchia ecclesiastica.

Noticias parlamentares

A tragedia das falsificações dos generos alimenticios teve hoje em scena, na Camara dos Deputados, mais um acto sensacional. O sr. Costa Junior é homem que não sabe desistir. Honra lhe seja. E por a pertinacia ser a qualidade preponderante do seu espirito, queremos que os cento e tantos falsificadores, que os tribunaes ainda não julgaram em que se sabe porque, vão sofrer o castigo que merecem e de que a publicidade é parte, e que é o que a publicidade do seus nomes no «Diario do Governo». Quando a justiça official falha, aquelles que a reclamam teem o direito de recorrer a outra. O sr. Costa Junior encontrou o «Diario do Governo» para a fazer por suas mãos. Ha venenos que se encontram nas raras vezes as colunnas de tão respeitavel gazeta nem tudo mais humanitaria applicação, apezar de, sob a cupula de S. Bento, abundarem moralistas que pensam o contrario.

***

O governo quer 16.000 contos para dar o exercito com os elementos de preparação que elle precisa para cumprir o seu dever. Certos elementos opposicionistas entendem que não se póde gastar tanto dinheiro e pouco falta para clamarem que a tropa tem tudo e que dar-lhe mais alguma coisa seria condemnal-a a uma indigestão de balas e de canhões, absolutamente perigosa. Benze-se a gente com tanta ingenuidade, e se ainda se deve andar nas boas graças dos espiritos supremos, que tudo dirigem, não se duvida pedir-lhes que nos illuminem para que se veja claro n'esta tenebrosa barafunda para onde a ignorancia nos arremessou. Quem pudéra acabar com ella d'uma vez para sempre!

***

Para o anno, realisar-se-ha no Porto o segundo congresso nacional da mutualidade portugueza. O sr. deputado Costa Junior apresentou hoje, por esse motivo, na Camara, um projecto de lei concedendo á Federação Nacional das Associações de Soccorros Mutuos o subsidio pecuniario de mil escudos, devendo a mesma federação submetter á approvação do governo o programma e regulamento do congresso. Assignam o projecto, além do sr. Costa Junior, os srs. Barbosa de Magalhães, Alfredo Ladeira, Pires de Campos e Sá Pereira.

***

Esteve hoje no Parlamento, em demorada conferencia com o sr. ministro do interior, o sr. dr. Antonio Leitão, governador civil de Coimbra, que se occupou, principalmente, de assumptos referentes á reforma da policia. O sr. dr. Antonio Leitão retirou hoje mesmo para Coimbra.

***

Continua na ordem do dia a nomeação do governador geral de Moçambique. Aos candidatos que primitivamente se apontaram juntam-se, dia a dia, outros. Hoje, por exemplo, affirmava-se que o nomeado seria o sr. Rodrigues Gaspar, actual ministro das colonias. Mas ao depois de que o sr. Norton de Mattos, logo que abandone o governo, será reintegrado no seu antigo cargo de governador geral d'Angola.

O OPERARIADO DO PORTO

Devia organisar-se economicamente, melhorando assim a sua situação—O seguro obrigatorio

Porto, 18 d'agosto

A situação do operariado no Porto é difficil—continua aquelle nosso entrevistado cujas observações vieram em «A Capital» de 11 do corrente;—mas não só do Estado, e antes, particularmente, da iniciativa e da conjugação de esforços do proprio operariado é que essa situação se poderá—já não digo remediar por completo,—mas, pelo menos, melhorar muito; tornar-se desafogada, jámais na hora presente que é cheia de incertezas e sobresaltos, mas para um futuro que não deverá estar muito longe.

«A actual movimentação de varias classes d'esta cidade, a sua attitude de protesto, as varias reclamações que fazem, o desassocego geral, o não saber-se o que será o dia de ámanhã, os boatos de uma gréve geral, que—diz-se—será votada no comicio que a Federação, representativa de 55 aggremiações operarias, quer realisar no proximo domingo—este gesto, este desespero torna a situação mais grave ainda—pelas consequencias que d'elle naturalmente advirão. E, por isso é que eu digo e affirmo que se torna preciso ponderar, meditar, para que esses generosos trabalhadores não caiam n'um abysmo por elles proprios cavado, para que não se precipitem.

«Primeiro que tudo, o operariado necessita collocar-se em condições de lucta: organisar-se methodicamente, socialmente, economicamente. Em Portugal, não sei se pelo clima, se pela educação—que tem sido mais palavrosa que pratica—os grandes problemas do trabalho, as relações entre operarios e patrões, as reformas da legislação, as questões de hygiene individual e industrial, tudo tem sido tratado apenas com rhetorica e sem elementos basicos de sciencia ou de economia geral.

—E que medidas entende v. ex.ª que o operariado deverá tomar, então?

—A primeira—e que só d'elle depende—é organisar-se economicamente. Dir-se que o operariado do Porto está organisado. E' um engano. Está organisado em associações. Mas não tem caixas de resistencia, nem cooperativas de producção e consumo.

«Algumas tentativas se teem feito n'este sentido, mas teem fracassado. Apenas—e isto lhe deveria servir de exemplo e incentivo—temos ahi a Casa do Povo com milhares de socios, com varias secções de trabalho, com filiaes de vendas, com cooperativas de producção, com magnifico edificio proprio, e cada vez mais prospera. Tem o seu jornal, «A Voz do Povo», a sua secção de enterros, etc. E' um exemplo que o proletariado do Porto devia seguir.

«Mas não só isto. Ha outras medidas que o operariado deve tomar e outras reclamações que deve fazer. Uma das primeiras seria o cuidar da sua assistencia. Não ha, no Porto, operariado é o que dá o maior contingente de subscriptores para as innumeras associações de soccorros que ha. Mas esta assistencia não corresponde ao que elle paga nas quotisações semanaes, nem lhe garante a vida, quando inhabilitado.

—Que deve, então, fazer?

—Reclamar a instituição de um seguro obrigatorio, como exista na Inglaterra, na França e na Belgica. Este seguro tem enormes vantagens. E, concorrendo para elle o operario, os patrões e o Estado, torna-se uma instituição em que todos são senhores, em que não ha dependentes.

«Nem dependentes, nem submissos, nem favorecidos. E' uma medida honesta, socialmente interessando a todos. Na Inglaterra, essa grande reação, foi o seguro do operario apresentado e votado por proposta do sr. Lloyd George, contra a invalidez, a doença e a velhice. Ao apresentar essa generosa proposta, o grande estadista disse que 30 por cento do pauperismo se devem á doença, e uma parte consideravel dos 70 por cento restantes á invalidez. O seguro é dividido em duas secções: obrigatorio e voluntario. Do obrigatorio só são isentos os soldados, os marinheiros, os professores e diversas cathegorias de funccionarios do governo para os quaes já haja fundos especiaes com egual destino. Os operarios serão, em todas as cathegorias consideradas eguaes. Pelo que respeita ao seguro obrigatorio, a contribuição consiste—para os homens—de uma quantia de 4 pence—a deduzir dos seus salarios hebdomadarios. Para as mulheres, 3 pence. O Estado contribuirá com 2 pence por cabeça e os patrões com 3 pence.

«Na França, em março de 1910, foi approvado pelo Senado um projecto identico, não só relativo a operarios de fabricas e officinas, mas aos trabalhadores ruraes e assalariados. O «Matin» classificou esse projecto de «Uma grande lei social».

«Esse projecto, depois transformado em lei, abrange dois regimens de seguro: o permanente e o transitorio. No permanente a situação dos operarios e assalariados, cujo effectivo, n'essa epocha, se elevava a dez milhões, o seguro é obrigatorio por um pagamento ou taxa annual de 9,6 ou 4 francos, segundo se trate de um homem, de uma mulher, ou d'um menor de dezoito annos. A esta taxa junta-se outra—igual—patronal obrigatoria e correlativa, de patrão.

«A caderneta individual do interessado recebe assim, todos os annos, 18, 12 ou 9 francos, que são capitalizados em seu nome até ao dia em que lhe cabe o direito á reforma.

—Que idade e quantos annos de pagamentos é preciso para obter o abono de 60 francos?

—*Trinta* annos de quotisação e 65 annos de idade. Quando as quotisações asseguram uma pensão minima de 180 francos, o interessado póde empregar o producto dos restantes pagamentos, quer n'um seguro, em caso de morte, quer na acquisição de bens, ou na compra de uma casa, bens *inalienaveis e impenhoraveis*.

«Quando o operario, antes de attingir a idade, se torne incapaz de trabalho, por desastre, ou doença, a liquidação do seu seguro póde fazer-se, beneficiando o Estado n'uma pequenissima percentagem. Se o segurado morrer, a sua quotisação capitalisada reverte em favor da viuva ou dos filhos.

«Só são isentos da obrigatoriedade d'esse seguro os operarios que vencem um salario superior a 3:000 francos.

Concluindo, diz-nos:

—Não seria uma coisa d'estas, assim pratica e viavel, que os operarios portuguezes deviam reclamar? —E sobre Caixas de resistencia, o que nos diz?

—Fica para outra vez. Ha tanto que dizer sobre o assumpto...

Na Camara dos Deputados

Discute-se a sahida da anilina para Hespanha e o orçamento da guerra

Preside o sr. Azevedo Coutinho. Lê-se e approva-se a acta. O sr. Cabral de Castro protesta contra a fórma illegal como se organisaram os jurys de exames no segundo grau em Castello Branco, respondendo-lhe o sr. ministro da instrucção. O sr. Costa Junior trata uma vez mais da questão das falsificações de generos alimenticios, observando que os processos respectivos sejam julgados com tanta demora e pedindo que sejam publicados no «Diario do Governo» os nomes dos falsificadores descobertos pela policia.

Uma voz:—E' o pelourinho do «Diario do Governo».

O sr. Eduardo de Sousa:—Eu não sei se é o pelourinho do «Diario do Governo», se é o governo que vae para o pelourinho!

A Camara defere o pedido do sr. Costa Junior, o qual termina por pedir que nos exames de «chauffeurs» entrem sempre os delegados das respectivas associações de classe, conforme manda a lei, a qual não é cumprida no Porto.

O sr. Eduardo de Sousa combate o facto de ter sido arredada do jury de exames de Amarante uma professora que d'elle chegou a fazer parte durante quatro dias. O mesmo deputado refere-se ainda ao caso Sousa Junior. O sr. ministro da instrucção responde, dando largas explicações sobre os dois casos.

O sr. Urbano Rodrigues, em negocio urgente, chama a attenção do governo para o facto de, no vapor allemão «Bulow», surto no Tejo, estar sendo feita uma importantissima exportação de anilina, tendo sahido já, pela via ferrea, com destino a Barcelona, 1.300 barris, no valor de 28.440$00. O hespanhol que se apresenta como dono da anilina chama-se Salvador Huck y Vinols, que foi á Allemanha de proposito para fazer a compra da carga do «Bulow». Hoje mesmo, sahiram mais 2.566 barris, valendo 52.980$00. Pede ao sr. ministro do interior que transmitta ao seu collega das finanças as considerações que acaba de fazer.

O sr. Augusto José Vieira:—O que v. ex.ª ignora é que a anilina sahiu por ordem do ministro da Hespanha.

O sr. Nunes Loureiro:—A anilina sahiu por não haver maneira de a reter

cá. Os navios são considerados territorio estrangeiro, não havendo, por isso, fórma de se evitar a exportação.

O sr. Casimiro Rodrigues condemna a substituição d'um professor que em Arcos de Val de Vez fazia parte do jury de exames e protesta contra o facto do administrador d'esse concelho ter procedido a um inquerito aos actos d'uma junta de parochia. Respondem os ministros da instrucção e do interior. O sr. Alexandre Braga diz que houve um juiz que fez exigencias descabidas a um solicitador, reclamando-lhe documentos varios, contra o que é costume em todas as comarcas do paiz. O sr. ministro da justiça responde que vae proceder a averiguações e que tomará as providencias que o caso requerer.

O sr. ministro das finanças, referindo-se ao caso da anilina do «Bulow», affirma que só consentiu na sua sahida depois de se ter capacitado de que não havia maneira de evitar esse facto. A anilina pertencia a um hespanhol, que a reclamou, e não ha nada que nos auctorise a apprehender mercadorias existentes em barcos estrangeiros, surtos no Tejo.

Entra-se na ordem do dia. Prosegue a discussão do orçamento da guerra. O sr. Aresta Branco, depois de varias considerações, põe a questão politica, mandando para a meza uma moção confiando em que se constitua um governo capaz de resolver as difficuldades da hora presente, a qual é admittida. O sr. ministro das finanças considera um verdadeiro aggravo fazer perguntas como algumas que o sr. Aresta Branco formulou, sabendo-se quanto é precario o estado das nossas finanças. Se em devido tempo não se compraram as materias necessarias á preparação militar, a culpa não pertence ao governo nem ao partido democratico. O governo não pensa em realisar nenhum emprestimo para alcançar as quantias que pede para o exercito. Mas se a tal se decidir consultará, em devido tempo, o Parlamento.

O sr. presidente do ministerio, a proposito da moção apresentada pelo sr. Aresta Branco, diz que esse deputado foi injusto, e entrega a sorte do governo á Camara. Ella que resolva e approve ou rejeite a moção, conforme entenda.

O sr. Simas Machado insiste em considerações já anteriormente feitas e exalta as qualidades da infantaria portugueza, que não pódem ser melhores e que se teem affirmado sempre, atravez de todos os tempos.

A requerimento do sr. Ribeira Brava, proroga-se a sessão, até se votar o orçamento em discussão.

O sr. ministro das colonias, em negocio urgente, lê o seguinte telegramma: «Informo v. ex.ª que no dia 12 foi iniciado o segundo periodo de operações. A columna do Cuamato passou o Cunene no dia 12. Foi atacada no dia 13, sendo o inimigo posto em fuga pela artilharia. Tornou a ser atacada no dia 15, no Inho (?) e repellido o inimigo, entrou no mesmo dia no forte Cuamato, que o inimigo não teve tempo de destruir. A columna do Cuanhama, que acompanho, passou o Cunene no dia 13, alcançando hontem Manjua, cujos caminhos o inimigo tentou defender, atacando a columna ás 10 horas, mas sendo batido apez 15 minutos de fogo de artilharia. A columna continua a sua marcha amanhã. A columna do Eval, tendo descido de Capelongo ao Cunene, alcançou o Cafu no dia 16, continuando amanhã a marcha.—(a) Governador de Angola.»

Congratulam-se com os resultados das operações no Sul d'Angola os srs. Aresta Branco, Simas Machado e Alexandre Braga, em nome dos seus partidos.

O sr. ministro da guerra defende mais uma vez o seu orçamento e emitte a opinião de que sobre um assumpto d'esta natureza se deve falar o menos possivel. E' o que se faz lá fóra.

O orçamento é votado na generalidade, seguindo a discussão na especialidade, a qual deve concluir tarde.

No Senado

Auctorisa-se uma nova epocha de exames em outubro e classificam-se as terras onde haja escolas em 4 ordens

Só ás 15 horas se conseguiu abrir a sessão, com 25 senadores presentes. Na presidencia, o sr. Correia Barreto que é hoje secretariado pelos srs. Paes Abranches e Madureira e Castro. Approvada, como de costume, a acta e lido o expediente, tem a palavra o sr. Agostinho Fortes, que envia para a mesa dois projectos de lei, um reconhecendo o direito de reintegração ao funccionario do ministerio das finanças sr. Lobato Junior, e outro cedendo o passal de Barrô-Agueda ao ministerio da justiça para n'elle se construir um edificio escolar.

O sr. dr. Sousa Junior propõe uma ligeira modificação de palavras no orçamento do ministerio das finanças, o que o Senado consente e approva. Ao mesmo tempo requer urgencia e dispensa de regimento para o projecto de lei que considera reformado no posto de tenente o 1.º sargento da 7.ª companhia de reformados Telles de Lemos, por revolucionario civil.

Approvada a urgencia e o projecto.

O sr. Gonçalves Marques combate o regimen cerealifero da Madeira onde ha, segundo affirma, um gasto de 11 milhões de kilos de trigo e uma colheita que não chega para um mez. E' preciso olhar e attender tal situação. Como? Não fazendo favores. Não tendo generosidades; mas apenas cumprindo um acto de justiça fazendo desapparecer da Madeira o monopolio vergonhoso que a tal respeito a esmaga.

E entra-se na ordem do dia com o projecto que concede uma nova epocha de exames em outubro, que é approvado na generalidade e especialidade com uma emenda do auctor que abrange a concessão a todas as escolas. Falaram sobre o assumpto os srs. Agostinho Fortes, Antonio José Lourinho, Silva Barreto e José Maria Pereira.

O art. 2.º foi tambem augmentado com a clausula de que a taes exames podem concorrer todos os alumnos, mesmo os que na ultima epocha não tiverem obtido média. Ficou tambem approvado que a propina estipulada em dez escudos seja apenas de seis.

O sr. Arantes Pedroso propõe tambem e é approvado que a tolerancia de um anno na Escola Naval seja extensiva ao primeiro anno, visto já existir para o 2.º e 3.º

E passa-se ao projecto de lei contando a Manuel José Gonçalves Portugal, encarregado de estação telegrapho-postal, o tempo decorrido de 16 de setembro de 1891 a 15 de dezembro de 1910, com direito a promoção. Approvado.

Approva-se tambem o projecto de lei sobre a composição das assembleias do concelho de Alcobaça, que fica regulada pela seguinte fórma: 1.ª assembleia—Alcobaça: freguezias de Alcobaça, Evora, Nossa Senhora dos Prazeres e S. Vicente de Aljubarrota; 2.ª assembleia—Alfeizerão: freguezia de Alfeizerão; 3.ª—Alpedriz: freguezias de Alpedriz e Cós; 4.ª—Cela: freguezia de Cela; 5.ª—Pataios; —6.ª S. Martinho do Porto; 7.ª—Maiorja: freguezias de Maiorja e Vestiaria; 8.ª—Turquel: freguezias de Turquel, Benedita e Vimeiro.

Entra depois em discussão a proposta de lei já approvada na generalidade classificando em quatro ordens, para o effeito de vencimento dos respectivos professores, as terras em que houver escolas.

Ficou tambem approvado na especialidade com ligeiras alterações e depois de sobre elle terem falado os srs. Agostinho Fortes, Antonio José Lourinho, Silva Barreto e Thomaz da Fonseca.

A proxima sessão é amanhã, á hora regimental.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

ENTRE SOBERANOS

Reproduzimos do grande diario russo «Novoie Vrémia», atravez da traducção inserta no bello semanario «España», a seguinte anecdota:

Guilherme II interessa-se extraordinariamente por que os seus officiaes se fardem com o escrupuloso rigor que exigem as leis militares. Por occasião da ultima visita de Affonso XIII a Berlim contam que succedeu este episodio: Depois d'uma grande revista, a que o rei de Hespanha assistiu com uniforme de coronel prussiano, approximou-se D. Affonso de Guilherme II a quem disse: «Magestade, o rei de Hespanha, coronel do regimento de... aguarda as ordens do seu chefe.»

«—Se o coronel do regimento de... não fosse o rei de Hespanha—respondeu Guilherme II em tom glacial—advertil-o-hia de que no seu uniforme se vê perfeitamente uma mancha de café francez.»

Era certo. Affonso XIII manchára o dolman com uma gota de café durante o almoço. Mas o rei não perdeu a presença de espirito.

«—Magestade, isso prova—respondeu—que o rei de Hespanha fez mal em deixar o seu uniforme de general hespanhol e vae immediatamente vestil-o.»

E, ditas estas palavras, D. Affonso saudou Guilherme II e sahiu do salão...

NOTAS MUNDANAS

Encontra-se na Guarda, em tratamento, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Assumpção Aboim de Rezende, o sr. Julio de Cesar Rezende.

—Está na sua casa de Bellas com sua esposa e filha o sr. José Borges d'Almeida.

—Regressaram a Lisboa, vindas de Londres, onde se encontravam ha dois annos e meio, mesdemoiselles Luiza e Sarah da Motta Ferreira Cardoso.

—Está melhor dos seus padecimentos o sr. visconde de Idanha.

—Encontra-se no Mont'Estoril, com sua esposa e gentis filhos, o sr. Carlos Augusto da Silva.

—Chegou a Lisboa, vindo de Coimbra o sr. dr. João Magalhães Collaço.

—Encontra-se na Granja o sr. dr. Augusto de Castro.

—Está no Bom Jardim (Bellas) com sua familia o sr. Fernando Ferreira Pinto Bastos.

—Está em Vidago o sr. Anselmo de Andrade.

—Retirou hoje para Trancoso o sr. dr. João Abel da Fonseca, pae do sr. ministro do interior, acompanhado de sua esposa e filha.

OS JORNAES NA BELGICA

Communicam de Bruxellas para Londres que os allemães impedem com tamanho cuidado a entrada de jornaes inglezes, francezes e italianos que os que conseguem escapar á sua vigilancia são vendidos por preços nunca vistos. Alguns exemplares do «Times» venderam-se a 125 francos. Os jornaes francezes não se vendem por menos de 5 francos. Multas vezes os habitantes da mesma casa ou os empregados do mesmo escriptorio quotisam-se para *comprar jornaes que assim passam de mão para mão*. Dois numeros do «Corriere della Sera», de 25 de maio, que noticiavam a declaração de guerra da Italia á Austria, chegados a Bruxellas em 5 de junho, foram pagos por cem francos.

A ACTRIZ ISAURA

Está muito doente e em circumstancias economicas bem difficeis a actriz Isaura Ferreira que na opereta alcançou um merecido renome, tendo tambem dado provas das suas inegaveis aptidões no theatro de declamação. Sympathica, talentosa, desenvolta, d'uma alegria communicativa, na sua carreira teve magnificas creações e trabalhou até não poder. Os artistas do Apollo, n'um rasgo de solidariedade digno de applauso, realisam na segunda feira uma brilhante festa em beneficio de Isaura. Os admiradores da desditosa artista não deixarão de contribuir para que se minore a sua afflictiva situação...

O GRANDE MARQUEZ

Um admirador de Pombal escreve-nos perguntando quando é que se resolve de vez a questão do monumento ao celebre estadista. Pergunta bem mas não lhe sabemos responder. A pessoa que se nos dirige faz, ao mesmo tempo considerações muito justas ácerca do espirito de «empata» que domina na nossa terra e que suffoca todas as ideias nobres e todos os progressos desejados, concluindo por dizer que é preciso resolver o assumpto de vez. Estamos absolutamente de accordo.

UM LIVRO

Ao leitor das «Migalhas» que pergunta onde poderá encontrar o livrinho a que André Brun se referiu a proposito da educação da vontade, e que debalde procurou nas livrarias de Lisboa esse livro, responderemos que se esqueceu de ir á livraria Guimarães & C.ª, na rua do Mundo, onde lhe venderiam o bello trabalho de Julio Payot, intitulado «A educação da vontade», traduzido pelo sr. Jayme Cortezão.

Divisão naval

Largaram hoje para o mar os cruzadores «Vasco da Gama» e «Adamastor», contra torpedeiros «Douro» e «Guadiana» e os torpedeiros 2 e 3, que fazem parte da divisão naval, sob o commando do capitão de fragata sr. Leotte do Rego.

Os cruzadores «Vasco da Gama» e «Adamastor» desde hontem que se encontravam a oeste da torre de Belem. O cruzador «Almirante Reis» está atracado á muralha de Alcantara a attestar de carvão, devendo seguir depois a incorporar-se na divisão naval, que vae continuar os exercicios nas costas de Portugal e em serviço de cruzeiro.

A carestia dos generos

Armazenistas multados

A policia encarregada da fiscalisação do preço dos generos multou hoje em 20 escudos cada um os seguintes commerciantes armazenistas: Joaquim Lopes Ferreira, da rua dos Remolares, 29, e a firma Martins Antunes, Limitada, da rua dos Fanqueiros, 116 e 120, por elevarem o preço do bacalhau; Olimpia de Almeida Guinadas, da rua da Atalaia, 160, por elevar o preço dos ovos e Marcelino Augusto da Silva, de Aldegallega, por augmentar o preço da banha.

Reclamações operarias

Uma commissão de serventes das docas de Alcantara procurou hoje o sr. governador civil, a fim de solicitar a sua intervenção junto da empreza, para melhoria de situação.

O sr. Alfredo Pinto respondeu que nada podia fazer, visto que ainda ha dois mezes essa situação foi melhorada, quando se deu a greve.

Questão cambial

Um contra protesto

Importantes industriaes do Norte e immensos commerciantes apoiando a proposta apresentada ao Parlamento pelo deputado dr. Levy Marques da Costa, dirigiram ao presidente da Camara dos Deputados o seguinte telegramma:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Camara dos Deputados de Lisboa:

Nós abaixo assignados negociantes e industriaes, representando fabricas com muitos milhares de operarios, verdadeiras victimas da especulação cambial que tanto difficulta a nossa industria ao mesmo tempo que tem encarecido as subsistencias, vimos rogar a v. ex.ª que a patriotica proposta que o sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da Camara Municipal de Lisboa e deputado por essa mesma cidade, apresentou no Parlamento, seja apreciada e discutida sem paixões, antes com a sinceridade que tão importante problema merece.

Assignaturas:

Empreza Electro Ceramica Lda.
Fabrica de Fiação de Lãs da Serra do Pilar
Ferreira, Irmão & C.ª Lda.
Antonio Francisco Soares & Genro, Suc.
Moura Bastos Irmãos & Pina
Empreza Textil Electrica, Lda.
José Ferreira dos Santos
A. Santos & C.ª
Joaquim Lopes Malheiro & Genro
Bartholo de Barros Freire, Suc.
Fabrica Novo de Julho.
Cruz & Dias
Madeira Pinto & Cta.
Fabrica de Fiação e Tecidos de Soure
Marques & Monteiro, Suc.
Pinheiro Marques Madeira & C.ª Lda.
Guimarães & Aires
Pedroso Ferreira & Castro
Carvalho & Irmão
José da Silva Monteiro
Ramos & Campos
Manuel Pereira de Moura
José de Almeida Jesuino
Fortunato Mendes de Oliveira
E. A. Leite Ribeiro
José Maria Martins Vieira
Raul Monteiro
Hippolito André, Suc.
Azuil Augusto Soares
Aurelio F. d'Almeida & Cta.
Alberto Pereira de Moura
Augusto Peixoto
Avelino Augusto Correia
Paiva & Cide
Correia & C.ª
Empreza das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova Lda.
A. Rodrigues da Silva & Irmão
José Bento Rodrigues
Antonio Teixeira
José Dias dos Santos
Alvaro Ferreira Rodrigues
José Carvalho da Silva
A. Pires Ferreira
Diogo H. Barbot
Companhia Fabril do Cavado
Sampaio Ferreira & C.ª
José Francisco de Sousa
Oliveira & C.ª
Antonio Augusto, Suc.
Aurelio & Amadeu
José Joaquim Ferreira
Sebastião Ribeiro da Silva & Irmão
José Jacintho Coelho & Irmão, Suc
Machado & Brandão
Antonio Teixeira
Alfredo Couto & C.ª
Alfredo Telles
João Gonçalves
Ferreira, Vieira & Martins, Suc.
Joaquim de Azevedo
Prophirio Joaquim Martins & Cta.
Francisco Costa & C.ª Lda.
Diniz Motta & Irmã, Lda.
Fabrica de Acabamentos de Lavadores
Oliveira Ferreira & C.ª Lda.
Manuel Alves Soares
Antonio Joaquim Ferreira Marques & Filho
Leite da Costa & C.ª
Caldeira, Pinto & C.ª
Pinto Leite da Silva & Irmãos
Macedo & Barbosa
Sociedade de Briquettes de S. Pedro da Cova, Lda.
Francisco Lemos de Amorim, Suc.
E. Leonardo dos Santos Coelho
Luiz Nunes Correia
Cruz & Irmãos
Araujo Barbosa & C.ª
Domingos Gonçalves Guimarães
Rosa & Santos, Lda.
Joaquim de Sá Ferreira Alves
Deolindo Basto
José Gonçalves dos Santos
Almeida & Cabral
Cancella & Coelho
Alfredo Correia da Silva & Martins, Lda.
Guedes & Amaral em Conta.
Domingos José da Silva & C.ª
Antonio Pinto de Mesquita
Luiz José Antunes & C.ª Lda.

Capitão Aragão

A sessão em sua honra

E' no dia 29 que no Coliseu de Lisboa se realisa a sessão solemne promovida pelo Gremio da Mocidade Liberal em honra do capitão Aragão e dos seus companheiros de Naulila.

A ella presidirá o presidente eleito da Republica, o sr. dr. Bernardino Machado, fazendo uso da palavra oradores de todos os partidos da Republica e sendo abrilhantada por algumas bandas de musica e orpheons.

No dia 24, por occasião da chegada a Lisboa dos heroicos combatentes de Naulila, a Parceria dos Vapores Lisbonenses põe diversos vapores para irem ao encontro do «Africa», effectuando o embarque na ponte do Caes do Sodré assim que haja parte da barra annunciando a entrada do paquete. O preço por passageiro é de $40.

A questão do peixe

Sobre o communicado da Sociedade de Pescarias que hontem publicámos recebemos hoje uma carta do sr. visconde de Pedralva. Não a podemos inserir pela falta de espaço e pelo adeantado da hora a que a recebemos. Publical-a-hemos amanhã.

ULTIMAS NOTICIAS

PELA POLITICA

Quando fecha o Congresso?

O que se resolveu n'uma reunião do grupo parlamentar democratico

Os parlamentares do grupo democratico reuniram-se hoje, pelas 14 horas, n'uma das salas do Congresso. Presidiu o sr. visconde da Ribeira Brava, secretariado pelos sr. Sá Pereira e Vasco Gonçalves Marques. O sr. presidente declarou que, na ausencia do sr. dr. Alexandre Braga, «leader» do grupo, ia expôr os fins da reunião. Tratava-se de tomar deliberações que contribuissem para um mais rapido andamento dos trabalhos parlamentares. Todos os dias são concedidas licenças na Camara e no Senado, o que difficulta, apesar do abaixamento proporcional do «quorum», o funccionamento das sessões.

Aberta a inscripção, usou da palavra, em primeiro logar, o sr. dr. Estevam de Vasconcellos, «leader» no Senado. Não comprehendia que tantos deputados e senadores se affastassem de Lisboa, n'esta altura, porque todos elles deviam saber que esta sessão extraordinaria não deixaria de occupar uma parte do mez de setembro, não só por causa das leis orçamentaes, mas ainda pela necessidade de se votarem algumas medidas de caracter urgente. Entre ellas conta-se a da reforma da policia, cuja discussão foi sollicitada ainda ha pouco n'uma importante reunião das juntas de parochia. Entende, por isso, que é preciso discutil-a, fazendo os deputados e senadores o sacrificio de se conservarem em Lisboa mais algum tempo.

O sr. João Luiz Ricardo disse que era conveniente, antes de mais nada, apressar-se a marcha dos trabalhos parlamentares. Para isso, propunha que o espaço de tempo reservado para antes da ordem do dia, é que é de uma hora em cada sessão, fosse tambem destinado, se não absolutamente, ao menos em grande parte, á discussão dos orçamentos. N'esse sentido deviam ser entaboladas negociações com elementos representantes dos partidos opposicionistas. Entendia ainda que se devia limitar, quanto possivel, a discussão dos orçamentos na generalidade, reservando-se os oradores para fazerem as suas affirmações na discussão da especialidade.

O sr. Sousa Rosa declarou que tanto elle como os seus collegas militares não podiam conservar-se em Lisboa durante o mez de setembro, por causa do trabalho das escolas de repetição.

O sr. Victorino Godinho, em resposta ao sr. Estevam de Vasconcellos, disse que nenhum deputado podia prever que o Congresso ainda funccionasse n'esta altura, porque o facto só póde explicar-se pela morosidade com que teem decorrido os trabalhos parlamentares. Não lhe parecia facil prolongar o seu funccionamento além do final d'este mez.

O sr. Marianno Arruda concordou com o sr. Estevam de Vasconcellos quanto á necessidade de se discutir com urgencia a reforma da policia.

O sr. Sá Pereira disse que, a continuarem, como até hoje, as licenças de deputados e senadores da maioria, era natural que, dentro em pouco, as votações ficassem muitas vezes dependentes da opposição. Resolveu-se, por fim, encarregar o sr. visconde da Ribeira Brava de realisar com elementos opposicionistas as necessarias «démarches» no sentido da proposta formulada pelo sr. João Luiz Ricardo.

Quanto a essas «démarches» soubemos depois que se resolvera reduzir a meia hora o periodo destinado para antes da ordem do dia, entrando-se depois immediatamente na discussão dos orçamentos, a ver se ainda será possivel discutir-se a reforma da policia antes do fim do mez.

Sabemos que essa reforma não será votada por muitos membros da maioria, que já fizeram essa declaração na reunião d'hoje, dizendo que ella traz um grande augmento de despeza, que a sua discussão não póde fazer-se precipitadamente e que ella não atende ás reclamações da provincia sobre os serviços de segurança.

Consta que o sr. ministro do interior faz questão da discussão da reforma, dizendo que abandonará o poder se ella não fôr discutida n'esta sessão extraordinaria.

NOTAS DIVERSAS

Na recepção do corpo diplomatico, effectuada hoje no ministerio dos negocios estrangeiros, compareceram os srs. ministros da Inglaterra, França e Hespanha e encarregado de negocios de Cuba.

—Foi proposto para o cargo de viceconsul de Portugal em Cowes, Inglaterra, o sr. Albert Edward Marvins.

—Uma commissão da federação das associações de classe da construcção civil na região do sul, secção mixta de Palma e arredores, procurou hoje o sr. ministro do interior com quem tratou de assumptos de interesse para a classe especialmente da falta de trabalho.

O encalhe do "Republica,,

Continuam com grande actividade os trabalhos de salvamento a bordo do curzador «Republica», tendo sido já retiradas de bordo duas peças de 15, duas de 10, e todas as de 47 cm., bem como projectores, telegraphia sem fios, munições e mobiliario.

E' esperado esta noite em Peniche, vindo de Gibraltar, o vapor «Valkaprian», a fim de passar um exame ao «Republica», para depois apresentar proposta para salvamento do navio. Pelas 19 horas é esperado no Tejo o vapor «Finisterre», que deve atracar á ponte do Arsenal a fim de desembarcar as peças de 10 e 15 cm., e outro material, voltando em seguida para junto do «Republica».

MANEJOS ALLEMÃES

para impedirem no Funchal a manifestação ao tenente Aragão

O sr. visconde da Ribeira Brava fez hontem na Camara dos Deputados uma affirmação que é preciso pôr em relevo:—a de que se desenvolvem no Funchal certos criminosos manejos para impedir ou perturbar a manifestação ao tenente Aragão. Porquê? Porque não convem «aggravar» os allemães que ali residem!

Falando hoje com aquelle deputado, obtivemos novos esclarecimentos sobre o estranho caso. As recentes alterações da ordem publica no Funchal deviam ter sido fomentadas por creaturas a soldo dos allemães ou por estes proprios, que se aproveitaram, como sempre acontece em situações identicas, da ingenuidade e boa fé dos que se deixaram prender nas suas redes.

Não só esse caso mas outros anteriores indicam que na Madeira existe um surdo «complot» a favor de interesses allemães, que ali são largamente representados. A colonia é importante e occupa-se de todas as coisas, muitas vezes explorando deshumanamente os trabalhadores que contractam para os seus serviços. O que succede, por exemplo, com a industria dos bordados chega a ser revoltante, pelas successivas diminuições que o preço da mão d'obra tem soffrido e pelas exigencias feitas ás pobres mulheres que se occupam n'esse trabalho.

Estamos convencidos de que não irão por deante os manejos allemães contra a recepção ao tenente Aragão. Os funchalenses saberão repellir a affronta que a victoria d'esses manejos para elles representaria.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 19.—Communicação official.—Grande actividade em toda a linha de Artois. Um ataque da nossa parte tornou-nos senhores da encruzilhada da estrada de Bethune a Arras e do caminho de Ablain a Angres, onde uma posição allemã formava um saliente na nossa linha de frente. Foram repellidos varios contra-ataques inimigos. Ao norte de Carleul repellimos alguns ataques á granada e com petardos, preparados por um bombardeamento a curta distancia e apoiados pelos fogos da infantaria. Na região de Berles e Adinfer a fuzilaria é continua. Entre o Oise e o Aisne houve violento canhoneio no sector de Baillyassim, como nos planaltos de Quennevières e Nouvron. Na Argonne a nossa artilharia dominou o bombardeamento das baterias e lança-bombas inimigas na direcção de Fontaine-aux-Charmes e na região de Maria Thereza. Nos Vosges lucta violenta e continua no cume do Linge. Apoderámo-nos de uma nova trincheira allemã na crista de Schratzmaennele e fizémos alguns prisioneiros.—(Havas).

Desastre no trabalho

Homem gravemente ferido

No logar de Fetaes, freguezia de S. Quintin, concelho de Sobral de Mont'Agraço, reside, com seus paes, Manuel Francisco Espiga e Delphina da Piedade, Joaquim Francisco Espiga, de 28 annos, solteiro, que se occupa como trabalhador rural.

Antes de hontem foi chamado para enfardar palha n'uma eira na quinta do Conde, na fregnia de S. Miguel de Palhacana, propriedade do sr. Santos Lima, trabalho por conta de João Rosa, morador em S. Domingos de Carmões, que para esse fim tinha chegado á eira.

Hontem, na occasião em que apertava um fardo, ajudado por Silverio Francisco Penedo, desequilibrou-se, cahindo da escada onde se encontrava, foi colhido pelo fuso da enfardadeira, que lhe veiu bater em cheio sobre o ventre.

Soccorrido immediatamente pelos companheiros, foi conduzido a casa de um seu irmão, José Francisco Baptista, que reside ali proximo, e d'ali para a sua residencia, onde foi visto pelo sr. dr. Mario Garcia da Silva, o qual foi de opinião que elle devia ser transportado urgentemente para o hospital de S. José.

Chegado a este estabelecimento, foi observado pelo sr. dr. Alberto Gomes, auxiliado pelos internos srs. Samuel de Macedo e José Paredes, recolhendo em seguida á enfermaria de Santo Antonio, em estado pouco satisfatorio.

Festas associativas

Na Tuna Commercial de Lisboa effectuam-se no domingo duas festas, de tarde e á noite com o concurso do grupo orpheonico do Albergue das Creanças Abandonadas. Realisar-se-ha a inauguração da nova bandeira e de varios melhoramentos offerecidos pela commissão de senhoras, havendo tambem um concerto pela tuna, sob a habil regencia do maestro Costa D...

O ESTADO BURLADO

De como se prova que o Banco Luzitano é, com effeito, uma empreza de olho vivo

Um auxilio financeiro de 1:200 contos caucionado com titulos que são arrematados por 34 contos

A nossa praça teve hoje occasião de presencear um facto que prova á evidencia a falta de escrupulos com que eram empregados, no antigo regimen, os dinheiros do Estado.

Tratava-se de fazer a arrematação de varios titulos com que um banco, recentemente fallido, havia caucionado ao Estado o auxilio financeiro de 1:200 contos. Pois bem; esses papeis, depois de muito seleccionados, renderam apenas 34 contos!

... Mas contemos nas suas linhas geraes de quando vem e como foi feito esse contracto que arrancou ao paiz para cima de mil contos, sem que haja esperanças de serem recebidos ou, ao menos, de se chamarem á responsabilidade aquelles que se moveram para esta *chantage*.

Em 22 de abril de 1891, após altas diligencias feitas por vultos politicos em destaque, foi celebrado um contracto entre o Banco Lusitano e o Estado.

D'esse contracto constava um auxilio financeiro feito pelo Estado ao mesmo banco na importancia de 1.200 contos. Em seguida, por despachos de 23 e 30 de abril do mesmo anno, ficou estabelecido que este auxilio fosse caucionado com o penhor de papeis de credito do Estado e de varios bancos e companhias no valor nominal de 2.004.418.414. Como se vê, em face d'estes numeros tão pomposamente lançados no «Diario do Governo», a «chantage» foi habilmente dissimulada.

Mas, decorridos poucos annos, e o banco fallia, sendo um dos liquidatarios o sr. Moreira de Almeida, que, ao que parece, nunca se havia conservado estranho á «prospera ascensão» que se ia verificando na marcha do tal banco.

Como a massa fallida não satisfizesse o compromisso que tomára para com o Estado, este pela 1.ª vara do tribunal do commercio intentou a competente acção para a venda do penhor.

O processo seguiu os seus tramites, tendo sido feita hoje a arrematação com grande concorrencia de nacionaes e estrangeiros. Grande parte, porém, dos titulos teve de ser retirado da praça, em virtude de não haver licitantes, tendo servido de base para a arrematação a cotação official.

Foram apenas arrematados os seguintes titulos:

2391 obrigações da Companhia Nacional das Forjas e Fundições em lotes de cem obrigações, tendo apenas o valor de um escudo cada lote; 500 obrigações da Companhia dos Alcooes de Portugal, arrematadas por um diminuto valor; 289 obrigações da Companhia Nacional de Conservas, tambem por um diminuto valor; 285 acções do Banco de Chaves; 265 acções da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro; 185 acções do Banco da Covilhã, sendo estas ultimas arrematadas acima da cotação official; 496 obrigações, chamadas das *sopeiras*, que foram arrematadas pelo Estado por um preço inferior ao seu valor nominal.

O principal arrematante de grande maioria dos titulos foi o sr. Antonio da Silva Santos, do *Porto*, tendo rendido a arrematação, como dissemos, 34 contos.

O caso da apprehensão do cartuchame

O deputado sr. Luiz Derouet enviou hoje para a mesa da Camara o seguinte requerimento:

Requeiro que pelo ministerio da guerra me sejam fornecidos com a maxima urgencia os seguintes esclarecimentos:

1.º—Nota, por annos, de todas as vendas de cartuchame, balas explosivas, etc., com designação dos nomes e moradas dos compradores, effectuadas pelo Museu de Artilharia desde 5 de outubro de 1910 até á presente data.

2.º—Copia dos despachos ou auctorizações que legalisaram a sahida d'esse material julgado inutil para o Estado, e bem assim copia de toda a correspondencia que, a proposito de taes vendas, foi trocada entre a direcção do Museu de Artilharia e a secretaria da guerra.

3.º—Copia dos autos de exames de peritos que julgaram o referido material improprio para o serviço dos arsenaes de guerra e referencia a quaesquer diplomas legaes permittindo vendas de semelhante natureza sem conhecimento previo e perfeito dos fins a que o destinam os respectivos compradores.

4.º—Nota dos preços por que foram vendidos no Museu de Artilharia todos os artigos considerados de guerra durante o espaço de tempo acima referido; circumstancias das suas acquisições, como copias de annuncios de arrematação, locaes de publicidade, propostas particulares de compras, etc.

5.º—Quesquer outras informações de caracter official tendentes a esclarecer a recente apprehensão de cartuchame, balas explosivas e outras ao *commerciante de cock de cozinha e carvão de pedra* Filippe Taylor.

Declaro, por ultimo, que, desejando versar este assumpto da Camara, tenho o maior interesse em que os documentos pedidos me vão sendo fornecidos á medida que forem obtidos.

Lisboa, 19 de agosto de 1915.—O deputado *Luiz Derouet*.

Consta que foi o sr. dr. José de Castro o ministro da guerra que auctorisou a venda do cartuchame, naturalmente por se conformar com qualquer opinião emittida sobre o assumpto pelas repartições competentes.

PEQUENAS NOTICIAS

Receberam curativo no banco do hospital: Gertrudes da Costa Santos, de 21 annos, moradora no beco dos Agulheiros, 11, loja, que tentou suicidar-se, ingerindo tintura de iodo, e Clara dos Santos, de 15 annos, moradora na rua de S. Paulo, 224, 2.º, que no Chiado foi atropellada por um automovel, ficando ferida no pé direito e contusa na perna.

—O constructor civil sr. Manuel Maria Vieira, morador na rua das Madres, 96, apresentou queixa contra o cabo Costa, da esquadra do Caminho Novo, accusando-o de o ter aggredido a soco e a pontapé quando foi áquella esquadra informar-se ácerca de um preso.

—Com o titulo *Sessão da Relação de Loanda de 19 d'Agosto de 1914*, publicou em volume o sr. Leopoldo de Magalhães, secretario do tribunal da Relação de Loanda, uma longa exposição ácerca da sindicancia que lhe foi movida a pedido do presidente d'esse tribunal, sr. dr. Manuel do Sacramento Monteiro.

—Antonio Ramos, morador na rua do Abarracamento de Peniche, 37, loja, foi preso de madrugada na rua da Barroca, onde andava armado com uma pistola automatica carregada com 7 cargas, não tendo licença de porte de arma.

—Augusto Mendes da Silva, morador na rua de S. Marçal, 82, 1.º, encarregado da fabrica de alvaiades sita no Boqueirão do Duro, 15, pertencente a J. M. Nunes & C.ª, queixou-se á policia de que os gatunos haviam entrado n'essa fabrica, por meio de arrombamento, e furtaram 18 latas de alvaiade no valor de 113 escudos.

—Na Morgue deu entrada o cadaver de um individuo que aparenta ter 60 annos, andrajosamente vestido e que appareceu morto n'uma cocheira na calçada do Marquez de Abrantes.

—Na enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José, ficou Manuel dos Santos, trabalhador, morador na rua da Fabrica da Polvora, que na doca de Alcantara foi colhido por um vagonete, ficando contuso.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 5/8	35 1/2
Londres, 90 d/v	36 1/8	—
Paris, cheque	$72	$72,7
Allemanha, cheque	$28,2	$28,6
Hollanda, cheque	$56,5	$57,5
Madrid, cheque	1$34	1$35
New York	1$42	1$44
Rios/Londres	13 3/8	—
Libras	6$90	6$98
Agio do ouro	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,2[illegible]
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações de Estado: 3 0/0, 1905, 9$35, 4 0/0 1870, coupon, 51$50; 4 1/2, 88-89, assent., 60-50; 5 0/0, 1909, 80$50.

Acções: Banco de Portugal, 180$50; Lisboa e Açores, 114$50; Assucar, 39$90; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 9$20; Tabacos, coupon, 73$90.

Obrigações: Ultramarino, hipothecarias, 93$70; Ambacas 90$; Norte e Leste, 1.ª gran, 72$30; Empreza das Aguas de Vidago, 90$.

Projecto de lei sobre cambiaes

Representação dos Bancos e Banqueiros de Lisboa

Rectificação

No communicado publicado hontem, n'este jornal, no penultimo periodo linha 20.ª onde se lê *inutilisaram* deve lêr-se *utilisaram*.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Perola do Atlantico

Tal o titulo d'um pequeno opusculo em que o sr. Carlos Babo, relembrando os melhoramentos inadiaveis da formosa ilha de S. Thomé, principalmente a construcção de estradas, e referindo-se á falta de protecção do Estado, advoga calorosamente a fundação d'uma associação d'agricultores, que se imponha e que obtenha para aquella ilha aquillo a que ella tem direito—um pouco de auxilio e carinho da metropole.

Procural

Está publicado o n.º 11 da «Procural», revista forense mensal que estuda os mais importantes asumptos juridicos e responde a muitas consultas.

O summario d'este numero é o seguinte: Registo predial, conservadores; Consulta respondida pelo sr. dr. Rangel de Sampaio; Diversas consultas; Resenha de legislação e de jurisprudencia; Movimento judicial; Modificações no Codigo Civil; Bibliographia.

A INSTRUCÇÃO EM CABO VERDE

A remodelação do ensino primario

Como devia fazer-se, dividindo o ensino em dois graus e seleccionando os professores

O ensino primario em Cabo Verde, para ser util a todos e para que seja bem diffundido pela população em edade escolar, deve, em primeiro logar, ser dividido em duas cathegorias: a primeira dirá respeito ao ensino das primeiras lettras, escripta e quatro operações, e deverá ser ministrado por toda a parte por professores habilitados para o ensino pelo methodo de João de Deus. Tal ensino, fiscalisado pelo Estado, seria retribuido conforme o numero de alumnos sujeitos annualmente a exame e approvados, e pago na proporção de 3 escudos por alumno até 100 e 4 escudos d'ahi para cima, aos professores que os habilitassem a exame. A todo o professorado d'esta classe conferiria o Estado a auctorisação necessaria para que durante o mez de setembro procedesse ao recenseamento da população em edade escolar, dos 6 aos 16 annos, podendo fazer as intimações á familia d'esses alumnos, para satisfazerem á obrigação do ensino, incorrendo nas penas da lei os que faltassem. Aos paes e tutores dos alumnos de esta classe seriam applicaveis todas as penas a estabelecer n'um bem elaborado regulamento escolar. A esta classe de professores seria estabelecido um vencimento de cathegoria de 12 escudos mensaes, e terminado o anno lectivo e feitos os exames seria paga aos professores a titulo de gratificação a importancia que faltasse para completar a totalidade correspondente ao numero de alumnos approvados. Tal ensino seria ministrado tanto ao sexo masculino como ao feminino, e não se imporiam aos alumnos percursos diarios de mais de 3 kilometros para concorrerem ao ensino. Os professores d'esta classe, desde que não conseguissem 100 alumnos matriculados na região em que residissem, passariam á povoação mais populosa dentro da parochia civil em que lhes fosse permittido o ensino. Estes professores teriam accesso ao quadro do magisterio primario, quando houvesse vagas, tendo preferencia a quaesquer outros, em egualdade de habilitações.

O ensino elementar por este sistema, mais ou menos modificado, foi já em 1892 proposto ao governo central, pelo então governador interino, general Augusto de Barros, e, seja encarado por que lado fôr, é o unico que garante exito pela dessiminada população de Cabo Verde.

Assim, o professor teria um incentivo, sendo trabalhador, e os mandriões seriam facilmente arredados. E os dados estatisticos, por nós ja transcriptos em artigo anterior, provam que actualmente ha professores que nada produzem, mas que recebem como os que mais trabalham, como ha escolas que não teem concorrentes, ou porque não se obriga a concorrencia, ou porque não ha população escolar que justifique a escola. Isto seriam coisas que facilmente se poriam a nu, mas não em artigos de jornal.

A segunda cathegoria do ensino diria respeito ao 1.º e 2.º graus do ensino primario.

Em cada parochia civil e de preferencia na aldeia mais povoada, seria estabelecida a escola primaria official para os dois sexos, em edificio para esse fim destinado e para residencia dos professores. Em Cabo Verde ha trinta parochias e seriam então distribuidas as escolas já existentes, de forma que ficasse tudo distribuido conforme este sistema. Vejamos como se distribuiriam as escolas:

Concelho da Praia: 5.366 habitantes, 1.287 em edade escolar, 1 escola official do 1.º e 2.º grau na Praia, 6 professores ruraes em 35 povoados da parochia, sexos na relação de 100 varões para 121 femeas.

Parochia do Santissimo Nome de Jesus: 1.082 habitantes, 259 em edade escolar, 1 escola official na séde da parochia, 1 professor rural nas trez zonas da parochia.

Parochia de S. João Baptista: 1.367 habitantes, 328 em edade escolar, 1 escola official na séde da parochia, 2 professores ruraes nas quatro zonas da parochia.

Parochia da Senhora da Luz: 1.796 habitantes, 431 em edade escolar, 1 escola official no Cabeço da Horta; 3 professores ruraes nas seis povoações da parochia.

Parochia de S. Nicolau Tolentino: 4:408 habitantes, 1.057 em edade escolar, 1 escola official na Covada, 7 professores ruraes nas quatorze povoações da parochia.

Parochia de S. Lourenço dos Orgãos: 5.386 habitantes, 1.292 em edade escolar, 1 escola official no Pico da Antonia, 9 professores ruraes nas dezoito povoações da parochia.

Parochia de Santo Iago Maior: 4.876 habitantes, 1.170 em edade escolar, 1 escola official em Pedra Badejo, 8 professores ruraes nas povoações da parochia.

Parochia de S. Salvador do Mundo: 5.708 habitantes, 1.369 em edade escolar; 1 escola official em Leitão Grande, 9 professores ruraes nas povoações da parochia.

Parochia da ilha do Maio: 1:857 habitantes, 428 em edade escolar, 1 escola official no Porto Inglez, 3 professores ruraes nas povoações da parochia.—Total: 9 professores officiaes, 48 ruraes.

Concelho de Santa Catharina: Parochia de Santo Amaro Abbade: 6:147 habitantes, 491 em edade escolar, sexos na relação de 100 varões para 107 femeas, 1 escola official no Tarrafal, 4 professores nas povoações da parochia.

Parochia de Santa Catharina: 14:601 habitantes, 1:108 em edade escolar, 1 escola official na Achada Falcão, 10 professores nas povoações da parochia.

Parochia de S. Miguel: 3:485 habitantes, 676 em edade escolar, 1 escola official no Mangue, 6 professores nas povoações da parochia.—Total: 3 professores officiaes, 20 ruraes.

Concelho da Ilha Brava: Parochia de S. João Baptista: 6:195 habitantes, 1:299 em edade escolar e sexos na relação de 100 homens para 128 femeas, 1 escola official na Povoação, 10 professores nas povoações da parochia.

Parochia da Senhora do Monte: 3:012 habitantes, 602 em edade escolar, 1 escola official no Matto, 5 professores nas povoações da parochia.—Total: 2 professores officiaes, 15 ruraes.

Concelho da Ilha do Fogo: Parochia da Senhora da Conceição: 5:021 habitantes, 905 em edade escolar, sexos na relação de 100 varões para 125 femeas, 1 escola official em S. Filippe, 8 professores nas povoações da parochia.

Parochia de S. Lourenço: 7:105 habitantes, 1:278 em edade escolar, 1 escola official da Sanha á Ribeira Grande, 10 professores nas povoações da parochia. Parochia da Senhora da Ajuda: 4:121 habitantes, 741 em edade escolar, 1 escola official da Rua do Laranjo á Lapa do Asno 6 professores nas povoações da parochia.

Parochia de Santa Catharina: 1:553 habitantes, 279 em edade escolar, 1 escola official da Cova Figueira á M. da Cruz, 1 professor nas povoações da parochia.—Total: 4 professores officiaes, 25 ruraes.

Concelho da Ilha de S. Vicente: Parochia da Senhora da Luz, 10:481 habitantes, 2:123 em edade escolar, sexos na relação de 100 varões para 117 femeas, 1 escola official no Mindello, 12 professores de primeiras lettras.—Total: 1 professor official, 12 ruraes.

Concelho da Ilha de Santo Antão:

Parochia da Senhora do Livramento: 1:480 habitantes, 357 em edade escolar, sexos na relação de 100 varões para 117 fêmeas, 1 escola official na P. do Sol, 2 professores ruraes nas povoações.

Parochia da Senhora do Rosario: 7:686 habitantes, 1:844 em edade escolar, 1 escola official na Ribeira Grande, 16 professores nas povoações da parochia.

Parochia do Santo Crucifixo: 7:030 habitantes, 1:687 em edade escolar, 1 escola official no Coculim, 14 professores nas povoações da parochia.

Parochia de Santo Antonio das Pombas: 6:063 habitantes, 1:455 em edade escolar, 1 escola official no Paul, 10 professores nas povoações da parochia.

Parochia de S. Pedro Apostolo: 3:648 habitantes, 874 em edade escolar, 1 escola official na Tajan de Matto, 6 professores nas povoações da parochia.

Parochia de S. João Baptista: 7:813 habitantes, 1876 em edade escolar, 1 escola official nos Carvoeiros, 16 professores nas povoações da parochia. Total 6 professores officiaes, 64 ruraes.

Concelho da Ilha de S. Nicolau: Parochia da Senhora do Rosario: 9:501 habitantes, 1:995 em edade escolar, sexos na relação de 100 varões para 121 fêmeas, 1 escola official na Ribeira Brava, 16 professores nas povoações da parochia.

Parochia da Senhora da Lapa: 2:540 habitantes, 533 em edade escolar, 1 escola official na Covoado, 4 professores nas povoações da parochia. Total 2 professores officiaes, 20 ruraes.

Concelho da Ilha da Boa-Vista: parochia de Santa Izabel: 1:958 habitantes, 352 em edade escolar, sexos na relação de 100 varões para 119 fêmeas, 1 escola official em Sal Rei, 2 professores nas povoações da parochia.

Parochia de S. João Baptista: 865 habitantes, 155 em edade escolar, 1 escola official em João Gallego, 1 professor nas povoações da parochia. Total 2 professores officiaes, 3 ruraes.

Concelho da Ilha do Sal: parochia da Senhora das Dores: 579 habitantes 165 em edade escolar, sexos na proporção de 100 varões para 128 femeas, 1 escola official. Total geral: 30 professores officiaes, 197 ruraes.

E aqui está a longa descripção do que é preciso fazer para que o ensino primario em Cabo Verde seja derramado convenientemente.

N'um artigo proximo continuaremos tratando d'este momentoso problema para Cabo Verde.

Armando Xaxier da Fonseca

As licenças de porta aberta

continuam a passar-se no governo civil, continuando tambem o regimem das multas

Uma numerosa commissão de commerciantes do bairro da Graça veiu hoje á redacção d'*A Capital* expôr o que se está passando com as chamadas licenças de porta aberta, caso a que já ha dias nos referimos.

Todos elles pagaram no governo civil a licença para terem os seus estabelecimentos abertos até ás 2 horas e meia da manhã, licença que lhes custa 5$00 quando paga annualmente e 2$60 quando semestralmente. Algumas d'essas licenças foram renovadas ainda em julho passado. Vem a policia ao serviço da camara municipal e em virtude da lei do horario de trabalho, tendo elles a porta aberta depois das 21 horas, autôa-os e multa-os, para nada se importando com as licenças que lhe são apresentadas.

Hoje, essa commissão foi ter com o chefe do districto, mas como este não estivesse foi recebida pelo seu secretario, que, depois de a ouvir, não soube ou não poude dar-lhe uma resposta definitiva a tal respeito.

E' d'isso que esses commerciantes se queixam. Precisam saber qual o regimen em que vivem, tanto mais que o actual tem dado origem a incidentes desagradaveis com as commissões de vigilancia dos caixeiros. Ou podem continuar a ter as suas portas abertas, visto que para isso pagaram as respectivas licenças, ou teem de fechar á hora marcada pela regulamentação do horario do trabalho.

Assim é que se não comprehende e que o sr. governador civil se pronuncie definitivamente sobre o assumpto.

Centro Dr. Miguel Bombarda

Homenagem ao sr. dr. Affonso Costa

Realisa-se no domingo no Centro Escolar Republicano Dr. Miguel Bombarda, a festa commemorativa do restabelecimento do sr. dr. Affonso Costa, havendo distribuição de bodo a 100 pobres, sessão solemne para inauguração do retrato do homenageado e á noite sarau dramatico.

Para tomarem parte na sessão foram convidados os srs. general Correia Barreto, dr. Manuel Monteiro, capitão de fragata Leotte do Rego, tenente Oscar Monteiro Torres, governador civil, drs. Alexandre Braga, Antonio Macieira, Ramada Curto e Estevão de Vasconcellos, Luiz Filippe da Matta, Thomaz da Fonseca a Agostinho Fortes.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 — As pilulas de Hercules.
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
APOLO—A's 20,45—De capote e lenço—A's 22,45—Rosa Tirana.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Recita de accionistas — Amor de Principe.

Agenda da semana

AMANHÃ — Avenida—*As pilulas de Hercules*, reapparição de Angela Pinto.
SABBADO — Coliseu dos Recreios — *Os milhões de miss Mabel*.

Primeiras representações

Coliseu dos Recreios—Amor de Principe

A famosa operetta de Edmundo Eysler teve hontem por parte da companhia Granieri um desempenho verdadeiramente admiravel. Anita Patrizi e Amadeo Granieri ouviram fartos e justos applausos pois cantaram com extraordinario sentimento e correcção.

Fernando Razzoli fez um lindissimo Farniz, alegre, desenvolta e correctissima como sempre; o seu pae, o grande artista Ettore Razzoli, no czar da Malgaria foi o comico impagavel que o nosso publico tantas vezes tem applaudido.

Hoje canta-se o «Sonho de Valsa» A'manhã, em recita de accionistas, «Amor de principe», e depois de ámanhã estreia-se a operetta do grande espectaculo «Os milhões de miss Mabel», verdadeiramente nova em Portugal.

Boatos e informações

ENTRE NÓS

A empreza do theatro Politeama communica-nos por carta que, devido á Casa Cruz não ter fornecido, como promettera, o guarda-roupa para a revista «Não desfazendo...», a «premiere» tem de ser addiada para quarta feira da proxima semana.

—A companhia do Gymnasio dará uma serie de espectaculos no Porto no fim d'este mez. No principio do mez proximo visitará a Figueira da Foz e Caldas.

—A actriz Isilda de Vasconcellos acha-se temporariamente afastada da companhia do Politeama, por motivo de doença.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil — Sonho guerreiro—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

O centenario da tomada de Ceu'a

A sessão solemne comemorativa

Realisa-se depois d'ámanhã, pelas 15 horas, na Sociedade de Geographia, a sessão solemne commemorativa do V centenario da tomada de Ceuta em que usarão da palavra os srs. Braamcamp Freire, presidente da Sociedade; Henrique Lopes de Mendonça, presidente da Academia das Sciencias de Lisboa, e Vicente d'Almeida d'Eça, vice-presidente da Sociedade de Geographia.

Findos os discursos, o sr. presidente da Sociedade convidará o sr. presidente da Republica a inaugurar o Mostruario Industrial Portuguez que se exhibe na Sala Portugal, ficando depois exposto ao publico.

Os socios da Sociedade de Geographia podem fazer-se acompanhar por duas senhoras da sua familia.

Na União Christã da Mocidade realisa-se tambem uma sessão commemorativa d'esse feito, fazendo uma conferencia, ás 21 horas, o sr. B. Martins d'Almeida. Abrilhanta a festa o quintetto de bandolinistas Munier e será inaugurada a nova bandeira associativa.

PASSEIOS E EXCURSÕES

Promovido pelo Gremio Republicano de Alcantara em beneficio do fundo escolar, realisa-se no domingo um passeio a bordo do «Lisbonense» a S. Julião da Barra, Villa Franca de Xira e Seixal, com desembarque n'estas duas ultimas localidades, sendo o embarque em Alcantara ás 6,30 e no Cães do Sodré ás 7,10. O preço é de $45.

Movimento associativo

Cruz Vermelha

Para tratar do regulamento das ambulancias, reune hoje, ás 21 horas, na séde, praça do Commercio, a commissão central.

Sociedade Nacional de Bellas Artes

Reune amanhã, ás 21 horas, a assembléa geral, para os fins do artigo 10.º do estatuto vigente e para deliberar sobre a redacção definitiva dos novos estatutos.

Machinistas mercantes portuguezes

Para continuação de trabalhos, reune a assembléa geral no dia 23, ás 20 horas e meia.

Festas associativas

Realisa-se no dia 22, ás 14 horas, a sessão solemne promovida pela Associação de Classe dos Chauffeurs em Portugal, commemorativa do seu anniversario, tendo sido convidados a ella assistirem delegados das associações de classe de Lisboa.

No Club Recreativo Lusitano realisa-se no domingo uma festa promovida pela direcção para inauguração do salão-theatro depois das obras de restauração que acabam de ser feitas, subindo á scena *Capricho feminino* e as *Ultimas folhas*, desempenhadas pelo grupo do Club, abrilhantada pela orchestra, seguindo-se baile.

Na esplanada da Academia instructiva do pessoal dos caminhos de ferro de leste e norte ha depois d'ámanhã baile, que começa ás 21 horas.

Touradas

Campo Pequeno.—Além da reapparição do espada Ale, que tantos applausos obteve n'esta praça e que se notabilisa pelas suas luzidas fainas de muleta e bandarilhas, figuram no cartaz da corrida de domingo, em festa artistica dos estimados bandarilheiros Daniel e Custodio, os amadores D. Carlos e D. Antonio Mascarenhas. O curro, que é de Emilio Infante, estará em exposição no sabbado.

A provincia n'A CAPITAL

BARREIRO, 18.—Por motivo dos festejos aqui realisados já se não realisa no dia 22 o banquete de congratulação pelas melhoras do dr. Affonso Costa, ficando transferido para o proximo domingo, 29 do corrente. A inscripção acha-se aberta na séde do Centro Republicano Portuguez do Barreiro, realisando-se a entrega dos bilhetes até ao dia 22.

—Realisa-se brevemente no Salão Recreio do Povo, promovida pelo Centro Republicano Portuguez, uma sessão de propaganda da Defeza Nacional em que falam entre outros o sr. Leote do Rego, sendo inaugurado n'essa occasião o seu retrato.

Movimento maritimo

Africa oriental, via S. Thomé, «Beira»	20
Madeira e Açores, «San Miguel»	20
New-York, via Açores, «Roma»	20
Pernambuco e Maceió, «Gladiator»	20
Pará e Manaus «Lafranc» (de Liverp.)	20
Africa oriental, via Suez «Logician»	20

CAPITULO VII

O Egypto na guerra

A historia da occupação do Egypto pela Gran-Bretanha é tão complexa que só se póde descrever desenvolvidamente em livro. Mas, para bem se comprehender os recentes acontecimentos dados n'esse paiz necessario é fazer uma resenha, embora rapida, dos principaes factos da sua historia dsede 1882. Só assim é possivel comprehender as relações entre os governos britannico e egypcio, que tiveram um alcance vital no que ali se passou depois de rebentar a Grande Guerra.

A Gran-Bretanha oppuzera á construcção do canal de Suez, que abria um novo e mais curto caminho para a India ás potencias do Mediterraneo. A sua abertura tornava a sorte do Egypto em grande parte dependente da vontade das potencias maritimas. Em 1875 lord Beaconsfield adquiriu por compra 176.602 acções de fundador do canal de Suez ao embaraçado khediva ou principe do Egypto Ismail Pachá. A Inglaterra adquiriu assim uma grande preponderancia no paiz e poude intervir tanto na administração do canal como na organisação das finanças egypcias. Ismail Pachá foi deposto pelo seu suzerano, o sultão da Turquia, em 1879. Deixou o thezouro vasio e um exercito insubordinado atraz de si.

No reinado do seu successor Tewfik dominou a anarchia, terminando por uma insubordinação militar, inspirada em parte por aggravos reaes da parte de usurarios estrangeiros e officiaes corruptos, em parte pelo fanatismo e ainda largamente pela inveja que os officiaes nativos egypcios tinham dos seus superiores turcos e circassianos. A Inglaterra interveiu em favor do khediva e restabeleceu a ordem em Tel-el-Kebir em 1882. A fim de evitar discussões nacionaes por causa das responsabilidades que tal facto envolveria, não foi proclamado o protectorado sobre o Egypto.

Por diversas vezes os estadistas pensaram na retirada do exercito de occupação, mas depois do insuccesso das negociações anglo-turcas em 1886-1887 reconheceu-se que isso só se podia effectuar, se pudesse, ao cabo de muitos annos.

Apezar do ciume da França, cujos politicos, devido talvez á influencia allemã, haviam tomado uma attitude hostil para com a Inglaterra, apezar da hostilidade dos elementos reaccionarios e do khediva Abbas II, que succedeu a seu pae Tewfik em 1892, da desorganisação financeira em que o Egypto tinha cahido, do abuso das Capitulações e do facto de nenhuma das grandes potencias ter reconhecido a especial

tegica». Nunca o kaiser tinha tido maior necessidade de uma victoria retumbante no occidente.

O tempo era favoravel aos seus planos. Um denso nevoeiro cobria o solo e os aviadores alliados não podiam observar os movimentos das tropas inimigas.

A nova phase da batalha começou com um successo para os allemães. A's 2 horas da manhã de 10 de novembro começaram a bombardear servas sobre o Yser e nas ruas, entre as desmoronadas casas, seguiu-se uma terrivel lucta corpo a corpo.

A lucta prolongou-se durante horas e o almirante Ronarc'h ás 5 horas da tarde levou o resto das suas tropas para oeste do Yser. As pontes sobre o canal estavam destruidas e o duque de Wurtemberg, que havia perdido 10.000 homens, tinha apenas um montão de ensanguentadas ruinas e alguns prisioneiros como tropheus da sua sangrenta vi-

Emissarios turcos em Berlim

Dixmude com maior violencia do que a até então empregada. As trincheiras francezas foram arrazadas e pelas 11 horas da manhã uma massa de 40.000 allemães precipitou-se sobre os marinheiros de Ronarc'h e os belgas. As tres linhas de trincheiras na estrada de Eessen foram tomadas. Atacados por todos os lados, os seus heroicos defensores foram repellidos para as ruinas da cidade. Levando os prisioneiros francezes na frente das suas columnas, os allemães avançaram. Ronarc'h lançou as suas ultimas re-

ctoria. As aguas espalhando-se em frente de Dixmude e entre Dixmude e Bixschoote, e por detraz das aguas os canhões pezados francezes, os canhões navaes, os de «75» e as metralhadoras com a indomavel infanteria franceza e belga tornavam ainda o caminho para Calais e impediram que o duque auxiliasse o kaiser nos seus assaltos a Ypres por um movimento envolvente de flanco do norte.

Os marinheiros de Ronarc'h e os belgas de Meyser rivalisavam com os inglezes. De 16 de outubro a

10 de novembro mantiveram-se n'uma posição exposta, aos ataques de um numero muito superior de inimigos apoiados por uma immensa artilharia. A defeza de Dixmude é uma pagina brilhante da historia militar.

Entretanto ao sul de Dixmude a linha franceza até Zonnebeke tinha sido alvo d'uma série dos mais violentos ataques. Em Bixschoote e Langemarck grandes massas de allemães jovens recentemente chegados tinham-se precipitado contra as trincheiras francezas. Tinham pelejado com a maior coragem, mas haviam sido repellidos com enormes perdas.

O resto da fronte alliada foi batido pela artilharia e n'alguns logares os allemães fizeram obras de sapa em direcção á linha alliada, que na direita tinha sido reforçada por um batalhão da companhia d'artilharia ingleza.

Um ataque nocturno, favorecido pela escuridão, pela chuva e pelo nevoeiro, proximo de Givenchy, foi repellido com grandes perdas.

Logo que rompeu o dia 11, as baterias allemãs ao norte e ao sul da estrada Menin-Ypres abriram um fogo terrivel. Durante tres horas, uma verdadeira chuva de granadas explosivas e de shrapnels cahiu nas linhas inglezas.

Logo a seguir, por entre o nevoeiro, uma columna de quinze batalhões da Guarda Prussiana avançou sobre as trincheiras no bosque Nonne Bosche, a oeste do polygono de Zonnebeke, emquanto simultaneamente, entre a estrada Menin-Ypres e o canal Comines-Ypres, uma carga cerrada tentada por outras tropas era detida pelo fogo d'artilharia. Os allemães estavam n'um estado de exaltação febril devido aos discursos cheios de paixão do kaiser.

Na esquerda, para o lado do mar, em Nieuport, a offensiva allemã continuava, tendo alguns d'elles atravessado o Yser a nado. A sudoeste do canal Comines-Ypres á orla da cadeia de Mont-des-Cats, columnas estavam em movimento para repellirem os francezes de St. Eloi para Ypres. A cadeia de Mont-des-Cats, o valle do Douve e o bosque de Ploegsteert eram tambem atacados, mas ao sul do Lys a batalha fraquejava.

De todos os ataques só o da Guarda Prussiana teve algum exito. Varrida pelo fogo de frente, tomada de flanco pela artilharia, fuzilaria e metralhadoras, a «élite» do exercito allemão ainda avançou, como tinha feito em St. Privat quarenta e quatro annos antes. Os seus progressos foram, na realidade, muito semelhantes—vagarosos, mas firmes. Ainda que em Ypres, como em St. Privat, as perdas fôssem terriveis, nunca pensaram em voltar costas. Para lhes fazer frente, além dos homens que estavam nas trincheiras havia apenas duas companhias de campanha dos Reaes Engenheiros, subindo a uns quatrocentos homens, e na fronte direita do ataque allemão estavam uma bateria pezada ingleza e uma bateria de campanha.

Os prussianos estavam a uns noventa metros dos canhões. A não ser que uma linha de fogo de força sufficiente para deter o avanço pudesse ser estabelecida, o dia estava perdido. Todos os homens validos foram n'isso empregados. Os artilheiros nas peças e os serventes armados de carabinas estavam promptos a abrir fogo sobre o inimigo.

Esperando socegadamente até que a distancia fôsse tão curta que tiro algum se perdesse, os inglezes, ao ouvirem a voz de fogo, deram uma descarga geral, não havendo uma unica bala que não fôsse ferir um inimigo. E descargas cerradas se seguiram contra as fileiras da Guarda Prussiana, que, afinal, vacillou, ondulou e, deixando milhares de mortos e de feridos atraz de si, retirou tristemente.

No dia seguinte, sir Douglas Haig fazia publicar a seguinte ordem:

«A' 1.ª divisão, 2.ª divisão, 3.ª divisão, 1.ª divisão de cavallaria e 3.ª divisão de cavallaria—G. 983, Novembro 12. 1914.

O commandante em chefe encarregou-me de transmittir ás tropas sob o meu commando as suas congratulações e o seu agradecimento pela magnifica resistencia hontem opposta ao ataque allemão. Esse ataque foi dado por 15 batalhões da Guarda Prussiana que foram trazidos propositadamente para levar a cabo a tarefa em que tantos outros corpos haviam falhado—esmagar os inglezes e abrir caminho para Ypres.

Desde a sua chegada a estes sitios, o primeiro corpo, auxiliado pela 3.ª divisão de cavallaria, a 7.ª divisão e tropas do segundo corpo, derrotou o 23.º, o 26.º e o 27.º corpos de reserva allemães, o 13.º corpo activo e finalmente uma enorme força da Guarda Prussiana.

Talvez que os annaes do exercito britannico não mencionem feito tão brilhante como este».

Nunca elogio foi mais merecido.

Em todos os pontos o inimigo foi repellido e no dia seguinte, n'um ataque nocturno, os francezes annitilaram os allemães que haviam atravessado o Yser.

Com a derrota da Guarda Prussiana, que no dia 12 fez esforços inuteis para a reparar, póde dizer-se que findou a batalha de Ypres.

O kaiser perdera n'um mez de lucta para cima de 300.000 homens, perda que em nada o affectou. Não conseguira chegar a Calais; o exercito dos alliados na Flandres continuava invencivel e occupando a barreira de trincheiras desde Compiègne em redor de Ypres até Nieuport que tão valentemente havia defendido.

O exercito inglez sahira triumphante d'uma das mais criticas situações em que jámais se vira, os francezes e os belgas haviam mais uma vez mostrado a sua superioridade sobre os allemães no campo de batalha.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1811 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 20 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

No parlamento

Mercê da retirada de muitos parlamentares, o «quorum» da Camara dos Deputados tem baixado sensivelmente, e segundo se affirma ha a maior difficuldade em conseguir que o parlamento continue aberto depois do fim d'este mez, se isso se tornar necessario, porque muitos outros representantes da nação que ainda não desertaram do seu posto estão intransigentemente dispostos a imital-os.

A uns afugenta-os o calor: querem ir gosar as brisas frescas dos campos e das thermas. Outros querem ir tratar dos seus negocios na provincia. Outros ainda não estão resolvidos a aturar mais massadas.

Ora a verdade é que os que teem de trabalhar continuam em Lisboa, apesar do calor, e entregues muitas vezes a uma faina extenuante. Esses não pensam em fazer estações thermaes ou gosar villegiaturas campestres; esses estão entregues á sua profissão, vivendo para ella e acceitando-lhe todas as suas pesadas obrigações.

Dir-se-ha que o mandato de legislador não significa um diploma profissional. E' certo. Mas representa um compromisso, e como tal impõe deveres que não é licito esquecer nem despresar.

Quem acceitou um mandato de membro do poder legislativo implicitamente se obrigou a executal-o em toda a sua latitude. Por isso, emquanto a esse mandato não renuncia, a sua occupação tem de ser a que essa qualidade lhe attribue, isto é, a de comparecer na Camara para que foi eleito, estudando as questões que lhe são sujeitas, e dando-lhes a sancção do seu voto.

Emquanto o parlamento tiver de se conservar reunido para discutir e votar as medidas necessarias da administração do Estado, os parlamentares não teem o direito de pensar n'outra coisa. Essa occupação sobreleva a quaesquer outros interesses que possam preoccupal-os, quaesquer outras fórmas da actividade que lhes seja dado desenvolver.

De contrario, a opinião publica tem o direito de suppôr que esses legisladores só quizeram possuir o mandato legislativo ou por uma questão de vaidade, movidos pelo desejo de alardear o titulo de deputados, ou para conquistarem simplesmente uma influencia politica com intuitos que não são seguramente os de melhor servirem a patria e as instituições, ou para passarem o inverno em Lisboa, tirando da sua qualidade de parlamentares a receita necessaria para se evadirem á monotonia invernal da provincia em vez de, como outros cidadãos, tirarem para isso o dinheiro do seu bolso.

Não é esta a noção que, sobretudo n'uma democracia, se deve ter do mandato legislativo. Elle representa uma procuração popular, e não ha o direito de fugir ás obrigações que essa procuração impõe. Cada membro do parlamento representa uma particula da soberania nacional. A' medida que ellas vão desapparecendo, a soberania nacional sente-se progressivamente mutilada.

Não sabemos se ha ou não necessidade absoluta de o parlamento continuar aberto. Se a não ha, tanto melhor. Mas se ella existe, se a discussão consciencioso dos orçamentos e questões instantes, como a das subsistencias, reclamam a permanencia do parlamento por mais algum tempo, não ha o direito de allegando o calor ou simples interesses pessoaes abandonar a assembleia nacional onde se trata dos superiores interesses do paiz e da Republica.

Poeira da Arcada

El Imparcial de Madrid cita e enaltece alguns nomes de mulheres que se tornaram illustres na guerra. Pretende juntar um novo quadro ás glorias immortaes de Eva. No dia em que esta puder livremente seguir a carreira das armas, a terra será um lindo acampamento. Morrer-se-ha por gosto nos campos de batalha.

***

Quando é que o marquez de Pombal occupará a Rotunda com o marmore da sua pomposa immortalidade?

Os annos irão passando, espalhando ruinas com a perseverança invencivel de quem assim realisa uma obra em tudo conforme ás leis da natureza. A memoria do grande marquez escapará a tão funesta foice. Uma occasião chegará em que os homens talvez comprehendam que elle não necessita de uma estatua para vencer a travessia dos seculos. E, uma vez na posse d'esta certeza, não descançarão, emquanto o não tornarem mediocre, dando-lhe um pedestal á altura dos predios banaes e mesquinhos que cingem a Rotunda.

***

Trata-se da nomeação de um governador para Moçambique. Não faltam os pretendentes. Citam-se nomes e entre estes alguns apparecem que muito conhecem de colonias. E' provavel que o escolhido, ao chegar lá, veja que sobre o oceano Indico nasceu o sol das Descobertas. E, passado um semestre, regressará á patria a enterrar os seus planos, aos vacillantes clarões do poente.

Migalhas

Ser ou não ser

Desde o começo da guerra tenho ouvido varias pessoas que querem passar por ter o livro raciocinio das suas convicções declararem o seguinte:

—Se ser germanophilo é admirar a organisação militar, a expansão industrial, o espirito de disciplina e esta e mais aquella e mais aquella outra virtudes allemãs, eu sou germanophilo. Se ser francophilo é ter pela França artista, economica, colonisadora, patriotica e enthusiasta, admiração e respeito, eu sou francophilo. Mas se se trata da França de Caillaux, da França da questão Dreyfus, etc., etc. eu não posso ser francophilo.

Talvez essas considerações pudessem ser acceitaveis em tempo de paz. Hoje não ha que fugir ao dilemma: ser germanophilo é desejar a victoria do imperialismo allemão, ser francophilo é querer o triumpho da democracia franceza. Tudo o mais são sophismas, que nem ás proprias creanças conseguem ludibriar.

De resto, as cousas como as mulheres: acceitam-se e amansam-se, taes quaes são, com os seus defeitos e as suas qualidades. Ama-se uma mulher de espirito embora tenha as pernas tortas. Adora-se uma outra, que tem um cotovello esculptural, ainda que seja uma estupida sem remedio possivel. Todos os que põem restricções no seu querer não querem verdadeiramente e nunca a hora foi, como hoje, de affectos exclusivos. Admirar o que um paiz tem de bom para logo em seguida lhe lançar á face o que tem de mau é utilisar em ponto grande aquelle methodo de apreciação de pessoas tão vulgar em Portugal em que se começa por dizer que um determinado sujeito é um bom rapaz, muito sympathico, muito prestavel, e se conclue lembrando que bate na mãe e ganhou o que tem com um alcance que fez ha uma porção de annos.

Esses amores de dois bicos não illudem ninguem. O momento actual não permitte a delonga de uma pesagem minuciosa. Ha que acceitar os partidos em globo e ser ou não ser. Querer ser duas coisas a um tempo não é para os que vão correndo. E, de resto, ha pessoas que não necessitam explicar o que são. Demais o sabemos nós.

André Brun.

Sul d'Angola

As tropas portuguezas derrotam o Cuanhama, morrendo seis praças brancas

O sr. Rodrigues Gaspar, ministro das colonias, leu hoje nas Camaras o seguinte telegramma do sr. governador geral d'Angola:

Fui atacado, com muita violencia, pela gente do Cuanhama, no Mongre, a 45 kilometros de N'Giva e a 60 kilometros do Humbe, pelas 9 e meia horas de 18, durando o fogo duas horas e meia, sendo o inimigo repellido e perseguido pela cavallaria. Tivemos 30 feridos, dos quaes 6 officiaes e 6 praças européas e outras tantas indigenas mortas. A muita violencia do fogo originou um grande consumo de munições que, reunido á falta de agua e á difficuldade de abastecimneto, me colloca em situação grave, exigindo demora na Mangoa, para poder proseguir. E' urgentissimo que venha tudo quanto tenho pedido para automoveis, sob pena da situação ser desesperada.— (a) General-governador.

Segundo se dizia por S. Bento, o governo reunirá á noite no ministerio das colonias para se occupar da situação no Sul d'Angola.

O encalhe do «Republica»

Como noticiámos chegou ao Tejo e está atracado á ponte do Arsenal de marinha o vapor «Finisterre», que veiu desembarcar as peças, material de guerra e mobiliario do cruzador «Republica».

A Peniche chegou hoje, vindo de Gibraltar, o vapor «Valkyrian», com mais bombas, caldeiras e mergulhadores.

Devido ás rigorosas vistorias externas confirma-se a existencia de um unico rombo no paiol do vinho.

Os estudos feitos sobre os planos augmentam ainda as esperanças de salvar o cruzador.

O «Finisterre» logo que termine o desembarque segue para junto do «Republica».

COISAS ESTRANHAS

A influencia do Estado

Como collide, a cada passo, com a das camaras municipaes, sendo necessario harmonisal-as

—E' bom não deixar de insistir—diz-nos a mesma pessoa que hontem, entre duas palavras banaes de cumprimento e dois amigos apertos de mão, nos falou da situação economica de grande parte dos nossos municipios. E é preciso insistir—continuou—porque todos os esforços são poucos para que de vez acabe a série quasi infinita de pequeninas tragedias que coisas verdadeiramente insignificantes fazem nascer entre o Estado e as camaras e entre estas e os simples cidadãos contribuintes, como o seu credo...

—Se isto é o paiz onde ninguem se entende...

—Não é bem isso. Isto o que é é a terra das coisas bizarras, das legislações esdruxulas, das leis attrabiliarias, feitas sem ponderação e por isso mesmo quasi sempre impeditivas do que é justo e do que todos entendem necessario, urgente, imperativo. Pois póde lá admittir-se que se legisle de maneira que se criem fontes perennes de desaguisados, de conflictos e até de abusos intoleraveis? Por mim, creio que não. Pois é o que tem acontecido até hoje com quasi todos os diplomas reguladores da esphera de acção e de influencia do Estado e das corporações locaes. Coisas de a gente se benzer, affirmo-lh'o...

—Mas que podem remediar-se, com certeza.

—Claramente. Assim haja quem se disponha a applicar o remedio. E' conhecida a situação em que as camaras se encontram perante as obras publicas, no que respeita á conservação e limpeza de estradas, na parte em que ellas, atravessando as povoações, constituem ruas publicas. Essas estradas deterioram-se, como todas as estradas, e, muito principalmente, como as de Portugal, onde não sei se existe alguma em termos. E onde se arruinam mais, como é natural, é dentro dos povoados. Não deviam as camaras zelar por ellas, limpal-as, reparal-as, reconstruil-as? Deviam. Pois não podem tratar d'isso. As obras publicas, sempre ciosas das suas attribuições, não o consentem, e se o pessoal das camaras resolve ir contra a lei, em beneficio publico, é como se cahisse Troya ou se se arrazassem os Jeronymos. Os protestos são immediatos e as disputas irritantes não teem fim. Mas não é tudo. Supponha, por exemplo, que o cantoneiro d'uma estrada districtal accumula á entrada de uma povoação, onde começa a sua zona de influencia, todo o entulho que tirou durante semanas e semanas das valetas obstruidas pelas chuvas. Supponha mais que deixa para ali o monturo eternamente. Pensa que a camara pode mandal-o retirar? Engano. A lei oppõe-se a isso.

—Chega a parecer coisa de revista...

—Chega, mas não é. E o que acontece com as estradas acontece com os rios, ribeiros, regatos, valas, etc. Um rio desvia-se do seu curso, enche-se de lama, ameaça inundar uma cidade ou uma villa? Arranja represas, pequenos açudes, regatos que não deixam correr a agua e que no verão favorecem a sua estagnação, fazendo-a apodrecer e creando-se assim focos infecciosos perigosissimos? Pois bem—a corporação local que toque em qualquer d'essas represas para acabar com os charcos empeçonhados, que põem em risco a saude publica. Chovera sobre ella uma verdadeira saraivada de officios e de descomposturas, que chegarão mesmo a uma prestar tal que, se as obras publicas com egual diligencia procedessem para reparar os estragos que as estradas e os rios soffrem constantemente, em nenhum paiz os serviços hydraulicos e de viação andariam melhor afinados.

E vem agora a narrativa d'um facto curioso.

—Quer ouvir? — Perto de Lisboa, n'uma das mais concorridas estações de verão, mora um proprietario rico, perto de cuja casa passa um regato que, n'esta altura do anno, não tem a differencial-o d'um caneiro inteiramente secco mais do que simples poças d'agua verdosa, exalando um cheiro nauseabundo. Officiou-se á camara, pediu-se ás obras publicas, deram-se todos os passos para que o pobre regato em agonia soffresse a limpeza que a boa higiene do local exigia. Nada. A vergonha e o perigo persistiam. Um dia, porém, deliberou alguem mandar limpar o monturo por sua conta. Esgotara-se-lhe a paciencia. A limpeza fez-se. Mas as obras publicas, que tinham feito orelhas surdas a quantas reclamações lhes haviam dirigido, d'essa vez acordou para protestar e logo que soube que lhe tinham usurpado as attribuições surgiu irada, na pessoa d'um cantoneiro que, fero e bravo, ameaçou tudo e todos, sem que todavia explicasse o motivo por que não apparecera mais cedo. E casos d'estes ha-os por ahi aos centos.

—Como acabar com elles?

—E' facil. Outro projecto de lei auctorisando as camaras municipaes e as proprias juntas de parochia a repararem as estradas districtaes nos lanços que constituem ruas urbanas e a limpar os trechos dos rios, riachos e regatos que, estando sob a acção das obras publicas, atravessem povoações. E' a doutrina, que o sr. Urbano Rodrigues, de resto, já concretisou n'um projecto que levou á Camara dos Deputados e que ella tem obrigação de approvar quanto antes. Não ha outra coisa a fazer, sob pena de se prolongar indefinidamente uma situação, que não tem nada de pratica nem de proveitosa para ninguem...

O PROBLEMA DAS SUBSISTENCIAS

Porque se vende caro o peixe?

Os armadores não são os culpados,—diz-nos o sr. Rogerio Ramos

O sr. Rogerio Ramos, capitão-pescador da praça de Lisboa, quiz ter a gentileza de nos expôr o que pensa ácêrca do tão debatido problema do peixe, contribuindo assim para esclarecer um assumpto singularmente interessante e que de ha muito prende as attenções do publico. Tem o amor da sua profissão, cheia de riscos mas não desprovida de encantos, e fala não com o intuito de defender os armadores de pesca, mas no de definir uma situação sobre a qual entende conveniente que se faça toda a luz.

Em Lisboa, segundo nos diz o sr. Rogerio Ramos, encontram-se dois inglezes que pretendem comprar cinco vapores de pesca. Aqui já foi vendido um, o «Vasco da Gama», e no Porto venderam-se dois, o «Serra d'Agrella» e o «Serra do Gerez». A venda dos barcos terá como consequencia uma grave crise cujas primeiras victimas são os homens que constituem a sua tripulação e a maior de todas o publico, que se já é mal servido muito peor o será se os armadores se deixarem vencer pelo desanimo. Mas não representa um magnifico negocio o das pescarias e não se deve ao espirito de ganancia d'aquelles que o exploram a crise actual que tanto preoccupa o consumidor? E' a semelhante pergunta que o sr. Rogerio Ramos nos responde n'estes termos:

—A citação de alguns numeros bastará para mostrar que não são os armadores quem faz o peixe caro. As 14.000 toneladas, numeros redondos, trazidas ao mercado de Lisboa em 1914 foram vendidas ao preço médio de $07,2 o kilo, ou, segundo a antiga moeda, 72 réis; as 7.000 toneladas do primeiro semestre d'este anno venderam-se á razão de $08,6 o kilo, ou, como se dizia antigamente, 86 réis.

«Quem faz o preço por que o peixe depois se vende no mercado é quem o adquiriu no leilão, são os chamados açambarcadores, são os vendedores ambulantes. Os armadores vendem-no aqui como em Inglaterra. A differença que ha, na venda a retalho, é que n'aquelle paiz o peixe se vende em estabelecimentos proprios e não pelas ruas, em canastras, á cabeça de mulheres. O consumidor vae á loja do peixe, onde o encontra em vitrines adequadas. Entre nós houve quem tentasse estabelecer na cidade varios locaes para venda de peixe a retalho. Foi o sr. dr. Joaquim Moreira de Carvalho. Mas levantaram-se innumeras e invenciveis difficuldades, até por parte das estações officiaes!

«O pequeno augmento que se nota entre o preço por que o peixe foi vendido em 1914 e o do primeiro semestre do corrente anno comprehende-o facilmente quem não ignorar como a guerra veiu encarecer tudo. Augmentou o preço do carvão, augmentou o do gelo, augmentou o das rêdes, cabos, oleos, tintas, etc., que duplicaram. Os cabos de arame de aço só com difficuldade se adquirem em Inglaterra onde todas as fabricas estão trabalhando para o Estado. O pequeno augmento do preço do peixe dará para tudo isso? E convem não esquecer que os armadores pagam ainda contribuições na importancia de 13 por cento.

«Quanto ás importantes despezas feitas na incerteza do lucro é sufficiente um exemplo. No dia 13 sáhiu de Lisboa para o banco de Arguim um dos maiores navios da nossa praça, o «Rio Tejo». Levou um carregamento de carvão na importancia de 3 contos e 200 escudos, sessenta toneladas de gelo que custaram 360 escudos. Com outras despezas indispensaveis, custa esta viagem, d'uns dezeseis dias, mais de 4 contos. O armador vae á sorte. Póde não apanhar peixe, póde perder o seu apparelho, póde soffrer grandes temporaes tão frequentes n'aquellas paragens. O pesqueiro de Arguim, onde só vão os portuguezes, fica proximo de Cabo Verde, distando de Lisboa umas 1150 milhas...

N'esta altura, o sr. Rogerio Ramos fez uma pausa. Perguntámos-lhe então por que motivo, quando chegam ao Tejo uns tres navios, transportando um total de cêrca de 140 toneladas, não descarregam todo esse peixe e o vendem.

—Porque obteria—respondeu-nos—um preço muito inferior, não compensando as despezas. Afinal, o consumidor nada lucraria com isso, porque o intermediario guardava o peixe para o vender nos dias seguintes, conservando-o, claro está, no gelo.

E como perguntassemos porque não descarregam os navios para o frigorifico de Santos, o nosso interlocutor explicou:

—Não se obteem resultados vantajosos com essa mudança do porão para o frigorifico em terra. O peixe adquire com essa passagem mau aspecto. Torna-se, por isso, preferivel, apezar da despeza, demorar o navio mais um ou dois dias, até se fazer a venda total do peixe.

«Convem ainda observar que os pescadores estrangeiros—refiro-me aos francezes e aos hespanhoes—quando pescam tonelada e meia ficam satisfeitos. Nós não conseguimos salvar as despezas com menos de tres toneladas. Quer isto dizer que elles o vendem melhor do que nós... Cumpre tambem frisar que é absurdo dizer que se podem vender diariamente 150 toneladas, ou mais, de peixe, pois que em média não seria possivel sequer vender trinta...

Terminando, o sr. Rogerio Ramos fez naturalmente o justo elogio dos homens que com elle cooperam nas fainas da pesca.

—Não os ha melhores. São os nossos os que mais peixe apanham quer nas costas de Portugal, quer nas de Marrocos, quer ainda no longinquo banco de Arguim. E, se os pescadores são os melhores, o peixe é tambem o que em melhores condições sanitarias apparece em qualquer mercado da Europa...

Noticias parlamentares

Diz-se que reuniu hontem a maioria parlamentar para resolver sobre a duração da actual sessão legislativa. E parece que realmente essa reunião se effectuou, tendo até presidido o sr. Ribeira Brava. A verdade, porém, é que os factos desmentem o que a tal respeito se affirma, porque se as maiorias parlamentares tivessem deliberado discutir ainda um bom feixe de projectos, não principiariam já hoje aquelles que a compõem a safar-se á formiga, deixando aos que ficam o cuidado de levarem por deante as suas intenções. Pois não será estranho, dadas as circumstancias em que o parlamento funcciona, abandonal-o no goso de licença quando trabalhar muito e depressa devia ser regra de vida para todos? Cada um que responda. Mas a verdade é que as licenças continuam, só terminando, decerto, quando S. Bento fechar as suas pesadas portas...

***

O sr. Francisco Cruz requereu hoje, pelo ministerio das colonias, uma nota detalhada dos camions, automoveis e sobresalentes, com os respectivos preços e nomes dos fornecedores, que até hoje tenham sido encommendados e adquiridos para as expedições militares a Angola ou Moçambique, data e nome dos jornaes em que se fizeram os annuncios da abertura do concurso, copia do caderno de encargos, indicando-se as diversas alterações que os mesmos cadernos soffreram quanto á fixação dos prasos de entrega das propostas e das encommendas, e, tambem, se todas as condições de contracto foram escrupulosamente cumpridas. Foi mandado expedir com toda a urgencia.

***

Os pretendentes! Se queres saber, leitor, como os dinheiros da nação trazem em volta de si mil olhos anciosos a desejal-os e mil garras aduncas prestes a lançarem-se-lhes em cima, vae até até ao parlamento da Republica n'estes dias solemnes em que se discute o orçamento geral do Estado. Encontrarás por toda a parte gente que pede, que supplica, que se lamenta, que persegue implacavelmente o emprego publico e procura, no grande festim orçamental, installar-se com o seu talher, para cortar á larga e comer á grande. E na nuvem dos que pedincham encontrarás de tudo—caras conhecidas e desconhecidas, creaturas que julgavas incapazes de uma humilhação e individuos que não podem, por mil annos que vivam, humilhar-se mais, nem tanto. Oh! os pretendentes, n'esta maré cheia do orçamento! Chega-se a ter dó dos nossos parlamentares, que são quem dá os empregos, e dos outros, dos que os mendigam como quem, á porta de uma casa rica, em dia de festa, solicita uma malga de caldo para retemperar o estomago oscillante e vasio!

***

E viva a ostra! Pouco faltou para que o sr. Mantas hoje guindasse o aristocratico crustaceo á cathegoria de reconstituinte salvador d'esta raça anemica de definhados. As lãs passaram á historia; e até parece que o sr. Mantas, depois de ter tentado transformar em cobertores alemtejanos toda a lã d'este paiz, quer agora installar nos lagos da Serra da Estrella enormes viveiros d'ostras, para matar a fome aos povos circumjacentes. Ha creaturas que teem, pelo menos, uma ideia exquisita por dia. O sr. Mantas pertence a esse numero. Se não, porque estranhas artes poderia elle vir dar-nos a grata novidade de que a ostra é um alimento precioso, dos melhores que a natureza nos concedeu. E é que ninguem o sabia. Que ignorantes!...

***

O orçamento da guerra lá foi hoje caminhando lentamente pela ladeira acima, tropeçando aqui e além na discussão que á volta d'elle se travou. Incidente curioso: o do sr. Ramos da Costa com o sr. Helder Ribeiro, a proposito da verba de 900 escudos para pagamento ao professor de mathematica dos pupillos do exercito. Um dizia que se pagava de mais. Outro opinava o contrario. Qual d'elles tinha razão? Sabel-o leitor? Nem nós. O que sabemos é que o feliz mortal que ensina as quatro operações complicadas aos pupillos ficou com os cobres que o orçamento lhe dava, não obstante a cara feia que á approvação de semelhante despeza o sr. Ramos da Costa fez.

A questão do Douro

ALIJO', 19—A camara municipal d'este concelho, na sua sessão de hoje, approvou, por unanimidade, que se lançasse na acta um voto de louvor ao sr. deputado Mello Barreto pelo seu intelligente, zeloso e aturado trabalho em defeza da região do Douro.

Aviação militar

O sr. Fran[illegible] José Ferreira de Oliveira e Sá, morador na travessa do Moinho Velho, á Ajuda, 2, que occupava o cargo de secretario no extincto Centro Nacional de Aviação, offerece-se para frequentar a escola de pilotos-aviadores.

QUESTÕES FINANCEIRAS

A liquidação das cambiaes

O sr. dr. Barbosa de Magalhães entende que deve conceder-se uma prorogação indefinida

Um projecto de lei que o sr. dr. Levy Marques da Costa apresentou na Camara dos deputados sobre a liquidação das operações cambiaes deu logar a desencontradas manifestações por parte dos banqueiros e commerciantes das praças de Lisboa e Porto. Vejamos o que diz sobre o assumpto o sr. dr. Barbosa de Magalhães, membro da commissão de legislação civil e commercial, que já se pronunciou ácerca do debatido projecto:

—Não concordo com a solução apontada pelo sr. dr. Levy Marques da Costa, mas não acceito tambem a formula que o sr. dr. Paulo Falcão poz em pratica, quando geriu a pasta da justiça, pelo decreto de 5 de junho. Para justificar esta minha dupla discordancia, preciso expôr os factos que giram em torno da questão.

«Em agosto ultimo, apoz o começo da conflagração europeia, o poder executivo, attendendo a reclamações dos interessados, prorogou por 60 dias a liquidação das operações cambiaes a praso, até então realisadas. Essa prorogação foi sendo renovada successivamente pelo poder executivo, até que, em janeiro do corrente anno, occupando eu a pasta da justiça, levei no parlamento uma proposta na qual se estabelecia a continuação da prorogação concedida, com o fundamento de que subsistiam, até aggravadas, as circumstancias de caracter economico e financeiro que tinham imposto a primeira prorogação.

«N'essa proposta a prorogação era continuada por um praso cujo termo o governo fixaria, com uma antecedencia não inferior a dois mezes, logo que as circumstancias o permittissem; durante a discussão, porém, foi apresentada uma emenda pela qual o parlamento fazia logo uma prorogação de 90 dias, ficando o governo auctorisado a renoval-a em periodos successivos e eguaes áquelle emquanto se mantivessem as circumstancias de momento. A prorogação feita era obrigatoria para todos os interessados até o fim dos respectivos prasos.

«Estava restabelecido esse regimen quando foi publicado o decreto de 5 de junho, no qual o governo concedia uma ultima prorogação. A liquidação das operações cambiaes a praso passava a ser feita em cinco prestações, a primeira das quaes seria no praso de 90 dias e a ultima em 6 de julho de 1916. Esse decreto, exorbitando da auctorisação concedida pela lei de 8 de janeiro, veiu complicar a questão.

«O projecto do sr. Levy Marques da Costa determina que as liquidações das operações cambiaes a praso sejam feitas dentro do praso improrogavel de quinze dias, mas por compensação á media do cambio de vendedor dos dias 1 de julho a 3 de agosto de 1914 pela cotação official da praça de Lisboa, isto é, pela entrega da differença entre o preço da operação e o que resultasse da referida média. Esta solução, além de não estar em harmonia com o systema seguido pela lei de 8 de janeiro, podia dar em resultado, n'alguns casos, que os compradores que teem já estado sujeitos á moratoria se vissem ainda obrigados a dar dinheiro aos vendedores que assim não ficariam apenas isentos de grande prejuizo mas teriam ainda um lucro que seria indevido e injusto.

«Poderia ordenar-se que a liquidação se fizesse já, em moeda portugueza, aos preços iniciaes da operação, mas isto seria a annulação dos contractos; que já poderia ter sido feita se se entendesse que o Estado devia levar tão longe a sua intervenção, não permittindo sequer os lucros naturaes que das operações poderiam resultar se as circumstancias economicas e financeiras se não tivessem aggravado. Qual o caminho a seguir? Voltar ao systema das prorogações, que durante tantos mezes se seguira e deveria ter seguido sempre, emquanto as circumstancias de momento, como dizia a propria lei, se não modificassem.

«Ora, essa modificação deu-se, mas para peor. O cambio desceu muito, e a libra, que estava em principio de agosto a 5$16, e que foi subindo até 6$40 á data do decreto de junho, está agora a 6$66. Não se comprehende, pois, que, tendo-se concedido moratoria quando a libra estava áquelle preço de 5$16, se não concede agora que ella está muito mais cara, e se obrigue a fazer já a liquidação, embora em prestações.

«A violencia seria tanto maior quanto é certo que a lei de 8 de janeiro, como já o tinham feito os anteriores decretos, tornou obrigatoria a prorogação, isto é, prohibiu que as liquidações se fizessem, mesmo que os contractantes de uma e outra parte as quizessem fazer. O decreto de 5 de junho, ainda contra aquella lei, declarou facultativas as liquidações antes dos prasos n'elle marcados, mas bem se póde affirmar que poucas se teriam feito á sombra d'essa disposição e que não deve andar muito longe de 600.000 libras a importancia de todas as liquidações a realisar ainda. Isto mostra a influencia que no agio e portanto nas condições economicas e financeiras do nosso paiz exerceria a obrigatoriedade das liquidações, embora feitas nas prestações marcadas pelo decreto de junho.

«Como não é possivel prever-se quando as circumstancias se modificarão para melhor, a solução do problema consiste em votar-se uma prorogação indefinida, dando-se ao governo a auctorisação necessaria para marcar com certa antecedencia o termo d'essa prorogação quando o agio voltar a ter uma altura sensivelmente egual á que tinha antes do começo da conflagração europeia.

EM PLENA REGIÃO DE TURISMO

O que deseja a Figueira da Foz?

Que regulamentem o jogo e ella realisará os seus necessarios melhoramentos

O comboio que nos leva á Figueira da Foz entra na estação pouco depois d'um *botijo* que ali despejára uma caravana, vinda de terras de Hespanha. São mais de mil campezinos da raia, que deixaram tranquillos em suas cabanas os arados e que veem correr, saltar e gritar para esta praia com enthusiasmo e alegria ingenua de creanças. Esses modestos visitantes da terra natal de Fernandes Thomaz são as unicas figuras do cosmopolitismo que animam esta praia, imprimindo-lhe a nota estranha do exotismo, com os seus trajes tipicos de personagens de zarzuela e operetta.

Por momentos julgámos ter errado o itinerario e em vez da Figueira ter desembarcado em qualquer logar de além fronteira. Depois, no centro da cidade, ha um movimento enorme, as ruas vão cheias, os casinos apinhados.

Não vae longe o tempo em que a Figueira era um centro de attracção para os hespanhoes. Muitos dos nossos visinhos tinham aqui residencia tomada de anno para anno e mais de um mandou edificar casa propria. A gente *de qualidade* que vinha de Madrid e outras importantes cidades, porque não voltou? Alguem a quem formulámos a pergunta diz-nos:

—A'parte um limitado numero de pessoas de representação, que se inscrevem nos casinos, que frequentam as boas familias na praia, a colonia hespanhola da Figueira vae diminuindo de anno para anno. Os motivos d'essa ausencia são dados pelas noticias terroristas que a respeito do nosso paiz exportam as agencias telegraphicas e pela propaganda de attracção que simultaneamente fazem outras praias do paiz visinho. Depois a incerteza do jogo contribue immenso para que os visitantes vão perdendo o amor a esta linda praia, bem digna de melhor sorte,—conclue o nosso adventicio interlocutor, que se apressa a retomar o seu caminho.

Ao passarmos pelo edificio onde, com o museu regional, se encontram installadas as diversas repartições publicas, edificio magnifico que defronta com um panorama lindo sobre a avenida marginal, trecho hollandez, sem vaccas normandas, mas soberbo de sol, banhando o chão exuberante e humido, resolvemos ouvir um dos representantes da municipalidade.

Ali encontrámos o sr. José da Silva Fonseca, vice-presidente da commissão executiva da camara, que nos forneceu interessantes informações ácerca dos projectados melhoramentos da cidade.

—Esta camara, começa por nos dizer, comprehendo bem que a cidade está longe de satisfazer as condições a que obriga o turismo, para attracção de forasteiros. Administra, como póde, os fracos recursos de que dispõe e que são bem poucos na verdade. O concelho, como todos os ribeirinhos, é pobre. As receitas da camara orçam annualmente por 50 contos. Os encargos permanentes de emprestimos e do pessoal absorvem 25 contos; a instrucção primaria 13 e a illuminação 5, apesar de ser deficientissima. Ficam sete contos para attender a outros serviços, n'uma area superior a outros concelhos mais ricos. Já vê que n'estas circumstancias só por milagre se pode viver n'esta terra.

—E as casas de jogo não pagam uma contribuição especial?

—As casas de jogo, não, diz sorrindo o nosso interlocutor. Todos sabem que na Figueira se joga, como se joga em tantas outras cidades. No emtanto, como o jogo não tem existencia legal, os casinos são collectados como casas de recreio. A' sombra, pois, de um paragrapho do codigo administrativo, a camara da Figueira cobra dos casinos uma verba especial. Este anno as *casas de recreio* da cidade estão collectadas em 8 contos que pagam em duas prestações.

—Não seria preferivel acabar com essa ficção e regulamentar definitivamente o jogo?

—Tanto o julgo assim que esta camara foi das primeiras a representar a favor d'essa regulamentação. Não só a Figueira, como tantas outras terras encontrariam nas vantagens do jogo o necessario elemento de prosperidade. Tem-se prohibido, por vezes, o jogo. Mas, por acaso, alguma vez já foi possivel tornar effectiva essa prohibição? Nunca. O resultado é que, em vez de se prohibir o jogo, prohibe-se que as camaras municipaes recebam a verba paga pelos casinos, pois estes deixam de funccionar mas os jogadores entreteem-se em «comboios». Quer dizer, perdem as populações e lucram os banqueiros.

«Apezar das difficuldades materiaes que este municipio tem atravessado, não deixamos de cuidar a serio do desenvolvimento da cidade, estudando todos aquelles melhoramentos que a possam collocar na devida altura. Na proxima sessão camararia deverá ser apresentado esse plano, que uma vez

realisado transformará quasi completamente a cidade, dando-lhe um aspecto do modernismo, em conformidade com as naturaes exigencias do turismo, intimamente ligado com o jogo.

—Esse plano póde desde já ser conhecido?

—Sem duvida. Por elle a cidade da Figueira ficará possuindo uma avenida á beira mar, que irá desde o forte a meio de Buarcos, occupando uma area de 70 mil metros de terreno conquistado ao mar. O projecto d'essa avenida foi elaborado pelo engenheiro sr. Xavier da Cunha, director dos serviços fluviaes e maritimos da zona centro, sendo um trabalho technico digno de todo o louvor. A obra está orçada em 300 contos. Na esplanada do forte, extremo d'essa grandiosa avenida, projecta-se a construcção de um casino, com todos os modernos melhoramentos de casas d'essa natureza. Sendo uma necessidade construir novos centros de reunião, além do bairro dos casinos actuaes, a Camara entendeu dever construir tambem uma ampla avenida central, cortando a cidade, em terrenos hoje de cultura. Essa avenida parte do jardim municipal para o norte e mede 900 metros de cumprimento por 60 de largura.

«No extremo haverá uma rotunda, d'onde partem duas novas avenidas, uma para Tavarede e outra para Buarcos, com a largura de 30 metros. No prolongamento da rotunda construir-se-hão duas alamedas de 300 metros, ao fundo das quaes se abrem terrenos magnificos onde será installado um campo de jogos, que a cidade não possue ainda. No sitio denominado a ponte do Galante construir-se-ha um parque n'uma superficie de 35 mil metros e, por ultimo, como complemento d'este plano, construir-se-ha uma estrada em linha recta, de Tavarede a Buarcos, substituindo a actual estrada municipal.

«Eis, em poucas palavras, o meu plano, tão vasto que não cabe nos nossos actuaes recursos e que para ser levado a cabo necessita que o Estado, em vez de nos reduzir os recursos, nos augmente as receitas.

«A regulamentação do jogo seria a certeza de que estes melhoramentos em breve seriam a realidade...

CONGRESSOS REGIONALISTAS

Um congresso municipalista alemtejano

para promover a federação dos municipios d'aquella provincia, a fim de a valorisar

A camara municipal de Evora, n'um intuito digno de todo o louvor, vae promover a realisação d'um Congresso municipalista alemtejano, fixando a data da sua realisação para outubro proximo.

Será, por assim dizer, um preparativo do terceiro Congresso municipalista nacional, que na mesma cidade se deve realisar em maio de 1916.

Dos beneficios que para o Alemtejo pódem advir da realisação de taes congressos ocioso será falar. Dos intuitos que orientaram a camara de Evora ao promover o Congresso municipalista alemtejano diz a circular que em seguida publicamos e que acaba de ser expedida a todos os municipios d'essa provincia, circular que é do seguinte teor:

Ex.mo Sr.—E' o Alemtejo a maior provincia do paiz; a maior e a mais rica, sem que, apesar d'essa grandeza e d'essa riqueza ella occupe a situação que lhe compete, mercê, principalmente, da falta de fazermos, nós, os alemtejanos, valer os nossos direitos e proclamarmos bem alto, com a altivez derivada da razão e da justiça, que queremos ter na vida nacional o logar que incontestavelmente nos pertence.

E' necessario que nos reunamos, que façamos desapparecer a ideia, existente fóra do Alemtejo, de que o Alemtejo é um sertão, de que o seu solo é uma charneca e de que os seus naturaes são como que selvagens. E' indispensavel demonstrar que temos vitalidade, e que o nosso solo, rico como nenhum, produz as maiores riquezas do paiz, e que para essa riqueza se desenvolver, só se precisa da união de todos nós, que devemos ter por lemma—o Alemtejo é dos alemtejanos—.

N'este periodo de reivindicações, n'esta epoca em que todas as regiões que querem progredir se unem para a defeza dos seus naturaes interesses, necessario se torna que o Alemtejo levantando-se, firme e altivo, dentro da ordem e da legalidade, mostre o muito que vale e o muito que póde fazer para o resurgimento do paiz; porque é no Alemtejo que está o futuro da nação. No dia em que esta rica provincia produza o que póde e deve produzir, no momento em que a civilisação aqui se mostre com todo o seu brilhantismo e em toda a sua pujança, quando vivifiquem aqui as virtudes civicas, que tornam as nações grandes, o Alemtejo, enriquecendo-se, tornará tambem rico o paiz, que bem merece que todos por elle se sacrifiquem. Que não é necessario sacrificio algum; basta só que nos unamos e que trabalhemos; que marquemos uma senda a seguir, e que essa senda seja trilhada, com o amor que todos devemos á terra natal, e sem desfalecimentos, só proprios dos espiritos fracos.

E' n'esta ordem de ideias que o municipio de Evora deliberou convocar um congresso municipalista alemtejano, onde se discutam os interesses do Alemtejo. Para esse congresso, que deverá realisar-se em Evora, na segunda quinzena de outubro, temos a honra de convidar essa illustrada edilidade, certos de que v. ex.as não deixarão de acudir ao nosso chamamento, onde não ha vaidades, nem orgulhos, mas em que sómente existe patriotismo, na mais pura acepção.

E, assim, rogamos a v. ex.a a fineza de nos dizer, o mais breve possivel, quaes os srs. vereadores que desejam assistir ao congresso e ainda, no caso de quererem apresentar theses ou communicações, o favor de nos indicarem os nomes dos seus auctores, e o assumpto que desejam versar.

A camara de Evora apresentará os seguintes assumptos á discussão, defendendo-os—Federação dos municipios alemtejanos—Municipalisação dos cereaes, azeites e cortiças.

A commissão organisadora do congresso procurará obter reducção nos caminhos de ferro e proporcionará em Evora, aos ex.mos congressistas, as maximas commodidades, e passatempos dignos dos nossos illustres viajantes.

No proximo mez de outubro serão distribuidos o programma e o regulamento do congresso.—Saude e Fraternidade—Evora, Paços do Concelho, 16 de agosto de 1915.—O vereador, presidente da commissão organisadora do congresso, *Carlos Monteiro Serra*.

Dr. Affonso Costa

Um grupo de republicanos realisa no dia 29 do corrente um banquete de congratulação pelo restabelecimento do sr. dr. Affonso Costa. A festa, que terá logar n'uma propriedade do sr. Agostinho José de Oliveira, em Appellação, será abrilhantado por um grupo de executantes da Sociedade Alumnos de Apollo, de Campo de Ourique.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—As pilulas de Hercules.

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45—Rosa Tirana—A's 22,45—De capote e lenço.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Os milhões de miss Mabel.

Agenda da semana

HOJE — **Avenida** — *As pilulas de Hercules*, reapparição de Angela Pinto.

AMANHÃ — **Coliseu dos Recreios** — *Os milhões de miss Mabel.*

Primeiras representações

EDEN-THEATRO — **Berliques e Berloques**, novo quadro da revista «O diabo a quatro».

Refrescada, conforme é uso e costume n'este genero de theatro, a revista «O diabo a quatro», que toda Lisboa tem visto, promette mais uma serie de representações, attento o agrado com que foi recebido o novo quadro e a nova apotheose que hontem subiram á scena pela primeira vez n'aquelle theatro.

Ligeiro, com alguns numeros muito felizes como seja a «Cega-rega», que foi bisada, e o numero da «Sorte e do Azar», que mais uma vez deu ensejo a que João Silva se evidenciasse um bom rabulista, recommenda-se o quadro pelo bem posto que está e pela boa vontade com que é desempenhado por parte de todos os artistas, especialisando Nascimento Fernandes, Henrique Alves, Amelia Pereira e Bertha Baron.

Emquanto á apotheose de Reis (Par), allusiva ao heroe de Naulila, agradou plenamente, provocando até, talvez pela opportunidade, enthusiasmo na plateia.

Alvaro Lima

Ao correr da penna

O sr. Arthur Vinhó, que não tenho o gosto de conhecer, escreveu-me ha dias uma longa carta pedindo-me que sollicite do sr. ministro da instrucção publica a creação no Conservatorio de Lisboa de cursos nocturnos de musica, de arte de representar e de canto para as classes pobres.

Diz o meu correspondente que muitos dos que precisam angariar de dia os meios de subsistencia poderiam utilisar assim vocações, que hoje teem de pôr de parte. Aponta-me mesmo o exemplo de uma rapariga, que elle conhece, com uma voz excepcional e que talvez viesse a ser uma estrella dos nossos theatros liricos, se tivesse uma escola gratuita onde pudesse trabalhar. Recorda-me que Antonio Pedro, Tasso e Taborda começaram por ser simples operarios antes de deixarem no theatro um nome immorredouro e insta commigo para que aproveite o ensejo de ir entrar em discussão o orçamento do ministerio da instrucção publica para lembrar ao relator, dr. Balthazar Teixeira, a necessidade de fazer do nosso Conservatorio um estabelecimento accessivel a todos os que sintam gosto pelas bellas artes theatraes.

Estou absolutamente de accordo com o meu correspondente. Quando estiverem concluidas as obras importantes que se estão fazendo nos Caetanos e quando o Estado tiver acabado de fazer pelo nosso Conservatorio o esforço material de que elle é merecedor, será a altura de discutir serena, mas severamente, o trabalho que dentro d'elle se executa. Não resta a menor duvida que elle terá que ser posto á disposição, não unicamente dos filhos e filhas familias cujas familias tenham meios de lhes fazer aprender prendas de sala, mas de todos os temperamentos artisticos que porventura surjam na nossa terra. E, se o Estado permanecer surdo, fomentar-se-ha a creação de conservatorios populares, a exemplo do que se pratica em todos os paizes em que se criem actores e cantores. Conheço um projecto n'esse sentido, muito interessante e perfeitamente viavel, que não tardará muito que appareça á luz do dia e que talvez dê satisfação aos desejos do meu correspondente.

Cyrano

Boatos e informações

Chegou hontem a Lisboa o pintor hespanhol Marin, professor de scenographia na Escola de Bellas Artes de Madrid, que vem collocar o tecto, por elle pintado, do futuro theatro da Republica. O mesmo pintor se encarregou da decoração da sala e da pintura do panno de bocca.

● A seguir á revista *O diabo a quatro*, será representada no Eden uma outra, original de Pereira Coelho, Gustavo Sequeira e Alberto Barbosa.

● A companhia do Gimnasio chega a Lisboa no proximo dia 7 de setembro.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS —*O sonho de valsa.*

A linda partitura de Strauss teve hontem um desempenho muito correcto. Rozalia Pangrazi e Elisa Patrisi muito bem e Fernanda Razzoli como sempre adoravel de frescura, belleza e graça, cantando primorosamente, o que lhe valeu fartos applausos nos finaes dos 2.º e 3.º actos.

Vizzano, Razzoli e Marchetti, muito correctos.

Hoje canta-se, em recita de accionistas, a linda operetta Amor de principe, *que tanto applauso conquistou ante-hontem.*

A'manhã sobe á scena, como já dissémos, a lindissima operetta de Grieg Os milhões de miss Mabel, *que será posta em scena com extraordinario brilhantismo. E' completamente nova em Portugal.*

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil — Sonho guerreiro—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Mobilisação das industrias

Realisou-se hoje uma conferencia entre os srs. presidente do ministerio, ministros da guerra e do fomento, general Correia Barreto e a direcção da Associação Industrial, representada pelos srs. presidente Aboim Inglez, Othero Salgado, Carlos Ferreira, Cotrim da Cruz, Abreu Loureiro, Justino Guedes e Cupertino Ribeiro.

Os ministros corroboraram a anterior declaração do sr. dr. José de Castro de que o governo apenas pretendia com a sua proposta de lei ficar legalmente auctorisado a proceder no caso de qualquer industria recusar ao Estado a sua capacidade productora, mas que só usaria dos meios extraordinarios conferidos pela lei depois de esgotados todos os meios conciliatorios, recorrendo sempre ás Associações Industriaes, que serviriam de intermediarias para conformar os interesses em jogo e até serviriam de peritos no caso improvavel de se effectuar uma avaliação.

Trocaram-se largas impressões sobre a capacidade industrial das fabricas metallurgicas, da acquisição de materias primas e da possibilidade do nosso desenvolvimento industrial, entregando a Associação uma nota das ligeiras modificações a introduzir na proposta de lei e collocando-se incondicionalmente á disposição do governo para junto dos industriaes remover qualquer difficuldade que surja na execução dos contractos com o Estado.

Finalmente assentou-se que o sr. Correia Barreto se dirigiria á Associação sempre que precisasse contractar com a industria nacional.

A questão do peixe

Como o sr. visconde de Pedralva responde á Sociedade Commercial de Pescarias

Lisboa, 19 de agosto de 1915. — Sr. Manuel Guimarães, director do jornal «A Capital».—Tendo o jornal que v. tão illustradamente dirige publicado hontem uma carta que os gerentes da Sociedade Commercial de Pescarias L.da me dirigiram contestando as affirmações que ao tratar, no parlamento, da questão das subsistencias, tive occasião de preferir quando me referi á questão do peixe, venho sollicitar de v. a publicação da inclusa carta que em resposta dirigi áquelles senhores.

De v., com a maior consideração, etc. —Visconde de Pedralva.

Ex.mos Srs. Gerentes da Sociedade Commercial de Pescarias L.da

Accuso a recepção da carta de V. Ex.as, de hoje, na qual dizem estar mal informado no que respeita ás affirmações que fiz no parlamento quando, ao tratar da questão das subsistencias, me referi ao abastecimento do peixe.

Na sessão da Camara dos Deputados, realisada terça-feira passada, ponderando a necessidade de serem solucionados, antes de encerrada a legislatura que está decorrendo, os problemas tendentes a baratear os generos de maior consumo para as classes pobres, referindo-me á momentosa questão do peixe, declarei ser absolutamente preciso averiguar das razões que motivam a sua escassez e carestia e tomarem-se as mais energicas medidas para reprimir os graves abusos que publicamente se teem denunciado serem commettidos com o manifesto fim de encarecer este genero de consumo.

As affirmações que então fiz e os factos que apontei são do dominio publico, declarados em comicios, na imprensa, no congresso popular de subsistencia e no parlamento.

No jornal «A Capital», de hontem, onde vem publicada a carta de V. Ex.as, na primeira pagina o sr. José Catharino, delegado da Associação dos Vendedores de Peixe ao congresso de subsistencias, faz tambem sobre o abastecimento do peixe as mais extraordinarias revelações.

V. Ex.as mesmo, na carta com que me honraram, dizem conhecer as causas do «chamado encarecimento do peixe».

Parece que devemos estar todos de accordo em que se esclareça esta questão para o publico conhecer das razões por que não tem peixe em quantidade, em bom estado e barato.

V. Ex.as no pleno direito de defeza e conscios da justiça que entendem lhes assiste melhor do que ninguem podem elucidar o publico evitando assim que qualquer pessoa mal informada possa, de boa fé, fazer affirmações menos verdadeiras.

Affirma-se publicamente:

Que as emprezas não manteem em actividade todos os elementos de pesca tendo mesmo vendido ultimamente no estrangeiro alguns vapores;

Que havendo falta de pescado em Lisboa, por ter diminuido bastante o abastecimento, se continua a exportar peixe em grande quantidade;

Que se deixa o peixe por desembarcar de uns dias para os outros chegando-se mesmo a deitar peixe fóra por se ter deixado inutilisar;

Que aos navios de pesca estrangeiros se levantaram as maiores difficuldades a fim de evitar a concorrencia;

Que o peixe que em média fica na actual occasião a cêrca de $09 (90 réis) é vendido ao publico a preço superior sempre a $26 (260 réis);

Que todos os que se dedicam ao commercio do peixe estão enriquecendo á custa dos consumidores;

Que são geraes as queixas sobre o mau estado em como o peixe está sendo vendido ao publico.

Aqui teem V. Ex.as algumas das affirmações que se teem feito publicamente, até por pessoas do «metier», por certo como eu tambem mal informadas.

Saude e Fraternidade.—Lisboa, 19 de agosto de 1915.—Visconde de Pedralva.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Encontra-se em Mondim de Basto o sr. dr. Pereira e Cunha, juiz nos tribunaes internacionaes no Egypto.

—Seguiu para as Pedras Salgadas com sua esposa o sr. José de Azevedo Castello Branco.

—Consorciou-se em Aveiro o sr. Joaquim A. Soares, socio da fabrica de ceramica nos Agros, com a sr.a D. Celina Batalha da Cunha.

—Parte para a Figueira da Foz a sr.a D. Maria do Carmo de Lacerda Machado.

—Regressaram ao Porto os srs. drs. Almeida Garrett e Adriano Gomes Pimenta.

—Parte por estes dias para o Porto o sr. Simas Machado.

—Partiu para Cacia o sr. dr. Manuel Nunes da Silva, juiz do tribunal do commercio de Lisboa.

—Partiu hoje para o Gerez o sr. dr. Gaspar Baltar, director do «Primeiro de Janeiro».

—Encontra-se na sua casa em Santarem o sr. dr. Feijão, acompanhado de sua esposa.

LUTUOSA

Falleceram: em Lisboa a sr.a D. Catharina de Jesus Trindade Barata, mãe do pharmaceutico sr. Valerio Barata, e cujo funeral se realisa ámanhã, e em Alpiarça o importante proprietario sr. Jacintho dos Martyres Falcão, socio da casa bancaria da nossa praça Godinho & Falcão.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Vota-se o orçamento do ministerio da guerra

O sr. Azevedo Coutinho abre a sessão com 52 deputados, que são os precisos para approvar a acta. Expediente abundante. Do governo está o sr. ministro das colonias, que lê á camara um telegramma de Angola, dando conta d'uma nova acção entre as tropas portuguezas e o gentio do Cuanhama. Manda para a mesa propostas de lei abrindo um credito de 900 contos para as operações de Angola; concedendo pensões ás mães divorciadas de praças mortas ou prisioneiras, regulando a situação dos sargentos que estão nas colonias e augmentando os vencimentos dos corneteiros em campanha. O sr. Vasco de Vasconcellos chama a attenção do governo para o que está succedendo com a sindicancia á encarregada do correio de Fontes, concelho de Santa Martha de Penaguião, a qual é accusada de delictos graves. A sindicancia, mercê de certas influencias politicas, está abafada. O sr. Mantas aconselha o governo a desenvolver a cultura da ostra, tanto proveito pode provir d'ahi para a alimentação publica. Os srs. Francisco José Pereira e Sousa Junior reclamam contra o mau estado em que se encontra a ponte existente entre Salvaterra e Benavente, referindo-se ainda o ultimo a uma questão de contribuições, que é preciso liquidar.

O sr. presidente do ministerio responde aos oradores precedentes e agradece á camara a manifestação de confiança que a camara lhe dispensou hontem, regeitando a segunda parte da moção Aresta Branco.

O sr. Domingos Pereira manda para a meza dois projectos de lei—um reorganisa os serviços da Bibliotheca de Braga e outro manda annexar á villa de Esposende um logar d'esse concelho. O mesmo deputado chama a attenção do sr. ministro da justiça para o facto do arcebispo de Braga andar a convidar por meio de postaes o clero da sua archi-diocese para uma reunião que deve effectuar-se em Ciudad Rodrigo, na qual tomará tambem parte o clero da Guarda. Pergunta o orador ao sr. ministro da justiça se entende que o prelado em questão pode continuar a distribuir os taes postaes, que não revelam, decerto, grande patriotismo. O sr. ministro da justiça promette informar-se e tomar todas as providencias que julgar necessarias e uteis.

Entra-se na ordem do dia—discussão, na especialidade, do orçamento do ministerio da guerra. O sr. Ramos da Costa combate vivamente a verba de 900 escudos, destinada ao pagamento do professor de mathematica dos Pupilos do Exercito.

O sr. Helder Ribeiro diz que elle corresponde ao soldo do official que exerce esse cargo. Falam mais os srs. Pereira Bastos, Portocarrero de Vasconcellos e Cruz e Souza. O sr. ministro da guerra diz que haverá todo o cuidado no fabrico de munições, quer ellas se façam nos estabelecimentos do Estado quer na industria particular.

O sr. Simas Machado propõe que o auxilio para rancho da guarnição do Porto seja equiparado ao da de Lisboa. E' approvado.

A requerimento do sr. Urbano Rodrigues proroga-se a sessão até se votar o orçamento, o qual é, effectivamete, approvado com ligeira discussão.

No Senado

Questões coloniaes—As filiaes da Caixa Geral dos Depositos—O tratado de arbitragem com a Inglaterra

A's 14,40, com o sr. Nunes Garcia na presidencia, procedeu-se á chamada, e com 22 senadores presentes foi declarada aberta a sessão.

Approvada a acta e lido o expediente, o sr. Antonio José Lourinho, em nome da commissão de petições, declarou que essa commissão não podia tomar conhecimento das reclamações de dois sargentos, por falta de elementos.

Como mais ninguem peça a palavra, o sr. presidente diz que se vae entrar na ordem do dia, pondo á discussão a proposta de lei approvando o tratado de arbitragem entre Portugal e a Inglaterra, assignado em Londres em 16 de novembro de 1914.

O sr. Celestino de Almeida acha inoportuna a discussão, visto a maioria dos senadores não conhecer o parecer da commissão da Camara dos Deputados, nem sequer o texto do tratado.

O sr. Azevedo Gomes:

—Ao menos que se leia na meza o texto do tratado.

O sr. presidente resolve retirar a proposta da discussão.

O sr. Fortunato da Fonseca observa que foi votada na outra Camara uma lei restituindo ás camaras municipaes quantias provenientes dos lyceus. Como esqueceu imprimir-se essa lei, deseja saber se ella mesmo assim póde já ser discutida e votada.

O sr. ministro das finanças concorda.

O sr. José Maria Pereira, auctorisado pela minoria evolucionista e em nome da União Republicana, declara que nenhuma duvida tem em votar essa lei, que, sem mais discussão, foi approvada.

Em nome da commissão de redacção, o sr. Simão José apresenta duvidas sobre um artigo da lei relativa a faltas para a contagem de tempo aos funccionarios.

O sr. ministro das finanças explica o espirito da lei sobre o numero de faltas.

O sr. José Maria Pereira acha descabida a discussão. Se a commissão tem duvidas, redija como lhe parecer melhor a lei e mande-a depois para a meza, submettendo-a á approvação do Senado, chamando para o caso a sua attenção, pois muitas vezes essas leituras passam despercebidas.

Assim se resolve.

O sr. ministro das colonias lê o telegramma, de que já déra conta á Camara dos Deputados, ácerca das operações em Angola. Com o triumpho das nossas armas se congratula, frisando, porém, que a situação da columna que opéra em Angola é má, pela falta de munições, segundo o declára o sr. general Pereira d'Eça. Essas munições vão ser adquiridas e enviadas para Angola.

Apresenta depois uma proposta para ser nomeado governador de Cabo Verde o capitão de fragata sr. Abel Fontoura da Costa.

O sr. José Maria Pereira congratula-se com o triumpho das nossas tropas e lamenta que ellas, certamente por incuria das auctoridades superiores, ainda hoje não estejam dotadas com o material necessario. O governo deve corresponder, n'este como n'outros casos, aos sacrificios do paiz.

O sr. Celestino de Almeida congratula-se tambem com a victoria das nossas tropas em Angola, lamentando a precipitação com que foi organisada a columna.

O sr. Estevam de Vasconcellos tambem se congratula.

O sr. Affonso de Lemos refere-se á proposta de nomeação do governador de Cabo Verde, perguntando ao sr. ministro das colonias se tenciona, n'estes poucos dias em que o parlamento está aberto, proceder do mesmo modo com os governos de Angola e Moçambique, visto os governadores que lá estão terem sido tambem nomeados com as camaras fechadas. De resto, o Senado não póde reduzir-se a uma especie de chancela das propostas ministeriaes.

O sr. ministro das colonias responde que trará ao Senado a proposta de nomeação do governador de Moçambique; quanto a Angola, espera que termine a campanha para perguntar ao sr. Pereira d'Eça se quer ficar governando a provincia, e conforme a sua resposta então deliberará.

O sr. Affonso de Lemos faz votos por que as nomeações se façam com o parlamento a funccionar.

O sr. presidente nomeia os srs. Mello e Simas, Celestino de Almeida e Faustino da Fonseca para representarem o Senado na sessão solemne que ámanhã se realisa na Sociedade de Geographia, commemorativa do centenario de Ceuta.

O sr. Faustino da Fonseca começa a falar sobre as nossas passadas glorias, sobre o alcance d'esta commemoração, mas o sr. presidente adverte-o de que o assumpto não está em discussão.

Entra em discussão a proposta de lei auctorisando a Caixa Geral de Depositos a realisar nas filiaes da Caixa Economica Portugueza operações de emprestimos, caucionados por titulos da divida publica, ouro, prata e pedras preciosas. A generalidade foi approvada sem discussão, o mesmo succedendo depois aos artigos 1.º e 2.º

O artigo 3.º cria filiaes da Caixa Economica em Braga, Vizeu e Faro.

O sr. Agostinho Fortes propõe a creação d'uma filial em Aveiro.

O sr. Herculano Galhardo propõe tambem uma succursal para Leiria.

Os srs. ministro das finanças e Estevam de Vasconcellos explicam que isso não se póde fazer ainda, e as propostas foram rejeitadas, sendo approvado o artigo.

Ao paragrapho 2.º do artigo 4.º, que determina que os thesoureiros nomeiem os propostos e prestem a caução de 6.000$00, apresenta o sr. José Maria Pereira uma proposta para que a caução possa ser reforçada.

O sr. Estevam de Vasconcellos não acha isso indispensavel e o sr. José Maria Pereira retira a proposta.

Os restantes artigos não tiveram discussão, ficando o projecto approvado sem emendas.

O sr. Arantes Pedroso requer que se discuta a proposta de lei sobre o tratado de arbitragem, por já ter vindo da outra camara o respectivo tratado.

Approvado.

O sr. Celestino de Almeida entende que o tratado é a demonstração das *boas relações existentes* entre Portugal e a sua velha alliada Inglaterra, e por isso lhe dá o seu voto.

E em *seguida* foi o projecto approvado.

Entra em discussão o projecto concedendo a amnistia a todos os crimes eleitoraes commettidos até 31 de dezembro de 1914, quer tenha havido sentença condemnatoria, quer só constem de processos pendentes e ainda não julgados.

Fala o sr. José Maria Pereira, que começa por mandar para a meza uma moção, pela qual o projecto deve ser *rejeitado*, por *inconstitucional*. Justificando a moção, diz que o projecto representa uma *affronta* para a Republica. Elle deve ser rejeitado «in limine», e já contra elle se manifestaram, frisando a sua inconstitucionalidade no respectivo parecer da commissão de legislação civil, os srs. Paes Gomes e Pedro Martins. De resto, considera mais repugnante o criminoso eleitoral do que aquelle que rouba a bolsa do cidadão.

O sr. Alves Monteiro, *senador democratico*, que se estreia, faz uma calorosa defeza do projecto, argumentando que *elle é constitucional.*

O sr. José Maria Pereira replica, dizendo que o partido unionista abandonará a sala se o projecto fôr votado.

Põe-se á votação a moção do sr. José Maria Pereira, que é rejeitada.

Os unionistas abandonam a sala e o projecto approva-se, estando apenas na esquerda da camara os srs. Celestino de Almeida e Paes Abranches.

Entra em discussão e é approvado na *generalidade o projecto* sobre transferencias e preenchimento de vagas nos quadros dos professores dos liceus.

O sr. Sousa Junior pede urgencia e dispensa do Regimento para a discussão do projecto introduzindo alterações na lei das expropriações.

Approvada a urgencia, foram approvadas tambem a generalidade e a especialidade, sem discussão.

O sr. Estevam de Vasconcellos pede que, em sessão nocturna, ou ámanhã, seja discutido o projecto de lei sobre o regimen cerealifero, que já tem parecer da commissão de fomento.

O sr. ministro do fomento entende que é melhor ser ámanhã, para que assistam os senadores que não estão na sala, pois o projecto a todos interessa.

E foi marcada sessão para ámanhã.

NOTAS DIVERSAS

O *Diario do Governo* de hoje insere a portaria mandando passar a ser feito pela Junta de Credito Publico o pagamento dos juros das obrigações da União dos Viticultores do Sul, sendo para esse fim entregue á Junta a verba descripta no orçamento do ministerio do fomento destinada aos encargos d'esse serviço.

—Pelo ministerio do interior foi entregue á Provedoria da Assistencia Publica o edificio do Lazareto, para a colonia balnear, que deve começar a funccionar em setembro proximo.

—Com o sr. ministro da guerra conferenciou hoje demoradamente o Rodrigues Ribeiro, quartel mestre general.

—Uma commissão da Associação de classe da construcção civil e artes auxiliares de Setubal procurou hoje o sr. ministro da guerra para lhe expôr a crise de trabalho da classe e pedir que sejam empregados nas obras d'esse ministerio. Foi recebida pelo chefe do gabinete, sr. major Mimoso Guerra, que lhes respondeu estarem approvados apenas dois duodecimos e n'essas condições não existe verba para poderem ser collocados já.

—A legação de Italia informou o nosso governo de que serão applicadas durante a atual guerra á Tripolitania e a Cirenaica as normas de direito maritimo em tempo de guerra contidas no Codigo da marinha mercante do reino de Italia.

As descargas de um motor

provocam grande alvoroço e correrias

Pelas 13 horas e 15 minutos ouviram-se nos sitios proximos do Conde Barão quatro grandes detonações que provocaram grande alvoroço, especialmente no populoso bairro da Esperança, rua de S. Bento, Poço Novo e Poço dos Negros, onde as janellas se apinharam de curiosos ao mesmo tempo que na rua havia correrias.

Afinal o caso não teve importancia.

Fôra devido a um incidente na officina de machinas e de engenharia da firma Street, no palacio da Flor da Murta, na rua do Poço dos Negros. Havendo-se encravado o motor, teve de se proceder a fortes descargas e d'ahi o barulho que se ouviu.

Feita a manobra de balanço pelos operarios encarregados do funccionamento do motor, este retomou a sua marcha regular.

A' porta da casa Street juntou-se muita gente.

PEQUENAS NOTICIAS

O sr. governador civil foi hoje procurado por delegados da Associação Commercial do Beato e Olivaes que pediram o policiamento d'essas localidades. Tambem uma commissão de commerciantes e industriaes do Beato sollicitou ao chefe do districto a reintegração do chefe Pires na esquadra d'aquelle bairro, respondendo o chefe do districto que iam ser ouvidas as commissões politicas locaes.

A grande guerra

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 19.—Official—Os austriacos tiveram que evacuar o forte de Mozialti.

Em Hautrienz apoderámo-nos do reducto de Monte Paterno e conquistámos trincheiras. Em Colmino repellimos violentos contra-ataques.

No Carso progredimos, fizemos prisioneiros e tomámos metralhadoras.—(*Havas*).

As victimas do «Arabic»

LONDRES, 20.—A *White Star* annuncia que se salvaram todos os passageiros do «Arabic».

Pereceram 5 ou 6 marinheiros.—(*Havas*).

O que o chanceller disse na abertura do parlamento allemão

AMSTERDAM, 20.—Segundo communicação do Berlim, realisou-se a abertura do Reichstag.

No seu discurso o presidente do ministerio e chanceller do imperio, sr. Bethman Hollweg, glorificou a invencibilidade do exercito allemão, a offensiva gloriosa das tropas austro-allemãs na Russia e a inviolabilidade das defezas turcas.

O chanceller esforça-se para desculpar a Allemanha e para demonstrar que os alliados são os unicos responsaveis pelo sangue derramado e procuram actualmente illudir o seu povo a respeito da vordadeira situação.—(*Havas*).

A Bulgaria vae entrar na guerra

LONDRES, 20.—O *Daily Telegraph* publica um telegramma de Rotterdam noticiando que a *Nieuwe Rotterdamsche Courant* inseriu um despacho de Sofia segundo o qual o general Fitcheff, ministro da guerra bulgaro, deu a sua demissão, indo reassumir as funcções de chefe do estado maior. Esta mudança é considerada de grande alcance.—(*Havas*).

As operações nos Dardanellos

PARIS, 20.—Communicação official.—Dardanellos.—Na zona sul nada ha a registar, afóra combates de patrulhas e lutas de artilharia. Na zona norte a ala esquerda ingleza fez progressos na planicie do Anafarta.—(*Havas*).

A lucta em França e na Belgica

PARIS, 20.—Nota-se a mesma actividade de artilharia nas margens do Oise, do Aisne, em Champagne e na linha de combate de Seille a Argonne. Houve lucta de minas na região de Vienne-le-Chateau; combates a curta distancia com petardos e granadas manuaes no sector de St. Hubert e Mário Thérese.

Nos cumes de Lingo e de Schatzmaennele as perdas allemãs teem sido importantissimas. Foram encontrados numerosissimos cadaveres de inimigos em 250 metros de trincheiras que tomámos.—(*Havas*).

Instrucção Militar Preparatoria

As provas finaes da Sociedade n.º 1

O coronel sr. Miguel Garcia, director da instrucção da Sociedade n.º 1, fez publicar a seguinte ordem de serviço que está affixada na séde da corporação:

Tendo-se apresentado a Sociedade n.º 1 nas provas finaes, que se realisaram no «Stadium de Lisboa», em 15 do corrente, d'uma maneira irreprehensivel de ordem, disciplina e asseio, cumprindo brilhantemente e por completo todo o programma, de forma a merecer o elogio de s. ex.a o ministro da guerra, e os geraes applausos de todas as auctoridades e corporações que assistiram a esse acto, e as ovações do publico, salientando-se especialmente pelos trabalhos technicos e em geral pelas marchas, evoluções e a marcha em continencia que foi d'uma correcção inegualavel, não posso deixar, como director da instrucção, de mostrar o meu agrado e reconhecimento a todos os srs. officiaes, sargentos e mais instructores pela dedicação, trabalho insano e patriotismo que tão demonstraram para a boa realisação de tão deslumbrantes provas. Sem esquecer a boa vontade e competencia de todos os instructores, cumpre-me, no entanto, especialisar os srs. capitães Apollinario das Chagas e Tavares de Carvalho; alferes Americo Affalo, Santos Gonçalves e Manuel Baeta, o 1.º sargento Mamede Fernandes, e os sargentos de marinha José Correia Junior e Francisco Silva, os quaes apresentaram as suas escolas com trabalhos especiaes que, pela forma correcta como foram levados a effeito, bem demonstraram a auctoridade reconhecida, a competencia segura e amor pelo desenvolvimento da Instrucção da Sociedade n.º 1. Egualmente deixo consignado aqui o meu agradecimento á excellente banda d'infantaria n.º 1, que com a maior dedicação, se dignou abrilhantar a referida festa. A todos os alistados que tomaram parte na formatura e nos trabalhos especiaes aqui tributo o meu reconhecimento, pois todos comprehenderam a alta missão d'esta Sociedade, a qual mais uma vez evidenciou que é a primeira entre as mais elevadas, o que é um orgulho para a sua patriotica direcção e uma satisfação para o director da instrucção, recebendo por isso o incentivo para continuarem na obra de levantamento do tão util corporação para o progredimento das instituições militares, salvaguarda da Patria Portugueza.—Séde da Sociedade n.º 1, aos 18 de agosto de 1915.—O director da instrucção, (a) *Miguel Victorino Pereira Garcia*, coronel.

Os srs. major general da armada e director da Escola de Guerra tambem officiaram á direcção, felicitando-a pelo bom resultado das provas finaes.

A falta de farinhas

As camaras municipaes de Cintra e Barreiro sollicitaram do ministerio da guerra que lhes fosse fornecida farinha para fabrico de pão, visto não a terem em deposito para o consumo de ámanhã.

O sr. Norton de Mattos deu ordem para a Manutenção Militar fornecer a farinha necessaria.

O governador civil de Beja, sr. Gomes de Vilhena, que hoje chegou a Lisboa, conferenciou com o sr. ministro do fomento sobre a questão dos cereaes no seu districto. O sr. Gomes Vilhena tambem conferenciou com os srs. ministros do interior e finanças.

Não páram!...

O arcebispo de Braga vae reunir com o seu clero e o da Guarda em Hespanha?

Levantou-se hoje na Camara a ponta d'um véu que deve encobrir uma tremendissima velhacaria. Foi o caso do sr. Domingos Leite Pereira ter chamado a attenção do sr. ministro da justiça para o facto estranho do arcebispo de Braga, sr. D. Manuel Vieira de Mattos, convidar o seu clero para assistir a «exercicios espirituaes» em Ciudad Rodrigo, na fronteira e em territorio hespanhol, por meio d'um postal-circular, expedido pelos respectivos arciprestes e concebido nos seguintes termos:

Ex.mo e Rev.mo Sr.—Realisando-se em Ciudad Rodrigo, de 23 a 27 do corrente, exercicios para o clero da diocese da Guarda, e desejando muito S. Ex.a que o clero d'este arciprestado concorra em avultado numero aos ditos exercicios, venho em nome de S. Ex.a pedir-lhe a fineza de me dizer, até ao dia 10, se quer que o seu nome seja inscripto na lista dos assistentes.—De V. R.a collega amigo muito obrigado. Sameiro, 5-7-915 —*Zacarias Lucas Coelho.*

O sr. D. Manuel Vieira de Mattos, actual arcebispo de Braga e ainda não ha muito bispo da Guarda, é o prelado portuguez mais em evidencia pelo seu espirito combativo e pela sua má vontade ás instituições republicanas.

O postal-circular não é um convite mas uma ordem. O clero de Braga, como o clero da Guarda, se não quizer ficar mal visto pelo seu prelado, se quizer estar nas graças, ha de ir passar uns dias a Ciudad Rodrigo, ouvir as prégações dos jesuitas que lhe darão os exercicios e confessar-se com elles...

Eram os padres da Companhia de Jesus que costumavam dar os exercicios espirituaes ao clero secular, annualmente, em varias das suas casas e ainda nos seminarios, como o de Santarem. O que são os exercicios? Consistem n'um retiro espiritual, inventado por Ignacio de Loyola, e em que os clerigos ouvem durante alguns dias, e duas ou trez vezes por dia, praticas religiosas a que se chama «meditações» e «conferencias», do mesmo passo que oram em commum e se preparam para a confissão. Os confessores são quasi sempre os padres que deram os exercicios e collegas seus da ordem que teem a especialidade dos retiros: os jesuitas, como acima dizemos. Para que a barrela da alma se faça na perfeição, os reverendos oradores pintam com as mais berrantes tintas da sua paleta a fealdade do peccado, as labaredas e as torturas do inferno, e, por fim, as delicias do céu, não se esquecendo das coisas terrenas, pois que um anno houve em Campolide que prégaram as virtudes do partido nacionalista e a necessidade do clero trabalhar em seu favor!

Imagine-se que o clero das restantes dioceses recebe egualmente ordem dos seus prelados para ir a Hespanha ouvir os jesuitas e confessar-se com elles... Seria ingenuidade suppôr que os filhos de Santo Ignacio, banidos de Portugal, se absterão de falar em coisas politicas e de procurar fortalecer no espirito dos seus ouvintes uma orientação adversa ao regimen. A atmosphera ultra-clerical da patria de D. Juan Vázquez de Mella, onde não só a Republica mas a propria autonomia portugueza tantas más vontades conta, completará a obra dos jesuitas e dos bispos que não podem dispensal-os.

Ora que os jesuitas procurem, ainda de longe, dirigir o clero portuguez e dominal-o, comprehende-se; mas que os prelados de Portugal julguem absolutamente necessario que os sacerdotes seus cooperadores vão a Hespanha para os exercicios, isso é que merece reparos, levanta suspeitas e colloca esses principes da Egreja n'uma situação pouco sympathica, para não dizer muito equivoca.

Ao dissolverem-se as ordens e congregações, foram expulsos os jesuitas, mas não os franciscanos e outros religiosos que ahi ficaram, continuando a exercer as suas ordens. Não teem os jesuitas o exclusivo dos exercicios espirituaes, embora sejam invenção e especialidade sua. Os franciscanos tambem os deram em Santarem. Ha ahi em Portugal clerigos que pertenceram a essa ordem, homens sabedores e considerados entre os seus collegas, não obstante a perseguição de que foram alvo por parte dos jesuitas. Porque os não chamaram os bispos para darem os exercicios? Os jesuitas não dão licença? E' possivel que se invoque outro motivo para justificar a ida á Hespanha: o de lá obstar a que semelhantes reuniões se façam entre nós. Mas obstará, de facto?

Como quer que seja, os exercicios em Hespanha não significam boa inspiração pelo que respeita aos prelados. Quanto aos clerigos que se veem forçados a ir até Ciudad Rodrigo, que remedio! No tempo da «outra senhora» ainda elles se esquivavam sempre que podiam... Agora é outro cantar! Quem não fôr ajusta contas com o bispo. Mas concordarão todos os prelados com a idéa genial do collega bracarense? E o que resultará de tudo isto?

Pouco viverá quem não vier a sabel-o...

Tumultos em Monte de Caparica?

O administrador do concelho de Almada, sr. Antonio Bernardo, seguiu hoje de manhã para o Monte de Caparica, em virtude de ali, ao que parece, haver perturbação da ordem por causa da venda do peixe. Segundo se diz em Almada, vae seguir para o Monte a força armada, visto haver receios de conflictos graves. A's 18 horas o sr. Antonio Bernardo ainda não tinha d'ali regressado. O sr. governador civil não tem conhecimento do caso.

PASSEIOS E EXCURSÕES

A Villa Franca

A Academia Recreio Artistico, em continuação do programma de festas commemorativas do 60.º anniversario, realisa depois de amanhã, para os socios e suas familias, um passeio fluvial com desembarque em Villa Franca de Xira, onde se realisará um *pic-nic* na magnifica Quinta da Lapa, propriedade do Morgado de Covas, e por este obsequiosamente cedida. O embarque é ás 7 1/2 horas no Caes do Sodré, Parceria dos Vapores Lisbonenses, e a bordo far-se-ha ouvir o sextetto Mozart, com peças de audição e dança.

SPORT

Uma festa simpethica

O Stadium abre no proximo domingo as suas portas para no seu Velodromo se effectuar uma grande festa velocipedica, com o fim louvavel e sympathico de auxiliar a benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda.

Que novidade tem esta festa?

Uma que merece referencia especial. E' a de que os ciclistas da «velha guarda», rapazes que há dez annos faziam velocipedia «por amor», sem pensar em ganhos monetarios ou grande valor de premios, reapparecem, com o mesmo enthusiasmo d'então, todos anciosos por ganhar uma prova que lembra antigos tempos. Até nos treinos elles manifestam aquella alegria antiga, que hoje se não vê. Qual d'elles ganhará? Ninguem sabe. E' um d'elles e a sua victoria não será contestada, antes servirá de motivo a mais um momento de confraternisação.

Notas do dia

A festa da Praia das Maçãs

Não resta duvida que a marcha progressiva do sport em Portugal se deve ao trabalho incessante de *meia duzia* de «carolas». Elles é que fazem propaganda; elles é que organisam festas; elles é que atrahem adeptos e publico. Em qualquer parte onde estão dão signal de si. E' o que succede agora com a festa que vae realisar-se na Praia das Maçãs. Está absolutamente combinado que se effectue mas não como annunciam alguns jornaes na tarde de domingo 5 de setembro mas sim na de quinta feira, 2 do mesmo mez.

E o curioso, que constitue uma nota do dia é que os organisadores d'esta festa já estão pensando em fazel-a seguir d'um «serão d'arte», d'uma «excursão»!

Uma visita de Mac Closkey

O campeão americano Mac Closkey veiu procurar-nos para nos fazer a seguinte declaração:

—«Fui desafiado pelo sr. João d'Azevedo. Acceito o desafio de 20 «rounds» de 3 minutos. Que arranjem um premio, o que nós chamamos «bolsa» e eu estou prompto immediatamente. O premio será todo para o vencedor. Declaro mais que se se resistir 20 «rounds» eu dou o dinheiro...»

Querem mais explicado?

O desafio tem de realisar-se até 17 de setembro, porque Mac Closkey parte para Madrid a bater-se com F. Crozier.

Algumas anecdotas

Antes e depois do chocolate...

No Stadium treinavam ha tres dias os ciclistas da «velha guarda» para a grande festa do proximo domingo. Ernesto Zenoglio fininho, magro, mal se via sobre a bicicleta. Armando Crespo, gordo, forte, atarracado, não deixava vêr a machina. A vel-os estava um seu companheiro, a quem alguem perguntou:

—Quem são aquelles corredores?

—O magrinho perdeu carnes a dançar e o gordo ganhou carnes a comer.

—E qual ganhará?

—Depende da força do cacau. Zenoglio é antes do chocolate e Crespo depois do chocolate. Mas póde haver caldeirada e então deve ganhar o Bello d'Almeida.

Noticias

Entre nós

Sport Lisboa e Bemfica

Está aberta na séde do Sport Lisboa e Bemfica, largo do Carmo, 18, 1.°, a inscripção de jogadores para a proxima epocha de foot-ball.

A secção respectiva pede aos seus consocios a maxima brevidade, visto ser urgente a organisação dos grupos representativos dos club nos campeonatos da Associação de Foot-ball.

Receberam-se desde já propostas de desafios-treinos com clubs inscriptos na A. F. L. para confecção do calendario de jogos a realisar antes do campeonato.

Sport Club Progresso

N'este club teem decorrido bastante animados os treinos de lucta, que se realisam ás terças, quintas e sabbados, sob a direcção do sr. Dionizio Hypolito.

Tambem na aula de pezos, que funcciona ás quartas e sextas-feiras, se nota o mesmo enthusiasmo, sendo o sr. João Henriques de Oliveira, instructor d'esta aula, incançavel para que os seus alumnos consigam apresentar-se n'uma boa fórma na «poule» de pezos que se realisará na segunda quinzena de setembro, a fim de se apurarem os socios que devem representar o club nos Jogos Sportivos da F. P. S. No mesmo dia deve-se tambem realisar uma «poule» de lucta com identico fim.

—E' já avultado o numero de inscripções recebidas para a corrida ciclista de 30 kilometros que o Sport Club Progresso realisa no dia 5 de setembro.

Os premios para esta prova são em numero de cinco, sendo o primeiro uma artistica e valiosa medalha de ouro; segundo, medalha de «vermeil»; terceiro, e quarto, medalhas de prata, e quinto, medalha de cobre.

A inscripção continua aberta até ao dia 20 do corrente em varias casas de bicicletas e nas sédes de varios clubs, tanto de Lisboa, como dos arredores.

Missão «Scouting»

Já «A Capital» se referiu á organisação d'esta sympathica e nobre missão composta por verdadeiros amigos do Scouting portuguez.

São elles Delfim Teixeira, o conhecido propagandista que tanto tem luctado pelo engrandecimento do Escotismo em Portugal, escrevendo e falando sempre que póde, publicamente preconisando o que é ser «escoteiro».

Samuel da Fonseca, que com Delfim foi o fundador do segundo grupo de «boy-scouts» na S. I. M. P. n.° 2, em 1912, conhecedor do enthusiasmo, tendo exercido por vezes honrosos cargos em varias associações de escoteiros; Aschubal Brandão Machado, que se tem mostrado apaixonado pelas optimas ideias do aduarismo que tão bons resultados está tomando no norte e sul de Portugal, exerce o cargo de adail de varios grupos da União dos Adueiros de Portugal (zona sul) e é o actual presidente da commissão de propaganda e promotora de sessões de aduarismo em Lisboa.

No domingo, publicamente, a União fará a sua apresentação em logar opportunamente aqui indicado, tomando parte varios grupos de escoteiros luzos e adueiros.

Travessia do Tejo a nado

A corrida individual para disputa da «Travessia do Tejo», da Trafaria para Pedrouços, realisa-se em 19 de setembro, estando já aberta a inscripção para os concorrentes e fechando em 12 de setembro. Os premios são: o escudo de prata para o club a que o vencedor pertencer e para este uma medalha de ouro. O segundo e terceiro classificados terão medalhas de prata, e todos os concorrentes que terminem a prova receberão diplomas.

Calsses de natação

Continua aberta a inscripção para os socios do Gymnasio Club para as classes de natação que funccionam todos os dias em Pedrouços, na Escola Awata (estabelecimento de banhos do Roque), das 7 e meia ás 8 e meia horas, com muita concorrencia tanto de alumnos como de nadadores, que se aproveitam do magnifico trampolim da Escola para darem saltos e «mergulhos» de lindo effeito.

Torneio d'esgrima em Santo Amaro d'Oeiras

Continua depois d'amanhã, pelas 15 horas, o torneio de espada que principiou a disputar-se no dia 15 no salão das festas do Eden-Casino de Santo Amaro. As salas que se inscreveram foram: Alliance Commercial de Lisboa, Sala Carlos Gonçalves, Sala Magalhães e Sociedade d'Esgrima d'espada.

O jury continuará a ser formado por mestres d'armas portuguezes.

No sabbado, 28, pelas 21 horas, realisa-se a distribuição de premios com uma festa e baile.

Concurso hippico no Estoril

Realisa-se no Estoril, na primeira quinzena de outubro, um grande concurso hippico, comprehendido por tres dias de provas, entre as quaes se salientam, pela importancia, um Grande Premio, a de Amazonas, que deve ser concorridissima de senhoras, e a de Parelhas; e pela novidade a de «Habits Rouges», em que só podem tomar parte civis ou militares que não montem cavallos do Estado, e sendo obrigatorio o uso da casaca vermelha. Conta-se com importantes premios, offerecidos pela Sociedade, pelos casinos proximos e pela Companhia que está tratando da transformação do Estoril.

A organisação, ainda não o dissémos, é da Sociedade Hipica Portugueza, e o concurso realisa-se n'um vasto e apropriado recinto que está sendo construido em terrenos da referida Companhia.

Ainda se conta com premios do Estado e com uma riquissima taça, offerecida pela Companhia do Estoril.

A Sociedade Hipica inclue no plano de obstaculos alguns inteiramente novos, como a Montanha Russa e uma grande Banqueta, com enorme difficuldade na «sahida».

Uma festa na Amadora

Conforme já noticiámos é no proximo dia 4 de setembro que uma commissão de socios dos Recreios Desportivos da Amadora promove, no amplo «rink» d'aquella aggremiação, uma grandiosa festa sportiva, para a qual já se conta com valiosos elementos.

Assim nos diversos numeros de gymnastica, lucta, ju-jutsu, pezos e alteres, «box», etc., de que o programma será composto, veremos alguns dos nossos mais enthusiastas cultores d'esses sports. Entre elles alguns dedicados socios do Gymnasio Club Portuguez, que gentilmente se prestaram a cooperar na festa, que em nada desmerecerá d'outras realisadas nos Recreios Desportivos da Amadora.

Patinagem ao ar livre

O «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora, apresentava hontem um soberbo aspecto, com a sua animação de espectadores, enchendo por completo a «marquise» e a sua animada quantidade de patinadores que attingiram o numero de 131 desde as 9 ás 10 e meia da noite.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Compositores tipographicos

Realisa-se depois d'amanhã, ás 14 horas, uma reunião magna dos quadros dos jornaes, para se discutir uma proposta de limite de 6 horas no trabalho nocturno e de pagamentos das distribuições e paragens.

Emp. e op. das fab. de cervejas e gazozas

Reune a classe depois d'amanhã para ser apreciado o officio que vae ser enviado ao ministro do fomento sobre as horas de trabalho n'esta industria e para a commissão que foi incumbida de se avistar com os industriaes ácerca do augmento de ordenados dar conta dos seus trabalhos.

CRUZ VERMELHA

Para a subscripção promovida por esta benemerita Sociedade foi recebida, da junta de parochia de Oliveirinha, Quintane, Aveiro, producto de um bando precatorio por ella organisado, a quantia de 77$30, ficando assim elevada a 29:920$83.

Dr. Affonso Costa

Festa de congratulação em Ourem

VILLA NOVA D'OUREM, 19.—Promovidas pelas commissões municipal e parochiaes d'esta villa, Grupo Defeza da Republica e Centro Republicano Portuguez, realisam-se nos dias 22 e 23 festas de congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa, sendo o programma dos festejos o seguinte:

Dia 22—A's 5 horas, alvorada com morteiros; ás 12, chegada da philarmonica da Charneca, que percorrerá as ruas da villa, executando o himno nacional; ás 15, sessão solemne no Centro Republicano, na qual usarão da palavra varios oradores; ás 16 horas, partida em carros d'esta villa para a ponte da Olaia das commissões politicas, Centro Republicano, Grupo Defeza da Republica, Grupo Dramatico Infantil, philarmonica da Charneca, etc.; ás 17, *pic-nic* no pittoresco e aprazivel choupal junto á ponte da Olaia, na margem do rio, no qual tomarão parte bastantes familias d'esta villa e arredores, havendo descantes, bailes, etc.; ás 19 e meia, partida para esta villa, onde á chegada se organisará com o concurso do povo de Peras Ruivas uma marcha *aux flambeaux* que percorrerá as ruas da villa dirigindo-se por fim ao Centro Republicano.

Dia 23.—A's 15 horas, chegada das philarmonicas de Ourem e Charneca, que percorrerão as ruas da villa executando o himno nacional; das 16 ás 18 e meia, concertos nas praças da Republica e Miguel Bombarda, pelas duas philarmonicas; das 19 ás 20 e meia horas, corridas de bicicletas, frangãos, saccos, etc., ás 21 e meia, baile no Centro Republicano Portuguez.

Doenças da bocca e dentes, ás 9 horas	*Dr. Sacadura Falcão*
Doenças dos rins e vias urinarias, ás 10 1/2 h.	*Dr. Camossa Saldanha*
Doenças dos olhos, ás 11 h.	*Dr. Eurico Lisboa*
Cirurgia geral, doenças do estomago e intestinos, ás 12 1/2 h.	*Dr. Pinto Coelho*
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta, á 1 h.	*Dr. Alberto Mendonça*
Medicina geral; doenças nervosas e electrotherapia, á 1 1/2 h.	*Dr. Cancella d'Abreu*
Doenças da pelle e siphilis, ás 2 1/2 h.	*Dr. Zepherino Falcão*
Cirurgia geral; doenças das senhoras e partos, ás 2 1/2 h.	*Dr. Luiz Ottolini*
Medicina geral; doenças do coração e pulmões, ás 3 1/2 h.	*Dr. Figueiredo Valente*
Doenças das creanças, ás 4 1/2 h.	*Dr. F. Mattos Chaves*
Analyses clinicas	*Dr. Antonio A. Fernandes*
Raios X (para diagnostico e tratamento); diathermia e alta frequencia	*Dr. Carlos Santos, filho*

Dentaduras completas (aperfeiçoadas) desde	25$000
Dentaduras completas de ouro de lei desde	80$000
Obturações (chumbagens) desde	1$000
Aurificações (obturações em ouro) desde	3$000
Dentes artificiaes em placa desde	1$500
Extracção de dentes e raizes SEM DOR (anesthesia local)	$500
Extracção de dentes e raizes com anesthesia geral desde	4$000
Limpeza completa de dentes desde	1$000
Dentes a pivot (fixos) desde	3$500
Corôas em ouro desde	4$000
Dentes em placa de ouro de lei desde	3$000

tiver sido requisitada ou especialmente auctorisado a effectuar, dando em todo o caso antecipadamente as garantias escriptas mencionadas no artigo antecedente.

Artigo 16—O navio incluido em qualquer das disposições dos precedentes artigos, tendo carga que, segundo as regras applicadas pelo Tribunal de Prezas Inglez, constitue carga inimiga, ou que as auctoridades navaes ou militares britannicas desejem requisitar sujeita a compensações (mediante compensação) para as necessidades da guerra, não sahirá do porto antes da carga ter sido descarregada.

Pelo artigo 17, os navios depositos de oleo, os navios de mais de 5.000 toneladas de deslocamento e de 14 nós de velocidade, ou os navios mercantes construidos com o fim previsto de serem empregados como navios de guerra eram privados dos beneficios mencionados nas clausulas 14 e 15.

O artigo 18 dizia: «Todas as pessoas a quem estas disposições dizem respeito prestarão todo o auxilio que lhes fôr requisitado pelas forças navaes e militares de sua magestade britannica».

O artigo 19 tornava extensivas as disposições da decisão do governo a companhias, associações, etc., tendo existencia legal ou de facto.

O artigo 20 dizia respeito aos portos do Canal da maneira seguinte:

«No que diz respeito aos portos de accesso do Canal de Suez a presente decisão será applicada com as seguintes modificações:

(a) Os navios mercantes que tiverem atravessado ou desejem atravessar o Canal, qualquer que seja a sua nacionalidade ou carga, teem plena liberdade para entrarem ou sahirem dos portos d'accesso ou para passarem pelo Canal sem risco de captura ou detenção, comtanto que a passagem do Canal e a sahida do porto d'accesso sejam effectuadas normalmente e sem demora injustificavel.

(b) Esses navios pódem receber as provisões, incluindo carvão, que forem rasoavelmente necessarias para a viagem até ao seu termo.

(c) As mercadorias de todo o genero que passarem pelo Canal pódem ser transportadas para o porto de partida.

(d) O artigo 13 da presente decisão será interpretado em conformidade com a Convenção do Canal de Suez de 1888.

A 13 d'agosto as decisões mencionadas tornaram-se extensivas á Austria-Hungria, então em guerra com a Gran-Bretanha, sendo substituida a data de 14 pela de 22 d'agosto de 1914 na applicação dos artigos 14 e 15 aos navios mercantes austro-hungaros.

O conde de Pourtales, ex-embaixador allemão em S. Petersburgo

As decisões haviam sido preparadas antes, na perspectiva do possivel rompimento de uma guerra europeia, pelo advogado do governo egypcio W. E. Brunyate, sob os auspicios do «comité» de defeza imperial. Não podem ser consideradas como uma declaração de neutralidade. Formavam, na realidade, como que um tratado de alliança de local e limitada applicação entre o Egypto

posição e os interesses da Inglaterra, a influencia ingleza augmentou e o Egypto prosperou cada vez mais guiado pela habil mão de lord Cromer, agente britannico e consul geral no Cairo.

Em 1898, o Soldão, que se havia revoltado em 1882 e durante 16 annos estivera em preza á rebellião e á anarchia, foi reconquistado por um exercito anglo-egypcio sob o commando de lord Kitchener—então ainda sir Herbert—e posto sob um condominio anglo-egypcio. Uma tentativa franceza para occupação do Alto Nilo falhára. Seis annos depois veiu a «entente» anglo-franceza, pela qual a França, em compensação de concessões em Marrocos e n'outras partes, reconheceu os interesses especiaes da Inglaterra no Egypto, compromettendo-se a Gran-Bretanha a não fazer mudanças politicas n'esse paiz. As outras potencias europeias, excepto, é claro, a Turquia, uma apoz outra, reconheceram a occupação.

Desde então, em vez da França, mais ou menos energicamente apoiada pela Russia, foi a Turquia, incitada mais tarde pelo imperio germanico, que disputou o predominio politico da Gran-Bretanha no Egypto.

A Porta não reconhecera a occupação, protestára contra a declaração d'um condominio anglo-egypcio sobre o Soldão e mantivera desde 1887 uma «missão especial» no Cairo, que nunca foi reconhecida pelas auctoridades britannicas, que sustentavam que o representante official do sultão no Egypto era o khediva, embora este muitas vezes se não mostrasse favoravel aos inglezes.

O Egypto fazia parte do imperio ottomano. Pelo «firman» de 1879 o khediva tinha certos attributos de soberania mediante o pagamento d'um tributo annual de 675.000 libras. O khedivato era hereditario na casa de Mahomed Ali segundo a lei de primogenitura. Mas o mesmo «firman» não dava ao khediva o direito de contrahir emprestimos sem consentimento do sultão, o de poder ter um exercito superior a 18.000 homens em tempo de paz, assim como não poder concluir tratados, além de convenções commerciaes, com qualquer potencia estrangeira. Para a Sublime Porta o Egypto era considerado como uma provincia ottomana gerida por um governador geral hereditario nomeado pelo sultão, embora tendo maior independencia do que qualquer outro «vali» ottomano.

Em 1906, os turcos, que nunca se haviam importado com demarcar as fronteiras do Egypto, tentaram occupar certos pontos na peninsula do Sinai, dos quaes só retiraram depois do embaixador inglez ter entregado um ultimatum á Porta. As fronteiras orientaes entre o Egypto e a Turquia foram então delimitadas, mas a convenção das fronteiras entre os dois paizes nunca foi ratificada pela Porta.

Em 1907, devido ao seu estado de saude, lord Cromer deixou o posto de agente diplomatico e consul geral, que havia exercido com honra desde 1883. Encontrara o Egypto em bancarrota; deixava-o em estado de solvencia. Achara os «fellahs» egypcios, como alli se chama ás classes mais baixas, opprimidos e pobres; deixava-os prosperos e tendo a certeza de não serem victimas de injustiças. O seu nome ficará vinculado á historia da revivescencia da prosperidade e da civilização egypcias.

Antes de continuarmos esta narrativa necessario é dizermos algumas palavras acêrca das relações entre o governo britannico e o khediva e os seus ministros.

Desde 1895 que as relações entre esses ministros e os seus conselheiros britannicos haviam sido cada vez mais cordeaes, mas a completa harmonia entre a administração ingleza e a egypcia tinha sido frequentemente impedida pela acção do khediva, que, embora não podendo, após algumas severas lições, collocar-se em opposição aberta á Gran-Bretanha, nunca deixara de intrigar contra a Inglaterra e de fazer obra de sapa contra a auctoridade dos seus proprios ministros.

Congresso da Republica

CONCURSO

PERANTE a Commissão Administrativa do Congresso da Republica está aberto concurso, entre estatuarios portuguezes, para a elaboração do modelo da estatua da Republica Portugueza, para ser collocada na arcada central da parede do lado da Presidencia da Sala das Sessões da Camara dos Deputados nas seguintes

Condições

1.ª—A estatua terá 2m,70 de alto. Assentará sobre uma base de 0m,35 de alto, 1m,05 de fundo maximo e de largura arbitraria. A altura total do modelo será, portanto, de 3m,05. A sua fórma geral harmonisar-se-ha o mais possivel com o recinto a que se destina e do qual fica fazendo parte integrante.

2.ª—Os modelos apresentados no concurso serão em gesso; representarão ao quarto das dimensões fixadas na condição 1.ª, e o mais detalhadamente possivel aquella estatua. Poderão ser acompanhados de memorias descriptivas e justificativas.

3.ª—O jury de classificação d'este concurso será composto do Presidente da Camara dos Deputados, presidente; de dois deputados eleitos pela Camara; de um artista indicado pelo Conselho Superior de Bellas Artes; de um artista eleito em assembleia geral pela Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisboa; de um artista eleito em assembleia geral pela Sociedade de Bellas Artes do Porto; de um representante da Sociedade dos Architectos Portuguezes e do architecto auctor do projecto do Palacio do Parlamento.

Apresentará a sua classificação no praso maximo de um mez, a contar da data da entrega dos modelos.

4.ª—O jury poderá conferir um premio de quinhentos escudos ao auctor do melhor modelo apresentado, pago no acto da assignatura do contracto, pelo qual o esculptor, auctor d'esse modelo, se obriga a executar a estatua com as dimensões fixadas na condição primeira, e em gesso. Esta estatua será paga pelo preço de 1.500$00 e em duas prestações eguaes, sendo a primeira paga quando estiver executada em barro e aprovada pelo jury, e a segunda quando estiver concluida em gesso, collocada pelo auctor no logar que lhe compete e aprovada definitivamente pelo mesmo jury.

O jury poderá distribuir ainda premios a auctores de outros modelos, até á quantia de 400$00 e attribuir menções honrosas.

5.ª—Para a execução da estatua em marmore será opportunamente feito contracto especial com o auctor do modelo, para esse effeito premiado, ficando desde já estabelecido que esse trabalho não importará quantia superior a dois mil escudos, não incluindo o custo do bloco de marmore, posto n'uma officina em Lisboa.

6.ª—Os modelos, assignados pelos respectivos auctores, serão apresentados no edificio do Parlamento, até ás 16 horas do dia 3 de janeiro de 1916. Aos apresentantes será passado recibo, que servirá para poderem ser retirados os modelos que não obtiverem a primeira classificação.

7.ª—Depois de haverem terminado as operações do jury, serão expostos ao publico, pelo espaço de oito dias, os modelos que tenham obtido premios pecuniarios.

Serão tambem expostos os restantes modelos, se a isso não se oppuzerem os respectivos auctores.

Sala das sessões da Commissão Administrativa do Congresso da Republica, em 19 de agosto de 1915.—O deputado secretario, (a) Balthazar de Almeida Teixeira.

Sir Eldon Gorst, ao succeder a lord Cromer, em 1907, tendo recebido instrucções para evitar attritos e incidentes, tentou uma politica de conciliação que não foi coroada do exito que elle esperava. Comtudo conseguiu durante algum tempo afastar o khediva do partido nacionalista radical e pôr termo ao desbocamento da imprensa tambem radical. Butros Pachá Ghali, sendo presidente do ministerio, foi assassinado por um estudante radical, que, ao que parece, tinha entendimentos com o «comité» União e Progresso.

Morto sir Eldon Gorst, lord Kitchener foi nomeado alto commissario do governo no Egypto. O seu prestigio como soldado e o seu conhecimento d'aquelle paiz habilitaram-no a acalmar rapidamente a agitação de que o assassinio de Butros Pachá tinha sido o signal. Os nacionalistas radicaes perderam terreno ou fugiram para a Turquia, mas o khediva e a missão especial ottomana continuaram as suas intrigas. A sedição foi, comtudo, dominada, embora não extincta por completo e lord Kitchener, pelos melhoramentos feitos e pelas medidas tomadas a favor dos «fellahs», alcançou grande popularidade.

Quando a guerra rebentou na Europa, o Egypto estava em socego. Os camponezes musulmanos, que formavam a enorme maioria da população, apreciavam os beneficios da occupação e não tinham sympathia alguma pelos allemães. Mas a sua falta de iniciativa, assim como a sua falta de educação faziam com que o apoio que entendiam dever dar ás auctoridades britannicas não passasse de ser meramente platonico.

Entre as classes mais educadas nas cidades era pouca a sympathia pelo khediva e pouco o fanatismo contra os europeus, mas os christãos syrios e coptas eram geralmente detestados. Por outro lado, os radicaes, em cujo numero se contavam não poucos estudantes de leis e de theologia e alguns turco-egypcios que formavam uma especie de aristocracia desde os dias de Mohamed Ali, eram hostis e haviam-se tornado mais reaccionarios nas suas tendencias desde que esperavam apoio mais da Turquia do que da França.

A grande maioria dos officiaes, commerciantes e proprietarios ruraes eram favoraveis á occupação que era anathemisada pelo menos numeroso sequito do khediva. A excitabilidade, a credulidade e a volubilidade das classes baixas citadinas tornavam-nas incapazes de apoiarem qualquer governo. O proverbio arabe «O egypcio tem medo, mas não tem respeito» é verdadeiro no seu fundamento.

A religião era o meio por que essa população citadina era mais facilmente accessivel aos intriguistas e é digno de notar-se que a connexão entre o Egypto e a Turquia era poular entre elles e entre alguns dos «fellahs» por razões religiosas. O sultanato turco, por estar, pelo menos nominalmente, sob a protecção do kalifado, lisonjeava-lhes o amor proprio e era, por assim dizer, uma especie de garantia de orthodoxia religiosa.

A 2 d'agosto o conselho de ministros declarou obrigatoria a circulação de notas do Banco Nacional do Egypto. No mesmo dia prohibiu a exportação de generos alimenticios. No dia 3, o governo egypcio, em consequencia da declaração de guerra entre a Austria-Hungria e a Servia e entre a Russia e a Allemanha, deu instrucções eguaes ás que dera durante a guerra russo-japoneza ás suas auctoridades do canal de Suez e dos seus portos de accesso, assim como ás de outros portos egypcios.

Mas dentro de quarenta e oito horas a situação mudára por completo devido á entrada da Gran-Bretanha na guerra. A 5 d'agosto o conselho de ministros chegou a uma importante «decisão tendente a assegurar a defeza do Egypto na guerra entre a Allemanha e a Gran-Bretanha».

Essa decisão—ou antes, para falarmos com maior precisão, decreto—constava de 18 artigos, todos elles importantes e de que vamos dar um extracto.

Os primeiros quatro artigos prohibiam a qualquer pessoa que residisse ou estivesse de passagem no Egypto:

(1) Fazer qualquer contracto ou accordo com o governo allemão ou qualquer dos seus agentes;

(2) Contribuir ou ter participação no resultado de qualquer emprestimo ao governo allemão ou fazer-lhe qualquer venda;

(3) Concluir qualquer contracto politico ou de seguros com ou em beneficio de qualquer pessoa residente ou de passagem no imperio allemão, ou effectuar qualquer pagamento sobre a base de um contracto politico existente ou de seguro por conta de qualquer perda devida a actos de guerra pelas forças de sua magestade britannica ou dos seus alliados;

(4) Concluir qualquer novo contracto commercial ou fazer outro novo, financeiro ou outra especie de obrigação com ou em beneficio de qualquer pessoa citada no paragrapho (3).

O artigo 5.º prohibia a qualquer navio egypcio que entrasse ou communicasse com qualquer porto allemão. Pelo artigo 6.º era prohibida a exportação de armas e munições de guerra, equipamentos militares e vehiculos, petroleo, benzina, gazolina, carvão e tijolos.

Os dois artigos seguintes prohibiam a exportação de qualquer mercadoria de um porto egypcio para um porto allemão e a transferencia para qualquer porto egypcio de qualquer mercadoria para o destino acima mencionado e prohibia a sahida dos portos egypcios de navios que não tivessem uma auctorisação especial.

Os artigos 9 a 11 diziam respeito ao contrabando. Segundo os seus termos, qualquer navio neutro que contivesse contrabando de guerra em conformidade com a definição de contrabando adoptada pelo governo britannico, ou levasse contrabando ou prestasse serviços contrarios á neutralidade «ao inimigo», seria impedido de sahir dos portos egypcios; qualquer navio neutro que embarcasse contrabando de guerra n'um porto egypcio podia ser capturado e o navio neutral em que fosse embarcado contrabando antes da data da decisão do governo egypcio não podia vender a carga se estivesse ainda em porto egypcio.

O artigo 12 prohibia a descarga em porto egypcio de qualquer artigo ou mercadoria embarcada em porto allemão depois da decisão do governo egypcio.

Os quatro seguintes artigos eram assim concebidos:

Artigo 13—As forças navaes e militares de sua magestade britannica pódem exercer todos os direitos de guerra nos portos egypcios e em territorio egypcio, e os navios de guerra, navios mercantes ou mercadorias apprehendidas nos portos ou territorio egypcios podem ser deferidos a julgamento d'um Tribunal de Prezas Britannico.

Artigo 14—Sob a estricta observação das clausulas anteriores qualquer navio allemão que esteja n'um porto egypcio á data da abertura das hostilidades ou que, tendo deixado o seu ultimo porto antes d'essa data, tenha entrado ou venha a entrar n'um porto egypcio sem ter conhecimento do rompimento da guerra, será auctorisado até ao pôr do sol de 14 de agosto de 1914 a carregar ou descarregar e a sahir do porto, tomando os compromissos por escripto exigidos pelas auctoridades navaes britannicas em conformidade com as disposições do capitulo 3.º da convenção de 1907 relativa a certas restricções no exercicio do direito de captura na guerra naval.

Artigo 15—Os navios allemães mercantes que deixaram o seu ultimo porto antes da declaração de guerra e que cheguem sem conhecimento d'essa declaração a um porto egypcio depois do pôr do sol de 14 d'agosto de 1914 e fôrem auctorisados a entrar no porto, pódem ser intimados a sahir immediatamente ou depois da demora julgada necessaria pelas auctoridades do porto para descarregar a parte da carga que

José Maria Castanheira d'Almeida

Falleceu

Maria Augusta Bobela Castanheira d'Almeida, Maria Julia Castanheira d'Almeida Pereira Athayde e seu marido Alvaro de Bettencourt Leite Pereira Athayde e Francisco Lourenço da Silva Almeida participam a todas as pessoas das suas relações o fallecimento de seu muito querido marido, pae, sogro e enteado José Maria Castanheira d'Almeida, realisando-se o seu funeral ámanhã, 21 de agosto, ás 16 horas, da Praça dos Restauradores n.º 48, para o cemiterio Occidental.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1812 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 21 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298 —Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os responsaveis

As forças do general Pereira d'Eça, iniciando as operações no sul de Angola, avançaram em tres columnas, que por diversos pontos atravessaram o Cunene, repellindo o inimigo. Uma d'essas columnas, porém, e que é commandada pelo proprio general Pereira d'Eça, foi alvo d'um violentissimo ataque por parte do soba mais poderoso da região, e a situação, segundo o telegramma official hontem publicado, não só é grave, como póde tornar-se gravissima para as forças portuguezas, desde o momento em que lhes não seja remettido o que o seu commandante tem pedido para a metropole.

As operações a que se está procedendo na nossa Africa Occidental são realmente da maior importancia. Trata-se d'uma occupação de territorios, dependendo da legitima soberania portugueza, occupação que até agora se não pudera realisar, tanto porque sobre a delimitação de fronteiras havia um litigio com os allemães como porque ainda se não haviam reunido em Africa meios sufficientes para effectivar o nosso dominio, quebrando a resistencia dos indigenas. E' preciso não perder de vista que são talvez mais de 30.000 homens d'uma raça aguerrida animados, armados e porventura instruidos pelos allemães os que se oppõem á marcha dos portuguezes. E o nosso revez de Naulila teve ter necessariamente deprimido o nosso prestigio na imaginação de essas populações africanas.

Ha quem reclame o regresso immediato das expedições; ha quem critique de diversa fórma a organisação d'essas expedições e os recursos que ellas levaram. Agora que o telegramma alarmante do sr. Pereira d'Eça clama que faltam elementos para a campanha é a occasião de pôr a claro, d'uma vez para sempre, o que foi essa organisação e se porventura houve ou ha deficiencia n'esses recursos.

Desde que começou a guerra e se decidiu o envio das expedições a Africa, diversos ministros sobraçaram as pastas da guerra e das colonias. No gabinete Bernardino Machado, estavam á frente d'ellas, respectivamente, o sr. Pereira d'Eça e Lisboa de Lima; no gabinete Azevedo Coutinho, os srs. Cerveira de Albuquerque e Rodrigues Gaspar; no gabinete Pimenta de Castro, este general e o sr. Teixeira Guimarães; depois do 14 de maio, os srs. José de Castro e Norton de Mattos, e agora o mesmo sr. Norton de Mattos e o sr. Rodrigues Gaspar.

Que instrucções deram estes ministros ás forças que partiram para Angola? De que recursos dotaram as expedições? A quem cabe, n'uma palavra, a responsabilidade de quaesquer faltas na preparação das expedições, no seu material, no seu reabastecimento de munições e armamento?

O sr. Pereira d'Eça exclama: «A minha situação será desesperada se não vier tudo quanto tenho pedido para automoveis». Porque é que já lá não estará o que era preciso, e porque é que se não mandou o que era urgentemente necessario?

Esta questão não implica nenhum melindre ou responsabilidade internacional. E' absolutamente de ordem interna. Trata-se da politica do paiz, dos serviços de administração publica. O publico precisa saber quem são os responsaveis de tantas faltas, para não dizer de tantos crimes, que se apontam, para um castigo severo e justo.

Faz-se, em redor das mais graves questões nacionaes, uma atmosphera de mentira, de falsidade, de grosseiros sophismas e insinuações infames. Tudo se embrulha, tudo se complica, com o intuito de tornar obscuros os casos que maior limpidez requerem. E' tempo de trazer a publico os documentos por onde as responsabilidades ministeriaes se estabeleçam. E' tempo de esclarecer, de concretisar, de apurar, de liquidar. Queremos saber quem é culpado, e quem o não é, nos revezes, dos desastres, da má situação creada a este paiz por uma politica desleal e dubia. A opinião publica é um tribunal que não deve julgar sem provas, mas que não póde indefinidamente abster-se de julgar.

Propaganda monarchica

Vendendo medalhas e bandeiras do extincto regimen

Em Vizella, como se sabe uma estancia thermal concorridissima n'este tempo, circulam livremente, sem que a auctoridade intervenha, pequenos vendedores ambulantes expondo á venda, entre outros artigos do seu commercio, medalhas com o symbolo da realeza e pequenas bandeiras azues e brancas com a antiga corôa real.

O facto tem dado azo a commentarios diversos e a descontentamento entre os republicanos que ali se encontram, podendo mesmo, mais dia menos dia, dar origem a um conflicto.

Visto que as auctoridades d'ali se não importam com o facto, ou por negligencia ou por qualquer outro motivo que não queremos profundar, levamol-o ao conhecimento do sr. ministro do interior.

A CRISE DAS SUBSISTENCIAS

Um deposito de feijão assaltado

Na muralha do Ginjal em Cacilhas—Prejuizos superiores a mil escudos

De manhã correram boatos na cidade de ter havido alteração da ordem publica em Cacilhas e Almada com assaltos a varios estabelecimentos d'ali. Alguma coisa havia de verdade em taes informes, embora, como é costume, os factos chegassem á margem de cá do Tejo bastante avolumados.

Pouco depois do meio dia um vaporsito da Parceria levava-nos rio fóra a caminho de Cacilhas. Uma agradabilissima aragem suavisava a travessia, emquanto para nos distrahirmos iamos poisando os olhos n'esse magico panorama da cidade, que não tem rival em todas as partes do mundo.

Desembarcámos. No largo Costa Pinto, em volta de montões de melancias, grupos palestravam. A' direita, uma praça da guarda republicana estacionava vigiando duas ou trez montadas. Interrogado sobre os acontecimentos da madrugada, informa-nos immediatamente:

—Houve só um assalto e foi aqui proximo. A setenta metros, o maximo...

E aponta-nos, á direita, a estreita muralha do Ginjal, tão conhecida do lisboeta folgasão, que ali vae, pelas tardes domingueiras, petiscar e encher-se de vinho barato. E' uma rua muito comprida, á beira Tejo, com uma vista soberba e toda occupada por enormes armazens de vinho, azeites, legumes e outros depositos,—barracões enormes, inesteticos na sua maioria pertencentes a conhecidas firmas d'esta cidade.

O deposito assaltado fica realmente a uns setenta metros do pontal de Cacilhas e compõe-se d'uma só casa com vinte e cinco passos de fundo e quatorze de largo tendo a servil-o uma porta enorme ladeada por duas janellas relativamente estreitas. Pertence á firma Levy & C.ª, exportadores em larga escala, com outros depositos de peixe e azeites em Lisboa.

N'este armazem de Cacilhas, de que era encarregado o sr. Raymundo Francisco da Silva, dono d'um armazem de vinhos que fica ali perto, no largo Costa Pinto, entrada do becco do Bom Successo, tinha a firma Levy & C.ª depositado já ha mezes mil e trez saccas de feijão branco, de cem kilos cada, e que foram compradas para fornecer a nova expedição a Angola, que chegou a estar annunciada na imprensa, e que por desnecessaria se não chegou a realisar.

As saccas occupavam menos de metade do armazem e encontravam-se empilhadas á esquerda de quem entra.

Segundo nos disseram, ha dias já que a população d'aquelles sitios, tendo conhecimento da quantidade de saccas de feijão armazenadas, andava irritada com a falta e carestia d'esse legume, principalmente os moradores de Almada e Cova da Piedade. Nada porém fazia prever a passagem brusca dos protestos aos factos, tanto mais que as iras das populações visavam não um, mas sim todos os chamados açambarcadores que, como acima dissémos, na comprida muralha do Ginjal teem os seus depositos.

Como se deu o assalto?

Eis o que a tal respeito conseguimos colher, quer por informações populares, quer por informações officiaes.

Pela uma hora da madrugada de hoje um grupo bastante numeroso de populares dirigiu-se á Praça de Camões, em Almada, intimando o carcereiro a tocar o sino da torre da cadeia, com o pretexto de haver fogo na Margueira, pequena povoação fabril situada entre a Cova da Piedade e Cacilhas O pobre homem, illudido por elles facilmente, tanto mais que raro é o mez que não ha, no sitio e arredores, incendios, tocou a rebate segundo a indicação dada.

Immediatamente de todos os lados da villa, d'aquellas tortuosas ruas de Almada, começou affluindo gente aos sitios da Margueira, comparecendo tambem a policia e todo o material e pessoal de bombeiros.

Mas pelas ruas, na escuridão da noite, vozes bradaram: o fogo é no Ginjal.

E como por encanto, emquanto a policia e os bombeiros iam a caminho da Margueira, grupos de dez e de vinte pessoas, desciam a toda a pressa, pela calçada da Pedreira, ruas do Capitão Leitão e Elias Garcia, pela estrada nova e pelas escadinhas da Muralha, para o Ginjal, onde se dirigiram ao n.º 12, armazem-deposito Levy & C.ª, já descripto.

A' machadada arrombaram o portão, que, fraco, cedia a breve trecho, escancarando-se. E n'um abrir e fechar de olhos, emquanto mais povo chegava, agora compondo-se de grupos de mulheres e creanças que empunhavam pequenos saccos, os populares que haviam feito o arrombamento, já munidos de canivetes, rasgavam d'alto a baixo saccas que despejavam pela abertura litros e litros de feijão branco.

Entretanto, em desusada azafama, as mulheres e os filhos enchiam os saquitelos e marchavam, quebrando o silencio da noite com gargalhadas e ditos, de volta a suas casas, emquanto os homens abalavam tambem ajoujados ao peso dos saccos.

Tinha qualquer coisa de selvagem o espectaculo de toda esta gente movendo-se na escuridão como phantasmas. Tremendo de medo, alguns commerciantes do sitio espreitavam a passagem dos assaltantes, mal sabendo ainda se as suas casas seriam ou não respeitadas.

Meia hora talvez após o toque a rebate, os policias, comprehendendo o lôgro e conhecedores do que se tratava, iam a casa da auctoridade administrativa informal-a do que havia; e para logo o sr. Antonio Bernardo, administrador do concelho de Almada, se preparava para descer até ao Ginjal a pôr côbro ao desvario da população. Mas como? Com que gente? Sob as suas ordens havia apenas cinco homens da guarda republicana e quatro policias. Nove, ao todo. A'quella hora da noite, ir pelo escuro, fazer frente a trezentas ou quatrocentas pessoas, possivelmente armadas, era temeridade para dar que pensar.

Havia já, porém, perto de duas horas, que o assalto durava. Lá de baixo, de casa do sr. Raymundo Silva, encarregado do deposito assaltado, vinham, pelo telephone, noticias nada tranquillisadoras.

Segundo corria, enthusiasmados com o exito do primeiro assalto, preparavam-se para assaltar tambem o deposito de azeite do sr. José Francisco dos Santos & C.ª, que ficava proximo.

Então o sr. Antonio Bernardo não hesitou um momento, e pondo-se á frente dos nove homens que o podiam auxiliar desceu até ao Ginjal no intuito de, fosse como fosse, fazer frente a qualquer ataque imprevisto. Não foi, porém, preciso. A' approximação da força, os grupos que ainda restavam junto do armazem fugiram pela margem fóra, a coberto da escuridão. E a força publica só poude tomar conta do armazem e das saccas ainda lá existentes. Todo o chão do deposito estava pejado de feijão. Ao fundo, abandonado na precipitação da fuga, um grande e enferrujado «corredor» com que alguem mais previdente se munira. Nas duas horas do assalto, haviam desapparecido cêrca de noventa saccas n'um prejuizo superior a mil escudos.

N'uma ligeira palestra com o sr. administrador do concelho, disse-nos esta auctoridade que o surprehenderam os factos d'esta madrugada. Falava-se, realmente, em Almada, como em toda a parte, em assaltos, mas elle attribuia isso a manejos de alguns mais exaltados e que só na desordem se sentem bem. Depois esperava que tal se não désse no seu concelho, ao menos por gratidão, visto que, não ha muitos dias ainda resolveu a contento de todos a questão do fornecimento de peixe em Almada e povoações circumvisinhas. Apesar dos insistentes boatos de que taes assaltos se repetem, o sr. Antonio Bernardo espera que tal se não dará. No emtanto, de madrugada ainda requisitou forças que ali chegaram já: vinte e duas praças de infantaria e dezeseis de cavallaria da guarda republicana, commandadas respectivamente por um alferes e por um tenente e que deram entrada na villa, a primeira ás 5,30, e a segunda ás 6 horas. Hoje, durante a noite, estabelecem-se patrulhas nos sitios mais visados.

De manhã o sr. administrador do concelho esteve junto do chefe do districto a quem participou circumstanciadamente o que se passava, requisitando dois agentes da judiciaria para tratarem das necessarias averiguações.

Como nota curiosa diremos ainda que é voz corrente no sitio que muitos dos assaltantes eram mulheres vestidas de homens.

Poeira da Arcada

O amor é um elemento anarchico, insubordinado, capaz de derrocar os deslumbramentos de todos os jovens que pretendem, guiados por elle, fazer do seu coração a razão maxima da ordem no universo. Gera sonhos nos corações inexperientes—sonhos largos, os quaes sobem tão alto que dir-se-hia quererem contar ao sol e á lua uma historia de felicidade terrestre. A sua ancia de subtrahir-se ao jugo dos fados que regem os destinos d'este baixo mundo cria desillusões, longos desesperos. E d'ahi o amor fazer uma politica de balancé, oscillando sempre entre a vida e a morte.

* *

Teem apparecido ultimamente na cidade notas de cinco e dez escudos falsas. A policia judiciaria anda em activas diligencias para descobrir os falsificadores. Se der com elles, lá se vae uma d'aquellas industrias prohibidas, tanto do gosto dos sugeitos que buscam contornar o roubo e o furto por meio de periphrases mais ou menos felizes. E todavia não são completamente antipathicos estes illegalistas. Que querem elles? Lançar um certo risco no mercado das notas de banco, mas collocando a sua existencia fóra das tristes contingencias de um naufragio. E' um pouco a inspiração de todos os creadores de emprezas arrojadas.

* *

Passa hoje o quinto anniversario da tomada de Ceuta. Como os tempos mudam! Então os portuguezes ensinaram aos outros povos as estradas dos mares.

Actualmente o nosso estro de navegadores está amortecido. Porquê? E' que de tantos naufragios e tormentas a nossa alma tornou-se supersticiosa, perdendo a fé em si mesma. Ha trezentos annos que nós vivemos suspensos nas estancias da nossa epopeia como uma mosca n'uma teia de aranha.

Pelo telegrapho

O movimento nos portos britannicos—Navios afundados

LONDRES, 20.—O almirantado britannico annuncia que durante os oito dias terminados em 18 do corrente entraram ou sahiram dos portos do Reino Unido 1480 navios, dos quaes foram afundados dois por minas e 11 por submarinos, sendo o total da sua grossa tonelagem 22.970 toneladas. Foram tambem afundados dez navios de pesca cuja tonelagem é de 647 toneladas.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 20.—Official—Em Valstagna avançámos até á corrente do Maso. No alto de Cordevale o bombardeamento do inimigo incendiou a povoação de Pievo. Em Hautrienz e em Bodenbach progredimos. No sector de Colmino as operações estão-se desenvolvendo favoravelmente para nós.—(*Havas*).

EM PLENA REGIÃO DE TURISMO

O DESENVOLVIMENTO MATERIAL DA FIGUEIRA

Está dependente da regulamentação do jogo, diz o ex-deputado e actual presidente da associação commercial, sr. dr. Cerqueira da Rocha

O sr. dr. Cerqueira da Rocha, que representou a cidade da Figueira da Foz no primeiro parlamento da Republica, habita presentemente uma risonha vivenda na estrada de Buarcos. Desistiu de defender em camaras as reclamações locaes, conservando, todavia, o cargo de presidente da associação commercial d'aquella cidade.

No primeiro centro de cavaco onde lançámos ferro, ao penetrar n'esse lindo recanto da nossa costa maritima, disseram-nos que o ex-deputado, farto de politica e de politicos, não nos acolheria com grandes expansões, sendo quasi certo que a nossa curiosidade jornalistica ficaria insatisfeita. Em vista de semelhante vaticinio resolvemos aguardar a chegada do sr. dr. Cerqueira da Rocha, pois nos disseram que o presidente da associação commercial era certo todas as noutes no bairro dos casinos.

Deixámos correr o tempo, confundindo a nossa espectativa com os ocios da colonia balnear, emborcando cervejas, despejando refrescos, até que, ao anoitecer, as primeiras canções das moças raianas, completamente incomprehensiveis, atravessavam o espaço, vindas do bairro proximo, adivinhando-se, por ellas, os bailes de roda, nos terraços distantes.

Como as horas passassem e o sr. dr. Cerqueira da Rocha não apparecesse, não hesitámos mais. Pagámos a conta dos liquidos ingeridos e mettemos a caminho, por essa estrada encantadora da riba do oceano que leva a Buarcos, acompanhado por modesto guia que nos declarou saber onde morava o sr. dr. Rocha. O luar prateava a costa sinuosa, onde o oceano se esbate, com rumor monotono, tornando verdadeiramente admiravel o extenso caminho.

Foi com um vago receio que batemos á porta da residencia do presidente da associação commercial e as nossas primeiras palavras foram aquellas que lhe manifestaram a nossa comprehensão pelo completo alheamento das coisas politicas, quando se possue uma tal casa e n'um dos logares mais bellos e interessantes do mundo. Não era, porém, a politica, no sentido mesquinho, que nos levára ali. O nosso desejo seria ouvir o antigo representante da Figueira e o seu actual presidente da associação commercial, ácerca dos indispensaveis melhoramentos para que a cidade pudesse corresponder ao futuro movimento de turistas.

O assumpto, assim posto, pareceu abalar o nosso interlocutor que nos introduz nas suas salas, onde a nota artistica regional se fere em preciosos detalhes de mobiliario e ornamentação.

—De facto não errou quem lhe disse que eu não me occupava com enthusiasmo das questões politicas, diz-nos desde logo o sr. dr. Cerqueira da Rocha. No sentido commum a politica absorve e fatiga, sem que produza qualquer coisa de util. No entanto, como não é de politica nem de programmas partidarios que vem tratar, não terei duvida em trocar comsigo algumas impressões.

«A cidade da Figueira da Foz precisa de muita coisa para se transformar, até que fique em condições de attrahir os forasteiros. Não possue recursos e esses mesmos são reduzidos pelas exigencias do poder central, a despeito da descentralisação dos serviços municipaes. Se a Figueira quiz ter um grupo de artilharia e um piquete da guarda republicana foi necessario que a cidade fosse arrancar aos cofres municipaes os recursos para a respectiva installação. Tem sido sempre assim e por isso é facil comprehender que a cidade lucte com as maiores difficuldades para o seu necessario aformoseamento. Os seus principaes serviços estão deficientemente montados porque o municipio conta apenas com magras receitas. No que respeita a commodidades a Figueira não vae mais longe, sendo, desde logo, notavel a falta de hoteis para attender os visitantes. Esse facto tem-se verificado por mais d'uma vez. Ultimamente um dos directores da agencia Philips, por intermedio de meu filho, que estuda em Inglaterra, pensou organisar uma excursão a Portugal e principalmente á Figueira. Pois teve de pôr de parte a ideia porque não havia aqui hoteis bastantes para receber os turistas que tomavam parte n'essa viagem de recreio. Mas ha mais. A empreza dos «Wagons Lits» pensou tambem em construir aqui um hotel com todos os requisitos modernos. A iniciativa naufragou deante das exigencias dos proprietarios de terrenos, que, n'um momento, suppuzeram que deveriam fazer a sua fortuna.

—Será então necessario desistir dos melhoramentos da cidade?

—Nada d'isso. E' á camara que cumpre realisar um plano de melhoramentos e sei que ella cuida em fazel-o. Para que a Figueira se desenvolva é necessario que o jogo seja regulamentado. N'esse sentido apresentei no parlamento um projecto de lei. Fui eu tambem que, no intuito de desenvolver esta cidade, apresentei o projecto que foi approvado, concedendo á camara a posse dos terrenos marginaes. Ahi se projecta a construcção d'uma avenida e com os terrenos vendidos adquirir-se-ha receita para a construcção do casino municipal. Esse edificio, que deve reunir todas as condições modernas, será alugado pelo municipio a uma empreza que o explore na estação propria.

«Esse casino, accrescenta o sr. dr. Cerqueira da Rocha, deve ser não sómente uma casa de recreio, mas um estabelecimento thermal, podendo explorar-se ali simultaneamente as reputadas aguas da Amieira.

«E' preciso que as obras do porto prosigam sem interrupções, pois eu considero esse melhoramento indispensavel para o desenvolvimento da cidade. A camara votou já a verba de 400 contos para essas obras, cujo projecto inicial foi já approvado tambem.

«E, como conclusão, devo dizer que nenhum d'estes melhoramentos collocará a Figueira n'aquella situação a que tem jus pela belleza do seu clima, pelos seus extraordinarios aspectos naturaes. Para que se realise tudo aquillo a que tem direito só ha uma maneira, regulamentar o jogo, tirando d'elle todo o proveito, como o fazem tantos outros paizes que se não envergonham de possuir essa attracção do visitante. Emquanto isso, porém, se não fizer, o melhor é não pensar em attrahir aqui os forasteiros...

Noticias parlamentares

E' admiravel a tenacidade que certas creaturas dispendem quando se trata de alcançar uma situação que, sendo cheia de commodidade, não seja, ao mesmo tempo, pobre de proventos. A grande maré está a passar e é preciso aproveital-a, sob pena de se ficar mais um anno saboreando um bem que se offerece mas que não se alcança tão depressa quanto se deseja. E porque a maré é boa, inventam-se os mais esquisitos pretextos para que o bodo vá o mais longe possivel e os descontentes se reduzam a um numero mais que infimo. Se te disserem, credulo contribuinte, que vão dar-se 500 escudos por anno a um feliz mortal que já é empregado publico e cuja funcção consistirá em percorrer o paiz para classificar azulejos, o que ficarás pensando? Pois cuida o que quizeres e podes ter a certeza que não falta quem, n'este momento, cuide a sério d'isso...

* *

Ha dias, a camara resolveu fazer publicar no «Diario do Governo» a lista dos arguidos em processos de falsificação, que a policia organisou e que a Boa Hora não julgou nunca. Fazia-se assim uma especie de justiça summaria e nova, que nem, por estar fóra dos codigos deixava de ser precisa. Pois até agora ainda não se cumpriu a deliberação da Camara, e a tal relação, a abarrotar de mais cem nomes, perdeu-se de S. Bento até á Imprensa Nacional, sem lograr alcançar as honras solemnes da letra redonda. Os moralistas que não approvaram a publicação parece que podem cantar victoria, como... podem continuar impunemente a impingir gato por lebre quantos, ao abrigo de tudo e de todos, nos vão abarrotando de todas as mistelas que servem para tudo menos para ser digeridas por estomagos de gente.

* *

Voltou hoje a discutir-se na Camara o caso intrincado dos exercicios espirituaes de Ciudad Rodrigo. Foi o sr. José Maria Gomes quem glosou o postal que hontem fôra lido em S. Bento, classificando-o de inoffensivo ou pouco menos. Maneiras de ver. Entretanto, averiguou-se que o iniciador dos taes exercicios não fôra o sr. D. Manuel Vieira de Mattos, actual arcebispo de Braga, mas o sr. Alves Mattoso, bispo da Guarda. Vão as responsabilidades a quem tocam e recaiam as suspeitas e as accusações sobre aquelles que as merecem. E' bom, porém, informar que se diz por ahi, á bocca pequena, que os exercicios de Ciudad Rodrigo servem tão sómente para disfarçar uma reunião politica, onde os interesses materiaes da Egreja e do clero sobrelevarão a todos os outros. Será assim? O governo que o averigue e nol-o diga depois.

* *

Figuraram na ordem do dia da Camara, para a sessão d'hoje, nada menos de trinta e quatro projectos, havendo entre elles muitos que, parecendo insignificantes, representam interesses importantissimos. Alguns dos projectos votados jaziam na Camara desde 1912, e não faltava, decerto, quem os julgasse já perdidos e esquecidos. E, a proposito, talvez não seja mau accentuar o falso criterio que frequentemente preside á classificação das iniciativas que surjem em S. Bento e que leva a verdadeiras injustiças. Uteis e necessarios não são só os grandes projectos com muitos artigos, referentes a interesses geraes. Os pequeninos não o são menos, [illegible] que elles não sejam, quando o merecem, os primeiros...

* *

Hontem foi a ostra, o delicioso molusco, que teve as honras da tarde parlamentar. Hoje coube á cebola a gloria de resuscitar muitas attenções adormecidas n'aquelle mar morno em que iam desfilando os pareceres, como uma fita animatographica que se desenrola sem saltos nem sobresaltos. Foi o sr. Costa Junior quem principiou a cosinhar o refogado: e pelo ardor com que se falou da cebola picante e reluzente, parece que não faltou quem lhe sentisse na menina dos olhos o succo levemente caustico. Por fim, o projecto que prohibia a exportação d'esse producto foi approvado, ficando a todos a certeza de que não correrá perigo, d'ora avante, a saborosa cebolada...

* *

O sr. Levy Marques da Costa apresentou hoje na Camara dos Deputados um projecto de lei prohibindo em todo o territorio da Republica a exportação d'ouro em barra ou amoedado. A infracção d'essa disposição, commettida ou apenas iniciada, applicar-se-hão as penas do delicto de contrabando, ficando os infractores sujeitos ao processo e jurisdicção do contencioso fiscal. Exceptuam-se das disposições do projecto o Estado e os casos em que o governo julgue conveniente conceder uma auctorisação especial para que o ouro possa sahir do paiz. O projecto seguiu para as commissões.

ECONOMIA NACIONAL

CAIXA GERAL DOS DEPOSITOS

O seu desenvolvimento no tempo da Republica—Trez mil contos de emprestimos que não foram ainda levantados

Palestra com o sr. dr. Estevam de Vasconcellos

A Caixa Geral dos Depositos é uma das instituições officiaes que mais desenvolvimento tem tido na vigencia da Republica. Não é exagero nem lisonja dizer-se que o sr. dr. Estevam de Vasconcellos tomou a peito a obra confiada á sua direcção, e por modo tal que os resultados obtidos podem constituir hoje o seu orgulho— o legitimo orgulho dos homens publicos que veem reconhecida a efficacia e a productividade dos seus esforços a bem dos interesses collectivos.

Falámos-lhe hoje, a proposito d'um projecto de lei já votado nas duas camaras e que vae permittir ainda um maior desenvolvimento aos serviços da Caixa. Disse-nos o sr. dr. Estevam de Vasconcellos:

—São creadas filiaes da Caixa Economica Portugueza nas cidades de Braga, Vizeu e Faro. Esses estabelecimentos teem uma caracteristica especial: poderão realisar operações de emprestimo mediante caução de titulos da divida publica, ouro, prata e pedras preciosas. Por seu lado, inicia-se o combate á agiotagem, que adquire no nosso paiz fóros da mais repellente especulação; por outro lado, procura-se uma collocação facil e garantida para as disponibilidades da Caixa, que dia a dia crescem excessivamente. E' claro que a solução d'esse duplo aspecto do problema só será effectivado completamente desde que se criem filiaes em todas as capitaes do districto, tanto mais que os resultados das que se estabeleceram no Porto e em Coimbra excederam todas as espectativas do optimismo; mas isso não póde fazer-se de um momento para o outro, sem o risco de serias perturbações nos complexos serviços dependentes da Caixa Geral.

«Em todos os concelhos do paiz já hoje existem delegações da Caixa Economica Portugueza. Foram quasi todas creadas depois da proclamação da Republica, porque anteriormente estavam apenas estabelecidas em 21 concelhos, sendo até difficil justificar o criterio a que obedeceu a selecção d'esse reduzido numero de localidades. Não teem as delegações pessoal privativo, pois estão a cargo dos funccionarios de finanças. Contribuem muito para o desenvolvimento da «épargne» nacional, quer garantindo um juro regular ás economias domesticas, que o povo da provincia chama o seu «pé de meia», quer permittindo aos commerciantes e industriaes um rendimento constante, que até então não podiam facilmente obter e que deriva do deposito das quantias destinadas ás suas operações.

«Poderá dizer-se que esse serviço representa a absorpção, feita pelo Estado, da propria industria bancaria. Talvez seja assim, até certo ponto, mas é preciso não esquecer que os lucros provenientes das operações da Caixa são applicados em proveito da collectividade. Os seus emprestimos destinam-se, sob um ponto de vista geral, á realisação de medidas de fomento, assistencia, instrucção e a melhoramentos locaes. Desde a proclamação da Republica as quantias emprestadas na Caixa sóbem a mais de 13.000 contos, o que representa tudo, ou quasi tudo, que no nosso paiz se tem feito quanto á effectivação de medidas d'aquella natureza. Ainda no anno economico de 1913-1914 se emprestaram 1.600 contos para os caminhos de ferro do Estado, 1.000 contos para a Junta Autonoma das Installações maritimas do Porto, e 1.500 contos para a construcção do Manicomio Bombarda, da Maternidade de Lisboa, Hospital dos Alienados em Coimbra, remodelações e alargamento dos serviços do Hospital de S. Marcos em Braga e installação de aquecimento nos hospitaes do Estado.

«Como ha sempre quem diga alguma coisa a proposito de tudo, dir-se-ha que os 13.000 contos emprestados pela Caixa pouco representam em relação ás necessidades do desenvolvimento do fomento nacional, que exigem importancia muito mais avultada. Não contesto que assim seja mas a verdade é que ainda ha cerca de 3.000 contos de emprestimos feitos e que não foram levantados. Quer dizer: toda a gente se queixa de que é preciso fazer obras no paiz, muitas obras, mas apparece o dinheiro e ellas não se fazem.

—Em quanto tem augmentado os depositos nos ultimos annos?

—Posso fornecer-lhe uma indicação certa. E' a seguinte, estando as quantias expressas em numeros redondos. Na Caixa Economica Portugueza os depositos eram, em 31 de outubro de 1910, de 7.308 contos; em 31 de julho do anno corrente subiram para 19.396 contos, não incluindo a capitalisação dos juros, que deve ser approximadamente de 500 contos. Na Caixa Geral os depositos eram, na mesma data, representados pelo saldo de 8.643 contos; actualmente passam de 16.000 contos. Parece-me que estes numeros falam sufficientemente do desenvolvimento economico assumido pelas operações da Caixa Geral dos Depositos. E agora, como ultima nota de esta rapida palestra, deixe-me dizer-lhe que a divida fluctuante externa foi diminuindo á proporção em que augmentavam as disponibilidades da Caixa. Estou certo de que o desenvolvimento dos seus serviços irá entrando, de anno para anno, n'uma phase ainda mais intensa, com proveito do Estado e da economia particular. Que é preciso para isso? Trabalhar-se, como até hoje, e zelar rigorosamente o emprego dos dinheiros publicos.

UMA DATA HISTORICA

O quinto centenario da tomada de Ceuta

Foi hoje commemorado com uma sessão solemne na Sociedade de Geographia

A inauguração da exposição industrial

Nas salas da Sociedade de Geographia solemnisou-se hoje o quinto centenario da tomada de Ceuta, a primeira baliza no caminho aberto pelos portuguezes para o mundo desconhecido, a primeira realisação do maravilhoso sonho do infante D. Henrique.

Pouco depois das 15 horas entrou no edificio o presidente do governo, que como ministro da marinha se fazia acompanhar pelo chefe do gabinete d'aquelle ministerio, pelo secretario e ajudante de ordens; no vestibulo esperavam-o os srs. Anselmo Braamcamp, Ernesto de Vasconcellos, Hyppacio de Brion, Almeida d'Eça, Lopes de Mendonça, Lisboa de Lima e Belchior Machado, directores da Sociedade de Geographia.

Na sala Algarve, onde se realisou a sessão, estavam os ministros da França, Inglaterra, Russia e Uruguay; representando a camara dos deputados estavam os srs. Mantas, Pedralva e Urbano Rodrigues. Do ministerio compareceram apenas o seu chefe e o ministro da guerra por terem os outros ministros que ir á assignatura, motivo tambem da não comparencia do sr. presidente da Republica.

Presidiu á sessão o sr. dr. José de Castro que deu a palavra ao sr. Braamcamp Freire, presidente da Sociedade de Geographia. Communicou este a impossibilidade da vinda do chefe do Estado e leu o seguinte telegramma enviado pelo sr. dr. Bernardino Machado: «Famalicão, 21.—Saudando em v. ex.ª essa benemerita Sociedade, associo-me do fundo d'alma á patriotica commemoração».

Em seguida expoz os fins d'aquella solemnidade, referindo-se á exposição que ia abrir-se, e em nome da Sociedade de Geographia agradeceu o concurso dos expositores e a comparencia dos ministros estrangeiros, do presidente do ministerio, ministro da guerra, deputados, etc.

Dada a palavra ao sr. Lopes de Mendonça, que representava a Academia das Sciencias, a iniciadora da celebração do quinto centenario da tomada de Ceuta e conjunctamente do quarto centenario da morte de Affonso d'Albuquerque, referiu-se o orador a circumstancias creadas pela guerra que impediram o governo de levar a effeito o esboçado proposito de prestar ao duplo centenario a grandeza que devera ser-lhe inherente.

Historiou, no estilo brilhante que caracterisa o erudito escriptor, os antecedentes da conquista de Ceuta, Tanger, Mazagão e Azamor, referindo-se ás guerras sangrentas cuja serie terminou com a de Alcacer Kibir.

Fez depois a apotheose de Affonso de Albuquerque, e, referindo-se á modestia da celebração do grande feito e do grande homem, diz que a Sociedade de Geographia celebra por bem cabida forma a grande revolução mundial impulsionada pelos nossos antepassados dos seculos XV e XVI, mostrando-nos com a sua exposição que podemos reconquistar pelo trabalho pacifico a grandeza que outr'ora conquistámos á custa do sangue derramado em longinquas regiões. Terminou a sua oração levantando um viva á Republica portugueza.

Seguiu-se-lhe o sr. Almeida d'Eça, professor da Escola Naval, na tribuna dos oradores. Começou por invocar o grito do infante D. Fernando, captivo em mãos da moirama: «Não largueis Ceuta». Depois, sobre o thema brilhantemente desenvolvido de que fazer historia é fazer psychologia, mostrou as difficuldades com que lucta o historiador, passando depois a falar sobre a empreza de Ceuta e os seus effeitos na historia portugueza.

Referindo-se ao grito de «não largueis Ceuta», que a lenda attribue ao infante, disse:

«E' lenda? Não importa! Consola-me a alma de portuguez. O grito do Infante no ergastulo de Fez deve ser o grito de todos nós; defendamos Portugal, que o mesmo é defender as nossas colonias, tão nossas, que são o nosso esforço, o nosso nome, a nossa historia»!

Por ultimo falou o sr. presidente do governo prestando homenagem ao elevado patriotismo que inspirou as palavras dos dois brilhantes oradores e agradecendo á Sociedade de Geographia e á Academia das Sciencias a celebração feita hoje ás grandes figuras de então.

Passando depois á sala Portugal, o sr. dr. José de Castro inaugurou a exposição, que ficou aberta ao publico.

Extraordinariamente interessante o aspecto que apresentava a exposição, não só pela variedade e perfeição dos productos expostos, mas tambem porque muitos d'elles mostram que, apesar dos prejuizos que nos tem causado a guerra, alguma coisa de vantajoso tambem nos tem trazido: a creação de novas industrias e o aperfeiçoamento d'outras, creando novos tipos em substituição dos que nos vinham de fóra e agora não podemos receber.

Está n'estes casos a industria da relojoaria; uma fabrica de Famalicão apresenta productos que rivalisam em perfeição com os que importavamos da Suissa e da Allemanha, com caixas de luxo, artisticas, em variadissimos estilos. No mostruario figuram as 265 peças, separadas, de que se compõe o machinismo d'um relogio.

A fabrica de loiça de Sacavem apresenta, entre faianças artisticas decorativas, lavatorios placas para parede, artigo que d'antes nos vinha de Inglaterra e que é agora pela primeira vez produzido em Portugal, tão perfeito como o estrangeiro porque o operario que os fabrica era um dos primeiros das fabricas inglezas. Mostra-nos tambem artigos feitos de proposito para exportar para Las Palmas, Tanger e Brazil, cuja producção é muito difficil visto terem de ser levissimos por causa dos direitos de importação.

Outro producto novo da fabrica é a louça-prata; apresenta um apparelho para chá, n'este genero, que é uma perfeita imitação de prata. Em apparelhos para jantar expõe um em azul e ouro, no qual a difficuldade de manter em numerosas peças o mesmo tom de côr foi completamente vencida, tornando-o, por isso, digno de menção.

Uma industria que nasceu entre nós depois da guerra é a dos soldados de chumbo para creanças; crearam-a os srs. Ribeiro & C.ª, da rua da Quintinha. Apresenta-nos a guarda republicana, artilharia, marinha, cavallaria, lanceiros, infanteria, tudo com perfeito acabamento.

Ainda outra industria agora creada é a da fundição metallurgica artistica, como [illegible] e pés para urnas funerarias, tin-

teiros, molduras e caixilhos para páraventos de automoveis.

As fabricas de chocolate União, Frigorifica e Camerana expõem bellissimos mostruarios dos seus productos em bombons, pastilhas, taboinhas, saquinhos, dados, dominós, confeitos de côres varias e aspectos sugestivos, tão bem apresentados que são vendidos como de producção estrangeira. Expõem tambem cartonagens nacionaes de perfeito acabamento.

Das industrias que mais teem progredido uma d'ellas é a de cortumes, apresentando a fabrica Giestal cabedaes finos, em preto e amarello, e em polimento, tão perfeito como os que recebiamos do estrangeiro. Outra é a das malas de viagem; a loja da Raposa apresenta uma luxuosa mala em fórma de commoda, produzida na sua fabrica, tendo cinco gavetas, chapelleira, etc., de um bello acabamento. Este artigo de luxo vinha-nos d'antes dos Estados Unidos.

Em cortiça apenas apparecem rolhas quando a nossa industria produz tantos artigos artisticos e industriaes feitos com esta materia prima.

O sr. Vieira expõe varios instrumentos de corda de formas caprichosas e artisticamente trabalhados.

A Camelia Branca expõe as suas flôres, que sustentam galhardamente o confronto com as do estrangeiro.

Vinhos, azeites, licores, artigos de papelaria, mobiliario escolar, roupas para exportação, louças de aluminio e ferro esmaltado, artigos d'estamparia e fiação, figuram por toda a vasta sala, alegrando-a com as côres variadas das garrafas arrotuladas, das chitas, das ramagens mirabolantes, dos lenços de côres berrantes. Entre os mostruarios das fabricas de Fiação de Thomar e de Otero Salgado, em Alcantara, e da União, em Sacavem, estão o mostruario de sedas dos Armazens do Chiado, o da fabrica de malhas de Magalhães Basto & C.ª com productos de luxo em malha de seda e de lã, a de Figueiredo & C.ª em malhas de lã e algodão, e da Empreza Fabril do Norte em carrinhos de linha de todas as dimensões e côres.

A fabrica 9 de Julho expõe franjas, fitas, galões, passamanarias e gravatas de seda.

A fabrica de calçado de A. S. Prado, em Alcantara, expõe artigos de esmeradissimo acabamento; como curiosidade expõe um par de botins, do modelo egual aos ali fabricados ultimamente para o exercito.

A fabrica de bandeiras de Achilles Teixeira, na rua dos Fanqueiros, expõe uma collecção de bandeiras não só estampadas, mas tambem com os escudos em applicação. A Companhia dos Tabacos expõe tambem os seus productos, e ainda outros estabelecimentos fabris, a que não podemos referir-nos por nos faltar o tempo e não nos sobrar o espaço.

A questão do peixe

A Sociedade Commercial de Pescarias Limitada pede-nos a publicação da seguinte carta, copia da que hoje enviou ao sr. visconde de Pedralva:

Lisboa, 21 de agosto de 1915—*Ex.mo Sr. Visconde de Pedralva*—N'esta—A carta com que v. ex.ª se dignou honrar a gerencia da Sociedade Commercial de Pescarias, Limitada, vem confirmar que só com documentos á vista se podem esclarecer as diversas afirmações, menos verdadeiras, que teem sido trazidas a publico.

Para este fim tem esta gerencia a honra de convidar v. ex.ª para uma conferencia no local, dia e hora que v. ex.ª designar.

Saude e fraternidade—Pela Sociedade Commercial de Pescarias, L.da, Os gerentes, (a) *Jaime Moreira de Carvalho*, (a) *Cirillo Dias Larangeira.*

No boudoir

Banhos—A temperatura

A questão principal em materia de hydroterapia é a da temperatura dos banhos.

O regimen dos banhos frios é perigoso quando a elles se não foi habituado desde creança.

Não vos aconselho a tomar banhos inteiramente frios, principalmente no inverno, sem consultardes, previamente, o vosso medico. Para limpeza completa da pelle, o banho frio não serve, visto que, para proceder á lavagem meticulosa do todo o corpo, é necessaria uma demora um tanto prolongada—demora que póde acarretar um resfriamento. O melhor banho, na minha fraca opinião, é o de 25 graus.

O banho, seja qual fôr a sua temperatura, deve, de preferencia, ser tomado de manhã, em jejum, fazendo-se logo, em seguida, pelo menos uma pequena refeição.

O banho de vinte a trinta graus não deve prolongar-se alem de vinte minutos. Os banhos quentes e os banhos frios devem ser de muito menor duração, a não ser que haja indicação contraria do medico. Nunca se deve tomar banho menos de tres ou quatro horas depois das refeições, quando não seja possivel tomal-o de manhã. No emtanto, a bordo de paquetes inglezes e allemães, vi banhar as crianças apoz a refeição da tarde, refeição que era composta de ovos, carne, legumes e chá com leite, e nunca notei que estes banhos lhes fizessem mal; verdade seja que eram de agua salgada quente.

Passemos ao nosso correio.

***

Georgina:—Faça uso da «Pigmentina». Escurece lentamente os cabellos brancos. E' um bom preparado; tem, sobre o «Royal Windsor» a vantagem de não tornar o cabello oleoso. Pode usar a «Pigmentina» com confiança.

***

Carlota:—Minha senhora, desculpeme a franqueza: uma creança que aos 15 mezes pesa 16 kilos não a deve fazer sorrir de orgulho. Trata-se certamente de obesidade. Bem vê; a criança não anda ainda o digere mal. A avó, muito bem intencionada, empanturra a creança de leite, de gemadas, de caldinhos de gallinha, de ovos quentes, de bolacha Maria e v. ex.ª acha muito bem. Eu acho muito mal e se v. ex.ª expuzer a um medico o que me expoz a mim, verá que o que elle, como pessoa auctorisada, lhe disser, não ha de ser muito differente do que venho de dizer-lhe.

Maria Conti

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Votam-se varios projectos de lei

O sr. Azevedo Coutinho abre a sessão, com 46 deputados presentes, poucos minutos antes das 15. Approva-se a acta e dá-se conta do expediente, no qual ha varios telegrammas pedindo á Camara que discuta, antes de entrar em férias, os projectos referentes á crise vinicola. O sr. Ribeira Brava requer que se discuta desde já o projecto que concede á camara da Ribeira Brava um convento para os Paços do concelho. E' approvado, seguindo-se no uso da palavra o sr. Adelino Furtado que apresenta um projecto de lei auctorisando a camara de Portimão a vender varios foros de pouca importancia para os converter em titulos da divida publica. O sr. José Maria Gomes refere-se ao caso dos exercicios espirituaes, do clero da Guarda, que o respectivo prelado quer celebrar em Ciudad Rodrigo. Entende que se deve fazer da Republica a mais calorosa defeza, destruindo quantas machinações contra ella possam tramar-se na sombra. Mas não lhe parece que o postal lido na Camara tenha grande valor, porque até póde admittir-se que o sr. Domingos Pereira tenha sido illudido por um gracioso qualquer, que lhe enviou aquelle postal, para medir o seu zelo republicano. O que se conclue do referido postal? Que o prelado da Guarda vae, com o seu clero, realisar exercicios espirituaes e tratar dos interesses da Egreja. O que ha de estranho n'isso? Como póde tratar-se d'uma coisa grave, desde que o convite para a reunião se faz n'um postal, que por todos póde ser lido? E como póde a Republica impedir que os padres se reunam para cuidar da situação da Egreja, se o Estado levou a essa mesma egreja tudo o que ella possuia? Está convencido de que não ha motivos para tomar a nuvem por Juno; mas se houver, junta a sua voz á do sr. Domingos Pereira, para pedir ao sr. ministro da justiça que defenda até onde puder a Republica. O bispo da Guarda foi, a seu vêr, prudente, convidando o seu clero para terra estranha, visto no seu paiz não ter a certeza de o poder reunir a seguro de provocações e de assaltos d'aquelles que, por indisciplina ou por instigação, não perdem ensejo de vexar os padres do seu paiz, que não são inimigos da Republica, como se tem erradamente feito crer. Corrijam a Republica e verão como todo o clero se reunirá em volta d'ella para a defender e para a tornar cada vez mais prestigiosa.

O sr. Jaime Cortezão manda para a meza um projecto de lei sobre agencias de emigração, do qual resultará um sensivel augmento de receita para o thesouro publico.

Na ordem do dia, discutem-se, sendo approvados, o pertence que cria uma divisão de serviços na administração geral dos correios; o pertence que se refere á prisão do 2.º sargento J. Ferreira do Carmo, o que regula o direito de aposentação dos pharoleiros de Cabo Verde, o que liquida os vencimentos da guarda da cidadela de Cascaes, o que considera thesoureiro da fazenda publica J. Jacintho da Assumpção.

Foram tambem approvados o que concede pensões a dois parochos, o que reforça diversas verbas do ministerio da guerra, o que funda sindicatos de pecuaria, o que auctorisa a camara municipal de Alcobaça a proceder á venda de baldios, o que auctorisa um emprestimo para melhoramentos no porto de Lisboa, o que faz passar de Montalegre para Cabeceiras de Basto a freguezia de Salto.

Além d'estes foram approvados o que amnistia todas as transgressões commettidas até 20 de maio de 1915, em Lisboa; o que isenta de contribuição industrial as camaras municipaes que a pagarem por serviços que hajam municipalisado, e o que regula a promoção a 2.os sargentos e alferes milicianos. Approva-se ainda o projecto que auctorisa as respectivas corporações locaes a transformarem em centraes os liceus de Aveiro e Beja. A' noite ha sessão.

No Senado

Elege-se o governador de Cabo Verde — São approvados os projectos sobre o regimen cerealifero e venda exclusiva do trigo nacional pela Manutenção Militar

Presidencia do sr. Correia Barreto. A's 15 em ponto a chamada dava como presentes 23 senadores. Com esse numero foi aberta a sessão, aprovada a acta e lido o expediente.

Antes da ordem o sr. Jeronymo de Mattos propoz, sendo approvado, que para duas vagas na commissão de instrucção industrial e commercial fossem nomeados os srs. Caetano Madureira e Celestino de Almeida.

O sr. Fortunato da Fonseca, em nome da commissão de redacção, apresenta uma proposta reduzindo a 50 por cento o tempo de serviço, para o effeito da reforma, aos funccionarios civis e militares no ultramar.

Foi approvada sem discussão.

A ordem do dia começou pela eleição do governador de Cabo Verde, capitão de fragata sr. Abel Fontoura da Costa, que ficou eleito por unanimidade.

Entra em discussão a proposta de lei sobre o regimen cerealifero, já approvada na outra camara.

Na generalidade, o primeiro a usar da palavra é o sr. José Maria Pereira: Em nome da União Republicana declara dar o seu voto ao parecer da commissão de fomento, á qual foi aggregado, tendo assistido, n'essa qualidade, a toda a discussão do projecto. Entende, pois, que a discussão se deve limitar a esse parecer e não ser demorada, porque o assumpto é dos que se impõem ao paiz inteiro.

Depois d'algumas explicações do sr. ministro do fomento, o sr. Vasconcellos Dias explica a sua orientação na commissão de fomento: mudára de opinião quanto ao preço das farinhas, porque as suas previsões sobre a producção do trigo nacional não foram certas. Divergiu da commissão de fomento, entendendo que o projecto, como está, é prejudicial ao Estado.

O sr. Estevam de Vasconcellos diz que a commissão não podia estar de accordo com o sr. Vasconcellos Dias, pois que elle mudára de opinião, depois de haver convencido todos os membros da commissão no seu primitivo parecer sobre o projecto.

O sr. Herculano Galhardo concorda em que o projecto traz algum sacrificio para o Estado; mas n'um periodo anormal, em meio de uma crise tão grave, todos os sacrificios são justificados.

O sr. Paes Abranches, em nome da minoria evolucionista, dá o seu voto ao projecto, terminando por dizer que n'uma questão de tal magnitude toda a politica deve ser posta de parte, pois se trata de bem do povo.

O sr. ministro do fomento diz que a moagem tambem ultimamente tem collaborado com o governo. Espera que o Senado dê mais uma prova de patriotismo, approvando o projecto.

Trocam-se ainda explicações entre os srs. Paes Abranches e Vasconcellos Dias, ácerca do procedimento da moagem quanto á compra de trigo nacional, votando-se depois a generalidade do projecto. Na especialidade, os artigos até ao 6.º foram approvados sem discussão.

Ao discutir-se o artigo 7.º, o sr. José Maria Pereira pediu ao sr. ministro do fomento que concedesse facilidades para a laboração dos moinhos movidos a hulha branca, que estão muito sobrecarregados, pedido que prometteu attender, sendo em seguida votados todos os outros artigos.

O sr. Herculano Galhardo felicita os representantes da União Republicana e do evolucionismo pela fórma patriotica como discutiram este projecto.

Entra em discussão a proposta de lei do governo, determinando que á venda de trigo nacional só possa ser feita por intermedio da Manutenção Militar.

Foi approvada na generalidade e na especialidade, sem que ninguem usasse da palavra. Em seguida foi encerrada a sessão.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 21.—Communicação official. O canhoneio continuou sempre intenso durante a noite em Artois, entre o Oise e o Aisne, na Champagne e nos Vosges. Lucta de minas sem descanço na Argonne em Cantes-Chausses e em Saint Hubert, onde occupamos e preparámos o terreno que fôra revolvido por uma explosão. Dois ataques fracos da infantaria inimiga, um em Frise, nas margens do Somme, e outro na Lorena (floresta de Parroy) foram ambos inteiramente repellidos.—(*Havas*).

Uma reclamação do governo hespanhol

MADRID, 21.—O governo dirigiu, por intermedio do embaixador da Hespanha em Berlim, uma reclamação á Allemanha a respeito da perda do barco hespanhol *Isidoro*. O embaixador allemão em Hespanha acaba de escrever uma carta ao ministro dos negocios estrangeiros, lamentando o incidente.—(*Havas*).

O avanço dos allemães na Russia

PETROGRADO, 20.—Official. Grandes forças inimigas estão penetrando *no golfo de Riga*, onde o combate continua. Ao sul de Kovno as nossas tropas occupam a margem esquerda do Vistula. Em Ossovietz e em toda a linha ao longo do Narew o inimigo pronunciou fortes ataques. Na margem direita d'este rio detivemos o inimigo tendo a nossa cavallaria repellido a offensiva allemã.—(*Havas*).

O parlamento francez reune em sessão secreta

PARIS, 21.—Uma nota communicada á imprensa á sahida do conselho de ministros diz que o governo, considerando util dar ácerca da situação explicações cuja publicidade poderia esclarecer os inimigos, resolveu reunir a camara em sessão secreta.—(*Havas*).

O cruzador "Republica"

Como haviamos noticiado, chegou hontem a Peniche o vapor *Valkyrian*.

O commandante examinou o *Republica*, dizendo que o navio está em má situação para salvamento, em virtude das anteparas e estanques não vedarem.

Hoje o mergulhador examinou cuidadosamente o cruzador para no caso de haver probabilidades de salvamento o commandante do *Valkyrian* apresentar a proposta, visto haver um contracto entre este vapor e o *Finisterre*, pelo qual o segundo não pode trabalhar ao sul do Porto.

Continúa o salvamento do material.

Inauguração da colonia penal agricola

Os srs. ministros da justiça e do fomento acompanhados pelo director geral da justiça, sr. dr. Germano Martins, foram hoje a Cintra inaugurar o funccionamento da colonia penal agricola, tendo dado ali entrada oito vadios idos da cadeia do Limoeiro e forte de Monsanto.

Fez-se uma pequena sessão solemne, em que falaram os srs. ministro da justiça, dr. Germano Martins, vice-presidente da camara municipal de Cintra e director da colonia, sr. Tude de Sousa, e a que assistiram alguns vereadores, o administrador do conselho e varios membros das commissões politicas d'aquelle concelho.

Seguidamente os visitantes percorreram a quinta e installações, satisfatoriamente impressionados.

No final o director offereceu aos convidados uma taça de Champagne, trocando-se brindes muito cordeaes.

EM HESPANHA

As grandes manobras navaes e terrestres

devem realisar-se em outubro proximo

«El Liberal» de hontem, ha poucas horas chegado a Lisboa, insere com o titulo de «El secreto de Polichinelo» um curioso artigo de fundo que vale a pena archivar. Diz o grande jornal madrileno que ninguem ha em Hespanha que ignore esse segredo das manobras militares ou ensaio de mobilisação a realisar no proximo mez de outubro e a proposito refere o seguinte, que passamos a traduzir:

«Durante mezes percorreu metade da peninsula em minuciosa visita de inspecção o sr. ministro da guerra; foram chamados para instrucção e preparação reservistas e licenciados; accumulam-se em todos os sitios adequados elementos, vestuarios e provisões; está quasi armada e municiada em aguas gallegas uma forte divisão naval; adquirimos submarinos ou submersiveis que devem estar guardados em algum caixote do ministerio, mas que indubitavelmente existem, pois de contrario não haveria apparecido na folha official a noticia do augmento de soldo outhorgado aos seus officiaes e tripulantes presentes e futuros.

«Não obstante tudo isso, mal um periodico dos que se chamam militares publicou noticias bastante concretas ácerca da mobilisação ou das consabidas manobras, logo o governo se apressou a desmentil-as redondamente, por este teor: «A noticia carece de fundamento e tanto o sr. ministro da guerra como o chefe do governo negaram do modo mais terminante que fosse exacta».

«Porque e para quê? A unica consequencia de tal attitude é alarmar a opinião e dar ensejo, quando chegar o momento, se não a sérios protestos pelo menos a desatinadas e funestas interpretações.

«O Diario Universal», no seu numero de hontem á noite, discorre ácerca do caso com muito bom senso.

«Manobras do genero das annunciadas (diz o orgão dos liberaes) deveriam fazer-se sempre e não ha agora nenhuma razão especial que o impeça, já que só em cerebros excessivamente dominados pelo panico póde estabelecer-se relação entre esse necessario exercicio da actividade militar e a guerra europeia.

«De resto, a guerra será um argumento decisivo em prol d'essas manobras, visto demonstrar d'um modo terminante a necessidade d'uma constante preparação militar, que apenas póde ter efficacia mediante essas operações, em que se dão, se não todas, naturalmente, quando menos, os mais importantes circumstancias da propria guerra. Todo o trabalho preparatorio d'uma campanha póde realisar-se effectivamente na preparação d'umas grandes manobras e ainda admittindo que todos os elementos necessarios para essa preparação estejam perfeitamente dispostos nas nossas zonas, sempre seria indispensavel pôl-os em acção, sem o que nunca poderia ter-se a certeza de que, n'um momento dado, haviam de actuar devidamente, visto que em tal caso tinham de relacionar-se uns com os outros para actuarem.

«No estabelecimento constante d'essas relações está, em compensação, a possibilidade de remediar as deficiencias, se as houver, e além d'isso a certeza de que n'um dado caso deviam estabelecer-se por si mesmas com a necessaria rapidez para alcançar o fim desejado.

«Cremos, por ultimo, que todos os problemas d'uma mobilisação effectiva, que, naturalmente, nada faz recear por agora no nosso paiz, visto que nenhum partido politico deixa de patrocinar a mais estricta e completa neutralidade e por conseguinte, e com muito maior motivo, uma absolutissima abstenção, estarão resolvidos no papel, nos expedientes e nas instrucções dos Estados Maiores; mas faltar-lhes-ha sempre o «contrôle» da pratica, unico que póde resolver os pequenos detalhes que ás vezes tornam impossivel toda a acção.

«Assim, ou em termos semelhantes, fala o orgão do partido que occupa o outro prato da balança na politica hespanhola».

Feitas reservas sobre as enormes sommas que custam as manobras terrestres e navaes, «El Liberal» entende que ellas são vantajosas para as nações, pois que lhes fazem saber com que forças reaes contam e lhes permittem descartar-se dos factores incompetentes, invalidos ou inuteis. Mas condemna, ao mesmo tempo, o segredo que o governo se obstina em guardar, e a que chama o segredo de Polichinelo, como dizem os francezes.

Vem a proposito dizer que Affonso XIII jantou na quarta-feira com o ministro da guerra, no edificio do ministerio, demorando-se depois a conversar com elle e com o presidente do conselho e outros ministros até á uma menos um quarto da madrugada, o que se tornou muito notado.

Passador de notas falsas

Vindo de Loures, onde foi preso pelo administrador do concelho, sr. Ruy Alves da Cunha, deu entrada no governo civil José Rafael Sergio Monteiro, rendeiro da quinta da Charneca. Interrogado pelo chefe Sarmento, confessou ter passado n'aquella localidade trez notas de 10 escudos cada uma e que sabia serem falsas.

Foram ouvidas varias testemunhas, tendo seguido para Loures o agente Sequeira.

ESCOLAS MOVEIS

Uma reunião de professores

Conforme noticiámos, os professores das Escolas Moveis reuniram-se hoje, a fim de tratar de varios assumptos de interesse immediato para a classe. A' sessão presidiu o sr. Joaquim Pires Machado, secretariado pelas sr.as D. Maria Pamplona Corte Real de Oliveira e D. Maria Alice Gomes Bello.

O sr. Antonio Maria da Silva Pereira de Lima usou em primeiro logar da palavra para declarar que aquella reunião havia sido convocada a fim de se organisar uma commissão que fosse cumprimentar e agradecer ao director das Escolas Moveis os seus relevantes serviços prestados á classe e ainda resolver-se sobre uma representação ao sr. ministro de instrucção, pedindo a gratificação de 50$00 pelos ultimos dois mezes de exercicio dos professores.

Depois de falarem varios oradores, advogando a justiça d'esta pretenção, deliberou-se que a representação fosse levada ao parlamento por uma commissão composta das professoras D. Maria Matta Catita, D. Georgina Amelia Lopes, D. Maria Pamplona Corte Real e D. Maria Gomes Bello e dos professores srs. Joaquim Pires Machado, Antonio Maria da Silva Pereira Lima, Chacon Siciliani e Antonio Cardita.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. Pereira de Lima fez o elogio do inspector das Escolas Moveis, pondo em relevo o seu grande amor pela instrucção e as attenções e carinhos que lhe merecem todos os assumptos de interesse para a situação do professorado.

Ficou resolvido ir hoje mesmo uma commissão cumprimentar o inspector das Escolas Moveis.

Os professores das Escolas Moveis, presentemente na provincia, que desejem adherir ao movimento dos seus collegas de Lisboa, podem fazel-o em carta dirigida á calçada do Combro, n.º 71, 3.º andar.

Tenente Aragão

A familia do tenente Aragão procurou hoje o sr. presidente do ministerio, a fim de pedir que não sejam feitas manifestações em frente do predio onde reside, visto haver ali uma pessoa gravemente enferma.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro das finanças conferenciaram hoje demoradamente o governador e a direcção do Banco de Portugal.

—A *Ordem do Exercito*, 2.ª serie, que hoje devia ser distribuida, só o será na proxima quarta-feira, em virtude do grande movimento que insere.

Festas associativas

Realisa-se ámanhã a festá commemorativa do anniversario da Associação do Classe dos Chauffeurs em Portugal com o seguinte programma: A's 14 horas, simphonia; ás 14.30' abertura da sessão solemne; ás 17,30' copo d'agua aos delegados das Associações de Classe e representantes da imprensa; A's 18, concerto musical pela banda da Academia Recreativa Operaria Beatense. A séde está patente desde as 14 ás 22 horas.

—No Club Simoões Carneiro realisa-se ámanhã uma *matinée* a favor de Manuel Torquato Baldino, com as peças *Ceia dos pobres*, *Uma anecdota* e *O commissario é uma joia*, cujo desempenho está a cargo do Grupo Dramatico Lisbonense, completando o espectaculo algumas canções nacionaes. A' noite, na séde do Grupo Lisbonense ha recita promovida pela commissão administrativa, com as mesmas peças e um acto de variedades, seguido de baile. Abrilhanta a festa a tuna «Os Conscientes».

Na Amadora

A inauguração de um novo centro

Um grupo de republicanos do accordo com a commissão parochial tenciona inaugurar no proximo mez um centro de propaganda politica. Esse centro, que se denominará Centro Republicano Portuguez Dr. Affonso Costa, tem a sua séde na povoação, Rua Bernardino Ribeiro, lettras A. F. C. onde todos os dias das 20 ás 23 horas se podem inscrever como socios todos os cidadãos de ambos os sexos que estejam de accordo com a orientação do Directorio do Partido Republicano Portuguez.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 11/16	35 9/16
Londres, 90 d/v	36 1/16	—
Paris, cheque	$72,8	$73,5
Allemanha, cheque	$28,2	$28,6
Hollanda, cheque	$56,5	$57,5
Madrid, cheque	1$84,5	1$85,5
New York	1$42	1$45
Rios/Londres	12 3/4	—
Libras	6$90	6$96
Agio do ouro	42 %	43 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,40	40,15
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 5 0/0 1909, coup. 80$50.

Externas: 1.ª serie, 72$70.

Acções: Banco de Portugal, 180$50; Lisboa & Açores, 114$50; Assucares, 39,90; Fhasphoros, coup., 56$; Tabacos, coup., 74$.

Obrigações: Aguas, assent. 85; Perdiaes 5 %, 87$; Municipaes ou districtaes 5 %, 85$; Aguas de Vidago 90$; Docas do Porto, 48$.

Pendencia

Constava hoje nos Passos Perdidos que estava travada uma pendencia entre um deputado da maioria e o chefe do governo. Foi motivada, ao que parece, por uma discussão acalorada que os dois tiveram no gabinete do ministerio da marinha, tendo sido o deputado convidado a sahir do gabinete.

Os deputados democraticos reuniram n'uma das salas do Congresso depois de terminada a sessão da Camara, dizendo-se que a reunião se relacionava com aquelle incidente.

Depois de escriptas essas linhas soubemos que o incidente se passou com o sr. Gastão Rodrigues, que foi ao ministerio perguntar ao sr. dr. José de Castro porque não tinham sido emprestadas umas bandeiras para uma festa no Seixal.

Os combates em Angola

O sr. ministro das colonias enviou hoje um telegramma para Angola, pedindo que seja enviado o nome dos officiaes e praças feridas no ultimo combate no sul d'aquella provincia.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

O sr. dr. Bernardino Machado parte por estes dias para Paredes de Coura.

—Partiu para Braga com sua filha e sobrinha a sr.ª D. Mathilde Monteverde, o sr. engenheiro José Abecassis.

—Parte no dia 1 de novembro para o Pará o sr. Simões Coelho, agente commercial portuguez na America do Sul.

—Seguiu hoje para o Rio de Janeiro, com via por New York, o sr. Francisco Cruz, conceituado industrial e consul de Portugal em Nitheroy (Brazil).

—Partiu para a Guiné, como ajudante d'ordens do respectivo governador, o official do exercito sr. Joaquim Baptista Bello de Carvalho.

—O sr. presidente da Republica recebeu hoje em audiencia particular o sr. Lopes Tavares, secretario da legação em Paris.

—Está no Porto, de regresso de Vidago, o sr. Eduardo Brazão.

—Partiu para Felgueiras o sr. dr. Magalhães Lemos.

—Está em Vizella o sr. Barão de Basto.

—Com demora de alguns dias partiu hontem para a Beira Alta o architecto sr. Guilherme Rebello de Andrade.

EM ITALIA

Informam de Roma que os jornaes estão fazendo excellente negocio. O publico mostra-se avido de conhecer pormenores e incidentes da lucta que o exercito sustenta nos Alpes. Os sobrios communicados officiaes do general Cadorna inspiram absoluta confiança, lastimando-se apenas que se publiquem cerca das 21 horas.

E' frequente em Roma ouvir queixas pela ausencia de estrangeiros de que a Italia regorgitava sempre. No entanto, em Napoles ha uma numerosa colonia de visitantes americanos, inglezes e francezes.

PEQUENAS NOTICIAS

O sr. Albano Marques Ribeiro, presidente da commissão dos defensores da Republica da freguezia de S. Thiago do Ceia, convida todos os seus conterraneos residentes em Lisboa a reunirem amanhã, pelas 15 horas, no Centro Republicano de Santos, rua da Esperança, 104, 2.º, a fim de se tratar de assumptos que interessam a mesma collectividade e os seus conterraneos.

—José Carlos Dias, o «Malucos», que no sabbado passado se tinha evadido d'um dos calabouços do governo civil, foi hoje preso pelo agente Thomé de S. Marcos e alguns guardas n'uma casa da rua do Cabo, a Santa Izabel. Tentou ainda evadir-se, mas foi recapturado na rua da Paschoa.

A CHRONICA DA ROUBALHEIRA

A agencia de transportes de emigrantes Brazil e Africa, que ha tempo tanto deu que falar por causa d'um roubo simulado de libras pertencentes a uns chinezes, volta a estar em fóco. Essa agencia pertence agora, ou está em nome de Annibal Marques de Sousa, que hoje foi esperado por muitos provincianos, os quaes, tendo-o encarregado de lhes arranjar passagens para o Brazil, se viram sem dinheiro e sem poderem seguir para o seu destino, pois que o dono da agencia não comprou bilhete algum.

O Sousa, porém, não appareceu. A burla, ao que se diz, sóbe a 600 escudos.

—Carlos Gaudencio Rodrigues, residente na calçada de Arroyos, 61, queixou-se á policia de que os gatunos entraram na sua residencia e lhe furtaram 1 cordão, 2 brincos e a quantia de 221$50, tudo no valor de 254 escudos.

—O agente Jeronymo Martins prendeu hoje no Rocio o «vigarista» José Francisco da Silva, o *Chiquinho*, sendo-lhe apprehendida no acto da captura uma navalha de ponta e mola. Recolheu ao governo civil.

Ministro de Inglaterra

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje o sr. Carnegie, ministro da Inglaterra, que se fazia acompanhar do addido naval.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 21.—A mesa da Santa Casa da Misericordia resolveu abater o preço dos banhos no seu balneario, beneficiando por esta fórma os individuos que d'elles carecem e que não podiam pagal-os pelo elevado preço que actualmente tinham.

—Começou a feira de S. Bartholomeu, sendo inferior ao anno passado o numero de barraqueiros.

—Assumiu o commando do 2.º grupo de companhias de administração militar o sr. major Brito d'Almeida.

—Foi promovido a engenheiro chefe de 2.ª classe o sr. Jorge Lucena, que ha annos faz serviço na 2.ª circumscripção dos serviços fluviaes e maritimos com séde n'esta cidade.

—Foi exonerado a seu pedido do logar de director das turmas femininas do liceu d'esta cidade o sr. dr. Adriano de Carvalho.

—Os alumnos do curso de desenho architectonico da Escola Industrial Brotero, acompanhados pelo seu professor, partem amanhã em excursão de recreio e instrucção para Leiria, Batalha e Alcobaça.

A guerra no mar

O que diz o capitão Persius

Este outro desilludido é o capitão de fragata reformado allemão Persius, mostrando no *Berliner Tageblatt* que as esperanças fundadas nos ataques dos submarinos allemãs ao commercio britannico estão longe de ser realisadas. Esta confissão do capitão de fragata Persius confirma a do conde de Reventlow que n'uma conferencia feita em maio ultimo salientou a decepção dos que tinham fundado as suas grandes esperanças nos navios torpedeiros, dizendo que mesmo os submarinos allemães não podem fiscalisar os mares, e que embora a Allemanha triplicasse o numero dos seus submarinos não poderia proteger as suas colonias.

O capitão Persius trata apenas da questão do bloqueio dos submarinos allemães e diz que os seus effeitos só ao fim de largo tempo se farão notar. Eis as suas palavras:

«No começo de fevereiro ultimo, tinhamos grandes esperanças na guerra submarina, mas os resultados obtidos n'este ultimo semestre são dos mais modestos.

Vejamos um exemplo. Na semana que findou em 4 de agosto mil navios puderam entrar e sahir dos portos britannicos, e as nossas victimas foram apenas seis navios mercantes e novo de pesca. Este resultado não é de molde a satisfazer os profanos que tinham alimentado phantasiosas esperanças.

Sempre dissemos que com os poucos submarinos de que dispomos, o effeito da guerra sob as aguas só ao termo de largo tempo se faria sentir.

Precisavamos de muitos barcos d'este tipo para atacarmos os 1:500 navios inglezes que todas as semanas sahem dos portos da Grã-Bretanha. Temos vinte e oito submarinos concluidos em maio de 1914; ora os modernos submarinos de alto mar deslocam mais de mil toneladas, são providos de uma complicadissima combinação de machinismos que exigem uma grande precisão e se impõe alojar no minimo espaço. Não se pode, por isso, construil-os tão rapidamente como os torpedeiros, e accresce ainda o tempo necessario para o commandante e a equipagem se familiarisarem com a manobra.

Dizem que os submarinos já não mettem no fundo tantos navios como ao principio da guerra; provém o facto dos inglezes, que não são maus marinheiros, terem aprendido com a experiencia a protegerem-se e tornar-se por isso cada vez mais difficil aproximarmo-nos dos seus navios e torpedeal-os.

E' necessario que os nossos submarinos empreguem uma habilidade extraordinaria para evitar os laços que lhes armam, guardarem-se dos contra-torpedeiros e atacarem com bom exito.

O serviço a bordo dos submarinos exige uma extrema tensão das forças phisicas e mentaes; á quantidade e á qualidade d'um material escolhido ha que accrescentar a qualidade do pessoal».

A' guisa de consolação, insiste o capitão Persius sobre o numero sempre crescente dos submarinos allemães e do das equipagens exercitadas.

«Todos os que não tenham, diz elle, o optimismo que provém da inexperiencia commentam com satisfação as façanhas dos nossos submarinos».

E' evidente que o capitão Persius já não tem o optimismo filho da inexperiencia, mas tinha-o em janeiro ultimo quando a Allemanha preparava o famoso bloqueio; então annunciava o exito, prevendo mesmo o torpedeamento do *Lusitania*. Dizia n'essa epocha:

«Circumstancias se darão em que seja necessario torpedear um navio mercante no momento em que a presença de navios inimigos impeça o submarino de subir á superficie. Mas como já dissémos, da mesma fórma que as populações nem sempre podem ser preservadas dos males da guerra, assim succederá que a equipagem d'um navio mercante será atirada para o fundo do mar se o navio fôr torpedeado sem que tenha tempo de deitar os seus escaleres á agua. E quando o caso se tiver produzido algumas vezes, os capitães dar-se-hão por avisados e as equipagens tomarão as medidas necessarias, ou então—e é isto o que desejamos—o commercio maritimo ficará completamente suspenso ou pelo menos reduzido nos mares ameaçados».

Não se realisaram as previsões do capitão, elle proprio o confessa; o movimento nos portos inglezes conserva-se o mesmo apezar dos submarinos allemães.

SPORT

A festa de amanhã no Stadium

A benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda conseguiu organisar para amanhã á tarde, no Stadium, uma grande festa.

Conseguiu que n'uma prova velocipedica de 1500 metros se apresentassem os velocipedistas da «velha guarda», aquelles que ha dez anos tinham popularidade grangeada em magnificas corridas.

Conseguiu que em 15 kilometros, os motociclistas Arydo, Inchado e M. Neves disputassem o titulo do «melhor de todos» com que se orgulha Innocencio Pinto.

Conseguiu promover uma original corrida entre os 3 melhores profissionaes de agora, Raposo e Maia n'um tandem e Soares Junior em bicicleta.

Conseguiu que os amadores de ciclismo se combatessem não em 1500 metros, como era de uso entre elles no Velodromo, mas em 5.000 metros.

Conseguiu, por fim, um grande desafio de «foot-ball» entre o «team» da Casa Pia de Lisboa, detentor do campeonato escolar da Associação de Foot-ball de Lisboa e uma selecção de alumnos marinheiros das escolas norte e sul d'este anno.

Em resumo, conseguiu um programma com interesse emotivo, que chamará gente e cujos detalhes são os seguintes:

1.º—Primeira mão do «match» entre tandem e bicicleta; 2.º, corrida de 5.000 metros para amadores; 3.º, segunda mão do «match»; 4.º corrida de 1500 metros entre ciclistas da «velha guarda», os srs. Ernesto Zenoglio, Armando Crespo, Eduardo Ferreira, Maximo Correia, Augusto de Freitas e Bello d'Almeida; 5.º, corrida de motocicletas entre Innocencio Pinto, Lucio Inchado, M. Neves e Arydo d'Albuquerque; 6.º, grande desafio de «foot-ball».

Notas do dia

Paul Lerroux, promovido

Uma carta recebida hontem confirmou as noticias dadas ha dias pelos jornaes de que Paul Lerroux tinha sido promovido.

A carta accrescenta que ao sr. Lerroux — que foi em Lisboa maçagista, professor de gymnastica, professor de «box» e professor de esgrima—foi concedida a Cruz de Ferro e a promoção de tenente por feitos realisados em campanha.

E' esta a segunda promoção que lhe concedem desde o principio da guerra.

Lerroux é mais um francez, dos estimados em Lisboa e dos que viveram no nosso meio sportivo, que é galardoado.

Tambem o aviador Sallès tem sido feliz. Agora e apoz 6 promoções em campanha é sargento-piloto junto do quartel general francez.

* *

A festa da Praia das Maçãs

Muitas familias e muitos «sportsmen» querem visitar a bella Praia das Maçãs na quinta-feira, 2 de setembro para verem a festa infantil, projectada com «gymkhana» e com numeros de athletismo.

Mas como hão-de visitar aquella praia —a mais occidental da Europa e das melhores situadas de Portugal?

A resposta é simples, para a maioria. De comboio até Cintra e, commodamente, de carro electrico, de Cintra ao Atlantico.

Mas, tratando-se d'uma festa sportiva, muitos «sportsmen» lisbonenses e outros de terras dos arredores desejavam aproveitar-se de automoveis e trens. Para esses é que a viagem se torna um tanto incommoda. Porquê? Pela má conservação das estradas. Estão um horror e intransitaveis!...

Isto na bella região de turismo e ao pé da capital!...

* *

Em volta d'um aeroplano

Ha dias realisou-se uma festa ao ar livre com o fim sympathico de obter recursos que auxiliassem dois rapazes portuguezes na construcção d'um aeroplano. Todos auxiliaram tanto quanto puderam a festa e a imprensa tambem auxiliou a propaganda.

Terminada a festa, appareceu nos jornaes uma critica discordando da organisação da festa realisada. Isso foi o bastante para um immediato protesto, onde se voltava a affirmar que o aeroplano era de typo portuguez e absolutamente construido com materiaes portuguezes.

Foi o diabo o tal protesto!... Porquê? Pela simples razão de que se foi indagar que em volta do aeroplano ha um caso judicial a tratar e que no apparelho existe qualquer coisa d'outro tanto plano, pertencente a um francez amigo de Portugal e agora em lucta contra os allemães...

Será assim? Vamos averiguar.

Algumas anecdotas

Como o famoso Arpin levou uma tareia e uma namorada o vingou...

Foi o professor Desbonnet que nos contou o seguinte:

Um dia, o sr. Arnaud, o emprezario do Hypodromo de Paris, no anno de 1852, estava desolado porque a doença d'um «boxeur» impedira o assalto com Vigneron. Arpin, o celebre luctador, appareceu-lhe.

—Se v. quer, substituo o seu jogador de socco. Conheço o que valem os meus musculos. Ao socco, não tenho medo seja de quem fôr!

O sr. Arnaud ficou contente e devemos dizer que Vigneron tambem. E' que Arpin, se n'essa epocha era o rei da lucta, não o era do «box». Poude illustrar muito golpe de lucta que tinha o seu nome, mas em «box» só podia illustrar os sopapos que recebesse.

Quando o combate começou, Arpin fez saltos extravagantes, ataques insensatos e desenvolveu todos os recursos de que era capaz. Foi em vão. Vigneron, sempre sereno, parava os ataques e dava-lhe soccos no peito e na cara.

Algumas vezes Vigneron atacava-o com o que elle chamava a 18.ª serie (chasé-croisé) e fel-o saltar para baixo do estrado! E, n'esse momento, o mais que podia fazer o hercules Arpin era subir novamente para outra vez vir parar abaixo! Os espectadores riam perdidamente! Quem não ria era uma bella marselheza, que vendia bolos e laranjas na plateia. Furiosa pela derrota do seu amigo, resolveu vingal-o.

Emquanto os dois athletas davam a volta da pista n'um carro romano, para receber os bravos dos espectadores, a bella marselheza escondeu-se detraz do camarim de Vignéron e armou-se com um sabre de gendarme, que servia para a pantomima de Robert Macaire e Bertrand. No momento em que Vignéron ia a entrar, descarregou o golpe e disse:

—Ora aqui tens para que serve a tua força!...

Vignéron mal teve tempo para evitar o golpe. O sabre cahiu sobre a porta do camarim e rachou-a!

—Olha do que me livrei!... Antes os murros de Arpin!...

Acudiu o pessoal e o director poz na rua a vingativa marselheza.

Noticias

Entre nós

«Tennis» na Amadora

Continuam amanhã, no excellente «court» de «tennis» dos Recreios Desportivos da Amadora, as «meias-finaes» do campeonato que terminam impreterivelmente no proximo domingo.

Ao lado do «court» de «tennis» estará aberto todo o dia e toda a noite o bello «rink» de patinagem.

Em Santo Amaro de Oeiras

Perante um jury constituido por mestres d'armas, continua e deve terminar amanhã em Santo Amaro de Oeiras o campeonato d'espada. As «meias-finaes» fazem-se a 2 toques e a «final» a 1 toque.

Reuniões de «tennis» e patinagem em Carcavelos

Dispondo de dois magnificos «courts» de «tennis» e dois vastos recintos de patinagem, um em salão e outro ao ar livre, com mais de 500 metros quadrados e todo armado em mosaico especial, os Recreios de Carcavelos animam-se extraordinariamente aos domingos, com a affluencia de familias veraneantes ali e nas proximidades, sendo continuos os jogos de «tennis» e constante o movimento nas patinagens.

«Water-polo» no Club Naval de Lisboa

Realisam-se ámanhã, pelas 13 horas, em frente ao caes da Viscondessa (a Santos), os penultimos desafios do campeonato de water-polo organisado pelo Club Naval a quem se deve o grande desenvolvimento que a natação tem tomado nos ultimos tempos.

O publico acorre sempre em grande massa a assistir a estes espectaculos porque o water-polo, ou seja, o foot-ball na agua, como vulgarmente é conhecido, e que tem creado inumeros adeptos, é um dos jogos mais interessantes a que é dado assistir-se.

O jogo é entre o *Sport Algés e Dafundo*, que apesar de muito novo tem dado serios cuidados aos «teams» mais reputados, e o Club Internacional de Foot-ball, um dos que tem muitas probabilidades da victoria final.

Arbitra este desafio o sr. João Formosinho, do Gymnasio Club, de cujos conhecimentos e imparcialidade ninguem póde duvidar.

O segundo desafio é entre o Club Naval e o Gymnasio Club Portuguez, o primeiro um dos que muitos apontam como vencedor do torneio e que até agora não conta derrota alguma, e outro um grupo que não se importando perder vae para a lucta leal, trabalhando por resistir o mais possivel.

Arbitra este desafio Carlos Sá Pereira, da Associação Naval, «sportman» distincto e um dos nossos melhores timoneiros com especial sympathia pela natação.

Mais uma vez teremos occasião de presencear o caes da Viscondessa pejado de espectadores, o que bastas vezes tem succedido este anno, devido aos esforços de meia-duzia de «carólas» do Club Naval e que tudo fazem.

Grupo Victoria Sport

Realisa-se ámanhã uma corrida intitulada «Grande prova pedestre de 1915» com medalhas de ouro, prata e cobre. A partida é do chafariz do Campo Grande, ás 15 horas.

Livre Pensamento

Excursão a Torres Vedras

Um grupo de socios da Associação do Registo Civil *realisa uma excursão* a Torres Vedras no dia 12 de setembro, commemorando os anniversarios da expulsão dos jesuitas de Portugal e da extincção do poder temporal do Papa. Acompanham a excursão uma banda de musica e alguns oradores anti-clericaes que realisarão n'aquella villa uma sessão de propaganda.

Os pedidos de bilhetes, ao preço de, em 2.ª classe, 1$20, e em 3.ª, $80, podem, desde já, ser dirigidos ao secretario da commissão organisadora da excursão, rua João do Outeiro, 38, (á Mouraria).

Touradas

Campo Pequeno.—Chegou hoje a Lisboa o espada «Alc», que vem tomar parte na corrida d'ámanhã, com a qual realisam a sua primeira festa os estimados bandarilheiros Daniel do Nascimento e Custodio Domingos. Lidam-se touros de Emilio Infante e o programma é o seguinte:

1.º touro para Morgado de Covas; 2.º, Carlos Mascarenhas e A. Mascarenhas; 3.º, espada «Alc»; 4.º, Manuel Peres; 5.º, Daniel do Nascimento e C. Domingos; 6.º, Morgado de Covas; 7.º, Daniel do Nascimento (a sós); 8.º, Custodio Domingos (a sós); 9.º, Manuel Peres; 10.º, Thomaz da Rocha e Ribeiro Thomé.

A corrida principia ás 16 e trez quartos, estando a direcção a cargo do popular actor Estevão Amarante.

JANTARES CONCERTOS

Está demonstrado que o povo de Lisboa escolheu para *rendez-vous* habitual o luxuoso Casino de S. José do Ribamar, em Algés, attentas as suas maravilhosas e confortaveis condições como se acha montado, e a excelencia da confecção dos *menus* dos seus jantares-concertos.

O *menu* de amanhã consta do seguinte:

Potage
Saint German
Poisson
Filets de soles Colbert
Entrée
Salmis de Caneton à la Cussy
Legumes
Haricots verts a l'Anglaise
Roti
Filets de Boeuf Cresson
Salade de saison
Entremets
Glace a l'Ananás
Patisserie variée

PROGRAMMA DO CONCERTO

I PARTE

I—*La Forza del Destino*, ouv.	Verdi
II—*Serenade Mauresque*...	Roeckol
III—*Fados*...............	Mornes
IV—*Fausto*, selection......	Gounod

II PARTE

I—*La majorca Roja*, sel.	Serrano
II—*Serenata, Scherzo*......	A. Eduardo
III—*A Waltz Dream*, selection	Strauss
IV—*5.ª Polonaise*.........	Chopin

No espectaculo da noite tomam parte as encantadoras dançarinas-coupletistas Las Izabelinas e os celebres duetistas Villasiul.

Juntas de parochia

De Belem

Esta junta recebeu a quantia de trinta e oito escudos e vinte centavos e meio da commissão liquidataria do extincto Club Recreativo de Belem para ser distribuida pela pobreza da parochia.

Lembra aos parochianos para entregarem os requirimentos para o bodo do dia 5 de outubro proximo futuro.

Festas escolares

No Asilo Maria Pia

E' ámanhã que se realisa n'este instituto, começando ás 15 horas precisas, a festa promovida pelos alumnos, a fim de reunirem as familias e d'ellas se despedirem antes da sua partida para Peniche, onde vão passar a epocha balnear.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 — As pilulas de Herculos.

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45—De capote e lenço.—A's 22,45 — Rosa Tirana

COLISEU DOS RECREIOS— A's 21 — Os milhões de miss Mabel.

Agenda da semana

HOJE — **Coliseu dos Recreios**—*Os milhões de miss Mabel.*

Primeiras representações

AVENIDA— **As pilulas de Hercules**, comedia musicada, em 3 actos, arranjo hespanhol, trad. por João Soller.

Uma companhia hespanhola levou não ha muito, cremos que no Politeama, a engraçada comedia de Hennequin e Billaud que Ricardo Blasco adaptou, mettendo-lhe coplas para as quaes Valverde e outro maestro compuzeram deliciosa musica. Foi um exito de gargalhada que hontem vimos renovado no Avenida com a traducção, muito habilmente feita, de João Soller, e a excellente interpretação que lhe deram os artistas que actualmente exploram aquelle theatro.

As pilulas do Horcules *pertencem ao numero dos maravilhosos inventos que os jornaes annunciam todos os dias como realisando o milagre da resurreição das energias esgotadas com o abuso dos prazeres e os seus effeitos são fulminantes: quem as engole—e uma pilula é sufficiente—não resiste mais ás exigencias d'um temperamento que, de subito, se tornou cálido, impetuoso e insaciavel como nenhum outro...*

Em torno da droga, que Jorge Grave, o inventor, traz na algibeira e ministra occultamente aos amigos, desenrolam-se as costumadas peripecias, que teem por fim fazer rir os espectadores sem esforço e sem interrupção, qual d'ellas a mais picaresca e a mais picante...

Se a comedia não fosse já de si engraçada, bastaria a reapparição de Angela Pinto e o seu optimo trabalho para que déssemos por bem empregada a noite de hontem. A illustre actriz, que na operetta foi uma estrella de primeira grandeza e que no theatro de declamação alcançou verdadeiros e inesqueciveis triumphos, tem nas Pilulas do Horcules *o principal papel feminino. Dizer que Angela Pinto representou e cantou com a vivacidade, a graça e a malicia de que ella tem o segredo não é exaggero. As ovações que lhe dispensaram desde que appareceu em scena foram absolutamente justas. Luz Velloso e Judith Rodrigues ambas muito bem, Pilar Monteiro galantissima como mulher e de uma grande correcção como artista...*

Quanto aos interpretes masculinos, coube o primeiro logar a Raphael Marques, cujo trabalho, sempre tão consciencioso, satisfaz os mais exigentes. Não nos cançaremos de dizer que é um bello actor com um largo e radioso futuro. Henrique d'Albuquerque encarregou-se d'um major velho gaiteiro, que fez com a sua costumada sobriedade. Francisco Judicibus, n'um difficil papel de millionario americano a quem a mulher engana e que procura vingar-se enganando os outros, continuou revellando qualidades apreciaveis que de dia para dia mais claramente se accentuam. Jorge Grave estuda egualmente com afinco e não caiu nos exageros que outro menos correcto commetteria, tanto a personagem se presta a elles.

As pilulas do Herculos, *que sobre as outras comedias do genero libertino offerecem a novidade de alegres numeros de musica e bailados, hão de, por certo, attrahir ao Avenida o publico que gosta de semelhantes farças apimentadas, sobretudo quando ellas encontram um desempenho tão harmonico e gracioso.*

A. de A.

Noticias

ENTRE NÓS

Hontem em recita de accionistas cantou-se no Coliseu a linda partitura de Eysler o *Amor de Principe*, obtendo um exito completo. Hoje canta-se pela primeira vez em Portugal a celebre operetta, do grande espectaculo e luxuosamente posta em scena, *Os milhões de Miss Mabel*, cuja distribuição é a seguinte:

«Miss Mabel Harmstrong», sr.ª Anita Pratrizi; «Lolete», Cina de Valdis; «Mary», Elisa Patrizi; «Brigida», Concetta Villani; «Mauricio di Kersinford» sr. Amadoo Granieri; «Barone Doro di Kersinford», Adriano Marcheti; «Alberto di Fontonebroi»; Fernanda Razzoli; «Mark Harmstrong», Manlio Sorvini; «Cursio», Gaspare Favi.

Circos & Music-halls

Realisa-se ámanhã no salão do Eden de Santo Amaro uma interessante festa, havendo de tarde a ultima prova de esgrima e á noite espectaculo, no qual tomam parte a cantora *Duqueza X...?* e o apreciado *Vedorelli*. Findo o espectaculo, haverá baile abrilhantado pelo sextetto do casino.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil — Sonho guerreiro —Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

HORARIO DE TRABALHO

A regulamentação do das pharmacias de Coimbra

COIMBRA, 20.—Os proprietarios e gerentes das pharmacias d'esta cidade deliberaram estabelecer nas suas casas o seguinte horario do trabalho: abertura ás 8 horas e encerramento ás 21, havendo o tempo de tolerancia sufficiente para terminar o serviço do expediente em via de conclusão.

O pessoal terá 2 horas para as refeições.

O serviço nocturno, depois da hora fixada para o encerramento e até á hora da abertura, é desempenhado em cada semana pelo turno que entrar de serviço no domingo que lhe compete, não tendo, por isso, estes turnos hora fixa para abrir ou fechar.

As pharmacias que não estão de serviço indicarão ao publico, em «placards» affixados nas suas portas, qual o turno que está de serviço e onde o publico poderá recorrer desde as 9 horas da noite até ás 8 horas da manhã.

As esquadras de policia, os guardas civicos, os guardas nocturnos e os jornaes locaes estão habilitados a fornecer ao publico quaesquer indicações sobre o assumpto.

Foi tambem deliberado que os dias de Natal, Anno Bom e terça-feira de Carnaval sejam considerados domingos para o effeito do descanço semanal.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4220	20:000$
3410	2:000$

2281	600$	1720	100$
725	200$	2146	100$
2078	200$	2132	100$
5222	200$	4232	100$
342	100$	4664	100$
1091	100$	5730	100$

Festas associativas

Na Tuna Commercial de Lisboa ha ámanhã uma festa que promette revestir grande luzimento, sendo o programa o seguinte: ás 14 horas, entrega da bandeira pela commissão de senhoras á commissão administrativa, e concerto pela tuna; ás 15, apresentação do orpheon do Albergue das Creanças Abandonadas, que executará varios numeros, e ás 21 baile dedicado pela commissão administrativa á commissão de senhoras.

—No Pedrouços Club, Villa Garcia, ha ámanhã sarau abrilhantado pelo sextetto do Club, seguido de baile.

Excursão a Santarem

de homenagem aos seus habitantes

Promovida por um grupo de republicanos de Lisboa, realisa-se, como já noticiámos, no dia 5 de setembro, uma excursão de homenagem aos habitantes de Santarem, que no dia 14 de maio se bateram pela Constituição, e ao sr. tenente coronel Antonio Maria Baptista, que n'esse dia assumiu o commando das forças fieis.

A partida é da estação do Rocio ás 8 horas, formando-se á chegada a Santarem, ás 10 horas e meia, um cortejo que se dirigirá ao Centro Democratico, onde ha sessão solemne e será entregue uma mensagem ao tenente coronel Baptista. Usarão da palavra os srs. capitão de fragata Leotte do Rego, dr. Felix Horta e Eugenio Vieira e os deputados e senadores por Santarem srs. Francisco José Pereira, Tavares Ferreira, Lima Bastos e João Maria da Costa.

Além de varias collectividades que deram a sua adhesão, incorporam-se deputações de sargentos dos varios regimentos da capital.

Os bilhetes, cujo preço é de 1$00 em 3.ª e 1$40 em 2.ª, encontram-se á venda nos seguintes locaes: Café da Brazileira, Rocio; Antonio Matheus Pereira Junior, rua da Atafona (ao Caldas), 22; Tabacaria Eduardo Santos, rua do Mundo, 15; Mercearia Correia, rua da Alegria, 27; Mercearia E. Teixeira, praça das Flores, 37; Drogaria Henriques e Ribeiro, rua da Escola Polytechnica, 109; Perola Campo de Ourique, rua do Campo de Ourique, 107; Paris em Alcantara, rua do Livramento, 44; Tabacaria Nogueira, rua do Livramento, 1; Mercearia José Augusto d'Aguiar, rua Direita de Marvilla.

tente de arabe em Oxford e que era um altivo tunisiano.

O assassinio de Butros Pachá Gali, a que anteriormente nos referimos, por um estudante de nome Wardani, foi attribuido pelo povo aos manejos de Shawish e dos seus amigos, mas não houve prova alguma e o crime póde ter sido egualmente inspirado pelos amigos de Wardani entre os revolucionarios de Constantinopla, que haviam mandado emissarios para o Egypto em 1909.

Depois da chegada de lord Kitchener ao Egypto as relações entre os radicaes e o khediva, que tinha o terror do assassinio, foram completamente restabelcidas; mas não se davam bem e quando Shawish e Farid fugiram para a Turquia o khediva sentiu-se alliviado. Com os seus menos perigosos successores estava elle em melhores termos, pois a fuga de Shawish cortou as azas, se assim nos podemos expressar, ao grupo radical, que nunca fôra realmente perigoso, excepto como arma nas mãos do khediva e dos pescadores turcos de aguas turvas.

Shawish tornou-se um dos dirigentes do «comité» União e Progresso e conselheiro de Talaat e de Enver. Um outro nacionalista egypcio, o dr. Ahmed Fuad, foi nomeado chefe de uma das repartições do ministerio dos estrangeiros da Turquia. Os dirigentes que haviam ficado no Egypto falavam em prol dos allemães e dos turcos nos cafés e nas cervejarias, mas nenhum egypcio estava resolvido a arriscar a pelle fazendo descarrilar um comboio ou saltar uma ponte. A censura impedia-lhes as manifestações jornalisticas e quando rebentou a guerra com a Turquia, alguns d'elles, que haviam sido prohibidos de continuar a publicar os seus jornaes, pediram para lhes ser concedida licença para irem para a Italia, pedido que foi attendido.

Um grupo muito mais perigoso, os «Servos da Kaaba» (a Pedra Santa de Mecca), poucos representantes tinha no Egypto antes da guerra. Sheikh Shawish era um dos seus principaes dirigentes, mas os chefes eram habitualmente indios, afghans e turcos musulmanos. Alguns dos seus emissarios, que foram mandados ao Egypto a fim de incitarem as tropas indias musulmanas contra os seus officiaes, foram presos e expulsos do paiz. Eram afghans ou indios.

Muitos annos antes de ser declarada a Grande Guerra, os diplomatas allemães, como o «Livro Amarello» francez relata, haviam pensado em fazer do Egypto, como centro intellectual do mundo arabe, uma base para a sua propaganda, que era dirigida contra a Inglaterra, a França e até certo ponto a Italia. Apresentando-se como amigos da Turquia conseguiram pôr do seu lado os elementos pro-turcos entre os arabes. Lisonjeando os nacionalistas radicaes egypcios mantiveram relações amigaveis com o Hisb el Watani e as suas relações com o alto commissariado ottomano e com o khediva eram tambem amigaveis.

O barão Max von Oppenheim, conselheiro diplomatico da agencia allemã no Cairo desde 1904 a 1909, um energico mas um tanto ou quanto theatral intriguista, mostrou muita actividade em favor da Turquia em 1906, o anno do incidente de Akaba e da conferencia de Algeciras. No mesmo anno, uma succursal do Banco Allemão-Oriental, a guarda avançada da politica allemã e da penetração financeira no Oriente, foi fundada no Cairo.

Os processos d'esse banco eram eguaes aos de todos os seus congeneres allemães: guerra declarada aos outros bancos, offerecendo dinheiro sobre garantias insufficientes e attrahindo depositantes pelo engodo d'um juro elevado, que chegava a 4 por cento. Quando rebentou a guerra, suspendeu pagamentos, levantando tal facto a maior indignação entre a sua clientela egypcia.

Mais importantes do que essas intrigas politico-financeiras eram as feitas pelos directores da agencia allemão. O barão von Oppenheim

e a Gran-Bretanha e os seus alliados.

O Egypto, estando occupado por forças britannicas, achava-se exposto ao ataque dos inimigos d'essas forças, e, por isso, tomaram-se as medidas necessarias contra tal ataque. Quanto ao argumento de que o Egypto era um Estado vassallo da Turquia não havia direito de exigir do governo egypcio que désse qualquer passo em favor d'aquella nação, principalmente desde que não quebrasse a neutralidade.

Mercê do dominio do Mediterraneo pelos alliados, o Egypto nada tinha a receiar de «raids» navaes logo que o «Goeben» e o «Breslau» desappareceram nos Dardanellos. Mas a attitude da Turquia tornou-se provocadora, ao passo que o residente allemão no paiz, os que apoiavam o khediva e os partidarios turcos exigiam auxilio.

Se a guerra não tivesse causado mal algum ao Egypto, os seus esforços para excitarem os sentimentos populares contra a occupação não haveriam sido coroados de exito. Infelizmente, o Egypto soffria muitissimo com a guerra. Esse paiz vive principalmente do commercio d'algodão. A crise de 1907 fazia-se ainda sentir e os plantadores d'algodão viviam largamente do credito sobre as futuras colheitas.

Ora a guerra para esses plantadores era um rude golpe, pois os privava de todos os meios de cultivarem e concluirem as colheitas, por não poderem os bancos fazer-lhes adeantamentos, vindo tal facto augmentar a miseria da população.

A accrescentar a isso veiu a estagnação dos negocios durante algum tempo. O ministerio do fomento fôra tambem, por motivos de economia, forçado a suspender todas as obras, excepto as absolutamente necessarias e a conservação das que estavam feitas.

A sahida do Egypto de grande numero de europeus que ali residiam— francezes, allemães e austro-hungaros chamados ao serviço militar, causou tambem grandes transtornos e fez com que secasse uma fonte de receita importante. O total das importações e exportações até 14 de dezembro mostra eloquentemente as perdas soffridas até essa data.

Valor das importações no Egypto desde 1/8/913 até 31/10/913, libras 7.338.000.

De 1/8/914 até 31/10/914, 3.357.000 libras.

Valor das exportações desde 1/8/913 até 31/10/913, 7.106,000 libras.

Desde 1/8/914 até 31/10/914, libras 1.583.000.

A crise anterior tinha affectado parte da população — agentes de cambio, especuladores e proprietarios de certas propriedades urbanas ou suburbanas na maior parte. A actual affectava todas as classes e causava um verdadeiro mal estar, muito especialmente entre os verdadeiramente pobres. As intrigas feitas por quatro lados differentes— o khediva e os que o apoiavam, os nacionalistas radicaes, os agentes allemães e os agitadores turcos—nunca haviam cessado por completo e eram mais para receiar, agora que as condições economicas eram pouco satisfatorias.

O khediva era impopular, mas um dirigente oriental póde geralmente confiar n'alguns elementos emquanto estiver no throno, e Abbas Hilmi, como soberano legal do Egypto, tinha os seus seguidores e até os seus admiradores.

No livro de lord Cromer intitulado «Abbas II», conta esse diplomata uma interessante série das suas primeiras luctas com o joven dirigente do Egypto, que, vindo cheio das recordações do que aprendera no Teresianum de Vienna, ignorando as condições dos egypcios e sendo um impulsivo, atacou por vezes, de frente, a occupação britannica, ficando sempre mal, com grande damno para o seu prestigio. Depois d'isso, o khediva urdiu uma guerra de intriga contra a Gran-Bretanha no Egypto.

Concorreu muito para que se organisasse o partido radical nacionalista e os que o rodeavam eram

Marianna Miquelina de Carvalho Gameiro Cardoso

¡FALLECEU

Jesuina Adelaide Carvalho Cardoso Gameiro, Carolina Gameiro de Sousa e seu marido, Francisco Xavier Gameiro Cardoso, sua mulher e filhos (ausentes), Maria Elisa Carvalho Gameiro Cardoso, Maria Luiza Gameiro Cardoso, Ermelinda Gameiro Cardoso Franco e sua filha (ausentes), Joaquim Coelho da Silva Gameiro Junior e sua mulher cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações o fallecimento de sua muito extremosa irmã, cunhada e tia Marianna Miquelina de Carvalho Gameiro Cardoso, devendo o seu funeral realisar-se ámanhã, domingo, pelas duas horas da tarde, da estação do Rocio para o cemiterio Occidental.

Agradecem a todas as pessoas que se dignarem honrar este acto com a sua presença.

Congresso da Republica

CONCURSO

PERANTE a Commissão Administrativa do Congresso da Republica está aberto concurso, entre estatuarios portuguezes, para a elaboração do modelo da estatua da Republica Portugueza, para ser collocada na arcada central da parede do lado da Presidencia da Sala das Sessões da Camara dos Deputados nas seguintes

Condições

1.ª—A estatua terá 2m,70 de alto. Assentará sobre uma base de 0m,35 de alto, 1m,05 de fundo maximo e de largura arbitraria. A altura total do modelo será, portanto, de 3m,05. A sua fórma geral harmonisar-se-ha o mais possivel com o recinto a que se destina e do qual fica fazendo parte integrante.

2.ª—Os modelos apresentados no concurso serão em gesso; representarão ao quarto das dimensões fixadas na condição 1.ª, e o mais detalhadamente possivel aquella estatua. Poderão ser acompanhados de memorias descriptivas e justificativas.

3.ª—O jury de classificação d'este concurso será composto do Presidente da Camara dos Deputados, presidente; de dois deputados eleitos pela Camara; de um artista indicado pelo Conselho Superior de Bellas Artes; de um artista eleito em assembleia geral pela Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisboa; de um artista eleito em assembleia geral pela Sociedade de Bellas Artes do Porto; de um representante da Sociedade dos Architectos Portuguezes e do architecto auctor do projecto do Palacio do Parlamento.

Apresentará a sua classificação no praso maximo de um mez, a contar da data da entrega dos modelos.

4.ª—O jury poderá conferir um premio de quinhentos escudos ao auctor do melhor modelo apresentado, pago no acto da assignatura do contracto, pelo qual o esculptor, auctor d'esse modelo, se obriga a executar a estatua com as dimensões fixadas na condição primeira, e em gesso. Esta estatua será paga pelo preço de 1.500$00 e em duas prestações eguaes, sendo a primeira paga quando estiver executada em barro e approvada pelo jury, e a segunda quando estiver concluida em gesso, collocada pelo auctor no logar que lhe compete e approvada definitivamente pelo mesmo jury.

O jury poderá distribuir ainda premios a auctores de outros modelos, até á quantia de 400$00 e attribuir menções honrosas.

5.ª—Para a execução da estatua em marmore será opportunamente feito contracto especial com o auctor do modelo, para esse effeito premiado, ficando desde já estabelecido que esse trabalho não importará quantia superior a dois mil escudos, não incluindo o custo do bloco de marmore, posto n'uma officina em Lisboa.

6.ª—Os modelos, assignados pelos respectivos auctores, serão apresentados no edificio do Parlamento, até ás 16 horas do dia 3 de janeiro de 1916. Aos apresentantes será passado recibo, que servirá para poderem ser retirados os modelos que não obtiverem a primeira classificação.

7.ª—Depois de haverem terminado as operações do jury, serão expostos ao publico, pelo espaço de oito dias, os modelos que tenham obtido premios pecuniarios.

Serão tambem expostos os restantes modelos, se a isso não se oppuzerem os respectivos auctores.

Sala das sessões da Commissão Administrativa do Congresso da Republica, em 19 de agosto de 1915.—O deputado secretario, (a) Balthazar de Almeida Teixeira.

dos animados de sentimentos anti-britannicos. Officiaes e funccionarios publicos que se haviam comportado mal e haviam sido demittidos pelo governo dos seus cargos encontravam muitas vezes um asylo no seu serviço. Ex-funccionarios corruptos do ministerio das finanças eram em especial os preferidos. Por muito tempo geriu a administração dos Wakfs (instituições piedosas), de que se serviu para augmentar a sua fortuna pessoal.

A sua principal ambição era, como lord Cromer escreveu, «enriquecer por todos os meios possiveis ao seu alcance». Para com aquelles dos seus ministros que lhe desagradavam ou agradavam aos inglezes, quando podia ou se proporcionava occasião, mostrava-se extremamente descortez.

Apoz a retirada de lord Cromer, houve um breve periodo de reconciliação entre a occupação, na pessoa de sir Eldon Gorst, e Abbas Hilmi. O khediva não abandonou por completo os seus habitos, mas as suas intrigas contra a occupação tornaram-se temporariamente menos energicas. A sua amizade pelo novo agente britannico era indubitavelmente sincera e a sua visita a sir Eldon Gorst no seu leito de morte póde ser recordada pelos inglezes em seu favor. Deve tambem dizer-se que, violento como era o seu odio pela Inglaterra, era sempre cortez para com os seus representantes no Egypto.

Sir Eldon Gorst quebrára a alliança entre o khediva e os nacionalistas do partido radical. Essa alliança não foi renovada até 1913, anno em que Abbas Hilmi, que tinha extensos dominios na Turquia e visitava regularmente Constantinopla, receiando pelos seus interesses, fez a paz com alguns dos radicaes. Outros continuaram hostis e o governo, com quem elle estava frequentemente em más relações e contra o qual intrigava, apoiava-os.

A 24 de julho de 1914, um estudante egypcio meio doido disparou sobre o khediva e feriu-o, quando elle estava de visita em Constantinopla. Os ferimentos não foram graves e o auctor do attentado foi morto á sabrada pela escolta ottomana que, no seu zelo demasiado, feriu muitos transeuntes e pela morte do culpado tornou infructiferas quaesquer investigações ulteriores da policia. O governo turco foi prodigo de attenções para o anteriormente detestado «Vali do Egypto».

Antes de Abbas Hilmi estar restabelecido, a Grande Guerra rebentou. Pediu ao governo britannico que o auxiliasse a voltar para o Egypto.

O pedido era deveras embaraçoso. O exercito de occupação não havia sido reforçado, a população estava já agitada pela crise economica e o regresso d'um dirigente que havia mostrado tanta capacidade para a intriga e tanta dextreza em tornar a posição dos seus ministros impossivel, viria augmentar as difficuldades.

Recommendou-se-lhe que continuasse em Constantinopla. Os embaixadores austro-hungaro e allemão rapidamente aproveitaram a opportunidade e, graças aos seus esforços, os sentimentos austrophilos ou anglophobos de Abbas e a recente amizade do governo turco conseguiram promptamente reconcilial-o com o poderoso «comité» União e Progresso.

Ainda um mez não era passado apoz o rompimento da guerra e já elle discutia a invasão do Egypto pelos turcos com ministros e generaes, emquanto os seus agentes no Cairo e em Alexandria espalhavam boatos alarmantes com respeito ás suas intenções. O embaixador inglez suggeriu-lhe a idéa de se retirar por algum tempo para a Italia. Era a ultima taboa de salvação para Abbas Hilmi.

Recusou-se a dar ouvidos a tal proposta, assignando a sua sentença de morte politica. A sua alliança com o governo turco tornou-se mais intima. A policia egypcia seguia constantemente as pégadas dos seus agentes. Poucas semanas depois da declaração de guerra com a Tur-

quia aquelles que conheciam a sua historia e a das suas relações com o «comité» ficaram muito admirados ao saber que Talaat e Envers, depois de terem lisongeado a sua vaidade e informado o mundo musulmano de que elle guiaria os «Guerreiros santos» ao Cairo, se voltaram de subito contra elle, o accusaram de ter feito jogo duplo e lhe intimaram ordem de sahir da Turquia.

Fôra deixada ao governo egypcio, em attenção a um pedido de sir John Maxwell, a faculdade de fazer um sequestro ás suas propriedades particulares «no interesse tanto de sua alteza como no dos seus credores».

O grupo radical nacionalista, conhecido pelo nome de «Hisb el Watani» «(Partido patriotico)» estava em má situação quando rebentou a Grande Guerra. Esse partido nas tendencias assemelhava-se um tanto ou quanto á ala extrema do «comité» União e Progresso com os seus brilhantes ornamentos eventualmente reunidos. Tinha havido «nacionalistas» no Egypto antes d'elle, devido em grande parte á incerteza que havia quanto ás intenções dos inglezes, mas muitos d'esses chamados «nacionalistas» eram simplesmente especuladores que, ao verem o khediva e certos magnates hostis aos inglezes—que um dia podiam deixar o paiz—pensavam ser conveniente seguir essa politica.

Depois do incidente de Fashoda e ainda mais depois do accordo anglo-francez de 1904, muitos d'esse hesitantes voltaram-se para a occupação britannica. O partido radical deveu a sua existencia a Abbas II, que auxiliou o seu dirigente, Mustafa Kamil Pachá, e o seu grupo com subvenções que os habilitaram a fundar um violento, mas bem redigido jornal, chamado «Al Lewa» (A bandeira). Mustafa era um demagogo turco-egypcio, cujos modos agradaveis e sympathia pelos francezes lhe conquistaram alguns amigos influentes em Paris, emquanto a sua eloquencia exaltava o enthusiasmo das classes das escolas.

Apoz algum tempo mostrou tendencias de independencia, o que desagradou ao khediva, o qual cortou as subvenções, e, depois de se ter servido d'elle contra lord Cromer, votou-o a um absoluto desprezo quando sir Eldon Gorst foi agente britannico. Onde Mustafa ia buscar os recursos para se manter depois do khediva o ter abandonado não se sabe ao certo. Morreu repentinamente no inverno de 1907-1908 e o exame dos seus negocios revelou

O conde Mensdorff, embaixador da Austria-Hungria em Londres em 1914

uma deploravel confusão, de que o seu jornal e os que o apoiavam nunca puderam illibar-se.

Depois da sua morte, a sympathia pelos francezes que o seu partido tinha desappareceu por completo, tornando-se esse partido francamente reaccionario, turcophilo e anti-europeu, com excepção do que dizia respeito á Allemanha. Os seus dirigentes eram Mohamed Bey Farid, um agitador importante, e Sheikh Abdul Aziz Shawish que tinha aprendido o inglez admiravelmente quando professor assis-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1813 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 22 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298 —Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 1 centavo

Pela intervenção estrangeira

A Nação, orgão monarchico, publica hoje um artigo que espalha uma luz singular sobre os sentimentos dos adeptos da monarchia em relação á independencia da patria.

Motivou esse artigo a polemica travada entre dois vultos de destaque da phalange realista que discordam na questão de se saber se será possivel restaurar a ordem e a disciplina social que esses dois vultos entendem terem-se subvertido sob a Republica.

Não o julga possivel o primeiro dos articulistas monarchicos, que dá um doce a quem lhe responder e dois a quem lhe respodder com acerto. E n'esta ordem de ideias chega á conclusão de que contra o mal que o affige «só ha na Historia um remedio que o patriotismo manda calar». O outro, por sua vez, reconhece a possibilidade d'esse remedio apparecer um dia «interno ou de origem alheia».

E' n'esta altura que surge hoje o artigo da *Nação* a que começámos por nos referir. E n'esse artigo, com evidente censura dos correligionarios que não ousaram empregar a phrase brutal, embora apontassem a imminencia do facto monstruoso e aviltante, esse articulista brada:

«Digam, pois, claramente, para que o Paiz o entenda bem, que o remedio para tão grande mal está na intervenção estranha que o patriotismo não deve mandar calar, mas clamar bem alto!»

Para este a restauração da ordem, da disciplina social não é possivel nem com a Monarchia nem com a Republica. Não é possivel com a Republica, porque o seu criterio não admitte a Republica; não é possivel com a monarchia, porque elle propria reconhece que não pode haver monarchia sem monarchicos, e, segundo elle confessa, dos monarchicos o maior numero ou se bandeou, ou se esconde, como um rebanho de timidas gazellas.

Logo, a intervenção estrangeira. Eis a ultima e criminosa esperança dos monarchicos, portuguezes degenerados que não duvidam exprimir a acceitação do jugo imposto á patria. Não ha contra essa eventualidade horrivel nenhum protesto vigoroso e sentido. Ha o antecipado reconhecimento do uma via de facto, cuja hipothese, apenas, faz ferver o sangue nas veias dos verdadeiros patriotas.

Os recentes successos dos allemães na fronte oriental affiguram-se já a esses maus portuguezes o prenuncio da definitiva victoria germanica. A victoria germanica é a perda da Inglaterra, e a eliminação de uma poderosa garantia da independencia de Portugal. Com a independencia de Portugal subverter-se-hia a Republica, e esses renegados do sentimento patrio não pensam n'outra coisa, nada lhes é mais necessario para satisfação dos seus odios. Por isso são germanophilos, confessos ou disfarçados; para isso engeitam a causa da monarchica Inglaterra, da monarchica Belgica, da monarchica Italia, da monarchica Russia. Basta-lhes a esperança de que a derrota dos alliados entregue Portugal á cubiça de um dominador estrangeiro para fazerem votos pelo triumpho da Allemanha.

E' certo que o artigo a que nos referimos é assignado por um pseudonimo, e tem o aspecto de ser alheio á redacção da folha monarchica em que sahiu publicado. Mas não é menos certo que a redacção d'essa folha o publica sem nenhuma especie de restricção, nem o mais ligeiro commentario, sem uma phrase, uma virgula, uma reticencia que signifique o mais leve repudio á monstruosa affirmação.

Pede-se aos marechaes monarchicos que falem claro, e já se lhes impõe a attitude a tomar. Pois falem claro! E' melhor assim. O povo portuguez fica sabendo que os monarchicos portuguezes acceitam, sem protesto, a intervenção estrangeira, como o unico remedio para o mal que elles querem fazer cessar,—o que é a continuação da independencia da patria sob a égide da Republica.

Poeira da Arcada

Em Visella vendem-se, ás claras, medalhas com o simbolo da realeza e bandeiras azues e brancas com a antiga corôa real. E' esta uma maneira timida de alimentar nos crentes uma fé quasi extincta. As incursões, conspirações e propagandas não deram resultados felizes. Os audazes esfriaram, os hesitantes inclinaram-se para a paz do lar ou para certos arranjos compativeis com as graças do regime. Monarchicos de rija tempera, poucos, muito poucos. Não nos admira, pois, que, para alimentar uma falsa apparencia, se vendam medalhas e bandeiras dimnasticas. Alimenta-se assim um pallido phantasma e garante-se um somno tranquillo.

* *

Ninguem mais difficil de reduzir á severa disciplina do dever que os famintos. A fome nega todas as leis, porque estas são feitas para reger povos com a digestão assegurada. Quando ella se torna ameaçadora, rugidora e indomavel, em poucos minutos, vão a terra os codigos, os rituaes e os compendios de moral. O homem, liberto de peias, adquire immediatamente o direito a ser fera. E assim desmascarado, elle sente-se tão proximo da natureza, como se regressasse ao seu covil, apoz uma longa aventura nas miragens do emaciado idealismo. Não se sente irmão de ninguem e dentro de si só sente estimulos para chacinar.

* *

Rompeu a guerra entre a Italia e a Turquia. Isso quer dizer que o grande conflicto europeu augmenta os seus horrores. O absolutismo provoca guerras umas atraz das outras. Os regimens liberaes ou democraticos fazem o mesmo. Os pacifistas clamam que tempos hão de vir em que a paz será inquebrantavel na terra. Entretanto, irá morrendo tudo o que a piedade, o amor e o sentimento lançaram aos corações para os amansar.

No peito dos homens até as virtudes christãs afiam espadas.

A CARESTIA DA VIDA

O assalto ao armazem Levy & C.ª

Em Almada e Cacilhas tudo voltou á normalidade. As ruas foram a noite passada patrulhadas e os armazens da muralha do Ginjal guardados, tendo-se conservado no edificio da administração, até bastante tarde, o sr. Antonio Bernardo, administrador do concelho.

Como a affluencia á Outra Banda hoje fosse grande, foi enorme, por vezes, a multidão que se juntou em frente do armazem assaltado, pertencente, como dissémos, á firma Levy & C.ª

As auctoridades locaes proseguem nas diligencias a fim de averiguar quem foram os auctores do assalto.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

TERRAS MYSTERIOSAS

O povo desconhecido de Barroso

Uma interessantissima região portugueza que se recommenda aos turistas, aos pintores e aos homens publicos

Quem passar alguns dias nas Pedras Salgadas ou Vidago ouvirá falar d'uma região misteriosa, o Barroso, em que um povo desconhecido, de costumes primitivos e bizarros, vegeta n'um planalto cerrado sem vias de communicação nem linhas de agua, seis mezes enterrado na neve, arrancando das lombadas dos montados e das estreitas tiras das varzeas um sustento parco e mediocre. E' a terra em que se caça o javali, a corsa, e onde o regedor convoca a cada passo os caçadores para uma batida aos lobos.

Se esse aquista despreoccupado fôr a Chaves, poderá comprar alguns postaes illustrados com motivos barrozões, ou uma barrozã sorrindo ingenuamente sob a sua capucha, ou um carvoeiro levando pela arreata o burro com os saccos de carvão e o lenço de Alcobaça atado em forma de turbante em volta da cabeça lanuda. Se esses tipos o intrigarem e lhe despertarem o desejo de lançar o auto por essas terras ignotas até Montalegre, esse aquista duvidará se os seus olhos contemplam terras de Portugal ou alguma vaga scenographia alpina. As montanhas succeder-se-hão, escalvadas, sem uma mancha verde, com as arestas dentadas das penedias arreganhando-se para as nuvens; aqui ou acolá, uma fila de amieiros denunciando um fio de agua, uma touça de carvalhos occupando um pequeno valle aberto entre as encostas abruptas ou um souto de castanheiros resguardando das vistas extranhas as aldeias de tectos de colmo; ás bordas das estradas, vigiando os pequenos rebanhos, algumas raparigas de saias de tomentos puxadas á cintura e as pernas avermelhadas á mostra, olhando espantadas o monstro que passa, emquanto as ovelhas e as cabras trepam pelo cabeço. A paisagem aggressiva e nua desenrolar-se-ha até Montalegre como um quadro primitivo em que porventura os troglodytas ainda habitem as suas cavernas e ranjam, de longe os dentes aos estrangeiros que de ver em quando perturbam o silencio augusto da montanha.

O aquista despreoccupado que assim se aventurar até Montalegre, subirá ao castello e verá para o norte o Larouco, onde se criam os cabritos de cesto, o veado salta, o javali se acoita e onde a neve meio anno ostenta o seu penacho branco. Cercam-n'o as nuvens e as londas[?], e dos seus tres seios brotam o Tamega, o Cavado e o Lima. Em fronte, descortinará os Cornos da Fonte Fria, onde o Larouco e o Gerez juntam as cabeças graniticas, como dois touros de forças eguaes eternamente luctando. Para nascente, verá estenderem-se até á fronteira gallega as terras centeeiras, sobre as quaes planam o milhafre e o bufo á espreita que o coelho e a lebre deixem as suas luras e se atrevam a comiscar a magra herva rasteira que a humidade faz nascer á beira de algum corrego. Para o poente, para além do horisonte, adivinhará uma larga região onde todo um povo, disputando á descaroavel natureza o direito de viver, se terá organisado fóra das leis e das vistas do poder, com as suas instituições e os seus costumes, com os seus olhos reflectindo o azul lavado dos seus céus amenos[?] ou a negridão espessa das suas noites, os seus corações ressumando a bondade terna e fecunda das suas aguas de regadio e os seus pulsos fortes e tenazes como as torgueiras das serras.

Eis o que o aquista despreoccupado das Pedras ou do Vidago; e eis tudo quanto lá por baixo se sabe de Barroso.

Foi esta região que sugeriu ao dr. Leão Poinsard a idéa de que viera, em pleno seculo XX, *descobrir um povo*, que tantos outros descobrira quatro seculos antes.

E' uma terra por abrir aos turistas, aos pintores, aos homens publicos. Começou-se ha 60 annos uma estrada que, partindo de Braga, atravessaria de lez a lez a pitoresca região e ligaria directamente o Minho com o norte de Traz-os-Montes. E' possivel que outros 60 annos decorram antes que a estrada se complete. Emquanto o não, affigura-se-nos ser uma obra de misericordia revelar aos portuguezes este bocado de Portugal.

Antonio Granjo.

As contribuições em Thomar

Pedindo a interferencia do ministro das finanças

THOMAR, 22.—Começam amanhã novamente as citações derivadas do relaxe da contribuição municipal.

O que só tem feito é pouco digno e nunca aqui se praticou tão revoltante injustiça. Os empregados da thesouraria da fazenda não distribuiram avisos como nos annos anteriores, pelo que se agora ao relaxe para encobrir o desleixo a que votaram o serviço.

Prorogue-se o praso para pagamento da contribuição, que era o que já se devia ter feito e não se venha extorquir ao povo, que lucta com a miseria, aquillo que elle não deve pagar.

Pedimos a intervenção do sr. ministro das finanças n'este caso, que affecta cerca de 2.000 pessoas e para elle appellamos, certos de que empregará todos os esforços para harmonisar a questão, que a vaidade de uns, o interesse de outros e ainda a má vontade de terceiros não tem querido resolver.

Aviação militar

Para frequentar a escola de pilotos aviadores offerece-se o sr. Manuel Fernandes Gomes, residente na rua de S. Filippe Nery, 26, rez do chão.

A GUERRA

Estão rotas as relações italo-turcas

ROMA, 22.—O *Giornal d'Italia* diz que o embaixador da Turquia e o pessoal da embaixada receberam os seus passaportes e preparam-se para deixar Roma. Serão tambem entregues os passaportes ao representante do sultão na Lybia e ao residente do Tripoli. O embaixador de Italia na Turquia recebeu ordem de pedir immediatamente os seus passaportes; partirá por Andrinopla.—(*Havas*).

AMSTERDAM, 21.—Um despacho de Constantinopla diz que o embaixador da Italia abandonou aquella capital.—(*Havas*).

A esquadra allemã soffre perdas em Riga

PETROGRADO, 21. — Official.— No golpho de Riga continuaram os combates nos dias 18, 19 e 20 do corrente. Os inimigos perderam dois torpedeiros. Um submarino inglez torpedeou um cruzador allemão.—(*Havas*).

PETROGRADO, 22.—Noticias de fonte inteiramente digna de credito, dizem que a esquadra inimiga soffreu perdas importantissimas no golpho de Riga.—(*Havas*).

O submarino inglez atacado nas aguas dinamarquezas

O submarino E 13 tinha recebido convite para se safar das aguas dinamarquezas em 24 horas. Tentou cumprir a intimação mas debalde. A's 9 horas da manhã dois contra torpedeiros allemães approximaram-se d'elle e um lançou em vão um torpedo contra o submarino, que canhoneou simultaneamente. O submarino incendiou-se e então a tripulação abandonou-o. Os allemães fizeram fogo de peças e metralhadoras sobre os marinheiros inglezes que se achavam na agua. Foi n'essa occasião que um torpedeiro dinamasquez veiu collocar-se entre o submarino e os contra torpedeiros allemães, tendo estes que se affastar.—(*Havas*).

Os turcos incendeiam uma cidade armenia

PARIS, 22.—Segundo um telegramma de Londres para o *Matin*, o *Times* insere um despacho de Mytilene noticiando que os turcos incendiaram a cidade de Karahissar na Asia Menor no intuito de reprimir um supposto levantamento de armenios. Ha milhares de casas destruidas. O numero dos mortos é provavelmente muito elevado.—(*Havas*).

Os aviões na guerra italo-austriaca

ROMA, 21.—No Carso progredimos methodicamente. Os nossos aviões inimigos bombardiaram a cidade de Udine, ficando mortas 5 pessoas. Houve alguns estragos.—(*Havas*).

Os allemães armando-se nos Estados-Unidos

PARIS, 22.—Os jornaes publicam um telegramma de Washington dizendo que a policia descobriu um formidavel deposito de armamento para o caso de um conflicto germano americano.—(Havas).

O algodão, contrabando de guerra

PARIS, 22.—A França e a Inglaterra declararam o algodão como contrabando de guerra absoluto.—(*Havas*).

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 22.—Communicação official.

Em Artois, ao norte de Souchez, uma tentativa de ataque allemão levada a effeito por fraco effectivo foi facil e rapidamente detida. Na região do «Labirintho» ha combate continuo com bombas de grande calibre.

Na região de Roye canhoneio violento de uma e de outra parte.

Nos Vosges o inimigo atacou as nossas posições da crista de Sondernach, mas foi completamente repellido. No terreno conquistado n'esta região, no dia 18, contámos 100 cadaveres de allemães. A noite passou-se sem incidentes no resto da linha.—(*Havas*).

O sr. Venizelos chefe do novo gabinete grego

ATHENAS, 22.—O sr. Venizelos communicou ao rei que acceitava a incumbencia de formar o novo gabinete, ficando de apresentar esta tarde ao soberano a lista dos seus collaboradores. Os novos ministros prestarão juramento amanhã.—(*Havas*).

A VIDA MUNICIPAL

Como o Estado póde favorecêl-a

O que as camaras devem á Caixa Geral de Depositos e ao Credito Predial e a possibilidade de novos emprestimos

O projecto, a que já alludimos, apresentado ao parlamento com o fim de desafogar as finanças, facilitando ás camaras o contrahirem os emprestimos de que necessitam para as obras de interesse local suscita naturalmente, esta pergunta curiosa: Quanto devem as camaras municipaes só de emprestimos contrahidos com o Credito Predial e a Caixa Geral de Depositos? As dividas a esses estabelecimentos attingem cerca de 6:800 contos, sendo no primeiro, em 1 de janeiro d'este anno, 1.826.498$ e ao segundo, n'esta data, 5.053.324$. Convem notar que as camaras de Lisboa e Porto á sua parte, devem á Caixa Geral mais de 2.000 contos, a de Leiria 500, a de Reguengos 500, a de Setubal 300, a de Braga 200, a de Coimbra 250, a de Santarem 161, a de Evora 102, numeros redondos, o que dá um total superior a 4.000 contos. Os restantes 1.000 contos dividem-se por umas 40 camaras.

A respeito da divida á Caixa Geral dos Depositos, diz-nos o sr. dr. Estevam de Vasconcellos, seu zeloso director, que está sempre garantida, porque além de ser feita sobre solidas garantias, tem o Estado meio de não deixar atrazar o pagamento das prestações, por que passam pelas mãos dos seus funcionarios os tantos por cento que as camaras lançam de imposto aos contribuintes sobre o imposto do Estado. Se se atrazam, é-lhes descontado na liquidação d'essa percentagem a importancia correspondente.

Mas em regra não se atrazam. Agora apenas uma ou duas demoram o pagamento das prestações, devido a circumstancias determinadas pela guerra, e mesmo n'eses poucos mezes de atrazo teem pago os juros de mora.

E quanto ao rigor com que são feitas as transacções, tambem já d'antes existia. Ainda não estava implantado o actual regimen, quando a Camara Municipal de Lisboa viu recusar-lhe um emprestimo de 800 contos por falta de solida garantia, diz-nos o sr. dr. Estevam de Vasconcellos n'um respeitavel espirito de justiça...

Com as dividas ao Credito Predial é que o caso muda de aspecto. O relatorio da gerencia do anno findo mostra-nos que no principio d'este anno havia um atraso no pagamento das prestações das camaras que subia a 127:272$.

Se a politica não influia grande coisa para que o Credito Predial lhes abonasse dinheiro sem solidas garantias, influia no emtanto muito para que as camaras se atrazassem no pagamento das prestações. Quando esta não entrava a tempo, a Companhia reclamava, mas as camaras que se tinham visto levadas a distribuir a verba consignada á prestação, empregando-a n'outras despezas, sem negarem a divida, allegavam que os seus rendimentos eram insufficientes e por isso não pagavam. Recorria o Credito Predial para o governador civil do districto, e d'este para o ministerio do reino; era então ahi que começava a influencia politica, porque para augmentar a receita só havia o augmento de impostos.

Mas aggravar o contribuinte era crear más vontades, alienar amizades, e isto traduzia-se sempre pela perda de votos na primeira eleição a que se procedesse. E succedia então que a camara não pagava, e as coisas continuavam assim sem que o Credito Predial lobrigasse meio de vêr entrar nos cofres as prestações em atrazo.

Foi por causa d'isto que o novo director, o sr. dr. Sousa Rodrigues, logo que em agosto de 1910 tomou posse do seu cargo, pôz ponto nos contractos com as camaras municipaes. Contra algumas que não pagavam obteve sentenças nos tribunaes, mas de que serviam se ellas não tinham rendimentos, e se as camaras municipaes não podem ser penhoradas?

E assim só iam pagando as que eram honestas; essas continuam a fazel-o, umas peior outras melhor, mas emfim sempre vão pagando alguma coisa.

E o dr. Sousa Rodrigues, que tanto se tem dedicado á restauração do Credito Predial, diz-nos, a proposito do projecto de garantia do governo, a que acima nos referimos:

—Se o projecto passar, não tenho a menor duvida em novamente entrar em contractos com as camaras municipaes. Já por mais de uma vez tentei obter que á maneira do que se fez com as dividas das juntas do districto, o governo assuma a responsabilidade das dividas das camaras, talhando o Credito Predial o quinhão de fogo isto é, sujeitando-se a uma perda rasoavel para assim não perder tudo por completo. Todos tinhamos a ganhar com esta transacção: Camaras municipaes e Credito Predial, mas por emquanto nada ainda foi resolvido, e não provejo quando o será.

PELA PATRIA!

A chegada do tenente Aragão ao Funchal

Uma recepção calorosa—No palacio do governo civil os heroicos combatentes de Naulilla são effusivamente saudados—Um official do exercito profere um discurso sensacional—Palavras de Aragão sobre o tratamento que recebeu dos allemães e o nosso dever de participarmos na guerra

Funchal, 22

Foi calorosissima a recepção feita ao tenente Aragão e seus bravos companheiros de Naulila. O vapor «Africa», que os conduzia, chegou hontem ás 20 horas. Foram recebidos no caes pelo governador civil, commandante militar, todos os officiaes e praças da guarnição. Trocados os primeiros cumprimentos, no meio do maior enthusiasmo, organisou-se um cortejo que seguiu para o palacio do governo civil. Ahi, falou em primeiro logar o chefe do districto, saudando os ex-prisioneiros e as nações alliadas e fazendo votos pela liberdade da Patria e pela grandeza da Republica. Seguidamente, falaram o presidente da camara, o commandante militar, enaltecendo as virtudes guerreiras do povo portuguez, bem representadas nos heroes de Naulila, o consul da França, um representante da imprensa madeirense e o capitão Vasco Silva.

O discurso d'este official causou sensação, sendo a cada passo cortado de applausos. Começou por dizer que, em nome dos officiaes da guarnição do Funchal, lhe cumpria o grato dever de saudar o mais novo capitão do exercito, cuja promoção, traduzindo um acto de justiça praticado pelo parlamento, interpretou fielmente os sentimentos de todos os portuguezes. Affirmou que o esforço de Aragão era a prova de que Portugal não é um paiz decadente. Referiu-se ao movimento dos espadas, dizendo que, para a maioria dos officiaes que n'elle tomaram parte, foi apenas um movimento de solidariedade, não significando desaccordo dos officiaes com a participação na guerra, pois o exercito está sempre prompto a pagar a sua divida de sangue para com a Patria. Lembrou a má impressão causada nos officiaes que cumprimentaram Pimenta de Castro pelo facto d'elle não se ter referido, no discurso que então proferiu, aos prisioneiros de Naulila. Declarou que o exercito só pede o material indispensavel para defender o prestigio da Republica e fez votos por que o paiz saia da apparente indecisão que tem tido, terminando por soltar um vi-

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—22-8-915

A arte e o pensamento

Segundo li ha tempos, n'uma revista estrangeira, o kaiser declarou, interrogado sobre as suas predilecções litterarias, que um dos escriptores estrangeiros a quem votava maior admiração, era este: Victor Hugo.

Não me surprehende este apreço só pelo facto d'elle partir do imperador allemão, inimigo da patria que conta o auctor dos «Miseraveis» entre os seus mais illustres filhos. Basta-me que a obra d'esse democrata seja preferida por um rei para legitimar o assombro que essa admiração me produz.

Seria puerilmente audacioso querer synthetisar n'estas poucas palavras o caracter e o valor da obra do que foi, simultaneamente, o gigante do Romantismo e o athleta da Liberdade. Mas quem o conhece,—e dificilmente para nós não ha em Portugal individualidade consciente que desconheça o seu nome e a maior parte dos seus livros,—quem o conhece sabe bem que se ha trabalho, se ha palavra constantemente orientada na doutrina da emancipação dos povos, esse trabalho é o de Hugo, essa palavra é a sua, que rasgou novos horisontes á consciencia humana, creou apostolos, fez revoluções, e durante todo o seculo passado radiou como um pharol aos olhos attonitos da humanidade.

O mundo está cheio de republicanos, socialistas, libertarios, que na obra de Victor Hugo beberam as primeiras inspiracções de resgate. Voz serena de piedade, a sua prédica consolidou em crença inabalavel o que, sem elle, não passaria porventura de vaga aspiração generosa. Brado vehemente de justiça, o seu grito foi um toque de clarim, clamando a alvorada das almas, no horisonte purpureo das revoluções.

* *

E é este demolidor de thronos que um rei admira! Elle é, para esse rei, o escriptor que se ama,—e que é um escriptor n'estas condições senão um mestre venerado que para sempre afeiçoou aos moldes da sua doutrina a nossa consciencia anciosa de o imitar?

Sendo assim, como é que esse rei não é um adversario dos reis? Como é que ousa sustentar uma corôa na fronte, quando sabe muito bem que essa corôa, em vez de ser um symbolo de gloria, representa um ferrete de ignominia?

Comprehende-se que um homem que se arroga sobre os seus semelhantes as supremacias do acaso, desprese Hugo e com elle a vasta pleiade de philosophos, apostolos e combatentes, que esgrimem a todas as horas a espada do direito contra todas as desegualdades politicas e sociaes, que a monarchia concretisa na sua formula irritante e anachronica. Para esses Hugo é o inimigo mais temeroso, que, ou se odeia com rancor ou se insulta com sarcasmo. Napoleão III pôz-lhe a cabeça a preço —e essa acção vil é uma acção logica. Mas o amor, mas o preito, mas a admiração, tudo exprimindo sympathia pelo homem e concordancia com a doutrina, e que se fazem acompanhar do desmentido vivo a essa sympathia e a essa concordancia, eis o que, ainda mais do que surprehendente, é, de forma manifesta, um absurdo.

* *

Não me digam que a simples perfeição litteraria pode seduzir o leitor ao ponto de, renegando as suas opiniões, se apaixonar pelo estylo d'um escriptor. Se amanhã, a qualquer de nós, o artista mais brilhante d'este mundo, nos chamar, em florida linguagem, ladrões e assassinos, nenhum deixará de sentir a colera invadil-o, e jámais, em troca d'esses sangrentos ataques, votará ao homem que os formulou a sua sympathia commovida e deslumbrada. Um rei não pode admirar Victor Hugo sem que se despreze a si proprio.

Pode deduzir da imaginação o espectaculo visionado d'uma carreira gloriosa de conquistador de mundos e dominador de povos. Pode, por uma aberração propria da vaidade e do orgulho, suppôr que essa carreira sangrenta e oppressora represente para a terra natal um accrescimo de poderio e brilho que absolvam, em vista do grande resultado obtido, os meios injustos e barbaros que o permittiram alcançar. O mesmo Hugo, n'uma das suas paginas maravilhosas, desenhou em traços sublimes essa epopeia do genio alliado á força. Em meia duzia de gritos épicos, sahidos da alma enthusiasta de Marius Pontmercy, esculpida em bronze ficou para todo o sempre a gloria napoleonica. E todavia, com uma palavra apenas, o estatuario gigante desfez toda a impressão da sua lapide immortal: «Que ha de maior que isto?» exclama Marius. «Ser livre!» responde Combeferre. E na sala tumultuosa do café Musain cahe o silencio esmagador que sepulta de vez, nos abysmos da Historia, o cadaver dos regimens em que a grandeza d'um homem se sobrepõe á grandeza da Liberdade.

Não pode ser um rei o homem que elevar nas mãos trémulas de fé e enthusiasmo, como a hostia do seu culto, essa pagina inolvidavel dos «Miseraveis». Sendo-o já, teria de abdicar d'um logar illegitimo no meio das sociedades modernas para se elevar á cathegoria singela e nobre de cidadão.

Dura contingencia seria para quem abrisse a intelligencia e o sentimento ás verdades da democracia ter de ser, na viva realidade, o adversario, o obstaculo d'essas verdades, reconhecidas e amadas no fôro intimo da sua consciencia, onde rebrilhasse mde fulgurante luz. Comprehende-se assim que possa haver soberanos no mundo que, pelos seus gestos e pelos seus actos, quasi pedem desculpa de ser reis, á memoria d'esse velho e bondoso imperador do Brazil que saudava Hugo como o unico legitimo soberano, pelo genio e pela bondade, que existia á face da terra.

Isso, porém, não basta. E' forçoso para que uma individualidade mereça o nosso respeito como a de um homem, na absoluta accepção d'este nome, que ella realise a indispensavel unidade intellectual e moral. Ao pensamento deve corresponder a acção, e desde o momento em que tal não succede o homem transforma-se n'um d'aquelles seres dubios e duplices, em que existe a estofa dos criminosos.

Não ha argucias, não ha habilidades, não ha sophismas, que contra isto prevaleçam. Um rei, admirador verdadeiro de Hugo, não pode existir. Ou ha de deixar de admiral-o, ou ha de deixar de ser rei.

* *

Não se pode desassociar a expressão esthetica da ideia moral, a não ser n'uma litteratura de almanach ou varetas de leque, em que apenas se trata de pieguices madrigulescas ou de declamações balofas. Toda a arte, que é realmente arte, exprime pensamentos elevados. Concorda-se ou discorda-se d'esses pensamentos, mas não se pode abstrahir d'elles ao apreciar a belleza da forma com que são expressos.

Quando confessamos a nossa admiração sem restricções por uma obra litteraria implicitamente definimos a nossa concordancia com o seu pensamento inspirador. Não se pode admirar a «Resurreição» de Tolstoi sem almejar um mundo melhor; não se pode admirar o «Germinal» de Zola sem nos revoltarmos contra a organisação actual das sociedades; não se pode admirar os «Miseraveis» de Hugo sem sentir a paixão da liberdade. Não se pode mesmo sentir o encanto dos hymnos de amor, a tristeza dos threnos de angustia, sem que o nosso coração se integre no universal soffrimento e no sonho universal dos homens, gemendo ao contacto de todas as dôres e reavivando energias sob o influxo de todas as esperanças.

Um dia virá em que religiosamente se escute a voz dos artistas que não podem deixar de ser pensadores. A arte foi, nas indecisas auroras da Grande Revolução, o verbo predestinado que accordou os povos do seu marasmo. A Encyclopedia é obra d'um artista: Diderot. Um artista protesta em nome da Natureza contra todas as convenções sociaes: Rousseau. E é um artista, Voltaire, que conjuga a piedade e a ironia para destruir um poder abusivo e corrupto.

Eram artistas. A sua arte serviu-lhes para envolver a austera e aspera verdade nas roupagens doiradas do estylo. Envolveram-a em belleza, em harmonia, em claridade. Mas era o seu pensamento que resplandecia, e emquanto os grandes da terra só apreciavam as suas exterioridades brilhantes, uma humanidade inteira absorvia a sua revelação sublime. A inconsciencia dos priveligiados de então é a mesma inconsciencia dos reis que dizem admirar os pensadores, cuja prédica vae minando, com a acção da palavra immortal, mais poderosa do que os assaltos das vagas, os alicerces já carcomidos dos seus thronos.

MAYER GARÇÃO

A OBRA DAS ESCOLAS MOVEIS

O que são os cursos ambulantes

Uma buzina convoca os que, dispersos no campo e no monte, desejem receber a luz da instrucção

Um dos mais interessantes aspectos da obra das Escolas Moveis, e que convem recordar n'este momento em que o problema da instrucção popular se encontra em foco, é o que chamam cursos ambulantes ou cathedras.

Estas escolas, cujo genero abunda em Italia, eram entre nós desconhecidas, e foram sob conselho do deputado sr. Balthazar Teixeira, principiadas a pôr em pratica o anno passado.

«As cathedras—diz-nos o professor Eugenio Vieira—são na sua expressão simplista, o ensino ambulante, ministrado ás gentes dos casaes dispersos e distantes, ao individuo isolado nos campos, ao pegureiro, ao lenhador, ao ceifeiro, ao almocreve, ao carvoeiro, ao corticeiro, a todo e qualquer individuo, emfim, que isolado, ou em companhia de outros, se encontra em pleno campo e não podendo, em razão da fadiga ou da distancia, frequentar a aula nocturna, sente ir ao seu encontro, á hora da sésta ou contra propria o beneficio da instrucção que elle não pode ir procurar. Cego que não pode romper de per si as trevas vae a luz ter ao seu encontro, abrir-lhe as palpebras e transformar-lhe o espelho visual, que até ali fôra fosco, em cristal bem polido que reflita uma existencia nova, mais humana, mais util, mais alegre e florida.

«E' ver a alegria, os transportes enthusiasticos que manifestam nas cartas que depois escrevem ao seu inspector os que deixam a cegueira de analphabetos e entram na communhão de uma vida mais progressiva, primeiro grau da vida intellectual, d'essas que valem um poema pastoril.

«E que simplicidade a d'estas Catedras! Um professor, um album, devidamente acondicionado, sob elado que o preserve das chuvas do inverno, e... como isto é simples, patriarchal, quasi evangelico!—um gerico que transporta o missionario da Luz, á laia do propheta, e o leva pela charneca abaixo ou pelos barrocaes, pelos cerros ou pelas veredas sinuosas, a juntar os seus alumnos sob a telha desconjuntada de algum casebre gasto ou sob a copa de alguma grande arvore.

«Mas, ás vezes, nem esses beneficios da natureza gosa o propheta das primeiras lettras. Só a charneca morta se lhe apresenta em frente e sob a ardencia do sol [illegible] savana do Alemtejo, abre o chão em gretas, vae em procura de algum pequeno casal, onde possa juntar as ovelhas dispersas, ao seu intellectual redil. E do inverno ha a luctar com os chuveiros e as ventanias.

Depois de um mister tal, só é confiado áquelles que acima do conforto e do bem-estar da civilisação, puzeram essa sobriedade capaz de fazer rir penedias com carinhos ou adestrar feras com o simples olhar.

«Ha por emquanto só seis catedras funccionando e curioso será dizer aos leitores a maneira como ellas trabalharam este anno lectivo findo, e os resultados que obtiveram. Comecaremos pela cathedra de Sant'Iago Maior que funciona no concelho do Alandroal.

«Esta catedra é dirigida por um professor de ensino livre, o sr. João Duarte Mantas que foi pelo inspector das Escolas Moveis escolhido, porque *ha já quinze annos exercia por vocação e de seu motu proprio o ensino ambulante* na região do Ameixial, concelho de Estremoz, onde provou notavel aptidão e dedicação pelo ensino. A dita cathedra tem a sua séde na Aldeia de Piss e serve este logar, Cabeça do Carneiro e Venda. E' uma das maiores freguezias de Portugal, em area. Os fogos estão de tal modo dispersos, que era impossivel dar resultados seguros o funccionamento das duas escolas fixas que existem na séde da freguezia, pois que os logarejos que distam immenso das escolas. Todos esses são servidos por esta cathedra, na extensão de 8, 9 e 10 kilometros.

«Esta cathedra dá na séde o curso nocturno diariamente. Nas primeiras horas do dia dá lição á classe infantil. Depois, o missionario monta o seu burrico e vae para Venda, onde lecciona as creanças d'esse logar. Dirige-se depois á Cabeça do Carneiro, onde procede pela mesma forma, voltando á noite ao ponto de partida. Como, porém, juntar n'estes logarejos os alumnos dispersos? Ella a nota curiosa. A buzina, a tradicional buzina, hoje de pescadores e almocreves, que d'antes serviu aos celtas para os juntarem para as guerras, serve hoje ao professor para reunir os soldados com que ha de contar para dar guerra ás trevas. Ouçamos sobre o assumpto o professor Mantas, recordando uma das cartas ao inspector, em toda a sua simplicidade. Provar-se-ha assim, com sabor regional, o amor pelas questões da instrucção primaria lavrando n'um incendio lento mas devastador do escalracho e ignorancia:

«E falando de uma prova um tanto mais fraquita do um dos seus alumnos:

«Estudeijo d'um pobre rapaz. Empregado em guardar cabras. Ao ouvir a buzina, corria a fechar as cabras no curral para vir á lição, e, terminada ella, ei-lo outra vez a correr para o rebanhito, o até [illegible] buzina. [illegible] Mas, vou explicar o que é a buzina. E' que, dado o vasto pouco vagar e não havendo sinos em Cabeça do Carneiro relogios—se isto é um sertão!—tive que avisar os meus alumnos: «sempre que ouvirem uma buzina, venham logo para a escola. E já tenho chegado. E elles assim fazem.»

«E assim se juntam d'aqui, d'ali, podemos nós, que conhecemos a região alemtejana, ajuntar. Ora com taes extremos de carinho pela instrucção e com taes dedicações, certamente, desde que haja perseverança, muito se ha de conseguir na batalha ao analphabetismo. E de que serve, maneira de vencido, ou melhor, á maneira que se fôr vencendo, venham então as providencias, orientação e a *mise-en-scène* de novos meios de ampliar o ensino profissional e o de conhecimentos geraes. Depois, sim, deixae-os emigrar, que serão felizes, respeitados e amados os portuguezes.»

[illegible] va á Republica e outro ao prestigio do exercito pela guerra.

Usou depois da palavra o tenente Aragão, principiando por agradecer os cumprimentos que lhe eram feitos. Disse que os allemães não o trataram a elle nem aos seus camaradas com a consideração devida em todas as nações cultas aos prisioneiros de guerra. Recordou os cumprimentos feitos por Pimenta de Castro ao ministro allemão quando os soldados portuguezes cahiam mortos pelas balas dos allemães, protestando tambem contra o facto do governo da dictadura considerar os prisioneiros portuguezes como simples internados. Fez votos pela participação de Portugal na guerra, recordando o exemplo da Belgica, nação pequena, como nós, mas honrada e valorosa. Terminou o seu discurso saudando a França e as nações alliadas.

Aragão foi extraordinariamente acclamado. Preparam-se festejos em sua honra e dos seus camaradas.—(C).

De todo o coração nos associamos ás vibrantes saudações que o povo do Funchal acaba de tributar ao tenente Aragão e aos seus camaradas de Naulila. A hora que passa, annuviada de pesadelos, [illegible] para a nossa admiração essas figuras gloriosas, em cujos feitos brilhou, n'uma tarde de sangue e de heroismo, aquelle chamma de amor patrio que fez de Portugal um grande povo. Elles synthetisam, n'este momento, as virtudes guerreiras que nos marcaram um logar na Historia [illegible] conquistado com sacrificios, com lagrimas, com abnegação, e que é preciso manter, custe o que custar. Geração de sacrificados, que nos somos, cumpre-nos, por nossa honra, despertar as energias da raça portugueza, olhando todos para o futuro com o mesmo espirito de patriotica abnegação que levou outr'ora os nossos antepassados á pratica dos mais gloriosos feitos, a alma elevantada, o coração aberto e sempre nos labios o nome de Portugal.

Muitas vezes se tem dito que nos campos de batalha da Europa se estão jogando os destinos do mundo. Isto não é uma simples phrase. E' uma verdade innegavel. Lamentaveis e miseraveis incidentes da politica interna não deixaram ainda que a nossa attitude perante a politica externa fosse marcada em linhas rectas, caminhando-se a passos firmes para um objectivo claro. Mas esses incidentes passaram, muito embora se pretenda ainda, por vezes, ressuscital-os. Cumpre reconquistar o terreno perdido, e oxalá que os esforços que se veem empregando para esse fim sejam inteiramente coroados de exito.

A carestia dos ovos

O meio viavel de não augmentarem o preço

Do sr. Virgilio Pereira, presidente da Associação de classe dos negociantes de ovos em Lisboa, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor do jornal *A Capital*.—Estando o seu jornal sempre prompto a acceitar todos os alvitres e reclamações justas, e muito principalmente o que se relaciona com a vida de quem trabalha, venho pedir a v. [illegible] ovos. E' já bem elevadissimo o actual preço de $30 a duzia, e por este andar nem por $35 teremos [illegible] Lisboa dentro de oito dias. Ora, não é impondo aos negociantes d'este genero em Lisboa o preço de X, que se remediaria, só mas sim tomando outras medidas muito diversas, taes como regularisar a exportação, auctorisando a saida só de determinada quantidade, e não como se faz, deixando livre a sahida, a ponto de estarem saindo do paiz 800 a 900 mil ovos semanalmente, não só para os hospitaes de sangue dos alliados mas para boa garantia de compras para Hespanha e talvez até para os allemães!

Quem sabe! Quem se desse ao cuidado de proceder a indagações talvez viesse a concluir que não é vaga a supposição.

A unica forma viavel de se conseguir os ovos baratos em Lisboa é, a meu ver, a seguinte: estabelecer preços fixos de compra aos productores [illegible] da provincia, fiscalisação [illegible] e seguir sempre para exportação as fazendas que calcularem em [illegible] do total de compras dos respectivos mercados, e os restantes 50 % ficarem no paiz, deixando livres as expedições para qualquer localidade.

Agradecendo a v. [illegible] aqui: a tabella policial impõe ao negociante de Lisboa a venda por «tal», o negociante da parte da provincia preços em harmonia [illegible] vender ao retalhista o preço [illegible] tabella [illegible] agentes exportadores, sabendo os preços da praça de Lisboa, levam os ovos que chegando á seguinte conclusão: o negociante de Lisboa não pode receber por mais do «tal», e, assim, chegam aos differentes mercados e offerecem aos compradores d'ali mais 10 ou 20 centavos em cada cento, e os negociantes em Lisboa ficam esperando toda a vida pelas fazendas.

O peor é que o governo não pode espetar sempre, e d'ahi os negociantes, que precisam de ganhar o pão para si e para os seus e pagar contribuições e licenças, etc., dizem para a provincia «mande fazenda pelo preço que tiver ahi». Vem a fazenda, os negociantes não podem vender pelo que marca a tabella policial, vendem por mais; ás, $600 de multa. E assim está a triste e impossivel situação em que actualmente se encontram os negociantes de ovos em Lisboa.

Agradecendo a v. [illegible] a publicação d'esta carta no seu conceituado jornal para elucidação do publico e dos poderes constituidos, subscrevo-me de v. etc.—O presidente da Associação de Classe dos Negociantes de Ovos em Lisboa, *Virgilio Pereira*.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Acham-se nas Caldas da Rainha, hospedados no Grande Hotel Lisbonense, os srs. condes de Anadia, Casal Ribeiro e Callião, Abel de Carvalho Monteiro, Julio Augusto da Silveira, Licinio de Sá Pereira e Antonio Alves de Mesquita.

—Retiram das Caldas os srs. Antonio Gomes Neto e dr. Augusto Candido Coraião com suas familias.

—Na mesma villa encontram-se a sr.ª D. Luiza Burnay e o sr. Raphael Lorita.

—Regressou do estrangeiro o sr. Heliodoro Centeno.

—Está em Ancora o illustre publicista sr. Batalha Reis.

—Está no Monte Estoril com sua gentil familia o sr. Augusto Machado.

—Encontra-se em Vizeu com sua esposa o sr. Julio Cesar Resende.

—Acha-se em Vizeu a sr.ª D. Arminda Tavares da Costa e Silva.

—Parte brevemente para Cascaes o sr. Carlos de Vasconcellos e Sá.

—Parte para Cintra com sua familia o sr. dr. Carlos Pimentel.

EM PLENA REGIÃO DO TURISMO

O jôgo na Figueira da Foz

Tolerado rende ao municipio 9 contos, regulamentado renderia 30 contos, diz o director do Casino Peninsular

A primeira praia do paiz quasi não possue distracções. O banhista na Figueira, depois de ter visitado o museu municipal, aliás quasi desconhecido da colonia balnear, a despeito de conter interessantissimos exemplares de ethnographia, tendo feito uma excursão á mina carvoeira do Cabo Mondego, com o respectivo passeio a Buarcos, viu esgótado o reportorio de attracções locaes. Acaba por limitar a sua existencia ao bairro dos Casinos, apinhando as terrasses dos restaurantes assistindo ao desfilar da multidão. Durante horas seguidas perpassam as mesmas caras, até que a retina entorpece e uma enorme fadiga invade invencivelmente os nervos de quem presenceia aquelle movimento. Só ha um recurso para vencer o somno e o tedio:—passar ao interior do Casino e arriscar uns cobres á roleta ou ao monte.

Ora não possuindo a Figueira, nem espectaculos, nem passeios, nem Phrysinés, que distraíam os seus visitantes, não tendo ao alcance de toda a gente, meios de transportes para visitar os arredores, pois nem tracção electrica existe na cidade, o turista, que se encontra no berço de Fernandes Thomaz, tem fatalmente de se distrahir no jogo. E', pois, nos casinos que o forasteiro vae matar o tempo. Existem na cidade, paredes meias, algumas d'essas casas, sobre as quaes tantas maldições lançam as gentes timoratas, como se receassem não serem superiores ao poder de attracção que o peccado exerce sobre espiritos fracos. Na Figueira jogou-se sempre, ainda quando deante dos jogadores se erguia a sombra implacavel de Hintze ou, nos ultimos tempos, quando as auctoridades, levadas pela intransigencia do chefe democratico, fechavam as portas a esses «antros de perdição». Hoje joga-se *desaforadamente*, quer dizer, sem a menor difficuldade, pois qualquer forasteiro pode livremente arriscar uma «corôa» ou fazer uma «vaquinha» á roleta, com a certeza de que ninguem o incommodará.

O Casino Peninsular, com as suas magnificas installações, occupa o primeiro logar entre os estabelecimentos no genero que se amontoam no bairro novo. A entrada é banal, com o seu atrio, onde se reunem os banhistas, lendo jornaes e a ver quem passa.

Serve-nos de *cicerone*, atravez d'essas installações, o sr. Virgilio de Paiva Santos, vereador do municipio de Coimbra e director ha cinco annos d'esse estabelecimento. Poucas pessoas, das que viajam em Portugal, desconhecem o interior do Casino Peninsular, installado no edificio do theatro circo. O seu jardim de inverno, com a respectiva orchestra para concertos e palço para exhibição de variedades, lembrando, em reducção, o Coliseu dos Recreios, a sua sala de baile, que traz á memoria a sala dos embaixadores do palacio de Queluz, o seu theatrinho, branco e ouro, como se devesse a existencia a um capricho da Pompadourd, tudo isso que constitue o interior alegre, vivo, acariciador e amavel do primeiro casino da Figueira, torna dispensavel uma descripção, por demasiado conhecido.

No jardim de inverno, janta-se, toma-se café ou bebem-se refrescos. As mesas estão cheias. No salão nobre, onde brilham *toilettes* apuradas, dança-se a valsa lenta das margens do Danubio. No theatro, depois de terem soado os *pallillos* de uma manola, acompanhando um sapateado sevilhano, tremula o *écrain* com a exibição de um *film* da actualidade e, ao lado, a bola de marfim corre vertiginosamente sobre o prato numerado, dando existencia de minutos ás mais risonhas esperanças.

A Figueira vive exclusivamente da sua praia e d'este casino—diz-nos o sr. Virgilio Santos. Sem o jogo seria impossivel manter um estabelecimento d'esta natureza. O socio do casino paga trez escudos por mez e as senhoras dois escudos. O preço da quota diminue de mez para mez. Com essa modesta contribuição o socio encontra aqui as unicas distracções que podem existir na cidade e que o entreteem desde as 12 horas do dia até quando se recolhe a casa. No casino tem theatro, animatographo, concertos quasi permanentes e todo este programma leva á direcção importantes quantias. E' no jogo que procuramos compensações ao nosso esforço e muito teria a lucrar a cidade se, em vez de uma tolerancia, que nunca se sabe quando acaba, se regulamentasse de vez esta industria.

Os casinos da Figueira contribuem este anno com 9 contos para os cofres municipaes, sendo essa a verba com que a camara attende ás mais urgentes necessidades locaes. Se ao jogo e seus casinos fosse dada existencia legal, por uma regulamentação, monopolio, fosse o que fosse, não só a cidade obteria maiores lucros, mas as emprezas que exploram os casinos, teriam, á sombra da sua tranquillidade, meios de realisar uma propaganda mais efficaz para attracção de forasteiros. Na incerteza em que vivemos quasi nada é possivel fazer. O reclamo de uma estancia balnear leva muito dinheiro e ninguem se abalança a gastal-o, para, no momento proprio, vel-o ir por agua abaixo, vindo a auctoridade fechar as portas dos nossos estabelecimentos.

E' por isso que esta, como tantas outras praias, levam uma existencia precaria. Joga-se em toda a parte, e as cidades não tiram do jogo os lucros legitimos, que poderiam applicar ao seu desenvolvimento material.

Em vez de nove contos esta cidade poderia alcançar do jogo mais de trinta contos annuaes, se em vez de tolerancia, offerecesse garantias a sua industria. A direcção do Casino Peninsular contando que este regimen de tolerancia se prolongue, e no intuito de fazer a propaganda da cidade vae convocar para uma reunião os representantes do municipio, associação commercial e imprensa para assentar n'um programma, que, pelo menos, chame a esta linda cidade a concorrencia do paiz vizinho.

E' preciso evitar que o abandono não seja completo e para isso luctaremos até onde fôr possivel...

A grande guerra

O avanço allemão na Russia

NOVO GEORGIEWSK, 21—Official. — Os allemães atacaram a cidadela pela margem direita do Vistula.—(*Havas*).

Migalhas

O amor

E' lamentavel que não tenha nascido alguns seculos antes do nosso o auctor de um livro, que se annuncia nos periodicos por vinte centavos, se intitula «Como se domina a mulher» e insere processos seguros para «inspirar amor á pessoa amada, manter e conservar o amor de essa pessoa, desterrar do coração e do espirito o amor que nos tenha inspirado alguem cujas relações por qualquer motivo nos sejam prejudiciaes e conseguir que essa pessoa nos esqueça em absoluto».

Vejam v.as ex.as que porção terrivel de factos se teriam evitado pela modica quantia de dois tostões, como se dizia outr'ora. Hercules não teria feito a tristissima figura de fiar aos pés de Omphale, quando é sabido—e Francisco I o disse—que, com as mulheres, nunca fiando... Não se teria realisado a calamitosa guerra de Troia em que appareceu o celebre cavallo, quadrupede avó dos Zeppelins da conflagração actual. Othello não teria feito aquella questão toda por causa d'um simples lenço de assoar. Camões não teria perdido um olho e não teria escripto os «Lusiadas». Antony não mataria aquella pobre senhora que lhe resistiu e a «Dama das Camelias» ainda hoje andaria gorda e anafada.

Que de tragedias e de forças teriam deixado de se dar com vinte centavos empregados a tempo! O pobre Abelardo não passaria pelo desgosto que nós sabemos, D. Pedro não teria almoçado figados de Coelho, Des Grieux estaria hoje muito bem empregado e o meu visinho cuco não andaria pelas administrações a registar os filhos da mulher.

E andamos nós desde o Paraizo terrestre a querer resolver a equação feminina. Ha quem tenha gasto milhões para lhe encontrar a incognita quando afinal o homemsinho do livro fornece a formula por uma cuta e meia. O nosso tempo é de surprezas; mas—confesso—por esta é que eu não esperava.

André Brun.

ULTIMA HORA

DR. AFFONSO COSTA

Uma festa brilhante no Centro Miguel Bombarda

Sessão solemne para inauguração do retrato do homenageado

No Centro Escolar Dr. Miguel Bombarda, ao Pateo do Gil, rua de S. Bento, realisou-se hoje uma simpathica festa, levada a effeito pela direcção do mesmo Centro e como manifestação de regosijo pelas melhoras do illustre estadista sr. dr. Affonso Costa.

O Centro occupa o rez-do-chão e primeiro andar d'um predio espaçoso cuja entrada, frontaria e escada principal se achavam hoje engalanados com bandeiras nacionaes e estrangeiras, ramos de arbustos e flores.

A's 8,30' uma salva de 12 morteiros iniciou os festejos. A's 11,30' na sala de bilhar do rez-do-chão, começou a distribuição do bodo a cem pobres a que presidiram os srs. José Caetano Ferreira, presidente da commissão escolar e Alfredo Mendes, coadjuvados por suas esposas, respectivamente sr.as D. Rachel Ferreira e D. Izabel de Oliveira Mendes e pela professora do Centro sr.a D. Luiza Amado. Na distribuição occuparam-se tambem os dois alumnos do Centro mais classificados nos exames finaes, meninos Antonio Alberto Pinto Ferreira e Ilda Pereira Baião. O bodo, constou: pão, café, assucar, grão, massa e toucinho.

A's 13 horas, esteve na directoria do Centro o sr. Levy Bensabat que, em nome do sr. presidente da Republica, de quem é secretario, participou a impossibilidade d'elle honrar a sessão com a sua presença por motivo de inadiaveis serviços officiaes.

A's 14,20' dá-se começo á sessão solemne que se realisa na vasta sala do primeiro andar que é ao mesmo tempo a sala de estudo dos dias ordinarios e a sala de espectaculos dos dias de festa, com seu pequeno palco ao fundo e cinco rasgadas janellas a todo o comprimento do predio. As primeiras bancadas são occupadas pelos alumnos e alumnas do Centro, vendo-se depois na assistencia bastantes socios e familias, predominando o elemento feminino.

No palco á esquerda, coberto pela bandeira nacional o retrato do sr. dr. Affonso Costa.

O sr. Antonio Damião dos Santos abre a sessão declarando que se a festa não é tão grandiosa como devia ser é isso devido ás difficuldades da hora presente que o Centro atravessa. No emtanto é uma manifestação em honra do grande estadista sr. dr. Affonso Costa, feita com sentimento, com carinho e com amor e isso deve bastar ao coração d'esse grande patriota de cuja vida depende a existencia da Republica. A Republica tem dois martires: o sr. João Chagas e o sr. dr. Affonso Costa. Este é hoje a unica garantia da Patria e da Republica.

Toma depois a presidencia o nosso collega do *Mundo*, sr. Augusto José Vieira, que descreve depois a largos traços a vida e a obra do eminente estadista para quem o verdadeiro elogio está no odio dos reaccionarios e no verdadeiro caminho dos verdadeiros republicanos.

O sr. Levy Bensabat convidado pela presidencia descerra agora o retrato do eminente estadista o que provoca uma enthusiastica manifestação da assistencia que sauda o homenageado com ininterruptas palmas e vivas, cantando as creanças da escola do Centro o himno nacional.

O sr. Levy Bensabat faz em seguida um ligeiro mas enthusiastico elogio da obra de Affonso Costa, d'essa obra que, diz, ha de ficar com uma grande obra de energia e de tenacidade do actual periodo historico da nacionalidade portugueza. Confia nas gerações futuras para realisarem a Republica que os combatentes de hoje não podem infelizmente realisar.

Lido o expediente, onde figura um telegramma do sr. Agostinho Fortes desculpando-se de não poder comparecer, tem a palavra o sr. Luiz Viegas que, tendo a convicção de que a Republica se encontra consolidada, é de parecer que chegou a hora de todos se dedicarem ao maximo problema das necessidades presentes — a questão das subsistencias. Para resolver esta magna questão só ha um caminho a seguir — o caminho traçado pelo eminente estadista sr. dr. Affonso Costa, cujo elogio faz. Ha ainda um outro problema a resolver — a questão dos cambios, de cujo augmento provem a tremenda crise que atravessamos.

O sr. Ferreira de Lima, em nome da junta de parochia da freguezia de Cachoupo, do concelho de Tavira, faz o elogio do professorado das escolas moveis, a que pertence, e diz que só por verdadeiro sentimento republicano veiu aqui representar a junta de parochia da terra onde exerceu o seu cargo professoral. Termina levantando repetidos vivas ao sr. dr. Affonso Costa e Candido dos Reis, que foram muito correspondidos pela assistencia.

O sr. João Camoezas, deputado, vem com muito gosto dar a sua palavra á homenagem que o Centro Miguel Bombarda faz ao eminente homem de estado sr. dr. Affonso Costa. Não é, por educação e por espirito, amigo de idolos, mas o sr. dr. Affonso Costa tem-o ao seu lado porque representa a maxima energia, a unica força directiva de todo o povo portuguez.

Ahi estão as suas obras em cinco annos de Republica. A lei da separação, perante a qual se curvou enthusiasmado a alta figura politica franceza Mr. Briand. E acima de tudo a grande obra financeira do illustre estadista, que tão depressa equilibrou as finanças publicas.

Elle, orador, foi toda a vida republicano. Mas só veiu para o partido democratico quando ha mezes surgiu no tablado da politica nacional a dictadura Pimenta de Castro. Em 14 de maio bateu-se pela Republica. Tinha então um só caminho a seguir: ingressar no partido que mais firmeza de principios republicanos offerecia—o partido chefiado pelo sr. dr. Affonso Costa.

A assistencia interrompe agora o orador com uma prolongada salva de palmas e bastos vivas ao 14 de maio, ao partido republicano portuguez e ao sr. dr. Affonso Costa.

Alonga-se depois o orador em considerações de ordem padagogica, declarando que para os verdadeiros patriotas não ha obstaculos porque elles seguem á risca a maxima de Marco Aurelio:—«Se não podes transpor os obstaculos e cahiste, recomeça». Por elle, ali está a recomeçar com prazer e com gosto a sua propaganda de outros tempos. Espera completamente confiado no futuro da Republica. E a todos os verdadeiros republicanos pede uma coisa só: que conjuguem os seus esforços com os esforços heroicos do dr. Affonso Costa.

Ha vivas na assistencia. Palmas ininterruptas. As creancinhas da escola fazem ouvir de novo as suas vozes argentinas nas estrophes da *Portugueza*.

O sr. José Caetano Ferreira, seguindo os oradores que o antecederam, elogia egualmente a obra verdadeiramente republicana do illustre homenageado e ataca com vehemencia a obra nefasta dos padres. Termina com trez vivas: ao sr. dr. Affonso Costa, ao presidente do Centro Dr. Miguel Bombarda e aos verdadeiros republicanos.

O sr. dr. Felix Horta, como secretario da assembleia geral d'este Centro, tem muito prazer em fazer hoje, embora ha muito tivesse resolvido não falar em centros, o elogio d'esse homem que é como que o estandarte da Republica. Na vida de Affonso Costa ha trez phases que merecem menção especial: a sua vida da propaganda, a sua obra do governo provisorio, e, emfim, a sua obra financeira.

O orador analisa cada uma d'estas phases de per si, tendo para o homenageado palavras de inexcedivel elogio, principalmente ao referir-se ás leis da familia e do divorcio, ás suas causas e aos seus utilissimos effeitos. Refere-se ainda á lei da separação das egrejas do Estado aproveitando a occasião para elogiar a obra do registo civil e do seu incansavel propugnador sr. Augusto José Vieira.

Depois, a largos traços, descreve o que foi a vida ministerial do dr. Affonso Costa analisando a fundo a opposição dos inimigos da Republica. Mas de pé, sobre a obra mesquinha e má d'essa opposição, fica explendida e luminosa a obra financeira do illustre estadista, que hoje, mercê d'uma guerra que só tem servido para ignominia nossa, se encontra de novo desequilibrada. Ha duas coisas de que tem medo de falar: da nossa situação internacional e do afastamento dos funccionarios inimigos da Republica. Dirá, portanto, ainda que isso custe a ouvir, que com a mesma lealdade com que guindou os mandantes de hoje ás culminancias do poleiro, com essa mesma lealdade lhes dirá que vão por mau caminho porque não teem cumprido o *mandatum do 14 de maio*.

(Prolongados apoiados).

E continuando o orador descreve agora a cahida do ministerio Azevedo Coutinho, e a subida ao poder de Pimenta de Castro que teve a audacia de, quando em Africa morriam irmãos nossos ás balas dos allemães, ir cumprimentar em Lisboa o ministro d'esse paiz.

Em palavras quentes de indignação o orador verbera asperamente os que em tal caso compartiparam o que a assistencia enthusiasticamente applaude.

Deu-se depois o 14 de maio, continua o orador. Restabeleceu-se a normalidade, mas não está cumprido o seu mandato. Ha homens que ficaram mutilados n'esse movimento e que hoje teem fome. Isto não pode ser. Nos empregos do Estado ha ainda traidores que se locupletam. Pois ou elles sahem e já, ou então teremos que seguir á risca a phrase de Marco Aurelio: iremos recomeçar. E é preciso que o governo saiba que estamos hoje tão promptos e tão decididos como na madrugada tragica de 14 de maio.

E' preciso cumprir o mandato da revolução, esclarecendo a nossa situação internacional que não pode continuar assim e resolvendo tambem o problema das subsistencias e o dos materiaes.

E toda esta crise porquê? Porque á frente do governo revolucionario faltou João Chagas e uma desgraça enorme ia victimando Affonso Costa.

Termina agradecendo a comparencia da assistencia a quem sauda levantando um viva á Republica, que é fartamente correspondido, tocando n'esta altura o himno nacional a *troupe* de bandolinistas «Laço Fraternal», que pouco antes chegara e tomara o seu logar junto do palco.

Encerra a sessão o sr. Augusto José Vieira que participa as desculpas do sr. presidente da Republica trazidas pelo sr. Levy Bensabat. O orador faz o elogio do *dr. Theophilo Braga*, cujo nome é saudado por todos. Termina n'um rasgado elogio da obra do eminente homenageado fazendo votos para que se cumpra o mandato do *14 de maio* para evitar um outro que as transigencias d'uns e as maldades d'outros andam provocando. Elle orador está no partido onde estava em 1879. Não tem culpa que os outros fugissem. Termina como os demais oradores por um viva á Republica.

A *troupe* bandolinista toca de novo o himno nacional, ha mais palmas e vivas e a debandada da assistencia começa para voltar á noite, ás 21 horas, para assistir ao sarau que consta da representação do drama «Os ladrões da Honra», desempenhado por socios do Centro.

Ao sr. dr. Affonso Costa foi enviado um telegramma participando-lhe a festa de hoje no Centro Dr. Miguel Bombarda.

O almoço de congratulação no Gibraltar

No restaurante Gibraltar realisou-se hoje um almoço intimo promovido por dedicados republicanos em signal de congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa. A sala estava ornamentada, vendo-se ao centro a bandeira nacional e as dos paizes alliados emoldurando o retrato do illustre estadista.

Ao «toast» brindaram os srs. João Augusto Sequeira, Augusto Rato, Palma Cruz e Raul Lopes, que fizeram a apologia da obra do sr. dr. Affonso Costa, sendo, tambem muito ovacionados os tenentes Aragão e Monteiro Torres.

Ao sr. dr. Affonso Costa foi expedido o seguinte telegramma:

«Um grupo de republicanos, correligionarios, reunidos em almoço no restaurante Gibraltar, felicitam o illustre estadista Affonso Costa e fazem votos pelo seu restabelecimento.

Sport

O campeonato de «Water Polo»

continuou a disputar-se hoje, ficando aprasados para a ultima prova o Club Naval e o Club Internacional de «Foot-Ball»

Ha já alguns domingos que o Sport Algés Dafundo, Gimnasio Club, Associação Naval, Club Internacional de «Foot-Ball» e Club Naval, veem disputando o campeonato de «Water polo» de que hoje se realisaram os penultimos «matchs».

E' o primeiro campeonato d'este sport que se organisa em Portugal pois que foi aberto a todos os clubs do paiz, devido á iniciativa do Club Naval, realisando-se os desafios no seu ancoradouro. Este ramo dos sports nauticos, interessantissimo pois que reune á natação o jogo da bola, é ainda pouco conhecido entre nós, mas vae alastrando enormemente, pois que além dos amadores que o teem creado em Lisboa, já nas Caldas da Rainha se vae constituir um «team» e o Foot Ball Club de Gaya trabalha para o mesmo fim.

Foi pela primeira vez apresentado em Portugal pelo 1.º tenente Joaquim Costa, que instruiu dois «teams» de marinheiros, batendo-se estes em Cascaes, em 1908, por occasião de uma festa promovida pela antiga Liga de Natação, mas não sendo as regras do jogo rigorosamente abordadas como estão sendo agora.

O «Water polo» é oriundo da America, onde o jogam com tal brutalidade que torna vulgares os casos fataes; passando por França ali adoçou-se um pouco, e o regulamento feito agora em Lisboa torna-o bem menos perigoso do que o «foot-ball», e embora jogado dentro de agua onde não haja pé, não offerece o menor perigo para os jogadores.

O jogo faz-se dentro de um rectangulo de 18m por 12m com os goals de 3 metros. Os «teams» são de 7 homens, tendo apenas um «half back» e trez «forwards»; a bola só pode ser impellida com uma mão, com um pé, ou com a cabeça, podendo, porém, o «keeper» empregar as duas mãos.

E' na fórma de atirar a bola que differe do jogo americano; n'este atira-se de toda a fórma, e entre os jogadores trava-se a lucta corpo a corpo, empregando-se o *ju-jitsu* e todos os golpes imaginaveis, mesmo o de prender o adversario pelos pés e mantel-o mergulhado o tempo que se quizer.

O nosso jogo não admite que se toque no adversario, e assim fica para o jogo americano como o «foot-ball association» está para o «rugby», em que todos os meios de vencer são admissiveis logo que se não faça uso de qualquer arma.

Os «match» de hoje tiveram logar: o 1.º entre o «team» do Algés Dafundo e o do Internacional, e o 2.º entre o do Gimnasio Club e o do Club Naval. Do «team» do Algés Dafundo faltaram dois homens, mas esta contrariedade não o fez retirar porque acima da satisfação de uma victoria poz o seu espirito sportivo.

Os clubs Internacional e Naval eram os unicos que até agora não tinham perdido ponto algum, mas no desafio de hoje, embora a victoria coubesse ao Internacional no «match» com o Algés Club, ainda assim perdeu dois pontos, tendo marcado 5 contra 2. O Club Naval é que continua intangivel marcando hoje 8 contra 0.

A prova de domingo, entre o Internacional e o Naval é que decidirá o campeonato; terá logar ás 17 horas, porque só então havera preamar, e, como já dissémos, os jogadores teem que estar fóra de pé.

Apesar da violencia d'este dispute e dos «teams» terem estado qualquer d'elles mais de vinte minutos na agua, os jogadores não manifestaram a menor fadiga, continuando depois em golpes de experiencia e nadando, só pelo prazer de gosar a frescura da agua, bem preferivel ao calor de forno que nos abrazava cá em terra.

A festa de hoje no Stadium

é numerosamente concorrida, sendo as provas disputadas brilhantemente

A festa de hoje no Stadium foi effectivamente a mais interessante nota sportiva do dia. O magnifico recinto achava-se extraordinairamente concorrido, notando-se em todas as physionomias o mesmo interesse e a mesma anciedade pelas provas que se iam realisar.

Os bombeiros voluntarios da Ajuda, garbosamente uniformisados, faziam a guarda de honra, sendo a festa abrilhantada pela Banda do Commando Geral de Artilharia.

Como tivesse havido uma avaria no «tandem», a primeira parte do programma foi eliminada, seguindo-se a corrida entre ciclistas amadores. Foi uma prova feita com muito correcção, tendo-se portado todos os corredores á altura dos seus creditos. O percurso foi de 5.000 metros e o primeiro premio coube a Antonio Christiano, tendo sido ganho o segundo por Albano Ferreira.

Mas a parte verdadeiramente sensacional do programma foi a corrida de ciclistas da velha guarda, n'um percurso de 1.500 metros. N'esta altura a espectativa do Stadium divide-se: uns apostam por Augusto de Freitas, outros por Maximo Correia e a maioria, talvez, por Zenoglio, confiados certamente na sua extraordinaria agilidade. Finalmente, a prova termina, sendo respectivamente vencedores Augusto de Freitas e Maximo Correia.

A corrida de motocicletes offerece tambem grande interesse, sendo realisada n'um percurso de 15 kilometros. Os primeiros vencedores são, respectivamente, Innocencio Pinto, Manuel Neves e Aride de Albuquerque.

A linda festa no Stadium terminou com um grande desafio de foot-ball entre o 1.º «team» da Casa Pia de Lisboa e um team selecção de marinheiros, sendo valentemente disputado de parte a parte.

A INSTRUCÇÃO EM CABO VERDE

Como devia fazer-se a escolha de professores

e tornar obrigatoria a frequencia escolar

Como vimos nos artigos anteriores, são precisos 30 professores para as escolas do 1.º e 2.º graus a estabelecer nas parochias de Cabo Verde, e cuja montagem seria immediata, e 197 professores ruraes, a nomear por exemplo no praso maximo de 5 annos.

Os professores para as escolas parochiaes seriam escolhidos entre os actuaes professores e classificados conforme o seu trabalho durante os ultimos tres annos, pela fórma seguinte:

Mais de 30 por cento de alumnos approvados, 1.ª classe, vencimento de 50 escudos mensaes; mais de 20 por cento de alumnos approvados, 2.ª classe, vencimento de 40 escudos mensaes; mais de 10 por cento de alumnos approvados, 3.ª classe, vencimento de 30 escudos mensaes; mais de 5 por cento de alumnos approvados, 4.ª classe, vencimento de 20 escudos mensaes; menos de 5 por cento de alumnos approvados, professores ruraes a distribuir pelas povoações das parochias, vencimento de 12 escudos mensaes.

Os actuaes professores officiaes ficariam, por essa fórma, assim classificados: 1.ª classe, 3; 2.ª, 3; 3.ª, 15; 4.ª, 7; ruraes, 18.

A promoção á classe immediatamente superior dar-se-hia logo que o concorrente em tres annos seguidos conseguisse a percentagem de approvações estabelecida para essa classe. Teriamos assim o melhor incentivo e premio que se podia dar ao professorado de Cabo Verde, obtendo-se os melhores resultados praticos.

Seria de todo o ponto conveniente proceder á construcção immediata de edificios escolares onde os não haja, de fórma a garantir-se ao professor e aos alumnos um commodo conveniente. Cada escola parochial deveria ter capacidade para 100 alumnos, para o que chegariam 90 metros quadrados e mais 48 metros quadrados para a residencia do professor. Daria tudo 138 metros quadrados, e cada edificio não deveria custar mais de 1.380$ e com mobilia e material escolar, podemos fixar a despeza com cada escola em 1.800$00.

Aos professores ruraes seriam distribuidos os quadros do ensino do methodo de João de Deus, cadernos de escripta e taboadas, para uso dos alumnos pobres.

Seria creada uma inspecção escolar na provincia, tendo o inspector 100 escudos mensaes, e um escripturario com 24 escudos. A inspecção escolar dividir-se-hia em duas circumscripções escolares: a de Barlavento e a de Sotavento. Os chefes das circumscripções seriam professores de 1.ª classe dos mais distinctos.

Com os vencimentos estabelecidos seria prohibido aos professores officiaes o exercicio de qualquer outro officio ou emprego, e seria fixado o periodo de 8 horas para o ensino diario, sendo 4 horas para o sexo masculino e 4 para o feminino.

As camaras municipaes entrariam mensalmente nos cofres da provincia com a importancia que actualmente gastam com a instrucção primaria, por isso que todo o ensino seria dirigido por ordem do governo, pela inspecção e circumscripção escolares.

A admissão aos cargos de professores officiaes far-se-hia na proporção de 1 professora para 3 professores, e nas escolas regidas por professores seria admittida uma mestra de lavores femininos, retribuida com 15 escudos nos mezes de serviço.

Resta agora prever tudo quanto seja necessario regulamentar, para tornar effectiva a obrigação da população em edade escolar frequentar a escola, e ainda estabelecer as penas em que incorreriam os alumnos e seus paes ou tutores, desde que se não sujeitassem ao integral cumprimento do regulamento escolar.

Em primeiro logar devia tornar-se absolutamente prohibido o serviço a todo o menor até aos 16 annos, desde que estivesse sujeito ao cumprimento da frequencia da escola. Isto é importante, porque em Cabo Verde a maioria dos paes não trabalhando, impõem aos filhos em edade escolar a obrigação de toda a especie de serviços, sendo por conseguinte nullo o aproveitamento na escola: isto é a primeira série de maus exemplos. A segunda é a falta de ascendente moral de muitos paes sobre os filhos, dedicando-se estes a toda a série de proezas classificaveis na escala do crime, sem que a paternidade possa exercer qualquer benefica coacção. E' então necessaria a intervenção do Estado, n'uns e n'outros casos.

Para esse effeito o regulamento escolar a elaborar, prohibindo de facto a applicação de castigos corporaes nos alumnos, ainda que a pedido dos paes, fixaria, por exemplo, uma multa de 4$50 a todos os paes que não mandassem os filhos de ambos os sexos á escola, sendo a multa paga em dinheiro ou em trabalho, e que reverteria para o fundo da assistencia escolar. A's faltas, exceptuando as por doença, corresponderia uma multa de $50 paga pela fórma acima indicada, e, para os casos de desobediencia, insubordinação, etc., corresponderia expulsão, até 15 dias, com multa a pagar pelos paes. Assim, para que os filhos não incorressem n'essas penas, os paes teriam o cuidado de se interessarem e de moralisarem os filhos, para evitarem o pagamento das multas. E essa receita, absolutamente moralisadora, constituindo um fundo para a assistencia escolar, iria concorrer para o vestuario e livros de innumeras creanças, em pobreza absoluta, a quem de ordinario não é permittida a entrada na escola.

Tão succintamente quanto possivel, aqui está o que é e o que devia ser a instrucção primaria em Cabo Verde.

Armando Xavier da Fonseca

A higiene dentaria

Nos adultos e nas creanças

O abandono e o menospreso que a maioria das pessoas vota aos orgãos boccaes não tem explicação. Porque motivo é que a bocca, sendo o elemento primordial para o bom funccionamento dos orgãos digestivos, se ha de excluir do asseio em que habitualmente nos esmeramos nas outras partes do corpo?

Ha, sem duvida, mais de 80 % de individuos que nunca introduziram na sua bocca uma escova de dentes! Qual a causa d'esta repulsão que a maioria das pessoas tem pelo asseio da bocca?

Muitos auctores teem clamado e com bastante razão—a nosso vêr—que o cuidado e a higiene da bocca revelam «higiene e asseio geral» proprios das pessoas de «bons costumes».

Em alguns Estados dos mais importantes da America do Norte, impõe-se aos noivos como condição essencial para se consorciarem a obrigação de visitarem o especialista, o qual, depois de os submetter a uma minuciosa inspecção, remedeia os males que tenham, corrigindo os defeitos boccaes que apresentem, e, terminados estes tratamentos, passa o competente certificado.

Outro exemplo:

Segundo estatisticas formaes apenas 2 % das creanças allemãs examinadas tinham a sua dentadura completamente sã. As auctoridades teem-se occupado do assumpto e constituiram nas escolas das principaes cidades uma clinica cirurgico-dentaria dedicada exclusivamente a cuidar das boccas das creanças.

Em Damstard, em seis mezes, foram examinadas as boccas de 1376 creanças, tendo-se praticado 1516 obturações e 1871 extracções.

Em Strasburg examinaram-se 266, tendo-se feito 699 obturações e 2912 extracções, etc. etc.

Ditosos paizes cujas auctoridades se preoccupam com estas coisas.

No nosso paiz tambem não seria para desprezar, da parte das pessoas competentes e das respectivas auctoridades, o cuidar das boccas da humanidade do futuro. Sobre a conveniencia da creação das clinicas escolares infantis e seus resultados beneficos falaremos no nosso proximo artigo.

Se não vencermos os escrupulos e o indifferentismo dos poderes publicos sobre tal assumpto, convenceremos, pelo menos, aquelles que nos lerem.

Mario Duarte

Especialista de doenças da bocca

Festas no Pragal

Realisam-se nos dias 28, 29 e 30 as festas do Pragal, sendo o programma o seguinte:

Dia 28: ás 6 horas, salva de 21 morteiros e alvorada pela Sociedade Artistica Pragalense; ás 17, inauguração da kermesse e tombola, tocando até á meia noite a referida Sociedade; á noite, illuminações a acetilene e á moda do Minho.

Dia 29: alvorada ás 6 horas; a commissão acompanhada da banda percorrerá as ruas da povoação, á tarde, kermesse e á noite, illuminações.

Dia 30: alvorada pela banda Incrivel Almadense, de tarde e á noite kermesse, illuminações e bailes publicos, sendo queimado ás 23 horas fogo de artificio.

A CHRONICA DA ROUBALHEIRA

Escreve-nos o sr. Annibal Marques de Sousa, proprietario da agencia Brazil, da rua do Largo do Corpo Santo, 6, 1.º, a dizer-nos que a sua casa nada tem de commum com a agencia do caso dos chinezes, que já não existe e que era n'outro local e d'outro dono, e que o que houve foi uns passageiros a us perderem o vapor do dia 20, estando por isso a sustental-os, como é do contracto, até que sigam viagem.

—Para Arganil foi enviado Antonio Augusto, residente no logar do Pizão, freguezia de Côja, concelho de Arganil, accusado de ter praticado um importante roubo de dinheiro e objectos de ouro e prata ao fazendeiro Antonio Lourenço da Costa, residente em Arganil, o qual vendo o gatuno na estação do Rocio o mandou prender. Com o preso seguiram differentes objectos que ainda tinha em seu poder e outros que estavam empenhados.

—A pedido de Bernardo de Jesus, morador na rua do Alvito, 96, 2.º, foi preso Carlos de Jesus Pereira, residente na rua dos Caminhos de Ferro, 96, 1.º, a quem accusa de lhe ter furtado objectos de ouro, prata e dinheiro, tudo no valor de 100 escudos.

—Foi presa Marianna das Neves, moradora na avenida das Côrtes, 61, 4.º, porque tendo-lhe sido confiadas diversas peças de roupa e artigos militares, por praças do regimento de infantaria 2, no valor de 50 escudos, as foi empenhar, gastando o dinheiro em seu proveito.

—Maria da Conceição Costa Salgado, moradora na calçada de Sant'Anna, 71, 1.º, queixou-se á policia de que lhe subtrahiram da sua residencia 1 cordão e relogio de ouro e uma mantilha de seda, tudo no valor de 50 escudos.

NATURISMO

Os melões

O conhecido horticultor sr. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, d'esta cidade, acaba de me enviar um cesto de melões como amostra das variedades que tem aperfeiçoado nas sementeiras das suas hortas. Muito obrigado por tanta gentileza.

Os melões são um fructo excellente e muito alimenticio. Ha regiões tropicaes, onde os indigenas vivem quasi que só de melões. São deveras apreciaveis certas qualidades nutritivas. São afamados os melões espumantes da Foja, os apimentados de Palha Blanco, os carrascos da Vilariça, etc., para só falar nos mais notaveis. Os melões são um fructo-legume com grande quantidade de assucar, pois possuem saccarose em abundancia. Os melões são indigestos como os pepinos para os individuos que tomam estes fructos juntamente com alimentos cosinhados ou fermentados.

Os melões devem comer-se em jejum ou sempre antes das refeições. Costumo servir-me d'este delicioso fructo assim: corta-se ao meio, no sentido da largura, e, com uma colher, retiram-se as sementes. Com esta mesma colher vae-se separando a polpa macia como velludo ingerindo-a, mastigando e ensalivando-a á semelhança de quem come caldo de uma malga, mas este *caldo* é o melhor de todos. N'esta epocha, por um preço acessivel a todos os orçamentos, se podem comprar melões que suspensos duram até 6 mezes. A agua deliciosa de constituição mollecular, os saes e os assucares, os etheres perfumosos tornam os melões alimentos magnificos como depurativos e refrescantes de primeira ordem.

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Lactario da parochia de S. José

Os corpos gerentes eleitos para o anno economico de 1915-1916 são convidados a comparecerem ámanhã, pelas 21 horas, a fim de tomarem posse dos seus respectivos cargos.

A séde do lactario é na rua Alves Correia, 209, onde todos os socios se podem dirigir para qualquer reclamação, bem como todas as pessoas que desejarem visitar as installações, em todos os dias das 9 ás 10 horas e meia da manhã.

A receita no anno findo foi de 674$64,5 e a despeza de 657$70,5, havendo, portanto, um saldo de 16$94.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—As pilulas de Hercules.

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

APOLO—A's 20,45 e 22,45—Rosa Tirana.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Os moinhos de vento—Cabo Lusine.

Agenda da semana

QUARTA-FEIRA — **Politeama**—Primeira representação de *Não desfazendo...* revista de André Brun, com musica original de João Myrto e Vasco de Macedo.

QUINTA-FEIRA — **Coliseu dos Recreios**—Estreia da *Menina do cinematographo.*

Boatos e informações

Entre nós

Até ao fim d'esta semana fica prompto o esqueleto em cimento armado do futuro theatro Republica. Immediatamente começarão os trabalhos de estuque e de decoração.

● Realisa-se ámanhã o primeiro ensaio geral vestido da revista do Politeama.

● A *tournée* Mendonça de Carvalho estreia na Figueira da Foz com a *Visinha do lado.*

Circos & Music-halls

Primeiras representações

Coliseu dos Recreios—*Os milhões de miss Mabel*

Com uma enchente quasi completa cantou-se hontem pela primeira vez em Portugal a linda operetta de Grieg, «Os milhões de miss Mabel», que tiveram um exito extraordinario.

A partitura é lindissima e o maestro Grieg, escrevendo-a, honrou os seus creditos de grande compositor. E' digna de registo a romanza do tenor no 2.º acto, merecendo tambem justos applausos o brinde de «Lolette» e «Mauricio de Kennigford» no 1.º acto e a entrada de «Mabel» com as «misses».

Granieri e Anita Patrizi, muito bem; Fernanda Razzoli, como sempre, extraordinariamente graciosa, fazendo um adoravel tenente de cavallaria. Cima de Valdis, muito bem na endiabrada «Lolette». Emfim, a noite de hontem foi um successo artistico. O comico Marchetti esteve impagavel no velho «Barão de Kennigford».

Hoje repete-se a mesma operetta, devendo haver uma enchente, pois o publico sahiu hontem muito satisfeito com os «Milhões de miss Mabel».

A'manhã estreia da adaptação italiana dos «Moinhos de vento» e pela primeira vez em Portugal a opera comica «O cabo Lusine».

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Sonho guerreiro—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Beneficencia particular

Distribuição de esmolas

Pelas 13 horas de hoje a irmandade da freguezia de S. Nicolau distribuiu, na casa do despacho, 36 esmolas de 3 escudos a viuvas de irmãos necessitados, e pelas 15 horas 93 esmolas de 1$50 a parochianos pobres.

As esmolas foram entregues pelas alumnas da escola d'aquella irmandade, as meninas Ilda Sousa e Irêne Silva, assistindo os mezarios srs. Augusto Anselmo e Arthur Oliveira, e o regedor da freguezia, sr. Francisco Valverde.

Na Sociedade de Geographia

A visita dos caixeiros a exposição industrial

A exposição do mostruario industrial portuguez installado na Sociedade de Geographia e cuja inauguração, como largamente noticiámos, hontem se realisou, foi hoje muito concorrida, destacando-se entre os visitantes centenas de socios da Associação de classe dos caixeiros portuguezes, que para essa visita haviam sido convidados pela commissão de instrucção.

Foram os caixeiros acompanhados, a dentro do edificio, pelo sr. João Maria Coutinho, conservador do museu da Sociedade de Geographia, que em todas as secções deu amplos esclarecimentos aos visitantes, que se demoraram ali duas horas.

Foi uma verdadeira visita de estudo, a que outras se seguirão.

Exames de 2.º grau

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Uma commissão de professores pede a todos os seus collegas que tivessem alumnos reprovados no actual anno lectivo e aos paes dos mesmos alumnos a sua comparencia amanhã, pelas 20 horas prefixas, no Instituto Internacional, largo do Caldas, 1, para se tratar d'um assumpto que a todos interessa.

PASSEIOS E EXCURSÕES

A proposito da noticia que hontem démos acerca d'uma projectada excursão a Torres Vedras, escrevem-nos os corpos gerentes da Associação do Registo Civil que nada tem essa associação com tal excursão.

pto, financeiras, bancarias e algodoeiras em Londres e Lancashire. Chegaram á conclusão de que, devido ás difficuldades financeiras e a outras considerações o commercio do algodão só melhoraria em dezembro. As vendas haviam sido menores que as usuaes e a colheita dava indicios de ser maior. Aconselhava por isso, a dar certas facilidades aos productores e a auxilial-os o mais possivel.

A 22 de setembro o governo egypcio resolveu reduzir a area do cultivo do algodão a um milhão de «feddans» (1.100.000 acres), o que originou queixas dos rendeiros, que pagavam renda baseada na area do algodão cultivado. Finalmente, a 30 d'outubro o governo modificou esse decreto e limitou a proporção de cada cultivador a um terço da area em vez da quarta parte que o decreto de 22 de setembro fixava.

No começo de outubro o governo fazia publicar a seguinte nota:

«O governo egypcio vae emittir «bonds» do thezouro no valor de 8.000.000 libras, 5.000.000 das quaes serão garantidas pelo governo inglez e o restante pelas reservas do governo egypcio. Os «bonds» serão remiveis no periodo de trez a seis mezes, sendo esta ultima a data maxima, mas são renovaveis se necessario fôr. Serão emittidos em Londres e no Cairo, dando-se preferencia áquella das duas praças que fôr mais favoravel, mas tanto quanto possivel a deliberação do conselho de ministros de emittir 5.000.000 libras em Londres e 3.000.000 no Cairo será mantida. Em caso algum esse numero será excedido. Os «bonds» emittidos no Cairo serão pagos pelo governo em notas do Banco Nacional, especialmente feitas para esse fim; os emittidos em Londres serão pagos em ouro ou em notas do mesmo valor».

Não tendo dado resultado essas medidas para auxiliar os cultivadores verdadeiramente necessitados, o governo encarregou quatro das principaes firmas de Alexandria de comprar o algodão pertencente aos cultivadores mais pequenos o mais depressa possivel e a preços razoaveis até ao limite de 1.000.000 libras, e ao mesmo tempo fazia accordos para garantir certos adeantamentos sobre algodão pelo Banco Nacional do Egypto.

Essas medidas produziram bom effeito e o total de algodão que o governo teve de comprar foi pequeno. O mercado abriu immediatamente e na opinião de entendedores no assumpto se a decisão do governo tivesse sido tomada mais cedo ter-se-hiam evitado perdas consideraveis.

Mas se o ministerio das finanças não tomou talvez as medidas necessarias para fazer face á situação durante o periodo que se seguiu ao rebentar da guerra com os imperios allemão e austro-hungaro e que precedeu a ruptura com a Turquia, o ministerio do interior fez obra admiravel. O problema a resolver não era facil, pois era grande o numero de vassallos inimigos que havia no Egypto, além dos naturaes affectos aos turcos. Com excepção d'uma lei que dizia respeito a reuniões, não foi necessario tomar medida alguma especial. A policia fez magnifico serviço e tanto os inspectores britannicos como os egypcios affectos ao ministerio do interior vigiaram sempre cuidadosamente os provaveis agitadores, emquanto os vagabundos eram mandados para as terras das suas naturalidades.

A direcção das varias medidas administrativas para a manutenção da ordem durante os tres primeiros mezes de guerra esteve a cargo do conselheiro do interior, mr. (agora sir) R. Graham.

Apoz a proclamação da lei marcial, o official general commandante do exercito de occupação era o responsavel pela tranquillidade publica, mas as medidas tomadas «ad hoc» estavam ainda sob as ordens de sir Graham, que n'esse difficil periodo serviu bem o seu paiz e o Egypto.

As medidas militares tomadas a principio não se podem descrever minuciosamente. Em agosto a guarnição estava reduzida por causa da

embora se correspondesse com o kaiser sem conhecimento ou auctorisação dos seus chefes officiaes e fôsse até convidado para um «lunch» intimo em Potsdam para o qual o seu chefe não recebeu convite, não era «persona grata» nem para Herr Hucckêr-Jenisch, que detestava os politicos que trabalhavam na sombra, nem para o conde Bernstorff, que preferia guerra mais ás claras.

Estava, porém, em boas relações com o principe Hatzfeldt, que succedeu a Bernstorff e desde 1908 aproveitou todas as occasiões para estabelecer intimas relações com os intrigantes nacionalistas ou turcos. Depois da retirada do barão os fios da intriga allemã no Egypto foram confiados ao dr. Pruefer, um habil conhecedor do arabe, que viajára muito na Syria e que visitou os «leaders» radicaes egypcios e alguns reputados agentes panislamicos disfarçado com um traje oriental.

Barão de Schoen, embaixador allemão em Paris em 1914

Em 1911, os dirigentes do Hisb el Watani, Sheikh Shawish e Mohamed Bey Farid, fizeram um accordo com o principe Hatzfeldt, compromettendo-se a empregar toda a sua influencia junto dos dirigentes do «comité» União e Progresso em Constantinopla para se opporem a qualquer tentativa d'uma approximação entre a Gran-Bretanha e Turquia e a obterem o apoio musulmano para o Banco Allemão-Oriental. Em compensação, receberam «facilidades postaes», por exemplo o servirem-se da mala postal official allemã para a remessa de documentos compromettedores para Constantinopla, e uma subvenção em dinheiro.

Quando para os radicaes chegaram os maus dias e Shawish e Farid fugiram para Constantinopla, o agente diplomatico allemão no Egypto, o barão Richthofen, teve a audacia de propôr o dr. Prefer como candidato official allemão ao posto de director da bibliotheca khedival, logar em que teria innumeras occasiões opportunas para influenciar os estudantes e os theologos musulmanos.

A nomeação não se fez, devido á prudencia de Hishmet Pachá, então ministro da instrucção, que se não deixou enganar, e á opposição da agencia britannica. No emtanto a agencia allemã continuou a manter estreitas e amigaveis relações com Abdim e com o alto commissariado ottomano e tentou entrar em relações directas com o Sheikh es Senussi, emquanto a embaixada allemã em Constantinopla se punha em contacto com Shawish e outros radicaes exilados.

O dr. Pruefer sahiu do Egypto nos principios de 1914 e d'ahi a pouco ouvia-se falar d'elle como envolvido no caso Mors, que mais adeante descrevemos. Elle e os seus chefes, juntamente com certos residentes allemães, tinham conseguido embuir um limitado numero de egypcios e de egypcio-turcos de ideias germanophilas, limitando-se a isso os seus successos. Mais timidos e mais praticos do que os turcos, os seus amigos egypcios limitaram-se, mesmo quando os exercitos allemães estavam proximo de Paris, a simples demonstrações de sympathia, que se tornaram toda

discretas á medida que novos reforços britannicos chegavam ao Egypto.

Abdul Hamid organisara o pan-islamismo com fins defensivos. Tendo dado aos mais ferozes elementos musulmanos do seu imperio a liberdade de roubarem e até matarem os que não seguissem essa religião, julgou exaltar o prestigio do califado turco entre os musulmanos sujeitos a uma administração não musulmana de modo que a pressão exercida pelos Estados europeus em favor dos turcos christãos fosse contrabalançada pelos seus vassallos mahometanos em favor d'um califa injustamente humilhado.

No Egypto, como lord Cromer dizia em 1906, obteve certo successo: as sympathias de grande numero de egypcios estavam do lado dos turcos durante a questão Akaba. Depois da queda d'esse sultão, o «comité» União e Progresso continuou a politica do pan-islamismo, que nas suas mãos foi tomando gradualmente uma forma aggressiva, e embora a principio no Egypto não progredisse, pela mudança de politica do khediva, pela morte de Mustafá Kamil e pela indignação causada aos conservadores musulmanos pela maneira como Abdul Hamid fôra deposto, foi pouco a pouco ganhando terreno, devido aos agentes que propagavam essa doutrina.

Eram auxiliados pela geral sympathia pela Turquia quando a Italia atacou esse imperio e pela longa resistencia dos turco-arabes da Cyrenaica sob o commando de Enver Bey e de Aziz el Masri, ao mesmo tempo que Ismail Hakki, a cabeça real do alto commissariado ottomano no Cairo, estava em intimo contacto com os nacionalistas radicaes e não perdia occasião de lisongear os egypcios ricos que podiam subscrever para o fundo patriotico.

Quando Sheikh Shawish e Mohamed Farid Bey fugiram do Egypto para não serem presos, o primeiro publicou um jornal subvencionado. Os estudantes egypcios de ideas radicaes haviam tido uma recepção amigavel em Constantinopla: Wardani, o assassino de Butros Pachá, havia visitado Constantinopla em 1909 e havia-se photographado em companhia dos membros proeminentes do «comité». Depois da volta ao poder do «comité» União e Progresso sobre o cadaver de Nazim Pachá um pan-islamismo de feição mais aggressiva foi abertamente prégado pela imprensa turca e pelos membros do «comité» executivo, a que pertenciam Sheikh Salih et-Tunisi, imitador, Sheikh Salih et-Tunisi, conselheiro arabe de Enver Pachá.

Enver fundou um «Bureau arabe», que travou estritas relações com os descontentes egypcios e, sob os auspicios de Ismail Hakki, Alexandria e o Cairo tornaram-se centros de espionagem politica e de propaganda em favor dos turcos. A conspiração contra Aziz el Masri, se foi devida originariamente á inveja de Enver Pachá, foi levada a cabo por Shawish, por Sheikh Sali et-Tunisi e por certos jornalistas egypcios e beduinos, embora os melhores elementos do paiz estivessem desgostosos com a perseguição movida a esse bravo egypcio.

Muitos ulemas turcos e estudantes de Al-Azhar trabalhavam pelos interesses do «comité» entre os religiosos. Certos notaveis beduinos foram tambem abordados pelos agentes turcos, mas é interessante o facto de não se ter tentado attrahir nenhum «fellah». As relações entre a missão especial ottomana e Abdin tornaram-se mais intimas e em maio e junho de 1914 Ismail Hakki ordenou que as mollas fossem distribuidas em certas mesquitas em nome de «Es-Sultan ilii gaihn»—o sultão que está proximo a vir—uma formula de suggestionar que pelo menos alguns dos radicaes turcos sabiam que 1914 seria um anno de tensão, se não de guerra, e determinára que se aproveitasse qualquer perturbação que se desse no Egypto.

Em junho Ismail Hakki sahiu do Egypto. O rebentar da guerra em agosto pareceu aos aventureiros de Constantinopla e de Salonica magnifica opportunidade para execu-

ção das theorias do pan-islamismo á custa da «Triple-Entente». De que elles se estavam preparando muito antes da guerra com a Turquia demonstra-o o facto de Shukri Bey, alto commissario ottomano, ter recebido ordens logo que a guerra foi declarada na Europa para preparar a opinião publica no Egypto para uma invasão turca, assim como as revelações do caso Mors.

O caso Mors é simples de contar. Um allemão, o tenente R. C. Mors, da policia egypcia, foi preso, em setembro, em Alexandria, ao chegar de Constantinopla. Em seu poder foram encontrados explosivos e papeis compromettedores.

Confessou, ao ser interrogado, que havia sido apresentado pelo dr. Pruefer a Enver Pachá, com quem fallára de operações militares no Egypto. Tivera uma larga conversação com Omar Fauzi Bey, do estado maior general turco, no dia 6 de setembro. Esse official dera um plano para provocar disturbios no Egypto por bandos de malfeitores commandados por officiaes turcos e para um ataque ao canal de Suez pelos beduinos.

Enver Pachá discutira depois esse assumpto com Mors, a quem entregára explosivos para serem dados aos agentes turcos ou aos seus partidarios no Egypto. Mors foi condemnado á morte, mas a sentença, devido sem duvida ás suas importantes revelações, foi commutada.

Ainda que mais branda, a intriga turca no Egypto era mais formidavel do que a dos allemães, devido em primeiro logar aos laços religiosos que uniam o Egypto e a Turquia, e em seguida ao absolutamente immerecido prestigio do exercito turco. Esse prestigio era principalmente devido ao facto dos dirigentes turcos do Egypto terem raras vezes perdido a opportunidade de fazerem pressão ou atemorisarem os egypcios, que não haviam ainda perdido de todo o respeito pelos seus antigos senhores e se sentiam ainda lisongeados quando podiam casar com viuvas turcas.

Comtudo falhou, como falharam outras intrigas, porque a grande massa dos egypcios não tinha que se queixar de grandes aggravos e porque os turcos, como de costume, tomando os seus desejos por realidades, acreditaram que as pessoas que de quando em quando falavam contra os infieis estavam promptas a sacrificar-se pelos Talaats e pelos Envers.

As medidas economicas tomadas pelo governo logo apoz o rebentar da guerra na Europa foram diversas. As notas emittidas pelo Banco Nacional do Egypto passaram a ter curso legal obrigatorio; as bolsas e os mercados de algodão foram fechados, sendo estes ultimos reabertos no dia 7 de dezembro. O governo publicou tambem—com respeito ao pagamento de debitos—decretos concedendo moratorias, a ultima das quaes se vencia em 31 de janeiro de 1915, e nomeou commissões em cada governo e provincia para fixar o preço dos generos de primeira necessidade.

A exportação de generos alimenticios foi prohibida. Essa prohibição foi depois modificada quanto á fava, milho e painço, tendo sido permittida a exportação de uma certa quantidade d'esses generos depois de 28 de outubro.

Essas medidas não conseguiram melhorar a situação dos proprietarios e muito especialmente dos pequenos rendeiros, que viram cahir o preço do algodão a um ponto até então nunca visto. Em agosto, uma commissão algodoeira, composta de H. Higgs, inspector geral do ministerio das finanças, Dickson, vice-governador da succursal em Alexandria do Banco Nacional do Egypto, e Critchley, gerente da succursal em Alexandria do Banco Imperial Ottomano, foi nomeada pelo ministerio das finanças para tomar medidas em Inglaterra que regularisassem a situação.

Os membros d'essa commissão, que conheciam como ninguem as condições economicas e financeiras do Egypto, tiveram repetidas conferencias com auctoridades no assum-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1814—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 23 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O capitão Aragão e a guerra

Chegou hontem ao Funchal o capitão Aragão; no momento em que escrevemos, poucas horas distam já do momento em que elle entrará na capital do seu paiz. Partiu de Moçambique entre acclamações; na Madeira, o enthusiasmo popular não conheceu limites, ao avistar-se a figura energica do heroe de Naulila; em Lisboa, crêmol-o bem, recebel-o-ha uma apotheose. Acompanha-o por toda a parte um grito de alma d'um povo inteiro, para quem elle é, n'este momento indeciso e grave, a encarnação da honra nacional e da historica intrepidez da raça. Sente-se que com elle vem alguma coisa de intangivel, mas real; sente-se que vem com elle a Verdade; sente-se que vem com elle o espirito da dignidade patria, que vem com elle a aspiração fremente da desaffronta, do resurgimento do brio portuguez!

O instincto popular não se engana. Não ha muito, emquanto Aragão se conservava ainda prisioneiro dos allemães, envergando o trajo dos presidiarios—era esta a situação dos que a dictadura considerava simplesmente «internados!»—chegava a Lisboa o commandante da expedição cujas forças se bateram com os allemães em Naulila. Desapercebidamente desembarcou, não foi alvo de nenhuma manifestação, não disse uma palavra, não escreveu uma phrase, não forneceu o minimo dado sequer para a historia d'essa expedição, até ao momento em que deixou o seu commando. O povo não o procurou, o povo não se surprehendeu d'esse silencio. O povo nem mesmo conta com o famoso relatorio que esse militar está escrevendo, no que parece, com tamanha lentidão que porventura a conclusão do seu trabalho coincidirá com o fim da guerra. Por que motivo é que o povo assim procedeu? Por que motivo vibra de enthusiasmo com a chegada do militar, simples tenente, que em Naulila deu a derradeira carga sobre os allemães?

E' que o povo sabe que o commandante d'essa expedição, aliaz militar distincto, e que em outra occasião já acclamou com o maximo fervor, é um apadrinhado d'uma determinada «côterie» politica, que fez seu o jogo dos commodistas e dos cobardes, que não queriam ir para a guerra, e dos monarchicos que os alentavam para que houvesse espadas que, recusando-se a brandir-se contra o estrangeiro, se promptificassem a apontar-se ao peito da nação, para atacarem a Constituição da Republica, e implicitamente desbonrarem e apunhalarem as instituições democraticas. E em Aragão vê o homem da guerra, vê o patriota brioso, vê o republicano brioso, empenhado em que nenhuma mancha vilipendie a bandeira da Republica, que é a bandeira da nação.

E acclama-o enthusiastica, delirantemente; acclama-o como portador d'um verbo salvador e purificador; acclama-o pelo que elle fez, acclama-o pelo que elle diz. O seu gesto é já um brazão da nossa historia; a sua palavra de fé, vibrando como um clarim, annuncia eras de resgate, um futuro de honra e de prestigio.

Sobretudo, vê n'elle a testemunha irrecusavel dos factos. Reconhece-lhe uma auctoridade que ninguem ousará negar-lhe. Fala a verdade pela sua bocca joven; garante essa verdade o seu heroismo, o seu soffrimento. O que elle disser é sagrado. Vem do combate; vem dos limiares da morte; vem dos horrores do presidio em que esteve «internado», como diziam aquelles que iam reduzindo esta nação á maxima das vergonhas, e que ella varreu com o maximo do seu desprezo.

A dictadura Pimenta de Castro fez-se para a abstenção, — para a abstenção de tudo: do brio, da honra, dos mais rudimentares principios da dignidade individual e collectiva. Essa dictadura que tinha a audacia de dizer-se apoiada pelo exercito, e cuja acção consistia em deshonrar o exercito, fez-se para evitar o dever da guerra. Felizmente que depressa se comprovou que era uma mentira ignobil a affirmação d'esse apoio. Felizmente que breve se viu o exercito e a marinha, ao lado do povo, derrubando essa dictadura a tiros de canhão, a balas de espingarda, a golpes de espada. Mas durante o tempo em que ella se manteve á frente dos destinos do paiz quantas affirmações vergonhosas, quantas insinuações miseraveis se espalharam no sentido de quebrantar o espirito nacional, vibrando de indignação contra a Allemanha, inimiga de Portugal e inimiga da liberdade!

Essa dictadura procurava fazer acreditar que tinhamos sido nós os aggressores dos allemães. Houve um governo portuguez, com applauso de monarchicos, — e de republicanos!—que fez contra o seu proprio paiz a defeza hypocrita dos allemães, que o affrontavam! Esse governo lançava as culpas dos assaltos germanicos á attitude do alferes Sereno, no primeiro incidente de Naulila, não consentindo que a dignidade nacional fôsse aviltada pelos allemães que como senhores, queriam entrar no nosso territorio. E o alferes Sereno estava morto. Morrera em combate, defendendo mais uma vez o solo nacional, e era sobre um cadaver, cahido n'um charco de sangue, furado de balas allemãs, que se lançava a responsabilidade dos acontecimentos, acontecimentos occorridos em terra portugueza, que os allemães invadiram, sem que nunca os portuguezes houvessem entrado no territorio allemão!

E que diz o capitão Aragão? Diz serenamente, nobremente: «O alferes Sereno era um official digno e valente. Tudo o que se asseverou contra elle é pura calumnia. Minutos antes de ser ferido no combate de Naulila disse-me por uma forma cathegorica: «Prefiro suicidar-me a cahir nas mãos do inimigo!» E estas palavras, severas como uma sentença, cahem sobre a infamia propalada, enterrando-a no lodo moral de onde sahiu.

Que diz mais o tenente Aragão? Diz que elle e os seus companheiros sempre esperaram ser libertados pelos seus compatriotas. Não haverá faces que se tinjam de vergonha, em quanto a lingua se lhes paralisa para responder que emquanto elles esperavam que os seus camaradas, de bandeira desfraldada e espada em punho, marchassem a desaggravar Portugal e a livral-os do captiveiro, havia um governo que suspendia de facto as operações da guerra, que cumprimentava o ministro allemão em Lisboa e lhes chamava simplesmente internados, como se, n'um passeio de recreio, se houvessem aventurado no territorio allemão.

Estas vergonhas vão cessar? Emfim o grito de Aragão, clamando pela nossa participação na guerra, como unica fórma de desaggravo nacional e unico meio de prestigiar o exercito e o paiz, assegurando os seus destinos, fará terminar a situação aviltante em que ha tanto tempo nos debatemos? A chegada do capitão Aragão, vivo symbolo da Patria, tem de ser um estimulo decisivo. Tem de o ser, e rapido, e efficaz,—porque já de novo se adivinha o trabalho subterraneo dos mesmos elementos que nos levaram primeiro a um equivoco deprimente, depois a uma authentica degradação, sophismando tudo, envenenando tudo, e que se conserva na espectativa, envolta em trevas menos espessas que as da sua consciencia, á espéra de poder aproveitar o primeiro ensejo para de novo perturbar, empeçonhar, complicar, enredar, desnortear, mentir, e poder vencer, no triumpho embora illusorio de vaidades odiosas, de interesses sordidos e de paixões vis!

A'manhã todo um povo irá acclamar Aragão, o mais novo capitão do nosso exercito, penhor e esperança d'uma geração que entra nas grandes realisações da vida envolta na bandeira da Republica. Irá saudar n'elle a Patria, a democracia, a suprema fé n'um ideal de progresso e de liberdade, e a fremente aspiração da desaffronta! Iremos todos. E' necessario que o operario deixe a sua officina, o empregado o seu escriptorio, que todos ganhem o seu dia, embora parecendo materialmente perdel-o, porque com estas fortes demonstrações de caracter é que se vitalisa o espirito nacional. Mais uma vez o povo portuguez tem de affirmar que, apesar de pacifico, de trabalhador, de bondoso e compassivo, não engeita as vicissitudes das luctas armadas quando se torna preciso defender o ideal e a Patria. A sua bondade não é fraqueza. Os seus habitos pacificos não representam uma renuncia á vida das batalhas. Ha um anno que dura a guerra europeia. Quantas manifestações se teem feito em todo o paiz, todas ellas em favor da causa dos alliados e do desaggravo de Portugal! Nem uma só manifestação contra a guerra atravessou qualquer praça publica. E' tempo de se executar a vontade nacional. O grito do capitão Aragão ha de em breve repetil-o, em côro, um povo inteiro, impondo silencio ao sussurro hypocrita dos traidores e dos cobardes!

A lenta offensiva italiana

Como se explicam as grandes difficuldades da lucta travada nos Alpes austriacos

D'um notavel critico militar, em artigo datado de ante-hontem:

Os exercitos do general Cadorna continuam lenta e methodicamente, economisando vidas e prodigalisando projecteis, as suas operações em torno das praças fortes—Trento, Roverto, Tarvis, Tolmino, Gorizia—que constituem a barreira defensiva dos Alpes austriacos.

Essa barreira, hoje defendida por meio milhão d'homens, é verdadeiramente formidavel. Não se trata d'uma contenda de grandes manobras ou de linhas parallelas, mas d'uma lucta singularissima que participa do duplo caracter da guerra de montanha e da guerra de sitio. Forçar desfiladeiros, escalar cumeadas que se cobrem de neves eternas, levar canhões a picos inaccessiveis e ao mesmo tempo bombardear fortes, assaltar reductos blindados, descobrir baterias occultas cujo fogo anonymo desorienta e impede os avanços, repellir sortidas,—eis a tarefa titanica dos exercitos italianos. Dia a dia teem chegado exercitos inimigos, tirados d'outras partes. Os cincoenta mil reservistas que havia em maio entre Itelvio e o mar, decuplicaram-se. E a defeza protegida pela natureza e pela arte, prolonga-se semanas e semanas, com grande assombro dos que criam que os italianos faziam marchas triumphaes em territorio austriaco. Nunca participámos d'essa opinião. Já dissemos nos primeiros artigos que dedicámos á iniciação das operações nos Alpes que a fronteira imposta ao reino de Italia pela Austria-Hungria, sendo altamente favoravel para a segunda nação, obrigaria os batalhões de Cadorna a soffrer um ataque violento no seu proprio territorio. A circumstancia da Austria, por occasião do rompimento das hostilidades, comprometida na reconquista da Galicia, não poder retirar soldados da frente russa, evitou ao Veneto e á Lombardia os horrores da invasão. E as vanguardas de Cadorna, sem esperar que terminasse a mobilisação, penetraram em paiz austriaco e fecharam os caminhos que podiam servir á Austria para lançar as suas divisões sobre as planicies que outr'ora foram suas.

*

Sem prejuizo de estudar em breve as operações italianas, desde Montenero á fronteira helvetica, vamos occupar-nos hoje do succedido na linha do Isonzo.

Começaremos por dizer que Gorizia não é atacada, mas envolvida. Querem os italianos apoderar-se completamente do Carso, ao sul, e do planalto do Isonzo superior, ao norte, e unir logo as suas columnas por detraz da praça, de modo que esta fique encerrada n'um circulo de ferro. Esperam que o commando austriaco se apressará a evacual-a, apenas veja que a guarnição corre perigo.

Opera no Carso, de Gorizia ao mar, o terceiro exercito, confiado á direcção do duque de Aosta, que tomou, a principio, Gradisca e Monfalcone, atravessando audazmente a região do baixo Isonzo, tão difficil e propicia á resistencia. O dito exercito é hoje senhor da primeira linha austriaca, desde que se installou no Monte S. Miguel (275 metros de altura), no monte Sei Busi (118) e em frente de Doberdo.

O Carso, como explicámos opportunamente, é uma região que maravilha os geologos. Um d'elles comparava-a, graphica e exactamente, a uma immensa esponja que se houvesse petrificado de subito, conservando todos os seus póros. Innumeros buracos afunilados cortam a sua superficie, na sua maioria devidos á ruptura das capas calcareas que cobriam as cavidades subterraneas, tão abundantes nas entranhas do planalto. N'outros tempos, a infiltração das aguas era estorvada pelos bosques. Actualmente não ha arvores no Carso. A' desapparição dos bosques seguiu-se logicamente a da terra vegetal, e hoje o Carso é um deserto de rocha nua, de solo atormentado, cahotico, crivado de perfurações estranhas e eriçado de cristas que formam entrincheiramentos naturaes de primeira ordem.

A 26 de julho, os italianos, n'uma batalha muito encarniçada, em que fizeram alguns milhares de prisioneiros, conquistaram a frente inimiga de S. Miguel-Sei Busi. A 28 chocaram com a segunda linha e começaram a bombardeal-a. A 6 de agosto, romperam-na, apoderando-se das obras fortificadas conhecidas por Il Trincerose, a oeste da povoação de San Martino.

Essa povoação ergue-se a 197 metros de altura. Os italianos, assim que a tomaram, começaram a descer pelas encostas de Doberdo e chegaram perto d'essa posição austriaca. Detiveram-se e installaram-se solidamente, limitando-se a repellir com energia as offensivas parciaes dos seus adversarios.

No planalto do Alto Isonzo, muito mais elevado que o do Carso, as operações teem sido egualmente interessantissimas. Tem elle uma saliencia para o lado de Plava. O esporão externo que ha em frente de Plava (de 162 metros) é denominado monte Kuk.

A 9 de agosto, um communicado de Cadorna dava a noticia de que tinham sido tomados os entrincheiramentos adversarios de Palievo, na vertente septentrional do Kuk. Pouco depois os italianos apoderavam-se d'outras defezas no lado sul (Zagora). Affirmavam-se assim na saliencia de Plava, desde Descla a Zagora, n'uma longitude d'uma legua. Os austriacos, a não receberem grandes effectivos, sacrificando-os em investidas cruentas, não podem aspirar a que os seus contrarios evacuem as posições da margem oriental do Isonzo.

De ha seis ou oito dias a esta parte, Cadorna, suspendendo provisoriamente a sua offensiva de Gorizia e da região do Wippach, ataca vigorosamente na Carniola e no Trentino. Especialmente lucta por apoderar-se das collinas de Santa Maria e Santa Luzia (zona de Tolmino). Na margem direita do Isonzo. As suas columnas dão tambem mostras de grande actividade aggressiva no Livinallongo e n'outros valles do sector central.

Os allemães na Russia

Em Riga perdem dois cruzadores e oito torpedeiros e abandonam o golfo — Novo Georgiewsk perdida — Cem barcos turcos afundados

PETROGRADO, 22. — Segundo uma communicação do estado maior, no dia 16 do corrente a esquadra allemã renovou os seus ataques contra o golfo de Riga; aproveitando-se do nevoeiro, no dia 18 passaram o golfo forças consideraveis inimigas, continuando os nossos navios a oppôr-lhes resistencia.

Nos dias 19 e 20 o inimigo soffreu perdas sensiveis e no dia 21, em vista das suas perdas e considerando a esterilidade dos seus esforços, o inimigo evacuou o golfo, tendo perdido dois cruzadores e pelo menos oito torpedeiros.—(*Havas*).

PETROGRADO, 22.—Official.—A esquadra inimiga abandonou o golfo de Riga.

Na linha de batalha, em terra, estão travados combates parciaes. Continuamos a offensiva do inimigo a oeste de Gochedary na região de Bielsk, de Wradowa a Pichtoba. Nas outras linhas de combate não houve modificação alguma.

A situação da fortaleza de Novo Georgiewsk tornou-se de tal modo difficil, no dizer dos nossos aviadores, que não ha razão para esperar qualquer resistencia por parte da guarnição.

No Mar Negro destruimos 100 barcos de vela turcos.—(*Havas*).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Serviços de justiça

Revedores e fardas

Alguns funccionarios de justiça procuram amanhã o titular da respectiva pasta para lhe solicitarem um projecto de lei creando logares de revedores nas comarcas para o effeito de estudarem o processo antes de irem á conta e terminarem com os caminhos em geral.

Sabemos que esta ideia não é apoiada pela maioria dos funccionarios de justiça porque o logar de revedor será mais um encargo para os litigantes e essas funcções já eram exercidas pelo juiz, pelo ministerio publico e pelo contador e quanto a caminhos, essa suppressão affecta profundamente os officiaes de justiça das pequenas comarcas, que d'ahi principalmente auferem os meios de subsistencia.

Tambem se representa para que os officiaes de justiça possam usar farda agaloada.

Confiamos em que o sr. ministro da justiça, com o bom senso e criterio que o caracterisam, cortará de entrada estas pretensões que causa alguma justifica, a não ser o pensamento de mais logares, com que os litigantes já não podem, e a luzilação de fardas, de molde a provocar sorrisos.

"Colombine,, está em Lisboa

A illustre escriptora e jornalista hespanhola vem proceder a um inquerito entre nós

Carmen de Burgos y Seguí, a illustre escriptora e jornalista hespanhola que ha uns poucos de annos vem firmando algumas das mais brilhantes chronicas publicadas pelo «Heraldo» com o pseudonymo de Colombine, chegou hoje a Lisboa, depois de ter passado alguns dias na Figueira da Foz.

A nossa hospede é uma das mais interessantes figuras da Hespanha intellectual contemporanea. Quando o seu nome surgiu na imprensa, subscrevendo a nota emotiva do dia, a sua individualidade, já accentuadamente vincada pelo desassombro com que commentava os mais graves problemas politicos e sociaes, tornou-se alvo de muitas discussões, não tendo, decerto, a seu favor a opinião dos reaccionarios. Mas, como todos os talentos privilegiados, como todas as almas de eleição, ao lado de um insignificante punhado de detractores, avultaram em volta de Carmen de Burgos os fanaticos, aquelles que crearam a atmosphera de carinhos e de estimulos em que ella tem feito a sua obra. Quatorze annos apenas de vida litteraria, e essa actividade vertiginosa, febril, que escreveu «Los inadaptados», os «Cuentos de Colombine», as «Cartas sin destinatario» (impressões de viagem), «En la guerra», «La voz de los muertos», «Giacome Leopardi», «La mujer en España», «Al Bacon», o «Abogado» e ainda varios arranjos e traducções de joias de arte de inestimavel valor.

Em todos os livros de Colombine ha um grande rigor de observação, que as suas poderosas faculdades de estylista vestem de côr e de brilho, sem, todavia, conseguirem dissimular as linhas puras da verdade. E' que Carmen de Burgos, romancista, contista, philosopha, como nos dialogos «La voz de los muertos», critica como em «Giacomo Leopardi», é sempre a redactora do «Heraldo», em cuja reportagem ganhou as esporas de oiro.

E' tambem a reporter que nos apraz falar, quando procurámos hoje Colombine no hotel onde se encontra hospedada. Conversa, n'esse momento, com Ana de Castro Osorio que ali lhe foi apresentar os seus cumprimentos de boas vindas.

A nossa illustre hospeda acolhe-nos com a mais requintada gentileza e a nossa conversação recahe logo sobre as suas viagens, sempre magistralmente reportadas no popular jornal madrileno:

—E' verdade. A minha ultima viagem pela Europa foi em extremo accidentada. Quando a guerra foi declarada, encontrava-me eu em Hamburgo. Os allemães tomaram desde logo precauções contra todas as pessoas que tinham cabellos negros e, como eu estou n'esse numero, fui immediatamente olhada como inimiga...

—Como assim?

—Queriam á viva força que eu fosse russa e soffri, por isso, muitos maus tratos. Finalmente, no porto de Hamburgo, appareceu um pequeno vapor hespanhol. Foi a nossa salvação. Todas as familias hespanholas que, então, estavam n'aquella cidade se refugiaram ali, apesar do barco não offerecer condições algumas de commodidade. Dois dias depois demandavamos a Inglaterra.

—E na Inglaterra?—perguntámos com ancieda le.

—Na Inglaterra,encontrámos a atmosphera de tranquilidade e de confiança que nos faltou em Hamburgo, mas surgiram complicações de outra ordem. Todo o cinheiro que traziamos era allemão e os inglezes recusavam-se terminantemente a acceital-o. Dirigi-me então ao consul de Hespanha que deu todos os passos para eu voltar ao meu paiz.

—E viaja muito?

—Sim, muito: uma vezes por iniciativa propria; outras por incumbencia especial do meu jornal e ainda, por duas vezes, commissionada pelo governo hespanhol para estudar a situação da mulher nos differentes paizes europeus.

Agora, Carmen de Burgos, simples e insinuante, «doublé» de senhora e artista, faz passar pelo nosso espirito as grandes figuras politicas e litterarias que tem conhecido nas suas viagens. Fala-nos da rainha Helena, de Italia, traçando com ternura o seu doce perfil de mulher e cultora da arte; refere-nos a gravidade da côrte belga, onde se destaca esse bello vulto da rainha Isabel e, por ultimo, conta-nos da sua entrevista com o papa Pio X.

—Esta entrevista—diz-nos Colombine—não agradou a muitos catholicos. Accusaram-me de ter encarado Pio X mais como homem do que como santo. Mas que querem? Eu sou reporter e tenho de trazer os olhos mais fitos na terra e na humanidade...

O tempo corre e entendemos, por isso, interrogar Colombine sobre assumptos candentes.

—Como encara presentemente a Hespanha e a nossa situação?

—Portugal é visto no meu paiz através de duas corrente de opinião: os intellectuaes, os que amam a evolução das ideias e a emancipação das consciencias, são amigos da Republica; quanto aos reaccionarios, lamentam a perda da monarchia... Estes ultimos são tambem, como é sabido, germanophilos...

—E ha na Hespanha muitos germanophilos?

—Infelizmente, ha. Os reaccionarios são todos pela Allemanha, havendo ainda quem o seja por interesse particular...

—A sua visita ao nosso paiz é de recreio ou de estudo?

—Tem ambos os fins. Venho gosar o bello céu de Portugal, este ambiente amigo, e, ao mesmo tempo, entrevistar os vultos em evidencia na politica, na sciencia, na arte...

—E' a unica senhora que trabalha como profissional na imprensa hespanhola?

—Dentro do jornal, partilhando das responsabilidades e das garantias concedidas aos outros redactores, sou eu a unica. Apparece, porém, agora um nome que é indiscutivelmente uma promessa para a reportagem dos jornaes hespanhoes: Georgina Michel, muito nova ainda, mas muito talentosa e habil.

—E o meio litterario feminino em Hespanha que nomes tem na vanguarda?

—A condessa de Pardo aBzan, uma grande mentalidade, mas com pouco sentimento; Blanca de los Rios, um espirito muito brilhante e culto; Magdalena Fuentes, uma formosa alma voganio dernamente por grandes ideias.

Ao despedirmo-nos de Carmen de Burgos, a brilhante chronista do «Heraldo» diz-nos graciosamente:

—Não se esqueça de dizer no seu jornal que a Republica Portugueza tem muitos amigos em Hespanha e que se numero pertencem os periodicos «El Liberal» e o «Heraldo», a cuja redacção me orgulho de pertencer...

Carmen de Burgos tenciona demorar-se em Lisboa até ao fim do mez, vindo acompanhada de sua gentilissima filha Maria Alvarez que tenciona na proximo curso de declamação do Conservatorio de Madrid.

REGIÕES DE TURISMO

Em volta da cidade universitaria

Coimbra precisa de crear hoteis e melhorar as estradas, diz o presidente do municipio

Em todas as estações do anno, a velha cidade universitaria possue encantos especiaes para attrahir o forasteiro, mas, em nenhuma, como na que presentemente decorre, Coimbra offerece mais interessantes aspectos naturaes a quem a visita. A cidade do Mondego, com as suas ferias escolares, vê-se agora privada da sua população academica, que representa o bulicio, o sangue moço da tradicional lusa Athenas, mas, em compensação, a velha cidade das sebentas apparece, n'esta altura do anno, aureolada pelo esplendor do um sol creador e rodeada da mais bella, verdejante e luxuriosa vegetação que é impossivel encontrar em qualquer outro rincão da terra portugueza.

Quando a industria do turismo fôr n'este paiz um valor effectivo, Coimbra com as suas bellezas naturaes, com o extraordinario prestigio da sua tradição, collocada n'uma situação privilegiada, no caminho das peregrinações cosmopolitas, tornar-se-ha o centro de irradiação para todos aquelles que venham a Portugal colher o saboroso fructo d'uma viagem de prazer. Coimbra é ainda uma das

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—23-8-915

CHRONICA MUSICAL

Trovadores do seculo XII

Nas sete chronicas anteriores analisámos summariamente os principaes generos lyricos cultivados pelos musicos-poetas dos seculos XII e XIII, chamados trovadores e troveiros. Estes nomes significam *compositor* ou melhor *inventor*.

As palavras *trobar*, em provençal, *trover*, em francez, correspondem no francez actual a *trouver*, achar, encontrar; *trobador* (nominativo *trobaire*), e *trover* (nominativo *trovere*) designam o que *acha*, isto é, o que *inventa* a lettra (*motz, mos*) e a musica (*note, son*) de canções.

Analisados os generos em que estes *inventores* se exercitaram, restanos falar dos principaes dentre elles, especialmente d'aquelles cuja obra está mais estudada e vulgarisada em edições criticas. Não falaremos senão dos compositores cujas melodias chegaram até nós, pondo de parte aquelles de quem apenas se conhecem as poesias. De quarenta trovadores e cerca de duzentos troveiros se conservam as composições melodicas, sem contar os anonimos e aquelles cujos nomes se perderam. D'estes trovadores possuimos duzentas e sessenta canções com a sua notação musical e dos troveiros perto de duas mil. Esta importante differença numerica provém do facto de serem muitos os cancioneiros em que se encontra a obra dos troveiros, de modo que uma poesia a que falta a melodia n'um, facilmente se acha n'outro com a notação musical, emquanto a obra dos trovadores apenas existe com a sua parte melodica no cancioneiro La Vallière da Bibliotheca Nacional de Paris e n'um outro que pertence á Bibliotheca Ambrosiana de Milão.

Guilherme VII, conde de Poitiers e duque da Aquitania (1071-1127) é o mais antigo trovador de que temos conhecimento, conservando-se apenas d'elle uma canção com musica. Cercalmon, de quem nenhuma melodia subsiste, segue-se-lhe immediatamente e Marcabru, que compoz até 1147, deixou quatro poesias acompanhadas da sua notação musical: Aubry, de collaboração com Jeanroy e Dejeanne, editou-as em 1904 sob o titulo de *Quatre poésies de Marcabru, troubadour gascon du XII.e siècle*.

São estes os tres mais antigos poetas lyricos de nome conhecido.

Jeanroy divide a epocha dos trovadores e troveiros em tres periodos, o primeiro dos quaes termina em 1190.

N'este periodo, além dos trez já citados, outros trovadores nos deixaram as suas canções completas, isto é, com lettra e musica. Citaremos em primeiro logar Jaufre Rudel, o lendario heroe melancolico, apaixonado pela princeza longinqua, que elle nunca vira; Berenguier de Palazol, de quem nos diz a *Biographia dos trovadores* que *trobei bonas cansons*, compoz boas canções, oito das quaes se conhecem; e Bernart de Ventardorn ou Ventadour, filho de uma pobre forneira de um solar, mas que apesar d'isso, diz ainda a *Biographia*, *bels hom era e adreyz e saup ben cantar e trobar et era cortes et ensenhatz*, era bonito e habil e sabia bem cantar e compor e era cortez e instruido; das dezenove canções que nos legou, é celebre a canção *Quan vei la lauzeta mover*.

Rambaut d'Orange, que produziu as suas canções de 1150 a 1173, foi um bom trovador, mas apenas uma das suas melodias se conserva.

Finalmente, o mais falado dos trovadores d'este periodo, posto que a sua obra musical seja de pouca importancia, foi o turbulento Beltrão de Born, immortalisado por Dante, e a quem já nos referimos. Toda a sua vida foi uma intriga constante, alternando-se as intrigas amorosas com as intrigas politicas; as suas paixões succediam-se: era Mathilde Talleyrand, senhora de Montagnac, era Guichardo de Comborn, era Tibour de Montausier, era outra Mathilde, duqueza de Saxo, e ainda outras. Mas acima das paixões amorosas tinha Beltrão a paixão politica, sendo a principal preoccupação da sua vida lançar a sizania entre os filhos de Henrique II Plantagenet; na questão entre Ricardo e Henrique, Beltrão tomou o partido d'este contra aquelle; mas quando, em 1183, Henrique morreu, e Ricardo se apoderou do solar de Hautefort, que pertencia ao trovador, este mudou completamente de opiniões, procurando captar as boas graças de Ricardo, o que conseguiu, rehavendo os seus bens. Por fim, recolheu-se á abbadia cisterciense de Dalon.

Taes são os trovadores d'este periodo de quem nos restam composições musicaes; muitos outros viveram n'esta epocha, egualmente poetas-musicos; mas, pela razão que já apontámos, nem uma das suas melodias nos chegou.

Vê-se, pois, que desde o começo do seculo XII, a França do sul estava de posse de uma civilisação poetico-musical desenvolvida; pelo contrario, na França do norte, além do Loire, só na segunda metade d'esse seculo apparecem os primeiros troveiros.

Muito se tem escrito ácerca da penetração da arte trovadoresca na França de lingua de *oil*, e varias teem sido as hypotheses apresentadas para determinar o caminho seguido e explicar o contacto das duas civilisações.

Segundo uns, esse contacto ter-se-hia dado n'uma zona intermediaria, constituida pelo Limousin e o Poitou; segundo outros, foi a longa convivencia dos homens do sul e do norte, durante a cruzada de 1147, que fez que estes aprendessem a arte d'aquelles; outros ainda vêem como factor importante a influencia das duas filhas de Eleonora de Aquitania, Maria, condessa de Champagne, casada com Henrique I de Champagne, o Aelis, casada com Tibaldo de Blois, que teriam levado para as suas côrtes o gosto da arte provençal.

O que é certo é encontrarmos frequentes vezes trovadores em côrtes do norte, como depois se encontram troveiros em côrtes do sul; ha mesmo exemplos de debates em que um dos interlocutores é do norte, outro do sul.

Natural é que todos estes factores tivessem contribuido para estabelecer as relações artisticas entre as duas Franças, mas decerto os principaes portadores da arte trovadoresca foram os jograes; a importancia d'estes almocreves da arte é sufficientemente grande e elles mesmos excessivamente curiosos para que mereçam uma chronica especial; por isso não nos deteremos agora n'este ponto.

Os mais antigos troveiros que nos deixaram obras completas foram Christiano de Troyes e Gautier d'Epinal, o primeiro poucas, o segundo vinte canções. A obra poetica foi editada em 1891 e 1896 por Brakelmann com o titulo de *Les plus anciens chansonniers français*.

O castellão de Coucy é um dos mais conhecidos troveiros, cujas canções, seguidas da musica e com acompanhamento de piano, foram publicadas por Fornè em 1830.

Blondel de Nesle é um dos troveiros a cujo respeito mais lendas se formaram e correram: o recente livro de Leo Wiese, *Die Lieder des Blondel de Nesle*, reduz esses contos á sua verdadeira proporção.

Mas o troveiro que n'este periodo mais se impõe á nossa admiração é Conon de Béthune: d'uma alta intellectualidade, Conon era ao mesmo tempo poeta, musico, orador, homem de bom conselho, tendo exercido cargos importantes e difficeis nas cruzadas em que tomou parte: na excellente edição *Chansons de Conon de Béthune*, publicada em 1891 por Axel Wallensköld, faz-se uma optima biographia d'este troveiro, que foi o quinto filho de Roberto V de Béthune; Conon morreu por 1220.

São ainda dignos de menção, Gace Brulé, admiravelmente estudado por Gédéon Huet na sua obra *Les Chansons de Gace Brulé*, Gautier de Dargies, que manteve relações litterarias com Gace, e finalmente Huon d'Oisi, parente e mestre de poesia de Conon de Béthune.

Eis os nomes d'aquelles que, durante o seculo XII, mais alto levaram a perfeição technica da arte lirica.

Humberto de Avellar

…poucas cidades portuguezas que mais teem feito, pelas energias proprias, por se collocar á altura d'essa situação. Uma sociedade de defesa e propaganda emprehende todos os esforços para conservar todas as maravilhas naturaes e promover dentro do possivel os necessarios melhoramentos materiaes. Tem além d'isso o primeiro municipio do paiz, pois, como todos sabem, á edilidade conimbricense se devem os inicios da municipalisação dos diversos serviços citadinos. A velha cidade universitaria fez quanto os seus recursos lhe permittiam para se tornar um centro de turismo. As dificiencias, que ainda infelizmente são muitas, terão de ser remediadas por medidas excepcionaes, que lhe levem novos recursos.

—O que lhe falta—diz o sr. dr. Silvio Pelico, presidente da commissão executiva do municipio, que se dignou acolher com extraordinario gentileza o representante d'*A Capital*,—é que os poderes publicos lhe não cerceem os seus rendimentos e todas as entidades officiaes correspondam aos bons desejos da cidade que tudo tem feito para progredir e desenvolver-se. Não tem acontecido, porém, assim e, como se esta vereação dispuzesse de fartos recursos, teve de pagar as installações da guarda republicana, que era um serviço de grande necessidade. A municipalidade conimbricense tem procurado honrar as suas tradicções administrativas. Empenhou-se em concluir as obras da Abegoaria e logo que se desembarace de encargos anteriores, procurará dotar a cidade com um mercado conveniente, substituindo a modestissima istallação actual.

Para as suas necessidades proprias, continúa dizendo o sr. dr. Silvio Pelico, Coimbra não está de todo mal. Mas como nenhuma cidade se deve contentar com as exigencias locaes, esta precisa, especialmente, que lhe melhorem os meios de communicação. O serviço de comboios que servem a cidade para os pontos do turismo, como sejam o Bussaco, a Lousã e a Figueira, é difficientissimo. Melhorar esses serviços não está na alçada do municipio, bem como lhe não cabe a ella regulamentar o jogo, que viria espalhar a prosperidade por toda esta privilegiada região, visto que essa industria é o maior impulso do turismo.

Coimbra é talvez a cidade melhor arborisada de Portugal e os jardins publicos merecem ao municipio os mais attentos cuidados. Todavia, as estradas que ligam Coimbra a outras localidades, notaveis pelo seu pittoresco, reclamam a attenção do Estado, porque nas actuaes circumstancias são indignas de ser percorridas pelos forasteiros. Torna-se tambem evidente a necessidade de novos hoteis, pois os que existem na cidade, alguns installados já muito convenientemente, não chegam para o numero de visitantes da cidade, principalmente em occasiões de maior movimento.

Ora, quando estas necessidades se fazem sentir agora, que a affluencia de forasteiros é diminuta, a não ser nas festas da cidade, o que não seria se a cidade ficasse sendo, como será natural, o grande centro de irradiação de turismo? Pois é para attender a essas necessidades que urge dotar a cidade com os indispensaveis melhoramentos e commodidades, uns levados a cabo pela iniciativa municipal, outros produzidos pelo esforço particular, aqui tão cheio de nobreza e de patriotismo. Confiemos n'uma e n'outra coisa, e Coimbra n'um futuro proximo alcançará definitivamente um dos primeiros logares entre os grandes centros de turismo.

Dr. Bernardino Machado

A Editora, Limitada, do largo do Conde Barão, acaba de pôr á venda um magnifico retrato do presidente eleito da Republica, obra que honra aquella casa e cujo preço é de extrema modicidade, pois apenas é de $10.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Tutoria

D'esta revista mensal sahiu o numero referente ao mez passado, trazendo variada collaboração, entre ella dos srs. Fernão Botto Machado, Adolpho Coelho e Pedro de Castro.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Partiu para o Gerez com sua esposa e filhos o illustre pintor sr. José Velloso Salgado.

—Chegaram hoje a Lisboa os srs. dr. Alexandre Braga e Vasconcellos Porto.

—Faz hoje annos o sr. Raul Mesquita, funccionario da camara municipal de Setubal.

—Partiu para o Bom Jesus o sr. dr. Armando de Almeida Prisco.

—Está em Lisboa o sr. Aquilino Ribeiro.

—Partiu para Luso, com pouca demora, o sr. Barbosa Colen.

—Partiu para Curia com sua esposa e filha o sr. general Elias Ribeiro.

—Está na Outra-Banda com sua familia o sr. Anselmo Vieira.

—Com sua esposa e filha, seguiu para S. Martinho do Porto o sr. dr. Joaquim Köpke.

A questão corticeira

A propaganda em favor do projecto apresentado pela Federação Nacional

A Federação Nacional Corticeira está-se reorganisando, tendo já recebido muitas adhesões. Um dos seus delegados, com quem nos encontrámos, elucida-nos ácerca dos trabalhos effectuados para tal fim, a fim de se conseguir a approvação do projecto de lei e do regulamento, que em breve vae ser presente ao parlamento.

—Qual o fim que os levou a elaborar esse projecto de lei?

—Para os que desconhecem a importancia que tem a industria corticeira em Portugal, parecerá talvez coisa insignificante, porém nós, que sabemos bem o que ella vale, não podemos deixar de empregar todos os esforços para desenvolver esse importante ramo da nossa riqueza nacional. Distribuimos o projecto e o regulamento por todas as associações corticeiras do paiz, a fim de que o apreciem devidamente. Estâmos certos de que elle será bem acceito e apenas soffrerá ligeiras emendas e modificações, que em nada alterarão a sua essencia, pois que o consideramos um dos melhores trabalhos que a Federação Nacional corticeira tem effectuado. Esse projecto de lei não só representa o inicio d'um largo desenvolvimento da industria corticeira, como ainda abrange toda a nossa producção nacional. Não são só os operarios corticeiros que o acceitam e apoiam, mas tambem os pequenos industriaes corticeiros, que veem n'elle o começo da sua libertação economica.

—E de que meios de propaganda pretendem lançar mão para interessar aquelles a quem esse projecto possa ser util?

—Publicar na imprensa diaria artigos elucidativos do que vale a industria corticeira e do que podia valer no futuro se os governos lhe dessem uma decidida protecção. Agitar nas terras onde ha fabricas de cortiça esta questão, chamando em seu auxilio as camaras municipaes e as juntas de parochia, levando-as a representar o governo no sentido das nossas reclamações. Entendo que se deviam effectuar sessões de propaganda ás quaes deviam ser chamados os proprietarios dos montados de sobreiros que até hoje, por uma errada comprehensão, nos teem sido contrarios, prestando-lhes todos os esclarecimentos indispensaveis a vir esclarecel-os, convencendo-os de que os nossos interesses são tambem os seus. Pensamos já em effectuar conferencias publicas nas associações de agricultura, industrial e commercial, pondo em relevo a necessidade de unirem os seus aos nossos esforços para obtermos a realisação dos nossos desejos.

—E contam já com elementos estranhos á industria corticeira que os auxiliem nos fins que teem em vista?

—Contamos com o auxilio d'alguns deputados para approvar o projecto de lei, entre os democraticos e evolucionistas, e com o deputado socialista. Algumas camaras municipaes e juntas de parochia já se estão manifestanto a nosso favor: portanto, não estamos sós em campo. Outras entidades nos auxiliam ainda nas nossas intenções, por isso estamos convencidos de que o projecto não encontrará grande opposição, tanto mais que interessa a todo o paiz.

Presos por questões sociaes

Pedindo a sua libertação

A commissão que trabalha pela libertação dos presos por questões sociaes não affrouxa nos seus trabalhos e está resolvida, ao que nos affirmou um dos seus membros o sr. Jeronymo de Sousa, a agitar todas as classes trabalhadoras, a fim de que sejam postos em liberdade João Gonçalves Tormenta, Silverio Marques e Carlos Augusto da Silva.

O primeiro é accusado de ter sido o auctor da morte do administrador da Moita, Cabedo, mas contra elle, diz-nos o sr. Sousa, nada se apurou de positivo. Silverio Marques matou um guarda republicano que por occasião, d'uma gréve de ruraes entrou em sua casa com o fim de o prender, maltratando-lhe a esposa. O ultimo é o *chauffeur* que no largo de Santa Marinha foi encontrado guiando um automovel do qual se affirma ter sido lançada uma bomba contra o policia 1111, que o victimou.

A commissão tem realisado sessões de propaganda em todos os bairros de Lisboa, onde já foram effectuados sete comicios, trez no Porto e Gaya, além de conferencias, palestras e sessões em differentes terras da provincia. Varias representações teem sido entregues ao governo e ao chefe do Estado já tambem foram entregues duas.

Dos implicados na gréve geral de 1912, apenas está preso o operario Tormenta, tendo sido postos em liberdade, mercê dos esforços da commissão, todos os outros. A commissão conta com que, para alcançar os fins humanitarios a que visa, seja approvado o projecto de lei de amnistia que o deputado socialista sr. Costa Junior já apresentou ao parlamento.

A commissão, segundo nos diz o sr. Sousa, continuará trabalhando sem descanço por que esses operarios sejam restituidos ao convivio social.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Approva-se uma proposta de homenagem aos heroes de Naulila

E' o sr. Azevedo Coutinho quem, preside. Secretarios, os srs. Balthazar Teixeira e Alfredo Soares. Approva-se a acta e lê-se o expediente e iniciam-se os trabalhos depois d'uma segunda chamada. O sr. Martins Cardoso agradece o voto de sentimento da Camara pela morte de sua mãe. O sr. Eduardo de Sousa protesta contra apprehensões injustas feitas pela guarda fiscal em Penafiel de cordões a que só forçadamente póde admittir-se possa dar-se a applicação para isca. Faz-se echo d'uma reclamação da Associação Commercial d'aquella cidade e responde-lhe o sr. ministro da justiça.

O sr. Costa Junior diz que o tribunal de arbitros avindores de Gaia não reune desde janeiro, por os delegados da pauta patronal não quererem tomar posse, havendo por julgar 29 processos. Pede ainda providencias contra o facto do delegado de Tavira não cumprir uma sentença que contende com os caminhos de ferro do sul.

O sr. Alfredo Ladeira justifica largamente um projecto de lei sobre a regulamentação das horas de trabalho. O sr. presidente participa o fallecimento do sr. Baldaque da Silva, senador, que não chegou a tomar posse, propondo que na acta se lance um voto de sentimento e que se communique ao Senado essa manifestação de pesar. Associam-se os srs. Ribeira Brava, Vasco de Vasconcellos, Francisco Cruz e Costa Junior. A proposta da presidencia é approvada.

O sr. Luiz Derouet propõe que se approve um voto de congratulação pelo regresso á patria do capitão Aragão e que a Camara se faça representar amanhã á chegada do vapor *Africa*. O sr. Alexandre Braga associa-se com o maior enthusiasmo á proposta alludida e diz que na homenagem se deve pôr de lado o partidarismo. Trata-se de prestar homenagem áquelle que n'um momento critico salvou a honra da Patria, da Republica e do exercito. Por isso, com a mais inabalavel fé nos destinos da Patria e no futuro do exercito, associa-se, em nome da maioria, á proposta que acaba de ser apresentada á camara. O sr. presidente do ministerio associa-se em nome do governo dizendo que todas as homenagens são devidas aos heroes de Naulila. Pelos evolucionistas associa-se o sr. Mesquita de Carvalho e pelos unionistas o sr. Moura Pinto. A proposta é lida na mesa e o sr. Alexandre Braga, voltando a falar, diz que seria injustiça esquecer todos os que combateram e por isso, concordando com o modo de ver das opposições, acha que as saudações e homenagens da Camara devem ser para todos e se só ao capitão Aragão se referiu é porque esse official a todos simbolisa. A proposta é em seguida approvada por unanimidade.

O sr. Mello Barreto pede providencias para a crise de trabalho que está angustiando o concelho de Mondim de Basto por causa da paralisação das minas que ali existem, e cuja exploração parou. Crê que o sr. ministro do fomento tomará na devida conta as suas palavras e procurará minorar a situação dos mineiros de Mondim de Basto, um dos concelhos mais desprotegidos do paiz, que não tem viação e nem sequer está ligado por uma estrada á capital do districto. O sr. ministro do fomento promette estudar o assumpto e providenciar. O sr. Gaudencio Pires de Campos pede que se auctorise a exportação de gado caprino e lanigero, para o qual, sobretudo no Alemtejo, estão faltando as pastagens, o que implica a morte pela fome do gado que houver a mais e do outro, vindo assim os creadores e o paiz a soffrer graves prejuizos. O sr. ministro das finanças responde que se tem occupado do assumpto, não tendo, porém, adoptado providencias sem ouvir os competentes.

Ao entrar-se na ordem do dia, o sr. Urbano Rodrigues requer que se discuta o projecto que auctorisa a transferencia para Londres do adido militar de Berne ou do de Madrid. E' approvado. O sr. Almeida Ribeiro entende que deve reclamar-se a presença do sr. ministro dos estrangeiros e n'esse sentido apresenta um requerimento que o sr. U. Rodrigues combate, dizendo que o sr. ministro dos estrangeiros lhe declarou, ha pouco ainda, que estava d'accordo com o projecto. O sr. Victorino Godinho acha que a presença do sr. ministro dos estrangeiros é indispensavel, sobretudo agora, depois das palavras do sr. Urbano Rodrigues. O sr. Pereira Bastos declara que só votará o projecto desde que os srs. ministros da guerra e dos estrangeiros o declarem necessario, como votará quantos adidos militares os mesmos ministros reclamem. Posto á votação, o requerimento do sr. Almeida Ribeiro é approvado, sendo o projecto retirado da discussão. O sr. ministro do fomento manda para a meza uma proposta de lei auctorisando o governo a modificar a organisação actual dos serviços de estudos e ensaios de materiaes de construcção.

Na ordem do dia, prosegue a discussão do orçamento do ministerio do fomento. O sr. Sá Pereira refere-se ao pessimo estado das estradas em todo o paiz, citando especialmente as dos concelhos de Azambuja e do Cadaval, pelas quaes só á custa de mil perigos pode fazer-se o transito.

O sr. Costa Junior occupa-se, principalmente, dos serviços dos caminhos de ferro do Estado. Commenta a circumstancia do conselho de administração d'esses caminhos de ferro receber pingues gratificações sem que as receitas augmentem e entende que se trata d'um facto illegal, que convem remediar.

O sr. Joaquim Ribeiro quer que se denunciem os contractos com a Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes e o sr. Fernandes Rego chama a attenção do governo para o mau estado das estradas no concelho de Arganil. O sr. ministro do fomento responde ao sr. Costa Junior e diz que as gratificações ao pessoal superior dos caminhos de ferro do Estado são justas, por elle ter trabalhado o necessario para as merecer.

O sr. Julio Martins manda para a mesa uma proposta para serem administrados pelo ministerio do fomento todos os estabelecimentos de instrucção que com esse ministerio se relacionem. O parecer é approvado na generalidade, sendo-o tambem o capitulo I.

O sr. Nunes Loureiro quer que se cumpra a lei e se entreguem ás juntas geraes todas as estradas que a lei manda e não as de segunda ordem apenas. Falam ainda os sr. Rodrigues de Sá e Moura Pinto.

Falam mais os srs. Tavares Ferreira, João Gonçalves, Julio Martins e outros, que mandam varias propostas para a mesa. A sessão está prorogada, encerrando-se só depois de votado o orçamento do fomento.

O sr. presidente indica os deputados que, em nome da camara, irão saudar o capitão Aragão, á sua chegada. São elles os srs. Alexandre Braga, Ribeira Brava, Sousa Fernandes, Sousa Dias, Simões Raposo e Cruz e Sousa. Esta commissão, com os representantes do Senado e o ministerio, esperará o capitão Aragão no Caes das Columnas, ás 11 horas.

No Senado

Trata-se da recepção do capitão Aragão e approva-se o orçamento do ministerio dos estrangeiros

A's 14,45 encontra-se na presidencia o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes Abranches. Respondem á chamada 23 senadores que approvam a acta e ouvem lêr o expediente.

O sr. presidente participa o fallecimento do sr. Baldaque da Silva, senador eleito e contra-almirante distinctissimo, que infelizmente a morte não deixou viesse tomar assento n'esta camara, onde muito havia a esperar do seu talento, da sua actividade e dos seus sentimentos republicanos. Participa tambem que o Senado se fez representar no funeral do contra-almirante extincto pelo sr. Vasconcellos Dias. Propõe que na acta se lance um voto de sentimento e se participe esse facto á familia. Associam-se: por parte dos democraticos o sr. Estevam de Vasconcellos que propõe e é approvado se suspendam os trabalhos durante dez minutos, e os srs. Lima Duque pelos evolucionistas, e Azevedo Gomes pelos unionistas.

Findos os dez minutos e como ninguem peça a palavra procede-se á eleição d'um vogal para a commissão mixta de soccorros ás victimas da revolução ficando eleito o sr. Agostinho Fortes.

A pedido do sr. dr. Celestino de Almeida vota-se que fique sem effeito o projecto vindo da outra camara sobre nova epocha de exames na Escola Naval visto o assumpto se encontrar já resolvido pelo projecto do sr. Agostinho Fortes que o Senado ha dias approvou.

E entra-se na ordem do dia sendo pôsto á discussão o orçamento do ministerio nos negocios estrangeiros.

O sr. Celestino de Almeida concorda com parte do parecer do Senado, aquella que prefere o desenvolvimento de agentes commerciaes habilitados para promoverem a expansão do nosso commercio á dispendiosissima representação de hoje da Republica Portugueza. Refere-se ainda á situação dos portuguezes no estrangeiro, que deseja sejam protegidos para que não se obliterem n'elles o amor da patria.

O sr. Agostinho Fortes, relator, defende largamente o parecer demonstrando a impossibilidade de se modificarem as coisas no actual momento em que, perante o conflicto europeu, ninguem sabe até quaes serão as alterações que soffrerá o mappa da Europa. Quanto á vigilancia fronteiriça defende-a intransigentemente por a julgar absolutamente indispensavel. Hoje mais do que nunca mesmo.

Em negocio urgente o sr. Sousa Junior diz que chegando ámanhã a Lisboa os bravos que heroicamente se bateram em Naulila, á frente dos quaes o tenente Aragão, propõe, á maneira do que se fez na outra Camara, que se nomeie uma commissão que represente o poder legislativo na recepção que ámanhã se fará á chegada d'esses bravos. Consultado o Senado ficou approvado que a mesa se fizesse acompanhar n'essa recepção por todos os senadores que o quizessem fazer.

E a discussão do orçamento dos negocios estrangeiros continua.

O sr. Paes Abranches achando exageradissima a verba orçamental da nossa representação diplomatica julga indispensavel que ella desça ao consignado no orçamento dos estrangeiros para 1909-1910. E n'este sentido envia para a mesa uma moção.

Atacam-n'a defendendo o orçamento d'este anno os srs. Estevam de Vasconcellos e Agostinho Fortes, voltando o sr. Paes Abranches a defendel-a.

E' depois rejeitada, approvando-se o orçamento na generalidade.

Na especialidade approvam-se todos os artigos e capitulos até ao 6.º com ligeira discussão e sem alterações. Ao discutir-se o capitulo 6.º as opposições unionista e evolucionista lastimam que no artigo 27.º d'este capitulo se consigne um augmento de verba a 7.000 escudos para despezas não prescriptas a liquidar. Absteem-se de tratar o assumpto e enviam para a meza moções n'esse sentido.

O sr. Augusto Soares lastima por seu lado que taes protestos se fizessem reeditando uma questão já debatida na outra camara, tanto mais que se trata d'uma honrosa divida ao sr. João Chagas.

Estas palavras provocam apartes vehementes da opposição voltando a usar da palavra os srs. José Maria Pereira, Lima Duque e ministro dos negocios estrangeiros. Fala tambem o sr. Sousa Junior, havendo replica e treplica d'ambos os lados nos quaes se reeditam todos os argumetnos pró e contra já empregados na Camara dos Deputados. Falam mais os srs. Faustino da Fonseca, Simão José e Celestino de Almeida.

Posto o artigo 27.º á approvação foi approvado, o mesmo acontecendo aos restantes e ás propostas annexas. Antes de se encerrar a sessão o sr. dr. Estevam de Vasconcellos julga absolutamente indispensavel que o Senado reduza o praso de 48 horas para a entrega dos orçamentos vindos da outra Camara. Fixa-se esse praso em 24 horas com o accordo das minorias.

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental.

Noticias parlamentares

Já hoje foi necessario, na Camara, fazer uma segunda chamada para haver numero e os trabalhos principiarem. E' dos livros. Depois d'um desastre não ha quem não tome providencias para evitar outro. Depois d'uma sessão parlamentar em falso, durante oito dias, o pessoal legislativo abunda. Mas como tudo esquece, as medidas preventivas contra catastrophes relaxam-se e os pruridos de pontualidade que atacam os legisladores amortecem-se. Tudo volta, assim, á mesma, do que bem pode resultar, a não se dar a voz de alarme, que d'aqui até ao fim do mez venham a fazer-se algumas sessões do Congresso ou no Martinho ou nas ruas da baixa, á vista das mulheres bonitas...

* * *

O sr. dr. Costa Junior atirou-se hoje, como gato a bofe, aos serviços ferroviarios do Estado, onde os directores do Sul e Sueste, contra a lei, distribuem entre si cinco contos de réis. Bateu em ferro frio mas, emfim, bateu, o que já não é mau. Antes, o mesmo deputado já tinha contado uma historia engraçada, referente a uma sentença que ninguem cumpre e na qual é réu o conselho de administração dos mesmos *caminhos de ferro*. O caso passou-se lá pelo Algarve e até anda mettido n'elle um delegado do procurador da Republica, para quem a justiça é uma velha tropega que não se mexe nem em muletas. Assim, o socialismo entende-se. Deixemol-o ser um bom procurador de causas perdidas, não para que ellas se salvem mas para que, de futuro, não se percam outras.

* * *

O sr. Alfredo Ladeira apresentou na Camara dos Deputados um projecto de lei determinando que em todos os concelhos onde as camaras não hajam regulamentado as horas de trabalho, sejam esses regulamentos elaborados pelos governadores civis, ouvidos os interessados, entrando esses regulamentos em execução *sessenta dias* depois do projecto approvado. Os delegados das classes interessadas fiscalisarão a regulamentação, juntamente com as auctoridades policiaes e administrativas. Foi admittido com urgencia.

* * *

Falava-se hoje, em S. Bento, na apresentação ao *parlamento de mais* um projecto de duodecimo para agosto. E', se vier, o terceiro, d'onde se prova que, muito embora os governos ponham, os parlamentos dispõem, quasi sempre em sentido contrario, principalmente quando são subsidiados, como o nosso. Faltam apenas para approvar dois orçamentos, pelo que respeita á Camara dos Deputados, mas no Senado faltam quasi todos. D'ahi, não repugnar a ninguem tomar como certa a approvação d'um novo duodecimo, para que o Congresso possa, livre de pressas, funccionar todo o verão, sem se importar com o calor e sem fazer caso dos que, fartos de parola, o abandonam, rendidos...

* * *

O sr. Augusto José Vieira recebeu hoje do presidente da junta de parochia da freguezia de Salto, que no sabbado «saltou» de Montalegre para Cabeceiras de Basto, um telegramma agradecendo-lhe a sollicitude com que esse deputado se occupou da transferencia da referida freguezia e pedindo-lhe que influa junto do Senado para que o projecto respectivo ali seja approvado quanto antes.

Capitão Aragão

A recepção d'ámanhã promette ser brilhante

Está annunciada para ámanhã a chegada do *Africa*, a bordo do qual veem o capitão Aragão e os seus companheiros que apoz os combates de Naulila foram aprisionados pelos allemães. A recepção que se prepara a esses heroicos portuguezes promette ser imponentissima, pois diversas collectividades convidam o povo a ir esperar os que em terras d'Africa tão alto levantaram o nome portuguez.

O sr. ministro da guerra fez expedir convites a todos os officiaes do exercito, quer das unidades, quer dos diversos estabelecimentos, para comparecerem ámanhã no caes das Columnas, fazendo uso do uniforme n.º 2. O sr. Norton de Mattos aguardará tambem ali a chegada dos ex-prisioneiros de Naulila, fazendo-se acompanhar de todo o pessoal do seu gabinete e dos officiaes que prestam serviço na secretaria da guerra.

A's 11 horas, no Caes das Columnas comparecerão o governo, deputações do Senado e da Camara dos Deputados, representantes da camara municipal e officialidade de terra e mar, tendo o sr. ministro da marinha dirigido convite aos officiaes de marinha para comparecerem fazendo uso do uniforme n.º 3.

Uma força de marinha com a respectiva banda fará a guarda de honra, devendo tambem comparecer contingentes de todos os regimentos com as bandas disponiveis.

Em todos os ministerios haverá ámanhã tolerancia de ponto.

A's 9 horas parte o *Dragão* conduzindo os representantes dos ministros.

Uma commissão de republicanos fretou um vapor dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, para ir esperar o *Africa* á barra. Os bilhetes estão ámanhã na estação do Terreiro do Paço, devendo quem os pretender dirigir-se ao sr. João Carlos Marques. O embarque é ás 8 horas.

As juntas de parochia de Lisboa convidam todo o povo da capital a comparecer ao desembarque do bravo capitão Aragão e dos seus companheiros.

O Centro Republicano Academico dirige egual convite aos estudantes de Lisboa.

A commissão promotora das manifestações em honra dos heroes de Naulila fretou um vapor que sahirá ás 8 horas do Terreiro do Paço para ir á barra aguardar o *Africa*.

A Parceria dos Vapores Lisbonenses põe diversos vapores para irem ao encontro do *Africa*, ao preço de 40 centavos por passageiro, effetuando-se o embarque na ponta do Caes do Sodré' logo que seja annunciada a entrada do paquete na barra.

A homenagem do Congresso

E' concebida nos seguintes termos a proposta do sr. Luiz Dérouet approvada hoje na Camara dos deputados:

Tendo em attenção a resolução d'esta Camara, que, em sessão de 28 do mez findo, conferiu ao bravo tenente Aragão o posto de capitão, proponho que na acta da sessão de hoje se consigne um voto de congratulação pelo seu regresso feliz á Patria, o que, como homenagem a todos os heroicos combatentes de Naulila, a Camara dos deputados se faça representar ámanhã, á chegada do vapor *Africa*, que conduz um importante troço de soldados valorosos do exercito portuguez, por uma deputação em que se representem todos os partidos, encarregada especialmente de significar ao seu illustre commandante o apreço em que o parlamento da Republica tem os seus feitos militares e o desejo que nutre de ver quanto antes vingados os portuguezes victimas da traição allemã.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 23.—Communicação official das 15 h.—Em Artois nos sectores de Souchez e Neuville houve fuzilaria e combates com granadas manuaes, sem acção de infantaria. Entre o Somme e o Oise e nos planaltos entre o Oise e o Aisne, o canhoneio tanto de um como de outro lado foi bastante intenso. Em Argonne houve pequenas luctas com bombas e petardos nas orlas a oeste de Fontaine Madame e *Bois Bolante*. Nos Vosges apoderámo-nos de algumas trincheiras inimigas nas cristas de Linge Barrenkopf depois de um vivo combate que seguiu ao tiro de preparação que foi particularmente efficaz.

A noite passou-se sem incidente no resto da linha de fogo. Os nossos aviões bombardearam no dia 22 as gares de Lens Henin, Lietard Loos e a linha ferrea de Lille a Douai.—*(Havas)*.

A guerra no mar

Ainda o caso do submarino inglez "E 13"

LONDRES, 21. — O almirantado britannico communica o seguinte:

Acaba de se receber um relatorio do 2.º commandante Layton que commandava o submarino britannico «E 13» que encalhou na ilha dinamarqueza do Saltholm.

O referido relatorio diz que o submarino encalhou no dia 19 de manhã cedo, mas foram baldados todos os esforços para o safar.

A's 5 horas da manhã appareceu um torpedeiro dinamarquez n'aquelle local, que communicou ao «E 13» que lhe eram concedidas 24 horas para diligenciar o seu desencalhe. N'essa mesma occasião chegou um destroyer allemão que permaneceu junto do submarino até que chegaram mais dois torpedeiros dinamarquezes, retirando-se então aquelle.

A's 9 horas da manhã, estando os trez torpedeiros dinamarquezes ancorados junto do submarino, approximaram-se dois destroyers allemães vindos do sul.

Quando se encontravam a cerca de meia milha de distancia do «E 13» um d'estes destroyers içou uma bandeira representativa de um signal commercial, mas antes que o official commandante do «E 13» tivesse tempo para o lêr o destroyer allemão lançou um torpedo de uma distancia de cerca de 300 metros, o qual explodiu ao bater no fundo proximo do submarino. Ao mesmo tempo o destroyer fez fogo com todas as suas peças e o 2.º commandante Layton vendo que o navio estava exposto ao fogo de popa á prôa e que lhe era impossivel defender-se devido a estar encalhado, deu ordem para que a tripulação o abandonasse. Quando os homens estavam na agua foram alvejados com fogo de metralhadoras e schrapnel.

Um dos torpedeiros dinamarquezes arreou immediatamente os seus escaleres e foi collocar-se entre o submarino e os destroyers allemães que cessaram então fogo e se retiraram.—*(Informação recebida na legação britannica em Lisboa)*.

Dois torpedeiros francezes afundam um destroyer allemão

PARIS, 23—Um communicado do ministerio da marinha annuncia que dois torpedeiros francezes pertencentes á 2.ª esquadra ligeira encontraram a noite passada em frente de Ostende um destroyer allemão que foi por elles afundado depois de combate. Os torpedeiros soffreram apenas ligeiras avarias no casco.—*(Havas)*

Um dreadnought allemão afundado no Baltico

PETROGRADO, 23—Um submarino alliado afundou no Baltico um grande dreadnought da esquadra allemã.—*(Havas)*

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu hoje entrada José d'Azevedo, trabalhador, morador na rua Maria Pia, que cahiu n'uma pedreira em Villa Pouca, fracturando as costellas do lado direito e fazendo ferimentos na cabeça e nas mãos.

Cruzador "Republica"

Foi hoje recebido no ministerio da marinha um telegramma de Peniche dizendo que o agente do vapor *Valkyrian* concordou em baixar o preço do salvamento do cruzador *Republica* para 11.000 libras, rogando que lhe seja dada resposta urgentissima por causa da magnifica rota do tempo.

O *Valkyrian* desejaria começar o trabalho hoje mesmo.

O pessoal seguiu a bordo do vapor *Finisterre* por amavel concessão do agente. Caso seja enviada para Peniche uma fragata grande, podem ser dispensados definitivamente os serviços do *Finisterre*.

Movimento associativo

Auxiliar dos Inhabilitados do Trabalho

Para discussão da reforma da lei estatuinte, reune a assembleia geral ámanhã ás 20 horas.

NOTAS DIVERSAS

Pela pasta da guerra foram á ultima assignatura os seguintes decretos: Demittindo do serviço do exercito o capitão medico miliciano Antonio Augusto d'Almeida, o tenente Antonio Lopes de Novaes e o alferes Jacintho Manuel de Oliveira, ambos do mesmo quadro, e o alferes *miliciano* de cavallaria Manuel do Rosario Peralta; dando baixa de serviço do exercito ao alferes miliciano de engenharia Antonio de Almeida Bello; collocando na disponibilidade o capitão de engenharia Joaquim Maria Valente; na reserva o major de engenharia Eugenio Candido Osorio e o capitão de infantaria Alexandre Alves dos Santos.

—No ministerio dos negocios estrangeiros estiveram hoje os srs. Carnegie, ministro da Inglaterra, e Le Ghart, ministro da Belgica.

—O conselho de ministros, reunido esta manhã no ministerio da marinha, occupou-se dos ultimos incidentes em Angola e da questão das subsistencias.

Porto n'"A Capital"

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

A abertura do Muzeu Commercial e Industrial

O governador civil telegraphou hoje ao governo pedindo, em nome da cidade, a abertura do Museu Commercial e Industrial, conforme a proposta do ministro da instrucção.

Commissão de soccorros a naufragos

Reuniu hoje a grande commissão de soccorros a naufragos, sob a presidencia do governador civil. Tratou do expediente e da classificação dos benemeritos a quem devem ser conferidos premios.

O calor

Hontem e hoje tem aqui feito um calor intensissimo.

SPORT

Gimnastica que é util; gimnastica que não aborrece...

—Não, meu caro amigo, não... E' insufficiente a leitura de manuaes para qualquer se transformar n'um bom professor de gymnastica ou regular instructor de cultura physica. E' preciso ter passado alguma coisa pela pratica, apreciado, sem paixão exclusiva, todos os movimentos e executado os exercicios para apreciar os resultados. Só então se admitte que se emittam opiniões e que se tomem attitudes de mestres e de reformadores...

Assim falava ante-hontem um medico physioterapeuta quando lhe disseram que havia o proposito, antes o projecto, de nomear, sem previa averiguação de competencia, para professores de gymnastica de lyceus e escolas officiaes do exercito e alguns funccionarios publicos! E interrogado sobre se a gymnastica podia ser applicada indistinctamente, accrescentou:

—Não. A sua applicação exige cuidados e, consequentemente, não póde ser qualquer que a applique. Com a *gymnastica* os fracos pódem ter a esperança e adquirir a convicção de sahir da sua inferioridade e alcançar uma personalidade physica, mas a sua educação deve ser regulada com methodo, por pessoa que veja e que saiba...

«Depois a applicação da gymnastica, pirncipalmente nas escolas, requer um certo treino do professor. Nem todos sabem ensinar. Nem todos conseguem interessar os alumnos. Depois é preciso não desgostar os discipulos, impondo-lhe uma fórma arida de trabalho e sem lhe despertar o appetite de vencer difficuldades.

Seguindo n'esta orientação de ideias, expondo-as com absoluta clareza, terminou com o seguinte:

—Quando o homem chega a uma edade em que é preciso viver, tem de ser forte e habil. As escolas pretendem-se scientificas e intangiveis, mas não nos fazem, como deviam, sãos, robustos, corajosos, disciplinados e ageis, com segurança e em pouco tempo. Sendo assim, para que serve tanto dogmatismo se os resultados são tão pequenos?

Notas do dia

A lição d'uma corrida ciclista

Não resta duvida que os que affirmam a evolução do sport na quantidade mas não na qualidade dos athletas conseguiram hontem um augmento favoravel ás suas opiniões.

Que differença, hontem, nas corridas do Stadium, entre os ciclistas que «tiveram epoca» ha dez e quinze annos e os ciclistas que actualmente apparecem nos Velodromos!...

A apresentação da «velha guarda» impoz-se pelo rigor do traje e pela maneira de correr. As velocidades não seriam boas, mas a tactica é que lembrou os tempos antigos. Até se conseguiu «encaixotar» Ernesto Zenoglio, que era, sem desprimor para os seus companheiros, talvez o melhor dos que hontem se apresentaram!...

Mas a que se deve attribuir esta differença. Ha quem a baseie apenas em dois pontos:—antigamente as bicicletas eram mais caras, o quintuplo do preço de hoje, permittindo apenas o seu uso aos que se podiam chamar «sportsmen» e não, como hoje, aos que praticam um sport;—a disciplina, a ordem e o amor pelo athletismo eram outros.

Eram tempos em que não se importavam com premios aquelles que concorriam aos campeonatos e não verificavam do peso das medalhas e da importancia do custo das taças...

***

A festa da Praia das Maçãs

As coisas na nossa terra são sempre assim! Não apparecem, não andam e não vingam porque ninguem apparece a animal-as e a dar-lhes vida. E' vêr por exemplo o que está succedendo com a festa da Praia das Maçãs.

Na bella estancia, ninguem trabalhava pelo desenvolvimento da terra, apesar d'ella ser uma grande attracção de turismo nas visinhanças de Lisboa.

Agora, meia duzia de amigos da região de Colares, que ali vão passar os mezes de verão, aproveitando o proposito da nova empreza dos electricos Cintra ao Atlantico de trabalhar pelas povoações atravessadas pela sua linha, resolveram fazer uma festa na Praia das Maçãs, na tarde do dia 2 de setembro.

Pois, senhores, todos disputam a primazia de serem agradaveis aos organisadores. E o certo é que a festa deve ser brilhantissima, a avaliar pelo enthusiasmo que desperta.

Algumas anecdotas

Elle tem a cabeça dura e você as mãos de...

Contámos ha dias o que succedeu ao pugilista Gardner, que perdeu um campeonato de jogo de socco, que estava ganhando, por fragilidade das suas mãos.

Vamos contar um caso semelhante.

Marvin Hart, o celebre «peso medio» de Louisville, perdeu muitos combates, porque as suas mãos eram fraquissimas. Quando disputou a George Gardiner um titulo de campeão, todas as apostas eram por elle, tido justamente por mais scientifico e mais corajoso. Pouco lhe faltava, porém, para ganhar quando teve de abandonar o «ring», logo a seguir a um socco que deu na cabeça do adversario!

Um dos espectadores, que tinha apostado por elle 6.000 dollars, enfureceu-se e foi pedir-lhe explicações.

—Meu ex.mo senhor, Gardiner tem a cabeça muito dura...

E o espectador, irado, accrescentou rapidamente:

—E você tem as mãos de... e com a palavra mal cheirosa deixou desconcertado o pugilista, alvo n'esse momento d'uma grande troça e risada dos presentes ao dialogo.

Noticias

Entre nós

O campeonato de Santo Amaro de Oeiras

Terminou hontem, com uma brilhante victoria do campeão de Portugal, sr. Carlos Farinha, o campeonato de espada, realisado em Santo Amaro de Oeiras. Ganhou, fazendo um jogo scientifico e brilhante, com serenidade e com opportunidade. Ganhou sem uma derrota.

A classificação final estabeleceu-se da seguinte maneira: primeiro, Carlos Farinha; segundo, Augusto Farinha; terceiro, Jorge Paiva, todos da Sala d'Armas Carlos Gonçalves; quarto, Marciano Beirão, da Sala d'Armas Magalhães; quinto, A. Montez, do Atheneu Commercial de Lisboa; sexto, A. Prazeres, da Sala d'Armas Magalhães.

O campeonato de tennis na Amadora

Continuou hontem o torneio de «tennis» dos Recreios Desportivos da Amadora. No domingo, realisam-se os ultimos desafios. Por emquanto estão á frente da classificação geral em «men's singles» o sr. Casanova, seguido de Placido Duro, J. Ferreira e Nogueira, e em «men's doubles» os srs. A. Casanova e Eugenio de Noronha seguidos de A. Nogueira e A. Azevedo.

A estreia d'um maestro

Os Recreios Desportivos da Amadora —o elegante centro de reuniões na aprazivel villa dos arredores —não procuram apenas divertir a população da terra, mas sim contribuir para a causa educativa do paiz. E' assim que annunciam a estreia d'um maestro portuguez, o sr. Accacio dos Santos, regendo uma orchestra symphonica de 70 professores de musica. A estreia do novo maestro portuguez faz-se na noite de domingo, 12 de setembro.

Na Praia das Maçãs

A linda Praia das Maçãs—a mais occidental da Europa—está agora em pleno desenvolvimento. A's terças feiras e sabbados realisam ahi excellentes concertos musicaes, junto do ponto «terminus» da linha Cintra ao Atlantico, cuja empreza não é estranha a esse bello melhoramento da Praia. As terças feiras são destinadas aos dias da moda, concorrendo aos concertos a sociedade mais distincta de Cintra, Collares e Praia, que beneficia de carreiras consecutivas de electricos.

O programma do concerto de ámanhã *é o seguinte*:

«Vizéla», passo dobrado, D. Antonio X. Monteiro; «El señor Inigo», symphonia, V. Robillard; «Modesta», valsa de concerto, J. Lourenço; «El Chaleco Blanco», mazurka, Chueca; «O carnaval de Veneza», capricho para clarinete, N. N.

«Cantos populares italianos», rapsodia, Chiara; «Sylvia», pizzicato, Delibes; «Roulotte», polka, Becucci; «El proceso del can-can» seguidilla, N. N.; «O noventa e dois», galope, O. Gallo.

Desafio de box

O sr. Maximiano José Domingues lançou um repto a todos os *boxeurs* amadores e profissionaes portuguezes, offerecendo um premio de 50$00 a quem o derrotar.

Em resposta a esse repto, escreve-nos o sr. Bazilio de Oliveira, dizendo acceital-o e fazendo sciente o sr. Maximiano Domingues de que o seu peso é de 70 kilos. Faz ainda o sr. Bazilio de Oliveira outras considerações, mas o principal e o que interessa saber é que o repto foi lançado e acceite.

Quando se realisará o combate? Tal é a pergunta que occorre fazer.

Touradas

Campo Pequeno.—Realisa-se na sexta-feira uma extraordinaria tourada em beneficio de J. Carlos Martins, que uma pertinaz doença d'olhos tem impedido de exercer o seu antigo cargo de director de corridas. A commissão, composta da empreza do Campo Pequeno e de alguns aficionados, conta já com bastantes elementos de valor, entre elles distinctos amadores, um notavel cavalleiro, um festejado «espada» e o eximio forcado-amador J. Marcellino d'Azevedo, que se propõe pegar todos os touros, que se prestem a esse arrojado trabalho, o que por si só constitue caso unico no genero e que dará singular brilhantismo a esta sensacional festa.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA— A's 21 — As pilulas de Hercules.

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS— A's 21 —Casta Suzana.

Agenda da semana

QUARTA-FEIRA — **Politeama**—Primeira representação do *Não desfazendo...* revista de André Brun, com musica original de João Myrto e Vasco do Macedo.

QUINTA-FEIRA — **Coliseu dos Recreios**—Estreia da *Menina do cinematographo*.

Ao correr da penna

O theatro das Trinas deixou de existir. Ha pouco mais de um mez morreu o velho Gomes, seu proprietario; ha oito dias, se tanto, abateu um bocado de parede e muito breve vae ser demolido para ceder o terreno a uma construcção de casas baratas.

Tem uma curiosa historia esse theatrinho por onde passaram todos os amadores dramaticos lisboetas das ultimas gerações e muitos dos nossos actores. Havia lá uma collecção de retratos, cartazes e programmas, onde se encontrariam sem difficuldade centenas de nomes conhecidos, uns em plena gloria, outros vegetando em triste mediocridade, outros ainda afastados por completo das tentações da ribalta. O reportorio exibido n'aquelle pequeno palco abrange toda a nossa producção dramatica. Desde o «Fr. Luiz de Sousa» até «João, o Corta Mar», desde o «Manuel Mendes Enxundia» até á «Senhora ministra» representou-se ali de tudo.

Não posso deixar de me enternecer pensando no theatréco das Trinas e no velho Gomes, pois foi ali que me estreei como auctor dramatico. «O Tabellião do Pote das Almas» representou-se lá em novembro de 1910. Dois mezes depois subia á scena na Rua dos Condes e eu entrava na perdição pela mão de Valle, Silva Pereira, Beatriz Rente, Joaquim de Almeida.

O theatro das Trinas tinha um jogo de scenario que o habilitava a acolher qualquer peça. Quanto ao seu armazem de adereços era o mais completo de todos os theatros de Portugal. Podia-se pedir ao velho Gomes as cousas mais inverosimeis, porque elle tinha tudo no barracão annexo ao seu palco. Recommendo ás emprezas o leilão, que muito breve se vae fazer, pois ali encontrarão os nossos contra-regras pertences e adereces utilissimos, alguns de uma originalidade extrema.

O Gomes poderia ter escripto um livro de memorias cheio de pittoresco. Nunca deixava de assistir aos ensaios geraes e com um golpe de vista segurissimo julgava os amadores. Predisse a gloria de alguns e se outros tivessem ido pelos seus conselhos não teriamos que os aturar a estas horas.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Vão ser expostas ámanhã em varios estabelecimentos de Lisboa photographias executadas pela casa Brazil, dos principaes personagens e grupos da revista «Não desfazendo...» que se estreia depois de ámanhã.

—Os ensaios no theatro Nacional começam no dia 15 de outubro.

—No Coliseu dos Recreios, hontem, «Os milhões de miss Mabel» tiveram um exito extraordinario. Hoje a companhia canta a adaptação italiana dos «Moinhos de Vento» e pela primeira vez entre nós «O cabo Susine», linda opera-comica militar de grande espectaculo e cuja distribuição é a seguinte:

«Liseta, noiva de Susine», Rozalia Pangrazi; «Madame Almonti», Cina de Valdi; «Vespineta, vivandeira», Elisa Patrizi; «Capitão Almonti», Amedeo Granieri; «Susine», Raffaelo Vizzani; «Leonardo, soldado», Adriano Marchetti; «1.º tenente», Felice Tati; «2.º», Gaspare Favi; «Cabo», Atilio Tosi.

A'manhã terá o publico occasião de applaudir a bella partitura tanto do nosso agrado «A Casta Suzanna», que Cina de Valdi faz, segundo diz a imprensa estrangeira, admiravelmente. Na quinta-feira teremos a estreia da «Menina do Cinematographo», operetta de grande espectaculo é inteiramente nova em Portugal.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil — Sonho guerreiro —Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A reforma da policia

Para ter bons agentes é necessario exigir-lhes habilitações e pagar-lhes bem

Acerca da projectada reforma da policia dirige-nos «Um agente de policia» uma longa exposição, de que vamos dar um extracto

Querem uma boa policia, consciente, que allie a pratica á theoria? E' facil. Exija-se aos guardas que se alistem uma bagagem sufficiente de conhecimentos litterarios, mas dê-se-lhes um ordenado que os compense dos sacrificios feitos para obter esses conhecimentos e dos que vão soffrer no desempenho da sua ardua missão.

Que importa, até certo ponto, que quem vae dirigir a policia tenha ou não um curso especial, se não é elle que está em contacto diario com o publico?

Se o guarda é intelligente, instruido e educado, resolve o serviço dentro da lei, que conhece porque a lê e sabe interpretal-a, evitando assim reclamações de toda a ordem. O publico, que lhe reconhece capacidade para o desempenho da sua missão, vê n'elle um verdadeiro representante da lei, um defensor da sua vida e dos seus haveres, respeita-o e até mesmo o auxilia.

Se, pelo contrario, o guarda não é instruido lê as leis mas não as entende e assim não póde fazer cumpril-as sempre, conforme o espirito d'ellas, passa ao arbitrio inconscientemente, provoca portestos e adquire a animadversão do publico, que o não respeita. Mas d'isso não tem elle culpa. Errou, mas na sua boa fé.

Um corpo de guardas instruidos, uma selecção dos mais intelligentes para cabos e entre estes uma selecção para chefes, eis o que ha de mais simples para uma boa organisação policial.

Mas necessario é tambem que o agente de policia ganhe o sufficiente para ter uma certa independencia e não precisar de favores de ninguem. Ora não é dando-se $65(7) ao guarda de segunda classe, $76(7) ao de primeira, $87(6) a um cabo e $98(6) a um chefe de terceira classe que isso se obterá.

Com taes vencimentos nunca melhorará o serviço da policia. Se já agora ha tanta difficuldade em preencher as vagas que existem, muito maior será essa difficuldade de futuro, quando terminar a guerra e as industrias e o commercio alcancem o desenvolvimento que então devem ter.

Esta é que é a verdade, diz «Um agente de policia», e emquanto se não melhorarem os vencimentos e se não cuide a sério do problema, mas de «baixo para cima», não haverá erforma que crie boa policia.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 22.—Em conformidade com a lei, foi estabelecido o seguinte horario para a classe dos barbeiros: ás segundas, terças, quintas e sextas feiras, abertura ás 8 horas, encerramento ás 20; ás quartas-feiras, abertura ás 8 e encerramento ás 22; aos sabbados, abertura ás 8 e encerramento ás 24. Aos domingos estão encerrados todos os estabelecimentos.

—Na proxima quinta-feira vae ser entregue á commissão administrativa do municipio uma representação dos habitantes de Calhabé, pedindo a instalação de uma escola official n'aquelle populoso bairro conforme foi deliberado, por ser de justiça, por uma das commissões transactas.

—O sr. general Fernando Tamagnini, commandante da quinta divisão do exercito, com séde n'esta cidade, visitou o quartel da guarda republicana, ficando muito satisfeito pela boa *disposição* em que este se encontra.

—Na Escola de Pharmacia vae ser feito o aquecimento central, de cujas instalações foi encarregada a casa F. Labat & Fils, cujo representante n'esta cidade é o sr. Caetano da Cruz Rocha.

—Regressou de Mafra, onde foi tirar o curso da Escola Central de sargentos, o primeiro sargento Soares, de infantaria 23.

—Em Santa Clara foi encontrada abandonada uma creança do sexo masculino que diz chamar-se Francisco, presumindo-se que a desnaturada mãe se evadisse para a Figueira da Foz. O caso está affecto á policia.

—Por deliberação da camara municipal vae ser demolido o predio na rua da Sota, onde esteve instalado o Centro republicano José Falcão, o que vae embelezar bastante aquelle local.

—Pediram auctorisação para se matricular na Universidade de Coimbra o primeiro sargento de infantaria 23 sr. Eduardo Augusto de Mascarenhas Mimoso Serra e para se matricular na Universidade do Porto o primeiro sargento do mesmo regimento sr. José Machado de Barros.

em numero de 22, e occuparam-nos a fim de evitar desordens. As tripulações foram embarcadas n'um navio que rebocou os outros para o mar, e a tres milhas de distancia entregou-os nas mãos das auctoridades britannicas. Chegaram a Alexandria a 20 d'outubro. O governo inglez dirigiu uma communicação ás potencias neutraes e alliadas que tinham tomado parte na convenção do canal do Suez.

N'essa communicação dizia-se que desde o principio da guerra alguns navios pertencentes aos paizes inimigos haviam sido detidos pelo governo egypcio, alguns por terem commettido actos de hostilidade, outros pelo receio de que os seus capitães os commettessem, ao passo que outros navios se tinham recusado a sahir do canal de Suez embora lhes fôsse dada passagem, mostrando assim que desejavam servir-se dos portos do canal apenas como portos de refugio. O governo inglez não podia admittir uma tal interpretação dos direitos de livre accesso e uso dos portos do canal.

A admittir tal doutrina, em breve o canal estaria atulhado. Fôra por esse motivo que o governo egypcio se vira forçado a fazer sahir os navios inimigos que haviam permanecido nos portos do canal o tempo sufficiente para demonstrarem que queriam ali conservar-se até ao fim da guerra.

Tres dias depois da chegada do ultimo d'esses navios a Alexandria, o Supremo Tribunal Britannico que funccionava no Egypto julgava a captura d'esses navios, «que haviam sido tomados pelos navios de guerra de sua magestade» e considerava-os boa e devida preza.

Entretanto o governo turco fazia preparativos para uma campanha contra o Egypto. A Sublime Porta assegurava ao embaixador inglez em Constantinopla que essas medidas eram puramente defensivas e haviam sido tomadas apenas em consequencia da mobilisação geral do exercito ottomano. Mas os relatorios consulares inglezes falavam não só da mobilisação do corpo de exercito de Damasco, mas da formação de regimentos de reserva na Syria, do envio para Aleppo de tropas pertencentes ao XII corpo de exercito (Mosul) e d'uma propaganda activa entre as tribus arabes dos districtos fronteiros á peninsula do Sinai.

Os jornaes arabes da Syria e da Palestina, que recebiam inspiração official, eram incitados a publicar artigos violentos contra as Potencias da Entente. Em setembro toda a imprensa ottomana começou a levantar a questão do Egypto e a perguntar com que direito as auctoridades militares britannicas, cuja occupação do Egypto a Porta nunca reconhecera, tinham ordenado aos agentes allemão e austro-hungaro que sahissem do paiz, apezar d'elles terem recebido os seus «exequaturs» da Porta.

Falsas accusações calculadas de modo a excitar o fanatismo musulmano foram tambem feitas e selvagens e phantasticas historias de «massacres» de indefezos musulmanos» foram espalhadas. Por ultimo, um bando de «fedais»—os «desesperados» politicos e agitadores que o Comité União e Progresso empregava para os assassinios politicos, para a perseguição das minorias e para a promoção de movimentos revolucionarios no Caucaso e nos Balkans—começou a apparecer na Syria e a incitar a população contra a Inglaterra.

Em Aleppo a um alfaiate local foi encommendada «uma variedade de trajos indios» para fins indicados pelos officiaes allemães e alguns dos quaes era entrarem certos «fedais» no Egypto disfarçados de indios e agitarem a população. Grande porção de armas foram n'esse meio tempo distribuidas entre os beduinos syrios, juntamente com dinheiro. Beha-ed-din Shakir, um membro proeminente do Comité, fizera um accordo a favor do governo, em setembro, com o sheikh da tribu Howeytat e grandes massas de beduinos estavam concentradas proximo de Gaza.

partida de unidades pertencentes ao exercito de occupação, mas em setembro tropas indias, destacadas da força expedicionaria india, desembarcaram no Egypto e passaram pelo Cairo, onde produziram excellente impresão. A brigada Sirhind permaneceu durante algum tempo com outras unidades indias proximo do canal de Suez, onde todas as forças indias que estavam no Egypto foram temporariamente postadas, e foi finalmente mandada para França, sendo o seu logar e de outros regimentos indios que vieram para a Europa occupados por tropas frescas vindas do Industão, em que entravam tropas de serviço imperial.

Em setembro, a divisão territorial do Leste Lancashire e uma brigada da Yeomanry chegaram ao Egypto. Ahi permaneceram algum tempo, essas tropas exercitadas de um modo admiravel e embora inferiores physicamente ás tropas australianas, que chegaram mais tarde, eram-lhes superiores em disciplina e em poder combativo. As suas relações com a população nativa eram realmente admiraveis.

No fim de novembro e principio de dezembro chegou a força expedicionaria da Australia e da Nova Zelandia. Ambas traziam magnifico material militar e a da Nova Zelandia, deve mencionar-se, deu muito menos trabalho á policia militar.

Pela retirada, em setembro, do general sir J. Byng, foi nomeado commandante em chefe das forças britannicas no Egypto o logar tenente sir John Maxwell. Este official, que no principio da guerra tinha cincoenta e cinco annos de edade, entrára para o exercito em 1879. A maior parte da sua carreira fôra passada no Egypto. Entrára na guerra de 1882 e assistira á batalha de Tel-el-Kebir. Era capitão do estado maior na expedição Hill de 1884-1885 e servira como ajudante de campo do major general Grenfell com a força de campanha da fronteira egypcia.

Fôra promovido ao posto de tenente coronel pelos seus serviços em Dongola em 1896 e commandou a segunda brigada egypcia na batalha de Omdurman. Na guerra da Africa do Sul commandou uma brigada e foi mais tarde nomeado governador militar de Pretoria. Em 1908 assumira o commando das forças do Egypto e exercera esse cargo até dois annos antes da Grande Guerra. A sua grande popularidade na população nativa de todas as classes e o seu notavel conhecimento do paiz eram requisitos valiosos para exercer o logar durante esse periodo e quando foi declarada a lei marcial fel-a cumprir com a menor severidade possivel e sem interferir na vida normal do paiz.

Havia, é ocioso dizel-o, difficuldade em obstar á propaganda allemã e em certa medida á turca emquanto os governos allemão e austro-hungaro estivessem diplomaticamente representados no Egypto, e herr von Pannwitz, agente allemão diplomatico no logar do successor do principe Hatzfeldt, herr von Miquel, recebesse duas vezes por semana «mala» de Berlim por via Constantinopla e Beirut.

No fim d'agosto resolveu-se expulsar esses agentes allemão e austro-hungaro, assim como os representantes diplomaticos e consulares, cuja presença foi considerada como «não desejavel».

Uma intimação foi feita ao dr. von Panniwtz e ao conde Louis Szechenyi pelo ajudante de campo do general sir J. Byng. Esses diplomatas, que se julgaram aggravados, protestaram junto do governo egypcio, o qual não respondeu ao seu protesto. O artigo 13.º da sua decisão de 5 d'agosto dispensava-o d'essa formalidade.

A 10 de setembro ambos sahiram de Alexandria para a Italia e os agentes diplomaticos americano-italiano tomaram sob a sua protecção os seus nacionaes que estavam no Egypto. Quatro funccionarios consulares allemães foram deixados sob a responsabilidade da agencia americana e 2 austro-hungaros sob a da Italia. O governo allemão e o da monarchia dualista fizeram o mais que puderam para tornar capital es-

se incidente, muito especialmente em Constantinopla. Mas tal medida era puramente militar e absolutamente defensavel em paizes militares.

Emquanto um exercito inglez occupasse o Egypto, o commandante d'esse exercito tinha o direito, em tempo de guerra, de tomar todas as medidas necessarias para protecção das tropas sob as suas ordens, inclusivé a expulsão de vassallos inimigos, fôsse qual fôsse a sua hierarchia, cuja presença fôsse inconveniente ou perigosa. Até ao fim de agosto passos alguns haviam sido dados, quer para obrigar a registar os vassallos inimigos residentes no Egypto, quer para impedir os reservistas austriacos e allemães de sahirem do paiz.

Muitos assim procederam; aquelles que não podiam seguir pela Italia tomavam passagem para os portos syrios. Em setembro, primeiro os reservistas solteiros, depois os casados foram impedidos de sahir do paiz e no dia 1 d'outubro uma proclamação foi lançada pelo official general commandante do exercito de occupação obrigando os allemães e os austro-hungaros a inscreverem-se nos registos, sob pena de prisão pelas auctoridades militares aos que não obedecessem.

O registo indicava edade, profissão, tempo de residencia no Egypto, familia e se estavam ou não sujeitos ao serviço militar. Aos que tinham mais de 48 annos, esse registo servia de licença para residirem no paiz. Os que estavam sujeitos ao serviço militar foram mandados para Alexandria e d'ahi enviados para Malta no dia 1 de novembro. Com elles foram as tripulações dos navios inimigos tomados como prezas e que estavam nos portos egypcios. Os papeis dos restantes allemães e austro-hungaros de 18 a 45 annos de edade foram depois examinados e todos os que não deram provas de estarem isentos do serviço militar foram mandados para Malta com um certo numero de reservistas casados e mais alguns tripulantes dos navios tomados a 28 de novembro.

Entre 1 de novembro e 17 de dezembro, 1.651 inimigos foram assim deportados. Depois da proclamação do protectorado britannico e do desenvolvimento dos preparativos militares turcos na Syria, tornou-se necessario tomar medidas mais severas para com os allemães e austro-hungaros, muitos dos quaes continuavam a espalhar entre os egypcios ignorantes as suas doutrinas.

Estando Malta abarrotada de deportados, incluindo muitos turcos, um campo de concentração para cerca de 150 pessoas se formou em Alexandria. Foram para ahi mandados os allemães e os austro-hungaros que para ahi desejavam ir; aquelles que não tinham meios de sahir do paiz ou cuja saude se resentiria do inverno europeu, e aquelles que por motivos especiaes não haviam sido anteriormente deportados.

No principio do anno corrente, todos os allemães, fôsse qual fôsse a edade, foram intimados a sahir do paiz, sendo apenas feitas excepções nos casos de edade avançada ou de doença ou aos que davam garantias sufficientes de procederem bem no futuro. A nenhum allemão ou austro-hungaro, assim como a nenhuma mulher d'essas nacionalidades foi permittido residirem no Egypto sem permissão do official general commandante.

Essas medidas eram rigorosas, mas foram applicadas por meios brandos. Nenhum triestino, dalmacio, istriano, ou slavo austro-hungaro foi deportado, a não ser que houvesse rasões especiaes que aconselhassem a sua expulsão. Nenhuma mulher foi deportada ou mandada para os campos de concentração e apenas se entendeu necessario intimal-as a sahirem do paiz. Nos casos em que o chefe de familia foi deportado e a familia não tinha meios para vir para a Europa, a passagem foi abonada pelo governo.

Todos os pedidos dos allemães e austriacos foram submettidos ao general commandante, de cuja decisão não havia que appellar. Todas as denuncias de pessoas foram investigadas pelo ministerio do interior,

por intermedio da policia e a decisão do general commandante era a sentença final.

Os empregados de nacionalidade inimiga que estavam ao serviço do governo quando rebentou a guerra foram intimados a assignar uma declaração em que mencionavam nome hierarchia, funcções e nacionalidade e declaravam que a guerra em coisa alguma affectaria o desempenho dos seus deveres como funccionarios egypcios e que durante a guerra nada fariam que pudesse prejudicar as armas ou os interesses da Gran-Bretanha ou dos seus alliados.

A gran-duqueza Maria Adelaide do Luxemburgo

A 25 de novembro, sir Jonh Maxwell resolveu que a nenhum allemão ou austro-hungaro seria permittido continuar ao serviço do governo, excepto áquelle que pudesse obter uma nacionalidade neutral ou alliada ou um certificado d'um consulado neutral ou alliado em que se mostrasse que tinha dado os passos necessarios para renunciar á sua nacionalidade e naturalisar-se cidadão d'outro paiz.

A 3 de dezembro todos os individuos de nacionalidade inimiga ao serviço do governo foram demittidos, procedendo-se para com elles como se os seus logares tivessem sido supprimidos e liquidando-se os seus direitos a pensões e indemnisações.

Dez empregados menores do governo foram deportados com outros inimigos e apenas um foi mandado para a Inglaterra sob palavra e a seu pedido. Os funccionarios demittidos foram substituidos, para não se entravar o andamento dos negocios, por auctoridades militares. Que essa medida deu bons resultados comprova-o a raridade de queixas, mesmo da parte d'aquelles que podiam soffrer com a sua actividade.

Entretanto um certo numero de navios mercantes, a maior parte sob a bandeira allemã, estavam no canal de Suez, tendo-se muitos d'elles recusado a aproveitar a vantagem do artigo 20.º da decisão do governo de 5 d'agosto, que lhes permittia atravessarem o canal e sahirem dos seus portos de accesso sem risco de captura ou detenção, em aguas egypcias, comtanto que a sua passagem pelo canal e a partida dos seus portos d'accesso se effectuasse sem demora demasiada.

O perigo d'um amontoamento no canal augmentára assim grandemente. Uma ou duas tentativas para afundar navios no canal e impedir assim a navegação foram frustradas a tempo devido á vigilancia das auctoridades inglezas e egypcias. A tensão de relações entre a Gran-Bretanha e a Turquia, que augmentava dia a dia, tornou necessario afastar essa origem de perigo e no dia 14 d'outubro o governo egypcio, que tinha toda a razão para se queixar da recusa dos capitães dos navios de que se tratava em cumprirem a sua decisão, tomou medidas decisivas contra elles.

N'esse dia e nos seguintes, tropas egypcias chegaram ao canal, dirigiram-se para bordo d'esses navios,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1815—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 24 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O QUE FOI NAULILA

Sete mezes de captiveiro e de tortura

O capitão Francisco de Aragão não acceita ser promovido, porque "apenas cumpriu o seu dever", mas reclama o castigo dos que não souberam manter o brio militar

O capitão Aragão chegou a Lisboa. Ao Terreiro do Paço convergiram muitos milhares de pessoas para o saudar. Mas só as que occupavam o caes das Columnas poderam avistar o brioso militar e erguel-o em triumpho. O capitão Aragão, logo que lhe foi possivel, eximiu-se á estrondosa manifestação popular, que se teria certamente transformado n'uma scena de apotheose. E esta resolução não representou um simples impulso de modestia. Conjugada com as suas declarações, demonstra da parte do intrepido official uma attitude bem definida e eloquente.

O capitão Aragão não se limita a eximir-se ás manifestações populares, ás ovações em que o seu nome resoa como o d'um heroe. O valoroso militar não acceita a sua promoção. Não quer premio. Continuará a ser simplesmente o tenente Aragão. Mas se rejeita qualquer recompensa, porque—diz elle—só cumpriu o seu dever, e tem a compensação dos seus sacrificios e a paga do seu heroismo no applauso da propria consciencia, em troca não prescinde do castigo—o castigo que reputa necessario, urgente, reparador, infligido áquelles que, em Naulila, não souberam manter o brio militar.

Não se enganavam aquelles que com a chegada de Aragão esperavam o apparecimento da verdade. Naulila vae ser vista á sua verdadeira luz. E muitos rostos empallidecerão ao saberem que o heroico official, tendo por si todo o prestigio de que o seu feito o aureolou, está resolvido a reclamar, a exigir justiça.

E' grave esta attitude. Mas é bem a d'um militar brioso e a d'um cidadão animado d'um viril patriotismo. Primeiro do que saber se houve heroes, primeiro do que recompensar heroes, se os houve, tal é o pensamento que se depreheude d'essa attitude, impõe-se a necessidade que pode ser dolorosa, mas purificadora, de averiguar a quem cabem as responsabilidades d'uma derrota que só não foi tambem uma «débacle» moral devido ao heroismo d'um punhado de portuguezes.

O apuramento das responsabilidades de Naulila trará comsigo todo o apuramento das responsabilidades da attitude de Portugal perante a guerra? Não representará mais que um elo da cadeia de ignominias que teem rebaixado a nação? Seja como fôr, é tempo de falar alto e claro. E' tempo de dizer toda a verdade. Exige-o quem tem o direito de o exigir: os bravos que salvaram a honra da bandeira portugueza, carregando sobre os allemães, e a Patria que é a principal interessada em tudo quanto ao prestigio d'essa bandeira se refere.

O QUE SE PASSOU EM NAULILA?

A CAPITAL mandou, como *noticiámos*, á *ilha da Madeira*, a fim de entrevistar os militares portuguezes que regressam do seu captiveiro africano, o seu redactor HERMANO NEVES. O nosso querido camarada recolheu da bocca dos trez valentes officiaes Aragão, Marques e Andrade, orgulho da *Patria* e do exercito, importantissimos depoimentos. São paginas de Historia, as que archivamos a seguir, e que não se podem ler sem que uma intensa commoção nos avassale. Sirvam ellas de estimulo a quantos amam verdadeiramente a sua terra para que todos saibam servir e honrar, como aquelles officiaes, o nome e as tradições de Portugal!

Fala o tenente Marques

O tenente Marques é homem de mediana estatura, olhar cheio de lealdade, apparencia modesta. Nada, na sua attitude simples, faz lembrar a arrogancia classica dos guerreiros teutonicos com que se defrontou. E' um acabado tipo de portuguez, beirão desde as unhas dos pés até á ponta dos cabellos, e adivinha-se n'elle o heroe inconsciente, o soldado que nunca suppõe ter ido além do seu dever, por mais prodigiosa que tenha sido a sua acção. No cabello negro começam a apparecer algumas brancas; os olhos teem qualquer coisa de soffredor que impressiona e commove. Quando fala da sua estranha aventura de ha pouco, a narrativa dos episodios a que assistiu tem um singelo cunho de sinceridade; evita sistematicamente fazer phrases, e só um ou outro commentario lhe accende o olhar n'um clarão de revolta. E accrescenta, como que a desculpar-se:

—Ha coisas que indignam tanto...

As primeiras palestras de bordo tinham-me desde logo collocado nas mãos o fio d'aquella espantosa tragedia da Hinga. A resistencia heroica do tenente Marques, defendendo até o ultimo extremo, com um punhado de homens, o prestigio sagrado da bandeira, tem qualquer coisa de spartano que assombra. Vejo-o tranquillo no inicio do combate, sigo-lhe os movimentos durante a refrega, duas vezes ferido, rodeado de mortos, animando e confortando os seus ultimos vinte soldados, combatendo como elles, sob as descargas furiosas de um inimigo vinte vezes superior em numero. Tudo isso me apparece aos olhos da imaginação atravez d'essas palavras singelas que tento reproduzir como textualmente me foram ditas:

—Eramos, em torno do forte de Naulila, uns 700 homens. Do 14 havia duas companhias: a 9.ª e a 12.ª, respectivamente commandadas pelos capitães Homem Ribeiro e Aristides da Cunha. A artilharia—3 peças Erhardt de 75 mm.—estava sob o commando do capitão Fetteves; as 4 metralhadoras eram commandadas pelo tenente Bettencourt. A cavallaria—o 1.º esquadrão de dragões,—tinha por chefe o tenente Aragão. Havia ainda a 16.ª companhia indigena, commandada pelo capitão Sepulveda. Todos os effectivos estavam completos.

—O comando de todo o destacamento era do tenente coronel Roçadas, não é assim?—perguntei.

—Não senhor. O destacamento era commandado pelo capitão Reis. Ahi a cêrca de 12 kilometros para oeste, além do rio Cunene, proximo dos morros, estacionava o destacamento do major Salgado. O tenente coronel Roçadas commandava todas estas forças.

E interrompendo o fio da sua narrativa, o tenente Marques esclarece:

—Deixe-me prevenil-o que só posso referir-me ao que vi. O que se passou com os outros, longe de mim, elles que se encarreguem de o dizer.

Proseguindo:

—Da 9.ª companhia, ficára um pelotão a guardar o vau Catangorabe, junto á margem do Cunene e a oeste do forte. Desde o rio, com a frente para o sul e na direcção do oeste, estendia-se a nossa primeira linha de combate. No forte encontrava-se o 2.º pelotão, sob o meu commando; o 3.º pelotão constituia o flanco esquerdo das nossas forças. Na vespera do combate—17 de dezembro, nunca me esquece!—pelas 5 horas da tarde fômos avisados por communicação do major Salgado de que as forças allemãs sahiam do seu acampamento e marchavam sobre Naulila. Pouco depois veiu pessoalmente o alferes Andrade, que commandava os postos avançados dos cuamatos fazer-nos egual communicação, indicando ao commandante que os allemães deviam vir pelo caminho da Oncuancua, isto é, em direcção sensivelmente norte sul. Deu-se o signal de alarme e todas as forças marcharam logo para a 1.ª linha, onde dormiram n'essa noite. Quanto ao meu pelotão, tinha ordem para ficar no quartel, cumprindo-me cuidar dos aprovisionamentos. Fiquei triste. «Deixa lá, que tambem has-de prestar serviços», diziam-me camaradas, para me consolarem. Apezar d'isso, a certa altura recebi a agradabilissima ordem de marchar tambem para a 1.ª linha, no flanco esquerdo, ao lado do 3.º pelotão. Fui. Mas creio que razões de serviço levaram o commando a fazer-me recolher de novo ao quartel com o meu pelotão. Deixei no meu logar, no extremo do flanco esquerdo, algumas praças apeadas de cavallaria, estabeleci vedetas de ligação entre essas e o quartel e dispuz os meus homens junto d'este.

—Que distancia havia então entre o quartel de Naulila e essas vedetas da 1.ª linha?

—Cêrca de 700 metros.

—Houve de noite algum alarme?

—Não houve. Todos ficaram nos seus postos, promptos á primeira voz. Cêrca das 5 da madrugada—ia já clareando o dia—estava-se na distribuição do café. Eu preparava-me para mandar alguma bolacha aos meus camaradas que tinham passado a noite na 1.ª linha, e ia proceder á pesagem quando de repente ouvi alguns tiros de alarme dados pelas vedetas. Como é natural deixei o que estava fazendo e corri ao meu pelotão, que já occupava o seu logar nos abrigos—trincheiras na 2.ª phase, para o fogo de joelhos. Todos os soldados que estavam ainda no quartel tinham ordem de se encorporarem no pelotão ao primeiro alarme: mas não vi lá nenhum d'elles. Na frente, ao fundo da clareira, continuava o fogo lento. Distinguia-se mal. Avancei um pouco, sósinho, para observar o que se passava e notei então que o 3.º pelotão retirava precipitadamente na direcção do quartel. Quando proximo de mim passava o alferes Pisarra perguntei-lhe:

—Está ferido?

—Que eu saiba, não;—respondeu-me. E seguiu para a retaguarda. Os ultimos doze soldados do 3.º pelotão, expontaneamente, incorporaram-se no meu, e começaram a combater sob as minhas ordens.

—E as vedetas que tinham desde a vespera ficado na linha de fogo, no logar do 2.º pelotão?

O tenente Marques sorri tristemente.

—Ah, as vedetas? Não sei. Nunca mais as vi.

—Tinha então os allemães pela frente?

—Tinha. Abrira-se a porta e o inimigo avançava cautelosamente por ella. Com a retirada das vedetas e do 3.º pelotão os allemães podiam agora alcançar livremente o nosso flanco esquerdo e collocar as suas peças em posição. Effectivamente, as granadas começaram logo a cahir sobre as palhotas do quartel, de onde não tardaram em romper as labaredas.

—E havia gente lá dentro?

—Quando sahi para junto dos meus homens tinham lá ficado dois medicos, os drs. Moreira e Fontes, o tenente veterinario Souza, o alferes do secretariado militar Pinheiro e o alferes Alves. Além d'isso, havia n'uma enfermaria improvisada dois soldados de dragões que tinham sido feridos no dia 12 durante um combate de patrulhas. Eram os soldados n.º 42 Alfredo dos Prazeres Pilão, e o n.º 154 Manuel Cardoso Simeão, ambos com fracturas nas pernas. Um d'elles ia soffrer uma amputação no dia seguinte.

—Estão mortos?

—E' curioso: não morreram, porque foram aprisionados comnosco e tratados depois pelos allemães.

—Que os amputaram...

—Não senhor. Os medicos trataram-nos sempre bem. Os dois soldados voltam com as duas pernas, e apenas um se não curou de todo, por que perdeu o movimento de uma d'ellas. Mas eu lhe conto. Logo que o quartel começou a arder, ouvi gemidos na enfermaria. Lembrei-me que estavam lá os pobres feridos e encarreguei um cabo de ir lá com um soldado salval-os do incendio. Os pobres rapazes, com as pernas partidas, tinham conseguido saltar abaixo das camas e arrastavam-se pelo chão ensanguentado... Foram postos em relativa segurança atraz de uma arvore.

—E o seu pelotão?

—Continuava sempre nas trincheiras. Tinham desapparecido alguns soldados, supponho que na occasião em que os medicos sahiram do quartel, mas fôra augmentado com as 12 praças do 3.º pelotão que se lhes juntaram expontaneamente. Insisto n'este ponto por que parece que já se pretendeu insinuar o contrario. Eu não os convidei a ficar: podiam ter continuado a retirar como os outros, mas ao passarem por mim ficaram.

«Eramos agora batidos pelo fogo lento que os allemães faziam sobre os homens *do 3.º pelotão em retirada*. Foi n'esse momento, quando eu dava as ultimas instrucções, que comecei a ouvir a artilharia inimiga. O quartel ardeu, como lhe disse, e á esquerda das peças allemãs começava a distinguir-se uma linha de atiradores. Mandei abrir fogo lento contra essa linha. Não obstante, os allemães avançavam por lanços até alcançarem uma linha de abatizes a cêrca de 150 ou 200 metros de nós.

—E o fogo de artilharia?

—Logo que o quartel se incendiou, calaram-se as peças. Mas o fogo devorava já uma palhota chamada quartel general, junto da qual se estabelecera o deposito das munições de artilharia. As nossas granadas começaram a rebentar. Tomei por isso a deliberação de affastar para a esquerda a 2.ª secção, emquanto eu avancei com a outra de encontro aos allemães. Devo dizer-lhe que nem todos os officiaes tinham retirado do quartel: um d'elles, o alferes Alves, estava junto de mim. Encarreguei-o de dirigir o fogo da 2.ª secção do 2.º pelotão, mas pediu-me que o deixasse ir commigo, que queria morrer onde eu morresse combatendo de espingarda na mão como um simples soldado. E com effeito, veiu com a minha secção para a frente. Ahi a uns 50 metros na direcção dos allemães, appoiamos o flanco direito n'um imbondeiro e n'um paredão junto do forno que ali existia, abrigando-se as restantes praças atraz de uma arvore secca que estava cahida no chão. E' claro que este avanço fôra preparado com fogo vivo, que continuou, logo que attingimos a nova posição, especialmente sobre o flanco esquerdo do inimigo, então perfeitamente a descoberto. Foi n'esta altura que os allemães retiraram da linha algumas praças abrigando-as um pouco á retaguarda.

—E o alferes Alves?

—Fazia fogo a meu lado... e peguei tambem n'uma arma. Appoiados no muro de que lhe falei, continhamos o avanço, mas as balas allemãs choviam sobre nós. De repente, o Alves, attingido na cabeça, cahiu, instantaneamente morto, e pouco depois uma bala, ricocheteando sobre os tijolos do muro, crivou-me de estilhaços a mão esquerda. Atei-lhe um lenço, pedi que me carregassem a arma, e continuei a fazer fogo. Então outra bala levou-me o penso e furou-me a mão. Teimei... Ao largo quasi já se não ouvia fogo: apenas uma peça e uma metralhadora davam, de quando em quando, signal de vida. Mais tarde ouvi ainda tiroteio na primeira linha, para os lados de sudoeste.

—Já sabia que o grosso das nossas forças tinha retirado?

—Ainda não. Imaginava, como imaginei sempre, que a retirada dos nossos não era definitiva, e por isso me agarrei ao terreno, sustentando-me na posição o mais que pude, a fim de dar tempo ás tropas expedicionarias de voltarem á carga, tomando novas posições. Supponho que foi n'esta altura do combate que o tenente Aragão e o alferes Sereno foram feridos. Mas o meu camarada lhe contará... O que lhe posso dizer é que o combate comnosco continuou e que verifiquei então ter perdido já 20 mortos e 20 e tantos feridos. Restavam-me 20 e tal soldados validos!

—Com centenas de allemães, metralhadoras e artilharia pela frente...

—... E pela retaguarda. Effectivamente, logo que os allemães souberam que as forças da 1.ª linha tinham passado o Cunene, envolveram o quartel com infantaria montada, que marchava desordenadamente... Antes, porém, o inimigo tinha feito ainda avançar uma peça mascarada com a cruz vermelha, como se fôsse uma maca, a tomar posição sobre o nosso flanco direito. Não consenti que fizessem fogo sobre ella senão quando verifiquei que era realmente uma peça, que começou a bombardear uns carros á esquerda da nossa linha, de onde alguns dos meus homens batiam o flanco direito allemão. Os carros principiaram a arder, e comprehendendo eu de que vergonhoso estratagema o inimigo se servia, mandei então romper fogo contra a guarnição da peça que continuou a bombardear-nos—com tão más pontarias e tal atrapalhação que nenhum dos meus soldados foi ferido por ella. Entretanto, a infantaria montada que nos envolvera cahia sobre nós, á carga; na nossa frente, os allemães armavam bayoneta e carregavam tambem... Era impossivel resistir mais.

—E não teve appoio nenhum?

—Não tive, desde o inicio do combate, o menor appoio; nem recebi a mais ligeira ordem de retirada ou mudança de posição.

—Foi feito prisioneiro n'essa altura...

—Restavam-me pouco mais de 20 homens validos, repetiu o tenente Marques. Os feridos *arrastavam-se em torno dos mortos*... Apenas o *inimigo* alcançou a secção mais avançada do meu pelotão, onde *como lhe disse me encontrava*, o official allemão agarrou-me no braço apontando-me uma pistola, os outros seguraram egualmente os poucos soldados validos e os ligeiramente feridos e pretenderam avançar sobre a secção mais atrazada cobrindo-se com os nossos corpos á maneira de escudos. Suppunham elles que, assim, a 2.ª secção cessaria o fogo. Tal não aconteceu, porém; os meus soldados só deixaram de atirar quando eu lh'o ordenei... Estavamos aprisionados.

—Viu *morrer* o capitão *Homem* Ribeiro?

—Não vi. Nem sequer passou junto de mim quando no inicio do combate o 3.º pelotão retirou da linha. Creio que depois de ver retirar os seus homens, seguiu para o quartel da nossa retaguarda e foi attingido por uma bala, junto de um imbondeiro que havia dentro do forte, onde tinhamos installado um posto de observação.

E o tenente Marques, após uma commovida pausa, proseguiu:

—Estavamos prisioneiros... Se o tenente Aragão, que foi dos que soube cumprir heroicamente o seu dever, consegue alcançar-me com os 50 dragões que commandava, tenho a certeza que ainda tinhamos podido juntos obrigar o inimigo a retirar. Mas n'essa altura já elle tinha a perna esquerda varada por uma bala e fôra colhido pelos allemães. Eu lhe conto o que commigo se passou. A primeira coisa que os allemães fizeram foi mandar separar de entre nós os mortos, os feridos e os validos. Na frente d'estes ultimos collocou-se uma força com as armas cruzadas e promptas a disparar. A attitude dos soldados inimigos era feroz e aggressiva, sem piedade para com os vencidos que honradamente se tinham batido; mas se os validos não podiam fazer um movimento, a vigilancia junto dos feridos era frouxa. Eu encontrava-me no lote d'estes ultimos, e formulei desde logo um plano de evasão emquanto os soldados allemães removiam as cinzas das palhotas, saqueando as bagagens que tinham escapado ao incendio. Chamei o meu impedido e mandei-o partir primeiro na direcção do matto. Preparava-me para lhe seguir as pisadas quando me chegaram aos ouvidos as lamentações dos meus soldados validos, que suppunham iam ser fusilados. Voltei-me, e a attitude dos allemães convenceu-me de que iam de facto praticar tamanha covardia. Então, esqueci-me do meu plano, renunciei á fuga e voltei para junto dos allemães, bradando:

«—Em todos os exercitos civilisados os soldados combatem quando os mandam. O commandante d'esses homens sou eu!

«Como se um raio de luz se lhes tivesse feito no cerebro, lançaram-se sobre mim, como selvagens, aos gritos de jubilo:

«—*Der kommandant! Der kommandant! Der kommandant!*

«Creio que no primeiro momento me tomaram pelo tenente coronel Roçadas. Appareceu então o capitão Trainer, que commandava a columna inimiga em substituição do então major, mais tarde tenente coronel Frank, a quem uma bala esphacelára a orelha esquerda e parte da face, e approximou-se de mim em attitude feroz. A meia duzia de passos atirou-me brutalmente com um binoculo que trazia na mão. Fiquei impassivel. Elle chamou um sargento que se exprimia um pouco em portuguez e fez-me uma infinidade de perguntas ácerca da situação dos nossos, posições, etc.

«Respondi-lhe que não sabia—era verdade: eu nada sabia a tal respeito. O destino da nossa gente continuava a ser para mim um mysterio... Intimaram-me então a escrever uma carta ao tenente coronel Roçadas, dizendo-lhe, da parte de Frank que, se quizesse combinar a paz, mandasse um official parlamentar com os allemães. *No fundo*, eu continuava convencido de que os nossos voltariam á carga e, de braço esquerdo ao peito, emquanto um soldado me segurava no papel comecei a escrever:

«*Estamos prisioneiros dos allemães no forte de Naulila...*

«Comprehendendo a indicação que eu pretendia dar, os vencedores protestaram, amarrotando a carta:

«—Não! Escreva simplesmente: estamos prisioneiros, mas sem indicação de local! E diga que pela resposta d'esta carta respondem as vidas dos soldados.

«A carta seguiu, mas não estou bem certo se n'ella mandei dizer ao commandante da expedição que os allemães esperavam pela resposta até ás 4 horas da tarde. O que é certo é que tal resposta não chegou nunca.

—E quem foi levar a carta?

—Um sargento allemão acompanhado por um portuguez. A este respeito contaram-me, já na viagem de regresso, um episodio vergonhoso que me abstenho de referir por duvidar ainda da sua authenticidade.

—Mas...

—Depois... Depois tudo se saberá. Consola-me que o soldado portuguez, durante o trajecto, praticou uma proeza, pela qual o teriam louvado—o que seria um cumulo. Deixemos isso. Citei-lhe o caso da carta porque n'essa occasião me recordo de ter visto que horas eram: 9 e meia da manhã, pelos nossos relogios. Tinhamos combatido, portanto, durante perto de quatro horas...

—E n'esse dia nada mais houve?

—Nada mais, a não ser a anciedade dos meus homens pela resposta da carta, pois estavamos convencidos de que se ella não viesse seriam todos fusilados, feridos e prisioneiros. Esquecia-me dizer-lhe que, terminado o saque das bagagens, fizeram um monte de tudo o que apanharam, mandaram chamar os indigenas e obrigaram-nos a reconhecer a soberania allemã, distribuindo em seguida por elles os objectos roubados das *nossas malas*. Ainda tentei conseguir que aos prisioneiros fôsse entregue o que do seu uso pessoal lhes pertencia, mas foi impossivel. A' tarde, quando foram dar de beber ao gado no rio Cunene levaram á frente os soldados prisioneiros, validos ou ligeiramente feridos, com uma corda ao pescoço... Só a mim me pouparam tamanho vexame. Chegados á praia os nossos formaram em linha, á retaguarda ficaram os allemães com armas cruzadas e peças em bateria, e assim deram agua ao gado. No dia seguinte, o episodio repetiu-se, mas um pouco mais socegados não recorreram ás cordas.

—E o tenente Aragão?

—Vi-o ferido, no mesmo dia, e no dia seguinte appareceu o alferes Andrade, prisioneiro.

—Os allemães tiveram muitas perdas?

—Bastantes. Hei-de dar-lhe uma nota d'ellas. Os mortos, muitas vezes, falam mais eloquentemente que os vivos.

—Na occasião do combate perdemos alguma peça?

—Creio que não. Apenas uma metralhadora e respectivo armão, que foi abandonado na praia. Para terminar: no dia seguinte, estivemos sempre na esperança de que os nossos voltariam. A' tarde discutimos com os officiaes allemães uma questão de fronteiras, sem chegarmos a accordo, quando na direcção dos morros, para lá do Cunene, se avistou uma nuvem de pó. Os nossos interlocutores começaram a dar visiveis signaes de inquietação e a examinar a nuvem atravez dos excellentes binoculos de campanha que possuem. Ainda suppuzemos um instante que se tratava das nossas tropas e dispunhamo-nos a correr o risco de morrer com uma granada portugueza, mas satisfeitos pela desforra. Deram-nos os binoculos, e reconhecemos então que se tratava de uma manada de bois. Em todo o caso os allemães não esperaram mais tempo para retirar. Dentro de meia hora iniciavam a marcha para o sul, na direcção da Hunda, onde chegámos no dia seguinte depois de pernoitarmos no caminho e termos marchado 40 kilometros. Os feridos eram conduzidos em macas improvisadas com cobertores que os nossos soldados validos conduziam. A 28 de janeiro, rotos, ensanguentados, cheios de parasitas, chegámos a Windhuk e démos entrada na cadeia, como forçados—nós que tinhamos apenas cumprido o nosso dever!

FRANCISCO DE ARAGÃO

O que diz o capitão Aragão

O capitão de cavallaria Francisco Aragão, terminando os seus sete mezes de captiveiro e regressando á patria, confessa ter tido uma profunda surpreza com o ruido que se fez em torno do seu nome. Pois quê? Então ha porventura em Portugal motivo para espantos o facto de um soldado cumprir honradamente o seu dever? Ao avistal-o no Funchal, mal o *Africa* fundeou na bahia, e depois de abraçar esse bravo rapaz, tão valoroso e bravo que entende ser a coragem a coisa mais banal d'este mundo, interroguei-o ácerca do seu ferimento:

—Capitão, diga-me: está completamente curado?

Elle encarou-me com surpreza, e apressou-se a emendar:

—Capitão? Não... Sou apenas tenente.

—Mas é que foi promovido, por deliberação do Parlamento...

Esboçou um gesto de espanto, e replicou:

—Em todo o caso é preciso que eu acceite.

Francisco de Aragão não acha justo que se promova um official que soube cumprir o seu dever, como não admitte que deixe de se castigar qualquer outro que não quiz cumprir o seu. A julgal-o pela edade, 24 annos apenas, dil-o-hiamos uma creança, mas a experiencia, a visão nitida dos factos, a lição das pessoas e das coisas, fazem d'elle um homem—um homem, na mais bella e na mais nobre accepção do termo. E' severo nos conceitos, rapido nas decisões, tranquillo de cerebro e de coração; raramente se enthusiasma, tem uma inabalavel confiança em si proprio. A jornada de Naulila fortaleceu singularmente os principios da sua rigidez moral. Para elle, a indisciplina pode ser, por vezes, uma virtude; a cobardia é sempre um crime. Pretende que a pena de morte não devia ter desapparecido dos codigos militares e que um soldado que deserta em frente do inimigo devia fusilar-se summariamente.

Não admira, pois, que o arrojado official tivesse manifestado surpreza ao saber a noticia que fôra promovido. A bordo do *Africa*, na vespera da chegada á Madeira, fôra-lhe mostrado um radiogramma em que o seu nome figurava precedido da palavra capitão. Suppôz que se tratava de um lapso.

Aragão tem a envergadura d'uma d'essas gigantescas personagens de Victor Hugo para as quaes tudo se resume no ideal. Naturalmente reservado como todos os contemplativos, expande-se, comtudo, desde que lhe falem na sua profissão: é militar por natureza e combativo por temperamento, não sabe o que é covardia phisica nem moral senão por ouvir dizer, expõe o que pensa com desassombro, ainda que contra a sua opinião se levantasse a humanidade em peso. E por isso mesmo me declarava a bordo do *Africa*, apenas quebrado o gelo da sua natural reserva, *que se encontra firmemente disposto a renunciar á promoção ao posto immediato que o Parlamento por acclamação votou*.

—Em primeiro logar, disse-me elle, a promoção não se baseia em nenhum relatorio official onde se registem feitos de heroicidade por mim praticados. Alem

d'isso, sou, por principio, contrario a estas coisas...

Repliquei:

—Perdão: o Parlamento distinguiu-o em virtude do seu procedimento heroico...

—E em que documento official se falla d'esse procedimento? O tenente coronel Roçadas ainda não apresentou o seu relatorio. Só apoiada nas suas informações teria regular a minha promoção por distincção. Devo dizer-lhe que estou captivado, penhoradissimo até, com a maneira carinhosa pela qual se occupou de mim o Parlamento da Republica. Não conheço pessoalmente Leotte do Rego, cujas altas qualidades muito aprecio, mas uma das minhas primeiras *démarches* será o ir agradecer-lhe a iniciativa de se lembrar do meu modesto nome. No entanto principios são principios—a promoção não pode ser acceite por quem não fez mais do que cumprir o seu dever militar...

Depois, a palestra versou naturalmente sobre a tragedia de Naulila. Francisco de Aragão começou por descrever, na sua forma concisa e methodica, qual o estado do espirito da nossa officialidade durante os dias que precederam o fatal 18 de dezembro. E, a proposito, fez uma calorosa apologia do soldado portuguez, quando commandado por officiaes que se saibam impôr e possuam virtudes militares.

—Creio que se disseram do nosso soldado coisas pouco lisongeiras. Deixe-me desfazer desde já esses boatos. O soldado poderá ser bronco, pouco resignado nas marchas, mandrião, tudo o que quizerem. Em combate é excellente. Deem-lhe bons officiaes, e o soldado não arreda pé. Veja o que succedeu, por exemplo, com o tenente Marques, que, se viu morrer muitos dos seus homens, não viu fugir um só... Assentemos, portanto, n'isto: o soldado não teve culpa alguma no desastre. Quanto aos officiaes, a verdade é que, alguns d'elles, sem duvida em virtude da nossa hesitante politica internacional e das instrucções incomprehensiveis que vinham da metropole, não tinham vontade de se bater. Bem vê: nós não estavamos, infelizmente, em guerra com a Allemanha... Por isso, desde logo se delinearam dois grupos: um, a que nós pertenciâmos, abertamente partidarios da offensiva, outros, por sua vez, convencidos de que nunca seriamos atacados pelos allemães, inteiramente de opinião que deviamos limitar-nos á defensiva em caso de surpreza. Um bello dia, começámos a ter informações do gentio de que uma forte columna acampava em Tamando, ao norte do territorio allemão. Eu commandava dois esquadrões de dragões do planalto e exercia funcções de vigilancia: recommendei o maior cuidado ás patrulhas e assim chegou o dia 12 de dezembro, data das primeiras hostilidades.

—Houve então algum choque antes de Naulila?

—Houve ligeiros combates de patrulhas. No dia 12 tivemos dois feridos. Eu lhe conto: vieram prevenir-me ao forte de que uma patrulha de dragões tinha sido atacada pelos allemães proximo do vau de Calòeque. Segui immediatamente para ali com dois pelotões, passei o vau com um d'elles e ouviram-se então gemidos lancinantes no meio de uma *chana*—sabe o que é, não é assim?

—Uma especie de clareira entre o matto...

—Exactamente. N'esse momento ouvi tiroteio na margem direita. Lembrei-me de qualquer estratagema do inimigo, achei que os feridos berravam mais do que era natural e passámos novamente o vau para a margem direita, na intenção de voltar depois.

—E a origem do tiroteio?

—Fora um posto de observação que distinguira alguns allemães na margem opposta, dando de beber ao gado, e rompera fogo sobre elles. Soube mais tarde que n'essa occasião um sargento inimigo escapara por milagre de tres balas nossas que o attingiram. N'essa noite acampei junto do vau. A 13 de manhã passei de novo á margem esquerda para ir buscar os feridos, que já se não encontravam no meio da *chana*, e travámos combate com uma linha de atiradores que se tinha embuscado proximo. Pelos feridos soubemos depois que houvera realmente um estratagema allemão: depois do ataque á nossa patrulha no dia 12, tinham collocado os feridos no meio da *chana*, recommendando-lhes que berrassem bastante, sob pena de fuzilamento, a fim de sermos attrahidos a uma cilada... Mas, sob o nosso fogo, os allemães fugiram, como sistematicamente fizeram até o dia 18. A tactica d'elles consistia em mascarar o movimento de concentração que estavam effectuando: se temos tomado a offensiva então, tinhamol-os desfeito!

«N'esse dia 13 fizemos um prisioneiro que está ainda em Loanda. Forneceu-nos informações preciosas...

—Não tinham, entre os portuguezes, uma especie de norueguez fazendo serviço de guia? perguntei a proposito.

—Effectivamente: esse individuo acompanhou-me até algumas vezes. Verificou-se depois que não passava de um espião a soldo do inimigo. Mais tarde um dos soldados prisioneiros avistou-o na Damara: cinicamente, com um riso de mofa, approximou-se do rapaz, dizendo: «Portuguez...» e espalmando os dedos sobre os olhos, como que a significar que os tinhamos fechados... Mas adeante. A' tarde, por volta das 2 horas, chegou junto de mim um pelotão de infantaria 14, commandado pelo alferes Figueiredo, que, seja dito de passagem, é um excellente official, cheio de energia e decisão. Resolvemos effectuar um reconhecimento offensivo, mas como durante os nossos movimentos preparatorios se fizesse noite, acampámos, dispostos a atacar o acampamento inimigo na manhã seguinte. Infelizmente logo das primeiras horas do dia 14 veiu ordem para o pelotão retirar para o forte e para os esquadrões irem ali comer... á vez. Imagine que estavamos a 9 kilometros do quartel e diariamente em contacto com o inimigo!

«Tive pena, porque estou convencido de que n'essa occasião escangalhavamos os allemães que eram ainda poucos e não tinham artilharia. Esta só chegou mais tarde, commandada pelo major Frank.

«No dia seguinte, 15 de dezembro, fui com Maia Magalhães e alferes Andrade ao Calveque, onde, na margem direita e proximo dos morros, estacionavam já as forças do major Salgado. Subimos aos morros e observámos d'ali o acampamento inimigo na margem esquerda do rio. Calcule: chegámos a contar homens e cavallos! Lembra-me que estes ultimos não passavam do cem. Novamente veiu á tela da discussão a questão da nossa offensiva e Maia Magalhães suggeriu até que as duas peças Canet do major Salgado poderiam tomar posição no alto das collinas, ao passo que os meus dois pelotões passariam o vau doCalveque e atacariam o acampamento com o auxilio dos irregulares cuamatos. Se fossemos bem succedidos, como eu esperava, muito bem. No caso contrario, já estava a artilharia para nos proteger a retirada.

«O major Salgado, porém, não entendeu assim, o ataque não se fez. No dia 16, uma patrulha allemã perseguiu uma outra nossa. Acudiu o alferes Andrade com auxiliares e cavallaria e, fazendo-os fugir, perseguiu-os até muito perto do acampamento. No dia 17, dos nossos veiu a informação de que 250 homens e 16 carros marchavam na direcção do forte. Pouco depois o alferes Andrade ouvia dois espiões do Caludi que vieram informar-nos acerca dos allemães. Segundo essa informação, o seu numero era proximamente egual ao dos portuguezes, traziam comsigo 15 peças e metralhadoras. Os pretos tinham confundido com artilharia os tubos telescopicos que servem para armar as antenas da telegraphia sem fios! Diziam ainda que o major Frank, commandando a artilharia, se puzera em marcha para Naulila. Soubemos ainda que o Chetequele, antigo soba do Cuamato expulso da região por occasião da campanha de 1907, vinha com os allemães, que lhe tinham promettido pol-o de novo á frente do sobado.

—E o Chetequele não tentou revoltar os nossos cuamatos?

—Sem duvida. Quando o alferes Andrade foi ao forte communicar o que soubera por intermedio dos espiões, notou que quatro *mucundas* ou grupos de auxiliares armados que elle dispuzera em postos á cossaca tinham desapparecido. Fôra o Chetequele que lhes mandára os seus emissarios para os convencer a fugir. Em virtude d'estas noticias resolvi á noite mudar o nosso acampamento para junto do Vau de Mughololo, 2 kilometros á retaguarda, tendo no emtanto o cuidado de deixar as fogueiras accesas no vau de Nangule. Este estratagema deu o resultado que eu pretendia obter, visto que parte dos allemães que á meia noite sahiram do seu acampamento para atacar o nosso flanco esquerdo detiveram-se horas deante das fogueiras e só avançaram para o forte depois de nascer o sol.

—Quanto allemães havia ao todo nas forças inimigas?

—O prisioneiro que tinhamos feito fallou em 800 a 1.000, mas apertado no forte chegou a affirmar que eram 1.200. Eu calculo que estivessem á roda de 600, além dos pretos armados.

—Chegámos no dia do combate...

—Exactamente: 18 de dezembro. De manhã, das 5 para as 5 1/2—estavamos a apparelhar os cavallos—ouviram-se tiros de canhão e fuzilaria para os lados do forte. Montámos logo e dirigimo-nos para lá. Calculo que estavamos a cerca de 2 kilometros d'elle quando mandei parar. Por sobre as nossas cabeças, muito alto, silvavam balas e granadas, que uma peça e uma metralhadora nossas disparavam ao longe. Mandei sahir umas patrulhas para estabelecer ligação com os nossos, mas não conseguiram chegar, e voltaram d'ahi a pouco informando que n'um dado ponto, a 600 metros, tinham avistado duas peças e infanteria inimiga. Resolvi logo com o Andrade que fossemos tomar as peças. Mandei apear deseseis homens, que marcharam em linha na direcção indicada, commigo á direita e o Andrade á esquerda.

O alferes Sereno seguia-nos a cavallo com a restante força. No primeiro avanço conseguimos seguir abrigados até 150 metros do inimigo. Então, a 50 metros do nosso flanco esquerdo, ouviam-se vozes de commando, em allemão:

—*Worwaerts!*

«Rapidamente effectuámos uma conversão sobre a esquerda, e gritei ao Sereno:

—Carrega-me sobre esses...

«Abstenho-me de repetir o qualificativo com que n'esse momento designei os allemães. Em campanha, aos soldados, é assim que se fala. Sereno e os seus homens carregaram: muitos d'elles sem espadas, porque só dispunham de carabinas que brandiam durante a carga. Na infantaria allemã, que vinha montada, estabeleceu-se uma rapida confusão, e começaram sobre os dragões um fogo desordenado. Sereno cahiu, ferido n'um pé, e morto o cavallo em que montava, e os seus homens retiraram então protegidos pelo nosso fogo.

—Viu morrer o alferes Sereno?

—Não. Houve um cabo nosso que o viu passar para as bandas do Cuamato Grande, amparado a um soldado a quem tinham morto o cavallo. Sereno dizia-lhe: «Se vires que somos perseguidos pelos allemães previne-me, porque não quero cahir-lhe vivo nas mãos». Para mim é ponto de fé que deu um tiro na cabeça. E, a proposito, deixe-me dizer-lhe que não passam de tremendas injustiças as accusações que teem sido feitas ao alferes Sereno. Era um valente e honrado official, um verdadeiro militar, um convicto republicano, e teve carradas de razão n'aquelle primitivo incidente de Naulila, em que foi morto o administrador do Oujo e mais dois allemães. E' preciso que á sua memoria seja feita a devida justiça. Mas prosigamos:

«Ficámos apenas só, em frente do destacamento allemão, o Andrade, os 16 homens e eu, combatendo apeados. O fogo generalisou-se. Encobertos pelo *mutiati*, ou seja o matto mais cerrado, os allemães não eram capazes de nos vêr, e a nossa fusilaria era mais viva para fazer-lhes suppôr que eramos muitos mais. Durou cerca de uma hora o tiroteio, tendo nós apenas um ferido. Então, notei que se esboçava na linha inimiga um movimento envolvente sobre o nosso flanco esquerdo. Decidi retirar para o forte, onde se ouvia fogo: mas estava longe de suppor que era só o tenente Marques, com um punhado de soldados, defrontando-se com os allemães. Andrade montou primeiro a cavallo e quando se tinha já voltado para retirar mataram-lhe a montada com um tiro. Ficou a pé com um soldado e um clarim—este ultimo soube mais tarde que conseguiu salvar-se e voltou para a metropole com um braço amputado—emquanto eu seguia a cavallo com os restantes homens na direcção do forte, que eu suppunha sempre occupado pelos nossos. A 200 metros da nossa primeira linha, uma bala perdida attingiu-me na coxa esquerda. Apeei-me, amarrei solidamente uma ligadura em torno da ferida que sangrava em borbotões, e segui á pé. Já então varios soldados e alguns cavallos tinham sido attingidos tambem. D'ahi a pouco encontrava novamente o alferes Andrade que com os dois soldados tinha seguido egualmente na direcção do forte, e como o ferimento me começasse a difficultar a marcha—ainda hoje tenho a bala dentro da côxa—deitei-me no chão, pedindo ao Andrade que me deixasse ali, visto que eu não podia servir já senão de empecilho.

«Andrade tentou ainda improvisar uma maca com espingardas, mas eu preferi que me deixassem. N'esta altura, duas *mucundas* de cuamatos appareceram, pedindo instrucções ao alferes Andrade. Disse-lhes que seguissem para o forte, que lá iriamos ter. Então de novo insisti que não se prendessem commigo e fiquei só.

—E como foi aprisionado?

—Passado algum tempo vi approximar-se um preto do local onde me encontrava. Offereci-lhe um boi e o meu casaco, que me servia de almofada, para que me guiasse até ao forte. Disse-me que já lá estava *mululo*, termo por que os pretos designam os allemães e que significa, segundo diz o Andrade que conhece a lingua a fundo, *homem da agua salgada*. No emtanto, como se não resignasse a ficar sem o casaco, roubou-m'o e ia a safar-se com elle quando appareceu um soldado inimigo que lhe deitou a mão e o obrigou a restituir-m'o. Em seguida dirigi-me a pé para o forte, acompanhado pelo allemão, e dei entrada na ambulancia. Só dias depois é que me começaram a fazer curativos decentes...

—Está convencido de que, no caso de ter conseguido juntar os seus esforços aos do tenente Marques, teriam conseguido vencer?

—Estou certo de que haviamos de repellir os assaltantes, tornou singelamente o capitão Aragão.

—E a que attribue a causa do desastre?

—São coisas que hei-de pormenorisar no meu relatorio—implacavelmente. E' preciso que a verdade se diga, porque só com a verdade nos podemos precaver para o futuro. Em todo o caso posso desde já affirmar-lhe a minha convicção de que a indecisa attitude de Portugal perante a guerra contribuiu bastante para o estado de espirito entre os portuguezes, que tão favoravel foi á execução dos planos allemães. Não é esta a occasião propria de commentar os factos e criticar attitudes. Isso virá a seu tempo. Mas esteja certo de que, com um pouco de esforço, tinhamos desbaratado os allemães. Frank chegou a ser ferido durante o combate, suppõe-se que por um preto empoleirado n'uma arvore. Pois quando entrou na ambulancia declarou que nenhum dos allemães que tinham vindo com elle voltaria ao sudoeste, tal a convicção em que estava de que iam ser desbaratados. Venceram por um bamburrio—nada mais.

Depõe o tenente Andrade

O tenente Andrade—alferes na occasião do combate de Naulila—é já, apezar de novo, um profundo conhecedor das coisas do Sertão. Na sua bagagem de africanista tem hoje uma larga folha de serviços: partiu a primeira vez para a Africa por occasião da guerra anglo-boer, fazendo parte da expedição que em Gaza foi encarregada de vigiar as fronteiras; depois, a sua actividade exerceu-se na costa occidental, tomou parte na campanha dos cuamatas em 1907, creou amor á terra, percorreu o sul de Angola em todos os sentidos, e como adora a vida do matto, não pensa senão em voltar de novo para lá. Encarregado por vezes de arriscadas missões de confiança, de todas se tem desempenhado com intelligencia e com brilho. Uma vez, a cavallo, com algumas praças, tendo-lhe constado que os indigenas iam atacar o Humbe, partiu, do norte do planalto da Huilla e percorreu em trez dias mais de trezentos kilometros. Para esta prodigiosa «perfomance» é mister possuir no mais alto grau o espirito de sacrificio e a valentia propria dos heroes. Sempre que é preciso, não dorme, alimenta-se á maneira dos indigenas, cujo idioma lhe é familiar, e só pensa em attingir, atravez de tudo, o fim a que se propoz. Uma vez, por iniciativa sua quiz ir montar um posto militar no Cuanhama, o que não poude realisar em virtude de sombrios manejos e intrigas entre europeus.

Na jornada de Naulila, Andrade tinha sob as suas ordens cêrca de 300 auxiliares cuamatos, formando uma linha avançada, á frente das nossas forças que defendiam o forte. Acompanhou sempre, lado a lado, o capitão Aragão, cuja narrativa acabamos de registar, e assistiu portanto a todos os pormenores d'esse depoimento. Perdemol-o de vista quando Aragão ferido lhe pediu que o deixasse e elle se dirigiu para a esquerda, na direcção do local onde suppunha ir encontrar os nossos, e junto dos quaes buscaria soccoro para o seu camarada. Deixemol-o contar, porém, a sua estranha aventura:

—Depois de me separar do Aragão, fiquei com 3 homens, porque entretanto me appareceu mais um. Só dois estavam armados. Resolvi seguir na direcção do forte, mas a certa altura avistei alguns cavallos allemães e soldados de infantaria montada da Damaralandia segurando ás redeas. Devia andar pelas 10 horas da manhã. Já não se ouvia nenhum ruido do combate. Mudei de direcção e encaminhei-me para o Cavero, onde suppuz que poderia entrar nas nossas linhas. De repente avistámos um preto inimigo que voltava do rio transportando um sacco de agua. Deitámo-nos junto de uma arvore, como mortos, mas por sob a aba do chapéu não perdia o sujeito de vista atravez do binoculo. Dois cavalleiros allemães surgiram então, muito perto. O preto approximou-se d'elles, falou-lhes, indicando o ponto em que nos encontravamos, e como os brancos retiraram logo deprehendi que o indigena lhes dizia que estavamos mortos.

«Proseguindo a marcha, avistámos *uma tipoia conduzida por soldados*. Soube mais tarde que era o major Frank, que fôra ferido em combate com um tiro na cara. Escondi-me. Pretos passavam, conduzindo agua para os lados do forte, que eu continuava a suppôr bem defendido pelos nossos. Cêrca das 4 horas, a sêde apertava: resolvi falar com um preto a quem pedi que me fôsse buscar agua, e promettendo-lhe um boi combinei que viesse á noite procurar-me para me conduzir ao forte. Nunca mais appareceu».

—Não foi por elle informado da retirada dos nossos?

—Não. Elle dizia-me que os allemães estavam em torno de Naulila, mas eu interpretei aquillo como um cêrco. Podia lá convencer-me de que as nossas forças tivessem retirado deante dos allemães! Quanta vez, de palestra, eu não dizia ao Aragão: «Nem que sejam 2000, não seremos batidos!»

«Em summa, o homem não vinha com a agua, a sêde escaldava-nos a bocca... Resolvi falar a outro preto. Disse-me que sim, que iria buscar agua, mas exigia que lhe déssemos 15 tostões adeantados. Dei-lhos. Esperámos em vão até ás 10 horas da noite, n'um local coberto de arbustos, situado a 2 ou 3 kilometros do forte. Marquei a direcção de Naulila, e orientando-me pelas estrellas segui para ali com os meus companheiros. A certa altura da marcha uma nuvem encobria o céu, o que me determinou a fazer alto. Sentámo-nos, á espera que passasse, e lá fui animando e confortando os tres soldados, a quem pretendia communicar a minha propria esperança de que, no final, a partida seria nossa. Estavamos fracos, ralados de sêde e de fadiga, e não comiamos desde a vespera. Deu-nos um torpor e adormecemos, estirados no chão.

«Acordei com o ruido de um chacal que farejava um dos soldados. Rompia a manhã; no céu ia alta a estrella d'alva. A caminho! E á claridade do dia que despontava, muito indecisa ainda, continuámos os quatro, pé ante pé, de arvore para arvore, na ancia de atravessarmos o cêrco allemão sem sermos presentidos. N'este trajecto, dois soldados perderam-se de mim. Com o que me restava seguimos-lhes as pégadas por algum tempo, mas por fim desappareceram no matto. Pensei que tivessem ido para o forte e prosegui. Pouco depois avistei de repente os paus da vedação de arame farpado, e como já tivessemos passado por uns vultos de sentinellas allemãs, sem alarme, imaginei que estavamos no termo dos nossos trabalhos e exclamei.

—Estamos salvos!

«Mal sabia eu... De repente surgem 7 allemães que estavam agachados junto dos abatizes, e comprehendi tudo então. Sem me atrapalhar, perguntei pelo commandante a cuja presença me levaram. O capitão Frayner começou a interrogar-me sobre a situação dos nossos, distancias entre pontos do matto, etc. Repliquei-lhe que taes perguntas era uma injuria fazerem-se a um official prisioneiro, e não insistiu mais. Passados dez minutos, os dois soldados que se tinham perdido de mim eram trazidos pelo gentio á presença dos allemães. Frayner começou então a discutir commigo, dizendo que Portugal estava em guerra com a Allemanha, que o sabia positivamente por noticias de Capetown, e que os portuguezes preparavam 10.000 homens para irem combater ao lado dos inglezes nos campos de batalha da Flandres. Neguei. Dentro do quadrado concederam-me relativa liberdade. Fiz, a convite de Frayner, a identificação de quasi todos os nossos mortos, e assisti á sua inhumação nas nossas trincheiras depois de lhes ter feito a relação dos espolios.

«N'essa altura, como soubesse que nove indigenas dos nossos acabavam de ser enforcados nas arvores, protestei com energia, appellando para o direito das gentes. Além d'isso, os allemães tambem tinham comsigo indigenas armados. Responderam-me com evasivas, dizendo que não tinham ordem para fazer fogo contra os brancos, o que não é verdade. De facto, os nossos indigenas, alguns dos quaes lastimavelmente feridos, soffreram a pena ultima sob a accusação de terem feito fogo de cima das arvores, attingindo com os seus tiros o major Frank».

E o tenente Andrade terminou assim o seu depoimento sobre Naulila:

—Em summa: um dia, falando com Frayner, disse-lhe que os allemães o que tinham tido era sorte. «E' preciso ter sorte» replicou-me, rindo, o official inimigo. Na verdade, os allemães, que se deliveram tanto tempo na frente de meia duzia de homens, deram fraca ideia das suas tão apregoadas qualidades militares. Não são valentes, não sabem do seu officio, e todos pessimos atiradores...

No Caes das Columnas

O tenente Aragão e os seus companheiros são victoriadissimos

Dez e meia. A praça do Commercio está salpicada de grupos que esperam, á torreira viva do sol, a chegada do «Africa». A banda da guarda republicana, chegando da rua do Ouro, dá a volta ao recinto e vae postar-se junto do ministerio dos estrangeiros, á sombra protectora e fresca. No rio, surgem navios em todos os sentidos. No caes, o grupo de populares adensou-se e estendeu-se em volta, pelas largas escadas, até quasi á beira da agua turva e barrenta.

O calor, batendo de chapa na terra poeirenta, torna-se mais aggressivo, parecendo, de quando em vez, que da praça enorme sahem vapores incendiados, prestes a suffocar-nos. Velas enfunadas mancham o rio arripiado, sobre o qual parece que muitas mãos de fadas andam espalhando pedaços refulgentes de espelhos...

As janellas dos ministerios principiam a encher-se de curiosos. Chapeus brancos de senhoras, desenhando-se em plena luz, parecem grandes rosas prestes a desfolhar-se... Chegam os primeiros representantes do mundo official.

O sr. ministro do fomento, luzindo o chapeu alto das solemnes occasiões fica para ali, de conversa, com meia duzia de officiaes, á espera da hora do desembarque, que ninguem pode dizer ainda quando será. Os srs. generaes Martins de Carvalho, major general do exercito, e Rodrigues Ribeiro, quartel mestre, passeiam d'um lado para o outro, distrahidos, conversando para matar o tempo.

Vem do rio uma aragem forte, cheia de afago e de frescura. Quasi se sente a tentação de entrar pela agua dentro, de experimentar junto da pele dorida pelo bafo ardente d'este dia tropical a deliciosa frialdade das vagasinhas que o vento ergue a medo e vem fazer quebrar sobre as pedras denegridas do caes. Dão as onze e o *Africa* não apparece. Diz-se que houve nevoeiro lá fóra, que o barco não pode fazer a viagem com a velocidade habitual vendo-se, por isso, forçado a demorar um pouco a sua derrota. Resignemo-nos...

Minutos antes do meio dia. A multidão é já densissima. A policia, que chega, tenta deixar livre todo o caes. Os curiosos são afastados para longe. Lá em cima, abre-se um largo corredor que leva até aos ministerios e vae fechar-se á entrada da rua do Arsenal. Ha patrulhas da guarda limpando esse espaço desimpedido, por onde o capitão Aragão e os que o acompanham hão de passar.

Mas, frequentemente, o povo reflue, junta-se, aperta-se, afoga a fita luminosa que a policia pretende manter livre e a confusão surge, desorganisando tudo misturando tudo, lançando a perturbação na apotheose aos heroes, que tão pacientemente se prepara. Volta-se ao principio, e a policia, que é pouca, que nada pode contra a multidão, acaba por desunir-se e deixar cada qual fazer o que entende.

Em geral, esta nossa policia, que os senhores tão bem conhecem, faz sempre assim...

E param mais automoveis no cimo d'aquelle caes historico, onde tantas festas patrioticas teem tido o seu inicio entre palmas, vivas e salvas de artilharia. Ha officiaes de todos os corpos da guarnição, que veem saudar o tenente Aragão e os seus camaradas. Comparecem os ministros do interior, das colonias e da guerra. Depois, juntam-se-lhes os ministros da instrucção, dos estrangeiros e da justiça.

O sr. José de Castro tambem não se fez esperar. O sr. Norton de Mattos traz na mão, impressa em papel velino e cosida com fitas encarnadas e verdes, a *Ordem do Exercito* onde vem o despacho que promove, por deliberação do parlamento, o heroe de Naulila ao posto immediato.

Ha as deputações do Senado e da Camara, que veem desempenhar-se dos seus mandatos. A multidão é cada vez maior. Abafa-se. O caes é invadido de roldão.

Os ministros, os militares e o elemento official a custo conseguem ficar com uma clareira livre, onde aguardem o momento em que os valentes de Naulila hão-de pôr pé em terra.

Ao longe, para os lados da Trafaria, ergue-se no ar cinzento, pesado, côr de chumbo, um penacho de fumo, que mal sobe no ar quente, repousado sobre a agua profunda. E' um barco de guerra, que corta o rio a toda a velocidade, embandeirado nos topes, apitando repetidamente.

O barco approxima-se, distinguem-se-lhe as formas airosas, percebem-se-lhe, aprehendem-se-lhe todos os contornos. E' o *Douro*. Perto navega o *Africa*. Os dois navios seguem em direcção a Santa Apolonia, passando o primeiro á vista dos que povoam o caes com a velocidade de um expresso. O paquete mexe-se com mais lentidão. Cercam-no muitos barcos, passando todos, empavezados e solemnes, quasi junto de Cacilhas.

A multidão agita-se mais. Uma nova vaga humana, precipitando-se sobre as outras que refluem até ao pé do rio, vem tornar mais afflitiva a situação. O calor aperta implacavelmente. Os encontrões chovem de todos os lados. Não ha um instante de socego. O sr. ministro do interior delibera fazer policia por sua conta. Em vão. Ninguem lhe obedece.

Vêr o tenente Aragão é o ancioso desejo de todos. E realisal-o? O tempo decorre com uma lentidão atroz. O *Africa* interrompeu a sua derrota. O tenente Aragão vae desembarcar. Os ministros postam-se á beira do caes, do lado da estação dos caminhos de ferro. Os minusculos vaporsitos da outra banda, a abarrotar de passageiros, são obrigados a pairar a distancia.

As fragatas e os botes catraios, carregados de gente, podem contar-se ás dezenas. Poucas vezes olhos humanos podem contemplar um espectaculo como este...

E' quasi uma hora. O *Dragão* parece ter-se desprendido do *Africa*, que recomeça a sua marcha para o caes da Areia. Não ha duvida. O tenente Aragão com o tenente Andrade e o tenente Marques dirigem-se para terra. Lá em cima, a banda dos marinheiros executa uma marcha de guerra.

N'este momento o povo é immenso. Os vivas cortam de raro em raro o espaço. O *Dragão* irrompe a curta distancia, por detraz de um vapor que o furtava á vista da terra. O *Malange*, todo branco e cinzento, deslisa para a barra, a caminho de Africa.

O *Dragão* atraca. O tenente Aragão, de jaquetão e chapeu de palha, prepara-se para desembarcar. Os tenentes Marques e Andrade imitam-no. Levantam-se vivas á Republica. O enthusiasmo não pode ser maior.

Os ministros correm a abraçar os luctadores de Naulila. Trocam-se phrases affectuosas, cheias de admiração e de carinho. O sr. Norton de Mattos entrega ao tenente Aragão a *Ordem do Exercito* que o promoveu. O povo apodera-se do heroe e leva-o em triumpho. Precipita-se tudo, em avalanche, para a frente. Corre-se o risco de se ficar empastado. Quem pode afastar-se d'aquelle torniquete humano que cada vez se comprez mais em apertar e torturar foge sem olhar para traz. A distancia, vê-se ainda o tenente Aragão, aos hombros de meia duzia de populares, agitando o chapeu e agradecendo as manifestações que lhe dirigem. Os ministros e o elemento official perdem-no de vista. Cada um vae para seu lado.

A certa altura, junto da estatua, apparece um chapeu alto. Julga-se que é um ministro e toda a gente cuida que perto deve estar o heroe. O povo precipita-se para ali como uma onda avassaladora. O ar está saturado de poeira. Mal se respira. Os pulmões emperram. Mas o que será, afinal, feito do antigo commandante dos dragões de Mossamedes? Ninguem o sabe.

—Está no ministerio da guerra!—clama, em altos berros, um popular.

E o ministerio da guerra é invadido de roldão, ficando em poucos minutos a escadaria, a sala de espera e a ante-camara do ministro perfeitamente á cunha.

Para toda esta gente, Aragão encontra-se no gabinete do ministro. Encontra-se lá e vae sahir. A situação é difficil. Como pôr-lhe termo? Um senhor capitão toma uma deliberação audaz. E, em voz muito forte e muito clara, exclama:

—O tenente Aragão foi para o ministerio do interior. Se esperam vêl-o aqui, perdem o seu tempo.

E' uma voz que clama no deserto. O publico que a escuta ri-se e não arreda pé.

Vamos ao ministerio do interior. Tambem lá não está o heroe de Naulila. N'um grupo discute-se o caso. O que seria feito do valente official? Apparece o tenente Maia, de cavallaria. E' elle quem esclarece o caso e explica tudo o que se passou.

—Fui eu e o capitão Guerra Quaresma que o acompanhámos sempre desde que elle desembarcou.

O povo mal nos deixava romper e foi a custo que lográmos alcançar o ministerio da guerra. Ali, emquanto o povo subia a escadaria atraz de nós, precipitavamonos para uma das salas lateraes e alcançavamos o elevador, tornando a descer. Confundidos novamente com o povo, trepámos a escadaria do ministerio da marinha e fomos sahir ao arsenal d'onde tomámos em direcção ao elevador da Bibliotheca.

O povo reconheceu Aragão, victoriou-o, mas, não lhe interceptou o caminho. Do elevador tomamos para a rua Ivens e ahi, mettendo-nos os trez n'um automovel, seguimos para casa da familia de Aragão, onde o deixamos. Ahi está o que se passou.

A multidão, porém, não soube nada d'isto, e por esse motivo, como a tropa não retirava, deixou-se ficar no Terreiro do Paço á espera do heroe, a quem desejava saudar.

E foi só quando a banda da guarda recolheu ao Carmo e a banda dos marinheiros seguiu para Alcantara, que os milhares de manifestantes que enchiam a Baixa para assistirem á chegada do heroe de Naulila e para saudarem n'elle o representante valoroso dos portuguezes de outr'ora, que com os seus feitos gloriosos conquistaram a immorredoura admiração de todo o mundo se retiraram.

Ao encontro do "Africa,,

A manhã rompeu sob a atmosphera frenente de alvoroço em que se preparava a recepção aos heroes de Naulila. Muito cedo ainda e já no Caes das Columnas e na ponte de Alfandega ondulava uma enorme multidão, aguardando impacientemente a partida dos primeiros vapores que deviam ir ao encontro do «Africa».

Ao ministerio da guerra chegam a todo o momento essas pessoas que vão solicitar bilhetes para embarcar. A hora, porém, da entrada do transatlantico portuguez é ainda incerta. Contra a espectativa, o *Africa* sómente deverá transpôr a barra lá para o meio dia e, ante esta affirmação, os representantes do governo e officiaes das differentes corporações de Lisboa que, no Arsenal da Marinha, teem esperado das 8 ás 9 horas e meia da manhã o momento de embarcar, resolvem retirar-se para almoçar.

Mas na praça do Commercio a onda de populares continúa firme no seu posto, arrostando heroicamente com os raios do sol, de cada vez mais faiscante. Pouco mais de nove horas e os barcos a vapor da Alfandega e da Parceria singram airosamente as aguas do Tejo. Vão repletos de pessoas e os seus mastros desapparecem completamente sob o tremular das bandeiras.

Uma larga fita do nosso rio está agora coalhada pelos vapores *Portugal, Lisbonense, Algarve, Caparica, Operario* e ainda pelo auto-barco *Nadega* que, de linhas graciosas e branco como uma mancha de espuma, se assemelha a uma gaivota. O enthusiasmo é indiscriptivel. Os vivas repetem-se e, de quando em quando, o estralejar dos foguetes põe mais uma nota de gala a esta manifestação patriotica.

A's 10 horas e meia o pequeno vapor *Dragão* atraca á ponte do Arsenal da Marinha para conduzir os representantes do governo. Seguem os srs. Levy Bensabat, pelo presidente da Republica; João Guerra, pelo ministro do interior; Correia da Silva (Paço d'Arcos), pelo ministro das colonias; João Carlos Martins, pelo ministro de instrucção; tenente-coronel Castro e tenente Monteiro Torres, pelo ministro da guerra; Luiz Viegas, pelo ministro das finanças; Eduardo Villarinho, pelo ministro da marinha, e Augusto Ribeiro, pelo ministro do fomento. Vão tambem a bordo do *Dragão* o redactor d'*A Capital* e o photographo de um jornal matutino.

São precisamente 12 horas quando, na altura do Bom Successo, se dá o encontro do *Africa* com o *Dragão*. O paquete que conduz os valentes soldados que combateram em Naulila vem tambem vistosamente engalanado com as bandeiras nacional, dos paizes alliados e ainda de outras nações amigas.

Um dos representantes do governo brada ao commandante do *Africa* se é permittida a entrada, sendo-lhe d'ali respondido affirmativamente. O enthusiasmo recrudesce... Os vapores com os manifestantes cercam agora completamente o transantlantico portuguez e de todos os lados se agitam bandeiras e se acena com lenços.

Ao ingresso dos representantes do governo, a banda de bordo toca a *Portugueza* e, dentro do *Africa*, trocam-se abraços entre os que veem e os que esperam. N'um momento de eloquente silencio reviveu-se aquelles longos mezes de desespero e de saudade durante os quaes se julgaram mortos os heroes de Naulila. O capitão Aragão traja um fato de casimira amarella. Os outros expedicionarios vestem os mais diversos uniformes, desde o nacional ao inglez, e ao proprio allemão.

Feitos os cumprimentos dos representantes do governo, recebidos os abraços dos cameradas, o capitão Aragão cae nos braços das pessoas de familia que o esperam, produzindo-se então uma scena verdadeiramente emocionante.

Na terceira classe, onde veem os soldados da expedição, repetem-se os mesmos quadros enternecedores.

As juntas de parochia de Lisboa entregaram ao commandante da columna expedicionaria de Naulila uma mensagem, encerrada n'uma pasta de pelucia vermelha com applicações de prata, e que termina assim:

«Saudamos v. ex.ª, em nome do povo de Lisboa. Saudamol-o, em nome da Patria e da Republica. Saudamol-o como representante do exercito portuguez, porventura chamado a exercer uma acção decisiva nos destinos da nacionalidade. Saudamol-o como o heroe de Naulila, e, fazendo-o, saudamos na sua personalidade illustre todos os seus camaradas: os mortos, que pedem vingança, e os vivos que lh'a hão-de dar».

Os officiaes expedicionarios, para regressarem a terra, tomam logar no «Dragão» que sulca serenamente as aguas re- brilhantes do Tejo, sob a chuva das acclamações populares. O «Operario» vae na esteira, conduzindo os soldados.

Mas outros pequenos vapores seguem as varias commissões das collectividades que se fazem representar, entre as quaes se nota, pelo avultado numero dos seus representantes, a «Vigilancia de revolucionarios civis».

Saudações

Do governo

O governo, querendo prestar homenagem ao tenente Aragão e aos seus companheiros, empregou os maiores esforços para o trazer ao ministerio do interior, o que conseguiu, depois de, por duas vezes, lhe ter feito sentir a necessidade de receber o preito de admiração que queriam dispensar-lhe. Acompanhado do sr. tenente Oscar Monteiro e pelo sr. Guerra, secretario do sr. ministro do interior, o tenente Aragão, pouco antes das trez horas, chegou ao alludido ministerio, sendo muito victoriado e acclamado.

No salão nobre d'aquella secretaria de Estado, o sr. dr. José de Castro, tomando a palavra, exaltou o acto heroico do tenente Aragão e dos tenentes Marques e Andrade, tambem presentes, e faz votos pelas glorias do exercito portuguez, ao qual certamente estão reservados os mais brilhantes destinos. As palavras do chefe do governo foram acolhidas com grandes salvas de palmas, e como em baixo o povo fosse ainda muito, o sr. Alexandre Braga, assomando a uma janella, falou á multidão enaltecendo as altas qualidades do militar dos que, em Naulila, salvaram o prestigio do exercito e a honra da patria e affirmando que o seu partido empregará todos os esforços para lavar a affronta que os allemães nos infligiram, atacando-nos, na Africa, de surpreza e quasi á traição.

Toda a preparação militar que o seu partido puder fazer fal-a-ha. E' isso o que pode affirmar, terminando por erguer vivas ao exercito e á Republica, que a multidão acolhe com enthusiasmo indiscriptivel.

Em nome do governo, o sr. Manuel Monteiro, ministro do fomento, corrobora as declarações do dr. Alexandre Braga. O governo, diz, tambem está resolvido a fazer quanto em suas forças caiba para que a affronta de Naulila seja vingada como merece. O exercito será dotado com os meios de que necessitar para cumprir o seu dever e fazer da Patria e da Republica a defeza que uma e outra exigirem. Ha novas acclamações e novas salvas de palmas, depois das quaes o tenente Aragão, apparecendo tambem a uma janella brada:—Viva a Republica! Abaixo a Allemanha!

Os milhares de pessoas que se apinham defronte do ministerio correspondem, com delirio, a estes vivas. A manifestação dura alguns minutos, depois dos quaes, alguem, chegando á janella, pede a todos que se retirem e deixem o tenente Aragão sahir para sua casa, onde tem entre a vida e a morte uma pessoa de familia. Os manifestantes obedecem, sendo ainda o tenente Aragão e os officiaes seus companheiros muito victoriados ao abandonarem o ministerio.

Da marinha de guerra

A bordo do Africa foram recebidos os seguintes radiogrammas:

Do Vasco da Gama: Dirigido ao commandante do *Africa*, recebido ás 10,50, a. m.—Como esse paquete chegou uma hora mais cedo, como me disse no seu radio de hontem, não posso ir ao seu encontro saudar capitão Aragão como era meu desejo, peço-lhe que em nome da armada portugueza lhe transmitta saudações enthusiasticas da marinha portugueza e seu respeito pelo grande portuguez que é um bravo official.—*Vasco da Gama*.

Do Cinco de Outubro: Dirigido ao commandante do *Africa*, recebido ás 11,30 a. m.—A guarnição do *Cinco de Outubro* felicita calorosamente os expedicionarios e sauda-os pela sua chegada.

Do caderno de notas do tenente Marques

Os nossos officiaes, durante o seu captiveiro, procuraram organisar as listas dos mortos, feridos e prisioneiros do combate de Naulila. Eis as notas, naturalmente incompletas, do caderno do tenente Marques.

Os prisioneiros

De infantaria 14, 9.ª companhia:

Primeiros cabos: Antonio Pereira Affonso, João Alves Nunes, Jeremias Gaudencio das Neves, José Abrantes e José Balthar. Soldados: Antonio Pereira, Joaquim dos Santos, Luiz Joaquim Arsefrei, Filippe Baptista, Miguel Antonio Lopes, David d'Almeida, João Caria Monteiro, João da Silva Loureiro, Joaquim Luiz, Jorge da Silva, Albino Alves, Annibal Teixeira Cardoso, Marciano Costa Dias, José de Carvalho, José Joaquim Teixeira, José Ferreira dos Santos, Ernesto Moreira dos Santos, Caetano Moreira, Joaquim Pinto de Sousa, Januario Pimenta, Luiz Fernandes, Manuel Ferreira e José Vieira de Sousa.

Dos dragões, commandados pelo tenente Aragão: Manuel Marques, Joaquim Silveira, Alfredo Augusto, José Maria Gonçalves, Adelino Xastreiro (?) e Sebastião David.

Da bateria Ehrhardt: alferes Raul José de Andrade.

Da companhia indigena de Moçambique: Antonio Roiz, 1.º cabo.

Os feridos

De infantaria 14, 9.ª companhia:

Tenente Antonio Rodrigues Marques, 2.º cabo Leonardo d'Oliveira e Silva, corneteiro José Nunes de Carvalho, soldados Antonio Gonçalves de Brito, João Barreiro, Damião Pereira, Joaquim Antonio Marques, João Barbosa, Antonio de S. Marques, José d'Amaral, Jaime d'Albuquerque, Affonso Pereira, Ernesto da Cunha, Hortencio L. Mendes, Antonio Nunes, Hermenegildo dos Santos, José Estêves, Antonio Lauro, 2.º cabo Manuel Dupuga, soldados Jeronimo Carlos, João Francisco de Sousa, José Viegas, Antonio Nascimento da Fonseca.

Da bataria Ehrhardt:

O 2.º sargento Antonio de Sousa Marques e o soldado José Maria Simões.

Do esquadrão de dragões:

Tenente Aragão, 1.º cabo Raul Gonçalves e os soldados Alfredo dos Prazeres Pilão e Manuel Cardoso Semeão (ferido no combate de patrulhas do dia 12).

Os mortos

De infantaria 14, 9.ª companhia:

Capitão Arthur Homem Ribeiro, quando retirava da primeira linha; segundo sargento Balthazar Carlos dos Santos; onze soldados cujos numeros são conhecidos e entre elles José Lopes da Fonseca, cinco soldados que não foram reconhecidos.

Do esquadrão de dragões:

Alferes Joaquim Maria Alves, encorporado voluntariamente no pelotão do tenente Marques, o segundo cabo n.º 22.

No seu posto!

Eis a relação dos soldados do 3.º pelotão, que voluntariamente se incorporaram no pelotão do tenente Marques depois da fracção a que pertenceram ter retirado da 1.ª linha:

2.º cabo José Abrantes, soldados Joaquim dos Santos, Luiz Joaquim Arupino, João Caria Monteiro, Joaquim Luiz, Januario Augusto Pimenta, Luiz Fernandes, Antonio Gonçalves de Brito, João Barreiro, Damião Pereira e mais dois mortos em combate. Luiz Fernandes, João Barreiro e Damião foram feridos em combate. Gonçalves de Brito morreu no hospital da Windhuk.

Perdas comparadas

Dos portuguezes, os mortos foram dois officiaes, incluindo n'esse numero o capitão Homem Ribeiro, 1 sargento e 17 praças. Dos allemães, morreram dois officiaes e 9 praças.

Feridos portuguezes, foram dois officiaes—tenentes Aragão e Marques—1 sargento e 26 praças, das quaes morreram 4 no hospital. Os allemães tiveram 10 officiaes feridos e 18 praças, ficando ainda mais alguns ligeiramente feridos. Falleceram alguns, não temos o numero exacto, no hospital.

Aprisionados pelos allemães, foram ao todo 36 portuguezes: 1 official, o tenente Andrade, e 35 praças, incluindo n'esse numero sete soldados de cavallaria.

Naulila e a fantasia allemã

Um dos nossos compatriotas traduziu, durante o seu captiveiro, a seguinte phantasiosa descripção do combate de Naulila, publicada na folha allemã o «Sudoeste», jornal de Windhuk:

Como é sabido o dr. Vagler veiu para o Outjó, mas como o major Frank ia avançar com as suas forças resolveu juntar-se ao seu estado maior durante toda a expedição.

Descrever toda a difficuldade do avanço ficará para uma apreciação especial d'essa grande tarefa. Aqui apenas se menciona pela observação do dr. Vagler, que faltou agua todo o caminho.

Naulila tinha-se transformado completamente desde a ultima vez que elle a vira. Os portuguezes propunham-se acabar de construir o forte para a sua defeza principal, e tinham entretanto mandado tropas acampar ali e trabalhar em fortificacões. De trez primitivos edificios passára a ser uma villa perfeitamente fortificada. Grande numero de novas construcções tinham sido levantadas, muros, redes de fio de ferro, trincheiras bem feitas, que, começando desde 7 kilometros para deante e ao sul do forte, protegiam o acampamento. Sobretudo grandes baobabs serviam para uma facil subida e em parte tinham escadas e seteiras. O inimigo tinha concentrado em Naulila tropas sufficientes para que todos os logares possiveis de defeza e principalmente para que as abatizes preparadas com arvores pudessem ser occupadas. Estavam acampados em Naulila quando o major Frank atacou: Uma companhia de cada um dos regimentos 9 e 14 de infantaria vindas de Lisboa; um esquadrão de cavallaria das tropas coloniaes, uma bateria de 4 peças Ehrhardts, e 4 metralhadoras de construcção ingleza e do que ha de mais aperfeiçoado. Eram tudo tropas brancas.

Além d'estas tinham tambem duas companhias indigenas de Moçambique que se encontravam já em Angola desde o rompimento da guerra e que deviam sem empregadas principalmente contra os cuanhamas. O heroe nacional dos portuguezes, tenente coronel Roçadas, o vencedor da campanha do cuamato, tinha o commando de todas as forças. Elle proprio estava então a uns 20 minutos para o sul, em segurança.

Seguiam-no a pouca distancia os medicos portuguezes, esquecidos dos seus deveres, de maneira que mais tarde quando o forte foi tomado nenhum d'elles estava no meio dos wagons de ricos medicamentos sanitarios para cuidar dos feridos.

O major Frank resolveu fazer o ataque por dois lados: Uma parte das forças devia em primeiro logar ficar no acampamento, mostrar movimentos para mascarar a sahida da parte mais forte das forças. Isto levou-se tão excellentemente a cabo que os officiaes prisioneiros, mais tarde, disseram que não esperavam o ataque n'aquelle dia e que os reforços portuguezes estavam acampados do outro lado do Cunene em logar de virem em auxilio do forte; durante o proprio combate bombardearam (difinitivamente) o acampamento desoccupado. O inimigo tambem não tinha notado que a parte mais fraca das forças sob o commando do barão de Watter havia abandonado o acampamento pela meia noite para cumprir a ordem de atacar o forte pelo sul. A surpreza foi conseguida tão completamente que a parte branca da infantaria portugueza estava nas trincheiras em camisa. O grosso, sob o commando do proprio major Frank já se tinha posto em marcha na tarde de 17 do acampamento de Erickson-drift, para, por meio d'um movimento envolvente, alcançar o flanco esquerdo inimigo, atacando-o por surpreza.

Durante a marcha do avanço pelas 5 horas e meia, sentiu-se repentinamente um tiro que se conheceu ser um aviso artificial. Este pôz em alarme o forte e os seus defensores e já 10 minutos mais tarde, achando-se a testa ainda em marcha, recebeu-se de traz do estado maior, ordem para abrir fogo (?), desenvolvendo-se depois o combate. O ataque constou de avanços por lanços, occupação das trincheiras e tambem das obras fortemente occupadas.

Aqui travou a tropa conhecimento com os tiros de gente escondida nas arvores; além d'isso proximo das obras, e nas proprias obras estavam collocadas muitas arvores. Ao principio subiram os pretos ás arvores e os soldados fizeram fogo de traz d'ellas.

Logo se notou do lado allemão d'onde vinham os tiros e então tudo o que se achava nas arvores foi metralhado e em breve deitado abaixo. Desde o rompimento do combate receberam os tenentes Vorberg e Frhr von Stein tiros. Pouco mais ou menos 200 metros adeante do forte fez o inimigo a ultima e energica resistencia e na verdade o forte estava fortemente occupado. Aqui teve a tropa differentes perdas: cahiram mortalmente feridos os tenentes Scherer, Rosenhof e Schrader Goanus. Tambem foi ferido o commandante major Frank, o tenente Gutjhor já tinha sido ferido. Além d'estes muitos homens na *linha de fogo* estavam feridos. Os tiros do forte vinham na maioria de traz das arvores e explicam as perdas.

Mas aconteceu que o inimigo, por causa do fogo certeiro, sahiu do seu esconderijo. A ferida do major Frank sangrava muito e teve que se entregar nas mãos dos medicos porque não via já quasi nada. Deu ainda ordem para o assalto ao forte e entregou em seguida o commando ao official mais antigo, capitão Trayner. Este juntou rapidamente a gente nas proximidades e poucos momentos depois estavam os assaltantes no forte, tendo primeiramente o capitão Weip atacado pela direita e indo com elle o tenente Bieder. Mas apenas os inimigos viram brilhar as bayonetas deixaram cahir as armas e pediram perdão. Estavam ainda no forte 61 homens alguns d'elles feridos, que não se sentiam com forças para aguentar o ataque á bayoneta. A parte mais pequena do corpo expedicionario, durante este tempo tinha atacado pelo sul segundo a ordem. Mas então, já a 7 kilometros adeante do forte, encontrou as posições occupadas e teve que tomal-as, não podendo chegar a tempo ao assalto. Tinha combatido rudemente durante o caminho e assim cumpriu á risca o seu dever.

Por fim foram reunidos todos os feridos, e os mortos receberam sepultura sob as palmeiras e boabahs de Naulila. Os prisioneiros eram, na maior parte, brancos; entre os mortos inimigos viam-se indistinctamente brancos e pre-

...os, predominando naturalmente os primeiros. Segundo informação do major Frank e segundo confirmam os indigenas, estavam lá mais de 100. Estes indigenas eram habitantes da região, ovampos portuguezes; vieram declarar que não queriam guerra comnosco e mostraram-se perfeitamente dispostos a entregar as suas armas. Estas não lhes foram, porém, pedidas.

Sobre a attitude dos officiaes e homens faz o dr. Vagler os mais altos elogios; combateu-se com admiravel sangue-frio e segurança. Depois de cada lanço examinavam os homens as suas pontarias, observavam os tiros e corrigiam a distancia segundo a avaliação. A tomada do forte não foi pois facil como aliás as perdas indicam, pelo contrario, empregou-se n'isso todo o poder das forças.

O trabalho das forças depois d'uma interminavel e difficil marcha e de atacar um inimigo em posições tão fortemente guarnecidas e expulsal-o d'ellas merece tambem os melhores elogios.

Na manhã seguinte ao combate appareceu no acampamento um «lenga», cuamato, com a informação de que os portuguezes tinham abandonado os fortes até ao Humbe. Pediu para levar os carros, munições, e comidas abandonadas. Faltavam, porém, animaes de tracção, e foi por isso impossivel entregar-lhe os despojos da guerra. Os ovampos começaram depois com o saque e queimaram tudo.

A marcha de retirada iniciou-se muito lentamente e com grande segurança emquanto os feridos eram, em parte, transportados para Ongourougasi.

O valor dos medicos allemães mostrou-se então. O angariamento de «machileiros» não era facil porque os ovampos fugiam d'esse trabalho. E' para mencionar que o commandante do Caluz nos esperava com a sua gente e muito nos auxiliou. A falta d'agua continuou durante toda a marcha de regresso.

De Ongourugasi até ao caluz (Calude) foi a marcha feita mais depressa em carros boers. N'este ultimo logar se installára um hospital junto á missão e d'elle ficaram ainda 51 feridos amigos e inimigos. Foi resolvido ficarem ali até estarem em estado de serem transportados. Agora, que acabou a descripção do combate, ainda alguma coisa ha a dizer porque se relaciona com elle.

Já em Naulila se notou que os ovampos portuguezes, os cuamatas e os seus visinhos cuanhamas sentiam completa alegria com a derrota dos portuguezes. E se nos ovampos allemães essa alegria se não manifestou, foi porque elles viram que eram tambem dominados por brancos.

No caluz teve, porém, a tropa conhecimento de que o odio que nascia contra os portuguezes se estava mostrando. Havia ali «lenga» Ombandja que os portuguezes tinham expulso da sua patria. A ter com elle vieram mensageiros da sua raça dizendo que os cuamatos (ombandjas) tinham no dia de Naulila passado o Cunene em grandes forças e haviam trucidado os portuguezes que fugiam. Os mensageiros diziam que tinham sido mortos todos os portuguezes, mas isso é absurdo. Outra noticia chegada ao caluz para o Maala dizia que o resto das forças portuguezas tinham feito alto para lá do Humbe.

O Humbe, onde agora se julga estarem dois canhões, teve o destino do forte e foi completamente saqueado e incendiado pelos cuamatos. Não é para duvidar que os cuamatos, a seguir ao combate, tenham começado guerra com os seus inimigos e não é para admirar que, selvagens como são, e que já, por vezes, teem cortado aos portuguezes as orelhas, labios e narizes, tenham aproveitado a occasião para se vingarem.

Fique entendido que da nossa parte não houve nenhuma responsabilidade no procedimento d'elles, e cumpre notar que muitos portuguezes quando fugiram de Naulila deitaram fóra as suas armas para poderem correr melhor.

Um official e um sargento, que provavelmente com medo dos cuamatos não conseguiram fugir para o Humbe, foram feitos prisioneiros no dia seguinte ao combate.

Isto prova não ser exacta a informação d'uma retirada em ordem.

Como acima dizemos, é phantasioso o relato allemão, devido á penna do dr. Wogler. Valha-nos, porém, a ideia de que foi feita a devida justiça á bravura dos nossos soldados!

Logo que se deu o primeiro incidente de Naulila, o dr. Wogler fugia verdadeiramente apavorado com o estrondo dos canhões. N'estas condições, o seu espirito, embora seja muito observador, nada ou quasi nada poude aprehender do desenrolar dos acontecimentos e, calmamente refugiado n'um recanto de paz, sómente recordou a coragem épica que os portuguezes oppuzeram ao ataque dos allemães, emprestando a todo o resto da narrativa a vivacidade de uma imaginativa na verdade exhuberante, mas criminosa...

A viagem do "Africa,,

Reconduziu á metropole 245 passageiros e transportou 2.370 toneladas de carga

O «Africa», a bordo do qual regressaram a Lisboa o capitão Aragão e seus companheiros, sahiu de Moçambique a 17 de julho, tendo deixado, depois, respectivamente, os seguintes portos de escala: Beira a 22; Lourenço Marques a 25; Cabo da Boa Esperança a 30; Mossamedes a 4 de agosto, Lobito a 5, Loanda a 7, S. Thomé a 10 e Madeira a 22, tendo consumido, durante a derrota, 7.200 toneladas de carvão.

Durante a viagem registou-se apenas um caso de morte: a d'um menor de sete annos, filho de Manuel Rodrigues Tavares, que se encontra tambem gravemente enfermo.

A creança, que succumbiu aos estragos d'uma perniciosa cerebral, foi sepultada em S. Thomé. O pae, como ao entrar a barra sentisse que os seus padecimentos se aggravavam, pediu que lhe deixassem fazer testamento, sendo a primeira vez que a bordo de qualquer dos nossos navios da marinha mercante se realisou semelhante acto.

Ao chegar a Lisboa recolheu ao hospital.

O «Africa», incluindo as tropas, trouxe dos portos de origem 245 passageiros, assim distribuidos: 43 em primeira, 58 em segunda e 144 em terceira.

Transportou tambem para a metropole 2.370 toneladas de carga, distribuidas pelas seguintes especialidades: assucar 1.450; milho 750; borracha 34; algodão 42; amendoim 40; cera 35; couros 5; gomma 1; diversas 13.

A festa do dia 29

A Tutoria Central da Infancia de Lisboa solicitou autorisação do sr. ministro da justiça para o orpheon d'aquelle estabelecimento tomar parte na festa de homenagem ao capitão Aragão que se realisa no proximo dia 29.

(Vejam-se mais informações sobre os allemães em Africa nas duas ultimas columnas d'esta pagina.)

VIAJANTES ILLUSTRES

D. Carmen de Burgos

A sr.ª D. Carmen de Burgos, *Colombine*, redactora do *Heraldo de Madrid*, que veiu passar as suas férias jornalisticas a Portugal, deu-nos hoje a honra da sua visita, acompanhada pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio e outras damas do grupo *Pró-Patria*. A illustre escriptora visitou hoje o mosteiro dos Jeronimos e conta avistar-se com algumas das nossas principaes individualidades politicas, tendo manifestado todo o interesse em entrevistar o heroico capitão Aragão, cujas impressões deseja registar no importante quotidiano de Madrid.

Madame *Colombine* visitará tambem os palacios de Queluz e Cintra, a fim de publicar uma chronica na revista *La Esphera*, bem como um artigo illustrado sobre a pintura portugueza, visitando para esse effeito o Museu de Arte Antiga.

A sr.ª *D. Carmen de Burgos* é recebida ámanhã pelo sr. dr. Theophilo Braga.

A redacção d'*A Capital* confessa-se desvanecida com a gentileza da illustre escriptora, vindo agradecer-lhe as palavras que publicou, ácerca da sua visita a Portugal.

Movimento associativo

Sindicato ferro-viario

A commissão convida a reunir amanhã, ás 21 horas, na séde do Sindicato, os ferro-viarios demittidos por motivo da greves e os ainda por admittir ao serviço.

Prisão d'um chefe de gatunos

Por occasião do desembarque, no Terreiro do Paço, foi preso Francisco da Costa, que andava fardado de marinheiro e em companhia de outros mettendo as mãos nos bolsos dos que ali estavam aguardando a chegada dos prisioneiros de Naulila.

Averiguou-se no governo civil que esse homem é chefe d'uma quadrilha de gatunos, dos que roubam as pessoas que se sentam nos bancos das praças publicas. Ha muito que a policia o procurava.

José Carreira

Agradecimento

Virginia Carreira de Sousa Moraes e seu marido, João Carreira de Sousa e sua mulher, Augusto Carreira de Sousa e sua mulher, José Carreira de Sousa e sua mulher, Ermelinda Carreira de Sousa Lima e seu marido, e João Pedro de Sousa agradecem a seus parentes e pessoas das suas relações que honraram com a sua comparencia os funeraes do seu querido avô e sogro José Carreira, e bem assim ás pessoas que lhes expressaram as suas condolencias. Agradecem tambem ás pessoas que se dignaram assistir á missa mandada rezar por sua alma ao 7.º dia do passamento, e, a todos muito reconhecidos, pedem desculpa no caso de omissão no agradecimento directo que a ignorancia de morada motive.

Sport

Campeonato de Portugal de «Lawn-Tennis»

Estão marcados os dias 16, 17, 18 e 19 de setembro para a realisação do campeonato de Portugal de «Lawn-Tennis» cuja organisação se deve desde muitos annos ao Sporting Club de Cascaes.

No presente anno a direcção do importante Club convidou os srs. D. José Castello Novo e Placido Duro para tratarem da organisação e direcção technica das importantes provas.

Dado o enthusiasmo e interesse que está despertando no nosso meio «tennista», as magnificas festas que o Sporting Club de Cascaes tenciona levar a effeito em honra dos jogadores inscriptos é de esperar uma concorrencia elegantissima nos magnificos jardins e esplendidas salas do Sporting.

São disputados campeonatos nas provas de «ladies singles», «men's singles», «ladies doubles», «men's doubles», e «mixed doubles», estando a inscripção aberta desde hontem no Sporting Club de Cascaes e em Lisboa na rua do Crucifixo, 86, 1.º, no Centro Nacional de Sport.

Estão sendo distribuidos convites a todos os Clubs do paiz pedindo os organisadores para que no mais curto praso sejam enviados os endereços de todos os clubs da especialidade para os locaes onde se acha aberta a inscripção.

Fala-se na vinda a Lisboa de jogadores hespanhoes de cathegoria.

Nota do dia

Campeonato militar de esgrima

Terminou na Escola de Guerra a prova de «Individuaes» para sargentos ao «sabre» com a seguinte classificação:

1.º, Francisco Fernandes, de infantaria 16. 2.º, Luiz Santos, de infantaria 16. 3.º, Silva Ramos, de artilharia 8.

Houve bons assaltos devendo notar-se o de Santos e Fernandes, que prendeu a attenção do jury e assistencia; condiscipulos de sempre e disciplinos do grande «sabreur» Horacio Ferreira, revellaram excellentes qualidades de esgrimistas, tendo já ganho a prova de «equipes» d'este anno e as duas provas do campeonato de 1914.

Noticias

Entre nós

Desafio de box

Manuel Grilio, que se acha na Foz do Douro, telephonou hoje do Pôrto communicando-nos que acceita o desafio de box hontem lançado nas columnas d'este jornal pelo sr. Maximiano José Rodrigues.

A Freira Casquilha

por Julio Dantas

O capitulo XXXIV do folhetim O amor em Portugal no seculo XVIII, *de Julio Dantas, que hoje devia sahir, será publicado ámanhã. Motiva este adiamento, como o leitor facilmente comprehende, a excepcional informação relativa á chegada dos heroes de Naulila e aos historicos acontecimentos em que elles tomaram parte.*

Ceramica portugueza

Uma exposição em Vianna do Castello

Vianna do Castello, a florida cidade minhota, acaba de installar um interessante e curioso certamen de ceramica nacional, por iniciativa de quatro dos mais importantes colleccionadores locaes, os srs. dr. Luiz Augusto de Oliveira, Julio Geraldes, dr. Alfredo Queiroz e Seraphim das Neves. Para admirar a preciosa collecção, que se compõe de cerca de 1:700 exemplares de todas as regiões do paiz, acodem á linda terra do norte pessoas de todos os pontos da provincia.

A exposição occupa quatro salas da escola industrial, cujo director, o sr. Seraphim das Neves, é um dos mais apaixonados cultores da olaria artistica portugueza.

Os organisadores do actual certamen convidaram os criticos de arte da especialidade para catalogar os exemplares expostos, confiando ao sr. Joaquim de Vasconcellos a ceramica do norte; ao sr. Antonio Augusto Gonçalves, a producção das fabricas de louça do centro e ao sr. José Queiroz a classificação e catalogo das peças do sul do paiz.

O sr. dr. Xavier da Costa, natural de Vianna do Castello, cujo pae teve em Caminha uma importante fabrica de louça, dedicando-se com grande carinho a essa manifestação de arte decorativa, vae a Vianna realisar uma conferencia sobre ceramica.

O sr. José Queiroz, que foi o principal organisador da exposição olissiponense de ceramica, que obteve o mais brilhante resultado, projecta organisar aqui, depois do seu regresso do Vianna, uma exposição de ceramica, abrangendo todos os centros productores do paiz.

Um contracto com a Inglaterra?

Em troca das nossas munições para os alliados, o general Botha auxiliar-nos-hia em Africa

A *Liberdade* de hoje publica o seguinte, que o governo deve esclarecer ou desmentir:

Não sei se viram um telegramma do *A B C* que noticiava ter a Republica portugueza aprazado com a Inglaterra o seguinte contracto: Portugal daria munições de guerra aos inglezes e estes mandariam as forças do general Botha auxiliar a expedição portugueza, que pelo telegramma do general Pereira d'Eça não está em boa situação.

Em Lisboa confirmam-nos esta noticia, não o governo, é claro, com o qual não privamos.

Segundo os nossos informadores, está no Tejo um transporte de guerra inglez vindo ás nossas aguas de proposito para levar para a Inglaterra o armamento portuguez.

O transporte inglez é branco e chama-se *Lyde*.

Já carregou armamento, e além d'esse já carregado parece que forneceremos mais.

Consta, porém, que fóra do Tejo, cruzando, e vigiando, anda um submarino allemão. Não é impossivel.

Devem lembrar-se que, quando os submarinos allemães appareceram nos Dardanellos, se disse terem ido desarmados, e por terra, até Vienna e de lá ao Sul, quando afinal os submarinos allemães tinham feito todo o percurso por mares pela Mancha, pelo Atlantico, até a Dardanellos.

Passaram na costa de Portugal a maior parte do tempo navegando ao cimo de agua, passaram em Gibraltar onde o commandante allemão não quiz empregar o seu tempo por só lá estarem navios de 2.ª ordem, cuja destruição não compensava o contra de se denunciar, e chegaram até aos Dardanellos onde se deu pela presença dos submarinos allemães quando elles metteram no fundo quatro grandes couraçados.

Não repugna, pois, acreditar que na nossa costa andem a estas horas submarinos allemães.

E diz-se que o commandante do transporte inglez que está no Tejo, receando sahir a nossa barra e ser mettido no fundo pelos submarinos allemães, informou da situação o almirantado britannico, pedindo instrucções.

Accrescenta-se que o almirantado respondera ao commandante do transporte de guerra inglez que sahisse, custasse o que custasse.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 — As pilulas de Hercules.

POLITEAMA — A's 21 — Não desfazendo...

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — A Geisha—Cabo Suzine.

Agenda da semana

AMANHA — **Politeama** — Primeira representação de *Não desfazendo...* revista de André Brun, com musica original de João Myrto e Vasco de Macedo.

QUINTA-FEIRA — **Coliseu dos Recreios**—Estreia da *Menina do cinematographo*.

Ao correr da penna

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil — Sonho guerreiro—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

O captiveiro no Sudoeste allemão

Como os allemães tratam os prisioneiros de guerra

Já referi, na palestra com o tenente Marques, a fórma precipitada e pouco airosa pela qual os allemães no dia 19 de dezembro, immediato ao combate, retiraram da Hinga para o sul. Sobre as informações colhidas junto dos bravos officiaes, vou tentar reconstituir o que foi essa marcha atravez dos areaes da Damaralandia, a caminho da capital da colonia, que ao tempo era ainda Windhuk.

Sahidos de Naulila, acamparam no caminho e foram no dia seguinte ficar na Hunda, proximo de Ouaneua. Dias depois proseguia a marcha pelo Hualude, Gangella, Tamando, Orongo, Ocaquejo, onde chegaram a 6 de janeiro e ficaram até o dia 21. O capitão Aragão, em virtude dos ferimentos na côxa, fôra confiado aos cuidados de uma enfermagem improvisada no Caluz, proximo da missão protestante que ali existe. Fizeram o possivel por convertel-o, o que é um dos mais pittorescos episodios da sua singular viagem. A 20 de janeiro, já melhorando, chegou a Ocaquejo, onde se encontrou com os seus camaradas, partindo logo todos os officiaes com destino a Windhuk.

N'essa altura, começaram os maus tratos, as humilhações e os vexames. Um feroz capitão que os escoltava dava-lhes, para comer, carne almiscarada, zebra putrefacta e farinha. Condoido de tamanha deshumanidade, um sargento allemão chegou a dar-lhes de comer ás escondidas. O capitão soube e castigou-o pelo «infame» delito. Reclamações constantes fizeram abonar aos prisioneiros uma ração theorica, que é interessante registar, por irrisória: *vinte* grammas de arroz, *oito* grammas de batata secca, duzentos grammas de farinha, e meio kilo de carne que nunca existiu senão no papel. Passaram pelo Oudjo, onde encontraram quarenta e tantos officiaes inglezes prisioneiros, e seguiram de carro a Otchivarongo—estação do caminho de ferro que havia de conduzil-os a Windhuk. Foi n'esse ponto que se passou o seguinte eloquente episodio:

O capitão da escolta chamou-os e disse-lhes, em ar de grande generosidade:

—Se quizerem, podem ir comer ao hotel.

—Mas nós não temos dinheiro, replicaram.

—N'esse caso, não podem ir comer ao hotel, tornou o brutal cavalheiro, voltando as costas.

De Otchivarongo, os soldados seguiram para Otavifontein, e os officiaes directamente para Windhuk, onde foram logo mettidos na cadeia. Estavam rotos e ensanguentados, os dedos começavam a espreitar atravez das botas dilaceradas pela dureza do caminho... A todo o instante os vexames os obrigavam a transportar cargas ás costas, humilhando-os propositadamente na frente dos indigenas.

Ao cabo de instantes reclamações conseguiram obter licença para se banharem; o corpo cobrira-se-lhe de parasitas infectos, não lhes forneciam fato algum, emquanto lhes lavavam os miseros andrajos foi mister envergarem a infamante veste de presidiarios. Officiaes do exercito portuguez eram tratados como forçados n'um paiz cujos subditos gosavam de todas as garantias em Portugal!

Uma vez depararam-se-lhe trez madeirenses, que tinham sido presos pelo tremendo crime de serem portuguezes. Os officiaes estão gratissimos a esses compatriotas, que foram das poucas pessoas, durante o seu longo captiveiro de 7 mezes, que tiveram piedade da sua miseria. Registamos aqui os seus nomes: eram os trabalhadores João Brites, Unisténo de Sousa e João de Freitas, que estavam contractados nas minas de Otavi. Traziam, com os seus magros recursos, alguma coisa do muito que os prisioneiros precisavam, e fugiam logo, para não receberem agradecimentos. As trez primeiras camisas de riscado que os officiaes vestiram depois do combate, foram lembrança dos madeirenses. Como já não tinham meias, trouxeram-lh'as tambem. Pequenos presentes que commovem, os d'esses pobres compatriotas! Por essa altura, Pimenta de Castro, em Lisboa, mandava saudar o kaiser allemão no dia do seu anniversario.

Em principios de fevereiro, começaram a ouvir que os iam tirar da prisão. Explicavam que, tendo reconhecido finalmente que Portugal não estava em guerra com a Allemanha (que sinistras baixezas não existirão atraz d'esta resolução...) iam dar-lhes um tratamento especial, mais suave que o dos inglezes. A 13 d'esse mez partiram para o norte, e ficaram em Okahandja até 18 de abril. Na realidade, as tropas sul africanas apressavam a conquista, e o javali teutonico recuava para os ultimos arrancos.

Prodigos em promessas, os allemães não lhes davam nunca coisa alguma. Só um mez depois de estarem em Okahandja conseguiram obter um fato que lhes substituisse os andrajos e uma muda de roupa. Mas as botas continuavam a ser apenas uma esperança... Gosavam ali de relativa liberdade, visto que podiam mover-se á vontade n'um ambito de 600 metros, mas para comer davam-lhes carne, batatas cruas e farinha por coser: n'uma terra onde não ha lenha! Quantas vezes os tres ficavam a olhar para essa miseravel ração, cansados de falar da esperança n'uma desforra, e a certa altura:

—Bem, vamo-nos deitar!

...e, resignadamente, iam dormir com fome. Davam-lhes então, por mez, 30 marcos a cada um. Mas a cozedura de um pão custava um marco! Por uma reles colher de chumbo, exigia certo alferes de cavallaria austriaca que se dedicava ao ignobil mister de explorar os prisioneiros nada menos que um marco!

Um dia, um soldado da reserva, proprietario de um hotel em Okahandja, offereceu-se para lhes cozinhar a comida mediante 15 marcos mensaes por cabeça. Não tiveram remedio senão acceitar. A fera vexava-os constantemente, dava-lhes a comida fria e ás horas que entendia, e não contente com isso roubou-os, expoliando-lhes no fim 4 marcos diarios em vez dos 50 «pfening» que tinham combinado.

Tinham organisado um plano de fuga, arrojadissimo. Os comboios passavam constantemente para o norte, carregados de objectos que os allemães levavam de Windhuk, ameaçada de perto pelas tropas de Botha. O plano consistia em fugirem para uns morros proximos, onde se esconderiam até á chegada dos inglezes. Receosos que se evadissem para o norte os allemães iam todas as noites tirar-lhes as botas, como se os 600 kilometros de deserto não fôssem realmente uma invencivel muralha!

Apezar d'isso, o tenente Andrade, que era dos tres o mais familiarisado com a vida nomada do sertão, chegou a preparar uma evasão audaciosa: colheria o primeiro cavallo resistente que lhe apparecesse e largaria á desfilada para o norte até encontrar as tropas portuguezas, que os prisioneiros sempre suppuzeram que fôssem para os libertar ou para os vingar. Trazia já cheias de torrões de assucar as algibeiras, com que se alimentaria durante os oito ou dez dias de marcha. Mas os acontecimentos precipitaram-se. A 18 de abril, iam já a deitar-se, quando, offegantes, os allemães lhes vieram dizer que partiriam já para Tsumeb, no extremo nordeste da colonia. Tomaram logar no comboio, que marchou dia e noite. A 21 tinham chegado. Tsumeb foi a ultima «étape» do captiveiro, porque a 9 de julho o que restava da guarnição allemã do Sudoeste Africano rendia-se ás tropas de Botha, que ameaçava envolvel-os n'um circulo de ferro. O antigo general boer, hoje lord britannico chegou dois dias mais tarde e mandou-os chamar, fazendo-lhes um pequeno «speach» e apertando-lhes carinhosamente a mão. Disse-lhes o prazer que sentia em pôr termo ao captiveiro dos valentes officiaes, e annunciou-lhes que, apenas estivessem reparadas as avarias

são, venha ella d'onde vier; e o governo de sua magestade auctorisa-me a declarar que depois do estabelecimento do protectorado britannico agora annunciado todos os egypcios, onde quer que possam estar, teem direito a receber a protecção do governo de sua magestade.

....

As crenças religiosas dos egypcios serão escrupulosamente respeitadas, como as dos proprios vassallos de sua magestade, seja qual fôr o seu credo. Nem tenho necessidade de affirmar a vossa grandeza que, ao declarar o Egypto liberto de qualquer dever de obediencia para com aquelles que usurparam o poder politico em Constantinopla, ao governo de sua magestade não o anima sentimento algum de hostilidade para com o caliphado.

A historia do passado do Egypto mostra, na realidade, que a lealdade dos musulmanos egypcios para com o caliphado é independente de quaesquer laços politicos entre o Egypto e Constantinopla».

Inglaterra em Berlim
Sir Edward Goschen, ex-embaixador de

No dia 19 de dezembro, um sabbado, a seguinte proclamação foi affixada no Cairo:

«O secretario de Estado dos negocios estrangeiros de sua magestade britannica faz saber que, em virtude do estado de guerra originado pelo procedimento da Turquia, o Egypto é collocado sob a protecção de sua magestade e constituirá d'ora avante um protectorado britannico.

A suzerania da Turquia sobre o Egypto terminou portanto e o governo de sua magestade adoptará todas as medidas necessarias para defender o Egypto e proteger os seus habitantes e interesses.»

Essa proclamação foi affixada ao mesmo tempo em todas as provincias centraes. Foi bem recebida. Muitos «fellahs» manifestaram claramente a sua satisfação pelo que elles entendiam ser uma garantia de que os seus direitos seriam respeitados e de que aos grandes proprietarios não seria permittido opprimil-os. Houve descontentes nas cidades, especialmente em Tanta, um centro de fanatismo pelo islamismo; alguns dos principaes beduinos que haviam sido catechisados pelos agentes turcos ou que estavam descontentes com a occupação britannica, que os impedia de despojarem os «fellahs» como os seus antepassados haviam feito, falavam traiçoeiramente e avisavam que estava imminente uma invasão turca. Mas manifestação alguma foi feita contra o protectorado em todas as provincias desde Assuan a Behera.

No Cairo e em Alexandria havia mais descontentes, não só entre os ignorantes que tinham ouvido maravilhosas historias da vinda de «Effendina» á frente das legiões turcas, mas entre a classe dos radicalistas nacionalistas, estudantes, homens de leis e religiosos. Mas foi tudo. A' maioria da população permaneceu indifferente ao que succedia.

«Um pouco mais de 10 por cento dos egypcios estão comvosco, um pouco menos de 10 por cento contra vós e os restantes 80 por cento não se importam comtanto que lhes dei-

Finalmente, a 26 d'outubro, realisou-se o por tanto tempo esperado «raid» e dois mil beduinos armados atravessaram a fronteira egypcia e dessedentaram os seus camellos nos poços de Magdaba, a trinta e seis kilometros já no interior do Egypto. Antes do gran-vizir ter recebido noticia d'esse movimento aggressivo, uma flotilha de «destroyers» turcos tinha feito um «raid» em Odessa, aprisionando um torpedeiro russo.

A 30 d'outubro, os embaixadores inglez, francez e russo pediam os seus passaportes e a 5 de novembro a Gran-Bretanha estava em guerra com a Turquia.

As auctoridades britannicas no Egypto não foram apanhadas desprevenidas. Logo que a noticia do ataque a Odessa e da ruptura de relações diplomaticas com a Porta chegou ao Cairo, um grande numero de turcos suspeitos, entre os quaes muitos officiaes mandados ao Egypto em missões mysteriosas, foram presos juntamente com certos egypcios cujas relações com a missão especial ottomana eram suspeitas ou que eram conhecidos como «meneurs» de sedições.

O plano de campanha de sir John Maxwell havia sido cuidadosamente preparado. Os funccionarios britannicos do ministerio do interior foram investidos de poderes militares sufficientes para poderem debellar a sedição, sob as ordens de sir Ronald Graham, o conselheiro do ministerio, que durante algum tempo estivera como chefe do estado maior junto do general commandante das forças em todos os assumptos que diziam respeito á manutenção da ordem.

Ordens foram passadas por esse funccionario para a prisão de alguns agitadores e a deportação de outros, até se regularisar a proclamação do protectorado britannico. Uma dictadura militar era assim inaugurada.

A 2 de novembro, sir John Maxwell, commandante em chefe das forças britannicas no Egypto, mandava affixar uma proclamação em que se declarava em vigor a lei marcial. As auctoridades militares não interfeririam na administração civil; os habitantes deviam abster-se de qualquer acto que pudesse auxiliar o inimigo e não podiam intervir no serviço publico; qualquer requisição que fôsse feita pela auctoridade militar seria paga.

Pela segunda proclamação, que dias depois foi affixada, sir John Maxwell reservava-se o direito, se necessario fôsse, de intervir na administração civil do paiz. Esse direito não foi exercido, devido ao asizado e patriotico procedimento do ministerio.

No dia 7 de novembro, nova proclamação de sir John Maxwell annunciava o estado de guerra desde o dia 5 entre a Gran-Bretanha e a Turquia.

As disposições da decisão do governo egypcio de 5 d'agosto foram applicadas pelo commandante em chefe ao imperio ottomano, mas não foi concedido periodo algum aos navios mercantes turcos para poderem sahir dos portos egypcios. Sendo o Egypto vassallo da Turquia, era impossivel tomar medidas contra os turcos que residiam no paiz. Eram tambem desnecessarias, desde que grande numero dos egypcios não ottomanos, que eram syrios, armenios e gregos, apoiavam a occupação britannica e não poucos turcos eram inimigos declarados do Comité União e Progresso. Os officiaes que haviam sido presos e a que acima nos referimos foram mandados para Malta com certos egypcios. Alguns dos suspeitos receberam ordem de sahir do paiz e um dos attingidos por essa medida foi o principe Mohamed Ali, irmão do khediva, e mais um ou dois membros da familia khedival, que foram para a Italia.

A censura á imprensa foi exercida com rigor, como o é sempre a censura militar, principalmente no Cairo, aperfeiçoando-se mais á medida que a sua organisação melhorou. Tratou-se de impedir a importação e disseminação da litteratura sediciosa. Os ulemas, aconselhando os egypcios musulmanos a absterem-se

de caminho de ferro, podiam partir para onde quizessem.

E' possivel que a ideia dos allemães fôsse primitivamente marchar sobre a nossa linha do Cubango, que está actualmente abandonada, ou passar para o norte da lagoa Etoscha, entretendo tempo a ver se na Europa os exercitos de Guilherme levavam a melhor. O que é certo e que o general Botha, prevendo essa hypothese, fizera marchar de Okahandja sobre Outjo sobre Mamutuni uma forte columna prompta a envolver o inimigo e a cortar-lhe a retirada. Foi essa uma das marchas mais extraordinarias feitas na guerra do Sudoeste Allemão: 200 homens e artilharia seguiam de automovel, o resto era constituido por tropas a cavallo; em 6 dias apenas cobriram os 300 kilometros do percurso, isto é, a infantaria montada marchou, em média, 50 kilometros por dia.

Perguntei ao capitão Aragão se ouvira falar alguma vez, entre allemães, do massacre do Cuangar. Os allemães falavam pouco do caso attribuindo-o a iniciativa exclusiva de alguns policias e commerciantes. A verdade é que aquelle assalto foi commandado por um official allemão, que os nossos foram barbaramente estrangulados e arrastados os seus cadaveres com cordas ao pescoço até á cova que lhes abrigou os cadaveres. Um medico que cooperou no massacre—um medico! — exhibia mais tarde pelos centros da colonia uma commovente photographia representando um singelo grupo de familia: um official portuguez sentado entre os seus filhinhos. Tinha roubado esse retrato do espolio de um dos nossos martires do Cuangar, e gabava-se a quantos queriam ouvil-o de que fôra elle proprio um medico!—quem matára o outro...

Com o capitão Aragão passou-se uma vez um facto interessantissimo. Certo dia em Okahandja approximou-se d'elle um allemão germanophobo—que os havia por lá, embora o facto pareça paradoxal—e apontando-lhe uma pistola começou por lhe dizer, com voz cava:

—Jure que não communicará a ninguem o que vae ouvir!

—Juro, disse serenamente Francisco de Aragão.

—Pois bem tornou o outro. Escute... E contou-lhe que era casado com uma mulher «medium», que predissera o fim do poder colonial allemão; que os inglezes se haviam de apossar de Damaraland, que, em meados de maio, rebentaria all uma revolta de indigenas contra os allemães e muitas outras coisas terriveis e de egual genero.

Exigia a estranha creatura que os officiaes portuguezes prisioneiros tomassem, na devida altura, o commando dos revoltosos, o que o capitão Aragão solemnemente prometteu. O mais curioso é que o homem tinha realmente relações com os indigenas, entre os quaes se fomentava uma rebellião entre honra do grande chefe dos herreros, sobre cujo tumulo frequentemente iam accender fogueiras para lhe invocarem o espirito.

Essa conspiração durou algum tempo e interessando os portuguezes teve ao menos o merito de lhes distrahir um pouco as horas monotonas do captiveiro. Um bello dia, a «medium» foi presa e o proprio marido obrigado a fazer sentinella junto da prisão. E' singular a coincidencia: a vinte de maio rebentava, com effeito, a revolta dos bastardos.

Uma das coisas que mais dava que pensar aos heroicos officiaes de Naulila era a attitude de Portugal, perante a guerra europeia. Imaginavam elles que a intervenção do nosso paiz no conflicto devia estar proxima e isso mesmo respondiam ás frequentes perguntas que, a tal respeito, lhes eram dirigidas pelos officiaes inglezes, ali captivos.

Em maio, souberam, por telegramma de Madrid, que tinha rebentado uma revolução em Lisboa. Não havia duvida. A indignação popular, a proposito da situação dos prisioneiros de Naulila, reclamava vingança e a revolução não tinha, de certo, outro fim, se não o de levar o nosso paiz a declarar a guerra aos allemães.

Então formulavam-se hypotheses e as longas horas do exilio passavam-se a combinar e a imaginar os planos de campanha. Os portuguezes iam, sem duvida, unir-se ás tropas sul-africanas e, n'uma acção combinada, apressariam a libertação, mais dia, menos dia. Como vimos foi illusoria essa esperança, a ponto de, referindo-se á sua libertação, me dizer ainda esta manhã o tenente Marques:

—Estive sete mezes prisioneiro, calcule o que passei. Mas affirmo-lhe, por minha honra, que preferia ficar mais sete mezes, se, porventura, ao fim d'esse tempo, nós pudessemos vir a ser libertos pelos portuguezes.

—A attitude da população para com os prisioneiros?—perguntei.

—Em geral, friamente correcta, sem carinhos, mas tambem sem insultos. Vexava-nos naturalmente o andarmos andrajosos pelas ruas, sobretudo pelo despretigio que isso implica sempre no espirito dos indigenas. Quanto ao tratamento dos militares posso affirmar que só manifestaram consideração para comnosco os officiaes que se bateram em Naulila. Vinham cumprimentar-nos á passagem das estações do caminho de ferro e pareciam gostar que toda a gente visse qual a sua attitude para comnosco. E' que valorisando assim o inimigo vencido, elles sabiam bem que se valorisavam a si proprios.

Dava um longo volume a narrativa de todos os episodios pittorescos, tristes ou commoventes, que se passaram durante esses sete mezes de exilio. Mas, o que fica relatado basta para que o leitor faça idéa do que se passou. A 18 de julho, seguiram em caminho de ferro para Walfischbay os prisioneiros libertos e embarcaram para o Cabo a bordo do «Proffessor Woermann» que actualmente serve de transporte de guerra inglez. A recepção no Cabo, por parte da colonia madeirense que alli vive, foi carinhosa, com por toda a parte onde encontravam portuguezes, no regresso á patria.

Mas nenhum d'elles, apezar de tudo, está satisfeito n'esta hora do regresso. A «révanche» do Naulila não se tirou ainda. Só se considerarm compensados do seu heroico sacrificio pela patria no dia em que puderem voltar a combater os allemães ao lado dos exercitos alliados.

Hermano Neves.

Ultimas noticias

A grande guerra

As perdas navaes allemãs em Riga—O «Moltke» afundado no Baltico

LONDRES, 23.—O estado maior general da marinha russa communica que ao todo os allemães perderam dois cruzadores e não menos de 8 torpedeiros. Além d'estes, um submarino inglez afundou, quando a esquadra allemã retirava, o dreadnought *Moltke*, navio irmão do *Goeben*, de 23.000 toneladas. Os russos perderam a canhoneira *Sivoutch*, que se afundou coberta de gloria n'um combate desegual continuando a tripulação a servir as suas peças até o navio se afundar envolto em chammas.—*(Havas)*.

Violentissimos combates na Argonne

PARIS, 24.—Communicado official das 15 horas:

Durante a noite houve algumas acções de artilharia no sector ao norte de Arras entre o Somme e o Oise e na Argonne.

Nos Vosges travaram-se violentissimos combates, hontem, nas alturas situadas a leste do Sechl do norte.

Em Schratzmennele, não obstante varios contra-ataques, o inimigo não poude retomar o terreno que havia perdido. Em Barrenkopf mantivemos egualmente os ganhos realisados na noite de 22.

Os allemães atacaram novamente as nossas trincheiras na crista de Sondernache, mas foram repellidos.—(Havas).

Na Camara dos Deputados

Continua a discutir-se o orçamento de fomento

Abre a sessão com 51 deputados. O sr. Mesquita de Carvalho realisa a sua interpellação sobre o decreto que revoga a disposição do art. 181 do regulamento de instrucção primaria, na parte referente á nomeação dos vogaes para juris dos exames de 2.º grau.

Quando ao orador, o decreto em questão é inconstitucional porque o ministro não podia revogar uma lei, por seu alvedrio, sem que para isso viesse consultar o parlamento. Por lei compete aos inspectores de circumscripção a escolha de vogaes para os exames de 2.º grau e, como se vê pelo decreto, essa disposição foi revogada. Não se podia assim, acrescenta, revogar uma lei e n'esse caso solicita que o decreto seja annullado.

Responde-lhe o ministro, afirmando que o decreto não desrespeita a lei e que foi elaborado por uma necessidade de se regular a nomeação dos vogaes, visto a lei se referir sómente aos presidentes dos juris.

O orador aprecia ainda largamente o lado juridico da questão, terminando por declarar dictatorial quanto o ministro fez. Ha replica e treplica, votando-se a seguir varios projectos, um dos quaes remodela os serviços de saude do Porto.

Continúa a discutir-se o ministerio do fomento, falando sobre o capitulo 3.º varios oradores. A proposito da equiparação de vencimentos nos caminhos de ferro do Minho e Douro, trava-se larga discussão pró e contra, declarando o sr. ministro das finanças que não o subscreve por trazer augmento de despeza. O capitulo é approvado.

No Senado

Aberta a sessão, entra-se na ordem do dia, sendo approvados: o projecto de lei que regulamenta as transferencias dos professores dos lyceus, o que determina que sejam restituidos á posse das juntas de parochia os bens arrolados por effeito da lei da separação, provindos de irmandades, confrarias, misericordias, etc., legal ou illegalmente exactas, dissolvidas ou extinctas por qualquer motivo, e o que concede á Cruz Vermelha o subsidio de 2.227$50 para pagamento do imposto de contribuição de registo pela compra do edificio onde esteve a Casa de Saude Portugal e Brazil.

Retiro-se da discussão o projecto que cria o Pantheon Nacional, por não estar presente o ministro do fomento.

A proxima sessão é depois de amanhã.

Trabalhos de espionagem?

Na fronteira portugueza

PORTO, 24.—O governador civil recebeu um telegramma do administrador de Miranda do Douro dizendo que fôra ali preso um individuo por andar levantando uma planta da fronteira. Interrogado, declarou ser engenheiro, residir n'esta cidade, na rua Passos Manuel e andar ali em estudo por causa d'uma exploração de aguas mineraes.

Acrescentava o administrador do concelho que pela pronuncia lhe parecia ser allemão e pedia que a policia aqui procedesse ás necessarias averiguações. Assim se fez apurando tratar-se do engenheiro allemão Robert Cudell, ha muitos annos aqui residente.

No seu escriptorio foi esta tarde passada uma busca, que ainda dura á hora que telephonamos.

Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

Exportação de ovos

A pedido do governador civil foram tomadas medidas para difficultar a exportação de ovos para Hespanha.

Hospital na Foz

A grande commissão do salva-vidas resolveu a fundação de um hospital na Foz do Douro. O orçamento e a planta veio ser rapidamente feitos pela repartição de obras da camara municipal, dando-se logo em seguida começo aos trabalhos, a fim de ser inaugurado o mais breve possivel.

A grève dos graphicos

Os industriaes graphicos reabrem amanhã as suas officinas, tendo para esse fim aberto inscripção. Foram esta tarde ao governo civil pedir que garanta a liberdade de trabalho.

Os graphicos, porém, ao que nos disseram alguns, não se apresentarão, pois não acceitam o horario que os industriaes lhes querem impôr.

No ministerio das colonias foi hoje recebido um telegramma de Nova Goa, participando que foram eleitos: deputado, Prazeres da Costa, sem opposição, e José Paulo Lobo, para senador, por uma maioria de mil votos.

Portuguezes vestidos de allemãe

Alguns dos soldados que voltaram do captiveiro vinham com uniformes allemães e assim mesmo desembarcaram.

Praças doentes

Das praças prisioneiras, que n'outro logar mencionamos, ficaram ainda hospitalisados em Africa o 2.º cabo n.º 324, Leonardo Caetano de Oliveira e Silva, o soldado n.º 308, Damião Pereira, e o soldado n.º 154, Manuel Cardoso Simeão.

O primeiro tinha tido quatro ferimentos, feriu-se quando estava a brincar com uma bala de madeira e ficou em Grootfontein.

Os outros ficaram tambem em tratamento em Grootfontein e Tsumeb.

de agitações politicas e de excitações, auxiliaram grandemente o governo e as auctoridades militares britannicas.

Este regimen era excepcional e, por conseguinte, forçosamente temporario. Emquanto o Egypto fôsse «de jure» um Estado vassallo da Turquia e «de facto» um protectorado britannico, embora não declarado, os ministros que eram nomeados por um principe enfileirando reconhecidamente do lado inimigo e cuja soberania era uma emanação directa pelo sultão, o suzerano do Egypto, não podiam assignar ordens para serem deportadas pessoas cujo crime era a sua devoção ao soberano ou ao suzerano.

Por outro lado, os conselheiros e inspectores do interior, não podiam exercer poderes excepcionaes sobre o primeiro ministro e os seus collegas sem damno do prestigio d'aquelle. E as auctoridades britannicas no Egypto nada tinham a lucrar com apoucarem o prestigio dos seus bons amigos. A situação precisava ser regularisada.

Tres questões tinham de ser resolvidas: a da suzerania do sultão sobre o Egypto, a do khediva e, dependendo d'essas duas, a do futuro governo do paiz. A suzerania turca era um espectro que tinha de ser posto de parte. Havia sempre perturbado os sonhos de alguns homens no Egypto e por ultimo parecia perturbal-os ainda mais. Os turcos declarada guerra aos alliados e concentrando tropas na Syria para a invasão do Egypto arriscavam-se a perder a sua provincia vassalla, a não ser que ficassem victoriosos.

A Inglaterra havia-se abstido de declarar o protectorado depois de Tel-el-Kebir; tinha causado um certo desapontamento ao conde de Ehrenthal ao recusar-se a annexar esse paiz quando elle annexára a Bosnia e a Herzegovina; não approveitára as occasiões que se lhe proporcionaram quando Abdul Hamid ameaçára o Sinai e quando a França declarára o protectorado sobre Marrocos.

A situação presente — o Egypto praticamente estava em guerra com a Allemanha e a Austria-Hungria, ainda que vassallo da alliada d'esses dois imperios, dirigido por um governo cujo mandato emanava do sultão, mas que tinha de dar todo o auxilio ao exercito britannico de occupação na lucta com os alliados do sultão—era em theoria absurda para se prolongar. O Comité União e Progresso ia jogar a suzerania turca no Egypto.

O khediva mostrára pouca hesitação em se juntar ao inimigo. O seu passado não era de molde a que a sua defecção fôsse desculpada como tendo sido forçada. Intrigára com Abdul Hamid contra os interesses egypcios, com o Comité contra os arabes e com os arabes contra o Comité. Tinha incitado os egypcios ricos a auxiliarem os senussis na sua lucta contra os italianos e auxiliára os italianos contra os senussis. Intrigára com os turcos, os arabes e os imperios centraes contra a occupação britannica. Era impossivel que pudesse continuar no throno.

Mas nenhuma conspiração egypcia havia para o desthronarem. O Grande Mufti, como mandatario do Sheikh-ul-Islam da Turquia, que havia prégado a guerra santa contra a Inglaterra e os seus alliados, não podia assignar um «fetwa» de deposição, nem os ministros podiam depôr o seu soberano. Pertencia ao governo britannico declarar vago o throno em razão do procedimento de Abbas Hilmi, que se juntára aos inimigos do rei.

Essas duas questões foram facilmente resolvidas. Mas a questão do futuro estado do Egypto era mais difficultosa. Havia duas alternativas —annexação ou protectorado — porque a independencia egypcia não era desejado pela maioria dos egypcios e não podia ser mantida contra um Estado europeu de segunda ordem sem uma intima alliança com a potencia que tinha o dominio do mar.

Eram os argumentos pela annexação que pareciam colher mais em Londres do que no Cairo. Os partidarios d'essa alternativa criam que a adopção d'essa alternativa habilitaria a Gran-Bretanha a resolver o problema das jurisdicções estrangeiras no Egypto mais effectiva e expeditamente do que seria possivel por outros meios.

Alguns entendiam que a proclamação d'um protectorado faria surgir difficuldades entre a administração egypcia e a britannica. No Cairo, por outro lado, isto era sustentado pelos melhor qualificados para formarem uma opinião. Os elementos intellectuaes entre a população arabe, que os turcos e os pan-islamitas levantinos tinham tentado levantar contra os inglezes, haviam ficado profundamente impressionados pelos esforços feitos pela Inglaterra para preparar os egypcios para um governo proprio e pela sua abstenção de qualquer acção que tendesse a reprimir o desenvolvimento das instituições locaes.

De novo a Inglaterra entrára na lucta mundial em favor das «pequenas nacionalidades». Era preciso pezar bem os pró e os contras da resolução a tomar. Fundos interesses estavam ligados á manutenção da casa de Mohamed Ali, a dynastia que dera ao Egypto os seus dirigentes desde o principio do seculo XIX. Teria sido loucura desconhecer isso e mesmo perigoso não o tomar em consideração. Depois de examinar bem a questão, o governo britannico decidiu-se em favor de um protectorado.

Era necessario, por isso, escolher o successor do khediva. O principe Hussein Kamil, tio do khediva, o membro mais velho da casa reinante e o seu mais digno representante, foi o escolhido. Mas o principe, embora desejando acceitar o offerecimento do throno, não tinha pressa. «Não sou um «arrivista»—disse elle ao correspondente especial do «Times», a quem concedeu uma entrevista antes da ascensão ao throno—, não preciso mesmo de o ser, pois tenho 59 annos».

Entendeu mais natural que se tinha de apparecer perante o seu povo como nomeado pela Inglaterra para o throno de seu deposto sobrinho devia apparecer com alguma coisa nas mãos. Negociações se entabolaram entre elle e o representante do governo inglez no Cairo, sir Milne Cheetham. O agente britannico levou a cabo essas delicadas negociações d'um modo que causaram a admiração de todos os que estavam ao corrente dos factos. Foi poderosamente auxiliado pelo secretario oriental da agencia britannica, mr. R. Storrs.

Assentou-se finalmente em que o principe Hussein ascenderia ao throno com o titulo e a pompa de sultão, que descendia dos primitivos dirigentes mamelukos do Egypto — os «soldanezes do Egypto» dos antepassados—e dos fatimidos antes d'elles. Esse titulo em francez era o de grandeza, em arabe «azamah», para o distinguir dos gran-vizires turcos, dos ex-gran-vizires, dos sheiks-ul-Islam e dos membros restantes da familia do khediva, que usavam o titulo de alteza.

O governo inglez nomeou um alto commissario no Egypto e o nome de agente britannico foi substituido pelo de residente britannico. Para esse importante posto foi escolhido sir Henry Mac Mahon, um antigo official que havia exercido com elevada distincção alguns logares politicos no governo da India e conhecia bem os costumes orientaes.

Quanto ás intenções do governo britannico para com o novo regimen basta transcrever d'uma longa carta dirigida ao novo sultão por sir Milne Cheetham os seguintes periodos:

«Acabo de receber instrucções do governo de sua magestade para informar vossa grandeza de que, em razão da sua edade e experiencia, foi escolhido como o principe da familia de Mehemet Ali mais digno de occupar o logar do khediva, com o titulo e a pompa de sultão do Egypto: e ao convidar vossa grandeza para acceitar as responsabilidades do seu alto cargo, dou-lhe a certeza formal de que a Gran-Bretanha acceita a plena responsabilidade de defender os territorios de vossa grandeza contra toda e qualquer aggres-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1816 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 25 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Os responsaveis

As entrevistas, hontem publicadas pela «Capital», e realisadas com officiaes, regressados do captiveiro, que tomaram parte no combate de Naulila, são paginas de historia. São os factos, de pé, e mercê d'elles, a lição rigorosa, clara, precisa, de incidentes politicos que teem acarretado ao nosso paiz talvez as mais graves difficuldades da sua existencia, sem que possamos prever quantas nos acarretarão ainda.

Sabe-se, finalmente, o que foi Naulila, e desgraçadamente o instincto popular não se enganou. Esse triste successo, em que só um punhado de bravos conseguiu salvar a honra da nossa bandeira, difficilmente poderia deixar de occorrer, desde o momento em que uma campanha dissolvente das energias nacionaes começára desde que a perspectiva da guerra se desenhára, a embrulhar em equivocos, subterfugios e sophismas uma clara imposição do dever patrio.

Essa campanha, primeiro subterraneamente, depois com cinica audacia, procurou entibiar todos os animos e desnortear todas as consciencias.

Apesar da nossa attitude estar bem claramente indicada desde a sessão de 8 de agosto do anno findo, ella envidou todos os esforços para que se supposesse o contrario. Assim trabalhou para dividir a opinião, como para dividir o exercito, e infelizmente conseguiu, como o capitão Aragão agora nos revela, que mesmo em presença do inimigo, fazendo parte de expedições enviadas para combater, officiaes houvesse ainda que não se mostrassem dispostos a combatel-o!

Quem movia essa campanha? Moviam-a os monarchicos, pensando só em prejudicar a Republica, e contando com a cobardia do paiz, para n'ella firmarem as suas esperanças d'uma restauração da realeza; moviam-a os commodistas, os egoistas, os cobardes, incapazes de derramar uma gotta de sangue, de se resignarem ao mais pequeno sacrificio, e pôr fim houve republicanos, que descoroçoados de alcançar o favor da opinião com as suas luzes intellectuaes, os seus superiores programmas, só para uso de sabios, pensaram tambem, affrontando por sua vez o nosso povo, que o medo á guerra engrossaria as suas fileiras, dando-lhe uma quantidade de adeptos que as tornassem o mais forte organismo partidario da nação.

Os effeitos desastrosos d'essa campanha estão conhecidos. Na metropole, deram em resultado uma dictadura que ia subvertendo a Republica e com ella a independencia da nação, sendo preciso um esforço gigantesco do povo para a esmagar, salvando os destinos da patria. Em Africa, deu-nos a derrota de Naulila. Fructos horriveis da falta de fé patriotica e republicana! A dictadura e a derrota. Um ataque miseravel aos sagrados principios da democracia, a inviolabilidade da Constituição, expressão e garantia da soberania popular, e um revez em que o nosso prestigio ficaria totalmente de rastos perante a Europa e perante os proprios negros, que na nossa dependencia se encontram, se um punhado de bravos rapazes, affrontando a morte, não houvessem redimido na Africa a infamia d'essa campanha suicida e ignobil, como o povo, o exercito e a armada, com o seu sangue, a redimiram tambem em Lisboa.

Os factos estão á vista, e o bravo capitão Aragão, recusando a patente a que foi promovido, eloquentemente, em seu nome e nos dos seus camaradas, affirmou que não queria premios. Quer o castigo dos responsaveis da derrota. Quer que o exercito portuguez se revigore com uma grande sancção de brio e de honra. Tem razão. A sua attitude, reclamando um castigo, é tão nobre como o seu gesto, brandindo a espada contra os inimigos da patria.

Mas se houve responsaveis em Naulila, uma responsabilidade mais remota existe ainda. Essa responsabilidade é a dos que organisaram essa campanha vergonhosa que ainda n'este momento pretende sobrepujar os impulsos da consciencia nacional. Foram elles que dividiram o exercito portuguez! Foram elles que deram pretextos a crimes execraveis e a fraquezas miserandas! Foram elles que nos levaram a uma situação internacional dubia, hesitante, sem clareza nem elevação! Os supremos responsaveis são elles, e é preciso que não fujam ás suas responsabilidades. O castigo tem de ser para todos os que teem sustentado essa campanha. Assim o querem os bravos que se bateram; assim o reclamam os mortos pela honra da patria; assim o requer toda a parte sã da sociedade portugueza. Assim o exige o povo; assim o impõe a justiça!

O EXITO DE «A Capital» DE HONTEM

A brilhantissima reportagem de Hermano Neves — A historia de Naulila e do captiveiro dos portuguezes

O extraordinario interesse com que «A Capital» foi hontem aguardada pelo publico e que ainda hoje se tem manifestado na procura feita por nos estabelecimentos onde ella se vende que nos escriptorios da nossa administração compensa-nos sobejamente do esforço jornalistico que esse numero representa, tanto mais notavel quanto é certo não dispômos dos poderosos meios apenas dados a emprezas cuja solidez a aura popular firmou atravez de longos annos de trabalho.

Ninguem ousará taxar de immodestia o registo d'este exito que muitos dos nossos collegas na imprensa reconheceram, dando-nos a honra de transcrever em grande parte as importantissimas declarações que ácerca de Naulila publicou «A Capital», o que só nos lisongeia e enche de natural orgulho. Nenhuma folha da noite logrou fornecer aos seus leitores uma somma tamanha de informações sobre os acontecimentos de Africa, em que intervieram tropas portuguezas, e é certo ponto isso se comprehende desde que se não ignore que «O Povo», o «Jornal da Noite» e o «Paiz» são periodicos essencialmente politicos e a edição nocturna do «Seculo» se salienta pela sua feição litteraria e sobretudo pela profusão e belleza das illustrações que demonstram a competencia e o bom gosto de artistas encarregados de semelhante collaboração.

Para o exito por nós obtido contribuiu, d'um modo singular, Hermano Neves com as suas raras aptidões profissionaes e a quem aqui queremos deixar bem expressas a nossa sincera admiração e a nossa profunda amizade. O illustre jornalista, intelligencia vivissima, perfeita vocação para o «metier», reunindo a uma vasta cultura geral os mais scintillantes predicados de escriptor, occupa hoje na imprensa de nossa terra um logar de excepcional relevo. A sua reputação está de ha muito feita e na larga e magnifica reportagem que «A Capital» hontem publicou confirmam-se os seus creditos, já n'outras, tanto no paiz como no estrangeiro, brilhantemente demonstrados.

As longas entrevistas de Hermano Neves com o tenente Marques, o capitão Aragão e o tenente Andrade, hontem por nós trazidas a lume, são tres documentos historicos que esclarecem o que foi o caso de Naulila e não menos impressionante que esses depoimentos, em que se dá conhecimento dos factos dominantes que de soberana, é a descripção, que tambem inserimos, dos sete mezes de captiveiro e de tortura que os nossos soffreram no Sudoeste Africano até que as tropas de Botha os foram libertar, descripção que Hermano Neves traça vigorosamente seguindo os informes authenticos que recolheu da bocca d'aquelles bravos officiaes.

Ainda «A Capital» publicou hontem, além do relato da recepção feita aos militares que regressaram de Africa, interessantes notas extrahidas do caderno do tenente Marques, como os nomes de prisioneiros, feridos e mortos, e uma phantasiosa narrativa do que foi o combate de Naulila inserta na folha allemã «Sudoeste», que se publica em Windhuk, traducção de um dos officiaes portuguezes captivos.

O valor documental do nosso numero de hontem leva-nos a distribuir por certas entidades a quem o seu conhecimento deve interessar os exemplares que porventura restem da nossa edição, convencidos, como estamos, de que a sua leitura ha de ser proficua.

UMA VERGONHA!

A ignorancia da mulher portugueza

Segundo as ultimas estatisticas, noventa e cinco por cento não sabem lêr

No seu intuito de pôr em evidencia a situação do paiz, em toda a sua crueza, para que se lhe curem os males, o maior desenvolvimento se dê ás faculdades progressivas de que dispomos, continúa a direcção geral d'estatistica publicando os seus interessantes e valiosos trabalhos.

Agora recebemos uma folha em que nos revela o estado lamentavel a que chegou em Portugal a instrucção elementar da mulher, evidenciando a sua espantosa inferioridade em comparação com a do homem, e, o que ainda é peor, accusando um retrocesso d'instrucção de 1890 até 1911.

Insere essa folha seis quadros que vamos estudar rapidamente. Diz-nos o primeiro que em 1890 havia na metropole portugueza, só na metropole, note-se, *136 freguezias onde nem uma só mulher sabia lêr*, 107 onde só uma não era analphabeta, 94 onde havia duas, egual numero onde havia trez, 60 onde havia 4, e 78 onde havia 5. Havia pois n'aquella epocha 58 parochias onde o analphabetismo global regulava por 99 %, isto é, na ultima decada do seculo XIX, o seculo da electricidade, do radio, das mais maravilhosas descobertas scientificas, em mais de 15 % das parochias de Portugal apenas 5 % das mulheres sabiam lêr!

Pois vinte annos passados, entrados no decimo primeiro anno do seculo XX —com doloroso pasmo o constatamos— a situação era quasi a mesma, tendo-se no conjuncto tornado ainda peior.

Em 13 parochias de Portugal não se encontrava uma só mulher que soubesse lêr, e o aggravamento do mal manifestava-se porque se em trez d'ellas a população feminina se conservava estacionaria, nas des restantes tinha augmentado, dando assim, no conjuncto, um augmento de 2,15 0|0 de mulheres que não sabiam lêr.

Mostra-nos o quadro II que em 1911 havia em Portugal 35 freguezias onde se encontrava apenas uma mulher que não fosse analphabeta. Em 15 d'estas freguezias, alguns progressos se manifestaram na instrucção feminina durante os vinte annos decorridos, mas como nas vinte restantes o retrocesso foi superior, o lettrismo da mulher diminuiu 0,71 0|0.

Estudando o quadro III vemos que em 1911 era de 41 o numero de freguezias em que havia só duas mulheres que soubessem lêr; em 23, dera-se algum progresso, mas o retrocesso affirmado nas 18 restantes fez subir durante aquelles vinte annos o analphabetismo feminino mais 0,3 0|0.

Se analisarmos o quadro IV vemos que no decimo primeiro anno do seculo XX tinhamos 40 freguezias onde só trez mulheres sabiam lêr; tambem n'aquellas freguezias se nota no decorrer dos vinte annos referidos um augmento de analphabetismo, porque se 16 d'ellas revelaram algum progresso, esse foi vencido pelo retrocesso das outras 24, dando-se, no conjuncto, uma queda do lettrismo da mulher que se representa em algarismos por 1,03 0|0 ou, proximamente, 0,1 0|0 e por anno.

Com relação a parochias onde só quatro mulheres sabiam lêr, diz-nos o quadro V haver em 1911 nada menos de 53; tambem n'estas durante os vinte annos decorridos algum progresso se manifestou em 29 d'ellas, mas como, simultaneamente, nas outras 24 se desse um retrocesso bem mais intenso, o conjuncto accusa um decrescimo de lettrismo feminino correspondente a 0,2 0|0.

Temos finalmente o quadro VI a dizer-nos que em 1911 havia em Portugal 36 freguezias com cada uma das quaes apenas cinco mulheres sabiam lêr, notando-se que, se nos vinte annos considerados, 17 d'essas freguezias tinham feito alguns progressos, o retrocesso das 29 restantes foi sufficiente para, no conjuncto, fazer descer o lettrismo feminino 0,51 0|0, ou seja 0,025 0|0 e por anno.

***

Fixando. Em 1890, nas 218 parochias abrangidas no trabalho publicado pela Direcção Geral de Estatistica, o analphabetismo das mulheres era de 97,9 0|0; pois em 1911 subia a 98,6 ou cerca de 95 0|0 em fomeas de dez annos para cima.

Em 1911 era de 70:000 almas a população feminina d'essas freguezias, das quaes quatro se celebrisam tristemente pelo analphabetismo das suas habitantes; são estas: Almagreira, no concelho de Pombal, com 1:007 mulheres, só 13 sabendo lêr; Arões, no concelho de Macieira de Cambra, com 1:010 mulheres, só 4 sabendo lêr; Suajo, concelho dos Arcos, com 1:162 mulheres, e Castello de Neiva, concelho e districto de Vianna, com 1:050 mulheres, havendo apenas 5 mulheres lettradas em cada uma d'estas duas freguezias.

Tal é a situação em que, sob o ponto de vista da instrucção, nos deixou a monarchia, e que nos cumpre remediar immediatamente, para lavarmos Portugal do uma tal vergonha: No seculo XX 95 0|0 das nossas mulheres não sabem lêr!

E' com uma viva satisfação que recebi a noticia da eleição de S. Ex.ª á presidencia da Republica, e peço-lhe que aceite por esta occasião as minhas cordeaes felicitações. Conservarei sempre a mais grata lembrança do acolhimento que V. Ex.ª me dispensou logo após a minha chegada como ministro a Lisboa, e das horas tão agradaveis e cheias de interesse que tive o prazer de passar no seio da sua familia.

...Desejo de todo o coração que o bello paiz, onde V. Ex.ª acaba de ser chamado a desempenhar a suprema magistratura, e do qual trouxe para sempre uma indelevel recordação, goze dias felizes e prosperos e que as relações que, ha tantos seculos, o unem ao meu se vejam cada vez mais estreitas e solidarias.

O sr. dr. Bernardino Machado tem continuado a receber felicitações das camaras municipaes de todo o paiz, tanto do continente como das colonias, além de muitas cartas do estrangeiro.

Dr. Bernardino Machado

Uma carta de felicitações de sir Arthur Hardinge

O sr. dr. Bernardino Machado, presidente eleito da Republica, recebeu de sir Arthur Hardinge, antigo ministro de Inglaterra em Lisboa e actualmente embaixador em Madrid, a seguinte carta:

Congresso regional algarvio

Serviço ferro-viario

Os membros da commissão executiva do congresso, vogaes-secretarios srs. Fernando da Silva David e Jacintho Parreira conferenciaram hontem com os funccionarios superiores do caminho de ferro do Sul e Sueste pedindo para que aos congressistas fosse permittido o partir desde 31 de agosto em logar de 1 de setembro como fôra estipulado. Esse pedido foi deferido.

O serviço ferro-viario, com a reducção de 75 por cento sobre os preços da tarifa geral, vigorará para a partida de 31 d'agosto a 15 de setembro e para o regresso de 3 a 15 de setembro. Os congressistas gosam tambem d'essa mesma concessão no comboio tramway extraordinario, que partirá de Portimão cerca das 24 horas nos dias 3, 4, 5 e 6 de setembro. Na volta, os congressistas pódem tomar o comboio em qualquer das estações do ramal de Portimão ou na de Faro.

Para o que diz respeito a alojamentos, os congressistas encontrarão na Praia da Rocha um escriptorio de informações onde lhes serão fornecidas todas as indicações. Do respeitante a alojamentos está encarregado o vogal secretario geral da commissão executiva, sr. Jayme de Padua Franco, que está actualmente na Praia da Rocha tratando d'esse assumpto.

Poeira da Arcada

Na Russia, as fortalezas vão cahindo nas mãos dos allemães e estes dizem que os exercitos moscovitas nunca mais as conseguirão recuperar.

Na guerra, como em tudo, as palavras não resolvem problemas nem desfazem situações embaraçosas.

A planicie russa é enorme, profunda e misteriosa. Dentro d'ella existe um farto formigueiro de gente. Vamos vêr como se reforma a onda de coragem e bravura que decisivamente se chocará de encontro ás linhas dos invasores. Vencidos ou vencedores, os russos educam-se, completam a sua alma tão vaga e imprecisa nos desejos. No futuro, a Europa encontrará na raça slava um dos seus elementos de equilibrio. As forças que a compõem são taes e tantas que, apenas se submettam a uma cultura, a civilisação do mundo ficará dependente do seu esforço.

***

Se todos nós fossemos o que usualmente apparentamos, a humanidade, á face do planeta, teria uma importancia secundaria, porque n'ella tudo se reduziria a virtudes e vicios médios. O que torna a historia interessante são os casos excepcionaes, no bem e no mal. Nero é um monstro, mas palpitante de loucura e de infamia. Alguns santos e heroes transcendem tanto o seu tempo e os seus semelhantes que a bondade d'elles torna-se uma força revolucionaria, perigosa. Entre estes extremos, a rumorosa turba humana arrasta-se e consome-se obscuramente, dentro de habitos e rotinas como os bois das noras.

***

Morreu em Francfort o professor Ehrlich, inventor do salvarsan. Foi um dos grandes bemfeitores da humanidade enferma. Emquanto a guerra arruina a fina flor das juventudes europeias, o seu espirito subtrahe-se á interminavel corrente da vida que, á superficie da terra, realisa o prodigio supremo do universo, só a que faltam quaesquer documentos, no lô a exuberancia da energia e um tal grau de força que, sob as suas encarnações emulações, palpita um pensamento eterno de divindade.

Usem a Agua do Monchão da Povoa

no tratamento das doenças de pelle.

Quatrocentos e cinco concorrentes a oito logares

No concurso aberto no ministerio das finanças para o preenchimento de oito vagas de terceiro official da Direcção Geral da Contabilidade Publica, apresentaram-se 405 candidatos, dos quaes 265 foram já admittidos a dar provas, devendo os 140 a quem faltam quaesquer documentos tel-os apresentado até hoje, para poderem ser admittidos.

Entre estes 405 candidatos a um emprego publico de 505 mezes figuram um medico, um alferes de infantaria, um tenente de artilharia e cinco bachareis; dos outros concorrentes uns teem o curso superior de commercio, outros o curso dos lyceus, havendo ainda alguns com varias cadeiras de escolas superiores, como succede com uns tantos estudantes da Escola Medica.

REGIÕES DE TURISMO

Um congresso regional em Coimbra

Vae organisal-o a Sociedade de Propaganda e Defeza d'aquella cidade

Ao grupo de individuos que tomaram a peito pugnar sem descanço pelos progressos da linda cidade do Mondego, constituindo a chamada sociedade de propaganda e defeza de Coimbra, preside actualmente o sr. dr. Manuel Braga, que a esse torrão dedica um verdadeiro afecto filial, que não poderia ser excedido, ainda que lá tivesse visto a luz do dia.

—E' curioso—diz-nos esse velho, em que ha ardores de mocidade na sua affeição pela lusa-Athenas—esta cidade encontra talvez mais fundas e radicadas dedicações nos filhos adoptivos, n'aquelles que accidentalmente ligaram um pouco da sua existencia a estes logares, do que realmente nos seus naturaes. Vendo-se o registo da nossa sociedade verifica-se essa lisongeira circumstancia para os encantos da metropole da sciencia portugueza. Uma grande parte dos socios trazem-lhe a sua adhesão das mais longinquas paragens de Africa e do Brazil, o que prova que esta terra soube em todos os tempos crear sympathias em todos aquelles que um dia viveram dentro dos seus muros.

E' justamente por isso que a Sociedade de Propaganda e Defeza de Coimbra tem visto facilitada a sua tarefa em prol do desenvolvimento moral e material, esperando ainda ver mais desenvolvido o seu campo de acção, mercê de novos concursos, de incentivos e boas vontades. A sociedade conta presentemente cerca de 1.200 associados e vae dia a dia alargando os dominios da sua propaganda, que hoje se estende a todo o districto, o mais bello e pittoresco trecho da Natureza em Portugal. Creou nucleos de propaganda na Louzã, em Ançã, Poyares, Goes, Miranda do Corvo e, em breve, estará estabelecida em toda a região uma rêde completa de batalhadores pelo desenvolvimento e progresso locaes.

Sabemos bem a funcção que no futuro Coimbra deve desempenhar na industria do turismo. Collocada entre a Figueira, o Bussaco, a Louzã e Penacova, esta cidade ha de ser fatalmente o centro de irradiação do turismo. Cumpre-lhe prepararse para desempenhar esse papel e n'esse sentido empregaremos todos os esforços possiveis.

Para facilitarmos a nossa tarefa, cuidamos hoje apenas da defeza da cidade, deixando á Sociedade de Propaganda de Portugal, com que temos as melhores e mais estreitas relações, a propaganda das suas bellezas.

Não descançaremos emquanto não se obtiver para esta cidade os melhoramentos materiaes que a colloquem em situação condigna. Continuaremos reclamando o arranjo das estradas, uns já iniciados, outros totalmente por fazer, e mostrando aos poderes publicos a necessidade de organisar mais regular e methodicamente os serviços ferro-viarios.

Apesar de possuir alguns hoteis, relativamente bem installados, não tem os bastantes para fazer face a um movimento mais avultado de forasteiros. Ainda ultimamente a Sociedade de Propaganda e defeza de Coimbra se viu em grandes embaraços para dar hospedagem aos excursionistas da Sociedade de Propaganda de Portugal, em numero de 25, pela simples razão da sua viagem ter coincidido com a visita de um curso da Universidade.

Logo que a aggremiação a que presido tenha logrado interessar mais na sua causa varios outros nucleos de propaganda, além dos existentes, contamos realisar aqui um congresso regional, em que devem ser discutidos todos os assumptos de importancia para o progresso moral e material em Coimbra e seus arredores. Pensámos já n'um plano vasto de possiveis realisações e particularmente nas obras de fomento agricola e n'essa outra, absolutamente indispensavel para a tranquilidade da população conimbricense—o desaçoriamento do Mondego que de anno para anno vae augmentando o seu poder destruidor.

A essa sessão magna das forças vivas do districto, para a qual convidamos as auctoridades, os deputados pelos circulos, a imprensa, as collectividades sem nenhuma preoccupação de credo politico, serão apresentados dois programmas: um minimo de realisações immediatas que, com o caracter urgente, submetteremos desde logo á apreciação dos poderes publicos e outro mais largo, de maior alcance futuro, ácerca do qual faremos incidir as nossas ardentes aspirações.

Como acontece em todos os congressos, este encerrará com um banquete, a que assistem os delegados dos diversos nucleos, os deputados e outras entidades, aproveitando-se o ensejo, n'essa festa de confraternisação e de despedida dos congressistas, para se fazerem affirmações que interessem á vida local.

A regulamentação do jogo não apressaria a realisação dos melhoramentos necessarios a esta cidade?

—Sem duvida. São inseparaveis as duas industrias, jogo e turismo; só as separa quem não quer vêr.

Regulamentado o jogo, Coimbra, ainda que não fosse considerada cidade de jogo, lucraria immenso, visto que seria aqui que muitos forasteiros fixariam o ponto de partida para as suas excursões.

N'estas condições a cidade transformar-se-hia e facilmente se construiria um grande hotel, na Estrella, por exemplo, sobranceiro ao rio, projecto que vive ha muito tempo na minha imaginação, aquecido pelo patriotico amôr que eu tributo a esta terra, a que quero como se fosse minha...

"A que cheira?,,

De como póde applicar-se no nosso tempo a conhecida phrase de Nero...

D'entre todas as manias que presentemente atacam a grande maioria dos nossos legisladores, a de crear empregos é a que mais se accentua e a que mais os rala. Ella leva-os a tudo e obriga-os a taes habilidades inventivas e a taes prodigios de imaginação, que tudo quanto se diga para bem exaltar essas qualidades preciosas, fontes de tão assombrosos beneficios, fica a uma incommensuravel distancia da verdade. Não falemos já d'aquella bizarra idéa de crear dois logares de caixeiros viajantes da diplomacia portugueza, que, por seis contos por anno, tinham por missão percorrer todo o mundo, á cata não se sabe bem de quê. E' que ha muito melhor, muito embora poucos possam suppôl-o. Ha, por exemplo, aquelle projecto do sr. Joaquim José d'Oliveira, deputado por Braga, que já corre impresso e já se lambeu com dois pareceres, pelo qual, submettendo-se os productos de perfumaria á mesma sellagem que as especialidades pharmaceuticas, se pretenderá extrahir dos perfumes e essencias finas nada menos de tres inspectores, cuja missão seria andar pelas Beiras, por Traz-os-Montes e pelo Minho á procura dos relapsos que tomassem todos os dias o seu banho perfumado sem pagarem o sello respectivo, para os metterem implacavelmente na cadeia. O sul ficaria a cargo d'um inspector só, decerto para que o novo imposto não fosse totalmente empochado pelos perfumados zeladores de quantos cheiros e cheirinhos a estranja inventivo nos manda para cá para nos civilisar o...

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXIV

A Freira Casquilha

Sabem para que era que, *no seculo XVIII*, as meninas fidalgas se faziam freiras? Para que era que se amortalhavam n'umas varas de burel e se sepultavam vivas n'uma clausura de mosteiro? Para terem liberdade. Nada mais absurdo; e, entretanto, nada mais verdadeiro. As grades dos conventos chegaram a representar, para a mulher portugueza de 1700, alguma coisa de parecido com uma libertação. Porque era severa a tyrannia patriarchal da familia? Porque era rigorosa a reclusão quasi monastica do lar? Porque a casa paterna era um carcere? Por todas essas razões, — e ainda pela razão opposta de que no seculo XVIII, mercê da absoluta falta de observancia das constituições e das régras, a vida dos mosteiros de freiras foi a coisa mais divertida d'este mundo. E se não o tivesse sido, como se comprehenderiam as fugas constantes de mulheres nobres, sobre tudo para os claustros seraphicos,—fugas com todo o caracter ligeiro de raptos amorosos, — como em 1728 a da filha dos condes de Tarouca, D. Marianna Josepha, que illudiu a vigilancia dos paes e abalou de noite para o mosteiro das carmelitas calçadas de Carnide, protegida na fuga pelo conde de Alvor e pelo proprio D. João V, que lhe mandou um côche e creados da Casa Real? Se fosse antiphona no côro, fazer dôce na cozinha e namorar freiraticos na grade não fossem officios leves e risonhos,—teria porventura sido preciso, sob a ameaça de despovoar o Brazil dos seus mais floridos ventres, expedir o alvará de 10 de março de 1732, prohibindo o embarque da mulhersinha das nossas brazileiras que queria vir professar a Portugal? Se o habito de brigida ou de capucha, de agostinha ou de bernarda, de cónega sumptuosa de Chellas ou de malteza fidalga de Estremoz não fosse mil vezes preferivel á clausura mourisca dos lares nobres e ao ciume tenebroso dos maridos portuguezes,—onde estaria a mulher que se sentisse respirar a plenos pulmões, que se consideraria, enfim, feliz e liberta, no instante em que lhe vestiam, depois d'um anno de noviciado, a estamenha tremenda da approvação? Nos versos galantes de todos os poetas menores do seculo XVIII que se referem a professos de religiosas, surge, a cada passo, a mesma idéa insistente de liberdade. Não o vago conceito mystico da libertação espiritual pela communhão com um esposo divino; mas a idéa precisa, grosseira e clara da libertação para o goso sensual de todas as temporalidades e para o exercicio instinctivo de toda a sorte de seducções. Emfim, amar, respirar, viver. Sobre a ceremonia pungente da profissão, os poetas já não choravam uma renuncia; sorriam para uma promessa. O habito branco das carmelitas suaves e das bernardas orgulhosas já não era uma mortalha que se abria; era uma flôr que desabrochava. O claustro tornava-se uma emancipação. A profissão, uma festa galante. A grade, uma industria. N'uns versos inéditos do tempo («F. A., Mss.», códice 8581), descreve-se certa madre discreta da Sant'Anna felicitando uma freira bonitinha, que professára de manhã:

«Dou-vos o parabem de professar,
Menina, agora tendes liberdade
E visto estar na vossa mocidade,
Podeis buscar devoto a quem amar.
Olhae as mãos, mas sem o rosto olhar;
Arremedae-vos sem diversidade
A quem mais dér; por que julgo, em verdade,
Que quem mais dá, mais se deve estimar.
Não reparels se é torto ou se é direito,
Official, fidalgo ou mercador,
Leigo, frade, estudante, page ou micho;
Não vos deixeis levar d'esse capricho.
Menina: se elle dá, tomae-o a geito,
Que a honra d'uma freira é o proveito.»

Este conceito da vida conventual, tão excessivamente profano e utilitarista, que não era facil conciliar com os votos de castidade e de pobreza, fez convergir todas as energias da freira para uma preoccupação unica: a seducção do homem. As freiras moças só tinham um pensamento: agradar. As freiras velhas só tinham uma occupação: tirar o maior partido possivel dos encantos das freiras moças. Todas estavam d'accordo, desde as jerarchias solemnes, tropegas e septuagenarias, até á virgindade timida das ultimas professas: o dever da freira era, antes de tudo, procurar ser desejada e procurar ser bella. A régra prohibia-o? A constituição oppunha-se? Atirava-se a constituição e a régra por cima dos moinhos. Em breve os mosteiros portuguezes, que Besenval considerava tão impuros como o proprio D. João V, trasbordaram de freiras-bandarras, de freiras-sécias, de freiras-francas, de freiras-casquilhas. A elegancia entrou nos claustros. Habito, escapulario, cordão, toalha, véu, as proprias sandalias das capuchas, das carmelitas, das agostinhas descalças, insignias de penitencia e de expiação, de penitencia e de humildade, transformaram-se pouco a pouco, sob a carne rosea e doirada d'essas prodigas de amor, em armas terriveis de seducção e de escandalo. Nos «flirts» do locutorio, nas comedias do convento, nas grades de dôce, nos tonos da viola, nos outeiros de abbadessado, as freiras-casquilhas principiaram a apparecer pintadas, mosqueadas de signaes, perfumadas d'agua de Cordova, as mãos finas metidas em regalos de arminho, o habito decotado, «o abanico desinquieto no reparo do rosto», sofraldando-se, dançando minuetes, mostrando as pernas,— diz Frei Manoel Velho, em 1730, nas «Respostas d'uma freira capuchacalçadas «de meias e de sapatos picados, recados, de seda, de tissum, com fivellas d'ouro, de prata, de pedras preciosas». As bernardas portuguezas tornaram-se celebres, entre todas, pela elegancia profana dos seus habitos, pelo excesso ridiculo das suas pinturas. N'uns versos inéditos do mesmo códice 8581, as freiras de Santa Clara de Coimbra accusam sem rebuço as bernardas de Cellas de «caiarem os rostos», de «porem côres vermelhas» e de se mostrarem aos amantes «disfarçadas e cobertas como pirollas doiradas». Frei Manoel de S. Luiz, psychologo admiravel das «demi-vierges» monasticas do seculo XVIII, descreve, na «Vida da Veneravel Madre Francisca do Livramento», a fórma por que as freiras claristas de 1700 compunham o rengo da toalha e amantilhavam o véu preto, aconchegando-o á cara para fazer realçar a mais a brancura pintada da pelle, e assomando á grade «com os olhos revirados, a voz affectada e melindrosa, o habito aberto no peito, passos requebrados, corpo ligeiro, pescoço estendido». Fôssem lá os bispos, os arcebispos, os vigarios capitulares, os padres provinciaes, os abbades geraes, os confessores, os visitadores, compellil-as á reforma dos trajos, á observancia da régra e ao respeito da Ordem! Expulsavam-nos do mosteiro, como fizeram as freiras do Salvador, em 1706, ao seu vigario, ou abriam as portas e sahiam em procissão, de cruz alçada, entoando ladainhas, insultando os padres, alarmando o povo. Quasi todos os grandes conflictos no tempo de D. João V e de D. José, entre os padres claustraes e as communidades religiosas, tiveram a sua origem em intrigas infinitamente pequenas de toucador ou d'alcova: hoje, porque queriam um toucado redondo, que as remoçava, em logar d'um toucado de bico, que as fazia velhas; amanhã, porque o capitulo da touca havia de nascer da testa, em vez de nascer do nariz; um dia, porque obtinham licença para usar moscas de tafetá ao canto da bocca; outro dia, porque já as freiras cordiais estavam para usar sem faceis encantos dos nos sapatos; agora, a historia dos regalos no côro, por causa do frio; logo, a invenção dos decotes no grade, por causa do calor;—e se o rei hesitava, se o ministro da Ordem prohibia, se o Nuncio carregava de sobr'olho, lá estava a Abbadessa a remangar o bacúlo, as jerarchias velhas a alçarem cruzes, os sinos a dobrarem no mosteiro, as bentas, as claristas, as bernardas, habitos ao vento, a coalharem as ruas, a cavallaria a sahir dos quarteis para lhes cortar caminho, e o rei, paralytico, imbecil, opado, riscando, a mandar-lhes todos os côches, todas as berlindas, todos os florões doirados da Casa Real, para suas Reverencias profanissimas se dar em ao incommodo de recolher ao mosteiro... O escandalo das freiras-casquilhas chegára a tal ponto, que em 1778, diz o «ci-devant» duque de Châtelet, «poucas eram as bernardas de Odivellas que não tinham o seu amante, e raras as que vestiam os habitos da Ordem». Das casas de religiosas portuguezas do seculo XVIII, e, em especial, dos mosteiros ricos de bernardas, de bentas, de malteza e de cónegas, podia dizer-se sem grande injustiça o que o grave Saint-Simon disse um dia do certo convento de capuchas da Bretanha:

—«Se alguma freira sabe de lá, é porque quer ser uma mulher honesta».

JULIO DANTAS.

Terça-feira, 31:

XXXV — O PERALTA

INTERESSES DE CABO VERDE

O serviço de saude deve ser descentralisado

O quadro tem de ser augmentado, para não morrerem doentes sem assistencia medica, como actualmente succede

Cabo Verde não se póde reputar, normalmente, insalubre, e em algumas ilhas, onde o clima é, por assim dizer, o de uma primavera perenne, goza-se optima saude, só pela influencia dos bons ares e bellissimas aguas, podendo até algumas d'essas ilhas, como a Brava e Santo Antão, prestar-se para estações de saude e cura pelas altitudes.

Todavia a mortalidade geral foi em 1913 de 3,28 por cento nas ilhas de Sotavento e 1,82 por cento nas de Barlavento; nas creanças até aos cinco annos, a percentagem da mortalidade chega a ser espantosa, pois, no mesmo anno, attingiu 59,35 0|0 nas ilhas de Sotavento e 41,66 0|0 nas ilhas de Barlavento. Mas esta enorme mortalidade é, no geral, devida á falta de recursos medicos, pois em Cabo Verde ha, além de uma falta absoluta de medicos, a distribuição d'elles muito rudimentar.

Vejamos primeiro o orçamento e outros dados estatisticos, para depois entrarmos em mais minuciosas apreciações.

O orçamento para o anno corrente dá para o serviço de saude a quantia de 62:434$89, assim distribuida: administração de saude, 1 capitão e 1 alferes 1:260$; officiaes do quadro de saude, 1 tenente-coronel chefe, 10 capitães-medicos, 6 tenentes-medicos, 1 capitão-pharmaceutico, 4 tenentes pharmaceuticos e despezas com o curso de enfermeiros e expediente 21:436$75; companhia de saude, 1 sargento-ajudante, 4 primeiros sargentos, 19 segundos cabos, 3 primeiros cabos, 1 segundo cabo, 12 soldados, fardamento, rancho, etc., 10:549$09; pessoal civil do hospital da Praia, 8:038$75; pessoal civil do hospital de S. Vicente, 2:052$30. Despezas diversas dos hospitaes: 20:500$00. Abatendo a importancia do rendimento dos hospitaes e pharmacias, de 5:492$84, a despeza total com o serviço de saude fica em 57:000$05.

Vejamos agora qual é a distribuição do pessoal de saude, em relação com a area e a população de cada ilha.

Ilha de S. Thiago: 980 kilometros quadrados, 59.122 habitantes, 2 medicos militares na Praia, 1 em Santa Catharina, 1 capitão-pharmaceutico na Praia, 4 ambulancias dirigidas por sargentos enfermeiros, 19.708 habitantes em 326 km. quadrados para cada medico. N'esta ilha falleceram em 1913 1.955 pessoas, das quaes 1.777 não tiveram assistencia medica.

Ilha do Maio: 216,500 km. quadrados, 1.867 habitantes, 1 enfermeiro militar e ambulancia. N'esta ilha falleceram 19 pessoas, 12 das quaes sem assistencia medica.

Ilha do Fogo: 530 km. quadrados, 17.800 habitantes, 1 medico militar e 1 pharmacia com um tenente pharmaceutico, 1 ambulancia com um sargento enfermeiro. N'esta ilha falleceram 257 pessoas, das quaes 235 sem assistencia medica.

Ilha Brava: 56 km. quadrados, 9.027 habitantes, 1 medico militar e 1 pharmacia com um sargento enfermeiro. N'esta ilha falleceram 129 pessoas, das quaes 65 sem assistencia medica.

Ilha da Boa Vista: 613 km. quadrados, 2.883 habitantes, 1 medico e 1 pharmacia com um sargento enfermeiro. N'esta ilha falleceram 30 pessoas, das quaes 23 sem assistencia medica.

Ilha do Sal: 205 km. quadrados, 579 habitantes, 1 medico militar e 1 pharmacia com um sargento enfermeiro, e um capitão medico reformado. N'esta ilha falleceram 13 pessoas, das quaes 2 sem assistencia medica.

Ilha de S. Vicente: 195 km. quadrados, 10.491 habitantes, 1 medico militar director do hospital, 1 pharmacia militar com um tenente pharmaceutico, 1 medico militar de serviço no porto, 1 medico civil da camara municipal, 1 medico civil. N'esta ilha falleceram 280 pessoas, 83 das quaes sem assistencia medica.

Ilha do Santo Antão: 184 km. quadrados, 33:724 habitantes, 1 medico militar com uma pharmacia e um enfermeiro militar, 2 medicos particulares, um reformado e outro civil na clinica, 2 ambulancias tendo uma um sargento enfermeiro, outra um amanuense do serviço de saude. N'esta ilha falleceram 639 pessoas das quaes 578 sem assistencia medica.

Ilha de S. Nicolau: 345 km. quadrados, 12.043 habitantes, 1 medico militar, 1 pharmacia, 1 enfermeiro. N'esta ilha falleceram 125 pessoas, das quaes 77 sem assistencia medica.

Os numeros encarregam-se de mostrar, com a sua eloquencia, quão desprezados teem sido os serviços publicos em Cabo Verde. N'este ramo que agora tratamos, de que servirá a competencia dos medicos em Cabo Verde, onde felizmente ha uma perfeita *élite*, se, concentrados, não podem exercer praticamente os seus serviços a uma população disseminadissima?

E' evidente que se precisará, pelo menos, um medico e respectiva pharmacia em cada freguezia do archipelago, mas os medicos militares, para serem obrigados a frequentar os pontos afastados do seu districto, deviam ter direito aos subsidios de transporte e ao de ajuda de custo, que actualmente se não dão, não podendo por isso os medicos tirar do seu insignificante vencimento, comparado com o de outros funccionarios analphabetos, a importancia sufficiente para tal deslocamento. Estes os factos. E as consequencias são desastrosas para todos quantos habitam as ilhas, nos pontos onde não ha um medico, mas onde se conhece o curandeiro com a serie infinita de drogas que muitos ingerem na ancia de prolongar a vida.

Sendo tão dessiminada a população do archipelago de Cabo Verde, a mais ponderada orientação deveria ter imprimido a estes serviços uma descentralisação absoluta. Muito ao contrario, fez-se um grande hospital na Praia, cujo custo difficil seria apurar-se, um mais modesto hospital em S. Vicente e mais nada por todas as outras ilhas. As pharmacias nas outras ilhas, como as ambulancias, estão installadas em edificios particulares, que absorvem todos os annos enormes quantias de rendas, e não ha a mais pequena casa appropriada a enfermaria onde n'um caso urgente se trate um doente.

Depois, á falta constante de medicos estão as ambulancias entregues a enfermeiros, uns bons, outros maus, o que constitue um perigo para quem se habilita a chamal-os n'um caso urgente, e ainda, para difficultar a administração de remedios, as ambulancias teem apenas um reduzido numero de drogas, e se alguem chama a esses logares um medico, tem depois de mandar buscar remedios a muitas dezenas de kilometros, e nas mesmas ilhas, e ao outro dia, ás vezes.

E' impossivel que taes casos continuem a repetir-se. Os serviços de saude em Cabo Verde, para prestarem ainda algum valioso serviço á provincia, precisam ser muito mais desenvolvidos, e esse desenvolvimento chegará ao seu termo, quando cada parochia tenha pelo menos um medico e uma pharmacia. Tendo Cabo Verde 30 parochias, e sendo certo que na Praia e em S. Vicente serão precisos dois medicos em cada cidade, por motivo do serviço dos hospitaes, tendo o quadro de Cabo Verde 17 medicos, será necessario elevar o quadro a 31 medicos, o que acarretaria um augmento de despeza de 15.000 escudos approximadamente.

Muitos serviços não podem continuar como estão, porque representam authenticas vergonhas, e para o pessoal, embora seja distincto como é o do quadro de saude de Cabo Verde, o pouco desenvolvimento do serviço é causa de desgostos absolutamente justificados.

Armando Xavier da Fonseca

---

amaneirar. A commisão de finanças deu das ventas para traz ao projecto e ao seu auctor, mantendo, porém, carinhosamente, o reinadio tributo. Mas, pergunta-se, porque é que o sr. Joaquim José d'Oliveira não alvitrou tambem um inspector para as Berlengas? Olhe que deve cheirar por lá intensamente a marisco, e esse cheiro é, *ao que dizem, um* excitante. E haver ainda quem não acredite n'aquella phrase do Cezar romano, quando o arguiam de tributar qualquer coisa que toda a gente deita fóra e não é, positivamente, uma loção delicada, que faça nascer o cabello...

Concessões na Guiné

O caminho de ferro de Cadé ao Xime

Escrevem-nos da Guiné, dizendo-nos que não deve ser attendida a pretenção da companhia franceza que se propõe construir o caminho de ferro de Cadé ao Xime, pelos inconvenientes que traz e que se podem resumir nos seguintes:

A construcção em territorio portuguez por uma companhia estrangeira pode dar mais tarde origem a questões internacionaes; a navegação nos portos da Guiné resentir-se-ha enormemente, visto que o trafego passará a fazer-se pelo porto de Dakar, melhor servido de linhas de paquetes, e, finalmente, a companhia franceza pede um kilometro de cada lado da linha, o que representa uma concessão de terrenos extraordinaria.

Entende quem nos escreve que o governo portuguez deve fazer a construcção por sua conta, como até hoje estava projectado.

Operarios para Angola

Os operarios da industria particular inscriptos na 5.ª repartição da direcção geral das colonias para servirem junto das tropas em operações em Angola que faltaram á junta de saude das colonias no dia 19 devem apresentar-se á mesma junta no dia 26 do corrente no hospital colonial, ás 11 horas.

Os exames dos operarios que foram julgados aptos realisam-se no dia 30 pelas 11 horas nas officinas da fabrica de Braço de Prata em Santa Clara, os dos ferreiros e ajudantes de ferreiro, e em Braço de Prata os dos serralheiros mechanicos, serralheiros e torneiros.

Mais seis!

Se o parecer do orçamento dos estrangeiros creava dois logares de *inspectores consulares*, para favorecer dois amigos, o do fomento vae mais longe e pretende sentar no festim orçamental nada menos de seis empregados novos. Uma ninharia. E como? Em Santarem ha uma secção agricola. Pois averiguou-se que era preciso desdobrar a secção agricola de Santarem, para que o Ribatejo, fertil e uberirmo, se desentranhe em trigo. E o desdobramento vae fazer-se. Quem o paga? O Estado, está bem de vêr, que é quem tem de entreter os ocios burocraticos, d'ora á vante, de mais dois agronomos, dois regentes agricolas e dois escripturarios. E' assim que o parlamento entende que deve desenvolver-se a cultura de cereaes em Portugal. Ha, todavia, quem discorde e quem affirme que a riqueza agricola bem mais longe iria se, em vez de se nomearem novos funccionarios publicos, para espreitarem *as cearas e verificar se ellas crescem e fructificam*, se procurasse baratear os adubos, vulgarisar as modernas alfaias agricolas e fornecer aos lavradores dinheiro abundante e barato que os livrasse da usura. Mas a maré vae para os pretendentes, e esta é a epoca benevola em que quem pede é servido. Por isso, certos elementos parlamentares, quando se trata de sanccionar novas sinecuras, ficam babados de gozo e votam encantados. E haverá quem não saiba porquê?

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Estação telegrapho-postal do Lazareto

A proposito das grandes vantagens que advirão para o Porto Brandão, Monte de Caparica, etc. do aproveitamento do edificio do Lazareto, pedem-nos que chamemos a attenção do sr. administrador geral dos correios e telegraphos para a conveniencia, ha muito tempo reconhecida, da transferencia da estação telegrapho postal do Lazareto para um ponto central como poderia ser o sitio da Torre. Essa transferencia representa outro melhoramento importante, por isso que a estação está n'uma dependencia do Lazareto, onde não ha moradores e deslocada a kilometros dos centros populosos de aquella parte do concelho de Almada, como são o Monte de Caparica, Villa Nova, Casas Velhas, Costas do Cão, etc.

Serviços de justiça

Duas sortes grandes, que sahirão a quem faz andar a roda?

Toca a tanger o mesmo bordão. Elle sôa cada vez mais forte, porque de hora em hora lhe lançam, na liga d'onde o sacam, oiro e mais oiro. Serviços de *justiça, sentenças, escrivães, beleguins*... tudo isso anda fóra da lei e os processos judiciaes não são senão rozarios de illegalidades, á sombra dos quaes se locupletam todos os que com elles lidam. As partes são expoliadas, os juizes são enganados e nos olhos dos fiscaes da lei afivelam-se tão densas vendas que não ha maneira de os obrigar a vêr quanto de escandaloso á roda d'elles se passa. Sabes quem diz isto, *leitor*? Certas creaturas que teem logar em S. Bento e que d'elle querem servir-se para zelar os seus interesses, os nossos interesses, os interesses de toda a gente que um dia, por mal dos seus peccados, tenha que entender-se com a justiça da nossa terra. Repára, entretanto, e verás que te enganam. O que se quer, á sómbra d'essa lamuria, é crear duas maravilhosas conesias, cujos proventos iriam além de oito contos por anno. Uma mina, que nem precisaria de mineiros para d'ella extrahirem o metal sonante. E como se attingirá o fim almejado? Como? Essa é boa! Por um projecto de lei, que o parlamento votaria, creando nos tribunaes de primeira instancia de Lisboa e Porto dois logares de «revedores», cuja funcção seria folhear todos os processos e dizer se estavam ou não em regra. E' o que fazem já hoje o juiz, o delegado, o contador e o escrivão. A que veem então os taes revedores, que ninguem pede, porque ninguem pede que o espreitem? E se elles são precisos porque se pretende creal-os só em Lisboa e Porto? Por acaso, não haverá, nas outras comarcas, processos judiciaes? Não nos illudamos. Do que se trata é de anichar mais dois amigos, e como não ha vagas postas que encham *o olho*, toca a invental-as. E' a nossa moral. Vingará a audaciosa pretensão? Seria caso para se erguerem as proprias pedras da calçada. Fique, porém, o parlamento de sobreaviso, e quando lhe falarem em revedores judiciaes lembre-se que a conversa leva agua no bico e que os dois... «bispados» de barrete e toga de ha muito que teem collado no hombro o respectivo sobrescripto...

Aviação militar

Para frequentar a futura escola de pilotos-aviadores offerece-se o sr. Antonio Lopes, empregado commercial, morador na rua do Telhal, 48, 1.°

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

Historia Illustrada da grande guerra

Em excellente edição da livraria Guimarães & C.ª acha-se á venda o primeiro volume da «Historia illustrada da grande guerra», compilação, muito conscienciosamente feita, do nosso presado camarada Garibaldi Falcão, segundo os melhores trabalhos que sobre o palpitante assumpto estão vindo a lume em Inglaterra e em França e que *A Capital*, com grande aprazimento dos seus leitores, inseriu em folhetins e continua publicando.

Este primeiro volume estuda as origens diplomaticas da guerra, a «Entente cordiale» e a Triplice Entente, faz a historia da expansão economica da Allemanha e do Pangermanismo, da Allemanha politica e da politica dos armamentos, diz o que foi a preparação militar franceza, refere o que seja a Austria-Hungria e o seu dualismo, expõe a grandeza e a decadencia da Turquia, apresenta a Russia moderna, trata do exercito e das fortalezas belgas e do exercito inglez e dos exercitos nos dominios inglezes.

Movimento associativo

Manipuladores de phosphoros lisbonenses

Para tratar d'um assumpto importante para a classe reune a assembléa geral depois d'amanhã, ás 18 horas.

Nucleo Juventude Libertaria

O «comité» convocou a assembléa geral para depois d'amanhã. O grupo de propaganda vae promover uma serie de visitas de estudo e conferencias educativas.

ULTIMAS NOTICIAS

AINDA NAULILA

Perguntas que precisam de respostas

Urge dizer ao paiz toda a verdade

O sr. Almeida Garrett, deputado unionista, requereu hoje na Camara uma copia das reclamações formuladas junto da Allemanha por causa do aprisionamento dos officiaes e soldados portuguezes em Naulila.

Dada a filiação partidaria d'aquelle deputado, e sabendo-se que as reclamações deviam ter sido apresentadas pelo governo Azevedo Coutinho, é facil descortinar no requerimento qualquer objectivo politico. Já hoje se dizia nos Passos Perdidos que o sr. Almeida Garrett procura trazer para publico estas duas revelações:—1.ª, que aquelle governo democratico não tratou do caso com a energia que elle reclamava; 2.ª, que as suas palavras foram tão cautelosas que não correspondiam, de modo algum, nem á brutalidade praticada pelos allemães, nem aos propositos de participação na guerra apregoados na sua imprensa e no parlamento pelo partido democratico.

Ignoramos se o unionismo conseguirá vêr triumphar o objectivo que desvendou hoje, porque não sabemos em que termos foram formuladas as reclamações. Mas, ácerca de Naulila, o que nos interessa, o que interessa hoje a opinião publica que vive afastada das «coteries» partidarias, é saber como os factos se passaram, é completar a liquidação de responsabilidades que já começou a ser feita hontem nas columnas da «Capital» pelos depoimentos dos valorosos militares tenentes Marques, Aragão e Andrade. E' absolutamente indispensavel que «toda a verdade» se saiba, para castigo rigoroso dos officiaes, sargentos e soldados que não cumpriram o seu dever. Esta é a questão e não ha rodeios nem habilidades que, já agora, possam afastal-a do debate.

Muitas affirmações graves se teem feito sobre Naulila. Mas é preciso que o paiz saiba que ainda não foram levadas ao seu conhecimento «as mais graves». Diz-se, por exemplo, que havia o espirito monarchico n'uma certa camada de officiaes que se encontravam no sul d'Angola. Aos monarchicos não convinha que a Republica triumphasse em Naulila. E' isto assim? E' verdade que o alferes Pisarra, um dos officiaes que não se aguentaram na linha de fogo, é monarchico? Diga-se toda a verdade, custe o que custar, por mais dolorosa que ella seja. Só assim o exercito portuguez se prestigiará novamente, banindo do seu seios os elementos que o aviltam.

Ha pontos que ainda se manteem n'uma confusão prejudicial. Que significavam as divergencias, no campo de batalha, ácerca da opportunidade ou desvantagens d'um rompimento de hostilidades com a Allemanha? Tinha sido exportada para lá a politica torva, de habilidades e equivocos, que nos lançou na situação deprimente em que nos encontramos ainda hoje? Quem a defendia, quaes eram os seus arautos?

Sabe-se que o commando geral da *expedição estava confiado ao sr.* Alves Roçadas. Que plano de ataque e de defeza traçou esse official perante a investida do inimigo? As ordens do estado-maior fizeram-se sentir, como cumpria, com decisão, com o devido conhecimento da tactica militar? E' preciso que o paiz o saiba, para que seja completa a liquidação de responsabilidades.

Diz-se que uma parte das nossas tropas se encarregou de municiar o indigena, abandonando á sua posse grande quantidade de material de guerra. Fala-se em um milhar de cartuchos deixado n'um dos nossos fortes. E' isto verdade? E' tambem verdade que um conselho de officiaes, reunido para estudar a possibilidade d'uma desaffronta immediata da derrota, entendeu, por maioria que o melhor caminho a seguir era... o que conduz á metropole, voltando todos para Lisboa?

Tudo isto é que é preciso averiguar. Quanto ao requerimento do sr. Almeida Garrett, pouco nos importa, repetimos, que se realise ou não o objectivo que elle visa.

Uma freguezia revoltada

Os de Montalegre contra os de Cabeceiras

Queima de matrizes—Corte de linhas telegraphicas—A cadeia arrombada

Por causa da passagem da freguezia de Salto do concelho de Montalegre para o de Cabeceiras de Basto, o povo amotinou-se, queimando as matrizes do concelho, cortando as linhas telegraphicas e arrombando a cadeia. Os amotinados percorrem as ruas da villa levantando vivas á Republica e a Montalegre e morras a Cabeceiras de Basto e seus protectores.

O governo mandou seguir para Montalegre forças militares, a fim de restabelecerem a ordem.

Noticias parlamentares

Ao que consta, o parecer do orçamento da instrucção, que tanta celeuma levantou ao tornar-se conhecido, tem soffrido, de parte da maioria da Camara, uma critica das mais acerbas, o que determinou uma cuidadosa revisão d'esse diploma, *em* virtude da qual foram postas de lado muitas disposições aconselhadas pelo relator e, entre ellas, a que auctorisava o governo a reformar o ensino secundario, cujo curso ficaria dividido, se a proposta passasse, em tres partes distinctas. Segundo se affirma, tambem foi pela agua abaixo aquella classificação de azulejos que se pretendia levar a cabo, ao preço de quinhentos escudos por anno...

* * *

Deixou de se falar da reforma da policia, e parece que já poucas esperanças ha de a fazer passar, tão ausente de pretendentes esteve já hoje a galeria dos Passos Perdidos. E' que os candidatos a commissarios—e são tantos!—não arredavam d'ali pé, figurando entre elles gente conhecida, que na burocracia já disfructa optimos proventos. Pois a fonte de tanto futuro empregosinho parece que não chegará a correr, tão certo é a reforma almejada ter encontrado opposição na commissão de legislação criminal, onde baixou ha dias e d'onde não sahirá tão cedo, se não enganam as vozes que a tal respeito correm. Na propria maioria, a corrente contra a reorganisação dos serviços policiaes é intensa, não sendo facil, ao que se assevera, estancal-a.

* * *

As iniciativas que nas camaras se perdem e ficam reduzidas a vagas recordações, quando muito, são mais que as outras, as que conseguem vingar e fructificar. São mesmo incommensuravelmente mais; e para salvar algumas ninguem imagina os esforços que certos deputados fazem. Haja em vista, por exemplo, o sr. João Gonçalves, que ainda hoje traz mettida na cabeça a idéa de conseguir que se construam varios caminhos de ferro no seu circulo, sem conseguir que tal idéa vá além d'uma generosa e progressiva aspiração. Pois é pena, porque se os alvitres do sr. João Gonçalves passassem, de futuro, qualquer, em terras da Arruda e da Merceana, podia pedir votos de carrinho, pelo menos a noventa kilometros á hora...

* * *

Uma boa idéa, sim senhor. E sabem quem a teve? O sr. Annibal Lucio de Azevedo, cuja bossa oratoria é das mais ferteis, muito embora seja das que se manifestam menos vezes. Disse esse pae da patria que nos falta carvão, sendo riquissimos os jazigos carboniferos que possuimos, e propoz que se nomeasse uma commissão encarregada de nos dizer até onde podemos contar com a nossa hulha, para que as industrias nacionaes progridam como é mister. Pois se as industrias estrangeiras se teem desenvolvido d'uma maneira «assustadora», clamou o sr. Azevedo, porque é que as nossas hão de vegetar como organismos que se definham lentamente? Porquê? O sr. Arruda que o diga, se «axar» que vale a pena...

* * *

Veiu hoje a Lisboa uma commissão de mais de trezentos habitantes de Santarem protestar contra a classificação de nacional que no orçamento de instrucção se pretende dar ao lyceu central d'aquella cidade. A commissão foi recebida pelo sr. Azevedo Coutinho, que tranquillisou os povos d'aquella cidade, dizendo-lhe que, muito provavelmente, a projectada reforma do ensino secundario não iria por deante. Santarem, quando protesta é sempre assim em massa. De maneira que quando outra razão não tenha tem a do numero, que não é a peor de todas.

* * *

A commissão do orçamento esteve hoje reunida para apreciar as emendas que o Senado introduziu no orçamento das receitas. Essas emendas são insignificantes e parece que serão acceites pela camara. A proposito deve dizer-se que no Senado ha nada menos de quatro orçamentos perdidos no seio das commissões, d'onde não sahirão tão cedo, motivo por que a actual sessão legislativa deve terminar, se elle quizer lá para as kalendas gregas, se não vier a acabar alguns annos depois...

* * *

O sr. Costa Junior está disposto a fazer passar amargos quartos d'hora ás gentes que dirigem os caminhos de ferro do Estado. Hoje, por exemplo, quiz que lhe dissessem em que tinham sido gastos mais de cem contos, que o orçamento accusa como dispendido, abstendo-se de indicar como; e não contente com isso, propoz que não se gratificasse o pessoal da direcção e se obrigasse o mesmo pessoal a restituir o que indevidamente tem recebido. Uma girandola das mais retumbantes que terminou com uma proposta de inquerito parlamentar á administração dos mesmos caminhos de ferro. Coisa de fazer estarrecer toda a gente, se os inqueritos parlamentares não fossem sempre aquillo que nós sabemos—uma ingenuidade pegada...

NOTAS DIVERSAS

No ministerio dos negocios estrangeiros esteve hoje o sr. Daerchner, ministro da França.

— Chegou hoje no rapido o governador civil do Porto, sr. dr. Pereira Osorio, que conferenciou com o sr. ministro do interior. Com o sr. dr. Ferreira da Silva conferenciou tambem o governador civil de Angra.

— Os deputados sr. Luiz Derouet e dr. João Gonçalves apresentaram hoje ao sr. ministro do fomento uma numerosa commissão de habitantes do Alemquer, de todos os partidos, que entregou uma representação pedindo a construcção do caminho de ferro cujos estudos estão já feitos.

Na Camara dos deputados

Continua a discutir-se o orçamento do fomento

O sr. Azevedo Coutinho, depois de approvada a acta, dá a palavra ao sr. Sá Pereira que manda para a meza o parecer da commissão de legislação operaria sobre o projecto que auctorisa os governadores civis a executar a lei das horas de trabalho nas localidades onde as camaras não hajam cuidado d'isso. Requer a urgencia, que é concedida, *sendo o projecto approvado sem discussão*. Toma assento, sendo introduzido pelos srs. Pires de Campos, Vasco de Vasconcellos e Almeida Garrett, o sr. Carvalho Araujo, deputado eleito por Penafiel. O sr. Vasco de Vasconcellos estranha que ainda não se haja realisado o inquerito aos acontecimentos de Lamego, parecendo, pelo caminho que as coisas tomam, que o respectivo relatorio não venha a ser conhecido a tempo do parlamento n'esta sessão, o apreciar. Aconselha a substituição do *administrador do concelho, por* lhe faltar prestigio para levar por deante as averiguações que as circumstancias impõem. Em Lamego, empregaram-se contra o povo bombas de dynamite, sendo necessario averiguar quem tal fez.

O sr. Ferreira da Silva, ministro do interior, explica o que se tem passado e as providencias que tomou, dizendo que encarregou pessoas que, julga as mais competentes de verificar como as coisas se passaram. O sr. Ramos da Costa requer a discussão e approvação de não se sabe bem quantos pareceres. Approvado, bem como os referidos pareceres, sem que possa averiguar-se de que elles tratam. Approvam-se tambem um projecto *creando uma parochia civil* no Estoril e outro equiparando o curso de commercio da Casa Pia *aos cursos* identicos das escolas officiaes. Um outro projecto, remodelando o que está legislado sobre nomeações e transferencias de thezoureiros de finanças, soffre discussão, declarando o sr. Paiva Gomes, um dos auctores do projecto, que o sr. ministro das finanças, ao ser consultado sobre elle, o achou necessario e justo.

Suspende-se a discussão, por se entrar na ordem do dia. O sr. ministro das colonias manda para a meza propostas de lei determinando que se considere como commissão extraordinaria o tempo de serviço prestado no ultramar pelos officiaes do exercito da metropole nos corpos fiscaes e de policia; determinando que os officiaes que exercem as funcções de promotor de justiça nos conselhos de guerra do ultramar não vençam gratificação especial; prorogando até 1 de fevereiro de 1916 o praso para a exportação do café sujo, ficando depois d'essa data sujeito ao direito de importação de 25 por cento, «ad valorem».

Vota-se o capitulo terceiro do orçamento, com todas as propostas annexas. O sr. Annibal de Azevedo propõe que se organise uma brigada destinada a pesquizar os jazigos carboniferos do paiz, proposta com a qual o ministro das finanças não concorda, por trazer augmento de despeza. O sr. Costa Junior combate, por illegal, a distribuição de gratificações ás direcções dos caminhos de ferro do Estado e propõe que se nomeie uma commissão de inquerito parlamentar á administração dos mesmos caminhos de ferro, que o orador considera exoticas. O sr. Gastão Rodrigues concorda e diz que, evidentemente, a administração dos referidos caminhos de ferro é detestavel, apontando factos diversos para justificar tal asserção. O ministro do fomento defende calorosamente o pessoal dos caminhos de ferro do Estado e o sr. Ribeira Brava pede que as propostas referentes ao inquerito dos actos da administração dos caminhos de ferro do Estado baixem ás respectivas commissões. O sr. Costa Junior protesta. O que se pretende fazer não merece o seu applauso. E fará todo o obstrucionismo que fôr preciso para que não continuem a praticar-se abusos como o de se pagarem quantias avultadas a quem não tem direito a recebel-as.

O sr. Almeida Garett.—Assim nunca isto se discute!

O sr. Costa Junior.—Bem sei! São unionistas os que lá estão. São tubarões, por isso v. ex.ª se afflige tanto.

Approva-se o requerimento do sr. Ribeira Brava, depois de se verificar que ha numero. Falam ainda os srs. Costa Junior, Lima Bastos e Gastão Rodrigues. Procede-se ás votações. A proposta Costa Junior sobre a restituição de verbas illegalmente recebidas é regeitada. A outra, sobre o não pagamento de gratificações por não haver saldo positivo nos caminhos de ferro, tem sorte egual. O sr. Costa Junior requer a contagem. Fervem os commentarios. Ha numero.

O sr. Ribeira Brava, para o sr. Costa Junior.—Não quer mais nada?

—Não senhor. Fiquei sabendo que a camara deu um bodo de 10 contos. Isso me basta.

A seguir vota-se o capitulo oitavo.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Encontra-se em Paredes de Coura o sr. dr. Bernardino Machado que para ali foi de Ancora no automovel da familia Terra, de Seixas. Em Ancora demorou-se algumas horas, tendo visitado o illustre professor hespanhol Ricardo Rubio.

—Está na sua casa de Seixas (Minho) o illustre architecto Ventura Terra.

—Partiu para o Gerez o illustre romancista Alberto de Sousa Costa com sua esposa.

—Acompanhado de sua esposa regressou da Marinha Grande o sr. Julio Affonso Vieira da Cruz.

—Do norte, onde passaram uma temporada, chegaram hoje ás sr.as D. Magdalena de Camara Manuel e D. Laura Coelho Fragoso.

—De Cintra para a Figueira da Foz segue hoje com sua esposa e nétas o sr. Francisco Isidóro Nunes.

—Com sua esposa e filho segue das Pedras Salgadas para a Figueira da Foz o sr. Pinto de Carvalho (Tinop).

—De Caldellas segue com sua esposa para Vidago o sr. Antonio Julio do Nascimento.

—Com sua esposa partiu para o Bom Jesus de Braga o sr. Antonio Simões.

—Encontra-se em Carcavellos o sr. Nobrega de Lima.

—Regressou da Feitoria o sr. Hemeterio Arantes.

A grande guerra

As relações entre a Allemanha e os Estados Unidos

WASHINGTON, 25—Por communicação vinda de Berlim sabe-se que o conde de Bernstorff, embaixador da Allemanha nos Estados Unidos, pediu ao governo americano que não tome deliberação alguma ácerca da destruição do *Arabic* antes de serem conhecidos os factos.—(*Havas*)

Os russos continuam recuando

PETROGRADO, 25 — Official. — Entre o Bobr e o Narew retirámos para a margem esquerda do Bobr. Como consequencia d'este recuo evacuámos as fortificações de Ossovietz, tendo previamente dinamitado e incendiado varios entrincheiramentos e abrigos. Entre o Narow e o Bug repellimos persistentes ataques do adversario, fizemos prisioneiros e tomámos algumas metralhadoras. Na margem direita do Bug interceptámos a offensiva inimiga.—(*Havas*)

A lucta no occidente e nos Dardanellos

PARIS, 25.—Communicação official das 15 horas.—Em Artois, em todo o sector norte, o canhoneio foi durante a noite bastante intenso. Houve combates com granadas manuaes em volta de Souchez e de Neuville. Na região de Roye e Lassigny a lucta de artilharia continua activa. Em Champagne e em Argonne, houve alguns casos de lucta de minas. Nos Vosges houve combates de granadas em Barrenkopf. Um dos nossos aviões bombardeou esta noite a «gare» de Lorrach no grão-ducado de Bade.

Nos Dardanellos: O periodo de cinco dias decorrido depois do ultimo communicado foi assignalado na zona norte por novos progressos da ala esquerda britannica que tomou 300 metros de *trincheiras inimigas*. Na zona sul as operações limitaram-se a acções de artilharia e a combates de patrulhas. Durante a noite de 23 para 24 uma das nossas companhias conseguiu realisar um golpe de mão sobre um posto de observação dos turcos. Na manhã de 24 um grupo inimigo tentou reoccupal-o mas foi repellido. No dia 20 do corrente a nossa esquadrilha bombardeou com successo o ponto de desembarque de Acbashilimen, na costa da Europa ao norte de Nagara, apesar do violento fogo das baterias adversas. Um dos nossos aviões afundou no ancoradouro um grande transporte turco.—(Havas).

O estado de sitio em França

PARIS, 25.—O conselho de ministros decidiu supprimir o estado se sitio fóra da zona dos exercitos.—(Havas).

PEQUENAS NOTICIAS

Na séde da commissão parochial do partido republicano portuguez na freguezia de Santa Isabel, rua de Campo de Ourique, 77, realisa amanhã, ás 22 horas, o sr. Faustino da Fonseca uma conferencia sobre a carestia da vida.

—A banda da guarda republicana executa amanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1|2 horas, o seguinte programma:—*Glorias da Russia*, marcha, Fucik; *Carnaval romano*, ouverture, Berlioz; *Mariana*, suite de valsas, Waldteufel; *Fausto*, seleção, Gounod; *Aubade Printaniere*, Lacome; *Dejanire*, suite, n.° 1 *Divertissiment*, n.° 2. *Marcha du corteje*, S. Saens.

—Antonio Gomes, morador na rua 31 de Janeiro, 66, 2.°, foi colhido por um volante d'uma machina n'uma fabrica da rua do Sacco, recolhendo ao hospital de S. José. Tambem ali recolheu Alice da Silva, moradora na rua Andrade 43, 2.°, que tentou suicidar-se com sublimado.

—Evaristo Rodrigues Alves, morador na travessa dos Fieis de Deus n.° 30, 1.°, queixou-se á policia de que no dia 19 do corrente desappareceu de sua casa sua mãe Maria Augusta Rodrigues, de 58 annos. Tem signaes de bexigas, cabelo preto, veste saia de fazenda preta, blusa de chita da mesma côr, cache-nez e botas pretas.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

EM TORNO DA GUERRA

Porque recuou o exercito russo?

Por falta de munições — O que produz a Russia em ferro, aço e carvão — Como a producção está sendo intensificada

Está hoje averiguado que o recuo do exercito russo da Galicia e o abandono de Varsovia tiveram como causa principal a falta de munições. Alguns membros da Duma pediram até que fossem processados diversos funccionarios responsaveis, obedecendo assim ao sentimento de desgosto que se manifestou no paiz quando se conheceu a verdadeira causa da retirada.

Para reparar os erros commettidos, a Russia mobilisa actualmente as suas forças productivas e organisa a sua industria. Está claro que, como os alliados, não tem a pretenção de se abastecer por si mesma immediatamente. Uma parte das munições de que precisa recebel-as-ha certamente do estrangeiro, emquanto no interior do paiz a producção se intensifica. Não deixa, pois, de ser interessante saber quaes os recursos proprios da Russia e como e por que vias ella póde abastecer-se sem esperar que os Dardanellos sejam forçados.

* * *

Abordando a questão das materias primas, começa-se por verificar que durante o primeiro anno da guerra a Russia reduziu a sua producção de ferro e de aço; é a causa principal da sua insufficiencia de munições.

A *mobilisação interna* tende precisamente a intensificar essa producção das materias primas. Logo na sua primeira reunião, a junta central militar e industrial examinou uma serie de providencias destinadas a modificar o presente estado de coisas.

Não se póde agora contar com a producção da Polonia, mas, embora não contando com ella, a das outras regiões do imperio é de molde a tranquilisar.

A Russia produz em tempo normal 3.540.000 tonneladas de aço Martin. Ora são precisos cêrca de 7 kilos de aço Martin para fabricar uma granada de artilharia de campanha de 77 que vasia pesa 3 kilos. Admittindo que na frente russa se disparam 500.000 granadas por dia, teem-se 1.270.000 granadas por anno. Metade da producção russa bastaria para confeccionar as granadas propriamente ditas e a outra metade ficaria livre para a construcção de canhões, machinas, reconstrucção de pontes, reparação de linhas ferreas, etc.

O exemplo da Allemanha, que duplicou desde o inicio da guerra a sua producção, indica, de resto, o caminho a seguir. A' Russia não faltam materias primas. Os minerios de ferro, nomeadamente os da bacia de Krivoi-Rog, situada no sul, perto do Dnieper, são muito procurados até no estrangeiro, por causa da sua pureza. A capacidade productiva das minas de Krivoi-Rog abertas á exploração calcula-se em 6.530,00 toneladas annualmente.

Ora até hoje semelhantes riquezas não foram utilisadas de um modo intensivo. Nos primeiros seis mezes que se seguiram á declaração da guerra apenas 1.692:400 toneladas de minerio foram extrahidas na rica bacia, o que representa uma diminuição de 47 por cento em relação á extracção do primeiro semestre de 1914.

Não se conhecem numeros precisos relativamente á extracção no anno corrente, mas sabe-se que baixou de metade em janeiro e fevereiro; por outro lado, as estatisticas das expedições de minerio pelo caminho de ferro accusam uma diminuição de 36 0|0, relativamente a janeiro, fevereiro e março. Depois de terem augmentado um pouco em abril, voltaram a descer em maio e em junho.

Vejamos agora o que se passa quanto ao carvão. Em tempo normal, a Russia extrahia o combustivel da bacia do Donetz que só por si é capaz de cobrir as necessidades do paiz. A partir da mobilisação, a extracção diminuiu bruscamente. Após baixas e altas durante os seis ultimos mezes de 1914, o anno corrente iniciou-se com um *deficit* apreciavel, pois que durante os primeiros mezes de 1915 se extrahiram 10.786:000 toneladas contra 12.140:000 toneladas, ou seja uma diminuição de 1.354:000 toneladas. Juntando á producção da bacia do Donetz a das regiões de Term, de Moscou e do Caucaso, e comparando o conjuncto ás provisões de carvão do imperio no periodo correspondente de 1914, obtem-se um *deficit* de 38 0|0.

E, no emtanto, a região hulheira do Donetz bastaria, como dissemos, para saldar o deficit.

* * *

Imagine-se a repercussão que esta insufficiencia momentanea de materias primas teve na marcha da metalurgia russa. A 1 de dezembro de 1914, no sul da Russia, de 50 altos fornos em actividade, 13 foram obrigados a suspender por falta de combustivel. No mez de março pararam outros fornos.

Em março, outros altos fornos vieram augmentar o numero dos já existentes. Nas officinas metallurgicas tendiam a esgotar-se as reservas de materias primas que as alimentavam; feita a comparação com as quantidades de que dispunham em 1 de janeiro de 1914, as fabricas do sul tinham registado em 1 d'abril de 1915 diminuições de 86 0|0 nos minerios, de 54 0|0 no spath, de 54 0|0 na hulha, e de 8 0|0 no coke.

Não é pois para admirar que n'estas condições a producção de mineral fundido, e portanto a de aço Martin necessario para a confecção dos envolucros d'obuses, tenha diminuido. Durante a segunda metade de 1914, em toda a Russia da Europa apenas se produziu 1.950:000 toneladas de ferro fundido, tendo havido, comparando com egual periodo de 1913, uma diminuição de 16 0|0. Em 1915 ainda esta diminuição foi mais sensivel.

As fabricas do sul, de janeiro a maio, apenas produziram 1.152:000 toneladas, o que representa a diminuição de 14 0|0 em comparação com os primeiros cinco mezes de 1914, o que obrigou a suspender o trabalho em muitos fornos Martin.

E foi por este motivo que durante os mesmos mezes do anno de 1915 as fabricas do sul produziram apenas 988:000 toneladas de ferro fundido, em vez de 1.190:000, isto é, menos 15 0|0.

* * *

Encontramo-nos assim em face d'uma outra questão que é a da producção das materias primas.

Na reunião da commissão militar dos industriaes de Kharkof a 7 de junho ultimo, dizia o relator que «as fabricas metallurgicas estarão em condições de fornecer todo o material necessario para a defeza nacional se não houver demora na entrega do minerio.» Estará a Russia em condições de augmentar a sua producção de minerio, de carvão, e de coke a ponto de leval-a ao nivel normal, e mesmo de ultrapassal-o?

Apresenta-se depois o problema operario.

A verdadeira causa do *deficit* constatado, provem, no fundo, da desorganisação do trabalho determinada pela mobilisação. A chamada ás fileiras fez descer a metade o pessoal nas minas de ferro de Kriva Roz, e nas hulheiras desceu repentinamente de 200.000 a 135.000 operarios, mas o governo está empregando todos os esforços para preencher estas vagas. Os operarios das minas de hulha e de ferro *já não são enviados* para a linha de fogo; além d'isso o governo concedeu passagens gratuitas em caminhos de ferro a todos os operarios que queiram ir para Donetz, e, por seu lado, os industriaes encarregaram 12.0 agentes de recrutarem mineiros.

Estas medidas já começaram a dar resultados apreciaveis; actualmente 160:00 operarios estão trabalhando na bacia hulheira, havendo, pois, mais 31.000 do que durante os primeiros tempos da guerra. E' certo que ha difficuldades em preencher rapidamente as vagas, as mesmas, em geral, que até agora teem impedido de fixar uma população operaria na bacia do Donetz. As condições higienicas e as habitações deixam muito a desejar.

Mas, em summa, estas difficuldades são secundarias em tempo de guerra: além d'isso appellou-se para a mão d'obra chineza, e actualmente milhares d'operarios estão sahindo da Mandchuria para Donetz.

* * *

E d'est'arte, não faltando materias primas nem mão d'obra para confeccionar envolucros d'obuses, uma simples reorganisação porá dentro em pouco a Russia em circumstancias de produzir o que até agora lhe tem faltado. E verifical-o consola.

Protecção á infancia

Banhos ás creanças

Começam no domingo em Caxias os banhos ao primeiro turno de 43 creanças do sexo feminino, protegidas pela Juncção do Bem.

Depois do banho é fornecido ás creanças cacau com leite, pão com manteiga e bolachas.

A direcção tem continuado a receber de casas commerciaes, riscado, chitas, cacau, assucar e dinheiro. Vae convidar os srs. presidentes do ministerio e da camara municipal a assistirem em Caxias á inauguração dos banhos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«English book»

Em 2.ª edição, com uma magnifica encadernação, publicou a livraria Neves, de Coimbra, este livro do sr. Alfredo de Mattos Chaves, serie de lições da lingua ingleza e a que nos referimos com o devido elogio a quando do seu apparecimento.

SPORT

Desafio de box

O sr. Lionel Carrão escreve-nos dizendo que não é conhecido em Lisboa porque tem passado quási toda a sua vida na Suissa, onde terminou os seus estudos. Tem cultivado o «box» e acceita o repto do sr. Maximiano José Domingues. Segundo declara, o seu peso é de 80 kilos.

«Foot-ball»

Continua aberta na séde do Sport Lisboa e Bemfica, até ao dia 2 de setembro, a inscripção de jogadores de «foot-ball» que hão de fazer a epocha de 1915-1916.

No proximo domingo, começam os treinos, jogando o 4.º grupo com o Sport Club Imperio, em Palhavã, ás 17 horas, e os restantes jogadores das 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias em Sete Rios á mesma hora. Acceitam-se propostas de desafios-treinos de clubs filiados na A. F. L. e para qualquer categoria.

Festa sportiva em Cascaes

No proximo domingo realisa-se na cidadela de Cascaes, a festa sportiva organisada pelo Grupo Sportivo de Cascaes e Atheneu Commercial de Lisboa.

Em lucta apresentar-se-hão os campeões de Portugal do anno corrente, cujos titulos lhes cabem respectivamente pela seguinte ordem: Antonio Pereira, campeão dos levissimos, e em varios annos detentor do titulo de campeão em todas as categorias. Homero Alves, campeão dos leves. Antonio Neves, campeão dos medios, a que falta um só anno para ser conferida a medalha d'ouro. José da Silva Carvalho, campeão dos medios B.

Em pezos apresentar-se-ha Antonio Pereira, tambem campeão de Portugal na sua categoria, e detentor de varios «records» além da sua categoria e que executará alguns dos seus exercicios predilectos. Em esgrima Antonio Montez, sportman correctissimo, campeão de Portugal em tiro de guerra a 600 metros, e forte atirador em esgrima que assaltará ao sabre com atiradores de Cascaes e á espada com um seu condiscipulo.

Em jogo de pau assalta tambem Antonio Montez com o seu companheiro d'este jogo e distincto jogador Arthur Rodrigues.

Na tracção á corda apresentar-se-ha um grupo por esta collectividade em disputa com dois fortissimos grupos de Cascaes.

Além d'estes numeros haverá tambem saltos em comprimento, com e sem balanço, saltos de trampolim, ascensão ao mastro de cocagne, assalto ás argolas, jogo da rosa, corrida de pés atados, a cabeça do kaiser.

Algumas anecdotas

Come esta maçã, que é a ultima que comes na tua vida...

Exbroyat foi, depois de Rossignol Rolin, o mais celebre dos emprezarios de lucta, mas differentemente d'aquelle era tambem excellente luctador.

Foi com Exbroyat que se passou o seguinte, que contam os lyonezes de hoje, talvez com um exagero que parece de andaluz.

Um negro, de que ninguem se lembra o nome, lançou um dia um repto a Exbroyat. Este levantou-o e o combate realisou-se n'um circo em New-York. A lucta foi das mais movimentadas. O negro mostrou força e resistencia que maravilharam o luctador-emprezario e, repentinamente, atacou Exbroyat, cerrou-o n'uma cintura e partiu-lhe trez costellas! Exbroyat foi retirado em braços para fóra da arena!

Fizeram correr que a fractura tinha sido ligeira. O hercules restabeleceu-se depressa.

Quando estava curado, lançou por sua vez um desafio ao negro e fel-o com retumbancia de reclame e de annuncios em todas as esquinas de New York. O negro acceitou. O combate effectuou-se com uma assistencia extraordinaria.

Assim que estavam «em guarda», Exbroyat deu uma maçã ao negro e disse-lhe:

—Come, que é a ultima que cómes na tua vida!...

O negro julgou que era brincadeira e preparava-se para comer, mas Exbroyat não lhe deu tempo. Deu um salto sobre elle, agarrou-lhe a cabeça entre as mãos, cruzou os dedos para produzir mais força e por uma espantosa pressão esmagou a cabeça do negro nas suas mãos poderosas!

Os «miolos» espirraram até á cupula do circo!

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA — A's 21 — As pilulas de Hercules.
POLITEAMA — A's 21 — Não desfazendo...
EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—A côrte de Napoleão.

Agenda da semana

HOJE — **Politeama** — Primeira representação de *Não desfazendo...* revista de André Brun, com musica original de João Myrto e Vasco de Macedo.

No Coliseu dos Recreios

Teve extraordinario successo a representação da operetta a *Casta Susana*. A companhia Granieri cantou-a com brilhantismo extraordinario, ouvindo fartos applausos as sr.as Cina de Valdis e Pangrazi e os srs. Granieri, Razzoli e Vezzani.

Amanhã estreia na presente epocha da aparatosa opera comica de grande espectaculo *A côrte de Napoleão*, que tanto agrado teve quando representada na ultima *tournée* d'esta companhia. Guarda roupa luxuosissimo e feito com todo o rigor historico, scenario deslumbrante. *A côrte de Napoleão* é, do reportorio da companhia, uma das peças mais espectaculosas e brilhantes.

Por não estar ainda concluida a pelicula indispensavel na representação da *Menina do Cinematographo* e em que figuram os artistas da companhia, essa operetta só poderá subir á scena na proxima terça-feira.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil — Sonho guerreiro —Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Festas na Ericeira

Realisam-se no sabbado, domingo e segunda feira na Ericeira as festas da Senhora da Nazareth, que só se fazem de 17 em 17 annos.

Além das solemnidades religiosas ha duas touradas, arraial, illuminações e fogo de artificio. As festas são abrilhantadas pelas sociedades musicaes de Bemfica, Alhandra e a da localidade.

Das estações de Cintra, Mafra e Lumiar ha carreiras de automoveis para aquella villa.

TOURADAS

Campo Pequeno.—A tourada nocturna de depois d'ámanhã deve attrahir enorme concorrencia. Trata-se d'uma obra de altruismo, a que se junta um programma magnifico. O espada Alc, João Marcellino d'Azevedo, José Casimiro e D. Alexandre Mascarenhas são nomes bem conhecidos para que precisemos reclamal-os. A accrescentar ha a reapparição de Eduardo Pestrello.

Algés.—No domingo realisa-se uma tourada dedicada aos operarios da fabrica dos Tabacos e do Arsenal da Marinha muitos dos quaes tomam parte na lide, que é de 10 vaccas, touros e novilhos. Dirige a corrida, por especial deferencia, o sr. Joaquim Lacrau, antigo empregado da Companhia dos Tabacos. Na lide tomam parte 16 bandarilheiros amadores e seis praticantes, figurando como espada o barbeiro de Santo André. Haverá dois grupos de moços de forcado, estando ainda a empreza em contracto com um cyclista, que em bicycleta lidará um touro. Antonio Preto e a sua «cuadrilla» completa de bandarilheiros e picadores burlescos farão dois intervallos comicos, um d'elles intitulado «O Senhor da Serra em Algés».

Casino de S. José de Ribamar

E' grande a concorrencia todas as noites á explanada do Casino de S. José de Ribamar, onde, a par de boa musica, se gosa um delicioso espectaculo de variedades. Para ámanhã e domingo annunciam-se estreias de celebridades artisticas expressamente contractadas.

A provincia n'A CAPITAL

TABOA, 24.—Depois de varias peripecias que se teem dado com a nomeação do administrador do concelho, depois de ter sido imposta a exoneração d'este cargo ao padre Amandio Craveiro, parece que é certa a nomeação do sr. dr. Ruy Machado que, ainda ha poucos dias, foi despachado notario para este concelho e comarca. E' de esperar que este senhor faça um bom logar, pois que quando aqui o exerceu sob a vigencia do ministerio presidido pelo sr. dr. Affonso Costa, foi da maior correcção para com todos.

—A camara municipal d'este concelho está procedendo, com a exploração e canalisação das aguas ao melhoramento mais util, que, de ha quarenta annos para cá, aqui se vem fazendo. A collocação dos chafarizes no bairro dos Milagres, na praça e na bifurcação da estrada que segue para Midões, com a abundancia de agua que se anteviu nos primeiros trabalhos, foi uma lembrança feliz. Realmente o que estava era uma vergonha.

—No proximo sabbado, 28, passa aqui a philarmonica de Aldeia Gallega, que a convite da colonia Condozense em Lisboa, vae tomar parte nas festas que, em 29 e 30 do corrente, se realisam em Cardosa. Prepara-se-lhe uma enthusiastica recepção, que a acompanhará nos cumprimentos que tenciona fazer á Camara Municipal e ás auctoridades.

—Em Azere, d'este concelho, deu hontem á luz um menino a esposa do sr. José do Nascimento Gomes, director do orgão politico local do partido republicano portuguez *Echos do Mondego*.

—Vae um calor desmarcado, que sendo bom para os milhos das baixas é bastante prejudicial para as vinhas, onde obsta ao completo desenvolvimento e amadurecimento das uvas.

zes tanto sir Reginald como os seus officiaes, em conversas particulares, informavam-nos de que a Turquia estava sendo arrastada para a guerra. Quando a guerra rebentou com a Porta a região tinha sido bem preparada e o povo não foi tomado de surpreza.

A 7 de novembro, cincoenta dos principaes officiaes regimentaes, inglezes e egypcios, foram convocados ao palacio de Khartum, onde o governador geral se lhes dirigiu e, depois de explanar em breves palavras o que tinha succedido, leu uma proclamação annunciando que desde aquelle dia existia o estado de guerra entre a Gran-Bretanha e a Turquia e appellando para os habitantes do Soldão prestarem todo o auxilio que lhes fôsse pedido pelas forças inglezas, egypcias e soldanezas.

Egual procedimento foi adoptado em todas as principaes guarnições das cidades pelos governadores ou commandantes á mesma hora. No dia seguinte, o governador geral convocou os ulemas e os sheikhs a uma grande reunião e expunha-lhes o que se passava, recordando os beneficios que a Inglaterra havia prestado ao paiz, e pedindo-lhes que déssem bons conselhos ao povo.

Os ulemas foram os que mais enthusiastica e publicamente protestaram a sua lealdade. Entre os principaes contavam-se Sherif Yusef El Hindi, descendente do Propheta, que tinha enorme influencia no Soldão, e o filho mais velho do Mahdi, que garantiu a fidelidade de todos os ex-madhistas. Os ulemas publicaram um admiravel manifesto, assignado por dezeseis dos seus chefes. A resposta do povo foi extraordinaria. De todos os lados cartas e telegrammas promettendo apoio foram dirigidos ao sirdar e os officiaes fizeram eguaes offerecimentos.

Generosas dadivas foram feitas para o Fundo do Principe de Galles. As tentativas dos agentes turcos para excitarem o povo não conseguiram o mais ligeiro resultado. Um exemplo typico d'esse insuccesso foi o que se passou com Elmaz Bey, ajudante de campo e creatura de Enver Pachá, um preto ignorante, que havia anteriormente servido na Guarda Egypcia e se juntára aos turcos na Cyrenaica. Em Port Sudan, disfarçado com o uniforme de official egypcio, entrou nas tendas de alguns arabes, tentando revoltar os officiaes.

A resposta que estes lhe deram foi prendel-o. Foi condemnado á morte pelo tribunal marcial, sendo-lhe depois commutada a pena em consequencia das revelações que fez.

O Soldão soffreu serias perdas com a guerra. Sir Rudolph von Slatin, o official austriaco que durante muitos annos fôra prisioneiro do Mahdi e, que apoz a sua libertação pelo sirdar prestára admiraveis serviços á Inglaterra e ao Egypto no paiz onde estivera captivo, apresentou a demissão. Foi levado a isso por patriotismo, como bom vassallo do imperador Francisco José.

Tal foi a historia do Soldão nos primeiros sete mezes de guerra. Os officiaes britannicos ahi estacionados consideraram a lealdade e o socego das suas tribus como «uma pequena especie de milagre» e o «Sudan Times» disse com verdade que, fôssem quaes fôssem a miseria e as perdas que a guerra tivesse causado ao mundo, tinha pelo menos dado á Inglaterra uma prova de que a sua obra no Soldão não havia sido baldada.

No principio das hostilidades com a Turquia os navios alliados no Oriente do sul e no Mar Vermelho receberam ordens para observarem os portos inimigos e impedir que qualquer expedição flibusteira pudesse ser tentada, especialmente da costa da Arabia.

Pormenores concernentes á actividade d'esses navios, principalmente inglezes, na costa da Syria, dal-os-hemos quando nos occuparmos da guerra no mar. Por agora basta dizer que no Mar Vermelho uma expedição india quando se dirigia para o Egypto tomou o forte turco de Sheikh Said, na peninsula proximo de Aden. Tropas de desembarque apoiadas pelo «Duke of Edin-

xem a sua religião», assim se expressou um observador oriental.

Assim terminou o reinado de Abbas II, do Egypto. Preferindo tomar o partido dos inimigos da Gran-Bretanha, suicidou-se politicamente. A sua impopularidade entre os melhores elementos do moderno Egypto e entre a classe rural, os abusos que animou e os escandalos domesticos em que ultimamente esteve envolvido tornavam a sua situação mais que precaria e era provavel que não pudesse manter-se. Mesmo os que desapprovaram a sua deposição dizendo que, como vice-rei musulmano nomeado pelo sultão, só por este legalmente podia ser destituido, muitas vezes não se conformaram com os seus methodos.

Os grupos, na maioria compostos de ignorantes, que continuaram discretamente a sustentar a sua causa, eram actuados pelo receio de que elle voltasse á frente dos exercitos turcos, por fanatismo ou por interesse proprio. A hoste dos officiaes de palacio e os parasitas d'ambos os sexos, os espiões, os agentes secretos e outras creaturas do ex-khediva, que haviam roubado o amo e a quem fôra permittido roubar os outros, eram naturalmente os que mais o lastimavam, porque o sultão Hussein não quizera nenhum d'elles e demittira todo o pessoal que estava ao serviço do khediva. Com alguns dos estudantes exaltados, especialmente os da Escola de Leis, que fôra sempre um centro de agitação politica, e os mais reaccionarios ulemas e os seus discipulos, formavam o que se póde chamar o partido legitimista.

Estavam, porém, calados, porque tinham medo. Os notaveis beduinos, com poucas excepções, tinham-se já voltado para o lado inglez. Quanto aos «fellahs», que não tinham motivo algum para gostarem de Abbas Hilmi, só n'elle falavam quando ouviam lêr alguma coisa a respeito da deposição de «Effendina». Muitos dos membros da familia do khediva, que haviam soffrido por causa da sua avareza, exprimiam os sentimentos dos «fellahs», em linguagem mais delicada.

O sultão Hussein Kamil nasceu em 1853. Quando tinha 14 annos foi para Paris continuar a sua educação e ahi foi hospede da côrte de Napoleão III e companheiro de brin-

Mr. Sazonoff, ministro russo dos negocios estrangeiros

quedos do principe imperial. Voltou para o Egypto em 1870. Foi nomeado inspector geral do Delta em 1872 e mais tarde foi ministro de diversas pasts, mostrando excepcional energia como ministro das obras publicas, principalmente na grande inundação do anno de 1874.

Por occasião da abdicação de Ismail Pachá em 1878, o principe Hussein retirou-se para Napoles com seu pae. Seu irmão, Tewfik Pachá, diz-se, tinha inveja d'elle, sendo essa uma das razões por que se acreditava que Ismail Pachá tinha intenção de alterar a ordem de successão, nomeando Hussein seu successor.

Depois do seu regresso, não tivera um papel politico preponderante, mas prestára consideravel auxilio á

occupação britannica. A Sociedade de Agricultura Khedival foi por elle fundada em 1898, tendo prestado grandes serviços ao paiz. Ainda que, dedicando muita actividade á agricultura e aos assumptos industriaes e technicos, dispendia algum tempo em obras philantropicas, especialmente na sua qualidade de presidente da Sociedade de Auxilio do Cairo.

Em 1909 voltou á vida politica e tornou-se presidente do conselho legislativo e da assembléa geral. Fez muito por levantar o tom dos debates, resignando o seu cargo em março de 1910 quando essas collectividades, inspiradas pelo khediva e pelos radicalistas, rejeitaram a proposta para ser prorogada a concessão do canal de Suez.

Anglophilo e ao mesmo tempo egypcio patriota, com profundo conhecimento das necessidades dos «fellahs», a quem os turcos-egypcios desprezavam, e estimando-os, o novo dirigente do Egypto era a antithese de seu sobrinho. Honesto, franco, desculpando qualquer falta, cortez para com todos e dotado de um encanto pessoal notavel, herdára as melhores qualidades de seu pae, ás quaes juntava um enorme desejo de melhorar a sorte do povo. Em religião, era musulmano liberal e crente, nos seus actos um verdadeiro cavalheiro.

O primeiro acto official do novo sultão foi encarregar Hussein Ruchdi Pachá, que apresentára a demissão do ministerio, de formar novo gabinete, que ficou assim composto:

Hussein Ruchdi Pachá, presidente do conselho e ministro do interior.
Adli Yeghen Pachá, agricultura.
Ismail Sidki Pachá, instituições piedosas.
Ahmed Hilmi Pachá, instrucção publica.
Ismail Sivri Pachá, obras publicas.
Yusuf Washba Pachá, finanças.
Abdul Khalik Saravat Pachá, justiça.

O unico membro do ministerio anterior que não reassumiu a sua pasta foi Mohamed Moheb Pachá, que era ministro das instituições piedosas.

Succedeu isso não só pela abolição do ministerio dos negocios estrangeiros, devido ao protectorado britannico, mas ainda pela benevolencia com que—dizia-se—Abbas Hilmi olhava esse ministro, que sahira do Egypto para a Italia.

No dia da sua ascensão ao throno, o sultão Hussein recebeu o seguinte telegramma do rei Jorge:

«Na occasião em que vossa grandeza assume o seu alto cargo, desejo apresentar a vossa grandeza a expressão da minha mais sincera amisade e assegurar-lhe o meu apoio *indefectivel* na salvaguarda da integridade do Egypto e na segurança do seu futuro bem estar e prosperidade.

Vossa grandeza assume as responsabilidades do seu elevado cargo n'uma grave crise da vida nacional do Egypto e estou convencido de que poderá, com a cooperação dos seus ministros e do protectorado da Gran-Bretanha, dominar todas as influencias que hão de procurar destruir a independencia do Egypto e a riqueza, liberdade e felicidade do seu povo.—*Jorge, rei e imperador*».

O sultão respondeu nos seguintes termos:

«*A sua magestade o rei, Londres.*—Apresento a vossa magestade a expressão da minha mais profunda gratidão pelos sentimentos de amisade com que se digna honrar-me e pela certeza do seu valioso apoio para salvaguardar a integridade e independencia do Egypto.

Conscio das responsabilidades que acabo de assumir e resolvido a dedicar-me, em absoluta cooperação com o protectorado, ao progresso e bem estar do meu povo, julgo-me feliz em poder contar n'essa tarefa com a protecção de vossa magestade e com o auxilio do seu governo.—*Hussein Kamil*».

A 20 de dezembro o sultão fez a sua entrada com todo o cerimonial

no palacio Abdin. Não houve a minima nota discordante. As disposições tomadas pelas auctoridades militares e policiaes foram admiraveis, ao mesmo tempo que o povo mostrava um bom humor e uma obediencia que tornavam o trabalho das auctoridaades facil.

A's 9 horas e meia da manhã o troar da primeira salva de vinte e um tiros annunciava que o sultão sahira do palacio de Kamil-ed-Din. Quando o canhão troou, as tropas ao longo do percurso apresentaram armas—os pequenos cadetes egypcios junto do palacio, as compridas filas dos Territoriaes de Leste Lancashire, que se estendiam até além do Hotel de Saboya, os altos novo-zelandezes ao longo da estrada de Kasr-en-Nil, o Sharia Maghrabe até ao square da Opera proximo do hotel Continental, os temiveis australianos, que se estendiam até ao square Abdin; juntamente com o corpo de Plantadores de Ceylão, um bello contingente, que estava collocado entre os australianos e as guardas de honra britannica e egypcia.

O canhão troava vagarosamente na cidadella e os espectadores egypcios e europeus apinhavam-se nas janellas e nas varandas. O cortejo começou a apparecer.

A' frente vinha o vice-commandante da policia do Cairo; seguia-se um esquadrão da Yeomanry montada em cavallos arabes, depois um esquadrão de lanceiros egypcios. Atraz d'elles vinha a cavallaria da Guarda de corpo, seguindo-se a carruagem do sultão puxada por quatro magnificos cavallos brancos.

As ruas estavam ornamentadas com bandeiras, entre as quaes predominavam as egypcias com os seus trez crescentes brancos e as trez estrellas. Os ministros seguiam n'um côche de Estado, depois vinha um bello esquadrão de Yeomanry montada em cavallos inglezes. Seguia-se sir John Maxwell.

A recepção no palacio durou seis horas. Durante ella as tropas egypcias acclamaram o sultão Hussein. Foi muito notado que a sir Milne Cheetham, o alto commissario, fôsse feita uma enthusiastica recepção pela multidão, quando elle chegou ao palacio Abdin e d'ahi sahiu.

A noite, todo o Cairo appareceu brilhantemente illuminado.

Durante este periodo, o Soldão tinha estado em socego com allivio e talvez com surpreza das auctoridades militares britannicas. Essa região, tendo uma grande população de musulmanos, que haviam sido conquistados apenas dezeseis annos antes por lord Kitchener e que eram dos mais bravos e dos mais fanaticos entre as raças africanas, era governada juntamente pela Gran-Bretanha e pelo Egypto com uma guarnição relativamente pequena em que havia poucas tropas brancas.

O fervor religioso de grande parte da população desculpava o receio de que a acção da Turquia pudesse originar um levantamento entre as tribus. Era devido em parte á acção do governador geral do Soldão, sir Reginald Wingate, e de muitos habeis officiaes sob as suas ordens que toda a região estava não só socegada mas se conservava leal e que toda a população apoiasse a causa britannica.

Voltando immediatamente depois da declaração da Grande Guerra para o Egypto, sir Reginald, que era tambem o sirdar (commandante em chefe) do exercito egypcio, demorou-se algum tempo no Cairo e depois de verificar que o espirito d'esse exercito era bom, dirigiu-se para o sul, para Khartum, onde teve algumas entrevistas com os officiaes egypcios mais velhos e os principaes notaveis locaes. Depois d'isso teve uma grande recepção em Omdurman, onde se dirigiu aos dirigentes religiosos em arabe, explanando a origem e as causas da guerra com a Allemanha. Foi muito saudado ao terminar o seu discurso e desde esse momento não havia duvidas ácerca dos sentimentos dos dirigentes dos povos soldanezes.

O governador geral deu depois uma rapida volta pelo Soldão e foi recebido nas principaes cidades, sempre com os mesmos excellentes resultados. Aos principaes soldane-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1817 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 26 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Congressos provinciaes

No principio do proximo mez de setembro deve reunir-se no Algarve o primeiro congresso provincial. Eis uma innovação que tudo indica será adoptada por outras regiões. Com effeito, já o Alemtejo, por iniciativa da camara municipal de Evora, pensa na realisação d'um congresso de egual natureza, e em Coimbra presume-se que tambem venha a effectuar-se uma assembleia regional, em que se discutam os intereses e aspirações do trecho do territorio patrio que já vemos começando a ser denominado de Beira do littoral.

Que pensamento origina a iniciativa d'estes congressos? Que significa a sua realisação?

A reunião d'estas assembleias significa que a provincia começa a sentir a necessidade de cuidar attentamente dos seus interesses. Ella vae dar o balanço da sua situação. Vae procurar regularisar os seus negocios. Ninguem mais directamente interessado de que ellas no seu proprio desenvolvimento, e é para conhecerem qual a latitude que esse desenvolvimento póde attingir, em todas as espheras da actividade do homem, que ella tem de pôr em equação os seus problemas depois de bem averiguados os seus recursos.

Mas a realisação dos seus congressos não lhes faculta só elementos de apreciação. Deve ainda fornecer-lhes a força com que possam actuar junto do poder central no sentido de levar a bom caminho as suas reivindicações. Essas reuniões apertarão os laços que unem as differentes populações regionaes, promovendo uma cohesão de esforços que resultará d'uma identificação de ideaes como d'uma communhão affectiva de sentimentos.

Será o espirito que animava antigamente o municipio dilatado a uma organisação mais vasta. Mas em todo o caso uma iniciativa util, traduzindo uma revivescencia provincial, em que se manifestarão, simultaneamente, assim nos apraz acredital-o, as velhas virtudes da raça alliadas ao espirito emprehendedor que caracterisa as novas eras.

Quanto mais intervierem nos seus proprios destinos, mais as provincias portuguezas contribuirão para o aperfeiçoamento do Estado e para o progresso da nação. A Republica está no seu campo presidindo a essa expansão de dedicações e energias, que provam a existencia d'um povo, animado d'uma alma progressiva, onde se julgava existir apenas um rebanho, mergulhado nas trevas densas do embrutecimento mental ou dessorado por um indifferentismo que conduz aos suicidios collectivos.

Ainda ha pouco se reuniam numerosas classes em Lisba para tratar do magno assumpto das subsistencias. Agora, parece que despertam as provincias, que de tantos melhoramentos carecem, justificando uma rasgada politica de fomento. Todos os povos que se interessam, e trabalham e luctam pelo seu progresos são povos com direito a figurar na civilisação moderna. A implantação da Republica representaria um esforço incompleto se não lhe correspondesse um movimento d'esta natureza, que comprova a vitalidade nacional.

Dr. Bernardino Machado

Uma carta de Alfredo Vicenti—Outros cumprimentos

O presidente eleito da Republica recebeu de Alfredo Vicenti, o notavel jornalista, director de *El Liberal*, uma affectuosissima carta, na qual se lê a seguinte passagem:

«Illustre e muito venerado amigo: Agora, que terá diminuido a alluvião de felicitações telegraphicas e postaes, envio a v. ex.ª e á querida terra que o elevou á primeira magistratura um parabem *ex toto corde*. Assim, recebendo-o isolado, se recordará v. ex.ª melhor de um dos amigos que mais o admiram e mais lhe querem. Se puder, irei saudal-o no 5 de outubro».

O sr. Bernardino Machado recebeu tambem cartas muito affectuosas dos srs. Alves da Veiga e Antonio Feijó, respectivamente ministros de Portugal na Belgica e na Suecia.

Migalhas

A verdade

Porque será que essa pobre senhora, em torno da qual os poetas teem tangido a sua lyra, mal deita a cabeça fóra do poço onde a hypocrisia a encerrou, é tão descaroavelmente acolhida?

Todos juram amal-a e no emtanto, andando ella como anda pela rua, porque é que tantos lhe voltam a cara? E quando ha alguem que tem o supino arrojo de lhe pegar pela mão e de a apresentar de modo e em circumstancias de ninguem poder esquivar-se ao encontro e á apresentação, porque se levantarão contra o petulante todas as insidias e as mesquinhas aleivosias que a má fé é capaz de suggerir no estreito esforço da sua imaginação?

Porque terá o ingenuo sorriso d'essa donzella, pura e simples como um copo d'agua filtrada, o doloroso effeito do pávoroso esgar da cabeça da Medusa, que bastava apparecer para petrificar quantos n'ella pousassem os olhos?

Não percebo. Clama-se a cada passo que a Verdade é necessaria e sempre que ella surge todos a renegam! Será porque ha uma falsa Verdade para cada qual, que a verdadeira, a boa e luminosa Verdade, tão mal acolhida é, como intrusa que invadisse na plena posse dos seus direitos os locaes onde aventureiros reinassem em seu nome?

André Brun.

Pelo telegrapho

Sir Edward Grey refuta o chanceller allemão

LONDRES, 26.—Sir Edward Grey dirigiu á imprensa uma carta refutando o discurso do chanceller allemão, demonstrando o ministro inglez que a Allemanha violou a neutralidade da Belgica com o proposito deliberado e no intuito de esmagar a França. Sir Edward Grey accusa a Allemanha de ter querido a guerra pois recusou as propostas para a conferencia da Inglaterra, e a do tzar para que a questão fosse submettida ao tribunal da Haya. A carta termina dizendo que a Allemanha quer ter mão alta sobre todas as nações mas a Inglaterra e os seus alliados continuarão a combater pelo direito de viverem livres e com segurança effectiva.—*(Havas)*.

O avanço allemão na Russia

PETROGRADO, 25. — Official. — Na direcção de Jacobstaât e Dwinsk os combates continuam.

Na direcção de Vilna repellimos alguns ataques. Entre o Bobr e Brest o inimigo continúa a sua pressão maxima.

Na região de Brest repellimos ataques.—*(Havas)*.

Trez documentos historicos

O sr. Camacho e a pasta da guerra após a revolução de 14 de maio

O sr. Brito Camacho, em artigo hontem publicado na «Lucta», fez as seguintes affirmações:

A primeira visita que nos fez a «Junta Revolucionaria» de 14 de maio foi para nos convencer da necessidade de se formar um ministerio nacional, entrando n'elle os chefes de partido. A «Junta» vinha de falar com o sr. Antonio José d'Almeida, o qual recusara terminantemente entrar n'esse ministerio. Mas isso não impediria que elle se formasse, porquanto o sr. Affonso Costa auctorisara a «Junta» a dizer-nos que elle entraria n'essa combinação ministerial, se nós entrassemos, e o sr. Antonio José d'Almeida, não entrando pessoalmente, daria alguem do seu partido para d'elle fazer parte. A «Junta» reputava necessaria a formação d'esse ministerio nacional, mesmo com a recusa do sr. Antonio José d'Almeida, sendo o sr. Affonso Costa encarregado da pasta das finanças e ficando nós com a pasta da guerra.

A «Junta Revolucionaria» de 14 de maio era composta dos mais graduados membros do partido democratico, antigos ministros, como o sr. Antonio Maria da Silva, dr. Alvaro de Castro, sr. Freitas Ribeiro e officiaes superiores do exercito, como os srs. Sá Cardoso e Norton de Mattos, este ultimo governador de Angola.

Nós tinhamos feito uma violenta campanha, em janeiro, contra o ministerio Azevedo Coutinho, e tinhamos apoiado o governo do sr. Pimenta de Castro, que se organisara para livrar a Republica do intoleravel despotismo do partido democratico. Por motivo da nossa campanha de janeiro tinhamos sido alcunhados de traidores, e no parlamento grosseiros improperios, entre os quaes parecia delicada a palavra covardia, tinham-nos sido atirados, n'uma furia louca de exterminação.

Pois bem: n'essa hora que a «Junta Revolucionaria» julgou de extrema gravidade para a Republica, de eminente perigo para a nação, o homem que ella reputou idoneo para gerir a pasta da guerra, isto é, para ser o chefe hierarchico do exercito, fômos nós!

O sr. Norton de Mattos declara que o sr. Brito Camacho labora n'um erro

A proposito do artigo da «Lucta», o sr. Norton de Mattos, actual ministro da guerra, dirigiu ao sr. Brito Camacho a carta seguinte:

Lisboa, 25 de agosto de 1915. Ex.mo sr.—Li hoje, com verdadeiro assombro, *a affirmação*, por v. ex.ª feita n'um artigo da «Lucta», de ter a Junta Revolucionaria convidado v. ex.ª para assumir a pasta da guerra no ministerio que se formou após a revolução de 14 de maio; e li essa affirmação com o maior assombro, porque, por mais esforços que faça, não me occorre palavra alguma proferida por mim ou pelos outros quatro membros da Junta que possa basear essa affirmação.

Em face de tão terminante affirmativa, como a que se encontra no artigo da «Lucta», não posso duvidar de que alguma coisa se tivesse passado que pudesse firmar no espirito de v. ex.ª a convicção errada sobre a qual bordou o seu artigo de hoje. *Ignoro* o que fôsse; mas o que posso affirmar a v. ex.ª é que, mesmo n'aquellas horas de perturbação e anciedade, eu considerei sempre o nome de v. ex.ª como contra-indicado para a pasta da guerra, não porque o seu devotado patriotismo, a sua fé republicana e os seus altos dotes de intelligencia e caracter o não tornassem muito capaz de bem gerir aquella pasta, mas porque a attitude que v. ex.ª tomou á proposito da nossa intervenção na guerra européa impossibilitava quem quer que fôsse e, sem duvida, v. ex.ª, mais do que ninguem, de poder pensar n'um ministerio em que v. ex.ª fôsse encarregado da pasta da guerra.

Sou com a maior consideração—De v. ex.ª, m.to at.º ven.or e obg.º—(a) José Mendes Ribeiro Norton de Mattos.

O sr. Brito Camacho responde que, se após o 14 de maio tivesse formado ministerio, podia ter sido ministro da guerra

O sr. Brito Camacho responde n'estes termos á carta do sr. Norton de Mattos:

Não se recorda s. ex.ª de nos ter sido feito pela commissão um expresso convite para a pasta da guerra; mas concede que alguma coisa se tivesse passado que pudesse firmar em nosso espirito a convicção errada sobre a qual bordámos o nosso artigo de hontem. A hora, como s. ex.ª diz, era de grande perturbação, e por sobre ella já passaram trez longos mezes. A pasta que se nos destinava, no ministerio nacional, era a da guerra, para o sr. Affonso Costa a das finanças e para o sr. Antonio José d'Almeida a da instrucção.

Creia s. ex.ª que tambem foi grande o nosso assombro, no momento, em primeiro logar porque nos reconheciamos sem a devida competencia para gerir aquella pasta, em segundo logar por nos ser feito o convite pela «Junta Revolucionaria» de 14 de maio.

Se não estamos em erro, em dado momento foi-nos dito que a «Junta aceitaria um ministerio que nós formassemos, pois que não se fizera a revolução para levar ao Poder o partido democratico. Se formassemos ministerio, e quizessemos guardar para nós a pasta da guerra, quem nos impediria de o fazermos?

Não se recorda s. ex.ª de nos ter pedido a «Junta», perante a nossa formal recusa a entrar no ministerio nacional, que ao menos permittissemos que o coronel Alberto Silveira entrasse para a pasta da guerra? Um automovel do ministerio da guerra foi buscar a sua casa o nosso illustre amigo, que não aceitou o convite. O coronel Silveira, antigo ministro da «União Republicana», membro do Directorio do nosso partido, esteve sempre d'accordo comnosco quanto á participação de Portugal na guerra, e fôra um dos officiaes que em janeiro se solidarisara com os seus camaradas no movimento que derrubou o ministerio Azevedo Coutinho. Estava escripto que a pasta da guerra não tinha de ser gerida, n'aquella occasião, por um unionista.

A s. ex.ª agradecemos com muito reconhecimento as amaveis palavras que nos dirige, e que sendo de muita justiça para com o nosso patriotismo e fé republicana, são de mero favor para a nossa intelligencia.

Barateamento do pão

As alterações do Senado ao projecto da Camara

Que ha sobre a questão cerealifera?

Sabe-se que na camara dos deputados foi approvado um projecto tendente a resolvel-a, fixando-se o tipo de farinhas e o preço do pão, de harmonia com algumas das reclamações formuladas na assembleia popular de S. Carlos. Mas, como aqui frisámos nas columnas de *A Capital*, esse projecto padecia d'um grave defeito: auctorisar o governo a annular, de facto, as suas disposições vantajosas para o consumidor, visto que o Estado, para se compensar de possiveis prejuizos, podia modificar o preço das farinhas e os tipos de pão.

O projecto passou para o Senado, onde lhe foram introduzidas algumas alterações, tendo já baixado novamente á camara dos deputados. Que essas alterações são importantes prova-o o simples facto da camara não as ter ainda apreciado, o que fatalmente succederia se ellas pudessem ser votadas n'um rapido debate, para que a questão ficasse, por fim, resolvida completamente.

—Mas qual é o alcance das novas disposições approvadas no Senado?

Fizemos hoje essa pergunta ao sr. Herculano Galhardo, senador, que relatou o projecto n'aquella casa do Congresso. S. ex.ª, aproveitando dois minutos de que dispunha antes da sessão começar, teve a amabilidade de dizer-nos:

—Não foram de uma excepcional importancia as alterações que introduzimos ao projecto vindo da Camara. Em linhas geraes, pretendemos garantir ao consumidor os preços do pão fixados no projecto e que são os mesmos que a assembleia popular de S. Carlos resolveu solicitar que fossem estabelecidos. Para isto, tivemos que admittir, como não podia deixar de ser, a possibilidade do Estado vir a soffrer prejuizos. Mas, como consequencia d'este principio, ficou o Estado com a faculdade de exigir á moagem e á panificação sacrificios proporcionaes aos que elle proprio tiver de fazer. Não soffre o Estado prejuizo algum? A panificação e a moagem continuarão submettidas ao regimen fixado, sem haver necessidade de se lhes reclamar sacrificios.

«Houve uma outra alteração que me pareceu indispensavel introduzir no projecto. Foi a de negar-se o *quantum* reclamado pela moagem e pela panificação, visto que isso depende de condições que ainda não é facil prever no momento que atravessamos. Basta dizer-se que tudo indica que a importação terá de ser maior que a calculada para comprehender-se que não ha possibilidade de se fixar um preço médio, como os industriaes reclamam. De resto, n'uma situação anormal não é demais exigir ás grandes emprezas que se sacrifiquem um pouco em beneficio do publico, se as circumstancias assim o tornaram necessario.

Das palavras do sr. Herculano Galhardo deprehendemos que se assentou na boa doutrina, que aqui apontámos, para base do projecto:—a de que o Estado se resigne a soffrer quaesquer prejeizos resultantes do barateamento do pão. Nem de outro modo se comprehendia que alguem pensasse deferir as instantes reclamações das classes pobres.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A questão do Douro

Será ainda discutida na actual sessão?

Voltou-se hoje, novamente, a affirmar que a questão do Douro será ainda discutida em S. Bento durante a actual sessão legislativa. Será assim? Ha todas as razões para suppôr que não andam longe das intenções do governo os que tal asseveram. Mas occorre perguntar se, mesmo para isso, se conseguirá reunir, depois do orçamento approvado, o numero de deputados e senadores precisos para que tal debate possa, com exito, fazer-se. E se ha questões que não podem liquidar-se de afogadilho, á pressa, como quem, á ultima hora, enche a mala sem saber de quê, a que se refere aos vinhos e ás relações commerciaes com a Inglaterra pertence, certamente, a esse numero. Que pensem n'isso os nossos legisladores para que não fiquem sujeitos ao castigo de quem os elegeu, se procederem menos ponderadamente.

O rompimento italo-turco

Porque motivos o governo de Roma declarou guerra á Turquia

Roma, 22 de agosto

A circular dirigida pelo governo aos representantes da Italia no estrangeiro, expondo as razões da ruptura com a Turquia, diz que logo após a assignatura do tratado de Lausanne o governo ottomano violára esse tratado, continuando sem interrupção essas violações até agora. Nunca o governo ottomano adoptou qualquer medida seria para que na Lybia cessassem os actos de hostilidade, ao contrario do solemne compromisso que tomára; nada fez para a libertação dos prisioneiros de guerra italianos. Militares turcos que ficaram na Tripolitana e na Cyrenaica continuam sob o commando dos mesmos officiaes, ostentando a bandeira ottomana e conservando as suas espingardas e os seus canhões.

Até ao fim de 1912 dirigiu Enver Bey as hostilidades na Lybia contra o exercito italiano; Azzir Bey só no fim de junho de 1913 abandonou aquella região.

A maneira como um e outro foram tratados quando regressaram á Turquia mostra de maneira evidente que os seus actos mereceram a plena approvação das auctoridades imperiaes. Ainda depois da partida de Azziz Bey, continuaram chegando á Cyrenaica officiaes do exercito turco, havendo ali actualmente mais de uma centena d'elles, cujos nomes o governo italiano conhece.

Em abril de 1915 foram reenviados a occultas para a Cyrenaica trinta e cinco homens do Benghazi, que Enver Pachá, contra nossa vontade, tinha mandado para Constantinopla onde cursaram a Escola Militar.

Apesar das declarações em contrario, verificou-se ter sido a guerra santa de 1914 proclamada tambem contra os italianos. Em Africa, foi uma missão de officiaes e soldados turcos encarregada de levar presentes aos chefes senussistas rebellados contra as auctoridades italianas na Lybia; ha pouco foi essa missão aprisionada pelas forças navaes francezas.

As relações de paz que o governo italiano julgara poder estabelecer com o governo turco, depois do tratado de Lausanne, não existem por culpa da Turquia. Tendo-se, pois, constatado que eram inuteis todas as reclamações diplomaticas contra a violação do tratado, restava ao governo italiano salvaguardar os altos interesses do Estado, e prover á defeza das suas colonias contra as persistentes ameaças e effectivos actos de hostilidade do governo ottomano.

E tanto mais necessario e urgente se tornava tomar uma deliberação n'este sentido, quanto aquelle governo ultimamente vinha commettendo flagrantes violações de direitos, de interesses e até da propria liberdade de cidadãos italianos no imperio, sem que as reclamações apresentadas pelo embaixador italiano em Constantinopla, por mais energicas que fossem, tivessem o menor valor.

Em presença das tergiversações do governo ottomano com relação á livre saida dos cidadãos italianos que estavam na Asia Menor, tiveram estas reclamações que assumir, nos ultimos dias, uma forma de *ultimatum*; por ordem do governo real, dirigiu, em 3 de agosto, o embaixador de Italia em Constantinopla uma nota ao grão vizir em que fazia os pedidos seguintes:

—1.º Que os italianos pudessem sair livremente do Beyrouth; 2.º—Que os italianos de Smyrna, visto o porto de Vurla estar impraticavel, fossem auctorisados a partir por via Sigaglé; 3.º—Que o governo ottomano deixasse embarcar livremente os italianos em Mersina, Alexandreta, Caifa e Jaffa; 4.º Que as auctoridades locaes do interior renunciassem á opposição que faziam á partida dos cidadãos italianos em caminho para o littoral, e lhes facilitassem a viagem.

Antes de expirar o termo das quarenta e oito horas fixadas pelo nosso *ultimatum*, uma nota do grão vizir dizia que eram acceitas as nossas pretenções; em vista de tão solemne declaração, resolveu o governo italiano enviar dois navios a Rhodes com instrucções para esperar ali e embarcar os cidadãos italianos, que tanto tempo tinham estado esperando nos quatro portos citados a occasião de sahirem da Asia Menor.

Mas, noticias recebidas das auctoridades consulares americanas a quem, em varias localidades, tinha sido confiada a salvaguarda dos interesses italianos, deram-nos a saber que, ao contrario do promettido, a auctoridade militar em Beyrouth revogava a 9 de agosto o consentimento para a partida, pouco antes concedido; em Mersina fôra tambem revogado o consentimento, e na Syria, da mesma fórma, as auctoridades militares impediram o embarque dos nossos compatriotas.

Em vista de tão manifestas infracções ás cathegoricas promessas feitas pelo governo ottomano em resposta ao nosso *ultimatum* de 3 de agosto, provocado pelas tergiversações do governo ottomano, principalmente no que diz respeito á livre sahida dos cidadãos italianos da Asia Menor, enviou o governo italiano ao seu embaixador em Constantinopla ordem para entregar á Sublime Porta a declaração de guerra.

PORTUGAL DESCONHECIDO

O que são as terras de Barrozo?

N'ellas vivem trinta mil creaturas humanas dispondo liberrimamente dos braços e das almas

O planalto barrozão pertence ás formações arogenicas da Galliza. O massiço Galaico-duriense, destacando-se da Meseta Iberica, estende-se, em fórma amphitheatrica irregular, de degraus curtos e descidas rapidas, até ao Vouga e ao alto Mondego. As altitudes maximas do massiço são o Gerez (1:561 metros) e o Larouco (1:525 metros). Além do pico do Larouco, Barroso offerece ainda altitudes subalpinas nas serras das Alturas, da Cabreira e do Leiranco.

Na massa chistosa de Traz-os-Montes, Barroso, embora participando d'esse afforamento predominante, é que contém a mais imponente formação granitica. O Cavado e os affluentes do Tamega, o Terva e o Beça, e alguns riachos insignificantes escoam-se pelos seus estreitos e profundos valles, tenues sêdes d'agua no verão, sustidos aqui e ali pelas represas, onde procriam as saborosas trutas, e no inverno torrentes caudalosas, enchendo de estrondo os concavos e levando para os valles inferiores o producto da erosão dos cumes e das encostas.

O solo é rico sob o ponto de vista mineralogico. Argote faz-se echo da tradição que se refere á existencia de minas de ouro que os romanos exploraram. No *Ensaio topographico e estatistico do julgado de Montalegre*, que publicou em 1836 o bacharel José dos Santos Dias, affirma-se que se fizeram adereços com amethistas apparecidas na Roca da Ponteira e que as aguas do rio Cobriel arrastavam pepitas de ouro. Constatam-se jazigos de manganez e são em numero avultado as concessões de minas de volframio. D'estas, apenas estão em exploração as minas da Borralha.

A já pequena percentagem de terra

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—26-8-915

CHRONICA SCIENTIFICA

A parte da sciencia na concorrencia industrial

Ha quem diga, não sem motivo, que este conflicto que tanto nos affecta e perante o qual não é possivel a neutralidade é sobretudo uma guerra de supremacia commercial.

Quando este não fosse o intuito das potencias, ao fazerem uma calculada declaração de guerra, é certo que esta não podia deixar de trazer por consequencia uma modificação importante, no ponto de vista da actividade fabril e do commercio, visto como a industria e as transacções dos differentes paizes envolvidos na conflagração haviam de soffrer necessariamente e muito com ella, até uma paralisação completa, em certos ramos e regiões.

Uma das causas d'esta perturbação intensa na industria foi o açambarcamento feito pelos allemães de um grande numero de objectos, que as proprias nações alliadas iam buscar para seu uso e entretenimento da sua vida commercial. E' o que acontece com a anilina e muitos outros productos chimicos e artefactos, de que a Allemanha inundava os mercados e de que a supressão do seu seu trafico originou um esvaziamento enorme, que não é possivel preencher de momento.

As outras nações estavam tão pouco preparadas para esta luta, como o estavam imperfeitamente para a campanha sanguinaria, para a luta corpo a corpo e de engenhos mortiferos, em que a Germania orgulhosa e cheia de ambições expansivas se havia trenado, com um afan digno de melhor finalidade.

Desde os primeiros mezes de guerra e attenta a paralisação das industrias e do commercio allemão, assim como d'aquelles das regiões taladas, francezas e belgas, deveriam as outras nações, especialmente as chamadas neutraes, se é que póde comprehender-se a neutralidade no meio de uma conflagração geral, que põe em jogo tantos e tão variados interesses, diligenciar preencher a falta de producção em alguns ramos de uma necessidade mais imperiosa e de um proveito mais acessivel. Este movimento de substituição tem sido porém muito frouxo. Para o activar reclamam-se varios processos, que uma sensata experiencia recommenda.

Com esse fim, a Sociedade de incitamento da industria nacional determinou um inquerito junto dos industriaes francezes, sobre os meios a empregar para contrabalançar o excesso do industrialismo germanico.

Como as conclusões d'esse trabalho não pódem deixar de ter interesse para o nosso paiz, dos mais atrazados, quanto á producção industrial, mas com faculdades para uma productividade maior, como o provam sempre as exposições, mostruarios e certamens a que concorre, achâmos curioso citar algumas passagens do artigo de Le Chatelier, publicado no Boletim d'aquella Sociedade e transcripto em diversos periodicos scientificos. De um modo geral, este auctor mostra que não se póde obter um resultado aproveitavel, sem fazer taboa raza de todos os erros passados. Censura elle, e com razão, que um grande numero de industriaes confiem unicamente na protecção aduaneira ou na obrigatoriedade do auxilio bancario ás industrias, meios que não impedem, antes fazem prever, uma carestia maior de todos os objectos de consumo e uma degradação da sua qualidade.

A este respeito Le Chatelier invoca os proprios processos allemães de desenvolvimento industrial, que outros inqueritos, relatorios e livros de viagens teem publicado e merecem um pouco de meditação. O remedio está na alliança mais intima entre a sciencia e a industria, no contacto mais amigavel, por assim dizer, entre o industrial e o sabio, cujos conselhos aquelle tantas vezes inconscientemente despreza, deixando-se guiar por uma rotina atrazadora.

Por isso o auctor alvitra que primeiro tome como collaborador o segundo, isto é, que empregue na sua fabrica o engenheiro, o chimico, o electricista, o mechanico, com a sufficiente educação scientifica e, quando dizemos assim, queremos significar que estas entidades chamadas a cooperar nos estabelecimentos fabris devem ser possuidoras de uma desenvolvida capacidade technica, creada nas escolas superiores e especiaes, sobretudo nos laboratorios e isto a exemplo do que se pratica ha tanto tempo na Allemanha, onde cada fabrica, por insignificante que pareça o seu movimento, possue um laboratorio, onde se estudam constantemente os melhoramentos da industria e se verifica a qualidade dos productos.

Poderiam e deveriam os grandes laboratorios convergir, pelo seu esforço de investigação, para este «desideratum» de aperfeiçoamento, entregando-se a estudos de um caracter applicativo.

E' verdade que esta intervenção do laboratorio na vida industrial moderna, como se faz na patria de Goethe e de Bismark, traz comsigo a exigencia de certos conhecimentos theoricos e a amplitude de uma pratica laboratorial, para os technicos das differentes emprezas. Isto importa necessariamente uma reforma de estudos, n'este ponto de vista, a qual na hora actual ainda não foi deveras premeditada e deverá orientar-se por estes sãos principios.

Um dos merecimentos indiscutiveis da annexação de laboratorios aos estabelecimentos industriaes está na verificação das qualidades do producto, o que é util para o productor e para o consumidor.

Uma outra vantagem, não menos importante, d'esta medida está na apropriação de descobertas e inventos feitos algures, de que provém o renovamento incessante de processos, o barateamento de generos e artefactos.

E' d'aqui que os allemães tiram a extrema facilidade de impôr os seus productos, apesar de todas as resistencias alfandegarias e outras, operando constantemente conversões, imitações e apresentando novidades, que transpõem, por um preço acomodaticio, todas as barreiras, sempre com aquella insistente formula «made in Germany».

A sciencia franceza, como bem o faz notar o mesmo auctor, tem precedido a sciencia allemã em muitas coisas. Bastaria lembrar o que acontece com a aerostação, a aviação, a telegraphia sem fios e tantas outras invenções maravilhosas, que se devem á França pelo seu genio brilhante e prestigioso, que conta entre os seus sabios muitos dos vultos mais salientes da celebridade mundial. Resta-lhe muitas vezes saber tirar partido do seu feliz engenho, da sua inventiva genial. Por mais paradoxal que isto pareça, é forçoso dizêl-o: muitas vezes ao inventor falta a technica indispensavel para dar vida e exequibilidade ao seu invento. E' porventura essa technica que os allemães teem desenvolvido formidavelmente nos seus numerosos estabelecimentos de toda a ordem, nos quaes não se limitam a aproveitar o que os seus sabios descobrem, mas muito do que os altos espiritos de outras nacionalidades collocam ao alcance do seu semelhante, e que ficaria perdido, se não existissem aquelles estabelecimentos, em que os espertos, os praticos, na posse de faculdades de investigação perfeitamente educadas, convertem nos resultados mais lisonjeiros e de exito applicativo as descobertas feitas n'outro campo, no desinteresse proverbial das altas capacidades scientificas.

Foi assim que do estudo imparcialmente feito, no dominio de uma pura especulação, do facto das ondas herizianas, sobreveiu a maravilhosa applicação da telegraphia marconiana.

Foi de um modo semelhante que, após as portentosas experiencias de Roux, Yersin e outros, na sequencia do espirito pastoriano, vieram enfileirar-se na pratica, mercê dos multiplicados trabalhos de laboratorio, as vacinas e os sôros curativos, o emprego judicioso do Salvarsan, para a cura da siphilis, dos soros polivalentes para a cura e profilaxia da febre tifoide e da septicemia.

Perante o utilitarismo que caracterisa a era actual e as exigencias de uma civilisação cada vez mais intensiva, não deve soffrer o orgulho do descobridor, pelo facto de se tornar de effeito mercantil o invento ou inovação em que transformou a rara energia do seu intellecto scientificamente afinado.

Essa epoca de dilettantismo, em que o sabio se entregava, na atmosphera serena do seu gabinete, sem outro estimulo além do amor da sciencia, ao proseguimento das suas pesquizas sem remoto alcance, acabou, como finalisou o romantismo nas lettras e nas artes, em face d'esse utilitarismo que tudo avassala e submette á sua vontade tiranica.

Em presença d'esta força dominante, o consorcio da sciencia e da industria não póde affigurar-se indigno aos verdadeiros cultores. Elle não inutilisa nem embaraça a especulação elevada, que é apanagio da existencia universitaria, fal-a descer da sua transcendencia esvoaçante, torna-a tangivel e pratica, utilisavel pelo grande numero.

D'esta fórma faz com que a sciencia seja realmente um factor de progressos, o que só tem effectividade, quando o espirito da descoberta atravessa e se depura nos laboratorios industriaes que as iniciativas arrojadas collocam ao seu dispôr.

J. Bethencourt Ferreira.

...vel é inferior. Nos raros valles em que se constituiram fundas provenientes do desaggregamento granitico e em que a camada productiva, embora pouco profunda, é bastante permeavel e de facil lavoura, as condições agrologicas são soffriveis. Mas em regra, os relevos são desnudados. Só as arvores e os arbustos são susceptiveis de acclimatação. E nas baixas e chão, onde os magros detrictos dos schistos archaicos cristallinos se não combinaram com outros provenientes de extensões graniticas e que dessem ás terras a argilla, a potassa, o oxido de ferro, a areia, a cal e o acido phosphorico, a cultura demanda trabalhos herculeos para beneficios insignificantes.

Estas infelizes condições agrologicas são aggravadas pelos caracteres climaticos. A temperatura oscilla entre 10,0 em janeiro e 34,2 em agosto; as variações da tensão do vapor de agua, expressas em millimetros, metros, e em Montalegre, são 9,49 em agosto a 4,74 em fevereiro; a nebulosidade passa de 7,8 em dezembro e 2,9 em fevereiro; a pluviosidade foi em 1902, data que temos mais á mão, expressa em millimetros, de 258,5 em dezembro e 15,8 em agosto; os ventos predominantes são os do oeste. D'aqui resulta que a area inculta é enormemente desproporcional á area cultivada; e n'esta, a cultura principal é o milho. A altitudicidade indica a existencia de pastagens, e portanto uma pastoricia desenvolvida. E', effectivamente, o gado, e em especial o gado bovino, que fornece a esta gente, além do leite com que se sustenta, as crias e a manteiga com que fazem algum dinheiro.

As fortunas são expressas em vaccas. Quando se quer dizer que alguem tem razoaveis bens de fortuna, diz-se que sustenta tantas ou quantas vaccas.

N'esta região, isolada do Minho pelas serras da Cabreira e do Gerez, isolados dos vales de Chaves e Villa Pouca pelas serras do Leiranco e das Alturas, isolada das limias de Galliza pela serra do Larouco, se recalcaram successivamente os povos que invadiram o noroeste da peninsula e successivamente se viram vencidos. Derrotados, refugiavam-se nas moitas barrozãs e lá passaram uma vida de animaes selvagens, ao abrigo da inacessibilidade dos picos e dos cerros, até se fundirem. N'esta região, recalcados e expulsos pela onda da civilisação, refugiaram-se tambem, e sobrevivem, algumas instituições e costumes primitivos, que deram logar a alguns estudos parcelares do malogrado Rocha Peixoto.

Vivem ahi algumas trinta mil creaturas humanas, agarradas á terra como raizes, erguendo as cabeças altivas para o céu, e dispondo liberrimamente dos braços e das almas. Nas suas gargantas parece vibrarem os sinos das suas aldeias, e, alegremente, cantando e rindo, com os seus pastos e as suas vaccas, os seus largos horizontes e os seus ribeiros familiares, os seus caminhos de cabras e as suas amigas arvores, entendem que não vale a pena apoquentarem-se com pedidos de estradas ou de escolas, e que para serem enterrados no mesmo cemiterio em que dormem para sempre os seus paes e avós não vale a pena affligirem-se demasiadamente.

Definida a terra, iremos dizendo dos homens e dos logares, conforme a velha expressão classica.

Antonio Granjo

PEQUENAS NOTICIAS

—A sr.ª D. Adelaide Gomes Salgueiro, moradora na rua da Andaluz, C S D, queixou-se á policia de que os gatunos lhe furtaram da sua residencia varios objectos no valor de 550 escudos.

—A Manuel Fernandes, morador nas Escadinhas do Duque, 47, 2.º, furtaram os gatunos na estação do Rocio a carteira contendo uma letra no valor de 100 escudos e uma nota de 5 escudos.

—Por ser desertor de artilharia 1 foi hoje preso na travessa de Santa Quiteria, Alberto Santos, o *Dentinho*.

—Na esquadra do Pateo de D. Fradique está preso e incommunicavel Bernardino dos Santos, empregado na fabrica frigorifica de Alcantara. A policia guarda reserva sobre esta prisão.

—Para julgar foi enviado Eduardo dos Santos, ou Antonio dos Santos, morador na rua de Arroios, 130, 2.º, accusado de ter furtado roupas e objectos de ouro no valor de 200 escudos a Abrahão Bettencourt, residente na rua José Estevão, 17.

—José Rodrigues de Figueiredo, residente na rua Martim Vaz, 27, loja, foi preso na rua de Santa Apolonia, onde andava munido de um revolver carregado com doze balas, sendo-lhe tambem apprehendidas 3 navalhas, uma das quaes de barba. Tambem foi preso José Maria de Figueiredo, da rua de S. Pedro, 4, 1.º, por se encontrar munido com uma grande navalha de ponta e mola. A prisão deu-se na rua de Santa Apolonia, parecendo que os dois andavam em procura um do outro para ajustarem contas.

—Deram entrada no hospital de S. José, o trabalhador Firmino Alves, que foi colhido por um corpo em virtude de ter ... *Africa*; no hospital Estephania, Margarida Gomes da Silva, que caiu na sua residencia, fracturando o braço esquerdo, e Anna da Conceição, que ficou muito contusa pelo corpo por ter caido na rua da Victoria.

—O aprendiz João d'Oliveira Jesus foi colhido por uma serra circular na officina de serralheria do largo de Alcantara, ficando com dois dedos da mão esquerda decepados. Depois de curado no banco do hospital recolheu a casa.

NAULILA

Os depoimentos dos officiaes

e o commentario de um allemão

A proposito das entrevistas que antehontem publicámos com o capitão Aragão, tenente Marques e tenente Andrade, envia-nos o sr. v. Westernhagen a seguinte carta, que não hesitamos em publicar:

Lisboa, 15 Agosto 15—*Ill.mo Ex.mo Senhor*—De passagem por Lisboa, tive occasião de lêr as declarações feitas pelos officiaes portuguezes feitos prisioneiros em Naulila pelos Allemães. Como Allemão, desejava que V. Ex.ª tivesse a amabilidade de publicar estas linhas em defeza do meu Paiz. Nada direi dos depoimentos dos tenentes Marques e Aragão, parecem sinceros, contam o que viram e presenciaram. D'esses depoimentos deduz-se que do lado portuguez não havia alto commando nem disciplina, cada qual fez como entendeu. Do lado Allemão vê-se que ferido o commandante, houve quem o substituisse e executasse o plano previsto com ordem e disciplina.

Havia dos dois lados approximadamente o mesmo numero de combatentes, com a differença que os Allemães não tinham reservas e que os portuguezes tinham reservas.

Por isso protesto contra o depoimento do tenente Andrade que declara que os Allemães não são *valentes* (sic), *não sabem do seu officio e são pessimos atiradores*. Se assim fosse a derrota dos portuguezes ainda mais vergonhosa se tornaria.

Deixe-me lembrar a V. Ex.ª que os Allemães pertenciam na maior parte ao «Landsturm» Guarda Nacional, não eram tropas de linha, e eram commandadas por um major e tinham de luctar contra tropas de linha, commandadas por um tenente coronel, de alta fama, conhecedor da região onde tinha ganho as suas esporas de ouro.

Apezar de tudo isto quem venceu foi o cobardissimo, estupidissimo e mau atirador allemão!

Isto basta para mostrar quem fez o seu dever.

Com muita consideração sou de V. Ex.ª, etc.—*v. Westernhagen*.

Antes de mais nada, parece-nos de mau gosto que o sr. v. Westernhagen tente defender o seu paiz n'esta terra, sabendo que um punhado de soldados e officiaes portuguezes foram, na qualidade sagrada de prisioneiros, victimas dos maiores vexames por parte dos seus compatriotas. O sr. Westernhagen praticou uma incorrecção que poderiamos classificar de teutonica, tanto menos admissivel quanto é certo que, ao passo que os nossos bravos officiaes de Naulila eram encarcerados no carcere de Winduk, os allemães em Portugal gosavam de todas as garantias de cidadãos livres. A narrativa das atrocidades, miserias e humilhações soffridas pelos nossos officiaes e soldados durante o captiveiro do sudoeste africano seria mais do que bastante para justificar severas represalias da nossa parte. Defender a Allemanha em Portugal, n'estas circumstancias, chega a tocar as raias da ingenuidade. Além do que, sobre essa nação, de que todo o mundo civilisado no momento actual se empenha por extinguir a famosa *Kultur*.

Se o sr. v. Westenhagen é, pois, apesar de allemão, homem honrado, aconselhamos-lhe que se dispense de fazer outros novos commentarios sobre Naulila. Quanto á sua conclusão de que do lado portuguez não havia commando nem disciplina, é assumpto que tambem só a nós, portuguezes, diz respeito. A monarchia legou-nos uma lamentavel herança. Estamos no direito de aperfeiçoar o que entendermos sem necessidade de observações teutonicas e, por isso mesmo, irritantes.

De resto, no combate de Naulila, as circumstancias fizeram com que se defrontassem com os allemães, não a totalidade das tropas portuguezas, mas pouco mais de cem soldados. Não é vergonha ser-se vencido assim, tanto mais que á enorme desproporção do numero accrescenta a differença espantosa dos armamentos. O tenente Marques, com o seu punhado de heroes armados apenas de espingardas, deteve-os com as metralhadoras e os seus canhões durante perto de 4 horas. Parece-nos, portanto, que o tenente Andrade estava no direito de classificar os soldados allemães de não valentes, pouco sabedores e maus atiradores; e quando muito poderá isso attribuir-se ao facto de se tratar de *Landsturm* e não de tropas de linha.

De facto, não são valentes creaturas que disfarçam canhões com a cruz vermelha para se approximarem do inimigo, e se servem dos prisioneiros como parapeitos para evitarem o seu fogo. São pouco sabedores, porque se detiveram tanto tempo, indecisos, na frente de duas duzias de homens, e são pessimos atiradores, porque sendo muito mais numerosos do que os nossos tiveram tantas baixas como nós.

Eis o commentario que se nos offerece ácerca da infeliz carta do sr. v. Westernhagen.

Protecção á infancia

Banhos de mar

Começam no proximo dia 1 de setembro os banhos ás creanças pobres da parochia civil de Campo de Ourique. O numero de creanças inscriptas é de 165, 80 rapazes e 85 meninas. Estas creanças devem comparecer munidas de riscados para bibes para as meninas, amanhã, das 9 ás 11 horas, e para os rapazes, no sabbado, ás mesmas horas.

A distribuição de calçado, meias, etc., realisa-se no domingo ás meninas e na segunda-feira aos rapazes, das 9 ás 12 horas, devendo comparecer todos.

ECHOS & NOTICIAS

ORMAÇÕES—COMMUNICADOS

COLOMBINE

A distincta escriptora D. Carmen de Burgos, «Colombine», redactora do «Heraldo de Madrid» e professora de litteratura na escola normal da «villa coronada», foi hoje recebida, pelas 14 horas, pelo sr. dr. Theophilo Braga, acompanhando-a na visita a sr.ª D. Anna de Castro Osorio. A illustre dama, que é um dos nomes femininos mais prestigiosos nas lettras hespanholas, demorou-se cêrca de uma hora com o chefe do Estado, que lhe offertou um dos seus mais recentes trabalhos.

Depois de voltar ao hotel, D. Carmen de Burgos, acompanhada pelas senhoras que n'esta cidade lhe teem feito as honras da hospitalidade, visitou o muzeu d'Arte Antiga e, por fim, o edificio dos paços do concelho, onde foi recebida pelo vereador sr. Fonseca Dias, exercendo interinamente as funcções de presidente da commissão executiva.

NOTAS MUNDANAS

O sr. presidente da Republica recebeu hoje em audiencia particular o sr. Alfredo Casanova, consul geral de Portugal na India Ingleza.

—Seguiu da sua casa de Lisboa para a sua quinta de Salvador do Campo, em Barcellos, o sr. dr. Francisco Roberto d'Araujo Magalhães Barros, antigo desembargador da Relação de Lisboa.

—Encontram-se na Torreira, Ovar, o sr. dr. Manuel Barreto, sua esposa e cunhadas. Acompanha-os Mlle Maria Gabriela Caldas Xavier.

—Realisou-se na egreja dos Anjos o baptisado de um filho do sr. Luiz da Silva Dias e da sr.ª D. Fernanda de Campos Silva Dias. Recebeu o nome de Mario. Foram padrinhos a sr.ª D. Clementina Relvas e o nosso collega sr. dr. Joaquim Manso.

—Partiu para a Figueira da Foz o sr. visconde de Villa Moura.

—Partiu do Porto para Thomar o sr. Luiz Keil.

Movimento de costureiras

As da fabrica Ramiro Leão & C.ª declaram-se em gréve

Hontem, á hora da sahida do pessoal, tendo o gerente da fabrica Ramiro Leão notificado a treze operarias que eram despedidas, ellas pediram que lhes dissessem o motivo do despedimento, ao que o gerente se negou.

Grande numero de costureiras protestou e hoje, antes da hora da entrada, uma commissão tomou as embocaduras das ruas, a fim de impedir que as suas companheiras trabalhassem, procurando assim que ellas se solidarisassem, para que o movimento fôsse ganho.

Até ás 10 horas e meia nenhum pessoal tinha entrado, tendo-as a policia, segundo affirmam as grévistas, tratado muito bem.

A essa hora chegou um piquete da guarda republicana a pé e a cavallo, que fez afastar as grévistas, empurrando-as, e batendo até n'uma creança a ponto de lhe fazer sangue. Uma pequena parte do pessoal entrou então, mas ás 13 horas paralisava a officina de roupa branca e até o motor da fabrica. Em virtude da attitude da guarda republicana, as costureiras dirigiram-se para a Associação. Correndo a noticia do que se passára por differentes ateliers, algumas costureiras abandonaram o trabalho, dirigindo-se para a Associação a tomar parte nos trabalhos em favor das suas collegas, a fim de lhes dar todo o seu apoio moral e material.

Foi resolvido nomear duas commissões: uma para falar com o sr. Ramiro Leão e outra para se entrevistar com o sr. governador civil ácerca da attitude da guarda republicana.

Ao que se affirma, o despedimento das treze costureiras é apenas por ellas pertencerem á commissão da Associação que reclama as 8 horas de trabalho.

Hoje reunem em assembleia geral e continuarão em sessão permanente e se o assumpto não fôr resolvido deve ser ámanhã publicado um manifesto.

Hoje mesmo vae ser participado o conflicto á União Operaria Nacional e á União dos Syndicatos Operarios.

A commissão avistou-se de tarde com o sr. Alfredo Pinto, secretario do sr. governador civil, a quem entregou uma representação protestando contra a permanencia da força armada junto da fabrica e contra a maneira como foram tratadas. Na representação tambem se queixam do gerente da fabrica de as tratar mal e ainda de outros casos.

TOURADAS

Campo Pequeno

E' a seguinte a distribuição da corrida que amanhã se realisa ás 21 horas e 45 minutos:

1.º para D. Alexandre Mascarenhas; 2.º, Eduardo Perestrello e D. Carlos Mascarenhas; 3.º, D. Antonio Mascarenhas e D. Pedro Bragança; 4.º, José Casimiro; 5.º, o espada *Ale* (a sós); 6.º, para José Casimiro; 7.º, Mario Luiz Lopes e D. João Mascarenhas; 8.º, o espada *Ale* (a sós); 9.º, D. Alexandre Mascarenhas; 10.º, D. Carlos Mascarenhas, Eduardo Perestrello e D. Antonio Mascarenhas.

Os amadores serão auxiliados pelos bandarilheiros Theodoro Gonçalves, Thomaz da Rocha, Ribeiro Thomé, Daniel do Nascimento e C. Domingos. Director da corrida é o forcado amador sr. Luiz Pimentel.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos deputados

Vota-se um projecto prohibindo a exportação de ovos

Preside o sr. Azevedo Coutinho. Approva-se a acta. Estão presentes quasi todos os ministros. Approva-se, sem discussão, o projecto que concede á camara da Ribeira Brava um velho convento pelo preço de 1:350 escudos, para ser adaptado a paços do concelho. Resolve-se determinar que o *referendum* popular só seja consultado pelas camaras quando se trate de impostos novos e alterar os periodos em que os senados municipaes devem funccionar. Approvam-se as propostas do sr. ministro das colonias, apresentadas ha dias, sobre a exportação de café de Angola e de varios productos da bacia do Congo. Continúa a discussão, interrompida hontem, do projecto referente aos thesoureiros de finanças. Falam varios deputados, sendo o projecto defendido pelo seu auctor, sr. Paiva Gomes. Por fim, a Camara resolve reenvial-o ás commissões. O sr. Urbano Rodrigues requer que se discutam os pareceres reconhecendo dois revolucionarios civis e organisando a inspecção das aguas medicinaes. O requerimento é posto á votação. O sr. Joaquim Chrisostomo combate-o e a Camara regeita-o em prova e contra-prova. A resolução da Camara causa certo alvoroço, sahindo de roldão, da sala, quasi toda a maioria, que se precipita para os Passos Perdidos, a discutir o caso.

Na ordem do dia continúa a discutir-se o orçamento do ministerio da instrucção. Falam os srs. José Augusto Pereira, Almeida Garrett e Antonio Portugal. Este combate especialmente a organisação das Escolas Moveis e a nomeação que se fez, fóra da lei, de um inspector, insurgindo-se tambem contra a proposta que cria um arrolador de azulejos, por 500 escudos por anno.

O sr. ministro das finanças manda para a mesa uma proposta de lei auctorisando o governo a remodelar o seu contracto com o Banco de Portugal. Pede a urgencia, que é concedida.

O sr. Gonçalves Brandão, que faz a sua estreia, entende tambem que a distribuição das verbas pelos diversos serviços de instrucção não é equitativamente feita. O problema da instrucção é para elle o mais importante de todos. Critica a acção dos varios ministros da instrucção, demorando-se, sobretudo, na analise da obra do sr. Sobral Cid, que nem sempre foi legal.

O sr. Adriano Pimenta apresenta um projecto de lei, para o qual pede a urgencia e dispensa do regimento, prohibindo a exportação de ovos. E' approvado, bem como o projecto, o qual principiará a vigorar no dia 1 de setembro.

No Senado

Discutem-se as irregularidades da execução da lei dos accidentes de trabalho e vota-se o orçamento do ministerio da marinha

Approvada a acta por 22 senadores presentes, e lido o expediente o sr. presidente do ministerio pede urgencia e dispensa do regimento para a discussão immediata do projecto de lei já approvado na outra Camara e que trata da organisação das sociedades portuguezas comprehendidas no artigo 178 do Codigo Commercial nas suas relações com as leis vigentes. Concedido e approvado na generalidade e especialidade sem discussão e com dispensa da ultima redacção.

Como esteja presente o sr. ministro do fomento, tem a palavra para a annunciada interpellação o sr. Estevam de Vasconcellos que fala sobre a execução da regulamentação da lei dos accidentes de trabalho. Faz largamente o elogio d'esta lei que tão malsinada foi e tão beneficos resultados tem dado, provando que não vinha causar prejuizos á industria nacional como injustamente se apregoou. Mas ha uma coisa a lamentar e para a qual chama a attenção do sr. ministro do fomento: os entraves que lhe são sisthematicamente oppostos nas estações officiaes e principalmente no ministerio do fomento. Pede portanto que se façam modificações na organisação dos tribunaes especiaes. E' preciso que não seja apenas a lei a dizer que se hão de crear os tribunaes dos Arbitros Avindouros ao abrigo d'esta lei. E' preciso mais alguma coisa. Constituil-os e pôl-os a funccionar immediatamente. Critica certos pontos do regulamento do sr. dr. Bernardino Machado contrario ao espirito da lei e revolta-se principalmente contra o artigo 14 que divide os tribunaes especiaes em secções, o que é absurdo e que deve desapparecer.

O sr. ministro do fomento elogia calorosamente a obra do interpellante mas discorda em absoluto com a supposição de que o artigo 14 seja contrario ao espirito da lei. Quanto ás pequenas irregularidades da lei ellas desappareceрão com uma acção energica e effectiva de maneira a não mais dispertar a ira do sr. dr. Estevam de Vasconcellos. Para isso trabalhará.

Replicando e agradecendo o sr. Estevam de Vasconcellos diz que o sr. dr. Manuel Monteiro conseguiu elevar a sua habilidade a par da sua gentileza. Pede no entanto licença para discordar das conclusões do sr. ministro e para renovar de novo as suas affirmações contra o artigo 14, o que faz.

O sr. dr. Manuel Monteiro replica tambem. Que espere o sr. Estevam de Vasconcellos uns dias mais pelas modificações que vão introduzir-se na lei. E' isso preferivel decerto a eliminar-se o artigo 14 como s. ex.ª requer.

E entra-se na ordem do dia com a discussão do orçamento do ministerio da marinha. Na generalidade o sr. Celestino de Almeida analisa varias verbas, cujo augmento estranha embora reconheça as suas necessidades. Fala tambem o sr. Azevedo Gomes, a ambos respondendo o sr. Arantes Pedroso, que protesta contra a campanha que se pretende fazer contra a actividade do trabalho senatorial. Este orçamento por exemplo veiu para o Senado no sabbado e foi o respectivo parecer entregue na terça-feira, não sendo tambem exacto haver mais orçamentos parados nas commissões. Posto isto defende o orçamento em discussão e diz que no actual momento elle não poderia ser mais perfeito.

Volta a falar o sr. Celestino de Almeida, depois do que é o orçamento approvado na generalidade.

Na especialidade, com varias alterações, emendas e substituições ficou tambem approvado em sessão prorogada, a requerimento do sr. Daniel Rodrigues.

A proxima sessão é amanhã, á hora regimental.

OS HORRORES DA GUERRA

O "Windser" torpedeado por um submarino allemão

A tripulação é salva por uma barca norueguesa

Hontem, ao cahir da tarde, começou a circular pela cidade a noticia de que no nosso porto se achava fundeada uma barca de carga norueguesa que, em alto mar, havia salvo a tripulação de um vapor inglez torpedeado, a pouca distancia das costas de Inglaterra, por um submarino allemão. O que corria, porém, a tal respeito era vago, carecendo de informes, de esclarecimentos. No intuito de os colhermos, fomos até ao Bom Successo, onde está ancorada, desde hontem de manhã, a barca norueguesa «Hawtur», commandada pelo capitão Emes.

Conseguimo-nos entender em francez com um dos tripulantes—um homem alto e de hombros largos, de pelle tisnada e cabellos ruivos, authentico typo de maritimo.

Passando de mão para mão o «bonnet» de casimira escura e com os olhos sempre fitos na linha longinqua onde o mar se confunde com a terra, o marinheiro do «Hawtur» conta-nos na sua linguagem rude, usando por vezes de expressões que estão fóra do nosso vocabulario commum, a odysseia que presenceou com o resto da tripulação.

—Foi no sabbado, á bocca da noite... Estavamos a umas 80 milhas para o sul da costa de Inglaterra, á entrada do golpho de Byscaia. Como é sabido, o mar ali é quasi sempre mau. As tempestades são frequentes e, mesmo quando as não ha, sopra um vento forte que faz das embarcações verdadeiros brinquedos das vagas que chegam por vezes a attingir metros de altura. N'aquelle dia, porém, as aguas estavam relativamente calmas... Foi devido a essa atmosphera de bonança que podemos tão rapidamente tomar conhecimento do que se passava a uma distancia de duas milhas, para estibordo...

—Viram: então?...—perguntamos com crescente interesse.

—Um vapor desapparecer a pouco e pouco, sepultado nas aguas que, a alguns metros de distancia, se mostravam ainda agitadas, revoltas, denunciando a passagem de um submarino.

—E receberam qualquer signal de alarme da tripulação?

—Absolutamente nenhum... O commandante expontaneamente deu ordem para tomarmos aquelle rumo. Toda a tripulação obedeceu, embora tivesse tido a visão do perigo que corria, tentando approximar-se do submarino. Não houve, no entanto, um momento de hesitação e poucos minutos depois recolhiamos a bordo 40 homens, que tantos eram os tripulantes do «Windsor», o vapor inglez que acabava de ser torpedeado por um dos submarinos allemães que fazem constantemente sentinellas ás costas de Inglaterra. Esses homens, quando fomos ao seu encontro, haviam saltado já para uma lancha, para se aventurarem corajosamente a mais negros destinos, talvez...

—E, depois, o submarino allemão?

—Certo de que tinha inutilisado o «Windsor» afastou-se rapidamente. Quanto aos naufragos, encharcados de agua com as physionomias fatigadas pelas horas de lucta e de tortura que tinham sustentado para escaparem á perseguição do submarino, foram por nós recolhidos carinhosamente a bordo, até ao dia seguinte, domingo, em que foram recolhidos pelo vapor «Romere», da linha da Nova Zelandia, ao qual fizemos constar o facto por signaes, seguindo ali viagem até Marselha, de onde serão transportados para Inglaterra.

A barca norueguesa «Hawtur» traz carga de carvão, trazendo proveniencia de Cardiff.

O maritimo que nos fez a singela narrativa que acabamos de reproduzir mostrou-nos um salva-vidas apanhado pela tripulação, na occasião em que foram salvos os naufragos do vapor inglez.

O «Windsor» tinha sahido de Londres com destino á Italia. O consul inglez em Lisboa foi notificado do que havia succedido pelo commandante do «Hawtur».

Officiaes da contabilidade publica

Por não terem apresentado os documentos que lhes foram indicados no *Diario do Governo* de 20 do corrente, foram excluidos do concurso para 3.os officiaes da direcção geral de contabilidade publica os seguintes concorrentes:

Abel Herculano Teixeira, Abilio Gomes Bento, Alvaro Aãdeu Pereira Maia, Antonio de Capristano Antunes Cabrita, Armando Alvaro de Azevedo, Armando de Azevedo Pestana, Arthur Cupertino de Miranda, Arthur Jayme Barbosa Santos, Arthur Paiva Garcia de Carvalho, Arthur Ribeiro da Costa Zanatti, Augusto dos Santos Rocha, Carlos Ascensão, Carlos Eduardo Sangreman Proença, Carlos d'Oliveira, Cesar Augusto de Frias Casqueiro, Christovam da Ponte Carvalho, Edgardo Joaquim Herculano, Emilio d'Assumpção Ernesto, Filippe da Costa Moraes Namorado, Francisco Affonso Tavares, Francisco Avelino da Fonseca, Francisco Maria Vieira, Frederico Cardoso Ressano Garcia, Ignacio de Loyola Pires da Silva, Joaquim Alvaro Faria de Aboim, Joaquim Queiroz de Andrade Pinto, José Bento Lampreia, José Carlos Pires, José Eduardo de Lemos Lisboa, José Monteiro, José Nini Mexia, José de Sant'Anna, José Thomaz Moreno, José Victoriano Ferreira dos Santos, Luiz Carlos O'Neill de Bulhões, Luiz Gonçalves Rebordão, Manuel Antonio Rider Costa, Manuel das Neves, Matheu Martins Moreno, Raul Armando Figueiredo Pancada e Raul Mauricio dos Santos e Sousa.

Visita á fabrica de polvora

O sr. ministro da guerra foi hoje, acompanhado dos srs. capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins, visitar a fabrica da polvora em Chellas.

O sr. Norton de Mattos era ahi aguardado pelo director, major de artilharia sr. Santos e Silva, e officiaes ali em serviço, que o acompanharam n'uma demorada visita á fabrica, a qual se encontrava em laboração, sendo-lhe dados todos os esclarecimentos pelo director.

O sr. ministro da guerra visita ámanhã o deposito central de fardamentos.

A grande guerra

A lucta de bombas e granadas

PARIS, 26.—Communicação official das 23 horas.—Em Artois, em volta de Souchez e Neuville houve canhoneio e combates por meio de petardos e granadas, durante parte da noite. Na região de Roye continúa sendo grande a actividade das duas artilharias. Em Argonne no sector de «Fille Morte» a lucta com bombas e granadas é bastante violenta. Nada occorreu digno de menção no resto da linha.

No dia 24 um dos nossos aviões bombardeou a gare de Offenburg, importante bifurcação do condado de Baden.

No dia 25 uma esquadra dividida em quatro grupos, comprehendendo ao todo 62 aviões, voou sobre os altos fornos de Dillingen (fabrica de granadas e de chapas de blindagem) ao norte de Sarrelouis, sobre os quaes lançaram com precisão, mais de 150 granadas, sendo umas 30 de grosso calibre.—(*Havas*).

O governo e o Banco de Portugal

As bases para um novo contracto

O sr. ministro das finanças apresentou hoje no parlamento a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º—E' auctorisado o governo a celebrar com o Banco de Portugal um contracto conforme as bases juntas a esta lei e que d'ella fazem parte integrante e bem assim os accordos necessarios para a execução do mesmo contracto.

Artigo 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Base 1.ª—Será creado no Banco de Portugal um fundo especial denominado «Fundo de amortisação e reserva» constituido por titulos de credito—ouro—de reconhecida segurança, e destinado ao reembolso da *divida do Estado* ao mesmo Banco e cumulativamente á garantia da circulação fiduciaria.

Base 2.ª—O juro sobre o excesso de circulação total de notas, ouro e prata, acima de 72.000 contos, nos termos do artigo 3.º do decreto n.º 800 de 26 de agosto de 1914 terá as seguintes applicações:

a) a parte correspondente á circulação representativa da prata em caixa para o «Fundo de amortisação e reserva»;

b) a parte restante, até á importancia de 783.166$, ficará sendo receita disponivel do Tesouro em cada anno economico;

c) o saldo que ficar depois das deducções supra reverterá para o «Fundo de amortisação e reserva».

Paragrapho 1.º—A faculdade de emissão de notas de prata ficará restricta á representação de egual somma de moeda portugueza d'aquella especie que o Banco possuir em caixa sempre captiva de juro nos termos a que se refere o citado artigo 3.º do decreto n.º 800 de 26 de agosto de 1914.

Paragrapho 2.º—O juro de que trata a presente base será calculado trimestralmente pela media da circulação diaria em cada mez e escripturado na receita geral do Estado pela totalidade, inscrevendo-se na despesa a importancia destinada ao «Fundo de amortisação e reserva» de que trata a presente base.

Base 3.ª—A receita do «Fundo» de que trata a base 1.ª é constituida:

1.º pelas importancias resultantes das alineas *a)* e *c)* da base anterior;

2.º pelos juros e quaesquer lucros provenientes dos titulos constituitivos do mesmo «Fundo».

Base 4.ª—O «Fundo de amortisação e reserva» será applicado na sua totalidade ao pagamento ao Banco de Portugal das dividas do Estado ao mesmo Banco, determinando-se na data da applicação o valor do fundo pela cotação dos seus titulos e pelo cambio medio do mesmo dia.

Paragrapho unico. Esta applicação far-se-ha:

a) quando a importancia do mesmo fundo seja pelo menos egual á das dividas do Estado ao Banco, excluida a que provier da conta corrente gratuita;

b) quando possa regressar-se á convertibilidade da circulação fiduciaria com o auxilio dos valores, que constituirem o alludido fundo;

c) quando findar o contracto entre o Banco e o Estado, se este não preferir liquidar as suas dividas com notas do proprio Banco ou por outra fórma que então fôr accordada.

Base 5.ª—A administração do «Fundo de amortisação e reserva» ficará a cargo do Banco de Portugal, que d'ella dará contas semestralmente ao Governo; porém, a acquisição de titulos não poderá effectuar-se sem o accordo do ministro das finanças, na escolha dos titulos a adquirir.

Paragrapho 1.º—Da conta de juros creditados ao Estado pelos excessos da circulação de que trata o artigo 3.º do decreto n.º 800 de 26 de agosto de 1914 será transferida trimestralmente para a conta d'este fundo a parte que lhe pertencer de conformidade com a alinea *a)* da base 2.ª, em relação á media da prata existente no respectivo mez.

Paragrapho 2.º—A parte d'este fundo constituida pela fórma indicada na alinea *b)* da base 2.ª será transferida para a respectiva conta, segundo a liquidação que terá de effectuar-se no fim de cada anno economico.

Paragrapho 3.º—Os juros dos titulos, que pertencerem ao «Fundo de amortisação e reserva» serão recebidos e creditados na respectiva conta nas datas dos seus vencimentos, sendo as respectivas importancias bem como as outras disponibilidades do mesmo fundo applicadas no mais breve tempo pelo Banco na compra dos titulos que préviamente tenham sido escolhidos com assentimento expresso do ministro das finanças.

Base 6.ª A importancia do Fundo de amortisação e reserva creado por este decreto, será inscripta nas situações mensaes com a reserva metalica do Banco de Portugal, mas em rubrica separada.

Base 7.ª—O Banco de Portugal terá sempre direito á diminuição de 1/2 por cento na taxa de juro sobre o excesso da circulação, a que se refere o artigo 3.º do decreto de 26 de agosto de 1914, quaesquer que sejam as taxas de desconto.

Paragrapho unico. Para o effeito d'esta base, a differença entre a taxa official maxima e a taxa minima que o Banco venha a fixar não poderá ser superior a 1 0/0.

Base 8.ª Este decreto produzirá effeito desde 1 de julho de 1915.

Base 9.ª Ficam modificadas e ampliadas as disposições do decreto n.º 800 de 26 de agosto de 1914 e revogados os artigos 23.º e 24.º da lei n.º 220 de 30 de junho de 1914 a partir do principio do anno economico corrente.

Noticias parlamentares

Começou hontem á noite a discutir-se na Camara o parecer sobre orçamento do ministerio da instrucção. O evolucionismo encarregou, ao que parece, o sr. Mantas de combater esse diploma, cujo defeito consistia em querer metter o Rocio na Betesga, realisando de afogadilho reformas que teem de ser largamente estudadas e ponderadas para serem proficuas. Não foi feliz o evolucionismo quando delegou n'aquelle deputado a missão de esfarrapar o trabalho consciencioso do sr. Balthazar Teixeira. E não foi feliz porque raras vezes, sob a cupula de S. Bento, alguem terá enfiado tantas banalidades, tanto desconchavo, tanta bizarrias de commentario, absolutamente vexatorias e irritantes. O parlamento não póde ser assembleia de associação de soccorros mutuos, onde cada um diga o que lhe apraz. Tem de ser o que deve ser. E por isso, não pode falar quem não tenha que dizer nem pode admittir-se que alguem como o sr. Mantas consuma uma sessão inteira para aborrecer quem o escuta e quem vae ás camaras para, sem collaborar em intermedios comicos, honrar patrioticamente o seu mandato. A tribuna parlamentar não é pulpito de aldeia. Fechem-na, portanto aos que não concorrem para lhe dar lustre e brilho, porque, fazendo-o, evitarão desastres como o de hontem á noite, que ficará celebre na historia do estenderete nacional...

* * *

O evolucionismo reconsiderou e, reconsiderando, já hoje tirou o penacho que tinha entregado ao sr. Mantas para o confiar ao sr. Antonio Portugal. Andou como devia, porque o novo combatente, falando com correcção, deixou o correligionario a perder de vista pelo que respeita á intelligencia, bom senso e tudo. Diga-se isto alto e forte, para que, estabelecendo-se o contraste, se possa avaliar bem a grandeza do crime de lesa-parlamentarismo que o sr. Mantas perpetrou hontem á noite. E' que as suas considerações não chegaram a constituir um discurso. Ficaram, quando muito, perdidas pela sala como pedaços esfarrapados d'uma miseravel manta de retalhos...

* * *

Afinal, o Senado tem trabalhado com a maior dedicação e com toda a diligencia, empregando os maiores esforços para que os orçamentos fiquem votados a tempo e horas. Até agora, aquella Camara já discutiu e approvou cinco orçamentos. Hoje entrou o sexto—que é o da marinha—em discussão. O da guerra, que se seguirá a este, tambem já tem distribuido o respectivo parecer. O orçamento que hontem foi approvado nos Deputados, e que é o do fomento, ainda hoje não chegou ao Senado, devendo attribuir-se o facto aos trabalhos de redacção, sempre difficeis e demorados, por via da alluvião de emendas que durante a discussão diplomas d'esta ordem soffrem. Ha, pois, todas as probabilidades do orçamento geral do Estado estar votado antes do fim do mez. Irá ainda um pouco além a sessão legislativa?

* * *

A sessão de hoje na Camara foi, principalmente, interessante... nos corredores e nos Passos Perdidos. Alguns elementos da maioria interessavam-se pela discussão immediata d'um projecto relativo á fiscalisação das aguas mineraes. Outros entenderam que a occasião não era opportuna para que essa discussão se fizesse, e, apurados os votos pró e contra, foram os ultimos os que venceram. D'ahi, discussões accesas e conflictos mais ou menos asperos, travados fóra da sala, mas em tão elevado tom que, por momentos, quasi ficou só o orador que pacificamente principiou a falar sobre coisas de instrucção e ensino. Diz a fabula que as rãs, um dia, fartas de tanta desorientação, pediram clamorosamente um rei que as dirigisse e guiasse. Pois a maioria de S. Bento se n'este instante reclamasse um chefe dava uma admiravel prova de bom senso e evitaria certos precalços que não lhe fazem nada bem. De que vale encobrir a verdade quando aquelles a quem ella não agrada são os primeiros a expol-a em toda a sua nudez aos olhos de quem os não larga de vista!

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro dos negocios estrangeiros deu hoje audiencia ao corpo diplomatico, tendo comparecido os srs. ministros de Inglaterra, Russia, America e Hespanha e os encarregados de negocios do Uruguay e China.

—Os srs. Ramiro Anjos e Sousa, Henrique Ferreira Barreto, Alberto Soares Ribeiro, Antonio Lourenço Ferreira, Antonio da Costa Vaz e Vasco Soares Ribeiro, que se encontram nas termas de Santo Antonio, Cabeceiras de Basto, enviaram um telegramma ao sr. presidente do ministerio saudando os combatentes de Naulila.

—Na presidencia do ministerio foi hoje recebido um telegramma do presidente da camara municipal de Montalegre, lamentando os factos anormaes que se deram n'aquella villa, aos quaes a camara se conservou alheia.

SPORT

Em volta d'um aeroplano

Ha dias noticiámos que em volta d'um monoplano girava uma questão judicial e que se dizia—o tanto que iamos averiguar—que n'um aeroplano em construcção que se annunciava apenas feito com materiaes portuguezes havia quaesquer coisas que pertenciam a um monoplano d'um estrangeiro, ahi franceze, o amigo de Portugal.

Confirmamos ainda hoje uma e outra coisa.

Succede, porém, que a nossa noticia motivou um protesto dos srs. Arthur Augusto da Fonseca e Ernesto José Ferreira, dois rapazes novos, que podem ter muito amor pelos assumptos da aviação, mas que não sabem tratar das coisas convenientemente, quando se trata de assumptos em que pode envolver-se o seu nome.

Assim, aquelles senhores dizem «falsa e tendenciosa»—termos um «tanto fortes»—a noticia e convidam o redactor de esta secção a visitar a officina onde está a par um do outro os apparelhos seu e do francez Sallés. Ora o nosso redactor não póde saber é se no apparelho do aviador Sallés falta ou não algum material mas affirma a sua admiração por vêr o monoplano de Sallés em Lisboa, quando elle o tinha deixado na Marinha Grande e de quem foi arrestado judicialmente, com absoluto desconhecimento de Sallés, que toda a gente sabe onde está e a quem é facil, conhecer. Muito mais se admira o nosso redactor que o «fiel depositario» seja tão sollicito que mande arranjar o motor a uma officina. Como se vê, a questão é um tanto complicada e ainda não permitte que confirmemos em absoluto o que por ahi se diz. Esperem um pouco que andamos em averiguações...

Entretanto, o sr. Martins Faria, a pedido e porque conhece bem o apparelho de Sallés presta-se a ir fazer o exame que pediam ao nosso redactor.

Notas do dia

Amadores atirados a profissionaes

A direcção da União Velocipedica Portugueza pede e agradece a publicação da seguinte:

«Nota official—A direcção da U. V. P. na sua reunião realisada hontem e depois de ouvir os srs. Francisco Vieira, representante do Stadium de Lisboa, Francisco Cordeiro, Dias Maia, Soares Junior e Joaquim Raposo, deliberou, em obediencia ao Regulamento geral de corridas, passar á cathegoria de corredores profissionaes os velocipedistas srs. Carlos Fernandes, Antonio José Christiano, Ramiro Madeira, Alfredo Luiz Piedade, José Martins, Victor Pereira Batalha, Floriani, Albano Ferreira, João Ferreira e Arthur Amaral e o motociclista sr. Antonio Francisco Marques».

Esta «nota» representa um caso gravissimo, talvez o mais importante de todos os que se teem passado na velocipedia portugueza.

A que foi devida? Dizem-nos que motivada pela noticia d'um jornal. Sendo assim, as nossas Federações já tomam como «officiaes» as noticias de imprensa! Estamos pensando que o caso é outro e que tudo se resume a fazer mais profissionaes para se garantirem mais corridas no Velodromo. Que enganos! O Stadium, é que não verdade que serve para mil coisas sem ser a velocipedia?!...

Uma regata magnifica

A regata de vela que o Club Naval realisa no domingo, 19 de setembro em frente das praias de Pedrouços e Algés é decerto a mais grandiosa que n'estes ultimos tempos se tem effectuado, attendendo ao grande numero de embarcações que n'ella tomam parte.

Haverá uma corrida em que a largada deverá ser de perto de 30 canoas todas iguaes, pequenas mas muito bem apparelhadas; 10 canoas tambem eguaes, conhecidas pelas canoas do Seixal; botes de espicha de profissionaes. O mais interessante, porém, e o que prova o desenvolvimento que o Club Naval tem dado ao sport de vela é a corrida a 6 chalupas das 9 que hoje existem no Tejo, todas tripuladas por marinheiros «amadores». Isto prova que ha homens capazes de manobrar embarcações grandes sem o auxilio de marinheiros profissionaes, por exemplo, as tripulações que geralmente aos domingos sahem para o mar no palhabote «Nautylus», escola de vela do Club.

Só fazendo adquirir gosto pelo mar se consegue saber manear os pannos d'uma embarcação de vela, que diga-se de passagem, não é para todos, porque é necessario deixar certos preconceitos, pois o marinheiro amador tem como o profissional as mãos calejadas e a pelle tisnada pelo sol e ar do mar. Mas taes marinheiros gosam saude e são homens fortes, e habituam-se a encarar o perigo com serenidade.

Fazemos votos para que o Club Naval continue com as suas escolas de marinheiros, de remadores e de nadadores, porque só assim n'uma propaganda pelo facto se poderá regenerar a nossa raça, fazendo com que os que hoje são fracos e timidos sejam ámanhã fortes e destemidos.

Brevemente publicaremos o programma da regata de 19 de setembro em que o commandante da secção de vela do Club conta fazer 9 corridas.—N.

Noticias

Desafios de «box» — Entre nós

Pedem-nos a publicação das seguintes cartas:

Sr.—Tendo lido n'um dos jornaes da manhã o repto lançado indistinctamente a todos os amadores e profissionaes portuguezes de «box» pelo sr. Maximiano José Domingues cumpre-me dizer que em qualquer d'estes campos este senhor tem ao dispor um adversario.

No campo dos profissionaes estou autorisado pelo sr. Manuel Loureiro Grillo a acceitar este desafio nas condições que o sr. Maximiano estabeleceu, e no caso de preferir um amador para calçar luvas ponha-me ao seu dispôr com a condição porém dos 50$00 escudos serem convertidos n'uma taça que antecipadamente possa garantir que me esforçarei por ganhar.—De v., etc.—Basilio d'Oliveira.

Sr. dr. José Pontes—Lendo no Jornal A Capital um desafio de «box» a todos os profissionaes, estou prompto a acceitar não só a esse como a outro qualquer. Estou tambem ao seu dispôr.—*Manuel Loureiro Grillo*.

Concurso hippico no Estoril

A' séde da Sociedade Hippica Portugueza começam já chegando pedidos de logares para o grande concurso hippico de obstaculos que ella organisa para os primeiros dias de outubro. E' natural que assim succeda porque o nome da sociedade como entidade organisadora está já brilhantemente ligado a uma larga serie de festas d'este genero grandiosas. Nos Estoris e estancias proximas veraneiam muitas familias e é d'ahi principalmente que estão sendo dirigidos á sociedade os pedidos de bilhetes.

Nas provas devem tomar os nossos mais laureados cavalleiros e um numeroso grupo de amazonas. Vamos, pois, ter provas valiosas e bem disputadas, e mais uma vez ha de ser constatado que os nossos cavalleiros não são inferiores em sangue-frio, arte e destreza aos melhores e mais reputados cavalleiros do mundo.

Em Santo Amaro de Oeiras

E' depois de ámanhã que no grande Salão do Eden, de Santo Amaro de Oeiras se realisa a distribuição dos premios aos vencedores do torneio de esgrima ali realisado. A festa que promette ser interessante finalisará com um baile organisado pelas senhoras que alli estão veraneando n'aquella praia.

Sport Club Progresso

Ha um grande enthusiasmo no meio cilista pela corrida de 30 kilometros que o Sport Club Progresso realisa no dia 5 do proximo mez.

Ainda esta semana devem ser expostas ao publico na montra d'um estabelecimento da Baixa os premios para esta corrida e que são em numero de cinco, contando-se entre elles uma valiosa medalha de ouro para o vencedor.

A inscripção para esta corrida fecha no domingo, 29 do corrente.

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 2 (Academia de Estudos Livres) —O exercicio do domingo passado foi na Tapada da Ajuda. A primeira parte constou do um jogo de pistas, no qual os perseguidores conseguiram prender o capitulo, seguindo-se o rasto por elles deixado.

Este exercicio, que enthusiasmou bastante os rapazes, foi executado na melhor boa ordem e com muita perspicacia da parte de alguns escoteiros.

Effectuou-se em seguida um outro jogo, de ataque ao acampamento, o qual foi bastante movimentado, chegando varios escoteiros a penetrar no local por outros defendido.

Fez-se ainda um jogo, bastante interessante que muito divertiu os rapazes, e um treino de signaes Morse e Semaphore, findo o que regressaram á cidade, alegres e satisfeitos pelos resultados colhidos.

A manhã, ás 20,30, todos os escoteiros se deverão reunir na séde, devidamente uniformisados, a fim de levarem a effeito diversos exercicios pela cidade.

No quartel do Club Naval teem continuado as lições de natação, devendo, tambem, abrir ainda esta semana o curso de electricidade. A séde d'este grupo vae soffrer grandes modificações, motivo por que os escoteiros teem tido occasião de mostrar a sua boa vontade e aptidões, uns forrando a casa a papel, outros conseguindo novos jogos para passatempo agradavel quando não haja exercicio, e alguns mesmo constituindo-se em Club, com a respectiva direcção, para introduzir todos os melhoramentos de utilidade, ao alcance das suas medidas.

Ultimamente tem-se inscripto grande numero de candidatos n'este grupo, cujo effectivo é agora de 20 escoteiros, continuando aberta a inscripção na séde, rua da Emenda, 51.

Grupo n.º 5, Caxias.—Conforme se tinha annunciado, no domingo passado não houve exercicio. No proximo domingo todos os escoteiros teem exercicio na Tapada da Ajuda.

Nos ultimos tempos este grupo tem tomado um extraordinario incremento, tendo-se inscripto um grande numero de socios tanto escoteiros como auxiliares. No curto espaço de 3 semanas triplicou o numero de escoteiros.

Communica-se a todos os socios que a fim de attender a este desenvolvimento, resolveu a direcção installar a séde do grupo n'uma casa mais conveniente, não se afastando comtudo do centro da cidade.

Esta resolução, considerada de necessidade immediata, já a alguns mezes, só agora foi tomada em virtude de se aguardar o resultado de uma petição feita ha tempos aos poderes publicos, até agora sem despacho.

Ella deverá ser de um grande alcance para o progresso d'este grupo e em geral da benefica instituição do escotismo apesar de trazer um augmento de despeza, mas com a certeza suficientemente compensado pela receita dos seus socios ordinarios e especialmente auxiliares.

A inscripção de socios das duas cathegorias continúa aberta. A quota mensal é de 10 centavos.

Travessia do Tejo a nado por «équipes», organisada pelo Club Naval de Lisboa

Já fechou a inscripção para esta importante prova organisada pelo Club Naval pela segunda vez, para disputa da taça «Silva Carvalho» que este Club ganhou no anno anterior.

A esta prova concorre, além do club organisador, o Gymnasio Club Portuguez, importante aggremiação sportiva que á natação tem prestado relevantes serviços concorrendo sempre ás provas do Club Naval, embora algumas vezes com poucas probabilidades de vencer em algumas d'ellas, mas guiado apenas pela vontade energica de João Formosinho que, além de ser um dos melhores nadadores portuguezes é o mais resistente, alma da natação dentro do Gymnasio Club, auxiliado apenas por meia duzia de consocios prestimosos, no numero dos quaes se conta seu irmão, José Formosinho, nadador arrojado e bastante resistente; o outro club inscripto é um dos mais novos mas de sobejo conhecido no nosso publico pela brilhante figura que tem feito nas provas que tem entrado, seguindo uma orientação modelar, mercê dos esforços do incansavel «sportsman» Eugenio Picardo e do esplendido nadador Bessoni Bastos, um dos novos de mais valor que actualmente possuimos.

Gymnasio Club Portuguez

As classes de natação d'este club, sob a direcção do professor Walter Awata, que funcionam em Pedrouços, teem sido muita concorrencia, sendo notaveis os progressos que todos os alumnos teem feito em tão pouco tempo.

A inscripção continua aberta não só para os socios como para os filhos d'estes e tutelados que sejam menores de 15 annos. A direcção está no proposito de promover um festa de natação para provas finaes dos alumnos das classes.

Missão «Scouting»

Realisa em 29 e 4 de setembro dois saraus, um de homenagem e agradecimento a todos que a teem auxiliado e outro dedicado á sua deputada.

Pedem-nos os srs. Delfim Teixeira, Samuel da Fonseca e Brandão Machado, membros da Missão, para registar o seu reconhecimento pela forma como teem sido acolhidos por todos, desde os srs. ministros aos seus collegas e desconhecidos a que se dirigem.

Os saraus devem realisar-se naturalmente no Centro Almirante Reis e Promotora d'Alcantara, sendo muito breve distribuidos os bilhetes em estabelecimentos e nos locaes dos saraus.

Na Praia das Maçãs

A'manhã, á noite, durante o concerto musical que se realisa na Praia das Maçãs, reune a commissão organisadora da grande festa de 2 de setembro.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—As pilulas de Hercules.
POLITEAMA—A's 21—Não desfazendo...
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Viuva alegre.

Primeiras representações

POLITHEAMA—*Não desfazendo... revista em 2 actos e 7 quadros de André Brun, musica de João Myrto e Vasco Macedo*

André Brun é, sem lisonja e sem sombra de favor, quem, nos ultimos annos, mais, litterariamente, tem produzido. No conto como na chronica, no livro como no theatro e até em todas as suas fórmas, elle tem conseguido, pelo esforço proprio, pelo seu trabalho persistente e methodico, alliado a uma intelligencia clara, impôr o seu nome, embora contra a má vontade de alguns a quem, desassombradamente, tem dito meia duzia de verdades, criticando com um são criterio e por vezes até com um especial bom humor os defeitos que esses mesmos querem impôr ao publico como qualidades.

Ao entrar hontem no Politheama, desconhecendo por completo a mais pequena scena da peça que ia vêr representar e cuja critica eu teria que dar aos que fazem o favor de me lerem, eu ia perfeitamente socegado, porque tinha de antemão a certeza de que teria de que dizer bem, quando mesmo a peça não agradasse ao chamado grande publico. E para ter essa certeza não necessitava conhecer toda a bagagem de André Brun. Bastava-me conhecel-o atravez as «Migalhas» que elle todos os dias subscreve.

Essa secção, para mim, como para todos que a leem, tem a sua maior valia na opportunidade e na observação do assumpto escolhido. Partindo do principio de que a critica de factos depende absolutamente da sua primitiva observação, não sendo Brun um leigo em theatro, cis a razão por que, socegada e placidamente, me sentei na minha cadeira. Não me enganei e ainda bem. Supponhamos, porém, que me enganára! Quando mesmo tal tivesse acontecido, o publico devia-lhe, pelo menos, a consideração ao seu nome e a rara virtude de elle só ter escripto a revista, o que não é vulgar n'um genero de theatro que, entre nós, se multiplica de mez para mez, de quasi semana para semana, tornando-o talvez hoje o mais difficil de escrever. Mas não, o publico gostou, o publico riu e applaudiu.

Revista com principio, meio e fim, os dois actos estão escriptos com graça e com observação. Ligado ao dito de espirito, anda sempre o commentario judicioso, não havendo apenas a preoccupação de fazer rir. O 2.º, 3.º e 6.º quadros contentam os mais exigentes.

* *

O que falta, portanto, para um grande successo? Guarda-roupa? E' vistoso e bem matisado. Scenario? Distinguiremos as scenas do 3.º e 6.º quadros, de Julio Machado, e a apotheose do 1.º acto, de Augusto Pina, que produz um bello effeito. O que lhe falta, simplesmente, é, sem desdouro para os artistas do Politheama, uma companhia mais homogenea e acima de tudo adaptada ao theatro de revista.

Excepção feita a Antonio Gomes que incarna o seu papel de Formiga com um á vontade e uma alegria que o tornam crédor dos nossos applausos, Maria Pia que empresta á Brandura dos nossos costumes a magestade do seu porte e a sua dicção primorosa, Ignacio que é já um bello actor de revista e Palmyra Torres, nos recitativos, apenas Flora Dyson e Maria Dolores nos deram a impressão da alegria e desenvoltura, qualidades absolutamente necessarias áquelle genero. A salientar ainda Luciano e Sarmento que crearam magnificos typos nos dois operarios sem trabalho.

* *

Marcação acertada. Côros, por vezes, bastante incertos. A musica, excepção feita á Marcha das luzes no final do 1.º acto, com alguns numeros nem sempre de facil audição, como é condição quasi essencial em revista. E..., não desfazendo, aqui teem os leitores a minha opinião.

Alvaro Lima

Boatos e informações

Entre nós

A «Geisha» o o «Cabo Susino», hontem cantadas no Coliseu dos Recreios, tiveram um verdadeiro exito. Hojo teremos «A tórto de Napoleão» apresentada com todo o rigor historico o por esse facto faustosa e deslumbrante.

No sabbado «Os saltimbancos», opereta comica lindissima o talvez das que se podem considerar do maior espectaculo.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil—Sonho guerreiro —Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olympia e Paradis, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Serviços de justiça

Revedores e fardas—O que diz um «official de diligencias»

Com esta epigraphe vimos n'*A Capital* de 23 do corrente que alguns officiaes de justiça iam sollicitar a creação de logares de revedores nas comarcas e terminar com os salarios de caminhos em geral, para que esses officiaes possam usar farda *agaloada*!

Com relação a fardas, só se os peticionarios gostam de mascaradas e desejam vêr a justiça em carnaval permanente.

Quanto á suppressão de salarios de caminhos, só se elles servem em comarcas que se compõem apenas da séde, porque os residirem n'uma comarca como aquella em que prestamos serviço vae para 33 annos, e onde temos distancias de mais de 30 kilometros e já tivemos mais de 60, por pessimas estradas, talvez lhes não convenha percorrer gratuitamente taes distancias e pagarem á sua custa os meios de transporte. Com respeito á creação de logares de revedores, só se elles servem com magistrados em cuja rectidão não confiem.

Não sabemos quem sejam os officiaes de justiça que tal pretendam, mas queremos parecer que são uns *blagueurs*.

Que todos os officiaes de justiça se reunissem para pedir ao ministro melhoria de situação nos limites do justo e do possivel, de accordo, mas que se entretenham a tratar de mascaradas, parece-nos irrisorio.

Tenham juizo, de uma vez por todas.—*Official de diligencias.*

PEQUENAS NOTICIAS

Em folheto, com o titulo *A nova questão Hinton*, foi agora publicada a resposta das emprezas assucareiras da Africa portugueza ao folheto da firma W. Hinton & Sons, questão largamente debatida na imprensa.

—Segundo nos communica o comité da Liga dos Amigos do Povo, vae ser publicado um manifesto refutando as declarações feitas contra a Liga.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sociedade Nacional de Bellas Artes

Em segunda convocação e deliberando com qualquer numero de socios, reune a assembleia geral depois de amanhã, ás 21 horas, para os fins do artigo 10.º do estatuto e deliberar sobre a redacção definitiva dos novos estatutos.

Horario de trabalho

A Associação de Classe União dos Pintores de Construcção Civil publicou um manifesto convidando todos os seus camaradas a inscreverem-se na associação de classe, a fim de assim poderem alcançar victoria nas suas reivindicações. O horario de trabalho para a classe, segundo a commissão nos communica, é o seguinte: pegar ás 8 horas, descanço das 12 ás 13 e largar ás 17.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Ensaio sobre os factores essenciaes do imperio britannico

Em volume publicou o sr. dr. F. Reis Santos a sua these ao concurso do professor da Universidade de Lisboa. Estudo profundo e desenvolvido das causas que levaram a Inglaterra ao grau de prosperidade de que hoje desfructa, muito ha a aprender no livro do sr. dr. Reis Santos, que n'elle se afirma um investigador profundo e erudito.

suas vidas. O Nizam de Hyderabad, como em 1885, offereceu uma dadiva de todos os seus cavallos e de sessenta lacas de rupias—400.000 libras—para fazer face ás despezas do 1.º regimento de lanceiros de Hyderabad, sustentado pelo Estado, e do 20.º de cavallaria Deccan, de que é coronel.

O maharaja de Mysore contribuiu com a dadiva de cincoenta lacas de rupias. O maharaja Scindia contribuiu com automoveis-ambulancias da Cruz Vermelha e, de combinação com o begum de Bhopol e outros chefes de Estado, com um navio-hospital. Além d'isto, todos contribuiram largamente para as subscripções patrioticas. Cada principe deu conforme os seus recursos.

No Conselho Legislativo um membro indio fez-se echo dos desejos do povo da India, de, além do apoio militar offerecido, ter a sua quota parte nos sacrificios financeiros impostos pela guerra. Essa proposta foi apoiada pelos representantes de varias raças e crenças e approvada por unanimidade. O povo da India, os innumeraveis milhões de homens sob o dominio da Gran-Bretanha, rivalisou em demonstrações de lealdade.

Centenas de telegrammas eram recebidos pelo vice-rei, todos os dias, de communidades e associações religiosas, sociaes e politicas, de todas as classes, castas e crenças, assim como individuaes, offerecendo os seus recursos ou pedindo se lhes offerecesse occasião para provarem a sua lealdade aproveitando os seus serviços.

E de ainda além das fronteiras vinham offertas de auxilio e pedidos de alistamento. O primeiro ministro do Nepal, o grande Estado gurkha, offerecia o exercito. O Dalai Lama do Thibet offerecia mil homens. Em todos os templos indios preces se faziam pela victoria das armas inglezas e as multidões prostavam-se reverentes em face da imagem do deus Buddha pedindo fervorosamente o auxilio para os exercitos do rei-imperador.

A mensagem de Jorge V dirigida em 9 de setembro aos principes e povos do imperio indiano—mensagem que démos já no primeiro volume d'esta obra—em resposta aos seus dedicados offerecimentos, ainda mais o enthusiasmo suscitou no paiz.

Na grande onda de sentimento que avassallou toda a India, muitos que se julgavam inimigos do dominio britannico sentiram ruir pela base as suas convicções. A lealdade dos principes indios nunca havia sido posta em duvida, pelo que se sabia que o exercito cumpriria bem a missão de que fôsse incumbido. Sabia-se tambem que as classes industrial e agricola ficariam fieis á causa britannica. Mas havia uma outra classe com cujas sympathias parecia não se contar, uma classe da qual o governo da India devia esperar naturalmente embaraços quando o imperio estivesse envolvido n'uma lucta de vida ou morte com uma potencia estranha.

A coisa mais extraordinaria na attitude do povo da India desde que começou a guerra foi a suspensão da agitação politica. Na Europa, radicaes, anti-militaristas e syndicalistas tornaram-se patriotas quando chegou a hora do seu paiz precisar d'elles. Na India, muitos d'aquelles cujo officio era fomentar o descontentamento prégaram a defeza do imperio.

As prophecias de rebelliões na India durante uma guerra europeia não tiveram realisação. A Allemanha enganou-se. Mas não foi só a Allemanha que se illudiu ácerca do povo indio. Na propria Inglaterra houve uma certa surpreza ao vêr que todos os prenuncios que pudesse haver d'uma sedição desappareciam no momento em que o imperio britannico parecia mais vulneravel.

A voz dos descontentes não se ouvia no meio das que proclamavam a sua lealdade. Os que criticavam todos os actos do governo, os doutrinarios radicaes indios, os «missionarios politicos» estavam silenciosos, desconcertados ou convertidos. Voluntarios das classes civis pediam para serem alistados nos corpos de

burgh» se apoderaram de grande porção de material de guerra, tendo apenas trez mortos e poucos feridos.

A 6 de novembro, o cruzador «Minerva», que estivera em observação deante de Akaba durante a questão anglo-turca de 1906, appareceu em frente da cidade e intimou o forte a render-se. Embora não houvesse

O conde Berchtold, ministro dos estrangeiros austro-hungaro em agosto de 1914

mais que setenta ou oitenta homens armados na praça, na maioria arabes, os turcos não quizeram render-se, pelo que o forte e os edificios do governo foram destruidos pelo cruzador, auxiliado pelos destroyers «Savage» e «Scourge».

Uma força de desembarque trocou alguns tiros com o inimigo em Wadi Ithm, sem ter perdas. Depois d'esse feito, Akaba permaneceu sempre vigiada até ao fim do anno. Granadas foram disparadas por bandos de turcos que appareciam proximo da praia e d'uma vez uma força de desembarque fez sahir um pequeno corpo d'uma trincheira, tendo trez perdas e infligindo sete ou oito. O «Minerva» era ao mesmo tempo forçado a levantar ferro devido ao fogo d'um canhão occulto, cujas granadas rebentaram perto d'elle. D'outra vez teve um homem morto. Nada mais digno de nota occorreu até ao fim do anno.

Depois da primeira invasão do territorio egypcio pelos beduinos em 28 d'outubro, os restantes postos anglo-egypcios recuaram da peninsula do Sinai para o canal. O forte Nakhl foi evacuado, a cisterna atulhada e alguns edificios destruidos.

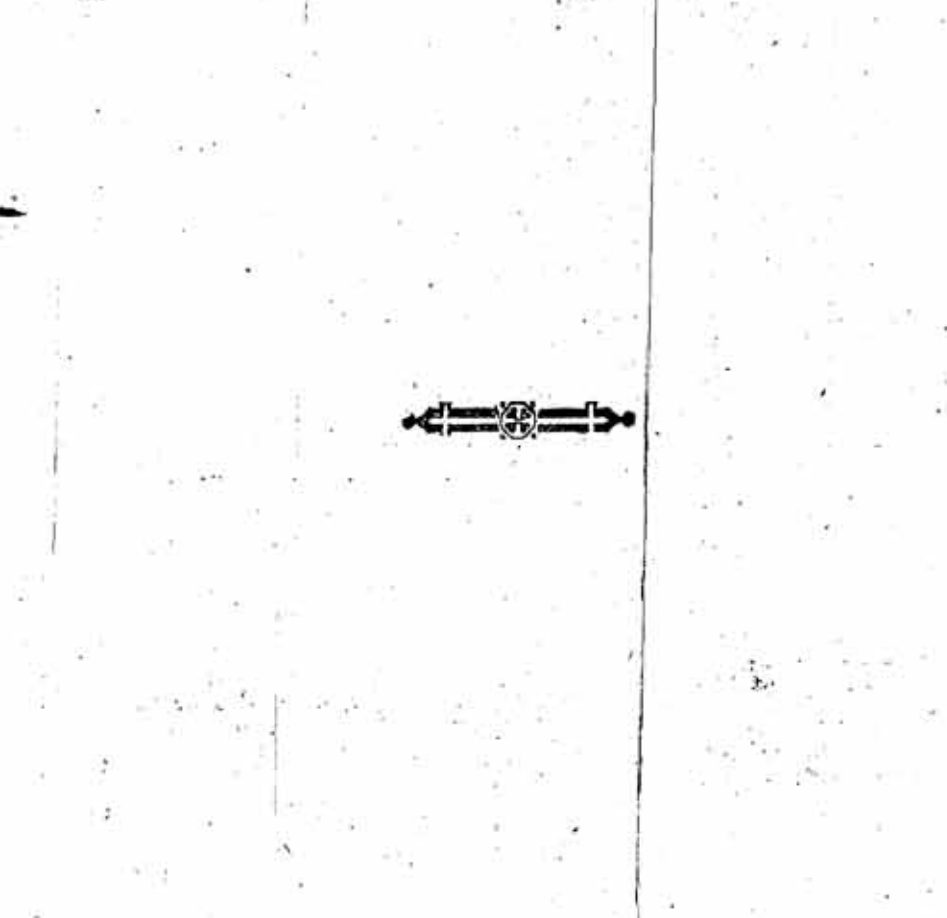
Muitos poços que podiam ser aproveitados por uma força invasora foram pelos ares por meio da dynamite. Os officiaes egypcios retiraram de El Arish sem incidente e a maioria dos arabes nomadas do deserto de Et-Tih foram com os seus rebanhos e tendas para a região montanhosa ao sul da estrada de Akaba-Nakhl.

O primeiro bando que atravessou a fronteira parece ter voltado para traz depois de ter roubado alguns camelos, mas na segunda semana de novembro uma força de beduinos do sudoeste da Palestina, acompanhada por alguns officiaes turcos e allemães, occupou El Arish e avançou em seguida para Katia. Excepto a troca de alguns tiros entre a vanguarda dos beduinos e as patrulhas dos Guardas Egypcios não se deu recontro algum até ao dia 21 de novembro.

Na manhã d'esse dia, uma patrulha egypcia composta de vinte soldanezes montados em camelos foi surprehendida quando acampava a leste de Bir-en-Nuss e aprisionada. O capitão Chope, do corpo de cameleiros de Bikanir, avançando para leste, a fim de se pôr em contacto com os Guardas, achou o seu acampamento vazio. A uma hora de cavalgada mais para leste, o capitão Chope viu na sua frente um bando de vinte homens montados em camelos brancos, agitando bandeiras brancas.

Pensando que eram os egypcios que faltavam deixou-se approximar. Quando estavam a uns vinte e sete metros, os beduinos—pois que eram beduinos—quizeram servir-se das

suas armas, mas foram mortos pelos Bikanirs, que fizeram o mesmo a um outro bando que tentou atacal-os. O capitão Chope avançou depois para Katia, quando de subito appareceram 150 cavalleiros tentando cercal-o pelo flanco direito, emquanto outros tantos tentavam envolver o flanco esquerdo.

Recuou, combatendo, mas foi carregado pelos cavalleiros, que fizeram um fogo cerrado sobre os Bikanires, mas não conseguiram approximar-se d'elles, que os contiveram a distancia sempre combatendo até alcançarem o resto da companhia. Apenas cinco sahiram illesos, com o capitão Chope, que escapou por um triz, pois teve o cantil e o punho da espada atravessados por balas e o camelo que montava ferido na corcova por uma bala d'uma espingarda Martini.

Os officiaes egypcios tenentes Anis e Abdu Kan foram mortos com dez soldados Bikanirs. Cinco feridos foram recolhidos por uma patrulha.

Dos beduinos mais de cincoenta, incluindo o irmão do chefe, Sheikh Sufi, foram mortos e muitos feridos. Tacticamente o inimigo ficára victorioso na escaramuça, mas o effeito moral da resistencia dos valentes soldados indios foi tal que os beduinos recuaram immediatamente para Katia e não fizeram movimento algum de avanço para o canal de Suez durante perto de seis semanas.

CAPITULO VIII

O exercito indio em França

A India, o viveiro de soldados, pagou a sua primeira contribuição ao imperio no campo de batalha. O phenomeno da unidade politica que se deu nas Ilhas Britannicas repetiu-se nas colonias inglezas.

Pela primeira vez na historia d'esse grande continente todas as classes, crenças e communidades se uniram e as vozes de trezentos milhões se confundiram n'uma só. Descontentes, se os havia, desappareceram. A politica sectaria foi posta de lado. O indio leal ainda mais leal se tornou e não pensou senão em dar provas da sua lealdade e dedicação. As raças militares encheram-se de esperança. Parecia que chegára finalmente a occasião em que o soldado indio ia ser chamado a desembainhar a espada.

As tropas indias nunca haviam sido empregadas na Europa n'uma guerra contra brancos e por isso receiava-se que esse precedente prevalecesse. A uma raça avida de sangue de mulheres e de creanças iam ser oppostos os descendentes de Jeimul e de Putta. Seria difficil conceber em que termos os bardos dos cavalheirescos Rajputs celebrariam um inimigo que arrastava as mulheres para o campo de batalha na frente das suas legiões para protegerem estas do fogo do inimigo.

Dos serviços da India no Egypto, China, Somalilandia e no Soldão pouco é necessario dizer. Em Manila, Macau, Java e Bourbon, os soldados indios tinham servido os designios da Inglaterra em conflicto com inimigos europeus.

No principio da Grande Guerra o veterano sir Pertab Singh, maharaja regente de Jodhpur, fez um discurso aos seus vassallos na vespera da sua partida para a fronte. Disse-lhes que os inglezes estavam derramando o sangue como agua por uma grande causa. Os inglezes estavam promptos a proceder sempre assim e o que tinham feito havia muitos annos pelos Estados Rajput estavam promptos a fazel-o de novo. Chegára a occasião dos Rajupts mostrarem a sua gratidão e, por sua vez, derramarem o seu sangue pelo rei-imperador.

Quando a guerra foi declarada, todos os principes da India puzeram todas as suas tropas e os recursos dos seus Estados ao serviço do rei-imperador. Offeceram as suas espadas, as suas pedras preciosas, os seus cavallos, as suas tropas, as

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1818 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 27 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

NO SUL DE ANGOLA

A acção do batalhão de marinha

A sua marcha pelo interior da provincia. O encontro com as forças do sr. Alves Roçadas, após o combate de Naulila

Entrevista com o official da armada sr. Carvalho Araujo

Os nossos leitores recordam-se dos motivos que determinaram a organisação do batalhão de marinha que sahiu para Angola no paquete *Beira*, a 5 de novembro do anno passado. Pensava-se *no* tempo na participação militar de Portugal em França, ao lado das nações alliadas, e o sr. general Pereira d'Eça, ministro da guerra, não quiz destacar n'essa altura mais unidades do exercito de terra para as operações em Africa. O batalhão preparou-se com uma extraordinaria rapidez: estava prompto a embarcar em 5 dias. Era constituido por 560 homens, divididos em 3 companhias e 2 secções de metralhadoras, sendo uma d'estas, a primeira, commandada pelo 2.º tenente da armada sr. Carvalho Araujo. O seu desejo de partir na expedição fica bem expresso contando-se este facto:

Offereceu-se como voluntario para partir. A junta medica, considerando-o sem resistencia bastante para arrostar com a insalubridade do clima africano, manifestou a disposição de o regeitar. Immediatamente, o brioso official fez constar que pediria a sua demissão da armada se não o julgassem apto para o serviço em campanha colonial. E seguiu na expedição.

Regressou terça-feira, a bordo do *Africa*. Falamos-lhe, querendo saber as suas impressões da jornada, o que fez o batalhão da marinha, o que foi o combate de Tchipelongo, a disposição dos marinheiros—um feixe de perguntas que muito deviam interessar os nossos leitores, tão pouco se tem falado dos marinheiros que partiram para o sul de Angola. E o sr. Carvalho Araujo diz-nos:

—Não lhe posso contar grandes coisas porque o batalhão de marinha não teve occasião de exercer um papel saliente na campanha. Se em Mossamedes se tivesse cuidado de preparar a nossa partida para o interior com a mesma rapidez com que o batalhão foi aqui organisado, estariamos ao lado das forças commandadas pelo sr. Alves Roçadas quando se deu o combate de Naulila.

—E outra teria sido, certamente, a sorte das nossas armas...

—Sem duvida, porque dos marinheiros havia tudo a esperar. Eram todos voluntarios, creaturas conscientes, habituadas a encarar serenamente o perigo. Pelas narrativas dos officiaes que tomaram parte no combate, sabe-se que um pequeno reforço teria decidido a victoria para o nosso lado. Certamente, caberia essa gloria ao batalhão de marinha, se lá estivesse.

—Quanto tempo estiveram em Mossamedes?

—Cerca de trez semanas, á espera da preparação das *étapes*, para garantia dos mantimentos e munições. Aproveitámos o tempo em exercicios constantes, principalmente nas secções de metralhadoras. As muares que nos foram destinadas nunca tinham sido atreladas a uma peça. Calcule a difficuldade em as habituar aos exercicios de campanha! Nos primeiros dias espinoteavam, partiam correias e não havia forças humanas capazes de as amansar. Mas de tal modo os marinheiros as trataram que, ao fim d'uma semana, ellas estavam inteiramente *domesticadas*. Os marinheiros, que tinham começado por as pegar á unha, diziam, por fim, que só lhes faltava falar...

—De Mossamedes partiram para o Lubango.

—Exactamente, em dois dias de marcha. Ali recebemos a noticia da derrota de Naulila, communicada em telegrammas terroristas, que encheram de pavor a população branca da região. Dizia-se que os allemães eram em numero superior a 2.000, com 14 peças e 16 metralhadoras. Os habitantes do Lubango principiaram a recear que elles chegassem ali, e alguns funccionarios publicos exigiram passagens a fim de seguirem para Mossamedes com as familias. A distancia de Naulila era, em carros boers, de 21 ou 22 dias.

«Para tranquillisar a população, metade do batalhão de marinha esteve sempre em armas, vigiando todos os caminhos que convergiam ao Lubango. Foram auxiliados n'esse serviço por um grupo de voluntarios, improvisado apressadamente logo que chegou a noticia do desastre de Naulila. Estou convencido de que toda a gente teria fugido do Lubango se lá não estivesse o batalhão de marinha.

—Demoraram-se ali muitos dias?

—Não, porque no dia 21 recebemos ordem do commandante Roçadas para avançarmos na direcção sul, ao seu encontro. Cumprimos essas ordens com a disposição de quem marcha para o sacrificio, pois suppunhase que os allemães, augmentados ainda com reforços, proseguiam o seu avanço, na perseguição das nossas tropas. Mas não houve hesitações. Nem um só marinheiro faltou á formatura e todos seguiram a cantar, quando soou a voz de marcha. Chegamos á Chibia, onde notámos a mesma atmosphera de pavor. O receio dos allemães andava no ar. Havia gente da região que affirmava tel-os visto, escondidos pela sombra das arvores, entre o matto, á espreita dos portuguezes.

«Fomos logo informados de que estava uma força de 60 allemães no logar de Jau, a uns trinta kilometros de distancia. Era preciso dar-lhe combate, porque, no caso contrario, ninguem ficava na Chibia. Como resolver a difficuldade, se os marinheiros vinham cançados d'uma marcha de 40 kilometros? Organisou-se então, creio que pela primeira vez na nossa historia um esquadrão de cavallaria de marinha. Desatrelaram-se as muares das metralhadoras, prepararam-se as montadas dos officiaes e brados-se aos marinheiros.

«—Adiantem-se os que sabem montar!

«Appareceram logo uns cem. Todos sabiam montar e todos queriam ir. Partiu o esquadrão, sob o commando do 2.º tenente Santos Moreira, para voltar no dia seguinte, sem ter encontrado pessoa alguma no logar de Jau. A população ficou menos sobresaltada.

«Ainda passámos o dia de Natal na Chibia, mas, dias depois seguiamos a caminho dos Sambos, onde chegámos a 2 ou 3 de janeiro, com sete dias de marcha. Ali encontrámos o sr. Alves Roçadas com o seu estado maior e algumas forças de infantaria. O grosso das forças estava a uns 8 kilometros de distancia, no Forno da Cal, para onde nós seguimos no dia immediato, a render as companhias do 14 que ali se encontravam. Ficamos no Forno da Cal com a 2.ª bateria de artilharia de montanha e a 15.ª companhia indigena, constituida por landins.

—Não se pensava, n'essa altura, em tirar um desforço da aggressão dos allemães?

—Imaginavamos, realmente, que assim succederia. Se nos reunissemos ao resto das forças do sr. tenente-coronel Roçadas poderiamos marchar para o Humbe a retomar as posições que tinham cahido nas mãos do inimigo. Mas taes difficuldades surgiram, tamanhas resistencias passivas se levantaram, que nada se resolveu, nem mesmo com a chegada de novos contingentes a Mossamedes. Por fim, o sr. Alves Roçadas decidiu retirar-se para Lisboa, tanto mais que já se encontrava na provincia o sr. general Pereira d'Eça. Os officiaes do estacionamento do Forno da Cal offereceram-lhe um almoço de despedida, tendo s. ex.ª proferido então, n'um brinde, palavras de muito louvor para a marinha, dizendo que já tinha apreciado a sua valentia na campanha dos Cuamatos e salientando que as forças do seu commando, na retirada após o combate de Naulila, se tinham sentido amparadas pelo encontro do batalhão de marinha.

—O batalhão de marinha ficou estacionado no Forno da Cal?

—Muito tempo. Ao fim de cinco mezes estavamos aborrecidos pela inacção, quasi com a consciencia da inutilidade do nosso sacrificio. O clima era pessimo. Havia periodos em que soffriamos, de manhã, 3 graus abaixo de zero, tendo, á tarde, uma temperatura que ia além de 30 graus. Depois, mal alojados em barracas de campanha, com chuva a cada passo. Ainda suppuzemos que nos chamassem para o littoral, onde se encontravam forças do exercito de terra, mas tal não succedeu. A agua, no primeiro tempo em que estacionámos, era detestavel. Passámos depois a ter agua magnifica, tirada por uma bomba a quatro metros de profundidade. Os marinheiros tinham-se encarregado de aproveitar convenientemente as cacimbas. Construiram tambem palhotas, mais commodas que as barracas, e arranjaram fornos para coser pão. Com esses trabalhos e com os exercicios passaram o periodo do estacionamento. Em fim de maio, o batalhão estava reduzido a 250 homens validos. Tinham morrido onze praças e muitas outras estavam doentes.

«Só n'esse mez, em maio, foi que uma companhia do batalhão teve ordem de avançar para a Cahama, a render uma companhia do 14 que ali estava e que não tinha entrado em combate. A Cahama é conhecida pelo «cemiterio dos brancos», tantos são os que ali morrem victimas do mau clima. A companhia de marinha esteve ali poucos dias, marchando mais para o sul, para o Tchiousso, que fica a cerca de 90 kilometros do Humbe.

Concluiremos amanhã a publicação d'esta entrevista, relatando o que foi o combate de Tchipelongo e alludindo á acção militar que o sr. general Pereira d'Eça está realisando.

PORTUGAL DESCONHECIDO

Uma viagem de diligencia

Antonio Granjo dirige-se ás terras de Barrozo

Vae perdido o gosto pela diligencia. O caminho de ferro, o automovel relegaram-n'a para um plano inteiramente secundario. Póde dizer-se que essa maravilha dos principios do seculo XIX pertence á historia da viação. Quando os aeroplanos e dirigiveis tomarem a feição pacifica de agentes de transporte, a diligencia entrará definitivamente para o museu etnographico do meu amigo, illustre archeologo e philologo sr. dr. Leite de Vasconcellos; e como isso póde acontecer nos nossos dias, vou-me precavendo, gosando a diligencia por atacado. Frequentemente, tomo um logar na imperial d'uma malaposta e ahi vou pela torreira do sol, entre as nuvens da poeira, o zumbido das moscas varejeiras e as pragas do cocheiro, por essas estradas fóra, vendo deslisar mansamente as paisagens, e parando nas pousadas á beira das estradas a conversar com os que passam, gente de volta, feireiros e aldeagantes, que trazem sempre na bocca uma palavra nova ou no olhar uma imagem inédita.

A diligencia de Boticas sae de Chaves ás quatro horas. A soalheira dosaba como um chuveiro de brazas sobre o velho burgo. Em volta da torre de menagem, uma apenas perceptivel tremulina azul parece um finissimo veo de seda querendo proteger as ameias da inclemencia da canicula. Até Curalha, a frescura que sóbe do Tamega, ancorado nas presas, onde os amieiros reflectem os troncos esbeltos, suavisa um pouco a tarde.

A subida de Curalha ás Casas Novas galga-a a diligencia n'um arranque. A' direita fica uma das mais celebres arvores de vinte leguas á roda, um castanheiro, cujo pé quatro homens, de mãos dadas, abraçam a custo, e sob cuja ramaria já bivacou, n'uma escola de repetição, uma companhia inteira d'infantaria 19.

A longa estirada das Casas Novas ao Nicho de Sapelos faz-se penosamente. Mas o sol vae declinando, e um castro préromano, á esquerda, projecta na estrada uma sombra macia. De repente, a subida termina, os cavallos trotam largo, e deante dos olhos surprezos desdobra-se o vale do Terva, e apparecem, como enormes muralhas tapando o horisonte, o Pindo e o Leiranco. E' Barroso que começa.

O solo é de transição. Ainda se vê a vinha, animando o mamelão de Sapelos, e sombreando, em latadas, as ruas das povoações de Ardãos, Nogueira, Bobadela. Mas já o castanheiro domina soberanamente a paisagem e nas bordas do Terva, nos lambiros onde a agua brilha e canta, já as vacas barrozãs pastam, erguendo de vez em quando a cabeça elegante, de grande armação, e mugindo melancholicamente.

A diligencia vae descendo. O sol parece querer poisar no cimo do Leiranco. Dir-se-hia que, cançado da jornada, procurava um travesseiro onde encostasse a cabeça luminosa. O anil do zenith torna-se mais profundo, emquanto para o nascente o céu se esbranquiça e empalidece. A sombra invadiu já o fundo do vale, onde as cabelleiras dos milhos se meneam levemente ao sopro debil da briza e os ouriços começam aloirando. O Pindo parece querer approximar-se do rio, como a dessedentar-se. Olha-se de face o sol, cujos raios brandos atravessam horisontalmente a amplidão. Para norte e sul o ceu tinge-se de rosa, a principio como uma côr secundaria, depois assumindo uma intensidade e uma extensão predominantes.

A diligencia vae descendo. A' esquerda, a vertente norte do castro precipita-se sobre a estrada. Vêem-se os fossos e os caminhos d'acesso, desventrando a cumiada. Das aldeias ascendem vagarosamente tenues rolos de fumo. O sol tornou-se o centro irradiante de zonas luminosas concentricas, que sobem quasi até ao zenith e cujas côres principaes são o amarelo e purpura. Uma cotovia ergueu-se d'uma restolha, elevou-se acima dos ultimos galhos dos castanheiros, elevou-se acima das ultimas penedias do Leiranco, elevou-se acima do sol, e, descrevendo largos circulos, entoou a elegia do sol moribundo. Os primeiros gorgeios eram o ensaio timido d'uma flauta, mas logo uma catadupa de notas triumphaes, de oboés e de clarins, encheu o ar e alastrou sobre os montes, até se transformar n'uma supplica ardente e por fim n'um murmurio febril. O sol vae-se occultando. As zonas luminosas desfizeram-se e deram logar a novas combinações chromaticas, mais esbatidas e doces, e n'uma disposição tal ou qualmente simetrica. O eixo simetrico é ligeiramente irisado. A cotovia desceu em vôo planado e sumiu-se entre os castanheiros.

A diligencia vae descendo. O sol desappareceu. A massa de sombra que se vae accumulando no vale toma vagos tons azulados. No zenith o anil torna-se obscuro. Atraz do Leiranco, o ceu desentranha-se, rasga-se em prodigios. N'um grande arco de circulo, limitado por uma tinta imprecisa que logo se difiue no violeta, as côres do arco-iris parece entrechocarem-se e explodirem em maravilhas. Os olhos penetram-se de doçura, os labios entreabrem-se, e a alma ergue-se, como a cotovia, acima dos montes, batendo as azas translucidas, á procura da primeira estrella...

Entra-se no vale, passa-se a pontesita sobre o Terva, leva-se d'uma arrancada a pequena subida de Sapiães e deriva-se para Boticas, entre centos de castanheiros, terras de milho e altas latadas, que a noite vae toucando de misterio.

Santo Deus! Mas onde estão os pintores da minha terra?

Antonio Granjo

Leiam-se os precedentes artigos sobre as terras de Barroso publicados nos dias 22 e 26 do corrente.

Poeira da Arcada

Um dia escrever-se-ha a historia d'estes primeiros annos de Republica e talvez então se perceba com claresa sufficiente que sob um tumulto enorme de gestos e palavras o nosso povo teve a comprehensão exacta do seu destino.

Muitos homens que hoje por ahi vivem na falsa gloria dos seus triumphos sumir-se-hão no esquecimento. Poucos resistirão ao juizo summario dos mestres.

Os que ficarem de pé accrescentarão ao prestigio da sua obra este outro—pensarem tanto no resurgimento da sua patria que nem tempo tiveram para cuidar das suas temporalidades. Será facil conta-los, porque a terra pode tanto com os mortos que raramente os restitue á adoração dos vindouros.

* * *

A provincia tem recantos ignorados que os turistas não visitam e os politicos manteem bem occultos para lhe não deixarem perder as virtudes... eleitoraes. Todavia o nosso paiz não é tão grande que nós não possamos conhecê-lo de extremo a extremo. Se na sua superficie ainda existem populações cujo nome e costumes poucos conhecem, deve-se isso ao facto de o nosso systema de viação ser tão imperfeito que torna mais difficeis as viagens no interior que as communicações com o estrangeiro.

* * *

A revolução de 14 de maio ainda não está bem esclarecida para os que, deixando as apparencias, buscam certezas mais fundas. Todavia os documentos vão surgindo e, á medida que se archivam, a verdade conquista novos direitos á evidencia. Quando esta fôr plena, talvez então se veja em que proporção collaboraram n'aquelle movimento as forças fataes e as forças intelligentes e livres. Conforme o predominio pender para aquellas ou para estas, assim os successos subsequentes hão de ser interpretados.

Duas reuniões da maioria parlamentar

A maioria, na sua reunião de hontem á noite, deliberou fazer discutir varios projectos e projecticulos, figurando na lista, além d'outros, o que se occupa da questão dos cambiaes, os que se referem ao problema das subsistencias e o que organisa a inspecção das aguas mineraes. Quanto ao Douro, a maioria ainda não tomou deliberações definitivas, parecendo que as não tomará por ora. Na reunião d'esta tarde, o sr. Alexandre Braga proferiu um longo discurso, para expôr aos seus correligionarios o que mais urgente lhe parecia dever votar-se. Mas, ouvidas as razões do *leader*, tudo ficou na mesma.

Aviação militar

O sr. Abel Duarte Vianna, serralheiro de automoveis, residente na rua da Fabrica das Sedas, 41, offerece-se para frequentar a escola de pilotos-aviadores.

Tambem se offerece para a frequencia d'essa escola o sr. Ernesto Pinto Barros, soldado licenceado de infantaria 31, *chauffeur* electricista e residente no Porto, que já em tal sentido requereu ao ministerio da guerra.

A EDUCAÇÃO EM PORTUGAL

O que Alice Pestana viu em trez dos liceus de Lisboa

Excellentes impressões visitando o Pedro Nunes, o Passos Manuel e o Camões

Alice Pestana, que na litteratura e no jornalismo de Portugal creou uma justa reputação sob o pseudonymo de «Caiel», vive ha muitos annos em Madrid onde o seu talento de escriptora e os seus notaveis meritos pedagogicos lhe grangearam a admiração e o respeito de quantos se interessam pelos problemas de educação e ensino.

Recentemente, a illustre senhora, commissionada pela «Junta para ampliación de estudios e investigaciones cientificas», veiu a Lisboa com o fim expresso de fazer um inquerito ácerca da educação em Portugal nas suas relações com a acção do Estado e que d'aquella mesma junta solicitara o ministro da instrucção publica e bellas artes, D. Francisco Bergamin. O resultado dos trabalhos de Alice Pestana, a quem havia sido marcado o prazo d'um mez para a sua realisação, acha-se publicado em volume, em que a nossa eminente compatriota diz o que foi a organisação central, estuda em que consiste o ensino primario e normal, refere o que seja o ensino secundario, o ensino universitario, o ensino industrial, commercial e artistico, o ensino agricola e, por ultimo, frisa a importancia social da Tutoria da Infancia e tribunal annexo.

Muito interessante pela somma de dados recolhidos e expostos com uma clareza e uma concisão notaveis, o relatorio de Alice Pestana permitte, com effeito, áquelles a quem é destinado, avaliar o grau de desenvolvimento attingido pelo ensino e pela educação entre nós e o empenho com que se tem procurado adoptar os mais modernos e proficuos methodos pedagogicos que a pratica vem consagrando no estrangeiro. Para se ajuizar do valor do inquerito da talentosa escriptora, registaremos as suas impressões ácerca dos trez grandes lyceus masculinos de Lisboa, que ella visitou, entre outros estabelecimentos congeneres.

* * *

Alice Pestana esteve primeiro no lyceu Pedro Nunes, o antigo lyceu da Lapa, e presta homenagem ao professor distinctissimo que se encontra á sua frente, o sr. Sá e Oliveira, e ao secretario, sr. Braga aixão, cujo caloroso elogio tece.

No Pedro Nunes, em que estavam matriculados por occasião da visita 771 alumnos, sendo a capacidade de 750, notou Alice Pestana uma tendencia marcada para o semi-internato. Pareceu-lhe credora de particular attenção a vida associativa dos estudantes, que, findas as classes, que funccionam das 9 e meia ás 15, se entreteem em jogos ao ar livre ou nos complexos serviços associativos. N'uma parte do edificio, cedida pelo reitor, «funcciona, perfeitamente installada, uma administração modelo de todas as obras dependentes da Associação Escolar.» A enviada de «Junta para ampliación de estudios» escreve a proposito:

«Todos os cargos são providos por eleição entre os associados. A assembléa geral é presidida pelo reitor. Com frequencia, as differentes commissões levam ao gabinete d'este uma reclamação, a exposição d'algum pleito pendente. O reitor escuta-as com bondade e sempre com a maior attenção e gravidade. Abstem-se, todavia, de preferir qualquer palavra que possa indicar o bom ou mau caminho para a solução que deve tomar-se. Limita-se a salientar os principaes argumentos adduzidos por cada uma das partes e conclue dizendo tranquillamente: Bem, o problema está agora posto n'estes termos: aos senhores compete resolvel-o.

«Falar em assumptos pedagogicos com o sr. Sá e Oliveira constitue um requintado prazer. Toda a sua pedagogia se inspira na sua fé na autonomia humana, no seu profundo respeito pela personalidade da creança e do adolescente. Na formação da pessoa—é este o seu credo—o mestre não deve ter a preoccupação perturbadora de intervir constantemente, mas apenas a de amparar, a de remover os obstaculos e a de actuar, quando convenha, sobre a trajectoria dos ideaes cada vez mais elevados. E' este o principio capital que dá vida, uma vida bella e intensa, a esta grande população autonoma do lyceu Pedro Nunes.»

Alice Pestana diz depois qual a organisação do instituto com as suas sete classes, distribuidas em quatro divisões e as suas turmas, em cada uma das quaes ha dois alumnos (chefe e subchefe) cuja funcção especial consiste em se occupar da ventilação e boa ordem das aulas. As turmas tratam tambem dos seus interesses proprios em pequenas associações chamadas «solidarias».

A' grande Associação Escolar, que tem por objecto promover a educação geral dos seus associados e que abrangê oito secções: de excursões, desportiva, litteraria e scientifica, de arte, caixa economica, cooperativa, jardinagem, trabalho manual, consagrou a auctora do estudo a que nos estamos referindo algumas paginas de curiosas informações. Ahi se menciona como se administra a associação, que tem um gabinete de leitura e uma revista mensal e que concede subsidios a alumnos pobres, e promove visitas de estudo e excursões; ahi se refere o que seja e como funcciona o parque dos jogos e a cooperativa e a cantina escolares. Alice Pestana classifica de excellentes os quatro pateos de recreio ao ar livre e de formoso o campo de jogos e não se esqueceu de referir que no lyceu funcciona uma secção da instrucção militar preparatoria.

Frisando que no Pedro Nunes mal se usam livros e que a tendencia de todo o ensino é para os methodos directos, activos, de trabalho pessoal, a auctora do relatorio, á qual coisa alguma escapou, observa que este lyceu é «digno de ser visitado por quantos se interessem pelos altos problemas da moderna sciencia pedagogica» e que «convém chamar a attenção para o empenho persistente em todas as classes para que todos os alumnos d'uma turma estejam attentos durante cada lição e intervenham directamente n'ella». E Alice Pestana fornece-nos «como exemplo vivo as notas tomadas n'uma classe do reitor, sr. Sá e Oliveira, sobre lingua portugueza». Eil-as:

«Trata-se primeiro de corrigir composições feitas pelos alumnos; uma carta escripta ao professor que tiveram no curso passado, contando-lhe o que no actual occorre na classe. Os alumnos—á roda dos doze annos quasi todos—falam sentados; nada ha que perturbe a corrente de sympathia intellectual que une intimamente professor e alumnos. Póde dizer-se que se generalisa a conversação quando se passa á analyse de um trecho de leitura com interpretações de palavras. Toda a palavra interpretada tem algum fio que conduz á disciplina do pensamento ou á edificação moral. Os commentarios tranquillos do reitor são embebidos n'uma subtil ironia, muito portugueza, que aviva a tensão de espirito dos rapazes...»

Marece tambem registar-se este lindo episodio:

«Entre os dois exercicios que preenchem o tempo da sua classe, o reitor não hesita um momento em acquiescer á petição d'um dos alumnos, um rapazinho de treze annos, de ar modesto e olhar intelligente. Quer mostrar-me o «seu» orpheon, o da sua turma, organisado por elle, com independencia, nas horas de recreio. E é encantador vêr esse minusculo director, em attitude de quem assume uma grave responsabilidade, reunir os melhores dos seus cantores em um dos angulos da sala e, com o dedo no ar, dirigir com calor a execução de «Mon ami Pierrot» e d'outras canções do mesmo typo. E, terminado isto, a classe do sr. reitor prosegue com a mesma ordem perfeita que anteriormente se notava».

* * *

Segue-se no relatorio de Alice Pestana o lyceu Passos Manuel cuja installação classifica de «esplendida». Com capacidade para 900 alumnos, tinha matriculados, na occasião da visita, 930. Verificou que este lyceu consagra um exquisito cuidado á educação phisica, que os seus gimnasios são modelos, que a gymnastica é obrigatoria, salvo em caso excepcional, auctorisado pelo medico e que um certo numero de faltas em gimnastica fazem perder o anno escolar, como quanto ás outras disciplinas. As observações anthropometricas fazem-se com grande rigor. Alice Pestana assistiu um domingo a uma festa desportiva no liceu, a qual lhe deixou magnificas impressões. Alguns alumnos pareceram-lhe «verdadeiros profissionaes dos desportes» e ácerca do reitor, sr. Alberto Machado, escreve que é um moço de tenaz vontade, cheio de enthusiasmo e desejoso de introduzir no regimen autonomo do seu liceu o melhor que encontrou nas suas viagens de estudo».

Outro pormenor na autonomia liceal, considerado digno de nota por Alice Pestana é o funccionamento, que ella descreve da cantina sustentada no liceu Passos Manuel com as quotas dos rapazes e com uma subvenção da beneficencia publica. Outra iniciativa da caixa escolar, merecedora de attenção, é o Club Academico, com a sua grande sala de conversação e de leitura. Alice Pestana regista a declaração do sr. Alberto Machado que affirmou na sua presença, discutindo com o pae d'um alumno, que não deixaria de oppôr todos os obstaculos á assistencia dos paes e outras pessoas de familia ás classes, porque a reputava perturbadora para o trabalho escolar e porque podia contribuir para desprestigiar o professorado aos olhos dos alumnos.

Tratando do liceu Camões, a enviada da «Junta» madrilena diz que na occasião da sua visita estavam matriculados 181 alumnos, tendo sido construido para 160. Classifica de excellentes todas as installações. Impressionaram-na a affabilidade dos professores para com os alumnos e a meticulosa limpeza, verdadeiramente modelar e de que o reitor, sr. Claro da Ricca, é um apaixonado apologista.

Alice Pestana viu que ás aulas assistiam pessoas de ambos os sexos, parentes dos alumnos e ouviu da bocca do sr. Claro da Ricca que não ha inconveniente em que os paes e tutores assistam ás lições, pois que lhe «parece que isso em nada prejudica a boa disciplina nem o trabalho methodico e que é até bom como estimulo para professores e alumnos, costumando, além d'isso, estes a falar em publico, preparação que considera de grande vantagem».

Por estas resumidas notas extrahidas do trabalho de Alice Pestana poderá talvez o leitor fazer idéa do modo por que a nossa illustre compatriota se desempenhou da sua missão.

Um submarino allemão afundado por um aeroplano inglez

LONDRES, 27.—O almirantado britannico annuncia que o commandante Biasworth, da marinha real destruiu, sósinho, um submarino allemão, hontem de manhã, por meio de bombas lançadas do seu aeroplano. O submarino ficou completamente destruido e afundado em frente de Ostende. Não é costume do almirantado inglez publicar noticias referentes ás perdas dos submarinos allemães (todavia taes perdas teem sido de facto numerosas) em casos em que o inimigo não tem informação a respeito da occasião e local de taes perdas. O feito brilhante do commandante Biasworth foi consumado na immediata visinhança da costa belga, occupada pelo inimigo, e foi visto um «destroyer» alemão delimitando a posição do submarino afundado.—(Havas).

Um discurso do sr. Viviani

Não haverá divisões em França, emquanto se não restaurar a Belgica e reconquistar a Alsacia-Lorena

PARIS, 26.—Tendo-se suscitado n'estes ultimos dias entre os grupos parlamentares a idéa de reunir a camara em sessão secreta a fim de serem estudadas varias questões que interessam á defeza nacional, o sr. Viviani pronunciou hoje a este respeito um eloquente discurso que arrancou á camara enthusiasticos applausos, sendo a affixação d'esse discurso approvada por unanimidade. Depois de haver frisado que o governo não descurou meio algum de permittir ás commissões parlamentares, onde todos os partidos estão representados, de exercer sempre uma ampla fiscalisação, o sr. Viviani declara que se colloca á disposição da camara para a realisação da sessão secreta, se bem que o governo nada de novo tenha a communicar. O sr. Viviani accrescenta em seguida:

«A Republica supportou durante 45 annos os effeitos de uma horrivel ferida, mas é falso que não tenha provido á sua defeza militar. Devo repetir as palavras do generalissimo Joffre acclamadas na ultima sessão:

A Republica pode orgulhar-se dos seus exercitos que organisou em conformidade com as concepções modernas, no culto da justiça e no amor ao direito; declarada a guerra, todos os filhos da França se agruparam em volta d'este ideal sublime, sem o qual não existe exercito senão de mercenarios. (Unanimes applausos). A imprensa allemã procura fazer acreditar que existem divisões de opinião em França. Emquanto não tivermos restaurado a heroica Belgica e retomado a Alsacia-Lorena, não haverá divisões entre nós. (Applausos unanimes). Em seguida ao discurso do sr. Viviani e depois de curta discussão a camara approvou por 539 votos contra um os creditos pedidos pelo governo para funccionamento dos sub-secretariados da guerra, e renunciou á realisação da sessão secreta, adiando-se para 16 de setembro proximo.—(Havas).

A acção da artilharia e dos aviões no theatro occidental

PARIS, 26.—Communicação official de hoje ás 23 horas.—No sector ao norte de Arras canhoneio bastante vivo, particularmente em volta de Souchez, ao sul de Neuville e perto da estrada de Lille. Registaram-se tambem algumas acções de artilharia na região de Roye e no valle do Aisne, onde tinhamos canhoneado as organisações allemãs ao norte de Soissons. O inimigo bombardeou Reims com bastante violencia.

Pela nossa parte executámos um tiro efficaz sobre as trincheiras allemãs deante de Cernay-lez-Reims. Na Argonne lucta sempre muito viva com petardos e granadas no conjuncto da linha com a intervenção util da nossa artilharia. No Woevre, ao norte de Flirey, nos Vosges, em La Fontenelle, e na região de Lusse, assim como na Alsacia, no valle de Doller, alguns duellos de artilharia. Durante o dia 25 os nossos aviões bombardearam no Woevre os acampamentos allemães de Pannes e Baussant, onde provocaram incendios nas «gares» e bivaques allemães de Grand Pré, Chatel, Cernay e Fleville. Em Argonne a «gare» de Tegnier e o parque de aviação de Vitry e em Artois a «gare» de Boisleus foram egualmente bombardeadas pelos nossos apparelhos. As operações do bombardeamento feitas de concerto entre os aviões dos exercitos francez, britannico e belga e das marinhas franceza e britannica (total 60 aviões) foram dirigidas contra a floresta de Houthulst, onde foram queimadas varias casas, devido a incendios que se manifestaram. Todos os apparelhos regressaram na noite de 25 para 26. Uma das nossas esquadrilhas lançou sobre a «gare» de Noyon 127 granadas.—(Havas).

No Senado

A nossa victoria d'Africa—O problema das subsistencias—Os acontecimentos do norte, e o orçamento do ministerio da guerra

A sessão abre ás 15 horas, como 25 senadores presentes, presidindo o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Paes de Abranches. Aprovada a acta e lido expediente, o sr. José Maria Pereira, usando da palavra, insurge-se contra o facto de alguns soldados que tomaram parte na acção de Naulila haverem figurado no palco de um theatro de Lisboa.

O sr. ministro da guerra responde que os soldados regressados de Africa não estão sob a sua alçada, accrescentando, porém, que não concorda que os militares figurem em festas, como meio de especulação, apezar de comprehender bem os regosijos manifestados aos heroes de Naulila.

O sr. José Maria Pereira pede ao sr. ministro da guerra que leve ao conhecimento do seu collega da marinha este facto, a fim de se evitar que se dêem repetições.

O sr. Faustino da Fonseca faz a interpellação ao sr. presidente do ministerio sobre o problema das subsistencias. O orador refere-se largamente aos abusos commettidos pelos açambarcadores, lamentando que a situação dos que trabalham não seja por emquanto attendida como deve ser.

Passando-se á ordem do dia, o sr. ministro das colonias lê o telegramma hontem recebido, dando noticia da victoria das nossas tropas em Africa. Os srs. coronel Silveira, Lima Duque e Estevão de Vasconcellos, respectivamente, pelos partidos unionista, evolucionista e democratico, felicitam o paiz por esse motivo.

O sr. ministro da guerra congratula-se tambem pela acção gloriosa dos nossos militares em Africa, salientando a dignidade e bravura que caracterisam o exercito portuguez.

Usam ainda da palavra sobre o mesmo assumpto os srs. coronel Silveira e presidente do ministerio, sendo apresentada uma proposta, pelo sr. Estevão de Vasconcellos, a fim de ser enviado um telegramma de felicitação ao sr. general Pereira d'Eça.

Entra-se em seguida na ordem do dia —orçamento do ministerio da guerra. Na generalidade, o sr. Lima Duque envia para a mesa uma moção identica á enviada pelo seu partido na outra Camara, que largamente justifica, analisando detidamente o orçamento.

A's 17,30 o sr. ministro do interior (Ferreira da Silva) pede a palavra para communicar que um movimento de caracter monarchico se havia tentado no norte do paiz, em Braga e Guimarães, com assalto aos quarteis, corte de fios e dynamitação de pontes como consta de varios telegrammas que lê e cuja leitura já tambem realisou na outra Camara. Profliga tal procedimento. Quem assim ousa fazer no actual momento nem sequer merece o nome de portuguez. Terminará como terminou na Camara dos deputados: a Republica hoje é a Rasão; mas será tambem a força se assim fôr preciso.

O sr. Estevam de Vasconcellos em nome da maioria dá o seu apoio ao governo para que tal estado de coisas se reprima d'uma vez para sempre. Nada de transigencias. Nada de fraquezas. E' preciso acabar e já com os perturbadores da ordem que não são só inimigos da Republica mas sim inimigos confessos da independencia da Patria.

O sr. Lima Duque, em nome dos evolucionistas, e o sr. coronel Silveira pela União Republicana offerecem egualmente o apoio dos seus partidos ao governo

para resolver os assumptos de ordem publica que folgam ver assegurada como affirmou o sr. Ferreira da Silva.

O sr. Lima Duque aguarda o arrefecimento das paixões que possam existir na hora presente para depois analysar o facto como elle deve ser analysado.

E volta-se á ordem do dia: orçamento do ministerio da guerra.

O sr. Daniel Rodrigues requer que se prorogue a sessão até se votar todo o orçamento, o que é approvado.

O sr. capitão Mello e Simas diz que julga mal a distribuição de verbas depois das observações e ensinamentos da actual guerra europeia. Se pudesse, mandaria para a mesa uma proposta substituindo todo o orçamento por outro em que se dissesse apenas que era destinado ao exercito a quantia de tal.

O sr. coronel Silveira analisa tambem largamente o orçamento, com cuja factura e distribuição de verbas não concorda. O exercito—diz—não estava preparado para receber a ultima reorganisação.

No momento de fecharmos o nosso extracto está falando o sr. Celestino de Almeida, devendo usar ainda da palavra os srs. Vasconcellos Dias e Norton de Mattos.

Heroes de Naulila

A sessão de homenagem no Coliseu de Lisboa

Promette revestir grande imponencia a sessão que se realisa depois de ámanhã, ás 13 horas, no Coliseu de Lisboa, em homenagem aos heroes de Naulila e a que se espera assistam o sr. presidente da Republica, o governo, auctoridades civis e militares e os presidentes das duas casas do parlamento.

Usarão da palavra os srs. presidente do ministerio, ministros da guerra, interior e fomento, Alexandre Braga, Sousa Junior, Estevam de Vasconcellos, Antonio Macieira, Leotte do Rego, Ramada Curto, Helder Ribeiro, Albino Vieira da Rocha e Faustino da Fonseca.

O dr. João de Barros escreveu expressamente uma poesia, que será recitada por Henrique Alves. Abrilhantam a festa, a que assistem o capitão Aragão, tenentes Marques e Andrade e as praças que com elles regressaram, as bandas da guarda republicana e dos marinheiros e o orpheon da Tutoria de Infancia.

Exames em outubro

Uma excepção que não se comprehende

O parlamento concedeu a todas as escolas dependentes dos ministerios de instrucção, guerra e marinha, assim como ás que teem autonomia pedagogica, uma segunda epocha de exames em outubro. A todas, não, porque se fez uma excepção: a Escola Medica. A razão por que assim se procedeu não se entende bem, nem mesmo achamos motivo que o justifique.

O caso, porém, deu-se. Os estudantes da Escola Medica appellaram para o senado universitario, que vae reunir sob a presidencia do reitor da Universidade de Lisboa, sr. dr. Almeida Lima. Estamos convencidos de que o senado attenderá a reclamação que lhe foi feita.

E nem razão alguma ha, nos parece, que milite em contrario. Se a perda d'um anno acarreta grandes difficuldades para os paes dos alumnos que frequentam os outros estabelecimentos de ensino, eguaes difficuldades traz aos paes dos alumnos da Escola Medica. Ou não será assim?

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Missão commercial á Grã-Bretanha»

Em volume foi agora publicada a communicação feita á direcção da Associação Commercial de Lisboa pelo seu presidente, sr. Carlos Gomes, acerca da ida da missão a Inglaterra, assumpto de que a imprensa se occupou já largamente.

No boudoir

Banhos de vapor

Entende-se por banhos de vapor os banhos que produzem abundantes suores.

Estes banhos, quer sejam geraes ou locaes, são preciosos auxiliares da belleza e da saude, em virtude de desobstruirem os poros da pelle.

E' sabido que não pode haver belleza sem saude, motivo por que digo que os banhos de vapor são preciosos auxiliares da belleza. São, da mesma fórma, valiosissimos auxiliares da saude porque constituem um poderoso meio de eliminação das substancias mórbidas accumuladas no organismo, origem de todas as doenças.

Alguns medicos aconselham um banho de vapor por mez; no emtanto, é sempre conveniente consultar-se o medico para cada caso especial de doença, porque nem todos os organismos teem a energia sufficiente para resistir á acção enfranquecedora dos banhos de vapor.

A duração d'estes banhos não deve ir além de 25 minutos, e a sua temperatura deverá ser, em média, de quarenta a quarenta e cinco graus.

O banho de vapor mais usado entre nós é o produzido pela agua em ebulição, isto é, que se tem retirado do fogo, em tal estado, na occasião propria do banho; porém, o banho chamado *russo*, toma-se n'uma estufa ou em sitio proximo de uma especie de forno, aquecido a uma elevada temperatura, onde se deve permanecer até se tornar impossivel supportar o calor proveniente do forno.

Este banho é sempre seguido de um *douche* frio antes da massagem.

O banho chamado *turco* toma-se em salas aquecidas, gradual e progressivamente, onde se deve demorar, conforme as prescripções medicas, o tempo necessario para se produzirem abundantes suores.

Todos estes banhos devem ser seguidos de banhos de limpeza, aromatisados.

***

Vamos á nossa correspondencia:

Rosinha dos Vales:—O mal e o bem á cara veem, diz o rifão e é bem certo. E é por existir a certeza d'este adagio, que eu digo á minha amiga serem de todo inuteis os cuidados exteriores, emquanto durar o mal interno: essa terrivel prisão de ventre. Não córe, minha amiga, por vêr aqui assim tratadas as coisas pelo seu verdadeiro nome. Porque não se falará d'esta doença com a mesma simplicidade, com a mesma naturalidade, com que se fala da queda do cabello, da palidez, d'um ataque de tosse ou de uma dôr de cabeça?! Olhe, minha senhora, a prisão de ventre é um enorme inimigo da saude e portanto da belleza. Tome, pois, muito cuidado com essa doença, porque é—note bem—uma verdadeira doença. Para a combater, seja o mais possivel vegetariana, fazendo predominar as fructas na sua alimentação. Coma de manhã, em jejum, um bom cacho de uvas e beba, em seguida, um copo de agua do Luso ou das Lombadas, fria. Muito exercicio e somno reparador. Tratamento local, que n'este caso é apenas um leve auxiliar, lavagens do rosto com agua fria e bastante sumo de limão. Em vez de pó de arroz, use o «Secret Pompadour» que não lhe estragará a pelle, occultando-lhe bem as manchas, dando-lhe um aspecto de maior frescura.

***

Mariasinha:—A caspa oleosa desapparecer-lhe-ha com o meu tratamento—tratamento que não é nem muito caro, nem muito prolongado. Para evitar as rugas, use a «Loção Pompadour» e o creme do mesmo nome. Com este tratamento que lhe indico desapparecer-lhe-hão todos os vincos de que se queixa e não se lhe formarão outros.

***

Nini:—Em vista da minha proxima partida para praias, não posso fazer-lhe as maçagens que deseja antes do proximo mez de outubro.

***

A todas as leitoras:—Podem escrever-me para esta redacção; querendo resposta particular mandar-me-hão os seus nomes, moradas e sello de 25 réis (dois centavos e meio).

Maria Conti

Horario de trabalho

Os officiaes de barbeiro e alguns industriaes não querem que se estabeçam turnos

Para apreciar a circular que ha dias baixou da direcção geral do commercio e industria ácerca da execução do horario de trabalho nos estabelecimentos de barbeiros e cabelleireiros, realisaram-se hontem á noite, como a imprensa da manhã noticiou, reuniões nas associações de classe dos industriaes e dos officiaes, tendo-se dado um conflicto na séde da primeira, que terminou com a intervenção da guarda republicana, havendo ferimentos e prisões.

Resolveu-se que patrões e officiaes reunissem hoje na praça dos Restauradores, a fim de irem reclamar junto do ministro do fomento. Pelas 13 horas, com effeito, já ali se viam muitos barbeiros, augmentando de momento a momento o seu numero. Pelas 13 horas e meia, o sr. Humberto Balde pede socego e pede que todos se conservem na melhor ordem a fim de que os trabalhos sejam coroados de exito.

A circular *em questão não* convem a muitos patrões e a todos os officiaes. E' preciso que seja respeitado o horario em vigor, ou seja abrir todos os dias ás 8 horas da manhã, fechar aos sabbados ás 24, aos domingos e quartas-feiras ás 22 e nos restantes dias ás 20 horas. Termina por propor que se nomeie uma commissão que fale com o ministro do fomento, commissão que ficou composta, por parte dos patrões, dos srs. Pedro Ferreira Rodrigues, Augusto Souza Bastos e José Braz, e por parte dos officiaes dos srs. Humberto Balde, Antonio Mesquita e A Barata, sendo-lhe mais tarde aggregados os srs. Manuel Ribeiro e Massa Pinto.

Continua no mesmo pé o movimento grevista feito pelas costureiras da casa Ramiro Leão & C.ª

De manhã, antes da entrada do pessoal, appareceu nas immediações da fabrica, que está installada na travessa da Pena, á Calçada de Santana, um grupo de grevistas que se dispunham novamente a procurar as suas collegas que não adheriram, não o conseguindo fazer, devido a muito mais cedo ter ido tomar as embocaduras das ruas um piquete da guarda republicana, e policia fardada e á paisana.

Vendo que não podiam conseguir os seus intentos dirigiram-se para a sua associação onde, pelas 11 horas, se constituiu a meza, presidindo a sr.ª Deolinda Sousa Neves, expoz á assembleia não ter querido o director da fabrica assentir em receber as operarias despedidas. Durante a sessão foram recebidas communicações de dois commerciantes que offerecem trabalho ás grevistas.

Pouco depois saiu da séde da Associação uma grande commissão que se dirigiu pela segunda e ultima vez ao sr. Ramiro Leão, para que, segundo dizem as grevistas, se provar que elle não attendeu ás suas reclamações.

Voltam a reunir pelas 21 horas, para tomar conhecimento das *demarches* feitas, e resolverem sobre a attitude a tomar no dia de amanhã.

TOURADAS

Algés.—Na segunda tourada popular que depois d'ámanhã se realisa em Algés tomam parte como cavalleiros Francisco Bento de Araujo e Antonio Natario Junior. Haverá dois turnos de bandarilheiros, cada um com nove lidadores. De «espadas» fazem Luiz Abrantes e Custodio Gonçalves, havendo dois grupos de moços de forcado, sendo um d'elles composto de rapazes do Arsenal da Marinha. Os amadores serão coadjuvados por Luciano Moreira e dois dos seus praticantes. Um dos touros da corrida é lidado á corda, á moda dos Açores, o que constitue uma novidade. Antonio Preto e a sua *cuadrilla* farão dois intervallos comicos.

ULTIMAS NOTICIAS

Perturbações no Norte

Em Braga e Guimarães dão-se tentativas de sublevação de regimentos por parte de elementos civis

Procurámos informações que completassem as que o sr. ministro do interior prestou hoje á Camara sobre os acontecimentos do norte. Soubemos que em Braga, pelas quatro horas da manhã, foi visto um grupo civil junto do quartel de infantaria 29. Perseguido pela policia, refugiou-se no quartel, disparando um tiro contra os guardas. Uma vez ali dentro, os individuos que constituiam o grupo penetraram na caserna da oitava companhia, ferindo com um tiro de pistola o cabo do dia, que offereceu resistencia. Apoderaram-se de algumas espingardas e tentaram depois sahir, sendo presos quatro, um dos quaes é soldado licenceado de artilharia.

Tambem foram presos dois soldados do regimento e mais quatro individuos no governo civil. Encontraram-se no quartel trez bombas e duas pistolas grandes. Já appareceram duas das espingardas tiradas do regimento.

Em Guimarães deu-se tambem uma tentativa de sublevação do regimento de infantaria 20 por parte de elementos civis, que entraram no quartel, ferindo gravemente um soldado e tirando 4 espingardas. Estão presos varios individuos.

Foram cortadas as communicações telegraphicas entre Guimarães e Braga e foi dinamitada a ponte da Trofa. As linhas ferreas foram cortadas no logar de Covas, distante 2 kilometros de Guimarães, n'uma extensão de 50 metros. Para os lados de Braga deram-se outros cortes. Não consta haver perturbações nos outros concelhos do districto de Braga.

Como nota final devemos accrescentar que o governo estava informado, ha muitos dias, d'essas tentativas de perturbação da ordem, que deviam rebentar em varias outras partes do paiz. Tomou as providencias necessarias e, devido a isso, não puderam os agitadores profissionaes alargar a sua rêde de perturbação. Tanto em Braga como em Guimarães o socego era completo depois da prisão dos individuos que fizeram sublevar os regimentos.

Visitas ministeriaes

O ministro da guerra no Deposito central de fardamentos e o da marinha na Manutenção Militar

O sr. ministro da guerra acompanhado pelos srs. capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins foi hoje pelas 9 horas visitar o deposito central de fardamentos, sendo recebido ali pelo director e officiaes ali em serviço que o acompanharam n'uma demorada visita a todo o edificio.

O sr. Norton de Mattos retirou ás 11 horas.

—O sr. ministro da marinha acompanhado do capitão tenente sr. Oliveira Muzanty, 1.º tenente Villarinho e alferes Pacheco, foi hoje visitar a Manutenção Militar.

O sr. dr. José de Castro chegou ali pelas 9 horas, sendo recebido pelo director da Manutenção, sr. Vasconcellos Dias, e officialidade, que o acompanharam n'uma demorada visita a todas as dependencias do estabelecimento. O sr. ministro teve palavras de louvor para o director e officiaes da Manutenção, que classificou de estabelecimento modelar.

Uma conferencia do sr. ministro do fomento com o director da Manutenção

O sr. ministro do fomento acompanhado do chefe do seu gabinete sr. João Palma e do director geral da agricultura, sr. Camara Pestana, foi hoje á Manutenção Militar, tendo conferenciado demoradamente com o director de aquelle estabelecimento, sr. coronel Vasconcellos Dias, sobre a questão cerealifera e o barateamento do pão.

Reclamações operarias

Uma commissão representando a Associação de Classe dos Medidores de Cereaes procurou hoje o sr. governador civil a quem pediu providencias contra o facto da Companhia Nacional de Moagens estar empregando ao seu serviço individuos estranhos á classe, prejudicando-a. O sr. Alfredo Pinto, em nome do sr. governador civil respondeu que ia convidar para segunda-feira a comparecer no governo civil o sr. Carreira de Sousa, a fim de ter com elle uma conferecia.

Uma commissão de «chauffeurs» da Companhia de Carruagens Lisbonenses tambem procurou hoje o sr. governador civil a fim de protestar e pedir providencias contra a forma como a policia applica multas, passando os avisos aos «chauffeurs» quando muitas vezes elles se encontram n'outros locaes ou n'outros serviços. A commissão citou a proposito um caso em que a policia autuou um «chauffeur» na rua Anselmo Braamcamp, quando o autuado estava a essa hora na Agualva, em serviço do sr. dr. Julio de Mattos. O autuado protestou quando recebeu o aviso de 5 escudos, declarando o guarda que se tinha enganado.

O sr. Alfredo Pinto, que recebeu a commissão, respondeu que ia apresentar a queixa ao sr. commandante da policia.

Officiaes da contabilidade publica

Realisaram-se hoje as provas do concurso para os logares de 3.os officiaes da direcção geral da contabilidade publica. O numero de concorrentes era, como dissemos, de 405. Tendo sido excluidos, por não apresentarem os documentos exigidos, 41, ficou o numero reduzido a 364, dos quaes se apresentam hoje a prestar provas 302, tendo portanto deixado de comparecer 62.

O juri foi constituido pelos srs. Silva Bruschy, secretario geral do ministerio das finanças, Malheiros, director geral da contabilidade publica, Antonio Maria Baptista, director dos impostos, dr. Sousa Junior, director das contribuições directas, e Augusto José da Silva, director da alfandega de Lisboa.

Na Camara dos Deputados

Aguas mineraes, actos de monarchismo, acontecimentos do Norte e orçamento da instrucção

Aberta a sessão, o sr. Annibal de Azevedo chama a attenção dos srs. ministros dos estrangeiros e do fomento para factos verdadeiramente extraordinarios succedidos na secção portugueza da Exposição Panamá-Pacifico. O consul de Portugal em S. Francisco da California e os representantes de Portugal na referida exposição, excepto um, teem feito a mais descarada politica monarchica, apresentando-se o primeiro fardado á antiga, com coroa e tudo e com os respectivos enfeites azues e brancos, como se em Portugal ainda não existisse a Republica. Em festas, banquetes e tudo o mais com caracter official, o hymno da carta foi sempre tocado e ouvido de pé, com o maior respeito, por todos os portuguezes, e a «Portugueza» não foi nunca executada *senão duas vezes* e por uma banda composta por compatriotas nossos. Havia, na exposição, um funccionario republicano. Pois foi elle o unico que foi demittido, não obstante os commissariados estrangeiros, de paizes ricos, com largos interesses commerciaes na America, terem de ha muito sido destituidos. O commissario portuguez continua, porém, a vencer vinte dolars por dia para vexar a Republica que lhe paga e se associar a quantas manifestações monarchicas se preparam e se teem realisado em S. Francisco da California. Conhecem os ministros dos estrangeiros e do fomento os factos que acaba de referir e que lhe foram d'ali relatados por pessoa de toda a honorabilidade, pela qual fica em tudo, tomando a responsabilidade de quanto ella affirma. O ministro dos estrangeiros tem de averiguar o que se passou, o do fomento deve reintegrar desde já o funccionario republicano, com os maiores serviços ao regimen.

O sr. ministro dos estrangeiros declara que ignora tudo aquillo que o sr. Azevedo relatou á Camara e accrescenta que fará tudo quanto possa para pôr a claro um caso que reputa da maior gravidade, e que não póde ficar sem o devido correctivo, se fôr verdadeiro. O sr. ministro do fomento, por sua vez, diz que estudará o caso e que procederá com o funccionario demittido como a justiça aconselhar.

O presidente põe em discussão a proposta Costa Junior, para se nomear uma commissão de inquerito ao conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado. Essa proposta é combatida pelo ministro do fomento e defendida pelo seu auctor. A Camara rejeita-a.

O sr. Costa Junior, para o sr. Almeida Garrett, unionista, que regeita.—Assim é que se vota, quando se trata de correligionarios!

O ministro do fomento diz que teve conhecimento de que hontem não se discutiu por não estar presente o projecto creando a inspecção das aguas-mineraes. Quer a camara discuti-o agora? Propõe que o presidente a consulte n'esse sentido. Ha rumores na sala. Desenham-se, das bancadas opposicionistas vagos e inconsistentes protestos. Mas a Camara, consultada, resolve affirmativamente e o projecto é lido na meza. Os unionistas, com o sr. Francisco Cruz á frente, protestam contra a discussão immediata do projecto, o qual deve baixar ás commissões.

Vozes—Leia-se a acta na parte que se refere ao caso!

O sr. Francisco Cruz — Trata-se de aguas mineraes, e as aguas mineraes abrem muito o appetite.

O sr. Ribeira Brava—Requeiro que se leia a acta!

E a acta lê-se, e d'essa leitura consta que o requerimento para o projecto ser enviado ás commissões, feito pelo sr. Joaquim Chrisostomo, foi approvado. Ha' principio de tumulto e a sensação é enorme. O sr. João Ricardo, que secretariava na occasião, dá explicações. Garante, sob sua palavra d'honra, que o requerimento Chrisostomo não foi approvado. E relata como as coisas se passaram. A Camara, porém, que não liga importancia á acta, approvou, sem aclarações, a da sessão d'hontem. O sr. Alfredo Soares, segundo secretario, corrobora as affirmações do sr. João Ricardo. O requerimento Chrisostomo não foi approvado.

Falam ainda os srs Moura Pinto e Mesquita de Carvalho, fazendo o ultimo toda a justiça á meza. O presidente declara que a acta está approvada e que não ha remedio senão acatal-a. O sr. Adriano Pimenta discorda de tal maneira de vêr e entende que a acta deve ser emendada. O sr. Alexandre Braga abunda nas mesmas ideias e diz que não lhe parece que se possa desrespeitar as declarações dos deputados que pela sua honra affirmaram que a acta não corresponde á verdade. Fazer triumphar uma falsidade é tudo quanto ha de mais immoral. Propõe, por isso, que se consulte a Camara sobre se ella ratifica a acta no ponto em que ella é averiguadamente inexacta. O sr. J. Chrisostomo explica como apresentou o seu requerimento, e o sr. Simões Raposo declara que, em prova e contra-prova, o que votou foi o requerimento d'esse deputado. O sr. Adraino Pimenta requer que a acta seja devidamente rectificada no ponto em controversia e que o projecto baixe immediatamente á commissão de saude. O sr. Eduardo de Sousa requer que o projecto vá a todas as commissões que teem de o apreciar e que são «apenas» trez. O sr. João Ricardo requer que se entre já na ordem do dia. O sr. Aresta Branco acha que é um mau precedente tocar n'uma acta depois d'ella approvada. O requerimento Gomes Pimenta é approvado.

O sr. ministro do interior communica á Camara que o governo fôra avisado de que para a noite d'hontem se preparavam movimentos revolucionarios tanto em Lisboa como em varios pontos da provincia. Effectivamente, alguma coisa se deu que veiu justificar os avisos que o governo recebeu. Em Guimarães, por exemplo, o quartel de infantaria 20 foi assaltado, havendo tiroteio, do que resultaram feridos, sendo ao mesmo tempo presos varios assaltantes. A ponte da Trofa foi tambem dinamitada, resistindo. A normalidade, no paiz, é absoluta, não obstante na região entre Braga e Guimarães se terem dado diversos factos anormaes. Em Lisboa, a ordem não foi alterada. Aproveita a occasião para condemnar asperamente o procedimento d'aquelles que assim se insurgem contra o regimen, não para o quererem deitar a baixo, mas para manterem este estado de intranquillidade que é o mais prejudicial possivel, não para a Republica mas para a propria patria.

O sr. Ribeira Brava pergunta ao governo que providencias está disposto a tomar para defender as instituições. A situação é grave e não póde ser disfarçada de nenhuma maneira. O chefe do governo declara que cumprirá as leis existentes e quantas o parlamento votar que sirvam para a defeza da Republica. O sr. Ribeira Brava insiste. O governo tem de falar claro. Attribue o que se passa á fraqueza do poder, que ainda não cumpriu a lei da separação de funccionarios nem deu satisfação ás reivindicações da revolução de 14 de maio. O parlamento está disposto a votar quantas providencias o governo lhe pedir; e, de duas uma, ou o governo faz o que deve fazer ou segue o caminho que tem a seguir. O sr. José de Castro, com grande vehemencia, replica que applicará todas as leis que sirvam para a defeza da Republica e pedirá ao parlamento outras que não possa dispensar. Quanto ao mais o governo composto de velhos republicanos, sabe sempre cumprir o seu dever e, por isso, não precisa que lhe apontem o caminho a seguir. O sr. ministro do interior volta a falar para dizer que infantaria 29 tem a sua séde em Braga e que tanto ali, como no regimento que está em Guimarães, se deram acontecimentos anormaes, immediatamente reprimidos.

Na ordem do dia, continua a discutir-se o orçamento do ministerio da instrucção. O sr. Arthur Leitão envia para a mesa duas propostas de emenda, referentes ao muzeu Machado de Castro, de Coimbra, creando o logar de secretario d'esse muzeu e arbitrando uma gratificação ao director. Estas proopstas eram assignadas pelo ministro da instrucção.

A discussão fica no capitulo terceiro. A' noite ha sessão.

A grande guerra

As operações na França e na Belgica

PARIS, 27.—Communicado official das 15 horas:—No sector ao norte de Arras o canhoneio foi menos violento esta noite, mas foi muito vivo na região de Roye, nos planaltos entre o Oise e o Aisne. Na Champagne, em frente de Ouberidge, em Philipp, foi repellido um reconhecimento offensivo allemão.

Na Argonne houve incidentes de lucta de minas, em que conservamos vantagens.

Nos Vosges, ao sul de Sondernache, rectificámos as nossas linhas e activámos a nossa installação na crista de entre Sondernache e Landersbache, apoderando-nos de algumas trincheiras allemãs. Um contra-ataque inimigo foi completamente repellido.

Durante o dia 26 os nossos aviões bombardearam no Woevre Saint Bouchain e Essey. Na Argonne as estações de Ivoiry e Bougie foram egualmente bombardeadas pelos nossos apparelhos em seguida a uma tentativa dos aviões allemães em Clermont na Argonne, onde as bombas lançadas pelos «Aviatics» não causaram perdas nem prejuizos.

Na noite de 26 para 27 um dos nossos aviões lançou 10 granadas na fabrica de gazes asphixiantes em Dornach. Na madrugada de 27 uma esquadrilha bombardeou a gare e o transformador de Mulhein, no grão ducado de Bade. Todos os aviões regressaram indemnes.—*(Havas)*.

Os italianos contra os austriacos

ROMA, 27.—Official.—Estendemos as nossas posições até Monte Armentera e Monte Saluyio. No valle de Seebach dispersámos um acampamento inimigo. Na região do Alto Isonzo tomámos alguns entrincheiramentos ao inimigo, nomeadamente em Monte Rombom. Os trabalhos proximo de Carso continuam Apesar do fogo inimigo foram installadas numerosas baterias nas novas posições e occupámos mais trincheiras.—(Havas).

Gréve de costureiras

A commissão, acompanhada de todos os presentes, atravessou o Rocio e metteu pela rua Augusta, onde obrigaram a fechar a porta do Salão Cristal, no n.º 135. O mesmo quizeram fazer no Salão Brazil, no n.º 98, mas não o conseguiram por estar á porta o civico n.º 1295 da 2.ª esquadra. A commissão, entrando no ministerio do fomento, encaminhou-se para o gabinete do sr. Correia de Mello, director geral do Commercio e Industria, a quem os srs. Sousa Bastos e Balde pediram para mandar sustar a circular em questão, na qual se diz que os patrões podem ter a porta aberta desde que deem o horario estabelecido por lei ao pessoal. Entendem que tal não pode ser porque muitos dos estabelecimentos pertencem a viuvas, outros a creaturas doentes e outros ainda a não profissionaes, o que daria motivo a haver turnos, representando tal facto grandes prejuizos tanto para os patrões como para os officiaes. O sr. Correia de Mello leu o n.º 13 da lei, o qual lhe não permitte acquiescer ao pedido que lhe é feito. Aconselha-os a dirigirem-se ao parlamento, porque só elle os pode attender. A commissão retirou, declarando alguns dos seus membros que se não responsabilisavam pela manutenção da ordem e que não voltavam ao trabalho emquanto não fosse attendida a sua reclamação. Dirigiram-se em seguida para o parlamento a fim de se avistarem com o sr. ministro do fomento, nada de anormal tendo occorrido no trajecto.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro do fomento conferenciou hoje demoradamente o sr. Mello e Souza, presidente do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

—O conselho de ministros, esta manhã reunido no ministerio da marinha, occupou-se dos ultimos successos de Angola, da questão das subsistencias e de assumptos de administração publica.

Festas associativas

Na séde da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 9 realisa-se depois d'ámanhã um sarau á franceza promovido pelos alumnos da aula de dança e dedicado aos socios e suas familias.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

COLOMBINE

A illustre escritpora hespanhola D. Carmen de Burgos, «Colombine», foi hoje de manhã recebida pelo sr. ministro dos negocios estrangeiros. Acompanhada pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio visitou as duas casas do Parlamento e, depois, por uma concessão especial de Columbano, director do Muzeu d'Arte Contemporanea, ainda em preparativos, percorreu as salas d'aquelle repositorio das modernas producções dos nossos artistas.

D. Carmen de Burgos tenciona retirar na terça feira para Madrid, onde é chamada a tomar parte no jury de exames na Escola Normal. Na segunda feira, á illustre escriptora será offerecido um passeio fluvial, tendo o sr. ministro do fomento cedido um dos vapores dos caminhos de ferro do Sul e Sueste. A bordo haverá uma pequena festa, em honra da distincta escriptora, organisada pela redacção de «A Capital» e com o concurso de varios admiradores da nossa actual visitante.

A casa «A Brazileira» offereceu o serviço de café, aos excursionistas, devendo a mesa ser adornada com flores, cedidas pelo «Jardim do Chiado», propriedade do florista-horticultor Sanches. A decoração será feita sob a direcção de Augusto Pina.

Para essa festa, a casa Viuva Gomes, de Collares, offereceu o seu magnifico «Remisco» e a fabrica de xaropes de Abilio Simões Ferreira, da rua de Santo Antão, poz á disposição dos organisadores da excursão os seus productos para a confecção dos refrescos.

O passeio fluvial, entre Sacavem e a Torre de Belem, effectua-se das 19 ás 21 horas, tomando parte n'elle as pessoas com quem D. Carmen se relacionou n'esta cidade.

NOTAS MUNDANAS

Com a sr.ª D. Helena de Castro Pereira (Lagoaça) casou no Porto o sr. Sebastião Arthur Mendonça Arez.

—Realisou-se em Lobão, Tondella, o casamento do sr. José Peixoto de Alarcão, alumno da Universidade de Coimbra, com a sr.ª D. Maria de Lourdes da Costa Cabral e Abreu, de Fornos de Algodres.

—Estiveram em Vizeu, com pouca demora, os srs. dr. Manuel Alegre e Arthur Costa e filho e sobrinhos, que regressaram á Serra da Estrella, onde se encontram veraneando.

—Regressou de Coimbra o sr. capitão Maia Pinto, chefe do gabinete do sr. ministro das colonias.

—Segue hoje do Porto para Aveiro o sr. dr. Luiz de Magalhães.

—Encontra-se incommodado de saude o sr. visconde de Pindella, que regressou das Pedras Salgadas á sua casa em S. Thiago da Cruz.

—Está na Granja com sua familia o sr. dr. Jacintho Candido.

OBRAS DE ARTE

No dia 28 deve reunir-se a assembleia geral da Sociedade Nacional de Bellas Artes. A direcção deseja que os socios compareçam com uma hora de antecedencia para se apreciar o corte que se pretende fazer no orçamento, relativo á verba para compra de obras d'arte.

«A FONTE»

A fundição do bello trabalho «La source», da esculptora portuense D. Maria da Gloria Ribeiro, adquirido pela camara municipal, vae ser feito em Lisboa, pelo systema de cera perdida, encarregando-se da tarefa os irmãos Venancios.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Vendedores de Viveres a Retalho

Reune em assembleia geral extraordinaria na segunda feira ás 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos: tomar conhecimento e resolver sobre o horario do trabalho no commercio com relação ás licenças de porta aberta, concedidas no governo civil; deliberar sobre a proposta do socio n.º 3, ácerca das vendas ambulantes.

Protecção á infancia

Banhos ás creanças da Junção do Bem

Depois d'amanhã, no comboio das 7,15, segue para Caxias o primeiro grupo de 43 creanças do sexo feminino, protegidas pela instituição de beneficencia Junção do Bem, da freguezia de S. Nicolau.

A direcção assiste á inauguração dos banhos, indo no mesmo comboio. Amanhã é feita a distribuição de bibes.

A direcção recebeu dos srs. Hornung & C.ª, 30 kilos de assucar, Joaquim José da Cunha, 5/2 de manteiga, e A. J. Iniguez & Iniguez, todo o cacau que se consumir durante os banhos.

Muito nos penhorou o gentil offerecimento, tomado por iniciativa das creanças da Junção, de um bilhete para uma das creanças nossas protegidas, offerta que agradecemos.

Festas no Pragal

Começam ámanhã, prolongando-se até segunda-feira, as festas no Pragal, promettendo attrahir grande concorrencia áquelle pittoresco local.

Foram contractadas as bandas de musica da Piedade e as duas de Almada, estando ornamentadas varias ruas da povoação, assim como o largo da Republica.

Nos trez dias haverá concertos, bailes, kermesse, jogo da rosa e illuminação á moda do Minho e a acetilene.

SPORT

A gymnastica nas escolas primarias

A Camara Municipal, na sua sessão de hontem, approvou a seguinte proposta do dr. Corvinel Moreira:

Proponho: 1.º, que nas escolas municipaes de Lisboa, a começar pelas centraes, se restabeleça o ensino da gymnastica sueca ou d'aquella que a sciencia aconselha; 2.º, que seja immediatamente aberto concurso para um logar de inspector, que dirigirá superiormente o ensino da gymnastica e que receberá o vencimento annual de 400$00; 3.º, que a inspecção medica aos alumnos seja feita pelos facultativos da camara municipal; 4.º, que os professores auxiliares cuja nomeação será proposta opportunamente pelo inspector sejam admittidos a titulo provisorio, podendo no fim de um anno, em que tenham revelado as suas aptidões, tornar-se definitiva a sua nomeação. O vencimento mensal d'estes professores auxiliares será de 25$00. E para que se inicie este ensino no começo do novo anno lectivo, sem pesar demasiadamente no orçamento municipal, proponho mais que, transitoriamente, sejam encarregados do ensino da gymnastica aquelles professores de instrucção primaria que nas escolas municipaes, apesar de por esse serviço não terem percebido vencimento algum, nunca abandonaram o ensino da gymnastica. Estes professores, sem prejuizo da gerencia da sua classe de instrucção primaria, exercerão, em commissão, o ensino especial de gymnastica, mediante a gratificação mensal de 15$00. Paragrapho unico, o quadro d'estes professores especiaes e a regulamentação d'estes serviços serão opportunamente apresentados á sancção do Senado municipal.

Esta proposta, estabelecendo concurso, representa uma *fórma conciliatoria*, que «A Capital» aconselhou quando se disse que havia divergencias de escolha do nome para inspector de gymnastica.

Em todo o caso a proposta é differente da que o talentoso camarista dr. Belleza d'Andrade havia feito, *obrigando* o inspector a ser um medico e a fazer juntamente com a inspecção gymnastica a inspecção medica dos alumnos, tudo dentro d'uma verba orçamentada e que é a mesma agora.

Esta differença beneficia o professorado de gymnastica. Ainda bem, porque haverá n'esse *professorado* quem, possuindo competencia technica, possa fazer *mesmo que o medico especialista*. Conhecemos dois ou trez professores que estão n'essas circumstancias, isto é, as de não serem apenas instructores mas capazes de serem inspectores, que, segundo a proposta, teem de «dirigir o ensino, nomear o professorado e estudar o methodo gymnastico, porque não se obriga a ser o sueco mas esse ou outro que a sciencia aconselhe».

Mas sendo assim...

Como vae o medico e illustrado camarista dr. Corvinel Moreira fazer o concurso? Evidentemente que não o faz documental. E' que as obrigações da proposta, traçadas com o louvavel intuito de conseguir obra acertada, util e patriotica, não podem ser entregues a qualquer mestre de gymnastica ou instructor. São obrigações de dirigente; obrigações de inspector.

E assim...

O concurso tem de ser de provas praticas. Para isso basta que o sr. dr. Corvinel Moreira, ao traçar o programma de concurso, exija aos concorrentes exame de competencia, taes como se exige no estrangeiro aos mestres de gymnastica, como se faz na Suecia para se dar um diploma de professor e ainda mais que o concorrente saiba executar os exercicios apropriados aos alumnos da edade de 7 aos 13 annos, que é mais ou menos a dos estudantes nas escolas pirmarias. E como o concurso não é exclusivamente para professor mas para inspector, o concorrente quando executar o exercicio deve explicar a sua razão; para que serve, os seus convenientes e opportunidade de execução.

E quem formará o jury?

Nós diremos a nossa opinião sobre este ponto.

Notas do dia

Uma festa na Amadora

Na noite do proximo sabbado, effectua-se na Amadora, no «rink» de patinagem dos Recreios Desportivos uma grande festa de sport. Tem alguma novidade esse espectaculo, que noticiado, constitue uma «nota» de interesse, a destacar? Tem. E' uma festa de propaganda, organisada por uma commissão de «sportsmen» lisbonenses, e na qual se fará exibição dos melhores numeros de athletismo pelos melhores athletas amadores.

Assim o programma reune luctadores de greco-romana, de «ju-jutsu», de «box», athletas, equilibristas, argolistas, trapezistas e diz-se que até os dois melhores esgrimistas da actualidade n'um assalto de espada.

* * *

A festa na Praia das Maçãs

E' magnifica a festa que se projecta realisar na proxima quinta-feira na Praia das Maçãs. O seu «mise-en-scene» ha de ser brilhante, se se effectivar o desejo dos organisadores, entre os quaes se encontram os srs. José dos Santos Mattos e Antonio Rodrigues Correia, os infatigaveis e intelligentes benemeritos da Amadora e que até longe levam a benefica acção da sua influencia, Antonio Garcia de Castro, o benquisto proprietario da linda Praia—a mais occidental da Europa. E esses trabalhadores são efficazmente coadjuvados pelo dr. José Pontes, dr. Magalhães Lima, Victor Asselmo, tenente de marinha Costa, Alagoas, etc.

Sabemos que a festa consta d'uma parte athletica, d'um «gymkhana» infantil, d'um concerto musical por uma banda regimental, etc.

A companhia dos electricos de Cintra ao Atlantico tambem vae cooperar, efficazmente, n'este festival, que n'este genero é o primeiro que se realisa na região de Collares.

* * *

A tal resolução da União Velocipedica

Recebemos a seguinte carta, que é interessante, bem explicita e dispensa commentarios. Assigna-a um homem que tem meios de fortuna e que, consequentemente, pratica o sport, por seu divertimento favorito: «Tendo lido com verdadeiro espanto uma nota official, da União Velocipedica Portugueza, publicada nos jornaes de hoje, 25 do corrente, na qual a direcção d'aquella Federação me confere a classificação de profissional, venho por esta fórma emprazal-a a provar em publico quaes os actos por mim praticados que em face dos seus regulamentos me collocam n'aquella situação.

Para que a mesma direcção não aproveite o subterfugio sem nexo de que eu troquei por dinheiro qualquer dos premios por mim ganhos nas corridas effectuadas nos dias, 4, 18 e 25 de julho p. p. no Stadium de Lisboa, acham-se estes em exposição no estabelecimento do ex.mo sr. Manuel Ferreira, praça dos Restauradores.

Sem por emquanto querer apreciar a correcção, lealdade e criterio com que a alludida direcção toma resoluções em assumptos d'esta gravidade, fico aguardando o seu procedimento, convicto, porém, que continuará no «brilhante» caminho que vem percorrendo.

Agradecendo antecipadamente a publicação, sou—De v. etc.—Antonio Francisco Marques.—s/c R. S. Bernardo, 57.

* * *

Bons inicios da Associação de Foot-ball

Recebemos a seguinte carta:—Sr. director do jornal «A Capital».—A direcção da Associação de Foot-ball eleita em 3 de agosto para a epoca de 1915-1916, ao tomar posse dos seus cargos em 19 de agosto corrente:

Sauda todos os clubs filiados na Associação e faz-lhes notar o maximo desejo de que se acha animada de manter com todos elles as mais estreitas relações desportivas esperançada em que do mutuo auxilio que se prestem nasça e se fortaleça uma phase brilhante do foot-ball nacional; e bem assim sauda com o mesmo espirito de lealdade e consideração a imprensa desportiva da capital de quem espera continuar merecendo as attenções anteriormente dispensadas a esta associação elevando assim a sua nobre missão de propaganda e trabalhando conjuntamente no desenvolvimento e enraização do jogo de foot-ball.—Saude e fraternidade.—O secretario, José Ramos Ferreira.

* * *

Um caso grave

Sobre a nossa banca de trabalho appareceu a seguinte nota:

«A empreza do Stadium de Lisboa, lamentando a orientação tomada pela U. V. P. e considerando que a exploração do velodromo só representa um prejuizo e portanto sacrificio e ainda a obriga a luctar contra más vontades e exigencias, resolve fechar a parte velocipedica e não dar mais festas de caracter ciclista. O proprietario—José Holtreman Roquette.

Que será?

Não ha duvida que este procedimento do sr. José Alvalade represente um duro golpe, quasi mortal, na velocipedia portugueza. Mas talvez haja motivos...

Noticias

Entre nós

A final do Water-polo

O desafio mais emocionante do campeonato de water-polo organisado pelo Club Naval é, sem duvida, o que põe frente a frente os mais fortes dos «teams» inscriptos, ambos sem derrota alguma, o primeiro dos quaes sustentou todo o torneio sem vêr as suas redes furadas por um unico «goal».

E' *enorme* a affluencia de pessoas pedindo bilhetes de convite, tendo a direcção do Club Naval resolvido que a entrada no seu caes fosse franca para todos poderem assistir a este sensacional desafio, sendo reservada a séde do club para as familias dos socios que desejem ver este «match» de water-polo».

O Club Naval tem a sua linha constituida por Arnold Stocker, Ryder da Costa, Carlos Moura, Oliveira Duarte, Thomaz d'Aquino, Dias da Silva e N. N. e o Club Internacional pelos srs.: Carlos Sobral, Boaventura Bello, Duarte Bello, Frederico Soares, Henrique Galvão, Figueiredo e Leotte do Rego.

O «keeper» do Club Naval, Joaquim Oliveira Duarte, vem propositadamente das Caldas da Rainha, onde se encontra a veranear, devendo chegar no proximo sabbado de manhã.

Missão Scouting

Mandou já vir do Porto o seu equipamento do estylo mais moderno de campanha e registou grande numero de adhesões tanto da capital como das provincias, sendo algumas valiosissimas.

Deve ficar hoje definitivamente resolvido o programma da grande festa de despedida que deve revestir de grande imponencia, sendo talvez a primeira vez em que se verão reunidos todas as associações de escotismo e aduanismo em Lisboa para prestar *homenagem* a uma causa justa. Tem recebido bastantes pedidos de bilhetes e previne que particularmente se devem dirigir ao secretario sr. Delfim Teixeira, largo de Santo André, 5, 2.º, para marcarem desde já os seus logares.

Occidental Sport-Club

Por ordem do presidente da assembleia geral d'este club é convocada a mesma para reunir no proximo dia 31 do corrente, pelas 21 horas. A ordem do dia é: Apreciação dos trabalhos da direcção.

Festas em Cascaes

E' a seguinte a relação dos sportmen que o Atheneu Commercial de Lisboa apresenta a disputar os numeros de maior valor sportivo da festa que se realisa depois d'ámanhã na cidadella de Cascaes.

Luta: Antonio Pereira, campeão de Portugal em todas as categorias; Antonio Neves, campeão de Portugal na sua categoria de medios A, nos ultimos dois annos; Homero Alves, campeão de Portugal na categoria de leves, que luctará com Antonio Pereira; José da Silva Carvalho, campeão de Portugal da categoria medios B, que luctará com Antonio Neves; Arthur Trindade, o mais violento luctador da sua categoria.

O campeão de Portugal da categoria pesados não luctará por se encontrar doente, entretanto assistirá á festa e fará a sua apresentação no desfile.

Tracção á corda: Ernesto Santos, Antonio Neves, Annibal Silveira Mascarenhas, José da Silva Carvalho, Manuel Francisco d'Abreu Junior, Antonio Montez, Homero Alves e Antonio Marcelino.

Box: Bazilio d'Oliveira, que fará um assalto demonstrativo com Placido Monteiro, tambem campeão de Portugal na sua categoria.

Esgrima de espada: Antonio Montez com o seu condiscipulo Pinto dos Santos, e em esgrima de sabre Antonio Montez, com um forte esgrimista d'esta arma, de Cascaes.

Saltos em comprimento com e sem balanço: José Marques Ribeiro e Antonio Ferreira da Costa.

Saltos em comprimento com balanço: Abel Ferreira.

Estafetas, 300 metros: José Marques Ribeiro, José Francisco Araujo, e Antonio Ferreira da Costa.

Jogo de pau: Antonio Montez com o seu companheiro d'este jogo Arthur Rodrigues.

Pesos e alteres: Antonio Pereira, campeão de Portugal, que fará alguns exercicios seus predilectos.

A NOVA POLICIA

Considerações sobre a projectada reforma

A annunciada reforma da policia, para que não fique tudo peor do que está, exige naturalmente despezas importantes. Se obedecesse apenas ao proposito de distribuir por determinadas pessoas os logares principaes, tornar-se-hia inutil. Assim como se substituiu o pessoal maior de investigação depois do 14 de maio, assim se poderá substituir o restante.

Ora cumpre olhar, muito attentamente, para o pessoal menor: chefes, cabos e guardas. Grande parte d'elle está inutilisado e dado na propria ordem do corpo, depois do respectivo exame medico, como apto apênas para serviço moderado e isto por não haver verba para aposentações.

Eleva-se a algumas centenas o numero de individuos que se encontram completamente inutilisados para o serviço. D'aqui o ser indispensavel consignar na reforma a verba necessaria para aposentar todos os incapazes, incluindo os homens já gastos e velhos no serviço e que, embora ainda relativamente validos, não podem ser approvados no exame de provas publicas a que todos, pela reforma, teem de ser submettidos.

E nem mesmo o contrario se podia admittir, pois seria um absurdo fazer uma reforma de policia sem o aproveitamento de gente nova.

Assim, não é exagerado calcular que, dos 1:800 e tantos homens que a policia tem, 300 teem de sahir por incapacidade phisica, e, pelo menos, mais 500 ou 600 por não poderem satisfazer ás provas a que são submettidas.

Supposto que só sahissem 300 dos primeiros e 300 dos segundos, e calculando ainda que a aposentação de cada um só seja de 50 centavos diarios, ha que contar com uma verba annual superior a 50 contos.

E não se diga que os reprovados no concurso podem continuar a fazer serviço nos termos que na proposta se indicam. Não. Essa reprovação tirar-lhes-hia todo o prestigio e toda a força moral para bem desempenharem o serviço.

N'uma corporação de mais de 1:800 homens, ninguem dirá que seja demais separar 300 por inhabilidade phisica, e outros tantos por não satisfazerem ao exame. O peor é que a reforma não augmenta, antes diminue o numero de pessoal menor existente, o que por egual não póde admittir-se.

Urgentissimo se torna tambem augmentar, e muito, o numero d'este pessoal. Deve, pois, contar-se com a verba precisa para semelhante augmento. Mal ficariamos se os legisladores não attenderem a ambos estes pontos. Augmentar, e augmentar em grande numero, o pessoal maior, diminuindo o menor, não faz sentido.

O caminho de ferro da Guiné

deslocaria para Bissau quasi todo o transito das mercadorias do «hinterland» francez

A Guiné Portugueza é, como se sabe, de todas as nossas colonias a mais bem dotada de meios naturaes de communicação. Os inumeros rios e canaes que a sulcam em todos os sentidos são outras tantas estradas por onde os productos do interior podem facil e economicamente ser drenados.

Não obstante, a necessidade de um caminho de ferro que, partindo do Bissau, fosse entestar em Cadé, no territorio francez, é manifesta se attendermos a que d'essa região riquissima são os productos difficilmente exportados por via terrestre atravez do longo percurso de perto de dois mezes até Boké, e d'ahi embarcados na foz do rio Nuno, que está longe de possuir os attributos indispensaveis a um bom porto.

N'estas condições, trata-se de constituir uma companhia com capitães francezes para obter a concessão de um caminho de ferro que, partindo de Cadé, proximo do estreito oriental da nossa fronteira, viesse a Bafatá e d'ahi, bifurcando, fosse entestar por um lado em Bissau, e por outro em Bambayá, no continente fronteiro á ilha de Bolama. A concessão, a ser feita, se-lo-hia nos termos do decreto de 27 de novembro de 1902, isto é: seria uma companhia portugueza com séde em territorio portuguez.

Não consta que o peticionario tenha sollicitado qualquer concessão de terrenos, mas, devendo a linha projectada ter cerca de 250 kilometros de extensão, a concessão de um kilometro alternadamente em cada lado da via ferrea daria 25.000 hectares—ou seja o mesmo que foi concedido ao dr. Matheus Sampaio e ao subdito inglez M. Hacokins.

Todo o trafico que actualmente se faz pelo trilho de caravanas Cadé-Dancoum-Bokó passaria a ser feito pelos nossos portos, accrescendo que só em futuro muito affastado a linha portugueza viria decerto a ligar-se com as linhas francezas do Konakry e de Dakar ao Niger, que serão sempre percursos muito mais longos e portanto mais dispendiosos.

A' pessoa que nos fornece estas informações perguntámos se não seria preferivel que o citado caminho de ferro, cuja necessidade e vantagens nos parecem evidentes, fosse antes construido por conta do Estado. Respondeu-nos:

—Não creio. A construcção por conta do Estado seria realmente preferivel se a situação financeira da Guiné o permittisse, mas os cofres da provincia estão a tal ponto exhaustos que o proprio funccionalismo se encontra em atrazo de vencimentos. Creio por isso que o Estado tem utilidade em fazer a concessão, salvaguardando, como é mister, os seus interesses n'um contracto muito claro e sem sahidas falsas.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—As pilulas de Hercules.

POLITEAMA—A's 20,45 e 22,45—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Os saltimbancos.

Boatos e informações

No Coliseu dos Recreios, em recita d'accionistas, cánta-se hoje *A viuva alegre*. A'manhã sóbe á scena a opera-comica *Os saltimbancos*, que obteem sempre entre nós exito extraordinario. Na segunda-feira, em recita da moda, *O conde de Luxemburgo*, e na terça-feira a *première* de *A menina do cinematographo*, opereta completamente nova em Portugal.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Sonho guerreiro—Artistas de verão.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Festas associativas

Na Academia Recreio Artistico continuam ámanhã as festas commemorativas do 60.º anniversario, havendo sarau dramatico, seguido de baile que terminará por *cotillon* marcado pela sr.ª D. Rosa Santos e sr. Alfredo Cavalheiro. No domingo, *soirée* dançante e *tea* ás senhoras.

PEQUENAS NOTICIAS

A bordo do vapor *Dhalia*, no entreposto de Santos, cahiu hoje d'uma prancha, da altura de 3 metros, o descarregador Manuel Paes, de 22 annos, morador na rua Vieira da Silva, 30, que fracturou o craneo. Operado do trepano no hospital de S. José recolheu á enfermaria 4 em estado grave. E' natural d'Arouca e vivia com Maria José, de quem tem um filho.

lhantes e não será exaggero dizer que todos os officiaes indios sob as suas ordens o conheciam por com elle terem servido anteriormente.

Desde 25 d'outubro a divisão de Lahore, excepto os dois batalhões que estavam apoiando a cavallaria, entrára em combate auxiliando a 7.ª brigada do segundo corpo, que luctava em redor de Neuve Chapelle.

Sir Maurice de Bunsen, embaixador inglez em Vienna d'Austria, ao ser declarada a guerra

A linha occupada pelo corpo indio era alvo d'um constante bombardeamento da artilharia pezada do inimigo, a que se seguiam ataques de infantaria.

O dia 28 d'outubro ficará memoravel nos annaes do exercito indiano. Foi a primeira vez que tropas indias mostraram a sua valentia em terra europeia. Foram mandadas tomar parte n'uma offensiva contra uma forte posição guarnecida por uma força do exercito regular da maior potencia militar da Europa. Corresponderam esplendidamente. O objectivo era a aldeia de Neuve Chapelle, posição de grande importancia tactica.

As trincheiras inglezas apresentavam uma certa saliencia e podiam ser varridas por fogos de enfiada. O regimento de Seaforths tinha estado especialmente exposto e tivera grandes perdas. Era necesario tomar a aldeia e fortalecer ahi a linha. A missão foi commettida ao 47.º sikhs, ao 9.º de infantaria de Bhopal, a duas companhias do 3.º de sapadores e mineiros de Bombaim, juntamente com a 7.ª brigada britannica.

Essas tropas avançaram sob um fogo terrivel de fuzilaria e de metralhadoras, varreram a aldeia e occuparam-na. Sir John French, no seu relatorio de 20 de novembro, faz menção especial d'essa acção e do valente procedimento das tropas indias, que se distinguiram no ataque.

A 4 de novembro o «Bureau Press» no seu communicado dizia que as tropas indianas haviam começado a tomar parte nas operações da força expedicionaria britannica. Era a primeira referencia official ao contingente desde o seu desembarque em Marselha. A aldeia a que se fazia referencia era Neuve Chapelle. Os indios avançaram com um impulso e uma resolução dignos das mais altas tradições do exercito. Foram tambem louvados pelo sangue frio que mostraram sob o fogo da artilharia. Um dos primeiros regimentos a entrar em acção foi bombardado violentamente emquanto se estava entrincheirando.

Um official que estava presente notou especialmente a indifferença dos homens durante essa—para elles—nova experiencia. Depois do combate, sir James Willcocks recebeu o seguinte telegramma do commandante em chefe: «Digne-se felicitar as suas tropas indianas pelo seu valoroso procedimento e expressar-lhes a minha gratidão».

O commandante do corpo sob cujas ordens as primeiras unidades que entraram em combate tinham estado collocadas temporariamente tambem mandou um caloroso telegramma de congratulação e agradecimento.

O 47.º de sikhs mencionado por

ambulancias e mandados para a fronte da batalha. Tilak, que já duas vezes havia sido deportado por causa de movimentos politicos, presidindo a um comicio em Poona, declarou que era preciso apoiar o governo em todas as medidas que elle tomasse. «A presença dos dirigentes inglezes—disse elle—é necessaria, mesmo sob o ponto de vista do interesse proprio dos indios».

A chegada do corpo indiano a Marselha marca epocha na historia. Episodio algum n'esta extraordinaria guerra foi mais notavel ou, para os bretões, mais inspirador do que a presença de tropas indianas no continente europeu. Para a India esse acontecimento foi ainda, se tal é possivel, da maior importancia. A marcha dos seus filhos pelas ruas de Marselha foi uma especie de iniciação. Um phantasma que entenebrecia o seu prestigio fôra arredado. Invisiveis barreiras haviam sido despedaçadas. Novas perspectivas se abriam na sua frente.

Aquella quente manhã de setembro em que uma interminavel linha de transportes foi avistada, ao romper d'alva, nas alturas do castello d'If e das ilhas de Pomique e Ratonneau, será por muito tempo rememorada em Marselha. Diariamente, durante dois mezes, as ruas tinham resoado com os passos d'um mixto de raças—zuavos e turcos da Argelia, mouros de Marrocos com os seus turbantes, negros do Senegal e uma multidão de differentes unidades do sul da França—mas a recepção feita pelos marselhezes aos indios excedeu todas as outras em espontaneidade e enthusiasmo.

O desembarque durou quatro horas. As tropas atravessaram as ruas no meio d'uma multidão compacta que accorrera a saudal-as por entre os brados de «Viva a Inglaterra!» «Vivam os indios!» As raparigas cobriam-nos de flôres, pregavam-lhes rosas nas tunicas e nos turbantes, ao mesmo tempo que bandeiras tricolores lhes eram distribuidas a esmo.

Um mez depois chegava a divisão de cavallaria indiana e, depois do desembarque, durante um mez pouco se ouviu falar no contingente indio. A necessidade de se aclimatarem, mil cuidados que era necessario dispensar-lhes, o tratamento dos cavallos apoz a viagem feita por mar, tudo isso fazia com que ficassem na reserva. O continuo silencio e mysterio ácêrca dos seus movimentos levaram os allemães que estavam na linha de fogo a consideral-os um mytho ou a pensar que tinham sido mandados embora, como um dos seus jornaes disse, illusão que em breve ia ser dissipada rudemente.

Na Inglaterra a mystificação augmentára na ultima semana de outubro pela apparição das baterias de montanha indias na Nova Floresta, o que levou enorme numero de motocyclistas e pedestrianistas ao seu acampamento. A impressão que causaram em todos os que ali foram era magnifica e quando começaram a circular as narrativas das proezas que faziam em França ninguem se admirou.

De Marselha, o contingente indio seguiu para Orleans. Houve um longo periodo de repouso entre a sua chegada ahi e a sua marcha para a fronte. A demora deve ter sido devida especialmente ás experiencias feitas com essas tropas que estavam anciosas por conhecerem bem as condições, para ellas completamente novas, do modo de guerrear. A India tinha as suas tradições, mas não conhecia os campos de batalha scientificos do seculo XX. Ninguem conhecia melhor a tempera dos seus soldados que o seu general, que no dia 10 de outubro fez publicar em ordem do dia uma proclamação dizendo que em breves dias iam entrar em combate e que se lembrassem que toda a India tinha fitos n'elles os olhos.

Passou ainda uma quinzena antes dos indios ouvirem o troar do canhão.

Os primeiros quatro principes indios que desembarcaram em solo francez foram todos rajupts: os maharajas de Jodhpur, Bikanir, Kis

shengarh e sir Pertab Singh de Idar. Depois veiu o joven maharaja de Idar, o filho adoptivo de sir Pertab Singh, em quem abdicára para se tornar regente de Jodhpur. Sir Pertab é um dos mais famosos guerreiros indios e prestou grandes serviços á corôa britannica. Serviu no estado maior dos generaes commandantes tanto na expedição Mohmund de 1897 como na campanha de Tirah em 1898. Em 1900 foi com a força ingleza para a China, commandando os lanceiros de Jodhpur. Sir Pertab tem mais de 70 annos e veiu á Europa com a intenção, que confessou, de ter a morte digna d'um soldado.

«Morrer em combate não é morrer»—dissera elle. O neto de seu irmão, o maharaja Soomair Singh de Jodhpur, e o filho de sua irmã, Kanwar Prithi Singh de Bera, vieram com elle, assim como tres de seus sobrinhos e muitos nobres no seu regimento. O maharaja de Kishengarh tambem se juntou ao seu alliado, vendo-se nas fileiras muitos indios de nobre estirpe.

O joven maharaja de Jodhpur, rapaz de dezesete annos, trouxe comsigo os famosos Sardar Rissala, homens de baixa estatura, grandes cavalleiros, manejando tão bem a espada como a lança. Foram esses os primeiros corpos do serviço imperial a desembarcar na Europa. Os lanceiros de Patiaba e a infantaria de Jind foram deslacados para a Africa Oriental; o corpo de cameleiros Bikanir para o Egypto, onde o seu valor foi em breve posto á prova n'um recontro em que foram atacados por forças muito superiores, que derrotaram.

O contingente de Jodhpur foi aboletado n'um castello senhorial das margens do Loire. Imagina-se de certo como os exercicios dos lanceiros no parque attrahiram os curiosos da cidade. Em todas essas semanas Orleans foi um extranho mixto do Oriente e do Occidente. A população, vestida de preto, dirigia-se para a cathedral, para ahi orar pela victoria dos alliados, ou amontoava-se ás esquinas das ruas commentando as ultimas noticias, quande de subito no meio da multidão um regimento indio passava, causando admiração e provocando commentarios como os seguintes: «Aquelles hão de fazer dançar o kaiser», ou então «São realmente rapazes solidos e robustos». Europeus e indios formavam uma multidão variegada, devido aos trajes dos ultimos, cujos turbantes se destacavam, pelas suas côres berrantes.

Nem todas todas as tropas indias que sahiram de Karachi e Bombain, como dizemos, desembarcaram em França. Muitas foram mandadas para a Africa Oriental. A entrada da Turquia na lucta tornou necessario mandar outras para o canal de Suez, para o golpho Persico e para o Mar Vermelho.

Coisa alguma durante a guerra foi demonstração mais cabal da dedicação dos indios á Inglaterra do que o desprezo do elemento musulmano pela intriga allemã. Quando a Turquia entrou em scena, os allemães esperavam um levantamento do islamismo e uma demonstração em força contra os alliados. Esperavam uma rebellião mahometana no norte da India, sendo a guerra santa prégada em todas as mesquitas desde Cawnpore até Peshawur, e que um exercito fanatico de crentes se dirigiria contra a fronteira espalhando o incendio na Persia e no Afghanistan.

Emissarios da Turquia, segundo elles acreditavam, tinham já preparado o terreno para a conflagração e noticias ácêrca da guerra santa eram affixadas em letreiros em frente das trincheiras guarnecidas por indios ou espalhadas entre as tropas britannicas por proclamações lançadas de aeroplanos.

A resposta dos musulmanos foi um amargo desengano para as aspirações allemãs. Em todas as mesquitas da India preces se faziam pelo successo das armas britannicas. O rei do Afghanistan declarou-se neutral. As associações politicas musulmanas denunciaram como impia a alliança da Turquia, os jornaes mahometanos, que em tempo

de paz atacavam com vehemencia a administração, incitavam as suas communidades a permanecerem leaes á corôa. O Sheikh-ul-Islam do Egypto e o ulema principal aconselhavam todos os mahometanos egypcios a conservarem-se em paz e socego.

No Egypto, os soldados inglezes musulmanos eram saudados pelos seus correligionarios, que com elles conversavam, como a coisa mais natural do mundo, sobre o terem de ir para o Oriente combater com os turcos.

Dois annos antes, se se dissesse a um musulmano que tal coisa havia de acontecer, elle não a quereria acreditar. Quando a suzerania da Italia foi reconhecida em Tripoli, quando a séde do califado foi ameaçada pelos Estados balkanicos, uma onda de resentimento pela invasão da Turquia e pela supposta sympathia da Inglaterra pelos aggressores se espalhára pela India musulmana. E a Inglaterra não ter intervindo nas luctas da Turquia havia sido considerado como uma prova de hostilidade.

Era, pois, para surprehender Berlim o que se passava na India. O mesmo hospital de sangue que havia sido mandado para a Turquia durante a guerra balkanica era agora offerecido pelos musulmanos de Delhi á força expedicionaria india que seguia para França. E todos os mahometanos da India se conservaram leaes á Inglaterra.

As primeiras tropas indias que entraram em combate com os turcos foram, como no capitulo anterior descrevemos, o corpo de cameleiros dos Bikanir, tropas de serviço imperial, que tinham já prestado serviço na China e na Somalilandia. A 20 de novembro, o capitão Chope e o tenente Mohammed Anis com vinte homens estavam de patrulha entre Bir-el-Nuss e Katia, a leste do canal de Suez. Foram atacados tres vezes. Os primeiros dois ataques foram repellidos facilmente. A' terceira vez foram atacados nos dois flancos por grandes massas de cavalleiros. O capitão Chope retirou, apeando-se os seus homens, que faziam fogo quando se offerecia occasião opportuna, ao passo que o inimigo atirava a cavallo. O tenente Mohammed Anis foi ferido, mas um dos homens collocou-o atraz de si no camelo e levou-o. Infelizmente ambos foram mortos. O capitão Chope conseguiu alcançar a companhia que o apoiava e perdeu quinze homens, doze mortos e tres feridos.

A extensão da linha em que as forças do exercito indio estavam operando póde avaliar-se bem, dizendo que no mesmo dia houve um combate na Somalilandia e que quasi immediatamente foi seguido da noticia d'uma victoria na Turquia arabe. Ao mesmo tempo as tropas indias guarneciam o leste de Africa e os portos do Mar Vermelho.

Voltemos, porém, á França. A divisão de Lahore chegou á sua area de concentração na retaguarda do segundo corpo inglez a 19 e 20 d'outubro. No dia 22, foi dada ordem a dois batalhões para seguirem para Wulverghem a apoiarem o corpo de cavallaria.

A divisão Meerut chegou pouco depois e occupou a linha do segundo corpo d'exercito, que operava na fronte desde Givenchy, a oeste de Neuve Chapelle, até Champigny. A divisão de Lahore á esquerda estendeu-se desde Champigny para o norte até um ponto a leste de Estaires.

Dois batalhões e meio d'essas brigadas haviam voltado para o segundo corpo quando a brigada Ferozepore se juntou ao corpo indiano depois de prestar apoio á cavallaria mais ao norte.

A brigada de cavallaria Secunderabad chegou á area de concentração nos dias 1 e 2 de novembro, e os lanceiros de Jodhpur chegaram ao mesmo tempo. Estes ficaram temporariamente addidos ao corpo indiano.

O contingente era commandado pelo general sir James Willcocks, cujo conhecimento do exercito indiano e cujos serviços distinctos nas campanhas da fronteira o haviam indicado para tal commando. Poucas vidas de soldados havia tão bri-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOI

N.º 1819 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 28 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

NO SUL DE ANGOLA

O combate de Tchipelongo

Duas horas de fogo — A serenidade e a bravura das forças de marinha

A marcha para o Humbe—O commando e a energia do sr. general Pereira d'Eça

Conclusão da entrevista com o official expedicionario sr. Carvalho Araujo

—Alguns dias depois da companhia de marinha se installar no Tchicusso, continua o sr. Carvalho Araujo, os padres francezes da missão de Tchipelongo mandaram ali pedir soccorro, dizendo-se em vesperas de serem atacados pelo gentio. O primeiro tenente Cerqueira resolveu partir immediatamente, levando tambem a 15.ª companhia indigena, que tinha seguido com os marinheiros para o Tchicusso. A marcha foi admiravel—cerca de trinta kilometros percorridos com enthusiasmo, na ancia de se entrar em fogo. Chegados á missão, Cerqueira seguiu com a sua gente para a libata. O gentio, que estava ahi entrincheirado, percebeu que a força era pequena, sem artilharia, e tomou a iniciativa de atacar, cahindo em grande numero sobre os nossos, que não iam além de 150 homens, entre marinheiros e landins. Não fez o ataque em mangas, como é seu costume, mas sim em ordem dispersa, conservando-se todos abrigados a fazer fogo.

O combate durou duas horas, havendo momentos em que os indigenas dispararam a 50 metros. Foi admiravel a serenidade que os nossos mantiveram. Poucos minutos depois de iniciado o combate ordenou-se que só fizessem fogo os atiradores especiaes, para se aproveitarem melhor as munições. A ordem cumpriu-se a rigor. Em varios lances, tanto os marinheiros como os landins deram provas de extraordinaria bravura. Uma bala passou de raspão no pescoço d'um marinheiro que estava proximo do 1.º tenente Cerqueira. O marinheiro voltou-se para o seu commandante e disse-lhe, com um sorriso:

«—Iam-me cortando agora a respiração...

«E continuou a fazer fogo. Os indigenas tinham distinguido os officiaes pelos chapeus e seguiam a tactica de os visar de preferencia. O 2.º tenente Athayde foi ferido gravemente. O 1.º tenente Cerqueira recebeu quatro balas, mas com tanta sorte que a primeira atravessou-lhe a caixa do binoculo, a segunda bateu na rocha do seu cantil, a terceira furou-lhe o casaco e só a quarta o attingiu na mão, ligeiramente.

«No periodo mais acceso do combate, um indigena approximou-se sorrateiramente das nossas forças, de espingarda á cara. Esperava que a sua proeza animasse os outros a seguil-o, para desfecharem então quasi á queima-roupa, tentando estabelecer entre os nossos a debandada. O 1.º sargento Almeida, rapaz valente, condecorado já com a Torre e Espada, percebeu a manobra e não esteve com hesitações: sahiu fóra do quadrado, de pistola em punho, arriscando-se a ser morto pelas balas dos proprios camaradas, e desfechou sobre o indigena, que cahiu redondo. Tirou-lhe então a arma e voltou para o quadrado.

«Por fim, deu-se uma carga e os indigenas puzeram-se em fuga. A libata foi incendiada e o gado aprisionado, verificando-se que os indigenas tinham tido 50 mortos, entre os quaes 2 sobas e 3 filhos de sobas. Dos nossos, além de dois officiaes feridos, ficaram tambem feridas 6 praças, 4 brancas e 2 landins, um d'estes gravemente. O consumo de munições nas 2 horas de fogo deu a media de 28 cartuchos por cada praça.

«Em meados de junho, epocha em que eu adoeci, o estacionamento do Forte da Cal foi abandonado e as forças concentraram-se na Cahama e no Tchicusso, para preparação da marcha a fim de se retomar o Humbe. O general Pereira d'Eça appareceu no Tchicusso com o seu estado maior, acompanhando a columna, que se compunha do commando do coronel Verissimo de Sousa, tendo por chefe do estado maior o capitão Mascarenhas. D'essa columna faziam parte, além do batalhão de marinha, a 15.ª companhia indigena, do commando do tenente Athayde, o esquadrão de cavallaria 11, commandado pelo capitão Cunha e Costa, a 2.ª bateria de artilharia de montanha, commandada pelo capitão Alfredo Barros, uma bateria de metralhadoras, sob o commando do tenente Azevedo, e o grupo dos auxiliares do herrero Orog. Um total de cerca de 1.200 homens, com 4 peças e 8 metralhadoras.

«Já se esperava que o gentio fraca resistencia offerecesse, depois da lição recebida em Tchipelongo. Assim, as difficuldades d'essa primeira parte das operações ordenadas pelo general consistiram principalmente na falta de agua, nas marchas forçadas feitas sob um sol ardente e na má alimentação das tropas. Apesar d'isso, todas mostravam uma excellente disposição, passando mais tarde a alimentação a ser boa.

«No Humbe já não estava o gentio quando a columna lá chegou. Encontraram-se bastantes quantidades de material e munições abandonadas na retirada de Naulila: granadas, metralhadoras e até uma mala do major Salgado, cheia de cartuchos.

«Ao mesmo tempo que essa columna sahia da Cahama e do Tchicusso para o Humbe, uma outra sahia dos Gambos, constituida por um pelotão de cavallaria, do commando do alferes Novaes, e por um grupo de auxiliares boers commandados pelo alferes Sarmento. O commando geral estava confiado ao sr. Vieira da Rocha. Essa columna teve que incendiar varias povoações, causando ao gentio 300 baixas, em combates, e retomou o forte de Donguena, sem resistencia. O alferes Sarmento fez uma incursão com os boers até Naulila, sustentando fogo intenso com grupos de matos.

«Estabelecido o bivaque geral no Humbe, principiou a reconstrucção do forte. O general regressou então aos Gambos a organisar os preparativos necessarios para se reconquistar o Cuamato e subjugar o Cuanhama. Devo dizer-lhe que, para a boa disposição das tropas, muito contribuiu a energia do sr. Pereira d'Eça. Era elle o primeiro a dar o exemplo da resistencia, da tenacidade arrostando com todas as contrariedades da marcha pelo interior. Acompanhou a columna até ao Humbe sempre a cavallo, apesar de ter um automovel para o seu serviço. E só quem de perto d'elle alguem pronunciasse a palavra difficuldades, para evitar certas resistencias possiveis que já se tinham manifestado bem deploravelmente antes da sua chegada. Depois, o seu estado maior é excellente, recordando-me agora os nomes de Ortigão Peres e Freitas Soares, que, por sua vez, são auxiliados por outros distinctos camaradas.

—E julga facil o exito da acção militar que as tropas estão agora realisando?

—Não. Esse exito ha-de conseguir-se com muita difficuldade. Em primeiro logar, os cuamatos e manhamas são muito habeis, experimentados nas campanhas da sua região. Os allemães instigaram-os á lucta contra o nosso dominio e elles empregarão todos os esforços para evitar a derrota. Teem armas finas e estão bem municiados, possuindo o estimulo que para elles representa a derrota que nós soffremos em Naulila. Depois, as nossas tropas encontram-se n'um terreno difficil para operações militares, com escassez de agua, sem estradas, lutando com difficuldades para a manutenção das linhas de communicação e abastecimentos.

«Estou convencido, porém, de que a energia do sr. Pereira d'Eça e a magnifica disposição das forças que o acompanham conseguirão afastar todos os embaraços. Isto mesmo foi já demonstrado pela victoria que obtiveram recentemente, restaurando, perante o indigena, o prestigio das nossas armas. Mas, para que o nosso dominio se firme definitivamente n'aquellas paragens, ha ainda muito que fazer. Não basta infligir ao indigena uma lição mestra, mostrando-lhe que sabemos castigar todas as suas velleidades de rebellião. Essa lição é precisa, mas não basta. Depois da occupação é necessario deixar fortes nucleos de guarnições espalhados por todo o sul da provincia, especialmente nos pontos onde o indigena é mais dado a revoltar-se. Precisamos repellir, de uma vez para sempre, certos processos de administração que só nos trazem o odio, muitas vezes justificado, do elemento indigena. E é tambem necessario, acima de tudo, levar até ao Humbe ainda o caminho de ferro de Mossamedes. D'esse modo resolver-se-hia não só o problema economico mas tambem o problema estrategico, quanto á nossa occupação militar. A linha ferrea seria ainda um admiravel elemento de civilisação, contribuindo para a pacificação dos rebeldes. Os camions, que prestaram agora excellentes serviços, e os carros alemtejanos são meios transitorios para o estabelecimento de communicações. Dentro de pouco tempo uns e outros estarão arruinados, havendo necessidade de se voltar aos carros boers. Só o prolongamento da linha ferrea representará a solução definitiva do problema economico e militar do sul de Angola.

A questão das farinhas

O governo responde aos representantes da moagem e da panificação

Recebemos a seguinte nota officiosa:

Em grossos normandos e em termos sediciosos, varias firmas, representantes da moagem e da panificação, publicaram declarações, na imprensa periodica, affirmando que vão faltar as farinhas e o pão na capital.

Singular procedimento o d'essas industrias, que, salvo honrosas excepções, sem consideração pelos interesses geraes e sem nenhum patriotismo, vem alarmar o espirito publico e provocar a alteração da ordem com as suas insolitas declarações sobre a supposta gravidade d'uma situação, que, em grande parte, provocaram!

Mas em face das suas revelações tendenciosas o governo desde já torna responsaveis os signatarios pelas perniciosas consequencias, que porventura resultem do seu criminoso alarme, procurando ferir, mais do que o proprio governo, o parlamento. E ainda o governo assegura o publico de que, se, por um lado, considera absurdo que a curtissimos dias das colheitas não exista trigo em Portugal, pelo outro, tomou as providencias energicas que tal especulação reclamava, não consentindo os manejos dos que pretendem tripudiar com o delicado problema das subsistencias.

* * *

Sob o commando do 2.º tenente Carmona, seguiu hoje para a Povoa de Santa Iria uma força de marinha, que vae, a pedido da Manutenção Militar, fazer o policiamento da fabrica de moagens ali existente.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

OS CASOS DO NORTE

Pimentistas e conceiristas

Necessidade de providencias energicas—Uma phrase de Pimenta de Castro—A "Nação" não appareceu...

O novo movimento, de caracter sedicioso, contra a Republica e que, segundo parece, tinha ramificações em varios pontos do paiz, não surprehendeu ninguem. Como os anteriores redundou, miseravelmente, n'um fiasco. As tentativas abortadas de Braga e de Guimarães apenas provaram que nem já n'esses suppostos reductos da fé religiosa e do monarchismo é possivel insurreccionar as populações contra o regimen, por muito intensa que seja a propaganda feita por clericaes, aristocratas e especuladores de varia especie que ainda se não convenceram da inanidade dos seus criminosos manejos.

Malogrou-se, é certo, o movimento, rapida e facilmente suffocado, mas isso não dispensa o governo de proceder com a energia necessaria, do modo a que se evite a insistencia em tentativas que só teem uma explicação: a confiança nas promptas e generosas amnistias que se succedem a todas as perturbações da ordem, mais ou menos graves, provocadas pelos inimigos do regimen.

Os monarchicos hão de querer eximir-se ás responsabilidades que aos seus correligionarios cabem nas occorrencias de Braga e Guimarães, attribuindo as manobras e tentativas de sedição a republicanos adversos ao partido democratico e defensores da dictadura Pimenta de Castro derrubada pela revolução triumphante de 14 de maio. Parece não haver duvida de que taes elementos collaboraram nos casos de Braga e Guimarães, ajudando assim os partidarios do regimen deposto, mas, a não serem inconscientes, esses republicanos deviam estar convencidos de que conspiravam não para levantar mas para abater a Republica.

O sr. Pimenta de Castro gosava das simpathias dos monarchicos que o suppunham apenas uma ponte de passagem para a restauração do throno. Ainda hontem mesmo a *Liberdade*, do Porto, orgão catholico monarchico, desbocado e odiento inimigo do regimen, alludindo ao gabinete Pimenta, dizia não saber se foi elle o mais republicano de todos, comquanto entendesse que havia sido o mais nacional, desde 5 de outubro. A dictadura fazia, com effeito, obra anti-republicana e o dictador, quando a bordo de um navio de guerra, só pensava em obter permissão para se dirigir a Vigo, onde queria erguer a sua tenda junto d'aquelles que n'essa e n'outras cidades gallegas se aquartelaram e armaram com o fim de invadir Portugal.

Vem a proposito referir uma phrase, que reputamos inedita mas que é rigorosamente historica, proferida pelo general Pimenta quando no *Vasco da Gama* ouviu dizer que lhe não permittiriam sahir de Lisboa para se ir installar em Vigo. O general, em cuja phisionomia ao habitual sorriso ironico succedera a expressão de uma vivissima contrariedade, observou:

—E o que dirá o governo hespanhol quando souber que não me deixaram ir para Vigo?!

Era este o grande homem de Estado que os monarchicos desejavam no poder até que... a monarchia se restaurasse! Se tivesse ido para Vigo, o exito da jornada de ante-hontem não teria sido maior...

Ainda os casos de Braga e Guimarães levam a recordar o que se passou quando, após o 14 de maio, o governo sahido da revolução dirigiu uma circular aos differentes corpos do exercito. Como se sabe, esse governo não demittiu official nenhum, em virtude dos factos então occorridos e limitou-se a acceitar a demissão dos officiaes que espontaneamente lh'a offereceram, uma vez derrubada a dictadura, e a transferir outros. A circular a que nos referimos, acatada por toda a parte, apenas o não foi em Braga onde, quando affixada, houve quem malevolamente a rasgasse. Semelhante facto originou a dissolução de um regimento e nada mais se produziu de grave na cidade dos arcebispos até o assalto do quartel do 29, em que os assaltantes, pimentistas, conceiristas *et reliqua*, armados de pistolas e bombas, fugiram ao primeiro rebate...

Proceder-se-ha para com elles de maneira que se animem a novos commettimentos? A comprovada indulgencia dos poderes publicos dar-lhes-ha, mais uma vez, motivos para que se riam dos que se encontram á frente do governo e dos delegados d'este? Os factos o dirão dentro em breve, na certeza, porém, de que a longanimidade usada para com os perturbadores da ordem e adversarios irreductiveis da Republica pode ter lastimaveis consequencias. Ha quem se esqueça dos perigos da intranquillidade interna e sobre-tudo da gravidade da situação internacional, que cumpre não perder de vista.

Resta dizer que o orgão monarchico lisbonense da manhã foi hoje muito procurado pelos que desejavam conhecer as suas informações e opiniões ácerca dos acontecimentos do norte. A *Nação*, porém, não se publicou, ignorando-se os motivos d'esta interrupção. Apenas conseguimos apurar que o numero do amanhã sahirá, mas feito hoje.

A hora gloriosa

São da revista "Não desfazendo..." os versos que em seguida publicamos e que a illustre actriz Palmira Torres primorosamente recita:

A hora ha-de chegar em que a Victoria affirme,
Que não vence ao Direito a astucia dos chacaes!
A Força nada póde onde a vontade é firme,
E se combate em pról de ideias immortaes.

A hora ha-de chegar, a hora da vingança
Pela profanação das vidas e dos bens
E do sagrado chão da Belgica e de França
Regado pela dôr dos orphãos e das mães!

A hora ha-de chegar do acordar perfeito
De quem pôz a sorrir um pranto em cada olhar,
Um crime em cada sitio, um drama em cada peito,
O mal no mundo inteiro e um luto em cada lar!

A hora ha-de chegar! O gládio da Ambição
Ha-de tombar por fim vencido, em mil pedaços...
Nos campos de batalha ha-de florir o pão,
A' officina e ao lar hão-de voltar os braços.

A hora ha-de chegar! O aço das espadas
A' clara luz do sol não mais ha-de brilhar.
Fundir-se-hão d'esse aço as charruas sagradas
Do Progresso e da Paz. A hora ha-de chegar!...

André Brun

"O cigarro do soldado"

Para o *Cigarro do soldado* foi recebida na nossa administração a quantia de 3$835, da caixa collocada na tabacaria do sr. Carlos Marques, rua Aurea, 152.

Uma carta do tenente Marques sobre o combate de Naulila

Do sr. tenente Marques recebemos esta tarde a seguinte carta:

Sr. redactor d'*A Capital*.—Li, nos jornaes da manhã, uma carta do ex.mo sr. tenente coronel Roçadas a proposito das declarações que no seu jornal fiz sobre o combate de Naulila. Ha n'essa carta dois pontos que me cumpre esclarecer a fim de evitar qualquer mal entendido, mas antes de mais nada deixe-me dizer-lhe que confirmo em absoluto tudo quanto *A Capital* publicou e que é a «rigorosa expressão» da verdade.

Declara o sr. tenente coronel Roçadas:

«Na vespera tinha eu dito ao tenente Marques, que commandava as forças do posto, que, apenas ouvisse o fogo, sahisse do posto e avançasse.

O posto em si constituia uma pessima posição militar. Seria um verdadeiro ninho que offereceria ao inimigo, se porventura eu concentrasse n'elle as forças.

Vê-se pelo relatorio do tenente Marques que elle seguiu, a principio, aquella prescripção, mas voltou depois para o posto, em cumprimento, diz, de uma ordem recebida: não a dei, nem nada me consta a esse respeito.»

Naturalmente, s. ex.ª quer referir-se á ordem que, conforme as minhas declarações n'*A Capital*, recebi na vespera do combate para tomar logar na primeira linha ao lado do terceiro pelotão. Cumpri essa ordem, mas pouco tempo depois, o sr. capitão Reis mandou-me novamente regressar ao posto, deixando eu, no logar que devia ser occupado pelo meu pelotão, algumas vedetas de praças apeadas de cavallaria.

Diz ainda s. ex.ª que, na occasião do segundo contra-ataque feito na direcção do posto, do qual affirma ter-se approximado bastante, não viu nenhum dos nossos nem indicios de se estar ali fazendo fogo. Lamento profundamente o facto, mas não tenho culpa alguma de que não tivesse visto nem ouvido. Os mortos que lá ficaram falam por elles e por mim.

Deixe-me agora accentuar que, se algum erro tactico ou acto de valor commetti, é isso de minha inteira responsabilidade, pois nem antes nem durante o combate recebi a mais ligeira indicação verbal ou escripta sobre o que devia fazer. Apenas alguns dias antes me fôra dito que ao meu pelotão, que ficava no quartel, se deviam juntar todos os soldados em serviço no posto logo que soasse o primeiro signal de alarme. Assim, o avanço que fiz com uma secção do meu pelotão até á altura do forno não foi consequencia de qualquer indicação do commando, mas um acto de *minha expontanea iniciativa*, por vêr que não podia conservar-me nas trincheiras visto que tinham começado a explodir no forte as nossas munições de artilharia.

De resto, na entrevista que tive a bordo do paquete «Africa» com o sr. Hermano Neves apenas me referi ao que directamente observei. Informa-me agora pessoa de minha inteira confiança que muitos dos meus camaradas se portaram em combate por fórma a merecerem justos elogios do chefe. Cito, entre outros, os nomes dos tenentes Cabral, Figueiredo, Bettencourt, de metralhadoras, Lobo, de artilharia, alferes Andrade, etc. Espero com anciedade o apparecimento do relatorio do chefe, para que todos estes factos se esclareçam, e o povo portuguez saiba ao certo com quem póde contar.

Aproveito a occasião para desfazer qualquer interpretação errada das minhas palavras quando disse ter-me sustentado na minha posição durante 4 horas. Agarrei-me ao terreno não para vencer os allemães, porque seria rematada loucura tal pretensão perante um inimigo muito superior em numero e dispondo de artilharia e metralhadoras, mas simplesmente com o fim de o demorar e dar tempo a que o restante das nossas forças fizesse o resto.

Pedindo a v. a publicação d'estes esclarecimentos sou, de v. etc.—*Antonio Rodrigues Marques.*

Um breve commentario: ha, nas palavras do heroico tenente Marques, todas repassadas de sinceridade, um argumento irrespondivel: o dos mortos. Falam realmente com eloquencia os cadaveres d'esses pobres soldados, que ficariam insepultos se os allemães os não tivessem mandado enterrar ao lado dos seus.

Ainda os acontecimentos de Montalegre

O presidente da Relação do Porto enviou ao ministerio da justiça um officio do juiz de direito em Montalegre communicando que um grupo de mil populares assaltou todas as repartições publicas, espalhando os processos dos cartorios nas ruas tendo desapparecido alguns. No mesmo officio diz-se que a multidão apedrejou e disparou tiros sobre os funccionarios judiciaes, tendo sido arrombada a cadeia civil.

Prosegue a retirada dos russos

PETROGRADO, 27 — Official — Na direcção de Bausk e Birja o inimigo continúa na offensiva, travando-se porfiados combates. No Niemen médio a retirada dos russos continúa.

As tentativas de offensiva do inimigo teem sido paralisadas com grandes perdas para elle. Na região de Brest destruimos as pontes bem como as fortificações, cujas guarnições se juntaram ao exercito.—(*Havas*)

Fernando Caldeira apreciado por Julio Dantas

O grande litterato que é **Julio Dantas** escreveu para a edição do *Sapatinho de Setim*, de Fernando Caldeira, que acaba de ser posto á venda, as seguintes brilhantes e sentidas palavras, em que o perfil do poeta da *Mantilha de renda* avulta, admiravelmente traçado:

A livraria Rodrigues tomou a iniciativa da publicação d'uma comedia inédita de Fernando Caldeira: *O Sapatinho de Setim*. O meu velho amigo dr. Luiz Ottolini quiz ter a bondade de pedir-me algumas palavras que acompanhassem a edição: com o maior orgulho as escrevo.

Tenho de Fernando Caldeira, da sua elegancia fidalga, da eloquencia romantica do seu lyrismo, da nobre distincção da sua figura, as recordações mais affectuosas e mais vivas. Era uma creança ainda quando o conheci. Elle e meu pae emendaram os meus primeiros versos. A sua obra, cheia de ternura e de côr, de leveza e de graça, ao mesmo tempo luminosa e fresca como uma aguarella, produziu no meu espirito juvenil a impressão de um deslumbramento. Estimei-o e admirei-o, com o alvoroço dos quinze annos. Passaram-se agora mais vinte; atravessou a minha vida a tempestade do mais intenso labôr litterario; os cabellos começam hoje a embranquecer-me,—e na minha admiração de infancia pela obra de Fernando Caldeira—nada mudou.

Se tivesse, n'este momento, mais saude e mais tempo, havia de comprazer-me na carinhosa tarefa de estudar o theatro do pobre e querido Fernando, as influencias que o produziram, as qualidades que o caracterisaram, tudo quanto o seu espirito trouxe de novo e de immortal para a creação da comédia lyrica portugueza. Infelizmente, escrevo a correr, em tão apertado tempo, que não chegaria para desfolhar um ramo de rosas sobre a sua sepultura. Que o faça quem, mais tarde, organisar o quadro da dramaturgia portugueza no ultimo quartel do seculo XIX,—o periodo em que, evidentemente, principiou a definir-se e a caracterisar-se o germen de um theatro nacional. A par de Lopes de Mendonça—a epopéa—; de D. João da Camara—a écloga—; de Eduardo do Schwalbach—a phantasia—; de Marcellino Mesquita—a acção—; Fernando Caldeira ficou como a expressão d'uma modalidade nova: o lyrismo. A *Madrugada* e a *Mantilha de Renda* são, fundamentalmente, poemas lyricos. Mesmo quando escrevia em prosa, como no *Sapatinho de Setim*, Fernando Caldeira, cuja fidalga mão calçava pela luva de gamo de Musset, manteve-se, pela natureza da concepção, pelo caracter especial dos elementos dramaticos, pela infinita delicadeza da expressão verbal, um nobre e admiravel poeta. E' como poeta que elle deve ser julgado. Foi como poeta que elle viveu a sua existencia inteira. Feliz? Desgraçado? Quem o sabe! Raras vezes são felizes aquelles a quem coube em sorte a costella d'oiro de Jupiter. O lyrismo é uma doença com que se vive—e de que se morre. Acaba de o dizer ao meu lado uma creança gentilissima, dando lição á sua mestra ingleza:

—Não se esqueça, *baby*, de que o poeta Milton era cégo.

—Não, *miss* Mary.

—Então diga lá, *baby*, qual era a enfermidade de Milton?

—Era poeta.

JULIO DANTAS

Migalhas

Menos um

Ha quinze dias andavam dando a volta ao mundo jornalistico as desintelligencias politicas manifestadas no parlamento francez. Estavam radiantes, não só os inimigos de Alem Rheno, mas todos aquelles que, pelo mundo fóra, apoiam, clara ou encapotadamente, a causa germanica.

O rompimento d'aquella «union sacrée», que é a grande força da França, não podia deixar de alegrar todos os que almejam pela sua derrota. Felizmente todos os politicos, que esquecendo os que trabalham nobremente «sur le front», achavam o momento azado para as suas pequeninas disputas partidarias, reconheceram a tempo o mau caminho por onde os levava o seu desvario inconcebivel. Na sessão me-

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—28-8-915

Mais alto, mais alto ainda!

Logo á boquinha da noite o bombardeio recomeçou, concentrou-se na cathedral. A fachada arrendada, inerte, apoiada nos gigantes, sentiu estremecer a sua multidão de pedra. A tempestade de ferro approximou-se, incerta, tateando com os seus longos braços de fogo; depois, rapida e methodica, destruiu. A cada rajada, lentamente, as estatuas foram tombando. Os santos entreolharam-se.

Santo Umbellino na expressão suave com que guardava os seus porquinhos nas collinas verdes da Campania, San Theophrastol, sorrindo, debruçado entre as laranjeiras de Sorrento, olhando no profundo azul do golpho a infinita figura do Senhor, a magestade angelica de Santo Antonino de Smyrna, a face, banhada em pranto, de S. Nicolau de Lutecia, arrastado ao ergastulo, a provar das carnes immundas, Astragildo fulminante de cólera perante a impiedade humana, San Childérico chorando os orphãos pequeninos e mais, mais, mais, sempre mais, toda a multidão numerosa dos martyres, envolvida nas suas roupagens de pedra que um vento de prophecia parece agitar. Todas as cabeças decapitadas deixam a sua immobilidade de seculos, rolam dos nichos de granito negro, descem das mysolas sob uma densa chuva de cogoilos desprendidos dos coruchéus, esmigalham-se junto do portico, tão longe, para sempre affastadas dos pobres corpos truncados que resistiram, impassiveis, ao fragor das tempestades. Um estilhaço esbarrondou a grande rosacea, abriu uma caverna abyssal na escuridão da nave e, junto ao côro, desfez em poeira um tryptico esquecido onde, na pintura desmaiada da triporta, os trez Magos adoravam o Menino, boquiabertos, arregalados em face d'aquelle prodigio tão pequenino e tão doce. Passou, devastou, deixou ficar, pendido da ferragem, um velho pedaço de madeira, a face de Balthasar por onde escorregam agora duas grandes lagrimas dolorosas. Todas as nervuras gothicas da nave aluem, desprendidas da abobada onde durante tantos seculos se reflectiu o côro angustiado da miseria humana. E' um pouco da amargura dos maiores que ficou ali detida pelos vitraes das altas fenestragens e que cae tambem, agora, como se de todas as raças desapparecidas nada devesse ficar, nada! nem mesmo a dôr christalisada dos pobres e dos humildes...

Por cima do grande tympano os quatro evangelistas, rudes, direitos, intactos, murmuraram n'um sôpro:

—Gloria a Deus!

E, logo, uma voz fresca e grave echoou:

—Mais alto! Mais alto ainda!

Nos coruchéos incontaveis as longas filas de cogoilos vibraram. Em baixo, todo o mar de cabeças decapitadas agitou-se convulso. Todos os labios de pedra, todos os labios sem côr, repetiram:

—Gloria a Deus!

E não se calam mais. E' como o rebentar monotono e eterno da vaga millenaria desfazendo-se na falasia, rumor que não abafam os blócos cahindo com estrépito, litania cada vez mais clara, cada vez mais limpida, contracanto singular do brutal fragôr da metralha. Gloria a Deus! Todos os santos innumeraveis dos seculos christãos, todos os que rolam sobre os tympanos do portico, todos os que se conservam, intangiveis ainda, no abrigo dos seus baldaquinos, immoveis nas suas dalmaticas rigidas, abrem os labios n'um suspiro debil, juntam-se ao côro clamoroso. E' enorme! Por cima da ogiva grande toda uma linha de nichos, apanhada de revez, fragmenta-se no solo com um estampido de vulcão; e emquanto lá em cima, a cincoenta metros, a maldição da guerra tornou visiveis os velhos martyres mutilados, no chão, na poeira da ruina sacratissima, tristes faces soluçantes olham ainda o ceu, parecem procurar abraços amigos que as apertem contra o peito—pobres faces!—que as restituam ao seu logar tão alto, tão puro, onde, serenamente assistiram ao desfilar dos seculos...

—E a voz repetiu como um trovão:

—Mais alto! Mais alto ainda!

Não são, agora, as faces auréoladas, pallidas faces, geladas frontes... Outros rostos, humanos, lividos, com as longas olheiras rôxas de soffrimento, soluçam a litania infindavel. Olhos largos, abertos fixamente, coalhados de tristeza, toda a paixão soffredôra dos amargurados obscuros. E em todos, todos, rola o pranto, o pranto do homem, sangue, alma, vida, formula concentrada de todas as santas alegrias, de todas as santas dôres. Não é já San Sabino que sorri quando o verdugo lhe decepa as mãos e vê, na turqueza do espaço, a pomba ligeira do Espirito Santo, não é San Lourenço, extatico, na sua grelha, ouvindo os anjos do Senhor, nem San Telesphoro cantando, nem San Bartholomeu abençoando os seus carrascos em nome do pensativo Jesus, nenhum, nenhum dos Bemaventurados que passam, eternos, na gloria de Deus-Padre... Pedro, João, Martinho, Paulo, humildes obreiros, pobres obreiros fugidos da fome e da tristesa da terra para a esperança consoladora do Menino-Deus. A nave está cheia d'elles, é um oceano de cabeças que se estende a perder de vista, transborda pelas capellas do cruzeiro, marulha, surdamente, da abside ao baptisterio. E é d'elles, é dos labios para todo o sempre cerrados—pobres labios exangues!—que, por supremo milagre echôa o hymno conciso. Gloria a Deus! Gloria a Deus! E todas as extranhas cabeças onde ardem dois carbunculos explendidos, dois olhos illuminados por um sobrehumano fulgor, tentam elevar-se nos braços imaginarios dos seus corpos ausentes, subir, pairar, bafejar n'um derradeiro suspiro d'amor, a pedra viva que tão vetustos cinzeis arrendilharam. Grito de adoração, grito de pedra que ruge, orgulhoso e forte, na longa fila dos botaréus, caricioso e doce nos maineis mais delicados das janellas bi-geminadas, lento suspiro, exhausto suspiro nas finas agulhas que perecem implorar o olhar do Salvador do Mundo! Gloria a Deus! Pedro, João, Martinho, Paulo, humildes obreiros, pobres obreiros, mais alto, mais alto ainda! Que o côro domine o ribombar dos monstros d'aço, retumbe pelos valles, aflore a crista das collinas, que faça estremecer todas as serras e faça emmudecer todas as ressacas:

Mais alto! Mais alto ainda!

Pelas abobadas arrasadas espreitam agora as estrellas inquietas e por toda a nave, maior ainda sem cobertura, erram sombras delirantes, vagueiam pelo transepto, brancas, hirtas, allucinadas... Mestre Zacarias, de Colonia, mestre Miguel, de Westminster, mestre Antonio, de Posnania, que foi tão longe, a Grodno, erguer a flécha de Santa Margarida, Nicolau, de Ruão, Hugues, de Juvigny, todos, todos, vacilantes como fogos fatuos, curvam-se, deteem-se, limpando com a manga do surrão as lagrimas opalinas que lhes escorrem pela barba, aqui apanham uma cabeça para logo, além, levantarem outra, correndo, deslisando entre as columnas truncadas, beijando faces mortas, beijando labios mortos, confundido no seu hymno formidavel as pedras veneraveis e os homens que as talharam... O' meus filhos! O' meus pobres pequeninos! E' o fim! E' o fim! Vamos todos morrer pela segunda vez! Pedro, João, Martinho, Paulo, multidão anonyma, multidão desgraçada para quem a terra não teve alegrias, para quem a vida não deu senão tristesas, vamos; mais alto! mais alto ainda! Famintos que não teem pão; paes a quem o conde roubou as filhas; miseraveis sem lar e sem fogo,—gloria a Deus! gloria a Deus! Mais alto! Com o estridor de dois mundos que se chocam, coalhem de espanto os planetas pelo espaço em fóra, immobilisem, n'um grito, as nebulosas:

—Mais alto! Mais alto ainda!

Uma onda de sangue surge, devagar n'um supremo clarão de apotheose. E' o sol! A cathedral emmudece negra e morta; um esqueleto; quatro fortes paredes que a monstruosidade dos homens não consegue derruir. Um arco botante, separado do seu apoio secular, n'um milagre de equilibrio, é um longo braço afflictivo, enorme, implorando ainda! O côro dos martyres transformou-se em luz, na vermelha luz que é, ainda, um hymno. E emquanto, cá em baixo, os homens se degladiam, a alma da cathedral sóbe lentamente, envolvida em purpura no azul socegado, vae de estrella em estrella, vae de globo em globo, por entre o cortejo das espheras rutilantes, mais alto, mais alto ainda.

Mario de Almeida

...moravel de hontem, Viviani soube encontrar na sua eloquencia a expressão exacta da necessidade do momento e, segundo nos contam os telegrammas, o parlamento poz-se de absoluto accordo com o governo e a sua acção, votando-lhe a sua confiança por unanimidade de votos menos um. Pobre menos um! O seu nome não chegou até nós, por emquanto, e bom será que o não saibamos nunca. Infeliz creatura essa, que apezar de tudo e contra todos, quiz pôr uma nota discordante no bello impulso que a todos reuniu novamente em torno da grande causa commum. Conquistou uma triste celebridade e é possivel que, dentro do seu espirito mantenha, ainda as razões do seu acto. O certo é, porém, que deve ter havido hontem muitos milhares de pessoas que, sem o conhecerem, hão de ter sentido um certo rancor por aquella inesperada acção.

André Brun.

MODOS DE VER...

O caminho de ferro da Guiné

Ha ou não vantagens na sua construcção?

Procurou-nos o sr. Adolpho C. S. Almeida para nos declarar que, em sua opinião, não ha nada que justifique a concessão da linha ferrea de Bissau a que hontem nos referimos. Entende o mesmo senhor que a Guiné não precisa por emquanto de novas vias de communicação além das que já possue, pois basta que sejam sabiamente aproveitadas as vias fluviaes. Assim, acha que seria mais economico aproveitar-se o rio Corubal como via de communicação e de penetração para os territorios orientaes da Guiné Portugueza.

O caminho de ferro, diz ainda o sr. Almeida, seria o ultimo golpe n'aquella provincia, cujo commercio tem sido por assim dizer até hoje monopolisado por francezes e allemães. A sua construcção faria passar definitivamente todo o trafego para as casas fancezas.

Tambem o sr. Adolpho Almeida considera que a concessão de um kilometro de terreno á companhia ao longo da linha ferrea transformaria toda a colonia n'uma dependencia de tal empreza.

Reclamações operarias

Gréve de costureiras

As costureiras da fabrica Ramiro Leão & C.ª que se declararam em gréve mantem-se na mesma attitude, tendo hoje reunido em assembleia geral na séde da Associação de Classe. Deliberou-se que se não retomasse o trabalho emquanto não fossem attendidas as reclamações feitas. Quanto á affirmativa de que ás costureiras, quando doentes, se pagava o salario, disse uma das grevistas ser menos verdadeira na generalidade, pois que isso só se dava com algumas protegidas.

Pelas 18 horas, as grevistas foram receber as ferias, tendo já antes, pelas 13, ido á fabrica buscar alguns utensilios que lhes pertenciam.

A' noite reunem de novo em assembléa, para resolverem o caminho a seguir.

Officiaes de barbeiro

Os estabelecimentos de barbeiro e cabelleireiro abriram hoje á hora habitual comparecendo todo o pessoal, que resolveu retomar o trabalho, embora protestando contra a circular que originou o movimento. Os quatro industriaes que estavam presos foram hoje postos em liberdade.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheram ao hospital de S. José: Julio José Fernandes, forneiro da fabrica de louça de Sacavem, que hoje ali cahiu de uma janella, indo bater com a cabeça n'uma vagoneta, do que lhe resultou fracturar o craneo, tendo de ser operado do trepano; Antonio Domingues da Costa, carroceiro, colhido na estrada de Sete Rios pela carroça que guiava, ficando com a perna esquerda fracturada.

—Amelia d'Almeida, residente na rua Alves Correia, 214, 4.º, queixou-se de que os gatunos lhe entraram na residencia e furtaram diversas peças de roupa e objectos de ouro com brilhantes tudo no valor de 129$50.

—Foi posto em liberdade Bernardino dos Santos, empregado nos armazens frigorificos de Alcantara, por se não provar a accusação que sobre elle pezava de lançar bombas de chlorato nas praças de D. Pedro e dos Restauradores.

—Barbara Teixeira, moradora na rua da Caridade, 31, loja, queixou-se á policia de que na travessa do Falla Só foi aggredida á bengalada por Antonio Marques dos Santos, morador na rua do Passadiço, 7, do que resultou perder um brinco de ouro com brilhantes no valor de 100 escudos.

Poeira da Arcada

Os acontecimentos do Norte nem sequer tiveram o poder de dispertar as attenções dos que trabalham, vivendo fóra do campo de acção das más paixões partidarias. A sua repercussão foi reduzidissima. A moralidade que elles encerram demanda estudo e reflexão. Não vae o tempo prospero a juizos levianos ou temerarios. A Republica não póde, pois, olhar os seus adversarios com muita complacencia, porque elles encaram-na com propositos de quem não desarma.

* *

O Limoeiro está á cunha, vendo-se o seu director em serios embaraços para dar mantença a tanta bocca insaciada. Risivel systema prisional o nosso que consegue accumular n'um velho casarão perto de 1.200 individuos que, depois de delinquirem, pedem pão, para que as suas horas de inacção e torpôr sejam mais saborosas e faceis.

Talvez um dia se comprehenda que o crime não estatue nenhum direito á preguiça.

* *

Em roda do combate de Naulila, produzem-se depoimentos, alguns tão claros e outros tão confusos, que nós ficamos sob a impressão de que ainda temos alguma coisa a fazer para nos desaggravarmos. A nossa historia forma-se de paginas de tão lucido texto que nunca um portuguez, perante um facto ou episodio, dirá:—«Não comprehendo!»

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

AMALIA LUAZES

A illustre professora D. Amalia Luazes pede-nos a publicação do seguinte agradecimento que dirige ao sr. dr. Balthasar Teixeira: «Acabo de saber, com surpreza minha que V. Ex.ª, hontem, na Camara dos srs. deputados, se tinha referido ao meu humilimo nome com palavras elogiosas, quando fez a apologia do Instituto do Professorado Primario Official. Agradeço penhoradissima as referencias de V. Ex.ª, bem como a todos os srs. deputados que applaudiram as suas immerecidas palavras.

Aproveito o ensejo para, desde já, prestar a devida homenagem ao sr. ministro da instrucção, cujo nome ficará inolvidavel pela dedicação e celeridade com que mandou inscrever a verba de 2.000 escudos, a fim de effectivar uma aspiração justissima, pela qual lucto ha 8 annos.

A todos pois, os meus vehementes e sinceros agradecimentos por aquiescerem ao meu pedido que representa o maior dos beneficios para os meus pequeninos e anonymos eleitores cuja candidatura investi, sem sollicitação, por ser a unica que se harmonisa com o meu nome de mãe. Mais uma vez, em nome dos pequeninos, muito obrigada.—A professora primaria, *Amelia Luazes.*»

NA PRAIA DAS MAÇÃS

Os organisadores da brilhante festa que se prepara na Praia das Maçãs devem estar satisfeitissimos com as facilidades de organisação e com o bello acolhimento que teve a sua iniciativa no povo da região de Collares e nas familias que estão passando o verão na formosa Praia.

O programma foi rigorosamente seleccionado. Comprehende uma serie de festas, qual d'ellas a mais interessante e valiosa e todas ellas proveitosas porque affirmam um proposito educativo, apresentado de fórma recreativa. Mostra pela primeira vez ao povo de Collares, a banda dos marinheiros da armada. Mostra ao povo da região o que é um «gymkhana» sportivo e o que elle vale como espectaculo animado desde que os concorrentes sejam creanças. Mostra o que conseguem fazer em patins as creanças dos Recreios Desportivos da Amadora. Mostra pela primeira vez uma classe de gymnastica por um lindo nucleo de pequenitos. E tudo isto conseguiram arranjar os srs. Antonio Garcia de Castro, dr. José Pontes e José dos Santos Mattos, efficaz e valiosamente auxiliados pelos srs. dr. Magalhães Lima, José Bento da Costa, Alagoas, Victor Asseimo, tenente de marinha Costa e Antonio Rodrigues Correia.

PREMIO VALMOR

A commissão technica que se incumbiu de classificar as construcções urbanas para o effeito da adjudicação do premio Valmôr, concluiu os seus trabalhos, tendo visitado os principaes edificios particulares, construidos no ultimo anno. O primeiro premio, um conto, ao proprietario e egual quantia ao architecto, coube aos srs. Norte Junior e J. Marques, respectivamente auctor do projecto e proprietario da casa, na avenida Antonio Augusto de Aguiar. O jury conferiu menções honrosas ás residencias do director da fabrica Germania, segundo o projecto do architecto Silva Junior, Alvaro Machado, pela sua edificação no Campo Grande e outros.

O jury foi constituido pelos srs. Ascenço Machado, pela camara; Piloto, pela Escola de Bellas Artes e Marques da Silva, pela Sociedade dos architectos.

LITTLE WALTER

Veiu hoje cumprimentar-nos o «clown» Little Walter, que no proximo mez vae deliciar o publico frequentador do Colyseu dos Recreios, depois d'um anno de ausencia. Little Walter, que é um grande amigo dos portuguezes é tambem o mais popular de todos os artistas que teem vindo a Portugal. Este anno, animado ainda pela sua verve inexgotavel de excentricidades e de coisas originalissimas, vae novamente attrahir o publico do Colyseu, que nos proprios cartazes lhe chama a sua alegria.

E' ainda este anno acompanhado por Antonet, circumstancia preciosa, porque ao lado d'um companheiro de valor elle saberá mostrar o que vale o seu talento comico, sem egual, muito proprio, e que muitos copiam mas nenhum consegue eclipsar.

NOTAS MUNDANAS

Soffreu a operação d'um antraz, feita pelo sr. dr. Antonio Torres Pereira, coadjuvado pelo sr. dr. João Marques da Costa, o illustre actor Joaquim Costa, cujo estado é o mais satisfactorio possivel.

—Para as suas propriedades em Freixo de Numão, Fozcôa, partiu hoje o deputado sr. dr. Antonio Candido Pires de Vasconcellos.

—Effectuou-se hoje o casamento da sr.ª D. Maria Candida d'Almeida, filha da sr.ª D. Estephania Emilia de Almeida e do fallecido medico sr. dr. Luiz José Candido, com o sr. Arthur Guilherme dos Santos e Silva, empregado no commercio.

Foram testemunhas a sr.ª D. Emilia Augusta da Ascenção Barreiros Pires, por parte da noiva, e os srs. José Bastos Pereira da Costa, commerciante, e José Maria dos Santos Barreiros, empregado no commercio, por parte do noivo.

—Partiu para a Figueira da Foz o sr. dr. Santos Lourenço.

—Partiu para Madrid o sr. dr. José Maria de Alpoim.

O «HOMEM AO LEME»

Dentro de quinze dias, n'esse pequeno jardim á beira-mar, defronte do caes da Parceria, deve ser collocada a estatua «Homem ao leme», do distincto estatuario Francisco dos Santos, adquirida pelo municipio. A estatua, que lucrou muito com a passagem a maiores proporções, está quasi concluida no marmore, faltando apenas terminar as obras do pedestal.

Promoções na marinha

Foram hoje assignados os decretos promovendo: a capitães tenentes os 1.ºs tenentes Isaias Newton, Branco Gentil e Castro Ferreira; a 1.ºs tenentes os 2.ºs Alvares da Silva, Luiz de Caes e Manuel Francisco da Silva; a 1.º tenente engenheiro naval o 2.º, Estanislau de Barros e a guarda marinha machinista conductor o mestre de machinas Carlos Ferreira.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—As pilulas de Hercules.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Os saltimbancos (1.º e 2.º actos)—O cabo Susino.

Boatos e informações

Reappareceu hontem no Porto a companhia Mendonça de Carvalho representando *Chuva de filhos* e *Primo Isidoro*. Hoje representa *O homem macaco*, amanhã *A visinha do lado* e na segunda-feira *A menina do chocolate*.

● Começam no dia 10 do proximo mez os ensaios dos côros no theatro Apollo. A peça de estreia é como dissémos, *O diabo que o carregue...* em reprise.

● A opera-comica *Os saltimbancos* devo ter hoje na elegante sala de espectaculos do Coliseu dos Recreios uma nova consagração, a juntar ás muitas que o publico de Lisboa tributou em noites successivas a esta mesma companhia pela fórma correcta como soube interpretar a esplendida partitura do Gaune. *Os saltimbancos* são postos em scena com o costumado brilho, cantando Cina de Valdis no 2.º quadro do 1.º acto a *jota* hespanhola do maestro Quinito Valverde *El trust de los Tenorios* e a celebrada canção portugueza *O fado Ignez Lucia*.

Na apresentação do *Circo Malicorue* o publico terá occasião de applaudir as extraordinarias bailarinas Hermanas Elliet e a *dresseuse* Rosa d'Aorn que apresentará as catatuas amestradas e celebre chimpanzé Lord Rip. Segunda feira, em recita da moda, o *Conde de Luxemburgo* e na terça feira, pela primeira vez em Portugal, o grande successo dos theatros italianos *A menina do cinematographo*.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão *Foz*, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria; Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Animaes maltratados

Pessoas de toda a respeitabilidade queixam-se-nos de que carroceiros da camara municipal, encarregados de conducções para o parque Eduardo VII, espancam os pobres animaes de um modo barbaro.

Ainda ha pouco umas senhoras que passavam perto do Parque, tendo observado a um carroceiro que estava commettendo uma grande brutalidade, tiveram como resposta uma recrudescencia de furia contra o animal espancado, ao qual com o cabo do chicote o homem se fartou de bater na cabeça. Ha uma Sociedade Protectora dos Animaes. Mas para que serve, se estes casos se dão amiude e ella não toma providencias?

Para o episodio que referimos apenas chamamos a attenção da camara que não deve permittir que empregados seus procedam por aquella fórma repugnante.

D. Carmen de Burgos

Homenagem á illustre escriptora hespanhola

A notavel escriptora hespanhola D. Carmen Burgos, *Colombine*, realisa depois de amanhã uma excursão a Cintra e Cascaes, sendo acompanhada pelo illustre architecto Rozendo Carvalheira, que lhe servirá de *cicerone*, na visita aos paços e monumentos da villa.

A excursão é offerecida pelo sr. ministro do fomento.

No regresso, a distincta redactora do *Heraldo de Madrid*, realisará o passeio no Tejo, a bordo do vapor *Victoria*, dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, acompanhada por litteratos, artistas, jornalistas, actrizes, com quem a illustre viajante se avistou em Lisboa.

A bordo effectuar-se-ha uma festa intima de homenagem á talentosa escriptora a quem Portugal deve, atravez das suas reportagens para o grande quotidiano madrileno, as mais agradaveis referencias. Recitar-se-hão versos e o applaudido guitarrista Carmo Dias, acompanhado á viola pelo sr. Virgilio do Brito, dará a conhecer á illustre viajante a nossa musica nacional.

Durante o passeio será servido café que a casa *A Brazileira* gentilmente poz á disposição dos organisadores da festa. A mesa estará lindamente adornada com flores dos jardins portuguezes offerta do conceituado floricultor sr. Sanches, proprietario do *Jardim do Chiado*, presidindo á decoração o pintor scenographo Augusto Pina.

Varios industriaes e commerciantes associam-se a esta manifestação á illustre escriptora offerecendo os productos do seu fabrico. A casa M. A. de Brito, conhecida pelo primor da sua laboração de conservas, offereceu lindos boiões de doce, compotas e fructas. O deposito de capilés de Abilio Simões Ferreira, o primeiro estabelecimento do genero na capital, envia aos organizadores da excursão, uma duzia de garrafas de xaropes para confecção dos refrescos. Esta dadiva gentil foi completada pela firma Assis Camillo, que offertou uma caixa de 100 garrafas de Agua de Castello de Moura a mais propria para confeccionar os refrescos.

O passeio fluvial effectua-se ás 19 horas. Com o mesmo fim foram recebidas n'*A Capital* duas caixas de novo «Remisco», offerecidas pela firma Viuva Gomes, de Collares. A repartição do turismo offerece á illustre escriptora uma collecção de photographias de Lisboa e arredores; o sr. Moreira Freire os seus trabalhos sobre a collecção particular de quadros antigos e a casa dos postaes F. Marques Junior & C.ª uma collecção de postaes de Lisboa, Porto, Cintra, Cascaes, etc.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Vota-se um projecto de lei auctorisando o governo a tomar as medidas que as circumstancias requererem

A's 15,10, com 55 deputados, approva-se a acta. Lido o expediente, votam-se sem discussão varios projectos de lei, referentes a assumptos militares. O chefe do governo, tomando a palavra, refere-se á actual situação interna, diz que o governo é composto de republicanos e affirmando que, considerando isso como o cumprimento d'um dever, traz á Camara uma proposta de lei, que julga indispensavel para a manutenção da ordem e defeza da Republica. Essa proposta é assim concebida:

Senhores:—Reconhecendo as circumstancias especiaes em que a Nação então se encontrava, o Congresso da Republica Portugueza votou a lei de 8 de agosto de 1914, dando ao poder executivo as faculdades necessarias para, em semelhante conjunctura, garantir a ordem em todo o paiz, salvaguardar os interesses naiconaes e occorrer a quaesquer emergencias extraordinarias, de caracter economico ou financeiro.

Infelizmente não póde dizer-se que seja actualmente melhor a situação, que originou semelhantes providencias e até, pelo contrario, a crescente gravidade do conflicto europeu, que é cada vez mais intenso, a alarmante incerteza das suas consequencias e ainda por outro lado, as recentes perturbações da ordem publica, as constantes ameaças á tranquillidade da vida nacional, n'este momento em que, no interesse commum, todos os bons portuguezes se deviam unir e solidarisar, na paz e no trabalho, aconselham decerto a que o governo, quando assim o reclamem imperiosas occorrencias, possa prevêr de prompto, tomando as medidas indispensaveis á salvação da Patria e da Repuglica.

Por isso temos a honra de submetter á vossa approvação a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º—São conferidas ao poder executivo as faculdades necessarias para, na actual conjunctura, e emquanto persistirem as circumstancias que a motivam, garantir a *ordem em todo o paiz* e salvaguardar os interesses nacionaes ou occorrer a quaesquer emergencias extraordinarias de caracter economico ou financeiro.

Artigo 2.º—O poder executivo dará conta ao Congresso, na sua primeira reunião, do uso que tiver feito das faculdades concedidas no artigo anterior.

Artigo 3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

O chefe do governo pede urgencia e dispensa do regimento, que a Camara concede, depois da proposta ser lida na meza. O sr. Aresta Barnco diz que a proposta governamental o surprehendeu. Na Constituição tem o governo faculdades de que póde usar sem consultar as camaras. Póde suspender as garantias e tomar quantas medidas a defeza dos interesses nacionaes exijam. Nem elle nem o seu partido votam as disposições do projecto, e manda para a meza uma moção na qual, «considerando o governo, como não idoneo para defender os interesses da Republica, a união republicana rejeita o projecto, por o considerar prejudicial». A moção nem sequer é admittida. O chefe do governo responde ao leader unionista, dizendo-lhe que o governo nada a mais nem a menos pede do aquillo de que precisa para defender a Republica. O sr. Costa Junior dá o seu voto á proposta, por todas as suas disposições constarem das leis vigentes. Se o governo de mais alguma coisa precisa, que o diga, porque votará todas as medidas precisas para que a Republica não perigue. O sr. Mesquita de Carvalho profere tambem breves palavras de apreciação á proposta que se discute, declarando que a approva, por ella pouco ou nada representar. Em nome da maioria, o sr. Ribeira Brava dá o seu apoio ao governo e á proposta, que contém uma auctorisação que n'outras circumstancias não votaria. Apresenta uma emenda auctorisando o governo a servir-se do n.º 16 do artigo 26 da Constituição, que é o que auctorisa a suspensão das garantias e a declaração do estado de sitio. O sr. Mesquita de Carvalho não vota essa emenda por ella representar um ataque e uma alteração á Constituição. O sr. Moura Pinto commenta o facto de não ter sido admittida a moção Aresta Branco. O sr. ministro da justiça diz que auctorisações como aquella que consta da proposta Ribeira Brava se pedem para serem usadas só quando o Congresso estivér fechado. Todos percebem que, á ultima hora, o governo não podia fazer reunir o Parlamento para se armar com uma auctorisação semelhante. O governo tem razões fortes para sollicitar das camaras medidas excepcionaes. Pois não leu a camara uma declaração de moageiros e padeiros publicada nos jornaes? Por ella, todos podem suppor que não ha trigo. E, todavia, ha-o. Açambarcaram-n'o. Nada mais nada menos. E ahi está um exemplo a demonstrar quanto o governo precisa de providencias energicas para bem servir o paiz, que não abandonará, emquanto a camara não lhe signifique que deixou de cumprir o seu dever. De oito de agosto para cá, as circumstancias não se modificaram, antes são mais graves. E se o são, porque é que o partido unionista toma uma attitude de hostilidade contra o governo? Lê palavras do sr. dr. Antonio José de Almeida para provar que os desejos do governo, n'este caso, cabem dentro das affirmações do chefe do partido evolucionista, como cabe dentro das que proferiu o sr. Brito Camacho.

Uma voz—E' que o governo era, então outro!

O sr. Alexandre Braga declara que o seu partido conhecia de ha muito as envenenadas tentativas dos inimigos das instituições, estando preparado para lhe fazer frente e para estrangular toda a casta de perturbações que porventura surgissem. A Republica é, já hoje, intangivel, e é necessario d'uma vez para sempre acabar com quantas tentativas, alguns elementos desnacionalisados esbocem, para prejudicar as instituições e a patria. Faz a todos a justiça de que não pretendem fazer especulações politicas. Entende, por isso, que se deve dar ao governo todo o apoio de que elle preciso para assegurar a manutenção da ordem e estabelecer o equilibrio economico e financeiro. A auctorisação que o governo pede é a reproducção da de 7 d'agosto do anno passado. Com que auctoridade podem vir insurgir-se contra esta determinação aquelles que permittiram que á sombra da outra um governo inconstitucional praticasse todos os abusos, verdadeiramente criminosos? E' preciso corresponder com nobreza ao 14 de maio. A politica de sophismas e de embustes acabou para sempre em Portugal. Trata-se d'uma hora grave—pelo que já se deu e pelo que póde dar-se. O momento é tremendo, aggravado pela jesuitica politica allemã que, espalhando dinheiro ás mãos cheias na nossa terra, procura fazer com que, mãos de portuguezes nos levem á perda da nacionalidade. Crê que não ha quem recuse á Republica armas para a sua defeza e medidas que a habilitem a vencer todos os inimigos externos que a ataquem. A Constituição sendo nobilissima, é ingenua e romantica. Praticamente, ella deixou a Republica sem defeza perante as conjuras d'aquelles que reclamam a liberdade só para a estrangular. E defender as instituições é mister que pertence a todos—unionistas, evolucionistas e democraticos. A auctorisação deve ser votada, porque se ella póde ser perigosa nas mãos de dictadores, não o poderá ser nunca, quando usada por governos constitucionaes. Dividir os republicanos para os enfraquecer é velha tactica dos inimigos do regimen. O governo só póde fazer uso das medidas excepcionaes que pede depois de fechado o congresso. Mais: não as executará senão no ultimo extremo. Entretanto, o governo pode defender a Republica como entender, porque a seu lado terá sempre os bons republicanos.

Falam ainda, apezar do sr. Ribeira Brava requerer que o auctorisem a retirar a sua proposta de emenda, os srs. Mesquita de Carvalho, que faz varias affirmações em nome do seu partido; Julio Martins, que declara não ter o seu partido, a menor responsabilidade no conflicto que se desenha por causa da questão cerealifera. Defende a questão politica levantada pela moção Aresta Branco, que os evolucionistas votariam, por que estão absolutamente contra o governo. Mas se a moção fôsse votada, o que se seguiria? Os evolucionistas não iriam para o poder, porque não teem força parlamentar para governar nem governariam com o apoio dos democraticos. Desejam os unionistas governar *só*? Querem um governo de concentração? O partido evolucionista não entra em governos d'essa natureza. O sr. Moura Pinto justifica a attitude do sr. Brito Camacho, na sessão de agosto do anno passado. O sr. Aresta Branco envia de novo para a meza a moção que a Camara não admittiu ao iniciar-se o debate, dizendo que não ha n'ella a menor intenção desprimorosa nem para o governo nem para qualquer membro da Camara.

O sr. Alexandre Braga responde ainda a diversas observações dos oradores precedentes, votando-se a seguir a proposta governamental. A emenda Ribeira Brava é retirada. A'manhã, domingo, ha sessão.

No Senado

Approvam-se varios projectos e marca-se sessão para ámanhã

Preside o sr. Correia Barreto. Cumpridas as formalidades legaes, o sr. Agostinho Fortes envia para a meza um projecto de lei pedindo para os alferes medicos do Ultramar as mesmas regalias já approvadas para os do continente—a promoção a tenente. Manda tambem uma representação dos paes e tutores pedindo uma nova epocha para os exames do 2.º grau, pedido com o qual elle orador não concorda.

O sr. Teixeira Rebello justifica a necessidade de se approvar o seu projecto de lei que trata da necessidade de serem internados nos manicomios todos os alienados que offereçam perigo para a segurança publica.

O sr. Madureira e Castro envia para a meza uma representação dos habitantes do concelho de Montalegre protestando contra a annexação projectada, da freguezia de Salto, ao concelho de Cabeceiras de Basto.

O sr. Pina Lopes requer urgencia e dispensa de regimento para os tres seguintes projectos:

—Considerando 1.º sargento desde 28 de janeiro de 1908, o 1.º sargento do regimento de infantaria 16, José da Cruz Diniz Esteves por estar comprehendido nas disposições do decreto de 15 de dezembro de 1910;

—Considerando 1.º sargento desde a mesma data, o segundo sargento da companhia de sapadores de praça, Samuel Bento, pelas mesmas razões;

—Fazendo a mesma coisa ao 1.º sargento da 3.ª companhia do 2.º batalhão do regimento de sapadores mineiros n.º 186 Ignacio Baptista Pereira.

Concedida a urgencia e dispensa e approvados.

O sr. Rodrigo Guerra participa ao Senado a morte em combate no penultimo recontro em Angola, do sr. capitão João Francisco de Sousa, senador eleito por Ponta Delgada.

A meza propõe se lance na acta um voto de sentimento. O sr. Estevam de Vasconcellos propõe tambem a suspensão dos trabalhos durante dez minutos e faz o elogio do illustre militar que morreu defendendo a patria. Approvados. Associam-se os «leaders» de todos os partidos.

Voltando aos trabalhos approvam-se nas mesmas condições mais os seguintes projectos:

—Reorganisando os serviços de saude no Porto.

—Elevando a centraes os liceus nacionaes de Aveiro e Beja.

—Regularisando a situação do funccionario de finanças Joaquim do Nascimento Lobato Junior.

O sr. Paes Abranches em negocio urgente chama a attenção do governo para o facto de, no proprio dia em que o sr. ministro do interior trazia á Camara a noticia dos acontecimentos havidos no norte do paiz, a moagem e a panificação conjugadas, lançaram para o publico por meio de annuncios o pavor e o panico da falta de farinhas. Ele orador não comprehende tal crise a dois dias da producção cerealifera quando o Ribatejo e o Alemtejo devem ter os seus celleiros ainda cheios. Que o governo mande pois investigar e proceda com a maxima energia que o caso requer.

O sr. ministro do fomento declara que repetirá no Senado o que já hontem disse na outra Camara. A questão do pão ha de resolver-se a bem do povo quer a moagem queira quer não. O repto lançado nos jornaes, capcioso e antipatriotico já teve por parte do governo a resposta que merecia. Medidas talvez desusadas mas energicas foram já tomadas e o prestigio da Republica e a defeza do povo ha de fazer-se. (Muitos appoiados).

O sr. Paes Abranches chama ainda a attenção do sr. ministro do fomento para um outro annuncio inserto n'um jornal da manhã onde Fernando Fusia, subdito allemão, e hospedado no hotel Metropole, do Rocio, tambem allemão, se encarrega da compra de trigos e outros generos, diz o annuncio, para Inglaterra. O que é isto?

O sr. ministro do fomento responde ao orador que póde ficar descansado. De Portugal nada sahirá porque para isso deu a seu tempo as ordens precisas.

E entra-se na ordem do dia.

Approva-se o projecto de lei que introduz varias alterações na organisação do exercito.

Discute-se depois o projecto de lei que concede aos revolucionarios de 14 de maio as mesmas regalias já concedidas aos de 5 de outubro. E' approvado, com protesto das direitas por parte dos srs. coronel Silveira e Celestino de Almeida.

O sr. Estevam de Vasconcellos propõe e justifica que seja marcada sessão para ámanhã para se discutir o orçamento do ministerio do fomento.

Contra esta proposta falam os srs. Celestino de Almeida e José Maria Pereira.

Depois de falarem ainda os srs Estevam de Vasconcellos e Herculano Galhardo foi approvada a proposta.

Com dispensa do regimento e urgencia votam-se ainda:

—O projecto de lei auctorisando o credito especial de 900.000 escudos para manutenção das forças militares em Angola.

—Outro creando a freguezia de Paiânho no concelho de Cadaval.

—E ainda outro prohibindo a exportação de ovos a partir de 31 de janeiro.

O sr. Arantes Pedroso pede tambem urgencia e dispensa do regimento para o projecto que estende o prazo até fevereiro para os cafés suojs não pagarem os direitos que lhes foram lançados pelo decreto de agosto de 1914. Concedido.

O sr. José Maria Pereira protesta contra a approvação de tal projecto que considera um perigoso monopolio prejudicial para a provincia de Angola, o que é contradictado pelos srs. Arantes Pedroso e Celestino de Almeida.

A requerimento, porém, do sr. José Maria Pereira é o projecto retirado da discussão até estar presente o sr. ministro das colonias.

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental.

Os acontecimentos do Norte

O cabecilha monarchico Soto Maior suicida-se no gabinete do governador civil de Braga

Vieram hoje de Braga noticias sensacionaes, relativas a factos succedidos depois dos acontecimentos de hontem. Como é sabido pelos jornaes da manhã, as auctoridades de Braga prenderam varios individuos, quer como implicados no movimento, quer como seus dirigentes ou cabecilhas monarchicos. Entre os presos figurava um chamado Miguel Sotto Mayor, pessoa de larga influencia e prestigio em Braga. A sua prisão causára a maior sensação, não obstante ninguem ignorar até onde iam os sentimentos adversos ao regimen d'esse adepto das instituições monarchicas.

Hoje de manhã, o sr. Eduardo Cruz governador civil de Braga principiou a ouvir os presos de maior cathegoria. Sotto Maior foi um dos primeiros a ser chamado á presença da auctoridade superior do districto, que o esperava, como aos outros, no seu gabinete. E ali, logo que se viu em presença do sr. Eduardo Cruz, o preso, puxando rapidamente d'uma pistola, disparou contra si proprio um tiro, suicidando-se.

Pode calcular-se que extraordinaria impressão o facto causou. O sr. Cruz telegraphou immediatamente ao sr. ministro do interior, pedindo ao mesmo tempo a sua exoneração. O sr. Ferreira da Silva, porém, não só lh'a não concedeu como pediu pelo telegrapho, encarecidamente, ao sr. Eduardo Cruz que, n'este momento grave, não deixasse o seu posto. No mesmo sentido telegrapharam tambem áquella auctoridade todos os deputados pelo districto.

Ainda segundo noticias officiaes vindas de Braga se sabe que a normalidade no Norte é absoluta, tendo, entretanto, o suicidio de Sotto Maior produzido na velha cidade dos arcebispos uma sensação enorme.

O socego é absoluto em todo o paiz

Segundo a nota officiosa fornecida á imprensa, o conselho de ministros hoje reunido no ministerio da marinha verificou, pelas noticias recebidas dos diversos districtos, que o socego era absoluto em todo o paiz. As auctoridades militares e civis de Braga estão procedendo activamente a investigações para se apurar os responsaveis dos acontecimentos occorridos n'aquelle districto.

Ainda segundo essa nota, o governo estava informado das diligencias feitas pelos agitadores, sobretudo nos meios militares, para conseguir fazer vingar a tentativa contra a Republica, que fracassou mercê da dedicação do povo e do exercito.

Paiva Couceiro em Amarante

PORTO, 28—Aqui reina o mais absoluto socego, não tendo havido qualquer manifestação civil ou militar.

Está confirmado que Paiva Couceiro esteve em Amarante; do Porto sahiram em sua perseguição alguns elementos civis dos mais ousados.

Noticias parlamentares

Depois de ter sido entregue na mesa a reforma da policia, quando todos a julgavam já preparada com todos os sacramentos para soffrer a tortura de uma demorada discussão, teve de baixar ainda á commissão de legislação criminal, onde se encontra aguardando parecer. Para relator foi escolhido o sr. dr. Levy Marques da Costa, que hontem, durante a sessão dos deputados, conferenciou largamente com o ministro do interior sobre o assumpto. Ao que se affirmava hoje pelo Parlamento, a reforma em questão já não será apreciada na actual sessão legislativa, por falta de tempo e por nem todos os que compõem a maioria parlamentar lhe serem favoraveis.

* * *

Está assim traçado o plano dos trabalhos parlamentares para *os poucos dias* em que o Congresso funcionará. Hoje, na Camara, devia votar-se o orçamento da instrucção. Segunda feira, votar-se-hiam as emendas introduzidas pelo Senado aos orçamentos. *N'esse mesmo dia*, no Senado, votar-se-hia o orçamento de fomento, e na terça teria sorte egual o da instrucção. Para esse mesmo dia, marcar-se-ha, á hora conveniente, a sessão conjunta das duas camaras, na qual sejam discutidas e votadas as alterações sobre que haja conflicto de opiniões.

* * *

De terça-feira em deante, os presidentes das Camaras continuarão a marcar sessões, visto o Congresso só poder adiar-se por deliberação propria e expontanea. E como essa deliberação não será tomada, tanto o presidente da Camara como o do Senado terão de suppor que ha numero sufficiente de deputados e senadores para que as duas secções do Congresso funccionem regularmente. Logo, porém, que deixem de realisar-se trez ou mais sessões, o Congresso considerar-se-ha fechado, para voltar a abrir de novo, por direito proprio, em 5 de outubro, a fim de dar posse ao futuro chefe do Estado.

Morte d'um official

Falleceu em Angola, na campanha contra os cuamatas o sr. capitão de infantaria João Francisco de Sousa.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 28.—Communicação official.

Durante a noite houve algumas acções de artilharia em volta de Souchez e de Houville, assim como na região do Royo.

No planalto de Quennevières e em Houuron lucta de bombas.

Na Argonne por varias vezes a nossa artilharia devove as tentativas do bombardeamento ás nossas trincheiras pelo inimigo.

No resto da linha a noite passou-se sem incidente.

Os nossos aviões bombardearam durante a noite a gare do Chatel na Argonne.—(*Havas*).

A offensiva italiana contra os austriacos

ROMA, 27—Official—No massiço de Adamello apoderámo-nos das fortes posições do desfiladeiro de Lagoscuro a Cornobedole. Os hidro-aviões italianos bombardearam as fortificações de Riva. No alto de Cordevole, emquanto o inimigo bombardeava o hospital de Pieve Dilvinallongo, canhoneámos Arabba e Chorz e incendiámos Arabba. No Carso repellimos um violento contra-ataque.—(*Havas*)

O movimento naval nos portos britannicos

LONDRES, 27.—O almirante britannico annuncia que durante os ultimos 8 dias que terminaram em 25 do corrente entraram ou sahiram dos portos da Grã-Bretanha 1369 navios. D'estes foram afundados 19 por submarinos allemães, sendo o total da sua tonelagem incluindo o *Arabic*, de 76:627 toneladas. Foram tambem afundados trez navios de pesca, cuja tonelagem total é de 391.—(*Havas*)

Adiamento do Reichstag

AMSTERDAM, 28.—Telegrapham de Berlim que o Reichstag se adiou para 30 de novembro.—(*Havas*).

Movimento maritimo

B. e R. P. «A. R. de Genonilly» (Hav.) 30

Brazil e R. Prata, «Avon» (Liverpool) 31

Batavia, etc., «Princess Juliana» (A.) 1

Brazil e R. Prata, «Darro» (Liverpool) 2

Bahia, R. Jan. e Santos «Dryden» (L.) 2

INTERESSES DE CABO VERDE

As corporações municipaes do archipelago

só cuidam em cobrar impostos, descurando por completo todos os serviços a seu cargo

Um distincto medico que passou a maior parte da sua vida em Cabo Verde encontrou na sua ironia a definição do que são as camaras municipaes em Cabo Verde: especie de corporações administrativas que teem empregados para receber impostos e impostos para pagar a empregados. Fundamentalmente exacta a definição, com o que diariamente se observa. Debalde inquirimos se as nove camaras municipaes de Cabo Verde teriam qualquer accordo secreto que lhes não permittisse na escala das obras materiaes passar do 0, porque nunca se viu vida mais passiva ou torpôr mais accentuado do que o d'essas corporações, transplantadas da civilisação europeia, mas que ali se não desenvolveram, nem interessam as populações. A que será devido esse torpôr? E' impossivel sabel-o. O que nós sabemos é que a acção municipal não tem nada que abone como bons gerentes os seus vereadores.

A vida das corporações municipaes é de uma actividade febril pavorosa, em todos os paizes cultos. Ha mesmo municipalidades com os seus serviços muito mais bem ordenados que os do proprio Estado, e este encontra a meudo valiosas ajudas quando pede a sua intervenção na resolução dos mais vitaes problemas de interesse nacional. Em Cabo Verde nada d'isto existe.

Vejamos o que nos indicam as estatisticas officiaes, para depois nos alongarmos em considerações n'esses dados baseadas.

A Camara Municipal de S. Vicente, tendo 10:491 municipes, tem de receita 23:854$00 que corresponde a 2$27 por municipe; as suas despezas classificam-se assim: Vencimentos do pessoal, incluindo o da limpeza, 12:672$; construções e reparações, 1:222$; illuminação publica, 3:160$; arborisação, 374$; despezas diversas e eventuaes, 3:459$18.—Saldo para 1915, 4:164$00.

Como se vê, a administração municipal é uma coisa tão sublime, que até... tem saldos.

Vamos a descriminar serviços: a Camara mantém 6 escolas de instrucção primaria, 1 medico municipal com 100 escudos mensaes; no que respeita a serviço de limpeza, ha pouca em toda a cidade: nunca foi dado ver umas pequenas vassouras modernas e que por aqui já existem; não ha esgotos, estando a cargo dos municipes a conhecida procissão das 21 horas, mas pensa-se n'uma rede de esgotos a levar a effeito no anno de 2000, que consistiria na construcção de collectores, bombeamento de aguas para lavagens, etc., quantos não prefeririam a tradicional forma das rodas, o que seria um progresso assignalado em S. Vicente. Assistencia municipal é coisa que se não conhece. Matadouro municipal ha um, mas não ha talhos municipaes para regular o preço das carnes. Aprisco municipal ha um, que mais dia menos dia terá de fechar por ser anti-hygienico. Não ha victorias nem W. C. em toda a cidade. A illuminação publica, parte com candeeiros Kitson e outra parte com o vulgar candeeiro de petroleo, está actualmente a meio pau: parte da cidade fica ás escuras, parte illuminada; segundo nos explicaram, é por causa da guerra, mas não nos parece possivel a visita dos zeppelins, porque o forte mette respeito a esses incommodos visitantes. Tem-se falado n'um grandioso projecto de illuminação electrica para o anno de 2000, o que é uma esperança para os que então viverem.

E não ha mais nada, nem deve haver, porque este municipio tem de tudo e até um saldo.

Na ordem de maior contribuição, segue-se a camara municipal da ilha do Sal, com 579 municipes, e receita de 665 escudos, o que corresponde a 1$14 por municipe. As suas despezas classificam-se assim: vencimentos do pessoal, 479$80; construcções e reparações, 38$35; despezas diversas e extraordinarias, 141$36. Saldo de 6$18 para 1915. N'este municipio, a vida automatica municipal é a que consta da definição, mais nada: nem escolas, nem luz, nem arborisação; não ha serviços que, mantidos pelos cofres municipaes, lhe deem interesse e aos municipes. Trabalha-se acceleradamente para regressar aos costumes romanos.

A camara municipal da ilha do Fogo, tem 17:000 municipes, tem de receita 4:651$00, o que corresponde a $82 por municipe. As suas despezas classificam-se assim: vencimentos incluindo os do serviço de limpeza, 5:566$; construcções e reparações, 3:475$; illuminação publica, 84$; arborisação, 72$; despezas diversas e eventuaes, 2:289$99. Saldo para 1915, esc. 2:702$.

Em primeiro logar assignalaremos que, exceptuando as camaras municipaes de S. Vicente e Sal, onde as taxas de contribuição por municipe são, respectivamente, de 2$27 e 1$14, todas as outras camaras, tendo aliás, empregados para receber impostos, cuidam pouco d'isso.

Já a camara do Fogo recebe $82 centavos por municipe, quasi tres vezes menos do que em S. Vicente. Depois objecta-se que o povo de Cabo Verde não tem necessidades, mas não tem porque lh'as não criam: de nomadas vieram e para nomadas transitam, por inconsciencia dos dirigentes, que, procurando eximir-se ao pagamento do imposto, forçosamente eximem os que subalternos lhe ficam. Com tal prisoria contribuição não se passa do embrionismo, com sacrificio da população que fica auctorisada a pensar que as camaras só pedem dinheiro e não fazem um melhoramento. Como as outras camaras, a do Fogo classifica as suas despezas como segue: vencimentos, incluindo os do pessoal de limpeza, 5:566$; construcções e reparações, 3:475$; illuminação publica, 84$; arborisação, 72$91; despezas diversas e extraordinarias, 1:050$. Saldo para 1915, 76:$00.

Fora do que se lá, não tem esta camara mais nada do que no seu cuidado se chama serviços municipaes: não tem um medico municipal, de enorme necessidade nas freguezias rurais do interior da ilha; não cuida da assistencia publica quando o povo pobre tanto d'ella precisa; não cuida dos problemas mais instantes da população, como sejam o credito agricola, os celleiros geraes, a mutualidade da pecuaria e tantos outros. E, por premio d'esta inercia, o governo, como advogava habil, dá ao municipio o rendimento da Agua da Chan, cuja canalisação lhe custou o melhor de 60:000 escudos. Passemos, mas veremos.

Segue-se a camara municipal da ilha da Boa Vista, com 2:823 municipes e a receita de 1:981$00, o que corresponde a $70 por municipe. As suas despezas classificam-se assim: vencimentos, 1:303$; construcções e reparações, 288$; despezas diversas e eventuaes, 235$. Saldo para 1915, 27$. E' claro que esta não podia deixar de ter uma corporação de economicamente administrada.

Trata-se da ilha que quer parecer o centro mais importante da pecuaria do archipelago. Que protecções dispensa este municipio aos pequenos creadores, sendo como é dirigida por quem tem o pomposo nome de grandes creadores? Nenhumas. As fontes onde o gado bebe são tão hygienicas que o geologo allemão Friedlaender no seu relatorio diz que nunca viu coisa mais nojenta; nem nós. Quem limpa as fontes é o povo, muitas vezes o que nem sequer tem uma cabra, fazendo esse serviço obrigado e gratuito. Quando o povo não pode, representa-se ao governo para que esse pague o que o gado de muita gente rica sujou. Original isto tudo, e muito triste. No que diz respeito á arrecadação dos fenos, nem uma palha se guarda: nos annos bons, e um que os ricos teem cercados abundantes, que o gado não pode comer, ficam no campo, onde o sol os queima e o vento os destroe. Nem anno e veem as crises; uma parte do gado morre á fome, outra é levada para ilhas distantes onde ha pastos. Isto dá logar a ganhos, e, porque o dá, os vereadores preferem isso a fomentar a colheita e guarda dos pastos abundantes nos annos chuvosos. E d'isto se não sae. O mal é dos homens e não tem remedio.

Para o quinto logar na escala da repartição do imposto municipal, é que vae a camara municipal da Praia, capital da provincia de Cabo Verde, com 31:306 municipes e a receita de 21:858$00, o que corresponde a $68 por municipe. As suas despezas classificam-se assim: vencimentos, 9:742$; construcções e reparações, 1:917$; illuminação, 4:534$; arborisação, 564$; despezas diversas e eventuaes, 2:467. Saldo para 1915, 2:820$00.

Tão bem esta Camara tem tratado da applicação dos impostos, que está no quinto logar. Todavia esta Camara apresenta zeladores a 1$50 diarios, sem que se saiba em que se applica esse funccionario, tendo a Camara arrematado quasi todas as receitas dos mercados, curraes e outras. Sobre limpeza são applicaveis as mesmas considerações que expendemos a respeito de S. Vicente. A illuminação publica, para a verba gasta, é cara e má; pensa-se na illuminação electrica, e chegaram a publicar-se annuncios para um concurso, mas eram tão confusas as explicações, que naturalmente não houve concorrentes. O edital mostra que a Camara não quiz saber da opinião da Direcção das Obras Publicas, que lhe teria dado indicações convenientes acerca da illuminação electrica da cidade. N'uma ilha excepcionalmente agricola, a Camara Municipal, se se importasse com os interesses dos municipes, já de ha muito teria montado os celleiros geraes, poupando a muitos dos pequenos productores a perda de colheitas por falta de celleiros modernos. A respeito de medico pensou a Camara ha pouco em crear um partido medico na Praia, onde ha dois medicos militares, em vez de pensar em levar esse grande beneficio ás populações do interior do concelho, que pagam e não sabem bem para quê. Serviços de beneficencia publica, absolutamente nenhuns. E' uma coisa que as camaras julgam absolutamente desnecessaria em Cabo Verde, onde, quando a população tem fome, morre, se o Estado não lhe der um soccorro. Medidas de protecção á pecuaria, como principalmente fixação do preço de venda por arroba de peso vivo, são desconhecidas, porque seria atacar inexoravelmente a maioria dos vereadores, conhecidos marchantes. Emfim, um perfeito cahos esta como outras camaras municipaes.

Armando Xavier da Fonseca

SPORT

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 9—Carmo—Amanhã ha exercicio na Tapada da Ajuda. O ponto de reunião é no jardim de Santos ás 5,30.

A direcção d'este grupo, com o fim de alargar a sua esphera de acção, resolveu transferir a séde para a rua da Magdalena, 91, 2.º, onde se passam a tratar todos os assumptos que lhe digam respeito.

Por amavel deferencia da junta directiva do Club Naval, que ao escotismo tem dedicado o seu valioso auxilio, os escoteiros d'este grupo vão receber lições de natação n'aquelle club.

Esta louvavel acquiescencia do Club Naval veiu preencher uma lacuna que bastante se fazia sentir, e bom seria que tal gesto fosse seguido por tantas pessoas que se interessam pela educação physica do nosso paiz.

N'uma instituição como é a do escotismo, todos os individuos podem cooperar já concorrendo com uma pequena quota mensal, como prestando o concurso das suas aptidões. Na séde, pessoalmente ou por escripto, dão-se todos os esclarecimentos sobre este ponto.

A inscripção de socios das duas cathegorias, escoteiros ou auxiliares, continua aberta. A quota mensal é de 10 centavos.

A corrida de 30 kilometros do Sport Club Progresso

Realisando-se no dia 5 de setembro um passeio ciclista e corridas de bicicletas, a direcção do Sport Club Progresso, a fim de não prejudicar o brilhantismo d'aquelle e tambem attendendo a que muitos não deixasse de ir o maior numero possivel de concorrentes, resolveu adiar a corrida de 30 kilometros para o dia 12 de setembro.

Pelo motivo exposto a inscripção continuará aberta até ao dia 5 de setembro.

Na Amadora

No bello «court» de «tennis» dos Recreios Desportivos da Amadora, realisa-se amanhã a final do campeonato de «singles» e «men's doubles», que tem despertado extraordinario interesse e animado os socios dos Recreios, que preferem o bello exercicio. A' noite, no Salão de Festas effectua-se um excellente espectaculo.

No sabbado, 4, em homenagem ao gymnasta Carlos Martyres, realisa-se um grande festival nocturno.

Todos os dias se effectuam bellas sessões de patinagem.

O operariado do Porto

A sua organisação economica

Deve fundar caixas de resistencia e reclamar melhoramentos nas officinas e casas hygienicas

PORTO, 26 de agosto.

—Com as caixas de resistencia—continuou o nosso entrevistado—os operarios não só podem impôr-se nas suas pretenções—que devem ser sempre justas, para que a opinião publica os acompanhe e lhes dê o seu apoio moral,—mas, do seu fundo, podem organisar um certo e determinado capital proprio que lhes aproveitará na doença, na invalidade, juntamente com o capital accumulado dia a dia pelo seguro obrigatorio a que me referi na nossa ultima palestra.

«Se não fossem os fundos de resistencia das Trades Unions, os mineiros inglezes não venceriam na ultima grande greve as suas reclamações. E' necesarsio, porem, dizer-se que essas reclamações visavam o augmento de salario e não a diminuição de horas de trabalho. Será difficil a organisação, no Porto, d'essas Caixas de resistencia?

«Não. Organisado economicamente o operariado, bastaria que cada trabalhador concorresse semanalmente para a Caixa com dois centavos. Em quinze mil operarios, essa cotisação representava por semana 300$00 e por anno 15.600$00.

«E seria difficil a qualquer operario tirar semanalmente, da sua feria, do seu salario, 2 centavos? Nem se discute. Ora, supponde que esse fundo se accumulava durante dois, tres ou quatro annos, qual seria a força resistente da Caixa ao fim de esse tempo? E' isto que eu julgo que os operarios do Porto devem pensar: Organisar-se, segurar-se, collocarem-se em condições de resistencia, de maneira a não verem a fome espreitar-lhes á porta, livida, ameaçadora, apoz uma ou duas semanas de falta de trabalho. E digo de trabalho, porque—ou porque o não haja—como ha tanto tempo tem acontecido com os operarios de obras de construcção civil, especialmente cavadores e cabouqueiros—ou porque elles não queiram trabalhar—como protesto contra reclamações não attendidas pelos patrões—em qualquer dos casos, digo, as Caixas de resistencia são a unica instituição que lhes póde garantir a vida, não só a d'elles, como a de suas familias.

—E quanto a hygiene?

—E' uma questão primaria essa. Tenho visto opiniões a favor e outras contrarias á deliberação das camaras quanto a classificar como insalubres as artes typographicas e suas correlativas, como as lytographias e as officinas de encadernação. Será como muito bem quizerem. O que é certo é que—vá lá uma grande verdade—não é por o trabalho n'essas artes passar de 10 a 8 horas que essas mesmas artes deixam de ser insalubres. Argumenta-se com a percentagem de tuberculosos. E' uma ficção.

«O laureado academico sr. Santos Pereira, que este anno defendeu na faculdade de medicina a sua these doutoral com o titulo—«A hygiene nas escolas primairas do Porto», escreveu, a pedido do distincto gravador sr. Marques Abreu, um artigo ainda inedito em que affirma,—sobre este ponto, e depois de varias considerações:

«Por outras estatisticas que temos presentes, vê-se que é entre os 20 e os 30 annos de edade que a cifra obituaria dos typographos é maior; entre estas uma estatistica parisiense, obtida sobre os typographos mortos entre os 20 e os 59 annos, diz-nos que a mortalidade d'aquelles ultrapassa muito a metade da dos outros habitantes de Paris; na Inglaterra, porém, os typographos teem uma mortalidade para muito *menos de metade da mortalidade* geral do que a dos seus camaradas parisienses, isto, em parte, devido ás regras de limpeza que adoptam aquelles, o que os colloca, como se vê, sob o ponto de vista nosologico, um pouco superores aos typographos de França.

«E' claro que «não devemos imputar sómente á profissão tamanha responsabilidade»; as precarias condições de hygiene individual do nosso artista, em parte provenientes da sua diminuta ou quasi nula educação n'esse sentido, e os excessos de toda a ordem, commettidos fóra das officinas, depauperando o organismo, que n'esses momentos tinha direito, apoz um dia de extenuante labuta, ao descanço reparador, veem coadjuvar immenso o effeito maléfico dos outros factores acima apontados».

«N'outro ponto, fallando da necessidade de melhorar as condições hygienicas das officinas, escreve:

«A ventilação cuidada das officinas, a sua cubagem relacionada com a população operaria que n'ellas labora, e a luz natural que as deve banhar amplamente, são trez factores primordiaes de hygiene geral que optimos beneficios prestam á saude de todo o artista; a fadiga, o alcoolismo, a falta de hygiene pessoal, e a reduzida alimentação veem contribuir immenso para, em conjuncto com as intoxicações profissionaes, tornarem aterradora a cifra obituaria das nossas officinas.

«Os processos de limpeza das officinas, roçando pelo que ha de mais primitivo, dão uma quota parte muito importante para este resultado; vê-se diariamente a varredura das ruas a secco levantar enormes nuvens de pó que pouco a pouco se abatem sobre os caixotins, onde o compositor o vae revolver, quando não é o proprio aprendiz que com o fole o desaloja bruscamente para de novo o espalhar na atmosphera. E' uma especie de circulo vicioso esta revolução continua das poeiras de uma imprensa».

E, concluindo:

—E, claro que não podem pôr-se de repente, todas as officinas nas condições exigidas pela moderna hygiene. Mas melhorem-se tanto quanto possivel as existentes, e não se deixem installar de novo nenhumas outras que não obedeçam a todas as regras e preceitos da hygiene industrial.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Victimas da revolução

Realisa-se amanhã, pelas 11 horas, no salão da cooperativa Padaria do Povo, na rua Almeida e Sousa, a distribuição de donativos angariados pela commissão promotora da *kermesse* no jardim do Campo d'Ourique ás victimas da revolução de 14 de maio.

Termina na terça feira o praso da entrega, na thesouraria da camara municipal, dos requerimentos das victimas da revolução de 14 de maio, pedindo subsidios á commissão promotora da tourada e em beneficio das mesmas victimas. Em seguida reunirá a commissão para arbitrar as pensões em harmonia com as necessidades das victimas.

Casino de S. José de Ribamar

Accentua-se dia a dia o exito obtido pela arrojada iniciativa dos proprietarios d'este Casino, fornecendo ao publico magnificos jantares, deliciosa musica e bellos espectaculos na ampla esplanada.

Para o *menu* e programma do jantar de amanhã, que n'outro logar publicamos, chamamos a attenção dos nossos leitores.

Queda mortal

ANCIAO, 27.—Cahiu hoje de uma macieira o trabalhador Augusto Avellar, de Figueiras Pôdres d'este concelho, tendo morte instantanea. Era casado, mas não deixa filhos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Republica do Chile»

Em opusculo publicou o sr. D. Hector Briones Luco, consul do Chile no Porto, uma conferencia sobre o seu florescente paiz, na qual descreve todos os seus aspectos, o seu clima, as suas riquezas e os factores de prosperidade que teem feito d'aquella Republica uma das mais ricas e progressivas da America central. Com a leitura do opusculo do sr. D. Héctor Briones Luco muito ha a lucrar.

TOURADAS

Algés—A corrida de amanhã, dedicada ás classes operarias da Companhia dos Tabacos e Arsenal da Marinha, começa ás 17 horas, com o seguinte detalhe: 1.º touro para o cavalleiro Francisco Bento de Araujo; 2.º, espada «El Marino» e sua «cuadrilla»; 3.º, O Senhor da Serra em Algés», intervallo por Antonio Preto e sua «cuadrilla»; 4.º, cavalleiro Natario Junior; 5.º, lide de um touro á corda, á moda dos Açores; 6.º, cavalleiro Francisco Bento; 7.º, espada «El Gonzalito», e sua «cuadrilla»; 8.º, cavalleiro Natario Junior; 9.º, «O cirio da Atalaya», intervallo comico por Antonio Preto e sua troupe; 10.º, para todos os lidadores.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6344	12:000$
7122	2:000$

3873	400$	2683	100$
1450	200$	3417	100$
7328	200$	3796	100$
8171	200$	3941	100$
767	100$	3947	100$
1319	100$	4889	100$
1484	100$	6897	100$
2253	100$	7036	10 $
2462	100$	7654	100$

JANTARES CONCERTOS

E' o seguinte o *menu* e programma do jantar-concerto, que amanhã se realisa no Grande Casino de S. José de Ribamar, em Algés:

Potage
Creme Marie Stuart
Poisson
Filet de Bar Dieudonnée
Entrée
Contre Filets Tyrolienne
Legumes
Petits pois á la Française
Roti
Poulardes aux cresson
Salade de Saison
Entremets
Glace aux pêches
Patisserie Varié

PROGRAMMA DO CONCERTO

1.ª Parte

I—*Le roman d'Elvire*, ouverture .... A. Thomas
II—*Petite Caline* .... Gulet
III—*Mutinerie* .... Pessard
IV—*La Ballade de la Cruz*, selection.. Vives

2.ª Parte

I—*Zazá*, selection..... Leoncavallo
II—*Minueto* .... Godard
III—*Rapsodia Portugueza* .... Pinto Figueiredo
IV—*Les Rapulons* .... Berger

No espectaculo tomam parte a encantadora coupletista Herminia Molina e os incomparaveis artistas Villasinl.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 27.—Foram nomeados assistentes da faculdade de medicina da Universidade os srs. drs. Julio Coutinho da Silva Refoios, Egidio Ayres d'Azevedo, Accacio da Silva Ribeiro, Francisco Alberto de Almeida Ribeiro.

—Da estação telegrapho postal de Setubal foi transferido para a d'esta cidade o 1.º aspirante sr. Annibal das Neves Coelho.

—Foi nomeado ajudante do escrivão de direito do 1.º officio desta comarca sr. Almeida Campos o sr. Manuel Tavares Mendes Vaz.

—A camara Municipal votou a importancia de 15$00 para as reparações a fazer na fonte publica de Alcarraques.

—Tem estado n'esta cidade o italiano sr. Miguel Angelo Viglietti que segundo diz se propõe a percorrer o mundo a pé, em missão de propaganda para a confraternisação dos brazileiros com os italianos.

—Por escriptura publica lavrada nas notas do escrivão notario sr. Arthur de Freitas Campos foi dissolvida a sociedade commercial que n'esta praça girava sob a firma Placido Vicente & Commandita ficando a cargo do sr. Placido Vicente o activo e passivo da referida firma.

—Vae realisar-se brevemente n'esta cidade um commicio para se resolver sobre a forma de pedir ao governo a libertação dos presos por questões sociaes.

O comicio é promovido pelo Comité Pró-Presos d'esta cidade.

—Vão ser creados mais trez postos policiaes, um em Santo Antonio dos Olivaes, outro em Santa Clara e outro na agencia do Banco de Portugal no largo Miguel Bombarda, cuja falta de ha muito se fazia sentir.

FIGUEIRA DA FOZ, 27.—Com a terminação do mez de agosto estão sahindo muitas familias hespanholas, mas em compensação por todos os comboios, tanto das Beiras como do Norte, veem chegando numerosos portuguezes, não havendo uma só casa por arrendar no Bairro Novo.

—No Parque Cine estão trabalhando os melhores artistas que teem vindo á Figueira. Ha dias debutaram ali duas notabilidades: Columbia e Perú, a primeira soprano lirico de grande valor e a segunda é uma boa bailarina. Todas as noites recebem grandes applausos. Tambem hontem se estreiou o consagrado violinista Belazer, que levou a plateia a manifestar-se por uma forma pouco vulgar cá na terra. Podemos dizer que foi applaudido com delirio. No mesmo theatro vamos ter dois magnificos espectaculos pela companhia do Gimnasio de Lisboa, sendo o 1.º na proxima terça-feira, 31, com a comedia em 4 actos *A visinha do lado*, original de André Brun, a 2.ª no dia seguinte com a farça em 3 actos *O homem macaco*. Em ambas as recitas teem papeis de valor os festejados artistas Maria Mattos, Cardoso, Mendonça de Carvalho, Alegrim etc.

A assignatura tem tido grande concorrencia sendo por isso de esperar casa cheia.

—A forma como é feito o policiamento da cidade está deixando muito a desejar. E' raro o dia ou noite que por aqui se não dão desordens e arruaças deveras incommodativas para as pessoas pacatas, que, felizmente ainda são em grande numero.

aquelles homens que haviam deixado o seu paiz para virem tomar parte na guerra do grande Sahib—uma honra para elles maior do que a hora da victoria. Porque embora lord Roberts não fôsse conhecido pessoalmente da geração nova de guerreiros, o seu nome tornára-se familiar nas aldeias mais remotas.

Em breve, porém, se soube que Lat Sahib não viria; tinha apanhado um resfriamento. A doença aggravou-se e em breve se tornou muito séria. O inverno era demasiado rigoroso para o velho soldado. Depois soube-se que o grande guerreiro tinha morrido. Morrera ao querer ir para junto d'elles.

Succumbiu ás 8 horas da noite de 14. Morreu como desejava morrer, no meio do seu velho exercito, ouvindo o troar da artilharia.

Durante o mez de novembro os indios soffreram muito com o frio. A cavallaria batalhava a seu lado, nas trincheiras, apeada, e prestou bello serviço guarnecendo a linha contra o avanço allemão para Calais.

Na ultima semana d'esse mez as tropas indias foram de novo violentamente atacadas. No dia 23, ás nove horas da manhã, nas proximidades de Festubert, o inimigo avançou resolutamente sobre a posição ocupada por ellas. Tinham feito obra de sapa á direita da linha até pequena distancia das trincheiras guarnecidas pelo 34.º de peoneiros sikhs. Depois do bombardeio com morteiros proprios para as trincheiras—nova invenção dos allemães, que causava grandes damnos—deram o ataque com bombas e granadas de mão e apoderaram-se d'algumas trincheiras.

Um contra-ataque dos alliados, de tarde, foi repellido. Ao escurecer, os regimentos inglezes e indios, lado a lado, de novo atacaram, mas não conseguiram alcançar victoria completa. Foi uma lucta desesperada em que o resultado esteve durante muito tempo indeciso; o principal corpo atacante foi repellido, mas alguns conseguiram ganhar terreno e na escuridão partes da mesma trincheira foram occupadas por inglezes, indios e allemães. Os valentes que se mantiveram durante a noite n'essas posições tão proximo do inimigo contribuiram para o resultado do assalto final.

A's 10 horas e meia da noite as reservas do corpo d'exercito chegaram e o ataque proseguiu com fortuna varia em differentes pontos da linha. A noite estava clara. Os assaltantes estavam expostos ao fogo das metralhadoras e a neve reflectia as suas sombras ao avançarem. Um ataque de frente custaria muitas vidas e por isso resolveu-se atacar o inimigo pelo flanco direito. O exito foi completo. Tres officiaes, mais de cem soldados, tres metralhadoras e um morteiro cahiram em poder dos assaltantes. Uns cem cadaveres de allemães ficaram proximo das trincheiras; o numero dos seus feridos foi muito grande. O numero de perdas da parte dos inglezes, devido á natureza da lucta, foi tambem consideravel.

Na refrega, os garhwalis tiveram parte proeminente e derramaram muito sangue com os seus «kukris». Outra parte das trincheiras foi varrida por um destacamento do 1.º de sapadores de Bengala.

Uma idéa da confusão d'essa lucta corpo a corpo é dada pelo que succedeu ao official que os commandava. Nem elle proprio sabia se a trincheira que tinha de retomar estava já ou não em poder dos seus homens. Avançou; achou-os realmente na trincheira, mas de mistura com allemães. Teve de luctar na escuridão e só ao romper do dia conseguiu desembaraçar-se por completo do inimigo.

Um outro official tomou uma maleta de granadas de mão d'um homem que cahira e acompanhado por tres garhwalis percorreu a trincheira, varrendo d'ahi os allemães. Ao romper do dia não havia ali um unico inimigo.

No seu relatorio de 20 de novembro, sir John French refere-se com louvor á obra dos sapadores indianos. Conquistaram, diz, elevada re-

sir John French no seu relatorio é um dos seis batalhões da raça sikh que ha no exercito indiano. Os outros são o 14.º, 15.º, 16.º, 35.º e 36.º. Em addicção a elles ha os tres batalhões de peonciros, principalmente recrutados entre os mazbi sikhs. Na actual guerra, o 36.º entrou na captura de Tsing-Tau. O 14.º foi um dos regimentos que esteve na China em 1900, addido ao quartel general

O estadista francez Viviani, presidente do conselho de ministros

allemão. O feld-marechal von Waldersee passou-lhe revista em Shanghai, no regresso, e expressou a sua admiração pelo seu esplendido aspecto e pelo seu porte militar. Em 1914 os regimentos da raça sikh iam mostrar aos allemães como elles sabiam corresponder a esse aspecto physico.

O 9.º regimento d'infantaria de Bhopal, que tambem tomou parte no ataque, não é, como algumas vezes se julgou, corpo de serviço imperial ou de tropas do Estado de Bhopal, mas um batalhão do exercito regular indiano. Quando o 9.º d'infantaria de Bengala foi retirado da linha geral e incluido na linha gurkha com o 9.º de gurkhas, em separado, esse batalho, que era primitivamente um batalhão local do Bhopal Durbar, tomou o logar d'aquelle. Foi um dos primeiros regimentos indianos que entrou em combate, tendo tido muitas perdas em officiaes e homens.

Na ultima semana d'outubro o 2.º batalhão do 8.º de atiradores gurkhas, da brigada Bareilly, chegou ás suas trincheiras. Sobre elle cahiu um fogo terrivel, tornando-se a posição insustentavel. Essas difficuldades iniciaes augmentaram com a profundidade das trincheiras, que haviam sido feitas para homens de alta estatura. Foi enfiado pelo fogo das metralhadoras e perdeu quasi todos os seus officiaes britannicos.

N'uma das trincheiras um sargento juntou os seus homens e levou-os na escuridão para as linhas que lhe ficavam atraz. Não sabiam bem os homens onde estavam, mas, por um feliz acaso, estavam n'uma trincheira occupada por um regimento de highlanders. Gurkhas e highlanders eram velhos camaradas de armas.

Tambem os seaforths teem tradições de boa amizade com esses soldados indios, amizade que data dos dias da revolta na India; pelejaram lado a lado muitas vezes na campanha da fronteira noroeste. Na India contam-se muitos incidentes pittorescos d'essa amizade. Os gurkhas acharam-se assim entre velhos amigos.

A principio os indios acharam-se perdidos no meio das estranhas condições de guerrear n'um paiz distante. O seu treino e o seu instincto estavam habituados a uma especie differente de lucta. A duvida para elles era constante. Mesmo o distinguir os soldados allemães dos francezes na escuridão era para elles difficil. Quando os seus officiaes inglezes morriam não sabiam fazer-se entender. Os que se afastavam viam-se em difficuldades para se juntarem ás suas unidades.

Durante tres dias—31 d'outubro e 1 e 2 de novembro—as suas linhas estiveram expostas a um violento

bombardeamento e a continuos ataques d'infantaria. No dia 2 um violento ataque se pronunciou contra parte da linha a oeste de Neuve Chapelle. N'um sitio o inimigo conseguiu romper a linha, a qual teve de recuar ligeiramente. O 2.º de gurkhas sob o commando do coronel Noric salvou a situação dando uma brilhante carga. As perdas de officiaes e homens foram grandes. O 2.º de gurkhas é o famoso batalhão Sirmoor alistado depois da guerra do Nepal. Esse batalhão, com o 60.º de atiradores, guarneceu o exposto flanco da elevação deante de Delhi desde o primeiro até ao ultimo dia do sitio.

Foi no dia 31 d'outubro em Hollebeke que Khudadad, um soldado do 129.º regimento de Beluchistans do Duque de Connaught, alcançou a condecoração Cruz de Victoria. Quando o official inglez encarregado do destacamento foi ferido e as outras metralhadoras postas fóra d'acção pela explosão d'uma granada, Khudadad, embora gravemente ferido, continuou manobrando a sua metralhadora até que os seus cinco companheiros restantes foram mortos.

Foi o primeiro indio condecorado com a Cruz de Victoria, embora haja, actualmente, outros que a teem. Quando o rei, um mez depois, quiz condecoral-o pelas suas proprias mãos no campo de batalha, o valente soldado estava ainda em tratamento no hospital.

Para os que não os conhecem bem, os titulos dos regimentos indianos são causa de grande confusão.

Basta dizer que Khudadad, embora estivesse n'um regimento de Beluchistanos, não era d'essa raça. Muito poucas tribus do Beluchistan, uma raça mahometana de descendencia arabe, servem no exercito indiano. Os naturaes do Beluchistan, apezar de constituirem uma raça combativa, não acceitam o serviço militar sob o commando de chefes das tribus a não ser nas suas localidades. Os regimentos 127.º, 129.º e 130.º de infantaria, conhecidos pelo nome de regimentos Beluchistans, são recrutados entre mahometanos de varias tribus a dentro da fronteira india. Teem poucos beluchistans genuinos.

Egual engano prevalece com respeito a alguns dos regimentos chamados sikhs. Os regimentos 51.º, 52.º, 53.º e 54.º de sikhs não são, como a sua designação parece indicar, regimentos d'essa casta, mas sim formados de companhias mixtas de sikhs, drogas e musulmanos punjabis.

Tiram o seu titulo do facto de terem sido recrutados no Sikh Durbar e trazidos para o exercito indiano depois da guerra dos Sikhs.

Depois do ataque de Neuve Chapelle houve uma relativa acalmia na offensiva allemã ao longo da frente guarnecida pelo contingente indiano. As tropas estavam expostas a um continuo bombardeamento e a ataques nocturnos isolados a todo o longo da linha, que foram repellidos sem grandes perdas para os alliados; mas durante quasi tres semanas não houve lucta tão violenta como aquella em que o 47.º regimento de sikhs, a 20.ª e 21.ª companhias do 3.º de sapadores e mineiros de Bombaim e o 2.º e o 8.º de gurkhas tantas perdas tiveram.

No seu relatorio ácerca d'esse periodo, sir John French menciona especialmente a iniciativa e os recursos das tropas indianas. Uma historia contada pelo «Observador servindo com o contingente do exercito indiano em França» é deveras engraçada e dá uma idéa precisa d'essa iniciativa. Essa historia é a seguinte:

«Dois indios estavam em reconhecimento no terreno que separava as nossas trincheiras das allemãs quando a luz de um projector, ao illuminar o campo, expôz um d'elles ao fogo do inimigo a curta distancia. Occultar-se era impossivel e o indio percebeu rapidamente que só um recurso extraordinario o podia salvar. Ergueu-se immediatamente e, á vista da nossa trincheira, avan-

çou, bamboleando-se, para a trincheira allemã.

Os que a occupavam, attonitos com o facto, cessaram o fogo. Elle continuou a avançar e approximando-se de todo da trincheira deu a entender por signaes que era mudo e que desejava entrar. Seguiu-se um dialogo, que póde imaginar-se com mais facilidade do que reproduzir-se. Os allemães, anciosos por saberem o que elle era, mencionaram varias nacionalidades indias. Abanava a cabeça até ouvir a palavra musulmano. Então, accenou affirmativamente.

Um momento depois, os allemães falavam nos inglezes. Elle pôz a mão no peito com um gesto de desgosto. Os allemães, muito favoravelmente incitados por esse gesto, deram-lhe de comer e um cobertor. O indio passou a noite com elles e na manhã seguinte, por meio de gestos dos dedos indicou a um official superior que havia sido mandado pelos companheiros para apalpar o terreno e que eram vinte e cinco os musulmanos que havia na sua trincheira, os quaes, se elle fôsse solto, viriam com elle. Os allemães, completamente enganados, deram-lhe uma taça de café e mandaram-no embora. Elle voltou para junto dos seus amigos, os quaes celebraram a aventura, sendo o soldado promovido a cabo e tornando-se celebre pela sua presença de espirito e pela finura de que dera provas».

Esta historia, verdadeira como é, parecia mais uma fabula. Os allemães fizeram todos os esforços para os demover da sua lealdade ao rei-imperador. Aeroplanos deixaram cahir manifestos entre os indios, incitando-os a revoltarem-se, escriptos em hindu, lingua que nem todos entendiam. Dizia-se n'esses manifestos que o Sheikh-ul-Islam tinha na occasião do «Am Id» (uma festa que não existe) em Mecca (onde elle nunca viveu nem vive) declarado a guerra santa contra os alliados e que se lhe haviam juntado os afghans.

Outras proclamações eram arremeçadas pelos aeroplanos allemães, todas ellas incitando á revolta. N'uma trincheira que fazia frente á dos indios, uma manhã foi posto um grande letreiro em que se lhes dizia que deviam combater a seu lado e odiar os inglezes.

No dia 11 de novembro, o feld-marechal lord Roberts chegou a Boulogne e foi inspeccionar o hospital maritimo indiano. Na manhã seguinte chegou ao quartel general do corpo, onde lhe foram dadas as boas vindas pelo general, e passou revista a uma guarda de honra composta de tropas inglezas e indias que tinham vindo de proposito das trincheiras para o receberem. A mil pés de altura, um aeroplano quasi estacionario, embora soprasse o vento com a violencia de oitenta kilometros, velava pelo maior soldado da Inglaterra, e ouvia-se o continuo troar dos canhões em toda a linha de batalha a alguns kilometros de distancia.

O feld-marechal visitou os quarteis generaes das divisões e de cavallaria atraz das linhas de combate, parando aqui e ali e falando aos homens de cada unidade, inglezes e indios. A estes falava-lhes elle na sua lingua com uma sympathia que nunca por elles será esquecida. Nenhum outro inglez conseguiu jámais alcançar o logar que lord Roberts tinha no coração dos soldados indios.

Lord Roberts durante essa inspecção conversou pela ultima vez com o seu velho amigo sir Pertab Singh, durante muito tempo, rememorando o tempo da sua mocidade e as suas caçadas na India, em que juntos passavam semanas e semanas.

No dia seguinte lord Roberts quiz continuar a visita, mas as suas forças estavam exgotadas. A sua affeição ao exercito indio custou-lhe a vida.

No domingo de manhã os soldados indios feridos esperavam-no no hospital do collegio dos jesuitas, em Boulogne. Havia-se espalhado o boato de que o «Lat Sahib» atravessára a «negra agua» para os vêr. Era o maior successo que podia agitar

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1820 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 29 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Catholicos germanophilos

A *Liberdade*, o diario catholico do Porto, que mostra uma grande sympathia pelos allemães e uma animadversão manifesta pelos alliados, como já tivemos occasião de demonstrar, publicou a seguinte nota ácerca do «livro dos catholicos francezes»:

Apesar de muito os estimarmos, não podemos concordar com a sua attitude, publicando um livro injurioso para vinte e cinco milhões de catholicos allemães, cujos direitos eram respeitados mais e melhor que na França que, pela sua vocação e favores recebidos, mais obrigação tinha de permanecer fiel.

Certo que da Allemanha nos veiu o protestantismo: mas a França deu-nos o voltaireanismo e o jacobinismo.

Luthero, o allemão, faz *pendant* com Calvino, francez.

Se da Allemanha surgiu o modernismo, foi a França que o diffundiu nos paizes latinos. Harnak fez menos mal que Loisy, como Strauss tinha feito menos mal que Renan.

Bismarck facilitou é certo a queda do poder temporal do Papa; mas quem a preparára tinha sido Napoleão III.

A perseguição franceza não tem sido peor que o Kulturkampf? e não lograram d'elle melhor resultado os catholicos allemães, do que os francezes retiraram da tyrannia maçonica?

Quer saber o leitor como se intitula o «livro injurioso» publicado pelos catholicos francezes? «A guerra allemã e o catholicismo.»

A *Liberdade* considera injurioso um livro a cujo respeito escreveu monsenhor Amette, cardeal arcebispo de Paris:

Os diversos capitulos que compõem este livro foram escriptos por homens que teem uma doutrina firme e uma fidelidade absoluta á Igreja, alliadas a uma competencia indiscutivel e a uma documentação segura. Podemos attestar que as considerações que elles expõem e os factos que narram merecem todo o credito. Com confiança os apresentamos aos nossos irmãos dos paizes estrangeiros. Ao lel-os, poderão estes convencer-se de que, na lucta actual, a França, assim como nol-o escrevia hontem o illustre e venerando cardeal arcebispo de Malines, «permanece fiel ao seu papel secular de guarda do Direito e protectora da Civilisação.»

Qual será a opinião de mais peso? do sr. cardeal Amette ou a do sr. Alberto Pinheiro Torres? E' possivel que os nossos mirificos e impagaveis catholicos reputem mais acertado o que diz o director da *Liberdade* do que o que escreve o arcebispo de Paris!

Mas quem redigiu o livro classificado de injurioso pelo orgão catholico portuense? O conego Gaudeau, Georges Goyau, François Veuillot, o conego Couget, o conego Ardant e monsenhor Baudrillart. Affirmar que estes homens eminentes escrevem injurias só o germanophilismo exaltado d'esses bons catholicos da *Liberdade* seria capaz de fazel-o.

O sabio Monsenhor Baudrillart, na «advertencia» com que precede os varios capitulos do livro que a *Liberdade* chama injurioso, responde antecipadamente aos taes catholicos que, apaixonados pelo imperialismo allemão, devotos da sua força e da brutalidade dos seus exercitos, se esquecem da religião que professam e dos espantosos aggravos que ella tem recebido por parte das tropas germanicas. Eis o que escreveu o reitor do Instituto Catholico de Paris:

- O livro que apresentamos ao publico é um livro de propaganda franceza. E' destinado sobretudo aos catholicos dos paizes neutros.

Entre elles, muitos, sabemol-o e sentimol-o bastante, extabelecendo opinião segundo actos exteriores que nós somos os primeiros a deplorar, sentem-se inclinados a acreditar que a França deixou de ser uma nação christã e catholica; enganados tambem pelas declarações interessadas e, demonstral-o-hemos, pouco veridicas, dos nossos adversarios, imaginam que a Allemanha e a Austria, que infelizmente se tornou um satellite da primeira, representam no mundo a causa da ordem, da auctoridade, da religião, e que a sua victoria será, de preferencia á nossa, favoravel aos interesses sagrados do catholicismo.

...Nós somos os catholicos francezes que vimos trazer aos nossos irmãos dos paizes neutros o testemunho dos mais respeitados, dos mais esclarecidos, dos melhor informados de nós todos: testemunho de dois cardeaes e de varios prelados que não falam em nome da hierarchia catholica—não pretendem insinual-o aqui—mas em nome do que sabem e do que viram, porque todos, com excepção do veneravel arcebispo de Paris, diocese em que este livro vem á luz, são os bispos das regiões invadidas pelo inimigo; testemunhos de homens da Academia Franceza, que representam o mais elevado grau do pensamento francez e que, vivendo n'este centro parisiense ao qual veem ter todas as idéas, todas as informações, tambem estes falam com conhecimento de causa; testemunho de deputados, que são menos os homens d'um partido politico do que os defensores da religião no parlamento; testemunho de membros eminentes das nossas assembleias de Paris, conselho geral e conselho municipal; testemunho, emfim, de publicistas, que, todos, puzeram a penna ao serviço da Egreja...

...Para constituir a nossa Junta e para escrever este livro não quizemos senão catholicos como tal reconhecidos, a fim de que estivessem em condições de dizer: «Nós sabemos o que é a doutrina catholica e o que exige, quaes são as idéas de que quer assegurar o dominio, quaes são os actos que defende, mesmo em tempo de guerra...»

Os insignes catholicos das margens do Douro torcem o nariz, discordam e consideram injurias o que as primeiras figuras do catholicismo militante da França contemporanea entendem ser a verdade historica e nada mais. O que lhes havemos de fazer?...

Messe victoriosa

Terra de Portugal, floresce de bandeiras!

Da aridez da charneca á doçura das leiras
Das cidades febris ás praias melodiosas,
Floresce n'um vergel de bandeiras formosas.
Desfralda, ao vento e ao sol, a ardente Primavera,
Em que a alma da Patria irrompe, sonha... e espera!
Quero vêr, no ondular d'uma chama insoffrida,
Fulgir de Norte a Sul a messe appetecida
Como um fogo lustral em cujo resplendor
Se queima o desespero e accende mais o amor!
Quero ouvir, no carolar d'uma vaga que espuma,
Cada bandeira erguer o seu rythmo e uma a uma
Desferir, tremulando, um cantico de gloria!
Quero escutar, passando em rumor de victoria,
O mysterio de força, a profunda ambição
Que sobe para o céu da immensa floração!
E irmanado por fim ao desejo divino
Que é todo o seu perfume e seiva excepcional,
Sentir que n'ella acorda o teu maior destino,
Grande Patria de Heroes, Terra de Portugal!...

Ah! sempre o teu Destino o soubeste cumprir,
Patria de Heroes! O Mar, que te ensina a sorrir,
Ensinou-te a vencer e a dominar tambem.
E hoje, que em ti soluça uma queixa de Mãe,
Hoje que a magua esfria e curva a tua fronte,
Sonhando o coração que enfim te desafronte
Da offensa desleal, do insulto sem defeza,
—Hoje—não tens senão que nos dizer:—parti,
Filhos da minha força e da minha belleza,
Filhos por quem amei, filhos por quem soffri!
O meu Passado exige á vossa decisão,
O mesmo ardor confiado, a mesma exaltação
Que d'antes fez arquear, mais bellas de arrogancia,
As prôas dos galeões, sequiosas de distancia!
Ide! O sonho é maior que o receio da morte!
Se ha quem lucta e combate é pelo vosso ideal,
E entre os mil pavilhões, brilhando ao sol do Norte,
Falta o vosso pendão, Heroes de Portugal!

Por isso florescei, bandeiras, tremulae!
Tremulando, chamae os corações da gente!
Florescendo, chamae nossas almas, chamae!
Quem não quer vir colher esta messe fremente?
Quem não quer levantar em suas mãos de lucta,
O estandarte viril, á bandeira impoluta
Onde canta e perdura a ousadia da raça,
Onde a historia revive e um sopro altivo passa?
E' preciso coroar, d'essa palpitação,
A marcha heroica d'uma anciosa multidão!
E entre as balas silvando, e o fumo e a mortandade
Caminhar, caminhar, ebrios de Liberdade,
Caminhar para além do solo que vos prende,
Caminhar, sarça ardente, á victoria immortal
—Bandeiras tremulando, em que ao Porvir ascende
O teu sonho maior, Terra de Portugal!

29 de Agosto de 1915

João de Barros

Estes versos foram, como n'outro logar dizemos, recitados pelo illustre actor Henrique Alves na festa hoje realisada no Coliseu de Lisboa.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A' VOLTA DA GUERRA

Fala Maeterlinck

O que o grande escriptor diz sobre o momento actual

Em uma entrevista da qual aos nossos leitores proporcionamos varios trechos que certamente apreciarão, deu Maurice Maeterlinck a um redactor do *Daghens Nyheter* as suas impressões acerca do momento actual. Logo ao principio da guerra quizera o grande escriptor alistar-se, mas observaram-lhe que melhor serviria o seu paiz com a penna.

No decorrer da conversação referiu-se á pilhagem sistematica das cidades e casas de campo belgas, e ás multas de 100:000 marcos impostos ás cidades, motivadas por individuos pagos pelo invasor para gritarem: viva a França. Não occulta o seu receio de que o reabastecimento pelos Estados Unidos, até agora respeitado, deixe de ser facil no caso de conflicto entre a America e a Allemanha, e então populações inteiras ficarão sujeitas a morrer de fome, porque os allemães não darão quartel.

—Tem recebido noticias da Belgica? perguntou o redactor do *Daghens Nyheter*.

—Raras vezes. Além d'isso é preciso saber ler nas entrelinhas das poucas cartas que nos chegam ás mãos; é empreza perigosa escrever cartas da Belgica. Envial-as pelo correio para o estrangeiro é coisa em que não vale a pena pensar; a principio ainda havia uns mensageiros que se encarregavam de passal-as na fronteira hollandeza para serem expedidas de Inglaterra, fazendo este serviço a troco de 20 francos, mas como muitos d'elles foram presos e fuzilados pelos allemães, agora é difficil encontrar quem queira encarregar-se de tal serviço. Além d'isso quem as escreve fica egualmente exposto ás violencias do invasor; um meu primo foi fuzilado por causa de uma observação imprudente que fizera n'uma carta que foi interceptada.

Meu irmão é notario em Gand; tentou passar a fronteira hollandeza com a mulher e os filhos, mas foi preso e convidado a voltar para o seu cartorio, permittindo-se no emtanto que minha cunhada e os filhos continuassem a viagem. Estão agora em Londres. Por ella soube que meu irmão fôra obrigado a receber em sua casa sete sargentos que se divertem sem constrangimento como se estivessem em casa propria, bebendo os melhores vinhos que lá encontraram, principalmente um vinho velho de Borgonha de que meu irmão muito se envaidecia. Os notarios belgas fazem gala em ter boas garrafeiras.

«O que mais se teme na Belgica é que os allemães, quando forem forçados a retirar, destruam as cidades que até agora teem poupado: Gand, Bruges, Bruxellas, etc. Mostram-se dispostos a devastar o que não puderem conquistar ou tiverem que abandonar.

Não posso descrever-lhe o pezar que me causou a devastação da velha Flandres; desde a minha mocidade que me habituava a admirar Ypres e Dixmude, estimava-as como se fossem coisas minhas. Quando era creança, ia todos os annos passar as ferias grandes a Ypres; então era uma das mais bellas cidades do mundo; hoje é apenas um montão de ruinas. Esta idéia causa-me como que a impressão de que qualquer cousa falta na minha existencia...»

E, tendo dito estas palavras, Maeterlink conservou-se por um momento silencioso.

—Que felicidade no dia em que os allemães forem escorraçados do paiz, atirados para as suas fortalezas d'alem do Rheno! Talvez mesmo os atiremos ainda para mais longe, quando os russos, os rumaicos, os servios e os italianos produzirem o seu pleno esforço! Estou convencido de que não será de longa duração a guerra; estamos mais proximos do fim do que nos atrevemos a esperar»....

—Confia na victoria final? perguntou o nosso collega.

—Plenamente; nunca tive a menor duvida a tal respeito—respondeu Maeterlinck admirado d'uma tal pergunta.

—E depois da guerra terminada?

—Passar-se-hão alguns annos de actividade febril para reconstruir o que foi destruido; viveremos uma epoca de profunda miseria, mas a natureza é rica, e mais cedo do que julgamos a industria resurgirá das suas ruinas, as machinas novamente funccionarão nas fabricas e as primeiras sementeiras verdejando nos campos apagarão as fundas pegadas do execrando inimigo...

—O senhor que considera o homem capaz de tirar das maiores desgraças a força precisa para attingir um maior desenvolvimento, o que pensa do povo belga depois da guerra?

—Antes da guerra, os belgas eram um pequeno povo de elementos heterogeneos, composto por duas raças essencialmente differentes, cada uma com a sua lingua; o heroismo e o espirito de sacrificio da nação e os inconcebiveis soffrimentos d'este ultimo anno fundiram os belgas n'um povo só.

Actualmente ninguem põe em duvida o direito d'este povo á existencia.

E' muito possivel que a actual desgraça da Belgica venha a ser a sua felicidade, o que facilmente se comprehenderá quando podermos almejar n'um só olhar todos os ultimos acontecimentos. A desgraça foi util á Belgica; foi a violação da boa fé e das leis pela Allemanha que poz a potencia mundial ingleza em armas; e desde então o resultado da guerra deixou de ser duvidoso; foi a desgraça da Belgica que fez com que a Italia não pudesse evitar a guerra contra os seus antigos alliados.

Mas voltando á minha querida Belgica. Fala-se em dar-lhe como compensação novos territorios; não vejo como, praticamente, tal se possa fazer. Mas a indemnisação da Allemanha ajudará a Belgica a levantar-se.»

—E como poderá a Allemanha vencida pagar as enormes sommas que de todos os lados lhe reclamarão a titulo de indemnisações?

—Facilmente!... O pagamento não será feito de uma só vez... Felizmente, os allemães são laboriosos; durante oitenta annos, cem annos, mesmo, obrigal-os-hemos a trabalhar para nós... Aquella gente violou todas as leis da terra; pois se não quizer que restabeleçamos estas leis, que vá para outro planeta...

Os allemães teem que ser os escravos da Europa!

NAULILA

Em torno da carta de Roçadas

Um esclarecimento do sr. major Reis

O sr. major José Mendes dos Reis, que commandava o destacamento portuguez em Naulila nas vesperas do combate de 18 de dezembro, envia-nos a seguinte carta a proposito da que hontem publicámos e que era assignada pelo sr. tenente Antonio Rodrigues Marques:

Sr. director d'"A Capital":—Tenho até hoje seguido a norma de nada escrever sobre Naulila, antes da publicação do relatorio do ex.mo commandante Roçadas, que, sem duvida, restabelecerá a verdade dos factos, e, com justiça, collocará todos nos seus devidos logares.

Se depois da publicação d'esse relatorio ainda ficarem duvidas no espirito publico, o que não creio, então, se for preciso, concorrerei tambem para o apuramento completo da verdade, pois sou de opinião que, sobre Naulila, deve fazer-se luz, muita luz, illuminando tudo de tal fórma que apenas appareça a verdade nua e crua.

Mas a carta do sr. tenente Marques, hontem publicada n'«A Capital», obriga-me a responder, unicamente na parte que cita o meu nome.

O sr. tenente Marques transcreve um periodo da carta do ex.mo commandante Roçadas, que diz:

«Na vespera tinha eu dito ao tenente Marques, que commandava as forças do postos, que apenas ouvisse o fogo, sahisse do posto e avançasse».

Diz depois o sr. tenente Marques:

«Naturalmente, s. ex.ª quer referir-se á ordem que, conforme as minhas declarações n'«A Capital», recebi na vespera do combate para tomar logar na primeira linha ao lado do 3.º pelotão. Cumpri essa ordem, mas pouco tempo depois, o sr. capitão Reis mandou-me novamente regressar ao posto...»

Se d'aqui se póde deprehender que a minha ordem invalidou a do ex.mo commandante declaro que assim não succedeu.

O sr. tenente Marques tinha sido por mim escolhido para provisor do destacamento, cargo importante e de grande responsabilidade, devido á enorme difficuldade nos abastecimentos e ás especialissimas circumstancias em que nos encontravamos. E' com o maior prazer que accentuo aqui que o sr. tenente Marques revelou sempre no espinhoso desempenho d'esse cargo a maior actividade, dedicação e competencia.

Quando dei ordem ao sr. tenente Marques para regressar ao posto, foi porque entendi que não sendo iminente na occasião o ataque inimigo o sr. tenente Marques prestaria melhor serviço no desempenho do seu cargo, providenciando para a alimentação do pessoal e animal, do que nas posições de combate, antes de começar o fogo.

A ordem do ex.mo commandante era clara; dizia ao sr. tenente Marques: «... que, apenas ouvisse o fogo, sahisse do posto e avançasse». E fogo só o houve no dia 18. E a minha ordem, mandando o sr. tenente Marques regressar ao posto, foi dada na vespera.

Quaes as razões que levaram o sr. tenente Marques a proceder como entendeu são da sua exclusiva responsabilidade, como muito bem diz, e apenas tem a dizel-as no seu relatorio de combate, ao ex.mo commandante.

Limito-me apenas a dar um esclarecimento, visto que fui directamente visado, citando-se o meu nome.

Peço a v., sr. director, a publicação d'estas linhas, o que reconhecido agradeço, e sou com a maior consideração.—De v. etc.—*José Mendes dos Reis*, major de infantaria.

O depoimento do sr. major Reis vem assim confirmar as declarações do sr. tenente Marques quanto á ordem de retirar da 1.ª linha. Effectivamente, na entrevista que com este official teve o nosso redactor Hermano Neves ficou claramente explicado que a ordem de avançar até tomar posição ao lado do 3.º pelotão, na extrema esquerda do nosso flanco, e a ordem de retirar para o posto alguns minutos depois foi dada ao tenente Marques *na vespera do combate*. Fica assim esclarecido um ponto duvidoso da carta do sr. commandante Roçadas, quando affirma que não foi elle nem lhe consta quem tenha dado essa ultima ordem.

Por lapso de revisão, sahiu hontem na entrevista com o sr. Carvalho Araujo «mamatos» em vez de «conamatos» e «manhamas» em logar de «conanhamas». A illustração do leitor decerto corrigiu estes erros typographicos que escaparam á revisão.

Morrer a tempo

Uma vez, estando eu sentada á porta da minha casa, passou na estrada um velho arabe com um taboleiro defronte de si preso ao pescoço por uma correia.

Era ao entardecer.

Lembro-me de que os ultimos raios do sol feriam reflexos multicolores nos pequenos objectos espalhados no taboleiro e os transformavam em pedrarias, como se o pobre vendilhão levasse ali um dos maravilhosos thesouros que resplandecem nos contos immortaes creados pela poderosa e ardente imaginação dos seus antepassados.

A' luz do astro que se afundava n'um brazido de nuvens escarlates, os amplos calções fluctuantes do arabe eram de purpura, o seu andrajoso turbante de damasco e oiro; a tez morena e os braços musculosos e rijos, nus até ao cotovello, tomavam o tom avermelhado e quente do bronze.

Era alto, direito; os olhos luziam-lhe como dois diamantes negros e uma enorme barba grisalha descia-lhe sobre o peito ás ondas, como as barbas dos patriarchas de Luini.

Parou defronte de mim.

A sua mercadoria era authentica; amuletos estranhos, inquietadores pelas suas formas e pelas suas significações, frascos de perfumes que, apenas entreabertos, embalsamavam o ar e perturbavam os sentidos, pequenas bolsas de coiro martelado com legendas em caracteres arabes, joias de cobre e oiro, coraes, adagas de laminas finas e flexiveis...

A' medida que estes objectos passavam pelas minhas mãos, sentia-me invadir por uma sensação intensa de sonho. Parecia-me que todos os aspectos á minha volta se transformavam lentamente e que o tempo recuava transportando-me a seculos idos.

Na curva do rio lá ao longe, uma grande roda de rega gemia entornando sem fim dos alcatruzes a agua que luzia como fitas de chumbo derretido.

A palmeira alta e esguia ao nosso lado estremecia á passagem da brisa com um sussurro mysterioso.

N'um quintal proximo, uma mulher embiocada curvava-se sobre o boccal do poço; o balde cheio subia devagar e a roldana rangia n'um queixume entrecortado.

Mais além uma fogueira ardia rente á terra e sobre ella elevava-se em linha recta um tenue fio azulado de fumo que se perdia no espaço.

A' nossa esquerda, a estrada branca, de poeira afastava-se entre os tufos rigidos das piteiras cinzentas, cortando a vastidão da charneca resequida e arida, deserta, parda, raza, sem uma habitação nem uma arvore.

E o sol desapparecera; os tons escarlates do poente passaram a côr da purpura e depois attenuaram-se, magoaram-se, empallideceram, ficaram violetas rosados espalhando sobre o crepusculo que principiava na terra uma tristeza infinitamente calma e doce.

Não se ouvia uma voz.

Onde me encontrava? Em que tempo vivia?...

Tinha nas mãos o amuleto que acabava de comprar ao arabe; e o homem, de pé defronte de mim, falava-me devagar, com gestos lentos e magestosos, em resposta a umas vagas perguntas que eu lhe fizera.

«Que importa de onde venho? De longe? De perto?... O mundo é grande se o comparares á tua casa; e pequeno se o comparares ao firmamento. Não ha tempo nem medida para quem souber pensar nas coisas eternas; não ha tristezas nem alegrias para quem tiver a coragem de pensar na morte. Tudo é indifferente para quem entender o verdadeiro valor da vida... que é nullo».

Olhava-o assombrada. Parecia-me vêl-o crescer, tornar-se grave e solemne como um ente sobrenatural.

«Ha só uma coisa importante, continuou elle, é morrer a tempo. Morrer a tempo é a unica felicidade concedida ao homem. A vida é uma montanha; o homem vae subindo até chegar ao cimo. Ahi, olhando em volta, julgar ter conquistado o mundo. Mas não se póde demorar e começa a descer a outra vertente. Então a escuridão vae-se fazendo cada vez mais profunda na sua alma. Alguns morrem antes de attingirem a crista da montanha, outros logo ao principio da subida, muitos ao descerem a vertente opposta; a maior parte não chega a emprehender a ascenção porque não tem força e fica lá no fundo do abysmo a vida toda nas trevas a luctar contra os phantasmas Fome e Miseria. Para esses, «morrer a tempo» é morrer á nascença; os outros que só chegam á meia encosta, é ahi que devem morrer. São poucos os que morrem durante os momentos curtos e radiosos que lhes são concedidos no alto da montanha. São raros: O sabio, o trabalhador, o guerreiro, o imbecil, o ocioso, o mau... qualquer d'elles, chegado ao cimo da montanha vê o mundo aos seus pés. Felizes são os que morrem n'essa hora. Miseraveis os que lhe sobrevivem. A montanha da vida é egual para todos; mas cada um a sobe com um fardo differente. Uns levam a sabedoria, outros levam armas de combate, outros um thesouro, outros uma mulher, outros uma bandeira, outros um sonho de gloria, outros uma corôa; outros ainda levam uma vingança, um triumpho, uma illusão, uma puerilidade... Qu'importa? Lá em cima, na hora radiosa, o valor é o mesmo para todos os fardos e todos brilham... e todos esmorecem e se apagam durante a descida. O homem extenua-se á procura da felicidade; e ella reside apenas n'estas tres palavras:—«morrer a tempo»..

E sem ouvir a minha resposta, o arabe afastou-se pela estrada além e summiu-se no crepusculo.

Voltei para casa; á luz do candieiro examinei o amuleto e descobri que tinha gravadas as tres palavras: «morrer a tempo».

Mas era afinal um amuleto falso porque os annos passaram e já vou na descida da montanha sem que a mão da morte misericordiosa me poisasse no hombro.

Virginia de Castro e Almeida

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—28-8-915

AS TENTATIVAS MONARCHICAS

A revolução de 5 de outubro de 1910 não tem rival na historia das revoluções politicas, pela generosidade com que tratou os vencidos. Disparado o ultimo tiro, dir-se-hia que não houvera uma lucta sangrenta. Nenhuma represalia se effectuou. Os candieiros, preconisados pelas exaltações do tempo da propaganda como instrumento de castigo dos prevaricadores da monarchia, continuaram a servir simplesmente para os effeitos da illuminação publica. O povo, tantas vezes acutilado pela policia, ferozmente monarchica, não só a não hostilisou, como a deixou ficar quasi inteiramente composta dos mesmos elementos que a tinham tornado uma corporação de mamelukos. Nas secretarias de Estado, no exercito e na armada, ficaram todos os monarchicos que quizeram ficar, apenas com rarissimas excepções. Ao proprio Paiva Couceiro, que de armas em punho combatera o movimento revolucionario, que tinha as mãos tintas de sangue republicano, até a esse a Republica não o fusilou, não o prendeu, não o demittiu *sequer. Pelo contrario, prestando* homenagem ao que julgou ser a consequencia d'uma noção do dever, o convidou a continuar servindo no exercito portuguez, collocando acima de tudo a causa da sua patria.

Não houve uma perseguição —e como corresponderam a esta attitude os monarchicos, que tinham abandonado o seu rei? Ao principio, manifestando-se inteiramente conformes com o acto revolucionario que muitos d'elles justificavam, declarando que a monarchia, pelos defeitos do seu regimen e pelos erros dos seus homens, perdera a razão de existir. Mas no fundo o que elles pensavam é que poderiam continuar dominando na Republica como tinham dominado na monarchia. O que elles pensavam é que se trataria apenas da mudança d'uma taboleta, e por isso se preparavam para empregar dentro da Republica os mesmos processos de que dentro da monarchia tinham usado.

* * *

Todo o conflicto que ha quatro annos se observa derivou da desillusão dos monarchicos, quando reconheceram que a Republica não era nem podia ser uma mera mudança de taboleta nas instituições do paiz. A Republica não perseguia os monarchicos, a Republica não só accaitava como desejava a adhesão dos monarchicos. Mas a Republica não capitulava ante os monarchicos, e não se acommodava com os seus processos. A Republica não admittia a corrupção monarchica, o caciquismo monarchico, e a Republica acceitava todos aquelles que tinham sido monarchicos, mas não os monarchicos, isto é, requeria e agradecia o concurso dos convertidos aos principios que são sua base, mas não o d'aquelles que, com a mascara republicana, só pensavam em servir os seus interesses sordidos, em alimentar as suas vaidades ridiculas, prejudicando, deturpando, envenenando a Republica.

Quando os monarchicos chegaram a este convencimento, uma só idéa se apoderou do seu espirito e guiou a sua acção: derrubar a Republica. Uns entraram abertamente em hostilidade com o novo regimen; outros trataram de o atraiçoar. Tivemos os inimigos de fóra e os inimigos de dentro. Os primeiros em Hespanha, organisando columnas revolucionarias que não duvidaram armar com espingardas da fabrica real de Toledo; os segundos deixaram-se ficar no paiz, na maior parte mettidos dentro da engrenagem do Estado, e surdamente cooperando, por meio d'uma campanha de descredito, que tem revestido mil aspectos, com os seus companheiros que, além fronteiras, preparavam a invasão de Portugal, e porventura sobretudo pensavam na possibilidade de provocar uma intervenção estrangeira na sua patria.

Deram-se as incursões de 1911 e 1912. Houve a tentativa interna de 1913, e que fez a Republica? A Republica, persistindo na sua generosidade, indultou primeiro uma grande parte dos conspiradores, que tinham cahido nas mãos da justiça, e acabou por amnistiar quasi todos. Gritava-se que a sociedade portugueza estava desunida pela acção repressiva da Republica. Em que consistira essa acção repressiva? Consistira em prender e julgar os conspiradores que tinham cahido em seu poder. Em parte nenhuma do mundo se exigiria que um regimen se não defendesse dos seus inimigos que tres vezes se tinham sublevado contra elle de armas em punho. Pois em Portugal exigia-se, impunha-se que assim succedesse, e não eram só os nacionaes, mas tambem estrangeiros, cujos governos em circumstancias analogas não se limitam a metter os seus inimigos nas cadeias: matam-nos, utilisando os pelotões das execuções, as forcas ou o garrote.

A Republica não applicou a pena de morte a ninguem. A Republica até acabou com o regimen penitenciario para favorecer os conspiradores condemnados. E a Republica, por fim, amnistiou quasi todos. Abriu as portas das prisões a todos, e abriu as portas da fronteira a quasi todos. Não serei eu que a incrimine pela sua generosidade. Acho que foi um acto conforme aos seus principios e ao mesmo tempo, d'uma elevada politica. Porquê? Porque a Republica tentava os extremos recursos da clemencia e munia-se da mais ampla justificação para a sua severidade, dada a contumacia dos que havia beneficiado.

* * *

Foi essa contumacia que se revelou. Clamara-se que se os inimigos do regimen não desarmavam era porque nas prisões estavam correligionarios seus, era porque a Republica se defendia com as suas repressões. Veiu a amnistia, e passados alguns mezes, eis que surge a tentativa de Mafra. Só n'um momento os monarchicos se conservaram na espectativa. Foi durante a dictadura Pimenta de Castro. Porquê? Porque a dictadura Pimenta de Castro representava a formula republicana da restauração da monarchia ou, pelo menos, uma Republica com a qual elles tinham sonhado, uma Republica dirigida por monarchicos, adaptada aos processos monarchicos, mil vezes mais vil do que a propria monarchia, em que os monarchicos governariam, tendo ainda o prazer de deshonrar a democracia com essa abominavel caricatura do seu regimen.

O admiravel espirito do povo portuguez varre essa dictadura ignobil, obra da traição ou da inconsciencia, com um d'esses gestos formidaveis em que se reconhece a omnipotencia popular. Então os monarchicos voltam aos seus velhos manejos; tornam a pensar sómente em derrubar a Republica com um golpe de mão audacioso. Todos os pretextos lhes servem, tudo procuram explorar, como verdadeiros pescadores de aguas turvas. Elles nem já acreditam na possibilidade da sua victoria. De cada vez se reconhecem mais alhejados do sentimento da nação. De cada vez os seus esforços dão resultados mais miserandos. Mas presumem que lhes será possivel crear um estado, embora transitorio, de agitação, de confusão, de anarchia, de cahos. Para quê? Para que se dê a intervenção estrangeira que, sem duvida, destruirá a nacionalidade, mas que subverterá a Republica.

Eis o pensamento odioso d'estes renegados da patria, e tão abjectos elles reconhecem as suas responsabilidades que se suicidam a tiros de revolver, quando se vêem agarrados pela mão justiceira da Republica. Não é o temor das punições legaes. Elles bem sabem que essas punições não teem nada de ferozes. E' a consciencia da propria infamia. Os homens de convicções, hoje que os tormentos phisicos já não existem, não se matam para fugir ás suas responsabilidades. Reivindicam-as altivamente, conscios de que se praticaram um delicto perante as leis serviram idéas puras, pugnaram por uma causa nobre. Mas estes sabem que ninguem lhes apagará da fronte o ferrete de traidores á patria, e aquelles que ainda não estão inteiramente pervertidos, aquelles que teem um momento de lucidez, illuminando, como um relampago, a cegueira das suas paixões, aquelles que não são apenas mercenarios de baixa estofa, aventureiros da peor especie, tremem d'essa punição moral, que degrada para sempre os que justamente castiga.

MAYER GARÇÃO

Poeira da Arcada

Muita gente se queixa da incerteza dos dias que vão correndo, pensando muito a sério em descobrir um cantinho para se pôr a coberto de tormentas. Como, porém, o mundo anda revolto e doente, aguardam nos seus domicilios as sentenças do Destino. Os predios estremecem com ais e lamentos. E, a certas horas, quando as angustias lançam pesadelos sobre o somno dos mortaes, parece que as cidades suam sangue, como se em cada lar se renovasse a tragedia do Calvario.

* *

Hontem, na Boa Hora, segundo districto criminal, começou o julgamento secreto de uma juranda de malfeitores, cujos costumes sexuaes accusam um desrespeito total pelo que a natureza estabeleceu. Teem o olhar terno e as mãos promptas para o furto. Alguns, não podendo com a vergonha dos seus feitos, choraram como Magdalenas. Outros mantiveram-se quasi serenos como homens. Coitados! Talvez um dia, ao sentirem-se bem senhores do seu papel, elles possam olhar uns para os outros com modos menos receosos. A timidez, por agora, fica-lhes a matar, visto que vivemos n'uma sociedade que, para salvar as apparencias, commette todas as baixezas, incluindo a côrte á virtude.

* *

Hontem, á noite, um sujeito aconselhou-nos que recolhessemos ao nosso domicilio, porque se annunciavam borrascas nas ruas. Divagámos, apesar do aviso, até altas horas, como muita creatura que tambem fôra informada do perigo imminente. Quando nos deitámos, o silencio era tão perfeito que se sentia a musica das espheras. Dormimos tranquillamente e almoçámos com lusitano appetite. Mal punhamos o pé fóra de casa, logo um sujeito nos quiz alarmar com boatos terroristas. Acendemos um cigarrinho prudente e fumegámos com arrogancia. A ordem publica em Lisboa não está á mercê de agouros funestos e garante a cada qual um giro bohemio pelos basaltos dos passeios. Mesmo depois da meia noite, ninguem corre risco de ser embaraçado na teia das suas aventuras.

NA BELGICA

O bombardeamento da costa—A occupação allemã—O abastecimento da população

Paris, 25 de agosto

Segunda feira, algumas forças navaes inglezas bombardearam fortemente o littoral norte da Belgica, de Zeebrugge a Knocke. As informações a este respeito chegadas á Hollanda dizem que o total das forças inglezas era constituido, pelo menos, por quarenta cruzadores e destroyers, tendo aberto o fogo a umas nove milhas da costa. Em Zeebrugge, os obuzes attingiram a estação productora de energia electrica.

Toda a costa belga, de Ostende a Blankenberghe, e de Zeebrugge a Heyst e Knocke, foi crivada de projecteis, cahindo tambem nas dunas, onde estão assestados os 16 canhões de grosso calibre que defendem a frente norte de Zeebrugge.

O *Times* publica um telegramma dizendo que a villa de Knocke, no extremo do littoral belga para o lado da Hollanda, está em chammas. Os projecteis rebentavam por traz das dunas, nos entrincheiramentos do inimigo, causando victimas numerosas; as baterias allemãs de Knocke ficaram gravemente damnificadas.

Em Zeebrugge os cruzadores crivaram de obuzes a fabrica Solvay e o molhe; a guarnição conservou-se prudentemente abrigada, mas em Knocke, como os officiaes allemães temessem um desembarque dos inglezes, a infantaria de marinha esteve formada por traz do Grand-Hotel, proximo do dique.

Eram quasi oito horas da noite quando a esquadra ingleza seguiu para o norte, deixando apenas quatro cruzadores que continuaram fazendo fogo sobre Zeebrugge. As baterias allemãs responderam fracamente ao bombardeio da esquadra, que foi tão violento que em Ecluse, uma pequena cidade hollandeza a nordeste de Knocke, todos os vidros das janellas ficaram estilhaçados.

Produziu grande impressão na Flandres esta operação das forças navaes inglezas.

* *

Os allemães continuam a precaver-se cuidadosamente sobre a fronteira belga-hollandeza da Flandres, tendo quadriplicado todos os postos do landsturm; de 200 em 200 metros ha sentinellas. Estas medidas teem por fim evitar as deserções que cada vez se tornam mais numerosas no exercito de occupação.

O dia 27 d'agosto, anniversario da occupação de Bruxellas pelos allemães, decorreu tranquillo na capital; a administração municipal tinha prevenido os habitantes para que se abstivessem de qualquer manifestação.

Está já sanado o conflicto que rebentára em Gand, entre operarios tecelões e fabricas de fiação d'um lado e as auctoridades do outro. Nas fabricas, vinte e quatro horas por semana trabalha-se em artigos que não teem applicação directa para o exercito, e convencionou-se que as auctoridades militares deixassem de exercer vigilancia sobre os trabalhos.

Com respeito ás contribuições, embora o Estado não tenha feito qualquer ameaça, mais de 65 0/0 dos contribuintes pagaram as relativas a 1914; agora enviaram as auctoridades uma circular aos habitantes avisando-os de que a cobrança de 1915 será dedicada exclusivamente á administração do paiz—justiça, ensino, cultos, pensões, etc.—e de que, permittindo ás provincias e communas pagarem os seus encargos, não duvidam de que os contribuintes considerarão como um dever civico pagarem em breve as suas contribuições.

A commissão nacional de soccorros e d'alimentação presidida pelo sr. Ernest Solvay, que lhe offereceu um milhão de francos, tem consumido até agora em soccorros aos operarios sem trabalho 37.916.667 francos; só para os operarios de rendas teem ido 1.013.774 francos. Na região industrial do Hainaut teem sido distribuidos 7.490.239 francos, e na Flandres oriental, onde as fabricas apenas trabalham, em media, quinze horas por semana, teem sido distribuidos cinco milhões.

Não esquece a commissão os prisioneiros belgas internados na Allemanha, tendo-lhes enviado fardos com viveres no valor de 619.500 francos.

D. Carmen de Burgos

A illustre escriptora hespanhola D. Carmen de Burgos, *Colombine*, realisa amanhã a sua visita a Cintra e a Cascaes, acompanhada por sua filha, pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio e pelo architecto Rosendo Carvalheira, que lhe servirá de *cicerone*, nos paços e monumentos da villa. A excursão é feita em automovel, posto á disposição da notavel escriptora pelo sr. ministro do fomento. Em Cintra a sr.ª D. Carmen de Burgos é recebida pelo venerando democrata sr. dr. Magalhães Lima, que a acompanhará na visita á villa.

A illustre jornalista, que tem em via de publicação um livro de impressões colhidas junto das figuras femininas da scena internacional, entrevistará, no seu regresso da excursão, a eminente actriz Lucinda Simões, que n'essa obra recordará o theatro portuguez.

Hoje no *restaurant* Tavares, pela redacção do jornal *O Mundo*, foi offerecido um almoço á illustre viajante, assistindo, além dos redactores d'aquelle jornal, o sr. dr. Castro Osorio.

Ao champagne foram levantados varios brindes, sendo salientados sobretudo os laços de amisade que ligam os meios intellectuaes dos dois paizes peninsulares e para cuja affirmação tanto tem contribuido a insigne redactora do *Heraldo*, atravez das suas chronicas sobre Portugal.

A'manhã, depois do jantar da illustre escriptora, effectua-se o passeio no Tejo, a bordo do «Victoria», da direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, cedido pelo sr. ministro do fomento. A bordo será servido o café que a «*Brazileira*» gentilmente pôz á disposição dos organisadores da excursão em honra de *Colombine*. A bordo haverá uma pequena festa intima com o concurso de varios admiradores da illustre escriptora que tão captivantemente se tem occupado do nosso paiz.

Para essa festa, como temos noticiado, a casa Viuva Gomes, de Collares, offereceu 2 caixas do seu precioso «Velho Ramisco»; a fabrica de conservas de M. A. de Brito, da rua 1.° de Maio, uma collecção de artisticos frascos, contendo fructos em compota; a fabrica de xaropes de Abilio Simões Ferreira, da rua de Santo Antão, uma duzia de garrafas de xaropes para refrescos e o deposito de aguas de Castello de Moura uma caixa com cem garrafas d'aquella agua.

A meza será decorada pelo distincto pintor scenographo Augusto Pina, com flôres do «Jardim do Chiado», o elegante estabelecimento da rua do Carmo, propriedade do floristá-horticultor Sanchez.

O embarque effectua-se pelas 19 horas, na estação do Sul e Sueste.

Durante a excursão, o notavel guitarrista sr. Carmo Dias executará alguns fados e outras musicas, acompanhado á viola pelo sr. Virgilio de Brito.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

Uma visita do pessoal da fabrica «Camerana»—Um brado pela industria nacional

Em visita ao mostruario industrial, na Sociedade de Geographia, foi hoje o pessoal da fabrica de chocolates «Camerana», que ali se faz representar brilhantemente pela sua installação.

Esse pessoal percorreu a exposição, demorando-se em frente de todas as installações, vendo e estudando, sendo-lhe dadas amavelmente todas as explicações pelo conservador da Sociedade de Geographia, sr. João Coutinho.

E, aproveitando a opportunidade, os visitantes distribuiram profusamente um manifesto em que se diz que é um crime dar preferencia aos pseudo-productos estrangeiros—que são na maioria dos casos nacionaes—pois que o publico prefere ser enganado a comprar um artigo que se lhe diga, com verdade, ser nacional.

Diz o manifesto:

Admirae os productos da fabrica de chocolates «Camerana» expostos n'esta sala e ali vereis tantos e tantos productos que todos os dias são apresentados nas montras das confeitarias e pastelarias como vindos da Inglaterra, França, Suissa, e que são por nós fabricados.

....

Repelimos, admirae esta exposição e depois direis: E' certo que temos o dever de auxiliar o esforço de uns industriaes que assim levantam o bom nome portuguez.

E ainda mais, reparae que não auxiliareis só esses industriaes, auxiliareis tambem umas centenas de almas que com elles labutam pela vida, procurando dia a dia aperfeiçoar e tornar mais bella e sublime esta industria a que se honram de pertencer: a industria chocolateira.

Avante, pois, pela industria nacional! Viva Portugal! Viva a industria portugueza».

ULTIMAS NOTICIAS

NO COLISEU DE LISBOA

Em honra dos heroes de Naulila

Realisou-se hoje uma brilhante festa patriotica a que assistiram milhares de pessoas

Como fôra annunciado, realisou-se hoje, no Coliseu de Lisboa, a festa em homenagem ao punhado de bravos que em Naulila tão alto levantaram o nome de Portugal, continuando a lenda de bravura dos antigos conquistadores da India.

A sessão solemne em sua honra devia ter logar ás 13 horas.

Pouco a pouco a multidão, negrejando na meia luz, vae invadindo o vasto amphitheatro. Primeiro a plateia, depois as bancadas, e por fim os camarotes e a coxia da geral tudo fica apinhado.

E' que se tratava de homenagear heroes authenticos, portuguezes aprisionados pelos allemães em Africa, e n'esta epoca, em que o dessoramento dos caracteres se affirma tão insistentemente, vêr heroes a valer tem muito de extraordinario.

No palco, um tropheu composto pela bandeira nacional, ladeada pelas bandeiras ingleza, franceza, russa, belga, japoneza e italiana, occupa o fundo; sob o arco do proscenio a meza da presidencia.

São 13 horas, e a multidão continúa a espalhar-se pela sala n'um rumor de colmeia excitada. Frequentemente a massa pardacenta dos fatos masculinos é picada pela nota alacre d'um vestido feminino. Na orchestra alvejam os bonés cobertos de branco da banda de marinheiros, que toca alternadamente com a da guarda republicana. Os camarotes começam a enfeitar-se, e o largo arco da entrada continúa vomitando gente que mal consegue acommodar-se. Na plateia já não ha logares; senhoras de pé enchem os espaços aos lados do palco e da orchestra. A tribuna, aberta, espera a chegada do chefe do Estado.

A's 13 e trez quartos, no palco entram 70 rapazes e 26 meninas da Tutoria da Infancia que devem cantar coros orpheonicos. A banda da guarda republicana, com as suas sessenta e seis figuras, entretem a impaciencia do publico, que já enche por completo todo o recinto. Ao lado da mesa da presidencia tomam logar os representantes do presidente do ministerio e ministro da marinha, dos ministros da guerra e do interior, sendo este representado pelo governador civil.

A's 14 horas, na tribuna apparece o secretario do chefe do Estado, que o representa, e no palco entram os officiaes e praças em honra de quem se fazia a festa, com excepção do capitão Aragão, que não poude comparecer.

Foi um momento de delirante enthusiasmo. As notas do himno nacional eram abafadas pelas palmas, vivas aos heroes d'Africa e gritos de «vamos para a guerra». No ar agitavam-se os lenços, brandiam-se os chapeus. Vozes roucas de commoção vibravam em longos vivas á Republica e aos heroes de Naulila.

O presidente da commissão organisadora da solemnidade, o sr. Americo Pereira, em quentes palavras, expõe o fim d'aquella festa, saudando os bravos portuguezes que honraram Portugal em Africa; entregou depois a presidencia ao capitão de fragata sr. Leotte do Rego, que foi recebido com delirante enthusiasmo.

Depois de curtas palavras d'agradecimento, o bravo official levanta vivas a Portugal, á Republica e aos nossos bravos marinheiros e soldados, que foram estrondosamente repetidos. E continuou fazendo o elogio da bravura dos soldados portuguezes que simbolisam as glorias dos nossos antepassados. Referindo-se á guerra, expôz os esforços feitos pelos alliados: diz que todas as raças devem contribuir com o seu esforço para libertar o mundo da ameaça da escravidão. E nós não podemos deixar de fazel-o. Historiou depois a lucta travada entre os poltrões que fugiam á guerra e aquelles que queriam que Portugal não passasse pela vergonha de fugir ao cumprimento do seu dever. Venceu a poltroneria; mas a honra não se perdeu, porque a não deixaram perder os valentes de Naulila, e não a deixarão perder os homens honrados da Republica.

Termina pedindo que se faça tudo quanto seja necessario para cumprirmos o nosso dever para com a Inglaterra, se ponha fóra da fronteira o ultimo allemão que resida entre nós e se vingue o aggravo feito á bandeira portugueza. Saúda novamente os bravos de Naulila.

Frequentes vivas patrioticos interromperam o vibrante discurso do sr. Leotte do Rego.

Foi lido a seguir o expediente; saudações vibrantes de enthusiasmo e patriotismo aos bravos de Naulila, de Helder Ribeiro, tenente coronel Roçadas, da camara municipal de Vizeu, Centro Republicano de Valladares, dr. Estevam de Vasconcellos, dr. Affonso Costa, Monteiro Torres, Magalhães Ferraz, Magalhães Lima, dr. Bernardino Machado, dr. Alexandre Braga, Junta de Vigilancia Republicana, commissão democratica da Covilhã, Raymundo Alves, Sociedade Preparatoria Militar n.° 1 etc.

Obrigado a sahir por motivo de serviço, o sr. Leotte do Rego entregou a presidencia ao governador civil, que por sua vez saudou os bravos de Naulila.

O actor sr. Henrique Alves recitou então a formosa poesia que o dr. João de Barros de proposito escrevera e que depois foi distribuida pelo publico. O auctor foi chamado ao proscenio, tendo recebido uma brilhante ovação pelo seu bello trabalho.

Seguiram-se-lhe os côros orpheonicos dos pupillos da Tutoria da Infancia, que começaram pelos himnos de Portugal, de Inglaterra e da França e terminaram com uma encantadora canção popular, deliciosa de mimo e poesia.

Tomou depois a palavra o capitão sr. Tavares de Carvalho, que por sua vez saudou os bravos de Naulila. Em palavras cheias de sinceridade referiu-se ás loucas tentativas dos monarchicos, que apenas servem para impedir que se trabalhe e se progrida.

As suas palavras foram calorosamente applaudidas. Um official de marinha levantou um viva á guerra, que foi muito correspondido.

Usa depois da palavra o sr. Antonio da Conceição Vasques, da Commissão de Vigilancia Republicana, que, tendo querido falar das bancadas onde se encontrava, foi convidado a subir ao palco. Saudou todos os bravos de Naulila, em geral, sem distincção entre chefes e soldados. Todos os officiaes, todos os soldados de Naulila se portaram heroicamente. Disse que devemos ir para a guerra, porque o povo assim o quer. Que se acabe com a clemencia que até hoje tem havido para com os vendilhões da Patria. Os chefes do movimento monarchico estão em Portugal. Sejam detidos e faça-se justiça.

Se assim não procedermos, nunca teremos socego. E depois vamos para a guerra lavar a nossa honra. Viva a Republica!

Grandes ovações sublinharam estas palavras.

O tenente sr. Andrade, um dos bravos de Naulila, agradeceu a homenagem, que não merecem, disse, porque elle e os seus companheiros só cumpriram o seu dever. Referiu-se depois aos relatos publicados n'*A Capital*. A maior vergonha que tem soffrido foi quando os inglezes, ao libertal-os das feras allemãs, lhes perguntaram: Quando é que Portugal entra na guerra? e não poude responder! Affirmou que o nosso dever é ir para a guerra, porque é preferivel morrer de prompto de uma bala a morrer lentamente de vergonha.

O representante do Centro Republicano Academico, sr. Monteiro de Macedo, em nome da mocidade academica portugueza saúdou os bravos de Naulila e advogou a nossa participação na guerra.

O dr. João Gadanho de Menezes disse ser preciso definir a nossa situação internacional, abater os pendões partidarios, levantando apenas o pendão nacional, e seguirmos para a guerra.

Falaram ainda os srs. Delphim Ferreira, sargento Agra, do Arsenal do Exercito, e Amandio da Conceição, saúdando os heroes da Naulila.

Eram 16 horas. O capitão sr. Tavares de Carvalho, em nome da commissão promotora da sessão de homenagem, communicou á assembleia que os oradores annunciados que eram parlamentares não podiam comparecer por os seus deveres os reterem nas respectivas camaras. Agradeceu ao sr. Antonio Santos o ter cedido a sala para aquella festa, e propoz que em honra dos bravos de Naulila se entoasse um hossana grandioso: o himno Nacional. E, com effeito, a *Portugueza* entoada por milhares de vozes com patriotica devoção reboou sob a cupula do circo com a solemnidade e a grandeza d'um psalmo sagrado cantado pelos primitivos christãos nas profundidades das catacumbas romanas.

E assim terminou a brilhante festa a que tinham assistido, além da numerosa multidão que enchia a sala, os commandantes e officiaes disponiveis dos navios de guerra, o chefe de estado maior da divisão naval, muitos officiaes do exercito e marinheiros.

Os ministros não puderam comparecer por haver sessão no Parlamento; o chefe de Estado tambem não poude comparecer, por isso se fez representar, como acima dissemos, pelo sr. Levy Bensabat.

PEQUENAS NOTICIAS

Em poder da policia encontra-se uma carteira contendo uma lettra do Banco Commercial do Porto no valor de 100 escudos e duas segundas vias do mesmo banco no valor de 260 escudos, ignorando-se a quem pertença.

—Queixou-se Antonio Marques, morador na travessa do Soccorro, 2 A, 4.°, de que na estação do Rocio lhe furtaram uma carteira contendo 120 escudos e uma lettra na importancia de 120 libras.

—Antonio dos Santos Leonardo, morador na villa Thomaz da Costa, 1, loja, foi preso por ter furtado varios objectos no valor de 50 escudos a Eduardo Augusto d'Oliveira, morador no largo da Graça, 77, 1.°.

—Da rua das Taipas, 75, 2.°, desappareceu Antonio Correia, solicitador forense em Portalegre, d'onde veiu por motivo de doença. Elvira Ferreira, moradora na rua do Livramento, em Alcantara, 19, 3.°, informou a policia de que ante-hontem desappareceu de casa de seus patrões, na rua do Buçaco, uma sua filha de 16 annos chamada Elisa Ferreira, a qual deixou uma carta dizendo que ia suicidar-se.

CONGRESSO NACIONAL

Na Camara dos Deputados

Discute-se o orçamento da instrucção

A sessão principia ás 14 horas. Pouca placidez. O presidente annuncia que vae votar-se o capitulo terceiro. Ha suspiros de alivio, que o sr. João de Deus Ramos, requerendo que o deixem usar ainda da palavra, se encarrega de transformar em bocejos de amargura. O requerimento é submettido á sanção da Camara. Parte da maioria pronuncia-se contra. Outra parte, com as opposições, approva. O orador começa a usar da palavra. Estranha que o Parlamento, pondo de lado questões importantes, só dedique toda a sua attenção aos debates politicos. Pois não pode ser. E' dos que não falam senão quando teem que dizer e dos assumptos que conhecem. Tem o orçamento da instrucção sido discutido com a largueza desejada? Ninguem ousará affirmal-o. De vez em quando, o orador é interrompido por diversos ápartes. O sr. Paiva Gomes, por exemplo, objecta-lhe:

—Porque é que não pediu a palavra mais cedo? Porque faltou ás sessões nocturnas?

As minorias alentam os que interrompem o sr. João de Deus Ramos, que vae respondendo a um e outro e aprecia os regimens contradictorios que vigoram nos liceus e nos cursos superiores e termina por propor que a verba para acquisições do Museu Nacional d'Arte Contemporanea fique em 4:500 escudos.

E passa-se ás votações. As propostas do sr. Mantas obteem um verdadeiro triumpho, sendo despachadas em cortejo para o cesto tumular onde se guardam os papeis inuteis. O capitulo terceiro, com varias emendas e os artigos novos propostos pelo relator, é votado. Segue-se o capitulo quarto. O sr. Balthazar Teixeira é o primeiro a usar da palavra propondo que da verba destinada a edificios publicos se destinem vinte contos para reparações nos edificios dos liceus. O sr. Arthur Leitão manda para a mesa uma proposta determinando que ao thesoureiro da Universidade de Coimbra seja fixada a quota de 1,5 por cento da importancia de 70 contos, em que se calculam as propinas da inscripção da mesma universidade. Falam sobre este capitulo varios oradores e, entre elles, os srs. Gastão Correia Mendes, ministro da instrucção, etc. O sr. Domingos Leite Pereira manda para a mesa um projecto de lei creando a inspecção do ensino secundario. O sr. Gonçalves Brandão combate violentamente esse projecto, que o sr. Jaime Cortezão defende, alvitrando que se deve, sobretudo, tratar de nacionalisar o ensino e de velar pelo prestigio do regimen dentro de todos os ramos do ensino.

A proposito, diz que ultimamente teem entrado para o professorado secundario muitos padres e individuos que, por terem sido educados nos seminarios, não são os mais proprios para exercer o ensino na Republica. Diz ainda que em Portugal não ha a consciencia nacional, sendo preciso creal-a e erguer na nossa admiração os heroes que mais podem contribuir para exaltar o nosso patriotismo. O sr. José Maria Gomes levanta a phrase relativa aos padres e ex-seminaristas.

Elles são tão capazes de exercer o ensino como quaesquer outros, desde que provem possuir a preparação precisa para ensinar. O sr. Jayme Cortezão volta a falar, dando ás suas palavras a verdadeira significação. Replica-lhe o sr. conego Gomes, felicitando-se por ter provocado as explicações que a Camara acaba de ouvir. Nem todos os padres são maus, porque os ha verdadeiramente benemeritos. O sr. Domingos Pereira defende a sua proposta, que tambem se destina a fazer entrar para o quadro dos professores aggregados dos liceus um terço dos provisorios. O sr. João Camoezas combate a proposta em discussão e o sr. Balthazar Teixeira responde aos oradores precedentes.

A discussão, ás dezoito e trinta, continua, devendo acabar tarde.

No Senado

Leis especiaes e orçamento do ministerio do fomento

Aberta a sessão sob a presidencia do sr. general Correia Barreto, approvada a acta e lido o expediente, o sr. presidente do ministerio (dr. José de Castro), em negocio urgente requer dispensa do regimento para discussão immediata da proposta de lei já hontem discutida e approvada na outra Camara e que confere ao governo as faculdades necessarias para garantir a ordem e salvaguardar os interesses nacionaes ou ainda para occorrer a qualquer emergencia de caracter economico e financeiro.

Concedida a dispensa por unanimidade entra a proposta immediatamente em discussão.

O sr. J. Maria Pereira, em nome da União Republicana, não dá o seu voto á proposta visto que, não fechando o Parlamento, nem tampouco se sabendo quando, não julga o governo necessitado de taes prerogativas. Uma pergunta, porém, fará da maneira mais precisa e concreta:—tenciona o governo durante o interregno parlamentar realisar qualquer operação de caracter financeiro?

O sr. Celestino d'Almeida, em nome dos evolucionistas, repete a opinião do partido já expendida nos deputados: votará contra.

O sr. presidente do ministerio extranha essas affirmações, tanto mais que a auctorisação pedida é, não para já, mas para quando o parlamento estiver fechado. Ao sr. José Maria Pereira diz: n'este momento o governo não pensa em fazer quaesquer operações de caracter financeiro.

O sr. José Maria Pereira—Registo com satisfação a declaração da presidencia do ministerio.

O sr. dr. José de Castro:—Perdão! Não pensa agora fazel-o, mas fal-o-ha se tal for preciso.

O sr. dr. José Maria Pereira: Pois se o fizer commette uma invasão dos poderes constitucionaes.

Vozes da esquerda:—Não apoiado!

O sr. dr. José de Castro:—O que é preciso é defender a Republica, e defendel-a-hemos com esta indispensavel auctorisação parlamentar, vindo de novo ao Parlamento se fôr preciso.

O sr. Celestino de Almeida:—O que v. ex.ª tem a fazer é seguir as indicações do Parlamento agora, as da Constituição depois.

O sr. Estevão de Vasconcellos vota a proposta; em nome da maioria o declara. Mas fal-o constrangido.

Auctorisação identica se concedeu já no Parlamento da Republica e infelizmente no governo e basta elle dizer que precisa da auctorisação para, embora constrangido, a votar. Quanto a operações financeiras, espera, o governo não as fará sem vir de novo ás Camaras se d'ellas necessitar.

O sr. presidente do ministerio: Apoiado.

Falam ainda repetindo as suas opiniões os srs. José Maria Pereira, Celestino de Almeida, José de Castro e Faustino da Fonseca que felicita o governo pela sua attitude perante a crise economica.

Posta á votação a proposta, foi approvada pela maioria com dispensa de ultima redacção.

O sr. ministro do fomento participa ao Senado que, apesar das criminosas atoardas lançadas a publico pelo moagem e panificação a situação se encontra perfeitamente normalisada, tendo sido tomadas todas as medidas para que as arremettidas de taes criminosos não possam surtir effeito.

Os srs. José Maria Pereira e Arantes Pedroso trocam depois explicações sobre o projecto que trata dos cafés sujos, já hontem discutido e que ficou hoje approvado com dispensa de ultima redacção, entrando-se de seguida na ordem do dia com o orçamento do ministerio do fomento.

Na generalidade falam os srs. Paes Abranches, Celestino de Almeida, Pina Lopes, Herculano Galhardo e ministro do fomento, depois do que é o orçamento approvado.

Antes de se entrar na especialidade lê-se a proposta annexa. Contra ella fala o sr. José Maria Pereira que declara não poder admittir que proposta de tal magnitude se pretenda votar de afogadilho. Não a votará e se a maioria o pretender fazer, fará obstruccionismo. O sr. Herculano Galhardo, não vê razão para tal. O que é preciso é votar quanto antes o orçamento. O orador fica com a palavra reservada.

Antes de se encerrar a sessão o sr. Antonio Maria Baptista chama a attenção do sr. ministro do fomento para o facto d'uns operarios se preoccuparem mais com o jogo do «foot-ball» do que com as ordens do Estado.

O sr. Estevão de Vasconcellos dá ainda explicações ao sr. Paes Abranches, sobre a approvação do orçamento na generalidade depois do que é encerrada a sessão sendo marcada a proxima para hoje ás 21,30.

A grande guerra

Bombardeamento intenso no theatro occidental

PARIS, 29.—Communicação official — A nossa artilharia proseguiu durante a noite na sua acção continua contra as posições inimigas. Houve canhoneio, particularmente activo, no sector de Ablain, na região de Roye, ao norte do Aisne (arredores de Craonne e de Berry-au-Bac), assim como entre o Aisne e Argonne. Violentos *corps-à-corps* em Maria Thereza e a oeste do bosque de Malancourt para a posse das escavações de minas, de que ficámos senhores. Bombardeamento intenso sobre as trincheiras inimigas e grupos de trabalhadores em toda a linha da fronteira de Lorena, Gremecey, Bezange, Gondrexon e Embermesnil. Lucta á granada e por meio de bombas na região de Metzeral. Os nossos aviões bombardearam esta noite a gare e os abarracamentos inimigos de Grand Pré, assim como os abarracamentos de Moncheuten e Lançon, na Argonne.—(*Havas*).

Violento combate proximo de Dixmude

LONDRES, 29.—Segundo o *Times* travou-se um violento combate proximo do Dixmude.—(*Havas*).

A gréve dos mineiros do Paiz de Galles

PARIS, 29. — O «Matin» publica um telegramma de Londres dizendo que o mal-entendido será promptamente desfeito entre os mineiros gallenses. A gréve não é sympathica á maioria dos mineiros, tendo descido hoje ás minas uma grande massa de trabalhadores das hulheiras gallenses.—(Havas).

O avanço allemão na Russia

PETROGRADO, 28.—Official. Na região de Riga não houve mudança na situação. Na direcção de Friedrichstadt os combates teem sido porfiados. Entre o Vilna e o Niemen continua a offensiva inimiga. No Medio Niemen e entre o Bobr e o Pripet continuámos a nossa retirada. Na margem direita do Bug ante o avanço do inimigo, travaram-se alguns combates. No alto do Bug, em Zolalija e no Dniester o inimigo continuou os seus ataques e conseguiu fixar-se na margem esquerda do Zlotalipa.—(Havas).

Bens principescos séquestrados

PARIS, 29.—Os interesses dos tres principes de Saxe Coburgo Gotha na Sociedade civil Foret Dreux foram sequestrados.—(Havas).

Noticias parlamentares

Era destinada exclusivamente á discussão do orçamento do ministerio da instrucção a «matinée» d'hoje, na Camara. E foi-o. Mas á «matinée» seguir-se-ha uma «soirée» prolongadissima, que não acabará, decerto, senão amanhã, lá para as tantas da madrugada. Os portuguezes são assim. Para perder tempo, não ha quem lhe ponha o pé á frente. Mas quando se trata de o ganhar, chega a gente a benzer-se de vêr os que a preguiça seduz voltarem-lhes as costas e lançarem-se nos braços da actividade como se, n'um dia, quizessem deitar o universo abaixo. Isso não o conseguem; mas a verdade é que, não raro, derrubam o que se julgava intangivel, sem que se possa saber bem porque...

* * *

Mais impostos. Os d'hoje são para o ensino secundario e nasceram na Camara quasi sem se dar por isso. Vieram n'um humilde pedaço de papel, embrulhados n'um esguio projecto de lei, que é como agora se criam os mais preciosos empregos, ás vezes dignos de principes. Falou-se, a proposito, em alma nacional, culto do regimen, heroes antigos, em tudo, emfim, quanto era de molde a convencer a Camara para dar o seu voto ao projectosinho e lançar sobre os novos inspectores e a ... cadeira do perdão. Dir-se-hia, afinal, que nadamos em ouro e que não fechamos o orçamento com quarenta mil contos de «deficit».

* * *

A sessão d'amanhã na Camara deve assignalar-se por uma movimentação de peça de grande espectaculo! E' que se discutirá o projecto das cambiaes e o que cria a inspecção das aguas mineraes. Tanto um como outro teem que luctar dentro da Camara com violentas correntes adversas, não podendo prevêr-se desde já qual será a sorte que virão a ter. Entretanto, é facil de calcular que os paladinos d'um e d'outro terão mais trabalho em os fazer vingar do que Vasco da Gama teve em dobrar o Cabo das Tormentas, esmagando préviamente o «Adamastor». O «Adamastor», n'este caso, deve ser o sr. Azeredo Antas. Palpita-nos...

* * *

O sr. Jaime Cortezão estreiou-se hoje. E deve dizer-se que foi feliz. A sua palavra facil, sobria e correcta trouxe ao debate um certo sabor litterario que dir-se-hia ter fugido definitivamente de quantos debates se travam em S. Bento. Alguem comparou o orador com o Nazareno, por causa das barbas loiro-ruivas que elle usa, certamente. E teve razão, porque a sua eloquencia persuasiva, se não é a d'um Messias, ficará sendo a d'alguem que, sabendo o que quer dizer, o diz sempre com correcção, com elevação e com nobreza...

Casa dos Espartilhos
Santos Mattos & C.ª—R. do Ouro, 123

Torpedeiros hespanhoes

No Tejo entraram hoje, pelas 14 horas, os torpedeiros hespanhoes n.os 3 e 6.

NA MANDCHURIA

Uma revolta de forçados

70 guardas, e algumas centenas de presos mortos

PETROGRADO, 29. — O jornal «Riecht» diz ter-se dado uma terrivel revolta de forçados em Girin na Mandchuria, sendo mortos 70 guardas das prisões e algumas centenas de presos, uns cem soldados feridos e 120 prisioneiros fusilados. — (Havas).

Tentativa de assalto ao campo entrincheirado

CAXIAS, 29. — A noite passada appareceram alguns civis junto do reducto sul, séde do 1.° batalhão de artilharia da costa, com o proposito, segundo se crê, d'um assalto. Houve tiroteio que durou das 8 da noite ás duas da madrugada.

Uma versão diz que a sentinella do reducto acima referido, pouco depois da meia noite fez fogo contra os mencionados civis pondo-os em fuga. As immediações do quartel foram percorridas não se encontrando ninguem.

Tomaram-se providencias rigorosas para repellir qualquer nova tentativa de assalto.

Tendo procurado informar-nos junto do sr. ministro da guerra acerca do que se passou em Caxias, soubemos que, com effeito, alguns civis que se approximaram do forte não obedeceram á voz de alto que lhe fez uma sentinella, a qual disparou sobre elles.

Esses civis afastaram-se, mas, pouco depois, voltaram de novo, tendo a sentinella e outros soldados feito alguns tiros até vêl-os desapparecer.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

«NÃO DESFAZENDO»

São da applaudida revista de André Brun, em scena no Polyteama, os seguintes versos que a illustre actriz Maria Pia recita com a sua habitual distincção:

O' terra de Portugal,
O' terra de lindo encanto,
Tu, que tens a cada canto
Uma belleza ideal,

O' terra de romarias,
De casas brancas ao sol,
Onde cantam cotovias,
Onde geme o rouxinol,

O' terra cheia de ermidas,
De gentes boas, fieis,
Terra de encostas floridas
De pomar's e de vergeis,

De abbades gordos e nédios,
De moinhos com açude,
Da Senhora dos Remedios,
Da Senhora da Saude...

Linda terra, ó terra minha,
Dos lindos contos de fadas,
De historias da Carochinha
E das mouras encantadas.

Linda terra portugueza,
Linda terra sem egual...
Quem te deu tanta belleza,
O' terra de Portugal?

MORTO NA GUERRA

Na Flandres, em combate, falleceu o tenente Douglas Rawes, pertencente a familia Rawes, muito conhecida na nossa praça. O saudoso extincto fôra no principio da guerra alistar-se voluntariamente no exercito inglez. O cadaver vem para Lisboa, onde será sepultado em jazigo de familia.

DINORAH MACHADO

Realisa amanhã a sua festa artistica no theatro Variedades a pequenina actriz Dinorah Machado. Vão á scena o «Soldado de Chocolate» e uma linda opereta em que Dinorah desempenha o papel de protagonista. E' certamente uma noite de triumpho para a joven artista, que tão bem tem sabido conquistar os applausos do publico.

REGIÕES DE TURISMO

A associação commercial de Coimbra reclama a regulamentação do jogo

Só assim a cidade poderá realizar os necessarios melhoramentos, diz o seu presidente

Nenhuma das pessoas, com quem nos avistámos, nas regiões para as quaes o turismo constitue uma doce esperança, deixou ainda de considerar absolutamente necessaria a regulamentação do jogo, se realmente se pretende attrahir aqui a grande corrente de forasteiros, que leva a toda a parte onde vae uma parcella de riqueza. Essa convicção não se traduz apenas n'aquelles logares, em que, por motivos especiaes, o jogo produziria beneficios directos e immediatos. Não pensam assim unicamente as populações das praias e thermas, que presentemente arrastam uma vida miseravel, artificial, vegetativa. As mesmas cidades que não contam ser dotadas com os casinos de jogo entendem que a regulamentação d'essa industria lhes ha de acarretar, certamente, grandes beneficios, permittindo ás respectivas municipalidades realisar os planos de melhoramentos locaes que os recursos de agora lhes não consentem.

Coimbra está positivamente n'estas condições. Ella é o exemplo frisante de quanto póde uma boa administração municipal, applicando com tanto escrupulo as receitas publicas. Impossivel é fazer mais e melhor. E, no entanto, não ha gerencia, por mais sabia e honesta, como tem sido a da cidade do Mondego, que consiga fazer milagres e por isso á luza Athenas faltam muitos d'aquelles beneficios da civilisação que actualmente se tornam indispensaveis para valorisar uma cidade no conceito da vagabundagem elegante, perdularia, internacional, que percorre o mundo entretendo o ocio na contemplação de novos horisontes, de ineditos aspectos da natureza.

E' indispensavel que em Portugal se regulamente o jogo—diz-nos o sr. Mario Themido, presidente da Associação Commercial de Coimbra, apaixonado defensor das regalias e aspirações da cidade. Os progressos d'esta linda terra, que esbarram com a mesquinhez dos seus recursos, receberiam um extraordinario impulso se essa regulamentação se fizesse.

Não pretendo discutir o processo. Basta-me considerar nas consequencias que a legalisação d'essa industria traria ao paiz e, particularmente, á região por que me interesso. Coimbra é o centro natural da irradiação do turismo. O seu nome, a que a tradição offerece um inegavel prestigio, apparece sempre na cabeça do rol d'essas cidades privilegiadas.

Faltam-lhe, todavia, obras de higiene e aformoseamento que é impossivel realisar, sem que o municipio obtenha novos recursos. Um dos melhoramentos, cuja falta mais se faz sentir, é o nivelamento da cidade baixa com a quota das ruas centraes, entre a praça 8 de Maio e o largo da Portagem. Essa obra reclama sommas importantes, e onde ir buscal-as? Como é rematada loucura procurarmos ser mais papistas que o Papa e mais honestos do que qualquer outra nação, affigura-se-me que os rendimentos do jogo dariam bem para pagar os emprestimos contrahidos para levar a cabo esses melhoramentos.

«Falar em desenvolver o turismo, sem termos estradas, nem hoteis convenientes, na proporção necessaria a uma larga concorrencia, é uma irrisão ou uma pura blague.

O sr. Mario Themido, que tem sido um trabalhador incançavel em prol do desenvolvimento da cidade, refere-nos o seu sonho de coimbricense, em que a inolvidavel cidade das *tricanas* surge rasgada de amplas avenidas, servida por estradas magnificas, levando o forasteiro aos mais deliciosos recantos d'essa terra de maravilhas, conservando, todavia, o bairro tradicional, vetusto, imorredouro, onde se encontra nas velhas fachadas e nas estreitas viellas o perfume da lenda e onde, a horas mortas, parece soar ainda o echo de uma balada medieval.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—As pilulas de Hercules.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Recita da moda—O conde de Luxemburgo.

Agenda da semana

TERÇA-FEIRA — **Coliseu dos Recreios**—Estreia da operetta *A menina do cinematographo.*

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—*Os saltimbancos*

Exito completo e extraordinaria consagração artistica teve-a hontem a companhia Granieri, cantando no Coliseu dos Recreios a linda opera-comica «Os Saltimbancos». A casa estava quasi cheia, apresentando um aspecto lindissimo, decorrendo a noite no meio do maior enthusiasmo. Os «Saltimbancos» são a peça querida do publico e hontem esse facto teve a confirmação completa e absoluta. O desempenho correctissimo por parte de todos os artistas. Cina de Valdis fez uma adoravel «Susana» e Fernanda Razzoli uma «Manon» esplendida de formosura e elegancia. Vizzoni, que foi muito applaudido, cantou com arte e correcção.

Granieri, Marchetti e Razzoli todos muito bem.

Nos numeros de variedades as Hermanas Herliet agradaram por completo. São duas artistas a quem nada falta: nem arte, nem formosura. O chimpazé Lord Rip fez rir o publico a bom rir, pois é engraçadissimo e constitue uma maravilha da «dressage».

Hoje cantam-se os dois primeiros actos dos «Saltimbancos», com os mesmos numeros de variedades e o «Cabo Susine»; ámanhã em recita da moda «O Conde de Luxemburgo».

Ao correr da penna

Ha um elemento que não entra nunca na apreciação de um espectaculo e que, a meu ver, é de uma alta importancia: o preço do espectaculo. Quem quizesse ha dois annos ver nas Capucines a revista de Rep e Bousquet com Jane Maruac, Seguoret, Paulo Ardot e varias outras vedetas, *teria de pagar vinte francos para estar de pé no promenoir.*

Comprehende-se que um publico que paga quatro mil réis para de longe e incommodamente assistir a uma revista não perdôe a minima incorrecção. Agora que os que gastam trinta centavos para gosarem n'um fauteuil uma funcção de duas horas exijam uma obra prima representada, sem o menor desfallecimento e enquadrada n'uma moldura da mais impecavel esthetica é que será talvez exigir de mais.

Evidentemente quando o publico portuguez fornecer ás empresas as receitas que se realisam no estrangeiro, os auctores escreverão uma peça por anno em vez de fazer duas por mez, reunir-se-hão enxames de mulheres bonitas e novas e far-se-hão deslumbramentos de mise-en-scene, que, graças a Deus, todos nós sabemos como se fazem e só dependem do dinheiro que n'ellas se possa gastar.

D'aqui até lá tenham paciencia e lembrem-se da historia do homem do bife que se queixava de que a carne era sola de má qualidade e a quem o criado respondia que por oito vintens se não podiam dar bifes de couro da Russia.

Cyrano

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

No que confiam os russos?

A incorporação dos seus homens disponiveis até 35 annos, dar-lhes-ha mais 8 milhões de soldados

Não se sobresalta a opinião russa com o facto de terem cahido em poder dos allemães as fortalezas polacas; quando aos patriotas russos de vistas largas perguntamos o que pensam da situação, respondem:

«Conservamos intacta a confiança nas nossas valentes tropas, que uma superior estrategia, admirada até pelos nossos adversarios, conseguiu subtrahir ás teimosas tentativas feitas para as cercarem.

E por traz d'essas tropas validas temos ainda mais alguma coisa; immensas reservas de homens novos preparados ou preparando-se para reforçar os nossos effectivos de combate, uma organisação methodisada dos nossos recursos que dentro em pouco fornecerá o alimento quotidiano ás necessidades da guerra, e, por ultimo, um espirito de immutavel lealismo e de patriotismo ardente animando todo o povo russo.

Tal é a Russia, a Russia invencivel, convicta, como os seus fieis alliados, de que a victoria final coroará os seus esforços. Apoiados em tanta força e coragem era-nos impossivel deixar de confiarmos plenamente no futuro».

Para o publico francez comprehender esta confiança, bastar-lhe-ha representar em algarismos os recursos em homens de que dispõe o immenso imperio.

Em tempo de paz, apenas uma pequenissima parte do contingente é incorporada, á sorte, nas fileiras; o resto, o chamado *apolchenié*, divide-se em dois grupos, comprehendendo o primeiro os homens sempre disponiveis isentos de fraqueza phisica e de encargos de familia. Este grupo foi ha poucos mezes chamado ao serviço. O segundo comprehende todos os que teem familia a seu cargo, ou estão isentos por qualquer causa phisica, ligeira que seja. Na Russia é-se pouco rigoroso em qualquer d'estas duas circumstancias que permittem a isenção do serviço militar.

O ministro da guerra russo, general Polivanow, fez saber que ia começar a encorporação das classes mais modernas d'este grupo, isto é, dos homens que actualmente contam menos de trinta e cinco annos. E querem saber quantos homens validos representa esta chamada de quatorze classes? Perto de oito milhões.

Assim, ao passo que a Allemanha incorporou já as suas disponibilidades, até á edade de quarenta e oito annos para os instruidos e até aos quarenta e um para o landsturm sem instrucção; ao passo que a França já chamou os seus cidadãos até á idade de quarenta e cinco annos; ao passo que a Austria recorre aos seus homens de cincoenta e um annos que sejam casados ou não; a Russia, limitando a sua chamada aos disponiveis com menos de trinta e cinco annos, dispõe de oito milhões de homens.

Melhor do que qualquer outro argumento, esta comparação dá uma remota ideia do inexgotavel reservatorio de homens de que dispõem os nossos alliados—(*Le Matin.*)

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 28.—Em comboio especial chegou hoje a esta cidade, ás 10 horas, uma excursão composta de 800 operarios da fabrica de louça de Sacavem pertencente á firma Jayme Guilman & C.ta, acompanhada pela philarmonica da mesma fabrica. Depois de percorrerem algumas ruas da alta e da baixa da cidade a excursão distribuiu-se por varios hoteis e casas de pasto, onde almoçaram, sahindo depois a passear pela cidade e arrabaldes, que a alguns excursionistas ouvimos dizer que acham de uma belleza encantadora.

Alguns excursionistas foram dar o seu passeio até á Figueira da Foz, regressando nos comboios da noite.

A excursão regressa amanhã a Sacavem em comboio especial, ás 21 horas.

SANTO AMARO D'OEIRAS, 29.—Quando hontem, pelas 16 horas, seguia em direcção a Cascaes o boto n.º 142 T L, tripulado por Alfredo Tinoco, José Thomaz d'Aquino e José Baptista, voltou-se em frente de Paço-d'Arcos, salvando-se os tripulantes com o auxilio da vela do boto. Acudindo com lanchas o 2.º cabo de marinheiros José Chiba e os 1.os grumetes Pedro Felix e Manuel Pedro Nunes, da guarnição do vapor *Mineiro*, alli fundeado, foram os naufragos conduzidos á casa do salva-vidas onde lhes foi fornecida roupa.

Juntas de parochia

Para tratar de assumptos referentes á assistencia e banhos no Lazareto, reunem as juntas federadas e não federadas amanhã, pelas 21 horas, na séde da Assistencia Publica, á praça do Brazil.

Movimento maritimo

B.'e R. P. «A. R. de Genonilly» (Hav.)	30
Brazil e R. Prata, «Avon» (Liverpool)	31
Batavia, etc., «Princess Juliana» (A.)	1
Brazil e R. Prata, «Darro» (Liverpool)	2
Bahia, R. Jan. e Santos «Dryden» (L.)	2

Animaes maltratados

O que diz a Sociedade Protectora dos Animaes

Da direcção da Sociedade Protectora dos Animaes, de Lisboa, recebemos a seguinte carta, a proposito da noticia publicada no nosso numero de hontem, sob a epigraphe acima:

Sr. director do jornal *A Capital*:—No numero de hontem do seu muito lido periodico, alludindo-se ao modo como alguns carroceiros da Camara Municipal, encarregados de conducções para o parque Eduardo VII, espancam barbaramente os pobres animaes que tiram as respectivas carroças, segundo lhe foi afirmado por pessoas de toda a respeitabilidade, pergunta-se:

«Para que serve a Sociedade Protectora dos Animaes, se estes casos se dão a miude e ella não toma providencias?»

Como quem pergunta quer saber, a direcção actual da mesma Sociedade, quasi a entrar no 40.º anno da sua existencia, encarrega-se de declarar a v. que intervem sempre em todos os casos de que tenha conhecimento, reclamando constantemente providencias contra todos os actos de selvageria praticados pelos barbaros conductores de animaes, quer elles sejam funccionarios da Camara Municipal, quer simples particulares, como se prova pelos livros de registo das intervenções e pelos copiadores dos officios expedidos, que se encontram, na respectiva secretaria, não só ao dispor de v. para que possa capacitar-se da verdade das minhas affirmativas como ao dispor de quantas pessoas de bons sentimentos desejem examinal-os, para se convencerem de que não é precisamente uma inutilidade a vida associativa de uma tal aggremiação, como aquella pergunta poderia fazer suppor a quem lhe não conheça o funccionamento nem as difficuldades de toda a ordem com que tem luctado desde 1875 (anno em que foi fundada) até ao presente.

O que a Sociedade não póde—é a sua clara intelligencia bem o deve comprehender—é ter um guarda civico ao pé de cada um dos conductores que são barbaros, como aquelles a que a alludida noticia se refere. Para fiscalisar o cumprimento das leis protectoras em vigor, a Sociedade tem apenas um guarda—o bem conhecido e bem zeloso 125, João Catanas, que toda a Lisboa conhece—cujos vencimentos são pagos quinzenalmente pelo cofre da Sociedade, não o sendo pela policia a que pertence, como muita gente suppõe, sem que, todavia, para o cofre social reverta um centavo sequer de todas as autoações por elle realisadas!

A area da cidade é enorme, tornando-se impossivel a um fiscal percorrel-a toda diariamente, mas os recursos da Sociedade não lhe permittem pagar os vencimentos dos mais que se tornariam precisos para uma vigorosa e permanente fiscalisação em toda essa área.

Acha-se pendente da discussão no parlamento um projecto de lei, de iniciativa da respectiva commissão de legislação civil da Camara dos Deputados, approvado apenas na generalidade, no qual são destinados seis guardas para a fiscalisação do tratamento de animaes em Lisboa, estabelecendo-se que sejam pagos pelo cofre do respectivo corpo. Não seriam de mais; seriam porem os sufficientes para se evitar muito abuso. Mas... está apenas em projecto, e tarde, ou talvez nunca, será convertido em lei, por se lhe anteporem outros que são julgados de mais instante necessidade, por considerações que me não cabe aqui discutir.

Dadas estas explicações que o recto espirito de v. seguramente não poderá deixar de reconhecer justas, desde que a allusão a esta Sociedade foi tão directamente feita, deixe-me reproduzir do ultimo relatorio da direcção, que a actual veiu substituir, os seguintes dados estatisticos que melhor podem dar aos leitores d'*A Capital* a resposta á pergunta formulada na noticia a que se alludo:

Numero de intervenções dos fiscaes da Sociedade, contra maus tratos a animaes, nos 39 annos de existencia da mesma, 20:884.

Dispendio feito pelo cofre social, no mesmo periodo de tempo, com vencimentos e gratificações aos fiscaes (policias), 11:202$.

Importancia das multas cobradas pelos cofres publicos, com a intervenção dos fiscaes da Sociedade, em egual periodo, computadas pelo minimo, 90:230$05.

Creio que estes numeros dizem eloquentemente para o que tem servido a Sociedade Protectora dos Animaes, quaes os serviços que tem prestado com o mais absoluto desinteresse.

Se houver quem entenda que é pouco, mais não tem podido fazer, inteiramente desajudada como quasi sempre se tem visto.

Apresentando-lhe, meu caro director de *A Capital*, a homenagem da minha maior consideração, e agradecendo-lhe a publicação das linhas que ahi ficam, subscrevo-me de v., etc., *Alberto Bessa*, secretario da direcção.

Revolução de 14 de maio

Distribuição de 518$80 pelas victimas do movimento

No salão da cooperativa a Padaria do Povo, á rua particular da rua Almeida e Sousa, foi hoje feita a distribuição do producto da «kermesse» promovida por uma commissão, no jardim de Campo de Ourique, em beneficio das victimas da revolução de 14 de maio.

A «kermesse», que funccionou tres domingos, foi auxiliada pelos moradores domingos, foi auxiliada pelos moradores do bairro, a quem a commissão se dirigira em circular, e por algumas bandas militares, que quizeram contribuir para essa obra de benemerencia.

Ao acto presidiu o sr. Viriato Angelo, secretariando pelos srs. Arthur Moreira Liberal e José Martinho dos Santos, sendo a distribuição feita pelos srs. Emilio Braga e Antonio Lopes Coelho.

O total era na importancia de 518$80, assim distribuidos:

Suzana Maria da Cruz, 15$; Jesuina e José da Rocha, 9$; Carlota Luiz e Santhiago, 15$; Paulina Marques Morgado, 5$; Idalicia da Silva, 9$; Maria Piedade Carvalho, 25$; Carlos d'Oliveira, 15$; Antonio Francisco, 9$; Antonio dos Santos Duarte, 9$; Maria Rita Barata, 15$; Raul Antonio Rodrigues, 5$; Antonio Ferreira da Cunha, 25$; Claudina Cazimiro Abreu, 25$ Maria das Dores Neves, 15$; Anna da Conceição Moreira, 25$; Viriato Pinto Machado, 25$; Lucinda Pereira Valente, 25$; Judith Emilia Saraiva, 15$; Rosa Maria Affonso, 25$; Albertina de Carvalho Ribeiro, 25$; Carolina Martins Conde, 25$; Alfredo Martins, 15$; Bernardo Dionisio, 9$; Maria Nunes Paiva, 15$; Lucinda da Conceição Ferreira, 15$; Vicente Antonio dos Santos, 25$; Jayme Soares, 15$; Estephania Maria Vicente, 25$; Maria Mesquita, 9$; Servanda de Jesus, 5$; Manuel Fonseca Pereira, 5$; Alberto Sandon, 1$50; Antonio José Jaro, 18$30.

Todos os contemplados tiveram palavras de agradecimento para a commissão.

PEQUENAS NOTICIAS

No mez de setembro sahem para Africa os seguintes vapores: no dia 5, o *Africa* para a costa oriental; no dia 12 o *Portugal* e no dia 28, o *Cazengo*, ambos para a costa occidental.

—Com o titulo *A Propaganda* iniciou a agencia Bastos & Gonçalves, da rua dos Retrozeiros, a publicação de um jornal, em fórma de revista, de 16 paginas, dedicado ao commercio e industria. A par de grande numero de annuncios, insere escolhida collaboração litteraria.

rei entregou ao general Willcocks uma mensagem para o contingente e o general leu-a em hisdustani. O rei queria fazer-lhes saber que tanto elle como a rainha pensavam sempre n'elles e que de novo os viria visitar logo que a guerra terminasse. A emoção despertada pela leitura d'essa mensagem não se póde descrever. O rei sahiu do acampamento no meio d'um côro de bençãos e todos os soldados indios tinham os olhos rasos d'agua.

A vinda do contingente indiano a França marca uma nova phase nas relações do Oriente com o Occidente. A influencia politica e social da guerra tem um grande alcance. Novos laços se forjaram, velhos prejuizos desappareceram.

Entre os soldados inglezes e indios houvera sempre os laços de uma boa camaradagem desde os dias em que estes offereciam as suas rações a Clive em Arcot. A camaradagem nas armas, o arrostarem o perigo lado a lado, os trabalhos communs d'uma campanha, concorreram, desde os dias de Clive, para estreitar a amizade e o respeito entre os soldados inglezes e as raças militares do Oriente, mas a participação das tropas indias na guerra europeia teve um effeito muito maior.

Quando hindus e musulmanos combateram lado a lado com os canadianos e os novo-zelandezes contra um inimigo commum europeu as divergencias que havia entre os vassallos da corôa terminaram facilmente.

Por outro lado, a entrada do Japão na guerra removeu os obstaculos para um generoso entendimento entre o Oriente e o Occidente. A cooperação dos esquadrões australiano e japonez e a deferencia pelas susceptibilidades australianas e novo-zelandezas que o Japão mostrou ao tomar as ilhas do Pacifico, modificaram d'um modo extraordinario os sentimentos dos habitantes d'esses dois Dominios, sentimentos que por vezes haviam feito surgir delicados problemas no Pacifico.

O extraordinario enthusiasmo que houve no Japão quando o general Barnardiston desembarcou em Tokio, apoz a tomada de Tsing-Tau pelas forças alliadas japoneza e ingleza, ficará memoravel na historia. Os jornaes japonezes descreveram esse acontecimento como marcando uma nova era nas amigaveis relações do Oriente e Occidente e sellando para sempre a alliança anglo-japoneza.

A tentativa do kaiser para desmembrar o imperio britannico teve resultados absolutamente contrarios ao que elle esperava. O desembainhar da espada em Berlim obteve a mesma resposta tanto na India como no Canadá e na Nova Zelandia. Fez estreitar os laços que uniam as colonias inglezas, deu solução a um problema que parecia insoluvel.

Para os indios, como para o resto do mundo, a conflagração que elle ateou tem causado e continua causando soffrimentos, mas ha de acabar por estreitar mais os laços que unem a humanidade e por proporcionar aos povos que defendem o Direito e a Justiça uma era de ampla e pura liberdade.

putação pelo seu sangue frio e pelos seus recursos e sem entrar em pormenores assegura que mereceram bem essa reputação. Na acção de 23 e 24 de novembro, de novo tiveram brilhante acção.

Dois dos tres corpos indianos de sapadores e mineiros estavam representados em França. Os que entraram no combate de Festubert eram a 3.ª e 4.ª companhias dos sapadores de Bengala, compostas de sikhs, pathans, musulmanos punjabi, brahmines e rajputs. As companhias que combateram em Neuve Chapelle pertenciam ao 3.º de sapadores de Bombaim, compostas de mahrattas, sikhs e mahometanos. Cada corpo tem seis companhias, havendo além d'isso tropas de campanha do 1.º de sapadores de Bengala addidas ás divisões de cavallaria.

A parte importante que os sapadores tiveram n'essa phase da guerra, quando toda a fronte alliada de quatrocentos kilometros desde o Yser á Argonne era uma fortaleza e que variou conforme a especie particular de coragem e os recursos que se lhes exigiam, não está ainda tão conhecida como o deve ser.

Desde a ultima semana d'outubro, quando o avanço allemão sobre Calais foi detido, as operações tomaram a feição d'uma guerra de sitio e os sapadores entraram em acção. Os alviões e as picaretas triumphavam. A infantaria tinha de se affazer ao trabalho, a que não estava habituada, de sapa. A propria cavallaria tinha de se entregar a esse trabalho, emquanto os cavallos eram levados para a retaguarda. Os soldados tornaram-se habilissimos em cavar trincheiras.

O trabalho principal tinha de ser feito de noite. Tomar a offensiva contra essas posições era muito difficil de dia; a escuridão era necessaria para cobrir o ataque e era em taes operações que os indios de todas as armas eram eximios—filhos de Garhwal e Nepal, que deslizam por entre a floresta do Himalaya com menos ruido do que o que faz um porco espinho, pathans, afridis, mahsuds e orakzais, que deslizam pelos atalhos das montanhas sem tocarem n'uma pedra, sem que o minimo ruido revele a sua presença.

O sapador não vae para as trincheiras só para as defender. Raras vezes é chamado a ahi tomar posição. Leva uma espingarda, mas raras vezes se serve d'ella. As suas armas d'ataque são a bomba e a granada de mão, assim como os morteiros. Dorme de dia, quando para isso tem tempo, trabalha de noite. Trabalha na escuridão como um felino, em geral no terreno entre as suas trincheiras e as do inimigo. E'-lhe necessaria uma coragem especial.

No principio da guerra os allemães não tomavam a sério os indios, mas em breve aprenderam a respeital-os e receial-os. Na ultima semana de novembro, os garhwalis penetraram n'uma trincheira inimiga. As perdas allemãs foram enormes. Um dos regimentos que mais perdas teve nos combates de 23 e 24 de novembro foi o 34.º de peoneiros sikhs. Os doze batalhões de peoneiros do exercito indiano estão addidos aos sapadores. Não se póde comparal-os com qualquer outro ramo de serviço. O seu exercitamento combina a engenharia de campanha com a rotina ordinaria da infantaria nativa de linha. Talvez não haja tropas inglezas que tenham tido um serviço tão continuado como os tres batalhões que foram recrutados no Punjab.

O 23.º e o 32.º foram formados durante a revolta da India de 1857, quando os inglezes tinham grande necessidade de sapadores para o cêrco de Delhi. Um certo numero de sikhs mazbi que estavam empregados a esse tempo nas obras do canal de Beas offereceram-se para o serviço militar. Os mazbis são uma raça á parte, que foram bem recebidos pelos sikhs quando travaram uma lucta de vida ou morte com o islamismo, mas por elles repellidos quando ficaram victoriosos.

Na marcha para Delhi esses recrutas pelejaram como veteranos.

foram atacados pelos rebeldes, a quem bateram, salvando as suas munições e o cofre com dinheiro. Durante o sitio, Neville Chamberlain disse d'elles que «a sua coragem ia ao ponto d'um completo desprendimento pela vida». Muitos supranumerarios os acompanhavam e quando um soldado cahia «o seu irmão tirava-lhe os sapatos, a espingarda e tudo o que elle possuia, inclusivé o seu nome e até mesmo sua esposa e familia».

Von Jagow, ministro dos negocios estrangeiros da Allemanha

Esses mazbis que pelejaram em Delhi e Lucknow foram o nucleo dos tres regimentos de peoneiros sikhs, um dos quaes permaneceu quasi sempre perto da fronteira em campanha, desde a de Waziristan em 1860 até á expedição Abor em 1912. Foi o 32.º que levou os canhões desde Gilgit até á passagem de Shandur e que rendeu a guarnição ingleza em Chitral. Foi o 34.º que ajudou a retomar as trincheiras em Festubert n'um combate em que metade dos officiaes do regimento cahiu.

Dissemos já que os garhwalis tiveram uma parte importante n'este combate. O rei condecorou com a Cruz de Victoria, imposta por suas proprias mãos, nas trincheiras, um soldado do 1.º batalhão do 39.º de Atiradores de Garhwal, pela sua valentia na noite de 23 para 24 de novembro, pois, apezar de ferido em dois sitios na cabeça e no braço não deixou de combater e foi um dos primeiros a penetrar na trincheira sob um violento fogo de bombas e de fuzilaria.

No dia em que os garhwalis occuparam as suas trincheiras foram atacados. No dia seguinte foram bombardeados por canhões de sitio. As granadas rebentavam nas trincheiras e as perdas do batalhão eram excessivas. Os soldados tinham o sangue frio de veteranos, embora fôsse a primeira vez que eram sujeitos a um bombardeamento. Todas as noites foram atacados duas e trez vezes pelo inimigo, que se tinha approximado, por meio de obras de sapa, a uns quarenta e cinco metros das suas trincheiras. Esses ataques foram sempre repellidos.

Uma noite, os garhwalis tomaram as trincheiras do inimigo, fazendo uma sangrenta matança com os seus «kukris». Depois de trez semanas passadas nas trincheiras estavam sendo rendidos quando no dia 23 de novembro veiu ordem para voltarem para traz. Era em Festubert. Desde as 8 horas da manhã até ás 5 da tarde estiveram atacando. Tinham primeiro de construir um parapeito para abrigar os homens d'esse terrivel fogo que cahia sobre elles de flanco em toda a linha.

Um official do 1.º batalhão que cahiu ferido na cabeça recusou-se a deixar-se transportar d'ali e ficou de costas dirigindo os homens emquanto estavam construindo o parapeito. Depois tomaram a trincheira inimiga.

O garhwali é muitas vezes confundido com o gurkha, com quem se parece, engano que se não limita aos que os não conhecem bem, porque algumas vezes os proprios

officiaes do estado maior addidos ao exercito indiano os confundem. Esse engano é natural. O paiz dos garhwalis confina com o dos gurkhas, e as duas raças parecem-se muito, usando ambas o «kukri» e até o mesmo uniforme.

A principio os garhwalis estavam alistados nas fileiras dos gurkhas, mas agora estão separados. O 39.º de infantaria de Bengala tornou-se um batalhão de casta e em 1892 recebeu o titulo de «Atiradores de Garhwal». Mais tarde foi formado um segundo batalhão.

A campanha da força expedicionaria na Belgica foi a primeira guerra, exceptuando a expedição Abor, em que foi possivel a um indio alcançar a Cruz de Victoria. O poderem aspirar a tal distincção foi uma das vantagens concedida pelo rei-imperador aos seus vassallos indios no Delhi Durbar de 1911. O serem as medalhas impostas aos condecorados pelo proprio rei no campo de batalha, não longe dos logares onde haviam sido ganhas, foi um acontecimento excepcional na historia do exercito indiano.

A 2 de dezembro o rei chegou a Boulogne e de tarde visitou o hospital indiano, falando a muitos dos feridos. A sua sympathia e solicitude por elles eram commoventes e manifestas. Quando lhes perguntava a natureza dos ferimentos e o logar onde os tinham recebido, ficavam admirados ao vêrem que elle conhecia os pormenores das acções em que elles haviam entrado, assim como as datas e os nomes dos regimentos que n'ellas haviam tomado parte.

Um soldado do 34.º de sapadores sikhs descobriu que sua magestade sabia que fôra o seu regimento, juntamente com os homens do 6.º de jats, o 9.º de infantaria de Bhopal e o 39.º de garhwalis, que guarnecera uma parte de certa trincheira retomada por meio d'uma carga de bayoneta na noite de 23 de novembro.

O rei demorou-se alguns minutos junto da cama d'um soldado do mesmo regimento que tinha o lado direito do rosto paralytico por causa d'uma bala que o ferira atraz da orelha. Um outro soldado estava um pouco desconcertado por ter de confessar que não entrára em combate; fôra um cavallo d'uma peça de artilharia que lhe esmagára um pé.

Um dos feridos fez ao rei uma narrativa da acção em que o seu regimento auxiliára a varrer o inimigo das trincheiras depois de ter tido grandes perdas, a 2 de novembro. O rei estava impressionado com a extraordinaria paciencia com que os soldados soffriam os ferimentos. A um d'elles fôra de manhã amputada uma perna. Havia soffrido as dôres depois da operação estoicamente, mas quando Jorge V lhe dirigiu a palavra os olhos encheram-se-lhe de lagrimas e não poude responder.

Foi no acampamento dos convalescentes, onde os soldados estavam vivendo em tendas nas mesmas condições d'um acampamento indio, que um soldado saltou do leito e proferiu a phrase «God save the King». Eram as unicas palavras de inglez que elle sabia. O tributo espontaneo dos homens que ali estavam impressionou mais o rei do que outra qualquer demonstração.

No dia 3 o rei passou revista ao contingente indiano. Foi uma visita inesperada. O rei percorreu as fileiras falando aos homens e dirigindo-lhes perguntas. Destacamentos vieram de cada companhia e esquadrão que não estavam nas trincheiras. Foi um espectaculo memoravel. O dia estava magnifico, o céu azul; em redor do acampamento guerreiros permaneciam firmes, de bayoneta armada e espadas desembainhadas; no centro o rei com o seu sequito e o principe de Galles; no alto, no céu azul, dois aeroplanos inglezes, balouçando-se lentamente, de vigia para não deixarem approximar os «taubes» inimigos.

Foi uma manhã de socego nas trincheiras e houve pouco tiroteio, excepto da parte dos «taubes»; mas as tropas não estavam ao alcance dos canhões allemães.

Antes de sahir do acampamento, o

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1821 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Segunda-feira, 30 de Agosto de 1915 | Telephone n.º 2238—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

CONGRESSOS REGIONAES

O que quer o Algarve

Exprimem-no varias theses que devem ser discutidas no congresso da Praia da Rocha, de 3 a 5 de setembro

A Sociedade Propaganda de Portugal promovendo um congresso regional algarvio chamou todos os filhos d'aquella região a collaborarem para o engrandecimento da formosa provincia do Algarve. E todos que puderam correram de boa vontade a testemunhar o seu affecto e dedicação pelo ridente cantinho que lhes foi berço florido e perfumado. Graças ao seu esforço parece que o jardim de Portugal vae entrar em uma phase de prosperidade e progresso que o tornará uma attracção captivante para o tourista e uma fonte permanente de riqueza para o paiz.

A seguir indicamos as theses apresentadas por alguns regionaes ao congresso, que terá logar na Praia da Rocha, de 3 a 5 do mez proximo.

«Aproveitamento dos Salgados Algarvios para a exploração do gado lanigero», pelo veterinario sr. Paulo Nogueira, que defende a ideia do revestimento das terras alagadiças pelos mattos salgados da Austria, importando-se as sementes, e confiando-as aos engenheiros agronomos para que criem viveiros d'onde se forneçam os agricultores da região; a construcção de tulhas subterraneas; a defeza e adoçamento dos terrenos salgados; a creação de gado ovino n'estes terrenos; e a applicação de cuidados higienicos para melhoramento d'este gado.

«Arte algarvia», pelo sr. Falcão Trigoso, que preconisa o aperfeiçoamento de certos productos artisticos de caracter regional como os capachos de Alcantarilha, Loulé, Lagos e Portimão, os cabazes de palma bordados a lã para empacotagem de figo secco, as originaes composições feitas com figo e amendoa descascada, o caracteristico mobiliario de Monchique feito com delgadas ripas de castanho, as lindas rendas a bilros de Lagos, e os typicos trabalhos de pedreiro que dão um tão surprehendente aspecto a certas regiões algarvias.

«Assistencia á mendicidade no Algarve», pelo sr. Julião Quintinha, que entende ser preciso para extinguir a mendicidade difundir a instrucção, decretar a obrigatoriedade da assistencia escolar a cargo das Camaras municipaes, e punir tanto quem der esmola como quem a pedir. Acompanha a these um projecto de lei sobre assistencia a menores e invalidos.

«Clima do Algarve», pelo dr. Bentes Castello Branco, que lança a ideia da creação d'um sanatorio maritimo no Algarve, para cura de doenças chronicas, por ser esta região a que melhor satisfaz no paiz aos requisitos geographicos, topographicos e climatericos para a montagem de sanatorios modelares.

«Credito commercial e industrial», pelo sr. Thomaz Cabreira, que advoga a creação de bancos populares no Algarve, destinados a receber e canalisar as economias populares para o credito ao pequeno commercio, á pequena industria e á pequena lavoura.

«Ensino elementar industrial», pelo sr. Annibal Lucio d'Azevedo, que apresenta os moldes em que deve ser estabelecido o ensino elementar industrial no Algarve.

Diz que deve incidir sobre o estudo dos melhores processos de pesca, apanha, reproducção e conserva dos mulluscos, e apresentação commercial dos productos, no estudo da industria do sal, dos oleos de peixe, da extracção do iodo das algas, do aproveitamento da plumagem das aves marinhas, do aproveitamento das conchas para o fabrico de anhidrido carbonico, das conservas de fructos crystalisados, do fabrico de vinho, alcooes e aproveitamento dos seus residuos, da cultura do bicho da seda, da apicultura, do fabrico de rolhas e aproveitamento dos seus residuos, da cultura da piteira e ricino, do fabrico de perfumes, de pelles, de artefactos de palma e pita, da avi e ovicultura, de fabrico de quinquilherias e do acondicionamento dos productos.

«Ensino industrial», por D. Sebastião Pessanha, que conclue pela proposta de ser ministrado na Escola Industrial de Lagos, juntamente com o de desenho industrial, o ensino pratico das pequenas artes e industrias regionaes, como as rendas de bilros, preparo e tecelagem manual de lã, linho e estopa, a doçaria e os trabalhos em palma.

«Escola primaria agricola», pelo sr. Thomaz Cabreira, que preconisa a transformação das escolas primarias ou escolas agricolas, creando-se n'ellas um curso de agricultura onde se dê lições sobre cultura horticola, avicultura, sericultura, apicultura, tratamento de animaes domesticos, lacticinios, conservação de legumes e fructos, hygiene e arranjo de casa.

«Estradas», pelo sr. Agostinho Lucio, em que trata da urgencia de se proceder no Algarve ao estudo de novas estradas, á conclusão das começadas, á reparação e conservação das existentes e ao estabelecimento d'um regimen de fiscalisação rigorosa para que se mantenham viaveis.

«Fontes para a historia do Algarve», pelo sr. Antonio Baião, apresentando uma relação de trabalhos que são valiosos elementos para se fazer a historia algarvia.

«Industrias do Algarve», pelo sr. Luiz Mascarenhas, que trata d'ellas methodica e especialmente, dividindo-as em: extractivas do mar, conservadoras, transportadoras; extractivas dos campos, suas subordinadas; extractivas do solo, minerios, aguas, pedras, cal e loiças.

«Kurtaxe», pelo sr. M. Emygdio da Silva, que recommenda, como meio para desenvolver o turismo no Algarve, a creação d'um imposto municipal que com a designação que intitula a these já exsite na Suissa e n'algumas cidades allemãs e austriacas.

«Primicias agricolas e plantas subtropicaes do Algarve», pelo sr. Mario Fortes, que defende a urgencia de se tratar da irrigação do Algarve e de crear leis de protecção para a cultura de primicias horticolas. Entende que a viticultura deve visar á producção de uva de meza e ao fabrico da passa, que se deve desenvolver a floricultura e arboricultura ornamental, e que das plantas exoticas cultivadas no Algarve só o ananaz parece ter viabilidade economica.

«Portos e barras do Algarve», pelo sr. José Francisco da Silva, que depois de estudar o valor commercial da provincia, de que só a pesca é avaliada em 2.057 contos, feita com barcos e apparelhos que representam 1.117 contos por mais de 7.500 pescadores, mostra a necessidade de proteger estes homens na lucta contra o mar. Propõe para levar a effeito os indispensaveis melhoramentos dos portos e barras a instituição d'uma entidade composta por elementos locaes, á semelhança da commissão de melhoramentos do Douro, ou da administração do porto de Lisboa.

«Posto agrario e ensino movel», pelo sr. Thomaz Cabreira, que no Congresso apresenta cinco theses. N'esta, depois de considerar as condições climatericas do Algarve, para a cultura de primores e fructas, apresenta a urgencia de estabelecer no districto de Faro um posto experimental agrario, uma escola agricola movel, um laboratorio de analises e uma officina de emballagem de productos agricolas.

«Tarifas ferro-viarias», pelo sr. Thomaz Cabreira, que em vista do Algarve poder abastecer de primores e fructas os mercados nacionaes e estrangeiros entende dever crear-se em Portugal, como se fez na Belgica, na França, na Inglaterra e na Allemanha, tarifas especiaes, tanto para via ferrea como maritima, que facilitem o economico e rapido transporte d'aquelles productos.

«Zonas de turismo», apresentada tambem pelo sr. Thomaz Cabreira; n'ella diz que se no Algarve se organisasse uma grande estação de turismo, os viajantes que por prazer visitam Andaluzia prefeririam regressar a Medina del Campo entrando em Portugal por Huelva, a fazelo voltando pelo mesmo caminho.

Mas para isso é preciso que na zona comprehendida entre a Praia da Rocha e Monchique haja um bom cosino e theatro; hoteis com todo o conforto moderno; campos de «golf», «foot-ball» e «tennis»; «garages» de automoveis; barcos automoveis; boas estradas e escrupuloso acceio. Os meios de realisar este plano indica-os no projecto de lei que em 1912 apresentou no parlamento, e que junta á these, como faz em todas as outras pois que os assumptos que versam já foram objecto de propostas apresentadas pelo sr. Thomaz Cabreira no Senado.

Como se vê, muitos dos filhos illustres da provincia acolheram com interesse a ideia do Congresso algarvio e contribuem com os seus trabalhos para que elle seja productivo e efficaz.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Poeira da Arcada

As bellas artes, em Portugal, nem da parte do Estado nem da parte dos particulares dinheirosos teem a protecção que merecem. O gosto publico é tão rudimentar que a maior parte da gente consome a sua charra existencia, sem elevar os olhos acima das preocupações do ganha-pão. Fala-se bastante de arte, mas como thema rethorico. Raros comprehendem o seu alto poder educativo, a sua missão purificadora, perante a violencia dos instinctos. Os nossos artistas atormentam-se para, no meio da quasi geral indifferença, manterem o respeito pela sua obra.

* * *

Os soberanos das nações em guerra amiudam as suas visitas ás frentes de batalha, para confirmarem os soldados no dever patriotico. Distribuem medalhas, visitam feridos, abraçam heroes, ouvem dos officiaes do estado maior a exposição dos planos de campanha. A sua presença não é de todo inutil, porque as coroas reaes e imperiaes nasceram quasi todas debaixo de fogo e é com o fogo que se purificam os vicios e se emendam os erros.

* * *

Quando nós confiamos cegamente em alguem, anima-nos sempre uma grande esperança, porque contamos com o apoio de um peito leal. A fortuna pode açoitar-nos que nunca extinguirá por completo a nossa fé no porvir. Já se tem visto creaturas tocarem os limites da desventura com o sorriso nos labios, tão fortes se sentem com uma amizade ou amor inquebrantavel. E' este poder de resistencia que dá ás illusões do coração uma apparencia de eternidade.

Politica hespanhola

A união de romanonistas e prietistas

Affirma-se em Madrid que ainda esta semana se realisará um banquete em que os srs. conde de Romanones e Garcia Prieto reunirão os ex-ministros que seguem as inspirações dos dois homens de Estado e aproveitarão o ensejo para delarações relativas a um entendimento entre os dois partidos de que são chefes.

O accordo entre liberaes e democratas, já previsto ha mezes, coincide com uma demorada entrevista do sr. Romanones com o sr. Dato, sabendo-se que o primeiro prometteu ao presidente do conselho, depois de ouvir os seus amigos, que lhe facilitaria a tarefa governativa, assim que as côrtes abram, em outubro proximo, collocando os interesses do paiz acima dos interesses partidarios.

D. CARMEN DE BURGOS

Um passeio fluvial em honra de "Colombine,,

A illustre escriptora hespanhola D. Carmen de Burgos, *Colombine*, que amanhã regressa ao seu paiz, chamada por deveres do professorado, que exerce com brilhantismo identico ao que emprega nas lides da imprensa, assiste hoje a uma festa intima, organisada pelos redactores de *A Capital*, gentilmente auxiliados por diversos industriaes e commerciantes a quem a obra de propaganda a favor da terra portugueza não deixa indifferentes.

A homenagem á nossa brilhante collega do *Heraldo de Madrid* é constituida por uma excursão fluvial, a bordo do vapor *Estremadura*, dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, posto á disposição dos organissadores do passeio pelo sr. dr. Manuel Monteiro, ministro do fomento.

Esta excursão servirá de pretexto para que a illustre escriptora, tomando uma chavena de café, possa presenciar o aspecto inolvidavel do nosso Tejo. N'esse passeio, a illustre escriptora será acompanhada por diversas entidades com quem aqui se aviston e durante elle alguns artistas recitarão versos portuguezes e o notavel guitarrista sr. Carmo Dias, acompanhado á viola pelo sr. Virgilio de Brito, dará a conhecer á illustre viajante a nossa musica nacional. Na coberta do *Extremadura* será servida uma chavena de café, que *A Brazileira* offerece aos excursionistas, como testemunho de sympathia pela distincta escriptora. A mesa, decorada por Augusto Pina, ostenta lindas flores naturaes, cedidas pelo sr. Sanches, proprietario do *Jardim do Chiado*, estabelecimento preferido para ornamentação de todas as casas elegantes.

Acompanhando o magnifico *ramisco*, que a firma Viuva Gomes, de Collares, enviou aos organisadores da excursão, será servido um «piteu» nacional, confeccionado expressamente. Associaram-se a esta homenagem á illustre escriptora as duas pastelarias mais conceituadas da capital, a Marques e a Benard, que tiveram a amabilidade de dirigir a D. Carmen de Burgos as suas mais preciosas gulodices. A casa exportadora de vinhos do Porto Sandeman, cuja reputação se torna desnecessario frisar, offereceu meia duzia do seu magnifico Porto-reserva. Tambem o sr. Bottino, agente exclusivo do Champagne Rembert, teve a gentileza da offertar para esta festa de solidariedade jornalistica uma caixa com doze garrafas do esplendido espumanto. Temos egualmente a registar a dadiva do sr. Benarus, que nos dirigiu seis garrafas do seu acreditado Champagne Lamego das caves da Rapozeira.

Como temos noticiado, a fabrica de xaropes do sr. Abilio Simões Ferreira, da rua de Santo Antão, offereceu uma duzia de garrafas de xaropes para a confecção dos refrescos e a agencia das apreciadas aguas do Castello de Moura, por intermedio do sr. Assis Camillo, poz á disposição dos organisadores do passeio uma caixa com cem garrafas d'essa magnifica agua, a mais propria para preparar os refrigerantes.

O embarque effectua-se no caes do Sul e Sueste pelas 19 horas.

A sr.ª D. Carmen de Burgos, acompanhada pelo sr. Nunes da Palma, chefe do gabinete do ministro do fomento, architecto Rozendo Carvalheira e D. Anna de Castro Osorio, visitou hoje a villa de Cintra, seguindo para ali em automovel.

NAULILA

O tenente Marques

declara não ter recebido a ordem a que allude o tenente coronel Roçadas

Do heroico commandante do 2.º pelotão do 14, o sr. tenente Marques, recebemos ha pouco a carta seguinte:

Sr. redactor de «A Capital»:—Li hontem com interesse no seu jornal a carta assignada pelo sr. major de infantaria José Mendes dos Reis, e que foi provocada pela minha carta de 28.

Diz s. ex.ª que tem seguido a norma de nada escrever sobre Naulila, antes da publicação do relatorio do ex.mo commandante Roçadas. Devo declarar que quando regressei do Sudoeste Africano vinha animado das mesmas intenções. Porém, ao chegar a terras portuguezas, logo que tive conhecimento de que á imprensa tinham sido fornecidas informações falsissimas sobre o combate de Naulila, informações que ninguem desmentia, e constando-me ainda que se pretendia crear uma corrente de opinião em determinado sentido, segredando-se ao mesmo tempo que toda a infantaria havia deixado de cumprir o seu dever, mudei de opinião e resolvi falar claro e com a auctoridade que a observação directa dos factos me confere.

Devo declarar que estou, como s. ex.ª, resolvido a concorrer para que se faça completa luz sobre o combate de Naulila.

E' a honra de todos nós que o exige. Houve faltas? Castiguem-se os culpados. Vem s. ex.ª, o sr. major Reis, confirmar a minha declaração sobre a ordem que recebi na vespera do dia do combate, para regressar com o meu pelotão ao quartel. Nem outra coisa era de esperar da sua lealdade. Ha porém mais dois pontos na carta que convém esclarecer. Diz s. ex.ª: «Se d'aqui se pode deprehender que a minha ordem (para regressar ao quartel no dia 17) invalidou a do ex.mo commandante, declaro que assim não succedeu». Sobre este ponto devo dizer que tal ordem não podia invalidar a outra, que nunca recebi.

Diz ainda o ex.mo sr. major Reis: «A ordem do ex.mo commandante era clara; dizia ao sr. tenente Marques «...que, apenas ouvisse fogo, sahisse do posto e avançasse...» E fogo só o houve no dia 18. E a minha ordem mandando o sr. tenente Marques regressar ao posto, foi dada na vespera».

Aqui é que está essencialmente a razão da minha carta publicada n'«A Capital» de 28.

Desejava que s. ex.ª me dissesse quando e em que condições me foi dada essa ordem, ou por quem foi transmittida; que instrucções a acompanharam; que ponto da linha deveria occupar; isto é, se á esquerda ou á direita de tal fracção, ou apoiar a artilharia. Muito me penhoraria o sr. major Reis elucidando-me concretamente sobre estes pontos e é á sua reconhecida lealdade que eu recorro.

Note-se que não quero com isto afastar quaesquer responsabilidades que porventura me caibam. E' de todos sabido que recebi o embate dos allemães na primeira posição em que se encontrava o meu pelotão, por as forças da primeira linha, á minha frente, terem retirado e aberto assim as portas ao inimigo que, não obstante a minha resistencia, avançou até á nossa linha de abatizes, onde o detive quasi quatro horas. Por ultimo cumpre-me agradecer aqui, não só as palavras elogiosas mas immerecidas que me dirige, quando se refere ao modo como desempenhei as funcções de provisor do destacamento, mas ainda o ter-me honrado com a nomeação para tal cargo, quando é certo que em Naulila havia officiaes competentissimos que melhor desempenhariam esse cargo.

Pela publicação d'estas linhas lhe fica muito grato o que é de v., etc.—Antonio Rodrigues Marques, tenente de infantaria 14.

Resalta d'esta carta um facto importantissimo: a ordem que o sr. tenente-coronel Roçadas affirma ter mandado ao sr. tenente Marques para que «apenas ouvisse o fogo sahisse do posto e avançasse» não foi recebida por este ultimo.

O sr. tenente Marques avançou realmente pouco depois de iniciado o combate, mas por outra ordem de razões. Como se sabe, o 3.º pelotão de infantaria que guarnecia o nosso flanco esquerdo retirou aos primeiros tiros, e bem assim as vedetas que na vespera o tenente Marques deixára no local onde devia ficar o seu pelotão. Esse facto permittiu aos allemães collocar desde logo duas peças em bateria, batendo directamente o forte, cujas palhotas começaram a arder.

O 2.º pelotão, commandado pelo tenente Marques, encontrava-se assim ameaçado pelos estilhaços das nossas proprias granadas, que o incendio fazia explodir n'um deposito proximo. Foi então que este official resolveu dividir o seu pelotão em duas secções, uma das quaes se affastou um pouco para a esquerda emquanto a outra, com o tenente Marques e o alferes Alves, avançava na direcção do inimigo, entrincheirando-se a 50 ou 60 metros de distancia por detraz do forno, do tronco de um imbondeiro e de uma arvore secca, que estava cahida no chão.

Esta resolução é da inteira responsabilidade do tenente Marques, que nos affirma com toda a energia não ter recebido nem antes do combate, nem durante elle, quaesquer ordens ou instrucções relativas á acção que deveria exercer.

Como se vê, Naulila vae-se esclarecendo pouco a pouco.

Noticias parlamentares

A maioria parlamentar reuniu hoje novamente, n'uma das salas do Congresso, para tomar deliberações sobre a duração da sessão legislativa. Presidiu o sr. Ramos da Costa e falou o *leader* da camara, o sr. Alexandre Braga, o qual se referiu a diversos projectos que se pretende fazer discutir, citando especialmente o que regula a questão das cambiaes, para declarar que o sr. dr. Affonso Costa entende que o decreto do sr. dr. Paulo Falcão sobre o assumpto, presentemente em vigor, deve ser mantido. Os srs. Levy Marques da Costa e Barbosa de Magalhães tambem trataram da questão, manifestando-se contrarios ao modo de ver do seu chefe politico.

* * *

A camara mostrou hontem, mais uma vez, a sua generosidade, raras vezes desmentida, votando aquella proposta que criava nada menos de dois logares de inspectores do ensino secundario, á razão de 2.400 escudos cada um. E approvou-a depois do sr. ministro das finanças declarar que a não executaria, se d'ella resultasse augmento de despeza, e do sr. Balthazar Teixeira, relator, confessar que as verbas por onde se pretendia pagar aos novos funccionarios mal devem chegar para os fins a que as destinam. Será bom pôr bom em fóco esta circumstancia, para se avaliar bem até onde vae a generosa magnanimidade da camara.

* * *

Reunida para fixar o termo da sessão legislativa, a maioria separou-se sem nada deliberar sobre tal assumpto. Fecharão as camaras amanhã? Não fecharão? Se se contar com a vontade de certos deputados, que desejam ver approvados certos projectos de lei, é provavel que o periodo legislativo se prolongue por alguns dias mais. Mas, se se attender a que grande parte dos nossos legisladores está deserto para voltar as costas a S. Bento e ir retemperar nas thermas, nos campos e á beira mar, para armazenar novas forças para novas tarefas legislativas, não errará quem affirmar que o parlamento dará amanhã por findas as suas canceiras. Resta ver se os que querem partir farão causa commum com os que pretendem ficar. N'esse caso, teremos o laboratorio das leis em actividade até dezembro que é quando deve principiar a nova sessão legislativa...

* * *

Voltou hoje a discutir-se na Camara o caso João Chagas. Os senhores sabem do que se trata. Por causa da dictadura, o sr. João Chagas demittiu-se do seu cargo de ministro em Paris. A dictadura cae, derrubada por uma revolução, e o governo d'essa revolução decide pôr as coisas no seu logar e dá ao antigo diplomata a reparação que elle merecia, usando dos meios que mais azados lhe pareceram para isso. Pois não foi preciso mais nada para cahir sobre o sr. João Chagas um tal chuveiro de accusações que dir-se-nia tratar-se de alguem que á Republica não haja prestado os mais relevantes serviços. A politica tem d'estas coisas. De vez em quando, cegando os homens, força-os ás maiores injustiças, sem os deixar reparar na galeria, que a todos faz, quasi sempre, justiça imparcial. Valha-nos, ao menos, isso...

* * *

A minoria evolucionista tambem reuniu hoje no Congresso, para tratar da marcha dos trabalhos parlamentares: As suas resoluções não foram divulgadas. Entretanto, dizia-se que bem podia ser que, votado o orçamento, o evolucionismo deixasse de collaborar nos trabalhos da Camara, a não ser que sejam dados para ordem do dia projectos de grande interesse para o paiz. Se esta versão corresponder á verdade e se os evolucionistas deixarem de frequentar S. Bento, é evidente que a sessão legislativa não pode prolongar-se por muito tempo.

O sr. Briand em risco de vida

PARIS, 30.—O *Journal* annuncía que o sr. Briand esteve em risco de ser victima de um grave desastre de automovel em Portmarly. Uma outra carruagem que vinha em sentido contrario, abalroou violentamente em consequencia d'uma *derapage* com a do sr. Briand, soffrendo este apenas um violento choque. Um dos chauffeurs ficou ferido na mão.—*(Havas)*.

Migalhas

A volta da romaria

Entretive-me hoje a ler nos jornaes o relato da romaria ao Senhor da Serra. Tudo vae mal, a vida está cara, o povo queixa-se com razão; no emtanto milhares de pessoas deitaram hontem até aos arvoredos de Bellas e o consumo de solidos e principalmente de liquidos foi notavel, ao que se diz.

Tanto melhor. E' para lastimar, porém, o grande numero dos que foram acabar na cadeia ou no hospital um dia tão bem começado. Ha annos que não se notava um tão grande movimento de cacetadas e de murros. Houve seu tiro á mistura e foram sem numero os borborinhos que não chegaram a resolver em pancadaria.

E' classico nas nossas festas populares o repique de cacetes. A nossa gente é boa no fundo, dizem-no todos os poetas e eu quero crêl-o: mas, emquanto a não virarmos do avêsso e não puzermos á superficie esse bom fundo tão apregoado, temos que contar com uma irritabilidade que o minimo copo de vinho accorda e qualquer incidento desperta.

O nosso povo não sabe divertir-se. As suas solemnidades gravitam em torno d'uma posta de bacalhau albardado e d'um litro de vinho. Ingeridos que sejam, do folgazão resta apenas uma inconsciencia que a mulher arrasta para casa ou que um policia leva para a esquadra.

Oxalá essas romarias e pandegas ao ar livre fossem, como certas festas cantonaes da Suissa e certas kermesses da Hollanda, justas de bailaricos, concursos de canções regionaes, jogos de destreza e grandes reuniões de alegria e de solidariedade, em que a gente moça se divertisse honestamente e os paes e as mães recordassem com bom humor os tempos idos.

Assim é isto que se vê e o relato do dia seguinte resume-se á enumeração das pipas de vinho vendidas e aos kilometros de adhesivo com que nas pharmacias e nos bancos dos hospitaes, se puzeram pontos finaes nas demonstrações de regosijo de um povo, que ignora tudo até mesmo divertir-se.

André Brun.

PORTUGAL DESCONHECIDO

Boticas e a sua agua

«O lindo bocado de Barroso que a natureza pôz como um beijo e uma benção no sopé do grande planalto»

Uma noite dormida d'um somno, entre dois alvos lençoes de linho, n uma estalagem rescendendo a macho e a ôdre de azeite, comida a posta de vitella e bebidos os dois golos de carrascão, constituia, segundo algumas personageens de Camilo, uma especial delicia. A patrôa, servidos os peros da sobremeza, contava historias de trasgos, de côcas e de ladrões; o carrascão ia arrantando para as reconditas partes dos intestinos, segundo tambem dizia o Camillo, a poeira que se accumulava nas amigdalas, e dentro em pouco o corpo amolecido da digestão cahia como um cepo na cama. No dia seguinte accordava-se, já sol alto, com a bocca saburrenta e os ossos moidos, porque o travesseiro de palha de milho tinha escorregado para o soalho e o enxergão de palha centeia se afundára entre as tabuas de castanho da tarimba.

Eu gosei essa especial delicia, dormindo d'uma assentada a noite de 16 do corrente na unica estalagem que em Boticas se offerece aos miseros viandantes. Como no tempo de Camillo, a meia posta ainda é qualquer coisa de estupendo, mas o carrascão é substituido pelo palhete da terra e a patrôa já não fala de trasgos, nem de côcas. Se fala de ladrões, é, quando muito, para metter a sua colherada na discussão do orçamento.

Acordei já sol alto. Nunca, como em Boticas, comprehendi tão bem porque os arabes puderam fazer da ablução da manhã um acto sensual. A agua, d'uma frescura de polpa orvalhada, d'uma macieza de seio, virgem, parece derivar pela face como um veludo. Sobre a cabeça como que as caricias escorregam. A garganta seca-se. A respiração torna-se quasi sibilante.

Na Quinta de Santa Cruz, em Coimbra, a escadaria é revestida de azulejos até á Fonte Sereia, e eu perguntei a *mim mesmo* varias vezes por que razões profundas os frades tinham enchido esses azulejos de alegorias á agua e de motivos biblicos e que sempre a agua figura como elemento principal. Vim encontrar a explicação mais que sufficiente a Boticas. Esses pobres frades deviam achar detestaveis a escolastica e grammatica, e apoz algumas horas de meditação sobre os problemas tomistas e os segredos da sintaxe, uma grande ablução, por uma tarde de calma, devia ser uma sedução irresistivel. Mais que Lucifer, a agua seria para esses frades a Tentação. Como as sagradas escripturas ou os canones não prohibiam o amor á Agua, esses frades amaram-na com todos os frémitos, todas as ancias das suas carnes maceradas.

E a agua com que lavavam os refegos da pescoceira e os mysterios do abdomen era uma vil agua calcarea, salobra e pesada, passando pelos labios como rosalgar e cahindo no estomago como uma pedra! O eterno poema que esses frades não teriam composto á Agua, se se tivessem lavado com essa divina agua de Boticas, leve como a respiração de uma creança adormecida, doce como a face d'uma mulher!

Ah! que pena, sim, que pena, uma mão pequenina de fada não haver derramado sobre a agua lustral, em que lavei todos os meus peccados da vespera n'essa estalagem de Boticas, a sua amphora de nardo!...

...Salto para a rua, empedrada á antiga portugueza, com estilhaços ou destroços de granito, sobre os quaes é preciso fazer alguns esforços de equilibrista, para as plantas dos pés sahirem illesas da tremenda provação. Boticas é apenas uma rua. Um pequeno terrado, em que foram plantadas algumas arvores, de porte, e que dá acesso á estação telegrapho-postal, tem o nome pomposo de avenida. Mas a villoria, apezar do seu arsinho petulante, apezar de ter uma casa revestida d'azulejos, apesar dos seus telhados de telha vã e até (oh! céos!) de telha de Marselha, é bem uma terra barrozã. Aos lados da rua alinham-se irregularmente as casas. Algumas são edificações urbanas incaracteristicas, mas em regra é a velha casa do norte, só de um andar, com a côrte do gado no rez-do-chão, a escada de pedra, desguarnecida, cingida exteriormente á fachada, a larga varanda de madeira deitando para a rua ou para o quinteiro e as duas ou tres janellas de taipa, frequentemente sem vidros. Nas eiras, soerguem-se elegantemente os canastros, onde se secca o milho, e nos quaes uma cruz, ás vezes flanqueada de duas piramides, empresta uma nota religiosa.

Ao meio d'essa longa rua, um alpendre telhado, com um tosco balcão de pedra, encosta-se á parede. E' ahi que os tendeiros, nos dias de feira, vendem os lenços de ramagens, as bolsas dos relogios, os espelhos de vintem, os repertorios, os carpins de lã, as contas de latão amarello, os chapéus de palha debruados de baeta vermelha, no verão, e os barretes de carapinha, no inverno.

A veiga de Boticas é um grande buraco verdejante. Os montes apertam-na n'um circulo de granito. A erosão formou um magnifico terreno d'aluvião, onde as culturas participam um pouco das de Traz-os-Montes e Minho. Apparece a vinha d'enforcado. Os castanheiros dos outeiros levou-os a doença criptogamica que tem devastado as vinhas por todo o paiz, mas a meia encosta já a grande arvore medra, subindo até aos cimos a conversar amigavelmente com os penedias e as nuvens.

Passaram-se as horas da calma discutindo os acontecimentos politicos e a guerra europeia na botica, ouvindo-se algumas historias picantes de padres e gabando-se mais uma vez o genio previdente do bom arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que no concilio de Trento defendeu calorosamente que, quando ao celibato, se abrisse uma excepção para o clero de Barroso. E quando o sol começou a descambar, e a brisa, como o ruflar d'uma aza, começou a fazer ondular as frondes, eis que ahi vamos subindo o Toural, improvisado n'uma pequena encosada, e eis que os nossos olhos se estendem avidos sobre a Ribeira Terva.

As latadas verdejam; as peras e as maçãs pingam das fruteiras; os milhos, com as suas cabelleiras fulvas enovelam-se atravez da veiga; nos lameiros as vaccas pastam tranquillamente, batendo com as caudas nas ancas graciosas; o Terva escorre, como um fio de prata, como um fio de mel, entre os amieiros; e, no pano do fundo alveja a capella do Senhor do Monte, cujo cabeço, encarapinhado de carqueija e de urze, parece riscado á banda por uma rodeira branca. Fecham-se os olhos. As proporções diminuem, as montanhas approximam-se, as linhas tornam-se mais regulares, os relevos apagam-se, e como que fica dentro de nós um quadro virgiliano, cheio de verdura e de sol, da graça dos troncos e do encanto das côres, em que as vaccas concebem da brisa amorosa e as abelhas prepassam como pepitas aladas.

Uma rapariga, na fonte, canta:

O' Antonio, Antoninho,
Bebes agua assucarada...
Casa commigo, Antonio,
Não me tragas enganada.

A cantiga parece rolar no ar tranlucido. Os versos vibram, gritam a alegria e a saude. Dão a ideia de crystaes batendo uma superficie polida. As ultimas notas despedem justamente o som d'um crystal que se quebra.

Essa voz, essa cantiga são bem a alma d'este lindo bocado de Barroso, que a natureza poz como um beijo e uma benção no sopé do grande planalto. A alegria brinca pelas encruzilhadas com as levandiscas, as borboletas e os saltões; a saude bebe-se com o ar; e a agua, a divina agua, como um torrão d'assucar, prende-se á garganta e é ella que dá frescura e perfume ás boccas dos conversados.

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos sobre as terras de Barroso publicados em 22, 26 e 27 do corrente.

Pelo telegrapho

Prosegue a retirada dos russos

PETROGRADO, 29.—Official.—Na direcção de Friedrichstadt os russos retiraram para oeste da cidade. Entre Vilna e o Niemen porfiados combates. Para impedir que o inimigo envolvesse o nosso flanco direito na Galicia, executámos o necessario deslocamento das nossas tropas a noroeste de Lutsk.—(Havas).

O Japão e os alliados

TOKIO, 30.—O barão de Kato, ex-ministro dos negocios estrangeiros discursando em Kobe, declarou que uma immensa maioria de japonezes estão convencidos de que o resultado da guerra será a victoria completa dos alliados. Se mais tarde a Allemanha atacasse o Japão, os nossos canhões, os navios de guerra e os nossos homens iriam ao seu encontro.—*(Havas)*.

O barão Hayashi em Paris

PARIS, 30.—O *Petit Parisien* annuncía que o barão Hayashi, embaixador do Japão em Roma, chegou hontem a Paris. A sua permanencia aqui prolongar-se-ha por alguns dias.—*(Havas)*.

A politica balkanica

BUCAREST, 30.—No ultimo conselho de ministros o sr. Bratiano expoz a acção diplomatica dos Balkans *(Havas)*.

O aviador Gilbert

PARIS, 30.—Telegrapham de Genova ao *Matin* que o major Simão a quem o aviador Gilbert se apresentou, declarou que a decisão do governo francez foi tão feliz como airosa, produzindo excellente impressão sobre o alto commando suisso. O sr. Decoppet, conselheiro federal e chefe do departamento militar, disse: Estou encantado com esta solução que não podia imaginar-se melhor.—*(Havas)*.

BERNE, 30.—O aviador Gilbert, acompanhado d'um capitão suisso, chegou no domingo a esta capital, sendo recebido pelo estado maior, que declaron consideral-o como um official internado sem palavra de honra. O aviador foi conduzido n'um auto a Hespenthal onde será internado novamente.—*(Havas)*.

Da municipalisação dos serviços publicos

adviriam vantagens para as camaras, para o pessoal e para o publico

Uma nova ordem de cousas se impõe como objectivo final das nossas aspirações, visto que até hoje nos temos limitado a questões de ordem geral esquecendo detalhes de conjuncto, que são a formula segura do triumpho ou resolução dos mais complicados problemas governativos ou de administração publica.

Toda a iniciativa municipal ou local deve ser acceite, ampliada e desenvolvida no maximo grau que possa attingir, tendo sempre em vista os interesses municipaes, locaes ou regionaes.

Variados problemas de interesse publico podiam ser resolvidos pelos municipios, juntas de parochia e organismos administrativos provinciaes se os governos, ciosos do seu poder centralista, não opuzessem serios obstaculos á expansão municipalista, parochial e provincial. De ha muito que a Inglaterra e outros paizes, que comprehendem a necessidade do «self governement» ou seja a autonomia plena das regiões e organisações administrativas, teem visto com successo o desenvolvimento dos aggregados sociaes ou politicos, que na hora do perigo nunca desmentiram a sua lealdade á mãe commum.

Constata-se que os municipios, no dizer de Alexandre Herculano, são o elemento basico das nacionalidades, e tanto isto é certo que os romanos e os godos quando invadiram a peninsula iberica dedicaram aos municipios todas as suas attenções e cuidados, porque bem sabiam que superiores á força armada eram as regalias administrativas dos municipios, que iam formar a base da sua dominação.

Os municipios, além da limpeza e regas, mercados, matadouros, jardins, etc., deviam tambem occupar-se da municipalisação das carnes, peixe, aguas, viação e de tudo quanto interessa á vida municipal. Diz-se, e comprova-se, que os talhos municipaes como reguladores do preço da carne foram um verdadeiro desastre para as finanças municipaes; tal porém não succederia se a camara municipal de Lisboa tivesse o exclusivo do fornecimento das carnes á cidade, pois teria a certeza absoluta de que o preço da venda das carnes nunca poderia ser inferior ao seu custo.

Com as aguas poderia fazer uma chamada aos accionistas da Companhia que fornece agua á camara e aos particulares, garantindo-lhes o juro medio dos ultimos trez annos amortisando as acções no limite dos lucros liquidos e ficando assim de posse d'uma força potencial de riqueza e facilidade de abastecimento publico e particular em melhores condições do que se faz actualmente.

O mesmo processo se devia empregar com a Companhia Carris de Ferro e ainda outras.

Ganhariam com isso a Camara, o pessoal e o publico, nada perdendo os accionistas. Todas estas riquezas que hoje são propriedade de particulares passariam a pertencer á Camara, que o mesmo é dizer dos municipes.

A questão do peixe ameaça eternisar-se, sem ter solução possivel se a camara não intervier de maneira a acautelar os interesses do publico. O peixe é caro e mau, quando devia ser bom e barato. Isto, no que diz respeito ao municipio de Lisboa.

Do ennunciado, se deprehende, de uma fórma concreta, que as camaras municipaes, assim como as juntas de parochia de pequenas villas e aldeias teem uma importante missão a desempenhar em tudo quanto respeite á vida publica.

As camaras municipaes deviam ser compostas de delegados das juntas de parochia, sendo escolhidos de entre os mais probos e sabedores de questões administrativas.

Tanto as juntas de parochia como as camaras municipaes deviam ser completamente alheias á politica partidaria, tendo apenas em mira os interesses dos seus municipes e da nação.

Intrometter as juntas de parochia e a camaras municipaes na politica é desvirtuar-lhes a acção e tornal-as odiosas aos olhos dos que possuindo um espirito independente lhe repugnam os actos tendenciosos das camaras municipaes e juntas de parochia para determinados partidos politicos.

Uma reacção salutar se prepara contra a ordem de idéas correntemente estabelecida. A politica na sua accepção grosseira e material de satisfazer os appetites das clientelas esfaimadas terá um fim proximo.

Todas as consciencias revoltadas contra a constante renovação de scenario politico, sem elevação de vistas nem utilidade pratica, conjugarão os seus esforços a fim de que terminem as oligarchias dominantes.

Matheus Ruivo

Hygiene dentaria

Nos adultos e nas creanças

Comprehende-se esta epocha desde que apparecem os dentes ao individuo, até ao nascimento dos definitivos ou permanentes.

No periodo dos dentes temporarios, deve ter-se cuidado, especialmente, em os não extrahir senão quando elles abalem e, portanto, requeiram a sahida, ou quando o exija o prematuro desenvolvimento dos definitivos, caso este que deve ser determinado pelo especialista o qual deve observar as creanças de trez em trez mezes, pelo menos, submettendo-as rigorosamente ás suas prescripções, visto que é de summa importancia cuidar tanto do desenvolvimento dos dentes temporarios como dos nascidos com caracter de definitiva permanencia.

São verdadeiramente muitos, e alguns perigosos, os inconvenientes que o abandono d'estes preceitos hygienicos póde acarretar, e entre elles, os que revestem maior gravidade são os occasionados pela não extracção dos dentes em devido tempo.

Do não extrahir nos pequenos pacientes, em devido tempo, os orgãos dentarios necessitados d'essa operação, póde occorrer que, sobrevindo a carie do dente de leite, (primitivo), cause prejuizos de importancia ao permanente, (definitivo), que se germina no seu folliculo, infligindo ao novo docente, por contagio d'essa carie, as impurezas de que está prestes a desapparecer. Do extrair um dente antes que o seu natural estado assim o aconselhe, póde succeder que, não estando ainda formado o novo, o tecido gengival chegue a endurecer tanto que quando appareça o dente definitivo occasione dôres ás creanças, dôres que se accentuarão lamentavelmente até que desponte o cuspide d'este.

A continuar esta epocha de dentição, faremos o nosso proximo artigo.

Mario Duarte
Especialista de doenças da bocca

PASSEIOS E EXCURSÕES

A Alcochete e Rio Tinto

O Grupo União e Fraternidade realisa o seu segundo passeio no proximo dia 12, sendo o ponto escolhido as herdades de Rio Frio, do fallecido lavrador sr. José Maria dos Santos, e a villa d'Alcochete. No passeio tomam parte 60 socios, sendo a partida do largo do Conde Barão ás 6 horas, em direcção ao Terreiro do Paço, onde se realisa o embarque.

Chronica da roubalheira

José Ribeiro, morador na calçada de S. Vicente, 68, 3.º, foi preso por entrar por meio de chave falsa na carvoaria sita na rua de Santa Martha, 181, pertencente a Francisco Garrido & F.ª e furtar objectos e dinheiro no valor de 84$01.

—Queixou-se José Martinho Rodrigues, morador na rua Luz Soriano, 140, de que na estação do Rollas um gatuno lhe furtou da algibeira do collete um cordão e relogio de ouro e bolsa de prata tudo no valor de 60 escudos. O queixoso diz que ainda chegou a deitar a mão ao gatuno mas que este se evadiu aproveitando a agglomeração dos comboios.

—Para juizo foi enviado Gabriel Oliveira do Amaral, estrada das Laranjeiras, 42, 1.º, accusado de ter furtado cadeiras e cestos no valor de 150 escudos a Manuel das Neves, estabelecido na rua de S. Bento, 12?.

—O agente Cunha, da judiciaria, prendeu, por mandados da comarca de Caba Antonio Maria Janeiro, accusado de fallencia fraudulenta no valor de 5.000 escudos. Segue hoje para ali acompanhado de um policia.

Marinheiros expedicionarios

A nossa redacção veio hoje o marinheiro n.º 1490, sr. Luiz Ferreira, agradecer-nos em nome de todos os seus camaradas da columna expedicionaria de marinha a remessa dos exemplares d'*A Capital* que regularmente temos enviado para o Sul de Angola. O sr. Luiz Ferreira, que regressou do Planalto de Mossamedes com licença da junta, accentuou ainda que, durante todo o tempo que lá esteve, *A Capital* foi o unico jornal onde os marinheiros podiam seguir os acontecimentos da metropole.

Por satisfeitos nos damos que de alguma fórma tenhamos contribuido para diminuir um pouco a nostalgia dos que por lá heroicamente se sacrificam na defeza da Patria e da Republica.

ULTIMAS NOTICIAS

CONGRESSO NACIONAL

Na Camara dos Deputados

Discute-se o caso João Chagas e votam-se emendas do Senado aos orçamentos

O sr. Azevedo Coutinho, aberta a sessão e approvada a acta, propõe um voto de sentimento pela morte do capitão sr. João Francisco de Sousa, morto nos cuamatas, batalhando pela Patria. Esse official fazia parte do Senado, a cuja camara propõe que se communique a resolução da Camara. Associam-se os srs. Alexandre Braga, Vasco de Vasconcellos, Aresta Branco, Costa Junior e Urbano Rodrigues. A proposta presidencial é approvada.

O sr. Aresta Branco realisa a sua interpelação ao sr. ministro dos estrangeiros sobre o chamado caso João Chagas, apreciando-o sob os aspectos legal, moral e internacional. Quanto ao primeiro, volta a affirmar que o nosso ministro em Paris recebeu ilegalmente a quantia que o governo entendeu dever fazer-lhe pagar. Quanto ao segundo, diz que o sr. João Chagas, tendo sido sempre um grande combatente em favor da moral dos regimens, derruiu toda a sua obra de critico e de pamphletario, acceitando dinheiros a que não tinha direito. A este respeito, o orador faz considerações as mais violentas, que são escutadas com surpreza. Sob o aspecto internacional, entende o sr. Aresta Branco que a Republica Portugueza não pode ter ficado bem colocada perante a Republica Franceza, pela forma como se fez a troca dos ministros que junto d'ella a representavam e representam. E o orador diz ainda que o governo Pimenta de Castro constitucionalmente demittiu o sr. João Chagas e nomeou para o substituir o sr. Betencourt Rodrigues. Termina mandando para a mesa uma moção na qual, reconhecendo que o governo não podia annular o decreto de nomeação do sr. Betencourt Rodrigues para ministro de Portugal em Paris, convida o governo a remediar a falta que praticou.

O sr. ministro dos estrangeiros replica que a questão não tem por onde a ataquem, com tanto escrupulo o governo procurou resolvel-a. O sr. Bettencourt Rodrigues não foi demittido porque isso representaria para elle uma falta de confiança. Limitou-se, pois, a reintegrar o sr. João Chagas, depois de annular o despacho que nomeou o seu substituto. Quanto ao lado moral, concedeu-se ao sr. João Chagas o subsidio que o parlamento votou para simplificar as coisas. E' que, se tivesse de lhe abonar as despezas de installação que a lei manda, teria de dar-lhe uma quantia muito mais importante. Quanto ao lado internacional, a França tomou como uma reparação justa a reintegração do sr. João Chagas. E dito isto o orador affirma que o sr. Aresta Branco foi profundamente injusto com um homem que é como que a personificação da Republica e que muito deve magoar-se com as palavras do interpellante.

O sr. Aresta Branco:—No dia em que o sr. João Chagas partir para Paris nas condições em que eu julgo que elle deve partir, dar-lhe-hei todas as explicações. Assim, não.

A moção Aresta é regeitada. Na ordem do dia votam-se e approvam-se as emendas do Senado aos orçamentos da guerra e das colonias. Sobre as do ministerio do interior, falam os srs. Alexandre Braga e Almeida Ribeiro, que defendem a inclusão n'esse orçamento da verba de 2.400 escudos para pagamento de um inspector de aguas mineraes, ainda a crear. O sr. Azeredo Antas faz declarações sobre o assumpto, combatendo a emenda. O sr. Carlos Olavo refere-se á classificação dos governos civis. A emenda das aguas é votada e approvada.

Vozes da *opposição*:—E' mais um escandalo!

O sr. Antonio Macieira:—Palavras! Palavras!

Vozes:—E' mais um logar!

Faz-se a contra-prova da votação. Approvam 36 deputados e rejeitam 28. Os apartes fervem, cruzando-se violentamente entre a maioria e as minorias os mais vivos commentarios. Approva-se a seguir a inclusão, no orçamento das finanças, de uma verba de 120 escudos para falhas, destinada ao thesoureiro do Congresso. Seguem-se outras votações sobre outras emendas.

Ainda sobre o caso das aguas mineraes. Votada a emenda, alguns evolucionistas protestam mais clamorosamente que os outros.

—Já se sabe para quem é o emprego—diz o sr. Eduardo de Sousa.

—E depois?

—E' para o sr. Arsenio Botelho de Sousa. Já veiu nos jornaes!

—E fica deshonrado!—objecta o sr. Joaquim Ribeiro.

—Não. Mas fica agasalhado!

O sr. Eduardo de Sousa pede depois a palavra. E diz, com grande assombro da Camara, que o orçamento da instrucção, votado hontem, ainda não chegou á commissão de redacção, de que faz parte. E como a Camara não dispensou a ultima redacção, refere-se ao assumpto para declinar toda a responsabilidade que pudesse, mais tarde, ser-lhe attribuida.

O sr. Mesquita de Carvalho protesta contra a emenda do Senado determinando que todos os serviços de estatistica, pertençam a que corporação ou entida pertençam, fiquem sob a alçada da direcção geral de estatistica. Como é que essa direcção geral póde organisar com competencia estatisticas de saude? Seria absurdo julgal-a apta para levar a cabo com proficiencia esse serviço especialissimo. A emenda é rejeitada, tendo sorte egual outras que se lhe seguem.

Por ultimo votam-se as emendas ao orçamento da marinha

No Senado

Approva-se uma cabazada de projectos, com urgencia e dispensa do Regimento

Presidencia do sr. Correia Barreto. Sem discussão approva-se o projecto concedendo a pensão de 30$00 a D. Hermenegarda Gomes da Silva, irmã do tenente Gomes da Silva, morto na revolução de 14 de maio.

O sr. Alberto da Silveira requer, sendo approvado, que vá á commissão de guerra a proposta de lei relativa aos sargentos regressados do ultramar e protesta contra a forma como decorrem os trabalhos.

Entra em discussão a proposta de lei determinando que nos concelhos onde as camaras não tenham regulamentado as horas de trabalho, essa regulamentação seja feita pelo governador civil do districto.

Combatem a proposta os srs. Affonso de Lemos e Alberto da Silveira e defende-a o sr. Agostinho Fortes. Em seguida é approvada na generalidade e na especialidade.

Entram em discussão os seguintes projectos de lei: creando uma parochia civil em S. João do Estoril, e esclarecendo varias duvidas do Codigo Administrativo, sobre lançamento de taxas municipaes.

O primeiro foi approvado, juntando-se mais uma freguezia ás que compõem a parochia, o segundo com ligeiras emendas na especialidade.

Approva-se em seguida, sem discussão, a proposta de lei auctorisando as Camaras municipaes a celebrarem o numero de sessões ordinarias que julgarem necessarias.

Do mesmo modo se approvam as propostas de lei n.os 101, 102 e 103, reconhecendo varios cidadãos como revolucionarios civis.

Approva-se depois a proposta de lei, de que se tratára no começo da sessão, regulando a situação dos 2.os sargentos em serviço no ministerio das colonias e no Deposito de Praças do Ultramar.

Passa-se á ordem do dia.

Sem discussão approvam-se as seguintes propostas de lei: Considerando como tendo regressado ao serviço activo do exercito, o 1.º sargento Joaquim Carlos Nunes Branco; Auctorisando a Camara de Peniche a proceder á venda de todos os seus fóros; Prohibindo por dois annos a exportação e reexportação de beterraba e respectiva semente; Isentando de pagamento de contribuição industrial as camaras municipaes que exploram por conta propria serviços de interesse publico; Reintegrando o fiscal Bernardo José Barroso na fiscalisação dos impostos; Auctorisando a Camara de Alcobaça a vender em hasta publica e por glebas o terreno denominado Chumeca da Boa Vista, da freguezia de Maiorga, destinando o producto ao seu fundo de viação.

O sr. Souza Junior dá conta ao Senado de que trabalhou toda a madrugada e o dia no orçamento da instrucção, não podendo, porém, fazer o respectivo parecer. Propõe que haja sessão nocturna, para se fazer a respectiva discussão, que tem de ser demorada.

A proposta foi approvada, tendo protestado contra a forma por que era apresentado o orçamento o sr. José Maria Pereira.

Entre os srs. Estevam de Vasconcellos e José Maria Pereira trocam-se explicações, acêrca de falsidades de que o primeiro se queixa, apparecidas n'um jornal da manhã acêrca da sua attitude na sessão de hontem, sobre o caso da Junta Agricola da Madeira.

Ha sessão ás 21,30.

As apprehensões de trigo

Algumas palavras do sr. ministro do fomento

Procuramos hoje o sr. ministro do fomento para obtermos quaesquer novas informações que s. ex.ª possuisse acêrca da questão do trigo. Encontramos o sr. Manoel Monteiro n'um dos corredores da Camara dos deputados e fizemos-lhe, sobre o assumpto, esta pergunta:

—E' verdade terem-se realisado, em algumas estações do Sul e Sueste apprehensões de grandes quantidades de trigo nacional?

—Não, senhor. Apenas as estações competentes procederam a um inquerito sobre o quantum de existencia d'esse cereal, podendo o governo garantir ao paiz que tem, até hontem, já assegurados para o consumo nacional sete milhões de kilos.

«Alem da Manutenção, todas as fabricas podem moer o trigo depois de o receberem por seu intermedio ou mediante instrucções que da Manutenção Militar dimanem.

—E qual o preço legal, n'este momento?

—O da tabella. E é tudo quanto lhe posso dizer sobre o assumpto...

A gréve dos graphicos do Porto

PORTO, 30—Em muitas typographias não entraram hoje os graphicos, por não acceitarem o salario-horario estabelecido pelos industriaes.

Tenente Douglas Rawes

O corpo do tenente Douglas Rawes chega pelo paquete «Avon», sendo sepultado no cemiterio inglez.

A grande guerra

O aviador Gilbert

PARIS, 30.—O ministro plenipotenciario da Suissa exprimiu ao sr. Millerand os agradecimentos do governo suisso a proposito da resolução cortez e cavalheiresca, tomada pelo governo francez, a respeito do aviador Gilbert.—*(Havas)*.

Lucta violenta de artilhrria

PARIS, 30.—Communicação official.—Hontem ao declinar do dia houve lucta violenta de artilharia, acompanhada de explosão de minas e combates a bombas e granadas, que se desenrolaram na Argonne e em grande numero de pontos, ficando as trincheiras inimigas seriamente avariadas em Courtes Chausses, em Neurissons e em Bolante. A noite foi mais calma, tanto n'esta região como no resto da linha.—(Havas).

Chegada do "Portugal,,

Tropas que regressam d'Africa

Procedente dos portos de Africa fundeou hoje no Caes da Areia, pouco depois das 11 horas, o paquete *Portugal*, da Empreza Nacional de Navegação, trazendo a bordo um importante carregamento de productos coloniaes na maioria cacau, café e oleos. De regresso a Portugal vieram 777 passageiros, sendo 31 de 1.ª, 50 de 2.ª e 696 de 3.ª classe. De Mossamedes vieram 25 sargentos e 508 cabos e soldados das varias unidades que ali se encontravam e os seguintes officiaes: Antonio José Bento Paes, José Pinto Portugal, tenentes Pereira Osorio e Balthazar Gomes Pereira. De Loanda voltaram o capitão Antonio Maria S. Sarmento, tenente Jeronimo José Raposo, alferes Joaquim Rodrigues Caetano e Augusto Cesar, tenente da armada Joaquim dos Reis Gancho, 7 sargentos e 169 cabos e soldados de infanteria 20 e 64 praças do batalhão expedicionario da armada. Grande parte d'essas praças regressa á metropole por ter terminado a estação e outras por virem doentes. Entre os passageiros de 1.ª classe vieram de passagem para a America do Norte os missionarios A. C. Mekinnon e R. F. Cleveland, D. Bertha Mendonça Torres e dr. Manuel do Nascimento Almeida.

O problema da carne

Gado insulano para a metropole—Difficuldades de transporte

A direcção pecuaria do sul informou a direcção geral da agricultura que dos districtos insulanos não podem mandar gado bovino para consumo da metropole por falta de transportes, lembrando que sejam entaboladas negociações com as emprezas de navegação para que estas o façam sem encargos para o Estado.

BARATEAMENTO DO PÃO

É preciso

que o Congresso se pronuncie definitivamente sobre a questão cerealifera, castigando-se ao mesmo tempo o jogo dos açambarcadores

Que ha sobre a questão cerealifera?

Isto perguntamos nós ha dias, alludindo ás alterações que o Senado introduziu no projecto de lei approvado na Camara dos deputados. Uma d'essas alterações obedeceu a um principio inteiramente justo:—é o reconhecimento de que ao Estado compete resignar-se a soffrer os prejuizos resultantes do encarecimento do trigo, por fórma que as classes menos abastadas possam adquirir o pão aos preços fixados na assembléa popular de S. Carlos e acceitos depois pelas duas casas do Congresso. Dar-se ao governo a faculdade de modificar os tipos de farinhas e as qualidades de pão, se assim fôr necessario para evitar possiveis prejuizos do Estado, é illudir a solução do problema, deixando-o precisamente nos mesmos termos em que elle se encontrava antes da reunião da assembleia popular.

Infelizmente, talvez pela apressada barafunda em que teem decorrido os trabalhos das ultimas sessões parlamentares, ainda a Camara dos deputados não poude sanccionar as alterações do Senado, que attendiam as mais instantes reclamações da opinião publica. E, em logar d'isso, que vemos nós? Por um lado, communicados terroristas da Moagem, sobresaltando os consumidores com a possibilidade da completa falta de farinhas do mercado; por outro lado, a declaração firme e cathegorica do governo de que existe trigo em relativa abundancia, pretendendo os especuladores açambarcal-o para auferirem illegitimos e criminosos lucros—tanto mais criminosos quanto atravessamos uma angustiosa situação economica.

E' indispensavel que a questão se resolva de vez, para que os equivocos se dissipem e todas as responsabilidades se apurem. A declaração, feita hontem na Camara pelo sr. ministro do fomento, de que a Manutenção Militar já adquiriu 7 milhões de kilos de trigo é, sem duvida alguma, d'uma grande importancia, mas não esclarece ainda sufficientemente o problema nem dispensa o parlamento de se pronunciar decisivamente a seu respeito com a maior urgencia. O trigo que a Manutenção Militar comprou já teria sido adquirido pelas fabricas de moagens se estas possuissem o direito de obrigar o agricultor e o intermediario a vendel-o ao preço fixado na tabella, isto é, a 68 réis o kilo. Mas a verdade—e é isto que o governo deve averiguar para proceder com energia—é que, tendo terminado ha pouco a colheita do trigo, calculada em mais de 100 milhões de kilos, elle não tem apparecido no mercado. Está nas mãos dos agricultores? Passou já para os intermediarios? Não o sabemos, mas ao governo compete investigar energicamente, para que os especuladores não possam continuar o seu jogo a coberto d'uma impunidade que os alenta á pratica de novas proezas.

E' certo que algumas das fabricas não matriculadas, de pequena importancia, continuam a laborar, não se queixando da falta de trigo. Porquê? Porque pagam ao lavrador o premio que elle exige, além dos 68 réis da tabella, mas, em compensação, vendem as farinhas pelos preços marcados no decreto do governo Pimenta de Castro, isto é, como se o trigo lhes custasse 92 réis. Sabendo-se que aquelle premio nunca vae além, em media, de 5 réis por kilo, ficando assim o trigo a 73 réis, póde avaliar-se a extraordinaria margem que tiram para lucros as fabricas que se aproveitam d'esse expediente. D'ahi, continuar o pão a ser carissimo, proporcional ao preço de 160 réis e 99 réis cada kilo de farinha, respectivamente de 1.ª e 2.ª qualidade, pois foi esse o preço fixado no decreto cerealifero do governo da dictadura.

Póde esta situação manter-se? Evidentemente, não. Foi optima a resolução, tomada pelo parlamento, de entregar á Manutenção Militar o exclusivo da compra do trigo nacional, ficando a seu cargo a distribuição do cereal pelas fabricas da moagem. Cumpre agora ao governo adoptar as providencias necessarias para que lavradores e agricultores sejam obrigados a vender o trigo que possuem ao preço da tabella. Só assim desapparecerá o risco da falta de farinhas, e só por esse meio se poderá calcular com exactidão approximada o trigo que nos falta e que teremos de importar.

Tudo o mais são expedientes passageiros. Os 7 milhões de kilos que a Manutenção adquiriu serão consumidos, «só pela população de Lisboa», em pouco mais d'um mez. A nota das remessas despachadas para as fabricas nos caminhos de ferro do sul e sueste, lida ante-hontem na Camara pelo ministro do fomento, tinha sido fornecida pelas proprias fabricas á Manutenção Militar, que, por um accordo estabelecido, ha mais d'uma semana que fiscalisa essas remessas e a laboração effectuada.

E' claro que os agricultores, desde que encontram quem lhes pague o trigo por 73 réis, não querem vendel-o a 68. O que não deve consentir-se, porém, é que algumas fabricas o comprem áquelle preço e vendam depois as farinhas como se o tivessem adquirido a 92. Porque é que isto acontece? Porque a vigencia do decreto da dictadura terminou em 31 do mez passado, e as fabricas não matriculadas aproveitam-se do preço da tabella anterior para pagarem o premio de 5 réis por kilo, mas vendendo as farinhas como se tivessem comprado trigo exotico que lhes custasse 92 réis.

Esta é a questão. Estão as fabricas matriculadas de moagem promptas a laborar com o trigo comprado ao preço da tabella official? Affirmam que sim. Pois encarregue-se o governo de ir buscar esse trigo onde elle se encontre, faça com que o parlamento estabeleça o novo regimen cerealifero—e todas as difficuldades estarão resolvidas.

Um protesto da Padaria Livre

Não foi ouvida, nem assignaria a declaração feita em nome da panificação

Além da Padaria do Povo, á rua particular da rua Almeida e Sousa, em Campo d'Ourique, que lavrou o seu protesto contra o annuncio inserto no *Diario de Noticias*, de sabbado, sob o titulo *Falta de pão*, tambem a Padaria Livre, sociedade cooperativa com séde na rua Correia Telles, 33 a 33-B, que não foi ouvida nem consultada a tal respeito, nos pede a publicação da seguinte carta:

Sr. redactor.—Tendo sido publicada nos jornaes de Lisboa uma prevenção ao publico com a epigraphe *Falta de pão*, onde se lê:—«A industria panificadora da capital reunida em sessão extraordinaria, etc.» e mais abaixo—«Pelos padeiros independentes», seguindo-se as assignaturas, não pode esta sociedade ficar silenciosa porque, sendo considerada, para todos os effeitos, padaria independente, porque paga contribuição industrial e tendo sempre tomado parte activa e muitas iniciativas em questões de pão, não foi ouvida no caso em questão, nem auctorisou pessoa alguma, por escripto ou por qualquer outra fórma, a acamaradar com a moagem do norte, do centro ou do sul do paiz.

E diz mais que se tal assignatura lhe fosse solicitada lh'a negaria com reprimenda porque, tendo-a sempre atacado como inimiga comprovada da padaria independente, se sentia revoltada com tão insolito e astucioso pedido. Porque actualmente o governo fornece aos padeiros independentes, de toda a parte, por intermedio das camaras e dos governos civis, farinha de trez classes por preços mais baixos do que a moagem e n'uma percentagem de extracção que muito favorece o padeiro independente; ao passo que a moagem do centro, norte e sul do paiz vende mais caro e peor. São estas as secundarias razões por que esta Cooperativa protesta contra o facto de se vir affirmar na imprensa com todo o desplante que a industria panificadora da capital reuniu.

Sabemos que não houve tal reunião mas apenas alguem, mandado pela moagem, andou de automovel a angariar assignaturas que varios incautos prestaram sem suspeitarem de que eram victimas de um *truc* dos seus proprios algozes.

Estamos auctorisados pelo secretario da Associação de Classe dos Padeiros Independentes a affirmar que esta associação não teve conhecimento do referido annuncio senão depois de o ter visto nos jornaes.

As razões primarias por que esta cooperativa protesta contra o abuso que a moagem praticou por intermedio dos seus agentes não são para esta carta, mas se a moagem desejar que o publico as conheça voltaremos á carga. Fica assim lavrado o nosso protesto.

A direcção: (aa) Antonio Pereira Bastos, Francisco da Costa e João Ferreira Diniz.

O sr. João Baptista de Barros, presidente da Cooperativa, com quem falámos, declarou-nos que os representantes das firmas Dias Borges & C.ª e Correia & Gomes, que apparecem como assignando esse annuncio, affirmaram não terem assignado coisa alguma.

Perguntámos ainda ao sr. Baptista de Barros qual o preço por que o governo está vendendo actualmente as farinhas. Promptamente nos respondeu:

—De 1.ª qualidade a $16, de 2.ª a $09,2 e de 3.ª a $08,2.

—E qual era o preço antigo da moagem?

—Respectivamente de $16 a primeira e $09 a segunda, não tendo como sabe sido creada a terceira senão depois do decreto que regulamentou o preço do pão, preço que não poderá subir além de $09 e $08 o kilo, excepto no de luxo.

A Manutenção Militar

toma posse da fabrica João de Brito & C.ª—Apprehensão de 8.000 saccas de farinha

A fabrica de moagens da firma João de Brito & C.ª, no Beato, passou desde hoje a funccionar por conta da Manutenção Militar, tendo ali estado o director da Manutenção, tenente-coronel sr. Vasconcellos Dias. Compareceram muitos moageiros, que manifestaram a quantidade de trigo que teem em seu poder. Pela direcção da Manutenção foram hoje enviadas grandes quantidades de trigo para Cintra e Barreiro e seus arredores, tendo a Manutenção nos seus depositos 2 milhões de kilos de trigo. Para varios pontos seguiram sargentos, a fim de inquirirem quem são os moageiros que não manifestaram o trigo.

O sr. governador civil foi hoje procurado por alguns industriaes de padarias independentes, que lhe foram pedir para que a Manutenção Militar lhes forneça as farinhas necessarias para o consumo dos seus estabelecimentos. O sr. Marianno Martins prometteu attender o pedido. O presidente da camara municipal de Setubal telegraphou ao chefe do districto pedindo-lhe novamente para que inste junto da Manutenção para que sejam satisfeitas as requisições feitas pelos industriaes d'aquella cidade.

O administrador do concelho de Oeiras enviou tambem um telegramma participando que fôra ali feita a apprehensão de 8 mil saccas de farinha, que um padeiro tinha, parte armazenada e parte escondida.

PORTO, 30.—O governador civil participou aos administradores dos concelhos terem sido tomadas providencias no sentido de garantir a farinha necessaria para o consumo.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NA PRAIA DAS MAÇÃS

A's 3 horas e meia da tarde da proxima quinta-feira realisa-se na Praia das Maçãs a Grande Festa Infantil de sports athleticos, gymnastica, gymkana e patinagem, cujo programma é o seguinte: 1, ouverture pela banda dos marinheiros; 2, exercicios de gymnastica, por uma fracção da classe dos Recreios Desportivos da Amadora; 3, a) saltos em altura, b) saltos á vara por socios dos Recreios Desportivos da Amadora; 4, corrida do ovo e da colher (para meninas); 5, corrida de 3 pernas (rapazes); 6, corrida da agulha e linha (rapazes e meninas); 7, corrida de andas (rapazes); 8, corrida de barricas com olhos vendados (rapazes); 9, corrida de animaes (meninas); 10, corrida de saccos (rapazes). Intervallo. Certamen de patinagem por um grupo de patinadores dos Recreios Desportivos da Amadora.—1, ouverture pela banda dos marinheiros; 2, corrida de pucaros com os olhos vendados; 3, jogo da rosa, por dois grupos de meninas; 4, tracção á corda (rapazes); 5, corrida de cadeiras (meninas); 6, grande numero de conjuncto. Todos estes numeros são executados sobre patins.

Das 8 ás 10 horas da noite effectua-se o concerto musical e baile, com o concurso da banda dos marinheiros da armada.

Esta festa foi organisada por uma garnde commissão que angariou donativos na Praia; Azenhas, Collares, Galamares e Almoçageme, cuja população gentilmente contribuiu. A execução do programma foi confiada pela grande commissão aos srs. Antonio Garcia de Castro, dr. José Pontes e José dos Santos Mattos. O jury das provas será formado por alguns dos obsequiosos subscriptores. O saldo, se o houver, será destinado a uma obra caritativa ou educativa, que beneficie o concelho. A commissão executiva estabeleceu bancadas no «rink», nas quaes cada subscriptor tem entrada para trez pessoas adultas. Foram tambem estabelecidas outras bancadas, nas quaes será permittida a entrada ao publico que subscrever com pequena importancia para o fim beneficente da festa.

Como meios de transportes a Companhia dos Carros Electricos de Cintra á Praia das Maçãs estabelece do meio dia em deante o horario dos domingos, isto é, carro de 20 em 20 minutos a preços reduzidos de ida e volta.

NOTAS MUNDANAS

Fez-se hoje o casamento do sr. Humberto Carmona Coelho Gonçalves com a sr.ª D. Rosa Loriz de Almeida. O noivo é filho do sr. Manuel Coelho Gonçalves, negociante em Barcellos, e a noiva é filha do sr. Antonio Augusto de Almeida Azevedo, thesoureiro de finanças no Porto.

—Acompanhado do grande orador Antonio Candido esteve em Chaves, antes de regressar de Vidago ao Porto, o sr. D. Antonio Barroso.

—Regressou de Monção o sr. Francisco de Salles Lencastre.

—Estão na Curia a sr.ª condessa da Borralha e os srs. conde de Mangualde e drs. Alfredo da Cunha, Eduardo de Serpa Pimentel e José Julio Cesar.

—De Vizela e Pedras Salgadas, regressou a Lisboa o sr. dr. Antonio Aurelio.

—Regressou de Italia o deputado sr. Henrique de Vasconcellos.

—De Vichy, França, regressou a Lisboa o sr. Julio Maria de Sousa, que seguiu para Oeiras com sua familia.

—No rapido chegou esta tarde a Lisboa o sr. coronel commandante de artilharia n.º 8, Abel Hypolito.

—No rapido de Madrid chegou a Lisboa o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal em Hespanha. Era aguardado por sua esposa e filhos e pelos srs. Brito Camacho, Affonso de Lemos, Ponce e Sanchez, Paes de Vasconcellos, Azeredo Antas, 1.º tenente Carlos Pereira, coronel Alberto Silveira, Julio Maria de Sousa, Lima Bayard, general Almeida, José Maria Pereira, Antonio Ferreira, Alfredo Casanova, Francisco Santos Tavares, em nome do sr. ministro dos negocios estrangeiros, Antonio de Vasconcellos Correia, Amaro d'Azevedo Gomes, Joaquim Fernandes Gravita, dr. Ravara, etc.

O sr. dr. Augusto de Vasconcellos, que vem no goso de licença, seguiu para S. João do Estoril, partindo por estes dias para Vidago a fazer a sua cura de aguas e demorando-se em Portugal um mez.

CONCERTO SYMPHONICO

Realisa-se no domingo, 12 de setembro, no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora um grande concerto symphonico por uma orchestra composta de 70 executantes, para apresentação do novel maestro Accacio Santos, laureado do Conservatorio de Lisboa.

A orchestra, composta de distinctos professores, executará entre outras obras a symphonia de «Guilherme Tell», de Rossini, e a celebre «Marcha hungara», de Berlioz. Varios numeros de canto em solos, duettos e quartetos completam o programma. Para esta festa serão convidados os criticos musicaes e os maestros de mais renome no nosso meio musical.

NA CATALUNHA

Ha actualmente na Catalunha 30.000 austro-allemães mobilisaveis. Como o dominio do mar pelos alliados os impede de regressarem ao seu paiz, entregam-se, naturalmente, á mais desenfreada espionagem e á propaganda cada vez mais activa contra a França e sobretudo contra a Inglaterra, aliás sem resultado...

MARINHA GREGA

Segundo as estatisticas publicadas pelo ministerio hellenico do commercio, a marinha mercante da Grecia conta na actualidade com 380 navios que dão um total de 700.000 toneladas. No anno de 1885, a Grecia apenas tinha vinte navios mercantes (40.000 toneladas).

MINISTRO DAS COLONIAS

Regressou da Serra da Estrella o sr. ministro das colonias, acompanhado do chefe do seu gabinete sr. capitão Maia Pinto. O ministro fôra ali visitar o sr. Affonso Costa.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 29.—A's 21 horas partiu em comboio especial para Sacavem a excursão que aqui chegou hontem, como noticiámos. Os excursionistas visitaram o que ha de melhor na cidade e os seus pittorescos arrabaldes, retirando satisfeitos, tanto pela forma como aqui foram recebidos, como pelas bellezas naturaes que aqui tiveram o prazer de admirar. A philarmonica, que é muito boa, tocou de tarde na Avenida Navarro, sendo muito applaudida.

PEQUENAS NOTICIAS

O administrador do concelho de Oeiras enviou um telegramma ao sr. governador civil participando-lhe estar ali preso Antonio Correia, solicitador forense, de Portalegre, que desappareceu de Lisboa, onde estava em tratamento, no dia 27, da rua das Taipas, 75, 2.º. Dá indicios de alienação mental.

—Na Escola Colonial termina no dia 1 de setembro o praso para a entrega de documentos dos candidatos que pretendam ser admittidos ao concurso das cadeiras de Colonisação e Regimen Economico.

—Virginia Perpetua Gomes, moradora na rua Affonso d'Albuquerque, 41, tentou suicidar-se com sublimado, recolhendo á enfermaria 14 do hospital de S. José. Tambem por ter tentado suicidar-se com iodo recebeu curativo no banco Delmira Perpetua de Sousa, residente na rua do Olival, 114, 2.º

—A policia procura Francisco da Costa, de 13 annos, que desappareceu da praça d'Armas, 26, 1.º. Tambem procura uma menor de 14 annos, de nome Anna, que se ausentou da rua de S. Bento, 232, 2.º

INTERESSES DE CABO VERDE

Os municipios descuram os interesses locaes

Em vez de evitar as fomes, fomentam-se, para servir interesses inconfessaveis

A ilha Brava é a Cintra do archipelago de Cabo Verde, pela amenidade do seu clima e pelo seu estado de adeantada civilisação, no que toca á população e ao seu modo de sêr. Infelizmente as camaras municipaes não teem sabido tirar partido das bellas condições da ilha e os serviços municipaes são o que ha de mais defficiente.

A camara municipal da Brava, tendo 9:207 municipes, tem de receita 5:653 escudos, que corresponde a $61 centavos por habitante. As despezas classificam-se, pouco mais ou menos, como os das outras camaras: vencimentos, 2:828$; construcções e reparações, 734$; illuminação publica, 275$; despezas diversas e eventuaes, 1:050$, saldo para 1915, 761$00.

Se nas outras ilhas os serviços municipaes são rudimentares, porque a população está satisfeita, o mesmo não succede na Brava, onde a maioria dos seus habitantes, vivendo de ordinario na America do Norte, criticam a falta de tudo que se nota na Brava. E, n'estes ultimos tempos em que se teem divulgado as bellezas naturaes e as climaterias da Brava, sendo visitada por innumeras pessoas que duvidam que a ilha possa ser de facto um jardim, como é, é de afugentar turistas o facto de se andar pela séde do concelho aos encontrões pelas paredes das ruas, por não haver illuminação publica capaz.

Além d'isso, ao desenvolvimento que a população tem dado ás construcções na villa, não se tem correspondido, da parte dos successivos vereadores, pelos melhoramentos da villa.

Impunha-se a *construcção* de arruamentos modernos, substituindo as archicentenarias azinhagas, e se cara deve ser a expropriação, carissima seria a venda dos terrenos para edificações particulares, que o municipio venderia apoz os arruamentos *construidos*. A camara podia contrahir emprestimos na propria ilha, sem necessidade alguma da cooperação de estranhos, e, vendo a população como se empregaria o seu dinheiro em obras boas para a sua terra, não faltariam subscripções para esses emprestimos.

O que é preciso, é partir do seguinte principio: as populações eximir-se-hão cada vez mais ao pagamento dos impostos, desde que não vejam esse dinheiro trazer melhoramentos mais ou menos immediatos. Este é que é ponto principal, que a observação nos revela a respeito de Cabo Verde, e embora critiquemos o pequenissimo desenvolvimento que se nota a todos os respeitos n'este archipelago, manda a justiça que asseveremos que á população não falta razão de queixa, por não vêr bem applicados os modestissimos impostos que paga.

A Camara Municipal do concelho de Santa Catharina da ilha de S. Thyago, tem 29:233 municipes; a receita de 12:014$ o que corresponde a $41 centavos por municipe. As despezas são as seguintes: vencimentos 6:724$00, construcções e reparações 202$00, illuminação publica, 111$00, arborisação, 47$00; despezas diversas e eventuaes 1:551$00; saldo para 1915, 3:378$00. Como as outras camaras, esta cinge-se a pequenas coisas que as leis impõem; iniciativa propria não tem nenhuma, mas podia tel-a, por a isso se prestarem as boas condições economicas dos seus municipes, onde se encontram os mais ricos proprietarios do Cabo Verde. Mas, infelizmente, só a villa é contemplada com os minusculos serviços municipaes.

Segue-se a Camara Municipal de S. Nicolau, tendo 12:041 municipes, a receita de 3:827 escudos, que corresponde a $31 centavos por habitante. As despezas são assim classificadas: vencimentos 2:225$00; construcções e reparações 129 escudos; illuminação publica 141$00; despezas diversas e eventuaes, 693$00; saldo para 1915, 637 escudos. A ilha de S. Nicolau é para Cabo Verde o que Braga e Coimbra são para o nosso paiz; é ali que está estabelecida a séde do bispado e os dois edificios onde alternadamente funcciona o seminario, que, tendo cultivado os cerebros, conseguiu na mesma ilha que o analphabetismo seja apenas de 4 %, e é do mesmo seminario que tem saido educada a fina flôr dos intellectuaes caboverdeanos, no numero dos quaes se citam os melhores poetas conhecidos dentro e fóra de Cabo Verde. Todavia a vida municipal é, como se vê, primitiva. Não gosa a população dos inumeros beneficios que a administração municipal prodigalisa nos meios cultos e a que corresponde da parte das populações o sincero desejo de mais e mais enriquecer o erario municipal ancioso ainda pelo maior numero de melhoramentos. Onde residirá a causa d'este rotineirismo atroz e incomprehensivel?

E' a Camara Municipal da ilha de Santo Antão, a que fecha este estudo. Tendo 33:724 municipes, e a receita de 8:101 escudos, o que corresponde a $24 por municipe, as suas despezas classificam-se da seguinte fórma: vencimentos, 5:318$, construcções e reparações, 1:105$; illuminação publica, 421$; despezas diversas e eventuaes, 1:998$; saldo para 1915, 442$00.

Por estes dados verifica-se que cada municipe de Santo Antão concorre para a camara com dez vezes menos do que os habitantes da fronteira ilha de S. Vicente. A que será isto devido? E' o que nos esforçaremos por descrever. A ilha de Santo Antão tem a area de 784 kilometros quadrados e é dividida no sentido L O por uma enorme cordilheira de 1:500 a 1:800 metros de altitude. Os caminhos são o que ha de mais invios e muito pouco accessiveis, o que difficulta extraordinariamente as communicações. Assim, para descentralisar serviços, foi, ha bons 30 annos, creado um outro concelho no Paul, ficando a pertencer-lhe a freguezia de S. João Baptista, que só por si tem mais de 500 kilometros quadrados.

Tinha a ilha dois concelhos; mas a creação do concelho do Paul, representando um golpe formidavel nos chefes politicos do concelho da Ribeira Grande, que assim perdiam influencia, principalmente nas concessões de terras, produziu, a breve trecho, uma opposição tenaz ao novo concelho e não tardou que se fizesse uma representação, pedindo que se acabasse com tal concelho, que apenas distava 14 kilometros do outro da Ribeira Grande. Fosse como fosse, o que é facto, é que se conseguiu que, em 1892, fosse extincto o concelho do Paul, que foi um dos maiores disparates administrativos que se tem commettido para Cabo Verde. A seguir começou da parte do concelho vencedor uma serie infinita de represalias para os vencidos, que não tem um unico melhoramento desde 1892. Para remediar este estado de coisas, no projecto da carta organica de Cabo Verde restabelece-se o concelho do Paul, com os actuaes limites da sua parochia, e cria-se um novo concelho dos Carvoeiros, no que é a parochia de S. João Baptista, com os seus antigos limites.

A centralisação dos beneficios municipaes na cabeça do concelho, a falta de fiscalisação dos rendimentos em tão extenso territorio, levaram ao bonito estado que mostrámos as finanças municipaes de Santo Antão. Que o remedio da creação dos dois novos concelhos seja um facto, é o que todos desejam.

***

A largos traços, mas fundamentado nos numeros cuja evidencia é até agora indestructivel, aqui está o que são as municipalidades de Cabo Verde. Dir-nos-hão talvez contradictores que apparecem sempre como zangãos, que nem o povo de Cabo Verde, merece mais. Será mais um disparate tal asserção.

Os caboverdeanos que emigram para a America do Norte, fugindo horrorisados de tanta miseria, deixando a miseravel casa, sahindo andrajosos, esqualidos, endividados, conseguem a breve trecho n'aquelle rico paiz, e mercê de um arduo trabalho, uma situação que as proprias auctoridades americanas põem sempre em destaque; criam associações, subordinam-se ás leis, vestem-se como qualquer cidadão americano, conhecem o banco onde depositam as suas economias, pagam os seus impostos, emfim, sahindo da sua terra onde não ha nada, civilisam-se em absoluto no novo meio, onde entraram muito outros. O que dirão elles, no seu regresso, da administração na sua terra, que, ao invez do avanço, recúa?

E, não digam que ha pouco que fazer no que respeita á vida municipal de Cabo Verde. N'uma terra onde as crises de subsistencias se succedem de 5 em 5 ou de 7 em 7 annos, por escassez de chuvas, haveria da parte das camaras largos elementos a pôr em actividade, para fazer sentir cada vez menos os perniciosos effeitos de uma fome entre os municipes. Mas qual. O principio é outro. Se não houver fomes, não se compram propriedades baratas, nem se vendem generos alimenticios caros; d'ahi a necessidade imperiosa de fomentar as fomes em vez de as evitar. E, infelizmente, o que não vemos é a forma de endireitar sem muito trabalho o que nasceu torto e torto continúa.

Armando Xavier da Fonseca

FUNCCIONARIOS ADMINISTRATIVOS

Incoherencias que se não percebem

O administrador do concelho de Ceia, sr. Mello Jamor, chama-nos a attenção —e com toda a razão—para uma incongruencia da lei que augmentou os ordenados dos funccionarios administrativos e que não attendeu devidamente os interesses de todos.

Assim, por exemplo, n'aquelle concelho, que é classificado de segunda ordem, o secretario da administração passa a ganhar 400 escudos, além do vencimento do exercicio, ao passo que o administrador do concelho apenas ganha 350, sem emolumentos, os quaes darão entrada no cofre da Camara.

Quer isto dizer que se quiz reduzir o ordenado do secretario da administração? De fórma alguma. O que se deve fazer é augmentar o dos administradores do concelho, pois não se percebe que um subordinado ganhe mais que o superior, o qual a manter-se este estado de coisas, ficará n'uma posição subalterna.

Para o facto chamamos a attenção do sr. ministro do interior.

A festa de hontem no Coliseu

Pede-nos o sr. João Catanho de Menezes Junior, um dos oradores de hontem na festa do Coliseu de Lisboa, para rectificarmos o seu nome, que, por lapso, saiu João Gadanho de Menezes. Fica assim satisfeito o seu desejo.

SPORT

Desafio de box

Sr. redactor.—Em 21 do corrente appareceu no jornal «O Mundo» um repto lançado a todos os amadores e profissionaes portuguezes de box pelo sr. Maximiano José Domingos, offerecendo este senhor um premio de 50$00 a quem o derrotasse.

Este repto foi acceite por alguns amadores aos quaes o sr. Maximiano nunca mais respondeu, o que me leva a crer que esse repto não passou d'uma phantasia para demonstrar a alguns dos seus amigos que era capaz de desafiar todos os «boxeurs» portuguezes.

Assim, pois, vendo a boa vontade da parte de alguns amadores acceitando como eu o repto,—talvez phantastico,—é minha opinião que não deixem de se bater por falta de adversario e assim aproveito tão propicia occasião para desafiar para esse combate não só o sr. Maximiano como todo e qualquer amador que commigo se queira defrontar.

Quanto aos combates poder-se-hão effectuar um por semana e depois da minha volta de Traz-os-Montes onde tenciono passar o proximo mez de setembro.

Acceitando o repto que acabo de lançar já não ficarão sem fazer «box» os que acceitaram o do sr. Maximiano e os restantes amadores por espirito sportivo não deixarão tambem de calçar luvas o que de certo modo dará um pouco de impulso a este genero de «sport» que no nosso meio tão mal apreciado é, «isto a não ser» que sejam da marca de diversos «sportmens» que conheço que pelo muito amor que teem á pelle se esquivam a combates procurando, unicamente mostrar a plastica pelas salas brincando ás demonstrações.

Agradecendo a publicação d'estas linhas, subscrevo-me com toda a consideração,-Ba subscrevo-me com toda a consideração,*Bazilio d'Oliveira*, campeão de Portugal.

Viagem em gazolina ao Algarve

O sr. D. Antonio Heredia, contra-commodoro do Club Naval, parte no seu gasolina «Alice» em viagem de recreio pela nossa costa, tencionando visitar todos os portos do Algarve. Pena é que havendo no nosso Tejo bastantes gasolinas em condições de emprehender esta viagem não acompanhem o «Alice» na sua derrota, porque além da belleza do passeio e da instrucção que as tripulações aprendem em viagens como esta, porque ficam conhecendo portos de abrigo, etc., é um meio de fazer propaganda em favor do «sport» nautico que tanto carece d'ella.

Grande sarau na Amadora

Realisa-se no proximo sabbado, 4 de setembro, pelas 9 horas da noite, no bello «rink» de patinagem dos Recreios Desportivos da Amadora um grande sarau desportivo em que tomam parte os melhores elementos do nosso meio athletico e gymnastico.

E' o primeiro sarau nocturno ao ar livre que reune os grandes campeões de Portugal.

O «rink» da Amadora, com a sua deslumbrante illuminação electrica e a belleza do recinto vae mais uma vez mostrar que é a unica terra do paiz que não se poupa a sacrificios para desenvolver os desportes em Portugal.

A direcção tem auxiliado a commissão organisadora do sarau, para que este se revista de um brilhantismo fóra do vulgar.

A festa realisa-se em homenagem ao antigo gymnasta Carlos Martyres. As bancadas do «rink» da 1.ª fila, em numero de 300 logares, já estão esgotados.

Continua á venda o resto dos logares.

Os 150 k. da U. V. P.

A direcção da U. V. P. na sua reunião de hontem resolveu realisar no proximo mez a prova classica de 150 kilometros em estrada.

O percurso escolhido é: Lisboa-Santarem e volta, e os premios são medalhas officiaes modelo B e objectos d'arte no valor de 15$00, 10$00 e 5$00 escudos. A inscripção abrirá brevemente.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 — As pilulas de Hercules.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30 — Não desfazendo... (Revista).

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS— A's 21 — A menina do cinematographo.

Agenda da semana

TERÇA-FEIRA — Coliseu dos Recreios—Estreia da operetta *A menina do cinematographo.*

Ao correr da penna

E' um erro profundo imaginar-se que a impressão do publico das primeiras representações é que depende o destino de uma peça.

Bastava a composição d'esse publico para pôr os interessados de sobreaviso ácerca dos seus veredictums. A plateia das primeiras é formada de todos aquelles que de perto ou de longe gravitam em torno do theatro. Conhecem os auctores, conhecem os artistas, entram quasi sempre com opiniões preconcebidas, favoraveis ou desfavoraveis, basciam o seu criterio quasi sempre em factos absolutamente estranhos á verdadeira critica e, tendo a convicção de serem o publico mais esclarecido, são afinal aquelle que mais facilmente se deixa levar.

Em geral esse publico é bom. Descontados os claqueurs do theatro ao lado, que veem, por conta dos patrões, vêr se ha meio de armar um chinfrim grande ou pequeno, extrahidos alguns que teem um conflicto pessoal a liquidar com a empreza ou com o auctor, resta uma grande massa de pessoas que não deixam perder um dito ou escapar uma subtileza.

No emtanto é bom esperar que venha o publico a valer para se ter a certeza de que a peça agradou ou está no chão. Nos dias seguintes é que se avalia bem o que agrada ou o que passa despercebido. Com espanto se verifica que uma piada, que na primeira desencadeou uma tempestade de gargalhada, deixa absolutamente frios os publicos subsequentes. Um trecho que parecia banal passa a ter um grande exito e um artista que a primeira *desdenhou cae no goto do respeitavel.*

Basta recordar o que succedia nas revistas com o quadro dos theatros. Na primeira noite, se era bem feito, tinha um exito formidavel. Na segunda, perante uma plateia que desconhecia os mexericos e os ridiculos dos bastidores, passava a ser um quadro morto.

Portanto é um erro suppôr que por ter agradado na primeira noite uma peça tem o seu exito garantido. Só no fim de alguns dias é que convém deitar foguetes.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A empreza do Politheama mandou executar na photographia Brazil quarenta grupos differentes dos artistas que desempenham a revista *Não desfazendo*... Esses grupos vão ser expostos nos principaes estabelecimentos de Lisboa.

O maestro Vasco de Macedo foi contractado pela empreza Ruas para director musical do theatro Apollo na futura epocha.

Segundo consta os artistas do theatro Avenida vão continuar a explorar aquelle theatro em sociedade artistica.

A recita da moda de hoje deve ter no Coliseu dos Recreios uma enchente completa, tanto mais que se canta *O conde de Luxemburgo*, a linda partitura de Franz Lehar, estando distribuidos os papeis mais importantes ás principaes figuras da companhia como se vê pela seguinte distribuição: *Angela Didier*, Anita Patrizi Granieri; *Giulieta Vermontt*, Fernanda Razzoli; *Slafa Rokorow*, Concetta Villani; *Conde Renato de Luxemburgo*, Amedeo Granieri; *Brissard* (pintor), Raffaelo Vizzani; *O principe Bazilio Bazilovitch*, Adriano Marchetti; *O director do Grande Hotel*, Felice Tati; *Sergio Mantinovick*, Gasparo Favi; *Arthur Bronville*, Attilio Tosi; *Frantz Zenovik*, Manlio Servini.

Amanhã realisa-se a estreia da lindissima operetta *A menina do cinematographo*, inteiramente nova em Portugal e de cujo entrecho faz parte uma pellicula cinematographica em que figuram os proprios artistas da companhia. *A menina do cinematographo* foi o grande successo de Italia na epocha passada onde chegou a ser representada simultaneamente em 14 theatros. E' posta com extraordinario luxo de guarda roupa e scenario sendo tudo completamente novo.

No estrangeiro

A reabertura do theatro Palais Royal em Paris far-se-ha com uma nova peça em um acto de Feydeau intitulada *Hortense a dit; je m'en fous*... com Cassine e Marcel Sunon. Completa o espectaculo uma revista de Sacha Guitry.

O theatro Sarah Bernhardt reabre com *La vierge de Lutece*. A grande actriz assistirá á representação.

No Vaudeville agradou a peça patriotica *Vieux Thann*.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil— O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Movimento maritimo

Brazil e R. da Prata «Avon», Liverp.	31
Batavia, etc., «Princess Juliana», Amst.	1
Vig e Inglaterra «Essequibo», Brazil	1
Brazil e R da Prata «Darro», Liverp.	3
Brazil e Rio da Prata, «Hennemer»	3
Bahia, R. Jan. e Santos, «Dryden», Liv.	3
Afr. or., via S. Thomé, etc., «Africa»	3
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Liverpool «Antony», Pará..........	6
Brazil e R. Prata, «Zeelandia», Amst.	6
Africa oriental, «Karanna», Liverpool	7
Bordeus, «Samara», Brazil..........	7
R. Jan. e R. Prata, «Flandre», Bordeus	7
Br. R. Pr. e Pac., «Oriana», Liverpool	8
Vigo, Liverpool, etc., «Orita», Brazil	8
Africa Occidental, «Portugal»........	12
Africa Occidental, «Cazengo»........	28

um titulo de gloria á fama que rodeava o seu nome.

Descobriu-se que o inimigo estava em movimento, que cruzadores, submarinos e destroyers estavam demonstrando «uma certa actividade», como ainda não havia sido vista. A

Mr. Jules Cambon, embaixador francez em Berlim, na occasião de rebentar a guerra

armada não se preparou para tomar parte apenas n'um movimento de simples «raid», mas sim para um reconhecimento em força com o objectivo de atacar os cruzadores ligeiros e os destroyers do inimigo.

A disposição das forças parece ter sido a seguinte: cruzadores muito ao largo, a fim de interceptarem o caminho aos navios inimigos perseguidos para oeste; finalmente, o «Arethusa» e o «Fearless», acompanhados da primeira e terceira flotilhas de destroyers, que apenas se compunham de quatro navios--«Hornets», «Tigress», «Hydra» e Loyal».

A 21 de agosto, quando os cruzadores se estavam abastecendo de carvão, foi recebido o seguinte telegramma, pela telegraphia sem fios, d'um cruzador ligeiro: «Estou sendo perseguido pelos cruzadores inimigos», seguido d'ahi a pouco por «Estou em combate com os cruzadores inimigos».

A disciplina na armada é severa, mas o fundo silencio dos navios que estavam tomando carvão foi n'esse momento quebrado por exclamações de desespero, em breve transformadas em brados de funda alegria quando foi recebida a seguinte ordem pela telegraphia sem fios: «Todos em auxilio do «Fearless». Os cinco cruzadores immediatamente se puzeram em movimento, mas esperava-os uma desillusão. O «Fearless» tinha attrahido o inimigo, mas este fugira de novo para a costa a toda a velocidade.

Não demorou, porém, o combate por que elles anciavam. Pelas 3 horas e meia da manhã de 28 de agosto, o «Fearless» e o «Arethusa», escoltados por uns vinte destroyers, avançaram na direcção sudoeste com a velocidade de vinte nós, n'uma carreira que os levaria a um ponto a seis milhas ao sul e a tres milhas a oeste de Helogoland.

A manhã estava magnifica, mas de nevoeiro, e o mar tão unido que o almirante Beatty diz que o sulco dos torpedos podia ser facilmente observado á superficie das aguas. A's 8 horas viu-se que umas sombras, atravez do nevoeiro, vinham reconhecer os navios inglezes; em breve se reconheceu serem seis destroyers allemães. O rumo foi mudado immediatamente e ordens foram dadas para travar combate o mais depressa possivel. A's 8 horas e meia, o «Arethusa» e alguns dos destroyers abriram fogo e ás 8 e 45' o rumo de novo foi mudado, de modo a que todos os destroyers entrassem na lucta.

Ao mesmo tempo tres cruzadores allemães de egual classe ao cruzador inglez «Town, foram avistados. (A classe Town, de que no principio da guerra havia quinze na armada ingleza, eram cruzadores ligeiros, de 4.800 a 5.400 toneladas). Esses navios entraram em acção e a lucta generalisou-se. O fogo allemão era

CAPITULO XI

Trez mezes de guerra naval

Os trez primeiros mezes de guerra no mar mostraram a efficiencia e o predominio da armada ingleza. Na sua memoravel entrevista com o embaixador britannico em Berlim, sir E. Goschen, no dia 4 d'agosto de 1914, o chanceller imperial allemão durante um momento revelou a sua verdadeira convicção. A idéa da intervenção britannica era, disse elle, terrivel. As theorias dos mais habeis politicos, que tentavam fazer acreditar aos seus concidadãos que a supremacia naval não tinha tanta importancia como no passado e que as armas modernas contrabalançavam uma armada superior, em breve provaram ser infundadas. Para a Allemanha o poder da armada ingleza era terrivel.

Póde dizer-se que as velhas lições da guerra naval de novo se affirmaram e que aquelles que haviam sustentado que as mudanças de material não haviam influido no poder da armada ou não impediam que a armada ingleza exercesse uma funcção vital na guerra se não enganavam.

Desde o principio da guerra, a armada ingleza dominou a campanha no Occidente, falando em sentido estrategico. Se ella não existisse ou tivesse sido vencida, a beira-mar da França teria ficado á mercê do inimigo. Grandes forças teriam podido desembarcar, as quaes haveriam causado grandes embaraços aos exercitos francezes. Tropas algumas inglezas teriam podido ajudar a deter o primeiro impulso allemão e — poderosamente reforçadas—cooperar a repellir os invasores para longe do seu objectivo—Paris.

O commercio francez e inglez teria paralysado e o dominio do mar não teria sido assegurado. A Inglaterra ficaria esperando dia a dia uma invasão, tendo uma população desempregada e clamando por alimentação. Mas, como nas guerras do passado, a armada provou não só ser o «escudo seguro» da nação, como a base firme d'uma acção offensiva. A armada britannica assegurou a liberdade de todas as forças militares do imperio e permittiu que ellas fôssem trazidas confórme as necessidades da campanha.

Mais de 350.000 homens foram transportados por mar sem o minimo inconveniente. Os navios allemães foram ou capturados ou obrigados a procurar refugio em portos

neutraes, fazendo com que os recursos economicos da Allemanha diminuissem de mez para mez. O ataque ao commercio inglez, planeado e apoiando-se em medidas tomadas antes de principiar a guerra, viu-se não ter a importancia que se lhe attribuia. O almirantado podia dizer em outubro que só 1 por cento dos «4.000 navios inglezes empregados no commercio com o estrangeiro» haviam sido afundados e que o premio do seguro dos carregamentos, primeiro fixado em 5 por cento, havia passado a 2 por cento.

Parte d'essas, relativamente pequenas, perdas—as causadas pelo «Emden» especialmente—foram devidas a os navios de guerra terem de comboiar tropas, ao passo que «grande numero» d'ellas eram devidas a os navios mercantes tomarem toda a carga que lhes apparecia, fôsse para onde fôsse, e procederem sem as devidas precauções.

Finalmente, como na batalha de Alma, mas com infinitamente maior effeito, os navios inglezes cooperaram directamente com as forças militares e auxiliaram poderosamente a repellir os violentos ataques á esquerda da linha dos alliados na Flandres.

Emquanto assim, no sentido estrategico, o effeito da mudança de material se fazia sentir em augmentar o poder da armada e fazia com que esse poder pudesse ser exercido muito mais rapidamente do que outr'ora, as novas condições tinham levado a resultados significativos. O largo emprego de minas por parte dos allemães, com violação de restricções e convenções acceites, levaram o almirantado a adoptar medidas semelhantes e a declarar o mar do Norte uma «area militar».

A' actividade naval allemã limitouse praticamente no principio da guerra ao lançamento de minas e ao emprego de submarinos; mas as perdas inglezas de navios de guerra relativamente á força da sua armada foram pequenas, comparando-as com as dos japonezes em 1904.

O poder dos submarinos mostrou todo o seu valor. Provaram ser antagonistas perigosos, como se esperava. Mas tambem, na batalha de Heligoland, a 27 d'agosto de 1914, mostraram que nem sempre attingem o fim que se propõem, desde que o commandante do navio que elles atacam saiba manobrar a tempo. O vice-almirante Beatty assim o verificou n'essa batalha, sendo os ataques dos submarinos allemães, na maior parte, mal succedidos.

Os submarinos inglezes nos primeiros mezes de guerra mostraram bem o que valiam, mas se os resultados obtidos foram menos que os do inimigo deve-se isso a que o numero de navios allemães no mar era pequenissimo. Os «destroyers» inglezes mostraram o seu valor principalmente em preserverar as grandes unidades dos ataques dos submarinos inimigos. A rapida acção do commandante do «Badger» é significativa, mostrando que os submarinos devem sempre ser atacados e que «uma baixa visibilidade e um mar calmo» são «as condições mais desfavoraveis» para a sua actividade.

Finalmente, a armada ingleza, com a nova arma, o hydro-avião, deu provas da mais alta efficiencia. Os «raids» sobre Düsseldorf e Colonia pódem ser considerados como verdadeiros successos.

Taes foram as operações levadas a cabo pela armada ingleza nos trez primeiros mezes de guerra e na historia naval não ha periodo algum que se lhe possa comparar em importancia. Não se deu nenhum grande combate naval, como succedia outr'ora, mas a acção exercida pela armada foi efficacissima para a causa dos alliados. O unico defeito—a falta de cruzadores rapidos, devido a ter-se durante cinco annos desprezado esse typo de navios—foi sendo gradualmente remediado.

No dia 5 d'agosto de 1914, foi communicada a todos os officiaes da marinha ingleza, em todas as estações onde elles se encontravam, a seguinte mensagem:

«N'este grave momento da nossa historia nacional reiteiro-lhe, e por

seu intermedio aos officiaes e homens das armadas de que assumiu o commando, a certeza da minha confiança em que, sob a sua direcção, farão reviver e renovarão as velhas glorias da Armada Real, e provarão mais uma vez serem o escudo seguro da Gran-Bretanha e do seu imperio na hora do perigo—*Jorge, rei-imperador.*»

Ao mesmo tempo o almirantado fazia saber que o almirante sir John R. Jellicoe assumia o commando supremo das «Home Fleets»—as armadas destinadas a defender a metropole—e que o contra-almirante Charles E. Madden era nomeado chefe do estado maior.

A guerra no mar, assim como a guerra em terra, é influenciada pela area em que se derimem os combates; e embora todos os sete mares estejam abertos como campo de batalha para as armadas inimigas, devia ser no mar do Norte que o recontro entre inglezes e allemães se devia dar.

No dia 5 de agosto, o «Amphion» e a terceira flotilha de «destroyers» encontravam o «Königin Luise» a umas quarenta milhas de Antuerpia. Esse navio, um paquete da Hamburg-Amerika de cerca de 2.000 toneladas, havia sido transformado em lança-minas e trazia umas quatrocentas a quinhentas, ao que se calculou. Aonde as ia lançar, não se sabe ao certo, mas, segundo todas as probabilidades, parecia dirigir-se para a emboccadura do Tamisa, onde, se tivese conseguido desempenhar-se da sua missão, seriam enormes os estragos que causaria.

Intimado a render-se após uma perseguição, que durou alumas horas, recusou-se a fazel-o, pelo que foi afundado pela artilharia; vinte e oito homens feridos da sua tripulação foram levados para Harwich.

Não demorou muito que se não manifestasse a acção das *minas* como um terrivel instrumento de guerra. No dia seguinte, o «Amphion» batia n'uma e afundava-se quasi immediatamente. Era um navio novo de 3.440 toneladas e havia custado 280.000 libras. Grande parte da sua tripulação, incluindo o commandante, o capitão Cecil H. Fox, foi salva.

No dia 9, um ataque dos submarinos allemães se realisou contra o primeiro esquadrão de cruzadores ligeiros; era a tactica do inimigo que era posta em pratica, mas que deu resultado contraproducente, pois que nada conseguiu e perdeu um submarino, o U 15, afundado pelo «Birmingham».

A 19 de agosto, o almirantado britannico, por intermedio do «Press Bureau», annunciava que um certo movimento se notara no mar do Norte e que os navios inimigos tinham feito a sua apparição: destroyers, cruzadores de observação, toda a «poeira naval», como os francezes chamam a essas unidades subsidiarias. Mas apesar de terem sido trocados alguns tiros a distancia e apesar dos cruzadores serem desafiados a sahir da costa e a destruir os destroyers arvorando a insignia branca, que se moviam com uma lentidão calculada em direcção aos navios que se viam ao longe, na linha do horisonte, os allemães não sahiram dos seus abrigos.

O movimento não se estendeu á armada principal do almirante Ingenohl.

Durante a terceira semana de agosto houve um «raid» entre as costas inglezas e allemãs, mas as forças navaes do imperio germanico estavam ainda, ao que parecia, refugiadas no canal de Kiel ou nas aguas protegidas pelas suas fortalezas.

Deu-se finalmente uma acção na enseada de Heligoland. Estrategica e tacticamente, esse combate foi cheio de ensinamentos. Foi tambem o melhor dos presagios para as subsequentes batalhas navaes, não só quanto á perspicacia mostrada pelo alto commando não menos admiravel do que as disposições tacticas que foram tomadas, como em relação á valentia dos officiaes e homens que entraram no combate. O bello «Arethusa» accrescentou mais

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1822 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 31 de Agosto de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

No fim da sessão

Está a findar a actual sessão legislativa. E', porém, possivel que ella ainda tenha de se prolongar alguns dias, pelo que se infere do convite do «leader» da maioria, o sr. Alexandre Braga, aos parlamentares do seu grupo. Se tal succeder, é para desejar que a attenção do parlamento se concentre nas questões importantes que se não possam adiar, eximindo-se á profusão de pequenos projectos, que, em geral não servem os superiores interesses do paiz, os quaes são, no momento, aquelles que requerem um exame mais cuidadoso e uma decisão mais ponderada.

Assim como é pessimo que o parlamento deixe de funccionar nas epocas normaes, mercê da adiamentos ou suspensões que por vezes infringem os preceitos constitucionaes, eventualidades gravissimas que o espirito das instituições não admitte nem como hypothese, assim tambem seria conveniente que fóra d'essas epocas se não tornasse forçoso o seu funccionamento. Se a Constituição marca uns certos prasos para a reunião do parlamento, é porque se julgaram sufficientes esses espaços de tempo para a discussão das medidas administrativas e politicas que ao criterio dos legisladores devem ser submettidas. E, na realidade, aproveitando-se bem esse tempo, fugindo a incidentes irritantes e estereis, renunciando a uma verborrheia que já se não coaduna com a eloquencia parlamentar actual, facil seria discutir e resolver os mais importantes problemas da vida nacional.

Sem duvida que é para a discussão d'um importante assumpto que o «leader» da maioria parlamentar convoca os seus amigos politicos. Mas ainda assim, conviria, sendo possivel, não arriscar qualquer decisão insanavel, tão certo é que a politica portugueza se encontra n'uma situação excepcional, que tem necessariamente, marcado o seu fim.

D'aqui a um mez e poucos dias toma posse o novo presidente da Republica. E' da praxe que n'essa occasião o governo lhe apresente o pedido de exoneração, e se é certo tambem que alguns dos ministros na situação actual a opinião publica presume que continuem nos seus logares, não é menos certo que d'outros se sabe que desejam subtrahir-se ao fardo governamental, e que a orientação governativa do gabinete que se formar terá de ser mais precisa do que a d'este ministerio, formado em condições de transição, poderia ser.

No dia 5 de outubro, a Republica inaugura uma nova era. E' forçoso encarar com firmeza os mais vastos problemas do paiz. Porventura mesmo já n'esse dia será possivel utilisar a intelligencia e a acção do estadista republicano que mais poderosamente tem affirmado a sua personalidade dirigente. São, com effeito, as mais optimistas as noticias que circulam ácêrca do sr. dr. Affonso Costa, que se póde, ao que consta, considerar inteiramente restabelecido do lamentavel desastre de que foi victima. Se assim é, tudo indica que a sua alta capacidade governativa deverá ser utilisada n'este momento critico da nacionalidade portugueza.

Por todos estes motivos, o que se fizer no sentido de aguardar a nova situação politica, cujo indicio deve coincidir com o quinto anniversario da Republica, será não só o fructo d'uma boa ponderação como o testemunho d'uma logica que cada vez mais se affirma no desenrolar dos acontecimentos politicos. Não se póde dizer que o povo portuguez não saiba esperar, e quem tanto tem esperado, sem saber até quando, mais facilmente o fará em presença d'uma data fixada e inalteravel.

Migalhas

Portugal ignorado

Praxedes tem seguido com attenção os artigos de Antonio Granjo ácêrca das terras do Barroso e confessou-me hoje o seu espanto perante os detalhes que o advogado transmontano tem fornecido aos seus leitores.

Eu disse-lhe então:

—«Convença-se v., Praxedes, que ainda tem muito que aprender ácêrca de Portugal. Não cuide que só ignora o Barroso. V. ignora tudo. Conhece Lisboa, conhece Cacilhas, de vista, Villa Franca de Xira, por lá ter ido n'um passeio fluvial, e Cascaes onde esteve uma vez e nunca mais. Tudo o mais de Portugal é para si um mysterio. Se ámanhã lhe sahisse a sorte grande o seu primeiro impulso seria ir a Paris, a Madrid, a Londres, talvez á Italia. Nunca lhe passaria pela cabeça dar uma volta circular de automovel á sua terra, ao seu paiz. E, no emtanto, que de coisas bellas e pittorescas você poderia encontrar por essas estradas fóra, galgando as serras ou deslizando pelos plainos. Você fartaria a sua curiosidade de trechos magnificos de paisagem e, tendo olhos de vêr, observaria costumes, tradições e habitos, alguns d'elles seculares, que o haviam de estarrecer quasi sempre e commover algumas vezes.

E então sentiria como Lisboa está longe de tudo aquillo e que mal temos feito em centralisar na capital a vida activa do paz, talqualmente concentrámos na Baixa a vibração da nossa primeira cidade. A provincia é uma parente com quem nos não damos e que quasi acolhemos de má vontade, quando nos bate á porta.

Como seria interessante que fôssemos ao encontro d'ella, que a acarinhassemos com ternura e que buscassemos estabelecer essa harmonia nacional que tão longe está da sua realisação.

André Brun.

Pelo telegrapho

Os combates no Caucaso

PETROGRADO, 31.—Segundo communicação official do Caucaso, durante os ultimos combates até ao dia 22 do corrente, prendemos 84 officiaes e 5.124 «askers». A nossa cavallaria varreu á espadeirada 2.000 «askers», tomámos 12 peças de artilharia, seis metralhadoras e importantes despojos de toda a especie.—(Havas).

O governo sueco e as exportações

STOCKHOLMO, 31.—O governo sueco decidiu promulgar a interdição da exportação para fóra da Suecia de gado vivo, conservas de todas as especies, chouriços, carnes frescas, salgadas e fumadas. A exportação da carne de porco é limitada, sendo as licenças para essa exportação concedidas com a condição dos exportadores reservarem determinadas quantidades para o mercado sueco, a um preço previamente fixado.—(Havas).

Cruzadores americanos prestam serviço no Oriente

ATHENAS, 31.—Annunciam de La Canéa ter ali chegado o cruzador americano *Chester*, vindo de Beyrouth com 470 refugiados pertencentes ás nacionalidades da quadrupla «entente» e a outras. O referido cruzador volta a Beyrouth para receber mais expulsos. E' tambem esperado em Canéa um outro cruzador americano com refugiados de Alexandretta.—(Havas).

PORTUGAL DESCONHECIDO

Subindo á Serra das Alturas

As aguas maravilhosas de Carvalhelhos

A lenda das leguas que a velha mediu

De Bolicas á serra de Barroso ou das Alturas é meio dia de jornada. As leguas, em Barroso, foram contadas por uma velha que ia andando e comendo dôces. E' o que reza a lenda e é o que facilmente se constata mettendo-se a gente a caminho e internando-se, entre as serras interminaveis e os curtos plainos, até ás maiores altitudes.

Quando monto o garrano, sobre cujo albardão irei, escarranchado e de pernas bambas, em busca do Ignoto, pergunto á estalajadeira:

—Quantas horas levará a chegar ás Alturas?

—E' já ali. Chegando ás Quintas, vê-se logo Lavradas, e chegando á Cruz das Lavradas vê-se logo a serra.

O garrano, a cabeça baixa, as pernas escaneladas e curtas, trépa como um carneiro. O sol nasce. Uma tenue neblina encobre o fundo do valle. Uma briza um tanto áspera pica a epiderme e faz bamboar por cima das paredes os braços das videiras, aqui e ali amarellecidas do mildio.

Nas corgas prosperam a urze real e a torgueirinha, o sargaço, a esteva, a carqueja, a queiroga e o tojo. A giesta vê-se raramente. Uma levada canta pela serra abaixo.

O sol está já acima do horisonte. Toda a veiga reverbera. Nas perneiras de milho as gottas de orvalho fulgem como diamantes; na face adusta do granito os pedaços de mica rebrilham como flechas; babas d'oiro entrelaçam-se nas ramagens. A' beira do caminho, os castanheiros deixam pender, n'um gesto familiar, os ramos verdenegros, d'entre os quaes os ouriços espreitam aggressivamente.

A vinha acaba. Nas Quintas, apenas algumas latadas cobrindo as ruas com as suas sombras propicias, abrigadas da nortada pelas frontarias e protegidas as cepas das geadas por resguardos de cortiça.

Dobra-se o alto, e na frente estende-se a ribeira do Beça. As restolhas, batidas do sol nascente, teem lampejos de prata. Dois rapazitos, guardando a vejeira do gado, fazem desenhos no caminho.

—E' muito longe d'aqui ás Lavradas?

Um dos pequenos levanta os olhitos azues e aponta com o dedo o limite do horisonte.

—Por traz d'aquelle alto...

E os seus olhitos, d'uma transparencia de tarde d'outomno, teem essa doçura das creanças que estão a attingir a nubilidade.

A caminhada leva já duas horas. Atravessa-se o Beça sobre um pontilhão inverosimil—duas ou trez lages compridas em cima de meia duzia de poldras. Acima, entre os castanheiros, esponta Carvalhelhos. O sol arranca dos colmos reflexos fulvos. As casas são terreas, de pedras justapostas, toscamente apparelhadas ou mesmo sem apparelho, tendo apenas uma porta e um cancello supplementar, destinado a impedir a sahida dos récos, dos pintos e da filharada, quando a porta tem de dar passagem ao fumo da lareira. Verdadeiras habitações primitivas, que, de longe, o sol arruivando os colmos, se diriam cobertas de pelles de animaes selvagens.

E' n'esta aldeola perdida, sobrevivencia dos tempos protohistoricos, que brotam riquissimos mananciaes d'aguas silicatadas, para exploração e aproveitamento das quaes se constituiu, parece, uma empreza, mas que jazem ainda, jazem sempre, no mais lamentavel e criminoso abandono. Todos os annos afluem a Carvalhelhos os doentes, assignalando-se curas maravilhosas nas condições menos favoraveis, ou, para exprimir toda a verdade, em condições muito proximas da immundicie. As aguas distam da povoação coisa de dois kilometros. Dois cobertos de colmo protegem-nas das chuvas. Os banhos são aquecidos n'uma cozinha de campanha, e ha para todos os doentes, ás vezes mais de 50, tres tinas, por junto, de madeira ou folha. Os banhistas mais pobres acommodam-se aos montões nos palheiros. Apezar de tudo, a affluencia é cada vez maior, porque os testemunhos das curas são cada vez mais irrecusaveis.

Carvalhelhos foi, nos dias gloriosos da estrada velha das Alturas, quando os almocreves, com as suas récuas de machos, eram os donos do transito entre Braga e Chaves, uma paragem forçada. Dois casarões, antigas estalagens, com enormes estrebarias, attestam esse passado de grandeza e de prosperidade.

O sol vae alto. Uma voz possante, do cimo d'um penedo, dominando os cerros, chama á eira; e, já no limite das Lavradas, ouve-se o cantar dos malhos. Para Villarinho da Mó, vê-se a serra golpeada das pesquizas de volframio. Uma rapariga dos seus dezeseis annos, os seios, pequenos como os fructos da novidade, furando a camisa de linho, os olhos pretos luzindo como lascas de volframio, sentada no sóco da Cruz das Lavradas, vae fiando a maçaroca de lã e vigiando a cabrada, que retouça no montado.

—Pastorinha, ainda é muito longe a serra das Alturas?

A pastorinha sorri. Sem duvida, o seu sorriso sabe a medronho e a mel silvestre. Sorri, e os seus dentes parecem pequenas laminas de gelo que por milagre ficassem desde o inverno entre os seus labios frescos.

—Ahi de riba já se vê a serra!

O garrano baixa mais a cabeça, releza mais as pernas flexiveis, e eis a serra, correndo de NO. SO. como uma gigantesca vaga azul, ameaçando subverter a immensa amplidão. Parece que a espuma verde da imponente vaga chega até baixo, á chã, onde uns magros batataes se agarram á terra safara. Parece que basta estender o braço para se lhe tocar.

A ascenção tem sido feita vagarosamente. O pobre barrozão que vem commigo abre já a bocca e respira com soffreguidão. Dentre os penedos veem lufadas quentes. O sol, segundo o adagio regional, começa cozendo a terra.

Caminhamos. Mais uma hora. Os penedos encostam-se uns aos outros, como animaes cançados. Deixa de interessar a paisagem. Os olhos fecham-se. A rédea solta-se das mãos. O garrano vae á vontade. De vez em quando pára, farejando uma poça de agua. A somnolencia esmaga as coisas.

Surgem arvores, vaccas, colmos.

—O' homensinho, ali é que são as Alturas?

O homensinho estende o mento encarquilhado para o sul.

—Oh! não senhorá Ali é Atilhó! Mas as Alturas será um quarto de legua...

Caminhamos, caminhamos. Uma aragem fresca desemboca d'uma portella. O sol está a pino. O meu guia parece um rafeiro estafado, arrastando-se com a barriga pelo chão. Galgam-se dois lanços da via romana. Emfim, a egreja caiada das Alturas surge, annunciando a Terra de Promissão.

Mas a serra? A serra agacha-se, como uma fera a formar o salto.

Pergunto a uma velhota:

—D'aqui ao cimo da serra?

A velhota esfrega os olhos roidos da blepharite, ageita o avental de estopinha e responde saccudidamente, n'uma voz mascula:

—Uma legua das que a velha mediu...

Succumbo.

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos publicados nos dias 22, 26, 27 e 30.

NAULILA

A ordem do commandante Roçadas

Nova carta do sr. major Reis

Pede-nos o sr. major Reis a publicação da seguinte carta ácêrca do incidente que nas columnas d'este jornal se tem debatido a proposito do combate de Naulila.

Sr. director de «A Capital».—Na «Capital» de hontem vem nova carta do sr. tenente Marques, acompanhada de varios commentarios da redacção.

Apesar de profundamente magoado e vexado com a flagrante injustiça até agora feita aos officiaes e praças que não tendo ficado prisioneiros em Naulila, cumpriram egualmente com o seu dever, e que, até hoje, teem sido sistematicamente afastados das provas de carinho do publico; e, apesar de por tal motivo eu ter o maximo interesse em que inteira luz se faça rapidamente sobre Naulila, para que a justiça abranja todos, entendo, sr. director, que devo continuar com a mesma reserva sobre Naulila, até que se publique o relatorio do ex.mo commandante Roçadas.

Falarei, sendo preciso, apenas quando fôr directamente visado, citando-se o meu nome.

Nada direi, portanto, sobre os commentarios de «A Capital», e á carta do sr. tenente Marques responderei:

1.º—Que sobre a ordem que eu dei ao sr. tenente Marques, como este senhor está perfeitamente de accordo commigo, nada tenho a dizer.

2.º—Appella o senhor tenente Marques para a minha lealdade, relativamente á ordem do ex.mo commandante Roçadas. Com a maior franqueza respondo: que ignoro os termos em que foi dada essa ordem, e não sei quem a transmittiu, mas, visto que o ex.mo commandante Roçadas diz na sua carta: «Na vespera tinha eu dito ao tenente Marques...», parece que foi mesmo o ex.mo commandante quem directamente a deu ao sr. tenente Marques.

Ora, como o sr. tenente Marques nega tel-a recebido, o caso, a meu vêr, reveste uma tal gravidade, que eu nada mais tenho a accrescentar.

Novamente, sr. director, peço a v. a fineza da publicação d'estas linhas, e agradecendo penhorado, sou com a maior consideração—De v. etc. — José Mendes dos Reis, major de infantaria.

Resta, pois, que o sr. tenente-coronel Roçadas esclareça este ponto: por intermedio de quem foi dada ao tenente Marques a ordem de avançar, que este official peremptoriamente nega ter recebido.

Aguardemos.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

«COLOMBINE»

A festa fluvial

dedicada á illustre escriptora D. Carmen de Burgos

Realisou-se effectivamente hontem á noite o passeio no Tejo, organisado pela *Capital* em honra de D. Carmen de Burgos. Pelas 19 horas começou, na estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, ao Terreiro do Paço, o embarque do limitado numero de convidados, entre os quaes se destacavam a illustre artista D. Lucinda Simões, a notavel escriptora D. Anna de Castro Osorio, o eminente architecto sr. Rozendo Carvalheira, o habilissimo pintor scenographo sr. Augusto Pina, o grande guitarrista amador sr. Carmo Dias, etc.

Estavam egualmente o director e quasi todos os redactores d'este jornal e alguns funccionarios dos nossos escriptorios.

A filha de D. Carmen Burgos

Pouco depois de iniciado o passeio fluvial, foi aberto o serviço de «buffete», erguendo-se, ao champagne, carinhosos brindes á homenageada, que em breves mas calorosos termos agradeceu a amiga hospitalidade que veio encontrar em Portugal, de onde leva excellentes recordações.

O sr. Carmo Dias executou então, na guitarra, com a sua admiravel «maestria» alguns trechos de musica que deliciaram os circunstantes, agradando sobretudo a D. Carmen Burgos a feição languida e sentimental dos fados portuguezes. Em seguida, um côro, rapidamente improvisado, entoou os hymnos nacionaes de varios paizes alliados, cantando-se com «entrain» a «Portugueza», a «Marselheza» e o «Good save the King», que foram enthusiasticamente saudados.

Por ultimo, a filha da illustre escriptora hespanhola disse alguns versos, demonstrando na sua dicção um promettedor talento dramatico.

A festa, a que se tirou todo o ar de solemnidade, conservando um caracter puramente intimo, decorreu sempre em meio da mais viva animação, deixando em todos as mais agradaveis impressões. A meza onde se realisou o serviço de «buffete» fôra lindamente ornamentada com enorme profusão de flôres que a firma Sanches, da rua do Carmo, offerecera, pelo delicado artista que é Augusto Pina. O serviço de pastelaria e vinhos foi amavelmente fornecido pelas seguintes casas:

Viuva Gomes & C.ª, Humberto Bottino, Arthur Benarus, União Industrial, Abilio Simões Ferreira, Assis Camillo, M. A. Brito, La Camerana, A Brazileira, Pastellaria Marques, Pastellaria Benard e Sandemann.

Resta dizer que o vapor «Extremadura», gentilmente cedido pelo sr. ministro do fomento, percorreu a «rade» de Lisboa, fazendo incidir sobre os mais bellos pontos da cidade o facho luminoso do seu potente projector, sendo o passeio dirigido pelo illustre engenheiro sr. José Abecassis Junior, que, no final, foi saudado pelos convidados com uma enthusiastica salva de palmas.

NO TAMISA

Afogam-se um official e quinze alumnos marinheiros

PARIS, 31.—Os jornaes publicam um telegramma de Londres noticiando terem-se afogado no Tamisa, durante uns exercicios a romos n'um escaler, um official e 15 alumnos do navio escola *Cornuvall*,—(*Havas*).

No Gaz

Uma catastrophe imminente

«E' preciso afastar d'ali aquelle perigo» — diz-nos o chefe Ribeiro dos bombeiros municipaes

Felizmente o alarme produzido hoje dentro do edificio da Companhia do Gaz, á rua da Boa Vista, quasi não foi além das largas portas por onde, ha um anno apenas, na manhã tragica d'um sabbado, uma explosão horrivel encheu de fumo e fogo a movimentada arteria. Felizmente! No entanto, a rua da Boa Vista e immediações offerecia qualquer coisa de anormal com os seus grupos de operarios discutindo. Approximámo-nos. E logo, attenciosos, nos elucidam que hoje de manhã, pouco depois das dez horas, os operarios da Companhia do Gaz, das officinas dos contadores, notaram uma subida rapida no gazometro grande do abastecimento geral, e a seguir um pronunciado cheiro a gaz extravasado. Alarmados e com o apavorante espectaculo da explosão de agosto do anno passado ainda na retina e na memoria, esses operarios, que são os que mais proximos do gazometro trabalham com fogo, deixaram precipitadamente as officinas. D'ahi a pouco quasi toda a vasta população que moireja no edificio da Companhia o abandonava.

Parecia que o gazometro —dizia-nos um dos operarios da officina dos contadores—todo subido, se encontrava fóra das roldanas e tombado!

Conhecido o facto por alguns dos moradores dos predios fronteiros á Companhia, immediatamente alguem se lembrou de provenir a esquadra da Boa Vista, que por sua vez participou o facto para o governo civil, sendo d'aqui convenientemente avisado o commando geral dos bombeiros municipaes, á rua da Esperança.

Eram então 11 horas e 28 minutos. O commando do corpo deu immediatamente ordem de prevenção a todo o quartel, emquanto o chefe Ribeiro da 1.ª divisão avançava a toda a pressa para o local.

Quando, porém, o zeloso funccionario ali chegou, o perigo encontrava-se debellado, informando-o a direcção da Companhia do que houvera: devido a um engano de valvulas, abrira-se uma torneira da rua 24 de Julho que, enchendo rapidamente o gazometro, o fizera subir um pouco acima da linha de agua, produzindo uma pequena fuga de gaz, e que a Companhia, conhecedora do facto, mandara deitar mais agua no deposito e dar uma descarga para o mar, o que fez baixar o gazometro, arredando por completo o perigo.

Foi isto o que na Companhia disseram ao chefe Ribeiro; e como o pessoal, na sua maior parte, havia já regressado ás suas occupações,

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—31-8-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXV

O PERALTA

O seculo XVIII portuguez deu-nos, successivamente, tres typos differentes do elegante namorador. Cada um d'esses tres typos correspondeu a uma das tres phases distinctas por que passou a sociedade portugueza, desde que D. João V começou a estrangeirar a côrte, em 1707, até que, pela chegada dos Francezes, o «jinota» do botequim das Parras (de Junó, corruptela de Junot) se tornou, com o seu «spencer», as suas pantalonas brancas e a sua aboloadura d'oiro á Talavera, o arbitro incontestado de todas as elegancias lisboetas de 1808. A sumptuosidade brazileira de D. João V deu o «faceira»; a burguezia «parvenue» do consulado de Pombal, deu o «casquilho»; o periodo de beatério corcunda que se seguiu, em 1777, á revolução aristocratica e catholica da «Viradeira»,—deu o «peralta». O faceira, eminentemente ridiculo, foi a expressão d'uma nobreza inculta de mosteiro e de cavallariça, afranceza-da e civilisada á força; o casquilho, profundamente «snob», caracterisou a plutocracia pombalina dos syndicatos e das companhias, do briche e dos pharaós; o peralta, escandalosamente effeminado, havia de ficar, na historia galante da sociedade portugueza de 700, como o symbolo d'uma fidalguia degenerada e imbecil, consanguinea e devota, loira e tate-bitate, ajoelhada, em adoração, diante d'um arcebispo almocréve e d'uma rainha doida. De resto, faceira, casquilho, peralta, egualmente saltitantes, dengosos, cecéosos, polvilhados, borrifados de joias, irmãos-gémeos no ridiculo e na impertinencia, na devoção e na inutilidade, foram tres caricaturas successivas, tres versões differentes do mesmo parvo authentico e fundamental: o elegante portuguez do seculo XVIII.

Para o estudo do peralta de 1780 a 1790, se falta a iconographia, sobeja, pelo contrario, a litteratura. E' atravez d'essa litteratura, onde cantam por vezes, como cigarras d'oiro, os versos de Filinto, que nós conhecemos hoje a figura insexual, pintada e babada de rendas do «francelho-mór» do tempo de D. Maria I. O auctor ignorado das «Cartas sobre as Modas», folheto de cordel publicado em 1789, diz na «Carta» 3.ª: «Como presumo que não terá ouvido a palavra «peralta», e não saberá o que significa, lhe direi a sua definição: peraltas são uns animaes com figura humana, que constituem uma nova especie entre racional e irracional, e a que é proprio tudo o mais indigno e ridiculo que se póde imaginar». Nunca as mercuriaes de 1720 ou de 1760 se referiram tão duramente ao faceira de D. João V ou ao casquilho de D. José. Porque eram menos ridiculos? Evidentemente, não. Os moralistas e os poetas pouparam-nos, porque tanto o casquilho pombalino como o «França» das «Turinas» e dos Lauperennes, souberam manter ainda, atravez da extravagancia dos polvilhos e das modas francezas, uma expressão de virilidade que affirmava o seu sexo. Com o peralta, esses restos de dignidade viril desappareceram. O elegante de D. Maria I, andrógyno e maricas, põe trancinhas no cabello «á Nazareth», espartilha-se, fura as orelhas como uma mulher, usa brincos, mosqueia-se de signaes, pinta a cara de côr de rosa, traz fivellas de prata enormes nos sapatos, anda com o chapéu «a mamar» no sovaco como uma roca, e tantas voltas dá á gravata tufada «de lençol» e aos bofes de rendas da camisa, que, olhado de perfil, parecem apojar-lhe os seios sob a murça redonda do capote. São meninas. Inutil procurar alguma coisa de másculo n'aquelles corpos de Baccho adolescente, esticados em casacas inglezas de «fashionable», faúlhando anneis de diamantes em mãos brancas de mulher, ceceando, gaguejando, dançando, colleando a cabeça em passinhos de pombo, abanando-se a leques, fingindo-se myopes atravez do seu grande occulo hollandez de punho d'oiro. Esse caracter de feminilidade, que o auctor das «Cartas sobre as Modas» acha «indigno», transparece em toda a vasta litteratura do peralta. Filinto descreve-os:

«All peraltas mil afrancezados
Brinco na orelha, goélas abafadas
C'um tufado lençol, em rancho os guizos
Pendem c'os farfalhudos perendengues
De estiradas cadeias do relogio:

Quadrado é o talhe da cardada trunfa,
Dengue a servilha preta, luzidia
E é giganta a fivella roça-ruas.
Seu livro de fitinha na algibeira,
N'outra a ponta do lenço debruçada...
Não movem pé nem mão, nem volvem olhos
Que não seja affectada macaquice.
E os rapapés, e o derrengar do corpo
Tremelicando a upolvilhada grenha
E as safadas lisonjas delambidas»

Pinta-os, melhor ainda, uma décima inédita do tempo, de auctor ignorado (codice 8.589), que vale uma miniatura italiana de Rosalba:

«Chapeu de canto cortado,
Trancinhas postas á cara
E no pescoço uma vara
De panno bem amarrado:
Brinco na orelha apertado,
O vestido todo inglez,
Quasi descalço dos pés,
Tudo posto em má postura,
Esta é a triste figura
Do Peralta portuguez».

Manoel de Figueiredo, pela bocca do graciosissimo alfayate dos «Paes de Familias», indigna-se contra o androgynismo do peralta, — contra as pinturas, contra os brincos, contra as tranças, contra o espartilho, contra os signaes de tafetá:

«Nós então é que andamos de espartilho:
E' que usamos de côr, branco e signaes:
A cara apolvilhada... Isso era de hontem.
E hoje, se repara, com mil tranças
Ornamos as cabeças; grandes popas;
Furamos as orelhas; empregamos
Já fitas côr de rosa nas castanhas;
Por fórmas de sapatos de mulher
Se fazem já os nossos sem talões.
E se a minha senhora me permitte
Que eu lhe diga a razão por que se apertam
Já os nossos calções cá n'esta altura,
E' por não estranhar o cós da saia
Que mais mez menos mez nos cae em casa».

E as «Queixas de Clorindo», folheto de cordel, de auctor ignorado, publicado em 1782, satyrisando as modas do peralta, os seus «ares covados e meio de topete», as suas «seis varas de chapéu», os seus «velvutes pintados», as suas «joias indecentes», os seus «bofes da camisa fugindo dos peitos para fóra», os seus «perendengues d'oiro dos relogios comprados no Pires e no Pollet», as suas «fivellas desmarcadas», toda a sua «scena vergonhosa»,—appella para os «vigilantissimos Maniques», clama pela vara de prata dos alcaides, pelas «moscas» terriveis do Intendente, e conclue, com tristeza, vendo passar ao sol, a caminho da missa, pintados, polvilhados, capote curto, brincos nas orelhas, livrinho e rosarios pingando das mãos, os peraltas francelhos de S. Roque e da Capella Real:

«E um homem em mulher, por seu peccado,
Se vê d'esta maneira transformado:»

Perante a progressiva feminisação do homem do ultimo quartel do seculo XVIII,—que fez a mulher? A unica coisa que podia logicamente fazer: masculinisou-se. Foi a consequencia fatal d'uma lei de equilibrio. Ao androgynismo do peralta correspondeu o gymnandrismo da sécia. A mulher da «Viradeira» era um homem. Andava «de casaca, de rabicho, faca de matto, bottas, chapéu, vestia á mangalaça, sem brincos nem gargantilha, fazia a barba, cortava o cabello sobre o pente e punha como os homens, cabelleiras de bandas»,—diz Manoel de Figueiredo nos «Paes de Familias»; chegava a trazer «cabelleiras de cão de agua, verdes e encarnadas», — accrescenta um folheto de cordel, «Critica ás modas escusaveis»; «jornava capé como um homem»—diz, em 1790, a mercurial em verso intitulada «Mulher da Moda»; «passava todo o seu tempo na caça»,—informa para Vienna d'Austria o cavalleiro Lebzeltern; entregava-se, perdidamente, aos «amours du genre de Sapho»,—escreve o inglez Dalrymple em 1783; e um interessantissimo folheto de cordel publicado em 1784, «Reflexões feitas pelo Voador Peraltas», conclue:

«E que direi das senhoras,
Dos homens imitadoras,
Mulheres de cabelleira,
Com um grande capotão,
Flaques, vestidos á mão,
Grandes fivellas, botões?
Só lhe faltam os calções...»

Mas não. Nem os calções lhes faltaram. Em bréve as pantalonas côr de carne de Mme Tallien, de Mme Récamier, de Mme Benjamin Constant, os anneis nos dedos dos pés, as joias nos bicos dos peitos, chegam a Lisboa na aza d'oiro dos jornaes de modas da França revolucionaria, successores do «Cabinet des Modes», de 1785; apparecem no Passeio Publico os primeiros «maillots»; Pina Manique, apopletico, expede a circular de 26 de março de 1804 contra o escandalo das modistas lisboetas; e, tristemente, o grave e erudito irmão de Manoel de Figueiredo commenta, em 1808: «As mulheres já não trazem anaguas mas sim as ceroulas que os homens deixaram, não sei se por accio, se por economia...»

JULIO DANTAS

Terça-feira, 7 de setembro:

XXXVI—OS MAROTINHOS

A federação dos municipios alemtejanos

determinará o progresso d'aquella rica provincia

Por mais que se pretenda suffocar o espirito regionalista, elle aflora e manifesta-se pujantemente, creando raizes fundas nos aggregados regionaes, constituindo uma força com que o paiz tem de contar n'um futuro mais ou menos proximo. O que convem é orientar devidamente o espirito regionalista, dando-lhe uma missão util a cumprir, aliviando o Estado dos crescentes encargos administrativos, que deviam ser entregues ás corporações locaes ou regionaes.

Não foi infelizmente esta a norma de proceder dos governos monarchicos, sendo de esperar que os governos republicanos procedam de fórma diversa.

Está provado por seculos de successivas experiencias que a organisação federativa é a mais consentanea com um regimen de liberdade, onde se devem fazer actos de pura e simples administração a par d'um ponderado criterio de finalidade politica e de integridade nacional.

....

O Algarve, com um fim apparente de turismo chama a nossa attenção para a maravilhosa praia da Rocha, na foz do rio de Portimão, tão cheia de attractivos e encantos. A nota regional resalta atravez do artificio turista, dando-nos a polychromia das côres variegadas da sua flora explendente e privilegiada, a par dos seus progressos industriaes e incomparavel producção agricola dos mais saborosos fructos que a terra produz.

As suas amendoeiras d'um pittoresco tão vivo, florescem em pleno inverno, sendo possivel crear ali estações de hybernação superiores ás de Nice e Cannes.

Estas excepcionaes condições climatericas, aproveitadas pelo turismo, podem fazer do Algarve uma das nossas mais ricas provincias.

O Alemtejo, d'uma riqueza surprehendente, abundante em minerios, com soberbos e innumeraveis montados de sobreiros, olivaes e extensissimos e admiraveis campos de cultura, apenas espera pelo esforço intelligente dos seus naturaes para nos dar uma larga percentagem cerealifera, que nos ponha tanto quanto possivel a coberto d'uma larga importação de trigo exotico.

Para transformar o Alemtejo são precisas as forças conjugadas dos municipios, creando uma federação que lhe imprima um forte caracter regional.

A sua rêde ferro-viaria está incompleta, carece de ligações mais intimas com as provincias hespanholas, confinantes, cuja producção é similar á do Alemtejo, tendo por esses caminhos de ferro facil sahida aos seus productos, vindo animar mais a vida do trafego commercial dos nossos portos maritimos do sul.

Ha poucas estradas a macadam, na sua maioria em mau estado.

No inverno, em certos concelhos, as communicações são difficeis se não impossiveis.

As industrias são reduzidas e acanhadas, podendo ser florescentes, especialmente a industria corticeira.

A federação dos municipios alemtejanos e a consequente municipalisação dos cereaes, azeites, vinhos, lãs, cortiças, etc., é um vasto plano digno da maior ponderação, que merece ser estudado prudentemente a fim de se obterem resultados praticos. Crear os tipos regionaes dos vinhos, azeites, cereaes, lãs, queijos, fructas e outros productos susceptiveis de destaque especial, tal deve ser uma das principaes preoccupações dos municipios, impondo-se pelo aperfeiçoamento constante dos tipos creados de facil venda nos centros de consumo.

Não só os municipios devem federar-se, mas tambem as juntas de parochia do respectivo concelho ou municipio.

Deve partir-se do simples para o composto. A parochia livre dentro do municipio livre, creando a provincia e a nação livre.

Todos os cidadãos da Republica devem actuar livremente, dentro da parochia, do municipio, da provincia e da nação.

A nação deve ser um aggregado de cidadãos livres, movendo-se e agitando-se em todos os sentidos e direcções, sem embaraços de especie alguma, logo que por finalidade dos seus actos esteja o bem estar da collectividade, do paiz.

Para nos dar a unidade nacional temos a mesma linguagem commum, o mesmo objectivo historico e o desejo de nos integrarmos no concerto ou conjuncto das nações civilisadas.

Assentes estas premissas, a federação dos municipios alemtejanos, é um symptoma de renascimento de acção local, uma indicação precisa da nossa maneira de ser politica, que urge remodelar por uma fórma radical.

Matheus Ruivo

---

foi dada contra-ordem á prevenção dos bombeiros, tudo voltando pouco a pouco á normalidade.

—Mas teria havido realmente grande perigo?

—Sim—responde-nos o sr. Ribeiro. Grande e bem grande. Tão grande que por um minuto não foi pelos ares todo o edificio da Companhia do Gaz e talvez mais alguma coisa ainda. E tudo isto porquê? Porque alguem se enganou no manejo de uma torneira... Não analiso, nem commento. Digo-lhe como disse no meu relatorio sobre a explosão do anno passado: é preciso, e já, afastar d'ali aquelle perigo.

Versos e politica

Lastima-se que a religião se não ensine na escola, mas descura-se o seu ensino na egreja

Os «Echos do Minho», julgando fazer uma pirraça, celebraram qualquer festa da Virgem, cremos nós, no dia 28, com a publicação de varias poesias de Junqueiro, Theophilo Braga, Mayer Garção, Manuel de Arriaga, Avelino de Almeida e outros, tendo por assumpto a mãe de Jesus Christo. Aos nomes dos auctores accrescentou o jornal bracarense que o primeiro foi candidato á presidencia da Republica, o segundo é hoje presidente, o quarto exerceu esse alto cargo e o terceiro e o ultimo são redactores de jornaes republicanos. Ao mesmo tempo, attribue-lhes, entre diversos maleficios, o de terem banido a religião da escola, dos hospitaes e dos cemiterios, depois de haverem cantado a Virgem...

O sr. Arthur Bivar é um rapaz muito intelligente, muito culto e muito engraçado, diga-se em abono da verdade, mas logo que se proclamou a Republica sahiu de Portugal como emigrado politico, admiravel pretexto para satisfazer o seu curioso espirito percorrendo novas terras, estudando outros costumes e aperfeiçoando-se nas linguas para que tem excepcional habilidade. O sr. Arthur Bivar só muito recentemente voltou a Portugal e tomou, por assim dizer, conta dos «Echos do Minho». Ignora muita coisa do que por cá succedeu e d'ahi o attribuir, por exemplo, responsabilidades na obra da dictadura revolucionaria republicana a quem nunca foi dictador nem sequer em sua casa. A sua ignorancia leva-o á pratica de verdadeiras injustiças. Um dos jornalistas que menciona e por cuja conversão faz votos, analysou n'este mesmo jornal alguns pontos da lei da separação e defendeu, abertamente, a conservação das capelas dos cemiterios...

Quanto ao banimento da religião das escolas, seria preferivel que os catholicos, que tanto deploram o facto, mostrassem o que pódem e o que valem, dizendo o que teem feito relativamente á obra da catechese, cujo logar é no templo e cujo obreiro deve ser não o professor mas o sacerdote. Mas pensaram os catholicos porventura no desenvolvimento d'essa obra? Talvez tanto como na organisação da obra do fundo do culto que constitue um dos aspectos mais expressivos da decadencia religiosa e catholica em Portugal... Querem os «Echos do Minho» que a contemos?

Professores das Escolas Moveis

Os professores das escolas moveis reunem no sabbado, no Collegio Central, calçada do Combro, 71, 3.º, pelas 13 horas. A commissão delegada compõe-se das professoras sr.as D. Maria Matta Catita, D. Georgina Amelia Lopes, D. Maria Pamplona Côrte Real e D. Maria Genuez Bello, e dos professores srs. Antonio Maria da Silva Pereira de Lima, Chacon Sicíliani, Antonio Cardita e Joaquim Pires Machado.

Os professores que estão na provincia e queiram adherir ao movimento do professorado devem comparecer em Lisboa ou nomear delegados seus representantes, enviando communicação para a morada acima indicada.

Poeira da Arcada

Está arredado o perigo de faltar o pão para o consumo. O sr. ministro do fomento venceu um dos escolhos da sua pasta. Perante a moagem e a panificação, elle tomou uma attitude digna, de maneira a fazer calar os que contavam produzir tempestades com o desespero das turbas.

Os gestos decididos teem grandes vantagens, porque, em rapidos minutos, normalisam situações que d'outra sorte seriam a ruina dos honrados esforços.

* * *

Depois da guerra a França tornar-se-ha reaccionaria ou persistirá radical e insubmissa? Como a sciencia das previsões é mais curta que o horisonte de uma toupeira, não falta quem advogue uma ou outra opinião. A vida franceza, na turvada hora que corre, presta-se a cada um ler n'ella os seus proprios pensamentos. Ha quem tome como a França futura o que não passa de ruim sonho de noite mal dormida. Sem piada áquelle abjecto morcego que ha dias escreveu n'um papelucho em que as idéas são gosmentas e vesgas: «—Os vicios da França levaram-n'a á ruina.» —Não ha processo mais exemplar de um imbecil dar á sua cabeçorra a resistencia de uma bigorna. Juizos d'esta especie provam que a estulticia garante á virtude algumas vergonhas.

* * *

Os homens que bem pensam não falam alto, como se quizessem metter nos ouvidos alheios pregos ou cunhas. As idéas claras generosas e felizes apparecem na conversação tão singelamente, tão compostamente que até parecem fructos de perfeita sabedoria. E' por esta razão que não comprehendemos nunca aquelles sujeitos que, quando pretendem explicar qualquer proposição aos seus ouvintes, tomam um tom de voz tão sonoro e forte que não ha palavra que nos seus labios se não torne tumultuosa e confusa.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria CICD do hospital escolar recolheu Maria Passos d'Oliveira Valença que cahiu pela escada da sua residencia, ficando muito contusa pelo corpo. E na numero 4 do hospital de S. José deu entrada o carroceiro Antonio Martins Ruivo que na quinta da Graça, na Portella de Sacavem, foi colhido pela carroça que guiava, ficando com fractura do braço esquerdo e das costellas do lado direito.

—No mercado da Ribeira Nova foi hoje acommettido de doença repentina um homem andrajosamente vestido, que apparenta ter 60 annos. Conduzido ao hospital, quando ali chegou era cadaver, pelo que, verificado o obito pelo sr. dr. Torres Pinheiro, foi removido para a Morgue.

—Manuel Augusto Infante Callado, residente na rua de S. Lazaro, 26, 1.º, foi preso a pedido de João Roboredo, estabelecido na rua da Praça da Figueira, 8, que o accusa de ser connivente no furto de 75 escudos que lhe fizeram da gaveta do balcão.

—A policia procura o menor de 10 annos Antonio Carvalhaes, filho de Eduarda de Jesus, morador na rua Capitão Leitão, lettras E. J., 2.º, que desappareceu de casa.

—O agente Jeronymo Martins prendeu esta tarde a gatuna do Porto conhecida pelo nome de *Maria Rapaz*, que recolheu ao governo civil.

A questão cerealifera

Notas sobre a fluctuação a que tem estado sujeita a compra e venda de trigos e farinhas

Informam hoje os jornaes da manhã que no fim de setembro deve chegar a Lisboa uma avultada quantidade de trigo exotico, que o governo comprou ao abrigo da auctorisação votada nas duas casas do Congresso. Quanto ao trigo nacional, e tambem nos termos d'uma lei publicada ha dois ou trez dias no «Diario do Governo», a sua acquisição está confiada exclusivamente á Manutenção Militar, que se encarregará de o distribuir pelas fabricas, segundo as respectivas exigencias da laboração de cada uma.

Tudo isso está muito bem, como ponto de partida para a solução do problema e consequente barateamento do pão. Mas falta ainda punir os individuos que sonegaram ultimamente o trigo do mercado, procurando estabelecer uma escassez que podia dar este resultado espantoso:—não haver farinhas para panificação existindo no paiz mais de 100 milhões de kilos de trigo. O castigo é indispensavel, para que a alimentação publica não esteja dependente das repetidas manobras dos especuladores. Por fim, essa energica acção da parte do poder executivo tem de ser completada pelo parlamento, estabelecendo-se as novas bases do regimen cerealifero, certamente nos termos indicados já pelo Senado, visto que o seu projecto é o que mais se approxima da proposta approvada na *assembleia popular de S. Carlos.*

* * *

Para que o leitor possa avaliar as fluctuações a que tem estado sujeita a questão cerealifera, sob o ponto de vista da compra de trigos e preços de venda das farinhas, publicamos as seguintes notas:

Antes da guerra, os trigos nacionaes compravam-se á média de 68 réis. Para os trigos estrangeiros, sempre que se realisava a sua importação, estabelecia-se um direito tal que, junto ao custo, désse 60 réis por kilo. Se a *importação* fôsse egual á producção nacional, a média seria, consequentemente, de 64 réis. As farinhas, resultantes de trigos nacionaes e estrangeiros, tinham o preço, por kilo, de 100 réis, 90 réis e 82 réis, respectivamente de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidade.

O decreto da dictadura, que vigorou até 31 de julho, determinou que o trigo seria vendido ás fabricas a 92,25 réis cada kilo, marcando para a farinha de 1.ª qualidade o preço de 160 réis e para a de 2.ª o preço de 99. Desappareceu o tipo de 3.ª qualidade. E' ainda ao abrigo d'esse decreto que algumas fabricas manteem para as farinhas esses dois preços, apesar de comprarem agora o trigo por 73 réis, que é o preço da tabella de 1899 mais 5 réis de premio pago ao lavrador.

Segundo os preços fixados no projecto do Senado, as farinhas passarão a vender-se: de 1.ª por 160 réis, de 2.ª por 92, de 3.ª por 82. Esses preços resultam de se calcular a producção nacional em 150 milhões de kilos, comprados a 68 réis, realisando-se uma importação de 120 milhões de kilos, á razão de 86 réis.

D'estas notas facilmente se deprehende que todo o interesse das fabricas consiste agora em comprar o trigo nacional, sem fiscalisação, embora tenham de pagar o premio de 5 réis em relação ao preço da tabella. Como o trigo exotico custará 86 réis, ellas empregarão todos os esforços no sentido de se libertarem, o mais possivel, da obrigação de comprarem quantidades proporcionaes ao trigo adquirido a 73 réis.

Informam-nos de que, ao contrario d'uma noticia que hontem publicámos, o governo não tomou posse da fabrica João de Brito & C.ª, ao Beato. O que se estabeleceu foi um accordo entre os proprietarios d'essa fabrica e a Manutenção Militar para se fiscalisar a laboração da fabrica, segundo as quantidades de trigo entradas.

A apprehensão das 8.000 saccas a que hontem nos referimos foi effectuada em Oeiras, nada tendo portanto com esta fabrica.

Duas apprehensões de trigo

Em Braço de Prata foram apprehendidos 65 mil kilos de trigo consignado ao corrector official sr. Carlos do Amaral Neves, o qual se destinava ao Mercado de Productos Agricolas. Em Bemfica tambem se fez outra apprehensão, ignorando-se a quantidade. Os srs. ministro do fomento e commandante da policia mandaram investigar os dois casos.

O que declaram os moageiros e representantes da panificação

O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação criminal, teve hoje larga conferencia com todos os moageiros, á excepção dos srs. Ferreira Oliveira Bello, que está no Porto, e João Pedro de Sousa, ausente em Vidago, e com os representantes da Panificação srs. Cortinhas, Antonio da Silva Mendes, Pelagio Gomes, Manuel Bernardo Valente, Maximiano Rodrigues Pardelhas, Antonio Maria Dionysio e Antonio Matheus Lima Junior.

Declararam esses senhores que os annuncios enviados para os jornaes o não foram com o intuito de alarmar o publico nem para alterar a ordem, mas apenas para mostrar as circumstancias em que se encontram devido á falta de trigos.

Reclamações operarias

A fim de tratar do conflicto suscitado ha dias entre os medidores de cereaes e a Nova Companhia de Moagem, que despediu varios operarios para metter trabalhadores, reune na proxima quinta feira, pelas 21 horas, a assembleia geral da Assembleia geral da Associação de Classe dos Medidores de Cereaes da Praça Commercial de Lisboa.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Machinistas Mercantes Portuguezes

Reune a assembleia geral amanhã, ás 20 e meia horas, sendo a ordem da noite: A questão do descanço para os machinistas.

A CAPITAL

ULTIMAS NOTICIAS

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NA PRAIA DAS MAÇÃS

Continúa a animar-se a linda Praia das Maçãs. Os veraneantes são superiores aos dos annos anteriores e o facto deve-se ao augmento de casas de habitação. E todos elles se divertem e todos elles estão dispostos a organisar uma serie de festas, qual d'ellas a mais interessante e todas com fim caritativo e beneficente.

A festa de quinta feira é a primeira que ali se effectua e a sua organisação modelar prevê um espectaculo magnifico. No programma figura uma corrida de animaes, que deve ser uma prova das mais curiosas. São, pelo menos, onze as meninas que concorrem, apresentando uma bizarra variedade de animaes, patos, gallos, uma cabrinha, dois pequeninos cães e até um coelho!

NA AMADORA

E' um espectaculo nocturno o de sabbado na Amadora. E' um espectaculo cujo programma se executará á luz de milhares de lampadas electricas e que apresentará, nos melhores exercicios athleticos, os primeiros homens de «sport» de Portugal. E' uma «soirée» de campeões. E' a verdadeira prova-exame do valor dos hercules, dos esgrimistas e dos athletas nacionaes. Todos se reunem para prestar homenagem ao sr. Carlos Martyres, que foi um dos melhores gymnastas do Gymnasio Club e que um dia deixou o «amateurisme» para correr as aventuras do profissionalismo.

NOTAS MUNDANAS

Consorciaram-se *no Porto* a sr.ª D. Maria Joaquina Gomes Correia com o sr. Alvaro de Castellões de Miranda, quartanista de direito, e a sr.ª D. Maria da Gloria Rodrigues de Oliveira com o sr. Domingos Antonio Rodrigues.

—Está na Ericeira o sr. dr. Tito de Bourbon e Noronha.

—Seguiu hoje para Monsão o sr. Pedro de Araujo.

—Teve o seu bom successo a esposa do distincto escriptor sr. Aarão de Lacerda.

—Está no Porto o sr. general Mathias Nunes.

—Chegou do Gerez o sr. Virgilio Ribeiro, commerciante da nossa praça.

—Regressou de Vidago ao Estoril, acompanhado de sua esposa, o sr. Luiz Bandeira de Mello.

Noticias parlamentares

O Senado não esteve com meias medidas. Pegou no orçamento da instrucção, folheou-o á pressa, olhou-o de esguelha e reduziu-o a fanicos. Porquê? O Senado disse-o, e as falas dos srs. Estevão de Vasconcellos e Agostinho Fortes foram tão expressivas, que bem provavel é que tenham feito ruborisar um pouco aquelles que, na camara, não perderam o menor ensejo de chegar a braza á sua sardinha e dos amigos. A' noite, na reunião do Congresso, o conflicto aberto entre senadores e deputados deve ser liquidado. Como? A bem? A mal? Tudo depende da dialetica senatorial, d'essa dialetica que ao levantar da feira parece disposta a chamar ás coisas pelos seus nomes verdadeiros...

* * *

Um deputado, que já foi ministro duas ou trez vezes, não frequentava, havia uns poucos de dias, a sua camara. A necessidade de repoisar levara-o para uma quinta dos arredores de Lisboa, d'onde regressou hontem, para tomar parte nos ultimos trabalhos legislativos. Ao entrar na sala, não poude, todavia, reprimir uma grande exclamação de surpreza. Os collegas, enterrados nas poltronas, fumavam incessantemente, como se estivessem n'um *bar* a horas mortas, matando o tempo e tomando cerveja. Em oito dias, clamava o alludido deputado, tinham-lhe estragado o templo onde se ungem as leis. Nada mais lhe restava do que partir de novo para junto dos seus pomares e dos seus vinhedos. E partiu. Hoje, porém, os srs. deputados ainda fumaram *muito mais do que hontem*.

* * *

A actual lei eleitoral determina que as vagas que se forem dando nas duas camaras sejam preenchidas, n'um curto praso, por eleição. No Senado faltam já dois senadores da maioria, visto terem fallecido os srs. Baldaque da Silva, eleito por Coimbra, e João Francisco de Sousa, morto no Sul de Angola, eleito por Ponta Delgada. Segundo hoje se dizia por S. Bento, o acto eleitoral n'esses districtos effectuar-se-ha d'aqui até outubro, devendo ser eleitos os srs. Lopes Martins, actual ministro da instrucção, e Catanho de Menezes, ministro da justiça, que são, com o sr. Ferreira da Silva, os unicos ministros que não teem assento no Parlamento. Se o sr. dr. Alvaro de Castro fôr governar Moçambique, bem provavel é que a sua vaga se destine ao ministro do interior.

* * *

Não faltaram hoje nem boatos nem versões sobre a duração da sessão legislativa. Ao abrir a sessão nos deputados, affirmava-se que o Congresso fecharia impreterivelmente ámanhã. Razões superiores assim o ordenavam, figurando entre ellas o resultado de certas consultas feitas pelo telegrapho e que eram contrarias ao prolongamento dos trabalhos. Houve, porém, quem reagisse; e a novas consultas vieram novas respostas, transigindo um pouco, para se votarem ainda trez ou quatro projectos julgados de urgente necessidade pelo governo. Grande parte da tarde parlamentar passou-se em negociações para a organisação da lista d'esses projectos. E as emendas do Senado ao ministerio da instrucção? Serão, em grande parte, approvadas, muito embora isso pese a muitos pretendentes.

* * *

O que se tem passado, santo Deus, em torno do projecto que cria a inspecção das aguas mineraes! Dava bem para um poema, se houvesse um Antonio Diniz ou um José Agostinho capazes de o escreverem. Trata-se, senhores, de uma fatia já inscripta no orçamento do Interior, sem que se encontre instituido o logar pela qual ella pode ser devorada. Pois apesar d'isso os pretendentes são aos mólhos, formando em legião, de escudella luzidia em riste, á espera da pitança abundantissima. A' frente figura o sr. Arsenio Botelho de Sousa; mas um pouco mais atraz, o sr. Manuel d'Oliveira e o sr. Barroso Dias fazem toda a casta de esgares, para que a inspecção das aguas lhe caia no papo. O sr. Barroso! Lembras-te d'elle, leitor? Quem havia de julgal-o capaz de aspirar a tão altos destinos? E' que, assim encolhido e enfezado, só por blague seria possivel julgado possuidor de um estomago onde coubessem todas as aguas mineraes d'este Paiz.

* * *

Anda na forja mais um inspector. Faltará, porventura, crear mais algum? Temos já os das especialidades pharmaceuticas, que nasceram em bom tempo e que, por serem os primeiros, passaram sem se dar por isso. Temos o das aguas mineraes, a quem já pode pagar-se, muito embora não haja com quê. Estivemos para ter os inspectores consulares e os das perfumarias e trabalha-se activissimamente para que, ámanhã ou depois, surja, em plena Camara, um inspector para os tabacos dos Açores, á razão de 1.600 escudos por anno. E d'onde virá essa dinheirama? D'um impostosinho adrede creado, para que o pretendente não fique em branco, esquecido pelo orçamento, como até aqui. Olhase para estas coisas e não se acreditam.

Porventura terão os representantes do Paiz perdido a noção das coisas para arvorarem assim em desvelados protectores de pretensões mais que condemnaveis, tal é o ar forçado que as envolve quasi sempre? Não? Pois n'esse caso que considerem e que, a respeito de inspectores, se contentem com os que já apadrinharam. A não ser que tenham grande empenho em servir o sr. Arruda que, segundo parece, será o deputado que «s'agora» emprega...

* * *

O Congresso fechará dentro de dois ou trez dias principalmente por as opposições estarem dispostas a não collaborar com as maiorias, desde que não se discutam apenas os projectos que, por consenso unanime, sejam reconhecidos como de indiscutivel interesse nacional. E, como já hoje a harmonia que parece existir entre as diversas parcialidades legislativas esteve para quebrar-se mercê d'um requerimento que pretendia sobrepôr á ordem do dia um projeto sobre revolucionarios civis, é de crer que não se remedeie ámanhã o que se remediou hoje e que as melhores combinações se desfaçam como fumaradas densas, batidas pela ventania. Depois, o Parlamento está com um ar de falido que não lhe dá sombra de prestigio. Para que teimar, então, em tel-o aberto?

* * *

Dizia-se hoje pelos corredores parlamentares que o sr. Augusto Soares, ministro dos negocios estrangeiros, vae abandonar provisoriamente a sua pasta, a fim de ir passar em Vizella uma larga temporada. Mais se dizia que, na sua ausencia, ficará gerindo a pasta dos estrangeiros o sr. dr. Manuel Monteiro, ministro do fomento. O cansaço, como se vê, principia a invadir a bancada ministerial. Do Senado, já elle deu cabo, tendo feito por lá uma verdadeira *razzia* e reduzindo-o, em numero, ás proporções de uma modesta e simples junta de parochia. Até custa a perceber como, com tão pouco pessoal, se pode fazer tanta coisa util.

Na Camara dos Deputados

Principia a discutir-se o contracto com o Banco de Portugal

O sr. Azevedo Coutinho, approvada a acta e lido o expediente, põe, á discussão, a requerimento do sr. Mello Barreto, o projecto que auctorisa a camara de Chaves a contrahir um emprestimo de 120 contos, para a realisação de obras de saneamento, construcção de casas baratas para operarios, canalisação d'agua, pagamento d'um outro emprestimo e acquisição d'um edificio para hospital. Falam, concordando com o projecto, os srs. João Barreiro, Azevedo Antas. A camara approva-o, como approva outro, contando o tempo a dois sargentos. Elegem-se a seguir trez vagas da camara para a commissão encarregada de distribuir as verbas para estradas. São eleitos os srs. Almeida Ribeiro, Nunes Loureiro e Moraes Rosa. O sr. Domingos Pereira requer que se discuta um projecto referente a revolucionarios civis, com prejuizo da ordem do dia. A camara protesta, e da direita ha uma voz que se ergue mais alto e declara que as opposições abandonarão a camara se se pretender sobrepor aos projectos de ordem nacional os de ordem meramente pessoal ou politica.

Entra em discussão o contracto com o Banco de Portugal.

O sr. Fernandes Rego profere algumas palavras sobre o projecto, e o sr. Malva do Valle apresenta uma moção para que o contracto fique para ser discutido em dezembro, visto a Camara não ter tido tempo de o estudar com o cuidado devido. Em seu entender, o contracto não é vantajoso para ninguem, representando até um motivo de sobresalto para a opinião publica. Chega até a não comprehender como a direcção do Banco ainda não se manifestou, ella que é composta de homens inteligentes, habituados a defender a todo o custo os interesses que lhe estão entregues.

O sr. ministro das finanças defende vivamente o contracto, dizendo que tudo o que n'elle se contem representa o ardente desejo de se defenderem os interesses da nação. O contracto, de resto, foi negociado, quasi todo, pelo sr. Barros Queiroz, sendo inteiramente necessario votal-o e approval-o quanto antes.

O sr. Malva do Valle volta a affirmar que não conhece o contracto sendo essa a razão por que não lhe dá o seu voto.

O partido evolucionista não faz politica em questões d'esta natureza. Por sua parte faz outro tanto; e se no poder estivesso um governo seu, em egualdade de circumstancias diria o mesmo que está dizendo agora, porque acima de tudo põe a sua consciencia. Pela maneira como a questão foi trazida ao parlamento, a minoria evolucionista não pode tomar a responsabilidade de a discutir. Deve o contracto por fim melhorar a nossa situação financeira? E qual é ella? O governo que o diga, reclamando para isso uma sessão secreta, se tanto julgar preciso.

Falam ainda os srs. ministros das finanças que, affirmando que o contracto está publicado, diz que a Camara o pode discutir com absoluto conhecimento de causa. Fernandes Costa, que declara ter-lhe sido entregue pelo sr. Victorino Guimarães um exemplar do contracto, para que a minoria evolucionista d'elle se informasse, o Levy Marques da Costa que, após varias considerações, declara ser seu parecer que a Camara, fazendo o sr. ministro das finanças juiz da opportunidade da apresentação do contracto, cumpre o seu dever. O sr. Constancio d'Oliveira explica o seu voto e o sr. Mesquita de Carvalho affirma que o contracto não deve ser votado n'esta altura. A moção Malva é rejeitada. Os evolucionistas sahem da sala.

O sr. Sá Pereira—Boa viagem!

O contracto é em seguida approvado, com uma emenda do sr. Levy Marques da Costa. Seguem-se as emendas do Senado ao projecto dos cereaes, que teem parecer contrario na sua quasi totalidade. Os evolucionistas regressam á sala. Proroga-se a sessão até se votarem as emendas ao orçamento de instrucção, com parte dos quaes a commissão não concordou, aceitando outras. Entre os aceitos figura a que regeitou a inspecção secundaria.

Discute-se o projecto que prohibe a exportação de gado. E' approvado na generalidade. Na especialidade, falam os srs. Francisco Cruz, e Pires de Campos, entendendo este que se deve auctorisar o governo a permittir a exportação do gado lanigero que não seja necessario para o consumo interno. O sr. Costa Junior combate essa emenda, que o sr. Pimenta de Aguiar defende. O projecto é tambem approvado na generalidade.

No Senado

Approva-se o orçamento do ministerio da instrucção e varios projectos

Uma hora mais cedo o sr. Correia Barreto abre a sessão, continuando desertas as bancadas das minorias, evolucionista e unionista, á excepção do sr. Paes Abranches (evolucionista) que occupa o seu logar de secretario.

Entra-se logo na discussão do orçamento do ministerio da instrucção—capitulo V.

Na bancada ministerial o sr. ministro da instrucção. Galerias quasi desertas.

Com longa e prolongada discussão por parte dos srs. Sousa Junior, Agostinho Fortes, Lopes Martins, Teixeira Rebello, Herculano Galhardo, F[illegible] da Fonseca e Pina Lopes, approva-se o capitulo V, com rejeição d'aquellas propostas vindas e approvadas na outra Camara e que demandavam augmento de despesa, entre ellas a proposta referente á verba de tres contos para a creação da faculdade technica no Porto.

Entre as propostas approvadas n'esse capitulo figuram as do sr. Sousa Junior, uma relativa aos institutos de hygiene e outra auctorisando a matricula nas escolas superiores dos individuos habilitados com os cursos das escolas estrangeiras reputadas equivalentes ao nosso curso dos lyceus.

No capitulo VI, regeita-se a alteração introduzida nos deputados e que permettia aos juizes exercerem os logares de delegados de procuradores da Republica e approva-se juntamente com o capitulo a proposta do sr. Pina Lopes uniformisando a questão das propinas dos estabelecimentos superiores de ensino.

Capitulo VII approvado com as propostas ministeriaes.

Capitulo VIII approvado tambem com a extincção do logar de inspector dos muzeus regionaes e com a approvação de um logar de secretario e augmento de vencimento do director do muzeu Machado de Castro.

Os restantes capitulos e demais propostas ministeriaes ficam egualmente approvados, bem como uma proposta do sr. Sousa Junior, pedindo a entrada no professorado a quem tenha dado completas provas de adhesão á Republica.

Entram depois na sala as minorias que hontem a haviam abandonado quando se começou a discutir o orçamento da instrucção.

O sr. ministro das colonias ao abrigo do artigo 25.º da Constituição propõe que seja nomeado governador de Moçambique o sr. capitão Alvaro de Castro.

O sr. presidente marca sessão do Congresso para as 21 horas.

Com urgencia e dispensa do regimento votam-se ainda os seguintes projectos: auctorisando a Camara de Chaves a contrahir um emprestimo; desannexação da freguezia de Salto do concelho do Montalegre; facilitando o pagamento de contribuições no concelho de Porto de Moz. Approvam-se o 1.º e o 3.º, não sendo concedida urgencia e dispensa ao 2.º.

Approva-se ainda o projecto de lei substituindo as actuaes designações dos officiaes inferiores da armada.

Approva-se tambem na generalidade o projecto de lei do sr. Teixeira Rebello sobre o internado de loucos perigosos, indo na especialidade á commissão respectiva.

E para finalisar, vota-se ainda o projecto d'uma nova epoca de exames em outubro tal como foi votado nos deputados.

A proxima sessão é amanhã, á hora regimental.

Expedições a Angola

Noticias recebidas de Angola dão em estado satisfatorio todos os nossos feridos.

A situação mantem-se com decisivas vantagens desde que se regularisou e facilitou o abastecimento de aguas pela occupação das cacimbas de Mungos.

A questão do peixe

Uma grande commissão de exportadores e vendedores do mercado de Santos conferenciou hoje com o vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa e com o advogado sindico, a fim de desmentir as noticias publicadas nos jornaes pela Sociedade Commercial de Pescarias Limitada, a qual declara que vende o peixe á razão de 4 a 6 centavos o kilo quando o tem vendido em media a 18 centavos. Tambem se queixam de que a exportação do peixe para Hespanha se faz em larga escala, accrescentando que havendo hoje 300 toneladas de peixe apenas se venderam umas 30, o que obriga as peixeiras a venderem o peixe carissimo. O vice-presidente da camara respondeu que ia mandar indagar o caso a fim de se providenciar.

NOTAS DIVERSAS

O sr. governador civil de Evora conferenciou hoje com os srs. presidente do ministerio e ministro do interior, retirando hoje mesmo para o seu districto.

—Com o sr. ministro dos negocios estrangeiros conferenciou o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, nosso ministro em Hespanha. Amanhã conferencia com o sr. dr. Augusto Soares o sr. Carnegie, ministro da Inglaterra.

—E' esperado amanhã no Tejo, vindo dos portos de Africa, o paquete *Cabo Verde*, da Empreza Nacional de Navegação.

Protecção á infancia

Banhos de mar a 165 creanças

A'manhã, pelas 7 horas, partem a bordo do vapor 8, da Alfandega, pela primeira vez, para a Trafaria, as 165 creanças assistida pela benemerita instituição a Associação d'Assistencia Infantil da parochia civil de Camões.

Todas as creanças receberam um par de sapatos, dois pares de meias, um bibe e um chapeu, para que o traje de todas seja egual além do beneficio que estes objectos representam para as creanças.

Na praia terão, apoz o banho, uma pequena refeição, para a qual concorreu a firma Iniguez, amiga dedicada d'esta associação, que offereceu algumas latas do seu precioso chocolate, e a firma Hornung, que offereceu o assucar.

Outros benemeritos se associaram a esta bella obra, avolumando entre estas, pela sua importancia e pela perfeição dos seus serviços, A Sociedade da Cruz Vermelha, que montou na Trafaria um posto de soccorros especialmente para os pequenitos.

A reunião das creanças é na séde da Associação, ás 6 1|2.

A grande guerra

A offensiva allemã na Russia

PETROGRADO, 30.—Official—A oeste de Friedrichstadt tem havido porfiados combates. Os allemães estão atacando a região do caminho de ferro Gross Wekau Neuhof. Na região do Olita o inimigo, passando para a margem direita do Niemen, tentou avançar na direcção de Orany. No medio Niemen continúa a retirada dos russos. Na linha de Proujany Govonitz detivémos a offensiva do inimigo. Na região de Wladimirvolyski a offensiva inimiga continúa com grandes perdas.—(*Havas*).

Os «raids» aereos dos allemães e a censura—O fabrico de munições

LONDRES, 30. Mr. Balfour, 1.º lord do almirantado publicou uma carta escripta por elle a um correspondente que lastimava as reticencias dos jornaes britannicos sobre os resultados dos «raids» aereos dos allemães, as quaes dão a ideia de que se occultam verdades desagradaveis. Mr. Balfour, lamenta na sua carta que a estricta censura tenha dado origem a boatos que dão uma importancia aos estragos causados pelos aviões allemães, fóra de todas as proporções da verdade. Todavia a censura é absolutamente necessaria pela seguinte razão: os zeppelins preferem, para garantia da sua segurança, as noites sem luar que por outro lado tornam a sua navegação difficil, e, dão em resultado commetterem erros da mais surprehendente magnitude pelo que respeita aos locaes onde lançam as suas bombas. Comprehende-se pois facilmente que qualquer informação pormenorisada e publicada pela imprensa somente serviria para lhes mostrar os erros commettidos, e fazerem assim com mais exito as suas futuras viagens. Até esta data foram mortos 71 civis, homens e mulheres, bem como 18 creanças, e feridos 189 dos primeiros e 31 creanças.

O resultado total d'estes crimes desde o começo da guerra é muito menor que o d'um simples esforço d'um submarino inimigo que com manifesto orgulho dos allemães, mas com o horror do resto do mundo assassinou 1.198 civis innocentes torpedeando o «Lusitania». Os zeppelins não teem conseguido matar um unico soldado ou marinheiro, tendo ferido apenas 7; e sómente n'uma occasião elles causaram alguns estragos que pela maior amplitude da concepção poderiam ser descriptos como de importancia militar.

Mr. Lloyd George, ministro das munições annuncia que foram collocadas sob a fiscalisação do governo mais 190 fabricas para a manufactura de munições.—(*Havas*).

No theatro occidental

PARIS, 31. — Communicação official das 15 horas:

A nossa artilharia proseguiu durante a noite sem incidentes notaveis a sua acção continua e efficaz contra as trincheiras-abrigos e acantonamentos inimigos.—(*Havas*).

Congresso algarvio

O programma das festas na Praia da Rocha

E' o seguinte o programma das festas que vão realisar-se na Praia da Rocha, commemorativas da realisação do Congresso regional algarvio e da exposição regional:

Dia 1 de setembro:—A's 17 horas, campeonato de «tennis»; ás 19, illuminação na avenida da Rocha, concerto pelas bandas musicaes, venda de dôces e refrescos por gentis senhoras da colonia balnear na grande Barraca Mourisca mandada construir a expensas do sr. Antonio Judice Magalhães Barros, importante agricultor e industrial de Mexilhoeira da Carregação. (Esta venda será feita em todas as tardes de festa e noites de illuminação). A's 21 horas, concerto no Casino pelos artistas D. Judith Lima e Alfredo Mascarenhas.

Dia 2:—A's 14 horas, abertura solemne da exposição; ás 16, campeonato de «tennis»; ás 19, illuminação e concerto na avenida Rocha.

Dia 3:—A's 11 horas, sessão solemne de abertura do Congresso no Casino; ás 16, regatas e corridas de natação; ás 18, primeira «poule» de tiro aos pombos; ás 20, festa nocturna no rio.

Dia 4:—A's 14 horas, campeonato de tennis; ás 16, segunda «poule» de tiro aos pombos; ás 20, illuminação e concerto na avenida da Rocha; ás 21, no Casino, concerto pelos artistas D. Judith Lima e Alfredo de Mascarenhas.—Festa da flôr.

Dia 5:—A's 11 horas, almoço de homenagem ao presidente do Congresso; ás 15, sessão de encerramento do Congresso; ás 17,30, batalha de flôres e «confetti» na avenida Rocha; ás 20, illuminações; ás 21, serão de arte no Casino.

Dia 6:—A's 8, excursão ás Caldas de Monchique (inscripção aberta na secretaria do Congresso na Praia da Rocha); ás 20, encerramento da exposição regional.—Ultima noite de illuminações na Avenida.

Dia 7:—A's 21, concerto no Casino pelos artistas D. Judith Lima e Alfredo de Mascarenhas.

Dias 8, 9 10 e 11, excursões a varios pontos do Algarve. A' noite no Casino da Rocha exhibição de numeros de variedades e bailes.

Dia 12:—A's 16,30, «matinée» infantil, masquée» no Casino; ás 21, serão de arte, no Casino, com a representação, por amadores, d'uma peça em 3 actos original do sr. dr. Carrasco Guerra.

Dia 16:—A's 21, serão de arte no Casino; quadros artisticos; conferencia litteraria pelo escriptor sr. dr. Victor Mendes.

Dias 19 e 20:—A's 20,30, arraial e festa popular no Casino.—Festa da flôr.

PRAIA DA ROCHA, 30.—Chegou hoje a esta praia o sr. Thomaz Cabreira, presidente do Congresso algarvio, acompanhado de seu irmão o sr. Antonio Cabreira, *filhos* d'esta provincia. Tambem chegou no mesmo comboio o engenheiro agronomo sr. Mario Fortes, chefe dos serviços agricolas no districto, a cuja valiosa cooperação se deve o effectuar-se a exposição regional de productos agricolas e industriaes do Algarve.

—Ha dois dias que se acha n'esta praia em serviço do Congresso o sr. Padua Franco.

—Continua o enthusiasmo dos algarvios não só pela exposição como pelo Congresso. Estão-se preparando grandes festas na avenida e no salão d'esta estancia. E' esperado amanhã o barytono algarvio sr. Alfredo Mascarenhas e a soprano Judith Lima, do Porto, que veem aqui cantar algumas operas do seu repertorio. A manhã já são esperados muitos excursionistas de Lisboa.

Na Turquia

Em Constantinopla aggrava-se a situação

Bucarest, 25 d'agosto

Reina grande inquietação nos centros turco-allemães; a Constantinopla chegam noticias graves relativas á situação militar.

Fala-se tambem n'um grande movimento contra o governo, e diz-se que se este não conseguir reconquistar em breve a sua auctoridade, gravemente compromettida, não será para admirar que uma revolução convulsione a Turquia.

Os centros allemães da capital confirmam estas noticias.

A fome na Thracia turca

Dedeagatch, 27 de agosto

Dizem de Sofia que algumas centenas de familias musulmanas que nos primeiros mezes do anno passado tinham abandonado as suas propriedades na Bulgaria e emigrado para a Thracia turca tentaram regressar áquelle paiz por differentes pontos da fronteira, tendo sido a maior parte d'ellas detidas pelas auctoridades ottomanas e obrigadas a voltar para traz. Segundo *informam* algumas pessoas que conseguiram passar a fronteira, reina a fome em toda a Thracia turca, porque os viveres e gados foram requisitados pelas auctoridades militares. Em muitos pontos a população alimenta-se unicamente com hortaliças.

VIDA MUNICIPAL

As dividas das camaras

O Credito Predial e a Caixa Geral de Depositos, credores

Todas as providencias tomadas no sentido de se facilitar a vida financeira dos municipios são dignas do applauso e do apoio da opinião publica. Os progressos locaes, sejam de que ordem forem, dependem, essencialmente, dos esforços das camaras, da sua intelligente e constante actividade, dos gastos que ellas possam realisar por virtude dos seus proprios recursos e dos emprestimos que logrem contrahir para levar a cabo os emprehendimentos de maior monta. Quando se chegar a conseguir, por parte do poder central, a facilitação de que os municipios carecem, a fim de que os estabelecimentos de credito lhe proporcionem, sem dificuldades, os meios indispensaveis para a effectivação dos seus projectos, estamos convencidos de que muitos melhoramentos, que hoje constituem apenas uma aspiração, não tardarão que sejam uma brilhante e profícua realidade.

A falta de rendimentos proprios tem collocado algumas camaras municipaes em circumstancias bem pouco lisongeiras perante a Companhia do Credito Predial. Para se fazer uma pequena ideia do caso circumstancias, bastará dizer que certo municipio, tendo contrahido tres emprestimos, deve 83 annuidades de cada um d'elles; que outro, tendo contrahido quatro emprestimos, deve 33 annuidades de cada um, e que um terceiro, tendo outro emprestimos, deve 19 annuidades do primeiro, 20 do segundo, 22 do terceiro e 30 do ultimo...

Quinze camaras municipaes estão em atrazo de pagamento ao Credito Predial, montando o total d'esses atrazos, em 30 de abril ultimo, a 147 contos, isto é nos primeiros quatro mezes do anno corrente o augmento dos atrazos elevou-se quasi 18 contos.

Se descriminarmos os debitos, verificaremos que a camara de Abrantes está em atrazo de 3:118$; a de Almeirim, de 310$; a de Arruda dos Vinhos, de 22:918$; a de Cascaes, em 19:207$; a de Coimbra, em 36:376$; a de Faro, em 3:001$; a da Gollegã, em 605$; a da Macedo de Cavalleiros, em 8:248$; a da Meda, em 3:173$; a de Monção Frio, em 2:455$; a de Mirandella, em 12:905$; a de Monchique, em 59$; a de Vallo Passos, em 8:838$; a de Vidigueira, em 3:428$; e a do Vimioso, em 93$, desprezando n'estas verbas as fracções de escudo.

Quando o Credito Predial, em virtude do decreto de 28 de dezembro de 1910, propoz ás camaras regularisarem os seus atrazos por meio da inversão dos respectivos emprestimos, uma só respondeu no sentido de acceitar: a de Beja; consta isto da reclamação apresentada pela Companhia do Credito Predial ao governo do sr. Duarte Leite.

Propoz-se então que as camaras ficavam pagando umas annuidades muito reduzidas, porque no novo emprestimo em que se englobavam os anteriores os atrazos passavam a figurar como capital sendo o total amortisavel em oitenta e cinco annos. A algumas camaras cujo debito de prestações era muito avultado, o que dispunham de tão fracos rendimentos que a annuidade, por minima que fosse, ainda ficava fóra do limite das suas posses, fazia o Credito Predial concessões especiaes.

Em 14 de outubro de 1912 baixava do ministerio do interior aos governadores civis uma circular recommendando-lhes que não approvassem os orçamentos das camaras municipaes que não mencionassem a verba indispensavel para os encargos dos emprestimos contrahidos, e auctorisando as camaras, para não avolumarem a divida, a fazerem a inversão dos contractos.

E' quando o ministro lêra a representação entregue em 8 de maio ao parlamento pela direcção do Credito Predial, onde se dizia:

«Da falta de pagamento d'algumas camaras é principal responsavel o Estado, quer abolindo impostos que á Companhia estavam consignados, como os impostos de portagem, quer decretando a suspensão do pagamento de contribuições geraes deixando os municipios sem receita, quando era cobrada em addicionaes.

Assim procurava o governo proporcionar ás camaras meios de solverem os seus debitos, apesar da diminuição de receitas que forçosamente haviam de sentir.

O decreto do governo provisorio que auctorisava as camaras a inversão dos seus emprestimos determinava-lhes a obrigação de, para realisarem as operações, pedirem auctorisação ao governo que reservava a faculdade de poder ou não conceder-lh'a.

Seria esse o motivo das camaras não acceitarem a proposta da Companhia, não querendo assentar na tabella? Claramente que não, pois que, por proposta do sr. dr. Jacinto Nunes, a 7 de julho de 1916, novo decreto se auctorisava a realisar as inversões sem mais dependencia do poder central.

Mas apesar d'isso os atrazos continuaram a accumular-se e os debitos das camaras municipaes a subir a ponto de, como dissemos, haver algumas que devem ao Credito Predial 30, 33 e 38 annuidades.

Quanto aos emprestimos feitos pela Caixa Geral de Depositos ás camaras municipaes, eis aqui a sua lista completa e exacta:

Almeida, 7.303$68; Arronches, 15.000$00; Aveiro, 35.312$00; Azambuja, 2.027$93; Barão, 4.078$19; Benavente, 18.753$80; Braga, 200.000$00; Castro Marim, 1.626$19; Ceia, 7.148$86; Celorico da Beira, escudos 19.203$55; Coimbra, 44.206$88; Chaves, 11.926$05; Coimbra, 252.553$70; Evora, 102.312$46; Fafe, 29.431$80; Fundão, escudos 24.058$74; Feira, 11.308$85; Ferreira do Zezere, 5.094$89; Gavião, 1.654$78; Lagos, 100.000$00; Leiria, 64.286$94; Loures, escudos 15.569$28; Loulé, 40.000$00; Lisboa, escudos 1.168.158$00; Montemór-o-Novo, 14.287$27; Mangualde, 21.927$28; Oeiras, 9.779$15; Olhão, 68.571$97; Oliveira de Frades, 9.004$10; Ovar, 4.006$94; Peniche, escudos 2.165$14; Pombal, 3.578$16; Porto, escudos 1.050.000$00, Reguengos, 500.000$00; Santarem, 161.221$99; Seixal, 1.365$67; Serpa, 43.766$88; Setubal, 303.2.0$00; Soure, 2.943$11; Taboaço, 5.867$00; Tavira, escudos 70.000$00; Tondella, 16.453$29; Torres Vedras, 30.000$00; Vianna do Alemtejo, escudos 2.859$39; Villa Real de Santo Antonio, 3.810$79; Villa Nova de Portimão, escudos 36.233$67; Barreiro, 30.000$00. — Somma total: 5.053.2.4$03.

Hygiene dentaria

nos adultos e nas creanças

Pelas razões apresentadas anteriormente se torna absolutamente necessaria a consulta do especialista e a observação fiel das suas prescripções sem que a energia dos paes deixe do existir um só momento, pois a sua falta pode ser causa de multiplos transtornos para o desenvolvimento dos dentes permanentes bem como de muitas enfermidades que, em certos casos, podem chegar a revestir-se de taes caracteres de gravidade, que a menor complicação pathologica, por leve que seja, causam a morte da creança.

Tão perniciosos transtornos podem evitar-se habituando a creança á limpeza diaria, com o que manterá em perfeito estado os orgãos dentarios, usando uma escova e agua fervida ou borica em seguida a qualquer refeição, operação hygienica que dará o duplo resultado de evitar inuteis soffrimentos e de habituar ao asseio da bocca como base primordial da higiene geral do organismo.

Se as caries dos molares são produzidas por abandono da higiene ou por uma affecção qualquer, o ainda que a dôr occasione soffrimento á creança, não se deve proceder á extracção a não ser que seja reconhecido o estado do dente como mau ou haja symptomas de «periostite» (inflamação do periosto, camada que reveste os alveólos onde estão installadas as raizes dos dentes), pois no caso de não estar n'estas condições ou de não haver absoluta força de contrario, póde assegurar-se a cura das caries em que seja necessario extrahir os dentes, posto que esta operação occasionaria incommodos de genero dos quo já tratámos quando nos occupámos dos inconvenientes produzidos pela extracção dos dentes temporarios fóra do tempo devido.

Devem, pois, obturar-se provisoriamente até á epocha da extração forçosa. A extracção prematura pode occasionar o endurecimento da gengiva o o não extrahir a tempo os dentes primitivos além dos inconvenientes que indicámos offerece o de que os molares que nascem, encontrando obstaculos que entorpeçam a sua sahida, variem de direcção, o que é causa muitas vezes da irregularidade das dentaduras.

Mario Duarte

(Especialista de doenças de bocca)

O augmento da esquadra russa do Baltico

O «Kurger Poznanski», que se publica em Posen, Polonia allemã, diz saber que a esquadra russa do mar Baltico foi recentemente reforçada com grande numero de unidades de combate.

«Os ultimos combates navaes, diz aquelle jornal, travados entre as esquadras russa e allemã que estão operando no Baltico dão a perceber que a marinha russa foi augmentada com varios navios de guerra.

Antes de tudo deve notar-se que o mais reforçou a esquadra russa foi a chegada dos quatro couraçados do typo «Gangut»; foram lançados á agua no anno passado, deslocam 23.400 toneladas cada um, e cada um d'elles está artilhado com doze canhões de 305 e dezeseis de 120. E' inegavel que esta esquadra apresenta um grandissimo valor combativo.

Dos outros quatro navios de linha, um desloca 17.700 toneladas, e os tres restantes 13.000; cada um; cada uma d'estas quatro unidades dispõe de quatro peças de 305 e de grande numero de canhões de menor calibre.

Nos estaleiros, em via de conclusão, tem a esquadra do Baltico quatro couraçados do typo «Borodino» de 32.500 toneladas, 12 peças de 356 e 24 de 120 cada um), devendo ser lançados á agua no principio de 1916.

Dispõe ainda a esquadra russa do Baltico de cinco cruzadores couraçados e de dois couraçados de linha do typo «Makarof», cuja tonelagem varia entre 8.000 e 15.400 toneladas; além d'estas unidades, tem mais quatro cruzadores ligeiros extremamente rapidos, com artilharia aperfeiçoadissima».

Passeios e excursões

A Cintra e Collares

O Grémio Excursionista Victor Hugo realisa a sua excursão annual no proximo domingo a Cintra e a Collares. A partida é da estação do Rocio, ás 7 horas.

A Cascaes e Cintra

O Grupo excursionista «Luziadas», com séde na rua Leão d'Oliveira, 25, realisa no proximo domingo a sua excursão, em trens, a Cascaes e Cintra, sendo a partida da séde ás 5 horas e meia.

TOURADAS

Campo Pequeno.—A festa de domingo compõe-se de tres corridas, sendo duas no mesmo tempo e outra de genero mixto. Na 1.ª parte ou seja a «divisão de praça», haverá lide á portugueza e á hespanhola, sendo as cortezias e o «paseo» tambem executados simultaneamente. Esta interessante diversão, que ha muitos annos se não realisa em Lisboa, ainda ha pouco obteve um successo colossal na praça de Madrid, onde os bilhetes atingiram preços fabulosos.

Nas corridas tomam parte os «espadas» Manuel Belmonte, irmão do celebre «diestro», e José Blanquito, filho do notavel bandarilheiro do mesmo nome, com as suas quadrilhas completas, além d'um grupo dos melhores artistas portuguezes.

SPORT

Nota do dia

O concurso de inspector gimnastico

Dissémos ha dias que o concurso para inspector gymnastico e para que o logar corresponde-se ao que d'elle exigia a camara municipal devia ser uma prova séria, com parte technica e tanto quanto possivel com parte pratica. Ora da nossa opinião encontramos muitos dos que se preoccupam com os assumptos de educação physica. Entre outros que manifestaram a sua concordancia de opinião encontra-se o sr. Ruy da Cunha, que é professor de gymnastica d'um lyceu de Lisboa e que nos escreve assim:

Meu caro Pontes—Tendo por vezes discordado da tua maneira de pensar e orientar a causa do «sport» e da educação physica entre nós. Modos de ver. Mas d'esta vez estamos plenamente de accordo, quanto á maneira como deve ser feito o concurso para inspector das escolas primarias. Tem que ser uma prova séria, rija, onde fiquem claramente demonstradas as faculdades physicas do concorrente, a par dos seus conhecimentos technicos.

Isto para evitar o ridiculo, frequente entre nós, de vermos ensinar gymnastica a quem a conhece só de... ouvido.—Am.° ob.°, *Ruy da Cunha.*

Noticias

ENTRE NÓS

Natação

A direcção do Gimnasio Club Portuguez, ao facultar a inscripção nas classes de natação em Pedrouços, dirigidas por Walter Awata, aos filhos e tutelados dos socios, contava com bastante concorrencia, mas esta foi alem da espectativa, tendo-se inscripto muitos alumnos da classe infantil de gimnastica sueca e inscripto immediatamente. E' destes que não de sahir os futuros nadadores e campeões, porque a gymnastica sueca é uma esplendida preparação para todos os sports e um poderoso auxiliar da natação pela maleabilidade que dá aos musculos.

Walter Awata, que conta entre os seus discipulos alguns dos melhores nadadores portuguezes e campeões, tem ensejo de mostrar mais uma vez a sua competencia, pois os alumnos progridem rapidamente sob a sua direcção.

Os 150 kilometros da U. V. P.

A direcção da U. V. P., na sua ultima reunião, deliberou realisar no proximo mez a prova classica de 150 kilometros em estrada.

O percurso escolhido é o de Lisboa, Santarem e volta e os premios constam de medalhas officiaes modelo B e objectos d'arte no valor de 15$00, 10$00 e 5$ escudos. A inscripção abrirá brevemente.

Consta-nos que a U. V. P. realisará tambem no proximo mez o seu campeonato em estrada.

Campeonatos de Portugal de Lawn-Tennis

Na folha de inscripção dos proximos campeonatos de Portugal de Lawn-Tennis, a realisar nos dias 16, 17, 18 e 19 de setembro, estão já os nomes de dos nossos melhores jogadores, que este anno terão a fortissima competencia de jogadores do Porto e, segundo parece, de jogadores hespanhoes tidos no paiz visinho como verdadeiras celebridades.

A commissão organisadora trabalha com todo o empenho a fim de que não haja a minima deficiencia e por que os futuros campeonatos decorram com o maior brilhantismo.

Por outro lado, a direcção do Sporting Club de Cascaes, em cujos courts se realisam todos os partidos, estão organisando um magnifico programma de festas em honra dos concorrentes, o que levará ás salas e jardins do elegante Club toda a nossa melhor sociedade.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 — As pilulas de Hercules.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30 — Não desfazendo... (Revista).

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — A menina do cinematographo.

Agenda da semana

HOJE—Coliseu dos Recreios—Estreia da operetta *A menina do cinematographo*.

Ao correr da penna

Dizia-me hontem alguem que passa por entender de coisas de theatro:

—Assentou-se em que o trabalho de revista é para os artistas um trabalho facil ao alcance de todas as mediocridades, etc., etc. Não estou de accordo. Evidentemente, fazer mal uma rabula está perfeitamente na corda de grande parte dos nossos artistas. Entretanto é bom ver que alguns bem cotados se estendem como carrapatos em trabalho que á primeira vista lhes devia ser facil. E' que, até certo ponto, é muito mais difficultoso o trabalho isolado do que em conjuncto. Em me explico. Um interprete de drama ou de comedia tem a ampará-o o trabalho dos seus camaradas, o interesse seguido da acção, a situação comica ou dramatica em que intervem, etc. Na revista, quasi nunca tem essa defeza enorme. Entra por um bastidor e vem accrescentar mais um retalho a essa manta multicôr que se chama a revista. A impressão do numero antecedente está esgotada. Encontra uma plateia que o recebe como se n'um intermedio elle viesse recitar um monologo. E é por isso que artistas com um nome feito na comedia ou no drama são detestaveis na revista. Reconheceu-se então como são parcos na expressão e faltos na comprehensão artistica.

E o meu amigo rematou:

—Digam lá o que disserem, representar dentro d'uma revista não é tão facil como á primeira vista parece.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A *tournée* Chaby acha-se representando em Setubal.

A revista o *Diabo a quatro* devo ser ampliada brevemente com um quadro novo. A seguir entrará em ensaios uma nova revista do trez auctores muito conhecidos.

Hontem o Coliseu dos Recreios apresentava um aspecto lindissimo, vendo-se no camarotes e plateia o que ha de mais distincto na nossa sociedade elegante, o que não admira, pois as receitas da moda são o *rendez-vous* da sociedade elegante de Lisboa.

Cantou-se o *Conde de Lexemburgo*, que teve magnifica interpretação por parte de todos os artistas, sendo bisados alguns numeros da bella partitura de Lehar.

Hoje canta-se *A menina do Cinematographo*, a operetta tão anciosamente esperada e que devo ter entre nós extraordinario exito. O scenario e guarda-roupa são todos novos e luxuosissimos, fazendo tambem parte do entrecho d'esta bella operetta a exibição de uma pellicula cinematographica em que figuram os proprios artistas da companhia. A distribuição é a seguinte:

«Princeza Lidia de Rosenstein», Anita Patrizi Granieri; «Mizzi», Fernanda Razzoli; «Princeza Anastacia», Concetta Villani; «Conde Carlos de Schalbonau», Amedeo Granieri; «Fips», Adriano Marchetti; «Baillabaisse», Ettore Razzoli; «Titi», Gasparo Fabi; «Conte Oscar», Manilo Servini; «Princeza Flavia», Elettra Favi; «Principe de Gopion», Atilio Tossi; «Um operador cinematographico», Silvio Colatta, «Um carteiro», Antonio Riccobono.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 30.—Na Escola Nacional de Agricultura foi aberta a matricula para o curso de agricultor, devendo os candidatos apresentar certidão de approvação no exame de 2.° grau e atestado em que provem não padecer de molestia contagiosa.

—A Mizericordia d'esta cidade abriu concurso por 30 dias para o provimento de dois logares de pensionistas, sendo um pelo legado José Maria de Miranda Pio.

—Foi nomeado ajudante do escrivão de direito do 5.° officio d'esta comarca, sr. João Marques Perdigão Junior, o sr. Alfredo Fernandes Martins.

—O sr. Antonio Dias, professor primario em Almalaguez, vae fundar um jornal diario dedicado á defeza dos interesses da sua classe.

—Por ter aggredido com um pau o cego João Pinto, de Valle Meão, foi enviado para juizo o trabalhador Antonio Cabral.

—Os moradores de Calhabé e suburbios enviaram uma representação á Camara pedindo a immediata creação de uma escola n'aquelle local. Consta-nos que a Camara, achando justo o pedido, mandou já escolher a casa para a installação da escola.

Movimento maritimo

Brazil e R. da Prata «Avon», Liverp.	31
Batavia, etc., «Princess Juliana», Amst.	1
Vig e Inglaterra «Essequibo», Brazil	1
Brazil e R da Prata «Darro», Liverp.	2
Brazil e Rio da Prata, «Heemmer»	3
Bahia, R. Jan. e Santos, «Dryden», Liv.	4
Afr. or., via S. Thomé, etc., «Africa»	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Liverpool «Antony», Pará	6
Brazil e R. Prata, «Zeelandia», Amst.	6
R. Jan. e R. Prata, «Flandre», Bordeus	7
Africa oriental, «Koranna», Liverpool	7
Bordeus, «Samara», Brazil	8
Br. R. Pr. e Pac., «Orianas», Liverpool	8
Vigo, Liverpool, etc., «Oritas», Brazil	8
Africa Occidental, «Portugal»	12
Africa Occidental, «Cazengo»	18

A manhã apresentou-se sem nevoeiro, soprando um vento norte ás pero e o mar um tanto agitado. Os cruzadores tinham acabado de se separar para as suas patrulhas diarias, a trez milhas de distancia uns dos outros, quando, poucos minutos antes das 6 horas e meia da manhã, o «Aboukir» sentiu um choque violentissimo. Tinha sido torpedeado por um submarino, o mesmo succedendo ao «Hogue». Em seu soccorro acudiram os vapores hollandezes «Flora», «Ymuiden» e «Titan», este ultimo de Rotterdam, acudiram tambem, salvando os homens em botes e recolhendo-os a bordo. Quando se viu que não havia mais gente a salvar, cada navio seguiu ao porto do seu destino.

Como uma testemunha ocular do «Flora» declarou, tinha avistado trez periscopios de submarinos, embora os allemães digam que foi um só que entrou na acção, tão desastrosa para tres dos navios para a armada ingleza.

Quanto ao valor combativo dos cruzadores afundados, não era elle grande e pelo lado da perda puramente material foi ella insignificante.

Seria injustiça não mencionar n'este momento as provas de sympathia e de compaixão dadas aos marinheiros inglezes pelos hollandezes e de todas as classes da sociedade. O «Handelsblad», o admiravel comentava o seguinte:

«O systema que os allemães seguem de lançar minas, combinado com a actividade dos seus submarinos, torna indispensavel que o governo da sua magestade auctorisou, por isso, a que minas sejam lançadas n'uma certa area e um systema de campos de minas, será estabelecido e que se irá desenvolvendo gradualmente em escala consideravel.

Para tornar menores os riscos dos não combatentes, o almirantado faz saber que é perigoso de hoje em deante aos navios atravessar a area entre latitude 51.° 15' N. e 51° 40 N. e longitude 1° 35' E. e 3° E.

Convem saber tambem que o limite sul do campo de minas allemão é latitude 52° N. Apesar d'estes limites serem os demarcados como os da area perigosa, não se deve supor que a navegação não corra riscos nas aguas meridionaes do mar do Norte.

Instrucções foram dadas aos navios de sua magestade para prevenirem os navios que encontrem navegando na presença d'este novo campo de minas».

A 15 d'outubro, o «Hawke», cruzador de 7.350 toneladas, foi torpedeado e afundado nas aguas septentrionaes do mar do Norte. A sua tripulação era habitualmente de 544 officiaes e homens; da tripulação foram salvos trez officiaes e 49 homens pelo paquete «Ben Rinnes»,

Commandante Sir Trevor Dawson

sendo mais tarde encontrados n'uma jangada e salvos um official e vinte homens. O «Theseus», navio da mesma classe, foi atacado na mesma occasião, mas nada soffreu. O «Hawke» fôra construido segundo o programma de 1890-1891.

Chegamos agora ao afundamento de quatro destroyers allemães — S 115, S 117, S 118 e S 119—ao largo

muito bem dirigido, embora muitos dos tiros não alcançassem o alvo e fossem cahir no mar. O «Arethusa» foi attingido por muitas balas de canhão e das 9 horas para as 9 e trez quartos teve de retirar temporariamente da linha de combate.

Por que motivo n'essa conjunctura os cruzadores allemães não conseguiram destruir por completo esse navio, só os seus commandantes o poderão explicar. A verdade é, porém, que elles não conseguiram o que seria um successo indubitavel e que após 55 minutos d'um trabalho aturado a bordo do cruzador inglez, elle voltou de novo a tomar parte no combate. O relatorio official do commodoro Tyrwhitt diz:

«Dois cruzadores foram avistados pelas 7.57' da manhã, entrando o que estava mais proximo immediatamente em acção. O «Arethusa» foi alvo do fogo de ambos e do destroyers até que um d'elles, pelas 8.15', atacou o «Fearless». O combate com o outro continuou até ás 8.25', hora a que um projectil do «Arethusa» quebrou a ponte de commando. O navio de ronda em direcção a Heligoland. Todos os navios receberam ordem para retirar de rumo para oeste e d'ahi a pouco a velocidade era reduzida a 20 nós.

A esse tempo, a linha allemã ligeira rompido e muitos dos seus destroyers estavam fóra de combate, apparentemente occupados em se esforçar a fluctuar. Como a luta augmentava, o «Arethusa» continuava a ser alvo de muitos granadas que a feriram sem que a bordo cahisse na casa da machina reduzindo a sua velocidade.

Não poude, por isso, continuar e d'ahi a pouco era tambem evidente que um dos cruzadores allemães estava em má situação, mas obstante continuar a pelejar.

A batalha a principio foi só entre os cruzadores ligeiros e os destroyers. Passado, porém, algum tempo, os submarinos allemães tentaram atacar o esquadrão de cruzadores de batalha; e mas estava tranquillo; os submarinos foram vistos a fogo e o almirante Beatty, manobrando com alta velocidade, não teria difficuldade alguma em os evitar.

Entretanto todos os ouvidos estavam attentos ao ruido da artilharia. Não havia duvida de que os inglezes estavam impacientes por entrarem na lucta; a sua vez chegou. O relatorio official do almirante diz:

«A's 12.15' o «Fearless» e a primeira flotilha foram vistos retirando para oeste. Ao mesmo tempo o esquadrão de cruzadores ligeiros trava luta com um navio inimigo que vinha na frente. Então, ouvindo o troar da artilharia para N. E. e vendo o «Arethusa» e a terceira flotilha retirando tambem para oeste, mandei avançar em direcção a Heligoland e ás 12.37' abriu-se fogo.

A's 12.42' o inimigo tomou o rumo de N. E. e perseguimol-o com a velocidade de 27 nós. A's 12.56' avistámos e travámos combate com um outro cruzador. O «Lion» disparou duas salvas contra elle, que ficou em chammas e, parecendo prestes a afundar-se.

Só o «Lion» entre os grandes navios fazia fogo, entrando os outros em acção para tal fim o cruzador allemão «Mainz» prestes a afundar-se, enquanto um furioso rodemoinho envolvia o sitio onde o «Kolnbem» ja desapparecido. Ao mesmo tempo que outro estava envolto em chammas.

A descripção do combate dada por intermedio do Press Bureau diz o seguinte acerca dos destroyers que havia entrado em combate:

«Embora só dois dos destroyers inimigos se estivessem no momento completamente perdidos, é possivel que estavam em roda d'elles e haviam ainda foram bem castigados, e só conseguiram salvar-se por fazer d'uma fuga desesperada.

O poder da artilharia ingleza e a força dos destroyers inglezes, havia para navio, ficaram bem demonstra-